

P E N G U I N  C O M P A N H I A

CLÁSSICOS

FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

O idiota

FIÓDOR
DOSTOIÉVSKI

O idiota

Tradução do russo, apresentação e notas de
RUBENS FIGUEIREDO



COMPANHIA DAS LETRAS

Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

Sobre o autor

Apresentação

Nota da edição

O IDIOTA

PRIMEIRA PARTE

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

SEGUNDA PARTE

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

TERCEIRA PARTE

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

QUARTA PARTE

I
II
III
IV
V
VI
VII
VIII
IX
X
XI
XII

Créditos



COMPANHIA DAS LETRAS

o idiota

fiódor mikháilovitch dostoiévski nasceu em 1821, em Moscou, no hospital onde seu pai trabalhava como médico. A mãe morreu de tuberculose em 1837 e Dostoiévski foi para São Petersburgo com o irmão, para estudar engenharia. O pai morreu em 1839, depois de uma fase de depressão e alcoolismo. Dostoiévski formou-se em 1843, obtendo a patente militar de subtenente. Deu os primeiros passos na literatura com duas peças teatrais, que ficaram inacabadas, e a tradução do romance *Eugénie Grandet*, do escritor francês Honoré de Balzac (1844). Seu primeiro romance foi *Gente pobre* (1846), escrito após abandonar a carreira militar. Seguiram-se o romance *O duplo* (1846) e as novelas *A senhoria* (1847) e *Noites brancas* (1848), além do romance inacabado *Niétotchka Niezvánovna*. Nessa época, Dostoiévski participava de um grupo clandestino chamado Círculo de Petrachévski, no qual se liam e discutiam textos proibidos. Petrachévski, mentor do grupo, era adepto do socialista utópico francês Charles Fourier. Em 1849, vários membros do círculo foram presos e condenados à morte, entre eles Dostoiévski. No último instante, porém, a pena foi cancelada e convertida em quatro anos de trabalhos forçados na Sibéria e cinco de serviço militar como soldado raso. No exílio, Dostoiévski conheceu sua primeira esposa, Maria Dmítrievna Issáieva, e nessa mesma época sofreu os primeiros ataques de epilepsia. Em 1859, voltou para São Petersburgo e, com o irmão, fundou a revista *Vrémia* (Tempo), na qual publicou seu romance *Humilhados e ofendidos* (1861). Em 1862, na revista *Mundo*

Russo, publicou *Memórias da casa dos mortos*, lembranças do tempo de prisão disfarçadas de romance. Em 1862 e 1863, viajou por algumas cidades da Europa Ocidental, onde perdeu muito dinheiro no jogo e conheceu uma amante. Em 1864, morreram sua esposa e seu irmão, que, além da viúva, deixou quatro filhos e uma enorme dívida. Coube a Dostoiévski sustentar a todos, além do enteado e outro irmão alcoólatra, situação que o deixou cada vez mais endividado. Em 1864, publicou *Memórias do subsolo* e, em 1866, *Crime e castigo*. Seu romance seguinte, *O jogador*, foi escrito às pressas para saldar dívidas. A fim de entregá-lo no prazo exigido pelo editor, Dostoiévski contratou a estenógrafa Anna Grigórievna Snítkina, que tinha 24 anos à época e com quem Dostoiévski se casou em 1867. Os dois partiram para morar em Dresden e então em Genebra, onde sua primeira filha nasceu e, pouco depois, morreu. De volta a Dresden, viu nascer a segunda filha. Em 1868, publicou *O idiota* e, em 1872, *Os demônios*, romance que polemiza diretamente com alguns setores do movimento revolucionário. Em 1873 e 1874, escreveu *Diários de um escritor*, uma série de artigos e contos publicados de modo seriado num periódico. Em 1875, publicou o romance *O adolescente*. Por fim, *Os irmãos Karamázov* veio a lume em 1881, ano em que morreu de enfisema pulmonar, em São Petersburgo. A adesão de Dostoiévski à Igreja ortodoxa, que vinha de muitos anos, o levava, nessa altura da vida, a manter estreitas relações com expoentes do clero ortodoxo, bem como com autoridades do governo e com a própria família do tsar. Dostoiévski foi sepultado no mosteiro de Alexandre Niévski, em São Petersburgo, e seu enterro, como era praxe entre escritores russos, foi acompanhado por uma multidão.

rubens figueiredo nasceu em 1956, é escritor e tradutor. Entre seus livros, estão os romances *Barco a seco* (2001, Prêmio Jabuti), *Passageiro do fim*

do dia (2010, Prêmio Portugal-Telecom e Prêmio São Paulo) e os livros de contos *O livro dos lobos* (1994-2008), *As palavras secretas* (1998, Prêmio Jabuti e Prêmio da Biblioteca Nacional) e *Contos de Pedro* (2006). Suas traduções incluem obras russas de Tchékhov, Turguêniev, Gontcharóv, Górkí, Tolstói, Dostoiévski, Gógol e Bábel. Recebeu o prêmio da Biblioteca Nacional pela tradução de *Ressurreição*, e os prêmios da Academia Brasileira de Letras e da apca pela tradução de *Guerra e paz*, ambos de Liev Tolstói.

Apresentação

rubens figueiredo

O romance *O idiota* foi publicado, em capítulos, na revista *Mensageiro Russo*, de 1868 a 1869,* quando Dostoiévski completou 48 anos. Em 1866, ele havia escrito *Crime e castigo* e, em 1871, escreveria *Os demônios*. Entre 1867 e 1871, Dostoiévski viveu no exterior, sem pôr os pés na Rússia, vagando entre Alemanha, Áustria, Suíça e Itália, países onde *O idiota* foi escrito. Ele havia casado, pela segunda vez, pouco tempo antes, e deixara a Rússia a fim de evitar seus numerosos credores. Mesmo assim, a situação financeira do escritor continuava dramática. Ele e a jovem esposa, repetidas vezes, penhoravam bens pessoais e roupas. Por meio de cartas, Dostoiévski pedia dinheiro a todas as pessoas que imaginava terem qualquer possibilidade de ajudá-lo. A esposa chegou a registrar que, certo dia, não havia nem um rublo em sua casa para comprar comida.

Para piorar, movido por sonhos de riqueza instantânea e por impulsos, sem dúvida, patológicos, Dostoiévski insistia em tentar a sorte nos cassinos, onde perdia, não raro, o dinheiro que a esposa obtivera ao penhorar um casaco ou um xale. Em meio a tais agruras, a epilepsia não dava trégua ao escritor. Em carta a um médico, ele chegou a suspeitar que os ataques estariam afetando sua capacidade intelectual e que ele estaria a caminho da

“idiotia”. Como se não bastasse, nesse período, a esposa engravidou, deu à luz uma menina, que, no entanto, logo morreu.

Além dos empréstimos e das penhoras, outro recurso com que o escritor contava para se sustentar, na ocasião, eram os adiantamentos pagos pelo editor da revista *Mensageiro Russo*, em troca de um novo romance. No caso, tratava-se de *O idiota*. Em 1867, Dostoiévski escreveu centenas de páginas do que deveria ser a primeira parte do livro. Descontente, queimou todo o manuscrito e, logo em seguida, recomeçou do zero. Em seus cadernos de anotações, deixou registrado o plano de escrever um romance sobre uma pessoa “bela e positiva”, um ser ideal, imagem da bondade e da harmonia, que, no entanto, teria um fim trágico. Em suas anotações e cartas, Dostoiévski menciona ao menos três fontes ou modelos literários para tal protagonista: Mr. Pickwick, de Dickens; Jean Valjean, personagem do romance *Os miseráveis*, de Victor Hugo; e, sobretudo, Dom Quixote, de Cervantes. Em outro plano, agora diretamente religioso, pressupunha a própria figura de Cristo. Em seus cadernos, aparecem até mesmo as palavras “o príncipe Cristo”. Pois, a essa altura, ele já decidira que seu protagonista seria um príncipe, de nome Míchkin.

Ao leitor atual, cabe explicar que, no Império Russo, a palavra “príncipe” não designava o filho de uma família real. Tratava-se de um título de nobreza, algo equivalente à palavra “duque”, por exemplo. Por isso, não admira que o príncipe Míchkin surja, no início do livro, quase como um indigente. Pois os nobres russos, mesmo que perdessem todo seu patrimônio, ou seja, as vastas terras outorgadas pelo tsar a seus antepassados séculos antes, mantinham, ainda assim, seu título de nobreza, que passava de geração em geração. À diferença de outros países, no entanto, as terras dos nobres russos eram herdadas por todos os filhos, e não só pelo primogênito. Desse modo, com o tempo, o patrimônio original se

subdividia continuamente e tendia a perder valor e podia mesmo desaparecer.

Também será útil ao leitor ter em mente que a palavra “idiota”, que dá título ao romance, abrange, no russo, pelo menos três significados. O primeiro indica uma pessoa ignorante, tola, propensa a cometer enganos. O segundo designa uma pessoa que sofre uma doença mental (idiotia) que limita, forçosamente, sua capacidade cognitiva. Por último, partindo do seu significado original no grego antigo, a palavra se refere a uma pessoa que vive à parte da sociedade, sem comungar com as regras e costumes correntes e dominantes. Neste último sentido, o termo adquiriu um matiz religioso, na esfera do cristianismo ortodoxo russo. Assim, a palavra incorporou considerável teor místico, que a aproximou da noção de *iuródivi* (loucos santos ou videntes), mencionados, mais de uma vez, nas páginas deste romance.

Para compor as situações descritas em *O idiota*, Dostoiévski, como de costume, se apoiou, em boa medida, em relatos extraídos da imprensa, sobretudo de casos criminais. Às vezes, os criminosos do noticiário são até indicados, na voz dos personagens, com seus nomes reais. Além disso, algum material foi diretamente colhido na experiência pessoal do escritor, como vemos no final do capítulo ii da primeira parte, que remete ao fato de Dostoiévski ter sido condenado à morte e perdoado só no último instante. O mesmo vale para a questão da epilepsia e suas consequências. Nesse aspecto, vale a pena chamar a atenção do leitor para o capítulo v da segunda parte, que analisa e descreve em minúcias, de fato impressionantes, tudo o que envolve um ataque epiléptico. O assunto dá margem a uma reflexão do autor sobre os conceitos de doença e saúde, na qual Dostoiévski postula que a doença, ao contrário do que seria de esperar, pode levar a uma exacerbação da consciência, da razão e da sensibilidade. Tal reflexão é

relevante para o entendimento do conjunto do romance bem como do papel que o príncipe Míchkin nele exerce. Ainda no que diz respeito à função da doença em *O idiota*, cumpre observar que o importante personagem Rogójin, logo em sua primeira intervenção, no trem, conta que passou vários dias de cama, com uma “febre”. O narrador afirma até que ele “parecia continuar num estado de delírio febril”. Não por acaso, ao fim da história, também uma “febre” servirá para explicar os atos de Rogójin.

Outro ponto que merece ser ressaltado na leitura de *O idiota* é a questão do sentimento nacional. Dostoiévski mobiliza o tema com tal insistência que é possível observar sua presença, implícita ou explícita, na maioria das situações e dos conflitos desenvolvidos no livro. Os personagens que mais se destacam, nesse aspecto, são o próprio príncipe Míchkin e Lizavieta Prokófievna, a mãe das três jovens Epantchina. O tema influi até mesmo na estrutura do romance, que começa com a chegada do príncipe à Rússia, vindo do exterior, e termina com seu regresso à mesma Suíça, de onde viera. Além disso, se na primeira cena o príncipe reflete sobre as grandes realizações que planeja levar a cabo em seu país natal, a última página contém uma reflexão de Lizavieta Prokófievna sobre as ilusões dos russos acerca daquilo que contam aprender com a cultura estrangeira.

O fundo histórico de *O idiota*, como da literatura russa de toda essa época, é marcado pela introdução e expansão das relações capitalistas num país de base agrária, com estruturas sociais tidas como atrasadas e até arcaicas. A par das transformações materiais, ocorria uma intensa importação das ideias e teorias que respaldavam aquelas mudanças. Tratava-se de um choque cultural de grande alcance, e as obras literárias russas, é bom frisar, fazem parte dessa rica polêmica. Assim como as instituições e as formas sociais importadas sofriam adaptações locais, também as teorias e ideias ganhavam, ali, nova feição e novo conteúdo. E

isso não é de estranhar, tendo em vista a profunda e secular experiência histórica da Rússia, tão distinta das sociedades que sua elite almejava imitar.

Desse modo, cabe ler com atenção e seriedade os debates de ideias que perpassam este romance. Há uma estreita relação entre o que é discutido e o destino particular dos personagens. A propósito, vale a pena destacar dois pontos. A certa altura, Dostoiévski, embora com traços um tanto caricatos, introduz o personagem Ippolit a fim de representar o niilista. Trata-se de uma figura histórica e literária exemplar, que remonta ao romance *Pais e filhos*, obra-prima de Ivan Turguêniev, publicada poucos anos antes. Em tese, o niilista está ligado às tendências revolucionárias e socialistas em formação na sociedade russa. Porém, em *O idiota*, o niilista é, antes, o porta-voz e o implementador das teorias liberais do individualismo burguês, como descritas, por exemplo, em Jeremy Bentham e Stuart Mill, os criadores do utilitarismo. Assim, Ippolit, o niilista, afirma que os pobres são culpados de sua pobreza, postulado dos liberais burgueses, por excelência. Pois, para eles, os ricos obtêm sua riqueza por merecimento. Da mesma forma, Ippolit defende a atividade dos agiotas como útil e economicamente necessária, tese oriunda do livro *Defesa da usura* (1787), de Bentham, que o filósofo inglês, aliás, escreveu quando morava na Rússia.

Outro ponto relevante é a presença insistente do dinheiro nas páginas de *O idiota*. Aqui, o dinheiro é objeto de cálculos, trocas, roubos, fraudes, especulações, heranças. O dinheiro é contado e recontado, entre os dedos, e chega a ser queimado, em maços volumosos. Como um fantasma, ou uma febre, ele assombra os pensamentos e as expectativas dos personagens. As noções e os objetos associados ao dinheiro ajudam a compor o cenário físico e mental do romance. Por vezes, Dostoiévski se esmera na elaboração dos mínimos detalhes desse cenário, algo que, para o leitor, será proveitoso

observar. Por exemplo: o dinheiro que o comerciante Rogójin traz nas mãos para comprar a heroína do livro, Nastássia Filíppovna, vem embrulhado nas folhas do jornal *Notícias da Bolsa*.

Claro que tudo isso reflete o impacto da expansão das relações capitalistas na sociedade russa, que apontei acima. Em reação a tal processo, contudo, Dostoiévski procura abrigo na situação histórica anterior. Desse ângulo, podemos entender melhor as palavras do personagem Kólia, um adolescente questionador que, no caso, defende a “moral antiga”: “Os pais são os primeiros a recuar e ter vergonha da sua própria moral antiga. Lá em Moscou, um pai convenceu o filho a não ceder diante de nada, a fim de ganhar dinheiro”. Também assim podemos entender o desespero da heroína, Nastássia Filíppovna, transformada, ela mesma, explicitamente, em mercadoria, quando exclama: “Afinal, agora, uma ganância tão grande tomou conta de todo mundo e estraçalha as pessoas por dentro de tal maneira que elas acabaram perdendo a noção de tudo. As próprias crianças já querem ser usurárias!”.

O príncipe Míchkin, o “idiota” do romance, exprime, entretanto, uma crítica de outro teor. Ele põe em questão a pretensa superioridade do racionalismo, base de todas aquelas ideias e teorias importadas para modernizar a Rússia. Daí a relevância do terceiro sentido da palavra “idiota”, que apontei acima. Por trás dessa questão, afinal, há o fato de que Dostoiévski, a partir dessa época, irá aprofundar, de forma cada vez mais drástica, sua identificação intelectual com três instituições tradicionais que, na sua visão, serviriam de defesa contra aquelas novidades, tidas como invasoras e perturbadoras. São elas: a Igreja ortodoxa, a monarquia tsarista e o nacionalismo russo. Essa tendência de fundo pode ser identificada em muitos trechos de *O idiota* e explica parte considerável de seu conteúdo.

* G. M. Fridlender, “Primetchânia” [Comentários]. In: *Sobrânnie Sotchinénia v Piatnadsati Tomakh* [Obras reunidas em quinze volumes], v. 6. Leningrado: Naúka, 1989.

Nota da edição

Original usado para esta tradução: Ф. М. Достоевский. *Собрание сочинений в пятнадцати томах*. Ленинград: Наука, 1989, т. 6 [F. M. Dostoiévski. Obras reunidas em quinze volumes, v. 6. Leningrado: Naúka, 1989.]

O idiota

primeira parte

No fim de novembro, numa fase de menos frio, por volta das nove horas da manhã, o trem da estrada de ferro São Petersburgo-Varsóvia se aproximava de Petersburgo a todo vapor. O tempo estava tão escuro e tão úmido que só a muito custo o dia tinha amanhecido; a dez passos de distância, à direita e à esquerda da linha férrea, era difícil distinguir qualquer coisa através das janelas do vagão. Entre os passageiros, havia alguns de regresso do exterior; mas os vagões da terceira classe eram os mais cheios, e só com pessoas modestas, que viajavam a trabalho e que não vinham de longe. Como sempre, estavam todos cansados, de olhos fundos, depois da noite em claro, todos mortos de frio, com o rosto pálido e amarelado, da mesma cor da neblina.

Desde o nascer do dia, num dos vagões da terceira classe, dois passageiros se viram frente a frente, sentados junto à janela, ambos jovens, ambos quase sem bagagem, ambos vestidos sem elegância, ambos com fisionomias notáveis, ambos desejosos, enfim, de entabular conversa um com o outro. Se os dois soubessem, a respeito um do outro, o que havia neles de notável, e justamente naquele momento, claro que ficariam espantados com o acaso tão estranho que os pusera sentados ali, frente a frente, num vagão de terceira classe do trem Varsóvia-Petersburgo. Um deles era de baixa estatura, com mais ou menos vinte e sete anos, cabelo

encaracolado, quase preto, olhos cinzentos e miúdos, mas calorosos. Tinha nariz largo e achatado, maçãs do rosto salientes e lábios finos, que toda hora se contraíam numa espécie de sorriso zombeteiro, desaforado e até maldoso; no entanto, a testa alta e harmoniosa atenuava a parte inferior do rosto, de traços brutos.

O que chamava a atenção, em especial, naquele rosto era a palidez cadavérica, que conferia a toda a fisionomia do jovem um aspecto esquelético, apesar do porte físico bem robusto, e, ao mesmo tempo, algo de apaixonado, que beirava o sofrimento, e não combinava com o sorriso insolente e grosseiro nem com o olhar cortante e cheio de si. Estava bem agasalhado, com um largo sobretudo preto forrado de pele de cordeiro, e nem sentiu frio durante a noite, ao passo que seu vizinho teve de suportar, nas costas enregeladas, toda a doçura da úmida noite russa de novembro, para a qual, era óbvio, não havia se preparado. Vestia uma capa bem grossa e larga, sem mangas, e um capuz enorme, tal como os abrigos usados, muitas vezes, no inverno, por viajantes que se aventuram em algum lugar no exterior, na Suíça ou, por exemplo, no norte da Itália, sem levar em conta, é claro, percursos como o que vai de Eidtkunen¹ a Petersburgo. Mas aquilo que, na Itália, servia muito bem e satisfazia por completo, agora, na Rússia, mostrava-se totalmente inadequado. O dono da capa com capuz era um jovem também de uns vinte e seis ou vinte e sete anos, pouco mais alto que a média, muito louro, de cabelos densos, faces encovadas e barbicha bem ralinha, pontiaguda, quase toda branca. Tinha olhos grandes, azuis e penetrantes; no olhar, havia algo de brando, mas também de grave, impregnado daquela expressão em que alguns adivinham, logo ao primeiro olhar, uma pessoa que sofre de epilepsia. Contudo, o rosto do jovem era simpático, fino e seco, mas sem colorido, mesmo naquele momento, quando se mostrava azul de tanto frio. Nas mãos, balançava uma trouxinha murcha,

de fular velho e desbotado, que parecia conter toda sua preciosa essência. Nos pés, sapatos de sola grossa com polainas — nada à moda russa. O vizinho de cabelo preto e sobretudo forrado de pele de cordeiro observou tudo aquilo com atenção, em parte por não ter o que fazer, e acabou perguntando, com aquele sorriso indelicado em que às vezes se expressa, com tanta falta de cerimônia e tanto desdém, o contentamento que as pessoas sentem em face do fracasso alheio:

— Está gelado?

E contraiu os ombros.

— Muito — respondeu o vizinho, com extraordinária presteza. — E observe que estamos numa época mais amena. Já pensou se estivesse fazendo aquela friagem mais forte? Eu nem imaginava mais que, em nossa terra, fizesse tanto frio. Perdi o costume.

— Está vindo do exterior, não é?

— Sim, da Suíça.

— Puxa! Imagine só!...

O de cabelo preto deu um assovio e uma gargalhada.

Entabularam conversa. A presteza do jovem louro de capa suíça para responder todas as perguntas do vizinho moreno era surpreendente e ele não mostrava ter a menor desconfiança do desdém, do despropósito e da futilidade daquelas perguntas. Ao responder, explicou, entre outras coisas, que de fato fazia tempo que não vinha à Rússia, havia mais de quatro anos que fora enviado para o exterior por causa de uma doença, alguma estranha enfermidade nervosa, do tipo da epilepsia ou da dança de São Vito, com tremedeiras e convulsões. Enquanto o escutava, o moreno riu várias vezes; e riu especialmente quando, ao ouvir a pergunta: “E aí, curaram o senhor?”, o louro respondeu que “não, não curaram”.

— Ah! O senhor, então, jogou o seu dinheiro fora. E nós aqui ainda acreditamos neles — comentou o moreno, em tom mordaz.

— É a pura verdade! — meteu-se na conversa um senhor malvestido sentado perto deles, uma espécie de escrivão calejado no serviço público, de uns quarenta anos, bem robusto, de nariz vermelho e rosto cheio de espinhas. — É a pura verdade, senhor, tudo o que eles fazem é transferir para si, e de graça, todas as riquezas dos russos!

— Oh, como o senhor está enganado, no meu caso — emendou o paciente suíço, em voz baixa e conciliadora. — Claro, eu não posso discutir, pois não sei de tudo o que acontece, mas o meu médico tirou o dinheiro de suas últimas economias só para pagar a minha viagem para cá, depois de ter me mantido lá quase dois anos por sua conta.

— Como assim, não havia ninguém para pagar? — perguntou o moreno.

— Pois é, o sr. Pavlíshev, que pagava o meu tratamento lá, morreu há dois anos; então escrevi para a generala² Epantchina, que mora aqui e é minha parenta distante, mas não recebi resposta. Por isso vim para cá.

— E para onde está indo, então?

— Quer dizer, onde eu vou ficar?... Pois é, ainda não sei, na verdade... pois é...

— Ainda não decidiu?

E, de novo, os dois ouvintes deram uma gargalhada.

— E, na certa, dentro dessa trouxinha está tudo o que o senhor possui, não é? — perguntou o moreno.

— Eu aposto que sim — emendou o funcionário de nariz vermelho, com extraordinária satisfação. — E também aposto que não está trazendo mala nenhuma nos vagões bagageiros, embora a pobreza não seja nenhum defeito, não custa nada repetir.

E ficou claro que também aquilo era verdade: com presteza incomum, o jovem louro, na mesma hora, admitiu.

— Apesar de tudo, a trouxinha do senhor tem alguma importância — prosseguiu o funcionário, quando se fartaram de gargalhar (e é revelador que, olhando para os dois, o próprio dono da trouxinha também acabou rindo, o que aumentou ainda mais a graça da situação, para eles). — Se bem que eu posso apostar que, dentro dela, não haja rolinhos dourados estrangeiros com napoleões e fredericos de ouro, muito menos *aráptchiki* holandeses,³ o que se pode deduzir só de olhar para as polainas que revestem os seus sapatos estrangeiros, porém... se à sua trouxinha acrescentarmos, de quebra, um suposto parentesco, digamos, com a generala Epantchina, então a trouxinha adquire, também, alguma importância a mais, claro que só no caso de a generala Epantchina ser mesmo sua parenta e o senhor não ter cometido algum engano, por qualquer distração... o que é muito, muito próprio do ser humano, ou... quem sabe, por excesso de imaginação.

— Oh, mais uma vez, o senhor adivinhou — confirmou o jovem louro. — Pois é, de fato, eu quase cometi um engano, quer dizer, ela não chega bem a ser minha parenta; tanto é assim que, na verdade, não fiquei nada admirado de não receber nenhuma resposta. Eu já estava esperando por isso.

— O senhor desperdiçou seu dinheiro ao pôr a carta no correio. Hum... pelo menos, é ingênuo e sincero, e isso é louvável! Hum... quanto à generala Epantchina, eu até a conheço, sim senhor, pois se trata de uma pessoa conhecida de todos; e também o falecido sr. Pavlíschév, que pagou seu tratamento na Suíça, era meu conhecido, se, no caso, estivermos falando de Nikolai Andréievitch Pavlíschév, porque são dois primos. O outro está até hoje na Crimeia; já Nikolai Andréievitch, o falecido, era um homem

respeitado, muito bem relacionado, e possuía, em seus bons tempos, quatro mil almas...⁴

— É exatamente isso, o nome dele era Nikolai Andréievitch Pavlíschev.
— E, depois de responder, o jovem olhou de modo fixo e penetrante para aquele senhor sabe-tudo.

Esses senhores sabe-tudo aparecem, às vezes, e até com bastante frequência, em determinada camada social. Eles sabem de tudo, toda a irrequieta curiosidade de sua mente e todas as suas faculdades investem, de forma inexorável, em uma só direção, claro que por conta da ausência de ideias e de interesses vitais mais importantes, como diria um pensador contemporâneo. Ao dizermos “sabem de tudo”, no entanto, deve-se ter em mente um domínio bastante limitado: onde certo homem trabalha, com quem ele se dá, qual é seu patrimônio, onde exerceu o cargo de governador, com quem está casado, quanto recebeu de dote da esposa, quem é seu primo de primeiro grau, quem é seu primo de segundo grau etc. etc. e tudo o mais desse gênero. Em sua maioria, esses sabe-tudo andam com os cotovelos dos casacos puídos e ganham um salário de mais ou menos dezessete rublos mensais. As pessoas de quem eles conhecem todos os segredos nem imaginam, é claro, que interesses poderiam levá-los nessa direção; entretanto, muitos deles chegam a encontrar um consolo perfeito em tal conhecimento, que, assim, equipara-se a uma autêntica ciência, e eles adquirem respeito por si mesmos e alcançam até a suprema satisfação espiritual. E, a bem da verdade, é uma ciência sedutora. Já vi cientistas, literatos, poetas, políticos que, por meio dessa mesma ciência, já alcançaram, ou estavam alcançando, sua suprema serenidade e seus grandes objetivos e que, só com isso, rigorosamente, chegaram mesmo a fazer carreira. No decorrer de toda aquela conversa, o jovem moreno bocejava, olhava à toa pela janela e esperava, com impaciência, o fim da viagem.

Estava um tanto distraído, e até muito distraído, quase preocupado, chegou mesmo a ficar um pouco esquisito: de vez em quando, escutava sem ouvir, olhava sem ver, às vezes ria sem que ele mesmo soubesse ou entendesse do que estava rindo.

— Mas, queira perdoar, com quem tenho a honra de... — O senhor espinhento se dirigiu, de repente, ao jovem louro com a trouxinha.

— Príncipe Liev Nikoláievitch Míchkin — respondeu de imediato, com absoluta presteza.

— Príncipe Míchkin? Liev Nikoláievitch? Não conheço o senhor. Nem mesmo ouvi falar — respondeu o funcionário, pensativo. — Quer dizer, não me refiro ao seu nome, é um nome histórico, podemos encontrá-lo na *História* de Karamzin,⁵ e assim deve ser, mas eu me refiro à pessoa, e até, a bem da verdade, já não se encontram mais príncipes Míchkin em lugar nenhum, nem boatos circulam mais.

— Ah, não admira! — retrucou o príncipe, rapidamente. — Não existem mais príncipes Míchkin, exceto eu; acho que sou o último. Quanto aos meus pais e aos meus avós, também eles eram só pequenos senhores de terra.⁶ Aliás, meu pai foi tenente do Exército, estudou na escola militar. Pois é, e eu nem sei como a generala Epantchina também foi parar na linhagem das princesas Míchkina, ela também é a última da sua fila...

— He-he-he! A última da sua fila! He-he! Que maneira de dizer — o funcionário deu uma risadinha.

O moreno também riu. O louro ficou um pouco surpreso de ter conseguido criar aquela imagem, de resto, bastante ruim.

— Ora, vejam só, eu falei sem pensar — explicou, por fim, admirado.

— Eu entendo, eu entendo, senhor — concordou o funcionário, com alegria.

— Mas, príncipe, e as ciências, o senhor estudou lá, com o professor? — perguntou o moreno, de repente.

— Sim... estudei...

— Pois, veja só, eu nunca estudei coisa nenhuma.

— No final, sabe, eu também só estudei muito por alto — acrescentou o príncipe, quase pedindo desculpas. — Por causa da doença, não encontraram meios de me ensinar de forma sistemática.

— O senhor conhece os Rogójin? — perguntou o moreno, de supetão.

— Não, eu não conheço absolutamente. Sabe, eu conheço muito pouca gente na Rússia. O senhor é um Rogójin?

— Sou sim, Rogójin, Parfion.

— Parfion? Então, não é um daqueles tais Rogójin que... — começou o funcionário, com ar mais grave ainda.

— Sim, sim, eles mesmos — cortou depressa, com impaciência rude, o homem moreno, que, aliás, não havia se dirigido rigorosamente nenhuma vez ao funcionário espinhento e, desde o início, só falava voltado ao príncipe.

— Ora... como é possível? — admirou-se o funcionário, à beira do estupor, os olhos quase saltando das órbitas e, no mesmo instante, todo o seu rosto começou a se recompor numa fisionomia cheia de veneração, servilismo e até pavor. — Mas então o senhor é parente daquele Semion Parfiónovitch Rogójin, cidadão honorário hereditário,⁷ que um mês atrás morreu e deixou um capital de dois milhões e meio?

— Mas onde é que você descobriu que ele deixou um capital de dois milhões e meio líquidos? — cortou o moreno, sem se dignar, até daquela vez, a olhar nem mesmo de relance para o funcionário. — Ora essa! — E piscou o olho para o príncipe, apontando para o funcionário com um gesto da cabeça. — Qual é a vantagem que eles tanto veem nisso, para saírem

logo rastejando na minha frente feito uns lacaios? É verdade que meu pai morreu, mas agora, um mês depois, eu estou vindo de Pskov para casa, quase sem ter uma bota para calçar. Nem a minha mãe nem o meu irmão, aquele desgraçado, me mandaram o dinheiro, não me mandaram nem um aviso, nada! Como se eu fosse um cachorro! Fiquei em Pskov de cama um mês inteiro, com febre.

— Mas agora, de uma vez só, vai receber um milhãozinho e tanto, no mínimo, ah, meu Deus! — E o funcionário ergueu as mãos espalmadas.

— Mas o que foi que deu nele, por favor, me diga! — E Rogójin, mais uma vez, com um gesto irritado e raivoso, apontou para ele com a cabeça. — Pois fique sabendo que eu não vou dar nem um só copeque para você, nem que ande na minha frente com as mãos no chão e os pés para o alto.

— Pois eu vou andar assim, e vou mesmo.

— Está vendo só? Pois eu não vou dar nada, não vou dar nem que você fique dançando uma semana inteira!

— Pois não dê! Eu não preciso mesmo; não dê! Mas eu vou dançar. Vou trazer a esposa, os filhos pequenos e vou dançar na sua frente. Vou rastejar, rastejar!

— Vá para o diabo! — cuspiu o moreno. — Cinco semanas atrás, eu estava assim, que nem o senhor — dirigiu-se ao príncipe. — Com uma trouxinha na mão, fugindo da casa do meu pai para Pskov, para a casa da minha tia; e lá, com febre, fiquei de cama, e meu pai acabou morrendo longe de mim. Um ataque de apoplexia. Que descanse na paz eterna, mas antes disso foi ele que, por muito pouco, não me matou! Acredite, príncipe, juro por Deus! Se eu não tivesse fugido naquela hora, ele teria me matado de verdade.

— O senhor o deixou irritado com alguma coisa? — questionou o príncipe, enquanto observava com uma curiosidade especial o milionário de

sobretudo de pele de cordeiro. Entretanto, por mais que pudesse haver algo de interessante nos milhões propriamente ditos e no fato de ele receber uma herança, era outra coisa que provocava a admiração e o interesse do príncipe; além disso, o próprio Rogójin, por algum motivo, e de muito bom grado, tomou o príncipe como seu interlocutor, se bem que sua necessidade de interlocução parecesse mais mecânica que moral; de certo modo, ele conversava mais por distração do que por um sentimento sincero; era mais por desassossego, por inquietação, só para ficar olhando para alguém e tagarelar sobre qualquer assunto. Parecia continuar num estado de delírio febril, ou pelo menos com uma ponta de febre. No que diz respeito ao funcionário, o homem já estava pendurado em Rogójin e nem se atrevia a respirar, apanhava no ar cada palavra dele e a pesava muito bem, como à procura de um brilhante.

— Olhe, que ele ficou irritado, isso ficou, e pode ser até que com alguma razão — respondeu Rogójin. — Mas quem me encheu a paciência mesmo foi o meu irmão. Da mamãe, eu não digo nada, é uma mulher idosa, fica lendo o *Tchéti-Minieï*⁸ com outras velhinhas, e o que o meu irmão Sienka⁹ decide, tem de ser cumprido. Por que ele não me avisou nada na hora certa? Até dá para entender! É verdade, eu estava inconsciente naquela ocasião. Eles dizem, também, que mandaram um telegrama. E o tal telegrama foi parar na mão da minha tia. Ela está viúva há trinta anos e vive o tempo todo, o dia inteiro, às voltas com os *iuródivi*.¹⁰ Freira mesmo ela não é, mas é pior do que isso. O tal telegrama a deixou muito assustada, nem chegou a abrir, levou para a delegacia e deixou lá, onde continua enterrado até hoje. Só que o Kóniev, Vassíli Vassílitch, apareceu para me salvar, escreveu contando tudo. De madrugada, meu irmão arrancou as borlas de ouro da mortalha de brocados que cobria o caixão do papai: “Dizem que valem um bom dinheiro”. Pois só por isso ele pode até ir para a Sibéria, se eu quiser,

porque isso é um sacrilégio. Ei, você aí, seu palhaço! — voltou-se para o funcionário. — Pela lei, não é um sacrilégio?

— Sacrilégio! Sacrilégio! — confirmou o funcionário, sem demora.

— E dá prisão na Sibéria?

— Dá sim, vai para a Sibéria, para a Sibéria! Na mesma hora, para a Sibéria!

— Todo mundo acha que eu ainda estou doente — prosseguiu Rogójin, para o príncipe. — Já eu, sem dizer nem uma palavra, em segredo, ainda doente, peguei o trem e vim embora: Abra os portões, irmãozinho Semion Semiónitch! Ele proferiu calúnias a meu respeito para o meu falecido pai, eu sei disso. Mas, que eu infernizei a vida do papai por causa da Nastássia Filíppovna, isso é verdade. Nesse caso, a culpa é só minha. O pecado me dominou.

— Por causa da Nastássia Filíppovna? — indagou o funcionário, em tom servil, como se estivesse reunindo os pensamentos.

— É, você não conhece! — gritou Rogójin, sem paciência.

— Ah, eu conheço, sim! — respondeu o funcionário, em tom de triunfo.

— Ora essa! Há muitas Nastássias Filíppovnas! Francamente, que besta desaforada você é! Puxa vida, eu já sabia que uma besta feito essa ia aparecer num instante e se pendurar em mim! — prosseguiu, para o príncipe.

— Ah, mas talvez eu conheça de fato, meu senhor! — o funcionário não parava de importunar. — O Liébediev conhece! O senhor, vossa excelência, me dá a honra de me dirigir suas censuras, mas e se eu provar o que estou dizendo? Afinal, trata-se da mesma Nastássia Filíppovna que levou o pai do senhor a querer lhe dar uma lição com a ajuda de uma vara de viburno, e essa Nastássia Filíppovna também é uma Baráchkova, por assim dizer, uma conhecida senhora da nobreza e, à sua maneira, também uma princesa, e se

dá muito bem com certo Tótski, Afanássi Ivánovitch, e só com ele, um senhor de terras e grande capitalista, membro de companhias e de sociedades e que, por conta disso, fez grande amizade com o general Epantchin...

— Puxa, veja só! — Rogójin se mostrou, de fato, espantado. — Eh, que diabo, não é que ele sabe tudo mesmo?

— Sei tudo! Liébediev sabe tudo! Vossa excelência, eu e Aleksáchka¹¹ Likhatchov viajamos dois meses juntos, e também depois da morte do pai dele, e agora eu conheço tudo, conheço todos os meandros e desvios, e a situação havia chegado a tal ponto que não se podia dar nem um passo sem o Liébediev aqui. Hoje, ele está preso por dívidas, mas naquele tempo ele teve ocasião de conhecer Armance, Corália, a princesa Patskaia e Nastássia Filíppovna, e também teve ocasião de ficar sabendo de muita coisa.

— Nastássia Filíppovna? Quer dizer que ela e Likhatchov... — Rogójin olhou para ele com raiva, os lábios chegaram a perder a cor e começaram a tremer.

— N-nada! N-n-não houve n-n-nada! N-n-ada mesmo! — O funcionário pensou melhor e corrigiu depressa. — N-n-não houve nada, quer dizer, com dinheiro, Likhatchov não podia conseguir nada dela! Não, não foi como no caso de Armance. Nesse aspecto, só existe o Tótski. À noite, no Teatro Bolchói¹² ou no Teatro Francês, ela é vista no seu camarote particular. Os oficiais, por mais que fiquem falando entre si, não podem provar nada, e dizem: “Olhem, aquela é a tal da Nastássia Filíppovna”, e só isso; quanto ao resto, nada! Porque não existe nada mesmo.

— Pois essa é a verdade — confirmou Rogójin, em tom sombrio e com o cenho franzido. — Na ocasião, o Zaliójev também me contou a mesma coisa. Um dia, príncipe, eu estava andando às pressas pela avenida Niévski, metido num casacão comprido que meu pai havia parado de usar três anos

antes, e aí ela saiu de uma loja e entrou numa carruagem. Na mesma hora, eu fiquei em chamas. Encontrei o Zaliójev; ele nem se compara comigo, anda que nem um vendedor que acabou de sair do barbeiro, com um lornhão nos olhos, enquanto nós, lá na casa do meu pai, nos destacamos de todo mundo por andar de botas besuntadas com piche e por comer sopa de repolho sem carne. Aí ele me disse: “Ela não serve para você, não, é uma princesa, se chama Nastássia Filíppovna, o sobrenome de família é Baráchkova, e mora com o Tótski, e agora o Tótski não sabe mais como se desgrudar dela, porque ele já chegou a uma idade mais séria, quer dizer, cinquenta e cinco, e quer casar com a maior beldade de toda Petersburgo”. Aí o Zaliójev me enfiou na cabeça que eu podia ver Nastássia Filíppovna naquele mesmo dia, ela ia ao balé no Teatro Bolchói, ia ficar no seu camarote, junto à plateia. Pois bem, lá na casa do meu pai, tente só dizer que você quer ir ao balé. A reação é uma só: ele mata você! Mas, na hora, eu dei um jeito de fugir às escondidas e, então, eu vi Nastássia Filíppovna mais uma vez; não consegui dormir a noite inteira. De manhã, o falecido me deu duas notas de crédito a juros de cinco por cento, cada uma no valor de cinco mil, e me disse: “Venda as duas, leve sete mil e quinhentos para o escritório do Andréiev, faça o pagamento e, sem ir a nenhum outro lugar, traga para mim o troco dos dez mil; eu vou ficar esperando”. Pois bem, eu vendi as notas, peguei o dinheiro, mas não fui ao escritório do Andréiev e sim à Loja Inglesa, onde nunca tinha posto os pés, e gastei tudo com dois pingentes, cada um com um brilhante quase do tamanho de uma noz, e ainda fiquei devendo quatrocentos rublos, eu disse meu nome e eles aceitaram o crédito. Com os pingentes, fui à casa de Zaliójev: “Pronto, meu amigo, a situação é esta, agora vamos à casa de Nastássia Filíppovna”. Partimos. O que eu tinha debaixo dos pés, o que estava na minha frente e dos lados, de nada disso eu tomava o menor conhecimento, e nem me

lembro agora. Entramos direto no salão da casa dela, que veio em pessoa nos receber. Eu, na hora, quer dizer, não expliquei quem eu era; só foi dito o seguinte: “É da parte de Parfion, Rogójin”, declarou Zaliójev, “para a senhora, em memória do encontro do dia de ontem; tenha a bondade de aceitar”. Ela abriu, examinou, sorriu. “Agradeça ao seu amigo, o sr. Rogójin, por sua lembrança amável.” Curvou-se numa reverência e saiu. Puxa, por que eu não caí morto ali mesmo? Pois, se fui lá, era porque eu estava pensando: “Não importa, não voltarei de lá vivo!”. E o que me pareceu mais ofensivo de tudo foi que aquela besta do Zaliójev atraiu para si todas as atenções. Também, eu sou de baixa estatura, me visto que nem um laçao, fiquei lá plantado, de pé, mudo, de olhos arregalados em cima dela, porque eu estava sentindo vergonha, enquanto ele se vestia todo na moda, cabelo com pomada e frisado, rosto corado, gravata xadrez, e ele se esparrama tanto, faz tanto rapapé que, com certeza, ela acabou achando que ele era eu! Quando saímos, eu disse: “Está certo, mas agora você não se atreva nem a pensar, entendeu bem?”. Ele riu: “E agora, como é que você vai prestar contas com o Semion Parfióritch?”. Na verdade, naquela hora, eu queria era me jogar na água para não passar nem perto de casa, e então pensei: “Mas, afinal, agora tanto faz mesmo!”. E voltei para casa como um maldito condenado.

— Ora! Puxa vida! — o funcionário se torceu todo e teve até um arrepio. — E dizer que, não digo por dez mil, mas só por dez moedas de um rublo o falecido já era bem capaz de mandar uma pessoa para o outro mundo. — E se voltou para o príncipe. Já o príncipe estava observando Rogójin com curiosidade; naquele momento, parecia ainda mais pálido.

— “Mandar para o outro mundo”! — Rogójin retomou a expressão. — O que é que você sabe? — prosseguiu, falando para o príncipe. — Pois o meu pai ficou sabendo de tudo e, ainda por cima, o Zaliójev desandou a tagarelar

com todo mundo que encontrava pela frente. Meu pai me segurou, me trancou no primeiro andar e me passou um sermão de uma hora inteirinha. Disse: “Isto é só uma preparação, mas de noite eu vou voltar aqui para me despedir”. E o que acha que aconteceu? O velho grisalho foi à casa de Nastássia Filíppovna, cumprimentou-a com uma reverência até o chão, implorou e chorou; no final, ela entregou o estojo para ele e disparou: “Pronto, tome aqui os seus pingentes, seu barba velha. Agora, para mim, eles valem dez vezes mais do que o preço que foi pago, se foi debaixo de tanta ameaça que o Parfion os obteve. Mande saudações e agradeça a Parfion Semiónitch”. Pois bem, nesse meio-tempo, com a bênção de minha mãe, peguei vinte rublos com o Serioja Protúchkin e parti de trem para Pskov, cheguei lá com febre; as velhinhas começaram a ler a vida dos santos para mim, e eu ali embriagado, depois saí pelas tabernas gastando o último dinheiro que tinha, fiquei estirado na rua a noite inteira, desacordado, de manhã estava com febre e, durante a madrugada, ainda por cima, os cachorros me deram umas mordidas. Só a muito custo eu acordei.

— Muito bem, muito bem, então agora é que a nossa Nastássia Filíppovna vai começar a cantar de verdade! — O funcionário deu risadinhas, enquanto esfregava as mãos uma na outra. — Agora, meu senhor, aqueles pingentes não contam mais nada! Agora é que vamos ver o que são pingentes...

— Acontece que se você falar mais uma só vez, uma só palavra, sobre a Nastássia Filíppovna, juro por Deus, vou passar o chicote em você, mesmo que tenha viajado com o Likhatchov — gritou Rogójin, e lhe agarrou o braço com toda a força.

— Se vai me dar chicotadas, quer dizer que não me rejeita! Chicoteie! Quando alguém chicoteia, deixa a sua marca... Mas olhem, chegamos!

De fato, estavam entrando na estação. Embora Rogójin tivesse dito que partira às escondidas, várias pessoas já o aguardavam. Gritavam e acenavam com os gorros de pele.

— Puxa, até o Zaliójev está aqui! — resmungou Rogójin, enquanto olhava para eles com um sorriso de triunfo e até um pouco rancoroso, mas de repente se voltou para o príncipe. — Príncipe, eu nem sei por quê, mas gostei muito de você. Talvez porque nos conhecemos num momento como este, só que, afinal de contas, eu também conheci agora este sujeito — apontou para Liébediev — e não gostei nada dele. Venha me visitar, príncipe. Vamos tirar essas suas polainzinhas dos pés, vou vestir você com um casaco de pele de marta de primeira, vou mandar costurar um fraque de primeira, e o colete branco que você quiser, vou entupir seus bolsos de dinheiro e... vamos juntos à casa de Nastássia Filíppovna! Vai comigo, não vai?

— Atenção, príncipe Liev Nikoláievitch! — advertiu Liébediev, em tom grave e solene. — Ah, não deixe escapar! Ah, não deixe escapar!...

O príncipe Míchkin começou a se levantar, estendeu a mão cordialmente para Rogójin e lhe disse, em tom amável:

— Irei com imenso prazer e sou muito grato ao senhor por ter gostado de mim. Quem sabe até irei hoje mesmo, se tiver tempo. Porque, para falar com toda a sinceridade, o senhor mesmo também me agradou muito, especialmente quando me contou o caso dos pingentes de brilhantes. Eu já havia gostado do senhor antes mesmo dos pingentes, apesar do seu rosto sombrio. Também agradeço ao senhor a promessa de me dar roupas e um casaco de pele, porque, de fato, vou precisar logo de roupas e de um casaco de pele. Quanto a dinheiro, neste momento, eu não tenho quase nem um copeque.

— Pois vai ter dinheiro, à noite vai ter, venha me visitar!

— Vai ter, vai ter — confirmou o funcionário. — À tardinha, ainda antes do pôr do sol, vai ter dinheiro!

— E quanto ao sexo feminino, príncipe, o senhor é grande apreciador? Diga, antes de tudo!

— Eu n-n-não! Afinal, eu... Talvez o senhor não saiba, mas, por causa da minha doença congênita, eu nada conheço das mulheres.

— Bom, se é assim, príncipe — exclamou Rogójin —, você vai virar um *iuródivi*, e Deus ama pessoas como você!

— Deus ama pessoas assim — confirmou o funcionário.

— E você, seu escriturário, venha atrás de mim — disse Rogójin para Liébediev, e todos saíram do vagão.

No fim, Liébediev conseguiu tudo. Dali a pouco, o bando barulhento se afastava na direção da avenida Voznessénski. O príncipe teve de entrar na rua Litiéinaia. Estava úmido e molhado; o príncipe indagou aos pedestres se faltava muito — até o fim do seu trajeto, a distância era de três verstas¹³, e ele achou melhor pegar um coche de praça.

O general Epantchin morava numa residência própria, um pouco afastada da rua Litiéinaia, mais para o lado da Catedral da Transfiguração. Além daquele prédio (magnífico), do qual alugava cinco sextos, o general Epantchin possuía mais um edifício enorme na rua Sadóvaia, que também lhe rendia uma receita extraordinária. Além dos dois imóveis, era dono de uma propriedade rural bastante considerável e lucrativa bem perto de Petersburgo; sem contar uma fábrica, também no distrito de Petersburgo. No passado, como era sabido de todos, o general Epantchin participava do *ótpusk*.¹⁴ Agora, ele era acionista e tinha voz ativa em várias empresas bastante sólidas. Tinha fama de homem muito endinheirado, com grandes negócios e relações importantes. Em certos lugares, sabia se tornar absolutamente indispensável, como, por exemplo, em suas funções no serviço público. Entretanto, também era sabido que Ivan Fiódorovitch Epantchin era uma pessoa sem instrução e filho de um simples soldado; e, sem dúvida, isso só podia ser uma honra para ele, mas o general, apesar de ser uma pessoa inteligente, não deixava de ter também suas fraquezas miúdas, perfeitamente perdoáveis, e não gostava de certas insinuações. Porém ninguém negava que era, de fato, uma pessoa inteligente e habilidosa. Por exemplo, tinha uma estratégia de não se expor, de manter-se na sombra quando necessário, e muitos o apreciavam, justamente, por sua

simplicidade e, justamente também, por saber qual era seu lugar. No entanto, se tais juízes soubessem o que, às vezes, se passava no espírito de Ivan Fiódorovitch, veriam a que ponto ele sabia qual era seu lugar! Embora, de fato, tivesse prática e experiência nas questões do dia a dia, além de certos talentos bastante notáveis, ele gostava de se apresentar antes como um executor de ideias alheias do que como alguém que pensa com a própria cabeça, gostava de se mostrar como um homem “devotado, mas sem bajulação”¹⁵ e — para onde caminha nosso tempo? — até como um russo e como uma pessoa cordial. Quanto a isso, contavam a seu respeito até algumas anedotas engraçadas; mas o general nunca se abatia, mesmo diante das anedotas mais engraçadas; ainda por cima, tinha sorte até mesmo no jogo de cartas, no qual fazia apostas altíssimas, e de caso pensado, pois não só não queria esconder aquela pequena fraqueza com as cartinhas, tão essenciais para ele e que tantas vezes lhe foram úteis, como também fazia questão de deixar aquilo bem claro. Seu meio social era um tanto misturado, mas, em todo caso, é claro, repleto de “ases do baralho”. Entretanto, para ele, o melhor ainda estava por vir, o tempo tinha paciência, o tempo sempre tinha paciência, e tudo haveria de chegar com o tempo e na hora certa. Quanto à idade, o general Epantchin ainda estava, como se diz, na plenitude da vida, ou seja, cinquenta e seis anos, nem um ano a mais, o que, seja como for, representa a flor da idade, a época em que, a rigor, começa a vida *verdadeira*. Boa saúde, rosto corado, dentes fortes, embora pretos, porte físico atarracado e robusto, fisionomia preocupada pela manhã, no trabalho, e alegre à noite, no jogo de cartas ou com sua alteza — tudo contribuía para seus êxitos, no presente e no futuro, e recobria com um tapete de rosas o caminho de sua excelência.

O general tinha uma família florescente. Na verdade, no caso, nem tudo eram rosas; em compensação, havia muitas coisas que, desde um bom

tempo, tinham passado a concentrar, com seriedade e fervor, as principais esperanças e os maiores objetivos de sua excelência. De mais a mais, qual objetivo na vida é mais importante e sagrado do que os objetivos dos pais? A que se prender, senão à família? A família do general era formada por esposa e três filhas adultas. O general se casara muito tempo antes, quando ainda era tenente, com uma jovem quase da sua idade, que não tinha nem beleza nem instrução e da qual recebera de dote, ao todo, apenas cinquenta almas — é verdade que isso serviu de base para sua futura fortuna. Mas o general nunca ficou resmungando contra seu casamento precoce, nunca o tratou como um entusiasmo da juventude imprevidente, e tinha tamanho respeito por sua esposa, e às vezes a temia tanto, que chegava a sentir amor. A generala era uma princesa da linhagem dos Míchkin, linhagem que, mesmo sem ser brilhante, era muito antiga e, por conta de sua origem, a generala tinha grande respeito por si mesma. Uma das pessoas influentes daquele tempo, um desses protetores cuja proteção, aliás, não custava nada, aceitou interessar-se pelo casamento da jovem princesa. Ele abriu a porteira para o jovem oficial e o empurrou para dentro, só que o oficial nem precisava de empurrão nenhum, bastaria no máximo um olhar — e ele não iria desperdiçá-lo! Com poucas exceções, o casal viveu em harmonia todo o longo tempo de seu jubileu. Ainda em seus anos mais jovens, como princesa de nascimento e última de sua linhagem, e talvez também devido a suas qualidades pessoais, a generala soube encontrar para si algumas protetoras de alto nível. Posteriormente, com a riqueza e a importância do cargo do marido, ela passou a se sentir em casa naquele círculo social superior.

Nos últimos anos, as três filhas do general cresceram e tornaram-se adultas: Aleksandra, Adelaida e Aglaia. Na verdade, as três eram tratadas apenas como Epantchina, no entanto eram também princesas por parte de

mãe, tinham um dote considerável, um pai que almejava, com o tempo, ascender, quem sabe, a um posto muito elevado e, algo também muito importante, as três eram de uma beleza incomum, inclusive a mais velha, Aleksandra, que já havia feito vinte e cinco anos. A do meio tinha vinte e três e a mais jovem, Aglaia, acabara de completar vinte. A caçula chegava a ser uma completa beldade e já começava a chamar bastante atenção na sociedade. Mas isso ainda não era tudo: as três se destacavam pela instrução, pela inteligência e pelos talentos pessoais. Todos sabiam que as três gostavam umas das outras de forma notável e que se apoiavam mutuamente. Comentava-se até que as duas mais velhas teriam feito alguns sacrifícios, ou algo parecido, em favor da mais jovem, o ídolo geral da família. Na sociedade, elas não só não gostavam de se destacar como se mostravam até discretas demais. Ninguém podia acusá-las de arrogância ou insolência, mas todos sabiam que eram orgulhosas e que tinham noção do próprio valor. A mais velha era musicista, a do meio, pintora notável; no entanto, durante muitos anos, quase ninguém soube disso e o assunto só veio à tona em tempos bem recentes e, mesmo assim, por mero acaso. Em suma, elas eram objeto dos maiores elogios. Por outro lado, havia também os maledicentes.

Com horror, as pessoas faziam as contas de quantos livros as irmãs haviam lido. Para casar, elas também não tinham pressa; sentiam apreço por determinado círculo da sociedade, mas mesmo assim não muito. Isso era ainda mais admirável porque todos conheciam a propensão, o caráter, os objetivos e os desejos de seus pais.

Já eram quase onze horas quando o príncipe tocou a sineta da porta do apartamento do general. O general morava no segundo andar e ocupava uma habitação tão modesta quanto possível, embora proporcional à sua importância. Um criado de libré abriu a porta para o príncipe, que se viu

obrigado a demorar-se bastante em explicações para aquele homem, o qual, desde o início, olhava com desconfiança para ele e para sua trouxinha. Enfim, após repetidas e minuciosas afirmações de que ele era, de fato, o príncipe Míchkin e precisava a todo custo falar com o general sobre um assunto imprescindível, o homem, com ar perplexo, conduziu-o para o lado, rumo a um pequeno vestíbulo anexo à sala de espera, diante do escritório, e passou o príncipe para as mãos de outro homem, que dava plantão de manhã naquele vestíbulo e anunciava para o general as visitas que apareciam. Esse criado vestia fraque, tinha mais de quarenta anos e uma fisionomia preocupada, era o criado especial do escritório, transmitia as informações para sua excelência e, por causa disso, tinha boa noção do próprio valor.

— Aguarde na sala de espera, mas deixe essa trouxinha aqui — ordenou e, sem pressa, sentou-se em sua poltrona, com ares superiores, enquanto, com severa surpresa, observava o príncipe, que se instalou ali mesmo, numa cadeira, bem junto a ele, com a trouxinha nas mãos.

— Se me permite — disse o príncipe —, não seria melhor eu esperar aqui mesmo, junto com o senhor, do que ficar lá sozinho?

— O senhor não pode ficar no vestíbulo, porque é uma visita, ou seja, um hóspede. O senhor quer falar com o próprio general?

Era evidente que o laçao não conseguia se resignar à ideia de permitir a entrada de uma visita como aquela e, mais uma vez, decidiu questioná-lo.

— Sim, eu tenho um assunto... — tentou explicar o príncipe.

— Não estou perguntando ao senhor qual é exatamente o seu assunto. Minha função é apenas comunicar sua chegada. Mas, sem o secretário, como eu disse, não vou anunciar o senhor.

A desconfiança daquele homem parecia cada vez maior; o príncipe diferia demais do tipo de visitantes que ali apareciam todos os dias e,

embora o general muitas vezes, quase todo dia, num horário determinado, se visse obrigado a receber, sobretudo *a negócios*, pessoas às vezes muito díspares, ainda assim, apesar do costume e das instruções bastante flexíveis, o camareiro se viu dominado por uma grande dúvida; a mediação de um secretário era indispensável para se fazer o anúncio.

— O senhor, de fato... veio do exterior? — perguntou afinal, com certa má vontade. E se perdeu; talvez quisesse perguntar: “O senhor é mesmo o príncipe Míchkin?”.

— Sim, acabei de desembarcar do trem. Acho que o senhor queria perguntar se eu sou de fato o príncipe Míchkin, e não perguntou por delicadeza.

— Hum... — resmungou o laçao, surpreso.

— Garanto ao senhor que eu não estou mentindo e que o senhor não vai ser repreendido por minha causa. Quanto ao meu aspecto e à minha trouxinha, não há motivo para se admirar: no momento, minhas finanças não andam nada boas.

— Hum. Não é isso que eu receio, veja bem. Tenho o dever de anunciar e o secretário virá aqui falar com o senhor, a não ser que o senhor... Pronto, a questão toda é este “a não ser que”. O senhor, por acaso, me atrevo a perguntar, se me permite, não terá vindo pedir dinheiro ao general?

— Ah, não, quanto a isso, pode ter absoluta certeza. Meu assunto é outro.

— O senhor me perdoe, perguntei por causa do seu aspecto. Espere o secretário; agora, o próprio general está ocupado com um coronel, depois vai chegar o secretário... oficial.

— Nesse caso, se eu tenho de esperar muito, pediria uma coisa ao senhor: há algum lugar aqui onde eu possa fumar? Eu tenho cachimbo e tabaco.

— Fu-mar? — E o camareiro disparou sobre ele um olhar de perplexidade e desprezo, como se ainda não estivesse acreditando nos

próprios ouvidos. — Fumar? Não, aqui o senhor não pode fumar e, além disso, chega a ser uma vergonha, para o senhor, ter uma ideia dessas. Eh... que excentricidade, meu senhor!

— Oh, eu não estava pedindo para fumar nesta sala; afinal, eu sei; eu pensei em sair para algum lugar que o senhor indicasse, porque tenho esse costume e já faz três horas que não fumo. Mas, como o senhor quiser e, sabe, existe aquele ditado: em monastério alheio...¹⁶

— Muito bem, e como eu devo anunciar o senhor? — resmungou o camareiro, quase a contragosto. — Em primeiro lugar, não convém que o senhor esteja aqui, deveria estar sentado na sala de espera, porque o senhor está na fila das visitas, ou hóspedes, e o que se exige de mim... Mas, me diga uma coisa, será que o senhor tem mesmo a intenção de morar conosco? — acrescentou, mais uma vez olhando de lado para a trouxinha do príncipe, que pelo visto não o deixava em paz.

— Não, eu não estou pensando nisso. Mesmo se convidarem, não vou ficar. Vim só para nos conhecermos e mais nada.

— Como? Para se conhecerem? — indagou o camareiro com surpresa e triplicada desconfiança. — E como é que o senhor me disse antes que veio para tratar de um assunto?

— Ah, mas o assunto é quase nada! Quer dizer, se o senhor faz questão, existe um assunto, eu vim só pedir um conselho, mas, acima de tudo, eu vim para me apresentar, porque eu sou o príncipe Míchkin e a generala Epantchina também é a última princesa Míchkina e, além de mim e dela, não existem mais Míchkins.

— Então o senhor também é parente? — E o lacaios, quase apavorado, alvoroçou-se todo.

— Também não chega a ser exatamente isso. Aliás, se forcarmos um pouco, é claro, nós somos parentes, sim, mas tão distantes que, no presente,

é até impossível tratar a questão nesses termos. Uma vez, mandei uma carta do exterior para a generala, mas ela não respondeu. Apesar disso, julguei necessário fazer contato com eles no meu regresso. Estou explicando tudo isso para o senhor, agora, para que não tenha dúvidas, pois vejo que o senhor continua inquieto: anuncie que eu sou o príncipe Míchkin e, na mesma hora em que fizer o anúncio, o motivo da minha visita vai ficar claro. Se me receberem, muito bem; se não receberem, quem sabe, também está ótimo. Só que eles não podem deixar de me receber: a generala, é claro, vai querer conhecer o único, e mais velho, representante da sua linhagem, e ela dá muito valor à sua genealogia, pelo que eu soube em particular a seu respeito.

A conversa do príncipe parecia a mais simples do mundo; porém, naquele caso, quanto mais simples a conversa, mais ela se tornava absurda, e o calejado camareiro não podia deixar de sentir que havia ali algo perfeitamente adequado entre duas pessoas, mas perfeitamente inadequado entre uma visita e um *criado*. E, como os *empregados* são muitíssimo mais inteligentes do que costumam pensar seus patrões, veio à cabeça do camareiro a ideia de que havia, no caso, duas questões: ou o príncipe era um depravado e só podia estar ali para pedir dinheiro, ou o príncipe não passava de um desmiolado, sem orgulho nenhum, pois um príncipe inteligente e com orgulho não ficaria no vestíbulo conversando sobre seus assuntos particulares com um laçao e, desse modo, tanto num caso como no outro, será que ele, o camareiro, não acabaria sendo repreendido por causa do príncipe?

— Mesmo assim, o senhor faria melhor se aguardasse na sala de espera — observou, na medida do possível, com um pouco mais de insistência.

— Só que, se eu tivesse ficado lá, eu não teria explicado tudo isso para o senhor — e o príncipe riu, com alegria. — Portanto, o senhor continuaria

preocupado e ficaria olhando para a minha capa e a minha trouxinha. Já agora, talvez, o senhor não tem mais motivo para esperar o secretário e pode ir o senhor mesmo anunciar a minha chegada.

— Só que uma visita como o senhor não pode ser anunciada sem o secretário; além do mais, o próprio general, agora há pouco, em pessoa, deu ordem para não ser incomodado em nenhuma hipótese enquanto estivesse com o coronel, mas o Gavrila Ardalióńitch pode entrar sem ser anunciado.

— É um funcionário?

— O Gavrila Ardalióńitch? Não. Ele trabalha por conta própria para a companhia. Mas coloque essa trouxinha ali, pelo menos.

— Pois eu estava mesmo pensando nisso, se me permite. E, quem sabe, eu posso tirar a capa?

— Claro, não vai querer entrar de capa para falar com ele.

O príncipe levantou-se, despiu a capa depressa e ficou só com o paletó, bastante digno, confeccionado com habilidade, embora já um tanto surrado. Uma correntinha de aço percorria a frente do colete. Pendurado à correntinha, havia um relógio de prata de Genebra.

Apesar de o príncipe ser um tolo — foi o que o laçao concluiu —, ainda assim, afinal de contas, ele achou inadequado prosseguir, por conta própria, aquela conversa com uma visita, muito embora, por algum motivo, e à sua maneira, é claro, ele tivesse gostado do príncipe. No entanto, de outro ponto de vista, o príncipe despertava nele uma indignação implacável e brutal.

— E a generala, quando ela recebe as visitas? — perguntou o príncipe, sentando-se de novo no mesmo lugar.

— Isso já não é da minha conta. Ela recebe em horários diversos, conforme a pessoa. A costureira é recebida às onze. Gavrila Ardalióńitch também é recebido antes dos outros, pode entrar até na hora do desjejum.

— As casas, aqui, no inverno, são bem mais aquecidas do que as casas no exterior — observou o príncipe. — Em compensação, nas ruas, é mais quente lá do que aqui, só que lá, dentro das casas, no inverno, um russo não consegue viver se não estiver acostumado.

— Não existe calefação?

— Sim, existe, mas as casas são construídas de outro modo, quer dizer, a estufa e as janelas.

— Hum! E o senhor, então, ficou muito tempo lá?

— Fiquei quatro anos. Aliás, na verdade, fiquei o tempo todo num lugar só, no campo.

— E está estranhando as coisas aqui?

— É verdade. O senhor acredita que eu até me admiro de não ter esquecido como se fala russo? Olhe, agora, quando estou falando, eu penso assim: “Puxa, como estou falando bem”. Vai ver é por isso que eu falo tanto. Na verdade, desde ontem, eu tenho vontade de ficar falando russo.

— Hum! He! O senhor já morou aqui em Petersburgo? — Por mais que o lacaio resistisse, era impossível não dar sequência a uma conversa tão afável e cordial.

— Em Petersburgo? Não, quase nada, só de passagem. Antes, eu não conhecia nada por aqui, mas agora a gente ouve falar de tanta novidade que as pessoas chegam a dizer que quem conheceu a cidade antigamente vai ter de reaprender tudo desde o início. E agora, por aqui, andam falando muito sobre tribunais?¹⁷

— Hum!... Os tribunais. Tem os tribunais, é verdade, os tribunais, pois é. Mas e lá no exterior, o tribunal é mais justo ou não é?

— Não sei. Eu ouvi falar muito bem dos nossos. Veja, nós não temos a pena de morte.

— E lá, executam?

— Sim. Eu vi na França, em Lyon. O Schneider me levou para ver.

— Enforcam?

— Não, na França eles continuam cortando a cabeça.

— Puxa, e a pessoa grita?

— Que nada! É tudo num instante. Põem a pessoa agachada, uma lâmina grande desce de um golpe só, é uma máquina, chamam de guilhotina, é pesada, forte... A cabeça pula tão ligeiro que nem dá tempo de ver nada. Os preparativos são difíceis. Quando anunciam a sentença, arrumam a máquina, amarram a pessoa e levam para o cadafalso, e nessa hora é que é horrível! O povo todo acode correndo, até mulheres, ainda que eles não gostem que as mulheres vejam.

— Não é coisa para elas.

— Claro! Claro! Tamanho suplício!... O criminoso era um homem inteligente, destemido, forte, de certa idade, de sobrenome Legros. Pois bem, eu vou lhe dizer, acredite ou não, ele subiu no cadafalso... e chorou, branco que nem papel. Como isso é possível? Como não achar isso um horror? E quem é que chora de medo? Eu não imaginava que alguém, a menos que fosse uma criança, pudesse chorar de medo, ainda mais um homem que nunca chorou, um homem de quarenta e cinco anos. E o que é que acontece com a alma nessa hora, a que convulsões ela é levada? É uma profanação da alma, e mais nada! Está escrito: “Não matarás”. E aí, então, porque ele matou, será morto também? Não, não pode ser. Veja, faz um mês que eu vi isso e até agora parece que está tudo diante dos meus olhos. Sonhei umas cinco vezes.

Enquanto falava, o príncipe chegou a se entusiasmar, um ligeiro rosado transpareceu em seu rosto pálido, embora a voz, como antes, fosse baixa. O camareiro, sensibilizado e solidário, observava o príncipe de tal modo que

parecia não querer desprender-se dele; talvez também fosse uma pessoa de imaginação e com uma queda para a reflexão.

— Ainda bem que, no final, o suplício não é grande — comentou —, quando a cabeça voa.

— Pois sabe de uma coisa? — emendou o príncipe, com fervor. — Veja, isso que o senhor comentou agora é exatamente o que todo mundo diz, como o senhor, e a máquina, a guilhotina, foi inventada para isso mesmo. Só que lá, na hora, me veio à cabeça esta ideia: e se desse modo for até pior? Para o senhor, isso é engraçado, para o senhor, parece um absurdo, mas com um pouco de imaginação até uma ideia como esta acaba vindo à nossa cabeça. Pense bem: por exemplo, se houver tortura; nesse caso, há sofrimento e feridas, são torturas físicas e, portanto, tudo isso distrai a pessoa do sofrimento moral, e a tal ponto que a pessoa só se atormenta com as feridas, e continua assim até na hora de morrer. Mas, no fim, a dor mais importante, a mais forte, talvez, não está nas feridas, e sim no fato de que você sabe, com certeza, que dali a uma hora, e depois, dali a dez minutos, e depois, dali a meio minuto, e depois agora, já, a alma vai sair voando sem o corpo, já não vai mais existir uma pessoa, e no fato de que isso é uma certeza; o mais importante, exatamente, é que isso é uma *certeza*. E na hora que você coloca a cabeça bem embaixo da lâmina e ouve que ela está deslizando acima da cabeça, esse quarto de segundo é o mais terrível de tudo. E sabia que não se trata de uma fantasia minha e que muita gente já falou a mesma coisa? Pois eu estou a tal ponto convencido disso que vou dizer ao senhor francamente a minha opinião. Matar por causa de um assassinato é um castigo incomensuravelmente maior do que o próprio crime. O assassinato por força de uma sentença é incomensuravelmente mais horrível do que o assassinato cometido por um bandoleiro. A pessoa que os bandoleiros assassinam, que esfaqueiam de madrugada, na mata,

ainda tem sempre esperança de ser salva, até o último instante. Há casos em que a garganta já está cortada, mas a pessoa ainda tem esperança, foge, pede socorro. Mas, no outro caso, toda essa última esperança, que torna a morte dez vezes mais leve, é eliminada pela *certeza*; aqui, existe uma sentença e é na circunstância de que não há, com certeza, como fugir que reside todo o horrível suplício, e não existe no mundo suplício mais horrível do que esse. Conduza um soldado até ele ficar bem na frente de um canhão, na hora de uma batalha, e dispare contra ele, e o soldado vai continuar o tempo todo a ter esperança, mas dê para o mesmo soldado a *certeza* de uma sentença fatal, e ele vai ficar louco ou vai começar a chorar. Quem disse que a natureza humana tem condições de suportar isso sem enlouquecer? Para que essa infâmia medonha, inútil, despropositada? Talvez exista no mundo uma pessoa para quem leram uma sentença, deixaram que sofresse por um tempo e depois disseram: “Pode ir embora, está perdoado”. Pois bem, essa pessoa talvez pudesse explicar. Até Cristo falava dessa tortura e desse horror. Não, ninguém pode agir desse jeito com um ser humano!

Embora incapaz de exprimir tudo aquilo como o príncipe, o camareiro havia compreendido, não tudo, é claro, mas o principal, o que era até possível perceber pelo rosto comovido.

— Se o senhor tem tanta vontade de fumar — propôs —, talvez possa fazer isso, mas tem de ser bem depressa. Porque podem chamar de repente e o senhor não estar aqui. Olhe, ali, debaixo da escadinha, há uma porta. Atravesse a porta, à direita tem um cubículo: lá, pode fumar, mas abra a janelinha de ventilação, porque não é permitido...

Só que o príncipe não teve tempo de sair para fumar. De súbito, um jovem entrou no vestíbulo com folhas de papel na mão. O camareiro tratou logo de despir o casaco de pele do jovem. A visita olhou para o príncipe meio de lado.

— Gavrila Ardalióvitch, este senhor aqui — explicou o camareiro, em tom confidencial e quase familiar — está dizendo que é o príncipe Míchkin, parente da senhora generala, chegou de trem vindo do exterior e traz nas mãos apenas uma trouxinha...

Mais que isso, o príncipe não chegou a ouvir, porque o camareiro passou a sussurrar. Gavrila Ardalióvitch¹⁸ escutava com atenção e olhava para o príncipe com grande curiosidade; por fim, parou de escutar e, ansioso, aproximou-se dele.

— O senhor é o príncipe Míchkin? — perguntou, com extrema curiosidade e delicadeza. Era um jovem muito bonito, também de uns vinte e oito anos, esbelto, louro, de estatura mediana, barbicha miúda, napoleônica,¹⁹ rosto inteligente e muito bonito. Só que o sorriso, apesar de toda a sua amabilidade, tinha algo de afetado; nesse momento, os dentes se mostravam também excessivamente semelhantes a pérolas e muito iguais; seu olhar, a despeito de toda a alegria e de sua evidente simplicidade, tinha algo de fixo e perscrutador.

“Quando está sozinho, ele não deve olhar assim, de forma nenhuma, e talvez não ria nunca”, pressentiu o príncipe, de algum modo.

Às pressas, o príncipe explicou tudo o que podia, quase o mesmo que havia explicado ao camareiro e também, antes, a Rogójin. Entretanto, Gavrila Ardalióvitch pareceu lembrar-se de algo.

— Por acaso não foi o senhor — perguntou — que, há cerca de um ano ou pouco menos, teve a bondade de enviar uma carta, creio que da Suíça, para Elizavieta Prokófievna?

— Exatamente.

— Então, aqui, conhecem o senhor e com certeza recordam. Veio falar com sua excelência? Vou anunciar agora mesmo... Daqui a pouco ele vai estar livre. Só que o senhor... por enquanto, era melhor aguardar na sala de

espera... Por que ele está aqui? — voltou-se para o camareiro, com ar severo.

— Eu disse, mas ele mesmo quis...

Nesse momento, de súbito, abriu-se a porta do escritório e um militar saiu com uma pasta na mão, falando alto enquanto se despedia, e foi embora.

— Você está aí, Gânia?²⁰ — gritou uma voz de dentro do escritório. — Por favor, venha cá!

Gavrila Ardaliónovitch se despediu do príncipe com uma inclinação de cabeça e entrou depressa no escritório.

Mais ou menos dois minutos depois, a porta se abriu de novo e se ouviu a voz retumbante e amistosa de Gavrila Ardaliónovitch:

— Príncipe, por favor!

O general Ivan Fiódorovitch Epantchin estava de pé no meio de seu escritório e olhava com extrema curiosidade para o príncipe quando ele entrou, e chegou mesmo a dar dois passos em sua direção. O príncipe se aproximou e apresentou-se.

— Muito prazer, senhor — respondeu o general. — E em que posso servi-lo?

— Não tenho nenhum assunto urgente; o meu propósito era simplesmente me apresentar ao senhor. Não queria incomodar, pois não sei em que dia o senhor recebe as visitas nem quais são os seus compromissos... Mas acontece que eu acabei de desembarcar do trem... estou vindo da Suíça.

O general quase chegou a sorrir, mas pensou melhor e se deteve; em seguida, pensou um pouco mais, contraiu as sobrancelhas, observou de novo sua visita dos pés à cabeça, apontou depressa uma cadeira para ele, sentou-se um pouco de lado e, com ar de ansiosa expectativa, virou-se para o príncipe. Gánia se mantinha de pé, num canto do escritório, junto à escrivaninha, e folheava uns papéis.

— Em geral, eu tenho muito pouco tempo para apresentações pessoais — disse o general. — Mas já que o senhor, é claro, tem o seu propósito...

— Eu estava mesmo com o pressentimento — interveio o príncipe — de que o senhor, com certeza, iria supor algum propósito especial na minha visita. Mas, juro por Deus, além do prazer de nos conhecermos, não tenho nenhum objetivo particular.

— É um prazer, é claro, e para mim um prazer extraordinário; mesmo assim, o senhor sabe, nem tudo são alegrias e, às vezes, também ocorrem certas coisas... De mais a mais, eu não consigo em absoluto, até agora, vislumbrar o que há de comum entre nós... por assim dizer, os motivos...

— Motivos não existem, nem se discute, e de comum entre nós, é claro, há bem pouco. Porque, se eu sou o príncipe Míchkin e a sua esposa é da minha família, isso, está claro, não constitui um motivo. Eu compreendo muito bem. Mas, mesmo assim, todo o meu propósito consiste apenas nisto. Faz quatro anos e tanto que estou fora da Rússia; além do mais, quando parti, estava quase completamente louco! Na época, já não conhecia ninguém e, agora, é pior ainda. Preciso ficar com pessoas boas; veja só, eu até tenho, na verdade, uma questão para resolver, mas não sei a quem procurar. Ainda em Berlim, eu pensava: “Eles são quase parentes, vou começar por eles; quem sabe podemos ser úteis uns aos outros, eles a mim e eu a eles... se são pessoas boas?”. E ouvi dizer que os senhores são pessoas boas.

— Sou muito grato ao senhor — admirou-se o general. — Poderia me dizer onde está hospedado?

— Ainda não me instalei em lugar nenhum.

— Quer dizer que veio direto do trem para cá? E... com a bagagem?

— Toda a bagagem que trago comigo é esta trouxinha com minha roupa branca e mais nada; eu costumo levar isso comigo. Até o fim da tarde, tenho tempo de alugar um quarto.

— Portanto, o senhor tem a intenção de alugar um quarto?

— Ah, sim, claro.

— A julgar por suas palavras, eu já estava pensando que o senhor tinha vindo direto para ficar em minha casa.

— Isso poderia acontecer, mas não sem um convite do senhor. Se bem que, confesso, eu não ficaria, mesmo se fosse convidado, e não por algum motivo específico, mas só... por uma questão de índole pessoal.

— Certo, e no caso, aliás, isso vem bem a calhar, pois eu não convidei o senhor e não vou convidar. Permita-me, príncipe, deixar tudo claro, de uma vez por todas: como agora nós já chegamos a um acordo e sabemos que não se pode falar de nenhum parentesco entre nós, embora, para mim, é claro, isso seria algo muito lisonjeiro, portanto...

— Portanto, eu devo me levantar e ir embora? — O príncipe começou a se levantar e chegou até a rir com ar divertido, apesar de toda a evidente dificuldade de sua situação. — E olhe, general, eu juro que, mesmo sem conhecer, na prática, rigorosamente nada dos costumes daqui e sem saber, em geral, como as pessoas daqui vivem, eu estava mesmo achando que, de um jeito ou de outro, ia acontecer exatamente o que aconteceu agora. Pois é, quem sabe tem mesmo de ser assim?... Afinal, nem responderam a minha carta, naquela ocasião... Muito bem, adeus e me perdoe pelo incômodo.

O olhar do príncipe, naquele momento, era tão afetuoso e seu sorriso se mostrava tão isento do menor traço, mesmo oculto, de qualquer sentimento de hostilidade, que o general, de repente, se deteve e, de algum modo, de uma hora para outra, passou a olhar de maneira diferente para sua visita; toda aquela transformação do olhar se deu num piscar de olhos.

— Sabe, príncipe — disse, com voz de todo diferente —, apesar de eu não conhecer o senhor, afinal de contas, talvez a Elizavieta Prokófievna

tenha vontade de conhecer uma pessoa da própria família... Espere um pouco, se tiver tempo.

— Ah, eu tenho tempo, sim; o meu tempo é todo para mim. (E o príncipe logo colocou sobre a mesa seu chapéu mole, de aba redonda.) Confesso que eu estava mesmo calculando que Elizavieta Prokófievna talvez lembrasse que escrevi uma carta para ela. Agora há pouco, enquanto esperava ali fora, o seu criado desconfiou que eu tivesse vindo pedir dinheiro, por causa de meu aspecto pobre; percebi, e o senhor deve ter dado instruções rigorosas a esse respeito; só que eu, na verdade, não vim por isso, mas sim, na verdade, só para nos conhecermos. No entanto, agora, estou achando que incomodei o senhor e isso me preocupa.

— Ora essa, príncipe — disse o general com um sorriso alegre. — Se o senhor for mesmo o que parece, vai ser muito agradável nos conhecermos; entenda, apenas, que eu sou um homem ocupado e daqui a pouco vou ser obrigado a me sentar outra vez à escrivaninha e ler e assinar uma porção de coisas. Depois eu tenho de ir ao encontro de sua alteza, e, em seguida, para o meu trabalho no serviço público e, desse modo, por mais que a companhia das pessoas me deixe contente... pessoas boas, claro... mas... Sabe, eu estou a tal ponto convencido de que o senhor tem uma excelente educação que... Quanto anos o senhor tem, príncipe?

— Vinte e seis.

— Ah! E eu que achava que era muito menos.

— Pois é, dizem que meu rosto parece jovem. Mas logo vou aprender a não perturbar o senhor, porque eu mesmo detesto incomodar... Afinal, me parece que somos pessoas muito diferentes, na aparência... por conta de diversas circunstâncias, quem sabe, não pode mesmo haver entre nós muitos pontos em comum; no entanto, veja, eu mesmo não acredito nesta última ideia, porque muitas e muitas vezes apenas parece não haver pontos

em comum, mas eles existem em grande número... Isso acontece só por preguiça das pessoas, quer dizer, elas escolhem umas às outras só pela primeira impressão e, depois, não conseguem encontrar nada... Aliás, talvez eu esteja começando a aborrecer o senhor, não é? Parece que o senhor...

— Só duas palavrinhas, por gentileza: acaso o senhor possui algum dinheiro? Ou, quem sabe, tem a intenção de procurar um trabalho? Perdoe-me por perguntar desse modo...

— Ora, fique à vontade, eu compreendo e aprecio muito a sua pergunta. Por enquanto, não possuo nenhum dinheiro, e não tenho nenhum trabalho, também por enquanto, e bem que estou precisando. O dinheiro que eu tinha até agora não era meu, me foi dado por Schneider, o meu professor, com quem eu estava me tratando e estudando na Suíça, era um dinheiro só para a viagem, a quantia exata, e desse modo, agora, por exemplo, só me restam uns poucos copeques. Mas, na verdade, tenho um assunto para tratar e, aliás, preciso de um conselho, só que...

— Explique como o senhor pretende sobreviver, por enquanto, e quais são suas intenções? — interrompeu o general.

— Eu queria algum trabalho.

— Ah, sim, o senhor é um filósofo; mas, a propósito... o senhor sabe se tem algum talento, alguma capacidade, qualquer que seja, quero dizer, dessas com que se pode ganhar o pão de cada dia? Perdoe-me, mais uma vez...

— Ah, não peça desculpas. Não, senhor, acho que eu não tenho nem talentos nem qualquer capacidade especial; na verdade, antes o contrário, pois sou uma pessoa doente e não estudei da maneira correta. Quanto ao pão de cada dia, me parece que...

O general o interrompeu, de novo, e se pôs, de novo, a fazer perguntas. O príncipe contou, mais uma vez, tudo que já havia contado. Revelou-se que o general já sabia do falecimento de Pavlíshev e que até o conhecera pessoalmente. O motivo pelo qual Pavlíshev se interessava por sua educação, o próprio príncipe não conseguia explicar — talvez, quem sabe, fosse apenas por conta de sua antiga amizade com o falecido pai do príncipe. Ele havia perdido os pais ainda muito pequeno, crescera e levava toda sua vida no campo, por isso sua saúde tinha necessidade do ar rural. Pavlíshev o havia confiado a algumas senhoras de terras, bem idosas e aparentadas com ele; de início, contrataram uma preceptora para cuidar da educação do príncipe e, depois, um preceptor; entretanto, o próprio príncipe declarou que, embora memorizasse tudo, conseguia explicar bem pouca coisa de forma satisfatória, porque havia muita coisa de que ele não tinha a menor noção. Os ataques frequentes de sua enfermidade o haviam transformado quase num completo idiota (o príncipe usou mesmo a palavra “idiota”). Por fim, contou que Pavlíshev, certo dia, encontrou em Berlim o professor Schneider, um suíço que pesquisava exatamente aquele tipo de doença e tinha uma clínica na Suíça, no cantão de Valais, onde empregava seu método de águas frias e ginástica para tratar o idiotismo e a loucura e, além disso, dava aulas e se dedicava ao desenvolvimento espiritual; contou que Pavlíshev o encaminhara para aquele professor na Suíça havia mais ou menos cinco anos, e que fazia dois anos que o próprio Pavlíshev havia morrido subitamente, sem deixar qualquer orientação; contou que Schneider, por conta própria, o havia sustentado e tratado durante mais dois anos; explicou que Schneider não o havia curado, mas o ajudara muito, e que, enfim, por seu próprio desejo, e por força de uma circunstância inesperada, o mandara de volta à Rússia.

O general se mostrou muito surpreso.

— E o senhor não tem ninguém na Rússia, absolutamente ninguém? — perguntou.

— Agora, ninguém, mas espero... na verdade, eu recebi uma carta...

— Mas pelo menos — interrompeu-o o general, sem escutar a respeito da carta — o senhor aprendeu alguma coisa e sua doença não o impede, por exemplo, de ocupar algum cargo em uma repartição qualquer, não é mesmo?

— Ah, claro que não impede. E quanto a um emprego, eu até desejo muito isso, porque eu mesmo tenho vontade de mostrar do que sou capaz. Afinal, estudei quatro anos seguidos, embora não tenha estudado da maneira correta, mas, digamos assim, pelo sistema peculiar do dr. Schneider e, com isso, eu consegui ler muitos livros russos.

— Livros russos? Portanto, sabe ler e consegue escrever sem erros?

— Ah, perfeitamente.

— Que ótimo, meu senhor; e a caligrafia?

— Minha caligrafia é magnífica. Veja, nisso eu até, quem sabe, tenho algum talento; sou mesmo um verdadeiro calígrafo. Dê-me aqui um papel, eu vou escrever agora alguma coisa para provar ao senhor — disse o príncipe, com entusiasmo.

— Faça-me o obséquio. Existe até uma demanda para isso... E estou gostando dessa sua disposição, príncipe, na verdade, o senhor é muito simpático.

— Mas o senhor tem aqui um magnífico material de escritório, quantos lápis o senhor possui, e quantas penas, e que papel encorpado e magnífico... E que escritório formidável, o do senhor! Olhe, aquela paisagem ali na parede, eu conheço; fica na Suíça. Tenho certeza de que o artista pintou o quadro no próprio local e tenho certeza de que eu mesmo vi esse lugar: é no cantão de Uri...

— É muito provável, se bem que foi comprado aqui mesmo. Gânia, dê uma folha de papel para o príncipe; pronto, aqui está uma pena, e também o papel, sente-se nesta mesinha. O que é? — O general voltou-se para Gânia, que, nesse meio-tempo, havia retirado de sua pasta e entregado para ele um retrato fotográfico em formato grande. — Puxa! Nastássia Filíppovna! Foi ela mesma, em pessoa, que mandou para você, foi ela mesma? — perguntou para Gânia, muito animado e com grande curiosidade.

— Sim, agora há pouco, quando fui dar os parabéns a ela. Já faz bastante tempo que eu tinha pedido. Não sei se foi alguma insinuação da parte dela, por eu ter chegado lá de mãos vazias, sem nenhum presente, num dia como hoje — acrescentou Gânia, sorrindo de modo desagradável.

— Ora, não é isso — interrompeu o general, convicto. — Francamente, que ideia a sua! Desde quando ela iria fazer insinuações?... Pois, afinal, ela não tem nada de interesseira. Além do mais, como você poderia lhe dar algum presente? São necessários milhares de rublos! Por acaso você lhe daria um retrato? A propósito, ela ainda não pediu um retrato a você?

— Não, ainda não pediu; e pode ser que nunca peça. O senhor, Ivan Fiódorovitch, se lembra, é claro, da festa de hoje, não é? Afinal, o senhor é uma das pessoas expressamente convidadas.

— Lembro, lembro, é claro, e estarei lá. Também, pudera, é o aniversário, vinte e cinco anos! Hum... Sabe de uma coisa, Gânia, bem, vá lá, eu vou fazer uma revelação, prepare-se. Ela prometeu a mim e ao Afanássi Ivánovitch que, hoje, na festa em sua casa, ela vai dar a última palavra: sim ou não! Portanto, esteja ciente e preste atenção.

De repente, Gânia se mostrou embaraçado, a tal ponto que chegou a ficar um pouco pálido.

— Ela falou isso mesmo? — perguntou, e a voz pareceu tremer.

— Deu sua palavra anteontem. Nós dois a importunamos tanto que ela acabou se vendo forçada. Só pediu para não contar nada para você antes da hora.

O general observava Gália com olhar aguçado; era evidente que não estava gostando do constrangimento de Gália.

— Lembre-se, Ivan Fiódorovitch — disse Gália, inquieto e hesitante —, que, afinal, ela me deu total liberdade de escolha, enquanto ela mesma não resolver a questão, e mesmo depois disso, a última palavra será minha...

— Então, por acaso, você... por acaso, você... — O general, de repente, se mostrou assustado.

— Eu não fiz nada.

— Por favor, o que é que você quer fazer conosco?

— Eu não estou recuando. Talvez eu não tenha me expressado bem...

— Só faltava você recuar agora! — exclamou o general, com irritação, e sem nenhum desejo de contê-la. — Meu caro, nesta altura, já não se trata mais de *não* recuar, e sim da sua boa vontade, da sua satisfação, da alegria com que você vai receber as palavras dela... Mas, afinal, o que anda acontecendo na sua casa?

— O que tem a minha casa? Na minha casa, tudo corre conforme a minha vontade, só que o meu pai, como de costume, anda fazendo bobagens, mas, afinal, ele já se tornou mesmo um escândalo completo; eu já nem falo mais com o meu pai, também não dou trela para ele e, para dizer a verdade, se não fosse minha mãe, eu já o teria posto para fora de casa. Minha mãe, é claro, fica chorando o tempo todo; minha irmã fica enfurecida, e eu já disse para as duas, com toda a franqueza, que eu sou o dono do meu destino e, na minha casa, faço questão de que me... obedçam. Minha irmã, pelo menos, deixou tudo isso bem explicado para a minha mãe.

— Pois eu, meu caro, continuo sem entender — comentou o general, com ar pensativo, erguendo os ombros de leve e abrindo um pouco os braços. — A Nina Aleksándrovna também, recentemente, quando passou por aqui, você lembra, ficou gemendo e se lamuriando. “O que você tem?”, perguntei. Acontece que, para elas, isso é uma espécie de *desonra*. Mas, permita que eu pergunte: que desonra existe nesse caso? Quem pode censurar Nastássia Filíppovna por qualquer coisa ou acusá-la do que quer que seja? Será possível que é porque ela estava vivendo com o Tótski? Mas, afinal, isso é um disparate tão grande, ainda mais nas circunstâncias que nós tão bem conhecemos! Ela me disse: “O senhor não vai permitir que ela tenha contato com as suas filhas, não é?”. Ora essa! Onde já se viu? E isso foi dito pela Nina Aleksándrovna! Como é possível que ela não entenda, como é possível que ela não entenda...

— A posição dela? — Gánia socorreu o general, que se viu em apuros. — Mas ela entende, sim; o senhor não precisa se zangar com ela. Aliás, na ocasião, passei o maior sermão nas duas, para que não ficassem se metendo em assuntos alheios. Mesmo assim, até agora, a única coisa que está segurando a situação lá em casa é que a última palavra ainda não foi dita, mas a bomba vai estourar. Se a última palavra for dita hoje, aí tudo vai ficar às claras.

O príncipe, em seu canto, acompanhava toda aquela conversa, enquanto se empenhava em seu teste de caligrafia. Ele terminou, foi até a mesa e entregou a folha de papel.

— Quer dizer que esta aqui é a Nastássia Filíppovna? — murmurou o príncipe, depois de olhar para o retrato com atenção e curiosidade. — É incrivelmente bonita! — acrescentou na mesma hora, com fervor. No retrato, estava representada uma mulher, realmente, de beleza fora do comum. Havia sido fotografada num vestido preto de seda, de corte muito

simples e elegante; os cabelos, castanho-escuros na aparência, tinham um penteado simples, de aspecto caseiro; olhos escuros e profundos, testa pensativa; rosto de expressão apaixonada, com um toque de arrogância. Seu rosto era um pouco magro e talvez, até, fosse pálido... Gânia e o general olharam com espanto para o príncipe...

— Como? Se é a Nastássia Filíppovna? Será que o senhor também já conhece a Nastássia Filíppovna? — indagou o general.

— Sim; não faz nem um dia que estou na Rússia e já conheço essa grande beldade — respondeu o príncipe e, sem demora, contou seu encontro com Rogójin e reproduziu todo seu relato.

— E mais essa novidade, agora! — De novo, o general se mostrou preocupado, depois de escutar o relato atentamente, e olhou com agudeza para Gânia.

— Na certa, não passa de falatório indecoroso — resmungou Gânia, também um pouco desconcertado. — O filho do comerciante gosta dessas fanfarrônicas. Já ouvi falar alguma coisa sobre ele.

— Pois eu também, meu caro — confirmou o general. — Naquela ocasião, depois dos brincos, a Nastássia Filíppovna andou repetindo a anedota inteirinha para todo mundo. Só que agora a questão é muito diferente. Talvez se trate mesmo de um milhão, agora, e... é uma paixão, uma paixão indecorosa, vamos admitir, mas, ainda assim, tem uma ponta de paixão e, afinal, todo mundo sabe do que esses senhores são capazes quando estão completamente embriagados!... Hum!... Isso daria uma boa anedota! — concluiu o general, com ar pensativo.

— O senhor está com medo desse milhão? — Gânia abriu um largo sorriso.

— E você não está, não é mesmo?

— O que achou, príncipe — Gânia voltou-se para ele, de repente —, trata-se de uma pessoa séria ou de um mero fanfarrão? Qual a sua opinião?

Quando fez a pergunta, algo diferente se passava no pensamento de Gânia. Era como se uma ideia nova e singular tivesse se acendido em seu cérebro e reluzisse, com impaciência, através de seus olhos. Por sua vez, o general, que se inquietava de modo sincero e ingênuo, também olhou de lado para o príncipe, mas como se não esperasse grande coisa de sua resposta.

— Não sei como explicar ao senhor — respondeu o príncipe. — Só que me pareceu haver muita paixão dentro dele, e uma paixão até um tanto doentia. E ele mesmo também parece muito doente. É bem provável que, já nos primeiros dias em Petersburgo, ele adoça outra vez, ainda mais se cair na boemia.

— É mesmo? Foi essa a impressão do senhor? — O general se aferrou àquela ideia.

— Sim, me pareceu.

— No entanto, histórias desse tipo podem muito bem acontecer, e não dentro de alguns dias, mas ainda hoje mesmo, antes de anoitecer, pode haver uma reviravolta. — E Gânia riu para o general.

— Hum!... É claro... Pode ser, só que aí a questão toda vai depender do que der na cabeça dela — disse o general.

— Mas o senhor bem sabe como ela é às vezes, não é mesmo?

— E como ela é? — exclamou o general, dominado, mais uma vez, por uma perturbação extraordinária. — Escute, Gânia, por favor, você hoje não a contrarie muito e faça um esforço para, entende, ser... em suma, para ser simpático... Hum!... Por que está torcendo a boca desse jeito? Escute, Gavrila Ardalióritch, vem a calhar, aliás, vem muito a calhar, agora, dizer isto para você: afinal de contas, por que nós estamos fazendo essa confusão

toda? Você entende que, no que diz respeito às minhas vantagens pessoais, que estão aqui bem visíveis, já faz tempo que eu estou seguro; de um jeito ou de outro, vou resolver a questão em meu próprio benefício. Tótski tomou sua decisão de forma inapelável e, portanto, eu estou absolutamente seguro. E é por isso que, se agora desejo alguma coisa, é unicamente obter algum benefício para você. Julgue você mesmo; acaso não confia em mim? Além do mais, você é um homem... um homem... em suma, é um homem inteligente, e eu estava contando muito com você... e nesse caso específico, isso... isso...

— Isso é o mais importante — concluiu Gânia, mais uma vez socorrendo o general em apuros, e torceu os lábios num sorriso muito venenoso, que nem queria mais disfarçar. Gânia, com seu olhar chamejante, mirava direto nos olhos do general, como se desejasse que o general lesse, em seus olhos, todo seu pensamento. O general ruborizou-se e ficou furioso.

— Ora essa, é verdade, a inteligência é o mais importante! — concordou o general, olhando com rispidez para Gânia. — E você também é uma pessoa ridícula, Gavrila Ardalióritch! Afinal, parece até contente, pelo que percebo, com a novidade desse comerciantezinho, como se representasse uma saída para você. Mas era justamente nesse caso que você deveria ter usado a inteligência desde o início; justamente nesse caso, era preciso entender e... agir, de ambos os lados, com honestidade e franqueza, do contrário... Era melhor prevenir do que comprometer os outros, ainda mais porque houve tempo de sobra para isso, e mesmo agora ainda há tempo bastante (o general ergueu as sobrancelhas, com ar expressivo), apesar de restarem apenas umas poucas horas... Você compreendeu? Compreendeu? Você quer ou não quer, na verdade? Se não quer, diga logo, e boa sorte. Ninguém está prendendo você, Gavrila Ardalióritch, ninguém está

arrastando você à força para uma cilada, caso esteja vendo nisso uma cilada.

— Eu quero — disse Gânia à meia-voz, mas com firmeza. Baixou os olhos e calou-se com ar soturno.

O general ficou satisfeito. Havia se inflamado, mas, pelo visto, se arrependeu de ter ido tão longe. De súbito, voltou-se para o príncipe e parecia que, pelo seu rosto, passara de repente a ideia inquietante de que o príncipe, afinal de contas, estava li e ouvia tudo. Mas logo se acalmou: bastou olhar para o príncipe para se tranquilizar de todo.

— Ahá! — exclamou o general, ao observar aquela amostra da caligrafia do príncipe. — Mas isto é que é caligrafia! Sim, senhor, que caligrafia primorosa! Olhe só, Gânia, que talento!

Numa espessa folha de papel velino, em letras medievais russas, o príncipe tinha escrito a frase:

“O humilde *igúmen*²¹ Pafnúti²² subscreveu.”

— Veja só isto — explicou o príncipe com extrema satisfação e entusiasmo. — É a própria assinatura do superior de convento Pafnúti copiada de um manuscrito do século xiv. Eles tinham uma caligrafia excelente, todos aqueles nossos velhos metropolitas e *igúmeni*, e, às vezes, que bom gosto e que esmero! Será que o senhor não possui pelo menos uma edição de Pogódin,²³ general? Depois, olhe aqui, escrevi com outra letra: esta é uma letra francesa, grande e redonda, do século passado, eles escreviam até com letras diferentes, uma caligrafia grosseira, de escrivães públicos, copiada de modelos deles mesmos (eu tinha um modelo)... O senhor mesmo há de convir que não deixa de ter seus méritos. Olhe só esses ð e a arredondados. Eu transliterei os caracteres franceses em caracteres russos, o que é muito difícil, mas deu certo. E veja também que caligrafia linda e original, olhe esta frase: “Dedicação acima de tudo”.²⁴ Esta aqui é

uma letra russa de escrivão, ou, se preferir, de escrivão militar. Assim são escritos os documentos oficiais dirigidos a alguém importante, também é uma letra arredondada, magnífica, uma letra chamada *negra*, escrita em tinta bem preta, mas com um gosto extraordinário. Um calígrafo não admitiria esses floreios no final ou, melhor dizendo, essas tentativas de deixar sua marca, olhe esses rabichos inacabados, observe bem, mas no conjunto, veja só, isso acaba constituindo uma particularidade e, de fato, todo o espírito da escrituração militar transparece aqui: existe a vontade de se soltar, e o talento também quer abrir caminho, mas o colarinho da farda militar está preso com firmeza por um gancho, a disciplina exerce sua força até na escrita, é fascinante! Há pouco tempo, um modelo de caligrafia me impressionou muito, eu o encontrei por acaso, e ainda por cima sabe onde? Na Suíça! Pois bem, olhe aqui, estas são letras inglesas puríssimas, simples, comuns: a elegância não tem como ir mais longe do que isso, tudo aqui é encanto, miçanga, pérola; é a perfeição acabada; mas veja também uma variação, de novo uma letra francesa, eu copiei de um caixeiro-viajante francês: esta aqui também é uma letra inglesa, mas a linha preta é um pinguinho mais escura e mais grossa do que a letra inglesa de antes e, veja, a proporção da claridade foi quebrada; e observe também isto: o formato oval foi substituído, ficou um pinguinho mais arredondado, e além disso os floreios são permitidos, mas o floreio é a coisa mais perigosa do mundo! O floreio exige um bom gosto extraordinário; mas também, se der certo, se ele encontrar a proporção correta, aí não há nada que se possa comparar com ele, você pode até se apaixonar pelas letras.

— Ahá! Mas o senhor chega a entrar em tamanhas sutilezas! — riu o general. — Puxa, o senhor, meu caro, não é um mero calígrafo, o senhor é um artista. Não é, Gánia?

— Admirável — disse Gânia. — E tem até a consciência da própria vocação — acrescentou, e riu com ar de zombaria.

— Pode rir, pode rir, mas aqui está aberta uma carreira — disse o general. — O senhor quer saber, príncipe, para que pessoa, agora, nós vamos lhe dar papéis para o senhor escrever? Pois o senhor pode ganhar, de saída, trinta e cinco rublos por mês, para começar. Só que já é meio-dia e meia — concluiu, depois de olhar para o relógio. — Então, ao trabalho, príncipe, pois preciso me apressar. E quem sabe não voltaremos a nos encontrar ainda hoje? Sente aqui um minutinho; eu já expliquei ao senhor que não estou em condições de recebê-lo com muita frequência; mas desejo, sinceramente, dar um pinguinho de ajuda ao senhor, um pinguinho só, é claro, ou seja, em caso de extrema necessidade, e aí, depois, já será por conta do senhor. Vou encontrar uma vaguinha para o senhor numa repartição, nada muito puxado, mas exige pontualidade. Agora, senhor, vamos ao resto: na casa, ou seja, na família de Gavrila Ardaliónitch Ívolguin, este jovem amigo que aqui está, a quem peço que o senhor se apresente, a mãe e a irmã dele desocuparam, em seu apartamento, dois ou três cômodos mobiliados que agora estão alugando, com refeições e arrumadeira incluídas, para inquilinos muito bem recomendados. Com a minha recomendação, tenho certeza de que Nina Aleksándrovna vai aceitar o senhor. No seu caso, príncipe, isso é até mais do que um tesouro, em primeiro lugar porque o senhor não vai estar sozinho, mas, por assim dizer, no seio de uma família e, a meu ver, o senhor não pode, logo de saída, ficar sozinho numa capital como Petersburgo. Nina Aleksándrovna, a mãezinha, e Varvara Ardaliónovna, a irmãzinha de Gavrila Ardaliónitch, são damas que eu respeito extremamente. Nina Aleksándrovna é esposa de Ardalion Aleksándrovitch, general reformado, meu ex-companheiro no primeiro emprego, mas com quem, em razão de determinadas circunstâncias, eu

cortei relações, o que, aliás, não me impede de respeitá-lo, de certo modo. Estou explicando tudo isso ao senhor, príncipe, para que entenda que eu, digamos assim, estou recomendando o senhor em caráter pessoal e, em consequência, estou me responsabilizando pelo senhor. O preço é o mais modesto e, assim espero, seu salário em pouco tempo será de todo suficiente para cobrir essa despesa. É verdade que um homem precisa de alguns trocados para o dia a dia no bolso, por pouco que seja, mas não se irrite, príncipe, se eu disser que é melhor, para o senhor, evitar ter trocados, e mesmo evitar ter algum dinheiro no bolso. Digo isso pela opinião que tenho do senhor. Mas como agora sua carteira está completamente vazia, então, para começar, permita que eu lhe ofereça estes vinte e cinco rublos aqui. Claro, acertaremos as contas mais tarde e, se o senhor for mesmo tão sincero e cordial como parece em suas palavras, então, também nesse caso, não é possível que haja problemas entre nós. Se eu mostro tanto interesse pelo senhor, é porque tenho mesmo um propósito reservado para o senhor; mais tarde o senhor saberá qual. Veja, eu estou falando com o senhor com toda a simplicidade; Gânia, espero que você não tenha nada contra receber o príncipe como inquilino em seu apartamento, certo?

— Ah, pelo contrário! E a mamãe vai ficar muito contente... — confirmou Gânia, delicado e solícito.

— Parece que no apartamento de vocês só há mais um quarto já alugado. Para aquele tal de, como se chama? Fedr... Fer...

— Ferdíschenko.

— Ah, é; eu não gosto desse tal de Ferdíschenko que vocês arrumaram; puxa, que bobalhão mais sebooso. Não entendo por que a Nastássia Filíppovna o incentivava tanto. Será verdade que é parente dela?

— Ah, não, é tudo brincadeira! Não há nem sombra de parentesco.

— Certo, mas que o diabo o carregue! Pois bem, e o senhor, então, príncipe, está satisfeito ou não?

— Sou muito grato ao senhor, general, o senhor agiu comigo com extrema bondade, ainda mais porque eu não pedi nada; e não estou dizendo isso por orgulho; eu não sabia, de fato, onde me abrigar. Mas é verdade que, agora há pouco, o Rogójin me convidou para ficar em sua casa.

— O Rogójin? Essa não; eu aconselharia ao senhor como um pai, ou, se preferir, como amigo, que esqueça o sr. Rogójin. E também recomendaria ao senhor que se mantivesse sempre sob o abrigo dessa família com a qual vai residir.

— Se o senhor ainda quiser ter a bondade — o príncipe tentou explicar —, tenho outro assunto a tratar com o senhor. Eu recebi uma comunicação...

— Muito bem, mas o senhor vai me desculpar — cortou o general. — Agora, não tenho mais nem um minuto. Vou logo informar Lizavieta²⁵ Prokófievna a respeito do senhor: se ela aceitar receber o senhor agora mesmo (eu vou me esforçar para isso e recomendar o senhor), aconselho que aproveite a oportunidade e seja simpático, porque a Lizavieta Prokófievna pode ser muito útil ao senhor; o senhor e ela têm até o mesmo sobrenome de família. Se ela não se interessar, não insista, vai ficar para outra ocasião. Quanto a você, Gânia, enquanto isso, dê uma olhada nestas contas aqui; agora há pouco, eu e o Fedosséiev quebramos a cabeça com isto. Seria bom não se esquecer de incluir estas contas...

O general saiu e o príncipe, portanto, não conseguiu explicar o assunto sobre o qual tentara falar pelo menos quatro vezes. Gânia começou a fumar um cigarro e ofereceu outro ao príncipe; ele aceitou, mas não acendeu, pois não queria incomodar, e se pôs a examinar o escritório; no entanto, Gânia mal olhou para a folha de papel com os números que o general havia

apontado para ele. Estava distraído; o sorriso, o olhar, o ar pensativo de Gânia tornaram-se ainda mais carregados, na visão do príncipe, quando os dois ficaram a sós. De repente, aproximou-se do príncipe, que, naquele momento, estava de novo diante do retrato de Nastássia Filíppovna e o observava.

— Então o senhor gosta dessa mulher, príncipe? — perguntou, de súbito, olhando para ele de modo penetrante. E era como se tivesse alguma intenção fora do comum.

— É um rosto admirável! — respondeu o príncipe. — E estou convencido de que seu destino não é comum. É um rosto alegre, mas ela sofreu demais, não acha? Os olhos dizem isso, veja esses dois ossinhos, os dois pontinhos abaixo dos olhos, no início das bochechas. É um rosto orgulhoso, tremendamente orgulhoso, e eu não sei se ela é bondosa. Será? Ah, quem dera fosse bondosa! Tudo estaria salvo!

— Mas *o senhor* casaria com uma mulher como essa? — prosseguiu Gânia, sem desviar do príncipe seu olhar em brasa.

— Eu não posso casar com ninguém, eu sou doente — respondeu.

— Mas e o Rogójin casaria? O que o senhor acha?

— Ah, sim, claro, casaria, eu creio, e amanhã mesmo, se pudesse; ele casaria e, uma semana depois, talvez, cortaria o pescoço dela.

Assim que o príncipe falou aquilo, Gânia, de repente, teve tamanho sobressalto que o príncipe por muito pouco não deu um grito.

— O que há com o senhor? — perguntou, e segurou sua mão.

— Vossa alteza! Sua excelência o general pede que o senhor tenha a bondade de ir falar com sua excelência a generala — anunciou o laçao que surgiu na porta. O príncipe seguiu o laçao.

As três jovens Epantchina eram senhoritas saudáveis, viçosas, altas, de ombros magníficos, seios pujantes, braços fortes quase como os de um homem e, é claro, em virtude de sua força e saúde, às vezes gostavam de comer bem, algo que não tinham a menor intenção de esconder. A mãe, a generala Lizavieta Prokófievna, não via sempre com bons olhos aquela manifestação explícita do apetite das filhas, porém, a exemplo dessa opinião, muitos outros juízos da mãe, no fundo, e já fazia um bom tempo, haviam perdido a autoridade original e indiscutível entre as filhas, apesar de toda a respeitabilidade aparente com que as palavras da mãe eram recebidas por elas, e isso chegara a tal ponto que o conclave consensual formado pelas três moças estava começando a prevalecer quase sempre, e a generala, por sua vez, por uma questão de amor-próprio, achava mais adequado não discutir e ceder. Na verdade, porém, com grande frequência, o caráter não obedecia e não se submetia às decisões do bom senso; a cada ano, Lizavieta Prokófievna ficava mais cheia de caprichos e menos paciente, chegara mesmo a se tornar um tanto excêntrica, mas como, apesar dos pesares, ela continuava tendo à mão um marido absolutamente submisso e domesticado, o que havia de excessivo e exorbitante terminava caindo nas costas do marido e, depois, a harmonia familiar se restabelecia, mais uma vez, e tudo corria às mil maravilhas.

A própria generala, de resto, também não era de perder o apetite e, em geral, ao meio-dia e meia, junto com as filhas, desfrutava um desjejum opulento, quase semelhante a um almoço. Mais cedo, assim que acordavam, às dez horas em ponto, as senhoritas tomavam uma xícara de café na cama. Gostaram tanto daquilo que, dali em diante, se tornou algo estabelecido em seu cotidiano. Ao meio-dia e meia, a mesa era posta numa pequena sala de refeições, perto do quarto da mãe, e o próprio general, se tivesse tempo, comparecia àquele almoço familiar e íntimo. Além de chá, café, queijo, mel, manteiga, tortinhas especiais, as prediletas da generala, bolinhos de carne etc., servia-se até um nutritivo caldo quente de galinha. Na manhã em que tem início o nosso relato, a família inteira se reuniu na sala de refeições à espera do general, que prometera comparecer ao meio-dia e meia. Caso atrasasse um minuto sequer, logo iriam chamá-lo; mas o general compareceu com pontualidade. Enquanto se aproximava da esposa e beijava sua mãozinha, ele notou em seu rosto, daquela vez, algo especial, até demais. E, apesar de já pressentir desde a véspera que exatamente aquilo iria acontecer, nesse dia, por conta de certa “anedota” (como ele se expressava, segundo seu costume), e apesar de ter ficado inquieto com aquilo já desde a hora em que se deitara para dormir, ainda assim, mais uma vez, naquele momento, o general sentiu medo. As filhas se aproximaram para beijá-lo; embora não estivessem zangadas com ele, mesmo assim, também nelas havia algo um tanto especial. Na verdade, por força de certas circunstâncias, o general se tornara desconfiado em excesso; porém, como era pai e marido experiente e habilidoso, de imediato tratou de tomar suas providências.

Talvez não prejudiquemos muito os contornos de nossa história se nos detivermos aqui e recorrermos à ajuda de certos esclarecimentos para que fiquem patentes, de modo mais direto e exato, as relações e as

circunstâncias em que encontramos a família da generala Epantchina no início de nossa história.

Já dissemos há pouco que o próprio general, apesar de não ser um homem de grande instrução e sim, ao contrário, como ele mesmo gostava de dizer, um “autodidata”, era, todavia, um marido experiente e um pai habilidoso. Por isso, o general havia adotado o método de não apressar as filhas a se casarem, ou seja, de não “ficar pegando no pé delas” e não incomodá-las com as excessivas aflições de seu amor paterno, em seu desvelo para assegurar a felicidade das filhas, como acontece, de forma espontânea e natural, e com demasiada frequência, mesmo nas famílias mais inteligentes e com certa fartura de filhas adultas. O general chegara ao ponto de atrair também Lizavieta Prokófievna para o seu método, embora a tarefa tenha sido bastante árdua — e foi árdua também porque não era algo natural; mas os argumentos do general se mostravam muito ponderados e baseados em fatos palpáveis. Além disso, por serem inteiramente devotadas às decisões do pai e à sua vontade, as noivas, é claro, se veriam obrigadas, no final, a tomar juízo e, nessa hora, a questão ia pegar fogo, porque elas mesmas poriam mãos à obra com toda a disposição, deixando de lado os caprichos e o excesso de escrúpulos; para os pais, restaria apenas observar com mais vigilância, e da maneira mais discreta possível, para evitar alguma opção estranha ou algum desvio impróprio e, depois de escolher o momento adequado, ajudar com todas as forças, de maneira definitiva, empregando toda sua influência para encaminhar a questão a bom termo. Por fim, também contava o simples fato de que, por exemplo, a fortuna e a importância social do general cresciam a cada ano em progressão geométrica; em consequência, quanto mais tempo passava, mais as filhas saíam ganhando, mesmo como noivas. Porém, em meio a todos aqueles fatos inexoráveis, surgiu um fato novo: a filha mais velha, Aleksandra, de

uma hora para outra, e de modo quase totalmente inesperado (como sempre acontece, nesses casos), completou vinte e cinco anos. Quase ao mesmo tempo, Afanássi Ivánovitch Tótski, homem da alta sociedade, com relações ilustres e riqueza incomum, manifestou de novo seu antigo desejo de casar. Era um homem de seus cinquenta e cinco anos, de personalidade refinada e gosto extremamente apurado. Queria casar bem; era um extraordinário apreciador da beleza. Como, desde algum tempo, estabelecera grande amizade com o general Epantchin, reforçada, em especial, pela participação de ambos em certas empresas financeiras, comunicou-lhe a questão e, por assim dizer, pediu-lhe orientação e um conselho de amigo: seria possível propor casamento a uma de suas filhas? Na bela e serena vida familiar do general Epantchin, se deu uma flagrante reviravolta.

A grande beldade na família era, indiscutivelmente, como já foi dito, a caçula, Aglaia. Porém até o próprio Tótski, homem de extraordinário egoísmo, compreendeu que não era ali que devia centrar sua busca e que Aglaia não estava destinada a ele. Talvez o amor um tanto cego e a amizade fervorosa demais entre as irmãs tenham exagerado a questão, mas o fato era que, entre elas, o destino de Aglaia já estava traçado de antemão da maneira mais sincera possível, e não havia de ser um destino simples, mas sim, na medida do possível, um ideal de paraíso terrestre. O futuro marido de Aglaia devia ser dotado de todas as perfeições e alcançar todos os sucessos, sem falar da riqueza. As irmãs haviam deliberado entre si, sem palavras pomposas e supérfluas, a possibilidade de, caso necessário, sacrificarem-se em favor de Aglaia: foi reservado a ela um dote colossal e fora do comum. Os pais tinham ciência daquele acordo entre as irmãs mais velhas e, por isso, quando Tótski pediu conselho, quase não houve dúvidas entre eles de que uma das mais velhas com certeza não se negaria a coroar os desejos dos pais, ainda mais porque Afanássi Ivánovitch não poderia criar nenhum

obstáculo na questão do dote. Já a proposta de Tótski, o próprio general a recebeu, de imediato, à luz do conhecimento que tinha da vida, com o mais alto apreço. Como o próprio Tótski, por enquanto, em razão de certas circunstâncias especiais, calculava os próprios passos com todo o cuidado e ainda estava apenas sondando a questão, os pais também apresentaram o assunto às filhas como se fosse uma conjectura muito remota. A resposta que receberam delas também se revelou completamente vaga, mas pelo menos era uma declaração tranquilizadora, que sugeria que a mais velha, Aleksandra, talvez não se opusesse. Apesar de seu caráter firme, era uma jovem bondosa, sensata e de trato fácil; podia casar com Tótski, até de bom grado, e, se desse sua palavra, cumpriria o prometido. Não gostava de pompa, e não só não trazia a ameaça de muitas solicitações e de mudanças bruscas como podia até amenizar e tranquilizar a vida. De aspecto, era muito bonita, embora não chegasse a ser impressionante. O que poderia haver de melhor para Tótski?

E, no entanto, a questão nunca saía do terreno das sondagens. Entre Tótski e o general, ficou estabelecido, em termos amistosos, que qualquer passo formal e irreversível devia ser evitado. Mesmo os pais não falavam ainda com as filhas de modo absolutamente franco; estava começando uma espécie de dissonância: a generala Epantchina, a mãe da família, por alguma razão, mostrava-se descontente, e aquilo era muito importante. Havia, ali, uma circunstância que atrapalhava tudo, um acaso complicado e embaraçoso, que podia pôr tudo a perder de forma irremediável.

Aquele “acaso” (nas palavras do próprio Tótski) complicado e embaraçoso tivera início muito tempo antes, já havia uns dezoito anos. Ao lado de uma das riquíssimas propriedades rurais de Afanássi Ivánovitch, numa das províncias centrais, um pequeno proprietário paupérrimo, da pequena nobreza, vivia na miséria. Tratava-se de um homem notável por

seus fracassos ininterruptos e anedóticos — era um oficial reformado, de boa família da nobreza, de linhagem até mais pura que a de Tótski, de nome Filipp Aleksándrovitch Baráchkov. Completamente endividado e com todos os bens hipotecados, ele conseguiu, afinal, aos trancos e barrancos, após trabalhar como um forçado, quase como um mujique, pôr em ordem sua pequena propriedade rural de modo satisfatório. Alegrava-se ao extremo com o mais ínfimo sucesso. Entusiasmado e radiante de esperanças, partiu numa viagem de alguns dias para sua cidadezinha natal, na província, a fim de encontrar-se com um de seus principais credores e, se possível, chegar a um acordo definitivo. No terceiro dia de estada na cidade, seu estaroste²⁶ surgiu na sua frente depois de ter viajado a cavalo desde o seu povoado, tinha o rosto queimado e a barba chamuscada, e avisou que, na véspera, em pleno meio-dia, “a fazenda tinha pegado fogo” e, além disso, “a senhora patroa também tinha pegado fogo, mas as criancinhas escaparam a salvo”. Tal surpresa, nem mesmo Baráchkov, já calejado pelas “equimoses da fortuna”, conseguiu suportar; enlouqueceu e, um mês depois, morreu de febre. A fazenda incendiada, com os mujiques dispersos por toda parte, foi vendida a fim de saldar as dívidas; Afanássi Ivánovitch Tótski, por generosidade pessoal, tomou a seu encargo o sustento e a educação das duas pequenas meninas, de seis e sete anos. Foram educadas junto com os filhos do administrador de Afanássi Ivánovitch, um funcionário aposentado, de família numerosa e, além disso, alemão. Em pouco tempo, a caçula morreu de coqueluche e só restou uma delas, Nástia;²⁷ Tótski, no entanto, como vivia no exterior, logo se esqueceu das duas crianças. Após cinco anos, contudo, Afanássi Ivánovitch, de passagem pela região, resolveu dar uma olhada em sua propriedade rural e notou, de repente, na sua casa de fazenda, junto com a família do alemão, uma criança linda, uma menina de uns doze anos, cheia de vida, meiga, inteligente e que prometia ser de uma

beleza fora do comum; nesse aspecto, Afanássi Ivánovitch era um perito infalível. Daquela vez, ele permaneceu na fazenda só alguns dias, mas teve tempo de tomar algumas providências; a educação da menina sofreu uma transformação considerável: foi contratada uma preceptora idosa e respeitável, experiente na educação superior das mocinhas, uma suíça educada, que, além da língua francesa, lecionava diversas ciências. Ela passou a residir na casa de fazenda e a educação da pequena Nastássia adquiriu proporções extraordinárias. Tal educação foi concluída exatamente em quatro anos; a preceptora foi embora e, a fim de cuidar de Nástia, veio uma senhora, também uma espécie de proprietária rural e também vizinha do sr. Tótski, embora suas terras ficassem já em outra província, mais distante, e levou Nástia consigo, seguindo as instruções de Afanássi Ivánovitch e com plenos poderes conferidos por ele. Naquela pequena propriedade rural havia também uma casa de madeira que, embora pequena, tinha acabado de ser reformada; fora decorada com particular elegância, e o povoado, como se fosse de propósito, chamava-se Otrádnoie.²⁸ A proprietária rural levou Nástia direto para aquela casinha sossegada e, como ela, viúva sem filhos, morava apenas a uma versta dali, passou também a residir junto com Nástia. Para cuidar de Nástia, surgiram uma governanta idosa e uma criada, experiente e jovem. Na casa, havia instrumentos musicais, uma graciosa biblioteca para moças, quadros, gravuras, lápis, pincéis, tintas, um lindo cãozinho galgo e, duas semanas depois, o próprio Afanássi Ivánovitch fez uma visita... Daí em diante, de algum modo, ele se encheu de amores por aquele seu remoto povoado na estepe, viajava para lá todo verão, permanecia por dois ou até três meses, e assim foi durante bastante tempo, uns quatro anos, que correram tranquilos e felizes, num ambiente de bom gosto e elegância.

Certa vez, entretanto, no início do inverno, mais ou menos quatro meses depois de uma das visitas de verão de Afanássi Ivánovitch, que naquela ocasião permanecera em Otrádnioie apenas por duas semanas, espalhou-se o boato, ou, melhor dizendo, chegou de algum modo aos ouvidos de Nastássia Filíppovna o boato de que Afanássi Ivánovitch ia casar em Petersburgo com uma beldade rica e da nobreza — numa palavra, havia encontrado um partido sólido e brilhante. Mais tarde, verificou-se que tal boato não era verdadeiro, em todos os detalhes: o casamento não passava de um projeto e tudo ainda estava muito indefinido; contudo, mesmo assim, a partir daquele momento, o destino de Nastássia Filíppovna sofreu uma reviravolta extraordinária. De uma hora para outra, ela manifestou uma firmeza de propósitos fora do comum e revelou uma índole mais do que surpreendente. Sem perder muito tempo em pensamentos, abandonou sua casinha de campo, apareceu, de repente, em plena Petersburgo e, sozinha e por sua conta, foi direto para a casa de Tótski. Ele ficou espantado, tentou dizer algo, mas, de súbito, quase nas primeiras palavras, ficou claro que era preciso mudar completamente o estilo, o diapásão da voz, os temas amenos, as conversas graciosas de antes, usadas até então com grande sucesso, a lógica — tudo, tudo, tudo! Diante dele, estava outra mulher, em tudo diferente, sem a menor semelhança com aquela que ele conhecia até então, e que havia deixado pouco antes, no mês de julho, no povoado de Otrádnioie.

Aquela nova mulher, como ficou claro, em primeiro lugar, sabia e compreendia uma quantidade de coisas fora do comum — a tal ponto que era inevitável admirar-se e perguntar-se de onde ela havia conseguido extrair tais informações e como conseguira elaborar, no pensamento, conceitos tão exatos. (Teria sido com a ajuda de sua biblioteca para moças?) Além do mais, ela possuía grande entendimento até de questões jurídicas e

um conhecimento positivo, se não da sociedade propriamente, pelo menos de como certas questões transcorriam na sociedade; em segundo lugar, seu caráter de agora era em tudo diferente do anterior, ou seja, não havia aquele elemento tímido e indefinido de aluna de internato, que às vezes seduzia, por sua vivacidade original e inocência, mas que, outras vezes, deixava a mocinha melancólica e pensativa, espantada, desconfiada, chorosa e inquieta.

Não: ali, na sua frente, quem gargalhava e o alfinetava com sarcasmos venenosos era uma criatura fora do comum e inesperada, que lhe declarava, com toda a franqueza, que jamais tivera no coração nenhum sentimento por ele senão o mais profundo desprezo, um desprezo que beirava a náusea e que havia começado logo depois do espanto inicial. Aquela nova mulher deixava claro que, para ela, era de todo indiferente, no sentido pleno da palavra, se ele agora ia casar ou não, bem como com quem pretendia se casar, mas também deixava claro que tinha vindo para não permitir tal casamento, e não o fazia por maldade, mas sim unicamente porque esse era o seu desejo e, portanto, assim devia ser — “nem que seja só para que eu possa rir de você à vontade, porque agora, afinal, eu também quero rir”.

Pelo menos foi assim que ela se expressou; mas talvez não tenha dito tudo o que andava em seu pensamento. Porém, enquanto a nova Nastássia Filíppovna dava gargalhadas e deixava tudo às claras, Afanássi Ivánovitch refletia em seu íntimo sobre aquela questão e, na medida do possível, punha em ordem alguns pensamentos desconexos. Sua reflexão se prolongou por um bom tempo; ele esmiuçou o assunto por quase duas semanas, em busca de uma decisão definitiva; ao fim desse período, sua decisão estava tomada. O problema era que, naquela altura, Afanássi Ivánovitch já beirava os cinquenta e cinco anos, era um homem sério e muito bem estabelecido. Sua posição na sociedade e no mundo se consolidara havia muito tempo, com

base nos alicerces mais firmes. Acima de tudo no mundo, ele prezava e amava a si mesmo, a própria tranquilidade e o próprio conforto, como convinha a um homem digno no mais alto grau. Não se podia admitir a mais ínfima perturbação, o mais ínfimo abalo naquilo que, ao longo de uma vida inteira, havia se consolidado e adquirido uma forma tão bela. De outro lado, sua experiência e sua visão profunda das coisas logo sugeriram a Tótski, com uma segurança fora do comum, que agora ele tinha de lidar com uma criatura absolutamente excepcional, ou seja, uma criatura que não apenas fazia ameaças como cumpria o prometido, a qualquer preço, e que, acima de tudo, decididamente, não se detinha diante de coisa alguma, ainda mais porque não tinha apreço por nada no mundo e, por conta disso, era impossível até mesmo seduzi-la. Obviamente, havia ali outra coisa, que deixava subentendida uma espécie de podridão do coração e da alma — algo semelhante a algum tipo de indignação romântica, Deus sabe contra quem e contra o quê, uma espécie de sentimento insaciável de desprezo, que foi muito além de qualquer medida —, numa palavra, algo ridículo e inaceitável ao extremo numa sociedade decente e que, para qualquer pessoa decente que calhasse de cruzar com aquilo em seu caminho, representaria o mais puro castigo divino. Claro, com a riqueza e as boas relações de Tótski, era possível perpetrar alguma pequenina maldade, inocente por completo, a fim de evitar aborrecimentos. De outro lado, era óbvio também que a própria Nastássia Filíppovna não estava em condições de fazer quase nada de prejudicial, mesmo que fosse, por exemplo, no sentido jurídico; não poderia nem mesmo criar um escândalo de peso, porque sempre era possível, e era até muito fácil, mantê-la dentro de certos limites. Mas tudo isso só valia caso Nastássia Filíppovna resolvesse agir como todos agem, em geral, em casos semelhantes, e não ir, excentricamente, além de todas as medidas. Entretanto, foi aí que Tótski tirou proveito de sua agudeza de

visão; ele soube adivinhar que a própria Nastássia Filíppovna entendia muito bem como era inofensiva do ponto de vista jurídico, mas percebeu também que ela trazia algo muito diverso no pensamento e... nos olhos cintilantes. Sem apreço por nada, e muito menos por si mesma (era preciso muita inteligência e perspicácia para adivinhar, naquele momento, que já fazia muito tempo que ela deixara de ter apreço por si mesma, bem como para acreditar na seriedade de tal sentimento, apesar de Tótski ser um cético e um cínico mundano), Nastássia Filíppovna era capaz de arruinar a própria vida, de forma irremediável e aterradora, mesmo ao preço dos trabalhos forçados e da Sibéria, apenas para cobrir de infâmia o homem por quem nutrisse uma repulsa tão desumana. Afanássi Ivánovitch jamais escondia que era um tanto covarde ou, melhor dizendo, conservador no mais alto grau. Se soubesse, por exemplo, que seria assassinado na hora do casamento ou que aconteceria alguma coisa do tipo, algo extremamente indigno, ridículo e desagradável na sociedade, ele ficaria assustado, é claro, mas não tanto porque seria morto ou ferido com gravidade ou porque iriam cuspir em seu rosto em público etc. etc., mas porque aquilo seria executado de forma desagradável e imprópria. E, afinal, era exatamente isso que Nastássia Filíppovna profetizava, embora nada tivesse dito, ainda, sobre o assunto; ele sabia que ela o compreendia e que o havia estudado no mais alto grau e, por conseguinte, sabia também como devia atacar Tótski. E uma vez que o casamento, de fato, ainda não passava de uma intenção, Afanássi Ivánovitch resignou-se e rendeu-se a Nastássia Filíppovna.

E havia outra circunstância que contribuiu para sua decisão: era difícil até conceber a que ponto aquela nova Nastássia Filíppovna diferia da anterior. Antes, não passava de uma menina bonitinha, mas agora... Durante muito tempo, Tótski não conseguiu se perdoar por ter olhado para ela durante quatro anos sem enxergar o que estava na sua frente. É verdade que também

pesava bastante, de ambas as partes, o momento em que a reviravolta se deu, interiormente e de modo repentino. Entretanto, ele recordava que, em momentos anteriores, tivera pensamentos estranhos, por exemplo, quando via aqueles olhos: era como se pressentisse neles uma espécie de treva profunda e misteriosa. Aquele olhar mirava como se formulasse um enigma. Nos últimos dois anos, ele se admirara muitas vezes com a mudança de cor no rosto de Nastássia Filíppovna: ela se tornara muito pálida e — por estranho que pareça — ficara até mais bela desse modo. Tótski, que, de início, a exemplo do que faz qualquer cavalheiro que sempre soube gozar a vida, encarava com desprezo aquela alma inexperiente e que lhe havia custado tão barato, ultimamente passara a ter dúvidas acerca de seu próprio julgamento. Em todo caso, na primavera anterior, resolvera providenciar, sem demora, um casamento excelente e rentável para Nastássia Filíppovna, com algum senhor decente e sensato que exercesse um cargo em outra província. (Oh, como Nastássia Filíppovna, depois, zombaria daquilo de maneira maldosa e terrível!) Porém, agora, fascinado pela novidade, Afanássi Ivánovitch pensou até que podia, mais uma vez, tirar proveito daquela mulher. Decidiu instalar Nastássia Filíppovna em Petersburgo e cercá-la de luxo e conforto. Se não podia ser de um jeito, seria de outro: Nastássia Filíppovna podia destacar-se pela elegância e até pela ostentação, num determinado círculo. O próprio Afanássi Ivánovitch tinha muito apreço por sua reputação naquele terreno.

Passaram mais cinco anos de vida petersburguesa e, claro, naquele período, muita coisa acabou se definindo. A posição de Afanássi Ivánovitch era irremediável; o pior de tudo era que ele, como havia se acovardado uma vez, já não conseguia se acalmar de forma nenhuma. Tinha medo — e ele mesmo ignorava exatamente de quê —, pura e simplesmente tinha medo de Nastássia Filíppovna. Durante certo tempo, nos dois primeiros anos, ele

passou a desconfiar que a própria Nastássia Filíppovna desejava casar-se com ele, mas que nada dizia em razão de uma vaidade extraordinária e, com persistência, esperava o pedido de casamento de Tótski. Tal pretensão seria estranha; Afanássi Ivánovitch franzia as sobrancelhas e refletia arduamente. Para sua grande e um tanto desagradável surpresa (assim é o coração humano!), ele, de repente, por força de um acaso, se convenceu de que, se ele mesmo fizesse o pedido de casamento, não seria aceito. Durante muito tempo, não compreendeu aquilo. Só uma explicação lhe parecia possível: que o orgulho “de uma mulher ofendida e extravagante” podia chegar a tamanho frenesi que, para ela, seria mais palatável manifestar seu desprezo por meio de uma recusa do que definir sua situação de uma vez por todas e alcançar uma grandeza inatingível. O pior de tudo era que Nastássia Filíppovna havia tomado uma posição tremendamente vantajosa. Ela tampouco se deixava levar pelo interesse, por grande que fosse, e apesar de ter aceitado o conforto a ela oferecido, vivia de maneira muito modesta e, naqueles cinco anos, não havia poupado quase nada. Afanássi Ivánovitch arriscou um procedimento muito astuto a fim de romper as correntes que o prendiam: passou a seduzi-la de maneira imperceptível e engenhosa, mediante a hábil ajuda de várias seduções ideais; no caso, eram ideais personificados: príncipes, hussardos, secretários de embaixadas, poetas, romancistas, até socialistas — nada produzia a menor impressão em Nastássia Filíppovna, como se, em lugar de um coração, ela tivesse uma pedra, e os sentimentos houvessem murchado e morrido para sempre. Ela vivia, em geral, na solidão, lia, até estudava, e amava a música. Conhecidos, tinha poucos; encontrava-se apenas com alguns funcionários pobres e irrisórios, conhecia duas atrizes quaisquer e algumas velhas, gostava muito da família numerosa de um professor respeitado e, naquela família, também gostavam muito dela e a recebiam com satisfação. Muitas vezes, à noitinha,

cinco ou seis pessoas, no máximo, a visitavam. Tótski comparecia com muita frequência e pontualidade. Fazia pouco tempo que o general Epantchin havia se aproximado de Nastássia Filíppovna, mas não sem algum esforço. Entretanto, sem nenhum esforço, e até com a maior facilidade, também fez amizade com ela um jovem funcionário de sobrenome Ferdíschenko, um palhaço indecoroso que se achava muito engraçado e tinha um fraco pela bebida. Outro conhecido, ali, era um jovem estranho, de sobrenome Ptítsin, modesto, escrupuloso e muito arrumado, oriundo de uma vida miserável e que se tornou usurário. Por último, Gavrila Ardaliónovitch também se tornou um frequentador da casa... No final, Nastássia Filíppovna acabou criando em torno de si uma fama estranha: todos sabiam de sua beleza, mas só isso. Ninguém podia se gabar de nada, ninguém podia contar coisa alguma. Tal reputação, seu nível de instrução, suas maneiras elegantes, sua presença de espírito — tudo aquilo Afanássi Avánovitch pôde confirmar de forma definitiva, num certo plano. Foi também aí que começou a fase em que o general Epantchin participou de forma ativa e extraordinária de toda essa história.

Quando Tótski o procurou em busca de um conselho de amigo sobre uma ou outra das srtas. Epantchina, o próprio Tótski, da maneira mais nobre possível, acabou lhe fazendo uma confissão sincera e completíssima. Revelou que havia decidido não se deter mais *diante de quaisquer circunstâncias*, a fim de alcançar sua liberdade; que não sossegaria enquanto a própria Nastássia Filíppovna não lhe comunicasse que, dali em diante, de uma vez por todas, iria deixá-lo em paz; que palavras de nada valiam para ele e que ele precisava de garantias plenas. Os dois chegaram a um entendimento e decidiram agir em conjunto. De início, deliberaram experimentar os meios mais brandos e, por assim dizer, fazer vibrar “as cordas nobres do coração”. Os dois foram à casa de Nastássia Filíppovna, e

Tótski entrou direto no assunto, explicou a ela o horror insuportável de sua situação; culpou a si mesmo por tudo; sem rodeios, disse que não podia arrepender-se de sua conduta inicial com ela, pois era um voluptuoso inveterado, sem forças para se controlar, mas que agora queria casar e que toda a sorte daquele casamento, digno e respeitável no mais alto grau, estava em suas mãos; em suma, disse que ele estava contando inteiramente com o coração nobre dela. Em seguida, o general Epantchin tomou a palavra, em sua condição de pai, e falou de maneira sensata, evitou o sentimentalismo, sublinhou apenas que reconhecia o pleno direito que tinha Nastássia Filíppovna de decidir o destino de Afanássi Ivánovitch, vangloriou-se engenhosamente da própria humildade, dando a entender que o destino de sua filha, e talvez também das outras duas filhas, dependia agora da decisão de Nastássia Filíppovna. “O que, exatamente, estavam querendo dela?” Com a mesma franqueza sem rodeios, Tótski confessou que, cinco anos antes, ficara tão assombrado que, mesmo agora, não conseguiria viver em paz enquanto a própria Nastássia Filíppovna não se casasse com alguém. Acrescentou de imediato que tal pedido de sua parte seria absurdo, é claro, se ele não tivesse algumas razões bem fundamentadas. Havia notado com clareza e soubera de modo inequívoco que um jovem de sobrenome muito respeitável e que residia com uma ótima família, ou seja, Gavriila Ardaliónovitch Ívolguin, que ela conhecia e que frequentava sua casa, fazia tempo que a amava com toda a força da paixão e, sem dúvida, daria metade da própria vida em troca da esperança de ganhar sua simpatia. Gavriila Ardaliónovitch fizera tais confissões ao próprio Afanássi Ivánovitch já havia um bom tempo, por amizade e também por pureza de um coração jovem, e também já havia um bom tempo que isso era do conhecimento de Ivan Fiódorovitch, generoso protetor do rapaz. Por fim, a menos que o próprio Afanássi Ivánovitch estivesse muito

enganado, o amor do jovem já era do conhecimento da própria Nastássia Filíppovna, fazia também um bom tempo, e ele tinha até a impressão de que ela encarava tal amor com indulgência. Claro que aquele era o assunto mais difícil para ele tratar. Porém, se Nastássia Filíppovna estivesse disposta a admitir que nele, Tótski, além do egoísmo e do desejo de consolidar seu destino pessoal, havia pelo menos algum desejo de felicidade também para ela, compreenderia que já fazia um bom tempo que, para ele, era estranho e opressivo encarar a solidão de Nastássia Filíppovna; que naquilo só havia uma treva indefinida, uma completa descrença na regeneração da vida, a qual poderia, de maneira tão bela, renascer no amor e na vida em família e, desse modo, ganhar um propósito novo; que a supressão dos próprios talentos, talvez brilhantes, que o apego voluntário à própria melancolia, em suma, que até certa dose de romantismo não eram dignos nem da mente sadia nem do coração generoso de Nastássia Filíppovna. Após repetir que, para ele, aquilo era o mais difícil de dizer, explicou que não podia renunciar à esperança de que Nastássia Filíppovna não reagiria com desprezo se ele expressasse seu desejo sincero de assegurar a felicidade dela no futuro e lhe oferecer a soma de setenta e cinco mil rublos. Acrescentou, a título de esclarecimento, que, de todo modo, tal soma já estaria destinada a ela em seu testamento; numa palavra, não se tratava, no caso, de nenhuma forma de compensação... e que, enfim, por que não admitir e não perdoar que nele houvesse o desejo humano de aliviar a própria consciência, por pouco que fosse etc. etc., e tudo o mais que se costuma dizer em casos semelhantes. Afanássi Ivánovitch falou demoradamente e com eloquência, acrescentando ainda, de passagem, por assim dizer, a informação bastante curiosa de que aqueles setenta e cinco mil rublos estavam sendo mencionados pela primeira vez e que o próprio Ivan Fiódorovitch, ali presente, nada sabia a respeito; em suma, *ninguém* sabia.

A resposta de Nastássia Filíppovna deixou os dois assombrados.

Não apenas não se percebia nela o mais ínfimo sinal da zombaria anterior, da hostilidade e do ódio anteriores, da gargalhada anterior, cuja mera lembrança provocava, ainda, um calafrio na espinha de Tótski, como também, ao contrário, ela pareceu alegrar-se por finalmente poder falar com alguém de modo sincero e amigável. Confessou que já fazia tempo que desejava pedir um conselho de amigo e apenas o orgulho a impedia, mas, agora que o gelo estava se rompendo, nada poderia ser melhor. De início, com um sorriso tristonho e, depois, com uma risada alegre e desinibida, admitiu que, em todo caso, a tempestade de antes não podia se repetir; disse que fazia tempo que havia mudado, em parte, sua visão das coisas e que, embora não tivesse mudado no coração, ainda assim ela se via obrigada a admitir muita coisa como fato consumado; o que estava feito, estava feito, o que passou, passou, tanto assim que ela achava até estranho que Afanássi Ivánovitch continuasse tão assustado. Nesse ponto, ela se dirigiu a Ivan Fiódorovitch e, com ar do mais profundo respeito, declarou que, havia bastante tempo, ouvia falar muito bem sobre as filhas dele e que desde muito tempo já se habituara a respeitá-las de modo sincero e profundo. A simples ideia de que ela poderia ser útil, de algum modo, para as filhas do general já seria, pelo visto, uma felicidade e um orgulho para Nastássia Filíppovna. Era verdade que, no momento, ela andava abatida e entediada, muito entediada; Afanássi Ivánovitch tinha adivinhado os sonhos dela; Nastássia Filíppovna desejava renascer, se não no amor, ao menos numa família, com a consciência de um propósito novo; porém, sobre Gavrila Ardaliónovitch, ela quase nada podia dizer. De fato, parecia que ele a amava; ela sentia que talvez também pudesse amá-lo, se conseguisse confiar na firmeza do afeto dele; porém, mesmo admitindo que fosse sincero, ele era muito jovem; a decisão era difícil. No entanto, o que mais

lhe agradava era o fato de ele ter emprego, trabalhar e sustentar sozinho a família inteira. Tinha ouvido dizer que era um homem decidido, orgulhoso, que queria fazer carreira, subir na vida. Soubera também que Nina Aleksándrovna Ívolguina, mãe de Gavrila Ardaliónovitch, era uma mulher excelente e respeitável no mais alto grau; que a irmã dele, Varvara Ardaliónovna, era uma jovem notável e decidida; Ptítsin havia lhe contado muita coisa a respeito da moça. Nastássia Filíppovna ouvira dizer que elas suportaram com bravura seus infortúnios; gostaria muito de travar conhecimento com elas, porém restava saber se a receberiam com hospitalidade em sua família. Não tinha absolutamente nada a opor quanto à possibilidade daquele casamento, mas ainda era preciso refletir bastante; gostaria que não a apressassem. No tocante aos setenta e cinco mil rublos, Afanássi Ivánovitch não precisava ter ficado tão cheio de dedos ao falar do assunto. Ela entendia, ela também prezava muito o dinheiro e, claro, aceitava. Agradeceu a Afanássi Ivánovitch sua delicadeza e agradeceu também por não ter falado sobre o dinheiro com o general e nem mesmo com Gavrila Adaliónovitch. No entanto, por que não deixá-lo ciente disso, de antemão? Ao ingressar na família dele, Nastássia Filíppovna não teria nada do que se envergonhar por causa daquele dinheiro. Em todo caso, não tinha intenção de pedir desculpas por nada a ninguém, e queria que todos soubessem daquilo. Não se casaria com Gavrila Ardaliónovitch enquanto não estivesse convencida de que, nele e em sua família, não havia nenhuma segunda intenção a respeito dela. De todo modo, não se considerava culpada de coisa alguma e era melhor que Gavrila Ardaliónovitch soubesse em que condições ela havia passado aqueles cinco anos em Petersburgo, que tipo de relações tivera com Afanássi Ivánovitch e que patrimônio havia acumulado. Por último, se ela estava aceitando, agora, algum capital, não era absolutamente em pagamento da desonra de sua virgindade, da qual ela

não tinha culpa, mas como mera recompensa por seu destino feito em pedaços.

Por fim, enquanto expunha tudo aquilo, ela chegou a se inflamar e a se irritar a tal ponto (o que, de resto, era até natural) que o general Epantchin se sentiu bastante satisfeito e considerou a questão encerrada; Tótski, porém, sempre atemorizado, continuava sem acreditar, mesmo agora, e ainda temia que houvesse alguma serpente oculta por baixo das flores. Entretanto, os entendimentos tiveram início; o ponto em que se baseavam as manobras dos dois amigos, a saber, a possibilidade de Nastássia Filíppovna enamorar-se de Gánia, começou pouco a pouco a se definir com mais clareza e a se mostrar mais fundamentada, tanto que o próprio Tótski, às vezes, chegava a acreditar na possibilidade de sucesso. Nesse meio-tempo, Nastássia Filíppovna conversou com Gánia: poucas palavras foram ditas, como se o seu pudor sofresse com aquilo. No entanto, ela admitia que autorizava o amor de Gánia, mas explicou, de maneira insistente, que não queria se ver tolhida por coisa alguma; que ela, até o casamento (se houvesse casamento), mantinha-se no direito de dizer “não”, até o último instante; exatamente o mesmo direito teria Gánia. Em pouco tempo, graças a um acaso oportuno, Gánia soube, de forma positiva, que a má vontade de toda sua família com aquele casamento e, pessoalmente, com Nastássia Filíppovna, que havia se revelado em brigas domésticas, já era do conhecimento de Nastássia Filíppovna, em muitos pormenores; ela mesma não conversava sobre o assunto com Gánia, embora ele esperasse por isso todos os dias. Aliás, talvez houvesse muito mais a relatar de todas as histórias e circunstâncias que vieram à tona por conta daquele casamento e daquelas negociações; porém, em nosso relato, acabamos indo além do que convinha, sobretudo porque algumas daquelas circunstâncias se manifestavam, ainda, em forma de boatos muito vagos. Por exemplo,

parecia que Tótski soubera, de algum modo, que Nastássia Filíppovna estabelecera certas relações vagas e secretas com as filhas do general Epantchin — um boato de todo inverossímil. Por outro lado, Tótski não pôde deixar de crer em outro boato, que ele passou a temer como um pesadelo: ouviu de fonte segura que Nastássia Filíppovna parecia saber, com muita certeza, que Gânia ia casar só por dinheiro, que Gânia tinha a alma sombria, avarenta, sôfrega, invejosa, de uma vaidade ilimitada e completamente egoísta; que Gânia, apesar de ter, de fato, tentado com paixão conquistar Nastássia Filíppovna anteriormente, quando os dois amigos decidiram tirar partido daquela paixão, que estava apenas começando a ser recíproca, e comprar Gânia em proveito próprio por meio da venda de Nastássia Filíppovna para ele, na condição de esposa legal, nesse ponto Gânia passou a odiá-la como um pesadelo. Na alma de Gânia, paixão e ódio pareciam ter se fundido de modo estranho e, embora ele, depois de hesitações torturantes, tivesse aceitado, ao final, casar-se com aquela “mulher asquerosa”, ele mesmo jurou, no íntimo, vingar-se dela amargamente e lhe “dar uma lição”, mais tarde, como ele mesmo, ao que tudo indica, se expressava. Nastássia Filíppovna parecia saber de tudo aquilo e parecia também estar preparando algo em segredo. Tótski já andava a tal ponto apavorado que nem mesmo para o general Epantchin expressava suas inquietações; porém havia momentos em que ele, como pessoa fraca, se animava de novo e sentia a alma renascer: por exemplo, ele se animou muito quando Nastássia Filíppovna, por fim, prometeu aos dois amigos que, à noite, no dia de seu aniversário, daria a última palavra. Por outro lado, o boato mais estranho e mais incrível, e que dizia respeito ao próprio e respeitável Ivan Fiódorovitch, infelizmente, estava se revelando cada vez mais verdadeiro.

À primeira vista, tudo parecia o mais puro disparate. Era até difícil acreditar que Ivan Fiódorovitch, com sua idade avançada e venerável, com sua magnífica inteligência e seu sólido conhecimento da vida etc. etc., tivesse sido seduzido por Nastássia Filíppovna — mas era o que parecia, e parecia a tal ponto que aquele capricho já estava adquirindo o aspecto de uma paixão. Era difícil até imaginar em que ele apoiava suas esperanças, naquele caso. Quem sabe não era na colaboração do próprio Gánia? Pelo menos, Tótski desconfiava de algo semelhante, desconfiava da existência de uma espécie de acordo tácito, ou quase, respaldado no profundo conhecimento mútuo que havia entre o general e Gánia. De resto, é sabido que o homem atraído em demasia pela paixão, sobretudo na idade mais avançada, torna-se completamente cego e disposto a vislumbrar esperanças onde elas não existem de forma alguma; além do mais, ele perde o bom senso e age como uma criança estúpida, mesmo quando é um poço de sabedoria. Era do conhecimento geral que, no aniversário de Nastássia Filíppovna, o general tinha intenção de presenteá-la com um magnífico colar de pérolas, que custara uma fortuna, e ele estava muito ansioso pelo efeito daquele presente, embora soubesse que Nastássia Filíppovna não era uma mulher interesseira. Na véspera do aniversário de Nastássia Filíppovna, ele chegou a andar febril, embora disfarçasse com habilidade. A generala Epantchina soube daquele colar de pérolas. Na verdade, havia um bom tempo que Lizavieta Prokófievna começara a perceber a leviandade do marido e até, em parte, habituara-se com isso; porém era impossível deixar passar em branco um incidente como aquele: os rumores sobre o colar de pérolas a deixaram muito preocupada. O general descobriu a tempo; ainda na véspera, tinham sido ditas algumas palavrinhas; ele estava pressentindo uma conversa decisiva e tinha medo. Por isso, naquela manhã em que começamos nossa história, ele não queria, em nenhuma hipótese, ir almoçar

em companhia da família. Antes mesmo da chegada do príncipe, ele já havia tomado a decisão de usar como pretexto compromissos de trabalho e esquivar-se. No caso do general, esquivar-se significava, às vezes, pura e simplesmente fugir. Pelo menos naquele dia e, acima de tudo, naquela noite, ele desejava sair ganhando sem contratempos. E, de repente, viera muito a calhar a chegada do príncipe. “Como se Deus o tivesse enviado!”, pensou o general, quando entrou no quarto da esposa.

V

A generala era ciosa de suas origens. Qual não terá sido sua sensação ao ser informada, de maneira direta e sem qualquer preparação, de que o último da linhagem dos príncipes Míchkin, sobre o qual ela já ouvira falar, não passava de um lamentável idiota, quase um indigente, que, por causa da pobreza, recebia esmolas? Era exatamente esse efeito que o general almejava, a fim de atirar de um só golpe o interesse da esposa e, de certo modo, desviar tudo para outra direção.

Em casos extremos, a generala costumava revirar muito os olhos e, sem dizer nenhuma palavra, inclinar o tronco um pouco para trás, enquanto olhava de maneira vaga para sua frente. Era uma senhora alta, da mesma idade que o marido, cabelo escuro já bem grisalho, mas ainda bastante denso, nariz um pouco adunco, magra, de faces amarelas e cavadas, lábios finos e murchos. Tinha testa alta, mas estreita; olhos cinzentos, bem grandes, de expressão às vezes inesperada. Em outros tempos, teve a fraqueza de acreditar que seu olhar produzia um efeito extraordinário; tal convicção persistia, nela, inabalável.

— Recebê-lo? O senhor quer dizer recebê-lo agora, já? — E a generala, com toda a força, girou os olhos na direção de Ivan Fiódorovitch, que se pôs a andar para lá e para cá, na sua frente.

— Oh, nesta altura, não é preciso nenhuma cerimônia, basta que você, minha cara, faça a gentileza de vê-lo — o general tratou logo de esclarecer. — É uma verdadeira criança, e chega mesmo a dar pena; tem uns ataques de uma espécie qualquer de doença; acabou de chegar da Suíça, desembarcou do trem há pouco, usa roupas estranhas, mais ou menos à maneira alemã e, ainda por cima, literalmente, não tem nenhum copeque no bolso; parece à beira das lágrimas. Eu lhe dei vinte e cinco rublos e quero ver se arranjo para ele um empreguinho qualquer na repartição. E às senhoras, *mesdames*, peço que lhe sirvam algo para comer, pois ele parece esfomeado...

— O senhor muito me admira — prosseguiu a generala, tal como antes. — Esfomeado e com ataques de alguma doença! Que ataques?

— Oh, os ataques não se repetem com frequência, além disso, ele é quase como uma criança, embora seja muito instruído. E eu gostaria de lhes pedir, *mesdames* — voltou-se de novo para as filhas —, que o examinassem com atenção, pois, de um modo ou de outro, seria bom saber do que ele é capaz.

— E-xa-mi-nar? — a generala esticou bem a palavra e, com o mais profundo espanto, recomeçou a girar os olhos, passando das filhas para o marido e vice-versa.

— Ah, minha cara, não entenda nesse sentido... De resto, faça como quiser; minha intenção é cobri-lo de atenções e trazê-lo para nossa casa, pois isso constitui quase uma boa ação.

— Trazer para a nossa casa? Ele veio da Suíça?

— A Suíça não vem ao caso, aliás, repito, faça como quiser. Afinal, eu estou agindo assim porque, em primeiro lugar, ele tem o mesmo sobrenome de família que você e talvez até seja um parente seu e, em segundo lugar, ele nem sabe onde vai dormir. Cheguei a pensar que você talvez tivesse algum interesse por ele, pois, apesar de tudo, é da família.

— Claro, *maman*, não é mesmo preciso ter cerimônia com ele; além do mais, se chegou de viagem e deve estar com fome, por que não lhe dar comida, já que nem sabe onde vai dormir? — disse a filha mais velha, Aleksandra.

— Além disso, é uma verdadeira criança, vocês podem até brincar de cabra-cega com ele.

— De cabra-cega? Como assim?

— Ah, *maman*, pare de representar, por favor — interrompeu Aglaia, com irritação.

A filha do meio, Adelaida, achando graça, não se conteve e deu uma risada.

— Mande-o entrar, *papa*, *maman* deixa — decidiu Aglaia. O general tocou a sineta e mandou chamar o príncipe.

— Certo, mas contanto que amarrem um guardanapo no seu pescoço, quando ele sentar à mesa — admitiu a generala. — E que chamem o Fiódor, ou melhor, a Mavra... para ficar de pé atrás dele e tomar conta, enquanto ele come. Pelo menos ele se mantém quieto, na hora dos ataques? Não fica gesticulando?

— Ao contrário, ele é até muito doce e bem-educado, tem ótimas maneiras. Às vezes, parece um pouco simplório demais... Ora, pronto, aqui está ele, em pessoa! Muito bem, eu lhes apresento o último da linhagem dos príncipes Míchkin, tem o nosso sobrenome de família e talvez seja nosso parente. Recebam-no com todo o carinho. Agora, elas vão almoçar, príncipe, portanto nos dê a honra... Quanto a mim, peço desculpas, estou atrasado, tenho pressa...

— Já se sabe para onde vai com tanta pressa — exclamou a generala, em tom sério.

— Tenho pressa, tenho pressa, minha cara, estou atrasado! Mostrem para ele os seus álbuns, *mesdames*, para que ele deixe algo escrito ali; é um calígrafo e tanto, uma raridade! Um talento; lá dentro, ele escreveu para mim, numa caligrafia estranha: “O humilde *igúmen* Pafnúti subscreveu...”. Muito bem, até logo.

— Pafnúti? *Igúmen*? Espere aí, espere aí, aonde você vai e que história é essa de Pafnúti? — gritou a generala com insistente irritação, e à beira de um ataque de nervos, para o marido em fuga.

— Sim, sim, minha cara, Pafnúti foi um *igúmen* na Antiguidade... e eu vou à casa do conde, ele está à minha espera já faz tempo e, acima de tudo, foi ele que marcou o encontro... Príncipe, até logo!

Em passos ligeiros, o general se foi.

— Eu sei muito bem para a casa de que conde você está indo! — exclamou Elizavieta Prokófievna em tom ríspido e, irritada, voltou os olhos para o príncipe. — O que é isso? — começou ela, voltando ao assunto, com repulsa e azedume. — Ora, era só o que faltava! Ah, pois sim: que história é essa de *igúmen*?

— *Maman* — Aleksandra tentou interromper, enquanto Aglaia chegou a bater o pezinho no chão.

— Não me atrapalhe, Aleksandra Ivánovna — protestou a generala, separando bem as sílabas. — Eu também quero saber. Sente-se aqui, príncipe, vamos, nesta cadeira, de frente para mim, não, aqui, no sol, venha para mais perto da luz para que eu possa ver bem. E então, que *igúmen* é esse?

— O *igúmen* Pafnúti — respondeu o príncipe, com ar atento e sério.

— Pafnúti? Que interessante; mas quem é ele?

A generala perguntou depressa, com impaciência, em tom brusco, sem desviar os olhos do príncipe, porém, enquanto ele respondia, a generala

balançava a cabeça depois de cada palavra de Míchkin.

— Trata-se do *igúmen* Pafnúti, do século xiv — explicou o príncipe. — Foi diretor de um eremitério no rio Volga, na região que é hoje a província de Kostromá. Ele era conhecido por sua vida santa, viajou ao encontro da Horda,²⁹ ajudou a resolver uma questão por lá, onde assinou um documento, e eu vi uma reprodução desse documento. Gostei muito da sua letra e decorei o desenho. Quando, há pouco, o general quis que eu mostrasse como eu escrevo a fim de saber se sirvo para certo emprego, escrevi algumas frases em diversas caligrafias, entre elas “o *igúmen* Pafnúti subscreveu”, com a letra do próprio *igúmen* Pafnúti. O general gostou muito e foi isso que ele mencionou agora há pouco.

— Aglaia — disse a generala. — Lembre-se: Pafnúti. Ou melhor, anote, pois eu sempre acabo esquecendo. Aliás, eu achava que ia ser mais interessante. Onde está essa assinatura?

— Creio que ficou no escritório do general, sobre a mesa.

— Mande alguém lá buscar, e já.

— Mas é melhor eu escrever outra vez para a senhora, se não se importa.

— Claro, *maman* — disse Aleksandra. — Só que agora o melhor mesmo é almoçar; nós queremos comer.

— Está bem — decidiu a generala. — Vamos, príncipe; o senhor está com muita fome?

— Estou, sim, tenho muita vontade de comer, muita mesmo, e sou muito agradecido à senhora.

— Que ótimo que o senhor é tão bem-educado, e eu noto que o senhor não tem nada de... de estranho, como me disseram a seu respeito. Vamos. Sente-se aqui, de frente para mim — pediu, cheia de solicitude, enquanto acomodava o príncipe, depois que passaram para a sala de refeições. — Eu quero olhar bem para o senhor. Aleksandra, Adelaida, sirvam o príncipe.

Não é verdade que ele nada tem de... doente? Acho que nem precisa prender o guardanapo no pescoço... Príncipe, costumam pendurar um guardanapo no seu pescoço durante as refeições?

— Antigamente, quando eu tinha sete anos, acho que amarravam sim, mas agora eu costumo colocar o guardanapo sobre os joelhos, quando estou comendo.

— É assim que se faz. E os ataques?

— Ataques? — O príncipe se mostrou um pouco espantado. — Agora, é bastante raro que eu sofra ataques. Mas, na verdade, eu não sei; dizem que o clima aqui será prejudicial para mim.

— Como fala bem — comentou a generala, dirigindo-se às filhas, enquanto continuava a balançar a cabeça a cada palavra do príncipe. — Eu não esperava. Portanto, é tudo bobagem e mentira; como de costume. Coma, príncipe, e conte-me: onde o senhor nasceu, onde foi criado? Eu quero saber tudo; o senhor me interessa extraordinariamente.

O príncipe agradeceu e, enquanto comia com grande apetite, recomeçou a transmitir tudo o que já tivera de contar, mais de uma vez, naquela manhã. A generala foi ficando cada vez mais satisfeita. As mocinhas escutavam com bastante atenção. Entraram na questão do parentesco; constatou-se que o príncipe conhecia muito bem sua genealogia; porém, por mais que tentassem, não encontraram quase nenhuma relação de parentesco entre ele e a generala. Entre as avós e os avôs, ainda seria possível traçar um parentesco distante. Aquele assunto árido agradava em particular à generala, que quase nunca tinha oportunidade de conversar sobre a sua genealogia, por mais que o desejasse, por isso levantou-se da mesa num estado de espírito esfuziante.

— Vamos todos para a sala de reuniões — disse ela. — Vamos servir o café ali. É um espaço social que nós temos — explicou para o príncipe,

enquanto o conduzia. — Não é nada mais do que a minha pequena sala de visitas, onde nós nos reunimos quando estamos sozinhas e cada uma cuida de seus assuntos particulares: Aleksandra, esta aqui, minha filha mais velha, toca piano, lê, costura; Adelaida pinta paisagens e retratos (que nunca consegue terminar), mas a Aglaia fica sentada sem fazer nada. Eu também não tenho nenhuma habilidade: não sei fazer nada. Bem, agora chegamos; sente-se aqui, príncipe, junto à lareira, e conte. Eu quero saber como o senhor conta alguma coisa. Quero ficar completamente convencida e, quando eu encontrar a princesa Bielokónskaia, a velha, contarei tudo a seu respeito. Eu quero que todos também se interessem pelo senhor. Então, muito bem, conte-me.

— Mas, *maman*, é muito estranho contar algo dessa maneira — comentou Adelaida, que enquanto isso arrumava seu cavalete, pegava os pincéis, a paleta e se preparava para continuar a cópia da paisagem de uma estampa, que ela começara havia muito tempo. Aleksandra e Aglaia estavam sentadas juntas, num sofá pequeno e, de braços cruzados, estavam prontas para ouvir a conversa. O príncipe notou que uma atenção especial se dirigia para ele, de todos os lados.

— Eu não conseguiria contar nada se me mandassem fazer isso dessa maneira — protestou Aglaia.

— Por quê? O que há de estranho? Por que ele não pode contar? Ele tem língua. Quero descobrir se ele sabe falar bem. Veja, sobre qualquer coisa. Conte o que o senhor achou da Suíça, sua primeira impressão. Pronto, vocês vão ver, ele já vai começar, e vai começar esplendidamente.

— A impressão foi forte... — tentou começar o príncipe.

— Pronto, aí está — emendou a impaciente Lizavieta Prokófievna, dirigindo-se às filhas. — Já começou.

— *Maman*, pelo menos deixe o príncipe falar — Aleksandra interrompeu a mãe. — Esse príncipe talvez seja um grande farsante, e de idiota não tenha nada — sussurrou para Aglaia.

— Na certa é isso mesmo, eu já percebi faz tempo — respondeu Aglaia. — E é uma infâmia, da parte dele, ficar representando esse papel. O que ele pretende ganhar com isso?

— A primeira impressão foi muito forte — repetiu o príncipe. — Quando me levaram embora da Rússia, passando por várias cidades alemãs, eu apenas olhava sem dizer nada, e lembro até que não fiz nenhuma pergunta. Isso ocorreu depois de uma série de ataques da minha doença, ataques fortes e torturantes e, sempre que a doença se agravava e os ataques se repetiam, várias vezes seguidas, depois eu caía num torpor completo, perdia totalmente a memória e, embora a mente funcionasse, a sequência lógica do pensamento parecia ter se rompido. Eu não conseguia concatenar mais de duas ou três ideias. É a impressão que tenho. Mas quando os ataques abrandavam, eu recuperava a saúde e a força, como agora. Eu lembro: o meu abatimento era insuportável; tinha até vontade de chorar; eu vivia espantado e inquieto: o fato de tudo parecer *estrangeiro* para mim produzia um efeito horrível; isso eu compreendia. O estrangeiro estava me matando. Eu só despertei por completo dessas trevas ao fim da tarde, eu me lembro, em Basel, na entrada da Suíça, e o que me despertou foi o grito de um asno no mercado municipal. O asno me impressionou tremendamente e, não sei por quê, me agradou de forma extraordinária e, ao mesmo tempo, de uma hora para outra, tudo pareceu tornar-se claro na minha cabeça.

— Um asno? Que estranho — comentou a generala. — Na verdade, não há nada de estranho, alguma de nós ainda vai se apaixonar por um asno — comentou, e olhou furiosa para as mocinhas, que estavam rindo. — Já aconteceu também na mitologia.³⁰ Prossiga, príncipe.

— Desde então, eu adoro os asnos. É até uma espécie de afeto que existe dentro de mim. Passei a fazer perguntas sobre eles, porque, antes, eu nem reparava neles, e logo me admirei ao saber que se trata de um animal extremamente útil, trabalhador, forte, paciente, barato, resistente; e, graças àquele asno, de uma hora para outra, comecei a gostar de toda a Suíça, de sorte que aquele meu abatimento anterior passou por completo.

— Isso tudo é muito estranho, mas podemos deixar o asno de lado; passemos para outro tema. Do que é que você tanto ri, Aglaia? E você, Adelaida? O príncipe falou lindamente a respeito do asno. Ele mesmo o viu, e você, minha filha, o que viu? Você já esteve no exterior?

— Eu já vi um asno, *maman* — respondeu Adelaida.

— E eu também ouvi um asno — emendou Aglaia. De novo, as três desataram a rir. E o príncipe riu junto com elas.

— É muito feio da parte de vocês — criticou a generala. — O senhor queira desculpá-las, príncipe, mas são boas meninas. Vivo brigando com elas, mas eu as adoro. São levianas, desajuizadas, loucas.

— Mas por quê? — riu o príncipe. — No lugar delas, eu também não perderia essa oportunidade. Contudo, apesar dos pesares, eu tomo o partido do asno: o asno é um bom sujeito, além de ser útil.

— E o senhor, príncipe, é bom? Pergunto por curiosidade — disse a generala.

Todos riram, mais uma vez.

— De novo, apareceu esse asno maldito; eu nem estava pensando nele! — gritou a generala. — acredite, por favor, príncipe, eu não quis fazer a menor...

— Insinuação? Ah, eu acredito, sem dúvida!

E o príncipe ria sem parar.

— É muito bom que vocês estejam rindo. Vejo que o senhor é um jovem muito bom — disse a generala.

— Às vezes, eu não sou bom — respondeu o príncipe.

— Mas eu sou boa — retrucou a generala, de modo inesperado. — Se o senhor quiser, eu serei boa sempre, e esse é meu único defeito, porque não é preciso ser sempre bom. Muitas vezes eu me enfureço com elas, por exemplo, e com Ivan Fiódorovitch, em especial, mas o que eu mais detesto é que sou mais bondosa quando sinto raiva. Ainda há pouco, antes de o senhor entrar, me irritei e fingi que não entendia nada e que não conseguia entender nada. Isso acontece comigo; é como se eu fosse uma criança. Aglaia me deu uma boa lição; obrigada, Aglaia. Aliás, tudo isso é absurdo. Eu ainda não sou tão tola quanto pareço, nem como as minhas filhas imaginam. Eu tenho personalidade e não sou muito acanhada. De resto, estou dizendo tudo isso sem rancor. Venha cá, Aglaia, me dê um beijo, muito bem... e agora chega de carinhos — disse ela, quando Aglaia, com sentimento, beijou-a nos lábios e na mão. — Prossiga, príncipe. Talvez o senhor recorde algo mais interessante do que um asno.

— Mais uma vez, eu não entendo como é possível contar algo de modo, assim, tão direto — comentou Adelaida, de novo. — Eu não conseguiria, de jeito nenhum.

— Mas o príncipe vai conseguir, porque é inteligente ao extremo, é mais inteligente do que você, pelo menos dez vezes, talvez doze vezes. Espero que você perceba, depois disso. Mostre para elas, príncipe; prossiga. O asno pode, finalmente, ficar de lado. Pois bem, o que foi que o senhor viu no exterior, além de um asno?

— Mas até sobre o asno ele falou de forma inteligente — observou Aleksandra. — O príncipe contou de modo muito inteligente o caso da sua doença e a maneira como passou a gostar de tudo, graças a um choque

exterior. Eu sempre me interessei pela forma como as pessoas perdem a razão e depois se recuperam. Em especial, se isso acontece de modo súbito.

— Não é verdade? Não é verdade? — exclamou a generala. — Eu vejo que, às vezes, você também se comporta com inteligência; muito bem, agora, chega de risos! O senhor parou, eu creio, na natureza da Suíça, príncipe: muito bem, vamos em frente!

— Nós chegamos a Lucerna e me levaram até a beira de um lago. Eu sentia que o lago era bonito, mas, diante dele, eu também sentia um peso horrível — disse o príncipe.

— Por quê? — perguntou Aleksandra.

— Eu não entendo. Sempre sinto um peso e uma inquietação quando olho para um lugar assim, pela primeira vez; é bonito, mas também me deixa inquieto; no entanto, tudo isso ainda faz parte da doença.

— Puxa, comigo é diferente, eu gostaria muito de ver — disse Adelaida. — Eu não entendo por que nós não viajamos para o exterior. Há dois anos que eu procuro um tema para uma pintura e não encontro: “O oriente e o sul já são pintados há muito tempo...”.³¹ Encontre para mim um tema para uma pintura, príncipe.

— Desse assunto, eu não entendo nada. Acho que é só ver e pintar.

— Eu não sei ver.

— Por que estão falando por meio de enigmas? Não estou compreendendo nada! — interrompeu a generala. — Como assim, não sabe ver? Tem olhos, então veja. Além do mais, não sabe ver aqui e então acha que vai aprender no exterior? É melhor o senhor me contar como o senhor mesmo viu as coisas, príncipe.

— Pronto, assim será melhor — acrescentou Adelaida. — Afinal, foi no exterior que o príncipe aprendeu a ver.

— Não sei; lá, eu apenas recuperei a saúde; não sei se aprendi a ver. De resto, durante quase todo o tempo, eu vivia muito feliz.

— Feliz? Então o senhor consegue ser feliz? — exclamou Aglaia. — Pois como diz, então, que não aprendeu a ver? O senhor também vai nos ensinar.

— Ensine, por favor — riu Adelaida.

— Eu não posso ensinar nada — riu também o príncipe. — Lá no exterior, passei quase todo meu tempo nessa cidade suíça; raramente ia a algum lugar, mesmo próximo; o que vou ensinar às senhoras? No início, eu achava apenas maçante; logo comecei a recuperar a saúde; depois, cada dia se tornou algo precioso para mim e, quanto mais o tempo passava, mais preciosos eram os dias e, desse modo, eu comecei a me dar conta disso. Eu ia dormir muito satisfeito e me levantava mais feliz ainda. No entanto, é muito difícil dizer por que tudo era assim.

— Quer dizer que o senhor não tinha vontade de ir a lugar nenhum, não sentia uma ansiedade de ir aos lugares? — perguntou Aleksandra.

— No início, bem no início, sim, eu sentia uma ansiedade e caía numa grande agitação. O tempo todo, eu pensava em como ia viver; queria pôr à prova o meu destino e, sobretudo naqueles momentos, é que me vinha uma agitação. Sabem, acontecem momentos assim, sobretudo na solidão. Lá, havia uma cascata, pequena, caía do alto da montanha num filete de água muito fino, quase perpendicular, branco, ruidoso, espumante; caía do alto, mas era como se viesse de um local mais baixo, ficava a meia versta de distância, mas parecia que estava a cinquenta passos. À noitinha, eu adorava escutar o rumor da cascata; pois era nesses momentos que, às vezes, eu chegava às raias de uma agitação violenta. Às vezes também ao meio-dia, quando eu ia a qualquer lugar na montanha, parava sozinho no meio da escalada e, em volta, havia pinheiros antigos, grandes, resinosos;

no alto de um penhasco, um velho castelo medieval em ruínas; mal se via o nosso vilarejo, lá embaixo, ao longe; o sol forte, o céu azul, um silêncio terrível. E aí então, às vezes, eu sentia um chamado para ir a algum lugar e tinha sempre a impressão de que, se eu caminhasse em linha reta, sempre, por muito tempo, e chegasse bem naquela linha onde o céu e a terra se encontram, lá eu encontraria a solução de tudo e, na mesma hora, veria uma vida nova, mil vezes mais forte e mais ruidosa do que a nossa; eu sempre sonhava com uma cidade grande, como Nápoles, cheia de palácios, rumor, barulho, vida... Eu sonhava demais! Contudo, depois, eu tinha a impressão de que, mesmo dentro de uma prisão, era possível encontrar uma vida grandiosa.

— Essa última ideia, tão louvável, eu li aos doze anos de idade, na minha *Crestomatia*³² — disse Aglaia.

— Tudo isso é filosofia — ponderou Adelaida. — O senhor é um filósofo e veio aqui para nos ensinar.

— Talvez tenha razão — sorriu o príncipe. — Realmente, talvez eu seja um filósofo e, quem sabe, talvez tenha, no fundo, a intenção de ensinar... Pode ser; falando sério, pode ser.

— E a sua filosofia é exatamente a mesma da Eвлámpia Nikoláievna — emendou Aglaia, de novo. — É a viúva de um funcionário, ela costuma vir aqui para comer de graça, uma espécie de parasita. Sua única missão na vida é conseguir tudo barato; viver ao custo mais baixo possível, só sabe falar de copeques e, veja bem, ela tem dinheiro, é uma trapaceira. Pois é exatamente assim a vida grandiosa na prisão de que o senhor falou e, talvez, também os seus quatro anos de felicidade no campo, pelos quais abandonou sua cidade de Nápoles e, parece, com lucro, apesar de ser uma questão de copeques.

— Quanto à vida numa prisão, pode-se até discordar — disse o príncipe. — Certa vez, me contaram a história de uma pessoa que ficou na prisão uns dezenove anos; foi um dos doentes tratados pelo meu professor, e ele se curou. Sofria uns ataques, às vezes ficava agitado, chorava e, certa vez, chegou a tentar se matar. Sua vida na prisão era muito triste, garanto às senhoras, mas, claro, não era uma questão de copeques. Suas únicas companhias eram uma aranha e uma árvore que tinha crescido junto à sua janela... Mas é melhor que eu conte a respeito de outra pessoa que conheci no ano passado. Foi numa circunstância muito estranha... estranha porque casos como esse, propriamente, são muito raros. Esse homem foi levado ao patíbulo junto com outros e, então, leram para ele a sentença de morte por fuzilamento por um crime político. Após uns vinte minutos, foi anunciado o indulto e decretado outro tipo de punição; contudo, no intervalo entre as duas sentenças, vinte minutos ou, pelo menos, um quarto de hora, ele viveu a certeza inapelável de que, alguns minutos depois, iria morrer. Quando lhe ocorria recordar em voz alta suas impressões daquele momento, eu sentia uma vontade tremenda de escutar e, várias vezes, eu o procurava e perguntava, de novo, como tinha sido. Ele recordava tudo com uma clareza fora do comum e dizia que nunca ia esquecer aqueles minutos. A uns vinte passos do patíbulo, em torno do qual estavam os soldados e o povo, três postes foram cravados na terra, pois eram vários os criminosos. Levaram os três primeiros até os postes, amarraram, vestiram-nos em roupas de morte (camisolões brancos e compridos), cobriram os olhos com capuzes, para que não vissem os fuzis; em seguida, em frente a cada poste, formou-se um pelotão de alguns soldados. O meu conhecido era o oitavo da fila de condenados, portanto, deveria ir para os postes na terceira leva. Um sacerdote se aproximou de todos com uma cruz nas mãos. Não restavam para o meu conhecido mais do que cinco minutos de vida. Ele disse que

aqueles cinco minutos lhe pareceram um tempo interminável, uma riqueza imensa; teve a impressão de que, naqueles cinco minutos, ele viveria um número tão grande de vidas que, mesmo naquele momento, não faria nenhum sentido pensar sobre o último instante, portanto ele tomou diversas decisões: calculou o tempo para se despedir dos camaradas e, para isso, reservou dois minutos, depois reservou mais dois minutos a fim de pensar em si mesmo pela última vez e, depois, olhar à sua volta pela última vez. Ele recordava muito bem que tomou precisamente essas três decisões e que calculou o tempo exato. Ia morrer aos vinte e sete anos, forte e saudável; lembrava que, ao se despedir dos camaradas, um deles lhe fez uma pergunta bastante estranha e até se mostrou muito interessado na resposta. Depois, quando terminou de se despedir dos camaradas, começaram os dois minutos que ele havia reservado para *pensar em si*; já sabia de antemão no que iria pensar: queria, com todo o empenho, formar a ideia mais nítida e mais sucinta possível de como, afinal, aquilo podia acontecer: agora ele está vivo e existe, porém três minutos depois ele já será *alguma coisa*, alguém ou algo... Mas quem? Mas onde? Tudo isso ele queria resolver naqueles dois minutos! Havia uma igreja ali perto e o cume da catedral, com uma cruz dourada, reluzia no sol radiante. Ele recordava que ficou olhando, de forma tenaz e horrível, para aquela cúpula e para os raios que nela cintilavam; não conseguia desprender-se dos raios; tinha a impressão de que aqueles raios eram sua nova natureza, de que, três minutos depois, ele se fundiria nos raios... O desconhecimento e a repulsa em face daquele novo, que ia chegar e logo começaria, eram horríveis; no entanto, ele dizia que, naquela hora, não havia nada mais penoso, para ele, do que este pensamento incessante: “E se eu não morrer? E se me derem a vida de volta? Que infinito! E tudo isso seria meu! Então, eu transformaria cada minuto em um século inteiro, não desperdiçaria nada, eu daria valor a cada minuto, não deixaria nada

passar em branco!”. Dizia que essa ideia, dentro dele, acabou degenerando numa raiva tão grande que ele passou a querer que o fuzilassem logo de uma vez.

De repente, o príncipe se calou; todos esperavam que prosseguisse e apresentasse a conclusão.

— O senhor terminou? — perguntou Aglaia.

— O quê? Terminei — respondeu, saindo de uma reflexão momentânea.

— Mas para que o senhor contou tudo isso?

— Por nada... me veio à lembrança... para animar a conversa...

— A fala do senhor é muito entrecortada — observou Aleksandra. — Com certeza, príncipe, o senhor queria concluir que não se pode avaliar nenhum instante da vida em termos de copeques e que, às vezes, cinco minutos valem mais do que um tesouro. Tudo isso é uma ideia louvável, no entanto, o senhor poderia fazer a gentileza de contar como o seu amigo, de quem o senhor falou com tanta paixão... ora, afinal de contas, comutaram sua pena e, portanto, lhe deram de presente a tal “vida infinita”. Pois bem, o que foi que ele fez com toda essa riqueza, depois? Viveu “dando valor” a cada minuto?

— Ah, não, ele mesmo me contou... eu lhe perguntei a respeito... ele não viveu desse modo, nem de longe, e desperdiçou muitos e muitos minutos.

— Certo, portanto, aí está uma experiência. Quer dizer que, na realidade, não se pode viver “fazendo contas”. Por alguma razão, não se pode, de fato.

— Sim, por alguma razão, não se pode — repetiu o príncipe. — Eu mesmo achava isso... Apesar de tudo, de certo modo, não dá para acreditar...

— Ou seja, o senhor acha que vai viver de modo mais inteligente do que todo mundo? — perguntou Aglaia.

— Sim, algumas vezes eu também pensei dessa forma.

— E ainda pensa?

— E... ainda penso — respondeu o príncipe em voz baixa, como antes, e até com um sorriso tímido, enquanto olhava para Aglaia; porém logo deu uma risada, mais uma vez, e olhou para ela com alegria.

— Que modesto! — disse Aglaia, quase exasperada.

— Entretanto, como as senhoras são destemidas, vejam só, as senhoras acham graça, mas, a mim, todo o relato dele me impressionou tanto que, depois, eu cheguei a sonhar justamente com aqueles cinco minutos...

Com ar sério e perscrutador, mais uma vez, os olhos do príncipe percorreram suas ouvintes.

— Será que as senhoras estão irritadas comigo, por alguma razão? — perguntou de repente, com ar de perplexidade, porém fitando diretamente os olhos de todas.

— Por quê? — gritaram as três moças, espantadas.

— Porque eu pareço estar dando lições o tempo todo...

Elas riram.

— Se estão zangadas, não fiquem assim — disse ele. — Afinal, eu mesmo sei que vivi menos do que os outros e que entendo a vida menos do que todo mundo. Talvez, às vezes, eu fale de maneira muito estranha...

E mostrou-se francamente embaraçado.

— Já que o senhor diz que foi feliz, isso significa que viveu não menos, e sim mais; então, por que o senhor fica representando e pede desculpas? — interveio Aglaia com severidade e insolência. — E, por favor, não se preocupe por estar dando lições, não há nisso nada de superior da sua parte. Com esse seu quietismo, é possível encher de felicidade cem anos de vida. Tanto faz mostrarem para o senhor a execução de uma pena de morte ou a ponta de um dedinho, o senhor vai extrair o mesmo pensamento louvável

tanto de uma coisa quanto de outra e ainda vai ficar muito satisfeito. Desse modo, de fato, dá para viver muito tempo.

— Por que você está sempre com raiva? Eu não entendo — retrucou a generala, que havia muito observava o rosto da moça. — E eu também não consigo entender do que você está falando. Que dedinho é esse, que disparate é esse? O príncipe está falando de maneira bonita, só que um pouco triste. Por que você quer desencorajá-lo? Quando ele começou, estava rindo e agora ficou muito desanimado.

— Não se preocupe, *maman*. Mas é uma pena, príncipe, que o senhor não tenha visto a execução, pois eu ia lhe perguntar uma coisa.

— Eu vi uma execução — respondeu o príncipe.

— Viu? — exclamou Aglaia. — Eu já devia ter adivinhado! Isso é o coroamento de toda a questão. Se o senhor viu, então como pode dizer que viveu feliz o tempo todo? Pronto, estão vendo como é verdade aquilo que eu dizia?

— Será que no lugar onde o senhor mora há execuções? — perguntou Adelaida.

— Foi em Lyon que eu vi, eu fui da Suíça para lá, ele, o professor, me levou. Assim que cheguei, dei logo de cara com aquilo.

— E então, o senhor gostou muito? É muito edificante? É útil? — perguntou Aglaia.

— Eu não gostei nada e, depois, fiquei até um pouco doente, mas admito que olhei como se não pudesse me desprender, não consegui desgrudar os olhos.

— Eu também não conseguiria desgrudar os olhos — disse Aglaia.

— Lá, muita gente não gosta que as mulheres assistam às execuções, até escrevem nos jornais sobre essas mulheres.

— Portanto, se acham que não é coisa de mulher, eles querem dizer (e, desse modo, justificar) que é coisa de homem. Meus parabéns pela lógica. E o senhor, é claro, também acha isso, não é?

— Conte como foi a execução — interrompeu Adelaida.

— Neste momento, eu não gostaria muito... — O príncipe se mostrou constrangido e o rosto pareceu se tornar sombrio.

— Parece que o senhor não quer contar porque sente pena de nós — provocou Aglaia.

— Não, é porque acabei de falar dessa execução, agora mesmo.

— E contou para quem?

— Para o seu criado, quando eu estava esperando...

— Mas que criado? — ressoou de todos os lados.

— Ora, aquele que fica ali na antessala, de cabelo grisalho, rosto avermelhado; fiquei na antessala para que o Ivan Fiódorovitch entrasse aqui primeiro.

— Que estranho — comentou a generala.

— O príncipe é um democrata — disparou Aglaia. — Muito bem, se o senhor contou para o Aleksei, não pode deixar de contar para nós.

— Eu faço absoluta questão de ouvir — insistiu Adelaida.

— De fato, agora há pouco — o príncipe voltou-se para ela, animando-se um tanto, outra vez (ele parecia animar-se muito depressa e com muita credulidade) —, de fato, quando a senhora me pediu a sugestão de um tema para uma pintura, me veio a ideia de dar a seguinte sugestão: pintar o rosto de um condenado um minuto antes do golpe da guilhotina, quando ele ainda está de pé no patíbulo, antes de ser estirado sobre aquela tábua.

— Como assim, o rosto? Só o rosto? — perguntou Adelaida. — Será um tema estranho. E que tipo de quadro será esse?

— Não sei, por quê? — insistiu o príncipe, com fervor. — Em Basel, há pouco tempo, eu vi um quadro assim. Tenho muita vontade de contar para as senhoras. Um dia, eu vou contar... me impressionou muito.

— Sobre esse quadro de Basel, o senhor vai nos contar mais tarde, e sem falta — disse Adelaida. — Agora, me explique melhor o quadro dessa execução. O senhor pode transmitir a maneira como o imagina? Como pintar esse rosto? Assim, só o rosto? E que rosto é esse?

— Exatamente um minuto antes da morte — começou o príncipe cheio de disposição, entusiasmado pelas lembranças e, ao que parecia, completamente esquecido de todo o resto. — O exato momento em que ele subiu na escadinha e pôs os pés no patíbulo. Ali, ele olhou para o meu lado; eu olhei para o seu rosto e compreendi tudo... No entanto, como posso contar isso? Eu queria muito, queria demais que a senhora ou alguém pintasse isso! Seria melhor que fosse a senhora! Na ocasião, eu já imaginei que um quadro seria útil. Sabe, nesse caso, é preciso imaginar tudo o que aconteceu antes, tudo, tudo. Ele vivia na prisão e já esperava a sentença de morte havia pelo menos uma semana; de certo modo, ele fazia as contas da maneira formalista de costume, calculava que o documento precisava ir a algum lugar e só sairia de lá uma semana depois. Mas, de repente, por força de não se sabe qual acaso, o trâmite foi abreviado. Às cinco horas da manhã, ele estava dormindo. Era fim de outubro; às cinco horas, ainda está frio e escuro. O diretor da prisão entrou de mansinho, com um guarda, e tocou no ombro dele com cuidado; o condenado levantou a cabeça, apoiou-se nos cotovelos, viu a luz: “O que é?”. “A execução vai ser entre nove e dez horas.” Por causa do sono, ele não acreditou, começou a discutir, disse que o documento só chegaria dali a uma semana, porém, quando despertou por completo, parou de discutir e calou-se, foi o que contaram, e depois disse: “Mesmo assim, tão de repente, é duro...”. E calou-se de novo e já

não quis falar mais nada. Passaram-se três ou quatro horas, com as mesmas coisas de sempre: o sacerdote, o desjejum, no qual lhe deram vinho, café e carne (vejam só, isso não é um escárnio? Pensem bem, que crueldade, mas, por outro lado, juro, essas pessoas inocentes, de coração puro, fazem isso e acreditam que é um gesto de humanidade), depois, fazer a toailete (as senhoras sabem o que é a toailete de um criminoso?) e, enfim, ser conduzido pela cidade até o patíbulo... Eu acho que aí, enquanto ele é conduzido, também parece que o tempo que resta para viver é infinito. Tenho a impressão de que, no caminho, ele deve ter pensado assim: “Ainda tem muito tempo, faltam mais três ruas para viver; vou chegar ao fim desta rua e, depois, resta a outra e, depois, mais uma, onde fica a padaria, à direita... um dia, ainda iremos à padaria!”. Em volta, o povo, gritos, barulho, dez mil pessoas, dez mil olhos... É preciso suportar tudo isso e, acima de tudo, este pensamento: “Veja, eles são dez mil e ninguém vai executá-los, mas a mim vão executar!”. E tudo isso é só o início. Uma escadinha dá acesso ao patíbulo; então, diante dos degraus, de repente, ele desatou a chorar, e tratava-se de um homem forte, viril, grande, pelo que dizem. A seu lado, sem nunca se afastar, ia um sacerdote, até na carroça se manteve com ele, e falava o tempo todo, mas duvido que o condenado escutasse alguma coisa: mal começava a escutar, já na terceira palavra se dispersava. Deve ser assim. Finalmente, começou a subir a escadinha; nesse ponto, como as pernas estavam amarradas uma na outra, ele se movia a passos bem curtos. O sacerdote, com certeza homem inteligente, parou de falar e, a todo instante, lhe oferecia a cruz para beijar. Ao pé da escada, ele estava muito pálido, porém, tão logo subiu e se viu de pé sobre o patíbulo, de repente, ficou branco que nem papel, completamente branco, à semelhança de uma folha em branco de papel para escrever. Sem dúvida, as pernas fraquejaram, travaram-se, subiu uma náusea... era como se apertassem sua garganta, e

veio uma espécie de comichão... As senhoras já sentiram isso, algum dia, na hora de um grande susto ou em momentos de pavor, quando, apesar de a razão permanecer intacta, ela não tem mais nenhum poder? Acho que, por exemplo, se a aniquilação é inevitável, se a casa está desabando em cima de você, então vem uma vontade tremenda de se sentar, fechar os olhos e esperar: que aconteça o que tem de acontecer! Pois bem, no momento em que começou essa fraqueza, o sacerdote, bem depressa, num gesto rápido e silencioso, de súbito, colocou a cruz bem nos lábios do condenado, era uma cruz pequena, de prata, de quatro pontas:³³ encostava a cruz nos lábios muitas vezes, a todo instante. Assim que a cruz tocava nos lábios, ele abria os olhos e parecia se reanimar, de novo, por alguns segundos, e as pernas andavam. Ele beijava a cruz com sofreguidão, tinha pressa para beijar, como se estivesse ansioso para não esquecer de levar algo de reserva, para qualquer eventualidade, mas é pouco provável que, naquele minuto, tivesse consciência de algo religioso. E assim foi até ser colocado sobre a prancha... O estranho é que, nesse último segundo, raramente os condenados caem desmaiados! Ao contrário, a cabeça está tremendamente viva e trabalha muito, com certeza, muito e muito, como uma máquina em funcionamento; eu imagino que seja assim, acodem vários pensamentos, todos inacabados, talvez também ridículos e intempestivos, pensamentos como estes: “Veja só aquele ali que está olhando para mim: tem uma verruga na testa; olhe só, o botão de baixo do casaco do carrasco está enferrujado...”. Entretanto, ele sabe de tudo e entende tudo; há um ponto em que é impossível perder a consciência, um ponto no qual não se pode cair desmaiado e tudo se move e gira em torno desse ponto. E pensar que é assim até o último quarto de segundo, quando a cabeça já está baixada no cadafalso, e ele espera, e... *sabe*, e de repente ouve, por cima da cabeça, a lâmina de ferro deslizar! E escuta inexoravelmente! Se eu estivesse com a

cabeça deitada ali, faria tudo para ouvir e escutar muito bem! E isso, talvez, só por um décimo de segundo, mas o condenado inexoravelmente escuta! E, imagine, até hoje discutem se a cabeça, na hora em que é cortada e salta, por um segundo ainda, talvez, saiba que foi cortada, que saltou... que ideia! Mas e se forem cinco segundos!... Pinte o patíbulo de tal modo que se veja com clareza e bem de perto só o último degrau; o condenado pisa esse degrau: a cabeça, o rosto pálido como papel, o sacerdote estende a cruz, o homem estica sôfrego os lábios azuis, e olha e... *sabe tudo*. A cruz e a cabeça, o quadro é este, o rosto do sacerdote, o carrasco, seus dois auxiliares e, mais abaixo, algumas cabeças e olhos... tudo isso pode ser pintado como que em terceiro plano, numa névoa, para complementar... Assim seria o quadro.

O príncipe calou-se e olhou para todas.

— Isso, é claro, não parece quietismo — falou Aleksandra, como se falasse para si mesma.

— Muito bem, agora conte como o senhor se apaixonou — disse Adelaida.

O príncipe olhou para ela com surpresa.

— Escute — Adelaida parecia ter pressa —, o senhor ainda está nos devendo a história do quadro de Basel, mas agora eu quero que conte como foi que o senhor se apaixonou; não negue, o senhor se apaixonou. Além do mais, assim que o senhor começa a contar alguma coisa, deixa de ser filósofo.

— E assim que o senhor termina de contar, logo fica envergonhado daquilo que contou — observou Aglaia, de súbito. — Por quê?

— Mas, afinal, como tudo isso é tolo — interrompeu a generala, olhando para Aglaia com indignação.

— Não é inteligente — confirmou Aleksandra.

— Não acredite nela, príncipe — a generala voltou-se para o príncipe Míchkin. — Está fazendo isso de propósito, por uma espécie de maldade; não foi criada dessa forma tola; não pense que elas o importunam assim por alguma razão. Na certa, tramaram alguma coisa, mas já estão gostando do senhor. Eu conheço o rosto delas.

— Eu também conheço o rosto delas — disse o príncipe, enfatizando as próprias palavras, de modo singular.

— Como assim? — perguntou Adelaida, com curiosidade.

— O que o senhor sabe a respeito do nosso rosto? — as outras duas também se mostraram curiosas.

Mas o príncipe nada respondeu, ficou sério; todas esperavam sua resposta.

— Mais tarde eu vou lhes dizer — falou sério e em voz baixa.

— Positivamente, o senhor quer atizar o nosso interesse — gritou Aglaia.
— E que pompa!

— Certo, está bem — mais uma vez, Adelaida se mostrou apressada. — Mas se o senhor é tamanho perito em rostos, com certeza é porque já se apaixonou. Portanto, eu adivinhei muito bem. Então, conte.

— Eu não me apaixonei — respondeu o príncipe, também sério e em voz baixa. — Eu... fui feliz de outro modo.

— Mas como, com o quê?

— Está bem, eu vou contar — disse o príncipe, como se estivesse mergulhado em profunda reflexão.

— Vejam — começou o príncipe —, agora, todas as senhoras estão olhando para mim com tal curiosidade que, se eu não satisfizer essa curiosidade, talvez fiquem irritadas comigo. Não, eu estou só brincando — acrescentou logo, com um sorriso. — Lá... lá, todos eram crianças e eu passava todo meu tempo com as crianças, só com crianças. Eram crianças daquele povoado, um bando inteiro, elas estudavam na escola. Não era eu que dava aula para elas; ah, não, para isso havia um professor, Jules Thibaud; eu até ensinava alguma coisa para as crianças, porém o que eu mais fazia era ficar com elas, e foi assim que passei todos os meus quatro anos lá. Eu não precisava de mais nada. Eu contava tudo para elas, não escondia nada. Os pais e os responsáveis sempre se zangavam comigo, porque, no fim das contas, as crianças não podiam passar sem mim e viviam aglomeradas à minha volta, e até o professor acabou se tornando meu maior inimigo. Ganhei muitos inimigos ali, e tudo por causa das crianças. Até o Schneider me repreendia. E do que tinham tanto medo? É possível dizer tudo para uma criança, tudo; sempre me impressionou a ideia de que os adultos conhecem muito mal as crianças, até os pais e as mães conhecem mal os filhos. Não se deve esconder nada das crianças, sob o pretexto de que são pequenas e de que ainda é cedo para saberem. Que ideia triste e infeliz! E como as próprias crianças reparam tão bem que os pais as consideram

pequenas demais e sem entendimento de coisa alguma, quando na verdade elas estão compreendendo tudo. Os adultos ignoram que uma criança é capaz de dar conselhos extremamente relevantes até para a questão mais difícil. Ah, Deus! Quando esses passarinhos bonitos olham para nós, felizes e confiantes, dá até vergonha de enganá-los! Eu chamo as crianças de passarinhos porque não existe no mundo nada melhor do que os passarinhos. Entretanto, todos no povoado se zangaram comigo, em especial por causa de um incidente... e o Thibaud tinha mesmo era inveja de mim; de início, ele sempre balançava a cabeça e se mostrava admirado, porque, comigo, as crianças entendiam tudo, mas, com ele, não compreendiam quase nada, e depois passou a zombar de mim quando eu lhe disse que eu e ele não íamos ensinar nada para elas, mas que, elas, sim, é que iam nos ensinar. Mas como podia sentir inveja de mim e me caluniar, quando ele mesmo vivia com as crianças? Por meio das crianças, a alma é curada... Lá, havia um paciente do sanatório do Schneider, um homem muito infeliz. Tratava-se de uma infelicidade tão horrível que é difícil haver no mundo outra igual. Estava fazendo tratamento de demência; a meu ver, ele não tinha demência nenhuma, apenas estava sofrendo horivelmente: toda sua doença consistia nisso. E se as senhoras soubessem o que as nossas crianças, no final, acabaram se tornando para ele... Mas sobre isso eu vou lhes contar melhor noutra ocasião; agora, vou contar como tudo isso começou. No início, as crianças não gostaram de mim. Eu era muito grande, e sempre fui muito desajeitado; sei que sou um palerma... e isso sem falar que eu era estrangeiro. No início, as crianças zombavam de mim, depois passaram até a jogar pedras em mim, quando me viram beijar Marie. Mas só a beijei uma vez... Não, não riam... — O príncipe tratou logo de conter as risadinhas de suas ouvintes. — No caso, não havia nenhum amor. Se as senhoras soubessem que criatura infeliz era aquela, as senhoras mesmas

teriam muita pena, como aconteceu comigo. Ela era do nosso povoado. A mãe era uma velha muito acabada, o seu casebre miúdo, completamente decrépito, tinha duas janelas e uma delas, com a permissão das autoridades locais, foi reformada; nessa janela, a anciã podia vender linhas, agulhas, tabaco, sabão, tudo em troca de meras moedinhas, e era graças a isso que ela conseguia se alimentar. Era uma senhora doente, tinha as pernas muito inchadas, por isso ficava o tempo todo sentada. Marie era sua filha, tinha mais ou menos vinte anos, fraca e magrinha; já fazia tempo que sofria de tuberculose, mesmo assim andava de casa em casa, no árduo trabalho de diarista: lavar o chão e as roupas brancas, varrer o pátio, recolher o gado. Um caixeiro-viajante francês, de passagem por ali, a seduziu e a levou consigo, porém, uma semana depois, partiu às escondidas e abandonou a moça na estrada. Ela voltou para casa na miséria, pedindo esmola, toda emporcalhada, em farrapos, os sapatos destroçados, viajou a pé uma semana inteira, dormia ao relento e ficou muito resfriada; os pés estavam em feridas, as mãos, inchadas e com rachaduras. Aliás, já antes, ela não era bonita; só os olhos eram serenos, bondosos, inocentes. Era muito calada. Certa vez, ainda antes, de repente, ela começou a cantar durante o trabalho e eu lembro que todos se admiraram e começaram a rir: “A Marie começou a cantar! Como pode? A Marie cantou!”. Ela ficou horrivelmente constrangida e, depois, calou-se para sempre. Na época, ainda a tratavam com carinho, mas, depois que voltou doente e andrajosa, ninguém teve nenhuma compaixão por ela! Como são cruéis, nesses casos! Que ideias brutais, as pessoas têm! A mãe foi a primeira, recebeu-a com rancor e desprezo: “Agora você me cobriu de vergonha!”. A mãe foi a primeira a divulgar a vergonha da filha: no povoado, quando souberam que Marie tinha voltado, todos correram para ver e pouco faltou para que a população local inteira acudisse às pressas para dentro da isbá da velha: crianças,

velhos, mulheres, mocinhas, todo mundo, numa única multidão, sôfrega e afoita. Marie estava deitada no chão, aos pés da velha, esfomeada, em farrapos, e chorava. Na hora em que todos entraram correndo, ela se cobriu com os cabelos desgrenhados, estirada de bruços no chão. Todos em volta olhavam para ela como se fosse um verme; as velhas a condenavam e xingavam, os jovens até riam, as mulheres rogavam pragas, condenavam, olhavam com desprezo, como se ela fosse uma aranha. A mãe consentia aquilo tudo, enquanto se mantinha sentada, balançando a cabeça, com aprovação. Naquela altura, a mãe já estava muito doente e quase morreu; dois meses depois, acabou morrendo, de fato; ela já sabia que ia morrer e, mesmo assim, nem pensou em fazer as pazes com a filha antes da morte, nem sequer falava com ela, uma palavra que fosse, obrigava a filha a dormir no celeiro e mal lhe dava o que comer. Muitas vezes, precisava deixar os pés doentes na água morna; todo dia, Marie ia cuidar da mãe e lavava seus pés; a mãe recebia todas as atenções da filha em silêncio, não lhe dizia nenhuma palavra de carinho. Marie suportava tudo e eu, depois, quando a conheci melhor, notei que ela mesma aprovava tudo aquilo e se considerava a pior das criaturas deste mundo. Quando a velha caiu de cama em definitivo, outras senhoras do povoado vieram cuidar dela, uma de cada vez, numa ordem determinada, como é costume por lá. Àquela altura, deixaram de fornecer qualquer comida para Marie; no povoado, todos a escorraçavam, ninguém queria lhe dar trabalho, como antes. Era como se todos cuspissem nela, os homens até deixaram de considerar Marie uma mulher e, o tempo todo, lhe diziam um monte de indecências. Às vezes, muito raramente, aos domingos, quando se embriagavam, os beberrões jogavam moedinhas no chão na frente dela, por puro escárnio; Marie aceitava em silêncio. Na época, já tossia sangue. No fim, seus andrajos começaram a se desfazer em farrapos e ela sentia vergonha de aparecer em

público, no povoado; desde seu regresso, andava sempre descalça. Foi então que as crianças, em particular, um bando de cerca de quarenta e tantos alunos da escola, começaram a importunar Marie, e até jogavam lama nela. Marie pediu ao pastor³⁴ que a deixasse vigiar suas vacas, mas o pastor a pôs para fora. Então, mesmo sem permissão, por conta própria, Marie passou a tomar conta do rebanho o dia todo, sem voltar para casa. Já que ela era muito útil ao pastor e como ele percebeu isso, não a escorraçou mais e, às vezes, até lhe dava os restos de seu almoço, queijo e pão. O pastor considerava aquilo uma grande caridade de sua parte. Quando a mãe dela morreu, o pastor não se acanhou de humilhar Marie em plena igreja, na frente de todo mundo. De pé, atrás do caixão, vestida em seus andrajos, Marie chorava. Muita gente acudiu para ver como ela ia chorar, como ia caminhar atrás do caixão; foi então que o pastor, homem ainda jovem, com toda sua ambição de tornar-se um grande pregador, voltou-se para todos e apontou para Marie. “Aqui está a causa da morte dessa mulher respeitável” (e era falso, pois a velha já estava enferma havia dois anos), “ela, que está aqui diante dos senhores e não se atreve a erguer os olhos, porque o dedo de Deus está apontado para ela; descalça e em farrapos, é um exemplo das pessoas que perdem a virtude! E quem é ela? É a própria filha!” E uma porção de coisas desse tipo. Imaginem que essa baixeza agradou a quase todo mundo, mas... nesse ponto, aconteceu algo inesperado: as crianças entraram em cena, porque, nessa altura, as crianças já estavam do meu lado e tinham passado a gostar de Marie. Foi assim que aconteceu: eu tinha vontade de fazer alguma coisa por Marie; era muito necessário dar dinheiro a ela, só que eu nunca tinha sequer um copeque no bolso. Eu possuía um pequeno alfinete de gravata com um brilhante e o vendi para um comerciante de objetos usados: ele andava pelos povoados, comprando e vendendo roupas velhas. Esse comerciante me pagou oito francos, só que o

alfinete valia uns bons quarenta. Por muito tempo, tentei encontrar Marie sozinha; enfim, nos encontramos fora do povoado, junto a uma sebe, atrás de uma árvore, numa trilha secundária que dava acesso à montanha. Ali, eu lhe entreguei os oito rublos e disse que economizasse, porque depois eu não teria mais dinheiro nenhum, em seguida a beijei, mas disse logo para ela não pensar que eu tinha qualquer má intenção e expliquei que eu a beijava não por estar apaixonado e sim por sentir muita pena dela, e contei que, desde o início, não a considerava culpada de coisa alguma, mas apenas uma pessoa infeliz. Sentia muita vontade de consolar Marie e persuadi-la de que não devia se considerar tão inferior perante os outros, porém ela, ao que parecia, não compreendeu. Percebi isso na hora, apesar de Marie se manter quase todo o tempo calada e imóvel na minha frente, de olhos baixos, encabulada. Quando terminei, ela beijou minha mão, eu logo peguei sua mão e quis beijá-la, porém ela retirou o braço bruscamente. De súbito, naquele momento, as crianças nos viram, todo um bando; depois eu soube que já estavam me espiando havia muito tempo. Começaram a assoviar, bater palmas e rir, então Marie saiu correndo. Tentei explicar, mas as crianças começaram a jogar pedras em mim. No mesmo dia, todos ficaram sabendo, o povoado inteiro; mais uma vez, tudo desabou em cima de Marie: passaram a gostar dela ainda menos. Ouvi dizer até que tinham a intenção de levar Marie a julgamento e condená-la, mas graças a Deus aquilo passou; por outro lado, na rua, as crianças não lhe davam passagem, a importunavam mais ainda, jogavam lama, escorraçavam Marie e ela fugia das crianças, com seu peito fraco, perdia o fôlego, elas corriam atrás, gritavam, xingavam. Certa vez, cheguei a brigar com as crianças. Depois, passei a conversar com elas, conversava todo dia, sempre que podia. Às vezes, as crianças paravam e me escutavam, embora continuassem a importunar Marie. Eu contei para elas como Marie era infeliz; em pouco

tempo, paravam para conversar comigo, e eu não escondi nada das crianças; contei tudo. As crianças escutavam com muita curiosidade e logo passaram a ter pena de Marie. Algumas, ao se encontrarem com Marie, começaram a cumprimentá-la com carinho; lá, quando as pessoas se encontram, sejam conhecidas ou não, é costume dizer: “Bom dia”. Eu posso imaginar a surpresa de Marie. Certa vez, duas meninas arranjaram comida e levaram para ela, entregaram e depois vieram me contar. Disseram que Marie começou a chorar e que, agora, elas sentiam muito amor por ela. Logo, todas as crianças passaram a gostar de Marie e, de repente, ao mesmo tempo, passaram a gostar de mim também. Passaram a me procurar com frequência e sempre pediam para eu contar alguma história; acho que eu contava bem, porque elas adoravam me escutar. Daí em diante, eu estudava e lia só para ter o que contar para as crianças e, ainda três anos depois, eu continuava a contar coisas para elas. Mais tarde, quando todos me acusavam, inclusive Schneider, porque eu falava com as crianças como se fossem adultos e não escondia nada delas, eu retrucava que era uma vergonha esconder algo das crianças, que elas, de um jeito ou de outro, quer escondêssemos quer não, acabariam sabendo de tudo e talvez acabassem descobrindo de forma pernicioso, o que jamais aconteceria se soubessem por mim. Para entender, basta lembrarmos como éramos, quando crianças. Mas os outros não concordavam... Eu beijei Marie duas semanas antes de sua mãe morrer; quando o pastor fez o seu sermão, todas as crianças já estavam do meu lado. Eu logo falei com elas e expliquei o comportamento do pastor; todas ficaram indignadas com ele, algumas chegaram a partir os vidros das janelas dele com pedradas. Eu as detive, porque aquilo já era feio; mas logo todo mundo no povoado soube do caso e passaram a me acusar de perverter as crianças. Depois, todos descobriram que as crianças adoravam Marie e ficaram assustadíssimos; mas Marie já estava feliz. As

crianças foram até proibidas de encontrar Marie, mas fugiam, às escondidas, e iam ao seu encontro, lá onde ela cuidava do rebanho, um local distante, a meia versta do povoado, levavam guloseimas, outras iam só para abraçá-la, beijá-la e dizer: “*Je vous aime, Marie!*”,³⁵ e depois iam embora correndo. Marie quase enlouqueceu com aquela felicidade repentina; jamais poderia sonhar tal coisa; sentia-se envergonhada e alegre, e acima de tudo, as crianças, em especial as meninas, queriam correr ao encontro de Marie a fim de lhe dizer que eu a amava e falava muito a seu respeito. Contavam para ela que eu vivia falando disso para as crianças e que, agora, elas gostavam muito de Marie, tinham muita pena dela, e que seria sempre assim. Depois, corriam a meu encontro e, com os rostinhos tão contentes e agitados, contavam que tinham acabado de estar com Marie e que ela me mandava seus cumprimentos. Ao anoitecer, eu ia à cascata; lá ficava o único local de todo oculto para quem olhasse do povoado e, em volta, cresciam os choupos; era para lá que as crianças corriam, ao anoitecer, para se encontrarem comigo, algumas até às escondidas. Acho que meu amor por Marie representava um prazer tremendo para elas e, durante toda minha vida ali, foi só nisso que eu as enganei. Não lhes contei a verdade, não disse que eu não amava Marie, ou seja, que não estava apaixonado por ela, não contei que eu apenas sentia muita pena; por tudo que eu observava, me parecia bem claro que as crianças queriam muito que tudo fosse tal como elas haviam imaginado e estabelecido entre si, e por isso eu me calava e fingia que as crianças tinham adivinhado tudo. E a que ponto eram ternos e atenciosos aqueles corações pequeninos: aliás, para elas, parecia impossível que o seu bom Léon amasse tanto Marie, se ela se vestia tão mal e só andava descalça. Pois, imagine, as crianças arranjaram sapatos, meias e roupas brancas para Marie, e até um vestido; não entendo como puderam ser tão espertas; as crianças trabalhavam todas juntas, em bando. Quando

lhes perguntei, elas se limitaram a rir, divertidas, e as meninas batiam palmas e me davam beijos. Às vezes, eu também ia furtivamente me encontrar com Marie. Ela já estava muito doente e mal conseguia caminhar; por fim, parou por completo de prestar serviços ao pastor, mas, mesmo assim, toda manhã saía com o rebanho. Sentava-se num canto; no local, ao pé de uma escarpa a prumo, quase reta, havia uma saliência; Marie permanecia nessa pedra, oculta para todos, e ficava quase imóvel, o dia todo, desde a manhã até a hora em que o rebanho se recolhia. Já estava tão debilitada por conta da tuberculose que, a maior parte do tempo, se mantinha sentada, de olhos fechados, a cabeça encostada na pedra, ofegante, numa sonolência; o rosto tinha murchado, parecia um esqueleto, o suor porejava na testa e nas têmporas. Era assim que eu sempre a encontrava. Ficava ali só um minuto, eu também não queria que me vissem. Assim que eu aparecia, Marie logo tinha um sobressalto, abria os olhos e se precipitava para beijar minhas mãos. Eu já não recuava, porque, para ela, aquilo era uma felicidade; o tempo todo que eu ficava ali, Marie tremia e chorava; na verdade, de vez em quando, ela se punha a falar, porém era difícil compreendê-la. Ficava como uma louca, numa comoção e num alvoroço tremendos. Às vezes, as crianças iam comigo. Nesse caso, em geral, elas se detinham a pouca distância e se punham a vigiar para que ninguém e nada nos perturbasse e, para elas, aquilo era um prazer enorme. Quando íamos embora, Marie ficava sozinha, de novo, imóvel, como antes, de olhos fechados e com a cabeça encostada na pedra; talvez sonhasse. Certa vez, de manhã, ela não teve forças para sair com o rebanho e ficou na sua casa vazia. As crianças logo souberam e acudiram, quase todas, à sua casa nesse dia; Marie estava deitada na cama, totalmente sozinha. Durante dois dias, só as crianças cuidaram dela, revezando-se, mas depois, quando as pessoas do povoado souberam que Marie estava, de fato, à beira da

morte, as velhas passaram a ir até lá e ficavam de plantão. Parece que, no povoado, começaram a sentir pena de Marie, pelo menos pararam de ralar com as crianças, como antes. Marie ficava o tempo todo numa sonolência, seu sono era inquieto: ela tossia horrivelmente. As velhas enxotavam as crianças, mas elas corriam para junto das janelas, às vezes só por um minuto, só para dizer: “*Bonjour, notre bonne Marie*”.³⁶ E ela, assim que via ou ouvia as crianças, se animava muito e, sem dar ouvidos às velhas, erguia o tronco, apoiada nos cotovelos, acenava com a cabeça para as crianças e agradecia. Como antes, as crianças lhe traziam guloseimas, só que Marie não comia quase nada. Garanto às senhoras que, por causa das crianças, Marie morreu quase feliz. Por causa das crianças, Marie esqueceu sua terrível desgraça, como se tivesse recebido o perdão das crianças, pois, até o fim, ela se considerava uma grande criminosa. As crianças, como passarinhos, batiam as asas nas janelas de Marie e gritavam todas as manhãs: “*Nous t’aimons, Marie*”.³⁷ Ela morreu bem depressa. Eu pensei que ela ia viver muito mais. Na véspera da sua morte, ao pôr do sol, fui à sua casa; acho que ela me reconheceu e eu, pela última vez, apertei sua mão; como tinha murchado! Então, pela manhã, de repente, vieram me avisar que Marie havia morrido. Naquela hora, foi impossível conter as crianças: enfeitaram de flores todo o caixão de Marie e puseram uma coroa de flores em sua cabeça. Na igreja, o pastor já não falou mal da morta, mas também havia pouquíssima gente no velório, só algumas pessoas passaram por lá, e apenas por curiosidade; mas quando foi preciso carregar o caixão, as crianças se precipitaram todas ao mesmo tempo para carregá-lo com as próprias mãos. Como não tinham força para isso, outros vieram ajudar, todas as crianças se precipitaram atrás do caixão e todas choravam. Depois disso, as crianças sempre reverenciavam o tumultozinho de Marie, todo ano elas o enfeitavam de flores, plantavam rosas em redor. No entanto, passado

o enterro, começou a grande perseguição de todo o povoado contra mim, por causa das crianças. Os principais instigadores eram o pastor e o professor. As crianças foram rigorosamente proibidas até de se encontrarem comigo, e o Schneider até se comprometeu a fazer cumprir essa proibição. Mesmo assim, nós nos encontrávamos, nos comunicávamos de longe, por meio de sinais. Elas me mandavam seus bilhetinhos. Mais tarde, tudo isso acabou passando, mas na ocasião foi muito bom: eu me aproximei ainda mais das crianças por conta daquela perseguição. No último ano, quase cheguei a fazer as pazes com o Thibaud e com o pastor. E o Schneider sempre conversava e discutia muito comigo a respeito do meu “sistema” nocivo com as crianças. Mas qual era o meu sistema? No fim, Schneider me expôs uma ideia sua, muito estranha, isso aconteceu já pouco antes da minha partida, ele me disse que estava plenamente convencido de que eu mesmo sou uma verdadeira criança, ou seja, uma criança completa, que só no rosto e na estatura eu pareço um adulto, mas que no desenvolvimento, no espírito, na personalidade e, talvez, até na inteligência, eu não sou adulto, e assim vou permanecer, mesmo que viva até os sessenta anos. Eu ri muito: claro, ele está errado, pois que criança eu poderia ser? Porém apenas uma coisa é verdade: eu, de fato, não gosto de ficar na companhia de adultos, de pessoas grandes, e isso eu percebi já faz tempo, e não gosto porque não sei como agir. O que quer que falem comigo, por mais que se mostrem bondosos, ainda assim, por algum motivo, é sempre penoso para mim, e eu fico muito feliz quando consigo fugir depressa ao encontro de meus amigos, e os meus amigos sempre foram as crianças, mas não porque eu mesmo seja uma criança e sim porque, simplesmente, sou atraído para elas. Quando eu, desde o início de minha temporada naquele povoado, saía para caminhar sozinho e tristonho pela montanha, quando eu vagava solitário, às vezes encontrava, em especial ao meio-dia, todo aquele bando de alunos, de saída

da escola, um bando ruidoso, agitado, que corria com suas mochilas e suas pranchetas de ardósia, entre gritos, risos, brincadeiras, e de repente minha alma toda começava a desejar a companhia das crianças. Não sei, mas comecei a experimentar uma espécie de sensação extremamente intensa e feliz a cada encontro com elas. Eu parava e ria de felicidade, olhando para seus pezinhos pequenos, fugazes, sempre na correria, para os meninos e para as meninas, que sempre corriam juntos, para os risos e para as lágrimas (pois, no intervalo entre sair da escola e ir para casa, muitos ainda tinham tempo de brigar, chorar muito, fazer as pazes e brincar outra vez), e eu logo esquecia minha angústia. Depois, ao longo daqueles três anos inteiros, eu nem era capaz de entender como as pessoas conseguiam sentir angústia ou por que sentiam alguma angústia. Todo o meu destino estava nas mãos das crianças. Eu nunca sequer pensava em deixar o povoado e nunca me vinha a ideia de ir para qualquer lugar aqui na Rússia. Eu achava que ficaria lá para sempre, mas, no fim, entendi que o Schneider não podia mais continuar me mantendo ali, e foi então que aconteceu algo, pelo visto, tão importante que o próprio Schneider tratou rapidamente de me mandar de volta e, por conta disso, enviou para cá uma correspondência em meu nome. Agora eu vou verificar do que se trata e vou pedir conselhos a alguém. Talvez o meu destino mude por completo, porém não é disso que se trata nem é isso o mais importante. O mais importante é que toda a minha vida já se transformou por inteiro. Deixei lá muita coisa, coisas demais. Tudo desapareceu. Tomei meu assento no vagão e pensei: “Agora, vou viver por conta própria; pode ser que eu não saiba fazer nada, mas uma nova vida começou”. Decidi que ia realizar meu trabalho com honestidade e firmeza. Talvez eu me sinta aborrecido e incomodado na companhia das pessoas. No primeiro caso, resolvi ser franco e cortês com todo mundo; ninguém exigiria mais nada de mim. Talvez também aqui me considerem uma

criança... pois que seja! Por alguma razão, todos também me tomavam por um idiota, e de fato, na ocasião, eu andava tão doente que parecia um idiota; mas o que tenho de idiota, agora, se eu mesmo compreendo que me tomam por um idiota? Entro num lugar e penso: “Veja, eles me consideram um idiota, mas eu sou inteligente e eles não se dão conta...”. Muitas vezes me vem esse pensamento. Quando eu estive em Berlim, recebi algumas cartas das crianças do povoado, que tinham conseguido me escrever, e só aí entendi como eu as amava. Foi muito penoso receber a primeira carta! Como elas estavam tristes quando se despediram de mim! Começaram a se despedir ainda um mês antes de eu partir: “*Léon s’en va. Léon s’en va pour toujours!*”.³⁸ Todo fim de tarde, nos reuníamos junto à cascata, como antes, e todos falavam como seria a nossa despedida. Às vezes, estávamos tão alegres quanto antes; só que, à noite, quando nos separávamos, as crianças me abraçavam com uma força e um fervor que antes não havia. Algumas corriam ao meu encontro escondidas das outras, uma de cada vez, só para me abraçar e me beijar sozinhas e não na presença das demais. Quando eu já seguia pela estrada, todas elas, em bando, me acompanharam até a estação. A estação ferroviária ficava a mais ou menos uma versta do povoado. As crianças faziam força para não chorar, mas muitas não conseguiram e choraram alto, em especial as meninas. Andávamos depressa para eu não chegar atrasado, porém, de repente, uma delas se atirava na minha direção, no meio da estrada, me envolvia em seus bracinhos miúdos e me beijava, e toda a multidão se detinha só para isso; por maior que fosse a nossa pressa, todos paravam e esperavam, enquanto aquela criança se despedia. Quando tomei meu assento no vagão e o trem deu a partida, todas as crianças gritaram para mim: “Hurra!”. E ficaram ali paradas muito tempo, até o vagão desaparecer por completo. Eu também fiquei olhando para elas... Escutem, agora há pouco, quando entrei aqui e vi seus rostos

meigos (eu agora observo muito bem os rostos) e ouvi as primeiras palavras das senhoras, pela primeira vez desde aquele tempo, senti uma leveza na alma. Agora há pouco, eu estava mesmo pensando que, talvez, eu seja realmente um felizardo: afinal, eu sei que não é fácil encontrar pessoas de quem nós gostamos logo ao primeiro olhar, porém, pouco depois de descer do vagão, encontrei as senhoras. Eu sei muito bem que todos têm vergonha de falar dos próprios sentimentos, mas, vejam, eu estou falando dos meus e, com as senhoras, não sinto nenhuma vergonha. Sou insociável e talvez passe muito tempo sem vir à sua casa. Não me entendam mal: eu não quis dizer, com isso, que não tenho apreço pelas senhoras, e também não pensem que fiquei magoado com alguma coisa. As senhoras me perguntaram a respeito dos seus rostos, perguntaram o que foi que eu reparei neles. Pois vou lhes responder, com todo o prazer. A senhora, Adelaida Ivánovna, tem um rosto feliz e, dos três rostos, é o mais simpático. Além de ser muito bonita, quem olha para a senhora diz: “Tem o rosto de uma boa irmã”. Com sua maneira simples e alegre, a senhora é capaz de conhecer um coração bem depressa. É isso que me parece haver no seu rosto. E o seu, Aleksandra Ivánovna, também é bonito e muito meigo, porém talvez a senhora tenha algum segredo triste; sem dúvida, a sua alma é excelente, só que a senhora não é alegre. Seu rosto tem um matiz peculiar, parece o rosto da Madona de Holbein, em Dresden.³⁹ Pois bem, é isto que vejo no seu rosto; sou bom adivinho? A senhora mesma me considera um adivinho. Mas quanto ao seu rosto, Lizavieta Prokófievna — e virou-se, de repente, para a generala —, quanto ao seu rosto, não apenas tenho a impressão como estou mesmo convencido de que a senhora é uma autêntica criança, em tudo, tudo, tudo de bom, e em tudo de ruim, apesar de a senhora já ter essa idade. Não vai ficar zangada comigo por dizer isso? Afinal, a senhora sabe a visão que tenho das crianças, não é? E também não pensem que foi por simplicidade

de espírito que eu disse tudo isso a respeito dos seus rostos, ah, não, absolutamente! Talvez eu também tenha as minhas ideias.

Quando o príncipe se calou, todas estavam olhando para ele, alegres, até Aglaia, mas sobretudo Lizavieta Prokófievna.

— Pronto, já está examinado! — exclamou a generala. — Vejam só, as minhas caras senhoras achavam que iriam apadrinhar o príncipe como se fosse um coitadinho, só que foi ele que, a muito custo, se dignou aceitá-las, e ainda assim com a ressalva de que apenas raramente virá nos visitar. Nós fomos feitas de bobas, e eu estou contente; mas a pior parte ficou para o Ivan Fiódorovitch. Bravo, príncipe! Agora há pouco, nos mandaram examinar o senhor. E o que o senhor disse a respeito do meu rosto é a absoluta verdade: eu sou uma criança e sei disso. Antes mesmo do senhor, eu já sabia; o senhor exprimiu com precisão o meu pensamento em uma só palavra. Considero a sua personalidade perfeitamente afim à minha e isso me deixa muito contente; são como duas gotas de água. Só que o senhor é homem e eu, mulher, e também nunca estive na Suíça; essa é toda a diferença.

— Não se apresse, *maman* — gritou Aglaia. — O príncipe falou que havia uma ideia especial em todas as suas confissões e que não estava dizendo isso por simplicidade de espírito.

— Sim, sim — riram as outras.

— Não zombem, queridas, além do mais, talvez ele seja bem mais astuto do que vocês todas. Vocês verão. Mas, afinal, príncipe, o senhor nada disse a respeito de Aglaia. Ela está esperando, e eu também.

— Por ora, eu não posso dizer nada; depois eu digo.

— Por quê? Ela não lhe parece digna de atenção?

— Ah, claro que sim; a senhora é de uma beleza extraordinária, Aglaia Ivánovna. É tão bela que dá medo olhar para a senhora.

— Só isso? E as qualidades? — insistiu a generala.

— É difícil julgar a beleza; eu ainda não estou preparado. A beleza é um enigma.

— Isso significa que o senhor propôs um enigma para a Aglaia — disse Adelaida. — Decifre, Aglaia. Mas ela é bonita, não é bonita, príncipe?

— Extremamente! — respondeu o príncipe, com fervor, depois de olhar para Aglaia com enlevo. — Quase tão bonita quanto Nastássia Filíppovna, embora o rosto seja muito diferente!...

Todas se entreolharam, com espanto.

— Como que-e-e-em? — perguntou a generala, arrastando a voz. — Como Nastássia Filíppovna? Mas onde o senhor viu a Nastássia Filíppovna? Que Nastássia Filíppovna?

— Agora há pouco, o Gavrila Ardaliónovitch mostrou um retrato para o Ivan Fiódorovitch.

— O quê? Ele trouxe um retrato para o Ivan Fiódorovitch?

— Para mostrar. Hoje, Nastássia Filíppovna deu seu retrato de presente para Gavrila Ardaliónovitch e ele trouxe o retrato para mostrar.

— Eu quero ver! — A generala se pôs de pé. — Onde está o retrato? Se deu de presente para ele, então deve estar com ele e, claro, ele ainda se encontra no escritório. Sempre vem trabalhar às quartas-feiras e nunca vai embora antes das quatro. Chamem já aqui o Gavrila Ardaliónovitch! Não,

eu não estou, nem um pouco, morrendo de desejo de ver esse retrato. Mas, príncipe, faça-me um obséquio, meu caro: vá ao escritório, pegue emprestado com ele o retrato e traga aqui. Diga que é para eu olhar. Por favor.

— Ele é bom, mas é simplório demais — disse Adelaida, quando o príncipe saiu.

— Sim, tem algo de excessivo — confirmou Aleksandra. — Chega a ser um pouco ridículo.

Mas tanto uma como a outra pareceram não dizer tudo o que tinham em mente.

— Entretanto, ele soube se desembaraçar muito bem quando falou dos nossos rostos — disse Aglaia. — Lisonjeou todas nós, até a *maman*.

— Não banque a engraçadinha, por favor! — exclamou a generala. — Mas ele não me lisonjeou, eu é que fiquei lisonjeada.

— Então, você acha que ele estava numa situação embaraçosa? — perguntou Adelaida.

— Eu acho que ele não tem nada de simplório.

— Pronto, já começou! — A generala irritou-se. — Para mim, vocês são ainda mais ridículas do que ele. É simplório, mas é também sagaz, no sentido mais nobre da palavra, é claro. Exatamente como eu.

“Claro, foi detestável eu deixar escapar a história do retrato”, refletia o príncipe ao entrar no escritório, sentindo também algum remorso. “Mas... talvez eu tenha agido bem ao revelar o assunto...” Uma ideia estranha começava a faiscar em seu pensamento, ainda não muito clara.

Gavrila Ardaliónovitch continuava no escritório, mergulhado em sua papelada. Não havia de ser à toa que recebia seu salário da sociedade por ações. Mostrou-se muito embaraçado quando o príncipe pediu o retrato e contou como elas tinham sabido a respeito.

— A-a-ah! Mas por que o senhor tinha de contar! — exclamou, com irritação e rancor. — O senhor não entende nada... Idiota! — resmungou para si mesmo.

— Desculpe, eu falei sem pensar; a conversa me levou a isso. Eu tinha acabado de dizer que a Aglaia é quase tão bonita quanto Nastássia Filíppovna.

Gânia pediu que ele contasse a conversa em mais detalhes; o príncipe contou. Mais uma vez, Gânia olhou para ele com ar de zombaria.

— Então a Nastássia Filíppovna pareceu ao senhor... — balbuciou, mas, antes de concluir, se pôs pensativo.

Ele estava visivelmente inquieto. O príncipe mencionou o retrato.

— Escute, príncipe — disse Gânia de repente, como se uma ideia súbita tivesse lhe ocorrido. — Tenho um pedido muito importante para o senhor... Mas, na verdade, eu não sei...

Mostrou-se embaraçado e não terminou a frase; estava resolvendo algo e parecia lutar contra si mesmo. O príncipe aguardava, calado. Mais uma vez, Gânia fitou-o, com um olhar fixo e penetrante.

— Príncipe — começou, mais uma vez. — Agora, elas estão com raiva de mim... por uma circunstância totalmente estranha... e ridícula... da qual eu não tenho culpa... bem, em resumo, isso não vem ao caso... parece que elas andam um pouco irritadas comigo, portanto, por algum tempo, eu prefiro não entrar lá sem ser chamado. Tenho uma necessidade premente de conversar com Aglaia Ivánovna. Em todo caso, escrevi algumas palavras — apareceu em suas mãos uma pequena folhinha de papel —, só que eu não sei como entregar para ela. Será que o senhor, príncipe, não faria a bondade de entregar este bilhete para Aglaia Ivánovna agora, mas só para ela, quer dizer, sem que ninguém mais veja, entende? Não tem nenhum segredo, não se trata de nada desse tipo... mas... será que o senhor pode fazer isso?

— Não acho muito agradável — respondeu o príncipe.

— Ah, príncipe, eu preciso demais! — insistiu Gália. — Talvez ela responda... Acredite, só num caso extremo, só no caso mais extremo eu poderia pedir... Por quem mais eu poderia enviar?... É muito importante... É tremendamente importante, para mim...

Gália temia com horror que o príncipe não concordasse e o fitava nos olhos, com ar de súplica covarde.

— Pode deixar, eu entrego.

— Mas contanto que ninguém mais perceba — implorou Gália, alegre.
— E, veja, príncipe, posso contar com a sua palavra de honra, não é?

— Eu não vou mostrar para ninguém — respondeu o príncipe.

— O bilhete não está lacrado, mas... — Gália, bastante agitado, tentou dizer algo, porém se deteve, constrangido.

— Ah, eu não vou ler — respondeu o príncipe com toda a simplicidade, pegou o retrato e saiu do escritório.

Gália, ao ficar sozinho, levou as mãos à cabeça:

— Uma única palavra dela e eu... e eu, juro, talvez rompa!

De tanta emoção e expectativa, ele não era mais capaz de ficar sentado na frente da sua papelada, e começou a andar pelo escritório, de um canto para outro.

Já o príncipe caminhava pensativo: aquela missão lhe dava uma sensação desagradável, como também era desagradável a ideia do bilhete de Gália para Aglaia. Porém, antes de vencer os dois cômodos que o separavam da sala, de súbito, parou, como se tivesse lembrado algo. Olhou em volta, aproximou-se da janela, mais perto da luz, e se pôs a olhar para o retrato de Nastássia Filíppovna.

Parecia querer decifrar algo oculto naquele rosto, que, pouco antes, o impressionara tanto. A impressão anterior se mantinha quase intacta e,

agora, o príncipe parecia apressado para conferir algo, mais uma vez. Tratava-se de um rosto extraordinário por sua beleza e também por alguma outra coisa, que agora o impressionava com mais força ainda. Naquele rosto, parecia haver um orgulho e um desprezo incomensuráveis, quase um ódio, e, ao mesmo tempo, havia algo crédulo, algo de uma candura espantosa; ao observar aquelas feições, esses dois lados contrastantes despertavam uma espécie de compaixão. Tal beleza ofuscante chegava a ser insuportável, a beleza de um rosto pálido, de faces só um pouquinho encovadas e de olhos chamejantes; que beleza estranha! O príncipe observou por um minuto, depois, de repente, tomou coragem, olhou em redor, aproximou o retrato dos lábios e o beijou depressa. Um minuto depois, quando chegou à sala, o príncipe tinha o rosto absolutamente tranquilo.

Porém, assim que o príncipe entrou na sala de refeições (depois de atravessar outro cômodo, após a sala de visitas), Aglaia, que vinha saindo de lá, quase esbarrou com ele. Aglaia estava sozinha.

— Gavrila Ardaliónovitch me pediu para lhe dar isto — disse o príncipe, entregando o bilhete.

Aglaia se deteve, pegou o bilhete e olhou para o príncipe de modo um tanto estranho. Em seu olhar, não havia o menor traço de constrangimento, no máximo haveria alguma surpresa, que, pelo visto, dizia respeito unicamente ao príncipe. Com seu olhar, Aglaia como que cobrava dele uma resposta: de que modo o príncipe se envolvera naquela história com Gânia? E era com calma e altivez que exigia tal resposta. Os dois se mantiveram parados, frente a frente, dois ou três minutos, até que, por fim, uma ligeira expressão irônica se desenhava no rosto de Aglaia; ela sorriu de leve e seguiu em frente.

A generala se manteve calada por um tempo e, com um toque de displicência, observou o retrato de Nastássia Filíppovna, que ela segurava à sua frente com o braço estendido, mantendo-o longe dos olhos de maneira exagerada e ostensiva.

— Sim, é bonita — disse, afinal. — Até muito bonita. Eu a vi duas vezes, só de longe. Então, o senhor aprecia esse tipo de beleza? — Voltou-se, de repente, para o príncipe.

— Sim... esse tipo... — respondeu o príncipe, com algum esforço.

— Quer dizer, exatamente esse?

— Exatamente esse.

— Por quê?

— Nesse rosto... há muito sofrimento... — falou o príncipe, como que a contragosto, e como se falasse para si mesmo e não em resposta à pergunta.

— No entanto, o senhor pode estar delirando — concluiu a generala e, com um gesto desdenhoso, afastou de si o retrato, colocando-o sobre a mesa.

Aleksandra pegou-o, Adelaida se aproximou e as duas se puseram a examinar o retrato. Nesse instante, Aglaia voltou para a sala de visitas.

— Que força! — exclamou Adelaida, de repente, enquanto observava o retrato com avidez, por cima do ombro da irmã.

— Onde? Que força? — perguntou Lizavieta Prokófievna, com segura.

— Que beleza... e força — repetiu Adelaida, admirada. — Com tamanha beleza, é possível pôr o mundo de pernas para o ar!

E voltou pensativa para seu cavalete. Aglaia olhou para o retrato apenas de relance, franziu as sobrancelhas, fez beicinho, afastou-se e sentou-se à parte, de braços cruzados.

A generala tocou a sineta.

— Chame aqui o Gavriila Ardaliónovitch, ele está no escritório — ordenou para o criado, que entrou.

— *Maman!* — exclamou Aleksandra, num tom expressivo.

— Eu quero lhe dizer duas palavrinhas... e chega! — cortou depressa a generala, impedindo qualquer objeção. Estava visivelmente irritada. — Veja só, príncipe, agora estamos sempre rodeadas de segredos. Tudo é segredo! É o que exige sei lá que etiqueta absurda. E isso acontece mesmo num caso que impõe a mais completa sinceridade, clareza e honestidade. Os casamentos estão em gestação, mas não me agradam esses casamentos...

— *Maman*, do que a senhora está falando? — Mais uma vez, Aleksandra se apressou em interrompê-la.

— O que há com você, querida filha? E, por acaso, você está gostando? Que importa que o príncipe escute, se somos todos amigos? Pelo menos, eu e ele. Deus procura as pessoas boas, é claro, pois das más e caprichosas ele não precisa. Sobretudo das caprichosas, que hoje resolvem uma coisa, mas amanhã decidem outra. Entendeu, Aleksandra Ivánovna? Minhas filhas dizem que eu sou uma excêntrica, príncipe, mas eu sei distinguir. Porque o principal é o coração e o resto é bobagem. Claro, a inteligência também é necessária... talvez seja até o mais importante. Não fique de sorrisinhos, Aglaia, eu não estou me contradizendo: uma tola com coração e sem inteligência é uma tola tão infeliz quanto outra com inteligência e sem coração. Essa é uma verdade antiga. Veja, sou uma tola com coração e sem inteligência, e você é uma tola com inteligência e sem coração; nós duas somos infelizes e nós duas sofremos.

— Mas por que a senhora é tão infeliz, *maman*? — Adelaida não resistiu, pois ela, pelo visto, entre todos os presentes, era a única que não perdera a alegria de espírito.

— Em primeiro lugar, por causa das minhas filhas tão eruditas — retrucou a generala. — E como só isso já é o bastante, não vale a pena me estender sobre o resto. Esse palavreiro já foi longe demais. Vamos ver como vocês duas (não estou contando com a Aglaia), com toda sua inteligência e sua eloquência, vão se sair, e se você, minha respeitabilíssima Aleksandra Ivánovna, será feliz com o seu tão honrado cavalheiro... Ah!... — exclamou, ao ver Gânia, que acabara de entrar. — Vejam, aí está outra união matrimonial. Bom dia! — falou, em resposta à reverência de Gânia, mas não o convidou a sentar. — O senhor está contraindo matrimônio?

— Matrimônio?... Como?... Que matrimônio?... — balbuciou o perplexo Gavrila Ardaliónovitch. Sentiu-se horrivelmente embaraçado.

— Eu pergunto se o senhor está se casando, caso essa expressão seja mais do seu agrado.

— N-não... eu... n-não — mentiu Gavrila Ardaliónovitch, e a cor da vergonha inundou seu rosto. Lançou um olhar furtivo para Aglaia, sentada à parte, e desviou os olhos depressa. Aglaia mirava Gânia com frieza, tenacidade e calma, sem desviar os olhos, e observava seu constrangimento.

— Não? O senhor disse “não”? — indagou com insistência a implacável Lizavieta Prokófievna. — Chega. Eu vou lembrar que o senhor, hoje, nesta manhã de quarta-feira, respondeu “não” à minha pergunta. Que dia é hoje, quarta-feira?

— Parece que é quarta-feira, *maman* — respondeu Adelaida.

— Vocês nunca sabem o dia da semana. E o dia do mês?

— Vinte e sete — respondeu Gânia.

— Vinte e sete? Isso é bom, por certos cálculos. Adeus, parece que o senhor anda muito atarefado e, quanto a mim, está na hora de trocar de roupa e partir; leve o seu retrato. Transmita meus cumprimentos à infeliz Nina Aleksándrovna. Até logo, meu querido príncipe! Venha nos ver mais

vezes, e agora eu vou à casa de Bielokónskaia especificamente para falar de você. E escute, meu caro: acredito que foi Deus que o enviou da Suíça para Petersburgo justamente para me encontrar. Pode ser que o senhor tenha aqui outros compromissos, porém o mais importante sou eu. Foi Deus que decidiu exatamente desse modo. Até logo, queridas. Aleksandra, minha amiga, depois dê um pulo no meu quarto.

A generala se retirou. Desconcertado, atônito, furioso, Gânia pegou o retrato sobre a mesa e, com um sorriso retorcido, voltou-se para o príncipe:

— Agora eu vou para casa, príncipe. Caso o senhor não tenha mudado de ideia quanto a morar conosco, eu o levarei até lá, já que não sabe o endereço.

— Espere, príncipe — disse Aglaia, erguendo-se da cadeira de repente. — O senhor ainda tem que deixar algo escrito no meu álbum. O papai disse que o senhor é um calígrafo. Eu vou trazer agora mesmo para o senhor...

E saiu.

— Até logo, príncipe, eu também vou sair — disse Adelaida.

E apertou com firmeza a mão do príncipe, deu um sorriso simpático e carinhoso e saiu. Nem olhou para Gânia.

— Foi o senhor... — Gânia se atirou de súbito contra o príncipe, rangendo os dentes, assim que todas saíram. — Foi o senhor que contou tudo para elas, contou que eu ia casar! — Balbuciou em atropelo, quase num sussurro, o rosto enraivecido e os olhos chamejantes de rancor. — Seu tagarela desavergonhado!

— Garanto ao senhor que está cometendo um engano — respondeu o príncipe, em tom calmo e polido. — Eu também não sabia que o senhor ia casar.

— O senhor soube agora há pouco, quando ouviu o Ivan Fiódorovitch dizer que tudo seria decidido hoje à noite, na casa de Nastássia Filíppovna,

e o senhor também contou isso para elas! O senhor está mentindo! De onde mais elas poderiam ter sabido? Que diabo, quem além do senhor poderia ter contado a elas? Por acaso não foi isso que a velha insinuou para mim?

— Se o senhor acha que fizeram alguma insinuação, o senhor deve saber melhor do que eu quem foi que contou; eu não disse nem uma palavra.

— Entregou o bilhete? E a resposta? — Gânia retrucou, tomado por uma impaciência inflamada. Porém, naquele exato instante, Aglaia voltou e o príncipe não teve tempo de responder.

— Pronto, príncipe — disse Aglaia, e colocou o álbum sobre a mesinha. — Escolha uma página e escreva algo para mim. Tome esta pena, ainda é nova. Não importa que seja de aço? Ouvi dizer que os calígrafos não usam penas de aço.

Enquanto conversava com o príncipe, ela parecia nem notar a presença de Gânia. Porém, no momento em que o príncipe ajustava a pena, procurava uma página e se preparava para escrever, Gânia se aproximou da lareira, onde Aglaia estava de pé, à direita do príncipe, e, com voz trêmula e entrecortada, falou para ela, quase no seu ouvido:

— Uma palavra, só uma palavra da senhora... e eu estou salvo.

O príncipe virou-se depressa e olhou para ambos. No rosto de Gânia, havia um desespero autêntico; parecia ter dito aquelas palavras sem pensar, num rompante. Aglaia olhou para ele por alguns segundos, exatamente com a mesma surpresa tranquila com que, pouco antes, havia olhado para o príncipe e, pelo visto, sua surpresa tranquila e aquela perplexidade, que parecia nascer da completa incompreensão do que lhe estavam dizendo, eram, naquele minuto, mais terríveis para Gânia do que o mais forte desprezo.

— O que eu devo escrever? — perguntou o príncipe.

— Eu já vou ditar — respondeu Aglaia, virando-se para ele. — Pronto? Então, escreva: “Eu não entro em negociatas”. Agora, registre o dia e o mês. Mostre-me.

O príncipe lhe deu o álbum.

— Magnífico! O senhor escreve de forma admirável; tem uma letra maravilhosa! Muito obrigado. Até logo, príncipe... Espere — acrescentou, como se tivesse lembrado algo de repente. — Venha comigo, eu quero lhe dar uma lembrança minha.

O príncipe foi atrás; porém, ao entrar na sala de refeições, Aglaia parou.

— Leia isto — disse, e entregou a ele o bilhete de Gánia.

O príncipe pegou o bilhete e, com espanto, olhou para Aglaia.

— Eu sei muito bem que o senhor não leu e que não pode ser um confidente daquele homem. Leia, eu quero que o senhor leia.

Era evidente que o bilhete tinha sido escrito às pressas:

Hoje, vai se decidir o meu destino, a senhora sabe de que forma. Hoje, eu devo dar a minha palavra irrevogável. Não tenho nenhum direito à sua simpatia, não me atrevo a ter nenhuma esperança; mas, um dia, a senhora deixou escapar uma palavra, só uma palavra, e essa palavra iluminou toda a noite escura da minha vida e, para mim, tornou-se um farol. Agora, diga mais uma palavra como aquela e me salvará da desgraça! Diga-me apenas: rompa tudo, e hoje mesmo eu romperei tudo. Ah, o que custa para a senhora dizer isso! Nessa palavra, eu peço apenas um sinal da sua simpatia e compaixão por mim. E só, só! Mais nada, nada! Eu não me atrevo a imaginar nenhuma esperança, porque não sou digno disso. Porém, depois da sua palavra, aceitarei minha pobreza outra vez, suportarei com alegria minha situação desesperada. Irei ao encontro da luta e, nela, ficarei contente, com forças renovadas!

Envie-me esta palavra de compaixão (só de compaixão, eu juro)! Não se zangue com a petulância de um desesperado, com alguém que está se afogando, por ter se atrevido a fazer um último esforço para salvar-se da morte.

G. I.

— Esse homem afirma — disse Aglaia, em tom acerbo, quando o príncipe terminou de ler — que as palavras “rompa tudo” não me comprometem e não me ofendem em nada, e me dá, ele mesmo, esta

garantia por escrito, como o senhor vê, por meio deste bilhete. Observe como ele se apressou ingenuamente em frisar algumas palavrinhas e como seu pensamento secreto transparece de modo grosseiro. Entretanto, ele bem sabe que, se rompesse tudo por conta própria, sozinho, sem esperar a minha palavra e até sem falar comigo sobre esse assunto, sem ter nenhuma esperança a meu respeito, meu sentimento por ele, nesse caso, mudaria e, talvez, eu me tornasse sua amiga. Ele sabe muito bem disso! Mas ele tem a alma suja; ele sabe e não ousa tomar uma decisão, sabe e, mesmo assim, pede garantias. Ele não está em condições de tomar uma decisão com base na confiança. Em troca de cem mil rublos, quer que eu lhe dê esperanças a meu respeito. Quanto a essa palavra anterior, a que se refere no bilhete e que teria iluminado sua vida, ele está mentindo sem o menor pudor. Eu tive pena dele uma vez, nada mais que isso. Só que ele é arrogante e sem pudor: na mesma hora, lhe passou pela cabeça a ideia da possibilidade de uma esperança; e eu compreendi isso, imediatamente. De lá para cá, ele passou a me assediar; e agora também está me assediando. Mas, chega; leve o bilhete e devolva para ele, agora mesmo, assim que sair de nossa casa, é claro, não antes.

— E o que eu vou lhe dizer em resposta?

— Nada, é claro. É a melhor resposta. Quer dizer que o senhor pretende morar na casa dele?

— Agora há pouco, o próprio Ivan Fiódorovitch me recomendou — explicou o príncipe.

— Então, tome cuidado com ele, eu previno o senhor; ele não vai perdoá-lo, agora que o senhor vai lhe devolver o bilhete.

Aglaia apertou ligeiramente a mão do príncipe e saiu. Tinha o rosto sério e carregado, nem mesmo sorriu, quando inclinou a cabeça para o príncipe, em sinal de despedida.

— Agora eu vou só pegar a minha trouxinha — disse o príncipe para Gália. — E logo depois vamos embora.

Gália bateu o pé no chão, em sinal de impaciência. Seu rosto chegou a escurecer de raiva. Por fim, os dois saíram à rua, o príncipe com sua trouxinha nas mãos.

— E a resposta? E a resposta? — Gália se atirou para cima dele. — O que foi que ela disse? O senhor lhe deu a carta?

Em silêncio, o príncipe lhe devolveu o bilhete. Gália parou, estupefato.

— O quê? O meu bilhete! — gritou. — Ele nem entregou o bilhete! Ah, eu devia ter adivinhado! Ah, mal-di-to... Foi por isso que ela não estava entendendo nada, agora há pouco! Mas como, como, como pode não ter entregado o meu bilhete, ah, mal-di-to...

— Desculpe, mas, ao contrário, eu consegui lhe entregar o seu bilhete bem depressa, logo depois que o senhor me deu, e exatamente da maneira como o senhor me pediu. E ele só voltou para mim porque Aglaia Ivánovna me devolveu há poucos minutos.

— Quando? Quando?

— Assim que acabei de escrever no seu álbum e quando ela me chamou para acompanhá-la. O senhor não viu? Entramos na sala de refeições, ela me entregou o bilhete, mandou ler e mandou devolver para o senhor.

— Le-e-er? — gritou Gália, quase aos berros. — Ler! O senhor leu?

E, mais uma vez, parou estupefato em plena calçada, porém tão abismado que até ficou de boca aberta.

— Sim, eu li, agora mesmo.

— E foi ela, ela mesma que lhe deu para ler? Ela mesma?

— Foi ela mesma e, acredite, eu não teria lido sem que ela pedisse.

Gália ficou calado um minuto e, à custa de um esforço torturante, deduziu algo, porém gritou de repente:

— Não pode ser! Ela não podia mandar que o senhor lesse! Está mentindo! Foi o senhor mesmo que leu!

— Estou dizendo a verdade — respondeu o príncipe no mesmo tom de antes, absolutamente impassível. — E, acredite: lamento muito que isso produza no senhor uma impressão tão ruim.

— Mas, seu infeliz, pelo menos ela lhe disse algo a respeito? Ela respondeu alguma coisa?

— Sim, claro.

— Então diga logo, diga, oh, diabo!...

E, duas vezes, Gánia bateu na calçada com o pé direito, metido numa galocha.

— Assim que terminei de ler, ela me disse que o senhor a assediava; que o senhor queria comprometê-la de modo a obter alguma esperança da parte dela, para, com base nessa esperança, poder romper com a outra esperança, sem prejuízo dos cem mil rublos. Disse que, se o senhor fizesse isso sem barganhar com ela, se rompesse tudo por sua própria conta, sem pedir de antemão alguma garantia da parte dela, talvez ela pudesse ser sua amiga. E isso foi tudo, eu acho. Sim, há mais uma coisa: quando eu, já com o bilhete na mão, perguntei qual era a resposta, ela disse que deixar sem resposta era a melhor resposta... acho que foi isso: desculpe se esqueci as palavras exatas, mas estou transmitindo tal como compreendi.

Uma raiva desmedida dominou Gánia e sua fúria explodiu sem nenhum freio.

— Ah! Então é assim! — Seus dentes rangiam. — Jogar o meu bilhete pela janela desse modo! Ah! Ela não entra em barganhas... então eu é que entro! Pois vamos ver! Eu ainda tenho muitos recursos... Vamos ver!... Eu vou mostrar quem é que manda!...

Ele se torceu todo, ficou pálido, espumou; ameaçou com o punho cerrado. Desse modo, deu alguns passos. Não tinha a menor cerimônia com o príncipe, era como se estivesse sozinho em seu quarto, porque o considerava nulo, no mais alto grau. Porém, de repente, se deu conta de algo e voltou a si.

— Mas de que forma — e, de súbito, voltou-se para o príncipe —, de que forma o senhor, um mero idiota — acrescentou para si mesmo —, de que forma o senhor obteve tamanha confiança, apenas duas horas depois de ser apresentado a ela? Como é possível?

A todos os seus tormentos, ainda faltava a inveja. E, de repente, a inveja cravou os dentes em cheio no seu coração.

— Isso eu já não sou capaz de explicar — respondeu o príncipe.

Gânia o fitou furioso:

— Afinal, não terá sido justamente a sua confiança que ela quis lhe dar de presente, quando o chamou para ir à sala de refeições? Ela não disse que ia lhe dar uma lembrança?

— Eu não posso entender de outro modo, senão desse.

— Mas que diabo? O que foi que o senhor fez lá? Por que elas gostaram tanto? Escute aqui — e se alvoroçou com todas as forças (naquele instante, tudo dentro dele estava tão desarvorado, tudo fervia em tamanha desordem, que ele era incapaz de concatenar as ideias) —, escute aqui, será que o senhor não consegue lembrar, de alguma forma, e expor em ordem o que foi exatamente que o senhor falou com elas, todas as palavras, desde o início? Será que o senhor não percebeu algo, será que não guardou na memória?

— Ah, eu consigo lembrar sim, perfeitamente — respondeu. — Desde o início, quando entrei, me apresentei e logo começamos a conversar sobre a Suíça.

— Ora, para o diabo com a Suíça!

— Depois, sobre a pena de morte...

— Pena de morte?

— Sim, e foi por um acaso. Depois eu lhes contei como eu vivi três anos na Suíça e contei a história de uma pobre aldeã...

— Ora, para o diabo com sua pobre aldeã! Continue! — Gânia explodiu de impaciência.

— Depois, contei que o Schneider me revelou sua opinião acerca da minha personalidade e me forçou a...

— Dane-se o seu Schneider, eu não quero saber da opinião dele! E depois?

— Depois, por uma razão qualquer, comecei a falar sobre os rostos, ou seja, sobre as expressões dos rostos, e eu disse que Aglaia Ivánovna era quase tão bonita quanto Nastássia Filíppovna. E foi aí que deixei escapar a história do retrato...

— Mas o senhor não contou, o senhor, então, não contou o que tinha ouvido pouco antes, no escritório? Não? Não?

— Repito ao senhor que não.

— Então de onde souberam, que diabo... Bah! Será que a Aglaia não mostrou o bilhete para a velha?

— Quanto a isso, posso lhe garantir com toda a segurança que não mostrou. Eu fiquei ali o tempo todo; e ela nem teria tempo para isso.

— Mas pode ser que o senhor não tenha notado algo... Oh! Mal-di-to idiota! — exclamou, já completamente fora de si. — E ainda por cima é incapaz de contar o que quer que seja!

Como acontece com certo tipo de gente, quando Gânia começava a rogar pragas, e não encontrava resistência, pouco a pouco ia perdendo toda a compostura. Estava tão enfurecido que, mais um pouco e, quem sabe, ele começaria a cuspir. Porém foi justamente por causa daquela raiva que ele

ficou cego; de outro modo, teria prestado atenção no fato de que o “idiota” que ele tanto destratava às vezes era capaz de compreender tudo de forma demasiado rápida e aguda, além de transmitir aquilo de maneira extremamente satisfatória. No entanto, de repente, ocorreu algo inesperado.

— Eu devo fazer ver ao senhor, Gavriila Ardaliónovitch — disse o príncipe, de repente —, que eu antes, de fato, tinha a saúde tão debilitada que, na realidade, era quase um idiota; mas agora já faz tempo que me recuperei e por isso acho um tanto desagradável quando me chamam de idiota, frente a frente. Embora seja possível perdoar o senhor, tomando em consideração seus insucessos, o fato é que o senhor, em sua exasperação, já por duas vezes me ofendeu. Isso me desagrada bastante, sobretudo assim, de supetão, como fez o senhor, à queima-roupa. E já que estamos agora num cruzamento da rua, talvez seja melhor nos separarmos: o senhor seguirá para a direita, rumo a sua casa, e eu para a esquerda. Tenho vinte e cinco rublos e com certeza vou encontrar alguma pensão para me hospedar.

Gânia ficou muito embaraçado e chegou a ruborizar de vergonha.

— Desculpe, príncipe — exclamou com fervor, substituindo, de repente, seu tom ultrajante por outro extremamente polido. — Pelo amor de Deus, me desculpe! O senhor está vendo em que desgraça eu me encontro! O senhor ainda não sabe quase nada, mas, se soubesse tudo, com certeza haveria de me perdoar, ao menos um pouco; ainda que eu, é claro, seja imperdoável...

— Ah, eu não preciso de desculpas tão grandes — apressou-se em responder o príncipe. — Afinal, eu bem sei que o senhor está muito desgostoso e, por isso, fala de modo ofensivo. Muito bem, vamos para a sua casa. Com prazer, eu...

“Não, agora é impossível deixá-lo ir embora”, pensou Gânia, olhando com raiva para o príncipe, enquanto caminhava. “Esse farsante conseguiu

arrancar todos os meus segredos e depois, de repente, retirou a máscara... Isso significa alguma coisa. Pois logo vamos ver! Tudo vai se resolver, tudo, tudo! Hoje mesmo!”

Já estavam bem na frente do prédio.

O apartamento de Gânia ficava no terceiro andar, com acesso por uma escada muito limpa, clara e ampla, e era constituído por seis ou sete cômodos e pequenos recantos, de resto, perfeitamente comuns, mas, em todo caso, um pouco acima do que poderia pagar um funcionário que morava com a família, ainda que recebesse um ordenado de dois mil rublos. Entretanto, tinha sido projetado para abrigar inquilinos, com direito às refeições e à criadagem e, para grande desgosto de Gânia, era ocupado pelo próprio Gânia e por sua família havia não mais de dois meses, por força da insistência e dos apelos de Nina Aleksándrovna e de Varvara Ardaliónovna, que, por sua vez, desejavam ser úteis e aumentar, por pouco que fosse, a receita da família. Gânia fazia cara feia e chamava de indecoroso ceder aposentos para inquilinos; desde então, parecia sentir-se envergonhado quando em sociedade, onde se habituara a mostrar-se como um jovem de certo brilho e futuro. Todas aquelas concessões ao destino, toda aquela irritante falta de espaço — tudo aquilo representava profundas feridas em sua alma. Em pouco tempo, ele passou a se irritar de forma desmedida e desproporcional diante de qualquer ninharia e, se ainda concordava, por enquanto, em ceder e suportar, era apenas porque já estava decidido a modificar e reformular tudo aquilo no mais breve tempo. Entretanto, tal mudança, a própria saída em que ele havia se detido, representava um

problema considerável — problema cuja solução iminente ameaçava ser mais complicada e mais aflitiva do que tudo o que já existira.

O apartamento era atravessado por um corredor que começava logo depois da antessala. De um lado do corredor, ficavam os três quartos destinados a inquilinos “muito bem recomendados”; além disso, no mesmo lado do corredor, bem no final, junto à cozinha, havia outro quarto, mais apertado que os anteriores, onde residia o general aposentado Ívolguin, o pai da família, que dormia num amplo sofá e que, para entrar e sair, era obrigado a passar pela cozinha e pela escada dos fundos. No mesmo quarto, residia o irmão de Gavrila Ardaliónovitch, o ginasiano Kólia, de treze anos; encolhido ali, ele tinha de estudar, dormir num outro sofazinho, estreito, curto e velho demais, em cima de um lençol esburacado e, o mais importante, tinha de seguir e *vigiar* o pai, que, cada vez mais, se mostrava incapaz de viver sem aquilo. Para o príncipe, reservaram o quarto do meio, da série de três; no primeiro, à direita, morava Ferdíschenko; o terceiro, à esquerda, ainda se encontrava desocupado. Porém Gânia conduziu o príncipe, primeiro, à metade do apartamento onde morava a família. Aquela metade ocupada pela família era formada por um salão, que, se necessário, se convertia em sala de jantar, uma sala de estar, que, de resto, só cumpria essa função pela manhã, pois ao entardecer se transformava no escritório de Gânia e em seu dormitório, e por fim um terceiro quarto, apertado e sempre fechado, que era o dormitório de Nina Aleksándrovna e Varvara Ardaliónovna. Em suma, tudo no apartamento era apertado e retraído; Gânia se limitava a ranger os dentes consigo mesmo; embora quisesse ser, e fosse, respeitoso com a mãe, assim que alguém punha os pés em sua casa, logo podia notar que Gânia era o grande déspota da família.

Nina Aleksándrovna não estava sozinha na sala: sentada a seu lado estava Varvara Ardaliónovna; as duas trabalhavam em alguma peça de tricô e

conversavam com uma visita, Ivan Petróvitch Ptítsin. Nina Aleksándrovna aparentava ter cinquenta anos, de rosto magro, encovado e com pesadas olheiras; seu aspecto era doentio e um tanto amargurado, mas o rosto e o olhar eram bastante simpáticos. Desde as primeiras palavras, revelava o caráter sério e pleno de uma autêntica dignidade. Apesar da feição tristonha, pressentia-se nela firmeza e até determinação. Vestia-se de forma modesta ao extremo, em roupa escura, exatamente como uma velha; no entanto, suas maneiras, sua conversa e todo o seu modo de ser denunciavam a mulher que frequentara a melhor sociedade.

Varvara Ardaliónovna era uma jovem solteira de vinte e três anos, estatura mediana, bastante magra, de rosto não muito bonito, mas que possuía o segredo de agradar sem beleza e de se fazer atraente, até as raíais da paixão. Era muito semelhante à mãe, até a roupa era quase igual, em sua completa falta de desejo de se enfeitar. A expressão dos olhos serenos poderia, às vezes, parecer muito alegre e carinhosa, caso não se mostrasse, na maior parte do tempo, séria e pensativa, às vezes até demais, em especial ultimamente. A firmeza e a determinação também se revelavam em seu rosto, mas era possível pressentir que tal firmeza podia ser até mais veemente e mais disposta a agir que a da mãe. Varvara Ardaliónovna era bastante irritadiça e seu irmão, às vezes, chegava a temer seus acessos de cólera. O mesmo temor sentia Ivan Petróvitch Ptítsin, a visita agora na sala, em companhia das duas. Tratava-se de um homem bastante jovem, menos de trinta anos, discreto, porém vestido com elegância e de maneiras simpáticas, embora, de certo modo, demasiado graves. A barbicha castanho-escura denunciava um homem que não trabalhava no serviço público.⁴⁰ Sabia conversar de forma inteligente e interessante, porém muitas vezes se mantinha calado. Em geral, produzia uma impressão até agradável. Via-se com clareza que Ptítsin não era indiferente a Varvara

Ardaliónovna e não escondia seus sentimentos. Varvara Ardaliónovna o tratava de maneira amistosa, porém demorava a responder certas perguntas dele e até não apreciava tais perguntas; entretanto, Ptítsin estava longe de se sentir desanimado. Nina Aleksándrovna era afetuosa com ele e, nos últimos tempos, passara até a confiar muito em Ptítsin. De resto, era de conhecimento geral que ele ganhava a vida, sobretudo, oferecendo empréstimos a juros de curto prazo, em troca de penhores mais ou menos seguros. Ele e Gánia eram muito amigos.

Após a apresentação detalhada, embora abrupta, de Gánia (que cumprimentou a mãe com absoluta secura, não dirigiu nenhuma saudação à irmã e logo levou Ptítsin para algum lugar fora da sala), Nina Aleksándrovna disse umas palavras gentis para o príncipe e mandou Kólia, que viera espiar pela porta, conduzi-lo ao quarto do meio do corredor. Kólia era um menino de rosto alegre e muito gentil, de maneiras ingênuas e sem malícia.

— Onde está a bagagem do senhor? — perguntou, enquanto levava o príncipe a seu quarto.

— Tenho a minha trouxinha; deixei no vestíbulo.

— Vou já trazer para o senhor. A cozinheira e a Matriona são toda a nossa criadagem, por isso eu também ajudo. Vária toma conta de tudo e fica sempre zangada. O Gánia disse que o senhor chegou hoje da Suíça, é verdade?

— Sim.

— E a Suíça é bonita?

— Muito.

— Tem montanhas?

— Tem.

— Eu já vou trazer a sua trouxa.

Varvara Ardaliónovna entrou.

— A Matriona já vai arrumar a sua cama. O senhor não tem malas?

— Não, só uma trouxinha. O seu irmão foi buscar, lá no vestíbulo.

— Lá não há nenhuma trouxa, só essa trouxinha miúda aqui; onde o senhor colocou? — perguntou Kólia, de volta ao quarto.

— Não há nenhuma outra além dessa — explicou o príncipe, enquanto pegava sua trouxinha.

— A-ah! E eu que estava pensando que o Ferdíschenko tinha surrupiado.

— Não diga bobagens — ralhou Vária, em tom severo, depois de falar com o príncipe com absoluta secura, apenas com o mínimo de polidez.

— *Chère Babette*,⁴¹ podia me tratar com um pouco mais de carinho, pois eu não sou o Ptítsin.

— Eu podia era dar umas chicotadas em você, Kólia, para deixar de ser tão bobo. O senhor pode se dirigir à Matriona para tudo o que precisar; jantamos às quatro e meia. O senhor pode comer conosco ou sozinho no seu quarto, como preferir. Vamos, Kólia, não o perturbe.

— Vamos, sim, caráter resoluto!

Quando estavam saindo, esbarraram com Gánia.

— O papai está em casa? — perguntou Gánia para Kólia e, ante a resposta afirmativa de Kólia, sussurrou algo em seu ouvido.

Kólia fez que sim com a cabeça e saiu atrás de Varvara Ardaliónovna.

— Duas palavrinhas, príncipe, eu me esqueci de falar com o senhor sobre estes... assuntos. É um pedido: faça o obséquo, mas só se isso não representar um grande esforço, faça o obséquo de não tagarelar, aqui em casa, sobre o que se passou entre mim e Aglaia há pouco, e também de não tagarelar lá sobre o que o senhor vai ver aqui; pois aqui também há muita coisa indecorosa. Pensando bem, dane-se! Mas pelo menos hoje tente se conter.

— Asseguro ao senhor que falei muito menos do que está imaginando — respondeu o príncipe, com alguma irritação, à censura de Gánia. As relações entre ambos, visivelmente, pioravam mais e mais.

— Pois sim, eu hoje já suportei coisas demais por sua causa. Em suma, estou pedindo ao senhor.

— Mas observe também o seguinte, Gavrilá Ardaliónovitch: que obrigação eu tinha, agora há pouco, e por que razão eu não poderia mencionar o retrato? Afinal, o senhor não tinha me pedido nada.

— Ah, que quarto nojento — comentou Gánia, olhando em volta com desprezo. — É escuro, a janela dá para os fundos. Em todos os aspectos, o senhor chegou à nossa casa em hora imprópria. Bem, isso não é da minha conta; não sou eu o responsável pelo apartamento.

Ptútsin espiou pela porta e chamou Gánia, que, sem demora, deixou o príncipe e saiu, embora ainda quisesse lhe dizer algo, mas pelo visto hesitava e parecia ter vergonha de entrar no assunto; na verdade, ele havia praguejado contra o quarto como se quisesse disfarçar seu constrangimento.

O príncipe mal teve tempo de se lavar e fazer às pressas sua toailete, quando a porta se abriu, mais uma vez, e surgiu um novo personagem.

Tratava-se de um senhor de uns trinta anos, de estatura elevada, ombros largos e cabeça enorme, cabelos meio ruivos e crespos. Tinha o rosto carnudo e rosado, lábios grossos, nariz largo e chato, e olhos miúdos, estufados e zombeteiros, como se piscassem o tempo todo. No conjunto, aparentava um ar muito insolente. Vestia-se de modo um tanto sujo.

De início, abriu a porta apenas exatamente o indispensável para poder introduzir a cabeça. Desse modo, com a cabeça projetada para a frente, espiou o quarto por uns cinco segundos; depois, a porta começou a se abrir devagar, a figura completa se delineou na soleira, porém o visitante não entrou e, da soleira mesmo, com olhos entrecerrados, continuou a observar

o príncipe. Por fim, entrou, fechou a porta às suas costas, aproximou-se, sentou-se numa cadeira, segurou o príncipe com força pelo braço e sentou-o no sofá, na diagonal, junto a si.

— Ferdíschenko — exclamou, enquanto olhava fixamente, com ar interrogativo, para o rosto do príncipe.

— E o que mais? — perguntou o príncipe, à beira de rir.

— Um inquilino — exclamou Ferdíschenko, mais uma vez, fitando o príncipe como antes.

— O senhor quer que sejamos amigos?

— A-ah! — exclamou a visita, sacudindo os cabelos e suspirando, e se pôs a olhar para o canto oposto. — O senhor tem dinheiro? — perguntou, de súbito, virando-se para o príncipe.

— Um pouco.

— Quanto, exatamente?

— Vinte e cinco rublos.

— Mostre.

O príncipe tirou do bolso do colete a nota de vinte e cinco rublos e entregou para Ferdíschenko. Este desdobrou a nota, examinou, depois virou a cédula do outro lado e ergueu-a contra a luz.

— É muito estranho — exclamou com ar pensativo. — Por que será que ficam pardas? Essas notas de vinte e cinco às vezes ficam horrivelmente pardas, enquanto as outras, ao contrário, ficam todas desbotadas. Tome.

O príncipe pegou sua nota de volta. Ferdíschenko levantou-se da cadeira.

— Eu vim prevenir o senhor: em primeiro lugar, não me empreste dinheiro nenhum, porque na certa eu vou pedir.

— Está bem.

— O senhor tem intenção de pagar o aluguel aqui?

— Tenho.

— Pois eu não; obrigado. Estou logo à direita do senhor, no primeiro quarto, já viu onde fica? Tente não me visitar com frequência; eu virei ao seu quarto, não se preocupe. Já viu o general?

— Não.

— Nem ouviu?

— Claro que não.

— Pois então vai ver e vai ouvir; além do mais, até a mim ele pede dinheiro emprestado! *Avis au lecteur*.⁴² Adeus. O senhor acha possível alguém viver com o nome Ferdíschenko? Hein?

— Por que não?

— Adeus.

E seguiu na direção da porta. Mais tarde, o príncipe compreendeu que aquele senhor parecia ter assumido uma espécie de missão que consistia em deixar todos sempre assombrados com sua originalidade e com seu jeito divertido, mas, por um motivo ou outro, aquilo nunca dava certo. Em certas pessoas, ele despertava até uma impressão desagradável, o que provocava nele uma aflição sincera, mas, mesmo assim, ele não desistia de sua missão. Na porta, ainda conseguiu se aprumar, depois de esbarrar com um senhor que vinha em sentido contrário; abriu caminho para aquele visitante, que o príncipe não conhecia e, por trás dele, Ferdíschenko piscou algumas vezes, com ar de advertência, para Míchkin, de tal forma que, apesar de tudo, ainda conseguiu se retirar com certa pose.

O novo cavalheiro tinha estatura elevada e cerca de cinquenta e cinco anos, ou pouco mais. Era bem gordo e tinha um rosto muito vermelho, carnudo e balofo, emoldurado por suíças grisalhas e espessas, bigode e olhos grandes, muito esbugalhados. Sua figura seria até bastante garbosa, não houvesse nela algo de decaído, degradado e até infame. Vestia uma sobrecasaca envelhecida, com os cotovelos quase esburacados; a camisa, do

tipo que se usa em casa, também estava ensebada. De perto, ele cheirava a vodca. Porém suas maneiras eram imponentes, um tanto estudadas, e tinha o visível desejo vaidoso de causar impressão pela dignidade. Aproximou-se do príncipe sem pressa, com um sorriso amistoso, pegou sua mão em silêncio e, segurando-a na sua, fitou-o no rosto por algum tempo, como se estivesse reconhecendo feições já vistas.

— É ele! É ele! — declarou em voz baixa, mas solene. — É como se tivesse renascido! Eu estou ouvindo repetirem esse nome conhecido e tão querido, e recordei o passado irrecuperável... Príncipe Míchkin?

— Exatamente, senhor.

— General Ívolguin, aposentado e infeliz. Qual o nome e o patronímico do senhor, se me permite perguntar?

— Liev Nikoláievitch.

— Exatamente, exatamente! O filho do meu amigo, pode-se dizer, meu camarada de infância, Nikolai Petróvitch?

— Meu pai se chamava Nikolai Lvóvitch.

— Lvóvitch — emendou-se o general, mas sem pressa, com absoluta segurança, como se não tivesse esquecido nada, apenas cometido um lapso fortuito. Sentou-se, também segurou o príncipe pelo braço e o sentou a seu lado. — Eu carreguei o senhor nos braços.

— Foi mesmo? — perguntou o príncipe. — Meu pai já morreu faz vinte anos.

— Sim; vinte anos; vinte anos e três meses. Estudamos juntos; eu fui direto para a academia militar...

— Sim, o papai também foi, era subtenente no regimento Vassílkovski.

— No regimento Bielomírski. A transferência para o regimento Bielomírski ocorreu quase na véspera da morte dele. Eu estava lá e lhe dei a bênção para a eternidade. A mãe do senhor...

O general se deteve, como que tolhido por uma recordação triste.

— Sim, meio ano depois, ela também morreu de resfriado — disse o príncipe.

— Não foi um resfriado. Não foi por causa de um resfriado, acredite neste velho. Eu estava lá, também fui ao seu enterro. Morreu de desgosto pelo seu príncipe, não foi de resfriado. Sim, senhor, eu também me lembro bem da princesa! A juventude! Por causa dela, eu e o príncipe, amigos de infância, por pouco não nos tornamos assassinos um do outro.

O príncipe começou a escutar com certa desconfiança.

— Eu me apaixonei perdidamente pela mãe do senhor, ainda quando ela era noiva... noiva do meu amigo. O príncipe notou e ficou estupefato. De manhã, às sete horas, ele veio me acordar. Eu me vesti, muito espantado; silêncio de parte a parte; eu compreendi tudo. Ele tirou duas pistolas do bolso. Um duelo com um lenço no meio. Sem testemunhas. Para que testemunhas, quando, cinco minutos depois, despacharíamos um ao outro para a eternidade? Carregamos as pistolas, abrimos o lenço, tomamos posição, apontamos as pistolas para o coração um do outro e nos fitamos no rosto, mutuamente. De súbito, lágrimas caudalosas brotaram em nossos olhos, as mãos tremeram. Nos dois, nos dois ao mesmo tempo! Pois bem, então, como é natural, vieram os abraços e a disputa de generosidade recíproca. O príncipe gritou: Ela é tua. Eu gritei: É tua! Em suma... em suma... O senhor vai morar conosco?

— Vou, por algum tempo, talvez — respondeu o príncipe, e pareceu gaguejar um pouco.

— Príncipe, a mamãe está chamando o senhor — gritou Kólia, que veio espiar através da porta. O príncipe fez menção de se levantar, mas o general pôs a mão em seu ombro e, amigavelmente, o fez sentar-se de novo no sofá.

— Como amigo verdadeiro do pai do senhor, eu desejo preveni-lo — disse o general. — Eu, como o senhor mesmo pode ver, sofri por causa de uma catástrofe trágica; mas sem julgamento! Sem julgamento! Nina Aleksándrovna é uma mulher rara. Varvara Ardaliónovna, minha filha, é uma filha rara! Por força das circunstâncias, alugamos quartos para inquilinos neste apartamento... uma queda nunca vista! Eu, a quem só faltava ser governador-geral!... Mas estaremos sempre felizes por causa do senhor. Entretanto, em minha casa, se passa uma tragédia!

O príncipe olhou para ele com ar interrogativo e grande curiosidade.

— Estão preparando um casamento, e um casamento raro. O casamento de uma mulher indecente e um jovem que poderia ser um camareiro da corte. Vão trazer essa mulher para morar na casa onde vivem minha filha e minha esposa! Porém, enquanto eu respirar, ela não há de entrar aqui! Vou me estirar na soleira da porta e ela terá de passar por cima de mim!... Agora, eu quase não converso com o Gánia, evito até me encontrar com ele. Previno o senhor, taxativamente; se o senhor vai morar conosco, de um modo ou de outro, há de ser testemunha. Mas o senhor é filho do meu amigo e eu tenho o direito de esperar que...

— Príncipe, faça a gentileza de ir até a sala, para conversar comigo — chamou Nina Aleksándrovna, que acudiu à porta em pessoa.

— Imagine, minha cara — gritou o general. — Descobrimos que eu carreguei o príncipe, ainda bebê, em meus braços!

Nina Aleksándrovna olhou para o general com ar de censura e, para o príncipe, com ar perscrutador, mas não disse nenhuma palavra. O príncipe saiu atrás dela; no entanto, assim que chegaram à sala e se sentaram, e tão logo Nina Aleksándrovna começou a comunicar algo ao príncipe, apressadamente e à meia-voz, de súbito, o próprio general apareceu na sala. Nina Aleksándrovna calou-se na mesma hora e, com evidente irritação,

baixou a cabeça para o seu tricô. O general talvez tenha notado sua irritação, mesmo assim continuou a ostentar seu excelente estado de ânimo.

— O filho do meu amigo! — gritou, voltando-se para Nina Aleksándrovna. — E de modo tão inesperado! Há tempos que eu havia parado de sonhar com isso. Mas, minha cara amiga, será que você não se lembra do falecido Nikolai Lvóvitch? Você ainda o conheceu... em Tvier, não foi?

— Eu não me lembro de nenhum Nikolai Lvóvitch. É o pai do senhor? — perguntou ao príncipe.

— É meu pai. Mas me parece que não morreu em Tvier, e sim em Elisavietgrad — ponderou o príncipe, com timidez, para o general. — O Pavlíschev me disse...

— Em Tvier — confirmou o general. — Antes da morte, e antes até da evolução da doença, foi cumprida a transferência para Tvier. O senhor ainda era muito pequenino e não poderia se lembrar nem da transferência nem da viagem; o Pavlíschev pode ter se enganado, conquanto fosse um homem excelente.

— O senhor conheceu o Pavlíschev?

— Um homem raro, mas eu fui testemunha ocular. Eu lhe dei a bênção no leito de morte...

— Mas o meu pai morreu quando estava sendo julgado — ponderou o príncipe, outra vez. — Se bem que eu jamais consegui saber por quê, exatamente; ele morreu no hospital militar.

— Ah, foi por causa da questão do soldado Kolpakóv e, sem dúvida, o príncipe teria sido absolvido.

— É mesmo? O senhor tem certeza? — perguntou o príncipe, com uma curiosidade especial.

— Pudera! — exclamou o general. — O processo foi arquivado, nada ficou decidido. Um caso insolúvel! Uma questão, até, pode-se dizer, misteriosa: morre o subcapitão Lariónov, comandante de companhia; o príncipe, na ocasião, é designado para ocupar o posto vago; muito bem. O soldado Kolpakóv comete um roubo, uma ferramenta de sapataria de um de seus camaradas, e gasta o fruto do roubo com bebida; muito bem. O príncipe (e, observe, isso se passou em presença de um sargento e de um cabo), o príncipe repreende Kolpakóv e o ameaça com a chibata. Pois muito bem. Kolpakóv vai para a caserna, deita no beliche e, quinze minutos depois, morre. Perfeito, e tudo por um acaso absolutamente inesperado, quase impossível. De todo modo, Kolpakóv é sepultado; o príncipe faz seu relatório e, depois, Kolpakóv é retirado da lista dos soldados. Nada poderia ser melhor, ao que parece, não é? Pois exatamente meio ano depois, numa revista de tropa, do nada, o soldado Kolpakóv aparece na terceira companhia do segundo batalhão do regimento de infantaria de Novoziemliánski. Na mesma brigada e na mesma divisão!

— Mas como? — gritou o príncipe, fora de si, com tal surpresa.

— Mas não era verdade, foi só um engano! — Nina Aleksándrovna voltou-se para ele, de repente, enquanto olhava para o marido quase com angústia. — *Mon mari se trompe*.⁴³

— Mas, minha cara, é fácil dizer *se trompe*, mas tente você mesma solucionar um caso desses! Todos ficaram num impasse. Eu seria o primeiro a dizer *qu'on se trompe*.⁴⁴ Mas, por infelicidade, eu fui testemunha e participei pessoalmente da comissão. Todas as acareações comprovaram que se tratava do mesmo, exatamente do mesmo soldado Kolpakóv que, meio ano antes, tinha sido enterrado, com o cortejo militar de praxe e o rufo dos tambores. Decididamente, um caso raro, quase impossível, eu admito, mas...

— Papai, o jantar do senhor está pronto — chamou Varvara Ardaliónovna, entrando.

— Ah, que ótimo, excelente! Fiquei como fome... Mas foi um caso, pode-se dizer, até psicológico...

— A sopa vai esfriar de novo — disse Vária, com impaciência.

— Já vou, já vou — balbuciou o general, enquanto saía. — E apesar de todas as investigações... — ainda se ouvia sua voz, pelo corredor.

— Se o senhor vai morar conosco, terá de perdoar muita coisa ao Ardalion Aleksándrovitch — disse Nina Aleksándrovna para o príncipe. — Aliás, ele não vai incomodar muito o senhor; ele come sozinho. O senhor há de convir que todo mundo tem seus defeitos e seus... traços peculiares, e algumas pessoas têm até mais do que os indivíduos que elas costumam apontar com os dedos. Há uma coisa que eu vou lhe pedir com insistência: se meu marido, de alguma forma, vier falar com o senhor a respeito do pagamento do aluguel, diga que pagou para mim. Isto é, o que for pago ao Ardalion Aleksándrovitch será creditado a favor do senhor, da mesma forma, mas eu peço ao senhor só por uma questão de regulamento... O que é, Vária?

Vária voltou e, em silêncio, entregou para a mãe o retrato de Nastássia Filíppovna. Nina Aleksándrovna teve um choque e observou o retrato por algum tempo, de início, como que assustada e, depois, com uma sensação amarga e opressiva. Por fim, olhou para Vária com ar interrogativo.

— Ela mesma deu de presente para o Gânia, hoje — explicou Vária. — Tudo vai ser decidido à noite.

— Hoje à noite! — repetiu à meia-voz Nina Aleksándrovna, como que em desespero. — Como é possível? Já não há mais dúvida, tampouco resta esperança: com o retrato, ela deixou tudo às claras... Mas foi ele mesmo que mostrou para você? — acrescentou, com surpresa.

— A senhora sabe que já faz um mês que nós dois quase não nos falamos. Foi o Ptítsin que me contou tudo, e o retrato estava caído no chão, junto à mesa; eu peguei.

— Príncipe — Nina Aleksándrovna voltou-se de repente para o príncipe. — Eu queria perguntar ao senhor (e foi justamente por isso que chamei o senhor aqui) se faz muito tempo que conhece o meu filho. Creio que ele me disse que o senhor chegou hoje mesmo de algum lugar, não é isso?

O príncipe fez um resumo de sua situação, deixando de fora grande parte. Nina Aleksándrovna e Vária escutaram.

— Ao fazer essa pergunta ao senhor, eu não pretendia arrancar nenhuma revelação acerca do Gavrila Ardaliónovitch — comentou Nina Aleksándrovna. — O senhor não deve se enganar a esse respeito. Se existe algo que ele não pode me declarar pessoalmente, eu mesma não quero descobri-lo à revelia dele. Eu fiz a pergunta, especificamente, porque agora há pouco, quando o senhor saiu, eu perguntei ao Gánia a seu respeito e ele me respondeu: “O príncipe está sabendo de tudo, não precisa ter cerimônias!”. O que isso quer dizer? Ou seja, eu gostaria de saber em que medida...

De súbito, entraram Gánia e Ptítsin; Nina Aleksándrovna se calou, na mesma hora. O príncipe permaneceu na cadeira ao lado dela, enquanto Vária se afastou para o lado; o retrato de Nastássia Filíppovna estava no lugar mais visível, sobre a mesa de trabalho de Nina Aleksándrovna, bem na sua frente. Gánia, ao vê-lo, fechou a cara, pegou o retrato na mesa, com irritação, jogou-o sobre a sua escrivaninha, que ficava na extremidade oposta.

— É hoje, Gánia? — perguntou Nina Aleksándrovna, de repente.

— É hoje, o quê? — Gánia teve um sobressalto e, de repente, investiu contra o príncipe. — Ah, estou entendendo, o senhor já se meteu também

aqui!... Mas o que o senhor tem, afinal, que doença é essa do senhor? Será que não consegue se controlar? Pois bem, entenda de uma vez, vossa excelência...

— No caso, a culpa é minha, Gânia, e de mais ninguém — interrompeu Ptítsin.

Gânia fitou-o, com ar interrogativo.

— Afinal, é melhor assim, Gânia, tanto mais porque, de um lado, o assunto já está mesmo encerrado — murmurou Ptítsin. Então afastou-se, sentou-se diante da mesa, tirou do bolso uma folha de papel rabiscada a lápis e se pôs a examiná-la com atenção. Gânia tinha o rosto sombrio e aguardava, com preocupação, uma cena de briga em família. Nem pensou em pedir desculpas ao príncipe.

— Se tudo está encerrado, então o Ivan Petróvitch, claro, tem razão — disse Nina Aleksándrovna. — Não fique aborrecido, por favor, e não se irrite, Gânia; eu não vou perguntar nada que você mesmo não queira me dizer e garanto que estou totalmente resignada, faça o favor de não se preocupar.

Ela pronunciou tudo isso sem desviar-se do seu trabalho e parecia, de fato, tranquila. Gânia estava surpreso, mas se mantinha calado, com cautela, e olhava para a mãe à espera de que se expressasse com mais clareza. As cenas de briga em família já haviam custado caro demais a Gânia. Nina Aleksándrovna percebeu aquele cuidado e, com um sorriso amargo, acrescentou:

— Você continua sempre duvidando e não acredita em mim; não se preocupe, não vai haver lágrimas nem apelos, como antes, ao menos não da minha parte. Só desejo que você seja feliz, e você sabe disso; eu me resignei ao destino, mas o meu coração estará sempre com você, quer

fiquemos juntos quer nos separemos. Claro, eu só posso responder por mim; você não pode exigir o mesmo da sua irmã...

— Lá vem ela, de novo! — gritou Gália, em tom de zombaria, enquanto olhava com rancor para a irmã. — Mãezinha! Eu juro para a senhora, mais uma vez, e já lhe dei minha palavra de honra sobre isso: enquanto eu estiver vivo, ninguém jamais terá a audácia de faltar com o respeito à senhora. Não importa de quem se trate, eu vou sempre exigir o mais completo respeito à senhora, e isso vale para quem quer que atravesse a soleira da nossa porta...

Gália estava tão animado que olhava para a mãe com ar quase conciliador, quase carinhoso.

— Mas eu não receio nada quanto a mim mesma, Gália, você sabe; não é por mim que tenho me preocupado e me atormentado durante todo esse tempo. Dizem que hoje tudo será concluído entre vocês. Mas o que vai ser concluído?

— Hoje à noite, em sua casa, ela prometeu se explicar: se concorda ou não — respondeu Gália.

— Faz quase três semanas que evitamos falar do assunto, e foi melhor assim. Agora, quando tudo já está terminado, eu só me permito ainda perguntar: como ela pode lhe dar o consentimento, e até lhe dar de presente seu próprio retrato, se você não a ama? Será que você ama uma mulher tão... tão...

— Tão experiente, é isso?

— Eu não queria me expressar assim. Como você foi capaz de iludir essa mulher a esse ponto?

De súbito, naquela pergunta, irrompeu uma irritação fora do comum. Gália esperou um pouco, refletiu um minuto e, sem disfarçar o escárnio, exclamou:

— A senhora se deixou levar, mãezinha, e mais uma vez não foi capaz de se conter, e é desse jeito que, entre nós, tudo sempre começa e se inflama. A senhora disse: não vai haver interrogatórios nem repreensões, mas eles já começaram! É melhor deixar isso de lado; sério, deixemos isso de lado; pelo menos, a senhora tinha essa intenção... Eu nunca, por nenhum motivo, vou abandonar a senhora; qualquer outro fugiria, pelo menos, de uma irmã como essa... olhe só como está olhando para mim, agora! Vamos terminar por aqui! E eu que já estava ficando contente... Mas como a senhora sabe que eu estou enganando Nastássia Filíppovna? E quanto à Vária, que ela faça o que bem entender, e basta. Agora, por hoje, já é mais do que suficiente!

Gânia se exaltava mais e mais a cada palavra e caminhava sem rumo pela sala. Tais conversas rapidamente feriam o ponto mais sensível de todos os membros da família.

— Eu disse que, se ela entrar aqui, eu vou embora, e hei de manter minha palavra — disse Vária.

— Só por capricho! — gritou Gânia. — E é também por capricho que você não se casa! Por que fica bufando na minha cara? Para mim, tanto faz, Varvara Ardaliónovna. Se preferir, que cumpra logo de uma vez a sua palavra. Eu já estou cansado demais da senhora. O que é isso? O senhor, enfim, resolveu nos deixar, príncipe? — gritou para o príncipe, ao ver que ele estava se retirando.

Na voz de Gânia, já se percebia aquele grau de irritação em que a pessoa quase se alegra com a própria irritação, se entrega a ela sem nenhum freio e chega ao ponto de desfrutar um prazer crescente, a despeito de qualquer consequência. Na porta, o príncipe fez menção de se virar para retrucar algo, no entanto, ao ver, pela expressão do rosto de seu ofensor, que só faltava uma gota para aquela taça transbordar de vez, deu as costas e foi

embora em silêncio. Alguns minutos depois, pelas vozes que vinham da sala e repercutiam até ali, percebeu que, com sua ausência, a conversa se tornara ainda mais ruidosa e desenfreada.

O príncipe atravessou o salão rumo à antessala a fim de chegar ao corredor e, de lá, a seu quarto. Quando passou pela porta que dava para a escada, ouviu um barulho e notou que, atrás da porta, alguém tentava, com afinco, tocar a campainha; mas na certa algo impedia a campainha de tilintar: ela se movia muito pouco, sem emitir som algum. O príncipe levantou o trinco, abriu a porta e... recuou, espantado, à beira de um tremor: à sua frente, estava Nastássia Filíppovna. Ele a reconheceu de pronto, pelo retrato. Os olhos dela faiscaram numa explosão de raiva quando olhou para ele; avançou depressa para a antessala, depois de empurrá-lo com o ombro para fora do caminho, e falou, furiosa, enquanto despiu seu casaco de pele:

— Se você tem preguiça de consertar a campainha, pelo menos fique sentado na entrada para atender a porta quando alguém bater. Olhe só, agora deixou meu casaco cair no chão, sua besta!

De fato, o casaco de pele estava no chão; Nastássia Filíppovna despiu o casaco rapidamente, sem esperar que o príncipe o segurasse, largou o ela mesma, sem olhar para trás, achando que a mão do príncipe estaria a postos, mas ele não teve tempo de apanhá-lo.

— Você devia ser posto no olho da rua. Vá, anuncie a minha chegada.

O príncipe fez menção de dizer algo, no entanto se encontrava tão desnorteadado que nada falou e seguiu para a sala, com o casaco na mão.

— Mas olhem só, ele está indo com o casaco! Para que está levando esse casaco? Ha-ha-ha! Você é maluco ou o quê?

O príncipe virou-se e olhou para ela, como uma estátua; quando ela deu uma risada, ele também riu muito, porém ainda não foi capaz de dizer nada.

No primeiro instante, quando abriu a porta para ela, o príncipe ficou pálido, no entanto, agora, de repente, um rubor inundava seu rosto.

— Mas de onde saiu esse idiota? — exclamou Nastássia Filíppovna com indignação, depois de bater com o pé no chão, para repreendê-lo. — Ei, para onde está indo? Ora essa, quem é que você vai anunciar?

— Nastássia Filíppovna — balbuciou o príncipe.

— E como você me conhece? — perguntou bem depressa. — Eu nunca vi você na minha vida! Vá, me anuncie logo... Que gritaria é essa?

— Estão brigando — respondeu o príncipe, e foi para a sala.

Entrou num momento decisivo: Nina Aleksándrovna estava prestes a deixar totalmente de lado a promessa de “resignar-se a tudo”; ao contrário, defendia Vária. Ao lado de Vária, também estava Ptítsin, que já havia largado sua folha de papel rabiscada a lápis. A própria Vária não se mostrava intimidada, e não tinha mesmo nada de moça tímida; entretanto, a cada palavra, a rudeza do irmão se tornava mais agressiva e intolerável. Naqueles casos, em geral, Vária parava de falar e se limitava a fitar o irmão em silêncio, com ar de zombaria, sem desviar dele os olhos. Tal atitude, como ela sabia, era capaz de levar Gânia a ultrapassar todos os limites. Naquele exato momento, o príncipe entrou na sala e anunciou:

— Nastássia Filíppovna!

Reinou um silêncio geral: todos olhavam para o príncipe como se não estivessem compreendendo e... não quisessem compreender. Gânia ficou petrificado de susto.

A chegada de Nastássia Filíppovna, e justamente naquele instante, foi, para todos, a surpresa mais estranha e perturbadora. Para tanto, teria bastado o fato de ser a primeira vez que Nastássia Filíppovna visitava aquela casa; até então, ela havia se mostrado tão desdenhosa, nas conversas com Gânia, que não expressara sequer o desejo de conhecer sua família e, ultimamente, não chegava a mencionar aquelas pessoas, como se nem mesmo existissem. Embora Gânia tivesse ficado pelo menos em parte contente com a interrupção daquela conversa tão embaraçosa, ainda assim, em seu íntimo, ele não perdoava Nastássia Filíppovna por aquele desdém. Em todo caso, Gânia esperava dela escárnio e palavras mordazes acerca de sua família, porém jamais uma visita; Gânia sabia com segurança que ela estava a par de tudo que se passava em sua casa, a respeito do pedido de casamento e da maneira como seus familiares a encaravam. Sua visita, *agora*, depois de dar o retrato de presente, e logo no dia do seu aniversário, dia em que ela prometera decidir o destino de Gânia, quase equivalia àquela mesma decisão.

A perplexidade com que todos olhavam para o príncipe não durou muito: Nastássia Filíppovna em pessoa se apresentou à porta da sala e, mais uma vez, ao entrar, empurrou o príncipe de leve.

— Finalmente consegui entrar... Por que vocês amarram a campainha da porta? — exclamou com ar jocoso, enquanto estendia a mão para Gânia, que se precipitara até ela, a toda pressa. — Por que o senhor está com essa cara tão abatida? Apresente-me logo, por favor...

Totalmente desnortado, Gânia apresentou-a primeiro a Vária e, antes de estenderem a mão uma à outra, as duas mulheres trocaram olhares estranhos. Nastássia Filíppovna, no entanto, riu e se disfarçou com a máscara da alegria; Vária, porém, não queria usar máscara nenhuma e olhou para ela fixamente e com ar soturno; nem mesmo a sombra de um sorriso, ainda que por mera cortesia, se esboçou em seu rosto. Gânia estava petrificado; não havia pergunta nenhuma a fazer nem tempo para perguntar nada, e Gânia lançou sobre Vária um olhar tão ameaçador que ela compreendeu, pela força do olhar, o que aquele instante significava para o irmão. Naquele momento, ela pareceu render-se a ele e por muito pouco não sorriu para Nastássia Filíppovna. (Todos na família ainda se amavam demais.) Quem remediou um pouco a situação foi Nina Aleksándrovna, que Gânia tratou de apresentar à visita, depois de ter apresentado a irmã e ter se descontrolado por completo, e chegou a trazer pessoalmente a mãe para colocá-la diante de Nastássia Filíppovna. Entretanto, Nina Aleksándrovna mal teve tempo de começar a declarar sua “especial satisfação”, quando Nastássia Filíppovna, sem lhe dar ouvidos, voltou-se depressa para Gânia, sentou-se (sem ser convidada) num sofazinho no canto, junto à janela, e gritou:

— Onde fica o seu escritório? E... e onde estão os inquilinos? O senhor não tem inquilinos?

Gânia ruborizou-se horrivelmente e engasgou, tentando dar alguma resposta, porém Nastássia Filíppovna logo acrescentou:

— Mas onde é que se pode alojar inquilinos neste lugar? O senhor não tem um escritório? É um negócio lucrativo? — E voltou-se, de repente, para Nina Aleksándrovna.

— Dá certo trabalho — esta fez menção de responder —, mas, é claro, também algum lucro. Aliás, nós estávamos justamente...

No entanto, mais uma vez, Nastássia Filíppovna não ouviu: olhou para Gânia, riu alto e gritou para ele:

— Que cara é essa? Ah, meu Deus, mas que cara você está fazendo, agora!

O riso dela demorou alguns instantes. E o rosto de Gânia, de fato, estava muito transtornado: sua perplexidade, sua perturbação cômica e acovardada, de repente, o abandonaram; ele se pôs horrivelmente pálido; os lábios se contraíram num espasmo; em silêncio, com um olhar fixo e malévolo, que não dava trégua, ele fitava o rosto de Nastássia Filíppovna, que continuava a gargalhar.

Havia ali outro observador, que também não se livrara, ainda, de sua quase estupefação, desde o momento em que vira Nastássia Filíppovna, na entrada; contudo, embora se mantivesse “cravado” no mesmo lugar, como um poste, junto à porta da sala, ele foi capaz de perceber a palidez e a transfiguração doentia do rosto de Gânia. Esse observador era o príncipe. De repente, num movimento mecânico, o príncipe avançou em sua direção, impelido quase por um susto.

— Beba um pouco de água — sussurrou para Gânia. — E não fique olhando assim...

Era óbvio que o príncipe dissera aquilo sem nenhum cálculo, sem nenhuma intenção específica, mas como um gesto espontâneo; porém suas

palavras produziram um efeito extraordinário. Pareceu que toda a raiva de Gânia se voltara contra o príncipe: ele o segurou pelo ombro e o encarou em silêncio, com ódio e rancor, como se não tivesse forças para pronunciar qualquer palavra. Uma comoção geral percorreu a sala: Nina Aleksándrovna chegou a deixar escapar um leve grito, Ptútsin deu um passo à frente, inquieto, Kólia e Ferdíschenko, que tinham aparecido na porta, se detiveram ali, espantados, e só Vária continuava, como antes, a observar atentamente, mas apenas com o canto dos olhos. Mantinha-se de pé, um pouco de lado, junto à mãe, de braços cruzados sobre o peito.

Mas Gânia logo recuperou a razão, quase no primeiro instante de seu movimento, e deu uma risada nervosa. Estava totalmente refeito.

— Ora essa, príncipe, o senhor é médico, por acaso? — gritou no tom mais divertido e inocente do mundo. — Chegou a me assustar; Nastássia Filíppovna, permita que lhe apresente este personagem preciosíssimo, se bem que eu só o conheci hoje de manhã.

Nastássia Filíppovna olhou com espanto para o príncipe.

— Príncipe? Ele é um príncipe? Imagine, agora há pouco, na entrada, eu o tomei por um laçai e mandei que me anunciasse! Ha-ha-ha!

— Não importa, não importa! — emendou Ferdíschenko, aproximando-se às pressas, e alegre, pois estavam começando a rir. — Não importa: *se non è vero...*⁴⁵

— Mas por muito pouco eu não insultei o senhor, príncipe. Perdoe, por favor; Ferdíschenko, o que você está fazendo aqui a esta hora? Eu achei que, pelo menos, não iria topar com você aqui. Mas quem é ele? Príncipe o quê? Míchkin? — Ela disparava perguntas para Gânia, que, sempre segurando o príncipe pelo ombro, conseguira afinal apresentá-lo.

— Nosso inquilino — repetiu Gânia.

Era evidente que estavam apresentando o príncipe como algo raro (e vantajoso para todos, como forma de escapar de uma situação enganosa), e para tanto só faltou esfregá-lo no nariz de Nastássia Filíppovna; o príncipe até ouviu, com clareza, sussurrarem às suas costas a palavra “idiota”, talvez dita por Ferdíschenko para Nastássia Filíppovna, a título de esclarecimento.

— Diga, por que foi que o senhor não me explicou isso, agora há pouco, na hora em que eu... me enganei de forma tão horrível? — prosseguiu Nastássia Filíppovna, enquanto observava o príncipe, dos pés à cabeça, sem a menor cerimônia; ela aguardava a resposta com impaciência, como se estivesse totalmente convencida de que seria uma resposta tão tola que ela não poderia deixar de rir.

— Eu fiquei espantado ao ver a senhora tão de repente... — balbuciou hesitante o príncipe.

— Mas como o senhor sabia quem eu era? Onde o senhor me vira antes? De fato, por que é que eu tenho a impressão de que já vi o senhor em algum lugar? O que é isso? E permita que lhe pergunte: por que o senhor, agora há pouco, ficou plantado no chão como uma estátua? O que há em mim de tão assombroso?

— Ora essa, ora, ora! — Ferdíschenko continuou fazendo caretas. — Puxa vida! Ah, meu Deus, quantas coisas eu poderia dizer em resposta a essa pergunta! Puxa vida... Que grosseirão é o senhor, príncipe, depois dessa!

— Mas eu também poderia dizer algo no lugar do senhor. — E o príncipe riu para Ferdíschenko. — Ainda há pouco, o retrato da senhora me impressionou muito — prosseguiu, agora para Nastássia Filíppovna. — Depois, conversei sobre a senhora com os Epantchin... E de manhã cedo, assim que cheguei a Petersburgo, no trem, uma pessoa me falou muito a seu respeito: o Parfion Rogójin... E no exato instante em que a porta abriu, eu

estava também pensando na senhora, e então, de repente, a senhora aparece aqui.

— Mas como o senhor me reconheceu?

— Pelo retrato e...

— E o que mais?

— E também porque eu imaginava a senhora exatamente assim... Eu também tive a impressão de já ter visto a senhora em algum lugar.

— Onde? Onde?

— É como se eu tivesse visto os seus olhos em algum lugar... mas não é possível! Eu estou apenas... Eu nunca estive aqui antes. Talvez tenha sido num sonho...

— Muito bem, príncipe! — exclamou Ferdíschenko. — Não, eu retiro o meu *se non è vero*. De resto... de resto, afinal, ele diz tudo isso por pura ingenuidade! — acrescentou, com pesar.

O príncipe proferiu suas poucas frases com voz inquieta, interrompendo-se e, muitas vezes, retomando o fôlego. Tudo nele expressava uma emoção extraordinária. Nastássia Filíppovna olhava para o príncipe com curiosidade, mas agora sem rir. Naquele exato instante, de súbito, ouviu-se uma voz nova, alta, por trás de todo o grupo compacto que rodeava Nastássia Filíppovna e o príncipe, uma voz que, por assim dizer, cortou aquela multidão e dividiu-a ao meio. Na frente de Nastássia Filíppovna, estava agora o próprio pai da família, o general Ívolguin. Vestia fraque e peitilho limpo; tinha o bigode tingido...

E aquilo Gânia já não podia tolerar.

Orgulhoso e vaidoso às raias da obsessão e da hipocondria; depois de ter procurado, ao longo daqueles dois meses, pelo menos algum ponto de apoio em que pudesse firmar-se para se apresentar com mais decoro e dignidade; depois de sentir que ainda era um novato no caminho que escolhera e

pensar que talvez não fosse resistir; depois de, por fim, em desespero, decidir se portar com total desfaçatez em sua casa, onde era um déspota, mas sem ter coragem de agir da mesma forma diante de Nastássia Filíppovna, que o mantivera desnorteado até o último minuto e o dominava de maneira implacável, ele, o “mendigo impaciente”, segundo a expressão da própria Nastássia Filíppovna, expressão da qual Gánia já estava a par; depois de ter prometido, com todas as juras, fazê-la pagar por tudo aquilo, no final, e ao mesmo tempo, infantilmente, depois de ter sonhado, algumas vezes, pôr em ordem sua situação financeira e apaziguar todos os conflitos — agora, ele ainda se via obrigado a beber daquela taça horrenda e, o pior de tudo, logo naquele momento! Mais um imprevisto, e o mais terrível suplício para uma pessoa vaidosa — o tormento de ter de ruborizar-se de vergonha por seus familiares, e ainda mais em sua própria casa, esse era o quinhão que lhe cabia. “Mas, afinal, será que vale a pena a recompensa que vou obter em troca de tudo isso?”, foi o que passou de relance pela cabeça de Gánia.

Naquele exato minuto, estava acontecendo o que Gánia tinha sonhado naqueles dois meses, só de madrugada, em forma de pesadelo, e que o deixava gelado de pavor, calcinado de vergonha: acontecera, enfim, o encontro em família entre seu pai e Nastássia Filíppovna. Às vezes, atiçando e irritando a si mesmo, Gánia experimentava imaginar o general na hora da cerimônia do casamento, porém nunca era capaz de concluir a cena torturante e, antes disso, ele a deixava de lado. Talvez exagerasse a desgraça para além de todas as medidas; no entanto, é isso mesmo que sempre acontece com pessoas vaidosas. Naqueles dois meses, ele havia conseguido refletir a fundo, tomar uma decisão, e deu a si mesmo sua palavra de honra de que tiraria o pai de cena, de um modo ou de outro, a qualquer preço, pelo menos por um tempo e, se possível, até o baniria de Petersburgo, quer sua

mãe concordasse ou não. Dez minutos antes, quando Nastássia Filíppovna entrou, Gánia ficou tão impressionado, tão estupefato, que esqueceu por completo a possibilidade de que Ardalion Aleksándrovitch entrasse em cena e não tomou nenhuma providência. Pois agora o general estava ali, diante de todos, e ainda por cima paramentado com toda a pompa, de fraque, e isso exatamente no mesmo instante em que Nastássia Filíppovna “estava só procurando um pretexto para espezinhar a mim, Gánia, e os meus familiares com suas tiradas de escárnio”. (Disso Gánia estava convencido.) E, de fato, o que mais poderia significar a visita de Nastássia Filíppovna bem naquele momento? Tinha ido até lá para travar amizade com sua mãe e irmã ou para insultá-las em sua própria casa? Contudo, pela forma como se comportavam ambas as partes, já não era mais possível ter dúvidas: a mãe e a irmã se mantinham sentadas num canto, como se alguém tivesse cuspidido nelas, enquanto Nastássia Filíppovna parecia ter até esquecido que as duas estavam na sala... E se ela se comportava assim, era porque, sem dúvida, tinha algum objetivo!

Ferdíschenko segurou o general pelo braço e o trouxe para perto.

— Ardalion Aleksándrovitch Ívolguin — pronunciou com pompa o general, que se inclinou e sorriu. — Velho soldado desafortunado e pai de uma família feliz com a esperança de incorporar em seu seio tão encantadora...

Mas não concluiu a frase; rapidamente, Ferdíschenko colocou uma cadeira atrás dele e, naquele horário, após o almoço, o general estava com as pernas tão debilitadas que afundou, ou, melhor dizendo, despencou sobre a cadeira, mas aquilo, de resto, não o deixou nem um pouco embaraçado. Ficou sentado bem em frente a Nastássia Filíppovna e, com um trejeito simpático, de modo lento e afetado, levou aos lábios os dedinhos da jovem. Em geral, era muito difícil o general se sentir embaraçado. Sua aparência,

apesar de certo desleixo, ainda se mostrava bastante digna, fato do qual ele tinha perfeita consciência. No passado, o general tivera ocasião de frequentar uma sociedade muito boa, da qual se vira definitivamente excluído havia apenas dois ou três anos. De lá para cá, ele se entregava em demasia, e já sem freios, a certas fraquezas peculiares; porém suas maneiras habilidosas e simpáticas perduravam, até então. Nastássia Filíppovna pareceu alegrar-se de forma extraordinária com a presença de Ardalion Aleksándrovitch, a quem, é claro, já conhecia de ouvir falar.

— Eu ouvi dizer que o meu filho... — o general fez menção de explicar.

— Sim, é o filho do senhor! Mas o senhor também é bonito, meu paizinho! Por que nunca foi à minha casa? O que há, é o senhor que está se escondendo ou é seu filho que esconde o senhor? Ora, pelo menos o senhor pode ir à minha casa, isso não compromete ninguém.

— Os filhos do século xix e seus pais... — o general, mais uma vez, tentou falar.

— Nastássia Filíppovna! Por favor, deixe o Ardalion Aleksándrovitch se retirar um momento, estão chamando por ele — falou bem alto Nina Aleksándrovna.

— Deixar que ele saia? Faça-me um favor, eu já ouvi falar tanto dele, faz tempo que eu queria conhecê-lo! E qual é o trabalho dele? Não está aposentado? O senhor não vai me deixar, não é general, não vai embora, vai?

— Eu lhe dou minha palavra que ele mesmo virá ver a senhora, mas agora ele precisa descansar.

— Ardalion Aleksándrovitch, estão dizendo que o senhor precisa descansar! — exclamou Nastássia Filíppovna, com ar de insatisfação e uma careta de nojo, como uma garotinha tola e caprichosa da qual tomaram um

brinquedo. Por sua vez, o general tentava, justamente, tornar sua situação ainda mais tola.

— Minha amiga! Minha amiga! — exclamou o general, em tom de censura, voltando-se para a esposa com ar imponente, e colocou a mão sobre o coração.

— A senhora não acha melhor ir embora daqui, mãezinha? — perguntou Vária, bem alto.

— Não, Vária, eu vou ficar até o fim.

Nastássia Filíppovna não pôde deixar de ouvir a pergunta e também a resposta, porém, com aquilo, sua alegria pareceu aumentar ainda mais. De novo, cobriu o general de perguntas e, depois de cinco minutos, mais ou menos, ele já se encontrava num estado de ânimo mais eufórico e desatava toda sua oratória, para as altas risadas dos presentes.

Kólia segurou o príncipe pela aba do paletó.

— Por favor, pelo menos o senhor, de algum jeito, tire o papai daqui! Não é possível? Por favor! — E nos olhos do pobre menino até brilharam lágrimas de indignação. — Ah, Ganka,⁴⁶ seu desgraçado! — acrescentou para si mesmo.

— Eu e o Ivan Fiódorovitch Epantchin tínhamos, de fato, uma grande amizade — o general se derramava todo para responder às indagações de Nastássia Filíppovna. — Eu, ele e o falecido príncipe Liev Nikoláievitch Míchkin, cujo filho eu abracei hoje depois de vinte anos de separação, nós três éramos inseparáveis, por assim dizer, os três mosqueteiros: Athos, Porthos e Aramis.⁴⁷ Mas, infelizmente, um está no cemitério, ferido por calúnias e balas, e o outro está diante da senhora, e ainda luta contra calúnias e balas...

— Balas! — gritou Nastássia Filíppovna.

— Elas estão aqui, dentro do meu peito, recebidas em Kars⁴⁸ e, quando o tempo está ruim, eu sinto essas balas. Em todos os demais aspectos, eu vivo como um filósofo, eu caminho, passeio, jogo damas no meu café, como um burguês que se retirou de seus negócios, e leio o *Indépendance*.⁴⁹ Mas as relações com o nosso Porthos, ou seja, Epantchin, foram definitivamente encerradas depois do caso da estrada de ferro, ocorrido há três anos, por causa de um cãozinho lulu.

— Cãozinho lulu? O que aconteceu? — perguntou Nastássia Filíppovna, com muita curiosidade. — Um cãozinho lulu? Puxa, e ainda mais na estrada de ferro!... — Ela pareceu puxar pela memória.

— Ah, uma história bobá, nem vale a pena contar: por causa de uma governanta da princesa Bielokónskaia, a srta. Schmidt, mas... não vale a pena contar.

— Nada disso, conte tudo, faça questão! — exclamou Nastássia Filíppovna, muito alegre.

— Eu também nunca ouvi essa história! — ponderou Ferdíschenko. — *C'est du nouveau*.⁵⁰

— Ardalion Aleksándrovitch! — ressoou de novo a voz suplicante de Nina Aleksándrovna.

— Paizinho, estão chamando o senhor! — gritou Kólia.

— Uma história bobá, bastam duas palavras — começou o general, cheio de si. — Há dois anos, sim! Ou pouco menos, logo depois da inauguração da nova ferrovia, a estrada de ferro de... skaia, eu (já vestido em trajes civis) andava às voltas com assuntos extremamente importantes para mim, relativos ao meu afastamento do serviço militar, comprei uma passagem na primeira classe, embarquei, sentei, fiquei fumando. Veja bem, eu continuei a fumar, pois já estava fumando antes. Eu estava sozinho no compartimento. Não é proibido fumar, mas não é recomendado; é mais ou

menos permitido, por uma questão de costume; enfim, depende da pessoa. A janela estava aberta. De repente, bem na hora do apito do trem, entraram duas senhoras com um cãozinho lulu, e se sentaram na minha frente; estavam atrasadas; uma se vestia com todo o luxo, de roupa azul-clara; a outra, mais modesta, usava um vestido de seda preta com capa de pereline. Não eram feias, olhavam com desdém, falavam inglês. Eu, claro, nem ligo; continuo a fumar. Quer dizer, eu pensei em parar, mas continuei a fumar, porque a janela estava aberta e eu estava na janela. O cãozinho se encolhe, quieto, no colo da dama de azul-claro, é pequeno, do tamanho do meu punho cerrado, preto com as patas branquinhas, uma coisa até rara. A coleira prateada, com uma inscrição. Eu nem ligo. Reparo apenas que as damas, pelo visto, estão zangadas, com o charuto, é claro. Uma delas crava os olhos em cima de mim, por trás do lornhão de tartaruga. Mesmo assim, de novo, eu não ligo: porque, afinal, não disseram nada! Se falassem, advertissem, pedissem, afinal de contas, enfim, a língua humana existe para isso! Mas ficam mudas... de repente... e isso sem o menor, garanto à senhora, sem o menor aviso, ou seja, sem o mais ínfimo sinal, exatamente como se ela tivesse enlouquecido, a dama de azul-claro arrancou o charuto da minha mão e o atirou pela janela. O vagão estava voando nos trilhos, eu olho para ela meio alucinado. Uma mulher selvagem; uma selvagem, dos pés à cabeça; mas uma mulher corpulenta, parruda, alta, lourinha, rosada (até demais), os olhos faíscam em cima de mim. Sem dizer nenhuma palavra, eu, com uma cortesia fora do comum, com a mais perfeita cortesia do mundo, com uma cortesia, por assim dizer, refinadíssima, aproximo dois dedos do cãozinho lulu, seguro o bicho com todo o esmero pelo cangote e o arremesso pela janelinha, a exemplo do charuto! Só um ganido! E o vagão continua a voar...

— O senhor é um monstro! — gritou Nastássia Filíppovna, às gargalhadas, e batendo palmas como uma menina.

— Bravo, bravo! — gritou Ferdíschenko. Ptítsin também riu, apesar de não ter ficado nem um pouco satisfeito com a chegada do general; até Kólia riu, e também gritou:

— Bravo!

— E eu tenho razão, tenho razão, tenho três vezes razão! — prosseguiu o general, com fervor, em triunfo. — Porque, se os charutos são proibidos nos vagões de trem, os cachorros o são com mais forte motivo ainda.

— Bravo, paizinho! — exclamou Kólia, entusiasmado. — Maravilhoso! Pois eu também faria o mesmo, tenho certeza!

— Mas e a dama? — quis saber Nastássia Filíppovna, com impaciência.

— Ela? Pois bem, aí é que veio a parte desagradável — continuou o general, e franziu as sobrancelhas. — Sem dizer nenhuma palavra e, como dizer, sem o mais ínfimo aviso, ela disparou uma bofetada na minha cara! Mulher selvagem! Uma selvagem dos pés à cabeça!

— E o senhor?

O general abriu os olhos, ergueu as sobrancelhas, levantou os ombros, contraiu os lábios, abriu os braços, ficou um silêncio um momento e falou:

— Eu perdi o controle!

— E a machucou? Machucou?

— Juro por Deus que não a machuquei! Foi um escândalo, mas não a machuquei. Eu apenas movi o braço, uma vez só, apenas levantei a mão para afastá-la. Mas aí o demônio em pessoa se meteu na história: revelou-se que a dama de azul-claro era inglesa, a governanta ou até uma espécie de amiga da casa da princesa Bielokónskaia, e a que estava de preto era a filha mais velha dos Bielokónski, solteira, já de uns trinta e cinco anos. E, como se sabe, a generala Epantchina tem ótimas relações com a casa dos

Bielokónski. Todas as princesas desfaleceram de desgosto, lágrimas, luto pelo cãozinho lulu favorito, gritinhos esganiçados das seis princesas, gritinhos da inglesa, um Deus nos acuda! Pois bem, é claro que eu fui até lá cheio de arrependimento, pedi perdão, escrevi uma carta, não aceitaram, não receberam nem a mim nem a carta e, desde então, com os Epantchin, é só desavença, exclusão, banimento!

— Mas, por favor, como pode ser? — perguntou Nastássia Filíppovna, de repente. — Cinco ou seis dias atrás, eu li no *Indépendance*, pois leio o *Indépendance* com frequência, uma história exatamente igual a essa! Não há dúvida, exatamente igual! Aconteceu numa das ferrovias renanas, num vagão, e foi com um francês e uma inglesa: o charuto foi lançado pela janela, o cãozinho lulu foi arremessado pela janela, enfim, exatamente igual, e acabou também exatamente igual à história do senhor. Até a cor do vestido era azul-claro!

O general ficou horripeladamente ruborizado, Kólia também ficou vermelho e apertou a cabeça entre as mãos; Ptítsin deu as costas depressa. Só Ferdíschenko riu como antes. Quanto a Gânia, nem é preciso dizer: se mantinha parado, de pé, o tempo todo, suportando seu tormento mudo e intolerável.

— Pois eu asseguro à senhora — balbuciou o general — que comigo se deu exatamente o mesmo...

— O papai, de fato, teve um desentendimento com a srta. Schmidt, a governanta da casa dos Bielokónski — gritou Kólia. — Eu lembro.

— O quê? Mas exatamente igual? A mesma história em duas extremidades da Europa, exatamente igual, ponto por ponto, em todos os pormenores, até o vestido azul-claro! — insistiu a implacável Nastássia Filíppovna. — Eu vou mostrar para o senhor o jornal *Indépendance Belge*!

— Mas, veja bem — o general continuou a insistir. — Isso aconteceu comigo dois anos antes...

— Ah, aí está a diferença!

Nastássia Filíppovna gargalhou como uma histérica.

— Paizinho, eu peço ao senhor que saia para trocar umas palavrinhas comigo — continuou Gánia, com voz trêmula, agoniada, e segurou o pai pelo ombro, num gesto mecânico. Um ódio infinito ardia em seus olhos.

Naquele exato instante, ressoou, extremamente alto, o tilintar da campainha da porta. Um puxão tão forte que poderia arrancar a campainha da parede. Aquilo prenunciava uma visita fora do comum. Kólia correu para abrir.

X

De repente, a antessala foi tomada por um alarido e por muita gente; para quem estava na sala, pelo barulho, parecia que um bando de pessoas havia entrado e outras continuavam entrando. Várias vozes falavam e berravam ao mesmo tempo; falavam e berravam também na escada, cuja porta, como era sabido, não ficava fechada. Tratava-se de uma visita muito estranha. Todos se entreolharam; Gânia se precipitou rumo ao salão, mas várias pessoas já haviam chegado ali.

— Ah, aí está ele, o Judas! — gritou uma voz conhecida do príncipe. — Bom dia, Ganka, seu canalha!

— É ele, sim, é ele mesmo! — confirmou outra voz.

O príncipe não podia ter dúvidas: uma voz era de Rogójin, a outra, de Liébediev.

Gânia estava imóvel na soleira do salão, como que tomado pelo estupor, e olhava em silêncio, incapaz de barrar a entrada das dez ou doze pessoas que passaram, seguindo os passos de Parfion Rogójin. O bando era extraordinariamente diversificado e se destacava não só pela diversidade como também pelo aspecto hediondo. Alguns entraram com as roupas que usavam na rua, de paletó e casaco de pele. No entanto, não estavam totalmente bêbados; por outro lado, pareciam alegres ao extremo. Dava a impressão de que todos precisavam uns dos outros para conseguirem entrar;

nenhum deles teria coragem de fazê-lo sozinho, mas todos pareciam se empurrar uns aos outros adiante. Mesmo Rogójin avançava com cautela, à frente do bando, mas ele tinha alguma intenção e um ar sombrio e exasperadamente preocupado. Os demais formavam um mero coro, ou, melhor dizendo, uma quadrilha para lhe dar apoio. Além de Liébediev, também havia o crespo Zaliójev, que largara seu casaco de pele no vestíbulo e entrara com desenvoltura e com ares de esnobe; semelhantes a ele havia dois ou três cavalheiros, sem dúvida comerciantes. Havia alguém de casaco mais ou menos militar; outro de enorme estatura, uns doze *verchok*,⁵¹ além de extraordinariamente gordo, muito calado e sombrio e, pelo visto, depositava muitas esperanças na força de seus punhos. Havia um estudante de medicina; havia um polaquinho bajulador. Duas damas quaisquer espiavam da escada para a antessala, sem se decidirem a entrar; Kólia bateu a porta na cara delas e baixou o ferrolho.

— Bom dia, Ganka, seu canalha! O que foi, não estava esperando o Parfion Rogójin? — repetiu o mesmo Rogójin, enquanto avançava até a sala, e se deteve na porta, diante de Gânia. Contudo, naquele minuto, lançou um súbito olhar para a sala, à sua frente, direto para Nastássia Filíppovna. Era óbvio que não contava encontrá-la ali, porque a visão de sua figura produziu nele uma impressão fora do comum; ficou tão pálido que até os lábios se tornaram azulados. — Então é verdade! — exclamou em voz baixa e como que para si mesmo, com ar completamente desconcertado. — É o fim!... Pois bem... Agora, me responda! — berrou de repente, com voz esganiçada, olhando para Gânia com raiva desenfreada... — Ah!... Puxa!...

Chegava a ofegar e até falava com dificuldade. Em movimentos mecânicos, avançou até a sala, no entanto, ao cruzar a soleira, de repente viu Nina Aleksándrovna e Vária, e se deteve, um tanto embaraçado, apesar

de todo o seu ímpeto. Atrás dele, veio Liébediev, que, como uma sombra, e já bastante embriagado, não desgrudava de Rogójin, e logo em seguida entrou o estudante Zaliójev, o senhor de punhos fortes, que cumprimentava com a cabeça à direita e à esquerda, e, por fim, abrindo caminho à força, um gorducho baixote. A presença das damas ainda continha um pouco a sanha de todos, mas, obviamente, isso só lhes causava forte embaraço no *começo*, até surgir o primeiro pretexto para gritarem e *começarem*... Aí, dama nenhuma poderia atrapalhar.

— O quê? O príncipe também está aqui? — exclamou Rogójin, desviando a atenção, em parte surpreso com a sua presença. — Sempre de polainas, eh? — suspirou, já esquecido do príncipe e voltando o olhar, de novo, para Nastássia Filíppovna, movendo-se e arrastando-se para ela o tempo todo, como que atraído por um ímã.

Nastássia Filíppovna também olhava para os visitantes com uma curiosidade inquieta.

Por fim, Gânia voltou a reagir.

— Mas, com licença, afinal o que isto significa? — falou bem alto, depois de fitar com ar severo as pessoas que haviam chegado, mas se dirigindo, sobretudo, a Rogójin. — Os senhores não estão entrando numa cavaliça, ao que parece, aqui estão a minha mãe e a minha irmã...

— Estamos vendo que são sua mãe e sua irmã — chiou Rogójin, entre os dentes.

— É visível que são sua mãe e sua irmã — emendou Liébediev, por uma questão de compostura.

O senhor de punhos fortes, certamente supondo que havia chegado a hora, começou a esbravejar algo.

— Mas o que é isso! — de repente, e de modo um tanto desmedido, a voz de Gânia se ergueu, numa explosão. — Antes de tudo, eu peço que

todos saiam daqui e vão para o salão e, depois, que me façam o favor de explicar...

— Veja só, ele não está reconhecendo — Rogójin sorriu torto e com maldade, sem sair do lugar. — Não reconheceu o Rogójin?

— Vamos admitir que eu tenha encontrado o senhor em algum lugar, mesmo assim...

— Ora essa, encontrou em algum lugar! Pois faz apenas três meses que eu perdi para você duzentos rublos do meu pai, e o velho acabou morrendo sem conseguir descobrir; você me atraiu para aquela partida e o Knif trapaceou comigo. Não está reconhecendo? O Ptítsin é testemunha! Pois vou mostrar para você três rublos, vou tirar agora do bolso, e você vai rastejar, de gatinhas, atrás desses três rublos até a ilha Vassílievski,⁵² é assim que você é! A sua alma é assim! Eu vim agora à sua casa para comprar tudo com dinheiro vivo, não repare por eu entrar com essas botas, eu tenho dinheiro, irmão, e muito, e vou comprar você todo, com tudo que você tem junto... eu quero comprar vocês todos! Eu vou comprar tudo! — Rogójin se exaltou, parecia cada vez mais inebriado. — E-eh! — gritou. — Nastássia Filíppovna! Não me expulse daqui, diga só uma coisa: vai se casar com ele ou não?

Rogójin lançou a pergunta como alguém perdido, como se falasse a uma divindade, mas com a audácia de um condenado à morte, alguém que não tem nada a perder. E aguardou a resposta com angústia mortal.

Nastássia Filíppovna mediu-o com um olhar arrogante e escarninho, no entanto olhou para Vária e para Nina Aleksándrovna, depois rapidamente para Gánia e, de repente, mudou de tom.

— Claro que não, o que deu no senhor? E o que foi que o levou a fazer essa pergunta? — retrucou em voz baixa e séria, com certo ar de surpresa.

— Não? Não!! — esbravejou Rogójin, à beira do frenesi, de tanta alegria. — Então, não vai?! Pois me disseram que... Ah! Muito bem!... Nastássia Filíppovna! Andam dizendo que a senhora é noiva do Ganka! Logo dele! Como é possível? Foi o que eu disse para eles! Pois vou comprar ele todo por cem rublos, vou dar para ele mil rublos, não, três, para ele desistir, para ele ir embora na véspera do casamento, e a noiva vai ficar toda para mim. Afinal, é assim mesmo, Ganka, seu canalha! Afinal, você ficaria com três mil! Olhe, estão aqui, tome! Eu já vim com o dinheiro, para depois pegar um recibo de você; eu disse: vou comprar... e vou comprar mesmo!

— Vá embora daqui, seu bêbado! — gritou Gânia, ora pálido, ora vermelho.

De repente, com seu grito, ouviu-se a súbita explosão de várias vozes: já havia um bom tempo que todo o bando de Rogójin esperava aquele sinal. Liébediev sussurrou algo no ouvido de Rogójin, com uma ansiedade fora do comum.

— É verdade, secretário! — respondeu Rogójin. — É verdade, alma embriagada! Vamos lá, não importa o que aconteça. Nastássia Filíppovna! — vociferou, olhando para ela, meio alucinado, temeroso e, de repente, tomando coragem, às raias da insolência. — Aqui estão dezoito mil rublos! — E lançou sobre a mesinha, à frente dela, um maço embrulhado em papel branco e amarrado com cadarços. — Aqui está! E... virão mais!

Não se atreveu a terminar de dizer aquilo que pretendia.

— Nã-nã-não! — De novo, Liébediev começou a cochichar para ele, com ar muito assustado; era possível deduzir que a enorme quantia o deixara apavorado e que ele havia imaginado experimentar uma soma incomparavelmente menor.

— Não, meu caro, nestes assuntos você é uma besta, não sabe onde está pisando... Ora, é claro que eu também sou uma besta, que nem você! —

emendou-se Rogójin, de repente, com um sobressalto, sob o impacto do olhar de Nastássia Filíppovna. — E-eh! Eu falei uma bobagem, quem mandou eu dar ouvidos a você? — acrescentou para Liébediev, com arrependimento profundo.

Depois de fitar o rosto desolado de Rogójin, Nastássia Filíppovna desatou numa gargalhada repentina.

— Dezoito mil, por mim? Pois é, a gente logo acaba descobrindo quem não passa de um reles mujique! — acrescentou ela, de súbito, com uma descontração insolente, e levantou-se do sofá como se tivesse intenção de ir embora. Gânia, com o coração na mão, observava toda a cena.

— Então, quarenta mil, quarenta, em vez de dezoito! — desatou a berrar Rogójin. — Vanka,⁵³ Ptítsin e Biskup prometeram me trazer quarenta mil até as sete horas. Quarenta mil! Tudo em dinheiro vivo, na mesa.

A cena estava ganhando ares de completa indecência, mas Nastássia Filíppovna continuava a rir e não foi embora, como se, na verdade, tivesse a intenção de prolongar a cena. Nina Aleksándrovna e Vária também se puseram de pé e, assustadas, em silêncio, aguardavam o que resultaria de tudo aquilo; os olhos de Vária faiscavam, porém tudo aquilo produziu um efeito doloroso em Nina Aleksándrovna; ela tremia e parecia prestes a cair desmaiada.

— Pois então, cem! Hoje mesmo eu vou trazer cem mil! Ptítsin, me socorra, você vai lucrar um bocado!

— Você ficou louco! — sussurrou Ptítsin, de repente, aproximando-se depressa de Rogójin e segurando-o pelo braço. — Você está bêbado, eles vão chamar a polícia. Onde você acha que está?

— Mentira de bêbado — exclamou Nastássia Filíppovna, como se quisesse provocá-lo.

— Não estou mentindo, não, eu vou trazer cem mil rublos! À noite. Ptítsin, me ajude, alma de usurário, cobre quantos juro quizer, mas me arranje cem mil até de noite; eu vou mostrar que não sou nenhum sovina! — De repente, Rogójin se exaltou até o frenesi.

— Mas, afinal de contas, o que é isto? — de súbito, e num tom terrível, esbravejou Ardalion Aleksándrovitch, encolerizado, e se aproximou de Rogójin. A repentina exasperação do velho, até então calado, continha uma forte dose de comédia. Soaram risadas.

— De onde me saiu mais esse agora? — gargalhou Rogójin. — Vamos lá, vamos juntos, velho, você vai se embriagar.

— Isto já é indecente! — gritou Kólia, chorando abertamente, de vergonha e de indignação.

— Mas será que não há ninguém entre os senhores capaz de pôr essa desavergonhada para fora daqui?! — exclamou Vária, de repente, toda trêmula de raiva.

— É a mim que estão chamando de desavergonhada?! — retrucou Nastássia Filíppovna, com alegria desdenhosa. — E eu que vim aqui como uma tola para convidá-los para uma festa na minha casa! Está vendo só como a sua irmãzinha me trata, Gavriila Ardaliónovitch?

Com a explosão nervosa da irmã, Gánia pareceu, por alguns momentos, ter sido atingido por um raio; no entanto, ao ver que Nastássia Filíppovna, daquela vez, iria embora de fato, Gánia, como que tomado por um ataque frenético, precipitou-se sobre Vária e, furioso, agarrou-a pelo braço.

— O que foi que você fez? — berrou, olhando para ela como se quisesse transformá-la em cinzas, ali mesmo, de um só golpe. Gánia perdera o controle, de uma vez por todas, e mal tinha noção de si mesmo.

— O que foi que eu fiz? Para onde está me arrastando? Será que vou ter de pedir desculpas a ela por ela ter vindo aqui ofender a sua mãe e cobrir a

sua casa de vergonha, será que você é uma pessoa tão baixa assim? — esbravejou Vária, de novo, em triunfo e olhando para o irmão com ar de desafio.

Por alguns instantes, os dois continuaram parados, frente a frente, cara a cara. Gânia ainda a segurava pelo braço. Vária puxou uma vez, e outra, com toda a força, mas não conseguiu se soltar e, de repente, fora de si, cuspiu no rosto do irmão.

— Grande menina! — exclamou Nastássia Filíppovna. — Bravo, Ptítsin, meus parabéns!

Os olhos de Gânia se turvaram e ele, totalmente descontrolado, ergueu a mão com toda a força contra a irmã. O golpe a acertaria em cheio no rosto, inevitavelmente. Mas, de súbito, outra mão deteve a mão de Gânia, em pleno ar.

Entre Gânia e a irmã, estava o príncipe.

— Basta, chega! — exclamou o príncipe com insistência, mas também todo trêmulo, como que tomado por fortíssima comoção.

— Mas será que você vai ficar a vida toda se metendo no meu caminho?! — queixou-se Gânia, soltando o braço de Vária e, com a mão livre, no último grau de fúria, com um forte impulso, desferiu um tapa no príncipe.

— Ah! — Kólia ergueu as mãos. — Ah, meu Deus!

De todos os lados, romperam exclamações. O príncipe empalideceu. Com um estranho olhar reprovador, o príncipe fitou Gânia direto nos olhos; seus lábios tremeram e se esforçaram para pronunciar algo; um sorriso estranho, e absolutamente descabido, retorcia seus lábios.

— Está bem, comigo pode ser... mas com ela eu não vou deixar!... — falou em voz baixa, por fim; mas, de repente, sem se conter, soltou Gânia e cobriu o rosto com as mãos, recuou para um canto, de cara para a parede e,

com voz entrecortada, disse: — Ah, como o senhor vai se envergonhar do que fez!

De fato, Gânia parecia aniquilado. Kólia se precipitou para abraçar e beijar o príncipe; atrás dele, aglomeraram-se Rogójin, Vária, Ptítsin, Nina Aleksándrovna, todos, até o velho Ardalion Aleksándrovitch.

— Não foi nada, não foi nada! — balbuciava o príncipe para todos os lados, com o mesmo sorriso descabido.

— E ele vai se arrepender! — berrava Rogójin. — Você vai se envergonhar, Ganka, de ter ofendido essa, essa... ovelha! — Não foi capaz de encontrar outra palavra. — Príncipe, meu querido, largue todos eles; mande todos eles para o inferno e venha comigo, vamos juntos! Você vai ver como Rogójin sabe amar!

Nastássia Filíppovna também ficou muito abalada com o gesto de Gânia, bem como com a reação do príncipe. Seu rosto, em geral pálido e pensativo, o tempo todo em flagrante desacordo com os risos um tanto forçados de pouco antes, agora se mostrava visivelmente perturbado por um sentimento novo; e, no entanto, ela parecia não querer dar vazão a tal sentimento e o escárnio como que fazia um esforço para permanecer em seu rosto.

— Palavra de honra, eu já vi o rosto dele em algum lugar! — exclamou ela de repente, já séria, recordando, de súbito, a pergunta que fizera antes.

— E a senhora também não se envergonha? Será que a senhora é mesmo assim como se mostrou agora? Não pode ser! — gritou o príncipe, de repente, numa repreensão profunda e sentida.

Nastássia Filíppovna ficou admirada e abriu um sorriso, no entanto, como se escondesse algo por trás do sorriso, um pouco encabulada, lançou um olhar para Gânia e se retirou da sala. Contudo, antes mesmo de chegar à antessala, virou-se de repente, caminhou ligeiro até Nina Aleksándrovna, segurou sua mão e a levou aos lábios.

— Na verdade, eu não sou assim, o príncipe adivinhou — sussurrou depressa, com ardor, vermelha, de repente toda ruborizada, deu meia-volta e, dessa vez, saiu tão depressa que ninguém conseguiu sequer atinar por que havia retornado à sala. Viram apenas que sussurrara algo para Nina Aleksándrovna e que, parece, beijara sua mão. Mas Vária viu e ouviu tudo e, com surpresa, seguiu-a com os olhos.

Gânia se refez e se precipitou no encalço de Nastássia Filíppovna, entretanto, ela já havia saído. Ele só foi alcançá-la na escada.

— Não me acompanhe! — gritou ela. — Até logo, até de noite! Lá, você vai ficar sabendo, sem falta!

Gânia regressou embaraçado, pensativo; um enigma opressivo pesava em sua alma, ainda mais aflitivo do que antes. E o príncipe também lhe parecia... Gânia estava a tal ponto alheio que mal olhou quando todo o bando de Rogójin se derramou a seu lado, e chegou mesmo a empurrá-lo na porta, enquanto todos saíam do apartamento, em atropelo, seguindo os passos de Rogójin. Em altos brados, falavam de alguma coisa. O próprio Rogójin passou com Ptítsin, repetindo com insistência algo importante e, pelo visto, inadiável.

— Perdeu, Ganka! — gritou, ao passar por ele.

Aflito, Gânia apenas os seguiu com o olhar.

O príncipe saiu da sala e trancou-se em seu quarto. Kólia veio logo, para lhe trazer consolo. Agora, o pobre menino parecia não conseguir ficar distante do príncipe.

— O senhor fez bem em ir embora de lá — disse ele. — Agora, na sala, a balbúrdia vai ficar pior ainda, aqui em casa todo dia é assim, e é sempre por causa dessa Nastássia Filíppovna.

— Aqui na sua casa, Kólia, se acumulou muito sofrimento — observou o príncipe.

— Tem sofrimento, sim. E, de nós, nem adianta falar. A culpa de tudo é mesmo nossa. Olhe, eu tenho um grande amigo que é ainda mais infeliz. O senhor quer conhecê-lo?

— Quero muito. É seu camarada?

— É quase um camarada, sim. Depois eu vou explicar tudo para o senhor... E essa Nastássia Filíppovna é bonita mesmo, o senhor não acha? Eu nunca a tinha visto, até hoje, mas eu tinha uma vontade tremenda de ver. Ela me deixou ofuscado, cego. Eu perdoaria o Ganka por tudo, se ele fizesse isso por amor; mas é por dinheiro e é aí que está a desgraça!

— Pois é, eu não gosto muito do seu irmão.

— Pudera! Ainda mais depois de... Sabe, eu não consigo suportar essas opiniões diferentes. Algum maluco ou cretino ou bandido com cara de

louco dá uma bofetada e, pronto, a pessoa fica desonrada para a vida toda e só pode lavar sua honra com o sangue, ou então se o outro vier pedir perdão de joelhos. Para mim, isso é cegueira ou despotismo. Aquela peça de teatro *Baile de máscaras*, do Liérmontov, está baseada nisso e... para mim, é uma tolice. Quer dizer, veja, não é natural. Mas também ele escreveu a peça quando era quase uma criança.⁵⁴

— Eu gostei muito da sua irmã.

— Viu como ela cuspiu em cheio na cara do Ganka? A Vária é corajosa! Mas o senhor não cuspiu e eu tenho certeza de que não foi por falta de coragem. Mas olhe, aí está ela, em pessoa. Não morre tão cedo, Vária. Eu sabia mesmo que ia vir. Ela é nobre, apesar de ter seus defeitos.

— E você não tem nada o que fazer aqui. — Antes de qualquer coisa, Vária repreendeu o irmão. — Vá logo para o quarto do papai. Ele está aborrecendo o senhor, príncipe?

— Nem de longe, ao contrário.

— Pronto, lá vem a irmã mais velha! Está vendo só? Isso é que é horrível nela. Aliás, eu tinha quase certeza de que o papai iria embora com o Rogójin. Agora, ele deve estar arrependido porque não foi. Na verdade, vou lá ver como ele está — acrescentou Kólia e saiu.

— Graças a Deus, eu já levei a mamãe para o quarto e a pus na cama, não aconteceu mais nada. O Gánia está confuso e muito pensativo. E não falta mesmo assunto para pensar. Que lição!... Eu vim agradecer ao senhor mais uma vez, príncipe, e eu também queria perguntar se o senhor já conhecia a Nastássia Filíppovna.

— Não, eu não conhecia.

— Então, com base em que o senhor foi capaz de dizer, logo de saída, que ela “não é assim”? E parece que adivinhou, mesmo. Ficou claro que, de fato, talvez ela não seja assim. Aliás, eu não a entendo! Certo, o objetivo

dela era ofender, isso está claro. E, antes, eu já ouvira muita coisa estranha sobre ela. Mas se veio mesmo nos convidar, então por que ela começou a tratar mal a mamãe? O Ptítsin a conhece muito bem e diz que, ultimamente, seu comportamento é incompreensível. E com o Rogójin? Não se admite conversar naqueles termos, se a pessoa tem algum respeito por si mesma, e ainda mais numa casa que não é sua... A mamãe também ficou muito preocupada com o senhor.

— Não foi nada! — disse o príncipe, e abanou a mão no ar.

— E como ela leva a sério o que o senhor diz...

— O que foi que ela levou a sério?

— O senhor disse que ela devia ter vergonha e, de uma hora para outra, ela se transformou. O senhor exerce influência sobre ela, príncipe — acrescentou Vária, à beira de sorrir.

A porta abriu e, da maneira mais inesperada, entrou Gânia.

Ao ver Vária, ele nem se abalou; ficou parado um momento na soleira da porta e, de súbito, com ar decidido, aproximou-se do príncipe.

— Príncipe, eu cometi uma baixezinha, me perdoe, meu caro — disse, de repente, com forte sentimento. Suas feições exprimiam uma dor intensa. O príncipe olhava com assombro e não respondeu de pronto. — Vamos, me perdoe, por favor, me perdoe! — insistiu Gânia, impaciente. — Por favor, se quiser, eu vou beijar sua mão!

O príncipe estava extremamente impressionado e, em silêncio, abraçou Gânia. Os dois se beijaram com sinceridade.⁵⁵

— Eu não imaginava, nem de longe, nem de longe mesmo, que o senhor era assim! — disse o príncipe, recobrando o fôlego com dificuldade. — Eu achava que o senhor... não era capaz disso.

— De reconhecer minha culpa?... E de onde eu fui tirar a ideia de que o senhor é um idiota?! O senhor repara nas coisas que os outros nunca vão

perceber. Com o senhor, seria possível conversar, mas... é melhor não falar disso!

— Há outra pessoa aqui para quem o senhor deve pedir desculpa — disse o príncipe, e apontou para Vária.

— Não, todos eles já são meus inimigos. Acredite, príncipe, houve muitas tentativas; aqui, não perdoam com sinceridade! — escapou da boca de Gânia, num rompante. Ele virou-se para o lado oposto e deu as costas para Vária.

— Não, eu perdo, sim! — disse Vária, de repente.

— E vai à casa de Nastássia Filíppovna esta noite?

— Eu vou, se você convidar, mas é melhor você mesmo pensar bem: será que existe, agora, alguma possibilidade de eu ir lá?

— Afinal, ela não é assim. Ela inventa esses enigmas, você está vendo! São truques! — E Gânia deu uma risada maldosa.

— Eu mesma sei que ela não é assim, e tem seus truques, mas que truques são esses? E além do mais, veja, Gânia, por quem ela toma você? Tudo bem que ela beijou a mão da mãe. Tudo bem que tenha lá seus truques, mas, afinal, ainda assim, ela zombou de você! Isso não vale setenta e cinco mil rublos, meu irmão, pelo amor de Deus! Você ainda é capaz de ter sentimentos nobres, por isso estou falando com você. Ah, não vá até lá, você também! Ah, tome cuidado! Isso não pode acabar bem!

Depois de dizer isso, tomada de emoção, Vária saiu ligeiro do quarto...

— Está vendo? Todos eles são assim! — disse Gânia, sorrindo. — Será que acham mesmo que já não sei de tudo isso? Afinal, eu sei infinitamente mais do que eles.

Dito isso, Gânia sentou-se no sofá com o visível desejo de prolongar a visita.

— Se o senhor mesmo sabe disso — perguntou o príncipe, bastante cauteloso —, como é que escolheu tamanho tormento, se já sabia que, de fato, não vale setenta e cinco mil rublos?

— Mas não é disso que eu estou falando — balbuciou Gânia. — Aliás, diga-me o que o senhor acha, eu quero saber a sua opinião: esse “tormento” vale setenta e cinco mil ou não?

— Para mim, não vale.

— Certo, isso já se sabe. E casar-se assim é vergonhoso?

— Muito vergonhoso.

— Certo, pois então saiba que eu vou me casar, e agora não tem mais jeito. Até pouco tempo atrás, eu ainda estava hesitante, mas agora, não! Não fale! Eu sei o que o senhor quer me dizer...

— Eu não ia falar o que o senhor está pensando, o que me admira muito é a sua extraordinária certeza...

— De quê? Que certeza?

— De que Nastássia Filíppovna vai fatalmente se casar com o senhor e de que toda a questão já está resolvida e encerrada. E também, em segundo lugar, a certeza de que, mesmo que ela se case, os setenta e cinco mil rublos irão direto para o seu bolso. No entanto, claro, há muita coisa que eu não sei.

Gânia avançou com ímpeto na direção do príncipe.

— É claro que o senhor não sabe de tudo — retrucou. — Pois, senão, por que motivo eu haveria de suportar todo esse peso nas minhas costas?

— Eu acho que isso acontece o tempo todo: os homens se casam por dinheiro, só que o dinheiro pertence à esposa.

— N-não, entre nós, não vai ser assim... No caso... No caso, existem circunstâncias... — balbuciou Gânia, com ar pensativo e aflito. — E quanto

à resposta dela, nesse ponto, já não existe mais dúvida— acrescentou, depressa. — O que leva o senhor a crer que ela vai me rejeitar?

— Eu não sei de nada, senão aquilo que vejo; olhe, a Varvara Ardaliónovna acabou de dizer que...

— Ah! Eles são assim mesmo, nem sabem do que estão falando. E do Rogójin, ela apenas está zombando, pode crer, isso eu enxerguei bem claro. Deu para ver. Há até pouco tempo, eu tinha receio, mas dessa vez eu vi tudo. Ou talvez o senhor esteja falando sobre o modo como ela tratou minha mãe, meu pai e a Vária?

— E como tratou o senhor também.

— Pode ser; mas, no caso, se trata apenas da velha vingança feminina e mais nada. É uma mulher tremendamente irritadiça, desconfiada e vaidosa. Como um funcionário que não ganhou sua promoção! Ela queria se exhibir e mostrar todo o seu desprezo pela minha família... certo, e por mim também; é verdade, eu não nego... Mesmo assim, ela vai se casar comigo. O senhor nem desconfia dos truques de que a vaidade humana é capaz: olhe, ela me considera um canalha porque eu, sem nenhum disfarce, aceito a amante de outro em troca de dinheiro, só que ela não sabe que qualquer outro agiria com má-fé e de maneira ainda mais infame: se grudaria nela, começaria a despejar coisas liberais e progressistas e desfiar as mais diversas questões femininas, de tal modo que, nas suas mãos, como se fosse uma linha, ela ia acabar passando pelo buraco de uma agulha. Ele convenceria a tola vaidosa (e com tanta facilidade!) de que ia se casar com ela apenas “por causa do seu coração nobre e de sua infelicidade”. Mas, apesar de tudo, ele ia casar pelo dinheiro. No caso, eu não tento me mostrar bonzinho, porque não quero usar de subterfúgios; e isso seria necessário. Mas e o que ela mesma está fazendo? Não é a mesma coisa? Então por que, depois de tudo isso, ela me despreza e faz todas essas tramoias? É porque

eu mesmo não me rendo e ainda ostento orgulho. Mas, muito bem, veremos!

— Será que o senhor a amava, antes disso tudo?

— Amava, sim, no início. Mas chega... Há mulheres que só prestam para ser amantes e mais nada. Não estou dizendo que ela foi minha amante. Se ela quiser viver em paz, eu vou viver em paz; agora, se quiser brigar, então vou largá-la, mas levarei o dinheiro comigo. Não quero fazer um papel ridículo; acima de tudo, não quero fazer um papel ridículo.

— O tempo todo, eu tenho a impressão de que Nastássia Filíppovna é inteligente — comentou o príncipe, com cuidado. — Mas, se ela pressente tamanho suplício, para que cair nessa armadilha? Afinal, poderia muito bem se casar com outro. É isso o que me deixa espantado.

— Mas é aí que está o cálculo! Nesse ponto, o senhor não sabe de tudo, príncipe... Nesse caso... Além do mais, ela está convencida de que eu a amo loucamente, juro ao senhor, e, sabe, eu desconfio muito de que ela também me ama, quer dizer, à sua maneira, o senhor conhece o ditado: quem bem ama bem castiga. Ela vai passar a vida toda me considerando um valete de ouros⁵⁶ (e ela talvez precise mesmo disso), e ainda assim vai me amar à sua maneira; ela está se preparando para isso, a personalidade dela é assim. É uma mulher extremamente russa, eu garanto ao senhor; muito bem, só que eu tenho uma surpresa preparada para ela. A cena que aconteceu com a Vária, agora há pouco, não foi intencional, mas é vantajosa para mim: agora ela viu a minha lealdade e está convencida de que vou romper todas as outras relações por causa dela. Quer dizer, eu também não sou tão burro, tenha certeza disso. A propósito, por acaso o senhor acha que eu sou mesmo tão tagarela assim? Meu caro príncipe, eu talvez esteja agindo mal, de fato, ao fazer essas confidências ao senhor. Mas é justamente porque o senhor é a primeira pessoa nobre que me apareceu

que eu me atirei desse modo sobre o senhor, quer dizer, também não tome essa expressão ao pé da letra. Mas o senhor não está zangado pelo que ocorreu há pouco, está? Talvez seja a primeira vez, em dois anos inteiros, que eu estou falando com sinceridade. Aqui, há muito poucas pessoas honestas; mais honesto do que o Ptútsin, não há ninguém. Mas parece que o senhor está rindo, ou não? Os canalhas amam as pessoas honestas... não sabia disso? Pois eu, afinal... No entanto, o que eu tenho de canalha? Responda com franqueza. Por que, assim como ela, todos me chamam de canalha? E, quer saber, até eu mesmo, como ela e como todos eles, também me chamo de canalha! Aí está, é a canalhice da canalhice!

— Eu nunca mais vou considerar o senhor um canalha — disse o príncipe. — Agora há pouco, eu achei que o senhor era um completo patife e, de repente, o senhor me deu essa alegria. Aí está uma lição: não julgar, se não tiver a experiência. Agora estou vendo que o senhor não apenas não é um patife como tampouco pode ser considerado uma pessoa desalmada. A meu ver, o senhor é apenas uma pessoa do tipo mais comum do mundo, só que muito fraca e nem um pouco original.

Gânia deu um riso mordaz para si mesmo, porém logo silenciou. O príncipe viu que sua réplica não agradara, sentiu-se embaraçado e também se calou.

— O meu pai lhe pediu dinheiro? — perguntou Gânia, de repente.

— Não.

— Ele vai pedir, não dê. Sabe, ele até que era uma pessoa decente, eu lembro. Frequentava a casa de pessoas boas. Mas como acabam rápido todas essas pessoas decentes e velhas! Basta as circunstâncias mudarem para que nada mais seja como antes, é como um punhado de pólvora que explode. Antes, ele não mentia desse jeito, eu garanto ao senhor: antes, ele era apenas uma pessoa entusiasmada demais e... veja só no que deu! Claro,

a culpa é da bebida. O senhor sabia que ele sustenta uma amante? Agora ele já não é mais um simples mentiroso inocente. Eu não consigo entender toda essa paciência da mamãe. Ele falou com o senhor a respeito do cerco da cidade de Kars? Contou a história do cavalo cinzento que começou a falar? Pois é, ele chegou a esse ponto.

E, de súbito, disparou uma risada.

— Por que o senhor está me olhando desse jeito? — perguntou para o príncipe.

— É que fiquei admirado de ver como o senhor riu com tanta franqueza. Na verdade, o senhor ainda tem um riso de criança. Agora há pouco, quando o senhor entrou para fazer as pazes e me disse: “Se quiser, eu beijo a sua mão”, agiu exatamente como as crianças, quando querem fazer as pazes. Portanto, o senhor ainda é capaz de palavras e gestos desse tipo. E aí, de repente, o senhor começa a dar toda uma aula sobre essas questões sombrias e aqueles setenta e cinco mil rublos. Na verdade, tudo isso é um tanto absurdo e não pode ser assim.

— O que o senhor está querendo concluir disso?

— Que, para o senhor não praticar uma ação demasiado leviana, talvez devesse examinar melhor a situação. O que a Varvara Ardaliónovna disse pode ser verdade.

— Ah, a moralidade! Que eu ainda sou um menino, isso eu mesmo sei — retrucou Gânia, com ardor. — Ainda mais porque eu estou aqui, tendo esta conversa com o senhor. Príncipe, eu não estou me metendo nessa história sombria por causa de um cálculo qualquer — prosseguiu, falando desenfreadamente, como um jovem ferido em seu orgulho. — Por cálculo, com certeza eu cometeria um erro, porque ainda me faltam forças de inteligência e de caráter. Eu avanço guiado pela paixão, pelo impulso, porque tenho um objetivo capital. Veja, o senhor está pensando que eu vou

ganhar setenta e cinco mil rublos e logo vou comprar uma bela carruagem. Não, senhor, eu vou continuar vestindo uma sobrecasaca velha e surrada, de três anos, e vou largar todos os meus amigos do clube. Entre nós, há pouca gente capaz de resistir, embora sejam todos uns usurários, mas eu quero resistir. No caso, o mais importante é chegar ao fim, cumprir toda a missão! O Ptítsin dormiu na rua por dezessete anos, ele vendia canivetes e começou a vida com uns trocados; agora, tem sessenta mil, mas só depois de muita ginástica! Pois bem, eu quero saltar por cima de toda essa ginástica e começar direto com um bom capital; daqui a quinze anos, eu vou dizer: “Veja, Ívolguin, o rei dos judeus”. O senhor diz que eu não sou uma pessoa original. Pois repare o senhor mesmo, querido príncipe, que não há nada mais ofensivo para um homem do nosso tempo e da nossa tribo do que lhe dizer que ele não é original, que é fraco de caráter, desprovido de talentos especiais e que é uma pessoa comum. O senhor não me concedeu sequer a honra de me considerar um canalha e, sabe, agora há pouco, eu tive até vontade de engolir o senhor vivo! O senhor me ofendeu mais do que o Epantchin, que me considera (e sem palavrório, sem sedução, com toda a simplicidade da alma, veja bem), me considera uma pessoa capaz de vender, para ele, a própria esposa! Isso, meu amigo, há muito tempo que me deixa louco de raiva, e eu quero o dinheiro. Com dinheiro na mão, saiba que serei uma pessoa com o mais alto grau de originalidade. O dinheiro é tanto mais sórdido e odioso, porquanto confere à pessoa que o possui até mesmo o talento. E continuará a fazer isso, até o fim dos tempos. O senhor vai dizer que tudo isso é infantilidade ou, talvez, poesia... Pois bem, se é assim, tanto maior vai ser a minha diversão e, apesar de tudo, a tarefa será cumprida. Eu vou resistir e vou levar a missão a cabo. *Rira bien qui rira le dernier!*⁵⁷ Por que Epantchin me insulta tanto? De raiva, será? Nunca, senhor. É só porque eu sou insignificante demais. Pois bem, senhor, e então... Mas chega, está

na hora. O Kólia já meteu o nariz na fresta da porta duas vezes: ele quer chamar o senhor para almoçar. E eu vou cair fora. Virei de vez em quando para falar com o senhor. O senhor não vai viver mal em nossa casa; agora, vão logo tomá-lo como uma pessoa da família. Tome cuidado, não vá me delatar. Acho que eu e o senhor seremos amigos ou inimigos. E o que o senhor acha, príncipe: se agora há pouco eu tivesse beijado a sua mão (como tinha sugerido com toda a sinceridade), eu me tornaria inimigo seu por causa disso?

— Inevitavelmente, só que não para sempre. Com o tempo, não resistiria mais e acabaria perdendo — concluiu o príncipe, depois de pensar um pouco, e riu.

— Ahá! Está vendo, com o senhor, é preciso tomar muito cuidado. Só o diabo sabe se o senhor botou algum veneno também aqui. E, quem sabe, talvez o senhor seja meu inimigo. Ora essa, ha-ha-ha! Eu até me esqueci de perguntar: é verdade mesmo que o senhor gostou muito da Nastássia Filíppovna, hein? Foi o que me pareceu.

— Sim... gostei.

— Está apaixonado?

— N-não.

— Ficou todo vermelho e está sofrendo. Certo, tudo bem, tudo bem, eu não vou rir; até logo. Ah, sabe, afinal, ela é uma mulher virtuosa... dá para acreditar nisso? O senhor pensa que ela vive com aquele tal de Tótski? Não, não! E já faz tempo. E o senhor reparou como ela fica tremendamente constrangida e como, agora há pouco, por alguns segundos, ficou até embaraçada? É sério. São pessoas assim que gostam de dominar. Bem, adeus!

Gánetchka saiu com mais desenvoltura do que havia entrado, e num estado de ânimo excelente. O príncipe permaneceu imóvel por uns dez

minutos, pensando.

Mais uma vez, Kólia enfiou a cabeça através da porta.

— Eu não quero almoçar, Kólia; já comi muito bem na casa dos Epantchin.

Kólia atravessou a porta e entregou um bilhete para o príncipe. Era do general, dobrado e lacrado. Pelo rosto de Kólia, percebia-se que era penoso, para ele, entregar o bilhete. O príncipe leu até o fim, levantou-se e pôs o chapéu.

— Fica a dois passos daqui — disse Kólia, embaraçado. — Ele está lá sentado, diante de uma garrafa. Como é que ainda vendem fiado para ele, isso eu não entendo. Príncipe, meu caro, por favor, depois não conte para o pessoal aqui de casa que eu entreguei o bilhete para o senhor! Já jurei mil vezes que não ia levar esses bilhetes, só que na hora me dá pena, é isso. E, por favor, não fique de cerimônia com ele; dê qualquer trocadinho, e pronto, acabou-se.

— Eu estava pensando a mesma coisa, Kólia; eu preciso mesmo falar com o seu pai... por uma razão... Vamos logo...

Kólia conduziu o príncipe até um local próximo, na rua Litiéinaia, um café-bilhar, no térreo, com acesso pela rua. Lá, à direita, num canto, em um compartimento separado, como um velho frequentador habitual, estava sentado Ardalion Aleksándrovitch, diante de uma mesinha, com uma garrafa à sua frente e também, de fato, com um exemplar do *Indépendance Belge* nas mãos. Aguardava o príncipe; assim que o viu, logo baixou o jornal e começou uma explicação palavrosa e eloquente, da qual, entretanto, o príncipe não entendeu quase nada, porque o general já estava à beira da embriaguez.

— Eu não tenho dez rublos — cortou o príncipe. — Mas tome aqui vinte e cinco, pegue o troco e me dê quinze, senão eu vou ficar sem nenhum centavo.

— Ah, sem dúvida; e esteja seguro de que isso será cumprido de imediato...

— Mas, a propósito, eu vim fazer um pedido ao senhor, general. O senhor nunca tinha estado com Nastássia Filíppovna?

— Eu? Se eu nunca tinha estado? O senhor quer saber isso? Meu caro, várias vezes, várias vezes! — gritou o general, num ataque de ironia presunçosa e triunfante. — Mas eu mesmo acabei pondo um fim em nossos contatos, pois não quero estimular uma relação indecorosa. O senhor

mesmo viu, o senhor foi testemunha nesta manhã; eu fiz tudo o que um pai podia fazer... Mas um pai dócil e indulgente. No entanto, agora, entrará em cena um pai de outro tipo e, então, veremos, vamos observar bem: se o velho e meritório guerreiro derrota a intriga ou se a camélia despudorada ingressa no seio de uma família nobre.

— Pois eu queria justamente perguntar se o senhor, como pessoa já conhecida, não poderia me levar à casa de Nastássia Filíppovna hoje à noite. Eu preciso ir lá hoje, a qualquer preço; tenho uma questão para resolver; mas eu não sei, absolutamente, como fazer para entrar. Só fui apresentado a ela agora há pouco, porém não fui convidado: hoje, vai haver uma festa importante. Mesmo assim, estou disposto a deixar de lado certos escrúpulos, e também não me importo que riam de mim, só quero ir lá e entrar, de alguma forma.

— Pois a sua ideia veio exatamente, exatamente, ao encontro do meu pensamento, meu jovem amigo — exclamou o general, com entusiasmo. — Não foi por causa desta ninharia aqui que eu chamei o senhor! — prosseguiu, enquanto, mesmo assim, apanhava o dinheiro e metia no bolso. — Se chamei o senhor foi para convidá-lo, como meu camarada de armas, a participar da marcha rumo à casa de Nastássia Filíppovna, ou, melhor dizendo, da marcha contra Nastássia Filíppovna! O general Ívolguin e o príncipe Míchkin! O que ela vai achar disso?! Eu, aliás, sob o disfarce da amabilidade, no dia de seu aniversário, hei de anunciar, enfim, a minha vontade... de maneira indireta, não direta; mesmo assim, tudo vai parecer bem direto. Aí, o próprio Gánia verá como deve agir: se o pai é meritório e... digamos... os demais, ou... Mas o que tiver de ser, será! A ideia do senhor é frutífera, no mais alto grau. Partiremos às dez horas, ainda temos tempo.

— Onde ela mora?

— Longe daqui: perto do teatro Bolchói,⁵⁸ no edifício Mitóvtsov, quase na praça, no primeiro andar... Não há de ser uma reunião muito numerosa, apesar de hoje ser o dia de sua santa onomástica,⁵⁹ e tudo vai terminar cedo...

Entardecera havia já um bom tempo; o príncipe continuava sentado, esperando, enquanto escutava o general, que desfiava uma profusão infinita de anedotas, mas sem terminar nenhuma delas. Quando o príncipe chegou, o general pediu mais uma garrafa, que só terminou uma hora depois; em seguida, pediu outra, à qual também deu fim. Seria de imaginar que, naquele intervalo, o general tivesse tempo suficiente para contar quase toda a história de sua vida. Por fim, o príncipe se levantou e disse que não podia esperar mais. O general sorveu os últimos resíduos da garrafa, ergueu-se e saiu do compartimento a passos trôpegos. O príncipe ficou desesperado. Não conseguia entender como havia confiado nele de maneira tão tola. No fundo, ele jamais confiara no general; estava apenas contando com o general para obter um meio de entrar na casa de Nastássia Filíppovna, mesmo ao preço de causar algum escândalo, se bem que não imaginava um escândalo muito grande; o general estava completamente embriagado, impelido por uma eloquência desenfreada, falava sem parar, com emoção, com lágrimas na alma. Seu assunto ininterrupto era o fato de que, graças ao comportamento condenável de todos os membros de sua família, tudo estava desmoronando, e o fato de que já havia passado o momento, afinal, de dar um basta em tudo aquilo. Por fim, chegaram à rua Litiéinaia. O leve calor prosseguia, incessante; o vento tristonho, morno, insalubre, assoviava pelas ruas, as carruagens chapinhavam na lama, as ferraduras dos cavalos de trote e de carga repicavam com estrondo no calçamento. Em multidão tristonha e encharcada, os pedestres vagavam pelas calçadas. Havia alguns bêbados.

— O senhor está vendo esses apartamentos iluminados no primeiro andar dos prédios? — disse o general. — Aqui, por todo lado, moravam os meus camaradas, e eu, logo eu, aquele que, entre todos, serviu por mais tempo e mais sofreu, eu estou aqui me arrastando, a pé, na direção do teatro Bolchói, rumo ao apartamento de uma senhora de vida duvidosa! Um homem que carrega no peito treze balas... O senhor não acredita? Entretanto, foi unicamente por mim que Pirogóv⁶⁰ telegrafou, para Paris, e abandonou o cerco de Sebastópol, temporariamente, e o próprio Nelaton, o médico da Corte parisiense, que tinha salvo-conduto em nome da ciência, se deslocou até Sebastópol sitiada, a fim de me examinar. Mesmo as mais altas autoridades sabem disso e dizem: “Ah, aquele é o Ívolguin, que tem treze balas!...”. Aí está como se referem a mim! Olhe, príncipe, está vendo aquele edifício? Ali, no primeiro andar, mora um velho camarada meu, o general Sokolóvitch, com uma família nobilíssima e numerosíssima. Está vendo aquele edifício, e os outros três edifícios até a avenida Niévski e mais os dois até a rua Morskáia? Pois em todos eles, agora, moram as pessoas que formam o meu círculo de conhecidos, ou seja, pessoas do meu conhecimento pessoal. Nina Aleksándrovna já se resignou às circunstâncias, há muito tempo. Mas eu continuo a recordar... e, por assim dizer, continuo a buscar repouso no círculo da sociedade educada dos camaradas antigos e dos meus subordinados, que me adoram até hoje. Esse general Sokolóvitch (aliás, já faz um tempinho que não falo com ele nem com Anna Fiódorovna)... Sabe, caro príncipe, quando você mesmo não recebe os outros em sua casa, também acaba, inevitavelmente, deixando de ser recebido pelos demais. Entretanto... hum... o senhor, me parece, não acredita... De resto, afinal, por que eu não haveria de levar o filho do meu melhor amigo e camarada de infância para visitar essa encantadora casa de família? O general Ívolguin e o príncipe Míchkin! O senhor verá uma

jovem maravilhosa, uma só não, duas, até três, o ornamento da capital e da sociedade: beleza, cultura, instrução... a questão feminina, os versos, tudo isso se associou numa mistura feliz e diversificada, para não falar de um dote de pelo menos oitenta mil rublos, em dinheiro vivo, de cada filha, o que nunca faz mal a ninguém nem atrapalha quaisquer questões femininas e sociais... Em suma, a todo custo, a todo custo, eu devo e sou obrigado a levar o senhor a essa casa. O general Ívolguin e o príncipe Míchkin!

— Agora? Neste momento? Mas o senhor está esquecendo... — começou a príncipe.

— Tudo bem, tudo bem, eu não esqueci, vamos em frente! Por ali, é naquela escada magnífica. Eu me admiro que não haja um porteiro, mas... hoje é feriado e o porteiro se ausentou. Ainda não demitiram aquele beberrão. Esse Sokolóvitch deve a mim toda a felicidade de sua vida, só a mim e mais ninguém, porém... pronto, chegamos.

O príncipe já não fazia objeção àquela visita e seguia com obediência o general para não irritá-lo, na firme esperança de que o general Sokolóvitch e toda sua família pouco a pouco evaporassem como uma miragem e deixassem claro que não existiam, para que os dois pudessem descer de volta, tranquilamente, pela escada. Contudo, para seu horror, o príncipe começou a perder aquela esperança: o general o conduziu pela escada como alguém que tivesse, de fato, conhecidos ali, e a todo instante introduzia pormenores biográficos e topográficos, repletos de precisão matemática. Por fim, quando já haviam alcançado o primeiro andar, parado à direita da porta de um apartamento de luxo e o general já empunhava o puxador da campainha, o príncipe decidiu, finalmente, fugir correndo; porém uma circunstância estranha o deteve, por um minuto.

— O senhor está enganado, general — disse ele. — Na porta está escrito Kulakóv, e o senhor quer falar com o Sokolóvitch.

— Kulakóv... O nome Kulakóv não prova nada. O apartamento é do Sokolóvitch e eu toquei a campainha do Sokolóvitch. Dane-se o Kulakóv... Pronto, estão abrindo.

De fato, a porta abriu. Um laçao espiou pela fresta e declarou que “o patrão não está em casa”.

— Que pena, que pena, parece até de propósito! — repetiu várias vezes Ardalion Aleksándrovitch, com a mais profunda lástima. — Avise, então, meu caro, que o general Ívolguin e o príncipe Míchkin desejavam apresentar seus respeitos e lamentaram extremamente, extremamente...

Naquele instante, outro rosto espiou através da abertura da porta, pelo visto era a governanta da casa, talvez até a preceptora, uma senhora de uns quarenta anos, de vestido escuro. Aproximou-se com curiosidade e desconfiança, depois de ouvir os nomes do general Ívolguin e do príncipe Míchkin.

— Mária Aleksándrovna não está em casa — disse ela, olhando particularmente para o general. — Ela saiu com a senhorita, a Aleksandra Mikháilovna, e foram à casa da avó.

— E a Aleksandra Mikháilovna foi também, ah, meu Deus, que má sorte! Imagine, senhora, eu tenho sempre essa má sorte! Peço encarecidamente que a senhora transmita meus respeitos, e para a Aleksandra Mikháilovna, que lembre... em suma, transmita a ela meu desejo mais sincero de que se realize aquilo que ela mesma desejou para si, na quarta-feira, ao som de uma balada de Chopin; ela há de lembrar... O meu desejo mais sincero! O general Ívolguin e o príncipe Míchkin!

— Eu não vou esquecer, senhor — despediu-se a dama, que agora mostrava mais confiança.

Ao descer pela escada, o general, cujo fervor ainda não havia arrefecido, continuava a lamentar que os senhores não estivessem em casa e que o

príncipe se visse privado de conhecer pessoas tão encantadoras.

— Sabe, meu caro, eu tenho um pouco de poeta na alma, o senhor não percebeu? No entanto... no entanto, parece que não fomos ao lugar certo — concluiu, de súbito, de forma completamente inesperada. — Agora que eu me lembrei, os Sokolóvitch moram em outro edifício, e parece até que agora estão morando em Moscou. Sim, eu me enganei um pouquinho, mas isso... não há de ser nada.

— Eu só queria saber uma coisa — comentou o príncipe, desolado. — Será que devo deixar definitivamente de contar com o senhor e ir por minha conta à casa dela?

— Deixar? De contar? Ir sozinho? Mas a título de quê, se para mim isso representa a mais capital de todas as ações, da qual depende, em tantos aspectos, o destino da minha família inteira? Porém, meu jovem amigo, o senhor conhece pouco o Ívolguin. Quem diz “Ívolguin” diz “muralha”; deposite sua confiança em Ívolguin como se confia numa muralha, era assim que diziam ainda no esquadrão, no qual eu comecei a servir o Exército. No caminho para lá, no entanto, eu só preciso passar em certo prédio, por um minuto apenas, lá onde minha alma, já faz alguns anos, tem encontrado repouso para seus desassossegos e suas provações...

— O senhor quer ir agora para a sua casa?

— Não! Eu quero... ir à casa da capitã Tieriéntieva, a viúva do capitão Tieriéntiev, que foi meu subordinado... e até amigo... É lá, na casa da capitã, que eu regenero minha alma e é para lá que carrego minhas mágoas pessoais e familiares... E como hoje, exatamente, eu suporto o peso de uma grande carga moral, eu...

— Seja como for, eu acho que fiz uma tremenda tolice por ter incomodado o senhor — murmurou o príncipe. — Além do mais, o senhor agora... Adeus!

— Mas eu não posso, não posso deixar o senhor se afastar de mim, meu jovem amigo! — indignou-se o general. — Uma viúva, mãe de família, cujo coração faz vibrar cordas que reverberam em todo o meu ser. Uma visita à casa dela, são só cinco minutos, naquela casa, eu não faço cerimônia, sou quase como um morador, lá eu me lavo, faço a minha própria e indispensável toalete e, então, pegamos um coche de praça e vamos juntos ao teatro Bolchói. E tenha a certeza de que a companhia do senhor me será imprescindível, a noite inteira... Olhe, é neste edifício, já chegamos... Ah, Kólia, você já está aqui? O que foi, a Marfa Boríssovna está em casa ou você mesmo acabou de chegar?

— Ah, não — respondeu Kólia, que havia esbarrado com eles, de repente, no portão do edifício. — Eu já estou aqui há muito tempo, fui ver o Ippolit, ele piorou, está de cama desde hoje de manhã. Desci agora para comprar um baralho na loja. A Marfa Boríssovna está esperando o senhor. Só que, papai, puxa, em que estado o senhor se encontra!... — concluiu Kólia, olhando atentamente para a postura e a maneira de andar do general. — Muito bem, vamos lá!

O encontro com Kólia impeliu o príncipe a acompanhar o general também à casa de Marfa Boríssovna, mas só por um minuto. O príncipe precisava de Kólia; em todo caso, ele já decidira abandonar o general e não conseguia se perdoar por ter imaginado, pouco antes, que podia confiar nele. Levaram muito tempo galgando a escada de fundos até o quarto andar.

— O senhor quer apresentar o príncipe? — perguntou Kólia, no caminho.

— Sim, meu amigo, quero apresentá-lo: o general Ívolguin e o príncipe Míchkin, mas o que... como... Marfa Boríssovna...

— Sabe de uma coisa, papai, é melhor o senhor não subir! Ela vai comer o senhor vivo! Faz três dias que o senhor não dá as caras e ela está

esperando o dinheiro. Por que o senhor foi prometer esse dinheiro? O senhor é assim a vida toda! Agora, vai ter de se virar.

No quarto andar, pararam diante de uma porta baixa. O general se encabulou, visivelmente, e empurrou o príncipe na frente.

— Eu vou ficar aqui mesmo — balbuciou. — Eu quero fazer uma surpresa...

Kólia entrou primeiro. Certa dama, de uns quarenta anos, muito maquiada, de chinelos, *kutsaviéika*⁶¹ e com os cabelos presos em tranças, espiou pela porta, e a surpresa causada pelo general explodiu de forma inesperada. Assim que a dama o viu, desatou a gritar:

— Aí está ele, homem vil e infernal, e o meu coração tinha tanta esperança!

— Vamos entrar, está tudo bem — balbuciou o general, ainda rindo com ar inocente, para o príncipe.

Mas não estava tudo bem. Assim que entraram e cruzaram um vestíbulo escuro e baixo, rumo a uma sala muito estreita, mobiliada por meia dúzia de cadeiras de vime e duas mesinhas de jogar cartas, a anfitriã tratou logo de continuar o falatório, com a voz chorosa e estudada, que lhe era habitual.

— Não tem vergonha, não tem vergonha, seu bárbaro, tirano da minha família, bárbaro e monstro! Saqueou tudo o que eu tenho, sugou até a última gota e ainda não se deu por satisfeito! Até quando terei de suportar você, homem desavergonhado e desonesto?

— Marfa Boríssovna, Marfa Boríssovna! Este... é o príncipe Míchkin. O general Ívolguin e o príncipe Míchkin — balbuciou o general, trêmulo e desnorteado.

— O senhor acredita — a capitã voltou-se, de repente, para o príncipe —, o senhor acredita que esse homem desavergonhado não se apiedou sequer dos meus filhos órfãos? Saqueou tudo, apoderou-se de tudo, depois vendeu

e penhorou tudo, não sobrou nada. O que eu vou fazer com as suas notas promissórias, homem artiloso e sem consciência? Responda, trapaceiro, me responda, coração insaciável: com que, com que irei alimentar meus filhos órfãos? E agora ainda me aparece embriagado, mal consegue se aguentar sobre as próprias pernas... O que fiz para enfurecer Deus dessa maneira, trapaceiro infame e hediondo? Responda!

Mas o general tinha outra coisa em mente.

— Marfa Boríssovna, vinte e cinco rublos... é tudo o que posso, graças à ajuda de um nobilíssimo amigo. O príncipe! Eu cometi um engano cruel! A vida... é assim... E agora... desculpe, eu sou um fraco — prosseguiu o general, de pé no meio da sala, enquanto curvava a cabeça em todas as direções. — Eu sou um fraco, perdoe! Liénotchka!⁶² Uma almofadinha... querida!

Liénotchka, uma menina de oito anos, correu ligeiro à cata de uma almofada e a trouxe para um sofá duro, impermeável e em farrapos. O general sentou-se ali com a intenção de falar mais, porém, assim que tocou no sofá, tombou de lado, virou-se para a parede e caiu no sono dos justos. Marfa Boríssovna, com cerimônia e amargura, indicou para o príncipe uma cadeira junto a uma das mesas de jogo, sentou-se ela mesma de frente para ele, apoiou a bochecha na mão direita e se pôs a suspirar, sem falar nada, enquanto olhava para o príncipe. Três crianças pequenas, duas meninas e um menino, das quais Liénotchka era a mais velha, aproximaram-se, as três colocaram as mãos sobre a mesa e as três também se puseram a olhar fixamente para o príncipe. De outro cômodo, veio Kólia.

— Estou muito contente de encontrar você aqui, Kólia — o príncipe dirigiu-se a ele. — Será que não pode me ajudar? Preciso a todo custo ir à casa de Nastássia Filíppovna. Eu pedi ao Ardalion Aleksándrovitch, mas, veja, ele pegou no sono. Leve-me até lá, pois não sei onde fica a rua nem

sei como se chega lá. O endereço, eu até tenho: junto ao teatro Bolchói, no edifício Mitóvtsov.

— A Nastássia Filíppovna? Mas ela nunca morou perto do teatro Bolchói e o papai nunca esteve na casa de Nastássia Filíppovna, se quer saber; é estranho que o senhor tenha contado com ele para qualquer coisa. Ela mora perto da rua Vladímirskaia, nas Cinco Esquinas, é bem próximo daqui. O senhor quer ir agora? São nove e meia. Se permitir, eu levo o senhor até lá.

O príncipe e Kólia saíram no mesmo instante. Mas que lástima! O príncipe não conseguiu, de jeito nenhum, encontrar um coche de praça e, por isso, tiveram de seguir a pé.

— Eu queria apresentar o senhor ao Ippolit — disse Kólia. — Ele é o filho mais velho daquela capitã de *kutsaviéika* e está no outro quarto; ele está doente e passou o dia todo de cama. Mas ele é muito estranho; é tremendamente suscetível e achei que o senhor ia deixá-lo envergonhado, porque o senhor chegou bem naquela hora... Para mim, apesar de tudo, a vergonha não é tanta, porque se trata do meu pai, mas, no caso dele, é a mãe e, apesar de tudo, há nisso uma diferença, porque nesse caso, com o sexo masculino, não há nenhuma desonra. Aliás, nesse caso, deve se tratar de um preconceito em torno da predominância de um sexo sobre outro. O Ippolit é um garoto excelente, mas ele é escravo de outros preconceitos.

— Quer dizer que ele tem tuberculose?

— É, parece, e o melhor seria morrer logo. No lugar dele, eu preferia morrer, a todo custo. Ele tem pena do irmão e das irmãs, aquelas crianças ali. Se fosse possível, se pelo menos houvesse dinheiro, eu e ele alugaríamos um apartamento separado e deixaríamos nossas famílias. É o nosso sonho. Sabe, agora há pouco, quando contei para ele o que aconteceu com o senhor, ele até se enfureceu, disse que quem leva uma bofetada e não desafia o outro para um duelo só pode ser um patife. Aliás, ele anda muito

irritado, eu até já parei de discutir com ele. Portanto, quer dizer que a Nastássia Filíppovna, mal o conheceu, já convidou o senhor para ir à casa dela, não foi?

— Na verdade, não.

— Mas então como é que o senhor está indo para lá? — exclamou Kólia, chegando a parar em plena calçada. — E... com essa roupa, numa festa de gala?

— Pois é, eu juro por Deus, não sei como vou entrar. Se me receberem, tudo bem; se não, quer dizer que eu fracassei. E quanto à roupa, o que eu posso fazer?

— O senhor tem algum assunto para resolver lá, ou vai só *pour passer le temps*⁶³ em “sociedade nobre”?

— Não, propriamente falando... quer dizer, eu tenho um assunto... para mim, é difícil expressar, mas...

— Certo, o motivo exato é da conta apenas do senhor, o importante para mim é que o senhor não está indo lá só para aproveitar a festa, para desfrutar a sociedade encantadora das camélias, dos generais e dos agiotas. Se o senhor fosse assim, me desculpe, príncipe, eu riria do senhor e passaria a desprezá-lo. Aqui, há muito pouca gente honesta e não há nem mesmo quem mereça respeito. A contragosto, a gente é obrigado a desdenhar dessa gente, mas todos exigem respeito; a Vária é a primeira. E o senhor notou, príncipe, como hoje em dia todo mundo é aventureiro? E logo aqui, na Rússia, em nossa pátria gentil. E como foi que tudo ficou desse jeito, eu não entendo. Parece que tudo já foi muito mais sólido, mas e agora? É o que escrevem e dizem em toda parte. Denunciam. Aqui, todo mundo faz denúncias. Os pais são os primeiros a recuar e ter vergonha da sua própria moral antiga. Lá em Moscou, um pai convenceu o filho a não ceder diante de nada, a fim de ganhar dinheiro; foi publicado, todo mundo viu. Olhe só o

meu general. O que aconteceu com ele? No entanto, sabe, eu acho que o meu general é uma pessoa honesta; juro por Deus! Tudo isso não passa de uma perturbação causada pela bebida. Juro por Deus! Dá até pena; eu só tenho medo de falar, porque todo mundo vai rir; mas juro por Deus que dá pena. E quanto a eles, esses inteligentes aí? São todos agiotas, todos, sem exceção! O Ippolit justifica a agiotagem, diz que é necessária, um choque econômico, uns tais de afluxos e refluxos, sei lá, que o diabo os carregue. Eu fico muito aborrecido com ele, mas ele se exaspera. Imagine, a mãe dele, a capitã, recebe dinheiro do general e depois empresta para ele mesmo a juros de curto prazo; uma tremenda vergonha! E sabe que a mamãe, quero dizer, a minha mãe, Nina Aleksándrovna, a generala, ajuda o Ippolit com dinheiro, roupas e tudo, e até ajuda as crianças, em parte, por meio do Ippolit, porque a própria mãe as deixa de lado. E a Vária também.

— Veja só, você diz que não há pessoas honestas e fortes e que todos não passam de agiotas; só que aí estão duas pessoas fortes: a sua mãe e a Vária. Acha que ajudar essas pessoas aqui, e em tais circunstâncias, não é sinal de força moral?

— A Varka⁶⁴ faz isso por vaidade, por ostentação, para não ficar ofuscada pela mamãe; já a mamãe, de fato... ela, eu respeito. Sim, eu respeito e justifico. Até o Ippolit sente, e ele está quase completamente ensandecido. No início, ele ria, achava que era uma baixeza da parte da mamãe; mas agora, às vezes, ele começa a sentir. Hum! Então, o senhor chama isso de força? Eu vou anotar isso. O Gánia não sabe que isso acontece, senão chamaria de conivência.

— O Gánia não sabe? Parece que há muita coisa que o Gánia ignora — deixou escapar o príncipe, e se pôs pensativo.

— Sabe de uma coisa, príncipe? Eu gostei muito do senhor. O que aconteceu com o senhor agora há pouco não me sai da cabeça.

— E eu também gostei muito de você, Kólia.

— Escute, como é que o senhor pretende viver aqui? Eu logo vou achar um trabalho para mim e vou poder morar em algum outro lugar. Vamos morar juntos, eu, o senhor e o Ippolit, os três juntos, vamos alugar um apartamento; e vamos chamar o general para nos visitar.

— Seria um enorme prazer para mim. Mas vamos tratar disso em outra ocasião. Eu, agora, estou muito... muito abalado. O que foi? Já chegamos? É neste edifício... Que entrada magnífica! E tem um porteiro. Bem, Kólia, não sei o que vai acontecer.

O príncipe ficou parado, como que sem rumo.

— Conte-me tudo amanhã! Não fique muito intimidado. Que Deus lhe permita ter sucesso, porque eu tenho as mesmas convicções que o senhor, em tudo! Adeus. Eu vou voltar para lá e contar para o Ippolit. E quanto a ser recebido, não há nenhuma dúvida disso, não precisa temer! Ela é muito original. Suba essa escada até o primeiro andar, o porteiro vai mostrar!

O príncipe estava muito aflito enquanto subia a escada e, com todas as suas forças, tentava ganhar coragem. Pensava: “O pior vai ser se não me deixarem entrar e pensarem algo ruim a meu respeito, ou então, quem sabe, se me receberem e começarem a rir na minha cara... Ah, é melhor deixar para lá!”. Na verdade, aquilo ainda não o assustava muito; porém havia a pergunta: “O que ele veio fazer aqui e por que veio?”, e para tal pergunta ele não encontrava nenhuma resposta francamente tranquilizadora. Mesmo se fosse possível, de alguma forma, aproveitar uma chance e dizer para Nastássia Filíppovna: “Não se case com esse homem e não se destrua, ele não ama a senhora, só ama o seu dinheiro, ele mesmo me disse, e Aglaia Epantchina também me disse, e eu vim aqui em pessoa contar isso”, mesmo assim, dificilmente se poderia dizer que aquilo era correto, em todos os aspectos. E mais uma pergunta sem solução se apresentava ao seu pensamento, uma pergunta tão capital que o príncipe temia até pensar no assunto, nem sequer se atrevia a admitir tal pergunta, ignorava como devia ser formulada, ficava vermelho e estremecia todo só de pensar naquilo. No entanto, apesar de todas aquelas perturbações e dúvidas, no fim, ele entrou e perguntou logo por Nastássia Filíppovna.

Ela morava num apartamento não muito espaçoso, mas, de fato, esplendidamente decorado. Naqueles cinco anos de sua vida em

Petersburgo, houve uma fase, no início, em que Afanássi Ivánovitch não media despesas para ela; naquela altura, ele ainda contava com o amor de Nastássia Filíppovna e imaginava seduzi-la, sobretudo, por meio do conforto e do luxo, pois sabia como os hábitos de luxo se incorporam com facilidade às pessoas, e também sabia como é difícil desvencilhar-se deles mais tarde, quando o luxo, pouco a pouco, termina por se converter em necessidade. Naquele caso, Tótski permanecia fiel às boas e velhas tradições, sem modificá-las em nada, respeitando infinitamente toda a força invencível das influências sensuais. Nastássia Filíppovna não rejeitava o luxo, até o adorava, porém — e isso parecia bastante estranho — não se rendia ao luxo, dava a impressão de que poderia viver muito bem sem ele; algumas vezes, chegou a tentar dizer isso com todas as letras, o que causou uma impressão desagradável em Tótski. De resto, havia muitos aspectos em Nastássia Filíppovna que causavam uma impressão desagradável em Afanássi Ivánovitch (algo que, posteriormente, chegou às raias do desprezo). Além da falta de elegância da espécie de gente que ela, às vezes, trazia para perto de si, o que acarretava a conclusão de que havia, em sua personalidade, uma tendência a se aproximar de tais pessoas, também transpareciam, em Nastássia Filíppovna, certas inclinações absolutamente estranhas: manifestava-se nela uma espécie de mistura bárbara de dois gostos, a capacidade de lidar e de se satisfazer com coisas e meios cuja existência, ao que parece, não poderia ser admitida por uma pessoa correta e de instrução refinada. De fato, para dar um exemplo, Nastássia Filíppovna revelava, de repente, alguma ignorância encantadora e elegante, como, por exemplo, não saber que as camponesas não podiam usar roupas de baixo de cambraia, como as que ela vestia, o que, pelo visto, deixava Afanássi Ivánovitch satisfeitíssimo. Toda a educação recebida por Nastássia Filíppovna, segundo o programa de Tótski, que naquele terreno era uma

pessoa muito entendida, tinha por meta alcançar justamente aqueles resultados; mas, por azar, os resultados acabaram se revelando estranhos. Entretanto, e a despeito de tudo, havia e perdurava em Nastássia Filíppovna algo que, vez por outra, impressionava até o próprio Afanássi Ivánovitch por sua originalidade incomum e fascinante; tratava-se de uma espécie de força, que o cativava muitas vezes, e até mesmo agora, quando todos os seus antigos cálculos acerca de Nastássia Filíppovna já haviam desmoronado.

O príncipe foi recebido por uma jovem (a criadagem de Nastássia Filíppovna era formada sempre por mulheres), que, para sua surpresa, ouviu sem o menor espanto seu pedido para ser anunciado. Nem as botas sujas nem o chapéu de aba larga nem a capa sem mangas nem o ar encabulado provocaram, na jovem, a menor hesitação. Ela apanhou sua capa, convidou-o para aguardar no vestíbulo e foi logo anunciar sua chegada.

O grupo reunido em casa de Nastássia Filíppovna era formado por seus conhecidos mais habituais e constantes. Havia até bem menos gente, em comparação com as festas de aniversário de anos anteriores. Em primeiro lugar, e com destaque, estavam presentes Afanássi Ivánovitch Tótski e Ivan Fiódorovitch Epantchin; os dois se mostravam amáveis, porém dissimulavam certa inquietação, por conta de sua expectativa mal disfarçada em torno do prometido anúncio a respeito de Gânia. Além deles, claro, estava Gânia — também com ar muito sombrio, muito pensativo e até quase completamente “descortês”, pois se mantinha separado dos demais, distante e calado, na maior parte do tempo. Ele acabou não convidando Vária, mas Nastássia Filíppovna nem se deu conta; por outro lado, assim que cumprimentou Gânia, Nastássia Filíppovna recordou a cena entre ele e o príncipe. O general, que ainda não sabia nada a respeito, mostrou-se interessado. Então, com segura, em tom contido, mas com total sinceridade,

Gânia contou o que havia ocorrido, e também contou que tinha procurado o príncipe para se desculpar. Nesse ponto, defendeu com ênfase sua opinião de que era muito estranho que as pessoas chamassem o príncipe de idiota, só Deus podia saber o motivo, afirmou pensar exatamente o contrário e que, por fim, aquele homem tinha a mais perfeita noção das coisas. Nastássia Filíppovna escutou aquele ponto de vista com grande atenção e acompanhou as palavras de Gânia com curiosidade, mas a conversa logo se desviou para tratar de Rogójin, que participara de forma tão capital da história daquela manhã e pelo qual Afanássi Ivánovitch e Ivan Fiódorovitch também mostraram interesse e uma curiosidade extraordinária. Revelou-se que quem podia dar informações particulares acerca de Rogójin era Ptítsin, que havia debatido com ele até quase nove horas da noite a respeito de seus negócios. Rogójin insistia, com todas as forças, que precisava reunir cem mil rublos naquele mesmo dia. “Na verdade, ele estava bêbado”, observou Ptítsin, de passagem, “mas acha que, por mais difícil que possa ser, é preciso a todo custo juntar cem mil rublos, só que eu não sei se vou conseguir juntar tudo hoje; muita gente está trabalhando para isso, o Kinder, o Trepálov, o Biskup; ele está disposto a pagar os juros que quiserem cobrar, mas claro que é efeito da bebida e do entusiasmo inicial...”, concluiu Ptítsin. Todas aquelas novidades foram recebidas com um interesse em parte sombrio; Nastássia Filíppovna se mantinha muda, obviamente não queria se pronunciar; Gânia também. O general Epantchin se inquietava, em seu íntimo, um pouco mais do que os outros: as pérolas que ele mostrara ainda pela manhã foram recebidas com uma curiosidade demasiado fria e até com uma espécie peculiar de zombaria. Entre todos os convidados, só Ferdíschenko mostrava um estado de ânimo alegre e festivo, às vezes ria alto, sem nenhum motivo compreensível, apenas porque ele havia assumido o papel de bobo da corte. O próprio Afanássi Ivánovitch,

que tinha fama de ser um contador de casos elegante e refinado, e tempos antes, em festas como aquela, costumava presidir as conversas, estava visivelmente deslocado e até numa espécie de constrangimento incomum. Os demais convidados, que, de resto, não eram muitos (um professor velho de dar pena, que só Deus sabe por que foi convidado, um desconhecido muito jovem, tremendamente tímido e mudo o tempo todo, uma dama bem-disposta, de uns quarenta anos, atriz, e uma jovem de beleza extraordinária, vestida com extremo bom gosto e luxo, mas muito pouco sociável), não só não conseguiam animar a conversa como, às vezes, pura e simplesmente não sabiam o que dizer.

Dessa forma, a chegada do príncipe veio bem a calhar. O anúncio de seu nome produziu perplexidade e alguns sorrisos estranhos, sobretudo quando, pelas feições de surpresa de Nastássia Filíppovna, descobriram que ela nem de longe pensava em convidá-lo. Entretanto, após a surpresa, Nastássia Filíppovna, de repente, manifestou tamanha satisfação que a maioria dos presentes logo se preparou para receber o visitante inesperado com risos e alegria.

— Isso aconteceu, convenhamos, por causa da sua inocência — concluiu Ivan Fiódorovitch Epantchin. — Em todo caso, é bastante perigoso estimular inclinações desse tipo; mesmo assim, de fato, até que não foi má ideia ele aparecer exatamente agora, ainda que de forma tão original: talvez ele nos deixe mais alegres, pelo menos até onde eu posso julgar a seu respeito.

— Ainda mais porque ele mesmo se convidou! — emendou logo Ferdíschenko.

— E daí, o que se vai fazer? — perguntou com segura o general, que detestava Ferdíschenko.

— E daí que ele vai ter de pagar para entrar — esclareceu o outro.

— Entendo, só que, apesar de tudo, meu caro, o príncipe Míchkin não é o Ferdíschenko — o general não se conteve mais, pois até aquele momento não conseguia se acostumar com a ideia de que estava em companhia de Ferdíschenko num mesmo grupo social e em pé de igualdade com ele.

— Ei, general, poupe o Ferdíschenko — respondeu o próprio, com uma risadinha. — Afinal, eu desfruto direitos especiais.

— Que direitos especiais são esses?

— Na última vez, eu tive a honra de esclarecer isso para os presentes; vou repetir mais uma vez para vossa excelência. Observe, por favor, vossa excelência: todos têm fineza de espírito, mas eu não tenho. Então, para compensar, pedi licença para dizer a verdade, pois todos sabem que só diz a verdade quem carece de fineza de espírito. E também porque, além de não ter fineza de espírito, eu sou uma pessoa muito vingativa. Eu suporto com humildade toda e qualquer ofensa, mas só até o primeiro fracasso de quem me ofende; pois, ao primeiro fracasso, eu logo recorro a ofensa e parto imediatamente para a desforra, dou coices, como se expressou a meu respeito o Ivan Petróvitch Ptítsin, que, está claro, jamais dá coices em ninguém. Vossa excelência não conhece aquela fábula de Krilóv, “O leão e o burro”?⁶⁵ Pois bem, somos nós dois, eu e o senhor, a fábula foi escrita sobre nós.

— Ferdíschenko, eu creio que o senhor, mais uma vez, passou da medida em suas mentiras — exclamou o general.

— Do que está falando, vossa excelência? — retrucou Ferdíschenko, pois calculava que era possível seguir retrucando e, desse modo, alongar-se mais um pouco. — Não se inquiete, vossa excelência, eu sei qual é o meu lugar: se eu disse que eu e o senhor somos o leão e o burro da fábula de Krilóv, o papel do burro é meu, claro, e o de vossa excelência, o do leão, como está

dito na fábula de Krilóv: “O poderoso leão, o terror da floresta,/ Perdeu as forças por causa da velhice”. E eu, vossa excelência, sou o burro.

— Com esta última afirmação, eu estou de acordo — deixou escapar o general, por descuido.

Claro, tudo aquilo era formulado de modo rude e dissimulado, entretanto já estava estabelecido que Ferdíschenko tinha permissão para representar o papel de bobo da corte.

— Sim, é só por isso que me deixam entrar e ficar aqui — exclamou Ferdíschenko, certa vez. — Exatamente para que eu fale desse modo. Ora, de fato, é possível receber em sua casa alguém como eu? Afinal, eu entendo isso muito bem. Como poderia eu, um tal de Ferdíschenko, sentar ao lado de um gentleman refinado como o Afanássi Ivánovitch? Só existe uma explicação: fazem isso porque é algo impossível até de imaginar.

Entretanto, embora rude, aquilo também podia se revelar mordaz, por vezes até muito mordaz e, pelo visto, isso agradava a Nastássia Filíppovna. Assim, a quem desejasse visitá-la, só restaria submeter-se e suportar Ferdíschenko. Este supunha, e talvez com inteira razão, que passaram a admitir suas visitas porque, desde a primeira vez, Tótski achara sua presença intolerável. Gânia, por seu turno, havia suportado uma infinidade de suplícios da parte de Ferdíschenko e, nesse aspecto, Ferdíschenko sabia que era muito útil a Nastássia Filíppovna.

— Para mim, o príncipe deve começar cantando uma canção da moda — concluiu Ferdíschenko, enquanto observava o que Nastássia Filíppovna iria dizer.

— Eu não acho, Ferdíschenko, e, por favor, não fique assim tão animadinho — retrucou ela, em tom seco.

— Ah-ah! Se ele se encontra sob proteção especial, então eu vou ficar mais manso e...

Mas Nastássia Filíppovna se levantou, sem lhe dar ouvidos, e foi ela mesma receber o príncipe.

— Lamento que hoje cedo, na correria, eu tenha acabado me esquecendo de convidar o senhor — disse ela, ao surgir, de súbito, na frente do príncipe. — E estou muito contente por ter o senhor mesmo me proporcionado a chance de lhe agradecer e de louvar sua determinação.

Enquanto dizia tais palavras, olhava fixamente para o príncipe, esforçando-se para encontrar alguma explicação, por menor que fosse, para o gesto dele.

O príncipe talvez tenha notado algo nas palavras amáveis da anfitriã, porém estava ofuscado e impressionado a tal ponto que não conseguiu pronunciar nenhuma palavra. Nastássia Filíppovna percebeu aquilo com prazer. Naquela noite, ela se arrumara e se vestira com todo o requinte e produzia um efeito fora do comum. Tomou o príncipe pelo braço e o conduziu ao encontro dos convidados. Logo na entrada da sala, o príncipe parou de repente e, com extrema emoção e às pressas, sussurrou para ela:

— Na senhora, tudo é perfeito... mesmo a palidez e a magreza... ninguém pode desejar que a senhora seja diferente... Eu tinha tanta vontade de vir à sua casa... eu... perdoe...

— Não peça desculpas — Nastássia Filíppovna deu uma bela risada. — Isso só vai destruir toda estranheza e originalidade. Portanto, é verdade o que dizem do senhor, que é uma pessoa estranha. Mas, então, quer dizer que o senhor me considera uma perfeição, não é?

— Sim.

— Apesar de ser um mestre das adivinhações, o senhor se enganou. E hoje eu vou mostrar isso ao senhor...

Ela apresentou o príncipe para os convidados, mais da metade já conhecidos dele. Tótski foi logo dizendo algumas palavras gentis. Todos

pareceram se animar um pouco e, ao mesmo tempo, começaram a falar e a rir. Nastássia Filíppovna fez o príncipe sentar-se a seu lado.

— Entretanto, o que há de surpreendente na chegada do príncipe? — Ferdíschenko gritou mais alto do que todos. — A questão é muito clara, ela fala por si mesma!

— A questão é clara até demais e também fala por si mesma até demais — ratificou, de repente, o taciturno Gânia. — Hoje, eu observei o príncipe de modo quase ininterrupto, desde o instante em que ele, pela primeira vez, pôs os olhos no retrato de Nastássia Filíppovna, sobre a mesa de Ivan Fiódorovitch. Eu me lembro muito bem do que pensei naquele instante, algo de que agora estou absolutamente convencido e algo que, de passagem, o próprio príncipe me confessou.

Gânia pronunciou tais palavras com uma seriedade extraordinária, sem o menor traço de ironia, em tom até sombrio, o que pareceu um tanto estranho.

— Eu não fiz confissões ao senhor — retrucou o príncipe, ruborizado. — Eu apenas respondi sua pergunta.

— Bravo, bravo! — exclamou Ferdíschenko. — Pelo menos, ele é sincero; e além de sincero, sagaz!

Todos riram alto.

— Não grite, Ferdíschenko — protestou Ptítsin com repulsa e à meia-voz.

— Príncipe, eu não esperava tais atrevimentos da sua parte — comentou Ivan Fiódorovitch. — Será que o senhor sabe a quem isso irá servir? E eu que tomei o senhor por um filósofo! Ah, essas pessoas quietinhas!

— E a julgar pelo rubor do príncipe em reação a uma brincadeira ingênua, como se fosse uma inocente mocinha, eu concluo que ele, como jovem nobre, alimenta no coração as intenções mais louváveis — disse, ou

melhor dizendo, mastigou, de repente e de forma completamente inesperada, o professor velhinho e desdentado de setenta anos que, até então, estava mudo e de quem ninguém poderia esperar sequer que falasse algo naquela festa. Todos passaram a rir mais ainda. O velhinho, que certamente pensou que riam de sua presença de espírito, desatou a rir ainda mais, olhando para todos, o que o fez tossir cruelmente, a tal ponto que Nastássia Filíppovna, que por alguma razão era excepcionalmente amável com todos os velhinhos e velhinhas originais daquele tipo, e até com os *iuródivi*, logo passou a se mostrar carinhosa com ele, beijou-o nas faces e mandou que lhe servissem mais chá. Quando a criada entrou, ela pediu que trouxesse o seu xale, no qual se enrolou, e mandou colocar mais lenha na lareira. Perguntou que horas eram e a criada respondeu que já eram dez e meia.

— Senhores, não gostariam de tomar champanhe? — convidou Nastássia Filíppovna, de repente. Eu tenho tudo pronto. Quem sabe os senhores ficam mais alegres? Por favor, não façam cerimônia.

O convite para beber, ainda mais com expressões tão inocentes, pareceu muito estranho da parte de Nastássia Filíppovna. Todos conheciam a extrema sobriedade das festas anteriores em sua casa. Em termos gerais, a festa estava se tornando mais alegre, porém não da maneira habitual. Entretanto, a bebida não foi rejeitada, primeiro pelo general, depois pela dama bem-disposta, pelo velhinho, por Ferdíschenko e, depois dele, por todos os demais. Tótski também empunhou sua taça, na esperança de se harmonizar com o novo tom que estava se estabelecendo, conferindo àquilo, na medida do possível, o cunho de um gracejo gentil. Só Gânia não bebeu. De fato, nos rompantes estranhos e, às vezes, muito abruptos e repentinos de Nastássia Filíppovna, que também aceitou a bebida e anunciou que, naquela noite, beberia três taças, em seu riso histérico e

despropositado, que alternava, de repente, com um ar pensativo, taciturno e até melancólico, era difícil entender o que quer que fosse. Alguns desconfiaram que tinha febre; por fim, começaram a reparar que ela mesma também parecia esperar alguma coisa, pois olhava muitas vezes para o relógio, tornava-se impaciente e distraída.

— Será que a senhora não está com um pouco de febre? — perguntou a dama bem-disposta.

— Um pouco, não, muita febre, e foi por isso que me enrolei no xale — respondeu Nastássia Filíppovna, que, na verdade, estava mais pálida e, às vezes, parecia tentar reprimir um forte tremor.

Todos se alarmaram e se agitaram.

— Não seria o caso de deixarmos nossa anfitriã descansar? — propôs Tótski, olhando para Ivan Fiódorovitch.

— Nem pensar, senhores! Eu peço justamente que os senhores fiquem. Sua presença, hoje, é muito necessária para mim — declarou, de súbito, Nastássia Filíppovna, com ênfase e insistência. E, como quase todos já sabiam que uma decisão muito importante seria tomada naquela festa, suas palavras pareciam ter um peso especial. O general e Tótski se entreolharam, mais uma vez. Gânia se remexeu, num espasmo.

— Seria bom jogarmos algum *petit jeu*⁶⁶ — propôs a dama bem-disposta.

— Pois eu conheço um *petit jeu* novo e excelente — emendou Ferdíschenko. — Pelo menos, é um desses que só acontecem uma vez na vida e que, mesmo assim, não dão certo.

— Como é? — perguntou a dama bem-disposta.

— Certa vez, reunimos um grupo e aconteceu de bebermos demais, é verdade, e de repente alguém fez uma proposta: sem sair de sua mesa, cada um de nós devia contar algo, em voz alta, a seu respeito, mas tinha de ser algo que a própria pessoa, em sã consciência, considerasse a pior de todas

as suas más ações, na sua vida inteira; porém na condição de ser sincera, e isto era o principal: ser sincera, não mentir!

— Que ideia estranha — disse o general.

— Pois quanto mais estranha, melhor, vossa excelência.

— É uma ideia ridícula — disse Tótski. — Mas, de resto, é compreensível: uma forma peculiar de bravata.

— Talvez eles precisassem disso mesmo, Afanássi Ivánovitch.

— Mas um *petit jeu* como esse vai fazer chorar, e não rir — ponderou a dama bem-disposta.

— É algo absolutamente impossível e absurdo — objetou Ptítsin.

— E deu certo? — perguntou Nastássia Filíppovna.

— Pois é, não deu certo, foi horroroso, de fato, cada um contou uma coisa, muitos disseram a verdade e, imaginem, alguns contaram até com prazer, mas depois todos ficaram envergonhados: não resistiram! No todo, porém, foi muito divertido, quero dizer, à sua maneira, não é?

— Puxa, mas seria bom! — sugeriu Nastássia Filíppovna, de repente, muito animada. — Sério, vamos tentar, senhores! Na verdade, nós não estamos lá tão alegres assim. Se cada um de nós concordar em contar um episódio... desse tipo... claro, se a pessoa concordar, de livre e espontânea vontade, hein? Será que vamos resistir? Pelo menos, é tremendamente original...

— Uma ideia de gênio! — apoiou Ferdíschenko. — No entanto, as senhoras ficam de fora, os homens começam; vamos tirar a sorte para estabelecer a ordem, como fizemos naquela ocasião. Isso mesmo, isso mesmo! Quem não quiser de jeito nenhum, claro, não precisa contar, mas vai ser uma imensa descortesia! Vamos tirar a sorte, senhores, aqui, dentro do meu chapéu, o príncipe vai sortear. A tarefa não pode ser mais simples,

contar a pior ação de toda sua vida... isso é muito fácil, senhores! Aqui, estão vendo? E, se alguém esquecer, eu tratarei de refrescar sua memória!

Ninguém estava gostando da ideia. Alguns franziam as sobrancelhas, outros sorriam com malícia. Alguns desaprovavam aquilo, mas não muito, como por exemplo Ivan Fiódorovitch, que não queria contrariar Nastássia Filíppovna e havia notado que aquela ideia estranha a encantava. Nastássia Filíppovna sempre fora implacável e invencível em seus desejos, a partir do momento em que anunciava suas intenções, por mais que tais desejos fossem caprichosos e sem a menor utilidade para ela. E agora ela parecia em estado de histeria, se alvoroçava, tinha acessos de riso, sobretudo diante das objeções do inquieto Tótski. Seus olhos escuros faiscavam, duas manchas vermelhas romperam em suas faces pálidas. O tom aflito e enojado na fisionomia de alguns convidados talvez aticasse ainda mais o ânimo zombeteiro de Nastássia Filíppovna; talvez ela estivesse gostando exatamente do cinismo e da crueldade daquela ideia. Os outros se sentiam até convencidos de que ela abrigava algum cálculo particular. De todo modo, começaram a concordar: pelo menos, era algo curioso e, para muitos, até bastante sedutor. Ferdíschenko era quem se mostrava mais alvoroçado.

— Mas e se houver alguma coisa que não pode ser contada... diante de senhoras? — ponderou timidamente o jovem calado.

— Então, não conte essa história; afinal, o que não falta são más ações — respondeu Ferdíschenko. — Ora, esses jovens!

— O problema é que eu não sei qual das minhas ações é a pior — exclamou a dama bem-disposta.

— As damas estão dispensadas da obrigação de contar sua pior ação — repetiu Ferdíschenko. — Mas estão apenas dispensadas da obrigação; toda inspiração pessoal será muito bem-vinda. Já os homens só serão dispensados se fizerem absoluta questão disso.

— E como provar que eu não estou mentindo? — perguntou Gânia. — Pois, se eu mentir, toda a ideia do jogo perde o sentido. E quem é que não mente? Todo mundo vai mentir, é inevitável.

— Mas só esta questão já é fascinante: de que modo a pessoa vai mentir? Você mesmo, Gánietchka, não deve ter nenhum receio especial de mentir, porque a sua pior ação já é do conhecimento geral. Pois é, pensem só, senhores — exclamou Ferdíschenko, de repente, numa espécie de inspiração. — Pensem só com que olhos vamos olhar uns para os outros, mais tarde, cara a cara, amanhã por exemplo, depois de ouvir os relatos!

— Ora, mas será possível? Será que está mesmo falando sério, Nastássia Filíppovna? — perguntou Tótski, em tom de dignidade ferida.

— Quem tem medo de lobo não deve ir à floresta!⁶⁷ — respondeu Nastássia Filíppovna, com ironia.

— Mas, com licença, sr. Ferdíschenko, como é possível transformar isso num *petit jeu*? — prosseguiu Tótski, cada vez mais alarmado. — Garanto ao senhor que tais coisas nunca dão certo; o senhor mesmo disse que já não deu certo da outra vez.

— Mas como não deu certo? Na última vez, eu contei que roubei três rublos, e contei tudo exatamente como aconteceu!

— Vamos admitir que sim. Porém, afinal, não é perfeitamente possível que o senhor tenha apenas contado de tal modo que ficou bem semelhante a algo verdadeiro e que, por isso, tenham acreditado no senhor? E o Gavrila Ardaliónitch ponderou, com absoluta razão, que basta perceber uma pontinha de falsidade para que o jogo inteiro perca todo o sentido. Nesse caso, a verdade só é possível por acidente, graças a um tipo peculiar de ânimo fanfarrão, de caráter detestável, totalmente indecoroso e inimaginável aqui.

— Mas que pessoa refinada é o senhor, Afanássi Ivánovitch, eu até me espanto! — gritou Ferdíschenko. — Imaginem, senhores, com seu comentário de que eu apenas consegui contar o meu roubo de modo que ficasse semelhante à verdade, o Afanássi Ivánovitch fez a aguçadíssima insinuação de que eu, na verdade, não fui capaz de roubar (porque é indecoroso falar do assunto em público), embora, talvez, ele esteja perfeitamente convencido de que o Ferdíschenko é perfeitamente capaz de roubar! Mas vamos ao que interessa, senhores, os papéis com os nomes para sortear estão aí, e até o seu também, Afanássi Ivánovitch, portanto, ninguém se recusou! Príncipe, sorteie!

Em silêncio, o príncipe meteu a mão no chapéu e tirou o primeiro nome, Ferdíschenko; o segundo, Ptítsin; o terceiro, o general; o quarto, Afanássi Ivánovitch; o quinto, o seu próprio nome; Gánia, o sexto etc. As damas ficaram de fora do sorteio.

— Ah, meu Deus, que má sorte! — bradou Ferdíschenko. — E eu que estava pensando que o primeiro seria o príncipe e o segundo, o general. No entanto, graças a Deus, pelo menos o Ivan Petróvitch vem depois de mim e, assim, eu vou ser recompensado. Muito bem, senhores, por fim, eu sou obrigado a dar um exemplo nobre. No entanto, lamento acima de tudo, neste momento, ser tão insignificante e não ter nada de notável; até minha posição na hierarquia dos funcionários é a mais ínfima que existe; muito bem, na verdade, o que pode haver de interessante no fato de Ferdíschenko ter cometido uma ação detestável? E qual foi, afinal, a minha pior ação? *Embarras de riqueza*.⁶⁸ Quem sabe devo contar, de novo, a história do mesmo roubo, para ver se o Afanássi Ivánovitch se convence de que é possível roubar sem ser ladrão?

— O senhor está me convencendo, meu caro Ferdíschenko, de que realmente é possível sentir prazer, até o êxtase, contando suas ações

obscenas, mesmo que ninguém tenha pedido que faça isso... De resto... Perdoe, sr. Ferdíschenko.

— Comece, Ferdíschenko, o senhor fica tagarelando uma porção de coisas supérfluas e nunca vai ao que interessa! — ordenou Nastássia Filíppovna, irritada e impaciente.

Todos notaram que, após seu recente ataque de riso, de uma hora para outra, ela se tornou até carrancuda, rabugenta, irritadiça; apesar disso, mantinha-se aferrada, de maneira enérgica e despótica, a seu capricho impossível. Afanássi Ivánovitch sofria horripelmente. Ivan Fiódorovitch também o deixava louco: continuava sentado com seu champanhe como se nada estivesse acontecendo e até, quem sabe, pensava em algo para contar, quando chegasse sua vez.

— Não tenho fineza de espírito, Nastássia Filíppovna, por isso eu fico tagarelado e falando coisas supérfluas! — exclamou Ferdíschenko, ao começar seu relato. — Se eu tivesse a fineza de espírito de um Afanássi Ivánovitch ou de um Ivan Petróvitch, hoje eu ficaria bem calado, o tempo todo, a exemplo de Afanássi Ivánovitch e de Ivan Petróvitch. Príncipe, permita que eu pergunte o que o senhor acha: sempre me parece que há no mundo muito mais ladrões do que não ladrões e que mesmo o mais honesto dos homens, pelo menos uma vez na vida, já roubou alguma coisa. Essa é a minha ideia, da qual, aliás, eu não extraio em absoluto a conclusão de que, no mundo, só existem ladrões e mais nada, se bem que, juro por Deus, às vezes me vem uma tremenda vontade de pensar assim. O que o senhor acha?

— Puxa, como o senhor fala tolices — retrucou Dária Alekséievna. — Que disparate. Não se pode dizer que todo mundo já roubou alguma coisa; eu nunca roubei nada.

— A senhora nunca roubou nada, Dária Alekséievna; mas o que dirá o príncipe, que de repente ficou muito vermelho?

— Eu acho que o senhor está dizendo a verdade, só que exagera bastante — disse o príncipe, que, de fato, por algum motivo, tinha ficado vermelho.

— Mas e o senhor mesmo, príncipe, não roubou nada?

— Ora, mas que ridículo! Tenha mais juízo, sr. Ferdíschenko — interferiu o general.

— É muito simples — falou Dária Alekséievna, marcando bem as sílabas. — Na hora de entrar no assunto, o senhor sentiu vergonha e quis arrastar o príncipe junto com o senhor, já que ele é uma pessoa dócil.

— Ferdíschenko, ou conte sua história ou se cale de uma vez e vá cuidar da sua vida. O senhor acaba com a paciência de qualquer um — exclamou Nastássia Filíppovna, irritada e em tom brusco.

— Já vou contar, Nastássia Filíppovna; mas, se até o príncipe confessou, pois eu insisto em concluir que o príncipe, a rigor, fez uma confissão, então o que diria, por exemplo, outra pessoa (sem nomear ninguém), caso quisesse, um dia, contar a verdade? No que me diz respeito, senhores, eu não tenho mais nada a contar, senão isto: uma coisa muito simples, tola e detestável. Mas garanto aos senhores que não sou ladrão; roubei e nem sei como. Aconteceu há três anos, na datcha de Semión Ivánovitch Íschenko, num domingo. Era hora do almoço e ele tinha visitas. Depois de comer, os homens ficaram para tomar bebidas. Inventei de pedir a Mária Semiónovna, filha dele, solteira, que tocasse algo no piano. Atravessei um cômodo recuado e, sobre a escrivaninha de Mária Ivánovna, vejo uma nota verde de três rublos: ela havia deixado a nota ali para pagar alguma despesa doméstica. No cômodo, absolutamente ninguém. Peguei a nota e enfiei no bolso, nem sei para quê. Não entendo o que foi que deu em mim. Voltei depressa e me sentei à mesa. Fiquei quieto, esperando, tomado por forte emoção, falava coisas despropositadas, contava anedotas, dava risadas; depois, fui sentar-me junto com as senhoritas. Mais ou menos meia hora mais tarde, deram pela falta do dinheiro e começaram a fazer perguntas aos criados. Suspeitaram da criada Dária. Eu demonstrei uma curiosidade e um interesse fora do comum e até lembro que, quando Dária se viu totalmente

perdida, tentei convencê-la a confessar sua culpa, disse que eu apostava minha cabeça na bondade de Mária Ivánovna, e eu falava aquilo em voz alta, na frente de todo mundo. Todos estavam olhando e eu sentia uma satisfação extraordinária justamente porque eu pregava meu sermão, enquanto tinha o dinheiro guardado no bolso. Naquela mesma noite, tratei de torrar os três rublos em bebida, num restaurante. Cheguei e fui logo pedindo uma garrafa de Lafite; até então, eu nunca tinha pedido uma garrafa daquele jeito, sem mais nada; me veio uma vontade de gastar tudo o quanto antes. E não senti o menor peso na consciência, nem naquela noite nem depois. Com certeza, eu jamais repetiria aquilo; os senhores podem acreditar ou não, como preferirem, não me importa. Pois bem, isso é tudo.

— Só que, está claro, essa não foi a pior ação de toda a sua vida — disse Dária Alekséievna, com repugnância.

— É um caso psicológico, não é uma má ação — ponderou Afanássi Ivánovitch.

— E a criada? — perguntou Nastássia Fiódorovna, sem esconder sua repugnância mais profunda.

— A criada foi posta no olho da rua no dia seguinte, é claro. É uma casa rigorosa.

— E o senhor deixou?

— Ora, que maravilha! Por acaso, então, eu deveria ir até lá e dizer que fui eu quem roubou? — gargalhou Ferdíschenko, um pouco abalado, no entanto, com a impressão repulsiva causada por sua história.

— Que coisa sórdida! — gritou Nastássia Filíppovna.

— Ora essa! A senhora quer que a pessoa conte a pior ação de sua vida e ainda exige algum requinte? As ações mais detestáveis são sempre muito sórdidas, e é o que nós vamos escutar agora, da parte de Ivan Petróvitch; e pouco importa que ele queira se mostrar brilhante e virtuoso na aparência,

só porque possui uma carruagem própria. Muita gente tem uma carruagem... E sabe-se lá por que meios...

Em resumo, Ferdíschenko não conseguiu absolutamente se conter e, de repente, exasperou-se de todo, a ponto de esquecer quem era, e passou da medida; seu rosto chegou a ficar todo contraído. Por mais estranho que seja, era mais do que provável que ele imaginasse que seu relato lhe traria um sucesso muito maior. Aquelas “gafes” que soam mal e aquela “forma peculiar de bravata”, como disse Tótski, ocorriam com demasiada frequência no caso de Ferdíschenko, e condiziam à perfeição com seu caráter.

Nastássia Filíppovna chegou a estremecer de raiva e cravou os olhos em Ferdíschenko; no mesmo instante, ele se intimidou, calou a boca e quase gelou de susto; tinha ido longe demais.

— Que tal acabar com esse jogo de uma vez? — perguntou Afanássi Ivánovitch, insinuante.

— Agora é a minha vez, mas eu faço valer a minha prerrogativa e não vou contar nada — disse Ptítsin, em tom decidido.

— O senhor não quer?

— Não posso, Nastássia Ivánovna; além do mais, considero esse jogo totalmente inadequado.

— General, pela ordem, parece que é a sua vez — Nastássia Filíppovna voltou-se para ele. — Se o senhor se recusar, tudo o que vier depois ficará comprometido e eu vou lamentar muito, porque eu planejava contar, no final, uma história extraída “da minha própria vida”, mas só queria fazer isso depois do senhor e de Afanássi Ivánovitch, pois os senhores devem me trazer um estímulo — concluiu, rindo muito.

— Ah, se a senhora prometer — exclamou o general, entusiasmado —, eu estou disposto a contar até a minha vida inteira; mas confesso que,

enquanto aguardava a minha vez, já preparei a minha anedota...

— E só pelo aspecto de sua excelência, já se pode imaginar com que prazer literário especial ele elaborou a sua anedota — atreveu-se a comentar Ferdíschenko, ainda um tanto constrangido, e com um sorriso venenoso.

Nastássia Filíppovna olhou de relance para o general e também sorriu consigo. Porém era visível que, dentro dela, a angústia e a exasperação se tornavam cada vez mais fortes. Afanássi Ivánovitch ficou duplamente assustado ao ouvir a promessa do relato.

— Senhores, comigo, como com qualquer pessoa, aconteceu de eu praticar uma ação nada louvável — começou o general. — Porém, o mais estranho de tudo é que eu mesmo considero a breve anedota que vou contar a mais sórdida ação que pratiquei em toda a minha vida. De lá para cá, passaram-se quase trinta e cinco anos; mesmo assim, eu jamais consegui me desvencilhar dessa lembrança, de certa impressão de algo que, por assim dizer, está esfolando o meu coração. Todavia, a questão é bastante tola: na época, eu tinha acabado de ser nomeado alferes e começava a fazer minha carreira no Exército. Bem, sabemos todos o que é um alferes: o sangue ferve, mas o dinheiro não dá para nada; naquela altura, arranjei um ordenança, o Nikífor, que se preocupava demais com as minhas finanças, poupava, costurava, esfregava, lavava e chegava a roubar, em toda parte, qualquer coisa em que pudesse cravar os dedos, só para melhorar a minha condição de vida; era uma pessoa muito fiel e honestíssima. Eu, é claro, era rigoroso, mas justo. Aconteceu de passarmos uma temporada numa cidadezinha. Levaram-me para um quarto no subúrbio, na casa de uma senhora pensionista, viúva de um subtenente. Aos oitenta anos, ou pelo menos algo em torno disso, já era muito velhinha. Vivia numa casinha de madeira, ruim, decrépita e, por causa da pobreza, ela nem tinha criadas. Mas o importante, e o que a distinguia, era que, tempos antes, ela tivera

família e muitos parentes; no entanto, ao longo da vida, alguns morreram, outros se mudaram para longe, outros ainda se esqueceram da velha. Quanto ao marido, ela já o havia enterrado fazia quarenta e cinco anos. Antes disso, uma sobrinha morara alguns anos com ela; mulher corcunda e malvada como uma bruxa, pelo que diziam, certa vez chegou a morder o dedo da tia. Entretanto a sobrinha morreu e, por isso, já fazia mais ou menos três anos que a velha vivia completamente só. Para mim, foi muito maçante morar com ela, tratava-se de uma pessoa vazia, era impossível extrair dela o que quer que fosse. Por fim, ela me roubou um galo. Até hoje, é uma história obscura, mas, além dela, não havia mais ninguém. Nós ficamos brigados por causa do galo, e a sério, e foi exatamente então que eu fiz uma solicitação e me transferiram para outra casa. Ficava no lado oposto da cidadezinha, era a residência de um comerciante de barba grande, com família numerosíssima, eu me lembro até hoje. Eu e o Nikífor nos mudamos com alegria, deixamos a casa da velha com um sentimento de indignação. Passaram-se uns três dias, eu cheguei do treinamento e Nikífor anunciou: “Vossa excelência não devia ter deixado a nossa sopeira na casa da antiga senhoria: agora, não temos como servir a sopa”. Eu, é claro, fiquei chocado: “Como assim? Como pode a nossa sopeira ter ficado na casa da senhoria?”. Admirado, Nikífor explicou que, quando partimos, a senhoria não devolveu a sopeira, porque eu havia quebrado um pote que era dela e, em troca do pote, a velha reteve a nossa sopeira, e disse que eu mesmo tinha proposto a troca para ela. Tamanha baixeza da parte da velha, é claro, me levou ao limite; o sangue ferveu, eu me ergui de um salto e disparei rumo à sua casa. Cheguei lá já fora de mim, por assim dizer; ela estava sentada no vestíbulo, sozinha, num canto, como se tivesse adormecido sob o sol, o rosto apoiado na mão. Na mesma hora, como podem imaginar, eu despejei uma verdadeira trovoada em cima dela, “sua isso, sua aquilo!”. E, sabem como

é, tudo em boa língua russa. Só que, quando olhei melhor, notei algo estranho: ela estava parada, o rosto virado para mim, os olhos esbugalhados, e não disse nenhuma palavra, me olhava de um jeito estranho, muito estranho, e o corpo parecia oscilar. Por fim, eu observei com mais atenção, perguntei, e não veio resposta. Fiquei indeciso; moscas zumbiam, o sol estava se pondo, o silêncio; tomado pela perplexidade, enfim, fui embora. Antes mesmo de chegar em casa, me chamaram para falar com o major, depois tive de dar um pulo na companhia e, assim, só voltei para casa à noite. As primeiras palavras de Nikífor foram: “Vossa excelência sabia que a nossa senhoria morreu?”. “Quando?” “Hoje, à tardinha, faz uma hora e meia.” Ou seja, ela expirou exatamente na hora em que eu a estava xingando. Aquilo me deixou tão abalado que, eu juro aos senhores, só consegui me recuperar a duras penas. Sabem, aquilo começou a povoar meus pensamentos, e até meus sonhos. Claro, eu não tenho superstições, mas dois dias depois fui à igreja, para a cerimônia fúnebre. Em suma, quanto mais o tempo passava, mais eu pensava no assunto. Não era nada grave, só que às vezes me vinha aquela imagem e eu me sentia mal. O importante, no caso, é como eu podia resolver o problema. Em primeiro lugar, a mulher, afinal de contas, era uma pessoa, o que chamam hoje em dia de um ser humano, viveu, e viveu muito tempo, até que, enfim, parou de viver. Em outros tempos, teve filhos, marido, família, parentes, e tudo isso bem perto dela, em volta, por assim dizer, todos pululavam entre sorrisos a seu redor, mas, de repente, do dia para a noite, tudo desaparece e ela fica sozinha, como uma... mosca, que carrega consigo a maldição dos séculos. E então, afinal, Deus a conduziu para o fim. Ao pôr do sol, num tranquilo anoitecer de verão, a minha velha também se foi... Claro, não falta aqui algum sentido ou ensinamento moral; pois então, naquele mesmo instante, em lugar de, por assim dizer, lágrimas de despedida, o jovem

subtenente desesperado, petulante e de mãos na cintura, ofereceu para a velha, em sua partida deste mundo, os mais descarados xingamentos da genuína língua russa, e tudo por causa de uma sopeira perdida! Sem dúvida, eu sou culpado e, apesar de já ter se passado muito tempo e, por efeito da distância dos anos e das mudanças em minha personalidade, eu encarar a minha ação como se tivesse sido cometida por outra pessoa, ainda assim, continuo a sentir remorsos. Mas, repito, eu até acho tudo isso estranho, ainda mais porque, se sou culpado, a minha culpa não é tão grande: afinal, por que ela cismou de morrer justamente naquela hora? Claro, existe aqui uma desculpa: em certa medida, trata-se de uma ação de cunho psicológico; entretanto, eu só consegui me tranquilizar quando, há cerca de quinze anos, instalei duas velhinhas doentes num asilo por minha conta, a fim de aliviar seus últimos dias nesta terra, oferecendo a elas condições e tratamento decentes. Estou pensando em converter isso em algo permanente, reservando um capital em testamento. Pois bem, isso é tudo, senhores. Repito que talvez eu tenha muitas culpas nesta vida, mas, em sã consciência, considero esse caso a ação mais detestável de toda minha vida.

— E assim vossa excelência, em vez de contar sua pior ação em toda a vida, relatou uma de suas boas ações; tapeou o Ferdíschenko! — concluiu Ferdíschenko.

— De fato, general, eu não imaginava que o senhor tivesse um coração tão bom; até dá pena — exclamou Nastássia Filíppovna, com desdém.

— Pena? Mas por quê? — perguntou o general, com um riso amável, e bebeu um gole de champanhe, não sem uma dose de vaidade.

Entretanto, era a vez de Afanássi Ivánovitch, que também havia se preparado. Todos previam que ele não iria se recusar, como fizera Ivan Petróvitch, no entanto, por certas razões, esperavam seu relato com uma curiosidade especial, ao mesmo tempo que observavam Nastássia

Filíppovna. Com uma pose de dignidade fora do comum, em perfeita harmonia com o garbo de sua aparência, Afanássi Ivánovitch, em voz amável e serena, começou uma de suas “belas histórias”. (A propósito: era um homem distinto, de bela figura, alto, um pouco calvo, de madeixas um pouco grisalhas, corpo bastante farto, bochechas rosadas, fofas e um pouco flácidas, e dentes postiços. Vestia roupas folgadas e elegantes, e maravilhosas camisas brancas. Porém eram as mãos balofas e brancas que atraíam toda a atenção. No dedo indicador da mão direita, usava um precioso anel de brilhante.) Durante todo o tempo do relato de Afanássi Ivánovitch, Nastássia Filíppovna observava com atenção a renda dos babados dos punhos da sua própria manga, enquanto apalpava o rendilhado com dois dedos da mão esquerda, de modo que não olhou nem uma vez para quem estava contando a história.

— O que mais facilita a minha tarefa — começou Afanássi Ivánovitch — é a obrigação imperiosa de não relatar outra coisa senão a pior ação de toda a minha vida. Nesse caso, claro, não pode haver hesitação: a consciência e a memória do coração logo cuidam de sugerir exatamente o que é preciso contar. Eu confesso com amargura que, entre todas as inúmeras ações levianas e, talvez, inconsequentes da minha vida, há uma cuja impressão pesou fundo, de forma até excessiva, na minha consciência. Ocorreu há mais ou menos vinte anos; eu viajei para o campo, em visita a Platon Ordíntsev. Ele tinha acabado de ser eleito presidente do conselho rural⁶⁹ e viajara com a jovem esposa para passar os feriados de inverno em suas terras. O aniversário de Anfissa Alekséievna caía exatamente naquela ocasião, e dois bailes foram marcados. Naquele tempo, estava muito em voga, e inclusive acabara de ganhar fama na alta sociedade, o romance *La Dame aux camélias*,⁷⁰ de Dumas Filho, obra que, a meu ver, está destinada a não morrer e não envelhecer. Na província, todas as damas andavam

maravilhadas, à beira do êxtase, pelo menos aquelas que haviam lido o livro até o fim. O encanto do relato, a originalidade da construção da personagem principal, aquele mundo sedutor, analisado com finura e, por fim, todas aquelas minúcias encantadoras espalhadas pelo livro (por exemplo, as circunstâncias do emprego alternado de buquês de camélias brancas e cor-de-rosa), em suma, tantos e tantos detalhes encantadores, e todas essas coisas somadas produziram quase uma comoção geral. As camélias entraram em moda de uma forma incrível. Todo mundo queria camélias, todos andavam atrás de camélias. E eu pergunto aos senhores: é possível obter muitas camélias na província, quando todo mundo quer camélias para os bailes, mesmo que os bailes sejam poucos? Na época, o Piétia Vorkhóvskoi, pobrezinho, quase desfalecia de amor por Anfissa Alekséievna. Juro, eu não sei se houve algo entre eles, ou melhor, quero dizer, ignoro se poderia haver alguma esperança séria da parte do Piétia. O coitado estava enlouquecendo, na ânsia de conseguir uma camélia para dar a Anfissa Alekséievna, à noite, no baile. A condessa Sótskaia, de Petersburgo, hóspede da esposa do governador, e Sófia Bespálova, como todos sabiam, viriam certamente com buquês de camélias brancas. Anfissa Alekséievna queria camélias vermelhas, para produzir um efeito especial. O pobre Platon por pouco não foi expulso de casa; todo mundo sabe como são os maridos; ele garantiu que ia arranjar um buquê e... o que aconteceu? Na véspera, Katierina Aleksándrovna Mitíscheva, a mais terrível rival de Anfissa Alekséievna, em todos os aspectos, usurpou o buquê para si; aquelas duas viviam às turras. Claro, Anfissa Alekséievna ficou histérica, teve um desmaio. O Platon sumiu. Claro, se Piétia, naquele momento oportuno, conseguisse um buquê em qualquer lugar que fosse, sua causa poderia receber um forte impulso; em tais casos, a gratidão das mulheres é infinita. Ele pôs mãos à obra, como um desvairado; contudo, era uma tarefa

impossível, nem se discute. De repente, já às onze horas da noite, na véspera do dia do aniversário e do baile, eu deparo com o Piétia na casa de Mária Petrovna Zubkóvaia, vizinha de Ordíntsev. Ele está radiante. “O que há com você?” “Eu encontrei! Eureca!” “Puxa, meu caro, você me surpreendeu! Onde? Como?” “Em Ekcháisk (existe lá uma cidadezinha com esse nome, a apenas vinte verstas, mas fora do nosso distrito), em Ekcháisk tem um comerciante chamado Trepálov, rico e barbudo, mora com uma esposa velha e, em lugar de filhos, eles têm canarinhos. Os dois são apaixonados por flores e na sua casa plantam camélias.” “Muito bem, mas daí a ele dar as camélias para você vai uma grande distância, não é?” “Eu vou me pôr de joelhos, vou me arrastar a seus pés, até que ele me dê as camélias, sem isso eu não o deixarei em paz!” “E quando você vai fazer isso?” “Amanhã, assim que amanhecer, às cinco horas.” “Bem, que Deus o ajude!” E, sabem, eu fiquei feliz por ele; voltei à casa de Ordíntsev; enfim, já passava de uma hora da madrugada e eu estava assim, sabem como é, com a cabeça vendo coisas. Queria muito deitar e dormir, mas, de repente, me veio uma ideia extremamente original! Fui correndo à cozinha, acordei o cocheiro Saviéli, lhe dei quinze rublos: “Prepare os cavalos em meia hora!”. Meia hora depois, claro, a carruagem estava no portão; me disseram que Anfissa Alekséievna estava com enxaqueca, febre e delírios; subi na carruagem e parti. Antes de cinco horas, eu já estava em Ekcháisk, numa hospedaria; esperei o raiar do dia, e apenas o raiar do dia; depois das seis horas, fui à casa de Trepálov. Conversa vai, conversa vem, e então pergunto se ele tem camélias. “Meu padrinho, meu protetor, me ajude, me salve, eu me arrojarei aos seus pés!” Era um velho alto, grisalho, rigoroso, eu vejo logo, um velho terrível. “Nã-nã-não! De jeito nenhum! Eu não concordo!” Aí, eu me atiro aos seus pés! Fico ali, prostrado aos pés dele! “O que deu no senhor, meu caro, o que foi, meu pai?” O homem até se assustou. “O que

está em jogo aqui é uma vida humana!”, eu grito para ele. “Certo, se é assim, então pegue, e vá com Deus.” Eu colhi, na hora, umas camélias vermelhas! Uma maravilha, um encanto, ele possui uma bela estufazinha de flores. O velho deu um suspiro. Eu tirei cem rublos do bolso. “Não, eu não vou permitir que o senhor me insulte dessa maneira.” “Nesse caso”, respondi, respeitoso, “dê estes cem rublos para o hospital rural, para melhorar as instalações e a alimentação.” “Bem, meu caro, aí já é diferente, é um gesto nobre, virtuoso e agradável a Deus; darei sim, e vou rezar pela saúde do senhor.” Sabem, eu gostei daquele velho russo, por assim dizer, um russo de raiz, *de la vraie souche*.⁷¹ Entusiasmado com meu sucesso, tomei logo o caminho de volta; mas regressei por um desvio, a fim de não cruzar com o Piétia na estrada. Assim que cheguei, enviei logo o buquê para Anfissa Alekséievna, que, naquela hora, estava apenas despertando. Os senhores podem imaginar a alegria, a gratidão, as lágrimas de gratidão! O Platon, o mesmo Platon que na véspera estava aniquilado e morto, agora soluça no meu peito. Que lástima! Todos os maridos são assim, desde a criação... do casamento legal! Não me atrevo a acrescentar mais nada, senão que, com esse episódio, os planos do Piétia ruíram para sempre. Primeiro, eu pensei que ele ia me apunhalar quando descobrisse, e até me preparei para aquele encontro, só que aconteceu uma coisa que até eu acho difícil de acreditar: um desmaio, o delírio ao anoitecer e, de manhã, a febre; ele chora como uma criança, em convulsões. Um mês depois, tão logo recuperou a saúde, pediu transferência para o Cáucaso: igual a um romance! Ele acabou sendo morto na Crimeia. Na ocasião, seu irmão Stiepan Vorkhóvskoi comandava um regimento e se destacou bastante. Confesso que, mesmo depois de muitos anos, os remorsos da consciência ainda me atormentavam: para quê, por que eu fui ferir o Piétia de tal forma? Se pelo menos eu estivesse apaixonado! Mas, afinal, foi pura brincadeira, um

simples flerte e mais nada. Se eu não tivesse tomado dele o tal buquê de camélias, quem sabe o homem estaria vivendo feliz até hoje, alcançaria êxitos e jamais passaria pela sua cabeça ir enfrentar os turcos.

Afanássi Ivánovitch calou-se com a mesma dignidade compenetrada com que começara seu relato. Os presentes perceberam que os olhos de Nastássia Filíppovna faiscavam de modo peculiar e que seus lábios chegaram a tremer quando Afanássi Ivánovitch terminou. Todos observavam os dois com muita curiosidade.

— Tapearam o Ferdíschenko! Tapearam mesmo! Não, isso já é tapeação demais! — gritou Ferdíschenko em voz chorosa, compreendendo que podia, e devia, introduzir um pequeno comentário.

— Quem mandou o senhor não entender o espírito da coisa? Agora, trate de aprender com pessoas inteligentes! — retrucou Dária Alekséievna quase em triunfo (era uma antiga e fiel parceira e cúmplice de Tótski).

— O senhor tem razão, Afanássi Ivánovitch, o *petit jeu* é muito maçante e é preciso que termine o quanto antes — declarou Nastássia Filíppovna, com descaso. — Eu vou contar o que prometi e depois iremos todos jogar cartas.

— Mas, antes de tudo, a anedota prometida! — confirmou o general, com entusiasmo.

— Príncipe — Nastássia Filíppovna voltou-se para ele, de modo brusco e inesperado. — Estes meus velhos amigos aqui, o general e Afanássi Ivánovitch, vivem querendo que eu me case. Diga-me, o que o senhor acha? Eu devo me casar ou não? O que o senhor disser, eu farei.

Afanássi Ivánovitch empalideceu, o general ficou estupefato; todos cravaram os olhos no príncipe e esticaram o pescoço. Gânia gelou, na posição em que estava.

— Com... com quem? — perguntou o príncipe, em voz quase apagada.

— Com o Gavrila Ardaliónovitch Ívolguin — prosseguiu Nastássia Filíppovna, da mesma forma brusca, firme e precisa de antes.

Passaram-se alguns segundos de silêncio; o príncipe pareceu fazer um esforço, mas não conseguia falar, como se um peso medonho oprimisse seu peito.

— N-não... não case! — murmurou, afinal, e, com esforço, retomou o fôlego.

— Pois assim será! Gavrila Ardaliónovitch! — Ela se voltou para Gânia, em tom imperioso, como que em triunfo. — O senhor ouviu a decisão do príncipe? Pois bem, esta é a minha resposta; e que este assunto fique encerrado aqui, de uma vez por todas!

— Nastássia Filíppovna! — exclamou Afanássi Ivánovitch com voz trêmula.

— Nastássia Filíppovna! — apelou o general, com voz persuasiva, mas preocupada.

Todos se remexeram e começaram a se alarmar.

— O que há com os senhores? — prosseguiu ela, olhando para os convidados como se estivesse surpresa. — Por que ficaram tão chocados? E que cara estão fazendo, todos os senhores!

— Mas... lembre-se, Nastássia Filíppovna — balbuciou Tótski, titubeante. — A senhora prometeu... de forma totalmente espontânea... e também poderia, em parte, poupar... Eu acho difícil e... claro, fico embaraçado, mas... Em suma, logo agora, num momento desses, e na frente... das pessoas, e terminar tudo assim... terminar com um *petit jeu* esse assunto sério, um assunto de honra e de coração... do qual depende...

— Eu não estou compreendendo o senhor, Afanássi Ivánovitch; na verdade, o senhor perdeu completamente a noção das coisas. Em primeiro lugar, o que significa “na frente das pessoas”? Por acaso não estamos em

excelente companhia íntima? E por que um “*petit jeu*”? De fato, eu queria contar a minha anedota; pois bem, aí está ela, eu já contei; quem dirá que não é boa? E por que o senhor disse que “não é sério”? Por acaso isso não é sério? Os senhores ouviram o que eu disse para o príncipe: “O que o senhor disser, eu farei”. Se ele tivesse respondido que *sim*, eu teria dado minha aprovação na hora, só que ele respondeu que *não*, e então eu recusei. A minha vida inteira ficou suspensa por um fio de cabelo; o que pode haver de mais sério?

— Mas o príncipe, por que logo o príncipe? E o príncipe, afinal, quem é ele? — balbuciou o general, quase sem forças para conter sua indignação com aquela autoridade tão grande, e até ofensiva, conferida ao príncipe.

— Pois, para mim, o príncipe foi o primeiro homem, em toda a minha vida, em quem eu acreditei, como uma pessoa sinceramente dedicada. Desde o primeiro olhar, ele acreditou em mim, e eu acredito nele.

— Só me resta agradecer a Nastássia Filíppovna pela extraordinária gentileza com que ela... se portou comigo — declarou, por fim, o pobre Gânia, com voz trêmula e lábios crispados. — Está claro que não poderia mesmo ser de outro modo... Mas... o príncipe... O príncipe, neste assunto...

— Está só pensando em ganhar os setenta e cinco mil rublos, não é isso? — cortou Nastássia Filíppovna, de repente. — É o que o senhor queria dizer? Não negue, era exatamente isso que o senhor queria dizer! Afanássi Ivánovitch, eu também me esqueci de acrescentar: fique o senhor mesmo com esses setenta e cinco mil, e saiba que eu lhe dou a sua liberdade de graça. Basta! O senhor também precisa respirar! Nove anos e três meses! Amanhã, vida nova; mas hoje é o dia do meu aniversário e, pela primeira vez na vida, eu pertenço a mim mesma! General, tome de volta as suas pérolas, também, vá, dê de presente à sua esposa, tome aqui; a partir de

amanhã, eu deixarei este apartamento para sempre. E não haverá mais festas, senhores!

Dito isso, ela se ergueu de repente, como se quisesse ir embora.

— Nastássia Filíppovna! Nastássia Filíppovna! — vozes ressoaram de todos os lados. Todos se alvoroçaram, todos se puseram de pé; todos a rodearam, todos escutaram inquietos aquelas palavras entrecortadas, febris, frenéticas, todos tinham uma sensação geral de desordem, ninguém conseguia encontrar um sentido, ninguém conseguia entender. De repente, naquele instante, irrompeu um som, uma forte batida na campainha da porta, exatamente como ocorrera, mais cedo, no apartamento de Gánietchka.

— A-a-a-a! Aí está o desfecho! Enfim! Onze e meia! — exclamou Nastássia Filíppovna. — Peço que se mantenham sentados, senhores, esse é o desfecho!

Dito isso, sentou-se também. Um riso estranho sacudiu seus lábios. Depois, ela ficou em silêncio, numa expectativa febril, olhando para a porta.

— Rogójin e os cem mil rublos, não há dúvida — murmurou consigo Ptítsin.

XV

A criada Kátia entrou, muito assustada.

— Deus sabe o que está acontecendo, Nastássia Filíppovna! Umas dez pessoas, e todas embriagadas, querem entrar. Dizem que o Rogójin está aqui e que a senhora o conhece.

— É verdade, Kátia, deixe-os entrar de uma vez, todos eles.

— Não pode ser... Todos eles, senhora, Nastássia Filíppovna? Puxa, são medonhos. São um horror!

— Todos, todos, deixe entrar, Kátia, não tenha medo, todos, até o último, sem exceção, senão vão entrar do mesmo jeito, sem você mandar. Escute só que vozerio, igual a hoje cedo. Talvez os senhores se sintam ofendidos — dirigiu-se aos convidados — pelo fato de eu receber tal tipo de gente, não é? Lamento muito e peço desculpas, mas assim tem de ser e eu queria muito, muito mesmo, que todos os senhores aceitassem ser as minhas testemunhas deste desfecho, se bem que, aliás, podem agir como preferirem...

Os convidados continuaram perplexos, sussurravam entre si e se entreolhavam, porém estava absolutamente claro que tudo aquilo fora planejado e organizado com antecedência e que agora — mesmo que ela estivesse enlouquecida, é claro —, Nastássia Filíppovna já não arredaria pé. Uma curiosidade terrível atiçava todos eles. Além do mais, ninguém ali

podia se assustar muito. Só havia duas mulheres: Dária Alekséievna, a dama bem-disposta que já vira de tudo na vida e que não se deixava impressionar por tão pouco, e a mulher desconhecida, bela, porém calada. Todavia, a bela desconhecida dificilmente conseguiria entender alguma coisa: era uma alemã recém-chegada, que não sabia falar russo; além do mais, pelo visto, era tão tola quanto bela. Representava uma novidade e já era um costume convidá-la para festas importantes, com vestidos suntuosos, penteados como os de uma exposição, e deixá-la sentada, como se fosse uma bela pintura, a fim de enfeitar a festa — tal como algumas pessoas pegam emprestados, de amigos, um vaso, um quadro, uma estátua ou uma tela, só por um dia, para enfeitar suas festas. No que diz respeito aos homens, Ptítsin, por exemplo, era amigo de Rogójin, e Ferdíschenko estava ali como um peixe dentro d'água. Gánietchka ainda não conseguira pôr a cabeça no lugar, mas, embora de forma confusa, sentia a necessidade ardente e irresistível de permanecer até o fim em seu pelourinho; o professor velhote, sem ter muita noção do que acontecia, estava a ponto de chorar e tremia de medo, por perceber ao redor de si uma espécie de alarme fora do comum, e também em Nastássia Filíppovna, a qual ele adorava como uma netinha; no entanto, ele preferia morrer a abandoná-la numa ocasião como aquela. No que dizia respeito a Afanássi Ivánovitch, ele não podia, é claro, comprometer-se em incidentes daquele tipo; só que estava interessado demais no assunto, a despeito de aquela história ter dado uma guinada tão enlouquecida; além do mais, Nastássia Filíppovna deixara escapar, sobre ele, duas ou três palavrinhas de tal ordem que, para Afanássi Ivánovitch, já era completamente impossível ir embora sem esclarecer a questão em definitivo. Ele tomou a firme decisão de ficar até o fim, calar-se por completo e limitar-se à condição de observador, o que, está claro, sua dignidade exigia. Só o general Epantchin, que acabara de sofrer uma ofensa

com a rejeição tão zombeteira e tão sem cerimônia de seu presente, podia agora, é claro, sentir-se ainda mais ofendido que todos com aquelas excentricidades extraordinárias ou, por exemplo, com a chegada de Rogójin; e, mesmo sem levar aquilo em conta, uma pessoa de sua categoria já havia mostrado condescendência até demais ao admitir sentar-se ao lado de Ptítsin e Ferdíschenko; mas aquilo que a força da paixão era capaz de conquistar também podia, afinal, ser derrotado pelo sentimento de obrigação, pelo sentido do dever, da posição social, da importância e do respeito geral por si mesmo, pois a presença de Rogójin e seu bando era algo inconcebível diante de sua excelência.

— Ah, general — interrompeu de pronto Nastássia Filíppovna, assim que ele se voltou para ela, a fim de anunciar aquilo. — Eu tinha esquecido! Mas acredite que eu já previa sua objeção. Se o senhor se sente tão ofendido assim, não vou insistir e não vou reter o senhor, embora eu quisesse muito ver justamente o senhor a meu lado, agora. Em todo caso, sou muito agradecida por ter conhecido o senhor e por sua atenção lisonjeira, mas se o senhor receia...

— Por favor, Nastássia Filíppovna! — gritou o general, num ataque de generosidade cavalheiresca. — Por quem a senhora me toma? Sim, eu ficarei agora a seu lado apenas por lealdade e se, por exemplo, houver algum perigo... Além do mais, eu confesso que sinto uma curiosidade imensa. Eu queria me referir apenas ao fato de que eles podem estragar os tapetes e, quem sabe, quebrar alguma coisa... E, a meu ver, a senhora não deveria recebê-los, de maneira nenhuma, Nastássia Filíppovna!

— É o Rogójin, em pessoa! — anunciou Ferdíschenko.

— O que o senhor acha, Afanássi Ivánovitch? — O general ainda teve tempo de sussurrar a seu ouvido. — Será que ela ficou louca? Isto é, literalmente, no sentido médico, real, hein?

— Eu disse para o senhor que ela sempre teve essa inclinação — respondeu Afanássi Ivánovitch, num sussurro maldoso.

— E ainda mais febril...

O bando de Rogójin apresentava quase exatamente a mesma composição que naquela manhã; com os únicos acréscimos de um velhote libertino, ex-redator de um jornaleco vagabundo de denúncias, sobre o qual corria a anedota de que tinha penhorado sua dentadura de ouro e, depois, gastado tudo em bebida, e de um alferes da reserva, rival e concorrente aguerrido, por ofício e por posto hierárquico, do cavalheiro de punhos fortes daquela manhã, e totalmente desconhecido de todos os membros do bando de Rogójin, simplesmente uma pessoa colhida na rua, ao acaso, no lado ensolarado da avenida Niévski, onde ele detinha os passantes e, ao estilo de Marlínski,⁷² pedia um auxílio sob o pretexto astucioso de que ele mesmo “dava quinze rublos aos pedintes, no meu tempo”. Os dois concorrentes logo passaram a se tratar como inimigos. O senhor de punhos fortes da manhã, depois do ingresso do “pedinte” no bando, considerou-se até ofendido e, já sendo calado por natureza, agora se limitava a rosnar de vez em quando, como um urso, e encarava com profundo desprezo a bajulação e o servilismo do “pedinte”, que, por sua vez, se revelou uma pessoa desembaraçada e política. Por sua aparência, o alferes prometia tratar “do assunto” com mais astúcia e destreza do que com força, e era de estatura mais baixa do que o senhor de punhos fortes. Com delicadeza, sem entrar numa discussão aberta, mas se vangloriando de maneira tremenda, ele já havia insinuado várias vezes as vantagens do boxe inglês. Em resumo, revelou-se um puríssimo ocidentalista.⁷³ O senhor de punhos fortes, ao ouvir a palavra “boxe”, limitou-se a sorrir com ar de desdém e de orgulho ferido e, por seu turno, sem honrar o oponente com uma discussão direta, mostrava, às vezes, em silêncio, como que por acaso, ou, melhor dizendo,

deixava bem à vista, de vez em quando, um elemento perfeitamente nacional — um punho imenso, fibroso, cheio de nós, coberto por uma vasta penugem ruiva, e para todos ficou claro que, se aquele elemento profundamente nacional fosse disparado, de modo certo, contra um objeto qualquer, não restaria nada mais do que uma pocinha.

Agora, tal como acontecera mais cedo, nem um deles se encontrava “estimulado” no mais alto grau, em razão do esforço pessoal do próprio Rogójin, que tivera em mente, o dia inteiro, aquela visita à casa de Nastássia Filíppovna. Ele próprio conseguira recuperar a sobriedade quase por completo, mas, em compensação, chegou à beira da insanidade, sob o efeito de todas as impressões que tivera de suportar naquele dia horrendo, tão diferente de tudo que já vivera. Só mantivera em mente uma coisa, e só uma, o tempo todo, na memória e no coração, desde as cinco horas da tarde até as onze da noite, em infinita angústia e inquietação, atazanando os Kinder e os Biskup, que também quase enlouqueceram, numa agitação desvairada, para atender as necessidades dele. E, no entanto, apesar dos pesares, eles conseguiram juntar os cem mil rublos em dinheiro vivo que Nastássia Filíppovna mencionara de passagem, com ar jocoso e de modo totalmente obscuro, os cem mil de que o próprio Biskup, por vergonha, só falava com Kinder aos sussurros, e jamais em voz alta.

Como ocorrera mais cedo, Rogójin avançou à frente de todos, os demais se moviam às suas costas e, embora tivessem plena consciência de suas prerrogativas, ainda assim demonstravam certo temor. Mais que todos, e só Deus sabe a razão, eles temiam Nastássia Filíppovna. Alguns até achavam que todos eles seriam logo lançados “escada abaixo”. Entre outros, assim pensava o elegante conquistador de corações Zaliójev. Mas outros, principalmente o senhor de punhos fortes, ainda que não em voz alta, só no fundo do coração, tratavam Nastássia Filíppovna com o mais profundo

desprezo, e até com ódio e, assim, foram à sua casa como se marchassem para o cerco de uma cidadela. Entretanto, a decoração magnífica dos dois primeiros cômodos, os objetos que eles jamais tinham visto e de que jamais tinham ouvido falar, a mobília rara, os quadros, a enorme estátua de Vênus — tudo aquilo produziu neles uma irresistível impressão de respeito, quase um temor. O que não impediu, é claro, que todos eles, pouco a pouco, e com curiosidade atrevida, a despeito do medo, abrissem caminho rumo à sala, seguindo os passos de Rogójin; mas quando o senhor de punhos fortes, o “pedinte” e alguns outros perceberam, entre os convidados, o general Epantchin, num primeiro momento, perderam o ímpeto a tal ponto que chegaram a recuar, pouco a pouco, para o outro cômodo. Só Liébediev figurava entre os mais destemidos e convictos e avançava quase ao lado de Rogójin, com plena consciência do que significavam, de fato, um milhão e quatrocentos mil rublos em dinheiro vivo e os cem mil que, agora, ele já trazia nas mãos. De resto, é preciso ressaltar que todos eles, sem excluir o perspicaz Liébediev, se viam um pouco abalados em sua noção dos limites e das fronteiras de sua força e se indagavam, de fato, se agora tudo lhes era permitido ou não. Em certos momentos, Liébediev estava disposto a jurar que sim, mas, em outros, sentia uma inquieta necessidade de, por via das dúvidas, recordar-se de alguns artiguinhos do código de leis, particularmente alentadores e tranquilizantes.

No caso de Rogójin, porém, a sala de Nastássia Filíppovna produziu a impressão oposta àquela deixada em todos os seus parceiros. Assim que se ergueu o cortinado da porta e Rogójin viu Nastássia Filíppovna, todo o restante deixou de existir para ele, como acontecera naquela manhã, e até com ainda mais força do que naquela manhã. Rogójin empalideceu e se deteve, por um instante; dava para perceber que seu coração batia com uma força tremenda.

Temeroso, desnortado, ele olhou por alguns segundos para Nastássia Filíppovna, sem desviar os olhos. De súbito, como se tivesse perdido toda a razão, quase oscilante, ele avançou na direção da mesa; no caminho, esbarrou na cadeira de Ptítsin e, com as botas enlameadas, pisou na barra rendada do suntuoso vestido azul da bela alemã silenciosa; não se desculpou, nem sequer percebeu. Chegando à mesa, colocou sobre ela um objeto estranho, com o qual havia entrado na sala, segurando-o com as duas mãos, à sua frente. Era um volumoso embrulho de papel, com uns três *verchok* de altura e uns quatro *verchok* de comprimento, estreitamente envolto, com toda a firmeza, em folhas do jornal *Notícias da Bolsa*, e preso, de todos os lados, firmemente e em duas voltas repuxadas em cruz, por um barbante do tipo que se usa para embrulhar pães doces. Em seguida, Rogójin ficou parado, sem dizer nenhuma palavra, e baixou os braços, como se esperasse sua sentença. Sua roupa era exatamente a mesma da manhã, exceto pelo cachecol de seda — vermelho e verde-claro, novo em folha, que trazia no pescoço, preso por um enorme alfinete de brilhantes, em forma de escaravelho — e por um volumoso anel de brilhantes, num dedo sujo da mão direita. Liébediev parou a dois ou três passos da mesa; os demais, como se obedecessem a alguma ordem, foram se reunindo aos poucos na sala. Kátia e Pacha, as criadas de Nastássia Filíppovna, também vieram para espiar, por trás do cortinado erguido, com profundo espanto e temor.

— O que é isso? — perguntou Nastássia Filíppovna, depois de lançar um olhar intenso e curioso para Rogójin, enquanto apontava com os olhos para o “objeto”.

— Os cem mil! — respondeu ele, quase num sussurro.

— Ah, ele cumpriu a palavra, essa é boa! Sente-se, por favor, aqui, olhe, nesta cadeira; depois eu vou lhe contar uma coisa. Quem veio com o

senhor? Todo aquele bando da manhã? Bem, que entrem e sentem; pode ser ali naquele sofá, e aqui tem outro sofá. Olhe, ali tem duas poltronas... O que há com eles, não querem?

De fato, alguns se mostravam francamente encabulados, retiraram-se para outro cômodo e sentaram-se para esperar, porém alguns permaneceram e atenderam ao convite para sentar-se espalhados pela sala, só que longe da mesa, perto dos cantos, alguns sempre com a intenção de se manter em segundo plano, enquanto outros, com uma rapidez um tanto forçada, mostravam-se animados. Rogójin sentou-se, também, no lugar que lhe foi indicado, mas não ficou ali muito tempo; ergueu-se logo e, depois, não se sentou mais. Pouco a pouco, tratou de observar e distinguir os convidados. Ao ver Gânia, sorriu venenoso e sussurrou consigo: “Você vai ver só!”. Olhou para o general e para Afanássi Ivánovitch sem constrangimento e até sem nenhuma curiosidade especial. No entanto, quando reparou no príncipe ao lado de Nastássia Filíppovna, por muito tempo não conseguiu desviar dele seu olhar, com um espanto extraordinário e como que sem forças para entender aquele encontro. Era possível desconfiar que, por minutos, ele tivesse caído num verdadeiro estado de delírio. Além de todas as comoções daquele dia, Rogójin ainda passara a noite toda num vagão de trem e já fazia quase dois dias que não dormia.

— Isto, senhores, são cem mil rublos — disse Nastássia Filíppovna, dirigindo-se a todos, numa espécie de desafio febril e impaciente. — Aqui, neste embrulho imundo. Mais cedo, ele berrou como um louco que, à noite, iria me trazer cem mil rublos e, o tempo todo, eu fiquei esperando. Ele estava negociando o meu preço: começou com dezoito mil; depois, de repente, pulou para quarenta; então, aqui estão os cem mil. Ele cumpriu sua palavra! Puxa, como ele está pálido!... Tudo isso aconteceu na casa do Gánietchka, hoje, mais cedo: eu fui visitar a mãe dele, a casa da minha

futura família, e lá sua irmã berrou na minha cara: “Será que ninguém vai expulsar daqui essa desavergonhada?”. E a irmã do Gánietchka cuspiu na cara dele. Que personalidade forte tem aquela moça!

— Nastássia Filíppovna! — exclamou o general, em tom de repreensão. Ele estava começando a compreender um pouco a situação, pelo menos à sua maneira.

— O que é, general? Será que isso é indecente? Chega dessa ostentação! Durante cinco anos, eu me sentava num camarote no balcão nobre do Teatro Francês com o ar da virtude mais pura e, como um bicho, como a própria inocência orgulhosa, eu fugia dos homens que me acossavam, e agora, depois de tudo isso, vejam só a insanidade a que cheguei! Vejam, bem aqui, diante dos senhores, ele entrou e jogou cem mil sobre a mesa, depois desses cinco anos de inocência, e sem dúvida, lá fora, suas troicas já estão prontas, à minha espera. Ele me avaliou em cem mil! Gánietchka, estou vendo que você ainda está zangado comigo, não é? Será que você queria mesmo me levar para a sua família? Eu sou do tipo do Rogójin! Não foi isso que o príncipe falou, hoje cedo?

— Eu não disse que a senhora é do tipo do Rogójin, a senhora não é uma mulher do tipo do Rogójin! — exclamou o príncipe, com voz trêmula.

— Nastássia Filíppovna, chega, minha cara, chega, minha querida. — De repente, Dária Alekséievna não suportou mais. — Se eles fazem tanto mal a você, então para que olhar para eles? Será possível que você quer ir embora com essa gente, mesmo que seja por cem mil? É verdade, cem mil não é uma quantia de se jogar fora, afinal! Mas, então, pegue os cem mil para você e ponha esse sujeito para fora daqui! É assim que se deve agir com essa gente. Ah, no seu lugar, eu faria todos eles... francamente!

Dária Alekséievna chegou a se enfurecer. Era uma mulher bondosa e muito impressionável.

— Não se zangue, Dária Alekséievna — riu Nastássia Filíppovna. — Eu não estava zangada, quando falei com ele. Por acaso eu o repreendi, de alguma forma? Pois eu também não consigo entender, de fato, como é que essa insanidade entrou na minha cabeça, a ideia de querer fazer parte de uma família honesta. Eu estive com a mãe dele, eu beijei sua mão. E, se zombei de você hoje cedo, Gánietchka, foi porque eu queria, eu mesma, de propósito, verificar pela última vez até que ponto você é capaz de chegar. Pois bem, você me surpreendeu, falando sério. Eu esperava muita coisa, mas isso eu não esperava! Será que você casaria comigo, sabendo que ele, este aqui, me dá pérolas de presente quase na véspera do seu casamento, e que eu aceito esse presente? E o Rogójin? Afinal, ele, na sua casa, na frente da sua mãe e da sua irmã, quis me comprar, e você, mesmo assim, depois disso, veio à minha casa me pedir em casamento, e por pouco não trouxe a irmã! Será que é mesmo verdade aquilo que o Rogójin disse a seu respeito, que por três rublos você é capaz de rastejar, de gatinhas, até a ilha Vassílievski?

— Ele vai rastejar — bufou Rogójin, de repente, em voz baixa, mas com ar de profunda convicção.

— Se pelo menos você estivesse morrendo de fome... mas dizem que você ganha um bom salário! E ainda por cima, além de tudo isso, de todo esse vexame, você quer levar para sua casa uma esposa detestável! (Porque, afinal de contas, você me detesta, disso eu sei!) Não, agora eu acredito que um homem como esse cortaria o pescoço dos outros por dinheiro! Afinal, agora, uma ganância tão grande tomou conta de todo mundo e estraçalha as pessoas por dentro de tal maneira que elas acabaram perdendo a noção de tudo. As próprias crianças já querem ser usurárias! Ou então a pessoa enrola uma navalha na seda, chega de mansinho pelas costas e corta o pescoço de um amigo como quem degola um carneiro, como eu li faz pouco tempo.⁷⁴

Pois é, você mesmo é um desavergonhado! Eu sou uma desavergonhada e você é ainda pior. E já nem vou falar daquele homem do buquê de camélias...

— Mas é a senhora, esta é mesmo a senhora, Nastássia Filíppovna?! — O general abriu os braços, tomado por autêntica amargura. — A senhora, tão delicada, com pensamentos tão refinados, falando assim! Que língua! Que vocabulário!

— Eu, agora, estou embriagada, general. — E, de repente, Nastássia Filíppovna deu uma gargalhada. — E eu quero é farra! Hoje é o meu dia, o meu aniversário, o meu dia especial, e eu esperava por isso havia muito tempo. Dária Alekséievna, está vendo esse homem dos buquês, está vendo esse *monsieur aux camélias*,⁷⁵ que está ali sentado e ri de nós...

— Eu não estou rindo, Nastássia Filíppovna, estou só escutando, com enorme atenção — retrucou Tótski, com dignidade.

— Pois bem, por que foi que eu o atormentei durante cinco anos a fio, sem deixar que fosse embora? Será que vale a pena? Ele é como tem de ser, só isso, mais nada... Mesmo assim, ele acha que eu tenho alguma culpa em relação a ele: afinal, ele me deu instrução, me sustentou como se fosse uma condessa, sem falar no dinheiro, quanto dinheiro ele gastou, e ainda procurou um marido honesto para mim e, assim, aqui está o Gánietchka; eu não sei o que você pensou, mas não vivi com ele estes cinco anos, eu pegava o dinheiro dele, sim, e eu achava que era meu direito! Eu andava completamente desvairada! Olhe, você está dizendo para eu pegar os cem mil e pôr esse sujeito no olho da rua, pois isto é infame. E tem razão, é infame... Eu poderia ter casado muito tempo atrás, e não com algum Gánietchka da vida, pois isso também seria muito infame. Então para que eu joguei fora esses meus cinco anos de vida só me remoendo de raiva? Acredite ou não, há quatro anos, de vez em quando, eu pensava: será que

não devo casar de uma vez com o meu Afanássi Ivánovitch? Na época, eu pensava isso de raiva: todo tipo de coisa me passava pela cabeça. Afinal, eu poderia obrigá-lo a fazer isso! Ele mesmo me cobrava isso, acredita? É verdade, ele estava mentindo, mas acontece que ele é muito sôfrego, não consegue se conter. Mas depois, graças a Deus, eu pensei: será que ele vale toda essa raiva? E aí, de repente, me veio tanto desprezo por ele que, ainda que ele mesmo tivesse me pedido em casamento, eu não aceitaria! E por cinco anos a fio eu fiz todo esse papel! Não, é melhor ficar na rua, que é onde eu devia estar! Ou então cair na farrá com o Rogójin, ou amanhã mesmo virar uma lavadeira! Porque, afinal, nada do que está à minha volta é meu; eu vou embora daqui, vou deixar tudo para ele, vou abandonar até o último trapinho de roupa, e aí, sem nada, quem vai me querer? Pergunte só ao Gánia: vai me querer? Nem o Ferdíschenko vai me querer!...

— O Ferdíschenko pode não querer, Nastássia Filíppovna, eu sou uma pessoa sincera — retrucou Ferdíschenko. — Em compensação, o príncipe vai querer! A senhora fica aí se lamentando, mas olhe só para o príncipe! Eu já o estou observando faz tempo...

Com curiosidade, Nastássia Filíppovna voltou-se para o príncipe.

— É verdade? — perguntou.

— É verdade — sussurrou o príncipe.

— O senhor me quer, como eu sou, sem nada!

— Quero, Nastássia Filíppovna...

— Aí está mais uma anedota! — murmurou o general. — Já era de esperar.

Com olhar aflito, sério e penetrante, o príncipe fitava o rosto de Nastássia Filíppovna, que continuava a olhar para ele.

— E mais essa, agora! — disse ela, de repente, virando-se, de novo, para Dária Alekséievna. — Mas isso é porque ele tem um bom coração, eu o

conheço. Eu achei um benfeitor! Aliás, quem sabe é mesmo verdade o que dizem dele, que é... *aquilo*. Como você vai viver, se você se apaixonou de tal jeito que aceita até uma mulher do tipo do Rogójin, você... um príncipe?...

— Eu aceito você como uma mulher honesta, Nastássia Filíppovna, e não como uma mulher do tipo de Rogójin — disse o príncipe.

— E eu, então, sou honesta?

— A senhora é.

— Puxa, mas isso... parece um romance! Príncipe, meu querido, isso são delírios antigos, hoje em dia todo mundo tomou juízo, tudo isso é absurdo! E, afinal, como é que você vai casar, quando você mesmo ainda está precisando de uma babá?

O príncipe se levantou e, com voz trêmula, tímida, mas, ao mesmo tempo, com a expressão de uma pessoa profundamente convicta, declarou:

— Eu não sei de nada, Nastássia Filíppovna, não vi nada, a senhora tem razão, mas eu... eu considero que é a senhora que vai me fazer uma honra, e não eu à senhora. Eu não sou nada, mas a senhora sofreu e saiu pura de todo esse inferno, e isso é muito. Do que a senhora tem vergonha e por que quer partir com Rogójin? Isso é por causa da febre... A senhora devolveu os setenta e cinco mil ao sr. Tótski e diz que vai abandonar tudo o que está aqui, mas nenhuma dessas pessoas que estão aqui faria tal coisa. Eu... Nastássia Filíppovna... eu amo a senhora. Eu vou morrer pela senhora, Nastássia Filíppovna... Não vou admitir que ninguém diga nenhuma palavra contra a senhora, Nastássia Filíppovna... Se nós formos pobres, eu vou trabalhar, Nastássia Filíppovna...

Após as últimas palavras, soou uma risada de Ferdíschenko e de Liébediev, e até o general chegou a dar uma espécie de grasnido, para si mesmo, tão grande foi seu descontentamento. Ptítsin e Tótski não

conseguiram deixar de sorrir, mas se contiveram. Os demais se limitaram a escancarar a boca, de espanto.

— Mas talvez nós não sejamos pobres e sim muito ricos, Nastássia Filíppovna — prosseguiu o príncipe, com a mesma voz tímida. — Na verdade, eu não sei com certeza e lamento ainda não ter conseguido, o dia inteiro, descobrir nada, mas, lá na Suíça, eu recebi uma carta de Moscou, de um certo sr. Salázkin, e ele me avisou que parece que vou poder receber uma herança muito grande. Olhe, aqui está a carta...

De fato, o príncipe tirou uma carta do bolso.

— Mas agora ele já está delirando, não é? — murmurou o general. — Isto virou um verdadeiro hospício!

Por um momento, seguiu-se um silêncio.

— Príncipe, o senhor, me parece, disse que a carta foi enviada ao senhor por Salázkin, não é? — perguntou Ptítsin. — Trata-se de uma pessoa muito conhecida em seu meio; um famosíssimo intermediário de negócios e se, de fato, ele comunicou isso ao senhor, pode acreditar plenamente. Por sorte, eu conheço a sua letra, porque, há pouco tempo, tive um negócio... Se o senhor me permitir examinar a carta, talvez eu possa dizer alguma coisa para o senhor.

Em silêncio, com mão trêmula, o príncipe lhe estendeu a carta.

— Mas o que é isso, o que é isso? — sobressaltou-se o general, olhando para todos como um desvairado. — Será que existe mesmo uma herança?

Todos apontaram os olhos para Ptítsin, que estava lendo a carta. A curiosidade geral recebeu um impulso novo e extraordinário. Ferdíschenko não se aguentava parado; Rogójin observava com espanto e, com uma inquietação tremenda, voltava seu olhar ora para o príncipe, ora para Ptítsin. Dária Alekséievna, tomada pela expectativa, parecia picada por espinhos. Até Liébediev não conseguiu se conter, deixou seu canto e, todo curvado

para baixo, pôs-se a espiar a carta por cima do ombro de Ptítsin, com o ar de alguém que receia levar um tapa por sua indiscrição.

— É autêntica — declarou Ptítsin, afinal, enquanto dobrava a carta e devolvia ao príncipe. — O senhor vai receber de herança, sem nenhum obstáculo, por força de um testamento incontestável, assinado por sua tia, um capital extraordinariamente grande.

— Não pode ser! — exclamou o general, como se disparasse um tiro.

De novo, todos ficaram de boca aberta.

Ptítsin, voltado em especial para Ivan Fiódorovitch, explicou que, cinco meses antes, morrera uma tia do príncipe, parente que o príncipe jamais conhecera pessoalmente, irmã mais velha de sua mãe, filha de um comerciante de Moscou da terceira guilda, chamado Papúchin, que morrera falido e na pobreza. Porém o irmão mais velho desse Papúchin era um comerciante rico e famoso, que falecera fazia pouco tempo. Um ano antes disso, haviam morrido também os seus dois únicos filhos, quase no mesmo mês. Aquilo teve tamanho impacto no comerciante que, em pouco tempo, o velho adoeceu e morreu. Era viúvo e sem nenhum herdeiro, senão a tia do príncipe, sobrinha de Papúchin, que vivia em completa pobreza e residia em casa de terceiros. Quando recebeu a herança, aquela tia já estava quase morta de hidropisia, mas logo tratou de procurar o príncipe, encarregou Saláznik da missão e ainda teve tempo de fazer o testamento. Pelo visto, nem o príncipe nem o médico que cuidava dele na Suíça quiseram esperar o

comunicado oficial ou fazer uma procuração, e o príncipe resolveu vir em pessoa, com a carta de Salázkin no bolso...

— Eu só posso lhe dizer uma coisa — concluiu Ptítsin, voltando-se para o príncipe. — Tudo isso deve ser verdadeiro e inquestionável, e tudo o que o Salázkin escreveu para o senhor a respeito do caráter incontestável e legítimo do seu negócio pode ser entendido como se o senhor já estivesse com o dinheiro vivo no bolso. Parabenizo o senhor, príncipe! Talvez também receba um milhão e meio, e quem sabe até mais. Papúchin era um comerciante muito rico.

— Vejam só, o último da linhagem dos príncipes Míchkin! — esbravejou Ferdíschenko.

— Hurra! — saudou Liébediev, com voz rouca.

— E eu que, hoje cedo, emprestei vinte e cinco rublos para o pobre coitado, ha-ha-ha! É tudo uma fantasmagoria, mais nada! — exclamou o general, quase atordoado de espanto. — Puxa, meus parabéns, meus parabéns! — Levantou-se e se aproximou do príncipe para abraçá-lo. Em seguida, outras pessoas também se levantaram e avançaram na direção do príncipe. Até aqueles que tinham se retirado para o cômodo vizinho vieram para a sala. Ergueu-se um vozerio confuso, soaram exclamações, houve até quem exigisse champanhe; tudo era um alvoroço, as pessoas se acotovelavam. Naquele instante, quase se esqueceram de Nastássia Filíppovna, embora fosse a sua casa e a sua festa. No entanto, pouco a pouco, todos se deram conta, e quase ao mesmo tempo, de que o príncipe tinha acabado de pedi-la em casamento. Portanto, toda a situação parecia três vezes mais louca e mais extraordinária ainda do que antes. Tótski, profundamente surpreso, encolheu os ombros; ele era quase o único que continuava sentado, pois o restante da multidão se aglomerava, em desordem, ao redor da mesa. Depois, todos garantiram que foi a partir

daquele instante que Nastássia Filíppovna enlouqueceu. Continuou sentada e, por algum tempo, observava a todos com um olhar um tanto estranho, como se não estivesse entendendo e fizesse força para compreender. Depois, de repente, voltou-se para o príncipe e, contraindo as sobrancelhas com ar terrível, cravou nele os olhos; mas isso durou só um instante; talvez ela tivesse a súbita impressão de que tudo aquilo não passava de uma brincadeira, uma zombaria; mas a fisionomia do príncipe logo a dissuadiu. Ela se pôs a refletir, depois, mais uma vez, sorriu, mas como se não soubesse muito bem por quê...

— Quer dizer que eu sou mesmo uma princesa! — sussurrou consigo, com ar de zombaria. Olhou sem querer para Dária Alekséievna e deu uma risada. — Um desfecho inesperado... eu... não estava esperando por isso... Mas por que os senhores estão de pé? Façam o favor de sentar, deem os parabéns a mim e ao príncipe! Acho que alguém pediu champanhe, não foi? Ferdíschenko, vá até lá, mande trazer a bebida. Kátia, Pacha! — De repente, ela avistou suas criadas na porta. — Venham cá, eu vou me casar, sabiam? Com o príncipe, ele ganhou um milhão e meio, ele é o príncipe Míchkin e quer se casar comigo!

— Sim, e que Deus a ajude, mãezinha, já não era sem tempo! Não deixe escapar, de jeito nenhum! — gritou Dária Alekséievna, profundamente comovida com o ocorrido.

— Mas sente-se aqui ao meu lado, príncipe — continuou Nastássia Filíppovna. — Veja, assim, e olhe, estão trazendo a bebida, brindem a nós, senhores!

— Hurra! — bradou uma multidão de vozes. Muitos se aglomeraram junto à bebida, entre eles quase todos os membros do bando de Rogójin. Porém, embora gritassem e estivessem dispostos a gritar, muitos deles, apesar de toda a estranheza das circunstâncias e do ambiente, sentiam que o

cenário estava se modificando. Outros estavam confusos e aguardavam desconfiados. Muitos sussurravam entre si, diziam que, afinal, tratava-se de uma questão absolutamente banal, que os príncipes se casavam mesmo com todo tipo de gente, chegavam a casar com ciganas que viviam em acampamentos. O próprio Rogójin se mantinha de pé e olhava fixo, com o rosto contraído e um sorriso imóvel e estupefato.

— Príncipe, meu caro, pense bem! — sussurrou o general, horrorizado, aproximando-se de lado e puxando o príncipe pela manga.

Nastássia Filíppovna percebeu e deu uma gargalhada.

— Não, general! Agora, eu mesma sou uma princesa, o senhor ouviu bem: o príncipe não vai permitir que me ofendam! Afanássi Ivánovitch, venha me dar os parabéns; agora, eu vou me sentar lado a lado com a sua esposa em toda parte; o senhor não acha vantajoso ter um marido assim? Um milhão e meio, e ainda mais um príncipe, e ainda por cima um idiota, pelo que dizem, o que poderia haver de melhor? Só agora começa a vida de verdade! Você chegou tarde, Rogójin! Pegue o seu embrulho, eu vou me casar com o príncipe e vou ser mais rica do que você!

Mas Rogójin se deu conta do que se tratava. Um sofrimento indescritível se estampou em seu rosto. Ele abriu os braços e um soluço irrompeu de dentro do peito.

— Desista! — vociferou para o príncipe.

Em volta, gargalharam.

— Desistir a seu favor? — retrucou Dária Alekséievna, em tom superior. — Vejam só, ele despejou seu dinheiro em cima da mesa, esse mujique! O príncipe vai se casar com ela e você aparece aqui para armar escândalo!

— Eu é que vou casar com ela! E vai ser agora, neste minuto! Eu vou dar tudo...

— Vejam só, um bebedor que acabou de sair da taberna, tem é de ser escorraçado daqui! — repetiu Dária Alekséievna, cheia de indignação. As risadas aumentaram mais ainda.

— Está ouvindo, príncipe? — Nastássia Filíppovna voltou-se para ele. — É assim que um mujique quer comprar a sua noiva.

— Ele está bêbado — disse o príncipe. — Ele ama a senhora muito.

— E será que, depois, você não vai sentir vergonha, porque a sua noiva esteve prestes a ir embora com o Rogójin?

— Isso foi porque a senhora estava febril; e agora também está febril, numa espécie de delírio.

— E você não vai se envergonhar, depois, quando lhe disserem que a sua noiva foi a concubina do Tótski?

— Não, eu não vou me envergonhar... A senhora não fez isso por sua livre vontade.

— E nunca vai me recriminar?

— Nunca vou recriminar a senhora.

— Cuidado, não garanta nada por toda a vida!

— Nastássia Filíppovna — disse o príncipe em voz baixa, como se estivesse sofrendo. — Eu disse à senhora, agora há pouco, que eu tomo o seu consentimento como uma honra para mim e que é a senhora que me dá uma honra, e não eu, à senhora. A senhora riu dessas palavras e as pessoas em volta, eu ouvi, também riram. Talvez eu tenha me expressado de forma bastante ridícula e talvez eu mesmo seja ridículo, mas sempre me pareceu que... eu entendo o que é a honra, e estou convencido de que falei a verdade. A senhora queria, agora, causar sua própria desgraça de modo irreversível, porque, depois, nunca mais se perdoaria: só que a senhora não tem culpa de nada. Não é possível que a sua vida já esteja totalmente destruída. Que importa se o Rogójin veio atrás da senhora e se o Gavrila

Ardaliónovitch quis enganá-la? Para que a senhora fala disso o tempo todo? Aquilo que a senhora fez é algo de que poucos são capazes, eu repito, e o fato de que a senhora quis partir com Rogójin é fruto de um ataque de sua doença. E agora mesmo a senhora ainda está com esse ataque e seria melhor ir para a cama. Pois amanhã mesmo a senhora iria embora para trabalhar de lavadeira, não ia ficar com o Rogójin. A senhora é orgulhosa, Nastássia Filíppovna, mas talvez já seja infeliz a tal ponto que se considere, de fato, culpada. A senhora precisa de muitos cuidados, Nastássia Filíppovna. Eu vou cuidar da senhora. Mais cedo, eu vi o seu retrato e me pareceu reconhecer o seu rosto. Na hora, tive a impressão de que a senhora estava me chamando... Eu... eu vou respeitar a senhora a vida toda, Nastássia Filíppovna — concluiu o príncipe, de modo abrupto, como se, de repente, tivesse se dado conta da situação, e ficou vermelho, ciente do tipo de público que ouvia o que ele estava dizendo.

De pudor, Ptítsin chegou a baixar a cabeça e olhar para o chão. Tótski pensou: “É um idiota, mas sabe que a lisonja é o melhor caminho; que personalidade!”. O príncipe percebeu, também, num canto da sala, o olhar chamejante de Gánia, que parecia querer reduzi-lo a cinzas.

— Isso é que é um homem bom! — exclamou Dária Alekséievna, enternecida.

— Um homem educado, mas perdido! — sussurrou o general, à meia-voz.

Tótski pegou o chapéu e fez menção de se levantar, a fim de sumir discretamente. Ele e o general trocaram olhares para saírem juntos.

— Obrigado, príncipe, até hoje, ninguém jamais me falou assim — disse Nastássia Filíppovna. — Sempre quiseram me comprar, mas nenhum homem decente jamais me pediu em casamento. Ouviu, Afanássi Ivánovitch? O que o senhor acha de tudo o que o príncipe falou? Afinal, é

quase uma indecência... Rogójin! Espere um pouco, não vá embora. Você não iria mesmo, eu estou vendo. Pode ser que eu ainda vá com você. Para onde você queria mesmo me levar?

— Para Ekatieringof⁷⁶ — respondeu Liébediev, do canto onde estava, enquanto Rogójin se limitou a estremecer, de olhos arregalados, como se não acreditasse no que estava vendo. Completamente estupefato, parecia ter levado uma violenta pancada na cabeça.

— O que deu em você, o que foi que deu em você, minha cara? É um verdadeiro ataque de loucura; será que perdeu mesmo a razão? — gritou Dária Alekséievna, assustada.

— Mas você estava mesmo levando isso a sério? — Às gargalhadas, Nastássia Filíppovna se ergueu do sofá com um pulo. — Arruinar a vida de um bebezinho como esse aqui? Isso é coisa para o Afanássi Ivánovitch dos velhos tempos: ele é que gosta de bebezinhos! Vamos, Rogójin! Prepare o seu embrulho! Não me interessa se você quer casar, mas o dinheiro, sim, pode me passar para cá! Pode ser que eu ainda não me case com você. O que está pensando? Acha que, já que vai casar, você vai ficar com esse embrulho? Conversa! Eu mesma sou uma desavergonhada! Eu fui a concubina do Tótski... Príncipe! Agora, você precisa é da Aglaia Epantchina, e não da Nastássia Filíppovna, senão... o Ferdíschenko, aqui, vai ficar acusando você o resto da vida! Você não tem medo, mas eu é que vou ter medo de destruir a sua vida, e medo de que, depois, você me recrimine por causa disso! E quanto às suas declarações de que eu é que daria uma honra para você, bem, o Tótski é que entende muito bem desse assunto. E quanto à Aglaia Epantchina, Gánietchka, você a deixou escapar: não sabia disso? Se não tivesse feito tanta barganha com ela, é certo que se casaria com você! É assim que são todos vocês: relacionar-se com mulheres desonradas ou com mulheres honradas, a escolha é só essa! Do contrário,

vocês acabam sempre desnorteados... Vejam só, o general está me olhando de boca aberta...

— Isto é uma Sodoma, uma Sodoma! — repetiu o general, erguendo os ombros. Ele também se levantou do sofá; mais uma vez, todos se puseram de pé. Nastássia Filíppovna parecia tomada por um frenesi.

— Será possível? — gemeu o príncipe, retorcendo as mãos.

— E você achava que não? Talvez eu seja mesmo orgulhosa, apesar de desavergonhada! Mais cedo, você me chamou de perfeição; bela perfeição essa, que por puro desaforo pisoteia um milhão de rublos e o título de princesa, e depois vai embora para um cortiço miserável! Pronto, depois disso, que esposa eu poderia ser para você? Veja, Afanássi Ivánitch,⁷⁷ de fato, eu joguei pela janela esse milhão de rublos! Então, como é que vocês puderam imaginar que eu ia casar com o Gánietchka em troca de setenta e cinco mil rublos e que, ainda por cima, eu ia considerar isso uma felicidade? Os setenta e cinco mil, você pode ficar para si, Afanássi Ivánitch (você não chegou nem aos cem mil, o Rogójin deixou você para trás!). Quanto ao Gánietchka, eu mesma vou lhe dar um consolo, eu tive uma ideia. Agora, eu quero farra, eu sou mesmo uma mulher da rua! Passei dez anos numa prisão, agora é a hora da minha felicidade! O que há com você, Rogójin? Ande, vamos!

— Vamos! — urrou Rogójin, à beira de um frenesi de felicidade. — Ei, vocês... em volta... bebida! Uh!...

— Tragam bebida, eu vou beber. E música, vai ter?

— Vai, vai! Não cheguem perto! — desatou a berrar Rogójin, num êxtase, ao ver que Dária Alekséievna estava se aproximando de Nastássia Filíppovna. — É minha! Tudo é meu! É a rainha! É o fim!

Ele estava sufocando de alegria; caminhava em torno de Nastássia Filíppovna e gritava para todo mundo: “Não chegue perto!”. O bando

inteiro já estava aglomerado na sala. Uns bebiam, outros gritavam e gargalhavam, todos se encontravam no estado de espírito mais agitado e desinibido. Ferdíschenko, agora, tentava aderir ao bando. O general e Tótski, mais uma vez, fizeram menção de sumir dali o quanto antes. Gânia também já estava com o chapéu na mão, porém se mantinha calado, de pé, o tempo todo, incapaz de se desprender da cena que se desenrolava à sua frente.

— Não chegue perto! — gritava Rogójin.

— Mas para que você fica aí urrando? — gargalhava Nastássia Filíppovna, para ele. — Eu ainda sou a dona da minha casa; se eu quiser, ainda ponho você para fora daqui, aos safanões. Eu ainda não peguei o seu dinheiro, ele está ali, olhe; me dê isso aí, o embrulho todo! Este embrulho, aqui, são os cem mil rublos? Nossa, que nojo! O que há com você, Dária Alekséievna? Então acha que eu devia estragar a vida dele? — E apontou para o príncipe. — Como é que ele quer casar, se está precisando de uma babá? Deixe que o general seja a babá dele... olhe só como já está bajulando o príncipe! Veja só, príncipe: a sua noiva pegou o dinheiro porque ela é uma depravada, e você ainda queria casar com ela! Mas por que está aí chorando? Acha que isso é uma tristeza? Vamos, ria, ria por mim — prosseguiu Nastássia Filíppovna e, em suas próprias faces, cintilaram duas lágrimas grossas. — Confie no tempo, tudo isso vai passar! É melhor mudar de ideia agora do que depois... Mas por que estão todos chorando? Olhe, até a Kátia está chorando! O que foi, Kátia, minha querida? Eu vou deixar muita coisa para você e para Pacha, já está tudo acertado. E agora, adeus! Eu obriguei você, uma jovem honesta, a servir a mim, uma depravada... Assim é melhor, príncipe, é realmente melhor; mais tarde, você iria me desprezar e não haveria felicidade para nós! Não adianta jurar, eu não acredito! E, além do mais, seria uma grande tolice!... Não. É melhor

nos despedirmos como amigos, pois eu também sou uma sonhadora, não haveria vantagem nenhuma! Acha que eu mesma não sonhei com você? Nisso você tem razão, eu sonhei há muito tempo, ainda no campo, na propriedade dele, onde passei cinco anos na maior solidão; a gente pensa, pensa, e fica sonhando e sonhando, e o tempo todo eu sonhava com um homem como você, generoso, honesto, bom e também bobinho, que viesse de repente e me dissesse: “A senhora não tem culpa de nada, Nastássia Filíppovna, eu adoro a senhora!”. Pois é, acontece, a gente sonha tanto que fica louca... Mas, então, este sujeito aqui aparecia: ficava lá dois meses por ano, mais ou menos, e me desonrava, me ofendia, me excitava, me depravava, e ia embora... Mil vezes, eu quis me afogar no poço, mas era covarde, não tinha coragem, e agora... Rogójin, está pronto?

— Pronto! Não chegue perto!

— Pronto! — soaram várias vozes.

— As troicas estão esperando, com as sinetas!

Nastássia Filíppovna agarrou o embrulho de papel nas mãos.

— Ganka, eu tive uma ideia: eu quero recompensar você, por que você teria de perder tudo? Rogójin, ele vai rastejar mesmo até a ilha Vassílievski por três rublos?

— Vai!

— Bem, então escute aqui, Gánia, eu quero olhar para a sua alma ainda uma última vez; você mesmo me atormentou por três meses a fio; agora, é a minha vez. Está vendo este embrulho? Dentro dele, tem cem mil rublos! Pois agora eu vou jogar este embrulho no fogo da lareira, aqui, na frente de todo mundo, todos são testemunhas! Assim que o fogo envolver o embrulho todo, se enfie na lareira, mas tem de ser sem luvas, com as mãos nuas, e de mangas arregaçadas, e então puxe o embrulho para fora do fogo! Se tirar, é tudo seu, todos os cem mil rublos são seus! Vai queimar só a pontinha dos

dedos... mas, afinal, são cem mil, pense bem! Para tirar, é rápido! E eu vou admirar a fundo a sua alma quando você se enfiar nas chamas para pegar o meu dinheiro. Todos são testemunhas de que o embrulho será seu! E se você não enfiar a mão lá dentro e apanhar, o embrulho vai queimar até o fim; eu não vou deixar ninguém mais pegar. Para trás! Todos para trás! É o meu dinheiro! Eu ganhei esse dinheiro por uma noite com o Rogójin. Não é meu o dinheiro, Rogójin?

— É seu, alegria! É seu, rainha!

— Pois bem, então todos para trás, o que eu quero, eu vou fazer! Não atrapalhem! Ferdíschenko, atice o fogo!

— Nastássia Filíppovna, meus braços não querem se mover! — respondeu Ferdíschenko, assombrado.

— A-ah! — gritou Nastássia Filíppovna. Ela agarrou as tenazes da lareira, afastou duas achas em brasa e, assim que uma chama se ergueu, lançou o embrulho ao fogo.

Explodiu um grito ao redor; muitos chegaram a se benzer.

— Ficou louca, ficou louca! — gritaram, em volta.

— Mas... mas... será que não devemos amarrá-la? — sussurrou o general para Ptítsin. — Ou então mandá-la... Afinal, ela ficou louca, não ficou? Não enlouqueceu?

— N-não, isso talvez não seja loucura nenhuma — sussurrou Ptítsin, pálido como um lenço, incapaz de desgrudar os olhos do embrulho, envolto em labaredas.

— Está louca? Afinal, ficou louca? — O general insistia com Tótski.

— Eu bem que disse para o senhor que ela é uma mulher *pitoresca* — murmurou Afanássi Ivánovitch, também um tanto pálido.

— Mas, se bem que, afinal de contas, são cem mil!...

— Meu Deus, meu Deus! — ressoava ao redor. Todos se aglomeraram em volta da lareira, todos se abaixaram para espiar, todos soltavam exclamações... Alguns até subiram nas cadeiras para observar por cima das cabeças. Dária Alekséievna correu para o outro cômodo e, aterrorizada, sussurrava algo para Kátia e Pacha. A beldade alemã fugiu.

— Mãezinha! Rainha! Soberana! — vociferava Liébediev, rastejando de joelhos na frente de Nastássia Filíppovna, enquanto estendia os braços na direção da lareira. — Cem mil! Cem mil! Eu mesmo vi, empacotaram na minha frente! Mãezinha! Misericordiosa! Mande que eu meta a mão no fogo: eu vou me enfiar inteiro, a minha cabeça, todos os meus cabelos grisalhos!... Tenho uma esposa doente e sem perna, treze filhos pequenos, todos órfãos, enterrei meu pai na semana passada, ela está lá passando fome, Nastássia Filíppovna! — Depois de dar um grito, tentou rastejar para dentro das chamas.

— Para trás! — gritou Nastássia Filíppovna, e lhe deu um empurrão. — Abram espaço, todos vocês! Gánia, por que fica aí parado? Não tenha vergonha! Meta a mão! É a sua felicidade!

Mas Gánia já havia suportado coisas demais naquele dia e naquela noite e não estava preparado para essa última experiência inesperada. Na sua frente, a multidão se abriu ao meio e ele se viu cara a cara com Nastássia Filíppovna, a três passos de distância. Ela estava de pé junto à lareira e esperava, sem desviar dele seu olhar fixo. Gánia, de fraque, luvas e chapéu na mão, se mantinha calado, de pé na sua frente, impassível, de braços cruzados, olhando para o fogo. Um sorriso insano vagava em seu rosto, pálido como um lenço. Na verdade, ele não conseguia desviar os olhos do fogo, do embrulho envolto pelas chamas; entretanto, parecia que algo novo se infiltrara em sua alma; como se tivesse jurado suportar a tortura, ele não

se mexia; após alguns instantes, ficou claro, para todos, que ele não ia pegar o embrulho, não queria pegar.

— Ei, está queimando, depois você vai ficar envergonhado — gritou Nastássia Filíppovna para ele. — Olhe lá, depois você vai querer se enforcar, e eu não estou brincando!

O fogo, que no início havia saltado entre dois tições em brasa, primeiro se abafou, quando o embrulho tombou sobre a chama e a encobriu. Mas uma pequena chama azulada ainda se inflamou por trás de um carvãozinho em brasa, que estava por baixo. Enfim, uma fina e comprida linguinha de fogo lambeu o embrulho, o fogo aderiu ao embrulho e correu pelo papel, de baixo para cima, pelos cantos e, de repente, todo o embrulho explodiu dentro da lareira, e uma labareda luminosa disparou para o alto. Todos soltaram uma exclamação de espanto.

— Mãezinha! — Liébediev vociferou mais uma vez, avançando com ímpeto, mas Rogójin o agarrou e o empurrou de novo para trás.

O próprio Rogójin se transformara, todo ele, num único olhar imóvel. Não conseguia desprender-se de Nastássia Filíppovna, estava inebriado, estava no sétimo céu.

— Isto é que é uma rainha! — repetia a todo momento, para qualquer um que estivesse à sua volta. — É assim que se faz! — berrava, fora de si. — Pois bem, quem de vocês, seus vagabundos, seria capaz de uma brincadeira como essa, hein?

O príncipe observava em silêncio, com ar triste.

— Eu vou lá apanhar com os meus dentes, só mil! — propôs Ferdíschenko.

— Com os dentes, eu também sou capaz! — rangeu o senhor de punhos fortes, por trás de todo mundo, num verdadeiro ataque de desespero. — Que

o diabo me carregue! Está queimando, está queimando tudo! — gritava, olhando para as chamas.

— Está queimando, está queimando! — Todos gritaram numa só voz, quase todos também tentaram abrir caminho para a lareira.

— Gânia, não se faça de rogado, estou falando pela última vez!

— Meta a mão! — rugiu Ferdíschenko, atirando-se na direção de Gânia, num verdadeiro ataque de furor, e puxando-o pela manga. — Apanhe logo, deixe de ser fanfarrão! Está queimando! A-a-ah, seu desgraçado!

Com toda a força, Gânia empurrou Ferdíschenko para trás, deu as costas e caminhou na direção da porta; porém, antes mesmo de dar dois passos, cambaleou e desabou no chão.

— Um desmaio! — gritaram, em volta.

— Mãezinha, está queimando! — urrou Liébediev.

— Está queimando à toa! — esbravejaram de todos os lados.

— Kátia, Pacha, deem água para ele, uma bebida! — gritou Nastássia Filíppovna. Ela apanhou as tenazes da lareira e retirou o embrulho do fogo.

Quase todo o papel exterior tinha queimado e virado cinzas, mas logo ficou claro que o interior continuava intacto. O embrulho estava envolto por três folhas de jornal e o dinheiro se conservou íntegro. Todos respiraram aliviados.

— Talvez só um milzinho de nada tenha se perdido, o resto está intacto — exclamou Liébediev, enternecido.

— É tudo dele! O embrulho todo é dele! Ouviram, senhores? — proclamou Nastássia Filíppovna, e colocou o embrulho ao lado de Gânia. — Apesar de tudo, ele não pegou, ele se conteve! Quer dizer que o amor-próprio ainda é maior do que a ganância por dinheiro. Não é nada, ele vai ficar bem! Senão, podia até cortar meu pescoço, quem sabe... Olhe, já está voltando a si. General, Ivan Petróvitch, Dária Alekséievna, Kátia, Pacha,

Rogójin, vocês ouviram? O embrulho é dele, do Gánia. Eu vou dar para ele, com plenos direitos de propriedade, como recompensa... Muito bem, seja como for! Digam a ele. Deixem que o embrulho fique aqui, do lado dele... Rogójin, vamos! Adeus, príncipe. Pela primeira vez na vida, eu vi um homem! Adeus, Afanássi Ivánovitch, *merci!*⁷⁸

O bando inteiro de Rogójin atravessou os cômodos em atropelo, com estrondo e alarido, aos gritos, rumo à saída, no rastro de Rogójin e Nastássia Filíppovna. No salão, as criadas devolveram os casacos de pele; a cozinheira Marfa acudiu, às pressas, da cozinha. Nastássia Filíppovna cobriu de beijos todas elas.

— Será possível, mãezinha, que a senhora vai nos deixar? E para onde a senhora vai? E ainda mais no dia do seu aniversário, logo nesse dia! — perguntavam as mocinhas, que choravam e beijavam suas mãos.

— Eu vou para a rua, Kátia, você ouviu, lá é que é o meu lugar, ou então vou ser lavadeira! Chega de Afanássi Ivánovitch! Mandem meus cumprimentos a ele e não pensem mal de mim...

O príncipe, às pressas, precipitou-se para a saída, onde todos já tomavam seus lugares nas quatro troicas com sinetas. O general conseguiu alcançar o príncipe ainda na escada.

— Por favor, príncipe, pense bem! — dizia, enquanto segurava o príncipe pelo braço. — Deixe que ela vá embora! Você está vendo como ela é! Eu lhe digo, como um pai...

O príncipe olhou por um momento para ele, sem falar nada, soltou-se e correu para baixo.

Na saída, de onde as troicas tinham acabado de partir, o general viu que o príncipe pegou o primeiro coche de praça que passou e gritou para o cocheiro ir para Ekatieringof, atrás das troicas. Em seguida, o cavaleiro trotador cinzento do general apareceu e o carregou para casa, com novas

esperanças e novos planos, e também com as pérolas daquela manhã, que o general, apesar de tudo, não se esqueceu de levar consigo. Entre os planos, surgiu de relance, por duas ou três vezes, a imagem sedutora de Nastássia Filíppovna; o general suspirou:

— É uma pena! Realmente, é uma pena! Uma mulher acabada! Uma mulher louca!... Muito bem, mas agora não é da Nastássia Filíppovna que o príncipe precisa...

Nesse mesmo espírito, algumas moralizantes palavras de despedida foram pronunciadas por outros dois interlocutores, que figuravam entre os convidados de Nastássia Filíppovna e que acharam melhor caminhar um pouco.

— Sabe, Afanássi Ivánovitch, dizem que esse tipo de coisa ocorre entre os japoneses — disse Ivan Petróvitch Ptítsin. — Lá, parece que a pessoa que sofreu uma ofensa se dirige ao ofensor e diz: “Você me ofendeu. Por isso eu vim cortar minha barriga diante dos seus olhos”. E, com tais palavras, de fato, o sujeito abre a própria barriga à faca na frente do seu ofensor e sente, com certeza, uma satisfação imensa, como se tivesse de fato se vingado. Neste mundo, existem personalidades estranhas, Afanássi Ivánovitch!

— Então o senhor acha que, no caso, ocorreu algo desse tipo? — retrucou Afanássi Ivánovitch, com um sorriso. — Hum! O senhor, na verdade, é espirituoso... e traçou uma comparação excelente. Entretanto, caríssimo Ivan Petróvitch, o senhor mesmo viu que eu fiz tudo o que pude, não posso ir além do que é possível, não concorda? Porém admita, também, que nessa mulher, no entanto, estão presentes virtudes capitais... qualidades brilhantes. Agora há pouco, se eu fosse capaz de me permitir tal coisa naquela Sodoma, eu quis até gritar que ela mesma representa a minha melhor defesa contra todas as acusações que ela fez. Pois bem, quem

alguma vez não tombou fascinado por aquela mulher a ponto de perder a razão e... tudo o mais? Veja o caso daquele mujique, o Rogójin, que pôs cem mil rublos aos pés dela! Mas vamos admitir que tudo o que se passou lá, agora, é efêmero, romântico, indecente; em compensação, é pitoresco, é original, temos de admitir. Meu Deus, o que poderia ter se originado de uma personalidade assim, e com tamanha beleza! Entretanto, apesar de todos os esforços, e apesar até de toda a instrução, tudo se perdeu! Um diamante bruto... quantas vezes eu usei essa expressão...

E Afanássi Ivánovitch suspirou fundo.

segunda parte

Dois dias depois da estranha aventura da festa na casa de Nastássia Filíppovna, com a qual concluímos a primeira parte de nosso relato, o príncipe Míchkin tratou logo de partir para Moscou a fim de resolver a questão de sua herança inesperada. Na ocasião, as pessoas comentavam que podia haver, também, outros motivos para a pressa de sua partida; mas sobre isso, bem como sobre as aventuras do príncipe em Moscou e, em geral, sobre o prolongamento de sua ausência de Petersburgo, podemos dar bem poucas informações. O príncipe se ausentou durante exatamente seis meses, e mesmo quem tinha algum motivo para se interessar por seu destino conseguiu descobrir muito pouco a seu respeito no decorrer de todo aquele tempo. Na verdade, certos rumores chegaram aos ouvidos de alguns, embora muito raros, mas também, em grande parte, estranhos e quase sempre contraditórios. Os mais interessados no assunto eram os membros da família Epantchin, dos quais o príncipe, ao partir, nem tivera tempo de se despedir. Todavia o general encontrou-se com ele na ocasião, e até por duas ou três vezes; os dois conversaram a sério, não se sabe sobre o quê. Porém, se o próprio Epantchin esteve com o príncipe, nada comentou com a família. E, no geral, durante as primeiras semanas, ou seja, quase por um mês inteiro após a partida do príncipe, era inconveniente falar do príncipe na casa dos Epantchin. Só a generala Lizavieta Prokófievna, bem no início,

chegou a dizer que “havia se enganado cruelmente acerca do príncipe”. Depois de uns dois ou três dias, mas já sem mencionar o príncipe, acrescentou, em termos genéricos, que “a principal característica da minha vida é sempre me enganar a respeito das pessoas”. Por fim, já passados dez dias, ela concluiu, de forma sentenciosa, e irritada com as filhas por alguma razão: “Chega de enganos! Isso não vai mais acontecer”. Nesse ponto, é impossível deixar de assinalar que uma espécie de mal-estar geral perdurou por muito tempo na casa dos Epantchin. Havia algo pesado, tenso, taciturno, um espírito de discórdia; todos viviam de cara feia. O general andava ocupado, dia e noite, cuidando de negócios; poucas vezes o viram tão atarefado e ativo — sobretudo na repartição onde trabalhava. A família mal conseguia vê-lo. Quanto às filhas, é claro que elas nada exprimiam em voz alta. Talvez apenas conversassem entre si, quem sabe, e ainda assim muito pouco. Eram mocinhas orgulhosas, altivas e até, às vezes, reservadas entre si, embora conseguissem entender-se não só às primeiras palavras como até ao primeiro olhar, a tal ponto que, às vezes, não havia motivo para falar muito.

Um observador externo, se aparecesse algum, só poderia concluir uma coisa: que, a julgar por tudo que foi dito acima, e a despeito dos dados, o príncipe conseguira, apesar de tudo, deixar uma forte impressão na casa dos Epantchin, embora tenha estado lá só uma vez, e muito rapidamente. Talvez tal impressão fosse fruto da mera curiosidade, explicável por certas aventuras excêntricas do príncipe. De todo modo, a impressão ficou.

Pouco a pouco, os rumores que se difundiram pela cidade terminaram encobertos pela sombra da falta de informações. Falavam, é verdade, de certo príncipezinho e de algum bobinho (ninguém era capaz de dar o nome verdadeiro), que, do dia para a noite, recebeu uma imensa herança e casou com uma francesa, de passagem pelo país, famosa dançarina de cançã no

Château des Fleurs, em Paris. Mas outros diziam que quem recebeu a herança foi certo general e quem se casou com uma francesa, famosa dançarina de cançã, foi um comerciante russo, incrivelmente rico, que no dia do casamento, por puro desaforo, já embriagado, queimou na chama de uma vela bilhetes da última loteria no valor de setecentos mil rublos. Mas todos aqueles rumores logo desapareceram e, para isso, determinadas circunstâncias contribuíram bastante. Por exemplo, todo o bando de Rogójin, do qual muitos membros poderiam contar alguma coisa, partiu para Moscou num grande cortejo, com o próprio Rogójin à frente, quase exatamente uma semana após a tremenda orgia promovida na estação de trem de Ekatieringof, à qual Nastássia Filíppovna também esteve presente. Entre as pouquíssimas pessoas interessadas no assunto, alguém soube que Nastássia Filíppovna havia fugido e desaparecido logo no dia seguinte à orgia de Ekatieringof e alguém, segundo certos boatos, acabou descobrindo que ela partira para Moscou; portanto, passaram a enxergar certa coincidência entre os boatos e a partida de Rogójin para Moscou.

Também correram rumores especificamente a respeito de Gavrila Ardaliónovitch Ívolguin, bastante conhecido naquele meio. Com ele, porém, houve uma circunstância que logo abafou e, depois, extinguiu por completo todas as referências ruins a seu respeito: ele adoeceu gravemente e não pôde mais comparecer a nenhum evento ou encontro social e nem mesmo ao trabalho. Depois de um mês enfermo, Gánia se recuperou, mas, por algum motivo, desistiu por completo do emprego na sociedade por ações e seu lugar foi ocupado por outro. Tampouco apareceu, nem uma vez, na casa da generala Epantchina, por isso outro funcionário passou a atender o general, em seu lugar. Os inimigos de Gavrila Ardaliónitch poderiam supor que ele estava tão confuso com tudo o que ocorrera que, agora, sentia vergonha até de sair à rua; mas, na verdade, ele sofria mesmo de alguma

doença. Chegava a ter acessos de hipocondria, melancolia, exasperação. Naquele inverno, Varvara Ardaliónovna casou-se com Ptítsin; todos os conhecidos logo atribuíram o casamento ao fato de Gânia não querer voltar ao trabalho e não só ter deixado de sustentar a família como ter passado a necessitar de alguém que o ajudasse e que até prestasse a ele quase todos os cuidados.

Notemos entre parênteses que, na casa dos Epantchin, também o nome de Gavriila Ardaliónovitch nunca era mencionado — como se jamais tivesse existido tal pessoa, nem na casa deles nem no mundo. Entretanto, lá, todos ficaram sabendo (e até com muita presteza) de uma circunstância bastante surpreendente acerca de Gânia: naquela mesma noite fatídica para ele, após o incidente desagradável na casa de Nastássia Filíppovna, ao voltar para casa, numa impaciência febril, em vez de ir dormir, Gânia esperou o retorno do príncipe. Ele tinha se dirigido a Ekatieringof e só voltou de lá depois das cinco horas da manhã. Naquele momento, Gânia entrou no quarto do príncipe e colocou na sua frente, sobre a mesa, o embrulho de dinheiro chamuscado que Nastássia Filíppovna lhe dera quando se encontrava desmaiado no chão. Com insistência, pediu ao príncipe que, na primeira oportunidade, devolvesse o presente para Nastássia Filíppovna. Quando Gânia entrou, o príncipe se achava num estado de ânimo hostil, quase desesperado; porém, entre ele e o príncipe, parece que foram ditas certas palavras que levaram Gânia a permanecer mais duas horas no quarto do príncipe, chorando amargamente, o tempo todo. Os dois se despediram em termos amigáveis.

Essa notícia, que chegou a todos os Epantchin, era absolutamente exata, como se confirmou mais tarde. Sem dúvida, era estranho que tal tipo de notícia pudesse ser revelada e difundida tão depressa. Por exemplo, tudo o que ocorrera na casa de Nastássia Filíppovna chegou ao conhecimento dos

membros da família Epantchin quase no dia seguinte, e até com pormenores bastante precisos. Quanto às notícias sobre Gavriila Ardaliónovitch, era possível supor que elas chegavam aos Epantchin por meio de Varvara Ardaliónovna, que, de forma um tanto repentina, passara a se relacionar com as jovens Epantchin e, num intervalo muito curto, estabelecera com elas uma forte amizade, o que surpreendeu extremamente Lizavieta Prokófievna. Todavia, embora Varvara Ardaliónovna, por alguma razão, julgasse necessário aproximar-se bastante das jovens Epantchina, por certo não tomaria a iniciativa de falar com elas sobre o próprio irmão. Ela também era muito orgulhosa, só que à sua maneira, apesar de estabelecer amizade na casa da qual seu irmão quase fora expulso. Antes, já conhecia as jovens Epantchina, mas raramente as encontrava. Aliás, mesmo agora, ela quase nunca se apresentava na sala principal, mas sim entrava, ou melhor, esgueirava-se às pressas, pela porta dos fundos. Lizavieta Prokófievna não sentia simpatia por ela, nem antes nem agora, embora respeitasse muito Nina Aleksándrovna, a mãe de Varvara Ardaliónovna. Ela se surpreendia, zangava-se, atribuía a amizade com Vária aos caprichos e à sede de poder das filhas, que “não sabem mais o que inventar para ficarem contra mim”, e mesmo assim Varvara Ardaliónovna não parava de visitá-las, antes e depois de seu casamento.

Porém passou-se um mês da partida do príncipe e a generala recebeu uma carta da velha princesa Bielokónskaia, que mais ou menos duas semanas antes tinha ido a Moscou para visitar a filha mais velha, já casada, e a carta produziu na generala um efeito flagrante. Embora nada tivesse comunicado nem às filhas nem a Ivan Fiódorovitch, muitos sinais tornaram evidente para a família que a generala andava muito preocupada e até nervosa. Ela passou a conversar com as filhas de modo um tanto estranho e sempre sobre assuntos bem fora do comum; era evidente que desejava dizer alguma coisa,

porém se continha. No dia em que recebeu a carta, ela se mostrou muito carinhosa com todos, chegou a beijar Aglaia e Adelaida, expressando certo arrependimento diante delas, só que as filhas não conseguiam atinar de que exatamente a mãe estaria arrependida. Até com relação a Ivan Fiódorovitch, a quem ela mantivera em desgraça por um mês inteiro, de repente, a generala passou a se mostrar condescendente. Claro que logo no dia seguinte ela se irritou de maneira tremenda com o próprio sentimentalismo da véspera e, antes mesmo do almoço, conseguiu discutir com todo mundo, mas à noite, de novo, o horizonte clareou. No geral, ela passou a semana inteira num estado de ânimo bastante amigável, o que fazia tempo não acontecia.

Porém, após mais uma semana, a generala recebeu outra carta de Bielokónskaia e, dessa vez, resolveu contar tudo. Em tom solene, comunicou que a “velha Bielokónskaia” (jamais conseguia chamar a princesa de outra forma, quando ela não estava presente) lhe transmitira informações bastante reconfortantes sobre aquele... “excêntrico, bem, vocês sabem, o tal príncipe!”. A velha procurou por ele em Moscou, perguntou a seu respeito e descobriu algo muito bom; o príncipe, enfim, foi em pessoa à sua casa e deixou nela uma impressão quase extraordinária. “Percebe-se muito bem isso, pelo fato de ela convidar o príncipe para ir todos os dias pela manhã à sua casa, onde ele fica por uma ou duas horas e, mesmo se arrastando até lá todos os dias, até agora o príncipe não está farto”, concluiu a generala, depois de acrescentar que, por intermédio da “velha”, o príncipe passou a ser recebido em duas ou três casas respeitáveis. “É bom que ele não fique metido no seu canto, o tempo todo encabulado, como um tolo.” As moças, a quem tudo aquilo foi comunicado, logo se deram conta de que a mãe estava escondendo muitas coisas contidas na carta. Talvez já soubessem daquilo por meio de Varvara Ardaliónovna, que

podia saber e, claro, sabia de tudo o que Ptítsin sabia sobre o príncipe e sua estada em Moscou. E Ptítsin, na verdade, podia até saber mais do que todos. Entretanto, era um homem muito reservado em questões de negócios, ainda que, para Vária, ele contasse certas coisas. Por isso mesmo, a generala logo passou a ter ainda menos simpatia por Varvara Ardaliónovna.

Mas, de todo modo, o gelo tinha se rompido e, de uma hora para outra, tornou-se possível falar abertamente sobre o príncipe. Além disso, manifestou-se com clareza, mais uma vez, aquela impressão extraordinária e o mesmo interesse desmedido que o príncipe despertara e deixara na casa dos Epantchin. A generala chegou a se admirar com a impressão causada nas filhas pelas notícias de Moscou. E as filhas também se admiraram com a mãe, que havia declarado de forma tão solene que “a principal característica da minha vida é me enganar constantemente a respeito das pessoas” e, ao mesmo tempo, recomendara o príncipe aos cuidados da “poderosíssima” velha Bielokónskaia, em Moscou, e para isso, é claro, teve de implorar sua atenção em nome de Cristo e de Deus, porque, em certos casos, a “velha” era muito sem iniciativa.

Porém, assim que o gelo se rompeu e novos ares sopraram, o general também tratou logo de se manifestar. Constatou-se que ele também estava extraordinariamente interessado. Todavia, tratou apenas do “aspecto financeiro da questão”. Revelou-se que, tendo em vista o interesse do príncipe, o general incumbira dois senhores muito dignos de confiança e, a seu modo, influentes em Moscou, da tarefa de vigiá-lo, bem como Salázkin, seu mentor nos negócios. Tudo o que se dizia sobre a herança, “o fato da herança, por assim dizer”, revelou-se verdadeiro, só que a herança propriamente dita, no final das contas, não se mostrou tão vultosa como propagaram no início. Metade da fortuna se encontrava embaraçada: surgiram dívidas, surgiram alguns concorrentes e o príncipe, além do mais,

a despeito de toda orientação que recebia, se portava da maneira menos favorável para os negócios. “Mas, claro, que Deus o ajude”: agora que o “gelo do silêncio” se rompera, o general estava feliz de poder comunicar aquilo “com toda a sinceridade” da alma, porque, “embora o rapaz seja um pouco aéreo”, por mais aéreo que fosse, tinha lá seus méritos. Entretanto, mesmo assim, ele fez suas tolices: por exemplo, apareceram comerciantes cobrando dívidas do falecido, com base em documentos discutíveis, irrelevantes, e também outros, que farejaram que tipo de pessoa era o príncipe e logo apareceram sem nenhum documento... E então? O príncipe atendeu quase todos, apesar da advertência dos amigos, que disseram que todos aqueles sujeitinhos e credorezinhos não tinham o menor direito a nada; o príncipe só atendia aquela gente porque, de fato, constatou-se que alguns deles estavam sofrendo, de verdade.

A isso, a generala retrucou que Bielokónskaia também lhe escrevera algo semelhante e que “isso é tolice, muita tolice; e um tolo não tem cura”, acrescentou ela em tom brusco, mas pelo rosto se percebia que ela estava contente com as ações daquele “toló”. Para concluir, o general observou que sua esposa demonstrava pelo príncipe o tipo de interesse que a mãe tem pelo filho e notou que, agora, ela se derretia toda em carinhos com a filha Aglaia; ao perceber aquilo, Ivan Petróvitch adotou, por algum tempo, a atitude exata de um homem de negócios.

Porém, todo aquele estado de ânimo simpático, mais uma vez, durou pouco. Passaram duas semanas inteiras e, de súbito, algo mudou novamente, a generala voltou ao seu mau humor e o general, depois de dar de ombros algumas vezes, submeteu-se, de novo, ao “gelo do silêncio”. A questão era que, duas semanas antes, por baixo dos panos, o general recebera uma notícia sucinta, e por isso não muito clara, mas em compensação segura, segundo a qual Nastássia Filíppovna, que primeiro

havia sumido em Moscou, em seguida fora localizada por Rogójin, em Moscou, depois desaparecera de novo e, mais uma vez, fora localizada, prometera finalmente a Rogójin que iria se casar com ele. E então, passadas apenas duas semanas, de repente, sua excelência recebeu a notícia de que Nastássia Filíppovna fugira pela terceira vez, quase debaixo da coroa,⁷⁹ e daquela vez se embrenhou em algum lugar fora da cidade, ao mesmo tempo que o príncipe Míchkin também desapareceu de Moscou, deixando todos os seus negócios nas mãos de Salázkin: “Ou o príncipe está com ela ou simplesmente foi correndo atrás dela, não se sabe, mas alguma coisa existe aí”, concluiu o general. Lizavieta Prokófievna, por seu lado, também recebera algumas notícias desagradáveis. Ao término de dois meses após a partida do príncipe, quase todos os rumores em Petersburgo a seu respeito se extinguíram em definitivo e na casa dos Epantchin o “gelo do silêncio” não se rompeu mais. Varvara Ardaliónovna, entretanto, ainda visitava as jovens.

Para pôr fim a todos aqueles rumores e notícias, acrescentemos também que, na casa dos Epantchin, no início da primavera, ocorreram muitas reviravoltas, de modo que seria até difícil alguém lembrar-se do príncipe, o qual, por sua vez, não dava notícias e talvez nem quisesse mesmo que tivessem notícias suas. No decorrer do inverno, pouco a pouco, os Epantchin tinham resolvido, afinal, que partiriam para o exterior no verão, ou seja, que Lizavieta Prokófievna viajaria com as filhas. O general, é claro, não podia perder tempo com “diversões vãs”. A decisão foi tomada graças à insistência extraordinária e tenaz das filhas, absolutamente convencidas de que não queriam levá-las ao exterior, porque os pais viviam o tempo todo preocupados em casá-las e arranjar noivos para elas. Talvez os pais tenham se convencido, afinal, de que também era possível arranjar noivos no exterior e de que uma simples viagem no verão não podia causar nenhum

estrago e, quem sabe, até “podia ser proveitosa”. Neste ponto, cabe mencionar que o antigo projeto do casamento de Afanássi Ivánovitch Tótski com a filha mais velha dos Epantchin foi cancelado de todo e nem chegou a haver nenhuma proposta formal! Isso se deu quase por si mesmo, sem maiores conversas e sem qualquer conflito familiar. Após a partida do príncipe, de repente, reinou o silêncio de ambas as partes. Pois foi essa circunstância que constituiu, em parte, uma das causas da atmosfera pesada que vigorava, então, na família Epantchin, embora a generala dissesse que agora estava contente, a ponto de “me benzer fazendo o sinal da cruz com as duas mãos”. Entretanto, o general se encontrava em desgraça, em casa, sentia-se culpado, e andou muito tempo cabisbaixo; lamentava por Afanássi Ivánovitch: “Tamanha fortuna e um homem tão habilidoso!”. Pouco tempo depois, o general soube que Afanássi Ivánovitch se deixou fascinar por uma francesa da alta sociedade, marquesa e legitimista,⁸⁰ de passagem pelo país; soube também que o casamento ia se realizar e que Afanássi Ivánovitch partiria para Paris e, depois, para algum lugar na Bretanha. “Bem, com uma francesa, ele está completamente perdido”, concluiu o general.

Enquanto isso, as mulheres da família Epantchin estavam se preparando para a viagem do verão. De súbito, ocorreu um incidente que, mais uma vez, modificou tudo, e de uma forma nova, e a viagem foi adiada outra vez, para a suprema alegria do general e da generala. Um príncipe de Petersburgo veio visitar Moscou, o príncipe Sch., homem famoso, aliás, e famoso por uma razão muito, muito boa. Era uma dessas pessoas, ou até podemos dizer um desses ativistas de hoje em dia, honestos, humildes, que almejam com sinceridade e consciência aquilo que é útil, trabalham o tempo todo e se distinguem pela qualidade rara e feliz de sempre encontrar alguma coisa para fazer. Sem chamar a atenção para si, evitando a eloquência vã e a luta encarniçada dos partidos, sem se considerar um dos

primeiros, o príncipe compreendia, contudo, de modo muito fundamentado, boa parte do que vinha acontecendo ultimamente. Primeiro, foi funcionário público, depois tomou parte nas atividades de um conselho rural. Além disso, era um proveitoso correspondente de algumas sociedades científicas russas. Em parceria com um técnico, seu conhecido, reuniu informações e pesquisas que contribuíram para aprimorar o trajeto de uma das mais importantes ferrovias em planejamento. Tinha trinta e cinco anos. Era uma pessoa da “mais alta sociedade” e, além disso, era dono de uma fortuna “boa, séria, incontestável”, como disse o general, que, por causa de uma questão de negócios muito séria, teve ocasião de se reunir com o príncipe na casa do conde, seu superior. Movido por certa curiosidade especial, o príncipe não se esquivava de conhecer “homens de negócio” russos. E aconteceu de o príncipe travar conhecimento com a família do general. Adelaida Ivánovna, a filha do meio, produziu nele uma forte impressão. Na entrada da primavera, o príncipe apresentou o pedido de casamento. Adelaida ficou muito contente, Lizavieta Prokófievna também. O general se mostrou muito feliz. A viagem, é claro, foi adiada. Marcaram o casamento para a primavera.

Na verdade, a viagem poderia ocorrer no meio ou no fim do verão, embora em forma de um mero passeio, de um mês ou dois de duração, de Lizavieta Prokófievna com as duas filhas restantes, a fim de aliviar a tristeza da partida de Adelaida. Contudo, de novo, sobreveio uma novidade: já no fim da primavera (o casamento de Adelaida demorou um pouco mais e foi adiado para o meio do verão), o príncipe Sch. levou à casa dos Epantchin um de seus parentes distantes, mas muito ligado a ele, aliás. Tratava-se de certo Evguiêni Pávlovitch R., homem ainda jovem, de uns vinte e oito anos, ajudante de campo do imperador; era o retrato da beleza personificada, “de linhagem nobre”, espirituoso, brilhante, “novo”, “de

instrução excepcional” e de uma riqueza além da conta e sem precedentes. Quanto a este último aspecto, o general sempre se mostrava cauteloso. Procurou informações: “De fato, existe alguma coisa desse tipo, mas ainda é preciso verificar melhor”. Aquele jovem ajudante de campo do imperador, “rapaz de futuro”, recebeu um forte impulso graças às referências favoráveis que a velha Bielokónskaia mandara de Moscou. Apenas uma de suas glórias se revelou um pouco incômoda: várias relações e, como diziam, “vitórias” sobre certos corações infelizes. Quando conheceu Aglaia, inesperadamente, ele passou a ficar muito tempo na casa dos Epantchin. Na verdade, nada tinha sido dito, ainda, nem sequer a menor alusão fora feita. Mesmo assim, os pais acharam que não era mais o caso de pensar em viagens para o exterior naquele verão. No entanto, a própria Aglaia talvez fosse de outra opinião.

Isso se passava quando a segunda entrada em cena do herói de nossa história estava prestes a acontecer. Àquela altura, à primeira vista, já correria tempo de sobra para que o pobre príncipe Míchkin tivesse sido completamente esquecido em Petersburgo. Caso ele surgisse, de repente, entre as pessoas que o conheciam, seria como se algo caísse do céu. Entretanto, mencionaremos mais um fato e, com isso, concluiremos nossa introdução.

Kólia Ívolguin, por ocasião da partida do príncipe, primeiro deu seqüência à sua vida anterior, ou seja, frequentava o ginásio, ia à casa de seu amigo Ippolit, cuidava do general e ajudava Vária nos trabalhos de casa, ou seja, era seu menino de recados. Mas os inquilinos logo desapareceram: três dias depois dos incidentes em casa de Nastássia Filíppovna, Ferdíschenko foi embora, não se sabia para onde, e logo desapareceu, e de tal modo que não se conheciam nem mesmo boatos a seu respeito; disseram que andava bebendo em algum lugar, mas era tudo muito

vago. O príncipe partiu para Moscou; não havia mais nenhum inquilino. Por isso, assim que Vária casou, Nina Aleksándrovna e Gânia se mudaram, com ela, para a casa de Ptítsin, no regimento Izmailóvski;⁸¹ quanto ao general Ívolguin, quase ao mesmo tempo, ocorreu com ele uma circunstância totalmente imprevista: foi para a prisão de pessoas condenadas por dívidas. O general foi encaminhado para lá por uma amiga, uma capitã,⁸² por força de documentos entregues a ela em várias ocasiões, no valor total de cerca de dois mil rublos. Tudo aquilo representou, para o general Ívolguin, uma absoluta surpresa e o pobre general se tornou, “incontestavelmente, uma vítima da própria confiança desmedida na nobreza do coração humano, em termos gerais”. Como adotara o costume tranquilizador de assinar notas promissórias e letras de câmbio, ele nem mais supunha a possibilidade de que elas fossem cobradas algum dia, quando quer que fosse, e sempre pensava que essa situação era o normal. Revelou-se que não era. “Depois dessa, quem vai acreditar nas pessoas, quem vai demonstrar uma nobre confiança?”, exclamava com amargura, sentado com seus novos amigos, na Casa Tarássov,⁸³ diante de uma garrafa de bebida, enquanto contava para eles histórias sobre o cerco de Kars e sobre o soldado que ressuscitou. Entretanto, ele vivia muito bem. Ptítsin e Vária diziam que ali era o lugar certo para ele; Gânia concordava inteiramente. Só a pobre Nina Aleksándrovna chorava com amargura, às escondidas (o que surpreendeu até as pessoas da família) e, constantemente adoentada, arrastava-se, sempre que podia, para visitar o marido no regimento Izmailóvski.

Porém, desde o “caso do general”, como dizia Kólia, e, em termos gerais, desde o casamento da irmã, Kólia parou de prestar obediência a eles e, ultimamente, chegara ao ponto de aparecer muito pouco em casa e raras vezes dormir com a família. Segundo rumores, ele tinha feito uma porção de amizades novas; além disso, era figura bastante conhecida na prisão dos

devedores. Lá, Nina Aleksándrovna nada conseguia sem a ajuda de Kólia; em sua casa, nem por mera curiosidade os outros o aborreciam com perguntas. Vária, que antes o tratava com tanta severidade, agora não o submetia ao menor questionamento acerca de suas perambulações. Quanto a Gânia, para grande surpresa dos familiares, e apesar de toda sua melancolia, ele agora conversava com Kólia e até demonstrava por ele grande afeição, algo que nunca tinha ocorrido, pois antes, com seus vinte e sete anos, Gânia naturalmente não dava a menor atenção para o irmão de quinze anos, tratava-o com brutalidade, cobrava de todos os familiares o máximo rigor para com ele e sempre o ameaçava de “levantá-lo do chão pelas orelhas”, o que levava Kólia “aos últimos limites da paciência humana”. Agora, às vezes, podia-se até pensar que Kólia se tornara indispensável para Gânia. O próprio menino se impressionou muito quando soube que Gânia devolvera aquele dinheiro; e por causa daquilo, Kólia estava disposto a perdoar muita coisa no irmão.

Passaram-se mais ou menos três meses da partida do príncipe Míchkin e, na família dos Ívolguin, ouviram dizer que Kólia, de repente, havia travado conhecimento com os Epantchin e fora muito bem recebido pelas mocinhas daquela família. Vária logo soube daquilo; Kólia, no entanto, não havia travado aquele conhecimento por intermédio de Vária, mas sim “por si mesmo”. Pouco a pouco, apaixonaram-se por ele na casa dos Epantchin. De início, a generala se mostrara muito insatisfeita com ele, porém, logo depois, encheu-se de carinho por Kólia, “por sua sinceridade e por não bajular”. Que ele não bajulasse era absolutamente correto; ele sabia se manter em perfeito pé de igualdade e independência perante os Epantchin, embora às vezes lesse livros e jornais para a generala e sempre se mostrasse solícito. No entanto, duas ou três vezes, ele discutiu acerbamente com Lizavieta Prokófievna, disse que ela era despótica e que não poria mais os

pés em sua casa. Na primeira vez, a discussão teve origem na “questão feminina” e, na segunda vez, no problema de saber qual a melhor época do ano para apanhar tentilhões. Por incrível que pareça, dois dias depois da discussão, a generala mandou um laçao lhe entregar um bilhete pedindo que viesse visitá-la, sem falta; Kólia não se fez de rogado e logo se apresentou. Só Aglaia, por alguma razão, mostrava o tempo todo pouca simpatia por ele e o tratava com arrogância. E era justamente Aglaia que estava destinada a se surpreender com Kólia. Certa vez — o caso se deu na Semana Santa —, aproveitando um momento em que os dois ficaram a sós, Kólia entregou uma carta para Aglaia, dizendo apenas que lhe mandaram entregar a carta só a ela. Aglaia olhou com ar de ameaça para o “garotinho petulante”, mas Kólia não esperou e saiu logo. Aglaia desdobrou o bilhete e leu:

Um dia, a senhora me honrou com a sua confiança. Talvez, agora, tenha se esquecido de mim por completo. Como é possível que eu esteja escrevendo para a senhora? Eu não sei; mas me veio um desejo irresistível de fazer a senhora lembrar-se de mim, justamente a senhora. Quantas e quantas vezes a senhora e suas irmãs me foram necessárias, porém, das três, eu só via a senhora. Eu preciso da senhora, preciso muito. Não tenho nada para escrever à senhora a meu respeito, nada tenho para contar. E eu nem queria isso; eu sinto um desejo tremendo de que a senhora esteja feliz. Está feliz? É só isso que eu queria dizer.

Seu irmão,
príncipe L. Míchkin.

Ao ler o bilhete, tão curtinho e bastante lacônico, Aglaia, de repente, ficou toda afogueada e se pôs a refletir. Para nós, é muito difícil reproduzir o fluxo de seus pensamentos. Entre outras coisas, ela se perguntou: “Será

que devo mostrar isso para alguém?”. Aquilo lhe dava certa vergonha. Entretanto, com um sorriso zombeteiro e estranho, Aglaia acabou largando a carta sobre a sua mesinha. No dia seguinte, pegou a carta outra vez e colocou-a dentro de um livro grosso, de capa dura (ela sempre fazia aquilo com seus papéis, a fim de encontrá-los mais depressa, quando necessário). E só uma semana depois aconteceu de se dar conta de que livro era aquele. Era o *Dom Quixote de La Mancha*. Aglaia deu uma tremenda gargalhada — sabe-se lá por quê.

Também não se sabe se ela mostrou sua novidade para alguma das irmãs.

Porém, ainda enquanto estava lendo a carta, de súbito lhe passou pela cabeça: será possível que o príncipe escolheu aquele garoto petulante e fanfarrão como seu correspondente, e talvez, até, quem sabe, seu correspondente único na cidade? Apesar de ostentar uma expressão de extraordinário menosprezo, Aglaia chamou Kólia para lhe fazer algumas perguntas. Porém o “garotinho”, sempre suscetível, daquela vez não deu a menor atenção ao menosprezo: em tom muito seco e sucinto, explicou para Aglaia que, apesar de ter comunicado ao príncipe, exatamente na hora em que ele fora embora, seu endereço fixo em Petersburgo, para o caso de qualquer eventualidade, e tivesse, então, oferecido seus serviços, aquela era a primeira missão que recebia do príncipe e aquele era o primeiro bilhete dele, e como prova de suas palavras mostrou outra carta, recebida por ele mesmo. Aglaia não se acanhou de ler. Na carta para Kólia, estava escrito:

Querido Kólia, tenha a bondade de entregar para Aglaia Ivánovna este bilhete lacrado em anexo. Desejo-lhe saúde.

Deste que lhe quer bem,

L. Míchkin.

— Apesar de tudo, é ridículo confiar em uma criancinha dessas — exclamou Aglaia, em tom ofensivo, devolveu o bilhete para Kólia e foi embora com ar de desdém.

Aquilo, no entanto, Kólia já não era capaz de tolerar: como que de propósito para aquela ocasião, sem explicar o motivo, ele pedira a Gânia que o deixasse usar o seu cachecol verde, novinho em folha. E sentiu-se cruelmente ofendido.

Eram os primeiros dias de junho e já fazia uma semana que o tempo, em Petersburgo, estava excepcionalmente bonito. Os Epantchin possuíam uma datcha luxuosa em Pávlovsk. De repente, Lizavieta Prokófievna foi tomada por uma agitação e pôs mãos à obra; dois dias depois, foram para a datcha.

Um ou dois dias depois da viagem dos Epantchin, o príncipe Liev Nikoláievitch Míchkin chegou de Moscou, no trem da manhã. Ninguém o recebeu na estação, mas, ao sair do vagão, o príncipe pensou ter visto a imagem de dois olhos estranhos e ardentes na multidão em redor dos passageiros que desembarcavam. Quando olhou de novo, com atenção, já não distinguiu mais nada. Com certeza, tinha sido só uma imagem nascida em seu pensamento; mesmo assim, deixou uma sensação incômoda. De todo modo, antes mesmo disso, o príncipe já estava triste e pensativo e algo parecia preocupá-lo.

Um coche de praça levou-o a um hotel perto da rua Litiéinaia. Era um hotel bem ruim. O príncipe alugou dois quartos pequenos, escuros e mal mobiliados, lavou-se, vestiu-se, não perguntou nada e saiu afobado, como se temesse perder a hora ou não encontrar mais em casa a pessoa que queria visitar.

Se alguém que o conhecera meio ano antes, em sua primeira temporada em Petersburgo, o visse agora, talvez chegasse à conclusão de que sua

aparência mudara imensamente, e para melhor. Porém não passava de uma impressão. Só na vestimenta houvera uma completa mudança: toda a roupa era nova, feita em Moscou por um bom alfaiate; contudo, mesmo na roupa havia defeitos: seu corte seguia a moda de forma exagerada (como sempre acontece com alfaiates prestativos, mas sem muito talento) e, além disso, a pessoa que vestia aquilo tudo não tinha o menor interesse pelo assunto e, assim, se alguém muito dado a rir olhasse para o príncipe com atenção, talvez encontrasse motivo para dar um sorriso. Mas, afinal, não acham graça de tanta coisa?

O príncipe pegou um coche de praça e seguiu para Piéski.⁸⁴ Numa das ruas Rojdiéstvienski, ele logo saltou diante de uma casinha de madeira. Para sua surpresa, a casinha se revelou bonita, limpa, conservada em perfeita ordem, com um jardinzinho na frente, onde cresciam flores. As janelas estavam abertas para a rua e, através delas, chegava o som de uma voz ininterrupta e áspera, quase um grito, como se alguém lesse em voz alta ou mesmo fizesse um discurso; às vezes, a voz era cortada pelo riso estridente de várias pessoas. O príncipe entrou no jardim, subiu a escada da pequena varanda e perguntou pelo sr. Liébediev.

— Olhe, estão ali — respondeu a cozinheira, que abriu a porta com as mangas arregaçadas até os cotovelos e esticou o dedo apontado para a “sala”.

A sala era forrada com papel de parede azul-escuro, limpinha e decorada com certa pretensão, ou seja, tinha uma mesa redonda e um sofá, um relógio de bronze embaixo de uma campânula, um espelho estreito entre duas janelas e um pequeno lustre antiquado, feito de contas de vidro, pendurado no teto por uma corrente de bronze; parado bem no meio da sala, de pé e de costas para o príncipe, que acabara de entrar, encontrava-se o próprio sr. Liébediev, de colete, sem paletó, à maneira do verão e, batendo

no próprio peito, ele derramava sua oratória amarga em torno de algum tema. Os ouvintes eram: um menino de uns quinze anos, rosto muito alegre e esperto, com um livro nas mãos; uma jovem de uns vinte anos, toda de luto e com uma criança de peito nos braços; uma menina de treze anos, também de luto, que ria muito, abrindo a boca horivelmente; e, por fim, deitado no sofá, um ouvinte bastante estranho, um rapaz de uns vinte anos, muito bonito, moreno, de cabelos compridos e espessos, olhos grandes e negros, e ligeiras sombras de suíças e barbicha. Aquele ouvinte, pelo visto, constantemente interrompia e contestava a oratória de Liébediev; com certeza, era isso que causava o riso do público.

— Lukian Timofiéitch, Lukian Timofiéitch! Ora essa! Olhe para cá!... Muito bem, seja como quiser!

E a cozinheira saiu, encolhendo os ombros, tão irritada que ficou quase toda vermelha.

Liébediev olhou para trás e, ao ver o príncipe, permaneceu por algum tempo como se tivesse sido atingido por um raio, depois se precipitou na direção do príncipe com um sorriso servil, mas parou de novo no caminho, como se tivesse congelado, depois de exclamar, entretanto:

— Excelentíssimo príncipe!

No entanto, de súbito, ainda incapaz de voltar ao normal, virou-se e, sem mais nem menos, primeiro se precipitou para a moça de luto, que segurava um bebê nos braços, e o fez de tal modo que ela chegou a recuar um pouco, de susto, mas Liébediev logo a deixou de lado, atirou-se na direção da menina de treze anos, que sobressaía no limiar do cômodo seguinte e continuava a sorrir, sob o efeito do que ainda restava das recentes risadas. Ela não conteve um grito e, na mesma hora, deu uma corrida para a cozinha; Liébediev chegou a bater os pés no chão para aumentar o susto da

menina, mas, ao deparar com o olhar do príncipe, que o fitava com perplexidade, declarou a título de explicação:

— É para... impor respeito, he-he-he!

— Não adianta nada o que o senhor está fazendo... — quis começar o príncipe.

— Já volto, já volto, já volto... é como um raio!

E Liébediev sumiu rapidamente da sala. Surpreso, o príncipe olhou para a moça, para o menino e para o rapaz deitado no sofá: todos estavam rindo. O príncipe também riu.

— Ele foi vestir o fraque — disse o menino.

— Como tudo isso é embaraçoso — começou o príncipe. — E eu que estava pensando... digam, será que ele...

— O senhor acha que ele está embriagado? — gritou uma voz, no sofá. — Nem de longe! Pode ser que tenha tomado uns três ou quatro cálices, até cinco, se quiser, mas isso é só por uma questão de disciplina.

O príncipe fez menção de se virar para aquela voz, no sofá, mas a moça começou a falar e, com a expressão mais sincera em seu rosto gracioso, disse:

— De manhã, ele nunca bebe muito; se o senhor tem algum negócio para tratar com ele, fale agora, logo de uma vez. É a melhor hora. À noite, quando volta para casa, aí ele está bêbado; ultimamente, também, tarde da noite, ele fica chorando e lê para nós uns trechos da Sagrada Escritura, porque faz cinco semanas que a nossa mãe morreu.

— É por isso que ele fugiu correndo, para ele é mesmo difícil responder ao senhor — riu o jovem deitado no sofá. — Eu aposto que ele já está pensando em tapear o senhor e, agora mesmo, está lá inventando um jeito de fazer isso.

— Exatamente cinco semanas! Exatamente cinco semanas! — emendou Liébediev, voltando já de fraque, piscando os olhos e tirando um lenço do bolso, para enxugar as lágrimas. — Órfãos!

— Mas por que o senhor veio assim, todo esburacado? — disse a moça. — Afinal, atrás da porta, o senhor tem um sobretudo novinho, será que o senhor não viu?

— Cale a boca, sua língua de trapo! — gritou Liébediev. — Ora essa! — Começou a bater os pés no chão para ela. Mas, dessa vez, a moça apenas deu uma risada.

— O senhor não vai me assustar com isso, eu não sou a Tânia, não vou correr. E, olhe lá, desse jeito, vai acabar acordando a Liúbotchka, e ainda vai provocar na criança um ataque de convulsões... Olhe só como o senhor está gritando!

— Nã-nã-não! Morda essa língua... — Liébediev, de súbito, ficou muito assustado, inclinou-se sobre o bebê que dormia nos braços da filha e o benzeu várias vezes, com expressão muito assustada. — Que Deus o proteja, que Deus o proteja e o guarde! É a minha criancinha de peito, é a minha filha Liubov — explicou para o príncipe. — Nascida do casamento legitimíssimo com a minha recém-falecida Elena, minha esposa, que morreu no parto. E este pinguinho de gente aqui é a minha filha Vera, de luto... E esse, esse, esse...

— O que foi, perdeu a voz? — gritou o rapaz. — Vamos, continue, não fique constrangido.

— Vossa alteza! — berrou Liébediev, de repente, numa espécie de explosão. — Porventura o senhor leu nos jornais a notícia do assassinato da família Jemárin?⁸⁵

— Li — respondeu o príncipe, com certa surpresa.

— Pois bem, este é o verdadeiro assassino da família Jemárin, é ele mesmo!

— O que o senhor está dizendo? — indagou o príncipe.

— Ou seja, em termos alegóricos, ele é o futuro segundo assassino da segunda família Jemárin, se isso vier a acontecer. Ele está até se preparando para isso...

Todos riram. Veio ao príncipe a ideia de que Liébediev, de fato, talvez estivesse se esquivando e procurava subterfúgios só porque já pressentia as perguntas que não sabia como responder e buscava ganhar tempo.

— É um rebelde! Um conspirador! — esbravejou Liébediev, como se já não tivesse forças para se conter. — Pois bem, será que eu posso, pois bem, será que tenho o direito de considerar tamanho difamador, tamanho, pode-se dizer, degenerado e monstro, como meu sobrinho, filho único de minha irmã Aníssia, já falecida?

— Pare com isso, seu bêbado! Tente acreditar, príncipe, ele agora cismou de bancar o advogado, anda sempre atrás de causas na justiça; se entregou à eloquência e, em casa, com os filhos, só fala numa retórica pomposa. Há cinco dias, ele discursou diante de uns juízes de paz. E quem é que ele foi lá defender? Não, não foi a velha que pediu para ele, e implorou, a velha da qual um usurário canalha tinha roubado quinhentos rublos, todo o seu patrimônio, o homem se apropriou de tudo, mas sim o próprio usurário, um tal de Zeidler, um judeu, porque ele prometeu lhe pagar cinquenta rublos...

— Cinquenta rublos, se eu ganhasse, mas só cinco, se eu perdesse — explicou Liébediev, de súbito, com a voz totalmente mudada, muito diferente da voz anterior, como se ele jamais tivesse gritado.

— Pois é, só que foi um completo fiasco, não estamos mais na velha ordem e, lá no tribunal, apenas riram dele. Apesar disso, ele ficou satisfeítíssimo consigo mesmo. Disse para os juízes: “Lembrem-se,

imparciais membros do júri, daquele pobre velho sem pernas que ganha a vida com seu trabalho honesto e se priva do seu último pedaço de pão; lembrem-se das sábias palavras do legislador: ‘Que reine a misericórdia nos tribunais’”. Pois bem, acredite o senhor: todo dia de manhã, ele repete para nós esse mesmo discurso, palavra por palavra, exatamente como ele falou no tribunal; hoje foi a quinta vez; olhe, pouco antes de o senhor entrar, ele estava aqui recitando, de tanto que adora o próprio discurso. Ele fica se lambendo todo. E agora está querendo defender mais alguém. Mas o senhor é o príncipe Míchkin, não é? O Kólia me falou do senhor, disse que até hoje, neste mundo, ele não encontrou ninguém mais inteligente do que o senhor...

— Não há! Não há! No mundo, não existe ninguém mais inteligente! — logo confirmou Liébediev.

— Este aí está só mentindo, convenhamos. Um adora o senhor e o outro está só bajulando; mas eu não tenho intenção nenhuma de bajular ninguém, é bom que o senhor saiba. O senhor deve ser uma pessoa de bom senso, então decida a favor dele ou de mim. Olhe aqui, não quer que o príncipe escolha entre mim e você? — voltou-se para o tio. — Eu fico até contente, príncipe, de o senhor ter aparecido aqui.

— Eu quero sim! — berrou Liébediev, em tom resoluto e, involuntariamente, olhou para a plateia, que começava a se aproximar, outra vez.

— O que está acontecendo aqui, afinal? — exclamou o príncipe, e franziu as sobrancelhas.

Na verdade, ele estava com dor de cabeça e, além disso, sentia-se cada vez mais convencido de que Liébediev o enganava, e sentia-se também contente de poder deixar o seu assunto de lado.

— Explicação do caso: eu sou sobrinho dele, nisso ele não mentiu, apesar de mentir o tempo todo. Eu não terminei a faculdade, mas quero terminar, e vou conseguir, porque tenho caráter. Enquanto isso, para sobreviver, eu quero ter um emprego na estrada de ferro, com remuneração de vinte e cinco rublos. Além disso, eu admito que ele me ajudou, duas ou três vezes. Eu tinha vinte rublos e perdi no jogo. Pois é, acredite se quiser, príncipe, eu fui tão infame, tão desprezível que perdi esse dinheiro no jogo!

— Aquele homem é um canalha, um canalha a quem ninguém deve pagar nada! — berrou Liébediev.

— Sim, um canalha, mas a quem se deve pagar, sim, senhor — emendou o rapaz. — E que aquele homem é um canalha, disso eu dou meu testemunho, e não só porque ele bateu no meu tio. Príncipe, ele é um oficial expulso do Exército, um tenente da reserva do antigo bando de Rogójin, e dá aulas de boxe. Agora, depois que Rogójin pôs todos para correr, todos eles andam vagabundeando por aí. Mas o pior de tudo é que eu sabia que ele é um canalha, um safado e um larápio e, mesmo assim, eu me sentei à mesa para jogar com ele e, enquanto eu apostava até o último rublo (nós jogamos o *pálki*⁸⁶), eu pensava assim: se eu perder, vou à casa do tio Lukian, faço uma reverência, e ele não vai me negar o dinheiro. Isso já é muito baixo, veja só que baixezita! Isso já é uma patifaria consciente!

— Certo, isso já é mesmo uma patifaria consciente! — repetiu Liébediev.

— Muito bem, mas não cante vitória antes do tempo, espere um pouco — gritou o sobrinho, ofendido. — Ele fica até contente. Eu vim aqui à casa dele, príncipe, e confessei tudo; eu me portei com dignidade, não me poupei; xinguei a mim mesmo, na frente dele, de todo jeito que pude, e todos aqui são testemunhas. Para obter esse emprego na estrada de ferro, eu preciso a todo custo de algum equipamento, porque até as minhas roupas estão em farrapos. Veja, olhe só as minhas botas! Sem isso, é impossível

ocupar essa vaga e, se eu não me apresentar no prazo, a vaga vai ser ocupada por outro e, então, vou ficar de novo ao deus-dará e terei de sair por aí atrás de outro emprego. Agora eu estou pedindo a ele só quinze rublos e prometo que nunca mais vou pedir nada e, além disso, nos três primeiros meses, vou pagar para ele a dívida toda, até o último copeque. Eu vou cumprir minha palavra. Eu sou capaz de sobreviver meses a fio só com pão e *kvas*,⁸⁷ porque tenho caráter. Em três meses, vou ganhar setenta e cinco rublos. Somando com o que eu já devo a ele, minha dívida vai ser de trinta e cinco rublos, portanto, eu vou ter condições de pagar. Muito bem, pode cobrar os juros que bem entender, que o diabo o carregue! Será que ele não me conhece? Pergunte a ele, príncipe se, antes, quando ele me ajudava, eu não pagava tudinho. Então, por que agora não quer? Ficou furioso porque eu paguei para aquele tenente, só por causa disso! Aí está o que é esse homem, nada mais nada menos do que isso!

— E agora ele não vai mais embora daqui! — gritou Liébediev. — Deitou-se aí e não vai mais embora.

— Foi o que eu disse para você. Eu não vou embora enquanto não me der o dinheiro. Do que o senhor está sorrindo, príncipe? Pelo visto, acha que estou errado, não é?

— Não estou sorrindo, mas, a meu ver, o senhor está, de fato, um pouco errado — respondeu o príncipe, a contragosto.

— Mas diga, então, sem rodeios, o que há de tão errado, não desconverse; por que disse “um pouco” errado?

— Se prefere, então, está completamente errado.

— Se eu prefiro?! Ridículo! Será possível que o senhor ache que eu mesmo não sei que agir assim é constrangedor, que o dinheiro é dele, a vontade é dele e que isso representa uma violência da minha parte? Mas o senhor, príncipe... não conhece a vida. Se a gente não ensinar a eles, nunca

vai dar certo. É preciso ensinar-lhes. Afinal, eu tenho a consciência limpa; com toda a franqueza, eu não vou causar prejuízos a ele, vou pagar com juro. E ele também recebeu uma satisfação moral: ele viu a minha humilhação. O que mais ele quer? Para que ele serve, afinal, se não traz nada de útil? Por favor, mas o que é que ele faz? Pergunte só o que ele e os outros inventam e como ele engana as pessoas. Como foi que conseguiu comprar esta casa? Eu aposto o meu pescoço que ele já tapeou o senhor e até já pensou num jeito de tapear de novo! O senhor está achando graça? Não acredita?

— Eu acho que tudo isso não tem nenhuma relação com o problema do senhor — ponderou o príncipe.

— Olhe, eu já estou aqui deitado faz três dias, e vi cada coisa! — berrou o rapaz, sem ouvi-lo. — Imagine que agora ele desconfia deste anjo aqui, olhe, esta mocinha, agora órfã, minha prima, filha dele; pois ele, toda noite, procura os namorados secretos dela! Ele chega perto de mim, na ponta dos pés, e espia embaixo do sofá. A desconfiança o deixou louco; vê ladrões em tudo quanto é canto. A noite inteira, a todo instante, ele pula da cama, vai espiar nas janelas, verifica se estão trancadas, experimenta o trinco da porta, espia na estufa, e faz assim umas sete vezes durante a noite. No tribunal, defende os vigaristas e depois, de madrugada, levanta três vezes para rezar, olhe, aqui na sala, de joelhos, fica meia hora batendo a testa no chão, e por quem é que ele reza, do que é que ele se lamenta, esse bêbado? Pela alma da falecida condessa Du Barry,⁸⁸ eu ouvi, com os meus próprios ouvidos; o Kólia também ouviu: ele está completamente maluco!

— O senhor está vendo, o senhor está ouvindo como ele me cobre de infâmias, príncipe?! — esbravejou Liébediev, vermelho e, de fato, fora de si. — Mas o que ele não sabe é que eu, talvez um bêbado e devasso, um larápio e facínora, só presto mesmo para uma coisa, pois quando esse

debochado ainda era um bebezinho, fui eu que troquei suas fraldas, dei banho na bacia e, na casa da Aníssia, minha irmã viúva e na miséria, eu, também na miséria, ficava acordado a noite toda, de fio a pavio, tomava conta dos dois, doentinhos, e eu ia lá embaixo roubar lenha do zelador, cantava para ele, estalava os dedos, com a barriga cheia de fome, fui eu que o criei, e agora ele fica aí rindo de mim! E, afinal, o que é que você tem a ver, se eu um dia, uma vez, eu rezei, e fiz o sinal da cruz na testa, pela alma da falecida condessa Du Barry? Príncipe, três dias atrás, eu li, pela primeira vez na vida, a biografia dela num dicionário enciclopédico. E você aí por acaso sabe quem foi a condessa Du Barry? Responda, sabe ou não sabe?

— Ora essa, acha que é só você que sabe? — balbuciou o rapaz, a contragosto, em tom debochado.

— Foi uma condessa que, depois de escapar de uma vida de infâmias, governou o país no lugar da rainha, e foi para ela que uma grande imperatriz mandou uma carta de próprio punho e a chamou de “*ma cousine*”.⁸⁹ Um cardeal, o núncio papal, no *lever du roi*⁹⁰ (e você por acaso sabe o que era o *lever du roi*?), se ofereceu para calçar pessoalmente as meiazinhas de seda nos seus pezinhos nus, e ainda considerou isso uma honra, e saiba que ele era uma figura do mais alto escalão e da maior santidade! Você sabia disso? Pela sua cara, estou vendo que não sabia! Pois é, e como foi que ela morreu? Responda, se é tão sabido!

— Me deixa em paz! Já estou cheio.

— Ela morreu assim: depois de todas essas honrarias, aquela ex-soberana, sem culpa nenhuma, foi arrastada para a guilhotina pelo carrasco Samson, para a diversão das peixeiras parisienses, e ela mesma, de tanto pavor, não entendia o que estava acontecendo. E aí o carrasco deitou o pescoço dela embaixo da lâmina, ele a empurrou a pontapés, algumas pessoas deram risadas e, então, ela começou a gritar: “*Encore un moment,*

monsieur le boureau, encore un moment!”. O que quer dizer: “Um minutinho só, senhor carrasco, só mais um minutinho!”. E aí, naquele minutinho de nada, quem sabe, Deus a perdoava, pois é impossível até imaginar uma *misère* maior do que essa, para alma humana. Será que você sabe o que significa a palavra *misère*? Pois então, isto é a própria *misère*. Por causa daquele grito, do apelo da condessa por um minutinho, na hora em que eu estava lendo, foi como se o meu coração fosse apertado por tenazes. E o que é que você, seu verme, tem a ver caso eu, na hora de deitar para dormir, invente de rezar por ela, a grande pecadora? Pois pode ser que eu tenha cismado de rezar por ela justamente porque, desde que o mundo é mundo, com certeza ninguém jamais fez o sinal da cruz na testa por causa dela e nem sequer pensou em fazer isso. Quem sabe ela se sintia bem, lá no outro mundo, ao ver que, aqui na terra, apareceu outro pecador, igual a ela, disposto a rezar por ela, pelo menos uma vez na vida. Do que é que você está rindo? Você não acredita, seu ateu. Mas como é que você sabe? Ainda por cima mentiu, se você ficou mesmo me ouvindo às escondidas: porque eu não rezei só pela condessa Du Barry; eu rezei assim: “Senhor, conceda a paz à alma da grande pecadora, a condessa Du Barry, e de todas as suas semelhantes”, e isso já é uma coisa muito diferente; pois existem muitas grandes pecadoras como ela, e muitos exemplos de reviravoltas do destino, e muitas sofredoras que agora, lá, padecem tormentos, gemem e esperam; e naquela hora eu também rezei por você e por outros como você, semelhantes a você, petulantes e desaforados, eu também rezei, e você devia saber, se resolveu me escutar às escondidas...

— Ora, chega, basta, reze por quem quiser, que o diabo o carregue. Agora ele desatou a berrar! — cortou o sobrinho, aborrecido. — Afinal, aqui em casa, ele é o grande erudito, o senhor não sabia, príncipe? —

acrescentou, com uma espécie de escárnio sem graça. — Agora, ele vive lendo uma porção desses livrinhos de memórias.

— Mesmo assim, o tio do senhor... não é uma pessoa sem coração — objetou o príncipe, a contragosto. Aquele jovem lhe parecia completamente detestável.

— Então, logo agora, aqui, na nossa frente, o senhor vai querer cobrir esse sujeito de elogios! Olhe só, já está com a mão no peito, a boca já está fazendo biquinho, ele está se regalando todo. Talvez não seja uma pessoa sem coração, mas é um farsante, essa é que é a desgraça; ainda por cima, é beberrão, anda todo desengonçado, como qualquer um depois de beber durante alguns anos e, por isso, tudo nele fica estalando. Os filhos, ele pode até amá-los, vamos admitir, e ele respeitava a minha falecida tia... Até a mim ele ama e, afinal, e no testamento, é verdade, me deixou uma parte...

— Eu não vou deixar nada! — gritou Liébediev, exasperado.

— Escute, Liébediev — o príncipe falou com firmeza, dando as costas para o rapaz. — Eu sei por experiência própria que o senhor é uma pessoa com senso prático, quando quer... Agora, estou com muito pouco tempo e, se o senhor... Perdoe, qual é mesmo o seu nome e o seu patronímico? Eu esqueci.

— Ti-ti-timofiéi.

— E o que mais?

— Lukiánovitch.

Todos ali, mais uma vez, soltaram uma risada.

— Mentiu! — gritou o sobrinho. — Até nisso ele mentiu! Príncipe, ele não se chama Timofiéi Lukiánovitch, não é nada disso, mas sim Lukian Timofiéievitch! Mas, me diga, por que você mentiu? Afinal, que diferença faz, para você, ser Lukian ou Timofiéi, e o que isso importa para o príncipe? É que ele mente só por força do hábito, eu garanto ao senhor!

— Será verdade? — perguntou o príncipe, impaciente.

— Sou Lukian Timofiéievitch, de fato — confirmou Liébediev, encabulado, baixando os olhos humildemente e, de novo, colocou a mão no coração.

— Mas por que fez isso, ah, meu Deus?

— Por autodepreciação — murmurou Liébediev, pendendo a cabeça, cada vez mais humilde.

— Ah, que autodepreciação coisa nenhuma! Se pelo menos eu soubesse onde está agora o Kólia! — disse o príncipe e deu meia-volta, com a intenção de ir embora.

— Eu vou dizer ao senhor onde está o Kólia — ofereceu-se, de novo, o rapaz.

— Nã-nã-não! — levantou-se Liébediev, agitado.

— O Kólia dormiu aqui, mas de manhã foi procurar o general dele, o mesmo para quem o senhor, e só Deus sabe a razão, príncipe, pagou a fiança para sair da delegacia. O general, ontem mesmo, prometeu passar a noite aqui, mas não veio. O mais provável é que tenha dormido no hotel Viéssi, perto daqui. Portanto, o Kólia ou está lá ou está em Pávlovsk, na casa dos Epantchin. Ele estava com dinheiro, ontem mesmo quis ir lá. Então é isso, ou está no Viéssi ou com os Epantchin.

— Em Pávlovsk, em Pávlovsk!... E nós vamos para lá, para o jardim, e... tomar um cafezinho...

E Liébediev puxou o príncipe pelo braço. Os dois saíram, atravessaram o pátio e entraram por um portãozinho. Lá, de fato, havia um jardimzinho bem pequeno e muito gracioso, no qual, graças ao tempo bom, todas as árvores já estavam cobertas de folhas. Liébediev fez o príncipe sentar-se num banquinho verde, de madeira, diante de uma mesa verde, presa ao chão, e sentou-se ele mesmo de frente para o príncipe. Após um minuto, de fato,

apareceu o café. O príncipe não recusou. Liébediev continuava a fitá-lo nos olhos, com avidez e expressão servil.

— Eu também não sabia que o senhor tinha essa propriedade — disse o príncipe, com ar de uma pessoa que está pensando em algo muito diferente.

— Ó-órfãos! — quis começar Liébediev, desalentado, mas parou: o príncipe olhava para a frente, muito distraído e, estava claro, havia esquecido sua própria pergunta. Passou mais um minuto; Liébediev observava e esperava.

— Mas e então? — disse o príncipe, como se tivesse acordado. — Ah, sim! Afinal, Liébediev, o senhor mesmo sabe do que se trata: eu vim por causa da sua carta. Fale.

Liébediev se viu embaraçado, queria dizer algo, mas apenas gaguejava: não conseguia falar nada. O príncipe esperava e sorria, com ar triste.

— Parece que eu estou entendendo o senhor muito bem, Lukian Timofiéievitch: com certeza, o senhor não esperava que eu viesse. Achava que eu não ia sair da minha toca, lá naquele meu fim de mundo, para atender o seu primeiro aviso, e me escreveu só para aliviar a própria consciência. Mas agora eu vim e estou aqui. Muito bem, chega, não tente me enganar. Basta de servir a dois senhores. O Rogójin já está aqui faz três semanas, eu sei de tudo. O senhor já conseguiu vendê-la para ele, como daquela vez, ou não? Conte a verdade.

— O próprio monstro descobriu, ele mesmo.

— Não o insulte; claro, ele agiu mal com o senhor...

— Espancou, espancou! — emendou Liébediev, com virulência tremenda. — E fez um cachorro me perseguir, em Moscou, pela rua inteira, uma cadela borzói.⁹¹ Uma cadela aterradora.

— O senhor me toma por uma criança, Liébediev. Diga, a sério: ela o deixou, desta vez, em Moscou?

— É sério, é sério. E, mais uma vez, ela fugiu quase debaixo da coroa. Ele já estava contando os minutos e ela viajou para cá, para Petersburgo, direto ao meu encontro: “Me salve, me proteja, Lukian, e não conte nada para o príncipe...”. Ela tem mais medo do senhor do que dele, príncipe, e é aqui que está a grande sabedoria!

E Liébediev espetou o dedo na testa, com ar de astúcia.

— E agora o senhor os uniu novamente?

— Excelentíssimo príncipe, como eu poderia... como eu poderia impedir?

— Certo, agora chega, eu vou descobrir tudo sozinho. Diga apenas onde ela está, agora. Na casa dele?

— Ah, não! Nã-nã-não! Ainda está sozinha. Quero dizer, está livre e, sabe, príncipe, ela finca o pé nesse ponto e diz que ainda está completamente livre! Continua em Petersburgo, mora na casa da minha cunhada, como eu escrevi para o senhor.

— E agora está lá?

— Está lá, se não estiver em Pávlovsk, na datcha de Dária Alekséievna, o que ocorre quando faz tempo bom. Ela diz: Eu sou completamente livre. Ontem mesmo, ela fez muitos elogios ao Nikolai⁹² Ardaliónovitch, por causa da sua liberdade. Um mau sinal, senhor!

E Liébediev abriu um sorriso.

— O Kólia se encontra com ela muitas vezes?

— É um leviano, e incompreensível, e nem um pouco discreto.

— O senhor esteve lá há pouco tempo?

— Todo dia, todo dia.

— Então, foi lá ontem?

— Ah, não, há uns três dias, senhor.

— Que pena que o senhor bebeu um pouco demais, Liébediev! Senão, eu ia fazer uma pergunta ao senhor.

— Nã-nã-não, nem uma gota, eu não bebi!

Liébediev se fez todo ouvidos.

— Diga-me, como ela está?

— Ela é uma b-buscadora...

— Buscadora?

— É como se ela estivesse procurando alguma coisa, como se tivesse perdido alguma coisa. Quanto ao casamento iminente, a simples ideia já lhe causa repugnância, e ela trata o caso como uma ofensa. Quanto a *ele* mesmo, ela pensa tanto quanto num bagaço de laranja, não mais, ou melhor, pensa mais, sim, mas pensa com medo e pavor, ela proíbe que se fale dele, e os dois só se veem em caso de necessidade... e ele sente isso, até demais! Não há como evitar, meu senhor!... Ela anda inquieta, sarcástica, ambígua, raivosa...

— Ambígua e raivosa?

— Raivosa; na última vez, por pouco não me puxou pelos cabelos por causa de uma conversa à toa. Eu passei um sermão nela, com base no livro do Apocalipse.

— Como é? — indagou o príncipe, achando que tinha ouvido mal.

— Por meio da leitura do Apocalipse. É uma dama de imaginação inquieta, he-he-he! Além do mais, eu observei que ela tem forte queda por temas sérios, mesmo que distantes do que a interessa no momento. Ela adora, adora, e até percebe isso como um sinal de respeito especial. Sim, senhor. Eu sou forte na interpretação do Apocalipse e estudo esse livro há quinze anos. Ela concordou comigo, quando eu disse que estamos diante do terceiro cavalo, o negro, e do cavaleiro que leva uma balança na mão, pois tudo em nosso tempo é questão de medida e contrato, e todo mundo só sabe

procurar o seu direito: “uma medida do trigo em dinares e três medidas de cevada em dinares...”.⁹³ E ainda por cima todos querem conservar o espírito livre, o coração puro, o corpo saudável e todos os dons divinos. Mas só por meio do direito eles não vão poder conservar e, então, virá o cavalo branco, e esse se chama Morte, e logo será seguido pelo Inferno... É sobre isso que nós conversamos, quando nos encontramos, e a conversa produz muito efeito.

— Mas o senhor mesmo acredita nisso? — perguntou o príncipe, mirando Liébediev com um olhar estranho.

— Eu acredito e interpreto. Pois sou indigente e nu, sou um átomo no torvelinho das pessoas. Quem respeita Liébediev? Qualquer um fala mais bonito do que ele e qualquer um logo lhe dá um pontapé, pelo caminho. Só que, no terreno da interpretação, eu sou igual a um potentado. Pois é a inteligência! E um potentado tremeu diante de mim... na sua poltrona, ao perceber a inteligência. Sua magnificência Nil Alekséievitch, há três anos, antes da Semana Santa, me escutou... quando eu ainda era um servidor do Estado em seu departamento, e ele, de propósito, por meio de Piotr Zakháritch, exigiu que eu fosse ao seu gabinete e, a sós comigo, me perguntou: “É verdade que você é professor e mestre do anticristo?”. E eu não titubeei: “Eu sou mesmo”, respondi. E explanei e expus e não atenuiei o pavor, eu o amplifiquei mais ainda, em pensamento, desenrolando o pergaminho da alegoria, e citei números. E ele sorria. Porém, diante dos números e de outros dados semelhantes, ele começou a tremer, pediu para eu fechar o livro, ir embora, e me concedeu uma condecoração na Semana Santa e, na Semana de São Tomé,⁹⁴ ele entregou a alma a Deus.

— Que história é essa, Liébediev?

— Foi assim mesmo. Caiu de um coche depois do almoço... deu com a temporazinha em cheio numa estaca na calçada e, como uma criancinha,

igual a uma criancinha, ali mesmo, ele se foi. Setenta e três anos, segundo os documentos; um homenzinho vermelho, grisalho, todo borrifado de perfumes, que sempre sorria, sorria sempre, igual a uma criancinha. Eu me lembro do que disse o Piotr Zakháritch, na ocasião: “Você profetizou isso”.

O príncipe começou a se levantar. Liébediev se admirou e até ficou desconcertado, ao ver o príncipe se levantar.

— Mas o senhor se tornou muito indiferente, he-he-he! — ousou comentar, em tom servil.

— Na verdade, eu não estou me sentindo muito bem... tenho a cabeça pesada, por causa da viagem, talvez — respondeu o príncipe, e franziu as sobrancelhas.

— O senhor precisa ficar um tempo numa datchazinha — insinuou Liébediev, com timidez.

O príncipe se fez pensativo.

— Pois eu mesmo, daqui a uns três dias, vou para a minha datcha com toda a minha família, para cuidar também do rebento recém-nascido, enquanto aqui, na casinha, fazem uns reparos gerais. E eu também vou para Pávlovsk.

— O senhor também vai para Pávlovsk? — perguntou o príncipe, de repente. — Mas o que é isso? Será que todo mundo, aqui, vai para Pávlovsk? O senhor também tem uma datcha lá?

— Não é todo mundo que vai para Pávlovsk. O Ivan Petróvitch Ptítsin me cedeu uma de suas datchas, que lhe custaram barato. Lá é bonito, é elevado, é verdejante, a vida é barata, elegante, musical, e é por isso que todo mundo vai para Pávlovsk. Aliás, eu vou ficar numa casinha nos fundos, enquanto a datcha propriamente dita...

— Alugou?

— N-n-não. Não... nada disso, meu senhor.

— Alugue para mim — propôs o príncipe, de repente.

Pareceu que era justamente isso que Liébediev queria insinuar. Aquela ideia surgira em sua mente três minutos antes. Entretanto, ele já não precisava de inquilinos; já havia alguém interessado, que lhe avisara que talvez fosse alugar a datcha. Mas Liébediev sabia, com toda a segurança, que não havia nenhum “talvez” e que era certo que aquela pessoa ia alugar. Porém, agora, lhe veio à cabeça uma ideia repentina e, a seu ver, muito vantajosa: alugar a datcha para o príncipe, aproveitando o fato de que o candidato anterior se exprimira de modo indefinido. “Um verdadeiro choque e uma completa reviravolta” se apresentaram à sua imaginação, de repente. Ele recebeu a proposta do príncipe quase com euforia, tanto que, à pergunta direta sobre o preço do aluguel, Liébediev chegou a abanar as mãos no ar.

— Ora, como preferir; eu vou perguntar; o senhor só tem a ganhar.

Os dois já estavam saindo do jardim.

— Mas para o senhor eu podia... eu podia, para o senhor... se o senhor quiser, eu posso comunicar uma coisa extremamente interessante, excelentíssimo príncipe, relativa a esse mesmo assunto — balbuciou Liébediev, sem desgrudar do príncipe, todo alegre e em tom de lisonja.

O príncipe se deteve.

— A datchazinha de Dária Alekséievna também fica em Pávlovsk, meu senhor.

— E daí?

— Uma pessoa que o senhor conhece é amiga dela e, pelo visto, tem a intenção de visitá-la muitas vezes em Pávlovsk. E ela tem um propósito.

— E daí?

— É a Aglaia Ivánovna...

— Ah, chega, Liébediev! — cortou o príncipe, com uma espécie de sensação ruim, como se tivessem tocado numa ferida dolorosa. — Nada disso... interessa. É melhor me dizer uma coisa: quando o senhor vai se mudar? Para mim, o quanto antes melhor, porque estou no hotel...

Enquanto conversavam, deixaram o jardim para trás e, sem entrar no edifício, atravessaram o pátio, até chegarem ao portãozinho.

— Melhor ainda — decidiu Liébediev, afinal. — Mude já para a minha casa, saia do hotel hoje mesmo e, depois de amanhã, iremos juntos para Pávlovsk.

— Eu vou ver — respondeu o príncipe, pensativo, e saiu pelo portão.

Liébediev ficou olhando para ele, enquanto se afastava. Impressionou-se com o alheamento repentino do príncipe. Ao sair, ele se esquecera até de dizer “adeus” e nem sequer fez um cumprimento com a cabeça, o que era incompatível com a delicadeza e a cortesia do príncipe que Liébediev conhecia.

Já era quase meio-dia. Da família Epantchin, o príncipe sabia que, agora, só o general poderia ser encontrado na cidade, porque estava de serviço, e mesmo aquele encontro era pouco provável. O príncipe refletiu que o general, na certa, iria pegá-lo e levá-lo direto para Pávlovsk, mas havia uma visita que o príncipe queria muito fazer, antes disso. Mesmo sob o risco de chegar atrasado à casa dos Epantchin e ter de adiar sua viagem a Pávlovsk para o dia seguinte, o príncipe resolveu procurar o prédio que tanto desejava visitar.

Contudo, para ele, aquela visita era arriscada, em certos aspectos. Sentia-se encabulado e hesitante. Sabia que o edifício ficava na rua Gorókhovaia, perto da rua Sadóvaia, e resolveu ir até lá na esperança de que, chegando ao local, ele conseguisse, afinal, tomar uma decisão definitiva.

Ao se aproximar da esquina da rua Sadóvaia com a Gorókhovaia, ele mesmo se espantou com sua agitação fora do comum; não esperava que o coração fosse bater com tanta dor. Ainda de longe, um edifício chamou sua atenção, provavelmente por sua fisionomia singular e, mais tarde, o príncipe lembraria o que dissera, então, para si mesmo: “Com certeza, o edifício é aquele”. Com uma curiosidade extraordinária, chegou mais perto a fim de comprovar sua suposição; sem saber o motivo, pressentia que seria muito desagradável se ele tivesse adivinhado. Tratava-se de um edifício grande,

sombrio, de três andares, sem nenhuma arquitetura definida e pintado de um verde encardido. Alguns, ou melhor, numerosos prédios desse tipo, construídos no fim do século xviii, sobreviveram quase sem alteração justamente naquelas ruas de Petersburgo (cidade em que tudo se transforma tão depressa). São construções sólidas, de paredes grossas e janelas muito espaçadas; no térreo, às vezes, as janelas têm grades. Na maioria dos casos, o térreo é ocupado por uma casa de câmbio. Naquele prédio, o castrado⁹⁵ que trabalhava na casa de câmbio morava de aluguel no andar de cima. Por fora e por dentro, o edifício era um tanto árido e inóspito, dava sempre a impressão de esconder e ocultar alguma coisa, e seria difícil explicar como a mera fisionomia do prédio produzia tal impressão. A composição das linhas arquitetônicas tinha, é claro, o seu segredo. Em tais edifícios, moram quase exclusivamente pessoas ligadas ao comércio. Ao chegar ao portão e lançar um olhar para a inscrição, o príncipe leu: edifício do cidadão honorário hereditário⁹⁶ rogójin.

Deixando para trás toda hesitação, ele abriu a porta de vidro, que bateu ruidosamente atrás dele ao fechar, e começou a subir a escada principal até o segundo andar. A escada era escura, de pedra, construída de maneira bruta, e tinha as paredes pintadas de vermelho. Ele sabia que Rogójin, a mãe e o irmão ocupavam todo o segundo andar daquele edifício enfadonho. O criado que abriu a porta para o príncipe conduziu-o por muito tempo, sem anunciá-lo; atravessaram o salão principal, com paredes que imitavam mármore, soalho de tacos de carvalho e móveis dos anos 20, brutos e pesados, passaram também por vários cubículos, dando voltas e ziguezagues, subindo dois ou três degraus e, depois, descendo na mesma proporção, até que o criado, por fim, bateu a uma porta. O próprio Parfion Semiónitch abriu a porta e, ao ver o príncipe, ficou tão pálido e paralisado que, por certo tempo, pareceu uma estátua de pedra, que mirava com seu

olhar imóvel e assustado e com a boca torcida numa espécie de sorriso atônito no mais alto grau — como se enxergasse, na visita do príncipe, algo impossível e quase prodigioso. Embora já estivesse contando com uma reação daquele tipo, o príncipe até se admirou.

— Parfion, talvez eu tenha vindo numa hora errada, por isso já vou embora — disse, enfim, embaraçado.

— A hora é boa! A hora é boa! — recuperou-se Parfion, afinal. — Peço que tenha a gentileza de entrar.

Os dois se tratavam por *você*. Em Moscou, aconteceu de se encontrarem muitas vezes e demoradamente e, em seus encontros, houve momentos que ficaram gravados no coração de ambos, de maneira memorável até demais. Agora, fazia mais de três meses que não se viam.

Uma palidez e uma espécie de espasmo leve e fugaz ainda persistiam no rosto de Rogójin. Apesar de ter convidado a visita a entrar, seu extraordinário constrangimento perdurava. Enquanto Rogójin conduzia o príncipe na direção das poltronas e o sentava diante da mesa, o príncipe se virou para Rogójin, por acaso, e parou de repente, sob o efeito de seu olhar bastante estranho e pesado. Algo pareceu trespassar o príncipe e, ao mesmo tempo, veio a impressão de que alguma coisa emergira em sua memória — algo recente, penoso, sombrio. Imóvel, sem sentar-se, ele fitou Rogójin direto nos olhos durante algum tempo; no primeiro instante, os olhos de Rogójin pareceram brilhar mais forte ainda. Enfim, ele sorriu, porém ficou um tanto embaraçado, como se não soubesse o que fazer.

— Por que você está olhando, assim, tão fixamente? — murmurou. — Sente-se!

O príncipe sentou-se.

— Parfion — pediu o príncipe. — Diga-me com franqueza: você sabia que eu viria hoje a Petersburgo, não sabia?

— De fato, eu pensei que você viria e, veja, não me enganei — acrescentou, com um sorriso mordaz. — Mas como eu poderia saber que você viria hoje?

A brusca agressividade e a estranha exasperação da pergunta embutida na sua resposta impressionaram o príncipe ainda mais.

— Mas se o senhor sabia que eu viria *hoje*, por que ficou tão irritado? — disse o príncipe, constrangido e em voz baixa.

— E por que você está perguntando?

— Mais cedo, ao desembarcar do vagão de trem, eu vi um par de olhos exatamente iguais a esses com que você me olhou, por trás, agora há pouco.

— Conversa! E de quem eram os tais olhos? — resmungou Rogójin, em tom desconfiado. O príncipe teve a impressão de que Rogójin havia estremecido.

— Não sei; na multidão, achei até que eu tinha imaginado aquilo; ultimamente, eu ando vendo coisas, o tempo todo. Meu caro Parfion, eu me sinto quase como estava há cinco anos, no tempo em que ainda sofria aqueles ataques.

— Então, vai ver você imaginou mesmo isso; eu não sei de nada... — balbuciou Parfion.

Naquele momento, o sorriso carinhoso em seu rosto não casava com Rogójin. Parecia que, naquele sorriso, algo havia se quebrado e que, por mais que tentasse, Parfion não encontrava forças para colar os pedaços.

— Quer dizer que você vai de novo para o exterior, então? — perguntou, de súbito, e acrescentou: — Você lembra aquele dia, no trem, no outono, quando estávamos vindo de Pskov, eu vinha para cá e você... com aquela capa, lembra, com aqueles sapatos, lembra?

De repente, Rogójin deu uma risada e, dessa vez, com uma espécie de rancor escancarado, como se estivesse contente de ter conseguido expressar

aquilo, de uma forma ou de outra.

— Você se instalou aqui de vez? — perguntou o príncipe, enquanto observava o escritório em redor.

— Sim, aqui eu estou em casa. Onde você queria que eu ficasse?

— Faz tempo que não nos víamos. Eu ouvi falar de você certas coisas que nem pareciam se referir a você.

— As pessoas falam demais — comentou Rogójin, em tom seco.

— No entanto, você expulsou todo seu bando; e aqui está você, morando na casa dos pais, assim não vive na farra. E então, isso é bom. O edifício é seu ou da família, em conjunto?

— É da mãe. Pelo corredor, você chega ao apartamento dela.

— E onde mora o seu irmão?

— Meu irmão, o Semion Semiónitch, mora na ala dos fundos.

— Ele é casado?

— Viúvo. Por que você quer saber?

O príncipe olhou para ele um pouco e nada respondeu; de súbito, se pôs pensativo e pareceu nem ouvir a pergunta. Rogójin não insistiu e ficou esperando. Ambos permaneceram calados.

— Agora há pouco, quando estava chegando, mesmo a cem passos, adivinhei qual era a sua casa — disse o príncipe.

— E por quê?

— Eu mesmo não sei. A sua casa tem a fisionomia de toda a sua família e de toda a maneira Rogójin de viver, mas, se me perguntar por que cheguei a essa conclusão, não vou conseguir explicar. Um delírio, na certa. Eu chego a ter medo de que isso me deixe perturbado. Antes, eu nem conseguiria imaginar que você morava num prédio assim, mas logo que vi o edifício, pensei: “Sim, o lugar onde ele mora deve ser exatamente um edifício como aquele!”.

— Veja só! — Rogójin sorriu de maneira vaga, sem nada entender do obscuro pensamento do príncipe. — Este edifício foi construído ainda pelo meu avô — comentou. — Nele, sempre moraram castrados, os Khludiakóv, e até hoje eles alugam uma parte do nosso edifício.

— É um tanto sombrio. Você mora num lugar sombrio — disse o príncipe, enquanto olhava em redor.

Era um aposento amplo, alto, escuro, atravancado por toda sorte de mobília — na maior parte, grandes mesas de trabalho, uma escrivaninha, armários que abrigavam livros de negócios e alguns documentos. Um largo sofá vermelho de marroquim obviamente servia de cama para Rogójin. Sobre a mesa junto à qual Rogójin o fez sentar, o príncipe notou dois ou três livros; um deles, a *História*, de Solovióv,⁹⁷ tinha encadernação em marroquim e estava assinalado por um marcador de páginas. Nas paredes, em molduras douradas e opacas, pendiam algumas pinturas a óleo escuras, fuliginosas, nas quais era muito difícil distinguir o que quer que fosse. Um retrato de corpo inteiro atraiu a atenção do príncipe: representava um homem de cerca de cinquenta anos, de sobrecasaca em estilo alemão, porém de abas compridas, com duas medalhas penduradas no pescoço, barbicha grisalha, curta e rala, rosto enrugado e amarelo, olhar desconfiado, dissimulado e aflito.

— Esse não era o seu pai? — perguntou o príncipe.

— É o próprio — respondeu Rogójin com um sorrisinho amargo, como se estivesse preparando, às pressas, algum gracejo desaforado a respeito do pai falecido.

— Então ele era adepto dos Velhos Crentes?⁹⁸

— Não, ele ia à igreja, mas é verdade que dizia que a Velha Crença era mais correta. Ele também tinha muito respeito pelos castrados. Este lugar

aqui era o seu escritório. Mas por que você perguntou se ele era um Velho Crente?

— Você vai celebrar o casamento aqui?

— A-a-aqui — respondeu Rogójin, que quase estremeceu com a pergunta inesperada.

— Em breve?

— Você bem sabe que não depende de mim, não é?

— Parfion, eu não sou seu inimigo e não tenho a menor intenção de atrapalhar você. E agora eu repito o mesmo que eu já disse uma vez, num momento quase igual a este. Em Moscou, quando o seu casamento estava sendo preparado, eu não atrapalhei você, e você sabe disso. Na primeira vez, foi *ela* mesma que se atirou sobre mim, fugiu quase debaixo da coroa, dizendo “me salve”. Estou repetindo para você as próprias palavras dela. Depois, ela fugiu de mim também, você a encontrou e a levou de novo para se casarem e, então, pelo que dizem, mais uma vez, ela fugiu para cá. É verdade? Foi o que o Liébediev me contou e foi por isso que eu vim. Mas que, aqui, vocês dois estão se dando bem de novo, isso eu só soube ontem à noite, no trem, graças a um de seus antigos parceiros, o Zaliójev, se quer saber. E eu vim para cá com a seguinte intenção: eu queria, finalmente, convencê-la a partir para o exterior, a fim de tratar da saúde; ela está muito abalada, de corpo e alma, sobretudo a cabeça, e a meu ver precisa de sérios cuidados. Eu mesmo não queria ir com ela para o exterior, eu tinha em mente organizar tudo para ela, mas eu mesmo não vou viajar. Estou dizendo a você a pura verdade. E se for, de fato, verdade que vocês dois, mais uma vez, se entenderam acerca dessa questão, eu não vou mais aparecer diante dos olhos dela e nunca mais virei ver você. Bem sabe que eu não estou enganando você, porque sempre fui sincero. Os meus pensamentos sobre isso, eu nunca os escondi de você e eu sempre disse que, *para ela*, casar

com você será fatalmente a destruição. E para você também vai ser a destruição... e talvez ainda pior do que será para ela. Se vocês se separassem de novo, eu ficaria muito contente; mas não tenho intenção de perturbar e atrapalhar vocês. Fique tranquilo e não desconfie de mim. Você mesmo sabe: eu nunca fui seu rival *verdadeiro*, mesmo naquela vez em que ela se refugiou na minha casa. E, veja, agora você riu; e eu sei do que riu. Nós morávamos separados, em cidades diferentes, e você sabe disso tudo com *certeza*. Afinal, já expliquei para você, antes, que eu “não a amo, só tenho pena dela”. Acho que deixei isso bem claro. Na ocasião, você me disse que compreendia as minhas palavras; é verdade? Entendeu mesmo? Veja só com que ódio você está olhando para mim! Eu vim aqui para tranquilizá-lo, porque você me é caro. Eu gosto muito de você, Parfion. E agora eu vou embora e nunca mais voltarei. Adeus.

O príncipe levantou-se.

— Fique um pouco aqui comigo — disse Parfion, em voz baixa, sem se levantar, e apoiou a cabeça na mão direita. — Faz muito tempo que eu não vejo você.

O príncipe sentou-se. Os dois ficaram em silêncio, outra vez.

— Quando eu não tenho você na minha frente, na mesma hora sinto raiva de você, Liev Nikoláievitch. Nos três meses que fiquei sem ver você, o tempo todo, eu senti raiva de você, juro. Eu seria capaz até de envenenar você! Veja só. E agora você não está nem quinze minutos comigo e toda a minha raiva passou e, como antes, você de novo é uma pessoa cara para mim. Fique um pouco aqui comigo...

— Quando eu estou com você, então você acredita em mim, mas quando não estou, você logo deixa de acreditar e, de novo, desconfia. Você puxou ao seu pai! — respondeu o príncipe, rindo amistosamente e tentando esconder seus sentimentos.

— Eu acredito na sua voz quando estou com você. Afinal, eu entendo que não se pode considerar que somos iguais, eu e você...

— Por que acrescentou isso? Pronto, ficou irritado de novo... — disse o príncipe, admirado com Rogójin.

— É porque, no caso, meu caro, ninguém perguntou qual era a nossa opinião — respondeu. — Decidiram sem nos consultar. Olhe, nós também amamos de formas diferentes, em tudo existe uma diferença — prosseguiu em voz baixa, depois de um breve silêncio. — Você diz que a ama por compaixão. Pois em mim não existe nenhuma compaixão por ela. Ainda por cima, ela me odeia mais do que tudo no mundo. Agora, eu sonho com ela todas as noites: ela sempre está rindo de mim, junto com alguém. É assim, meu caro. Ela vai se casar comigo, só que ela se esquece até de pensar em mim, é a mesma coisa que trocar de sapato. Acredita que faz cinco dias que não a vejo? Eu não me atrevo a ir à sua casa, porque ela vai me perguntar: “Para que você veio aqui?”. Ela já me fez passar vergonha demais...

— Como assim, passar vergonha? O que está dizendo?

— Como se não soubesse! Afinal, foi para ir ao seu encontro que ela fugiu de mim, “debaixo da coroa”, como você mesmo falou, agora há pouco.

— Mas você mesmo não acredita que...

— E por acaso, em Moscou, ela não me cobriu de vergonha, por causa de um oficial, o Zemtiújnikov? Eu sei muito bem que ela me cobriu de vergonha, e fez isso depois de ter marcado, ela mesma, a data do casamento.

— Não pode ser! — gritou o príncipe.

— Eu sei com certeza — retrucou Rogójin, convicto. — Vai dizer que ela não é uma mulher desse tipo? Meu caro, não é o caso, agora, de dizer que ela não é desse tipo. Isso não passa de um absurdo. Com você, ela não vai

ser assim e talvez ela mesma se horrorize com uma história desse tipo, mas comigo ela é exatamente assim. Pois é. Ela olha para mim como se estivesse vendo o maior calhorda do mundo. Com o Keller, aquele oficial que luta boxe, ela inventou alguma coisa só para escarnecer de mim, eu sei com certeza... E você também não sabe o que foi que ela fez comigo em Moscou! E o dinheiro, o tanto de dinheiro que eu gastei...

— Pois é... como vai casar, agora?... Como vai ser depois? — perguntou o príncipe, com horror.

Rogójin olhou para o príncipe com ar desolado e terrível, e nada respondeu.

— Agora, já faz cinco dias que eu não vou à casa dela — prosseguiu, após um minuto de silêncio. — Tenho medo de que me expulsa de lá. Ela diz: “Eu sou dona de mim mesma; se quiser, eu expulso você daqui na mesma hora e vou para o exterior sozinha”. (Ela já me disse isso, que vai partir para o exterior) — comentou Rogójin, como que entre parênteses, e fitando o príncipe nos olhos de modo um tanto peculiar. — É verdade que, às vezes, ela só quer me assustar, ela vive zombando de mim, por uma coisa ou outra. Muitas vezes, se zanga comigo, de fato, fecha a cara, não me diz uma palavra; e é disso que eu também tenho medo. Há pouco tempo, pensei: não irei mais lá de mãos vazias, porém isso só serviu para ela zombar de mim, e depois ficou até com raiva. Ela deu à criada Kátia um presente que eu tinha trazido para ela, um xale tão requintado como ela nunca viu nem verá, mesmo se levar a vida mais luxuosa do mundo. E quanto a casar-se, ninguém pode nem aludir ao assunto. E, também, que noivo é esse, que tem até medo de ver a noiva? Então eu fico aqui e, quando não aguento mais, passo furtivamente diante do edifício dela, andando pela rua, ou dobro a esquina, onde fico escondido. Outro dia, passei a noite toda, até quase clarear, junto ao portão dela, e aí, na imaginação, me pareceu ver

alguma coisa. Ela vinha espiar pela janelinha e dizia: “O que você faria comigo, se descobrisse uma traição?”. Eu não me continha mais e dizia: “Você bem sabe”.

— O que é que ela sabe?

— E como é que eu vou saber? — Rogójin deu uma risada maldosa. — Em Moscou, eu não consegui apanhá-la em flagrante com ninguém, por mais que eu tenha tentado. Na ocasião, uma vez, eu disse para ela: “Você vai casar comigo, vai se incorporar a uma família decente, mas sabe que tipo de mulher é você, agora? Olhe aqui o tipo de mulher que você é!”.

— Você falou assim com ela?

— Falei.

— E aí?

— Ela disse: “Agora, eu não quero você para mim, talvez, nem como laçao, muito menos como marido”. E eu respondi: “Pois eu não vou embora, e acabou-se!”. “Eu vou já procurar o Keller”, disse ela, “e vou dizer para ele escorraçar você portão afora.” Aí eu pulei em cima dela e bati muito, até deixar manchas roxas.

— Não pode ser! — gritou o príncipe.

— Estou dizendo: foi assim — confirmou Rogójin em voz baixa, mas com os olhos faiscantes. — Passei um dia e meio sem dormir, sem comer, sem beber, não saía do quarto, me pus de joelhos diante dela: “Eu vou morrer, eu não vou embora enquanto você não me perdoar e, se mandar que me ponham para fora, eu vou me afogar; por que vou ter de ficar sem você, agora?”. Ela passou aquele dia inteiro como uma louca, ora chorava, ora pegava uma faca para me matar, ora me xingava. Chamou o Zaliójev, o Keller e o Zemtiújnikov, chamou todos eles, e me mostrava para eles e me cobria de vergonha. “Venham, senhores, hoje todo o bando vai ao teatro, e quanto a ele, já que não quer sair, que fique aqui, eu não estou presa a ele.

Parfion Semiónitch, vão servir chá para você tomar sozinho, sem mim, você deve estar com fome, hoje.” Ela voltou sozinha do teatro. “Eles são uns pulhas, uns covardezinhos, têm medo de você, ficam me assustando. Dizem: Desse jeito, ele não irá embora, ele pode até cortar o seu pescoço. E eu, olhe só, eu vou para o meu quarto e nem vou trancar a porta: está vendo como morro de medo de você? É para que você veja bem e saiba disso! Tomou o chá?” Eu respondo: “Não, nem vou tomar”. “A honra seria mesmo uma coisa supérflua, no seu caso, e já não combina muito com você.” E ela agiu tal como disse que faria: não trancou a porta do quarto. De manhã, saiu, dando risadas: “Você ficou doido ou o quê?”, perguntou. “Desse jeito, vai morrer de fome!” “Me perdoe”, eu disse. “Não quero perdoar, não vou casar com você, eu já disse. Será possível que passou a noite inteira nessa poltrona, sem dormir?” “Não, eu não dormi.” “Mas que cabeça! Será que não vai beber nem comer outra vez?” “Eu disse que não vou... me perdoe!” “Puxa, mas isso não combina com você. Se você soubesse. É que nem pôr uma sela numa vaca. Não me diga que inventou de me assustar? Acha que eu fico muito infeliz de ver você passando fome? Puxa, que medo você me dá!” Ela se irritou, mas por pouco tempo, logo passou a me atormentar outra vez. E aí eu me admirei com ela, ao ver que ela não tinha absolutamente aquele rancor todo. E, afinal, ela guarda rancor dos outros, sim, e guarda por muito tempo! E então me veio à cabeça que ela me tinha em tão baixa conta que nem conseguia guardar muito rancor de mim. E essa é a verdade. Ela disse: “Você sabe o que é o papa de Roma?”. Respondi: “Já ouvi falar”. “Parfion Semiónitch, você não estudou nada de história geral.” “É, eu não estudei nada.” “Então vou ler uma coisa para você: houve um papa que se zangou com um imperador e, aí, o imperador ficou três dias de joelhos na frente do palácio do papa, sem comer, sem beber, descalço, até que o papa o perdoasse; pois bem, sabe no que foi que aquele imperador

ficou pensando, durante aqueles três dias, de joelhos, e que promessas ele fez?... Espere aí, eu mesma vou ler para você!” Ela se levantou de um pulo e pegou um livro: “É um poema”. E começou a ler para mim os versos que contavam como o tal imperador, naqueles três dias, jurou vingar-se do papa.⁹⁹ Ela disse: “Será que você, Parfion Semiónovitch,¹⁰⁰ não gosta disso?”. “Tudo isso que você leu é verdade.” “Ah, você mesmo diz que é verdade, portanto, quem sabe você também possa fazer uma promessa: quando ela casar comigo, eu vou lembrar tudo isso para ela e, aí, sou eu que vou zombar dela!” Eu disse: “Não sei, pode ser que eu pense assim”. “Como não sabe?” “Sei lá, não sei, não é nisso que ando pensando, agora.” “E no que é que você anda pensando?” “Olhe só, você se levanta, passa por mim, eu olho para você e sigo os seus movimentos; o seu vestido faz um rumor e o meu coração desfalece, mas você sai do quarto e eu me lembro de cada palavra sua, da sua voz, do que você disse, mas essa noite inteira eu não pensei em nada, fiquei só escutando como você respirava e como se remexeu umas duas ou três vezes.” Ela riu: “Quem sabe você não fica pensando e lembrando que me espancou?”. “Pode ser que eu pense nisso, não sei.” “E se eu não o perdoar e não me casar com você?” “Eu já disse, eu me afogo.” “Mas talvez me mate, antes disso...” Ela falou e se pôs pensativa. Depois, se irritou e saiu. Uma hora mais tarde, ela veio me ver e estava muito soturna. Disse: “Eu vou casar com você, Parfion Semiónovitch, não porque eu tenha medo de você, mas porque, de um jeito ou de outro, a gente tem de morrer mesmo. E qual é o jeito melhor? Sente-se, agora vou servir o jantar para você. E, se eu casar com você, vou ser uma esposa fiel, disso não duvide, não se preocupe”. Depois, se calou um pouco e disse: “Ainda assim, você não é um laçao; antes, eu achava que você era um perfeito laçao, no sentido próprio da palavra”. E então ela marcou o casamento e, uma semana depois, fugiu de mim, veio para cá,

para a casa do Liébediev. Quando cheguei, ela me disse: “Eu não rejeitei você, nada disso; só quis esperar um pouco mais, o tempo que eu bem entender, porque ainda sou a dona da minha própria vida. E você, que fique esperando, se quiser”. E é nesse pé que nós estamos agora... O que você pensa disso tudo, Liev Nikoláievitch?

— O que você mesmo pensa disso? — o príncipe devolveu a pergunta, olhando para Rogójin, com ar triste.

— E quem disse que eu penso? — esquivou-se. Ainda fez menção de acrescentar algo, mas calou-se, num desgosto sem remédio.

O príncipe levantou-se e, mais uma vez, preparou-se para sair.

— De todo jeito, eu não vou atrapalhar você — falou baixinho, quase como se estivesse pensando em voz alta, como se respondesse a algum pensamento interior secreto.

— Sabe, príncipe, eu vou lhe dizer uma coisa! — Rogójin se animou, de repente, e seus olhos começaram a brilhar. — Eu não entendo como você pode desistir dela a meu favor, desse jeito. Será que deixou de amá-la completamente? Apesar de tudo, você, antes, andava triste; afinal, eu vi. Então, para que veio correndo para cá, agora, feito um louco? Por compaixão? — E o rosto dele se contraiu todo, num escárnio raivoso. — He-he!

— Acha que eu estou enganando você? — perguntou o príncipe.

— Não, eu acredito em você, só que não estou entendendo nada, nesse caso. O mais certo de tudo é que a sua compaixão é ainda mais forte do que o meu amor!

Em seu rosto, acendeu-se algo rancoroso, que desejava, a qualquer preço, se expressar naquele momento.

— Isso acontece porque o seu amor não se distingue da raiva — sorriu o príncipe. — Mas, se esse amor passar, talvez a desgraça seja ainda pior.

Caro Parfion, eu já falei com você sobre isso...

— Que eu vou esfaqueá-la?

O príncipe estremeceu.

— Você vai odiá-la muito, por causa desse amor de agora, por causa de todo esse tormento que você está sofrendo. Para mim, o mais incrível de tudo é como ela pode querer casar com você, outra vez. Ontem, quando me contaram, eu mal pude acreditar, e fiquei muito aflito. Afinal, ela já renegou você duas vezes, fugiu já debaixo da coroa, então, quer dizer, existe aqui um pressentimento!... O que ela quer com você, agora? Será que é o seu dinheiro? Isso é absurdo. E esse dinheiro, com certeza, você já o desperdiçou em grande parte. Será que é só para ter um marido? Mas ela poderia arranjar outro marido, que não você. Qualquer um seria melhor do que você, porque você pode muito bem esfaqueá-la, e ela, eu acho, entende isso perfeitamente. Será porque você a ama com tanta força? Na verdade, pode ser isso... Ouvi dizer que existem mulheres que buscam exatamente esse tipo de amor... só...

O príncipe se deteve e ficou pensativo.

— Por que você sorriu de novo, ao olhar para o retrato do meu pai? — perguntou Rogójin, que observava de modo extremamente atento a menor alteração e qualquer expressão fugaz no rosto do príncipe.

— Por que eu sorri? É que me veio à cabeça a ideia de que, se não tivesse acontecido essa calamidade com você, se não tivesse ocorrido esse amor, na certa você ficaria exatamente igual ao seu pai, e isso num tempo muito curto. Você ficaria sozinho, calado, nesta casa, com sua esposa obediente e muda, um homem de fala bruta e poucas palavras, que não acredita em ninguém, e que até não tem nenhuma necessidade de acreditar em alguém, calado, soturno, apenas dedicado a acumular dinheiro. Só faria elogios, no

máximo, a livros antigos, se interessaria pelo sinal da cruz feito com dois dedos¹⁰¹ e, quem sabe, só quando chegasse a velhice...

— Você pode zombar. Pois, olhe, foi exatamente isso, palavra por palavra, que ela me disse há pouco tempo, quando olhou para esse mesmo retrato! É incrível como vocês, agora, concordam em tudo...

— Mas, então, ela esteve aqui na sua casa? — indagou o príncipe, curioso.

— Esteve. Ficou olhando muito tempo para o retrato, fez perguntas sobre o falecido. “Você seria exatamente igual a ele”, e ela sorriu para mim, no final. “Você tem paixões fortes, Parfion Semiónitch, paixões que fariam você ser mandado direto para a Sibéria, para os trabalhos forçados, e bem depressa, se você não tivesse também inteligência, porque você tem uma grande inteligência.” Foi assim mesmo que ela falou, acredite ou não. Foi a primeira vez que ouvi dela essas palavras! “Em pouco tempo, você deixaria para trás todas essas futilidades de agora. E como você é um homem sem nenhuma instrução, passaria a acumular dinheiro e, como seu pai, ficaria nesta casa, com os seus castrados; talvez acabasse até se convertendo à crença deles, no final, e ficaria tão apaixonado pelo seu dinheiro que juntaria não dois milhões, mas, quem sabe, dez milhões, e morreria de fome, em cima dos seus sacos de dinheiro, porque em tudo você põe paixão, você conduz tudo até a paixão.” Foi exatamente assim que ela falou, quase palavra por palavra. Nunca havia falado comigo desse jeito! Pois comigo ela só fala de bobagens, ou então fica de zombaria; e mesmo dessa vez ela logo começou a rir e, depois, ficou muito soturna; andou por toda esta casa, observando, parecia assustada com alguma coisa. “Eu vou mudar tudo isso”, eu falei, “vou reformar, ou, quem sabe, eu compro outra casa, antes do casamento.” Ela respondeu: “Nã-não, não mude nada, aqui, nós vamos viver assim. Quero morar ao lado da sua mãe, quando eu for sua

esposa.” Eu a levei para conhecer a mamãe, mostrou-se respeitosa com ela, como uma filha. Já faz algum tempo, uns dois anos, que minha mãe não parece boa da cabeça, está doente; com a morte do meu pai, ela ficou igualzinha a uma criança pequena, sem fala: fica sentada, não aguenta ficar de pé, e cumprimenta com a cabeça qualquer pessoa que apareça; dá a impressão de que, se ninguém lhe der comida, é capaz de passar três dias sem perceber. Eu segurei a mão direita da mamãe, cruzei meus dedos nos dedos dela, e disse: “Dê sua bênção, mãezinha, ela vai casar comigo”; então, com sentimento, ela beijou a mão de minha mãe. “A sua mãe suportou muitos desgostos, com certeza.” Ela viu este meu livro aqui e disse: “O que é isso, começou a ler *A história russa*?” (Ela mesma, em Moscou, uma vez, me disse: “Você devia se instruir um pouco, pelo menos podia ler *A história russa*, de Solovióv, porque você não sabe nada”.) E aí ela me disse: “Isso é bom, faça isso mesmo, leia. Eu mesma vou preparar uma listinha dos livros que você precisa ler, antes de qualquer coisa; quer ou não quer?”. E nunca, nunca antes ela havia falado comigo desse jeito, a tal ponto que eu até me admirei; pela primeira vez, respirei como gente.

— Eu fico muito contente com isso, Parfion — disse o príncipe, com um sentimento sincero. — Muito contente. Quem sabe, talvez Deus consinta em unir vocês.

— Isso nunca vai acontecer! — gritou Rogójin, exaltado.

— Escute, Parfion, se você a ama tanto assim, como pode não desejar merecer o respeito dela? E, se quer, como pode não ter esperança disso? Olhe, agora há pouco eu disse que há nisso tudo, a meu ver, um enigma incrível: por que ela vai casar com você? Porém, mesmo que eu não consiga achar a solução, ainda assim, para mim, não há dúvida de que deve haver, aqui, é inevitável, uma causa suficiente e racional. Ela está convencida do amor que você tem por ela. Mas também está convencida de que você tem

alguns méritos. Do contrário, seria impossível! O que você acabou de dizer confirma isso. Você mesmo afirmou que ela descobriu que é possível falar com você numa língua completamente distinta daquela que usava antes, quando queria se dirigir a você e conversar. Você é desconfiado e ciumento, por isso exagerou tudo o que percebeu de ruim. Mas é claro que ela não pensa tão mal de você como está me dizendo. Do contrário, isso significaria que ela, ao casar com você, estaria condenando a si mesma, de forma consciente, a morrer afogada ou esfaqueada. E será que isso é possível? Quem é que procura, conscientemente, se afogar ou ser esfaqueado?

Parfion escutou com um sorriso amargo as palavras aflitas do príncipe. Parecia que a convicção de Rogójin já estava firmada, e de forma inexorável.

— Como você está me olhando com ar sofrido, Parfion! — O príncipe se expressou com um sentimento doloroso.

— Afogada ou esfaqueada! — exclamou Rogójin, afinal. — He! Mas é por isso mesmo que ela vai se casar comigo, porque, de mim, ela espera a faca! Mas será mesmo possível que você, príncipe, até agora, não se deu conta do que está em questão, realmente, em toda essa história?

— Eu não estou entendendo você.

— Puxa, vai ver ele não está entendendo mesmo, he-he! Bem que dizem que você é meio... ruim da cabeça. Ela ama outro: é isso, entenda! Exatamente como eu a amo agora, assim também ela, agora, ama outro. E esse outro, você não sabe quem é? É *você*! Será possível que não sabia disso?

— Eu?

— Você. Ela se apaixonou por você desde aquele dia do aniversário. Só que ela acha que é impossível casar com você, porque ela iria cobrir você de vergonha e destruir todo o seu destino. Ela diz: “Todo mundo sabe que

tipo de mulher eu sou”. Até hoje, é isso que ela afirma. Pois foi ela mesma que disse tudo isso bem na minha cara. Tem medo de cobrir você de vergonha e destruir o seu destino, mas comigo, tudo bem, ela pode casar, não tem importância... Está vendo como ela me tem em alta conta? Tome nota disso também!

— Mas, então, como foi que ela fugiu de você para mim e, depois, fugiu de mim...

— Fugiu de você para mim! He! Quanta coisa passa pela cabeça dela, de uma hora para outra! Agora mesmo, ela parece que vive febril o tempo todo. E grita para mim: “Vou casar com você como se fosse me afogar. Ande logo com esse casamento!”. Ela mesma apressa a data, marca o casamento, mas, quando o dia começa a se aproximar, ela se assusta, ou então lhe vêm outras ideias, Deus sabe o que acontece, pois, afinal, você mesmo viu: ela chora, ri, se debate toda, febrilmente. E o que há de extraordinário no fato de ela fugir de você? Naquela hora, ela fugiu de você, porque ela mesma se deu conta de que ama você demais. Estava acima das suas forças ficar com você. Agora há pouco, você disse que eu procurei por ela, em Moscou; não é verdade, ela mesma fugiu de você para mim, e me disse: “Marque o dia, estou pronta! Sirva o champanhe! Vamos aos ciganos!”, ela gritou. Se não fosse eu, faz tempo que ela teria se afogado; estou falando a verdade. Ela não se afoga porque, de mim, talvez receba algo ainda mais terrível. É de raiva que ela vai casar comigo... Se ela casar, e isso eu afirmo e com toda a certeza, é *de raiva* que vai casar.

— Mas como é que você... como é que você...? — gritou o príncipe, sem terminar a pergunta. Olhou para Rogójin com horror.

— Por que não termina? — acrescentou Rogójin, com um sorrisinho. — Se quiser, eu vou lhe dizer o que você está pensando, neste exato instante.

“Ora essa, como ela pode casar com ele, agora? Como é possível permitir que ela faça uma coisa dessas?” Está bem claro o que você está pensando...

— Não foi para isso que vim aqui, Parfion, eu garanto a você, não era isso que eu tinha em mente...

— Pode ser que não tenha sido por isso, e talvez não fosse mesmo isso que você tinha em mente, só que agora o motivo passou a ser esse, com toda a certeza, he-he! Bem, chega! Por que ficou tão abalado? Será possível que não sabia mesmo de nada? Você me espanta!

— Tudo isso são os ciúmes, Parfion, tudo isso é uma doença, você exagerou tudo isso, e de uma forma desmedida... — balbuciou o príncipe, numa comoção extraordinária. — O que há com você?

— Deixe isso aí — exclamou Parfion e, rapidamente, arrancou das mãos do príncipe uma faquinha que ele pegara na mesa, junto ao livro, e a colocou de novo no mesmo lugar de antes.

— Quando vim para Petersburgo, parece que eu já sabia, é como se eu pressentisse... — prosseguiu o príncipe. — Eu não queria vir para cá! Queria esquecer tudo o que houve aqui, queria extirpar tudo isso do coração! Muito bem, adeus... Mas o que você tem?

Enquanto falava, o príncipe, em sua distração, pegou nas mãos, outra vez, a mesma faquinha que estava na mesa e, de novo, Rogójin tomou-a dele e a colocou sobre a mesa. Era uma faquinha de formato muito simples, de cabo de chifre de cervo, de lâmina fixa, com uns três *verchok* e meio de comprimento e de largura correspondente.

Ao ver que o príncipe estava prestando especial atenção no fato de ele haver tomado aquela faquinha de suas mãos duas vezes, Rogójin, com irritação furiosa, agarrou a faquinha, colocou-a entre as páginas do livro e o jogou sobre outra mesa.

— São as folhas do livro que você abre com essa faca?¹⁰² — perguntou o príncipe, mas de modo um tanto distraído, como se ainda estivesse sob a pressão de pensamentos carregados.

— É sim, corto as folhas do livro.

— Mas essa é uma faca de jardim, não é?

— É, de jardim. Por acaso não se pode cortar as folhas de um livro com uma faca de jardim?

— Mas ela está... novinha.

— E o que tem se ela é novinha? Por acaso eu não posso comprar uma faca nova? — gritou Rogójin, enfim, numa espécie de frenesi, mais exasperado a cada palavra.

O príncipe sobressaltou-se e olhou fixo para Rogójin.

— Ah, a gente tem cada ideia! — e riu, de súbito, recuperando o bom senso. — Desculpe, meu caro, quando a minha cabeça fica pesada como está agora, e ainda por cima com essa minha doença... eu acabo ficando totalmente distraído e ridículo. Não era nada disso que eu queria perguntar... e nem lembro mais o que era. Adeus...

— Não é por aí — disse Rogójin.

— Esqueci!

— Por aqui, por aqui, vamos, eu mostro.

Atravessaram os mesmos cômodos que o príncipe já havia percorrido; Rogójin caminhava um pouco à frente, o príncipe vinha atrás. Entraram num salão. Nas paredes, havia alguns quadros, todos eram retratos de bispos e paisagens nas quais não se conseguia distinguir nada. No cômodo seguinte, acima da porta, pendia um quadro de formato bastante estranho, cerca de dois *archin* e meio de comprimento e não mais de seis *verchok* de altura.¹⁰³ Representava o Salvador, pouco depois de ser retirado da cruz. O príncipe olhou para o quadro de relance, teve a impressão de se lembrar de algo, mas não se deteve, queria seguir logo para a porta. Sentia-se muito mal e desejava sair daquela casa o quanto antes. No entanto, de súbito, Rogójin parou na frente daquele quadro.

— Olhe só, todos estes quadros aqui — disse ele —, o meu falecido pai comprou todos eles em leilões, por um rublo, dois rublos, ele adorava isso. Um sujeito entendido no assunto examinou todos eles: é lixo, disse ele, mas este aqui, olhe bem, este acima da porta, também comprado por dois rublos, este não é lixo, disse ele. Houve um sujeito que ofereceu ao meu pai trezentos e cinquenta rublos pelo quadro, e o Ivan Dmítritch Saviéliev, um comerciante, grande apreciador de pintura, chegou a oferecer quatrocentos rublos, e ainda na semana passada ele chegou a oferecer quinhentos ao meu irmão Semion Semiónitch. Mas guardei esse quadro para mim.

— Mas isso... é uma cópia de um quadro de Hans Holbein — disse o príncipe, que já tivera tempo de observar a pintura. — Ainda que eu entenda muito pouco do assunto, me parece uma cópia excelente. Eu vi esse quadro no exterior e não consigo esquecer. Mas... o que você...

De repente, Rogójin deixou o quadro para trás e seguiu adiante, pelo mesmo caminho. É claro que a irritação e o ânimo exasperado, tão estranho e peculiar, que tomaram conta de Rogójin de forma tão repentina poderiam explicar aquele ímpeto abrupto; todavia, pareceu ao príncipe um tanto bizarro que uma conversa que não tinha sido iniciada por ele fosse cortada de modo tão brusco e que Rogójin nem sequer tivesse lhe dado uma resposta.

— Sabe, Liev Nikoláitch,¹⁰⁴ faz muito tempo que eu queria perguntar se você acredita em Deus ou não. — De uma hora para outra, depois de dar alguns passos, Rogójin voltou a falar.

— Que jeito estranho de perguntar e... de olhar! — O príncipe não pôde deixar de perceber.

— Eu gosto de ficar olhando para esse quadro — murmurou Rogójin, depois de um breve silêncio, como se tivesse esquecido, de novo, sua pergunta.

— Para esse quadro! — gritou o príncipe, de repente, sob o efeito de um pensamento inesperado. — Para esse quadro! Mas, por causa desse quadro, uma pessoa pode até perder sua fé!

— E vai perder mesmo — corroborou Rogójin, de modo abrupto. Os dois já haviam chegado à porta de saída.

— Como assim? — o príncipe parou, de repente. — O que você tem? Eu estava quase brincando, mas você falou tão sério! E por que você me perguntou se eu acredito em Deus?

— Por nada, só por perguntar. Eu já queria perguntar desde antes. Afinal, hoje em dia, muita gente não acredita. E será mesmo verdade (afinal, você já viveu no exterior) o que um sujeito embriagado me falou, um dia, que aqui na Rússia há mais pessoas que não acreditam em Deus do que nos outros países? Ele disse: “Para nós, nesse aspecto, é mais fácil do que para eles, porque nós fomos mais longe do que eles...”.

Rogójin sorriu, mordaz; depois de fazer sua pergunta, abriu a porta, de repente e, segurando a tranca, esperou que o príncipe saísse. O príncipe ficou surpreso, porém saiu. Rogójin foi atrás dele, para o patamar da escada, e apenas encostou a porta às suas costas. Os dois se viram cara a cara e, por suas feições, pareciam ter esquecido onde estavam e o que deviam fazer.

— Adeus — disse o príncipe, estendendo a mão.

— Adeus — exclamou Rogójin, enquanto apertava, de modo mecânico e ausente, a mão estendida para ele.

O príncipe desceu um degrau e virou-se para trás.

— E quanto à fé — começou, com um sorriso (era óbvio que não queria deixar Rogójin daquele modo) e, além disso, animou-se sob o efeito de uma recordação repentina —, e quanto à fé, na semana passada, eu tive quatro encontros em dois dias. De manhã, viajei por uma ferrovia nova e, durante umas quatro horas, conversei com um certo sr. S., que conheci ali mesmo, no vagão. Eu já ouvira falar muito dele e, entre outras coisas, diziam que era ateu. De fato, é uma pessoa muito culta e eu me alegrei de poder conversar com um verdadeiro erudito. Além disso, é um homem primorosamente bem-educado, tanto assim que conversou comigo como se eu tivesse o mesmo nível de inteligência e conhecimento que ele. Não acredita em Deus. E o que me impressionou foi só uma coisa: o tempo todo, parecia não estar falando desse assunto; e antes, também, sempre que eu

encontrava pessoas que não creem e sempre que eu lia os livros escritos por essas pessoas, era exatamente isso o que me impressionava, pois eu tinha sempre a impressão de que elas não estavam falando nem escrevendo a respeito desse assunto, embora o assunto fosse esse. E foi isso que eu disse para ele, naquela ocasião, mas não devo ter sido claro ou não soube me expressar, porque ele não compreendeu nada... À noite, eu me hospedei num hotel de província para pernoitar e, ali, tinha acabado de ocorrer um assassinato, uma noite antes, de modo que, quando cheguei, todos só falavam daquele caso. Dois camponeses já de certa idade, que não estavam bêbados e eram conhecidos e amigos havia muito tempo, beberam chá e quiseram dormir juntos, no mesmo quartinho. Mas um deles, nos últimos dois dias, vinha reparando num relógio de prata do outro, preso num cordão amarelo, de contas, um relógio que, pelo visto, ele antes não possuía. O homem não era ladrão, era até honesto e, pelos padrões camponeses, nada tinha de pobre. Só que ele gostou daquele relógio a tal ponto, e se viu seduzido por ele de tal maneira, que acabou não se contendo: pegou uma faca e, quando o amigo se virou, aproximou-se com cuidado pelas costas, preparou o golpe, ergueu os olhos para o céu, fez o sinal da cruz e, depois de murmurar para si uma prece amarga, “Senhor, me perdoe, em nome de Cristo!”, degolou o amigo de um só golpe, como se fosse um carneiro, e tomou o relógio.

Rogójin chegou a se sacudir com a própria gargalhada. E tanto gargalhou que pareceu sofrer uma espécie de convulsão. Chegava a ser estranho ver aquelas risadas, depois de seu ânimo soturno de pouco antes.

— Veja, é disso que eu gosto! Não, isso é o melhor de tudo! — berrava ele, convulsivamente, quase sufocando. — Uma pessoa não acredita em Deus nem um pouco e a outra acredita em Deus a tal ponto que reza até

para matar os outros... Não, caro príncipe, nem dá para imaginar uma coisa dessas! Ha-ha-ha! Não, isso é o melhor de tudo!...

— De manhã, eu fui dar uma volta pela estrada — prosseguiu o príncipe, tão logo Rogójin parou, embora o riso ainda tremesse em seus lábios, de forma convulsiva e espasmódica. — Eu vi que um soldado bêbado cambaleava pela calçada de madeira, com um aspecto completamente andrajoso. Chegou perto de mim: “Senhor, compre esta cruz de prata, eu vendo só por dois rublos; é de prata!”. Olhei para a cruz na mão dele, na certa ele havia acabado de arrancá-la do pescoço, estava presa numa fitinha azul, muito gasta, só que a cruz era feita de puro estanho, notava-se logo ao primeiro olhar, de formato grande, uma cruz de oito pontas, o desenho bizantino completo. Peguei uma moeda de vinte copeques e dei para ele e, na mesma hora, pendurei a cruz no meu pescoço... e, pelo rosto do soldado, era evidente que tinha ficado satisfeito por ter enganado um rico tolo, e foi logo gastar com bebida todo o dinheiro da sua cruz, disso não havia a menor dúvida. Naquela altura, meu caro, eu estava sob o mais forte efeito de tudo o que havia jorrado em cima de mim, aqui na Rússia; antes, eu não a compreendia nem um pouco, era como se tivesse crescido sem aprender a falar e, durante aqueles cinco anos que passei no exterior, eu tinha recordações um tanto fantasiosas sobre a Rússia. Então, fui andando e pensei: Não, eu vou esperar um pouco, antes de julgar esse vendedor de Cristo. Afinal, Deus sabe o que se abriga nos corações dessas pessoas bêbadas e fracas. Uma hora depois, quando eu voltava para o hospital, esbarrei com uma camponesa que levava nos braços uma criança de peito. A mulher ainda era jovem, o bebê devia ter umas seis semanas. O bebê sorriu para ela pela primeira vez desde seu nascimento, segundo a mulher contou. Eu olhei e, de repente, a mulher fez o sinal da cruz com o ar mais piedoso do mundo. “O que há com você, minha jovem?” (É que, naquela

altura, eu fazia perguntas o tempo todo.) Ela respondeu: “Sabe, é que a alegria que a mãe sente quando recebe, pela primeira vez, um sorriso do seu bebê é igual à alegria de Deus toda vez que, lá do céu, vê um pecador se pôr diante dele para rezar com todo seu coração”. Foi o que a camponesa me disse, quase exatamente com essas palavras, um pensamento tão profundo, tão preciso e de uma religiosidade tão genuína, no qual se exprimiu, de uma só vez, toda a essência do cristianismo, ou seja, todo o entendimento a respeito de Deus como nosso Pai e a respeito da alegria de Deus com os seres humanos, como um pai em relação aos seus filhos... A ideia mais importante de Cristo! Uma simples camponesa! Na verdade, era mãe... e, quem sabe, vai ver ela era a esposa daquele mesmo soldado. Escute, Parfion, agora há pouco, você me fez uma pergunta. Pois aqui está a minha resposta: a essência do sentimento religioso não cabe em nenhum raciocínio nem em nenhuma transgressão ou crime, e também não cabe em nenhum ateísmo; aqui, existe e existirá sempre algo que fica fora disso; aqui, existe algo de que os ateísmos irão eternamente passar ao largo e de que, eternamente, não conseguirão falar. Porém o mais importante é que isso se percebe mais depressa e com mais clareza no coração russo, e esta é a minha conclusão! Esta é uma das primeiras convicções que formei, aqui na nossa Rússia. Há coisas a serem feitas, Parfion! Há coisas a serem feitas em nosso mundo russo, acredite em mim! Lembra como, naquele tempo, em Moscou, nós nos encontrávamos e conversávamos?... Pois eu não queria, de jeito nenhum, voltar agora para cá! E eu não pensava, nem de longe, em encontrar você!... Pois bem, aí está!... Adeus, até a vista! Que Deus não abandone você!

Deu as costas e desceu pela escada

— Liev Nikoláievitch! — gritou Parfion, de cima, quando o príncipe alcançou o primeiro patamar. — Aquela cruz que você comprou do soldado,

você está com ela no pescoço?

— Sim, estou.

E o príncipe parou, de novo.

— Mostre aqui.

“Outra vez, mais uma esquisitice!”, pensou ele, enquanto subia os degraus de volta e mostrava sua cruz para Rogójin, sem retirá-la do pescoço.

— Dê para mim — disse Rogójin.

— Por quê? Será que você...

O príncipe não queria separar-se daquela cruz.

— Vou usar no pescoço, e vou lhe dar a minha, para você usar.

— Quer trocar de cruces? Claro, Parfion, se você quer, isso me deixa contente; vamos ser irmãos!¹⁰⁵

O príncipe retirou sua cruz de estanho, Parfion, sua cruz de ouro, e fizeram a troca. Parfion se manteve em silêncio. O príncipe, com pesada surpresa, percebeu que a desconfiança anterior e o anterior sorriso amargo e quase sarcástico ainda pareciam persistir no rosto do seu novo irmão adotivo, pelo menos se manifestaram com força por alguns instantes. Afinal, Rogójin segurou a mão do príncipe, sem nada falar, e ficou parado daquele modo por algum tempo, como se estivesse indeciso; por fim, puxou o príncipe atrás de si, depois de falar com voz quase inaudível: “Vamos lá”. Atravessaram o patamar do primeiro andar e tocaram a campainha da porta situada bem em frente àquela pela qual haviam saído. Logo atenderam. Uma velhinha toda curvada e de preto, com a cabeça envolta num lenço, cumprimentou Rogójin com uma profunda reverência, sem nada dizer; Rogójin fez uma pergunta afobada e, sem esperar resposta, conduziu o príncipe adiante, através dos cômodos do apartamento. De novo, cruzaram cômodos escuros, de uma limpeza fria e fora do comum, mobiliados

também de maneira fria e severa, com móveis antigos, em capas limpas e brancas. Sem ser anunciado, Rogójin levou o príncipe direto para um cômodo pequeno, semelhante a uma sala, cortada ao meio por uma divisória lustrosa, de mogno, com duas portas nas extremidades, atrás da qual, na certa, ficava um dormitório. No canto da sala, junto à estufa, numa poltrona, estava sentada uma velhinha miúda, que até parecia não ser tão velha assim, de rosto bastante saudável, redondo e simpático, porém já de todo grisalha e (concluía-se logo ao primeiro olhar) imersa na mais completa senilidade. Usava um vestido preto de lã, um grande lenço preto no pescoço, touca branca lisa, com fitas pretas. Os pés estavam apoiados num banquinho. A seu lado, outra velhinha bem limpa, mais idosa que ela, também de luto e também de touca branca, que na certa vivia às custas da outra, e tricotava sua meia em silêncio. Com certeza, as duas se mantinham caladas o tempo todo. A primeira velha, ao ver Rogójin e o príncipe, sorriu para eles e os cumprimentou com a cabeça várias vezes, em sinal de satisfação.

— Mãezinha — disse Rogójin, depois de beijar sua mão. — Este é um grande amigo meu, o príncipe Liev Nikoláievitch Míchkin. Eu e ele trocamos nossas cruces; certa época, em Moscou, ele foi como um irmão, fez muito por mim. Dê sua bênção para ele, mãezinha, como se abençoasse o seu próprio filho. Espere, velhinha, olhe, assim, deixe que eu ajeite a sua mão...

Mas, antes que Parfion pudesse pegá-la, a velhinha ergueu a mão direita, juntou três dedos e abençoou o príncipe três vezes, com o sinal da cruz. Depois, com carinho e ternura, mais uma vez, cumprimentou-o com a cabeça.

— Pronto, vamos, Liev Nikoláievitch — disse Parfion. — Eu trouxe você só para isso...

Quando saíram de novo para a escada, ele acrescentou:

— Veja só, ela não entende nada que as pessoas falam e também não entendeu as minhas palavras, mas abençoou você; quer dizer que ela mesma quis fazer isso... Bem, adeus, está na hora, para mim e para você.

E abriu a porta.

— Mas deixe-me ao menos lhe dar um abraço de despedida, que homem estranho é você! — exclamou o príncipe, olhando para ele com censura afetiva, e quis abraçá-lo. Porém Parfion, mal ergueu os braços, logo os abaixou de novo. Não se atreveu; virou-se, a fim de não ter de olhar para o príncipe. Não quis abraçá-lo.

— Pode deixar! Embora eu tenha pegado a sua cruz, eu não vou esfaquear você por causa de um relógio! — murmurou, embaralhando as palavras, e riu de modo um tanto estranho. Mas, de repente, todo seu rosto se transfigurou; ele empalideceu horrivelmente, os lábios começaram a tremer, os olhos se inflamaram. Rogójin ergueu o braço, abraçou o príncipe com força e, sufocando, exclamou:

— Então, fique com ela, se é este o destino! Ela é sua! Eu desisto!... Lembre-se de Rogójin!

E, depois de soltar o príncipe, sem olhar para ele, entrou às pressas no apartamento e bateu a porta às suas costas.

V

Já era tarde, quase duas e meia, e o príncipe não conseguiu encontrar Epantchin em casa. Deixou seu cartão e resolveu ir ao hotel Viéssi e perguntar por Kólia; se não estivesse lá, deixaria um bilhete para ele. No hotel Viéssi, disseram que Nikolai Ardaliónovitch “tinha saído ainda pela manhã, meu senhor, mas, ao sair, avisara que, caso alguém perguntasse por ele, deveriam dizer, meu senhor, que ele estaria de volta às três horas, talvez. Se ele não aparecesse até três e meia, significaria que tinha pegado o trem para Pávlovsk, a fim de ir à datcha da generala Epantchina, meu senhor, e lá ficaria para jantar”. O príncipe sentou para esperar e aproveitou para pedir o almoço.

Às três e meia, e mesmo às quatro horas, Kólia não apareceu. O príncipe saiu e se pôs a caminhar mecanicamente, sem destino. Em Petersburgo, no início do verão, às vezes, há dias maravilhosos — claros, quentes, aprazíveis. Como que de propósito, era um daqueles raros dias. Durante algum tempo, o príncipe vagou sem rumo. Não conhecia bem a cidade. Volta e meia se detinha em cruzamentos, diante de certos prédios, em praças e pontes; a certa altura, entrou numa confeitaria para descansar. De quando em quando, com grande curiosidade, punha-se a observar os passantes; porém, na maioria das vezes, não se dava conta nem das pessoas que vinham da direção para onde ele estava caminhando. Encontrava-se numa

inquietação e numa tensão torturantes e, ao mesmo tempo, sentia uma necessidade extraordinária de solidão. Desejava ficar sozinho e entregar-se, de modo completamente passivo, a toda aquela tensão aflitiva, sem procurar a menor escapatória. Com repulsa, ele não queria solucionar as questões que haviam inundado seu coração e sua alma. “Afinal, será que eu sou culpado de tudo isso?”, murmurava consigo, quase sem reconhecer as próprias palavras.

Às seis horas, deu por si na estação da ferrovia para Tsárskoie Seló. A solidão logo se tornou insuportável; um novo ímpeto dominou seu coração com fervor e, por um instante, as trevas nas quais sua alma se angustiava iluminaram-se com uma forte claridade. Ele comprou a passagem para Pávlovsk e sentiu-se ansioso para partir; no entanto, é claro, alguma coisa o acoitava, e era algo real, e não uma fantasia, como ele se via, talvez, inclinado a pensar. Quando já estava prestes a tomar seu assento no vagão do trem, jogou no chão a passagem que acabara de adquirir e saiu da estação, de volta para a rua, perturbado, pensativo. Depois de alguns momentos, na rua, ele pareceu recordar alguma coisa, deu-se conta subitamente de algo muito estranho, algo que já havia muito tempo o inquietava. De repente, viu-se obrigado a tomar consciência de uma atividade que já se prolongava havia muito tempo, mas na qual, até aquele exato instante, ele não tinha reparado: já fazia algumas horas, ainda no hotel Viéssi, e parece até que antes mesmo de ir ao hotel Viéssi, que ele, volta e meia, parecia se pôr à procura de algo à sua volta. Depois, esquecia o assunto, até por um bom tempo, por meia hora, mas de súbito olhava, de novo, em redor, com inquietação, e se punha a procurar.

Porém, tão logo notou em si mesmo aquele movimento doentio, até então de todo inconsciente, e que já o dominava havia muito tempo, de súbito, surgiu num lampejo à sua frente outra recordação, que o interessou de

forma extraordinária: lembrou que, no momento em que havia notado que andava o tempo todo em busca de alguma coisa à sua volta, ele se encontrava na calçada, junto à vitrine de uma loja e, com grande curiosidade, observava uma mercadoria exposta atrás da vidraça. Então, veio-lhe a vontade inexorável de verificar: era mesmo realidade que, apenas cinco minutos antes, ele estivera parado diante da vitrine daquela loja, ou aquilo era fruto de sua imaginação ou de alguma confusão? Existiriam, realmente, aquela loja e aquela mercadoria? Pois ele, de fato, naquele dia, estava se sentindo num estado particularmente doentio, semelhante ao que lhe ocorria tempos antes, no início das convulsões de sua antiga enfermidade. Ele sabia que, nos momentos que precediam os ataques, ocorriam-lhe essas distrações extraordinárias e, muitas vezes, chegava a confundir os objetos e as pessoas, quando olhava para eles sem uma atenção especial e intensa. No entanto, havia um motivo particular para ele sentir tanta vontade de verificar se estivera mesmo diante da vitrine da loja: entre os objetos expostos naquela vitrine, havia um no qual ele fixou o olhar e cujo preço chegou a estimar em sessenta copeques de prata, e disso ele se lembrou, apesar de toda distração e perturbação. Portanto, se aquela loja existia e se aquele objeto estava, de fato, exposto entre suas mercadorias, tinha sido especificamente por causa daquilo que o príncipe havia parado ali. E isso queria dizer que aquele objeto continha, em si, um interesse tão poderoso para ele que havia atraído sua atenção mesmo no momento em que ele saía da estação ferroviária e se via tomado por uma perturbação tão aflitiva. Ele caminhava olhando para a direita, quase numa angústia, e o coração batia com impaciência inquieta. Mas lá estava a tal loja, ele a encontrou, afinal! Já estava a quinhentos passos da loja, quando cismou de virar-se. Lá estava também o objeto de sessenta copeques; “claro, sessenta copeques, não vale mais que isso!”, confirmou, então, e deu uma risada.

Mas sua risada foi histérica; ele se sentia muito aflito. Lembrou, então, com toda a clareza, que foi exatamente ali, diante daquela vitrine, que ele havia se virado, de repente, como já fizera antes, quando surpreendera os olhos de Rogójin apontados para ele. Depois de comprovar que não estava enganado (do que, aliás, tinha certeza absoluta, antes mesmo de verificar), deixou a loja para trás e tratou de afastar-se dali o quanto antes. Era preciso refletir sobre tudo aquilo, a todo custo e bem depressa; agora, estava claro que ele não havia imaginado coisa alguma, nem na estação de trem, estava claro que algo real, sem a menor dúvida, havia ocorrido com ele, alguma coisa relacionada, sem a menor dúvida, com toda aquela sua inquietação anterior. Porém, mais uma vez, uma repugnância interior implacável tomou conta dele: o príncipe não queria refletir sobre coisa alguma, nem tentou refletir; pôs-se a pensar em algo muito diferente.

Pôs-se a pensar, de passagem, que, em sua condição de epilético, havia um estágio quase imediatamente anterior ao ataque (se o ataque ocorresse, na realidade) em que, de repente, em meio à tristeza, em meio à escuridão da alma e a toda a pressão, seu cérebro parecia, por instantes, arder em chamas e todas as suas forças vitais se tensionavam de uma só vez, num ímpeto extraordinário. A sensação da vida, da autoconsciência, quase decuplicava naquele instante, que tinha a duração de um relâmpago. A razão e o coração se acendiam com uma luz extraordinária; todas as suas emoções, todas as dúvidas, todas as inquietações pareciam apaziguar-se de uma só vez e se resolviam numa espécie de tranquilidade superior, repleta de alegria e de esperança, clara e harmoniosa, repleta de razão e também repleta da causa final. Porém tais momentos, aqueles clarões, ainda constituíam o mero pressentimento do último segundo (nunca mais de um segundo), em que tinha início o próprio ataque. Aquele segundo, está claro, era insuportável. Mais tarde, já recuperado, ao refletir sobre aquele instante,

não raro ele dizia para si mesmo que todos aqueles relâmpagos e clarões da autoconsciência suprema e da mais alta sensação de si mesmo, e, portanto, da “existência suprema”, não eram outra coisa que não a doença, como transgressão do estado normal, e que, se era assim, não se tratava, em absoluto, de uma existência suprema, mas, ao contrário, eles deviam ser classificados no âmbito da dimensão mais baixa da existência. Entretanto, e apesar de tudo, ele chegou, afinal, a uma conclusão excepcionalmente paradoxal: “O que importa se isso é uma doença?”, decidiu, por fim. “O que interessa se essa tensão é anormal, quando o próprio resultado, quando o minuto da sensação, lembrada e observada já em condição saudável, vem a ser o cúmulo da harmonia e da beleza, proporcionando um inaudito e surpreendente sentimento de plenitude, de equilíbrio, de concórdia, de fusão com a suprema síntese da vida, em meio a um êxtase de preces?”. Essas expressões nebulosas lhe pareciam muito compreensíveis, ainda que demasiado fracas. Que aquilo era, de fato, “beleza e prece”, que aquilo era, de fato, “a síntese suprema da vida”, disso ele não podia duvidar, e tampouco podia admitir qualquer dúvida. Afinal, não estaria ele, naquele momento, tendo visões, como aquelas causadas pelo haxixe, pelo ópio ou pelo vinho, que humilham a razão e desfiguram a alma, visões anormais, de coisas inexistentes? Uma vez encerrada a condição doentia, ele podia julgar aquela questão de forma razoável. Aqueles instantes constituíam, exatamente, apenas uma inusitada intensificação da autoconsciência — caso fosse necessário exprimir tal condição numa palavra —, uma intensificação da autoconsciência e, ao mesmo tempo, da sensação de si mesmo, imediata no mais alto grau. Se naquele segundo, ou seja, no mais derradeiro momento consciente que antecede o ataque, acontecesse de ele ter tempo de dizer para si mesmo, de modo claro e consciente: “Sim, é possível dar uma vida inteira em troca desse momento!”, era porque, está claro, aquele

momento já valia, para ele, toda a sua vida. Entretanto, ele não defendia a parte dialética de sua conclusão: a escuridão opaca, sufocante, e o idiotismo se apresentavam à sua frente como a nítida consequência daqueles “minutos supremos”. Claro, ele não se disporia a discutir aquilo a sério. Em sua conclusão, ou seja, em sua apreciação daquele minuto, sem dúvida, abrigava-se um engano, mas a realidade da sensação, ainda assim, deixava-o um tanto confuso. O que fazer, então, de fato, com a realidade? Afinal, aquilo mesmo já havia ocorrido, pois ele mesmo tivera tempo de dizer para si, naquele mesmo segundo, que aquele segundo, sentido plenamente por ele, em sua ilimitada felicidade, poderia, talvez, valer toda uma vida. “Nesses momentos”, como ele disse, certa vez, para Rogójin, em Moscou, no tempo em que andavam juntos, “nesses momentos, para mim, de certo modo, se torna compreensível a estranha expressão que diz que *já não haverá mais tempo*.¹⁰⁶ Com certeza”, acrescentou, sorrindo, “trata-se daquele mesmo segundo em que a jarra de água tombada pelo epilético Maomé não teve tempo de derramar seu conteúdo, embora naquele mesmo segundo Maomé tenha tido tempo de contemplar todas as moradas de Alá.”¹⁰⁷ Sim, em Moscou, os dois se viram muitas vezes e conversavam não só a respeito disso. “Há pouco, Rogójin disse que eu, naquela ocasião, era seu irmão; hoje foi a primeira vez que ele disse de novo isso”, pensou o príncipe.

Estava pensando naquilo sentado em um banco, debaixo de uma árvore, no Jardim de Verão. Eram por volta de sete horas. O jardim estava vazio; por um instante, algo sombrio encobriu o sol que se punha. Estava abafado; parecia o prenúncio distante de uma tempestade. Para ele, seu atual estado contemplativo representava uma espécie de chamariz. Por meio das recordações e do pensamento, ele aderiu a qualquer objeto externo, e aquilo lhe agradava; o tempo todo, buscava esquecer alguma coisa presente,

cotidiana, porém, ao primeiro olhar em redor, ele logo reconhecia, de novo, sua ideia sombria, a ideia de que tanto desejava desvencilhar-se. Quis lembrar-se de que, pouco antes, na taberna, durante o almoço, tinha conversado com um empregado sobre um assassinato muito recente, horripilante ao extremo, que andava suscitando muitos rumores e conversas. Entretanto, tão logo se lembrou daquilo, de repente, mais uma vez, ocorreu com ele algo incomum.

Um desejo extraordinário, avassalador, quase uma tentação, de súbito tomou conta de toda sua vontade. Ele se levantou do banco e seguiu direto do jardim para Peterbúrgskaia Storoná.¹⁰⁸ Pouco antes, na beira do rio Nievá, ele pediu a um passante que lhe mostrasse onde estava Peterbúrgskaia Storoná, do outro lado do Nievá. A pessoa lhe mostrou, porém ele acabou não indo para lá. Em todo caso, não havia mesmo nenhum motivo para ir lá, naquele dia; ele sabia. O endereço, ele já tinha, fazia muito tempo. Era fácil achar a casa da parenta de Liébediev; mas ele sabia, com certeza quase absoluta, que não a encontraria em casa. “É mais do que certo que ela foi para Pávlovsk, do contrário, Kólia teria deixado algo no hotel Viéssi, como combinado.” Portanto, se ele estava indo para lá agora, por certo não era para encontrá-la. Outra curiosidade, sombria e torturante, o seduzia. Uma ideia nova, repentina, lhe veio à cabeça...

Contudo, para ele, já era mais do que bastante o fato de ter iniciado o percurso e saber aonde devia ir: um minuto depois, estava, de novo, andando quase sem se dar conta do trajeto. Continuar pensando na “sua ideia repentina” logo se tornou, para ele, tremendamente repugnante e quase impossível. Com atenção intensa e torturante, ele observava tudo que lhe caía diante dos olhos, olhava para o céu, para o rio Nievá. Quis falar com uma criança pequena que encontrou no caminho. Talvez seu estado epilético estivesse se intensificando mais e mais. A tempestade, pelo visto,

vinha avançando, de fato, embora devagar. As trovoadas distantes já começavam. O ar ficava cada vez mais abafado...

Tal como, às vezes, nos vem à lembrança um motivo musical obsessivo e tão repetido que chega às raias da estupidez, também assim, por alguma razão, agora, voltava à sua memória, o tempo todo, o sobrinho de Liébediev, que ele vira mais cedo. O estranho era que ele sempre recordava o sobrinho de Liébediev na figura daquele assassino que o próprio Liébediev, mais cedo, havia mencionado, quando lhe apresentara o próprio sobrinho. De fato, fazia bem pouco tempo que ele tinha lido a respeito daquele assassino. Desde que voltara para a Rússia, lia muito e ouvia falar muito acerca de tais assuntos; acompanhava tudo aquilo com tenacidade. Pouco tempo antes, chegara a se interessar até demais por uma conversa com um criado exatamente a respeito do assassinato dos Jemárin. O criado concordou com ele, o príncipe se lembrava disso. Lembrou-se também do criado: era um rapaz inteligente, sério e cauteloso, “pensando bem, só Deus sabe como ele é. Numa terra nova, é difícil deduzir como são as pessoas”. Aliás, ele estava começando a acreditar apaixonadamente na alma russa. Naqueles seis meses, ele havia concluído muita, muita coisa nova para ele, nova e inesperada, inaudita, surpreendente! Mas a alma alheia é escuridão e a alma russa é escuridão; para muitos, é escuridão. Ele andou muito tempo próximo a Rogójin, os dois se ligaram estreitamente, “como irmãos” — mas será que ele conhecia Rogójin? Pensando bem, que caos se forma em tudo isso, às vezes, que barafunda, que monstruosidade! E, no entanto, que pestinha nojento e cheio de si, aquele sobrinho de Liébediev, que ele conhecera pouco antes! Pensando bem, o que deu em mim? (O príncipe continuava a devanear.) Será que ele matou aquelas criaturas, aquelas seis pessoas? Parece que estou fazendo confusão... como é estranho! Tem uma coisa girando na minha cabeça... E que rosto simpático e doce tem a filha

mais velha de Liébediev, aquela mesma que estava de pé, com o bebê nos braços, que expressão inocente, quase infantil, e que riso também quase infantil! O estranho era que ele havia quase esquecido aquele rosto e só então se lembrou dele. Liébediev, que batia os pés no chão para eles, com certeza os adorava. Porém o mais certo de tudo, como dois e dois são quatro, era que Liébediev também adorava o sobrinho!

No entanto, o que foi que deu nele para julgar aquelas pessoas de forma tão categórica, logo ele, que só apareceu lá hoje, como podia ele proferir tais sentenças? Pois o próprio Liébediev representou, para ele, um enigma, naquele dia: por acaso ele esperava que Liébediev fosse assim? Por acaso ele sabia, desde antes, que Liébediev era assim? Liébediev e Du Barry — meu Deus! Entretanto, se Rogójin matar, pelo menos não vai matar de forma tão desarvorada. Não vai haver esse caos. Um instrumento encomendado segundo um desenho e seis pessoas levadas ao completo delírio!¹⁰⁹ Será que Rogójin encomendou um instrumento conforme um desenho... ele tem... mas... será que está mesmo decidido que Rogójin vai matar?! De repente, o príncipe estremeceu. “Não será um crime, não será uma baixeza da minha parte fazer tal suposição de maneira tão cínica e tão sem disfarces?”, gritou ele, e a cor da vergonha inundou seu rosto de um só golpe. Parou estupefato, parecia cravado no chão. De súbito, lembrou-se da estação ferroviária de Pávlovsk, onde estivera pouco antes, e também da estação Nikoláievski,¹¹⁰ e da pergunta que fizera, cara a cara, a Rogójin sobre os *olhos*, e da cruz de Rogójin, que agora estava em seu pescoço, e da bênção da mãe dele, à qual o próprio Rogójin o havia apresentado, e do último abraço, convulsivo, e da última renúncia de Rogójin, mais cedo, na escada — e, depois de tudo isso, ainda por cima se apanhar à procura, o tempo todo, de algo à sua volta, e aquela loja, e aquele objeto... quanta baixeza! E, depois de tudo isso, lá vai ele, agora, “com um propósito

especial”, com uma “ideia repentina especial”! O desespero e o sofrimento dominaram toda a sua alma. O príncipe queria, o quanto antes, dar meia-volta e retornar à sua casa, ao hotel; chegou a virar-se e a dar um passo; porém, um minuto depois, deteve-se, pensou melhor e virou-se, de novo, na direção anterior.

Na verdade, ele já estava em Peterbúrgskaia Storóná, e próximo do edifício; afinal, já não era com o propósito anterior que, agora, ele estava seguindo para lá, já não era com uma “ideia especial”! E como poderia ser?! Sim, sua doença estava voltando, não havia dúvida; quem sabe, o ataque viria, inexoravelmente, ainda naquele mesmo dia. Era o ataque que trazia toda aquela escuridão, era o ataque que trazia, também, a “ideia”! Agora, a escuridão era difusa, o demônio fora expulso, a dúvida não existia e, no seu coração, havia alegria! Fazia tanto tempo que não a via, ele precisava *vê-la* e... sim, agora ele gostaria de encontrá-la. Ele tomaria a mão de Rogójin e eles seguiriam juntos... Seu coração estava puro; acaso era ele um rival de Rogójin? No dia seguinte, ele mesmo iria até lá e diria para Rogójin que a tinha visto; afinal, como Rogójin dissera mais cedo, foi só para *vê-la* que ele tinha viajado às pressas até ali! Quem sabe ele a encontraria em casa? Afinal, não era certo que ela estava em Pávlovsk!

Sim, agora era necessário que tudo ficasse estabelecido com clareza, para que todos se entendessem com clareza, para que não houvesse aquelas renúncias sombrias e passionais como, mais cedo, Rogójin renunciara, e para que tudo isso se realizasse de forma livre e... luminosa. Será que Rogójin não era capaz de alguma luz? Ele dissera que não a amava desse modo, que nele não existia compaixão, não havia “nenhuma pena”. Na verdade, depois, ele acrescentou para o príncipe: “a sua compaixão pode ser ainda mais forte do que o meu amor” — mas ele estava caluniando a si mesmo. Hum, Rogójin na frente de um livro — por acaso já não será isso a

“compaixão”, a “compaixão” já não terá começado? Por acaso a simples presença desse livro não demonstrava que ele reconhecia plenamente suas relações com *ela*? E o relato que ele fizera, mais cedo? Não, aquilo era mais profundo do que a mera paixão. E por acaso o rosto dela inspirava apenas a mera paixão? E será mesmo que, agora, aquele rosto inspirava paixão? Inspirava sofrimento, apoderava-se da alma inteira, aquele rosto... e uma recordação pungente, torturante, acudiu, de repente, ao coração do príncipe.

Sim, torturante. Lembrou que, não fazia muito tempo, ele se atormentara ao notar em si mesmo, pela primeira vez, sinais de loucura. Naquela ocasião, experimentou quase um desespero. E como ele foi capaz de abandoná-la, quando ela fugiu dele, ao encontro de Rogójin? Ele mesmo é que deveria ter corrido atrás dela, em vez de ficar esperando notícias. Mas... seria possível que até agora Rogójin não tivesse notado nela a loucura? Hum... Rogójin enxergava em tudo motivos diferentes, motivos passionais! E que ciúme desvairado! O que ele queria dizer com a proposta que fizera mais cedo? (O príncipe ficou vermelho, de repente, e algo pareceu tremer dentro do seu coração.)

No entanto, para que recordar aquilo? Ali, havia loucura de parte a parte. Para ele, o príncipe, amar aquela mulher apaixonadamente era quase impensável, era quase uma crueldade, uma desumanidade. Sim, sim! Não, Rogójin estava caluniando a si mesmo; ele tinha um coração enorme, capaz de sofrer e sentir compaixão. Quando soubesse toda a verdade e quando se convencesse de que aquela mulher magoada e meio louca era uma criatura digna de muita pena — será que ele não iria perdoá-la, então, por tudo o que aconteceu, por todos os seus tormentos? Será que não iria se tornar, para ela, seu servo, seu irmão, seu amigo, sua providência? A compaixão iria orientar e ensinar o próprio Rogójin. A compaixão é a lei primordial e, talvez, única da existência de toda a humanidade. Ah, como ele era desleal

e imperdoavelmente culpado perante Rogójin! Não, não se podia dizer que “a alma russa é escuridão”: a escuridão estava na alma dele mesmo, se ele era capaz de imaginar tamanho horror. Depois de umas poucas palavras ardentes e afetuosas trocadas em Moscou, Rogójin logo o chamou de seu irmão, e ele... Mas isso é doença e delírio! Tudo isso será resolvido!... Em que tom sombrio Rogójin dissera mais cedo que “estava perdendo a fé”! Aquele homem devia estar sofrendo muito. Ele disse que “adora olhar para aquele quadro”; não adora, mas aquilo queria dizer que ele sentia a necessidade. Rogójin não era só uma alma apaixonada; era, ao mesmo tempo, um lutador: ele queria, por força, recuperar a fé perdida. Agora, precisava dela até as raias do tormento... Sim! Acreditar em alguma coisa! Acreditar em alguém! No entanto, que estranho era aquele quadro de Holbein... Ah, pronto, a rua é esta! Olhe, o edifício deve ser aquele ali, número 16, “edifício da sra. Filíssova, viúva de um secretário colegiado”.¹¹¹ É aqui! O príncipe tocou a campainha e perguntou por Nastássia Filíppovna.

A proprietária em pessoa atendeu e disse que Nastássia Filíppovna partira, ainda pela manhã, rumo a Pávlovsk, para a datcha de Dária Alekséievna, “e pode acontecer de ficar lá por alguns dias”. Filíssova era miúda, de rosto e olhar rápidos e sagazes, uns quarenta anos de idade, e mirava o príncipe fixamente e com ar astuto. Quando ela perguntou seu nome — pergunta a que dera, pelo visto de propósito, um matiz de mistério —, o príncipe, de início, não quis responder; porém logo se refez e pediu, com insistência, que ela transmitisse o nome dele para Nastássia Filíppovna. Filíssova recebeu aquela insistência com atenção redobrada e com um extraordinário ar de segredo, com o que, pelo visto, queria dizer: “Não se preocupe, eu entendi muito bem, meu senhor”. O nome do príncipe, obviamente, produziu forte impressão em Filíssova. O príncipe,

com ar distraído, lançou um olhar para ela, virou-se e tomou o caminho de volta para seu hotel. Porém não saiu dali com o mesmo aspecto que tinha ao tocar a campainha do edifício. De novo, e como que num instante, produziu-se nele uma extraordinária transformação: de novo, caminhava pálido, fraco, aflito, perturbado; os joelhos tremiam e um sorriso difuso vagava em seus lábios azulados: sua “ideia repentina”, de súbito, confirmou-se e justificou-se, e ele, de novo, acreditou em seu demônio!

Mas teria mesmo se confirmado? Teria mesmo se justificado? Por que tinha ele, de novo, aquele tremor, aquele suor frio, aquelas trevas e aquele gelo na alma? Seria porque tinha visto, de novo, agora, aqueles *olhos*? Mas, afinal de contas, ele havia saído do Jardim de Verão só para ver aqueles olhos! E, afinal, era nisso mesmo que consistia sua “ideia repentina”. Com tenacidade, desejava ver aqueles “olhos de pouco antes”, a fim de se convencer, em definitivo, de que iria fatalmente encontrá-los *lá*, perto daquela casa. Era esse o seu desejo convulsivo; mas então por que, agora, estava tão abatido e arrasado, se havia, de fato, mais cedo, visto aqueles olhos? Como se já não estivesse esperando! Sim, eram os mesmos olhos (e, agora, já não havia a menor dúvida de que eram *os mesmos!*) que brilharam para ele de manhã, no meio da multidão na estação Nikoláievski, quando ele desembarcou do vagão de trem; os mesmos olhos (exatamente os mesmos!) cujo olhar, mais tarde, ele havia captado bem atrás dos seus ombros, quando estava sentado numa cadeira na casa de Rogójin. Pouco antes, Rogójin havia negado: com um sorriso retorcido, enregelante, ele perguntara: “E de quem eram aqueles olhos?”. E, ainda antes, na estação do trem para Tsárskoie Seló — quando sentou no vagão a fim de partir ao encontro de Aglaia e, de repente, viu aqueles olhos, já pela terceira vez naquele dia —, o príncipe sentiu uma vontade terrível de ir ao encontro de Rogójin e dizer *para ele* “de quem eram aqueles olhos”! Porém ele fugiu da

estação e só voltou a si diante da loja de facas, no instante em que estava de pé na frente da vitrine e avaliou em sessenta copeques certo objeto com cabo de estanho. Um estranho e terrível demônio, definitivamente, agarrou-se a ele e não queria mais largá-lo. Quando estava no Jardim de Verão, distraído e sentado ao pé de uma tília, aquele demônio sussurrou para ele que, se Rogójin tinha tanta necessidade de segui-lo desde manhã cedo e observá-lo de perto, a cada passo, a fim de descobrir se não iria para Pávlovsk (o que seria uma notícia fatal para Rogójin, é claro), então, era mais do que certo que Rogójin iria *para lá*, para aquele edifício em Peterbúrgskaia Storóná e, sem dúvida, ficaria ali de vigia, à espera do príncipe, o qual, pela manhã, dera-lhe sua palavra de honra de que “não iria vê-la” e jurara que “não era para aquilo que tinha vindo a Petersburgo”. Mas, agora, lá estava o príncipe, convulsivamente ansioso para chegar àquele edifício, e, portanto, o que havia de admirar se ele, de fato, encontrasse Rogójin ali? Ele viu apenas um homem infeliz, de ânimo sombrio mas bastante compreensível. Aquele homem infeliz, agora, nem estava mais se escondendo. Sim, mais cedo, por alguma razão, Rogójin se fechou e mentiu, mas na estação ele quase não tentou se esconder. Era mais fácil dizer que foi o príncipe que se escondeu, e não Rogójin. E agora, junto ao edifício, lá estava ele do outro lado da rua, a uns cinquenta passos, na calçada em frente, de braços cruzados, à espera. Ali, ele estava inteiramente à vista e parecia ter mesmo a intenção de se pôr à vista. De pé, parado, como um promotor e como um juiz, e não como... Não como quem?

Mas por que ele, o príncipe, agora, em vez de caminhar ao encontro de Rogójin, passou direto, como se não tivesse percebido nada, embora os olhos dos dois tenham se cruzado? (Sim, os olhos dos dois se cruzaram! E eles olharam um para o outro.) Afinal, mais cedo, ele mesmo não quis tomá-lo pelo braço e seguir *para lá* junto com ele? Afinal, ele mesmo não

queria ir à casa de Rogójin, no dia seguinte, e contar que esteve na casa dela? Afinal, ele mesmo não renegara seu demônio, enquanto ainda caminhava para lá, na metade do caminho, quando uma alegria, de repente, encheu sua alma? Ou havia, de fato, algo em Rogójin, ou seja, em toda a imagem *presente* daquele homem, em todo o conjunto de suas palavras, movimentos, ações, olhares, que podia justificar os medonhos pressentimentos do príncipe e as insinuações perturbadoras do seu demônio? Algo que se deixa ver por si mesmo, mas que é difícil de analisar e relatar, impossível de justificar com razões suficientes, mas que, contudo, e apesar de toda essa dificuldade e impossibilidade, produz uma impressão absolutamente cabal e irrefutável, a qual, querendo ou não, converte-se na convicção mais plena que existe...

Uma convicção... de quê? (Ah, como a monstruosidade, a “humilhação” daquela convicção, “daquele pressentimento baixo”, atormentava o príncipe, e como ele culpava a si mesmo!) “Diga, então, se está achando graça, diga: convicção em quê?”, indagava a si mesmo, sem cessar, em tom de recriminação e desafio. “Explique, tenha a coragem de exprimir seu pensamento por completo, com clareza, de modo preciso, sem hesitação! Ah, eu sou desonesto!”, repetia, com indignação e um rubor nas faces. “Com que olhos eu poderei encarar aquele homem, agora, pelo resto da vida? Ah, que dia! Ah, meu Deus, que pesadelo!”

No fim do longo e torturante caminho desde Peterbúrgskaia Storoná, houve um momento em que, de súbito, um desejo irresistível dominou o príncipe — ir já à casa de Rogójin, aguardá-lo, abraçá-lo com vergonha, com lágrimas, contar-lhe tudo e pôr fim a tudo, de uma vez por todas. Porém, agora, ele já se encontrava diante de seu hotel... Mais cedo, como lhe havia desagradado aquele hotel, aqueles corredores, aquele edifício inteiro, aquele quarto, tudo lhe desagradara desde o primeiro olhar; várias

vezes, naquele dia, ele lembrara, com particular aversão, que teria de voltar para lá... “Mas o que há comigo, hoje, eu pareço até uma mulher doente, estou acreditando em qualquer pressentimento!”, pensou, com sarcasmo exasperado, enquanto se detinha no portão. Uma nova e insuportável onda de vergonha, quase de desespero, deixou-o cravado no chão, ali onde estava, bem diante da entrada. Ficou imóvel por um minuto. Isso acontece às vezes com a gente: recordações repentinas e insuportáveis, em especial associadas à vergonha, costumam nos deixar parados por um minuto, onde estivermos. “Sim, eu sou uma pessoa sem coração e covarde!”, repetiu ele, em tom sombrio e, num ímpeto, fez menção de avançar, porém... de novo, parou.

Normalmente, já era escuro na entrada do edifício, porém naquele momento estava muito escuro: a nuvem de tempestade que vinha avançando havia engolido a luz vespertina e, no entanto, quando o príncipe se aproximou do edifício, a nuvem de repente se abriu e despejou a chuva. Entretanto, quando ele avançou com ímpeto, após um instante de imobilidade, viu-se debaixo do pórtico, à beira da calçada. E, de súbito, avistou uma pessoa lá dentro, na penumbra, bem no acesso da escada. O homem parecia à espera de alguma coisa, mas logo se esgueirou escada acima e desapareceu. O príncipe não conseguiu visualizá-lo com clareza e, naturalmente, não podia de maneira nenhuma dizer com segurança quem era. Além do mais, muita gente podia passar por ali; tratava-se de um hotel e pessoas cruzavam e andavam às pressas por ali o tempo todo, indo e vindo pelos corredores. Todavia, ele sentiu, de súbito, a convicção mais cabal e irrefutável de que conhecia aquela pessoa e de que, sem sombra de dúvida, era Rogójin. No instante seguinte, o príncipe se precipitou em seu encalço, pela escada. Seu coração parou de bater. “É agora que tudo vai se resolver!”, exclamou consigo, com uma convicção estranha.

A escada que o príncipe subiu correndo, depois de deixar o portão para trás, levava aos corredores do primeiro e do segundo andares, ao longo dos quais se distribuía os quartos do hotel. A exemplo de todos os edifícios antigos, aquela escada era escura, estreita, de pedra, e dava voltas em redor de uma grossa coluna de pedra. No primeiro patamar, havia, naquela coluna, uma cavidade semelhante a um nicho, com não mais de um passo de largura e meio passo de profundidade. Mesmo assim, uma pessoa poderia se abrigar ali. Por mais escuro que estivesse, ao passar correndo pelo patamar, o príncipe logo distinguiu que ali, naquele nicho, por algum motivo, estava escondida uma pessoa. De repente, o príncipe sentiu a vontade de passar direto e não olhar para a direita. Chegou a dar um passo além, mas não se conteve e virou-se.

Os dois olhos de antes, *os mesmos*, de repente, encontraram o seu olhar. O homem oculto no nicho também tivera tempo de dar um passo para fora dali. Por um segundo, os dois ficaram frente a frente, quase encostados. De repente, o príncipe segurou-o pelos ombros e virou-o para trás, para o lado da escada, na direção da luz: ele queria ver o rosto com mais clareza.

Os olhos de Rogójin tornaram-se faiscantes e um sorriso furioso desfigurou seu rosto. A mão direita se ergueu e, nela, algo brilhou; o príncipe nem pensou em deter a mão. Só se deu conta de que pareceu dar um grito:

— Parfion, eu não acredito!...

Em seguida, de súbito, algo se escancarou à sua frente: uma extraordinária luz *interior* iluminou sua alma. Aquele instante durou, talvez, meio segundo; mas ele, entretanto, recordou com clareza e consciência o início, o primeiro som de seu terrível clamor, que irrompeu sozinho de dentro do peito e que ele não foi capaz de deter, por mais que se esforçasse.

Em seguida, sua consciência se apagou por um momento e teve início uma completa escuridão.

Ele sofreu um ataque de epilepsia, doença que o deixara havia muito tempo. É sabido que os ataques de epilepsia, a crise epiléptica propriamente dita, ocorrem de forma súbita. De repente, nesse instante, o rosto se desfigura de forma extraordinária, em especial o olhar. Convulsões e espasmos dominam o corpo inteiro, bem como todas as feições do rosto. Um clamor terrível, inimaginável, diferente de qualquer outra coisa, irrompe do fundo do peito; nesse clamor, de súbito, parece desaparecer todo traço de humanidade, e é absolutamente impossível, ou pelo menos é muito difícil, para o observador, imaginar e admitir que seja o próprio ser humano quem está gritando. Imagina-se até que seja outra criatura, dentro daquele ser humano, quem grita. Pelo menos, muitos já explicaram sua impressão dessa forma, e o aspecto da pessoa, na hora do ataque epiléptico, produz em muita gente um horror avassalador e intolerável, que contém até algo de místico. É inevitável supor que aquela impressão de horror repentino, associada a todas as demais impressões terríveis daquele minuto, deixou Rogójin subitamente paralisado e, desse modo, salvou o príncipe do inexorável golpe da faca, que já vinha baixando sobre ele. Em seguida, antes de conseguir perceber que se tratava de um ataque epiléptico e, tendo visto que o príncipe se afastara dele e, de repente, tombara de costas, direto escada abaixo e, com o impulso, batera com a nuca num degrau de pedra, Rogójin desceu a toda pressa, abalou pelos degraus, desviou-se do corpo estirado no chão e, quase inconsciente, fugiu do hotel em disparada.

Por causa das convulsões, do tremor e dos espasmos, o corpo do homem doente rolou pelos degraus, que contavam não mais de quinze, até o final da escada. Não demorou mais de cinco minutos para notarem o homem estirado ali, e juntou-se uma pequena multidão. A pocinha de sangue bem

visível em torno da cabeça despertava perplexidade: será que o homem se feriu sozinho ou “aconteceu um desses pecados”? No entanto, algumas pessoas logo identificaram a epilepsia; um dos hóspedes reconheceu no príncipe um hóspede recente. Por fim, a confusão se resolveu de modo muito oportuno, graças a uma circunstância também oportuna.

Kólia Ívolguin, que prometera estar no hotel Viéssi às quatro horas e, em vez disso, fora a Pávlovsk, graças a uma reflexão repentina, recusou-se a “tomar um chá” na casa da generala Epantchina, voltou para Petersburgo e foi correndo para o Viéssi, aonde chegou por volta das sete horas da noite. Ao saber, pelo bilhete deixado para ele, que o príncipe estava na cidade, acudiu às pressas ao seu encontro, rumo ao endereço informado no bilhete. Quando lhe disseram, no hotel, que o príncipe havia saído, Kólia desceu para o salão do bufê e se pôs a esperar, enquanto bebia chá e escutava a música de um órgão. Ao entreouvir, por acaso, uma conversa a respeito de alguém que sofrera um ataque epiléptico, Kólia correu para lá, movido por um pressentimento certo, e reconheceu o príncipe. Sem demora, foram tomadas as providências devidas. Levaram o príncipe para seu quarto; embora tenha voltado a si, ele demorou ainda um bom tempo para recobrar a consciência plena. Chamado para examinar o ferimento na cabeça, o médico lhe deu um remédio e explicou que as contusões não ofereciam o menor risco. Porém, uma hora depois, o príncipe começou a compreender muito bem o que se passava e Kólia transportou-o, num coche, do hotel para a casa de Liébediev. Este o recebeu com zelo extraordinário e também com muitas reverências. Por causa dele, apressou também sua mudança para a datcha; três dias depois, todos estavam em Pávlovsk.

A datcha de Liébediev era pequena, mas confortável e até bonita. Parte dela, reservada para alugar, era especialmente bem decorada. Na varanda, bem ampla, junto à porta da rua que dava acesso aos cômodos internos, havia alguns pés de laranja, limão e jasmim, plantados em grandes tinas verdes de madeira, o que, na opinião de Liébediev, redundava no efeito mais encantador. Algumas daquelas árvores ele havia adquirido junto com a datcha e ficou tão fascinado com o efeito produzido pela vegetação na varanda que decidiu arrematar num leilão, a que comparecera por mero acaso, todo um sortimento daquelas plantas cultivadas em tinas de madeira. Quando, enfim, todas as árvores foram transportadas para a datcha e colocadas em seus lugares, Liébediev desceu correndo a escadinha da varanda várias vezes, até a rua e, de lá, deliciava-se contemplando sua propriedade e, a cada vez, aumentava, mentalmente, o valor que imaginava cobrar de seus futuros inquilinos na datcha. Debilitado, sofrido e com o corpo machucado, o príncipe sentiu-se muito bem na datcha. De resto, no dia da chegada a Pávlovsk, ou seja, três dias depois do ataque, o príncipe já mostrava o aspecto quase de um homem saudável, embora no íntimo ainda não se sentisse recuperado. Estava contente com tudo o que vira à sua volta naqueles três dias, estava contente com Kólia, que quase não se afastava dele, contente com toda a família de Liébediev (exceto o sobrinho, que

andava sumido, não se sabia onde) e contente com o próprio Liébediev; recebia com prazer até o general Ívolguin, que o visitara ainda na cidade. No dia mesmo de sua chegada, já à noite, muitos convidados se reuniram à sua volta, na varanda: primeiro, veio Gânia, que o príncipe mal reconheceu, de tanto que havia mudado e emagrecido, ao longo de todo aquele tempo. Depois, vieram Vária e Ptútsin, que também estavam numa datcha em Pávlovsk. Já o general Ívolguin estava hospedado num apartamento na datcha de Liébediev, em caráter quase permanente, parece até que se mudara junto com ele. Liébediev tentava impedir que o general encontrasse o príncipe e o mantinha sob sua vigilância; tratava-o amistosamente; ao que tudo indicava, eram antigos conhecidos. O príncipe notou que, naqueles três dias, os dois, às vezes, entabulavam longas conversas, não raro, gritavam, discutiam e, pelo visto, tratavam até de questões científicas, o que parecia dar prazer a Liébediev. Alguém poderia pensar até que ele tinha necessidade do general. Porém, desde sua chegada à datcha, Liébediev passou a observar com a própria família as mesmas precauções que tinha com o general; sob o pretexto de não incomodar o príncipe, ele não deixava ninguém de sua família ir ao quarto dele, batia os pés no chão, punha-se no seu caminho e enxotava as filhas, inclusive Vera, com seu bebê, a qualquer suspeita de que estavam indo para a varanda, onde o príncipe se encontrava, e tudo aquilo a despeito dos muitos apelos do próprio príncipe para não afastar ninguém.

— Em primeiro lugar, não vai haver mais nenhum respeito, se eu as deixar tão soltas; além disso, para elas, chega a ser indecente... — explicou Liébediev, por fim, em resposta a um questionamento direto do príncipe.

— Mas por quê? — exortou o príncipe. — Na verdade, com todos esses cuidados e precauções, o senhor apenas me atormenta. Sozinho, eu me aborreço, eu já disse para o senhor várias vezes, e o senhor mesmo, sempre

espantando as pessoas e andando perto de mim na ponta dos pés, apenas aumenta ainda mais minha tristeza.

O príncipe insinuou que, embora repelisse todo mundo, em casa, sob o pretexto de proteger a tranquilidade indispensável a uma pessoa doente, o próprio Liébediev, durante aqueles três dias, a quase todo momento, ia ao quarto do príncipe e sempre, antes de tudo, abria um pouco a porta, enfiava a cabeça e olhava o quarto em redor, como se quisesse certificar-se de que ele estava ali, de que não tinha fugido, e depois, na ponta dos pés, lentamente, em passos furtivos, seguia na direção da poltrona, de tal modo que, às vezes, por descuido, chegava a assustar seu inquilino. Liébediev vinha toda hora verificar se ele não precisava de alguma coisa e, quando o príncipe, por fim, pedia que o deixasse em paz, Liébediev, obediente e calado, dava meia-volta e, na ponta dos pés, seguia rumo à porta e, o tempo todo, enquanto andava, abanava as mãos como se quisesse dar a entender que não tinha feito nada, que não dissera nenhuma palavra e que, olhe só, ele já estava indo embora e não viria mais, só que, no entanto, após dez minutos, ou pelo menos um quarto de hora, ele aparecia outra vez. Kólia, que tinha livre acesso ao príncipe, provocava, por isso mesmo, em Liébediev o mais profundo desgosto e até uma sentida indignação. Kólia percebeu que Liébediev se mantinha por meia hora colado à porta e ficava escutando o que ele conversava com o príncipe, fato que, está claro, Kólia levou ao conhecimento do próprio príncipe.

— Parece que o senhor tomou posse de mim e me mantém trancado à chave — protestava o príncipe. — Pelo menos na datcha eu gostaria que fosse diferente, e tenha a certeza de que vou receber quem eu quiser e vou sair para onde eu bem entender.

— Não existe a mais ínfima dúvida quanto a isso — Liébediev ergueu as mãos abertas.

O príncipe fitou-o com atenção, dos pés à cabeça.

— Diga, Lukian Timoféievitch, o senhor trouxe para cá o armariozinho que fica pendurado na parede acima da cabeceira da cama, na sua casa?

— Não, eu não trouxe.

— Será possível que o deixou lá?

— É impossível transportar o armário, eu teria de arrebentar a parede, para retirar dali... Está muito preso.

— Sei, mas será que aqui há algo parecido?

— Sim, e até melhor, até melhor, foi por isso que eu comprei esta datcha.

— A-ah. E quem era a pessoa que o senhor não deixou falar comigo, mais cedo? Uma hora atrás.

— É... é o general, meu senhor. De fato, eu não deixei, e não convém que ele fale com o senhor. Príncipe, eu respeito profundamente aquele homem; é... é um grande homem, meu senhor; não acredita? Pois bem, o senhor o verá, mas, apesar de tudo... seria melhor, excelentíssimo príncipe, que o senhor não o recebesse em seu quarto.

— E por que está agindo desse modo, se me permite perguntar? Por que, Liébediev, o senhor anda à minha volta na ponta dos pés e, o tempo todo, parece que deseja me contar algum segredo, ao pé do ouvido?

— Eu sou indigno, indigno, eu percebo — respondeu Liébediev, de modo inesperado, e bateu o punho contra o peito, com sentimento. — Mas o general não será hospitaleiro demais para o senhor?

— Hospitaleiro demais?

— Hospitaleiro, sim, meu senhor. Em primeiro lugar, ele já tem a intenção de morar comigo; até aí, tudo bem, mas ele é muito impulsivo, logo vai se fazer de parente. Algumas vezes, eu e ele já nos consideramos parentes, e viu-se que existe mesmo um parentesco. O senhor também vem a ser sobrinho dele, em segundo grau, por parte de mãe, ontem mesmo ele

me explicou. Se o senhor é sobrinho, quer dizer que eu e o senhor, vossa alteza, excelentíssimo príncipe, também somos parentes. Não ligue para isso, meu senhor, é só uma pequena fraqueza, mas agora há pouco ele me garantiu que, durante toda a sua vida, desde o tempo em que era alferes até o dia 11 de junho do ano passado, ele nunca teve em sua mesa de refeições menos de duzentos convivas. No fim, chegou a dizer que essa gente toda nunca se levantava e, desse modo, almoçavam, jantavam e tomavam o chá durante quinze horas, todo dia, direto, por trinta anos seguidos, sem a menor interrupção, mal havia tempo para trocarem a toalha de mesa. Um levantava e saía e outro logo entrava, mas, nos feriados e no dia do aniversário do tsar, chegavam a se reunir à sua mesa trezentos convivas. Na comemoração do milênio da Rússia,¹¹² ele contou setecentas pessoas. Enfim, isso é uma paixão, meu senhor; tais notícias são um sinal muito ruim, meu senhor; dá até medo receber, em nossa casa, hospitaleiros dessa espécie, e eu também pensei o seguinte: não será demasiado, para mim e para o senhor, alguém tão hospitaleiro assim?

— Mas o senhor me parece manter com ele as melhores relações.

— Relações fraternais, mas eu levo isso na brincadeira; vá lá que sejamos parentes: para mim, é uma honra a mais. Mesmo por trás das duzentas pessoas à mesa e do milênio da Rússia, eu distingo nele uma pessoa notável. E falo com sinceridade, meu senhor. Veja, príncipe, há pouco o senhor falou que eu parecia ter segredos, ou seja, que eu me aproximo do senhor como se quisesse contar um segredo, mas, bem a propósito, aliás, existe de fato um segredo: uma pessoa conhecida me contou, há pouco, que gostaria muito de ter um encontro secreto com o senhor.

— Mas para que o segredo? De maneira nenhuma. Eu mesmo irei à casa dela, ainda hoje.

— Não, não, de maneira nenhuma — Liébediev ergueu as mãos abertas. — E o que ela teme não é isso que o senhor está pensando. Aliás, o monstro vem aqui todo santo dia se informar sobre a sua saúde. Sabia disso?

— O senhor o chama de monstro com certa frequência, isso me deixa muito desconfiado.

— O senhor não pode ter nenhuma desconfiança, nenhuma — Liébediev tratou logo de se esquivar. — Eu só queria explicar que a tal pessoa conhecida não tem medo dele, mas sim de outra coisa, muito diferente.

— E o que é, diga logo de uma vez — indagou o príncipe, impaciente, olhando para a careta misteriosa de Liébediev.

— Esse é o segredo.

E Liébediev sorriu.

— Segredo de quem?

— Do senhor. O senhor mesmo, excelentíssimo príncipe, me proibiu de falar, na sua presença... — balbuciou Liébediev e, deliciado por ter conduzido a curiosidade de seu interlocutor às raias de uma ansiedade doentia, de repente concluiu: — A tal pessoa tem medo de Aglaia Ivánovna.

O príncipe franziu as sobrancelhas e ficou calado por um minuto.

— Juro por Deus, Liébediev, eu vou acabar indo embora da sua datcha — disse, de repente. — Onde estão Gavrila Ardaliónovitch e os Ptítsin? Com o senhor? O senhor também os atraiu para cá?

— Estão vindo, estão vindo, meu senhor. Até o general está vindo, atrás deles. Eu vou abrir todas as portas para as minhas filhas, vou convocar todo mundo, todo mundo, agora mesmo — sussurrou Liébediev, assustado, erguendo as mãos abertas e correndo de uma porta para outra.

Naquele minuto, Kólia apareceu na varanda, vindo da rua, e explicou que, atrás dele, estavam vindo as visitas, Lizavieta Prokófievna e suas três filhas.

— Devo deixar entrar o casal Ptítsin e Gavrila Ardaliónovitch? Devo deixar entrar o general? — Liébediev se aproximou de um salto, impressionado com a notícia.

— Por que não? Deixe entrar todo mundo, quem quiser vir! Garanto ao senhor, Liébediev, que o senhor, desde o início, não compreendeu bem minhas relações; o senhor vem cometendo um erro constante. Eu não tenho o menor motivo para me ocultar e me esconder de ninguém — riu o príncipe.

Olhando para ele, Liébediev julgou ser sua obrigação rir também. Apesar de sua agitação extraordinária, Liébediev também estava extremamente satisfeito.

A notícia trazida por Kólia era correta; ele precedeu as Epantchina só por alguns passos, a fim de anunciar sua chegada, e desse modo as visitas surgiram de súbito, e de ambos os lados: da varanda, as Epantchina; dos cômodos internos, os Ptítsin, Gânia e o general Ívolguin.

Só agora, por intermédio de Kólia, as Epantchina souberam da doença do príncipe e de sua presença em Pávlovsk; antes disso, a generala se encontrava numa perplexidade aflita. Já fazia três dias que o general havia apresentado à sua família o cartão de visitas do príncipe; o cartão despertara em Lizavieta Prokófievna a incontornável certeza de que, depois daquele cartão, o príncipe logo viria a Pávlovsk, em pessoa, para um encontro com elas. Em vão, as moças garantiram à mãe que um homem que durante, talvez, meio ano não escrevera nem uma carta devia, também agora, estar muito longe de ter alguma pressa para vir, e também que ele talvez andasse com muitos afazeres em Petersburgo, sem elas por perto — como poderiam saber o que o príncipe andava fazendo? A generala se irritou bastante com aquelas objeções e já estava pronta a apostar que o príncipe iria aparecer, no máximo, no dia seguinte, “embora isso já seja muito tarde”. No dia

seguinte, ela aguardou a manhã inteira; esperaram o príncipe para o almoço, para a tarde e, quando já havia escurecido de todo, Lizavieta Prokófievna se mostrava furiosa com qualquer coisa e discutia com todo mundo, mas, claro, não havia, nos motivos das discussões, a mais leve alusão ao príncipe. Ninguém pronunciou qualquer palavra a seu respeito, tampouco durante aqueles três dias. Quando Aglaia, por acaso, durante o almoço, deixou escapar que *maman* estava zangada porque o príncipe não tinha vindo, comentário a que o general logo emendou que, “afinal, disso eu não tenho culpa”, Lizavieta Prokófievna levantou-se e, tomada pela fúria, saiu da mesa. Por fim, à noite, Kólia apareceu e trouxe todas as notícias e as descrições de todas as aventuras do príncipe que ele conhecia. Em consequência, Lizavieta Prokófievna se mostrou triunfante, mas, mesmo assim, de todo modo, Kólia ainda teve de ouvir uma repreensão: “Antes, ele passava dias inteiros rodando aqui em casa e não havia como se livrar dele, mas agora ele bem que poderia, pelo menos, avisar se resolveu nos fazer uma visita”. Na mesma hora, Kólia teve vontade de se irritar por causa da expressão “se livrar dele”, mas deixou aquilo para mais tarde e, se a expressão mesma não fosse tão ofensiva, ele até a perdoaria, quem sabe, de tanto que havia apreciado a preocupação e a inquietação de Lizavieta Prokófievna ao receber a notícia da doença do príncipe. Ela insistiu demoradamente na necessidade de enviar, de imediato, um mensageiro para Petersburgo, a fim de alcançar alguma sumidade médica de primeira grandeza e trazê-la às pressas, no primeiro trem. Mas as filhas a dissuadiram; no entanto, elas não quiseram desgrudar da mãe quando a generala, num piscar de olhos, resolveu visitar o enfermo.

— Ele está no leito de morte — disse Lizavieta Prokófievna, alvoroçada — e nós ainda vamos ficar aqui cheias de cerimônias? Ele é um amigo de nossa casa ou não é?

— Mas aparecer assim, sem ser convidada, não fica bem — ponderou Aglaia.

— Muito bem, então não vá, e até faz bem em não ir: Evguiêni Pávlovitch vai chegar daqui a pouco e não haverá ninguém para recebê-lo.

Depois daquelas palavras, está claro, Aglaia tratou logo de seguir junto com elas, o que, de resto, já era sua intenção desde o início. O príncipe Sch., sentado ao lado de Adelaida, a convite dela, prontamente se dispôs a acompanhá-las. Muito antes, ainda no início de suas relações com as Epantchina, ele demonstrou enorme interesse quando elas lhe contaram a respeito do príncipe. Verificou-se que os dois já se conheciam, que haviam travado conhecimento pouco tempo antes, em algum lugar, e até moraram por duas semanas na mesma cidadezinha. Aquilo tinha ocorrido mais ou menos três meses antes. O príncipe Sch. chegou mesmo a contar muitas coisas sobre o príncipe e sempre se referia a ele de modo muito simpático, de maneira que era com prazer sincero que ia agora visitar o velho conhecido. Daquela vez, o general Ivan Fiódorovitch não estava em casa. Evguiêni Pávlovitch tampouco havia chegado.

A datcha das Epantchina ficava a menos de trezentos passos da de Liébediev. A primeira impressão ruim de Lizavieta Prokófievna, na casa onde estava o príncipe, foi deparar com um verdadeiro bando de pessoas em volta dele, sem falar que, daquele bando, faziam parte duas ou três pessoas francamente abomináveis para ela; a segunda foi a surpresa da aparência perfeitamente saudável do homem jovem, risonho, e vestido com elegância, que veio ao encontro dela, em lugar do moribundo no leito de morte que ela esperava encontrar. A generala chegou a parar, perplexa, para a extraordinária satisfação de Kólia, que é claro, poderia muito bem ter explicado, antes mesmo de ela ter saído de sua datcha, que não havia ninguém morrendo e nenhum leito de morte, só que Kólia não explicara

nada, presentindo com malícia a futura raiva cômica da generala, na hora em que ela, com toda a certeza, pelos cálculos de Kólia, iria se irritar muito ao deparar com o príncipe, seu amigo sincero, em perfeito estado de saúde. Kólia chegou a ser tão indelicado que anunciou em voz alta aquilo que havia previsto, a fim de exasperar, de uma vez por todas, Lizavieta Prokófievna, com a qual, às vezes, ele trocava alfinetadas de maneira bastante maldosa, apesar da amizade que os unia.

— Não perde por esperar, meu querido, não se apresse, não estrague o seu triunfo! — respondeu Lizavieta Prokófievna, enquanto sentava-se na cadeira que o príncipe lhe ofereceu.

Liébediev, Ptítsin e o general Ívolguin se apressaram em oferecer cadeiras para as visitas. O general ofereceu uma cadeira para Aglaia. Liébediev ofereceu uma para o príncipe Sch., e aproveitou para mostrar todo o seu respeito com uma extraordinária reverência, curvando-se até a cintura. Vária, como de costume, muito animada e em sussurros, cumprimentou as jovens senhoritas.

— É verdade, príncipe, que eu achei que você estava praticamente no leito de morte, foi o medo que me levou a tal exagero e, agora, não vou mentir, de jeito nenhum, eu fiquei até horrorizada ao ver o seu rosto feliz, mas juro que durou só um minuto, o tempo necessário para eu pôr a cabeça no lugar. Quando paro para refletir, eu me comporto e falo sempre de modo mais inteligente, e também penso melhor, como você também. E, para dizer a verdade, a recuperação da saúde de um filho, se ele existisse, talvez me desse até menos alegria do que a sua recuperação; e se você não acredita em mim, a vergonha é sua, não minha. Mas esse garotinho levado aqui se julga no direito de fazer comigo brincadeiras ainda piores. Parece que você o protege; por isso eu o advirto que, uma bela manhã, acredite em mim, ainda

vou renunciar ao prazer de continuar desfrutando a honra da companhia dele.

— Mas o que eu fiz de errado? — gritou Kólia. — Por mais que eu garantisse à senhora que o príncipe já estava restabelecido, a senhora não ia querer acreditar, porque imaginar o príncipe no leito de morte era muito mais interessante.

— Ele ainda vai ficar conosco muito tempo? — perguntou Lizavieta Prokófievna para o príncipe.

— O verão inteiro e, talvez, mais ainda.

— E o senhor está sozinho? Não casou?

— Não, eu não casei — o príncipe sorriu, diante da ingenuidade da pergunta provocadora.

— Não há motivo para sorrir, essas coisas acontecem. Estou pensando na datcha: por que não se hospedou conosco? Temos uma casa inteira vazia nos fundos. Mas, afinal de contas, faça como preferir. Alugou um quarto dele? Deste aí? — acrescentou à meia-voz, depois de apontar para Liébediev com a cabeça. — Por que ele fica fazendo caretas o tempo todo?

Naquele instante, com seu bebê nos braços, como de costume, entrou Vera, que veio de dentro da casa para a varanda. Liébediev, esgueirando-se entre as cadeiras e sem saber, absolutamente, onde se enfiar, mas também sem a mínima vontade de ir embora, precipitou-se na direção de Vera, abanando os braços para enxotá-la da varanda e, descontrolando-se, chegou a bater com os pés no chão.

— Ele é doido? — perguntou a generala, de repente, para o príncipe.

— Não, ele...

— Então está bêbado, quem sabe? Você não está em bela companhia — cortou a generala, correndo o olhar pelas demais visitas. — Mas que moça encantadora, aquela! Quem é?

— Vera Lukiánovna, a filha de Liébediev.

— Ah!... Muito encantadora. Eu quero conhecê-la.

Entretanto, após ouvir os elogios de Lizavieta Prokófievna, o próprio Liébediev já vinha arrastando a filha para apresentá-la.

— Órfãos! Órfãos! — ele se derretia todo, enquanto se aproximava. — E esse bebê nos braços dela é uma órfã, é a irmã dela, a minha filha Liubov, nascida do meu casamento legitimíssimo, filha da recém-falecida Elena, minha esposa, que nos deixou há seis semanas, no trabalho de parto, pela vontade do Senhor... Sim, minha senhora... Em lugar da mãe, restou apenas a irmã e nada mais do que a irmã... nada mais, nada mais...

— E você, meu caro, não é nada mais do que um tolo, me perdoe. Mas chega, você mesmo entende isso, eu creio — Lizavieta Prokófievna cortou a conversa bruscamente, com uma indignação tremenda.

— É a pura verdade! — Liébediev curvou-se até o chão, respeitossíssimo.

— Escute, sr. Liébediev, é verdade o que dizem do senhor, que sabe interpretar o livro do Apocalipse? — perguntou Aglaia.

— É a pura verdade... eu o estudo há quinze anos.

— Eu ouvi falar do senhor. Escreveram a seu respeito nos jornais, não foi isso?

— Não, foi sobre outro intérprete do Apocalipse, um outro, minha senhora, mas ele morreu e eu fiquei em seu lugar — explicou Liébediev, fora de si de tanta alegria.

— Faça-me um obséquio: um dia desses, me explique. Eu moro aqui ao lado. Não entendo nada do Apocalipse.

— Não posso deixar de prevenir a senhora, Aglaia Ivánovna, que, da parte dele, tudo isso não passa de charlatanismo, acredite — interveio, de repente, o general Ívolguin, que apenas aguardava a oportunidade de dar sua estocada e desejava, com todo o empenho, entabular conversa de

alguma forma; estava sentado junto a Aglaia Ivánovna. — Claro, a vida nas datchas tem suas prerrogativas e seus prazeres — prosseguiu o general —, e o método de um excêntrico incomum, como ele, para interpretar o Apocalipse constitui um passatempo como qualquer outro, e é até um passatempo notável pela inteligência, mas eu... A senhora, eu creio, está me olhando com surpresa, não é? Sou o general Ívolguin, tenho a honra de me apresentar. Já carreguei a senhora nos braços, Aglaia Ivánovna.

— Muito prazer. Nós conhecemos a Varvara Ardaliónovna e a Nina Aleksándrovna — balbuciou Aglaia, reunindo todas as forças para não dar uma gargalhada.

Lizavieta Prokófievna se inflamou. Algo represado em sua alma, havia muito tempo, de repente exigia manifestar-se. Ela não suportava o general Ívolguin, a quem conhecera, um dia, muito tempo antes.

— Está mentindo, meu caro, como costuma fazer: você nunca a carregou nos braços — interrompeu-o com indignação.

— A senhora esqueceu, *maman*, eu juro, me carregou sim, em Tvier — retrucou Aglaia, de súbito. — Na época, nós morávamos em Tvier. Eu tinha seis anos, eu lembro. Ele fez um arco e uma flecha para mim, me ensinou a atirar e eu matei um pombo. Lembra que eu e o senhor matamos um pombo?

— Naquela ocasião, ele fez para mim um capacete de papelão e uma espada de madeira, eu me lembro! — gritou Adelaida.

— E eu também me lembro disso — confirmou Aleksandra. — Vocês até brigaram por causa do pombo ferido e, depois, puseram vocês de castigo, num canto. A Adelaida ficou lá de pé, com seu capacete e sua espada.

Ao declarar que carregara Aglaia nos braços, o general havia falado por falar, com a mera intenção de entabular conversa, e unicamente porque ele quase sempre iniciava suas conversas com qualquer jovem daquela

maneira, se julgasse necessário travar conhecimento. Porém, daquela vez, como que de propósito, aconteceu de ele contar a verdade e, também como que de propósito, ele mesmo esquecera aquela verdade. Portanto, quando Aglaia confirmou que eles dois haviam alvejado um pombo, a memória do general se iluminou de um jato e ele mesmo recordou tudo aquilo, até os mínimos detalhes, como ocorre, não raro, com pessoas em idade avançada que rememoram fatos muito antigos. É difícil saber o que havia naquela lembrança que era capaz de agir com tanta força no pobre general, já um pouco ébrio, como de costume; no entanto, de súbito, ele se mostrou extremamente comovido.

— Eu me lembro, eu me lembro de tudo! — exclamou. — Na época, eu era subcapitão. A senhora era tão miudinha, tão bonitinha. Nina Aleksándrovna... Gânia... Eu era recebido em sua casa... Ivan Fiódorovitch...

— E, agora, veja só a que ponto você chegou! — emendou a generala. — Mas, se a lembrança produziu esse efeito, quer dizer que, apesar de tudo, você não afogou os seus sentimentos nobres na bebida! Em compensação, atormentou muito a esposa. Em vez de dar exemplo para os filhos, foi preso por dívidas. Vá embora daqui, meu caro, vá para qualquer lugar, onde quiser, da porta para fora, se enfie num canto e chore, recordando sua antiga inocência: quem sabe Deus o perdoe. Vá, vá logo, eu estou falando sério. Nada melhor para corrigir alguém do que lembrar com remorsos sua antiga vida.

Mas de nada adiantava repetir que estavam falando a sério: o general, como todos os beberrões renitentes, era muito sentimental e, como todos os beberrões que já decaíram demais, tinha dificuldade de suportar as lembranças do passado feliz. Levantou-se e, humildemente, caminhou rumo

à porta, de tal modo que Lizavieta Prokófievna, na mesma hora, sentiu pena.

— Ardalion Aleksándrovitch, meu caro! — gritou ela, às suas costas. — Espere um minuto. Somos todos pecadores; quando você sentir que a consciência o recrimina menos, venha me visitar, vamos conversar um pouco sobre o passado. Afinal, eu mesma posso ser até cinquenta vezes mais pecadora do que você. Mas, agora, adeus, vá embora, não há nada para você fazer aqui... — De repente, ela teve medo de que o general voltasse.

— Por enquanto, é melhor não ir atrás dele. — O príncipe deteve Kólia, que fez menção de correr no encalço do pai. — Senão, depois de um minuto, ele vai ficar aborrecido, e todo o efeito desse minuto vai se perder.

— É verdade, deixe-o sozinho. Vá daqui a meia hora — decidiu Lizavieta Prokófievna.

— Vejam no que dá dizer a verdade, uma vez na vida: o homem foi levado às lágrimas! — atreveu-se a acrescentar Liébediev.

— Pois é, e você, meu caro, também deve ser uma beleza de caráter, se é verdade o que me contaram — dessa vez, Lizavieta Prokófievna dirigiu a Liébediev as suas censuras.

As posições relativas de todas as pessoas que foram visitar o príncipe foi se definindo, pouco a pouco. O príncipe, é claro, estava em condições de avaliar, e de fato avaliou, toda a extensão da estima da generala e das filhas por ele e, é claro, assegurou que naquele mesmo dia, ainda antes de receber sua visita, ele tinha a intenção de ir sem falta à casa delas, apesar de sua doença e mesmo que fosse num horário já tardio. Lizavieta Prokófievna, enquanto lançava um olhar para as visitas do príncipe, respondeu que ele podia realizar sua vontade naquele instante. Ptítsin, homem delicado e extremamente conciliador, de pronto levantou-se e recolheu-se para a ala dos fundos na datcha de Liébediev, com o firme propósito de levar consigo

o próprio Liébediev. Este prometeu ir dali a pouco; entretanto, Vária havia entabulado conversa com as moças e permaneceu ali mesmo. Ela e Gânia sentiram-se muito contentes com a partida do general; o próprio Gânia, também, logo se retirou, seguindo os passos de Ptítsin. Durante os poucos minutos que passou na varanda, com as Epantchina, Gânia se portou com discrição e dignidade e não se abalou nem um pouco diante dos olhares firmes que Lizavieta Prokófievna lhe dirigiu, por duas vezes, quando o examinou dos pés à cabeça. De fato, as pessoas que o haviam conhecido antes podiam ver que ele mudara muito. E Aglaia gostou bastante da mudança.

— Mas quem saiu daqui agora foi o Gavrila Ardaliónovitch? — perguntou ela, de repente, em voz alta, de forma abrupta, como às vezes gostava de fazer, interrompendo a conversa dos demais e sem se dirigir a ninguém em especial.

— Ele mesmo — respondeu o príncipe.

— Eu mal o reconheci. Ele mudou muito e... para melhor, muito melhor.

— Fico muito feliz por ele — disse o príncipe.

— Ele andou muito doente — acrescentou Vária, com alegre compaixão.

— Mas em que foi que ele mudou para melhor? — indagou Lizavieta Prokófievna com uma perplexidade ferina e quase assustada. — De onde você tirou isso? Não tem nada de melhor. O que, exatamente, lhe parece melhor?

— Não há nada melhor do que um “pobre cavaleiro”! — exclamou, de repente, Kólia, que permanecia o tempo todo junto à cadeira de Lizavieta Prokófievna.

— Eu também penso assim — disse o príncipe Sch., e riu.

— Eu tenho exatamente a mesma opinião — exclamou Adelaida, em tom de triunfo.

— Quem é esse tal de “pobre cavaleiro”? — perguntou a generala, enquanto olhava, com espanto e irritação, para todos os que estavam falando. Porém, ao ver que Aglaia ficara vermelha, acrescentou com raiva: — Que absurdo! Que história é essa de “pobre cavaleiro”?

— Por acaso é a primeira vez que esse garotinho aí, o favorito da senhora, deturpa as palavras dos outros? — respondeu Aglaia, com indignação desdenhosa.

A cada acesso de fúria de Aglaia (e ela se enfurecia com muita frequência), apesar de toda sua óbvia seriedade e todo o seu rigor, quase sempre transparecia algo tão infantil, tão sofregamente escolar e mal disfarçado, que às vezes, olhando para Aglaia, era impossível deixar de rir, o que, de resto, causava enorme irritação na jovem, que não entendia do que estavam rindo: “Como podem, como eles se atrevem a rir?”. Daquela vez, riram também as irmãs, o príncipe Sch., e o próprio príncipe Liev Nikoláievitch sorriu, também ruborizado, por algum motivo. Kólia gargalhou e festejou. Aglaia se enfureceu, a sério, e ficou duas vezes mais bonita. Nela, caíam muito bem o constrangimento e a irritação causada por aquele mesmo constrangimento.

— Ele deturpou um pouco algumas palavras da senhora — acrescentou ela.

— Mas eu estou me baseando numa exclamação da senhora mesma! — gritou Kólia. — Há um mês, a senhora estava folheando o livro *Dom Quixote* e exclamou estas palavras: não existe nada melhor do que um “pobre cavaleiro”.¹¹³ Eu nem sei do que a senhora estava falando, naquela hora, se era do *Dom Quixote* ou do Evguiêni Pávlovitch ou de alguma outra pessoa, mas estava falando de alguém e a conversa ainda durou muito tempo...

— Eu estou vendo que você, meu querido, está se permitindo ir longe demais com as suas charadinhas — Lizavieta Prokófievna o interrompeu, com irritação.

— E por acaso fui só eu? — Kólia não se calou. — Na hora, todo mundo estava falando, e agora também; olhe, o príncipe Sch., a Adelaida Ivánovna, todo mundo foi a favor do “pobre cavaleiro”, portanto “esse tal de pobre cavaleiro” existe, e não há dúvida de que existe, e para mim, se não fosse a Adelaida Ivánovna, todos nós já saberíamos, há muito tempo, quem é o tal “pobre cavaleiro”.

— E agora sou eu quem leva a culpa — riu Adelaida.

— A senhora não quis pintar o retrato: essa é a sua culpa! A Aglaia Ivánovna pediu à senhora que pintasse o retrato do “pobre cavaleiro” e chegou a descrever como ficaria o quadro, que ela mesma imaginou, lembra? A senhora não quis...

— Mas como eu podia pintar? Quem eu ia pintar? Pelo tema, se concluiu que esse “pobre cavaleiro”, “do rosto, a máscara de aço/ Não erguia para ninguém”. Então, que rosto eu podia tirar daí? O que eu ia pintar: uma máscara? Um anônimo?

— Eu não estou entendendo nada. Que história de máscara é essa? — enfureceu-se a generala, que já começava a compreender perfeitamente a quem estavam se referindo, de forma velada, sob a denominação de “pobre cavaleiro” (com certeza, já convencionada havia muito tempo). Porém, o que mais a revoltava era que o príncipe também se mostrava constrangido e acabou ficando totalmente encabulado, como um menino de dez anos. — Ora, essa tolice vai acabar, ou não vai? Vocês vão me contar, ou não vão, quem é esse tal de “pobre cavaleiro”? Será um segredo tão horroroso que ninguém pode revelar?

Porém todos apenas continuaram a rir.

— Pura e simplesmente, trata-se de um estranho poema russo a respeito de um “pobre cavaleiro” — interveio, por fim, o príncipe Sch., com o evidente desejo de esfriar o assunto e desviar a conversa. — É só um fragmento, sem início nem final. Há um mês, mais ou menos, depois do almoço, todos estávamos rindo juntos e, como de costume, procuramos um tema para um futuro quadro de Adelaida Ivánovna. A senhora sabe que a tarefa comum da família, há bastante tempo, consiste em procurar um tema para os quadros de Adelaida Ivánovna. E então falaram do “pobre cavaleiro”; quem tocou nisso primeiro, eu não lembro...

— Foi a Aglaia Ivánovna! — gritou Kólia.

— Pode ser, está bem, mas eu não lembro — prosseguiu o príncipe Sch. — Alguns riram desse tema, outros afirmaram que nada poderia ser mais elevado, no entanto, disseram que, de todo modo, para representar o “pobre cavaleiro”, era preciso ter um rosto; então, nós tratamos de recapitular os rostos de todos os nossos conhecidos, mas nenhum servia, e o assunto morreu aí; foi só isso; eu não entendo por que o Nikolai Ardaliónovitch cismou de lembrar o caso e trazer o assunto à tona. O que antes era divertido e oportuno, agora não tem mais nenhum interesse.

— O motivo é que se faz, agora, a insinuação de alguma tolice nova, picante e ofensiva — retrucou Lizavieta Prokófievna.

— Não há tolice nenhuma, mas sim o mais profundo respeito — exclamou Aglaia de modo completamente inesperado, com voz séria e solene, depois de conseguir recobrar todo o equilíbrio e sufocar seu constrangimento anterior. Além do mais, a julgar por alguns sinais, olhando para ela, era possível compreender que, agora, a própria Aglaia estava contente de ver que a brincadeira continuava a se desdobrar, mais e mais, e que toda aquela reviravolta ocorrera com ela no exato momento em que se

tornava perfeitamente claro que o constrangimento do príncipe aumentava sem parar e alcançara um grau extraordinário.

— Uma hora, dão gargalhadas como uns desmiolados, e então, sem mais nem menos, me aparece do nada o mais profundo respeito! Lunáticos! Respeito por quê? Diga já, por que você, de uma hora para outra, tão de repente, me veio agora com esse grande e profundo respeito?

— Eu digo que é o mais profundo respeito — prosseguiu Aglaia, no mesmo tom sério e solene, em resposta à pergunta quase raivosa da mãe —, porque aqueles versos representam, de forma direta, uma pessoa capaz de ter um ideal; em segundo lugar, uma vez estabelecido o ideal, a pessoa acredita nele e, já que acredita, dedica cegamente a esse ideal toda a sua vida. Isso não é nada comum, em nosso tempo. Ali, naqueles versos, não se diz em que consistia o ideal do “pobre cavaleiro”, mas é visível que se tratava de uma espécie de imagem luminosa, “a imagem da beleza pura”, e o cavaleiro apaixonado, em lugar de um cachecol, chegou a pendurar no pescoço um rosário. Na verdade, existe também, no poema, uma espécie de lema obscuro e sem explicação, as letras A. N. B., que ele inscreveu no seu escudo...

— A. N. D. — corrigiu Kólia.

— Mas eu disse A. N. B., e é isso mesmo que eu quero dizer — retrucou Aglaia, com irritação. — Seja como for, fica claro que, para o “pobre cavaleiro”, já não importava mais quem era ou não era a sua dama, o que ela fazia ou deixava de fazer. Bastava o fato de ele ter feito a sua escolha e de acreditar na sua “beleza pura”, para, então, reverenciá-la para sempre; o mérito disso reside também no fato de que, se mais tarde ela se revelar uma ladra, mesmo assim, ele deve acreditar nela e deve erguer suas armas em defesa da beleza pura de sua dama. Parece que a intenção do poeta era reunir, na imagem excepcional de algum cavaleiro puro e elevado, toda a

vasta noção do amor platônico cavaleiresco medieval; claro, tudo isso é um ideal. No “pobre cavaleiro”, esse sentimento chegou ao seu último estágio, o ascetismo; é preciso reconhecer que a capacidade para tal sentimento significa muito e que tais sentimentos, por si sós, deixam marcas profundas e, de certo modo, absolutamente louváveis, e isso para não falar do Dom Quixote. O “pobre cavaleiro” é o próprio Dom Quixote, só que sério, e não cômico. No início, eu não entendia e eu ri, mas agora eu amo o “pobre cavaleiro” e, acima de tudo, eu respeito as suas façanhas.

Assim concluiu Aglaia e, quem olhasse para ela, teria até dificuldade para saber se estava falando sério ou de brincadeira.

— Pois sim, quanta bobagem, ele e as suas façanhas! — decretou a generala. — E você, minha menina, mentiu além da conta, deu uma verdadeira aula; a meu ver, isso não fica bem em você. Em todo caso, é intolerável. Que versos são esses? Recite, se é que você sabe! Eu faço absoluta questão de conhecer esses versos. Em toda a minha vida, não consegui suportar poemas, é como se eu tivesse um pressentimento. Pelo amor de Deus, príncipe, aguente um pouco, é claro que eu e você temos de suportar isso juntos — dirigiu-se ao príncipe Liev Nikoláievitch. Estava muito aborrecida.

O príncipe Liev Nikoláievitch queria dizer algo, mas não conseguiu pronunciar nada, por causa do constrangimento que perdurava. Só Aglaia, que se dera a liberdade de falar bastante em sua “aula”, não se mostrava nem um pouco embaraçada e parecia até bem contente. Logo se levantou, muito séria e solene, como antes, e, com o aspecto de quem já estava se preparando para aquilo desde algum tempo, e apenas esperava o convite, caminhou para o meio da varanda e se pôs de pé na frente do príncipe, que continuava sentado em sua cadeira. Todos olhavam para ela com certo espanto e quase todos, o príncipe Sch., as irmãs e a mãe assistiam com uma

sensação desagradável àquela nova travessura que Aglaia havia preparado e que, em todo caso, já estava indo um pouco longe demais. Porém era visível que Aglaia apreciava justamente toda aquela encenação com que ela deu início à cerimônia da declamação do poema. Por muito pouco Lizavieta Prokófievna não enxotou a filha de volta para a sua cadeira, só que, no exato instante em que Aglaia começou a declamar a famosa balada, duas novas visitas subiram da rua para a varanda, falando alto. Eram o general Ivan Fiódorovitch Epantchin e, logo atrás, um jovem. Houve um pequeno alvoroço.

O jovem que acompanhava o general tinha uns vinte e oito anos, era alto, esbelto, de rosto belo e inteligente, olhos grandes e negros e olhar radiante, cheio de espírito e ironia. Aglaia nem sequer voltou o olhar para o rapaz e, com afetação, prosseguiu a declamação dos versos, olhando apenas para o príncipe e se dirigindo apenas a ele. Estava bem claro, para o príncipe, que Aglaia fazia tudo aquilo com algum cálculo especial. Mas pelo menos as novas visitas atenuaram, até certo ponto, o seu constrangimento. Ao vê-los, o príncipe se levantou um pouco, inclinou gentilmente a cabeça de longe, num cumprimento para o general, fez sinal para não interromperem a declamação e conseguiu abrigar-se atrás da cadeira, onde, apoiando o cotovelo esquerdo no alto do espaldar, continuou a escutar a balada, já, por assim dizer, numa posição mais cômoda e menos “ridícula” do que antes, sentado na cadeira. Lizavieta Prokófievna, por seu turno, acenou duas vezes para os recém-chegados, com gestos imperativos, para que ficassem quietos. O príncipe, entretanto, mostrou-se muito interessado no jovem visitante que acompanhava o general; adivinhou, obviamente, que se tratava de Evguiêni Pávlovitch Radómski, de quem já ouvira falar bastante e no qual pensara muitas vezes. Só que seus trajes civis o deixaram desconcertado; afinal, ele ouvira dizer que Evguiêni Pávlovitch era militar. Um sorriso jocoso passeava nos lábios da nova visita, durante todo o tempo

da declamação do poema, como se ele já tivesse ouvido falar do “pobre cavaleiro”.

“Quem sabe não foi ele mesmo que inventou isso?”, pensou o príncipe.

No entanto, com Aglaia, o caso era muito diferente. Toda a afetação e a grandiloquência com que ela começara a declamar foram encobertas por tamanha seriedade e por tamanha penetração no espírito e no sentido da obra poética, e Aglaia pronunciava cada palavra do poema com tal sentimento, dizia os versos com uma simplicidade tão superior, que, no fim da declamação, não só atraía a atenção geral como também, por transmitir o espírito elevado da balada, parecia ter justificado, em parte, a solenidade excessiva e afetada com que caminhara antes, com tanta pompa, rumo ao centro da varanda. Agora, só se podia enxergar em toda aquela pompa o que havia de desmesurado, e até de ingênuo, no respeito de Aglaia por aquilo que ela se encarregara de transmitir. Seus olhos brilhavam e, duas ou três vezes, ligeiro, quase imperceptível, um tremor de entusiasmo e de enlevo percorreu seu rosto bonito. Ela declamou:

*No mundo havia um cavaleiro
Pobre, calado e simples,
De rosto soturno e pálido,
De alma valente e franca.*

*Uma visão ele nutria,
Inconcebível à razão,
E uma impressão profunda
Cravou-se em seu coração.*

*Desde então, sua alma ardeu,
Não mais olhou para mulheres,
E, até o túmulo, não quis
Falar com mulher alguma.*

*Em lugar de cachecol,
Trazia no pescoço um rosário.*

*E, do rosto, a máscara de aço
Não erguia para ninguém.*

*Pleno de um amor puro,
Fiel a um sonho doce,
A. M. D., com o próprio sangue,
Inscreveu no seu escudo.*

*E nos desertos da Palestina,
Quando, em batalha, nos penhascos,
Galopavam os paladinos,
Nomeando em brados suas damas,*

*Ele bradava, bravo e devotado,
Lumen coeli, sancta Rosa!¹¹⁴
E sua ameaça, como um raio,
Feria em cheio o muçulmano.*

*De volta a seu castelo remoto,
Viveu em reclusão rigorosa,
Sempre mudo, sempre tristonho,
E assim morreu, como louco.¹¹⁵*

Mais tarde, ao rememorar todo aquele momento, o príncipe passou muito tempo numa extrema confusão, atormentado por um problema, para ele, insolúvel: como era possível unir um sentimento belo e verdadeiro com uma zombaria tão venenosa e cruel? Que havia uma dose de zombaria, ele não tinha dúvida; compreendia aquilo com clareza, e tinha razões para tanto: durante a declamação, Aglaia se deu a liberdade de trocar as letras A. M. D. por N. F. D. De que não houve engano nem lapso da parte dela, o príncipe não podia ter a menor dúvida (posteriormente, aquilo ficou provado). Em todo caso, a extravagância de Aglaia — uma brincadeira, é claro, se bem que bruta e leviana demais — foi premeditada. Ainda um mês depois, todos falavam (e “riam”) do “pobre cavaleiro”. Entretanto, depois, por mais que o príncipe puxasse pela memória, ficou claro que Aglaia

pronunciara aquelas letras não só sem o menor sinal de brincadeira ou de ironia, e mesmo sem nenhuma ênfase especial, com o intuito de pôr em relevo seu significado oculto, como, bem ao contrário, Aglaia as pronunciou com uma seriedade tão inabalável, com uma simplicidade tão inocente e ingênua, que era possível acreditar que tais letras faziam mesmo parte da balada e que assim estava impresso no livro. Algo incômodo e opressivo pareceu ferir o príncipe. Lizavieta Prokófievna, é claro, não entendeu e não notou nem a troca das letras nem qualquer insinuação. O general Ivan Fiódorovitch entendeu apenas que estavam declamando um poema. Os demais compreenderam muitas coisas e se admiraram com a audácia da extravagância, bem como com sua intenção, mas se mantiveram calados e tentaram não demonstrar nada. Porém Evguiêni Pávlovitch (o príncipe podia até apostar) não só compreendeu como tentou, também, mostrar que havia compreendido: sorriu de maneira excessivamente irônica.

— Mas que encanto! — exclamou a generala, com entusiasmo sincero, assim que a declamação terminou. — De quem é o poema?

— Do Púchkin, *maman*, não nos envergonhe, é constrangedor! — exclamou Adelaida.

— Pois é, com vocês, qualquer um fica ainda mais burro do que já é! — retrucou Lizavieta Prokófievna, com amargura. — Que desgraça! Assim que chegarmos em casa, tratem de me mostrar esse poema do Púchkin!

— Mas parece que lá em casa não temos nada do Púchkin.

— Desde tempos imemoriais, há lá em casa dois tomos amarfanhados e gastos, que têm passado de mão em mão — acrescentou Aleksandra.

— Mandem comprar já na cidade, mandem o Fiódor ou o Aleksei, no primeiro trem... É melhor mandar o Aleksei. Aglaia, venha cá! Dê-me um beijo, você declamou lindamente, mas, se declamou com sinceridade — acrescentou, num sussurro —, eu tenho pena de você. Se declamou por

zombaria, eu não aprovo seu sentimento e, assim, em todo caso, seria melhor não ter recitado coisa alguma. Entende? Agora vá, senhorita, eu ainda vou ter de conversar com você, já demoramos demais por aqui.

Enquanto isso, o príncipe cumprimentou o general Ivan Fiódorovitch, que lhe apresentou Evguiêni Pávlovitch Radómski.

— Nós nos encontramos no caminho, ele acabou de descer do trem; ele soube que eu vinha para cá e que todos os seus conhecidos estavam aqui...

— Eu também soube que o senhor estava aqui — interrompeu Evguiêni Pávlovitch — e, como já faz muito tempo que tenho a firme intenção não só de me apresentar ao senhor mas também de obter a sua amizade, eu não quis perder esta chance. O senhor anda adoentado? Eu acabei de saber disso...

— Eu me encontro em perfeito estado de saúde e estou muito contente de conhecer o senhor. Ouvi falar muito do senhor e até falei do senhor para o príncipe Sch. — respondeu Liev Nikoláievitch, estendendo a mão para ele.

Os dois pronunciaram gentilezas recíprocas, apertaram a mão um do outro e fitaram-se nos olhos, com agudeza. Num instante, a conversa se generalizou. O príncipe notou (e agora ele percebia tudo rapidamente, com avidez, e talvez notasse até aquilo que não existia) que as roupas civis de Evguiêni Pávlovitch produziram uma espécie de forte surpresa, generalizada e fora do comum, a ponto de todas as demais impressões serem esquecidas e completamente apagadas. Era possível pensar que, naquela mudança de indumentária, encerrava-se algo muito importante. Adelaida e Aleksandra interrogaram Evguiêni Pávlovitch, com espanto. O príncipe Sch., seu parente, mostrou-se até bastante preocupado; o general falou quase com emoção. Só Aglaia olhou por um minuto para Evguiêni Pávlovitch com curiosidade, mas absolutamente tranquila, como se quisesse apenas comparar o traje civil com o uniforme militar, para decidir qual dos

dois caía melhor nele; no entanto, um minuto depois, virou-se e nem olhou mais para ele. Lizavieta Prokófievna também não quis lhe perguntar nada, embora estivesse um pouco inquieta. O príncipe teve a impressão de que Evguiêni Pávlovitch não contava com a simpatia dela.

— Eu me espantei, eu fiquei pasmo! — repetia Ivan Fiódorovitch, em resposta a todas as perguntas. — Mal pude acreditar quando, ainda há pouco, agora mesmo, eu o encontrei aqui em Petersburgo. E por que tão de repente? Este é o problema. Mas ele mesmo, antes de mais nada, foi logo gritando que não era preciso quebrar cadeiras por causa disso.¹¹⁶

Das conversas que se seguiram, ficou claro que Evguiêni Pávlovitch já dera notícia de sua baixa do Exército havia muito tempo; mas sempre falava de modo tão jocoso que era impossível acreditar nele. De fato, ele sempre falava de coisas sérias com ar tão zombeteiro que era de todo impossível compreendê-lo, sobretudo quando ele mesmo não queria ser entendido.

— Afinal, é uma baixa temporária, só por alguns meses, no máximo um ano de folga — riu Radómski.

— Mas não há nenhuma necessidade disso, pelo menos até onde eu conheço os seus negócios. — O general se exaltava cada vez mais.

— E eu não devo visitar as minhas propriedades rurais? Foi o senhor mesmo que me aconselhou. Além disso, eu quero viajar para o exterior...

A conversa, no entanto, logo mudou de rumo; porém, apesar de tudo, uma inquietação singular ainda perdurava e ultrapassou todas as medidas, na opinião do príncipe, que tudo observava. E, de fato, havia ali algo diferente.

— Quer dizer que o “pobre cavaleiro” está em cartaz outra vez? — tentou perguntar Evguiêni Pávlovitch, aproximando-se de Aglaia.

Para espanto do príncipe, Aglaia olhou para ele com ar perplexo e interrogativo, como se quisesse dar a entender que era impossível haver,

entre eles, qualquer conversa a respeito do “pobre cavaleiro” e que ela nem sequer estava entendendo a pergunta.

— Mas já é tarde, agora é tarde para trazer um livro de Púchkin da cidade, é muito tarde! — Kólia estava discutindo com Lizavieta Prokófievna, esforçando-se ao máximo para se livrar da missão. — Eu vou repetir três mil vezes: já é tarde.

— Sim, de fato, já é tarde para buscar um livro na cidade — meteu-se Evguiêni Pávlovitch também naquele assunto, a fim de se afastar de Aglaia o quanto antes. — Acho que as lojas em Petersburgo estão fechadas, já passa das oito horas — confirmou, pegando o relógio.

— Nós esperamos tanto tempo e não sentimos falta, dá para aguentar até amanhã — retrucou Adelaida.

— Pois é, além do mais — acrescentou Kólia —, para gente da alta sociedade, não é decente se interessar por literatura. Pergunte ao Evguiêni Pávlich.¹¹⁷ É muito mais decente uma charrete amarela com rodas vermelhas.

— Você está de novo repetindo o que leu nas revistas — objetou Adelaida.

— Ele não sabe mesmo falar de outro modo, senão repetindo as revistas — confirmou Evguiêni Pávlovitch. — Ele se exprime com expressões inteiras extraídas de resenhas críticas. Há muito tempo que eu tenho o prazer de conhecer a conversa de Nikolai Ardaliónovitch, mas dessa vez ele não está repetindo o que leu numa revista. Na verdade, o Nikolai Ardaliónovitch fez uma clara alusão à minha charrete amarela com rodas vermelhas. Só que eu já troquei minha charrete, você chegou tarde.

O príncipe escutava com atenção o que Radómski dizia... Achava que ele se comportava esplendidamente, com discrição e alegria, e ao príncipe

agradava, em especial, o fato de ele conversar de modo amistoso, e em perfeito pé de igualdade, com a pessoa que o estava provocando.

— Mas o que é isso? — indagou Lizavieta Prokófievna para Vera, filha de Liébediev, que se postou na frente dela com alguns livros nas mãos, volumes de formato grande, magnificamente encadernados e quase novos.

— Púchkin — respondeu Vera. — O nosso Púchkin. O papai me mandou trazer para a senhora.

— Como assim? Como é possível? — espantou-se Lizavieta Prokófievna.

— Não é de presente, não é de presente! Eu não me atreveria! — ergueu-se Liébediev, por trás do ombro da filha. — Eu cedo os livros pelo seu preço normal, minha senhora. É o nosso Púchkin particular, da família, a edição de Ánnenkov,¹¹⁸ que hoje em dia não se encontra mais. Faço pelo preço normal, minha senhora. Eu ofereço com reverência, no intuito de vender e, desse modo, satisfazer a nobre avidez dos nobres sentimentos literários de vossa excelência.

— Ah, você quer vender, se é assim, muito obrigado. Não vai sair perdendo, com certeza; mas, por favor, não faça tantos trejeitos, meu caro. Já ouvi falar de você, dizem que é muito lido, vamos conversar um dia desses; será que você mesmo podia levar os livros à minha casa?

— Com reverência e... devoção! — Extremamente satisfeito, Liébediev tomou os livros das mãos da filha, enquanto se desfazia em trejeitos.

— Muito bem, pode levar, cuidado para não perder nada, e não precisa de devoção. Mas só aceito com uma condição — acrescentou ela, olhando fixamente para Liébediev. — Eu vou deixar você chegar só até a porta, não além daí, e hoje não tenho a intenção de receber você. Mas mande a sua filha Vera agora mesmo, eu gostei muito dela.

— Por que o senhor não conta logo que aquelas pessoas estão aí? — Preocupada, Vera se dirigiu ao pai. — Eles vão acabar entrando, de um jeito ou de outro: já começaram a fazer bagunça, Liev Nikoláievitch — voltou-se para o príncipe, que havia até pegado seu chapéu para sair. — Eles já chegaram há um bom tempo, querem falar com o senhor, são quatro pessoas, estão lá dentro esperando e rogando pragas, mas o papai não deixa que venham falar com o senhor.

— Quem são? — perguntou o príncipe.

— Dizem que vêm a negócios, só que são pessoas de um tipo que, se nós não deixarmos que entrem agora, são capazes de ficar paradas no nosso caminho. É melhor deixar que entrem, Liev Nikoláievitch, para depois se livrar deles. O Gavrilá Ardaliónovitch e o Ptítsin estão lá, tentando convencê-los. Mas eles não obedecem.

— É o filho do Pavlíschev! É o filho do Pavlíschev! Não vale a pena, não vale a pena! — Liébediev ergueu e abanou as mãos. — Não vale a pena ouvir o que eles dizem, meu senhor; é até indecente de sua parte, vossa alteza, preocupar-se com eles. Veja, meu senhor, eles não são dignos disso...

— O filho do Pavlíschev! Meu Deus! — exclamou o príncipe, num constrangimento extraordinário. — Eu o conheço... Mas, afinal, eu... encarreguei o Gavrilá Ardaliónovitch desse assunto. Agora mesmo, o Gavrilá Ardaliónovitch estava me contando que...

Mas Gavrilá Ardaliónovitch já estava entrando na varanda; logo atrás, veio Ptítsin. No cômodo contíguo, ouvia-se muito barulho e a voz alta do general Ívolguin, que parecia querer gritar mais do que as outras vozes. Kólia correu logo na direção do barulho.

— Isso é muito interessante! — comentou Evguiêni Pávlovitch.

“Portanto, ele está a par da questão!”, refletiu o príncipe.

— Que filho de Pavlíshev é esse? E... de onde saiu esse filho do Pavlíshev? — perguntou o general Ivan Fiódorovitch com perplexidade, enquanto olhava, curioso, para todos os rostos e observava, com surpresa, que aquela novidade só era desconhecida para ele.

Na realidade, a agitação e a expectativa eram gerais. O príncipe se surpreendeu a fundo, ao ver que um assunto tão exclusivamente pessoal era capaz de despertar o mais forte interesse de todos ali.

— Vai ser muito bom se *o senhor mesmo* puser um ponto-final nessa questão — disse Aglaia, com uma seriedade incomum, aproximando-se do príncipe. — E nos permita, a todos, servir de testemunhas. Estão querendo difamá-lo, príncipe, e o senhor precisa defender sua inocência com toda a ênfase, e eu já fico, de antemão, tremendamente feliz pelo senhor.

— Eu também quero que essa disputa infame termine de uma vez — gritou a generala. — Dê uma lição neles, príncipe, não tenha clemência! Entupiram os meus ouvidos com essa história toda e eu já prejudiquei até minha saúde por sua causa. Mas vai ser mesmo bastante curioso presenciar essa cena. Mande que entrem, nós vamos ficar aqui. Aglaia pensou muito bem. Príncipe, o senhor soube de algo a respeito do assunto? — voltou-se para o príncipe Sch.

— Claro, já ouvi falar, sim, na casa da senhora. No entanto, eu gostaria muito de ver esses jovens com meus próprios olhos — respondeu o príncipe Sch.

— São os tais niilistas, não é isso?

— Não, meu senhor, eles não são propriamente niilistas — Liébediev deu um passo à frente, quase tremendo, de tanta agitação. — Eles são outros, diferentes, o meu sobrinho me disse que eles foram além dos niilistas, meu senhor. É inútil pensar que o senhor vai deixá-los constrangidos com a sua presença, vossa excelência; eles não se acanham com nada. Apesar de tudo,

os niilistas, às vezes, são gente preparada, até muito culta, mas esses aí foram além, meu senhor, porque, antes de tudo, são pessoas de ação. Na realidade, são uma espécie de sequência do niilismo, só que não por via direta, e sim de modo indireto, por ouvir falar. Eles não se manifestam em artigos de qualquer revista, fazem isso diretamente, por meio de ações. Não se trata, por exemplo, de mostrar que um tal de Púchkin é um insensato e tampouco se trata, por exemplo, de mostrar a necessidade de dividir a Rússia em pedaços; não senhor, agora, se eles querem alguma coisa, eles se consideram no pleno direito de não se deter em face de nenhuma barreira, mesmo se for necessário dar cabo de oito pessoas, meu senhor. Mas, príncipe, ainda assim, eu não recomendaria ao senhor...

Mas o príncipe já estava a caminho para abrir a porta aos visitantes.

— O senhor está dizendo calúnias, Liébediev — exclamou o príncipe, sorrindo. — O sobrinho do senhor o deixou muito amargurado. Não creia nele, Lizavieta Prokófievna. Garanto à senhora que Górski e Danílov¹¹⁹ são casos isolados, mas esses aqui estão só... equivocados... Mas eu apenas não desejava que isso acontecesse aqui, na frente de todos. Perdoe, Lizavieta Prokófievna, eles vão entrar, eu vou mostrá-los e depois vou levá-los embora. Por favor, senhores!

Na verdade, o que o preocupava era outro pensamento, para ele torturante. Um devaneio lhe ocorreu: será que alguém não teria planejado tudo aquilo, naquele exato momento, naquela circunstância, justamente com aquelas testemunhas e, quem sabe, não para seu triunfo, mas sim, de propósito, para sua vergonha? Entretanto, ele se sentia triste demais por causa da sua “desconfiança rancorosa e revoltante”. Dava a impressão de que até morreria, caso alguém descobrisse que tal ideia andava em sua cabeça e, no momento em que as novas visitas entraram, o príncipe estava

sinceramente disposto a se considerar, dentre todos à sua volta, o pior dos piores, no aspecto moral.

Cinco pessoas entraram, quatro visitantes novos e, atrás deles, o general Ívolguin, exaltado, com os nervos à flor da pele e num forte ataque de eloquência. “Sem dúvida, esse aí está do meu lado!”, pensou o príncipe, com um sorriso. Kólia esgueirou-se junto com todos: conversava calorosamente com Ippolit, um dos visitantes; Ippolit escutava e sorria.

O príncipe ofereceu cadeiras para as visitas se sentarem. Todos eram tão novinhos, com ar quase adolescente, que alguém poderia até se admirar com a situação e com toda a cautela que a precedera. Ivan Fiódorovitch Epantchin, por exemplo, que nada sabia e nada entendia daquela “causa nova”, chegou a se indignar, ao ver tal juventude, e com certeza teria protestado, se o fervor — para ele estranho — de sua esposa pelos interesses do príncipe não o detivesse. De resto, ele continuou ali, em parte, por curiosidade, em parte, por seu coração bondoso, na esperança até de poder ajudar e, em último caso, fazer valer sua autoridade; mas a reverência que o general Ívolguin fez para ele, de longe, ao entrar, deixou o general Epantchin, de novo, indignado; franziu as sobrancelhas e decidiu manter-se obstinadamente mudo.

Um dos quatro jovens visitantes tinha uns trinta anos, era “tenente da reserva, do bando de Rogójin, lutador de boxe, e dava aulas particulares por quinze rublos”. Percebia-se que ele acompanhava os demais para se mostrar, na condição de amigo sincero, bem como para prestar apoio, em caso de necessidade. Entre os outros, o lugar de mais destaque e o papel mais importante eram ocupados por aquele classificado pela alcunha de “filho de Pavlíshev”, embora se apresentasse como Antip Burdóvski. Era jovem, vestia-se de maneira pobre e desleixada, usava uma sobrecasaca de mangas tão ensebadas que emitiam o brilho de um espelho, um colete

gorduroso e abotoado até em cima, uma camisa branca que desaparecia não se sabia por onde, um cachecol preto de seda, seboso ao extremo, e tinha as mãos sujas, o rosto extremamente espinhento, cabelos louros e, se é possível se exprimir dessa forma, um olhar ingênuo e insolente. Magricelo, mais ou menos vinte e dois anos, não se podia dizer que era de baixa estatura. O rosto não exprimia o menor traço de ironia ou de reflexão; ao contrário, ostentava um entusiasmo obtuso e pleno da certeza do seu próprio direito e, ao mesmo tempo, algo que beirava uma estranha e incessante necessidade de ser e sentir-se, o tempo todo, ofendido. Falava com forte emoção, afoito e gaguejante, parecia atropelar as palavras, como se tivesse a língua presa ou fosse estrangeiro, embora, de resto, fosse de origem perfeitamente russa.

Quem o acompanhava, em primeiro lugar, era o sobrinho de Liébediev, já conhecido do leitor e, em segundo lugar, Ippolit. Este era muito jovem, uns dezessete anos, talvez dezoito, rosto de expressão inteligente e sempre irritada, com as marcas horríveis deixadas por sua doença. Era magro como um esqueleto, de uma palidez amarela, seus olhos cintilavam e duas manchas vermelhas ardiavam nas faces. Tossia sem parar; cada palavra, quase cada respiração, era acompanhada por um ronco. A tuberculose era visível, e no estágio mais grave. Dava a impressão de que não viveria mais do que duas ou três semanas. Estava muito cansado e, antes de qualquer outro, arriou o corpo numa cadeira. Os demais, ao entrarem, mostraram alguma cerimônia, quase um constrangimento, porém ostentavam um ar importante e era visível que temiam comprometer de alguma forma sua dignidade, o que, de maneira estranha, não combinava com sua reputação de contestadores de todas as ninharias e de todos os preconceitos mundanos e inúteis, e até de quase tudo que existe no mundo, exceto seus próprios interesses.

— Antip Burdóvski — declarou o “filho de Pavlíschev”, afoito e gaguejante.

— Vladímir Doktorienko — apresentou-se o sobrinho de Liébediev, com clareza e exatidão, como se estivesse até se gabando de se chamar Doktorienko.

— Keller! — proferiu o tenente da reserva.

— Ippolit Tieriéntiev — se esganiçou o último, de forma inesperada e com voz estridente.

Por fim, todos se sentaram, numa fila, em cadeiras voltadas de frente para o príncipe e, feitas as apresentações, todos olharam de cara feia e, para tomar coragem, passaram seus bonés de uma mão para outra, todos se preparavam para falar e, no entanto, mantiveram-se mudos, aguardando algo, com ar desafiador, como se dissessem: “Não, meu caro, você está mentindo, não vai me enganar!”. Sentia-se que bastaria alguém dizer uma única palavra, de início, para que logo todos comesçassem a falar ao mesmo tempo, atropelando-se e interrompendo uns aos outros.

— Cavalheiros, eu não estava esperando por nenhum dos senhores — começou o príncipe. — Na verdade, eu estive adoentado até hoje e, quanto ao assunto do senhor — voltou-se para Antip Burdóvski —, no mês passado, encarreguei o Gavrila Ardaliónovitch Ívolguin de tratar da questão, como eu até levei ao seu conhecimento, na ocasião. De resto, eu não estou me esquivando de me explicar pessoalmente, só que, convenhamos, numa hora como esta... Proponho que o senhor venha comigo para outro cômodo, se não formos demorar muito... Aqui, agora, estão meus amigos e, acredite...

— Amigos... tenha quantos quiser, mas, ainda assim, nos permita — interrompeu-o, de súbito, o sobrinho de Liébediev, em tom absolutamente imperioso, embora sempre sem erguer muito a voz —, nos permita declarar que o senhor poderia se portar conosco de modo mais respeitoso, em vez de nos fazer esperar duas horas na ala dos seus lacaios...

— Claro... eu também... é uma atitude principesca! E isso... o senhor, portanto, é um general! E eu não sou seu lacaios! E eu, eu... — balbuciou Antip Burdóvski, de repente, os dentes trêmulos, a voz claudicante em razão do ultraje sofrido, enquanto os perdigotos esvoaçavam de sua boca, como se todo ele tivesse rebentado ou explodido por dentro, porém falava

tão afoito que, após dez palavras, já não era possível compreender mais nada do que dizia.

— Foi mesmo principesco! — gritou Ippolit, esganiçado, com voz rachada.

— Se fosse comigo — esbravejou o lutador de boxe —, quer dizer, se isso tivesse relação direta comigo, como uma pessoa nobre, o que eu faria, no lugar do Burdóvski... eu...

— Senhores, eu acabei de saber, neste exato minuto, que os senhores estavam aqui, juro por Deus — repetiu o príncipe.

— Nós não temos medo dos seus amigos, príncipe, sejam lá quem forem, porque estamos no nosso direito — declarou, mais uma vez, o sobrinho de Liébediev.

— No entanto, permita que eu lhe pergunte — Ippolit, de novo, se esganiçou, mas agora já extremamente exaltado —, que direito tinha o senhor de apresentar a questão do Burdóvski ao julgamento dos seus amigos? Pois pode muito bem ser que nós não desejemos o julgamento dos seus amigos. É mais do que previsível qual pode ser o julgamento dos seus amigos!...

— Mas, sr. Burdóvski, se afinal o senhor não deseja conversar aqui — conseguiu responder o príncipe, por fim, extraordinariamente impressionado com aquele início de conversa —, então, como eu estava lhe dizendo, vamos já para outro cômodo, pois, garanto ao senhor, eu só soube da sua presença um minuto atrás...

— Mas o senhor não tem o direito, não tem o direito, não tem o direito!... Os seus amigos... Veja!... — De repente, Burdóvski desatou a gaguejar outra vez, olhando em redor com ar selvagem e temeroso, e, quanto mais se exaltava, mais desconfiado e esquivo se mostrava. — O senhor não tem o direito! — E, depois de gritar aquilo, parou bruscamente,

como se algo tivesse se rompido e, em silêncio, esbugalhando os olhos míopes, muito protuberantes, cheio de grossas veiazinhas vermelhas, fitou o príncipe com ar interrogativo, todo seu tronco inclinado para a frente. Dessa vez, o príncipe ficou tão admirado que ele mesmo também se manteve em silêncio e olhou para Burdóvski de olhos arregalados, sem dizer nenhuma palavra.

— Liev Nikoláievitch! — chamou, de repente, Lizavieta Prokófievna. — Veja, leia já isto aqui, agora mesmo: diz respeito diretamente ao seu assunto.

Apressada, ela estendeu para o príncipe o exemplar de um jornal humorístico diário e, com o dedo, apontou um artigo. Na hora em que os visitantes entraram, Liébediev, desejoso de cair nas graças da generala, aproximou-se dela pelo lado, retirou o jornal do bolso lateral do paletó, colocou-o bem à vista de seus olhos e apontou para uma coluna marcada a lápis. Agora, Lizavieta já tivera tempo de ler a coluna, que a deixou tremendamente chocada e aflita.

— Mas seria preferível não ler isso em voz alta, não acha? — balbuciou o príncipe, muito embaraçado. — Eu vou ler sozinho... depois...

— Então é melhor que você leia, e leia já, em voz alta, em voz alta! — Lizavieta Prokófievna voltou-se para Kólia, arrancando, com impaciência, o jornal das mãos do príncipe, que mal tivera tempo de tocar no papel. — Em voz alta, para que todos possam escutar.

Lizavieta Prokófievna era uma senhora impetuosa e veemente, a ponto de, às vezes, sem parar para pensar, num rompante súbito, abrir as velas e se lançar ao mar aberto, sem tomar conhecimento do mau tempo. Ivan Fiódorovitch se remexeu, inquieto. Porém, enquanto todos, no primeiro instante, a contragosto, continuavam parados e aguardavam com perplexidade, Kólia tratou logo de apanhar o jornal e começar a ler em voz

alta, no trecho indicado por Liébediev, que viera, de um salto, para junto dele.

Proletários e seus herdeiros, um episódio dos roubos diários e cotidianos! Progresso! Reforma! Justiça!

Casos estranhos se passam na nossa assim chamada Santa Rússia, em nosso tempo de reformas e de empresas em sociedade, tempo de nacionalidade e de centenas de milhões transferidos para o exterior todos os anos, tempo de incentivos à indústria e de paralisia dos braços dos operários! Etc. etc., não é possível enumerar tudo, senhores, por isso, vamos direto ao assunto. Ocorreu um caso estranho com um dos herdeiros da nossa defunta nobreza latifundiária (*de profundis*),¹²⁰ aliás, um desses herdeiros cujos avós ainda perdiam tudo na roleta, cujos pais precisavam servir como cadetes e alferes e que, como de hábito, morriam sendo processados por algum desfalque no Tesouro, e cujos filhos, a exemplo do herói do nosso relato, ou crescem idiotas ou acabam até apanhados em alguma causa criminal, da qual os jurados, no entanto, os absolvem, com o intuito de repreensão e correção; ou, enfim, terminam pondo em cena um desses casos que maravilham o público e cobrem de vergonha o nosso tempo, já bastante vexaminoso por si só. O nosso herdeiro, faz meio ano, calçando polainas à moda estrangeira e tremendo de frio num casaquinho sem forro, em pleno inverno, voltou para a Rússia, vindo da Suíça, onde se tratou de idiotismo (sic!). É preciso reconhecer que a sorte o favoreceu, pois ele, sem falar de sua doença interessante, da qual se curou na Suíça (mas, ora essa, é mesmo possível curar-se de idiotismo, vocês conseguem imaginar?!), poderia servir para comprovar a veracidade do provérbio russo que diz: a sorte só existe para certa categoria de gente! Julguem vocês mesmos: ainda bebê, perdeu o pai, um tenente, que morreu sendo processado pelo repentino desaparecimento de todo o dinheiro da companhia, que ele torrou no carteadado, e talvez também por fustigar um subordinado com vergastadas em demasia (velhos tempos, lembram, senhores?); o nosso barão, por misericórdia, foi acolhido por um desses senhores de terras russos muito ricos, a fim de ser educado. Esse senhor de terras russo — vamos chamá-lo de P. —, proprietário, nos tempos dourados, de quatro mil almas de servos (almas de servos! Os senhores entendem tal expressão? Eu não entendo. Será preciso conferir num dicionário: “a tradição é recente, mas acreditar nela é difícil”),¹²¹ era, pelo visto, um daqueles indolentes parasitas russos que levavam sua vida ociosa no exterior — verão, na estação de águas; inverno, no Château des Fleurs de Paris, onde, em seus bons tempos, eles deixavam fortunas incomensuráveis. Era possível dizer, de forma taxativa, que pelo menos um terço da renda paga pelos servos a seus senhores terminava nas mãos do proprietário do Château des Fleurs de Paris (esse é que era um homem feliz!). De todo modo, o imprevidente P. educou o órfão de origem nobre à maneira dos príncipes, contratou, para ele, tutores e tutoras (sem dúvida, bonitinhas), que, a propósito, ele mesmo mandou vir de Paris. Porém o último herdeiro na estirpe dos nobres era um idiota. As tutoras do Château des Fleurs não foram de grande ajuda e, durante vinte anos, o nosso educando não conseguiu aprender nenhum idioma, sem excluir o russo. Este

último caso, porém, é perdoável. Por fim, na cabeça escravocrata russa de P., veio a fantasia de que o idiota poderia aprender o bom senso na Suíça — fantasia, de resto, bastante lógica: um parasita e proprietário, naturalmente, podia imaginar que, com dinheiro, era possível comprar até a inteligência no mercado, ainda mais na Suíça. Foram cinco anos de tratamento na Suíça, no estabelecimento de um conhecido professor, e o dinheiro investido alcançou a casa dos milhares: o idiota não ficou inteligente, é claro, mas, pelo que dizem, sem sombra de dúvida, adquiriu, a duras penas, o aspecto de um ser humano. De súbito, quando menos se esperava, P. morreu. Testamento, está claro, não há nenhum, os negócios, como de hábito, estão em desordem, há um monte de herdeiros ávidos, que já não têm nenhuma relação com o último dos representantes da linhagem, que, por caridade, foi à Suíça para se tratar do seu idiotismo de nascença. Embora idiota, no entanto, ele tentou tapear o seu professor e, pelo que dizem, conseguiu tratar-se por dois anos de graça, escondendo do professor a morte de seu benfeitor. Só que o próprio professor era um perfeito charlatão; enfim, apavorado com a falta de dinheiro e mais ainda com o apetite do seu parasita de vinte anos de idade, calçou-o em suas velhas polainas, deu-lhe de presente seu capote surrado e, num gesto de caridade, despachou-o de volta, num vagão de terceira classe, *nach Russland*¹²² — a fim de retirar esse fardo dos ombros da Suíça. Parecia que a felicidade tinha dado as costas para o nosso herói. Não foi assim: a fortuna, que devastava províncias inteiras com a fome mortífera, derramou todas as suas dádivas, de uma só vez, sobre o aristocratazinho, como *A nuvem*, de Krilóv,¹²³ que passou depressa por cima de um campo seco e foi despejar sua chuva no oceano. Quase no mesmo instante em que ele apareceu em Petersburgo, vindo da Suíça, morreu em Moscou um parente de sua mãe (oriunda, é claro, de uma família de comerciantes), um velho solteirão sem filhos, comerciante, barbudo e *raskólnik*,¹²⁴ deixando alguns milhões numa herança incontestável, redonda, pura e em espécie — e tudo isso (quem dera fosse para mim ou para você, leitor!) foi para o nosso herdeiro, tudo foi para o nosso barão que se tratou do idiotismo na Suíça! Muito bem, só que nesse ponto começou a tocar outra música. Em torno do nosso barão de polainas, o qual passara a cobrir de atenções uma conhecida beldade-concubina, de repente se aglomerou uma verdadeira turba de amigos e parceiros, surgiram até alguns parentes e, acima de tudo, um verdadeiro bando de mocinhas nobres, sedentas e famintas de um casamento oficial e, para tanto, nada melhor do que um aristocrata milionário idiota — todas as virtudes de uma só vez, um marido desse não se acha por aí, nem buscando com uma lanterna, nem mandando fazer de encomenda!...

— Pare aí, Kólia! — gritou o príncipe, com voz de súplica. Romperam exclamações de todos os lados.

— Leia! Leia, custe o que custar! — cortou Lizavieta Prokófievna, controlando-se visivelmente, com um esforço extraordinário. — Príncipe! Se não lerem agora, nós vamos brigar.

Não havia nada a fazer. Kólia, vermelho, afogueado, conturbado, com voz alvoroçada, tratou de prosseguir a leitura:

Entretanto, como o nosso milionário precoce se encontrava, por assim dizer, com a cabeça nas nuvens, deu-se uma circunstância completamente inusitada. Numa bela manhã, recebeu a visita de um homem de rosto austero e sereno, de linguajar cortês, mas digno e correto, vestido com recato e nobreza, com o pensamento de óbvio matiz progressista e, em duas palavras, explicou o motivo de sua visita: era um advogado conhecido; um jovem o havia incumbido de uma causa na justiça; ele estava ali em nome do seu cliente. O tal jovem é, nada mais, nada menos, do que o filho do falecido P., embora use outro nome. O voluptuoso P., em sua mocidade, seduzira uma jovem pobre e honesta, oriunda de uma família de servos, mas que fora educada à moda europeia (no caso, é claro, misturaram-se os direitos tradicionais de um barão, no regime de servidão), e percebendo a consequência inevitável, mas iminente, de sua relação, encontrou às pressas um marido para ela, um homem com um emprego, funcionário público, até, de caráter nobre, e que já amava aquela moça havia muito tempo. De início, P. ajudou os recém-casados, mas logo o caráter nobre do marido passou a recusar sua ajuda. Correu algum tempo e P., pouco a pouco, conseguiu esquecer a moça e o filho que tivera com ela, e depois, como sabemos, morreu sem deixar testamento. Entretanto, seu filho, que nascera já no casamento oficial, mas crescera com outro nome de família e foi registrado como filho pelo caráter nobre do marido de sua mãe, o qual logo veio a morrer, viu-se sozinho no mundo, apenas com seus recursos próprios, além da mãe doente, sofrida e perneta, numa província remota; na capital, ele mesmo ganhava dinheiro por meio de um trabalho nobre e diário, dando aulas para filhos de comerciantes e, desse modo, sustentou-se primeiro como aluno do ginásio e, depois, como ouvinte de aulas úteis para ele, que já tinha um propósito em vista. Mas quanto se pode ganhar e economizar, dando aulas para comerciantes russos em troca de moedinhas, ainda mais com a mãe doente, perneta, e que, por fim, acabou morrendo naquela província distante, mas que não trouxe, nem dessa forma, quase nenhum alívio para o filho? E agora vem uma pergunta: por uma questão de justiça, como devia raciocinar o nosso herdeiro? O leitor, claro, acredita que ele disse a si mesmo: “Durante toda a minha vida, eu tirei proveito das dádivas de P.; para a minha educação, para as tutoras e para o tratamento do idiotismo, na Suíça, foram gastos quase dez mil; e, agora, cá estou eu com milhões nas mãos, enquanto o caráter nobre do filho de P., que não tem nenhuma culpa das ações do seu pai leviano e desmiolado, se mata de dar aulas. Tudo o que veio para mim, por uma questão de justiça, deveria ir para ele. Essas quantias enormes, gastas comigo, no fundo, não são minhas. Isso não passou de um erro cego da fortuna; tais quantias cabiam ao filho de P. Deveriam ter sido usadas para o bem dele e não para mim — isso foi fruto de um capricho fantasioso do leviano e desmiolado P. Se eu fosse plenamente nobre, educado, justo, eu deveria entregar para o filho dele metade de toda a minha herança; mas, antes de tudo, eu sou uma pessoa calculista e compreendo perfeitamente que esta não é uma questão jurídica, portanto eu não vou entregar metade dos meus

milhões. Mas, mesmo assim, já será muito vil e descarado (e também calculista, o herdeiro se esqueceu de acrescentar), da minha parte, se agora eu não devolver ao filho de P. pelo menos as dezenas de milhares de rublos que P. gastou com o meu idiotismo. No caso, é apenas uma questão de consciência e justiça! Pois o que seria de mim se P. não tivesse cuidado da minha educação e, em vez de se preocupar comigo, tivesse cuidado do seu filho?”

Mas, não, senhores! Os nossos herdeiros não raciocinam assim. Por mais que o advogado lhe mostrasse que havia se incumbido do caso do jovem unicamente por amizade e quase a contragosto, quase à força, por mais que expusesse aos seus olhos os deveres da honra, da nobreza, da justiça e até do mero cálculo, o educando da Suíça permaneceu inflexível. Mas e daí? Tudo isso ainda não é nada, mas aqui está o que é de fato imperdoável e que doença nenhuma poderia desculpar: esse milionário, que mal acabara de descalçar as polainas de seu professor, não era sequer capaz de suspeitar que não era caridade nem socorro o que lhe pedia o nobre caráter do jovem que se matava de dar aulas, mas sim o seu direito e o seu dever, ainda que não fosse pela via jurídica, e nem mesmo era ele que estava pedindo, mas apenas os amigos que se movimentavam arduamente a seu favor. Com ar majestoso e extasiado com a possibilidade recebida de esmagar as pessoas impunemente com os seus milhões, o nosso herdeiro pega uma nota de cinquenta rublos e manda para o jovem de caráter nobre, como uma esmola insolente. Não acreditam, senhores? Estão revoltados, estão ofendidos, soltam um grito de indignação; mas, apesar de tudo, foi isso que ele fez! Claro, o dinheiro foi imediatamente devolvido. Por assim dizer, foi jogado de volta na sua cara. O que falta para resolver essa questão? Não se trata de um caso jurídico, só é preciso divulgá-lo! Nós estamos transmitindo o caso ao público, garantindo sua veracidade. Dizem que um de nossos mais famosos humoristas insinuou, a respeito do caso, um epigrama inspirador, que merece ter lugar nos estudos de costumes, não só nas províncias, mas também nas capitais:

*Liev brincou cinco anos
De vestir o capote de Schneider,
E foi enchendo seu tempo
Com o ócio de costume.*

*De volta, em estreitas polainas,
Ganhou um milhão de herança.
Reza para Deus em russo,
Mas rouba dos estudantes.¹²⁵*

Quando Kólia terminou a leitura, passou logo o jornal para o príncipe e, sem dizer nenhuma palavra, correu para um canto, enfiou-se ali e cobriu o rosto com as mãos. Sentia uma vergonha insuportável e sua sensibilidade,

que ainda não tivera tempo de se habituar à lama, ficou indignada além de todas as medidas. Tinha a impressão de que se passava algo extraordinário que destruía tudo de uma só vez, algo de que, por muito pouco, ele mesmo não tinha sido a causa, ainda que apenas por ter lido o texto em voz alta.

Entretanto, parecia que todos sentiam algo semelhante.

As moças sentiam-se muito constrangidas e envergonhadas. Lizavieta Prokófievna continha uma raiva tremenda e talvez até se arrependesse amargamente de ter se metido naquele assunto; agora, mantinha-se calada. Com o príncipe, se passava o mesmo que ocorre, não raro, em situações semelhantes, com pessoas acanhadas demais: envergonhou-se a tal ponto com uma ação alheia, envergonhou-se a tal ponto por suas visitas, que, no primeiro momento, teve até medo de olhar para elas. Ptítsin, Vária, Gânia e até Liébediev — todos pareciam um tanto embaraçados. O mais estranho de tudo era que Ippolit e o “filho de Pavlíschev” também pareciam um pouco assombrados; o sobrinho de Liébediev também estava visivelmente insatisfeito. Só o lutador de boxe se mantinha em perfeita tranquilidade, cofiando os bigodes, com ar importante e de olhos um pouco abaixados, não de constrangimento, mas, ao contrário, parecia fazê-lo por nobre recato e pela evidência exagerada de seu triunfo. Todos viam que ele havia gostado muito da matéria do jornal.

— Só o diabo sabe o que é isso — falou Ivan Fiódorovitch, à meia-voz. — É como se cinquenta lacaios tivessem se juntado para escrever, e escrevessem mesmo.

— Mas p-p-permita que eu pergunte, prezado senhor, como pode o senhor ofender os outros com tais suposições? — declarou Ippolit, todo trêmulo.

— Isso, isso, isso, para uma pessoa honrada... o senhor mesmo há de convir, general, se é uma pessoa honrada, que isso é ultrajante! — rosnou o

lutador de boxe, que também estremeceu, de repente, por algum motivo, enquanto retorcia os bigodes e contraía os ombros e o tronco.

— Em primeiro lugar, eu não sou o seu “prezado senhor” e, em segundo lugar, eu não sou obrigado a lhe dar qualquer explicação — retrucou Ivan Fiódorovitch em tom brusco, muito exaltado; levantou-se e, sem pronunciar nenhuma palavra, dirigiu-se para a saída da varanda, parou no degrau de cima, de costas para a plateia — imensamente revoltado com Lizavieta Prokófievna, que até aquele momento nem pensara em se mexer.

— Senhores, senhores, me permitam falar, afinal — exclamou o príncipe, angustiado e aflito. — E façam o obséquo de se expressar de maneira que nos entendamos uns aos outros. Senhores, a respeito do artigo, eu não digo nada, não me importa, só que, afinal de contas, senhores, é tudo mentira, tudo o que está impresso nesse artigo. E eu digo isso porque os senhores mesmos sabem: chega a ser uma vergonha. Portanto, eu vou ficar francamente surpreso se quem tiver escrito o artigo for algum dos senhores.

— Até este exato minuto, eu não sabia nada a respeito do artigo — declarou Ippolit. — E eu não aprovo esse artigo.

— Embora eu já soubesse que tinha sido publicado, eu... também não recomendaria a publicação, porque é cedo — acrescentou o sobrinho de Liébediev.

— Eu também sabia, mas eu tenho o direito... eu... — resmungou o “filho de Pavlíschev”.

— O quê? Então o senhor inventou tudo isso? — perguntou o príncipe, olhando para Burdóvski, com curiosidade. — Mas não pode ser!

— No entanto, é possível contestar o seu direito de fazer tais perguntas — interveio o sobrinho de Liébediev.

— Afinal, eu apenas me espantei de saber que o sr. Burdóvski conseguiu... mas... eu quero dizer que, se o senhor já divulgou o assunto,

por que, então, ficou tão ofendido, agora há pouco, quando eu, diante dos meus amigos, perguntei a respeito do caso?

— Finalmente, aí está! — exclamou Lizavieta Prokófievna, com indignação.

— E até mesmo, príncipe, o senhor se permitiu esquecer — Liébediev, de repente, incapaz de se conter, quase febril, avançou, esgueirando-se entre as cadeiras —, o senhor se permitiu esquecer de dizer que só a sua boa vontade e a bondade desmedida do seu coração tornaram possível recebê-los e ouvi-los, e que eles não têm o mínimo direito de exigir isso, ainda mais porque o senhor já encarregou o Gavrila Ardaliónovitch de cuidar do assunto, e também faltou dizer que é só por sua bondade demasiada que eles agiram assim, mas que agora, excelentíssimo príncipe, quando se encontra na companhia de seus amigos seletos, o senhor não pode sacrificar tal companhia por causa desses cavalheiros, e poderia muito bem, por assim dizer, mostrar a esses cavalheiros o caminho da porta, o que eu, na condição de dono da casa, faria até com imenso prazer...

— Absolutamente correto! — trovejou, de súbito, o general Ívolguin, do fundo da sala.

— Chega, Liébediev, chega, já é o bastante... — quis interromper o príncipe, mas uma verdadeira explosão de indignação encobriu suas palavras.

— Não, príncipe, perdoe, perdoe, mas agora já não é o bastante! — O sobrinho de Liébediev berrou quase mais alto que todos. — Agora, é preciso pôr toda essa questão em pratos limpos, pois é óbvio que não foi bem compreendida. Meteram-se no assunto uns rábulas e, com base em suas chicanas, estão nos ameaçando de pôr pela porta afora! Mas será mesmo, príncipe, que o senhor nos considera tão tolos a ponto de não compreender, nós mesmos, em que medida o nosso assunto não é jurídico e

que, bem analisada a questão jurídica, não temos direito de cobrar do senhor, pela lei, nem um mísero rublo sequer? Só que, justamente, nós compreendemos que, se no caso não existe o direito jurídico, em compensação, existe o direito humano natural, o direito do bom senso e da voz da consciência e, embora esse nosso direito não esteja escrito em nenhum código roído pelas traças, uma pessoa nobre e honrada, ou seja, pouco importa se é ou não uma pessoa sensata, está obrigada a permanecer nobre e honrada, mesmo nos pontos não escritos nos códigos. Por isso viemos aqui, sem medo de nos mostrarem o caminho da porta (como ameaçaram, agora há pouco), só por causa de algo que não estamos *pedindo*, mas sim *exigindo*, e porque nossa visita se deu num horário tão tardio (se bem que nós não chegamos tarde: foi o senhor que nos obrigou a esperar muito tempo na ala dos lacaios), por isso, eu dizia, viemos sem temer nada, pois supomos que o senhor é, justamente, um homem de bom senso, ou seja, com honra e consciência. Sim, é verdade, nós não entramos com humildade, como fazem os seus parasitas e aproveitadores, mas sim de cabeça erguida, como pessoas livres, e de forma alguma com apelos, mas com uma exigência livre e orgulhosa (escute bem, não com apelos, mas com uma exigência, e que isto fique bem marcado!). De forma digna e direta, erguemos diante do senhor esta pergunta: no caso de Burdóvski, o senhor reconhece ter ele razão ou não? O senhor reconhece que Pavlíshev foi o seu benfeitor e talvez, até, tenha salvado o senhor da morte? Se reconhece (o que é óbvio), então pretende, ou acha justo, por uma questão de consciência, tendo recebido, por sua vez, milhões de rublos, recompensar o necessitado filho de Pavlíshev, embora ele traga o nome de Burdóvski? Sim ou não? Se for *sim*, ou seja, em outras palavras, se o senhor tiver o que, no seu idioma, o senhor chama de honra e consciência e que nós, com mais precisão, designamos pelo nome de bom senso, então nos

satisfaça, e assunto encerrado. Satisfaça sem apelos e sem gratidão de nossa parte, não espere isso de nós, porque o senhor está agindo não por nós, mas sim por justiça. Se o senhor não quiser nos satisfazer, ou seja, se for responder *não*, nesse caso, sairemos daqui já, e o assunto fica em suspenso; nós estamos lhe dizendo, olhos nos olhos, na frente de suas testemunhas, que o senhor é um homem de inteligência tosca e de cultura inferior; que o senhor não ousa e não tem o direito de se considerar, doravante, um homem de honra e consciência, que o senhor pretende comprar esse direito por um preço muito baixo. Terminei. Formulei a questão. Agora, pode nos mostrar o caminho da porta, se o senhor se atreve. Pode fazer isso, o senhor tem a força. Mas lembre que, mesmo assim, nós exigimos, não estamos pedindo. Exigimos, não estamos pedindo!...

Muito exaltado, o sobrinho de Liébediev se deteve.

— Exigimos, exigimos, exigimos, nós não estamos pedindo!... — Burdóvski se pôs a balbuciar, e ficou vermelho como um camarão.

Depois das palavras do sobrinho de Liébediev, seguiu-se certa comoção geral e até se ouviram murmúrios, embora todos os presentes, de forma visível, evitassem envolver-se no assunto, exceto, talvez, Liébediev, que parecia tomado pela febre. (O mais estranho era que Liébediev se punha obviamente do lado do príncipe; mas era como se agora sentisse certa satisfação e orgulho familiar com o discurso do sobrinho; pelo menos, olhava para a plateia em redor com evidente ar de satisfação.)

— Na minha opinião — começou o príncipe, em voz muito baixa —, na minha opinião, o senhor, prezado Doktorienko, tem perfeita razão em metade de tudo o que disse agora, admito até que seja muito mais do que metade, e eu concordaria perfeitamente com o senhor, se o senhor não tivesse omitido algo em suas palavras. O que foi, exatamente, que o senhor omitiu, eu não tenho forças nem condições de exprimir com exatidão, mas,

claro, alguma coisa está faltando em suas palavras, para que elas possam ser plenamente justas. Mas é melhor nos determos no caso em si, senhores: para que publicaram esse artigo? Afinal, não contém nenhuma palavra que não seja uma calúnia; portanto, senhores, a meu ver, cometeram uma indignidade.

— Por favor!...

— Meu prezadíssimo senhor...!

— Isso é... isso é... isso é... — ressoou, de uma só vez, da parte das visitas chocadas.

— A respeito do artigo — emendou Ippolit, esganiçado —, a respeito desse artigo, eu já lhe disse que eu e os outros não o aprovamos! Quem escreveu foi este aqui — apontou para o lutador de boxe, sentado a seu lado —, escreveu de forma indecente, eu admito, escreveu de maneira ignorante, com a linguagem que gente como ele, militares da reserva, usam para escrever. É um tolo e, acima de tudo, um sujeito rude, eu admito, e é o que digo na cara dele todos os dias, mas, mesmo assim, pelo menos até a metade, ele está no seu direito; a divulgação é um direito legal de todo mundo e, portanto, também do Burdóvski. Que ele mesmo responda pelo absurdo dos seus atos. No que diz respeito ao fato de eu ter protestado, agora há pouco, na frente de todos, acerca da presença de seus amigos, julgo necessário explicar ao prezado senhor que protestei unicamente a fim de declarar um direito nosso, mas digo que, no fundo, nós até desejamos que haja testemunhas e, há pouco, na hora em que entramos aqui, nós quatro estávamos de acordo quanto a isso. Quem quer que sejam as suas testemunhas, ou mesmo os seus amigos, como eles não podem deixar de concordar com o direito de Burdóvski (porque, claro, isso é matemático), então é até melhor que essas testemunhas sejam seus amigos; a verdade vai se apresentar de maneira ainda mais evidente.

— Isso é verdade, nós concordamos quanto a isso — confirmou o sobrinho de Liébediev.

— Pois então por que, agora há pouco, desde as primeiras palavras, o senhor levantou tamanho alarde, se era mesmo isso que queria? — espantou-se o príncipe.

— A respeito do artigo, príncipe — interveio o lutador de boxe, que estava morrendo de vontade de acrescentar algumas palavras e se animou, muito satisfeito (é possível supor que a presença das damas, visivelmente, exercia forte efeito sobre ele) —, a respeito do artigo, eu reconheço que o autor sou eu, de fato, apesar de o meu amigo doente, a quem costumo perdoar por sua debilidade, o ter criticado agora há pouco. Mas escrevi e publiquei o texto no periódico de um grande amigo, em forma de correspondência. Na verdade, só os versos não são meus e, na verdade, pertencem à pena de um famoso humorista. Eu apenas o li para o Burdóvski e, apesar de ele não ter lido o artigo inteiro, logo recebi sua aprovação para publicar, mas o senhor há de convir que eu podia publicar o texto mesmo sem a concordância dele. A divulgação é um direito universal, nobre e benéfico. Espero que o senhor mesmo, príncipe, seja progressista o bastante para não negar isso...

— Não vou negar nada, mas o senhor há de convir que, no seu artigo...

— Eu fui agressivo, o senhor quer dizer? Mas, afinal, no caso, por assim dizer, existe um benefício para a sociedade, o senhor mesmo há de convir, e, afinal, é possível perder a oportunidade oferecida por um caso provocador? Pior para quem tem culpa, mas o benefício para a sociedade vem em primeiro lugar. No que diz respeito a algumas imprecisões, algumas hipérboles, por assim dizer, o senhor também há de convir que, antes de tudo, o mais importante é a iniciativa, antes de tudo vêm o propósito e a intenção; o importante é o exemplo benéfico, deixemos para

depois os casos particulares e, por fim, no caso, o estilo, por assim dizer, é uma tarefa humorística e, afinal, todos escrevem assim mesmo, o senhor há de convir! Ha-ha-ha!

— Mas é um caminho completamente errado! Eu garanto aos senhores! — gritou o príncipe. — Os senhores publicaram o artigo na suposição de que eu não aceitaria de forma nenhuma atender ao sr. Burdóvski e, portanto, a fim de me assustar e, de alguma forma, se vingar. Mas por que fizeram isso, se os senhores já sabiam que eu talvez decidisse atender ao pedido do sr. Burdóvski? Pois bem, eu lhes declaro agora, com todas as letras e na frente de todos, que eu vou atender...

— Ora, enfim uma palavra nobre e inteligente, de uma pessoa inteligente e nobilíssima! — proclamou o lutador de boxe.

— Meu Deus! — Lizavieta Prokófievna não se conteve.

— Isso é intolerável! — bradou o general.

— Por favor, senhores, por favor, permitam que eu explique a questão — suplicou o príncipe. — Há mais ou menos cinco semanas, em Z., sr. Burdóvski, eu recebi a visita do sr. Tchebárov, o seu representante e procurador. O senhor já o descreveu de modo muito lisonjeiro no seu artigo, sr. Keller — disse o príncipe, com um sorriso repentino, para o lutador de boxe. — Mas eu não gostei nem um pouco dele. Só entendi, de início, que o que mais importava era esse tal de Tchebárov e acabei concluindo que deve ter sido ele que induziu o sr. Burdóvski a fazer tudo isso, tirando proveito da ingenuidade de Burdóvski, para falar com franqueza.

— O senhor não tem esse direito... eu... não sou ingênuo... isso... — gaguejou Burdóvski, exasperado.

— O senhor não tem o menor direito de fazer tais suposições — interveio o sobrinho de Liébediev, como quem faz um sermão.

— Isso é sumamente ofensivo! — esganiçou-se Ippolit. — É uma suposição ultrajante, mentirosa e sem nenhuma relação com o nosso assunto!

— Desculpe, senhores, desculpe — O príncipe tratou logo de se desculpar. — Por favor, me perdoem. É porque me ocorreu que talvez seja melhor sermos inteiramente francos uns com os outros. Mas, tudo bem, como os senhores preferirem. Eu disse para Tchebárov que, como eu não estava em Petersburgo, ia entrar em contato com um amigo de lá para tratar da questão, como meu procurador, e que eu mesmo iria comunicar isso ao sr. Burdóvski. Eu lhes digo com franqueza, senhores, que essa questão toda me pareceu uma grande vigarice, justamente porque o Tchebárov fazia parte dessa história... Ah, não fiquem ofendidos, senhores! Pelo amor de Deus, não fiquem ofendidos! — gritou o príncipe, assustado, ao ver, de novo, a perturbação ofendida de Burdóvski, o alvoroço e os protestos de seus amigos. — O fato de eu dizer que considere o caso uma vigarice não pode atingir os senhores, pessoalmente! Afinal, eu nem conhecia nenhum dos senhores naquela ocasião, e não sabia nem seus nomes de família; eu só julguei pelo que vi no Tchebárov; eu estou falando em termos gerais, porque... se os senhores soubessem como me enganaram horivelmente, desde que eu recebi a herança!

— Príncipe, o senhor é ingênuo demais — comentou o sobrinho de Liébediev, com sarcasmo.

— E, além do mais, é um príncipe e um milionário! Mesmo com o seu coração, de fato, bondoso e ingênuo, ainda assim, o senhor não pode, talvez, esquivar-se da lei geral — proclamou Ippolit.

— É possível, é bem possível mesmo, senhores — apressou-se a admitir o príncipe. — Embora eu também não entenda de que lei geral o senhor está falando; mas vou prosseguir, só não se ofendam à toa; juro, eu não tenho o

menor desejo de ofendê-los. E, também, o que é isso, na verdade, senhores? Não é possível dizer nenhuma palavra com franqueza que logo ficam ofendidos! Contudo, em primeiro lugar, me impressionou tremendamente o fato de existir um “filho de Pavlíshev”, e que ele estivesse na situação horrível que Tchebárov me explicou. Pavlíshev foi o meu benfeitor e um amigo do meu pai. (Ah, por que o senhor escreveu tamanha mentira sobre o meu pai no seu artigo, sr. Keller? Não houve nenhuma quantia desperdiçada nem qualquer agressão a um subordinado, disso eu tenho absoluta certeza. E como sua mão pôde se erguer para escrever tamanha calúnia?) E o que o senhor escreveu sobre o Pavlíshev chega a ser até intolerável: o senhor chama esse homem honrado de voluptuoso e leviano, de forma tão atrevida, tão taxativa, como se o senhor estivesse, de fato, dizendo a verdade, mas ele foi o homem mais íntegro que já existiu na face da terra! Era até um notável intelectual; era correspondente de várias pessoas respeitadas no mundo da ciência e destinou muito dinheiro para ajudar a ciência. Isso no que diz respeito ao coração dele, às suas boas ações, mas, ah, é claro, o senhor tem razão ao escrever que, na época, eu era quase um idiota e não conseguia compreender nada (apesar de eu falar e entender o russo perfeitamente), só que agora sou perfeitamente capaz de avaliar tudo aquilo de que me recordo...

— Perdoe — esganiçou-se Ippolit. — Será que isso não está ficando sentimental demais? Nós não somos crianças. O senhor disse que queria entrar direto no assunto, e já passam das nove horas, não esqueça.

— Desculpem, desculpem, senhores — o príncipe logo concordou. — Depois da primeira desconfiança, eu concluí que podia estar enganado e que Pavlíshev, de fato, talvez tivesse um filho. Porém fiquei tremendamente impressionado com o fato de que esse filho, com tanta facilidade, ou seja, eu quero dizer, que esse filho fosse capaz de dar

tamanha publicidade ao segredo do seu nascimento e, acima de tudo, desse modo, cobrir a própria mãe de vergonha. Porque Tchebárov, naquela altura, já havia me ameaçado com a divulgação...

— Mas que tolice! — esbravejou o sobrinho de Liébediev.

— O senhor não tem o direito... não tem o direito! — gritou Burdóvski.

— O filho não responde pelo comportamento devasso do pai, e a mãe não tem culpa — esganiçou-se Ippolit, com fervor.

— Em vez disso, eu creio, era preciso poupar... — disse o príncipe, com timidez.

— Príncipe, o senhor não é só ingênuo, o senhor, talvez, foi ainda além... — sorriu, com sarcasmo, o sobrinho de Liébediev.

— E que direito tem o senhor?!... — esganiçou-se Ippolit, com a voz mais forçada do mundo.

— Nenhum, nenhum! — respondeu o príncipe, às pressas. — Nesse ponto, o direito é seu, eu reconheço, mas isso foi involuntário, e eu disse para ele, então, imediatamente, que meus sentimentos pessoais não devem influenciar a questão, porque se eu mesmo admito que tenho o dever de satisfazer as exigências do sr. Burdóvski, em nome dos meus sentimentos por Pavlíshev, então devo satisfazer suas exigências em qualquer circunstância, ou seja, quer eu respeite ou não o sr. Burdóvski. Só falei disso, senhores, porque me pareceu descabido que um filho trouxesse a público, de tal maneira, um segredo da própria mãe... Em suma, o mais importante nisso tudo é que eu estava convencido de que Tchebárov devia ser um trapaceiro e que, por meio de um logro, havia induzido o sr. Burdóvski a praticar tamanha vigarice.

— Mas isto já é intolerável! — ressoaram vozes, do lado dos visitantes, alguns dos quais chegaram a saltar em suas cadeiras.

— Senhores! Sim, por isso concluí que o pobre sr. Burdóvski deve ser uma pessoa ingênua, indefesa, fácil de se deixar levar por vigaristas e, portanto, mais razão ainda eu tenho de ajudá-lo, na condição de “filho de Pavlíschev”. Em primeiro lugar, me opondo ao sr. Tchebárov, em segundo lugar, com a minha dedicação e a minha amizade, para orientá-lo e, em terceiro lugar, eu reservei para ele a quantia de dez mil rublos, ou seja, tudo o que, pelas minhas contas, Pavlíschev pode ter gastado comigo...

— O quê? Só dez mil?! — gritou Ippolit.

— Bem, príncipe, o senhor é mesmo muito ruim em aritmética, ou então é muito forte no assunto, embora tente parecer simplório! — berrou o sobrinho de Liébediev.

— Eu não concordo com os dez mil — disse Burdóvski.

— Antip! Aceite! — sugeriu depressa, num sussurro bem nítido, o lutador de boxe, inclinado por trás da cadeira de Ippolit. — Aceite, e depois vamos ver!

— E-e-escute aqui, sr. Míchkin — esganiçou-se Ippolit. — Entenda que nós não somos imbecis, não somos uns imbecis rasteiros, como certamente pensam a nosso respeito todos os seus convidados, bem como essas damas, que estão rindo de nós com tanta indignação, e sobretudo aquele cavalheiro vestido no rigor da moda — apontou para Evguiêni Pávlovitch —, que eu, é claro, não tenho a honra de conhecer, mas de quem, eu creio, já ouvi falar alguma coisa...

— Senhores, me desculpem, me desculpem, senhores, mais uma vez, me compreenderam mal! — Abalado, o príncipe voltou-se para eles. — Em primeiro lugar, o sr. Keller, em seu artigo, descreveu a minha situação de maneira extremamente imprecisa: eu não recebi milhões, de jeito nenhum. Eu tenho, talvez, a oitava ou a décima parte do que o senhor supõe; em segundo lugar, o custo da minha estada na Suíça não foi de dezenas de

milhares de rublos. O Schneider recebia seiscentos rublos por ano, e isso foi só nos três primeiros anos, e Pavlíschev nunca foi a Paris trazer tutoras bonitinhas; isso é mais uma calúnia. A meu ver, foram gastos comigo muito menos do que dez mil rublos, mas decidi pela quantia de dez mil e os senhores hão de convir que, para pagar uma dívida, eu não poderia de jeito nenhum propor ao sr. Burdóvski mais do que isso, mesmo se eu tivesse uma tremenda adoração por ele, e eu não poderia fazer isso até por uma questão de boas maneiras, justamente porque estou pagando uma dívida, e não dando uma esmola. Eu nem sei como os senhores não compreendem isso! Mas eu queria compensar tudo isso, mais tarde, por meio da minha amizade, da minha solidariedade ativa no destino do pobre sr. Burdóvski, que obviamente foi ludibriado, pois, sem ser enganado, ele não poderia, por si só, admitir tamanha baixeza, como, por exemplo, aceitar a divulgação desse artigo de hoje, do sr. Keller, a respeito da própria mãe... Mas o que foi? Os senhores, enfim, já estão se exaltando mais uma vez! Enfim, nós não vamos, mesmo, nos entender uns com os outros! Enfim, aconteceu o que eu já previa! Agora eu me convenci, com os meus próprios olhos, de que a minha previsão estava correta. — Exaltado, o príncipe tentava convencê-los, sem notar que seu esforço para abafar a exasperação geral servia apenas para aumentá-la.

— Como? O senhor se convenceu de quê? — investiram contra ele, quase com fúria.

— Mas, por favor, tenham a bondade, em primeiro lugar, eu mesmo consegui compreender perfeitamente o sr. Burdóvski, pois agora eu vejo como ele é... uma pessoa ingênua, que todos enganam! Uma pessoa indefesa... e por isso mesmo eu devo poupá-lo. E, em segundo lugar, o Gavrila Ardaliónovitch, que foi encarregado de tratar da questão e de quem havia muito tempo eu não recebia notícias, porque eu estava viajando e,

depois, já em Petersburgo, passei três dias doente, de repente, agora mesmo, só uma hora atrás, em nosso primeiro encontro, ele me comunicou que havia desvendado todo o plano de Tchebárov, tinha provas, e que Tchebárov era exatamente aquilo que eu já supunha. Enfim, senhores, eu sei que muita gente me tem por idiota e Tchebárov, ciente da minha reputação de entregar meu dinheiro com facilidade, achou que seria muito fácil me enganar, ainda mais levando em conta os meus sentimentos por Pavlíschev. Porém o mais importante, escutem-me, senhores, escutem-me! O mais importante é que, de uma hora para outra, se revelou que o sr. Burdóvski não era, em absoluto, filho de Pavlíschev! Agora há pouco, o Gavrila Ardaliónovitch me deu essa informação e garante que tem as provas definitivas. Muito bem, eu vou mostrar aos senhores, já que, depois de todo esse tumulto que os senhores causaram, não é mesmo possível acreditar! Escutem: são provas definitivas! Eu ainda não estou acreditando, eu mesmo não acredito, garanto aos senhores; eu ainda tenho dúvidas, porque o Gavrila Ardaliónovitch não teve tempo de me transmitir todos os pormenores, mas que o Tchebárov é um canalha, disso, agora, já não existe dúvida! Ele enganou o pobre sr. Burdóvski e enganou todos os senhores, que vieram nobremente prestar apoio ao seu amigo (pois era evidente que ele precisava de apoio, eu entendo isso muito bem!), o Tchebárov enganou todos os senhores e envolveu todos num caso fraudulento, porque, no final das contas, tudo isso, no fundo, é uma vigarice e uma fraude!

— Que vigarice?... Como “não é filho de Pavlíschev?... Como é possível?... — irromperam os gritos. Todo o bando de Burdóvski se levantou num alvoroço indescritível.

— Sim, está claro, é uma vigarice! Afinal, se agora ficasse provado que o sr. Burdóvski não é “filho de Pavlíschev”, nesse caso, então, a exigência do sr. Burdóvski se revelaria francamente fraudulenta (ou seja, claro, se ele,

antes, já soubesse a verdade!), mas o fato é que ele foi enganado, e por isso eu insisto e faço questão de absolvê-lo; pois eu também estou dizendo que ele é digno de pena, por sua ingenuidade, e não pode ficar sem algum apoio; do contrário, por causa dessa história toda, ele vai acabar sendo também um vigarista. Mas, enfim, eu mesmo estou convencido de que ele não compreende nada! Eu mesmo também me vi nessa situação, antes de ir para a Suíça, eu também balbuciava palavras desconexas, a gente quer se expressar e não consegue... Eu compreendo isso; consigo me solidarizar bastante, pois eu mesmo sou quase assim, eu tenho razões para falar isso! Enfim, apesar de tudo, ainda que não exista mais nenhum “filho de Pavlíschev” e que tudo isso tenha se revelado uma mistificação, apesar de tudo, eu não mudo a minha decisão e estou disposto a ceder dez mil rublos, em nome da memória de Pavlíschev. Eu queria até que o sr. Burdóvski empregasse esses dez mil rublos numa escola, em memória de Pavlíschev, mas agora, enfim, tanto faz que seja numa escola ou com o próprio sr. Burdóvski, porque, se ele não é o “filho de Pavlíschev”, afinal, é quase um “filho de Pavlíschev”, porque, afinal, ele foi ludibriado dessa forma tão horrível; ele mesmo se considerava, sinceramente, filho de Pavlíschev! Senhores, escutem o Gavrila Ardaliónovitch, vamos terminar com isso, não se zanguem, não fiquem agitados, sentem-se! O Gavrila Ardaliónovitch vai nos explicar tudo, agora, e eu confesso que desejo muito, muito mesmo, conhecer todos os pormenores. Ele diz que chegou a viajar até Pskov para falar com a mãe do sr. Burdóvski, que não morreu, absolutamente, como obrigaram o senhor a escrever no seu artigo... Sentem-se, senhores, sentem-se!

O príncipe sentou-se e, mais uma vez, conseguiu que o bando do sr. Burdóvski se sentasse, pois todos tinham saltado de suas cadeiras. Nos últimos dez ou vinte minutos, ele falava em tom exaltado, em voz alta, com

a pronúncia acelerada e impaciente, arrebatado, tentava falar mais alto e gritar mais forte do que todos e, claro, depois se viu obrigado a arrepender-se amargamente de certas suposições e de algumas palavrinhas que deixara escapar. Se não tivesse se exaltado e não tivesse chegado tão perto de perder o controle, o príncipe não teria se permitido expressar em voz alta, e de forma tão explícita e tão afoita, certas conjecturas e certas franquezas desnecessárias. Entretanto, assim que sentou em sua cadeira, um arrependimento abrasador atravessou seu coração, às raias da dor. Além de ter “ofendido” Burdóvski, ao supor nele, de forma tão transparente, a mesma doença da qual ele fora se tratar na Suíça, além de tudo isso, a proposta dos dez mil rublos destinados a uma escola foi feita, na opinião do príncipe, de forma bruta e descuidada, como uma esmola, e ainda mais por ter sido feita em voz alta, diante de outras pessoas. “Seria necessário esperar um pouco e fazer a proposta amanhã, a sós”, pensou o príncipe, na mesma hora, “mas, dito assim, neste momento, eu acho que não há mais como reparar o dano! Sim, eu sou um idiota, um idiota de verdade!”, concluiu em pensamento, num ataque de vergonha e de amargura extraordinária.

Entretanto, Gavrila Ardaliónovitch, que até aquele momento se mantivera num canto, em obstinado silêncio, avançou, atendendo ao convite do príncipe, parou a seu lado e, com clareza e tranquilidade, tratou de relatar o caso que o príncipe havia confiado a ele. No mesmo instante, todas as vozes silenciaram. Todos escutaram com extrema curiosidade, em especial o bando inteiro de Burdóvski.

— O senhor, é claro, não vai negar — começou Gavrila Ardaliónovitch, dirigindo-se diretamente a Burdóvski, que o escutava com toda a atenção, os olhos arregalados de espanto, voltados para ele, e obviamente cheio de ansiedade. — O senhor não vai negar e, claro, não vai querer negar a sério que nasceu exatamente dois anos depois do casamento de sua honrada mãe com o secretário colegiado Burdóvski, seu pai. A data do seu nascimento é muito fácil de comprovar, de maneira factual, portanto a deturpação do fato no artigo do sr. Keller, ultrajante para o senhor e para sua mãe, só se explica como uma brincadeira, fruto da peculiar fantasia do sr. Keller, que supôs reforçar, dessa forma, a demonstração do seu direito e, assim, apoiar os seus interesses. O sr. Keller diz que leu o artigo para o senhor, previamente, embora não tenha lido todo o texto. Sem dúvida nenhuma, ele não leu para o senhor essa passagem.

— Eu não li, de fato — interrompeu o lutador de boxe. — Mas todos os fatos me foram comunicados por uma pessoa qualificada e eu...

— Perdoe, sr. Keller — Gavrila Ardaliónovitch o deteve —, permita-me falar. Eu garanto ao senhor que vou chegar ao seu artigo e, então, o senhor terá a chance de dar sua explicação, mas agora é melhor prosseguirmos pela ordem. De forma completamente acidental, graças à ajuda da minha irmã, Varvara Ardaliónovna Ptítsina, eu obtive de uma pessoa muito ligada a ela,

Vera Alekséievna Zubkova, senhora de terras e viúva, uma carta do falecido Nikolai Andréievitch Pavlíschev, escrita para ela, do exterior, há vinte e quatro anos. Feito o contato com Vera Alekséievna, e por indicação dela, eu procurei o coronel da reserva Timofiei Fiódorovitch Viazóvkin, parente distante e grande amigo, na sua época, do sr. Pavlíschev. Dele, eu consegui obter mais duas cartas de Nikolai Andréievitch, também escritas do exterior. Por essas três cartas, pelas datas e pelos fatos nelas relatados, fica provado, matematicamente, sem nenhuma possibilidade de contestação e até de dúvida, que Nikolai Andréievitch, naquele tempo, partiu para o exterior (onde viveu três anos seguidos) exatamente um ano e meio antes do seu nascimento, sr. Burdóvski. Sua mãe, como o senhor bem sabe, nunca saiu da Rússia... Eu não vou ler essas cartas neste momento. Agora, já é tarde; em todo caso, estou apenas comunicando um fato. Mas, se preferir, sr. Burdóvski, podemos marcar um encontro amanhã de manhã, e traga suas testemunhas (quantas quiser) e seus peritos para fazer um cotejo da caligrafia, mas para mim não existe nenhuma dúvida de que é impossível o senhor não se convencer da veracidade evidente do fato que comuniquei. Se for assim, é claro, todo esse caso cai por terra e a questão cessa, por si mesma.

De novo, seguiram-se uma agitação geral e uma profunda comoção. De repente, o próprio Burdóvski levantou-se da cadeira.

— Se é assim, eu fui enganado, mas não pelo Tchebárov, eu fui enganado há muito tempo; não quero peritos, não quero encontro nenhum, eu acredito, eu renuncio... não aceito os dez mil rublos... adeus...

Pegou o boné e afastou a cadeira, a fim de ir embora.

— Se puder, sr. Burdóvski — Gavrila Ardaliónovitch o deteve, em voz baixa e persuasiva —, fique mais uns cinco minutos, pelo menos. Acerca desse caso, vieram à luz mais alguns fatos extraordinários e importantes,

sobretudo para o senhor, ou, em todo caso, absolutamente curiosos. Na minha opinião, o senhor não pode deixar de tomar conhecimento deles e talvez, para o senhor mesmo, venha a ser mais interessante ter o caso completamente esclarecido...

Burdóvski sentou-se, em silêncio, a cabeça um pouco abaixada, e parecia imerso em profunda reflexão. A seu lado, sentou-se também o sobrinho de Liébediev, que tinha se levantado para acompanhá-lo; apesar de não ter perdido o controle e a ousadia, era evidente que estava bastante desconcertado. Ippolit, abatido, mostrava as sobrancelhas franzidas, e parecia muito surpreso. Naquele minuto, no entanto, ele começou a tossir com tamanha força que chegou a manchar seu lenço de sangue. O lutador de boxe ficou um pouco assustado.

— Ah, Antip! — gritou ele, com desgosto. — Eu bem que falei para você, naquela hora... há três dias, que talvez você não fosse mesmo filho do Pavlíschev!

Explodiu o riso que estava reprimido e dois ou três riram mais alto que os outros.

— O fato comunicado aos senhores neste minuto, sr. Keller — prosseguiu Gavriila Ardaliónovitch —, é extremamente valioso. Todavia, eu tenho pleno direito de afirmar, com base nos dados mais precisos, que embora o sr. Burdóvski, é claro, soubesse perfeitamente a data do seu nascimento, por outro lado, ignorava a circunstância de Pavlíschev, naquela data, se encontrar fora do país, onde passava a maior parte da vida, regressando à Rússia sempre por curtos intervalos. Além do mais, o próprio fato da viagem, naquela ocasião, nada tinha de notável, em si mesmo, para alguém lembrar-se dele vinte e tantos anos depois, mesmo pessoas muito ligadas ao Pavlíschev, muito menos no caso do sr. Burdóvski, que na época nem sequer tinha nascido. Claro, não seria impossível obter as provas,

agora, mas devo confessar que as provas obtidas por mim me chegaram apenas por mero acaso e poderiam muito bem não ter chegado às minhas mãos; de maneira que, para o sr. Burdóvski e até para o sr. Tchebárov, seria quase impossível, de fato, obter tais comprovações, mesmo que eles tivessem pensado em obtê-las. Só que eles nem mesmo poderiam ter essa ideia...

— Por favor, sr. Ívolguin — interrompeu-o Ippolit, mais uma vez, irritado. — Para que todo esse palavrório disparatado (queira perdoar)? A questão, agora, ficou clara, nós admitimos e acreditamos no fato principal, então para que prolongar mais ainda essa lenga-lenga penosa e ultrajante? Será que o senhor deseja enaltecer a argúcia das suas apurações, expor, diante de nós e do príncipe, suas virtudes de investigador e inquisidor? Ou terá, quem sabe, a intenção de perdoar e justificar o Burdóvski por ter se metido nesse assunto, levado pela desinformação? Mas isso é sórdido, meu prezado senhor! O Burdóvski não precisa das suas desculpas e justificações, fique sabendo disso! É ultrajante, para ele, que já está sofrendo bastante, ter de suportar mais isso. Agora, ele está numa situação incômoda, o senhor deveria perceber, compreender isso...

— Basta, sr. Tieriéntiev, basta — Gavrila Ardaliónovitch conseguiu interromper. — Acalme-se, não fique irritado; o senhor está muito doente, eu creio. Lamento muito pelo senhor. Nesse caso, se quiser, eu já terminei, ou melhor, terei de comunicar só uma síntese de fatos que, a meu ver, necessitam ser conhecidos em sua integridade — acrescentou, ao notar certo movimento geral semelhante à impaciência. — Desejo apenas comunicar, com provas, para o conhecimento de todos os interessados pelo caso, que a sua mãe, sr. Burdóvski, só desfrutava a estima e os cuidados do Pavlíschev porque era irmã daquela criada doméstica da qual Nikolai Andréievitch Pavlíschev esteve apaixonado bem no início da sua mocidade,

e com a qual teria casado, sem nenhuma dúvida, se ela não tivesse morrido de modo repentino. Eu tenho provas de que isso é um fato familiar absolutamente preciso e seguro, muito mal conhecido e até de todo esquecido. Além disso, eu poderia explicar como a sua mãe, quando ainda tinha dez anos, foi levada pelo sr. Pavlíschev para ser educada como uma pessoa da própria família, e explicar que foi destinado a ela um dote volumoso e que todos esses cuidados suscitaram rumores muito alarmantes entre numerosos parentes de Pavlíschev; pensaram até que ele ia casar com sua pupila, mas no final ela casou, por inclinação pessoal (e isso eu posso provar de modo rigoroso), com um funcionário do serviço de agrimensura, o sr. Burdóvski, aos dezenove anos de idade. No caso, reuni alguns dados precisos para comprovar que o seu pai, o sr. Burdóvski, homem de pouco senso prático, ao receber os cinquenta mil rublos de dote da sua mãe, largou o emprego, deu início a uma empresa de comércio, foi enganado, perdeu seu capital, não suportou o desgosto, passou a beber, adoeceu e acabou morrendo de forma precoce no sétimo ano de casamento. Depois, segundo o testemunho da própria mãe do senhor, ela se viu na miséria e teria morrido, de fato, se não fosse a constante e generosa ajuda do sr. Pavlíschev, que lhe dava seiscentos rublos por ano, de auxílio. Depois, existe uma infinidade de testemunhos de que ele se encantou extraordinariamente com o senhor, ainda bebê. Segundo esses testemunhos, confirmados, mais uma vez, pela sua mãe, ele teria se encantado pelo senhor, sobretudo porque, na primeira infância, o senhor parecia uma criança de língua presa, franzina, infeliz, uma criança que inspirava muita pena (pois o Pavlíschev, como eu atestei com provas rigorosas, sempre teve uma inclinação muito afetuosa por todos os oprimidos e lesados pela natureza, sobretudo crianças, circunstância, a meu ver, extremamente relevante para a nossa questão). Enfim, eu posso me orgulhar das minhas investigações rigorosíssimas a respeito do importante

fato de que a extraordinária dedicação de Pavlíschev ao senhor (e foi graças aos esforços dele que o senhor cursou o ginásio e estudou com uma supervisão especial) acabou gerando, enfim, pouco a pouco, entre os parentes e os familiares de Pavlíschev, a ideia de que o senhor é filho dele e de que o seu pai foi apenas um marido enganado. Mas o importante é que essa ideia ganhou força e chegou a beirar uma certeza generalizada só nos últimos anos de vida do Pavlíschev, quando todos se assustaram por causa do testamento e quando os fatos originais já estavam esquecidos e já era impossível comprová-los. Sem dúvida, essa ideia alcançou o senhor e o dominou por completo. A sua mãe, que eu tive a honra de conhecer pessoalmente, embora tivesse notícia de todos esses boatos, até agora desconhece (eu também não lhe contei nada) que o senhor, filho dela, se encontra sob o fascínio de tais boatos. A sua mãe respeitabilíssima, sr. Burdóvski, eu a encontrei em Pskov, doente, na mais extrema penúria, a que foi lançada após a morte de Pavlíschev. Entre lágrimas de gratidão, ela me disse que só continua viva neste mundo graças ao senhor e à ajuda do senhor; ela tem muita esperança no senhor, no futuro, acredita com ardor nos seus sucessos futuros...

— Chega, isso é intolerável! — exclamou o sobrinho de Liébediev, de súbito, em voz bem alta e em tom impaciente. — Para que todo esse romance?

— É indigno e repugnante! — Ippolit se remexeu com força. Mas Burdóvski não percebia nada e nem sequer se movia.

— Por quê? Para quê? — admirou-se Gavrilá Ardaliónovitch, com ar malicioso, enquanto se preparava para expor sua conclusão mordaz. — Pois bem, em primeiro lugar, o sr. Burdóvski agora pode ficar inteiramente convencido de que o sr. Pavlíschev o amava por generosidade, mas não como um filho. Esse fato, por si só, precisava chegar ao conhecimento do

sr. Burdóvski, que ratificou e aprovou o sr. Keller, agora há pouco, depois da leitura do seu artigo. Eu digo isso porque considero o sr. Burdóvski uma pessoa nobre. Em segundo lugar, revelou-se que, no caso, não houve nenhum roubo nem a menor vigarice, mesmo da parte de Tchebárov; esse é um ponto importante até para mim, porque o príncipe, há pouco, se exaltou e deu a entender que eu seria da mesma opinião acerca de vigarice e roubo, nesse caso infeliz. Porém, ao contrário, havia uma convicção plena de todas as partes e, embora Tchebárov possa ser, de fato, um grande vigarista, nesse caso ele se revelou um mero advogado chicaneiro, um intermediário e um negociante. Nutria a esperança de açambarcar um grande volume de dinheiro, como advogado, e seu cálculo foi não só arguto e abalizado como também corretíssimo; baseava-se na facilidade com que o príncipe distribuiu seu dinheiro e no seu sentimento nobre e respeitoso pelo falecido Pavlíschev; Tchebárov se baseava, também, (e isso é o principal) na conhecida visão cavalheiresca do príncipe, quanto aos deveres da honra e da consciência. No que concerne, propriamente, ao sr. Burdóvski, pode-se até dizer que ele, graças a certas convicções próprias, foi a tal ponto manobrado por Tchebárov, e pelo bando que o rodeava, que começou todo o processo sem levar em conta nenhum interesse pessoal, agiu quase como se fosse um serviço prestado à verdade, ao progresso e à humanidade. Agora, depois dos fatos aqui referidos, está claro para todos, portanto, que o sr. Burdóvski é uma pessoa pura, apesar de todas as aparências, e o príncipe, agora, com mais presteza e de mais bom grado ainda que antes, pode oferecer a ele sua colaboração amiga e também a ajuda prática a que se referiu há pouco, quando falou das escolas e de Pavlíschev.

— Pare, Gavriila Ardaliónovitch, pare! — gritou o príncipe, assustado de verdade, mas já era tarde.

— Eu falei, já falei três vezes — esbravejou Burdóvski, exaltado — que eu não quero dinheiro! Eu não vou aceitar... porque... eu não quero... vou embora!...

E já ia sair correndo da varanda. Mas o sobrinho de Liébediev o agarrou pelo braço e sussurrou algo para ele. Burdóvski voltou depressa, tirou do bolso um envelope postal de formato grande e aberto, e jogou-o sobre a mesa junto ao príncipe.

— Aqui está o dinheiro!... O senhor não devia ter essa audácia... essa audácia... Dinheiro!...

— Os duzentos e cinquenta rublos que o senhor se atreveu a mandar para ele, como esmola, por intermédio do Tchebárov — explicou Doktorienko.

— No artigo está escrito cinquenta! — gritou Kólia.

— A culpa é minha! — disse o príncipe, aproximando-se de Burdóvski. — Eu sou muito culpado perante o sr. Burdóvski, mas não foi como esmola que enviei o dinheiro, acredite. E eu peço desculpas pelo que acabei de dizer... — O príncipe estava muito abalado, tinha aspecto de cansaço e fraqueza e suas palavras eram desconexas. — Eu falei em vigarice... mas isso não dizia respeito ao senhor, eu me enganei. Disse que o senhor é... igual a mim... uma pessoa doente. Mas o senhor não é igual a mim... o senhor dá aulas, sustenta sua mãe. Eu disse que o senhor difamou a própria mãe, mas o senhor a ama; ela mesma disse... e eu não sabia... Gavrila Ardaliónovitch não tinha me dito antes... Eu peço desculpas. Eu me atrevi a lhe oferecer dez mil rublos, mas peço desculpas, não devia ter feito isso, mas agora... não adianta, porque o senhor me despreza...

— Mas isto aqui é um hospício! — gritou Lizavieta Prokófievna.

— Claro, é um hospício! — exclamou Aglaia, sem conseguir se conter, mas suas palavras se perderam no alarido geral; todos falavam em voz alta, todos argumentavam, uns discutiam, outros riam. Ivan Fiódorovitch

Epantchin estava revoltado, no mais alto grau e, com ar de dignidade ferida, aguardava Lizavieta Prokófievna. O sobrinho de Liébediev ainda cravou um último comentário.

— Pois é, príncipe, é preciso fazer justiça ao senhor, o senhor sabe muito bem tirar proveito da sua... bem, da sua doença (para me exprimir de modo mais recatado); o senhor soube, com tal habilidade, oferecer a sua amizade e o seu dinheiro que, agora, é totalmente impossível, para uma pessoa nobre, não aceitar. Seria ou demasiado inocente ou demasiado ardiloso... De resto, o senhor sabe disso melhor do que ninguém.

— Queiram perdoar, senhores — gritou Gavrila Ardaliónovitch, que, nesse meio-tempo, tinha aberto o pacote com o dinheiro. — Aqui, não há, absolutamente, duzentos e cinquenta rublos, mas apenas cem. Eu estou dizendo isso, príncipe, para que não reste nenhuma dúvida.

— Pare, pare — o príncipe ergueu e agitou as mãos para Gavrila Ardaliónovitch.

— Não, não pare! — emendou logo o sobrinho de Liébediev. — Príncipe, o seu “pare” é ultrajante para nós. Nós não nos escondemos, nós declaramos abertamente: sim, aí dentro estão só cem rublos, e não todos os duzentos e cinquenta, mas por acaso não dá tudo na mesma...

— N-não, não dá na mesma — conseguiu retrucar Gavrila Ardaliónovitch, com ar de ingênua surpresa.

— Não me interrompa; nós não somos tão imbecis como imagina, senhor advogado — berrou o sobrinho de Liébediev, com irritação rancorosa. — Claro, cem rublos não são duzentos e cinquenta rublos, não são a mesma coisa, mas o que importa é o princípio; no caso, a iniciativa é o mais importante e o fato de faltarem cento e cinquenta rublos é só um detalhe. O que importa é que Burdóvski não vai aceitar a sua esmola, vossa excelência, o que importa é que ele está jogando isso de volta no seu rosto e, sim, neste

sentido, de fato, não importa que sejam cem ou duzentos e cinquenta. Burdóvski não aceitou os dez mil; o senhor viu; e ele não teria trazido os cem rublos, se fosse desonesto! Os cento e cinquenta rublos foram para as despesas de Tchebárov, com sua viagem ao encontro do príncipe. Pode rir à vontade da nossa falta de habilidade, da nossa incapacidade para conduzir essa questão; o senhor já empregou, mesmo, todas as suas forças para nos tornar ridículos; mas não se atreva a dizer que somos desonestos. Esses cento e cinquenta rublos, prezadíssimo senhor, todos nós juntos traremos para o príncipe; vamos devolver, nem que seja rublo por rublo, e ainda pagaremos juros. Burdóvski é pobre, Burdóvski não possui milhões, e o Tchebárov, depois da viagem, apresentou sua conta. Nós tínhamos a esperança de ganhar... Quem, no lugar dele, agiria de outra forma?

— Quem? Como assim? — exclamou o príncipe Sch.

— Eu vou ficar louca! — gritou Lizavieta Prokófievna.

— Isso faz lembrar — riu Evguiêni Pávlovitch, que observava quieto, havia muito tempo —, faz lembrar a célebre defesa de um advogado que, apresentando a pobreza de seu cliente como desculpa para ele ter matado seis pessoas de uma só vez, a fim de roubá-las, concluiu, de repente, com algo assim: “É natural que, por causa da pobreza, tenha vindo à mente do meu cliente a ideia de assassinar seis pessoas, e, afinal, quem, no lugar dele, não teria pensado a mesma coisa?”. Foi algo assim que ele disse, só que foi muito engraçado.

— Basta! — pontificou, de repente, Lizavieta Prokófievna, quase trêmula de raiva. — Está na hora de pôr fim nesse falatório sem sentido!...

Estava tremendamente perturbada; inclinou a cabeça para a frente com ar ameaçador e, num desafio arrogante, impaciente e exasperado, percorreu com o olhar faiscante todos os presentes, quase sem diferenciar amigos e inimigos, naquele momento. Sua raiva, contida por tanto tempo, havia

chegado a um grau em que, afinal, teve de explodir, quando o motivo principal se tornou o combate urgente, a necessidade premente de lançar-se, o quanto antes, contra alguém. As pessoas que já conheciam Lizavieta Prokófievna sentiram, de pronto, que algo especial estava ocorrendo com ela. No dia seguinte, Ivan Fiódorovitch disse para o príncipe Sch. que “às vezes, aquilo acontece com ela, mas, no grau de ontem, é muito raro ver, uma vez a cada três anos, mais ou menos, nunca mais do que isso! Nunca!”, acrescentou, em tom persuasivo.

— Chega, Ivan Fiódorovitch! Deixe-me! — gritou Lizavieta Prokófievna. — Por que agora está me oferecendo o seu braço? Até agora, não foi capaz de me tirar daqui; o senhor é um marido, é um chefe de família, e o senhor deveria ter me levado para fora, pela orelha, tola que eu sou, se não obedecesse ao senhor e não saísse. O senhor deveria ter se preocupado pelo menos com as suas filhas! Mas agora, mesmo sem o senhor mandar, nós vamos achar o nosso caminho, aqui há vergonha de sobra para um dia inteiro... Espere um pouco, eu ainda quero agradecer ao príncipe!... Obrigado pelo convite, príncipe! E pensar que me sentei confortavelmente, disposta a ouvir a juventude... Isso é uma baixeza, uma baixeza! Isso é o caos, a aberração, nem em sonhos se vê tal coisa! Mas será que existem muitos assim?... Silêncio, Aglaia! Silêncio, Aleksandra! Não é da conta de vocês!... Não fique rodopiando à minha volta, Evguiêni Pávlitch, o senhor me encheu a paciência!... Mas então, você, meu querido, ainda pede perdão para eles? — emendou ela, voltando-se para o príncipe, outra vez. — “Desculpe-me por ter a audácia de lhes oferecer o capital...”. E você aí, seu fanfarrãozinho, ainda tem a coragem de rir! — voltou-se, de repente, contra o sobrinho de Liébediev. — “Nós recusamos o capital, nós estamos exigindo, não estamos pedindo!” Como se ele não soubesse que

esse idiota, amanhã mesmo, vai lá de novo para oferecer a sua amizade e o seu capital! Não vai fazer isso? Vai ou não?

— Vou — respondeu o príncipe em voz baixa e resignada.

— Ouviram? Enfim, é com isso que você está contando — voltou-se de novo para Doktorienko. — Pois é, agora, é como se você já estivesse com o dinheiro no bolso, é por isso que fica aí de bravatas, é para jogar poeira em nossos olhos... Não, meu caro, vá procurar outro palerma para enganar, eu enxergo você por dentro... eu enxergo todo o seu esquema!

— Lizavieta Prokófievna! — gritou o príncipe.

— Vamos embora daqui, Lizavieta Prokófievna, já passou da hora, e vamos levar o príncipe conosco — exclamou o príncipe Sch., sorrindo e com toda a calma possível.

As moças se mantinham um pouco à parte, quase assustadas, o general estava francamente temeroso; em geral, todos se mostravam surpresos. Alguns, mais recuados, com ar furtivo, sorriam e trocavam sussurros; o rosto de Liébediev refletia um grau supremo do arrebatamento.

— A aberração e o caos estão em toda parte, minha senhora — disse o sobrinho de Liébediev, de resto, bastante desconcertado.

— Mas não assim! Não assim, meu amigo, não como vocês fazem, não assim! — retrucou Lizavieta Prokófievna, num júbilo rancoroso, beirando a histeria. — E me deixem, me deixem — começou a gritar para as pessoas que tentavam dissuadi-la. — Não, pois não foi o senhor mesmo, Evguiêni Pávlitch, que disse, há pouco, que até um advogado de defesa declarou, no tribunal, que não há nada mais natural no mundo do que massacrar seis pessoas por causa da pobreza? Então, chegou mesmo o fim dos tempos. Eu nunca tinha ouvido tal coisa. Agora, para mim, tudo está explicado! E esse língua presa aqui, será que ele não vai degolar alguém? — Apontou para Burdóvski, que olhava para ela com extrema perplexidade. — Pois eu

aposto que vai degolar! Pode ser que agora ele não pegue o seu dinheiro, os dez mil rublos, e não pegue por uma questão de consciência, mas de madrugada ele vai voltar, vai degolar você e vai apanhar o dinheiro dentro do cofre. Não é uma coisa consciente! Não é uma desonestidade! É uma “explosão de nobre desespero”, é uma “negação” ou sei lá que diabo... Inferno! Tudo está de pernas para o ar, o mundo está de cabeça para baixo. A menina vai crescendo em sua casa e, de repente, pula para dentro de um coche, no meio da rua: “Mamãe, eu casei há poucos dias com o Karlitch, ou com o Ivánitch sei lá das quantas, e adeus, mamãe!”. E vocês acham que é bom agir assim? É natural e digno de respeito? A questão feminina? Olhem aqui esse menino — apontou para Kólia. — Faz só alguns dias, ele estava discutindo comigo o que significa essa tal de “questão feminina”. Não importa que a mãe seja uma tola, mesmo assim você tem de tratá-la como gente!... E por que, agora há pouco, vocês entraram aqui de nariz empinado? “Não se atrevam a barrar nosso caminho”: nós estamos passando. “Deem tudo o que é nosso direito, e não se atrevam a dar um pio, enquanto estamos falando. Mostrem todo o respeito do mundo por nós, até um respeito que não existe, e nós vamos tratar vocês como se fossem o último dos lacaios!” Vocês procuram a verdade, lutam pelo direito, mas vocês mesmos, como bárbaros, trucidaram a verdade no artigo. “Estamos exigindo, não estamos pedindo, e não vão ouvir de nós nenhuma palavra de agradecimento, porque vocês estão fazendo isso para satisfazer a própria consciência!” Mas que bela moral: pois, se não haverá nenhuma gratidão da parte de vocês, então o príncipe pode muito bem, em troca, lhes dizer que ele não sente nenhuma gratidão pelo Pavlíshev, porque também o Pavlíshev só fez o bem para satisfazer a própria consciência. E, afinal, era apenas com a gratidão dele por Pavlíshev que vocês estavam contando: afinal, ele não pegou dinheiro emprestado com vocês, ele não deve nada a

vocês, com o que vocês estavam contando, se não era com a gratidão? Então, como é que podem recusá-la? Loucos! Desprezam a sociedade, como selvagem e desumana, porque ela cobre de vergonha uma jovem seduzida. E, se reconhecem que a sociedade é desumana, portanto reconhecem também que a jovem sofre por causa dessa sociedade. E se ela sofre, como é que vocês mesmos expõem a moça nos jornais, diante dessa mesma sociedade, e ainda exigem que ela não sofra por isso? Loucos! Vaidosos! Não acreditam em Deus, não acreditam em Cristo! Enfim, vocês chegaram a tamanha vaidade e orgulho que vão acabar se devorando uns aos outros, é isso que eu prevejo para vocês. E, por acaso, não é isso a anarquia, o caos, a aberração? E, depois de tudo isso, esse desavergonhado aqui ainda se ajoelha e pede perdão para eles! Mas existem muitos como vocês? Por que estão com esse risinho? Será que é porque eu me cobri de vergonha ao ficar aqui na companhia de vocês? Enfim, se eu já me cobri de vergonha, não há mais nada a fazer! E você aí, seu descarado — de repente, ela investiu contra Ippolit —, não fique rindo de mim! Ele mal consegue respirar e ainda assim corrompe os outros. Foi você que corrompeu este meu menino aqui — apontou para Kólia, de novo. — Ele só faz tagarelar sobre você, o tempo todo, foi você que ensinou a ele o ateísmo, você não acredita em Deus, mas ainda pode muito bem levar umas chicotadas, meu prezado senhor, e para o inferno com vocês!... Então, príncipe Liev Nikoláievitch, você vai mesmo se encontrar com ele amanhã, não vai? — perguntou, de novo, para o príncipe, quase sem fôlego.

— Vou.

— Depois disso, eu não quero mais saber de você! — Fez menção de dar as costas e sair depressa, mas, de repente, voltou-se para ele outra vez. — E vai se encontrar com esse ateu? — apontou para Ippolit. — Por que está

rindo de mim? — gritou com voz esganiçada e, de repente, investiu contra Ippolit, sem conseguir mais suportar seu risinho mordaz.

— Lizavieta Prokófievna! Lizavieta Prokófievna! Lizavieta Prokófievna!
— vozes soaram, a um só tempo, de todos os lados.

— *Maman*, isso é vergonhoso! — gritou Aglaia, muito alto.

— Não se preocupe, Aglaia Ivánovna — respondeu, em tom tranquilo, Ippolit, que Lizavieta Prokófievna, sabe-se lá por quê, segurava com força pelo braço, depois de ter saltado sobre ele; a generala estava de pé diante de Ippolit e parecia fincar, dentro dele, seu olhar furioso. — Não se preocupe, a sua *maman* entende muito bem que não se pode atacar um moribundo... Eu estou disposto a explicar por que eu ri... e vou ficar muito contente, se me permitirem...

Então, de repente, desatou a tossir de maneira horrorosa e, por um minuto inteiro, não conseguiu conter a tosse.

— Ora essa, ele já está para morrer e mesmo assim não para de fazer discurso! — exclamou Lizavieta Prokófievna; ela soltou seu braço e, quase com pavor, viu como ele enxugava o sangue dos próprios lábios. — O que mais você quer falar? Você precisa é ir para a cama, só isso...

— E assim será — respondeu Ippolit em voz baixa, rouca, quase um sussurro. — Assim que eu voltar para casa, vou me deitar... Daqui a duas semanas, sei muito bem, eu vou morrer... Semana passada, o próprio B. me declarou... Então, se me permitirem, eu gostaria de dizer duas palavras de despedida.

— Mas será que você ficou doido? Que absurdo! Precisa se tratar, para que toda essa conversa, agora? Vá, vá logo se deitar!... — gritou Lizavieta Prokófievna, assustada.

— Eu vou me deitar e, então, não vou mais me levantar, até morrer — sorriu Ippolit. — Ontem mesmo eu queria me deitar assim, para não me

levantar mais, até morrer, mas resolvi esperar até depois de amanhã, enquanto ainda me aguento em pé... para vir com eles aqui, hoje... só que fiquei muito cansado...

— Mas sente, sente, para que ficar em pé? Tome aqui esta cadeira — gritou Lizavieta Prokófievna, e ela mesma lhe ofereceu uma cadeira.

— Agradeço à senhora — prosseguiu Ippolit, em voz baixa. — Sente-se aqui na minha frente, vamos conversar... nós temos de conversar, Lizavieta Prokófievna, agora eu faço questão... — E sorriu para ela, de novo. — Pense só que, hoje, pela última vez, eu saio de casa e vejo pessoas e, daqui a duas semanas, com certeza, vou estar debaixo da terra. Quer dizer que isso é uma espécie de despedida, das pessoas e da natureza. Mesmo que eu não seja lá muito sentimental, imagine só, eu fico bem feliz que tudo termine aqui em Pávlovsk: afinal, a gente pode ficar olhando para as folhas de uma árvore.

— Mas que conversa é essa, agora? — Lizavieta Prokófievna estava cada vez mais assustada. — Você está com febre. Há pouco, você falava esganiçado e chiava alto, mas agora mal consegue respirar, está sufocando!

— Eu já vou descansar. Por que a senhora quer me negar o meu último desejo?... Sabe de uma coisa? Havia muito tempo eu sonhava em me encontrar com a senhora, Lizavieta Prokófievna; ouvi falar muito da senhora... foi o Kólia; ele quase que não me deixa sozinho... A senhora é uma mulher original, uma mulher excêntrica, eu mesmo vi isso agora... Sabe que eu até senti um pouco de amor pela senhora?

— Meu Deus, francamente, e eu que estava à beira de dar um tapa nele.

— Foi a Aglaia Ivánovna que conteve a senhora; ou eu estou enganado? A Aglaia Ivánovna é sua filha, não é? Ela é tão bonita que, agora há pouco, eu a reconheci logo ao primeiro olhar, embora nunca a tivesse visto. Deixem-me ver essa beleza, nem que seja pela última vez na vida — e

Ippolit sorriu, com um sorriso um tanto desajeitado e torto. — E o príncipe também está aqui, e o marido da senhora, e todo mundo. Por que a senhora quer me negar o meu último desejo?

— Uma cadeira! — gritou Lizavieta Prokófievna, mas ela mesma pegou uma cadeira e sentou-se de frente para Ippolit. — Kólia — chamou. — Vá com ele já, acompanhe o rapaz, e amanhã eu mesma irei, sem falta...

— Se a senhora permitir, eu queria pedir ao príncipe uma xícara de chá... Estou muito cansado. Sabe, Lizavieta Prokófievna, a senhora queria, eu acho, levar o príncipe à sua casa para tomar chá; mas fique aqui, vamos passar um tempo juntos, e o príncipe, com certeza, vai servir chá para todos nós. Desculpe por ficar dando ordens desse jeito... Mas, enfim, eu conheço a senhora, a senhora é bondosa, e o príncipe também... Nós todos somos pessoas boas até as raias do cômico...

O príncipe ficou alarmado. Liébediev se retirou às pressas e Vera correu atrás dele.

— E isso é mesmo verdade — concluiu bruscamente a generala. — Pode falar, só que mais baixo, e não se exalte. Você me deixou compadecida... Príncipe! Você não é digno de que eu tome chá em sua casa, mas que seja, eu vou ficar, se bem que não vou pedir desculpas para ninguém! Ninguém! Que absurdo!... Entretanto, se eu briguei com você, príncipe, me perdoe... mas só se quiser. Aliás, não vou reter ninguém — voltou-se, de repente, para o marido e para as filhas, com ar extraordinariamente feroz, como se eles tivessem culpa de algo terrível, em relação a ela. — Eu sei ir para casa sozinha...

Mas nem deixaram que ela terminasse de falar. Todos se aproximaram e a cercaram com presteza. O príncipe tratou logo de pedir a todos que ficassem para tomar chá e pediu desculpas por não ter se antecipado e servido o chá antes. Até o general se mostrou tão amável que balbuciou

algo tranquilizador e, com gentileza, perguntou a Lizavieta Prokófievna se não estaria fresco demais, para ela, na varanda. Ele esteve mesmo a ponto de perguntar a Ippolit se fazia muito tempo que estudava na universidade, porém não fez a pergunta. Evguiêni Pávlovitch e o príncipe Sch., de repente, mostraram-se amáveis e alegres ao extremo, no rosto de Adelaida e de Aleksandra, através da surpresa, transparecia até uma satisfação; em suma, todos se encontravam visivelmente felizes porque a crise de Lizavieta Prokófievna havia passado. Só Aglaia se mantinha de cara fechada, em silêncio, sentada um pouco à parte dos demais. Todos os visitantes permaneceram ali; ninguém quis ir embora, nem o general Ívolguin, a quem Liébediev, no entanto, de passagem, havia sussurrado alguma coisa por certo não muito agradável, pois o general logo tratou de se enfiar em algum canto. O príncipe se aproximou para convidar também Burdóvski e seus parceiros, sem excluir ninguém. Eles murmuraram, com ar tenso, que iam aguardar Ippolit e logo se afastaram para o canto mais recuado da varanda, onde, mais uma vez, sentaram-se todos juntos. Sem dúvida, mais cedo, Liébediev já mandara preparar o chá para seus familiares, pois ele logo foi servido. Soaram as onze horas da noite.

X

Ippolit molhou os lábios na xícara de chá que Vera Liébedieva lhe havia oferecido, colocou a xícara sobre a mesa e, de repente, com ar embaraçado, quase perplexo, olhou em redor.

— Veja, Lizavieta Prokófievna, estas xícaras — e Ippolit se mostrou estranhamente apressado. — Estas xícaras são de porcelana, e parece que é uma porcelana excelente, ficam sempre guardadas aqui na casa do Liébediev, dentro de uma cristaleira fechada, nunca são usadas... É o costume, isso é parte do dote da esposa dele... é o costume, entre eles... e agora, para nós, ele serviu o chá nessas xícaras, em homenagem à senhora, é claro, de tanto que ele ficou alegre...

Ainda queria acrescentar algo, porém se atrapalhou.

— Ele está confuso, eu já esperava! — sussurrou Evguiêni Pávlovitch, de repente, no ouvido do príncipe. — Isso é perigoso, não é? Um sinal inequívoco de que, agora, a enfermidade vai engendrar tanta excentricidade que talvez nem a Lizavieta Prokófievna consiga aguentar.

O príncipe olhou para ele com ar interrogativo.

— O senhor não teme as excentricidades? — acrescentou Evguiêni Pávlovitch. — Pois eu também não, e até desejo isso, pessoalmente, nem que seja só para a punição da nossa querida Lizavieta Prokófievna, e que

seja hoje, e já; sem isso, não irei embora daqui. Mas parece que o senhor está com febre.

— Depois eu respondo, não atrapalhe. Sim, eu não estou bem — respondeu o príncipe, distraído e até impaciente. Pois o príncipe tinha escutado seu nome: Ippolit estava falando dele.

— A senhora não acredita? — Ippolit ria histericamente. — É isso que deve acontecer, o príncipe vai acreditar logo de saída, e não vai ficar nem um pouco admirado.

— Está ouvindo, príncipe? — Lizavieta Prokófievna voltou-se para ele. — Está ouvindo?

Em volta, riram. Liébediev avançou, muito alvoroçado, e ficou rodando à frente da própria Lizavieta Prokófievna.

— Ele estava me dizendo que esse palhaço aqui, o seu senhorio... corrigiu o artigo para aquele cavaleiro, o mesmo artigo que leram, há pouco, e que fala do senhor.

O príncipe olhou com surpresa para Liébediev.

— Por que fica aí calado? — Lizavieta chegou a bater o pé no chão.

— Bem — murmurou o príncipe, enquanto continuava a olhar para Liébediev. — Eu estou vendo mesmo que ele corrigiu.

— É verdade? — Lizavieta Prokófievna virou-se depressa para Liébediev.

— A mais pura verdade, vossa excelência! — respondeu Liébediev, firme e inabalável, levando a mão ao coração.

— E ainda parece se vangloriar disso! — Ela quase deu um pulo na cadeira.

— Eu sou desprezível, desprezível! — pôs-se a murmurar Liébediev, enquanto golpeava o próprio peito e baixava a cabeça, mais e mais.

— E o que me interessa se você é desprezível? Ele acha que, dizendo que é “desprezível”, vai conseguir se safar. E você, príncipe, volto a dizer, não sente vergonha de dar atenção a essa gatinha, aqui? Nunca mais vou perdoar você!

— O príncipe vai me perdoar! — exclamou Liébediev, convicto e comovido.

— Foi unicamente por nobreza — de repente, Keller começou a falar bem alto, dirigindo-se diretamente a Lizavieta Prokófievna —, foi unicamente por nobreza, minha senhora, e para não envolver um amigo, que eu, há pouco, omiti as correções, apesar de ele ter sugerido, agora há pouco, nos jogar escada abaixo, como a senhora mesma teve a oportunidade de ouvir. Para o restabelecimento da verdade, eu reconheço que, de fato, procurei a ajuda dele, como uma fonte abalizada, em troca de seis rublos, mas de maneira nenhuma para tratar do estilo e sim, propriamente falando, para o estabelecimento dos fatos, para mim desconhecidos, em grande parte. Quanto às polainas, quanto ao apetite do príncipe às custas do professor suíço, quanto aos cinquenta rublos em vez de duzentos e cinquenta, em suma, quanto a todos esses acréscimos, tudo isso partiu dele, em troca de seis rublos, mas o estilo ele não corrigiu.

— Eu devo observar — Liébediev interrompeu, com impaciência febril e com uma espécie de voz rastejante, em face dos risos que se propagavam cada vez mais —, eu devo observar que corrigi apenas a primeira metade do artigo, porém, como não chegamos ao meio e nos desentendemos a respeito de uma ideia, a segunda metade eu já não corrigi, minha senhora, portanto tudo que há ali de iletrado (e há muito de iletrado!) já não pode ser atribuído a mim, minha senhora...

— Olhem só qual é a preocupação dele! — gritou Lizavieta Prokófievna.

— Permitam que eu pergunte: quando foi que corrigiram o artigo? — Evguiêni Pávlovitch indagou a Keller.

— Ontem de manhã — informou Keller. — Tivemos um encontro e prometemos, dando nossa palavra de honra, que guardaríamos segredo, de ambas as partes...

— E tudo isso na mesma hora em que ele rastejava na sua frente e jurava lealdade a você! Nossa, que gentinha! Eu não preciso do seu Púchkin, e que a sua filha não apareça na minha casa!

Lizavieta Prokófievna fez menção de se levantar, mas, de súbito, voltou-se exasperada para Ippolit, que estava rindo.

— O que é, meu querido, será que você inventou agora de me ridicularizar?

— Deus me livre — Ippolit deu um sorriso retorcido. — Acontece que o que mais me deixa impressionado é a extraordinária excentricidade da senhora, Lizavieta Prokófievna; eu confesso que levantei a questão do Liébediev de propósito, eu sabia como isso ia afetar a senhora, e só a senhora, porque o príncipe, de fato, vai perdoar e, com certeza, já perdoou... quem sabe, até, já encontrou, no pensamento, uma desculpa para o Liébediev, pois ele é assim, não é verdade, príncipe?

Estava sufocando, sua estranha excitação crescia a cada palavra.

— E o que mais?... — disse Lizavieta Prokófievna, enraivecida, surpresa com o tom de voz de Ippolit. — E o que mais?

— Sobre a senhora, eu já ouvi falar muita coisa desse mesmo gênero... com grande alegria... aprendi a respeitar a senhora extraordinariamente — prosseguiu Ippolit.

Ele falava uma coisa, mas dava a impressão de que, com aquelas mesmas palavras, queria dizer algo muito diferente. Ippolit falava com um toque de zombaria e, ao mesmo tempo, afligia-se de forma desproporcional, olhava

desconfiado em redor, visivelmente se perdia e se atrapalhava a cada palavra, de modo que tudo aquilo, somado a seu aspecto tuberculoso e a seu estranho olhar faiscante, com um toque de frenético, querendo ou não, continuava a atrair a atenção de todos.

— Eu deveria ficar muito surpreso, aliás, já que não conheço a sociedade (isso eu confesso), ao ver que a senhora não apenas permaneceu aqui, na presença do nosso bando recém-chegado, pessoas indecorosas, na opinião da senhora, como também deixou que essas... mocinhas escutassem o relato de um caso escandaloso, embora elas já tenham lido tudo isso em romances. Aliás, eu talvez não saiba... pois estou confuso, mas, em todo caso, quem mais, senão a senhora, poderia permanecer... a pedido de um menino (ah, é, um menino, eu confesso, mais uma vez), e ficar aqui de noite com ele e aceitar... tomar parte em tudo, para... depois... no dia seguinte, sentir vergonha... (aliás, admito que não estou me exprimindo de forma adequada), eu louvo tudo isso demais e respeito profundamente, embora só pelo rosto de sua excelência, o seu marido, dê para ver muito bem como tudo isso é desagradável, para ele... Hi-hi! — deu uma risadinha, completamente embaraçado e, de súbito, desatou a tossir de tal maneira que, durante dois minutos, não conseguiu falar.

— Até se asfixiou! — exclamou Lizavieta Prokófievna, de modo frio e brusco, enquanto o observava com severa curiosidade. — Bem, meu querido garoto, chega dessa história. Já está na hora!

— Permita-me, prezado senhor, observar, da minha parte — se pôs a falar Ivan Fiódorovitch, de repente, com irritação, depois de perder o que ainda lhe restava de paciência —, permita-me observar que a minha esposa está aqui, na casa do príncipe Liev Nikoláievitch, nosso amigo comum e nosso vizinho, como uma visita e que, em todo caso, não compete ao senhor, meu jovem, julgar as ações de Lizavieta Prokófievna, bem como se

expressar em voz alta, e na minha frente, acerca do que o meu rosto exprime. Sim, senhor. E se a minha esposa permaneceu aqui — prosseguiu, exaltando-se mais e mais, quase que a cada palavra —, foi antes por surpresa, meu senhor, e também por uma compreensível curiosidade contemporânea, em face da oportunidade de observar alguns jovens estranhos. Eu mesmo permaneci aqui, da mesma forma como me detenho na rua, quando vejo alguma coisa que se possa observar como... como... como...

— Como uma raridade — completou Evguiêni Pávlovitch.

— Excelente e fiel — alegrou-se sua excelência, que se atrapalhara um pouco na hora de fazer a comparação. — Exatamente como uma raridade. Mas, em todo caso, para mim, o mais surpreendente de tudo, e até o mais lamentável, se a gramática permite expressar-me assim, é que o senhor, meu jovem, não seja capaz sequer de compreender que a Lizavieta Prokófievna permaneceu aqui com o senhor porque o senhor está doente, se é que não está morrendo de fato, ela ficou aqui por compaixão, por assim dizer, por causa das palavras de dar pena que o senhor pronunciou, meu caro, e, desse modo, mácula nenhuma, em nenhuma hipótese, pode ser lançada sobre o nome dela, sobre as suas qualidades e o seu valor... Lizavieta Prokófievna! — concluiu o general, todo vermelho. — Se quiser ir embora, vamos nos despedir do nosso bom príncipe e...

— Obrigado pela lição, general — interrompeu Ippolit, de modo inesperado, enquanto olhava para ele com ar pensativo.

— Vamos, *maman*, isto ainda pode durar muito!... — apelou Aglaia, erguendo-se da cadeira, impaciente e com raiva.

— Mais dois minutos, meu caro Ivan Fiódorovitch, se me permite — Lizavieta Prokófievna voltou-se para o marido, com dignidade. — Parece-me que ele está completamente febril e, na verdade, delirante; pelos olhos

dele, eu estou convencida disso; é impossível deixá-lo assim. Liev Nikoláievitch! Será que ele não podia pernoitar em sua casa, para que não tivesse, ainda hoje, de se arrastar até Petersburgo? *Cher prince*,¹²⁶ o senhor está achando isso maçante? — de repente, sabe-se lá por quê, ela se dirigiu ao príncipe Sch. — Venha aqui, Aleksandra, ajeite o seu cabelo, minha amiga.

Ela ajeitou o cabelo, que nem era preciso ajeitar, e a beijou; só por isso havia chamado a filha.

— Eu julguei que a senhora era capaz de evoluir... — voltou a falar Ippolit, saindo de suas reflexões. — Sim! É isso que eu queria dizer — alegrou-se, como se, de repente, tivesse lembrado o que desejava. — Veja, o Burdóvski quer, sinceramente, proteger a sua mãe, não é verdade? E, no final, ele a cobriu de vergonha. O príncipe quer ajudar o Burdóvski e, por pureza de coração, oferece a ele sua terna amizade e o seu capital, e talvez seja o único, entre todos vocês, que não sente repugnância dele, e, no final, os dois se lançam um contra o outro como verdadeiros inimigos... Ha-ha-ha! A senhora detesta tudo em Burdóvski, porque, na sua opinião, ele se refere à própria mãe de maneira deselegante e feia, não é assim? Hein? Hein? Acontece que todos os senhores amam demais a beleza e a elegância das formas, é só por isso que lutam, não é verdade? (Faz muito tempo que eu desconfiava disso!) Pois então saibam que, talvez, nenhum de vocês tenha amado a própria mãe tanto quanto o Burdóvski! Eu sei que o senhor, príncipe, mandou dinheiro em segredo para a mãe do Burdóvski, por intermédio do Gánietchka, e agora eu aposto (he-he-he!) — e Ippolit riu histericamente —, eu aposto que, agora, o Burdóvski vai acusar o senhor de agir de forma indelicada e de faltar ao respeito com mãe dele, juro por Deus, ha-ha-ha!

Nesse ponto, asfixiou-se mais uma vez e começou a tossir.

— Muito bem, é tudo? Já falou tudo, agora? Pois bem, agora trate de ir dormir, você está com febre — interrompeu Lizavieta Prokófievna, com impaciência, sem desviar dele seu olhar inquieto. — Ah, meu Deus! E ele ainda quer falar!

— Parece que o senhor está rindo, não está? Por que o senhor tem de rir de mim o tempo todo? Eu notei. Por que o senhor tem de rir de mim o tempo todo? — De repente, irritado e inquieto, Ippolit voltou-se para Evguiêni Pávlovitch; de fato, ele estava rindo.

— Eu queria apenas perguntar ao senhor, prezado... Ippolit... perdoe, esqueci seu nome de família.

— Sr. Tieriéntiev — respondeu o príncipe.

— Sim, Tieriéntiev, obrigado, príncipe; disseram há pouco, mas me escapou... Eu gostaria de lhe perguntar, sr. Tieriéntiev, se é verdade o que ouvi dizer, ou seja, que, na sua opinião, basta o senhor falar quinze minutos com o povo, do alto de uma janela, para que o povo concorde com o senhor em tudo e, na mesma hora, siga o senhor?

— É bem possível que eu tenha dito isso... — respondeu Ippolit, como se algo voltasse à sua memória. — Sim, eu falei, não há dúvida! — acrescentou, de súbito, animando-se outra vez, e olhou com firmeza para Evguiêni Pávlovitch. — E o que tem isso demais?

— Nada, absolutamente. Eu só queria completar uma informação.

Evguiêni Pávlovitch calou-se, mas Ippolit continuava a olhar para ele, numa expectativa ansiosa.

— Muito bem, então o senhor já terminou? — Lizavieta Prokófievna se dirigiu a Evguiêni Pávlovitch. — Termine logo, meu caro, ele precisa dormir. Ou não sabe como fazer isso? — Ela se encontrava numa irritação tremenda.

— Talvez não fosse despropositado acrescentar — prosseguiu Evguiêni Pávlovitch, sorrindo — que tudo que eu ouvi dizer a respeito de seus camaradas, sr. Tieriéntiev, e tudo o que o senhor expôs agora, com talento tão inquestionável, se baseia, a meu ver, na teoria de que o direito deve triunfar antes de tudo e a par de tudo, e até com a exclusão de tudo e qualquer outra coisa, e isso, talvez, até, antes mesmo de se investigar em que consiste esse tal direito. Talvez eu esteja enganado, ou não?

— É claro que está enganado, e eu quase não estou entendendo o senhor... O que mais?

Num canto, irromperam também murmúrios. O sobrinho de Liébediev resmungava algo, à meia-voz.

— Mais nada, quase nada — prosseguiu Evguiêni Pávlovitch. — Eu só queria observar que é possível saltar dessa ideia, diretamente, para o direito da força, ou seja, o direito do punho individual, do arbítrio pessoal, como, de resto, terminou por acontecer muitas vezes, neste mundo. O Proudhon¹²⁷ mesmo se deteve no direito da força. Na guerra americana,¹²⁸ muitos dos mais avançados liberais tomaram o partido dos latifundiários, com o pretexto de que os negros são negros, inferiores à raça branca e, portanto, o direito da força é dos brancos...

— E daí?

— Ou seja, o senhor, portanto, não nega o direito da força, nega?

— E o que mais?

— O senhor é muito coerente; eu só gostaria de observar que, entre o direito da força e o direito dos tigres e dos crocodilos, e até de Danílov e Górski, a distância é pequena.

— Não sei. O que mais?

Ippolit mal escutava Evguiêni Pávlovitch, a quem ele parecia dizer “certo” e “o que mais” por força de um hábito antigo, assimilado nas

conversas, e não por atenção e curiosidade.

— E mais nada... só isso.

— No entanto, eu não estou zangado com o senhor — concluiu Ippolit, de súbito, e de forma totalmente inesperada, sem plena consciência do que fazia, estendeu a mão para ele, quase com um sorriso. Evguiêni Pávlovitch, de início, ficou admirado, porém, com o ar mais sério do mundo, tocou a mão estendida para ele, como se aceitasse um perdão.

— Eu não posso deixar de acrescentar — disse ele, no mesmo tom ambiguamente respeitoso — minha gratidão ao senhor pela atenção com que me permitiu falar, porque, a julgar por minhas observações numerosas, os nossos liberais nunca se mostram dispostos a conceder que os outros tenham sua própria convicção, sem retrucar de pronto, no ato, ao seu oponente, com injúrias e até com algo pior...

— Nisso, o senhor tem toda razão — observou o general Ivan Fiódorovitch e, com as mãos cruzadas nas costas e ar muito entediado, retirou-se para a saída da varanda, onde bocejou de enfado.

— Muito bem, já chega, meu caro — declarou Lizavieta Prokófievna, de repente, para Evguiêni Pávlovitch. — O senhor já encheu a minha paciência...

— Está na hora — de repente, com ar preocupado e quase com um susto, Ippolit se levantou, olhando ao redor, tomado pela perplexidade. — Eu retive vocês aqui; eu queria contar tudo para vocês... achei que tudo... pela última vez... isso foi uma fantasia...

Era visível que ele se animava, em espasmos, que saía, de repente, de um delírio quase verdadeiro, por alguns momentos, recuperava, de súbito, a plena consciência, puxava pela memória e falava, em grande parte, em fragmentos, talvez já concebidos e memorizados havia muito tempo, nas longas e maçantes horas de enfermidade, no leito, na solidão, na insônia.

— Muito bem, adeus! — falou, de repente, de modo abrupto. — Achar que para mim é fácil lhes dizer “adeus”? Ha-ha! — riu, irritado, da própria pergunta *descabida* e, de repente, como se estivesse enfurecido por não conseguir dizer tudo que desejava, exclamou muito alto, e exasperado: — Vossa excelência! Tenho a honra de pedir que compareça ao meu sepultamento, se puder me conceder essa honra, e... todos os senhores também, juntamente com o general!...

Mais uma vez, começou a rir; mas já era o riso de um louco. Lizavieta Prokófievna avançou para ele, assustada, e segurou sua mão. Ippolit olhou fixo para ela, com o mesmo riso, porém, agora, já interrompido e fixo e congelado no rosto.

— A senhora sabe que eu vim para cá a fim de ver as árvores? Aquelas ali... — Apontou para as árvores do parque. — Isso não é ridículo, é? Afinal, não há nisso nada de ridículo, não é? — perguntou, com ar sério, para Lizavieta Prokófievna e, de repente, se pôs pensativo; em seguida, por um momento, ergueu a cabeça e, com os olhos, começou a procurar por alguém, entre as pessoas em redor. Estava em busca de Evguiêni Pávlovitch, que se encontrava muito distante, à direita, no mesmo lugar de antes, só que Ippolit havia se esquecido disso e procurava à sua volta. — Ah, o senhor não foi embora! — Enfim, ele o localizou. — Há pouco o senhor zombava de tudo, ria do fato de eu querer falar quinze minutos com o povo, do alto de uma janela... Mas, sabe, eu não tenho nem dezoito anos: fiquei tanto tempo deitado naquele travesseiro, fiquei tanto tempo olhando por aquela janela e fiquei tanto tempo pensando... em todos... que... Sabe, um morto não tem idade. Semana passada mesmo, eu pensei nisso, quando fui dormir, tarde da noite... Sabe do que é que o senhor tem mais medo? Mais do que tudo, e com toda a sinceridade, o senhor tem medo de nós. Apesar de ter desprezo por nós! E eu também fiquei pensando nisso, de

madrugada, com a cabeça no travesseiro... E a senhora acha que, agora há pouco, eu queria zombar da senhora, Lizavieta Prokófievna? Não, eu estava rindo da senhora, mas eu só queria fazer um elogio... O Kólia me contou que o príncipe chamou a senhora de criança... Isso é bom... Sim, e o que mais... eu ainda queria dizer mais uma coisa...

Cobriu o rosto com as mãos e refletiu.

— É isso mesmo! Agora há pouco, quando vocês se despediram, eu pensei, de repente: aqui estão essas pessoas e nunca mais eu vou ver nenhuma delas, nunca mais! E as árvores também... Só vai ter o muro de tijolo vermelho da casa do Meyer... em frente à minha janela... Pois é, mas tente só falar com eles sobre tudo isso... experimente, fale; veja essa moça linda... afinal, você é um morto, se apresente como um morto, diga que “um morto pode falar tudo”... e a princesa Mária Alekséievna não vai repreender ninguém por isso, ha-ha!...¹²⁹ Os senhores não estão achando engraçado? — voltou-se para todos, em redor, com ar incrédulo. — E, sabem, com a cabeça no travesseiro, me vinham muitas ideias... Sabem, eu me convenci de que a natureza é muito irônica... Há pouco, a senhora disse que eu sou ateu, mas sabe que essa natureza... Por que estão rindo, outra vez? Vocês são horrivelmente cruéis! — exclamou, de repente, olhando para todos, com triste indignação. — Eu não corrompi o Kólia — concluiu, sério e convicto, num tom completamente distinto, como se, de repente, também tivesse se lembrado de alguma coisa.

— Ninguém, ninguém está rindo de você, aqui, fique tranquilo! — Lizavieta Prokófievna estava quase atormentada. — Amanhã, virá um médico novo; o outro se enganou; mas sente, não fique aí de pé! Está delirando... Ah, o que vamos fazer com ele, agora? — Ela se mostrou muito solícita e o sentou na cadeira. Uma lagrimazinha brilhou em sua bochecha.

Ippolit se deteve, quase estupefato, ergueu a mão, estendeu-a temerosa, até tocar naquela pequenina lágrima. Sorriu, com uma espécie de sorriso infantil.

— Eu... a senhora... — ele começou a falar, com alegria —, a senhora não sabe como eu... ele sempre me falava da senhora com tanto entusiasmo, esse aqui, o Kólia... Eu adoro o entusiasmo do Kólia. Eu não o corrompi! Eu só tenho a ele e a mais ninguém para deixar alguma coisa... Eu queria deixar algo para todos, para todos... mas nenhum deles estava comigo, nenhum... Eu queria ser uma pessoa de ação, eu tinha o direito... Ah, como eu queria! Agora, eu não quero nada, e nem quero querer nada, eu jurei, para mim mesmo, não querer mais nada; eles que busquem a verdade sem mim! Sim, a natureza é cheia de ironias! — E, de repente, ele prosseguiu com ardor. — Por que é que a natureza cria as melhores criaturas que existem só para, depois, zombar delas? Ela organiza as coisas de tal modo que a única criatura na terra que admitiram ser perfeita... a natureza fez as coisas de tal maneira que, depois de revelar essa criatura para as pessoas, determinou que ela falasse coisas que provocaram o derramamento de tanto sangue que, se esse sangue fosse derramado de uma só vez, com certeza, as pessoas teriam se afogado! Ah, que bom que eu estou morrendo!... Eu não corrompi ninguém... Eu queria viver para a felicidade de todo mundo, para a descoberta e a difusão da verdade... Eu estava olhando, pela janela, para o muro da casa do Meyer, e pensava em falar só quinze minutos e convencer todas as pessoas, todo mundo, e por uma vez na vida tive a chance de me encontrar... não com o povo, mas com vocês! E o que foi que aconteceu? Nada! Aconteceu que vocês me desprezam! Portanto, eu sou um inútil, portanto, eu sou um tolo, portanto, já está na hora! E eu não fui capaz de deixar nenhuma lembrança! Nenhum som, nenhum vestígio, nenhuma ação, não propaguei nenhuma

convicção!... Não riam de um imbecil! Esqueçam! Esqueçam tudo... esqueçam, por favor, não sejam tão cruéis! Sabiam que, se não aparecesse a tuberculose, eu me mataria?...

Dava a impressão de que ele ainda queria falar muito, mas não terminou, tombou na cadeira, cobriu o rosto com as mãos e desatou a chorar como uma criança pequena.

— Muito bem, e agora, o que vocês querem fazer com ele? — exclamou Lizavieta Prokófievna, que se aproximou de um pulo, agarrou a cabeça da Ippolit e a abraçou com muita força contra o peito. Ele soluçava convulsivamente. — Tudo bem, tudo bem, vamos, não chore mais, vamos, chega, você é um bom menino, Deus vai perdoar você pela sua ignorância; vamos, chega, seja corajoso... Além do mais, vai ser uma vergonha para você...

— Lá em casa, eu tenho irmão e irmãs — disse Ippolit, enquanto fazia força para erguer a cabeça —, crianças pequenas, pobres, inocentes... *Ela* vai corromper todos eles! A senhora é uma santa, a senhora... é uma verdadeira criança, salve-os! Arrebate-os daquela... ela... é uma vergonha... Oh, ajude, ajude, Deus vai recompensá-la cem vezes mais, em nome de Deus, em nome de Cristo!...

— Diga logo, Ivan Fiódorovitch, o que vamos fazer agora? — berrou Lizavieta Prokófievna, exasperada. — Faça o obséquio de interromper o seu silêncio majestoso! Se o senhor não tomar uma decisão, fique sabendo que eu mesma vou passar a noite aqui; basta, o senhor já me tiranizou demais com o seu despotismo!

Lizavieta Prokófievna questionava com entusiasmo, com fúria, e aguardava uma resposta rápida. Porém, em casos semelhantes, na maioria das vezes, os presentes, mesmo se forem numerosos, respondem com o silêncio, com uma curiosidade passiva, não desejam nada para si, e só vão

expressar seus pensamentos depois de muito tempo. Entre os presentes, havia também aqueles dispostos a permanecer ali, ainda que fosse até de manhã, e sem dizer nenhuma palavra, como por exemplo Varvara Ardaliónovna, que se mantivera um pouco à parte durante toda a reunião, calada, sempre escutando com uma curiosidade fora do comum, e talvez tivesse suas razões para tanto.

— Minha opinião, minha amiga — respondeu o general —, é de que, agora, por assim dizer, há mais necessidade de uma enfermeira do que da nossa inquietação, e, quem sabe, também, de uma pessoa confiável e firme, para passar a madrugada ao lado dele. Em todo caso, vamos perguntar ao príncipe e... sem demora, deixá-lo em paz. Podemos voltar amanhã para ajudar.

— É meia-noite, estamos indo embora. Ele vai conosco ou fica com o senhor? — aborrecido e irritado, Doktorienko voltou-se para o príncipe.

— Se quiserem, fiquem também aqui, com ele — disse o príncipe. — Temos lugar.

— Vossa excelência — o sr. Keller se aproximou do general, de modo inesperado e com entusiasmo. — Caso for necessária uma pessoa de confiança para passar a madrugada aqui, eu estou pronto a me sacrificar por um amigo... Que alma ele tem! Faz tempo que eu considero o Ippolit uma pessoa extraordinária, vossa excelência! Claro, eu tive uma formação deficiente, mas, quando ele critica alguma coisa, são pérolas que ele faz chover, vossa excelência!...

O general virou-se para o outro lado, em desespero.

— Ficarei muito contente se ele permanecer aqui. É claro que, para ele, é difícil ir embora — explicou o príncipe, diante das perguntas exasperadas de Lizavieta Prokófievna.

— Mas será que você já está dormindo? Se não quiser, eu posso levá-lo comigo! Meu Deus, ele mal consegue se aguentar de pé! Será que você está doente?

Mais cedo, quando Lizavieta Prokófievna não encontrou o príncipe em seu leito de morte, de fato, exagerou bastante o aspecto satisfatório do estado de saúde do príncipe, julgando pelas aparências, mas a enfermidade recente, as recordações dolorosas a ela associadas, o cansaço de toda aquela agitação, o caso do “filho de Pavlíschev”, o incidente com Ippolit, por fim — tudo aquilo, de fato, havia exasperado a sensibilidade doentia do príncipe às raias de um estado febril. Porém, além disso, aos olhos dele, agora, havia um tipo de preocupação distinta, e até um temor; ele olhava assustado para Ippolit, como se estivesse esperando dele mais alguma coisa.

De repente, Ippolit se levantou, horrivelmente pálido, com aspecto aterrador e um ar de vergonha que beirava o desespero, no rosto desfigurado. Aquilo se exprimia, sobretudo, no olhar com que ele mirava, com ódio e pavor, as pessoas em volta, bem como no sorriso escarminho e consternado que rastejava em seus lábios trêmulos. Ele logo baixou os olhos e avançou a muito custo, cambaleante, sempre sorrindo daquele modo para Burdóvski e Doktorienko, que se encontravam de pé, na saída da varanda; Ippolit estava indo embora com eles.

— Pronto, era isso mesmo que eu temia! — exclamou o príncipe. — Tinha de acontecer!

Ippolit virou-se rapidamente para o príncipe, com a ira mais feroz, e cada mínimo traço de seu rosto parecia tremer, quando ele falou:

— Pois era isso que você tanto temia! Na sua opinião, “Tinha de acontecer”? Pois fique sabendo que, se eu odeio alguém aqui — e Ippolit se pôs a vociferar, entre roncões e ganidos, expelindo perdigotos pela boca —, (e eu odeio todos vocês!) se eu odeio alguém aqui, é o senhor, mais do que

todos, mais do que tudo no mundo, é o senhor que eu odeio, almazinha jesuíta e melosa, idiota e milionário benfeitor! Faz tempo que eu compreendi o senhor e passei a sentir ódio e, mesmo quando eu ainda só ouvia falar do senhor, já o odiava com todo o ódio da alma... Foi o senhor que armou tudo isso, agora! Foi o senhor que me levou a ter um ataque nervoso! O senhor levou um moribundo até o vexame! O senhor, o senhor, o senhor é o culpado da minha covardia infame! Se eu continuasse a viver, mataria o senhor! Eu não preciso de suas caridades nem vou aceitar nada de ninguém, está ouvindo? De ninguém, nada! Eu estava delirando, e o senhor não se atreva a cantar vitória!... Eu amaldiçoo vocês todos, para sempre!

Então, ficou totalmente asfisiado.

— Ele se envergonhou das próprias lágrimas! — sussurrou Liébediev para Lizavieta Prokófievna. — “Tinha de acontecer!” Este é o príncipe! Enxergou o homem por dentro...

Mas Lizavieta Prokófievna não se dignou a olhar para ele. Estava de pé, com orgulho, bem ereta, cabeça empinada, e olhava com desdenhosa curiosidade para “aquela gatinha”. Quando Ippolit terminou, o general fez menção de encolher os ombros: ela disparou um olhar raivoso para o marido, dos pés à cabeça, como se cobrasse uma explicação daquele seu gesto, e logo se voltou para o príncipe.

— Obrigado ao senhor, príncipe, excêntrico amigo de nossa família, pela noite agradável que o senhor proporcionou a todos nós. Creio que, agora, o seu coração está contente por ter conseguido nos envolver nas suas idiotices... Chega, querido amigo da família, obrigada por ter nos dado, pelo menos, a chance de, finalmente, conhecê-lo melhor!...

Com indignação, ela se pôs a arrumar o xale, enquanto esperava que “aquela gatinha” fosse embora. Naquele momento, para transportar “aquela gatinha”, encostaram os coches de praça que, quinze minutos

antes, Doktorienko mandara o filho de Liébediev, um ginasiano, chamar. Logo depois da esposa, o general houve por bem acrescentar duas palavrinhas:

— De fato, príncipe, eu nem podia esperar... depois de tudo, depois de todas as relações amistosas... e, enfim, Lizavieta Prokófievna...

— Pois é, como, como é possível? — exclamou Adelaida, que, ligeira, aproximou-se do príncipe e lhe estendeu a mão.

Com ar abatido, o príncipe sorriu para ela. De súbito, um murmúrio premente e fervoroso pareceu incendiar o ouvido do príncipe.

— Se o senhor não abandonar já essas pessoas pérfidas, eu vou odiar o senhor, e só o senhor, por toda a vida, toda a vida! — sussurrou Aglaia; parecia tomada por um furor, mas deu as costas antes que o príncipe tivesse tempo de sequer voltar os olhos para ela. De resto, ele não tinha nada nem ninguém para abandonar: naquela altura, já haviam conseguido colocar o enfermo Ippolit em seu assento no coche de praça, que logo partiu.

— E então, será que isto vai se prolongar muito tempo, Ivan Fiódorovitch? O que acha? Será que eu vou ter de suportar muito tempo esses garotos malvados?

— Mas, minha cara, eu estou pronto... claro... e o príncipe...

Ivan Fiódorovitch estendeu a mão para o príncipe, porém não teve tempo de apertar sua mão, pois correu logo para Lizavieta Prokófievna, que estava saindo da varanda, com fúria e estrondo. Adelaida, seu noivo e Aleksandra despediram-se do príncipe com carinho sincero. Evguiêni Pávlovitch estava entre eles e era o único alegre.

— Aconteceu o que eu já previa! Só lamento que o senhor, pobrezinho, tenha sofrido tanto — sussurrou, com o sorriso mais gentil.

Aglaia foi embora sem se despedir.

No entanto, o incidente daquela noite ainda não havia terminado; Lizavieta Prokófievna ainda teve de suportar mais um encontro, completamente inesperado.

Mal tivera tempo de descer a escada para o caminho que contornava o parque, quando uma carruagem magnífica, atrelada a dois cavalos brancos, passou em disparada na frente da datcha do príncipe. Dentro da carruagem, estavam duas senhoras em trajes de luxo. Porém, antes de percorrer dez passos, de súbito, a carruagem se deteve; uma das damas virou-se ligeira para trás, como se tivesse visto, de surpresa, um conhecido com quem precisava falar a todo custo.

— Evguiêni Pávlich! É você? — gritou, de repente, uma voz bela e sonora, que fez estremecer o príncipe, e talvez mais alguém. — Puxa, como estou contente de encontrar você, afinal! Eu mandei um mensageiro procurar você na cidade; dois mensageiros! Estou atrás de você o dia inteiro!

Evguiêni Pávlovitch parou num degrau da escada, como que fulminado por um raio. Lizavieta Prokófievna ficou imóvel, mas não de horror e estupefação, como Evguiêni Pávlovitch: ela olhou para a dama atrevida com o mesmo orgulho e o mesmo frio desprezo com que, cinco minutos antes, mirava “aquela gatinha”, mas logo se voltou e cravou seu olhar em Evguiêni Pávlovitch.

— Tenho uma notícia! — prosseguiu a voz sonora. — Não se preocupe com a nota promissória de Kúpfer; Rogójin resgatou-a por trinta; eu o convenci. Pode ficar tranquilo, pelo menos por mais três meses. E quanto ao Bíksup e toda aquela sujeira, nós vamos entrar num acordo, eu tenho uns conhecidos! Portanto, tudo vai indo bem, está vendo? Alegre-se! Até amanhã!

A carruagem foi em frente e logo desapareceu.

— É uma louca! — gritou, enfim, Evguiêni Pávlovitch, vermelho de indignação, enquanto olhava em redor, com perplexidade. — Eu nem sei do que ela está falando! Que nota promissória? Quem é ela?

Lizavieta Prokófievna continuou a olhar para ele por mais dois ou três segundos; enfim, num movimento rápido e brusco, seguiu para a sua datcha, e todos foram atrás dela. Exatamente um minuto depois, Evguiêni Pávlovitch voltou para a varanda, numa agitação tremenda, e encontrou o príncipe.

— O senhor sabe, na verdade, o que isso significa, príncipe?

— Não sei de nada — respondeu o príncipe, que também se encontrava numa tensão extraordinária e constrangedora.

— Não?

— Não.

— Pois eu também não sei — Evguiêni Pávlovitch começou a rir, de repente. — Juro, eu não tenho nenhuma relação com essas promissórias, puxa, acredite, dou minha palavra de honra!... Mas o que é que o senhor tem? Vai desmaiar?

— Ah, não, não, eu garanto ao senhor, não...

Só três dias depois, a raiva dos Epantchin se aplacou de todo. O príncipe, embora se considerasse culpado de muitas coisas, como de costume, e esperasse sinceramente receber um castigo, ainda assim, desde o início, tinha a plena convicção interior de que Lizavieta Prokófievna não podia se zangar com ele a sério e estava, antes, irritada consigo mesma. Desse modo, aquele longo intervalo de inimizade o havia levado, depois de três dias, ao impasse mais sombrio. Outras circunstâncias também o haviam conduzido a tal situação, especialmente uma. Ao longo dos três dias, aquela circunstância ganhou cada vez mais peso nas suspeitas do príncipe (e o príncipe, ultimamente, vinha se culpando de dois extremos: de sua extraordinária credulidade, “insensata e impertinente”, e, ao mesmo tempo, de sua desconfiança, “desprezível e sombria”). Em suma, no fim do terceiro dia, o incidente com a dama excêntrica que, de sua carruagem, havia falado com Evguiêni Pávlovitch, adquirira em sua mente dimensões aterradoras e misteriosas. A essência do mistério, além de outros aspectos da questão, consistia numa pergunta amarga para o príncipe: seria justamente ele o culpado também daquela nova “monstruosidade”, ou a culpa seria só de... Mas ele não chegava a dizer de quem mais seria a culpa. No que diz respeito às letras N. F. B., do seu ponto de vista, tratava-se de uma brincadeira inocente, e mais nada, uma simples travessura infantil, tanto

assim que até pensar no assunto, por pouco que fosse, já seria uma vergonha e até, em certo sentido, quase uma desonestidade.

Entretanto, já no primeiro dia após aquela “reunião” abominável, de cujos desvarios ele tinha sido uma “causa” tão primordial, o príncipe teve o prazer de receber, logo pela manhã, a visita do príncipe Sch., na companhia de Adelaida: eles passaram em sua casa “sobretudo para saber da sua saúde”, depois de um passeio que fizeram a sós. No parque, Adelaida havia reparado numa árvore, uma árvore antiga e deslumbrante, frondosa, de galhos longos e retorcidos, toda recoberta de um verdor viçoso, com uma fenda e um espaço oco no tronco; ela decidiu pintar a árvore, a todo custo, a todo custo! Tanto assim que quase só falou daquele assunto, durante a meia hora que durou sua visita. O príncipe Sch., como de costume, estava amável e gentil, perguntou ao príncipe a respeito do passado, recordou as circunstâncias em que os dois tinham se conhecido e, desse modo, quase nada disseram acerca da reunião da véspera. Por fim, Adelaida não se conteve, sorriu e confessou que os dois tinham ido à sua casa incógnitos mas, com isso, terminaram as confissões, embora daquele “incógnitos” fosse possível deduzir que seus pais, ou seja, sobretudo Lizavieta Prokófievna, encontravam-se um tanto desgostosos em relação ao príncipe. Porém, durante sua visita, Adelaida e o príncipe Sch. Não pronunciaram nenhuma palavra nem sobre Lizavieta Prokófievna nem sobre Aglaia nem mesmo sobre Ivan Fiódorovitch. Quando saíram de novo para passear, não convidaram o príncipe. Tampouco houve a menor alusão à ideia de chamá-lo para visitar sua casa; a esse propósito, Adelaida até deixara escapar algumas palavras muito reveladoras: quando estava falando de um trabalho em aquarela que estava pintando, de súbito, ela sentiu muito desejo de mostrá-lo. “Como fazer isso bem depressa? Espere! Ou eu mando o Kólia trazer para o senhor hoje mesmo, se ele passar lá em casa, ou amanhã eu

mesma trago aqui, quando eu for passear outra vez com o príncipe”, concluiu ela, pondo fim à sua perplexidade, e alegrou-se de ter conseguido resolver o problema de forma tão habilidosa.

Por fim, já quase ao se despedir, o príncipe Sch., de repente, pareceu se lembrar de algo:

— Ah, sim — perguntou. — Será que o senhor, querido Liev Nikoláievitch, não sabe quem era aquela pessoa que ontem gritou da carruagem para Evguiêni Pávlovitch?

— Era a Nastássia Filíppovna — respondeu o príncipe. — Será possível que o senhor não a reconheceu? Mas quem estava com ela na carruagem, isso eu não sei.

— Eu só a conheço de ouvir falar! — emendou o príncipe Sch. — Mas o que significa aquele grito? Confesso que, para mim, é um grande mistério... para mim e também para os outros.

O príncipe Sch. falava com extraordinário e evidente espanto.

— Ela estava se referindo a umas notas promissórias do Evguiêni Pávlovitch — respondeu o príncipe, com muita simplicidade — que, a pedido dela, passaram das mãos de algum agiota para as mãos do Rogójin, que agora está esperando que Evguiêni Pávlovitch pague a dívida.

— Eu ouvi dizer, eu ouvi dizer, meu caro príncipe, só que isso não pode ser verdade! O Evguiêni Pávlovitch não pode ter assinado nenhuma nota promissória! Um homem com tamanha fortuna... É verdade que isso já lhe aconteceu antes, por leviandade, e fui até eu que o salvei... Com tamanha fortuna, dar notas promissórias para um agiota e preocupar-se com isso... é impossível. E ele não pode manter relações tão amistosas com Nastássia Filíppovna, esse é o maior mistério. Ele jura que não está entendendo nada e eu creio nele, plenamente. Mas a questão, meu caro príncipe, é que eu queria perguntar ao senhor se não sabe algo a respeito do assunto. Ou seja,

será que, por algum milagre, não chegou aos seus ouvidos algum boato a respeito disso?

— Não, eu não sei de nada, e garanto ao senhor que não tive nenhuma participação no assunto.

— Ah, príncipe, como o senhor mudou! Eu, hoje, nem o reconheço mais. Por acaso eu poderia supor que o senhor tivesse alguma participação numa história como essa?... Sim, o senhor, hoje, está mesmo abalado.

Ele o abraçou e beijou.

— Mas, afinal, que história é essa na qual eu não poderia ter participação? Não estou vendo história nenhuma.

— Sem dúvida, aquela pessoa desejava, de alguma forma, envolver o Evguiêni Pávlich em algo, atribuindo a ele, diante de testemunhas, características que ele não tem e não pode ter — respondeu o príncipe Sch., de modo bastante seco.

O príncipe Liev Nikoláievitch se viu perturbado, mas continuou a olhar fixamente, e com ar interrogativo, para o príncipe Sch.; este, porém, se manteve calado.

— Mas não é uma simples questão de notas promissórias? Não é apenas o que foi dito ontem? — balbuciou o príncipe, afinal, com certa impaciência.

— Pois eu estou dizendo ao senhor, julgue o senhor mesmo: o que pode haver de comum entre o Evguiêni Pávlich e... ela, e ainda por cima com o Rogójin? Eu repito para o senhor, a fortuna dele é enorme, eu tenho perfeito conhecimento disso; e ele está esperando receber outra fortuna de um tio. Simplesmente, a Nastássia Filíppovna...

O príncipe Sch., de repente, calou-se outra vez, pelo visto, porque não tinha intenção de continuar falando de Nastássia Filíppovna para o príncipe.

— Portanto, em todo caso, os dois se conhecem, não é? — perguntou o príncipe Liev Nikoláievitch, de repente, após um momento de silêncio.

— É o que parece; um leviano! Entretanto, se for o caso, já aconteceu há muito tempo, antes de tudo isso, quer dizer, há dois ou três anos. Afinal, na época, ele ainda mantinha relações com o Tótski. Agora, não é possível haver nada parecido entre eles, nunca poderiam tratar-se tão amistosamente! O senhor bem sabe que ela não tem vindo aqui nem vai a lugar nenhum. Muita gente ainda ignora que ela está de volta. A carruagem, eu a notei faz apenas três dias, não mais.

— Uma carruagem magnífica! — disse Adelaida.

— Sim, uma carruagem magnífica.

No entanto, os dois se despediram do príncipe Liev Nikoláievitch no estado de ânimo mais amigável e até, pode-se dizer, mais fraternal.

Contudo, para o nosso herói, aquela visita encerrava, em si mesma, algo até mesmo capital. Vamos admitir que ele mesmo já desconfiasse de muita coisa desde a noite da véspera (quem sabe, até, desde antes), mas, até aquela visita, ele não se atrevia a justificar plenamente seus temores. Agora, no entanto, ficou claro: o príncipe Sch., é óbvio, interpretava os acontecimentos de forma equivocada; contudo, andava bem perto da verdade e, no mínimo, já entendera que havia ali uma *intriga*. (“Entretanto, em seu íntimo, talvez ele compreenda perfeitamente do que se trata”, pensou o príncipe, “e apenas não quer dizê-lo e, por isso, de propósito, apresenta uma interpretação equivocada”). O que estava claro, para o príncipe, acima de tudo, era que as pessoas vinham, agora, a sua casa (sobretudo o príncipe Sch.), na esperança de obter algum esclarecimento; se era assim, logicamente, eles consideravam que o príncipe tinha parte na intriga. Além disso, se tudo era assim e se, de fato, aquilo tinha tamanha importância, a conclusão era que *ela* estava perseguindo algum propósito

terrível. Todavia, qual era seu propósito? Que horror! “Mas e como detê-la? Não há nenhuma possibilidade, se ela está tão convicta de seu propósito!” E o príncipe já sabia daquilo, por experiência própria. “Louca. Louca.”

Mas, naquela manhã, somaram-se a isso muitas e muitas outras circunstâncias insolúveis, tudo ao mesmo tempo, e tudo exigia decisões urgentes e, por isso, o príncipe estava muito entristecido. Ele se distraía um pouco durante a visita de Vera Liébedieva, que trouxera Liúbotchka e lhe contara algo, demoradamente, entre risos. Depois, veio a irmã dela, que ficava de boca aberta, e depois, o ginasião, o filho de Liébediev, que garantia que a “estrela Absinto” do Apocalipse¹³⁰ que caiu na terra sobre as fontes de água era, segundo a interpretação do seu pai, uma rede de ferrovias que se alastrou pela Europa. O príncipe não acreditou que Liébediev interpretava o Apocalipse daquela forma e ficou decidido que, na primeira oportunidade, iria perguntar ao próprio Liébediev. De Vera Liébedieva, o príncipe soube que Keller se mudara para a casa deles na véspera e, ao que tudo indicava, não iria deixá-los tão cedo, porque ali havia encontrado companhia e criara um laço de amizade com o general Ívolguin; entretanto, Keller declarou que ficaria com eles unicamente para completar sua formação. A cada dia, o príncipe gostava mais e mais dos filhos de Liébediev, em geral. Kólia não apareceu o dia inteiro: ele partira para Petersburgo bem cedo. (Liébediev também havia partido, logo ao nascer do sol, para tratar de suas negociatas.) Mas o príncipe aguardava, com ansiedade, a visita de Gavrila Ardaliónovitch, que devia, sem falta, ir a sua casa naquele dia.

Ele só chegou após as seis da tarde, pouco depois do jantar. Logo ao primeiro olhar, o príncipe achou que pelo menos aquele senhor devia conhecer, de forma inequívoca, os mínimos pormenores do caso — e, também, como não saber, se tinha ajudantes como Varvara Ardaliónovna e

seu marido? Entretanto, com Gánia, o príncipe mantinha relações um tanto especiais. Por exemplo, o príncipe confiou a ele o caso de Burdóvski e lhe pediu atenção especial ao assunto; porém, apesar de tal confiança e de certas coisas que já existiam antes, persistiam entre ambos algumas questões em aberto, sobre as quais os dois pareciam ter combinado nunca falar. Às vezes, o príncipe achava que Gánia talvez desejasse, de sua parte, a sinceridade mais completa e amistosa; agora, por exemplo, assim que ele entrou, o príncipe teve logo a impressão de que Gánia estava convencido, no mais alto grau, de que havia chegado o momento de romper o gelo que persistia entre os dois, em todas as questões, e que não seria possível esperar nem mais um minuto. (Todavia, Gavriila Ardaliónovitch tinha pressa; a irmã de Liébediev o aguardava; os dois precisavam resolver um assunto urgente.)

Porém, se Gánia, de fato, esperava uma longa série de perguntas ansiosas, informações prementes, efusões de amizade, logo ficou claro que estava redondamente enganado. Durante todos os vinte minutos de sua visita, o príncipe se mostrou muito absorto, quase distraído. As perguntas que Gánia esperava — ou, melhor dizendo, uma pergunta, a principal — não podiam ser feitas. Desse modo, Gánia também decidiu falar de modo muito contido. Durante os vinte minutos, falou sem interrupção, riu bastante, exprimiu-se de forma gentil, amena e ligeira, como numa conversa leve, mas sem jamais tocar no tema principal.

Entre outras coisas, Gánia contou que Nastássia Filíppovna estava em Pávlovsk havia apenas quatro dias e já atraía para si todas as atenções. Morava numa rua qualquer chamada Matróskaia, numa casinha malfeita e acanhada, que pertencia a Dária Alekséievna, mas sua carruagem, na certa, era a mais luxuosa de Pávlovsk. Em redor dela, já andava reunido um verdadeiro bando formado por novos e velhos admiradores; às vezes,

cavaleiros escoltavam sua carruagem. Nastássia Filíppovna, como antes, era muito escrupulosa, selecionava as pessoas que recebia. Entretanto, em torno dela, havia se formado um verdadeiro esquadrão, pronto a defendê-la, em caso de necessidade. Um veranista, já noivo oficial, brigou com a noiva por causa dela; por ela, um general velhinho quase renegou o próprio filho. Muitas vezes, ela saía de carruagem na companhia de uma jovem linda, que mal havia completado dezesseis anos, parente distante de Dária Alekséievna; essa mocinha cantava bem e, por isso, à noite, a casinha delas atraía as atenções gerais. Nastássia Filíppovna, de resto, comportava-se de forma extremamente digna, não se vestia de modo ostentoso, mas com um bom gosto fora do comum, e todas as damas “a invejam pelo bom gosto, pela beleza e pela carruagem”.

— A excentricidade de ontem — explicou Gánia —, claro, foi premeditada e, claro, não pode ser levada em conta. Se alguém quiser um pretexto para criticá-la, terá de procurar agulha no palheiro ou então caluniar, o que, aliás, logo vai acontecer — concluiu Gánia, que esperava que o príncipe, nesse ponto, fosse perguntar: “Por que está dizendo que o incidente de ontem foi premeditado? E por que a calúnia vai logo acontecer?”. Mas o príncipe não perguntou nada disso.

Quanto a Evguiêni Pávlovitch, Gánia, por conta própria, sem que o príncipe nada perguntasse, estendeu-se em explicações, o que acabou sendo muito estranho, pois ele introduziu o assunto naquela conversa sem nenhum motivo. Na opinião de Gavriila Ardaliónovitch, Evguiêni Pávlovitch até agora não conhecia Nastássia Filíppovna, ele apenas acabara de conhecê-la, justamente porque, quatro dias antes, fora apresentado a ela, por alguém, durante um passeio e, se esteve em sua casa, foi uma única vez, no máximo, e junto com outras pessoas. Quanto às notas promissórias, também era possível (isso Gánia sabia até com certeza absoluta); Evguiêni Pávlovitch

possuía uma fortuna, claro, e bem grande, mas “algumas questões relativas à sua propriedade rural se encontravam, de fato, em certa desordem”. E nesse ponto curioso, Gânia se deteve, subitamente. Quanto ao disparate de Nastássia Filíppovna, na véspera, não disse nenhuma palavra, senão o que dissera antes, de passagem. Por fim, depois de Gânia, chegou Varvara Ardaliónovna, que permaneceu um minutinho só e comunicou (também sem ninguém ter perguntado) que Evguiêni Pávlovitch ia passar aquele mesmo dia e, talvez, também o dia seguinte, em Petersburgo, onde também estava o marido dela (Ivan Petróvitch Ptítsin), sem dúvida para tratar dos negócios de Evguiêni Pávlovitch, pois, de fato, algo havia acontecido. Ao sair, ela acrescentou que Lizavieta Prokófievna, naquele dia, se encontrava num humor infernal, porém o mais estranho era que Aglaia tinha brigado com a família inteira, não só com o pai e a mãe, mas até com as duas irmãs, e que “isso é muito ruim”. Depois de dar aquela última notícia como que de passagem (uma novidade extremamente relevante para o príncipe), a irmã foi embora com o irmão. Sobre a questão do “filho de Pavlíschev”, Gánietchka também não pronunciou nenhuma palavra, talvez por falsa modéstia, talvez para “poupar os sentimentos do príncipe”, mas, mesmo assim, o príncipe lhe agradeceu, mais uma vez, por seu empenho em pôr um fim àquele assunto.

O príncipe ficou muito contente quando, afinal, foi deixado sozinho; desceu da varanda, atravessou a estrada e entrou no parque; tinha vontade de refletir e resolver que passo daria. Porém aquele “passo” não pertencia às coisas que se podem ponderar e sim àquelas que não se podem ponderar e que são pura e simplesmente decididas: de repente, veio-lhe uma vontade tremenda de largar tudo e ir embora, voltar atrás, para o lugar de onde viera, algum ponto muito distante, o fim do mundo, ir embora já, e até sem se despedir de ninguém. Supunha que, se permanecesse ali, ainda que apenas

mais alguns dias, acabaria absorvido por aquele mundo de forma irremediável e, em pouco tempo, aquele mundo seria a sua sina. Entretanto, ele não parou para raciocinar nem dez minutos e logo decidiu que fugir era “impossível”, que aquilo seria quase uma covardia, que à sua frente o aguardavam tarefas tão importantes que não resolvê-las ou, pelo menos, não empregar todas as suas forças para resolvê-las, era algo de que ele, agora, não tinha nem mesmo o direito de fazer. Envolto em pensamentos dessa ordem, ele regressou a sua casa, depois de ter passeado por menos de quinze minutos. Naquele momento, estava totalmente infeliz.

Liébediev continuava fora e assim, ao fim da tarde, Keller teve chance de irromper na casa do príncipe, sóbrio, mas com muitas confissões e desabafos. Foi logo dizendo que vinha contar ao príncipe toda sua vida e que, para isso, tinha ficado em Pávlovsk. Não havia a mínima possibilidade de pôr Keller para fora: por nada no mundo o rapaz iria embora dali. Keller tinha se preparado para discorrer por muito tempo, e sem grande coerência, mas, de repente, quase nas primeiras palavras, saltou logo para a conclusão e declarou que havia, a tal ponto, perdido “todo e qualquer sinal de moralidade” (“unicamente por falta de fé no Altíssimo”), que chegara mesmo a roubar. “O senhor consegue imaginar tal coisa?”

— Escute, Keller, no seu lugar, eu não confessaria isso, a menos que houvesse uma necessidade muito grande — argumentou o príncipe. — Aliás, por falar nisso, quem sabe o senhor não está caluniando a si mesmo de propósito?

— Eu conto isso apenas para o senhor, e só a fim de contribuir para o meu aprimoramento! Para mais ninguém; eu vou morrer e vou levar o meu segredo comigo, debaixo da mortalha! Mas, príncipe, se o senhor soubesse, se o senhor pelo menos soubesse como é difícil ganhar dinheiro em nossa época! Onde ganhar dinheiro? Permita que eu lhe pergunte, depois disso. Só

há uma resposta: traga ouro e diamantes e, em troca, nós lhe daremos dinheiro, ou seja, exatamente aquilo que eu não tenho, o senhor pode imaginar uma coisa dessas? Eu esperei, esperei, e acabei ficando exasperado. “E em troca de esmeraldas, vocês dão dinheiro?” “Em troca de esmeraldas também.” “Pois muito bem”, respondi. Pus meu chapéu e saí; que o diabo os carregue, que canalhas! Juro por Deus!

— Mas o senhor possuía mesmo esmeraldas?

— E como é que eu vou ter esmeraldas? Ah, príncipe, como o senhor ainda vê a vida de maneira pura e ingênua, pode-se até dizer: de maneira pastoril!

Por fim, o príncipe acabou sentindo não pena, propriamente, mas sim vergonha. Até lhe veio, num lampejo, uma ideia: “Será que, sob a boa influência de alguém, não seria possível fazer algo desse homem?”. Por uma série de razões, julgava que a sua influência pessoal seria de todo imprestável — não por subestimar a si mesmo, mas sim por causa de certa visão peculiar das coisas. Pouco a pouco, a conversa foi se desenvolvendo, a tal ponto que, agora, os dois já não queriam mais se separar. Keller falava com um desembaraço fora do comum e era impossível imaginar que alguém pudesse confessar as coisas que Keller admitia ter feito. Ao começar cada relato, ele garantia, com firmeza, que se arrependia e que, por dentro, “estava cheio de lágrimas”, entretanto falava de tal modo que parecia orgulhar-se de suas ações e, ao mesmo tempo, aquilo era tão ridículo que ele e o príncipe, enfim, gargalharam como loucos.

— O principal é que, no senhor, existe uma espécie de credulidade infantil e uma autenticidade extraordinária — disse o príncipe. — Sabe que só com isso o senhor já está resgatando muita coisa?

— Sou nobre, nobre, cavalheirescamente nobre! — confirmou Keller, tomado pela ternura. — Mas, príncipe, o senhor sabe, tudo isso só existe

nos sonhos e, por assim dizer, nas bravatas, pois nunca acontece na realidade! E por quê? Isso eu não consigo entender.

— Não se desespere. Agora, é possível dizer com firmeza que o senhor me revelou todos os seus segredos; pelo menos, me parece que agora não é possível acrescentar mais nada ao que o senhor me contou, não é assim?

— Não é possível? — gritou Keller, com uma espécie de pesar. — Ah, príncipe, como o senhor ainda compreende as pessoas, por assim dizer, à maneira suíça!

— Será que ainda é possível acrescentar alguma coisa? — exclamou o príncipe, com tímida surpresa. — Então, o que o senhor esperava de mim, Keller, diga, por favor, e por que veio aqui com as suas confissões?

— Do senhor? O que eu esperava? Em primeiro lugar, olhar para a sua simplicidade de alma já é um prazer; ficar a seu lado e conversar com o senhor é um prazer; pelo menos, eu sei que, à minha frente, está uma pessoa virtuosíssima. Em segundo lugar... em segundo lugar...

Ele titubeou.

— Quem sabe o senhor não quer dinheiro emprestado? — sugeriu o príncipe, em tom muito sério e simples, e parecia até que com certa timidez.

Keller teve um sobressalto; ligeiro, com a mesma surpresa de antes, lançou um olhar para o príncipe, direto nos olhos, e bateu com força o punho contra a mesa.

— Aí está, é desse jeito que o senhor faz uma pessoa perder a cabeça! Pois é, faça-me o favor, príncipe: uma alma tão simples e tamanha ingenuidade como não se via nem na era de ouro e, de repente, entretanto, atravessa a pessoa toda, como uma flecha, com a mais profunda psicologia da observação. Mas, me permita, príncipe, isso exige uma explicação, porque eu... eu estou simplesmente desnortado! Claro, no final das contas, o meu objetivo era mesmo pedir dinheiro emprestado, mas o senhor me

perguntou sobre o dinheiro como se não encontrasse nisso nada de censurável, como se tudo devesse ser assim mesmo, não é?

— Sim... da parte do senhor, devia ser assim.

— E não está indignado?

— Mas... com o quê?

— Escute, príncipe, ontem à noite, eu estive aqui, em primeiro lugar, por meu respeito especial pelo arcebispo francês Bourdaloue (eu e o Liébediev ficamos desarrolhando garrafas até as três da manhã)¹³¹ e, em segundo lugar, e o mais importante (olhe, eu juro por todas as cruzes que estou dizendo a mais pura verdade!), eu fiquei porque queria, por assim dizer, ao transmitir ao senhor a minha confissão completa e sincera, contribuir para o meu próprio aprimoramento; com essa ideia na cabeça, fui pegar no sono já depois das três da madrugada, banhado em lágrimas. E, agora, tente acreditar numa pessoa nobilíssima: no exato momento em que eu estava adormecendo, sinceramente inundado de lágrimas interiores e, por assim dizer, exteriores também (porque, enfim, eu estava soluçando, disso eu me lembro!), me veio uma ideia infernal: “E quem sabe se, depois da confissão, eu não podia lhe pedir um dinheiro emprestado?”. Desse jeito, preparei minha confissão, por assim dizer, como quem cozinha com “*fines herbes*”¹³² ao molho de lágrimas”, para, dessa maneira, com essas lágrimas, suavizar o caminho e amolecer o senhor, para que pudesse me ceder cento e cinquenta rublos. O senhor não acha isso uma baixeza?

— Só que isso, com certeza, não é verdade; apenas duas coisas separadas se combinaram. Dois pensamentos distintos se uniram, isso acontece muitas vezes. Comigo, acontece o tempo todo. No entanto, eu acho que isso não é bom e, sabe, Keller, é isso que mais condeno em mim mesmo. É como se o senhor, agora, tivesse falado de mim. Às vezes, até me aconteceu de pensar — prosseguiu o príncipe, muito sério, sincera e profundamente interessado

— que todo mundo é assim e, por isso, passei a me julgar de modo mais positivo, porque é tremendamente difícil combater esses pensamentos *duplos*; eu tentei. Só Deus sabe como eles aparecem, como nascem. Mas, veja só, o senhor os chama de baixeza! E agora eu também vou começar a combater, mais uma vez, esses pensamentos. Em todo caso, eu não sou o seu juiz. Mesmo assim, a meu ver, é impossível dizer que isso é uma baixeza, o que o senhor acha? O senhor usou de esperteza para obter dinheiro por meio de lágrimas, mas, afinal, o senhor mesmo jura que a sua confissão tinha outro objetivo, um objetivo nobre, e não pecuniário; no que diz respeito ao dinheiro, o senhor precisa dele para a orgia, não é? Depois de tal confissão, claro, isso constitui uma covardia. Mas, também, como se desvencilhar da orgia de uma hora para outra? Isso é impossível. O que fazer? O melhor é deixar por conta da própria consciência, o que acha?

O príncipe olhou para Keller com extraordinária curiosidade. A questão dos pensamentos duplos, obviamente, já o interessava havia muito tempo.

— Puxa, depois disso, eu não entendo por que ainda chamam o senhor de idiota! — exclamou Keller.

O príncipe ficou ligeiramente ruborizado.

— O pregador Bourdaloue não teria mostrado clemência dessa forma, porém o senhor mostrou clemência e me julgou de forma humana! Como castigo, e para mostrar que eu fiquei comovido, não quero os cento e cinquenta rublos, me dê só vinte e cinco, e pronto! É tudo de que preciso, pelo menos por duas semanas. Durante duas semanas, não virei mais pedir dinheiro. Eu queria dar um presente para a Agachka, mas ela não merece. Ah, meu caro príncipe, que Deus o abençoe!

Por fim, chegou Liébediev; tinha acabado de voltar e, ao ver os vinte e cinco rublos nas mãos de Keller, franziu a testa. Mas Keller, assim que se

viu de posse do dinheiro, tratou logo de sumir. A primeira coisa que Liébediev fez foi falar mal dele.

— O senhor está sendo injusto, o Keller está sinceramente arrependido — retrucou o príncipe, por fim.

— Ora, de que adianta esse arrependimento? É igualzinho a ontem: “Sou infame, sou infame”. No final, são só palavras, senhor!

— Mas, então, no seu caso foram só palavras? E eu que pensava que...

— Bem, veja, para o senhor, e só para o senhor, eu vou contar a verdade, porque o senhor enxerga a gente por dentro: as palavras, as ações, a mentira, a verdade... em mim, tudo está junto, e é totalmente sincero. Em mim, a verdade e a ação formam o arrependimento verdadeiro, acredite ou não, eu juro para o senhor, mas as palavras e a mentira são o pensamento do inferno (o tempo todo presente), como se com elas se pudesse capturar as pessoas e como se, através das lágrimas de arrependimento, se pudesse obter alguma vantagem! Juro por Deus que é assim! Para outra pessoa, eu não diria isso: iriam rir de mim ou me tratar com desprezo; mas o senhor, príncipe, o senhor julga de forma humana.

— Ora, mas foi exatamente isso que ele me disse agora há pouco — exclamou o príncipe. — E os dois parecem estar se vangloriando! Os senhores até me espantam, só que ele foi mais sincero que o senhor, ao passo que o senhor transformou isso numa autêntica profissão. Bem, já chega, não se zangue, Liébediev, e não leve a mão ao coração. Será que o senhor não queria me dizer alguma coisa? Afinal, não veio aqui à toa...

Liébediev começou a fazer caretas e a se retorcer.

— Eu fiquei esperando o senhor o dia inteiro, para lhe fazer uma pergunta — disse o príncipe. — Pelo menos uma vez na vida, responda a verdade sem rodeios: o senhor teve alguma participação no incidente da carruagem de ontem à noite, ou não?

Mais uma vez, Liébediev começou a fazer caretas, a dar risadinhas, esfregou um pouco as mãos e, por fim, chegou a espirrar, mas, ainda assim, não teve coragem de contar nada.

— Estou vendo que o senhor teve participação.

— Mas de forma indireta, única e exclusivamente de forma indireta! Estou dizendo a mais pura verdade! Minha participação consistiu apenas em dar notícia a certa pessoa, na hora oportuna, de que em minha casa havia um grupo reunido e que determinadas pessoas estavam presentes.

— Eu sei que o senhor mandou o seu filho *para lá*, ele mesmo me contou, agora há pouco. Mas que intriga é essa? — exclamou o príncipe, impaciente.

— A intriga não é minha, não é minha — Liébediev se esquivava. — Partiu de outros, de outros, e até, por assim dizer, é antes uma fantasia do que uma intriga.

— Mas do que se trata, explique, em nome de Cristo! Será que o senhor não entende que isso me afeta diretamente? Afinal, querem macular a imagem de Evguiêni Pávlovitch.

— Príncipe! Excelentíssimo príncipe! — retorceu-se Liébediev, mais uma vez. — Afinal, o senhor não me deu a chance de contar toda a verdade; eu já comecei a contar a verdade, e mais de uma vez, e o senhor não me permitiu prosseguir...

O príncipe ficou em silêncio e refletiu.

— Certo, está bem; conte a verdade — disse, com um peso na voz, obviamente depois de uma grande luta interior.

— Aglaia Ivánovna... — logo começou Liébediev.

— Cale-se, cale-se! — gritou o príncipe, num frenesi, todo vermelho de indignação e, talvez, também de vergonha. — Não pode ser, tudo isso é um

absurdo! O senhor inventou tudo isso, ou foram outros loucos iguais ao senhor. E que eu nunca mais escute o senhor falar desse assunto!

Tarde da noite, beirando as onze horas, apareceu Kólia, com um monte de notícias. Suas notícias eram duplas: de Petersburgo e de Pávlovsk. Logo relatou as principais novidades de Petersburgo (principalmente sobre Ippolit e sobre o caso da véspera), dizendo que iria voltar ao assunto mais tarde, e em seguida passou às notícias de Pávlovsk. Ele chegara de Petersburgo três horas antes e seguira direto à casa dos Epantchin, antes de visitar o príncipe. “É horrível o que está acontecendo lá!” Claro, no primeiro plano, estava o incidente da carruagem, mas, com certeza, mais alguma coisa havia acontecido, algo de que nem ele nem o príncipe tinham conhecimento. “Eu não fiquei espionando, é claro, nem quis perguntar nada para ninguém. Entretanto, me receberam muito bem, tão bem como eu não esperava, mas sobre o senhor, príncipe, não disseram uma palavra!” O mais importante e o mais interessante era que Aglaia, mais cedo, tinha brigado com seus familiares por causa de Gânia. Não se conhecem os detalhes da discussão, sabe-se apenas que o motivo foi o Gânia (imagine só!) e, se a briga foi tão séria, a questão deve ser importante. O general chegou tarde, de mau humor, veio na companhia de Evguiêni Pávlovitch, que foi muito bem recebido, e o próprio Evguiêni Pávlovitch se mostrou espantosamente alegre e gentil. Porém a notícia mais importante era que Lizavieta Prokófievna, sem nenhum alarde, havia chamado Varvara Ardaliónovna, que estava visitando as moças, para conversar com ela em particular e, de uma vez por todas, pelo resto da vida, expulsou-a de sua casa, ainda que da maneira mais respeitosa. “Eu soube disso por meio da própria Vária.” Mas, quando Vária saiu do quarto de Lizavieta Prokófievna e se despediu das moças, estas nem sabiam que Vária estava proibida, para sempre, de entrar na casa e que aquela era a última vez que ela se despedia.

— Mas a Varvara Ardaliónovna esteve aqui na minha casa às sete horas!
— exclamou o príncipe, surpreso.

— É que ela foi expulsa depois das sete horas, ou mesmo às oito. Tenho muita pena da Vária e do Gânia... Sem dúvida, os dois andam envolvidos em eternas intrigas, sem isso eles não conseguem viver. E eu jamais consegui saber o que andam tramando, e nem quero descobrir. Mas garanto ao senhor, meu bom e gentil príncipe, que o Gânia tem coração. Em muitos aspectos, claro, é um homem acabado, mas, em outros aspectos, existem nele qualidades que merecem ser procuradas e descobertas, e eu nunca vou me perdoar por não ter compreendido o Gânia antes... Não sei se devo, agora, continuar a conviver com eles da mesma forma, depois do que aconteceu com a Vária. Na verdade, desde o início, eu me conduzi com total independência, à parte dos demais, porém, mesmo assim, é preciso refletir.

— Não é preciso ter tanta pena do seu irmão — observou o príncipe. — Se a questão chegou a tal ponto, quer dizer que, aos olhos de Lizavieta Prokófievna, o Gavrila Ardaliónovitch é perigoso e, portanto, determinadas esperanças dele estão sendo confirmadas.

— Mas que esperanças? — exclamou Kólia, com espanto. — Será que o senhor está pensando que a Aglaia... Não pode ser!

O príncipe se manteve calado.

— O senhor é um cético terrível — acrescentou Kólia, um minuto depois. — Eu tenho notado que, de um tempo para cá, o senhor se tornou um cético fora do comum. O senhor está começando a não acreditar em nada e supor tudo... Mas será que empreguei corretamente a palavra “cético”, neste caso?

— Eu acho que está correto, se bem que, na verdade, eu mesmo não sei.

— Mas agora eu retiro a palavra “cético”, achei outra explicação — gritou Kólia, de repente. — O senhor não é cético, mas sim ciumento! O senhor tem um ciúme infernal do Gânia, por causa de uma jovem orgulhosa!

Tendo dito isso, Kólia ergueu-se bruscamente e riu como talvez nunca tivesse rido antes. Ao ver que o príncipe estava muito ruborizado, Kólia gargalhou mais ainda; ele adorou a ideia de que o príncipe tinha ciúmes de Aglaia, mas logo se calou, ao perceber que o príncipe estava sinceramente amargurado. Depois, com muita seriedade e preocupação, os dois conversaram durante uma hora ou uma hora e meia.

No dia seguinte, o príncipe passou a manhã inteira em Petersburgo, por conta de uma questão inadiável. Quando estava prestes a voltar para Pávlovsk, já depois das quatro da tarde, encontrou Ivan Fiódorovitch na estação ferroviária. O general logo o segurou pelo braço, lançou um olhar em redor, como que assustado, e arrastou o príncipe para dentro de um vagão da primeira classe, a fim de viajarem os dois juntos. Ele ardia de desejo de conversar sobre um assunto importante.

— Em primeiro lugar, querido príncipe, não se zangue comigo, e se eu, de alguma forma, me portei mal com o senhor, esqueça isso. Eu mesmo teria ido ver o senhor ontem, o problema é que não sei como a Lizavieta Prokófievna reagiria... A minha casa... está um verdadeiro inferno, uma esfinge enigmática se instalou entre nós e, por mais que eu tente, não consigo entender nada. E quanto a você, na minha opinião, o senhor é o menos culpado de nós todos, se bem que, é claro, muita coisa aconteceu por sua causa. Está vendo, príncipe? É bom ser um filantropo, mas nem tanto. Você mesmo já provou os frutos disso, eu creio. Claro, eu amo a bondade e respeito Lizavieta Prokófievna, mas...

O general continuou, por muito tempo, a falar dessa forma, porém suas palavras se mostravam espantosamente desconexas. Era óbvio que estava muito abalado e confuso, por efeito de algo que lhe parecia, no mais alto grau, incompreensível.

— Para mim, não há dúvida de que você nada tem a ver com o caso — exprimiu-se, afinal, de modo mais claro. — Mas eu lhe peço, como amigo, que não nos visite durante algum tempo, até que os ventos soprem em outra direção. No que diz respeito a Evguiêni Pávlitch — gritou ele com um fervor fora do comum —, tudo isso é uma calúnia sem pé nem cabeça, é a maior calúnia do mundo! Trata-se de maledicência, de uma intriga, do desejo de destruir tudo e gerar desavença entre nós. Veja, príncipe, eu estou falando ao pé do seu ouvido: entre nós e Evguiêni Pávlitch, ainda não foi dita nenhuma palavra, entende? Não estamos ligados em nada... Mas essas palavras podem ser ditas, e até em muito pouco tempo, talvez até daqui a pouco! E é isso mesmo o que desejam sabotar! Mas para quê, por quê... eu não entendo! Ela é uma mulher surpreendente, uma mulher excêntrica, eu tenho medo dela, e a tal ponto que mal consigo dormir. E que carruagem, que cavalos brancos, tudo aquilo é chique, é exatamente o que, em francês, é chamado de chique! E quem deu tudo isso para ela? Por Deus, eu cometi um pecado, anteontem pensei que tinha sido o Evguiêni Pávlitch. Mas constatou-se que não era possível e, se não era possível, então, para que ela quer criar confusão aqui? Aí está, este é o enigma! Será que é para conservar o Evguiêni Pávlitch só para si? Mas, eu repito, e juro por esta cruz, que ele e ela não se conheciam e que as tais notas promissórias não passam de uma invenção! E com que desfaçatez ela gritou para ele, em plena rua, e com a maior familiaridade! É a mais pura conspiração! Está mais do que claro que temos de repudiar tudo isso, e com desprezo, e redobrar nosso respeito por Evguiêni Pávlitch. Foi isso que afirmiei para a

Lizavieta Prokófievna. E agora eu vou revelar a você o meu pensamento mais íntimo: estou tenazmente convencido de que ela fez isso como uma vingança pessoal contra mim, o senhor lembra, pelo que aconteceu antes, embora eu nunca tenha tido culpa nenhuma, de nada, em relação a ela. Chego a ficar vermelho só de lembrar. Agora, ela reapareceu; e eu que achava que tinha sumido para sempre. Mas onde é que está este tal de Rogójin, pode me dizer, por favor? Eu achava que *ela* já era a sra. Rogójina há muito tempo...

Em suma, o homem estava muito desnorteado. Durante quase uma hora de viagem, só ele falou, fazia perguntas que ele mesmo respondia, apertava a mão do príncipe, que pelo menos de uma coisa acabou convencido: de que o general não tinha nenhuma suspeita em relação a ele. Para o príncipe, aquilo era importante. O general concluiu falando a respeito do tio de Evguiêni Pávlich, chefe de alguma repartição em Petersburgo — “um cargo importante, setenta anos, sabe gozar os prazeres da vida, gastrônomo, em suma, um velhote muito sociável... Ha-ha! Eu sei que ele ouviu falar de Nastássia Filíppovna, e até tentou se aproximar. Há pouco tempo, estive na casa dele; não está recebendo visitas, anda mal de saúde, mas é rico, muito rico, tem contatos importantes e... que Deus lhe permita viver muitos anos, porém, mais uma vez, tudo vai acabar ficando nas mãos de Evguiêni Pávlich... Sim, sim... E, mesmo assim, eu tenho medo! Não entendo de que, mas tenho medo... Parece haver alguma coisa no ar, como se um morcego estivesse voando, há uma desgraça no ar, e eu tenho, tenho medo!...”

E, por fim, só três dias depois, como já escrevemos acima, ocorreu a reconciliação formal dos Epantchin com o príncipe Liev Nikoláievitch.

Eram sete horas da noite; o príncipe estava se preparando para ir ao parque. De repente, Lizavieta Prokófievna entrou sozinha na varanda de sua casa.

— *Em primeiro lugar*, não se atreva a pensar que eu vim aqui pedir desculpas — começou ela. — Que disparate! A culpa é toda sua.

O príncipe se manteve calado.

— A culpa não é sua?

— Tenho tanta culpa quanto a senhora. Entretanto, nem eu nem a senhora somos deliberadamente culpados. Anteontem, eu me considerava culpado, mas agora mudei de ideia, acho que não tenho culpa.

— Veja só como você é! Muito bem, então; sente-se e escute, por que eu não tenho intenção de ficar de pé.

Os dois sentaram-se.

— *Em segundo lugar*: nenhuma palavra sobre aqueles meninos maldosos! Vou ficar aqui e conversar com você por dez minutos; vim aqui fazer uma verificação (e só Deus sabe o que você estava pensando!), e se você mencionar uma só palavra sobre aqueles meninos insolentes, eu me levanto e vou embora, e vou romper relações com você para sempre.

— Está certo — respondeu o príncipe.

— Permita que eu pergunte: uns dois meses ou dois meses meio atrás, por volta da Semana Santa, você tomou a liberdade de mandar uma carta

para a Aglaia?

— Es-escrevi.

— E com que propósito? O que havia na carta? Mostre a carta!

Os olhos de Lizavieta Prokófievna chamejaram, ela estava quase trêmula de impaciência.

— Eu não tenho a carta — o príncipe se espantou e ficou muito intimidado. — Se ela ainda existir, está com a Aglaia Ivánovna.

— Não finja! Sobre o que você escreveu?

— Não estou fingindo, e não tenho nada a temer. Não vejo nenhum motivo para eu não ter escrito...

— Cale-se! Depois você se explique. O que havia na carta? Por que ficou vermelho?

O príncipe refletiu um pouco.

— Eu não sei qual são os seus pensamentos, Lizavieta Prokófievna. Só vejo que a carta desagradou muito à senhora. Mas há de convir que eu poderia me recusar a responder à sua pergunta; no entanto, a fim de mostrar para a senhora que não receio nada quanto à carta e não lamento o que escrevi, e também que não foi absolutamente por causa da carta que fiquei vermelho — o príncipe ficou quase duas vezes mais vermelho do que antes —, eu vou repetir o texto da carta para a senhora, pois acho que me lembro dela de cor.

Dito isso, o príncipe recitou a carta, quase palavra por palavra, tal como era.

— Que disparate! Mas o que é que todo esse absurdo pode significar, na sua opinião? — indagou Lizavieta Prokófievna em tom brusco, depois de escutar a carta com atenção extraordinária.

— Eu mesmo não sei muito bem. Eu sei é que o meu sentimento era o mais sincero. Naquela ocasião, tive momentos de vida plena e de

esperanças extraordinárias.

— Que esperanças?

— É difícil explicar, mas não eram essas em que a senhora talvez esteja pensando, agora... Eram esperanças... bem, em resumo, eram esperanças em relação ao futuro, de alegria, esperanças de que talvez, *lá*, eu não fosse um estranho, um estrangeiro. De repente, gostei muito de estar na minha terra natal. Numa manhã ensolarada, peguei a pena e escrevi uma carta para ela; por que para ela, eu não sei. Enfim, às vezes, temos vontade de ter uma pessoa amiga ao nosso lado; e, é evidente, me veio, então, a vontade de ter uma pessoa amiga... — acrescentou o príncipe, depois de um breve silêncio.

— Será que o senhor está apaixonado?

— N-não. Eu... eu escrevi como para uma irmã; e assinei como um irmão.

— Hum. Fez de caso pensado, eu estou entendendo.

— Para mim, é muito penoso responder as suas perguntas, Lizavieta Prokófievna.

— Eu sei que é penoso ou não, isso não é nem um pouco da minha conta. Escute, diga a verdade, como se estivesse diante Deus: você está mentindo para mim, não está?

— Eu não estou mentindo.

— Está falando a verdade, quando diz que não está apaixonado?

— Acho que digo a pura verdade.

— Ora essa, “acho”! E mandou a carta pelo garoto?

— Eu pedi ao Nikolai Ardaliónovitch...

— Um garoto! Um garoto! — cortou Lizavieta Prokófievna, exaltada. — Eu não quero saber quem é esse tal de Nikolai Ardaliónovitch! Um garoto!

— Nikolai Ardaliónovitch...

— Um garoto, eu estou dizendo a você!

— Não, não foi um garoto, foi o Nikolai Ardaliónovitch — retrucou, enfim, o príncipe com firmeza, se bem que em voz muito baixa.

— Certo, está bem, meu caro, está bem! Eu vou contar isso como um ponto a seu favor.

Ela controlou suas emoções por um minuto e relaxou um pouco.

— E o que é esse tal de “pobre cavaleiro”?

— Eu não sei, absolutamente. Não tenho participação nenhuma nisso; é alguma brincadeira.

— É agradável saber disso tão de repente! Mas será possível que ela tenha se interessado por você? Ela mesma chamou você de “aberração” e de “idiota”.

— A senhora poderia ter deixado de me contar isso — ponderou o príncipe em tom de censura, quase num sussurro.

— Não se zangue. É uma jovem autoritária, desmiolada, mimada... ela se apaixona e, na mesma hora, inevitavelmente, começa a rogar pragas em voz alta, começa a escarnecer, sem nenhum disfarce; eu também era assim. Mas, por favor, meu caro, não cante vitória, não é por sua causa; eu não quero acreditar nisso e nunca vou acreditar! Estou falando, agora, para que você tome providências. Escute: jura que não está casado com *aquela mulher*?

— Lizavieta Prokófievna, o que é isso, por favor! — o príncipe quase deu um pulo de espanto.

— Mas você não chegou bem perto de casar?

— Eu cheguei bem perto de casar — sussurrou o príncipe, e baixou a cabeça.

— Pois, então, foi por *ela* que você se apaixonou, não foi? E agora veio aqui por causa *dela*, não é? Você por causa *daquela mulher*?

— Eu não vim para casar — respondeu o príncipe.

— Existe no mundo alguma coisa sagrada para você?

— Existe.

— Jura que não veio para casar com *aquela mulher*?

— Juro, pelo que a senhora quiser!

— Eu acredito; me dê um beijo. Finalmente, posso respirar com desafogo; mas fique sabendo que a Aglaia não ama você, tome juízo, ela não vai casar com você enquanto eu estiver viva! Escutou bem?

— Escutei.

O príncipe ficou tão vermelho que nem conseguia olhar de frente para Lizavieta Prokófievna.

— Guarde bem o que vou dizer. Eu esperei você como se fosse a Providência (e você não merecia isso!), eu banhava o meu travesseiro com as minhas lágrimas, à noite... não por você, meu caro, não se preocupe, eu trago comigo outra mágoa, só minha, eterna, sempre a mesma. Porém, veja só por que esperei você com tamanha impaciência: eu ainda acredito, o tempo todo, que foi Deus quem mandou você para mim, como um amigo, como um irmão. Não tenho ninguém a meu lado, senão a velha Bielokónskaia, e, além disso, ela também se afastou com a velhice, ficou boba como um carneiro. Agora, responda apenas *sim* ou *não*: você sabe por que, anteontem, *ela* deu aquele grito da carruagem?

— Palavra de honra que eu não participei daquilo e que não sei de nada!

— Basta, eu acredito. Agora, eu também tenho outras ideias sobre esse assunto, mas, ontem de manhã, eu punha toda a culpa em Evguiêni Pávlovitch. Anteontem, o dia inteiro, e até ontem de manhã. Claro que agora não posso deixar de concordar com eles: é óbvio que estavam zombando dele, como se ri de um tolo, por alguma razão, com algum propósito (o ato em si já é muito suspeito! E também indecoroso!). Mesmo

assim, a Aglaia não vai casar com ele, eu garanto a você! Não importa que ele seja um homem bom, assim há de ser. Antes, eu tinha dúvidas, agora já decidi com segurança: “Primeiro, vão ter de me pôr na tumba e jogar terra por cima de mim, antes de darem minha filha em casamento”. Foi isso que declarei hoje para o Ivan Fiódorovitch, separando bem as sílabas. Está vendo como eu confio em você, está vendo?

— Estou vendo e compreendo.

Lizavieta Prokófievna observou o príncipe com olhar penetrante; talvez quisesse muito descobrir que impressão causaram nele as notícias sobre Evguiêni Pávlovitch.

— E sobre o Gavrila Ívolguin, você não sabe nada?

— Bem... eu sei muita coisa.

— Sabia ou não que ele anda muito ligado à Aglaia?

— Não sabia, absolutamente — o príncipe ficou surpreso e chegou a estremecer. — O que a senhora está dizendo? Gavrila Ardaliónovitch está muito ligado à Aglaia Ivánovna? Não pode ser!

— É muito recente. A irmã dele passou o inverno inteiro preparando o terreno, trabalhou como uma ratazana.

— Não acredito — repetiu o príncipe, com firmeza, após o choque e alguma reflexão. — Se fosse assim, com certeza eu saberia.

— É óbvio que ele não viria aqui confessar, entre lágrimas, com a cabeça enfiada no seu peito! Ah, seu simplório, seu simplório! Todo mundo engana você, como... como... Mas você não se envergonha de confiar nele? Será possível que não está vendo como ele o ludibriou completamente?

— Eu sei muito bem que ele está me enganando — falou o príncipe a contragosto —, e ele sabe que eu sei disso... — acrescentou, sem terminar o que pretendia dizer.

— Saber disso e ainda confiar nele! Era só o que faltava! Entretanto, vindo de você, deve ser assim mesmo. Não tenho razão para ficar admirada. Meu Deus! Será que, alguma vez, já existiu uma pessoa assim? Ah! E você sabia que esse Ganka ou essa Varka a puseram em contato com a Nastássia Filíppovna?

— Puseram quem em contato com ela? — exclamou o príncipe.

— A Aglaia.

— Não acredito! Não pode ser! Com que propósito?

O príncipe se ergueu de um pulo.

— Eu também não acredito, só que existem provas. A moça é voluntariosa, cheia de fantasias, a moça é maluca! E é má, má, má! Eu vou repetir mil vezes que ela é má! Agora, lá em casa, todas elas são assim, até aquela galinha morta da Aleksandra, mas essa já fugiu do meu controle. E eu também não acredito! Talvez porque eu não queira acreditar — acrescentou, como se falasse para si mesma. — Por que você não foi lá em casa? — voltou-se para o príncipe, de repente. — Por que ficou três dias sem nos visitar? — gritou de novo para ele, com voz impaciente.

O príncipe tentou explicar suas razões, mas ela o interrompeu outra vez.

— Todo mundo engana você, todos fazem você de bobo! Ontem, você foi à cidade; eu aposto que ficou de joelhos e pediu para aquele canalha aceitar os seus dez mil rublos!

— Não, de jeito nenhum, nem pensei nisso. Eu nem o vi, e também, além de tudo, ele não é um canalha. Eu recebi uma carta dele.

— Mostre a carta!

O príncipe tirou um bilhete de dentro de uma pasta e entregou para Lizavieta Prokófievna. No bilhete estava escrito:

Prezado senhor, eu não tenho, é claro, aos olhos das pessoas, o menor direito de alimentar qualquer amor-próprio. Na opinião das pessoas, eu sou insignificante demais para tanto. Mas é

assim aos olhos das pessoas, não aos olhos do senhor. Estou bastante convencido de que o senhor, prezado príncipe, talvez seja melhor do que os outros. Não concordo com Doktorienko e divirjo dele, nesse assunto. Eu jamais pedi ao senhor nem um copeque, porém o senhor ajudou minha mãe e, por isso, devo gratidão ao senhor, ainda que isso provenha da minha fraqueza. Em todo caso, encaro o senhor de outra forma e julguei necessário comunicá-lo ao senhor. Daqui em diante, eu suponho, não podem existir mais quaisquer relações entre nós.

Antip Burdóvski.

P.S. A soma de duzentos rublos que ficou faltando será rigorosamente paga ao senhor, ao longo do tempo.

— Que barafunda sem pé nem cabeça! — exclamou Lizavieta Prokófievna, jogando o bilhete de volta. — Nem valia a pena ler. Do que é que está achando graça?

— A senhora há de convir que teve prazer ao ler o bilhete.

— Pois sim! Todo esse palavrório roído pela vaidade! Será que você não enxerga que todos eles ficaram doidos de tanto orgulho e vaidade?

— É, mas, mesmo assim, ele pediu desculpas, rompeu com Doktorienko e, quanto mais vaidoso ele for, mais caro isso custa à sua vaidade. Ah, como a senhora é igual a uma criança pequena, Lizavieta Prokófievna!

— O que é isso? Será que está querendo, afinal, levar um tapa na cara?

— Não, eu não quero, absolutamente. A questão é que a senhora está contente com o bilhete, mas esconde isso. Por que a senhora tem vergonha dos próprios sentimentos? Afinal, a senhora age assim com tudo.

— Não se atreva a dar um passo na minha direção, agora — gritou Lizavieta Prokófievna, pálida de raiva. — E, daqui para a frente, eu não quero ver nem sombra de você na minha casa, nunca mais!

— Entretanto, daqui a três dias, a senhora mesma virá aqui me convidar para ir à sua casa... Ora, como não se envergonha? São os seus melhores sentimentos. Por que tem vergonha deles? Afinal, isso só serve para fazer a senhora sofrer.

— Pois eu vou morrer e não vou convidar ninguém! Vou esquecer o seu nome! Já esqueci!

Afastou-se do príncipe, bruscamente.

— Já haviam me proibido de ir à sua casa, antes da senhora! — gritou o príncipe, antes que ela saísse.

— O quê? Quem proibiu?

Ela se virou como um raio, como se a tivessem espetado com uma agulha. O príncipe hesitou em dar a resposta. Sentiu que, sem querer, havia falado mais do que devia.

— Quem foi que proibiu você? — gritou Lizavieta Prokófievna, furiosa.

— Aglaia Ivánovna me proibiu...

— Quando? Vamos, di-i-ga!

— Mais cedo, de manhã, ela mandou me avisar que eu nunca mais devia me atrever a ir à casa da senhora.

Lizavieta Prokófievna pareceu estupefata, mas estava raciocinando.

— O que foi que ela enviou? Quem trouxe? Foi o garoto? Foi um recado oral? — de repente, voltou a esbravejar.

— Eu recebi um bilhete — respondeu o príncipe.

— Onde está? Dê aqui! Já!

O príncipe pensou um pouco, mas tirou do bolso do colete um pedacinho de papel comum, no qual estava escrito:

Príncipe Liev Nikoláievitch! Se, depois de tudo o que houve, o senhor tiver a intenção de me surpreender com uma visita a nossa datcha, esteja seguro de que eu não serei uma das pessoas contentes com isso.

Aglaia Epantchina.

Lizavieta Prokófievna ponderou um momento; depois, de repente, precipitou-se na direção do príncipe, segurou seu braço e o puxou atrás de si.

— Já! Venha! Agora, já, neste minuto! — gritava, num acesso de agitação e ansiedade fora do comum.

— Mas se a senhora está me sujeitando a...

— A quê? Simplório inocente! Parece até que nem é um homem! Puxa, agora, eu mesma estou vendo tudo, com os meus olhos...

— Pelo menos deixe que eu pegue o meu chapéu...

— Tome aqui este seu chapéu nojento, vamos! Não sabe nem escolher a roupa com bom gosto!... Ela... Ela mesma escreveu, depois do que aconteceu... E com febre — balbuciava Lizavieta Prokófievna, enquanto arrastava o príncipe atrás de si, sem soltar seu braço nem por um minuto. — Agora há pouco, eu intercedi a seu favor, falei em voz alta que é um tolo, por não ir... Do contrário, ela não ia escrever para você um bilhete tão disparatado! Que bilhete indecente! Indecente, para uma jovem nobre, educada, inteligente, muito inteligente!... Hum! — prosseguiu. — Claro que ela ficou aborrecida por você não ir lá, só não contava com o fato de que não se pode escrever desse jeito para um idiota, porque ele vai entender ao pé da letra, como de fato aconteceu. Mas o que é que você está aí ouvindo? — gritou, ao se dar conta de que tinha falado demais. — Ela precisa de um bobo da corte como você, está há muito tempo sem ver alguém assim, é por isso que está apelando para você! E eu fico bem contente, bem contente, porque agora ela vai fisgar você no seu anzol! E você bem que merece! E ela sabe como fazer isso, ah, ela sabe muito bem!...

terceira parte

Toda hora se queixam de que, entre nós, não existem pessoas práticas; políticos, por exemplo, há muitos, generais também há muitos, é possível encontrar, hoje em dia, os mais diversos dirigentes, quantos forem precisos, de todo tipo que você quiser — mas pessoas práticas não existem. Pelo menos, todos se queixam de que não existem. Chegam a dizer que, em certas ferrovias, não há um empregado que preste; dizem que é de todo impossível, para qualquer empresa de navegação, organizar um setor administrativo minimamente aceitável. Ora ouvimos dizer que, em certa ferrovia recém-inaugurada, vagões se chocaram ou despencaram de uma ponte. Ora escrevem no jornal que um trem quase passou o inverno todo atolado num campo de neve: depois de algumas horas de viagem, os passageiros ficaram cinco dias empacados no meio da neve pesada. Ora contam que uma carga de milhares de *pu*¹³³ de mercadorias ficou parada no mesmo lugar por dois ou três meses, apodrecendo, à espera de ser despachada. Ora dizem (aliás, nem dá para acreditar) que um administrador, ou seja, algum supervisor, pressionado por um comerciante que queria ter sua mercadoria despachada, em lugar de despachar a carga, administrou um soco nos dentes do homem, e ainda explicou seu gesto administrativo dizendo que tinha ficado “de cabeça quente”. Parece que há tantas repartições no serviço público que só de pensar a gente fica com medo; todo

mundo foi funcionário, todo mundo é funcionário, todo mundo quer ser funcionário — portanto, como entender que, com um material humano como esse, não se consiga formar um setor administrativo decente para qualquer empresa de navegação?

Para isso, às vezes, dão uma resposta extremamente simples — tão simples que nem dá para acreditar em tal explicação. Na verdade, dizem, todo mundo na Rússia foi funcionário ou é funcionário, e isso já se arrasta há duzentos anos, desde os remotos antepassados até os bisnetos, segundo o melhor modelo alemão — só que os funcionários são justamente as pessoas menos práticas que existem, e isso chegou a tal ponto que, até pouco tempo atrás, entre os próprios funcionários, a desatenção e a falta de senso prático passaram a ser consideradas um mérito e uma virtude importantíssima. Entretanto, não era dos funcionários que queríamos falar, mas sim das pessoas práticas. Nesse ponto, já não existe dúvida de que, entre nós, a timidez e a mais completa falta de iniciativa pessoal foram sempre consideradas — e até hoje se pensa assim — o melhor e o mais importante sinal indicativo de um homem prático. Mas para que culpar apenas a nós mesmos (caso consideremos essa opinião uma acusação)? Em toda parte, no mundo inteiro, o tempo todo, a falta de originalidade foi considerada a primeira qualidade e o maior mérito do homem de ação, prático, ativo, e pelo menos noventa e nove por cento das pessoas (no mínimo) sempre pensaram dessa forma, apenas um por cento (no máximo) encarava e encara a questão de outro modo.

Quase sempre, os inventores e os gênios, no início de sua atividade (e, muitas vezes, também ao final), foram tidos pela sociedade como meros imbecis — isso já é uma observação rotineira, mais do que sabida por todos. Se, por exemplo, no decorrer de dezenas de anos, todo mundo levasse seu dinheiro para uma casa de penhor¹³⁴ e obtivesse bilhões de

renda, a quatro por cento de juros, é claro que, se um dia não houvesse mais a casa de penhor e todos ficassem entregues apenas à sua iniciativa pessoal, grande parte desses milhões, sem nenhuma dúvida, acabaria aniquilada na febre das sociedades por ações ou nas mãos dos vigaristas — e isso até por uma exigência do decoro e da decência. Trata-se, justamente, de uma questão de decoro; se a timidez decorosa e a decente falta de originalidade representaram, entre nós, até hoje, por força de uma convicção generalizada, uma qualidade inalienável do homem honesto e de ação, seria, então, bastante desonesto, e até indecente, mudar de forma tão repentina. Por exemplo, que mãe que ama seus filhos com ternura não ficaria assustada e não passaria até mal de tanto medo ao ver que o filho, ou a filha, está prestes a sair da linha? “Não, é melhor que viva feliz e satisfeito, mesmo que seja sem originalidade”, pensa qualquer mãe, enquanto embala o filho nos braços. E nossas babás, enquanto embalam as crianças, sempre recitam e cantarolam: “Vai andar coberto de ouro, vai chegar à patente de general!”. Assim, até as nossas babás consideravam o posto de general o auge da felicidade russa e, portanto, ele representava o ideal nacional mais popular de uma vida venturosa, bela e serena.¹³⁵ E, de fato, depois de ser aprovado num exame, com notas medíocres, e servir como funcionário por trinta e cinco anos, quem poderia, afinal, entre nós, não terminar no posto de general e não acumular uma soma considerável na casa de penhor? Dessa forma, o homem russo, quase sem nenhum esforço, alcançou, afinal, o título de homem prático e de ação. No fundo, entre nós, só um homem original, ou seja, uma pessoa inquieta, pode acabar não se tornando general. Talvez haja, aqui, algum mal-entendido; porém, em termos gerais, isso parece correto e nossa sociedade tinha toda a razão em definir assim o seu ideal de homem prático. Entretanto, sem querer, acabamos falando muita coisa supérflua; o que queríamos, propriamente, era dizer algumas palavras

explicativas sobre a nossa conhecida família Epantchin. Essas pessoas, ou pelo menos os membros mais razoáveis dessa família, sofriam constantemente por causa de um traço familiar quase generalizado entre eles, o exato oposto daquelas virtudes das quais falamos acima. Sem compreender o fato plenamente (pois é difícil compreendê-lo), ainda assim, às vezes, eles desconfiavam de que se passava, em sua família, algo diferente do que ocorria em todas as demais. Para as outras famílias, o caminho era plano; para a deles, era acidentado; os outros andavam nos trilhos, eles a toda hora descarrilhavam; os outros, de forma educada, acanhavam-se a toda hora, mas eles não. É verdade que Lizavieta Prokófievna chegava a se assustar até demais; mesmo assim, não era aquela timidez educada e mundana que eles tanto almejavam. Porém talvez só Lizavieta Prokófievna se inquietasse com isso: as mocinhas eram muito jovens — ainda que fossem pessoas muito sagazes e irônicas —, mas o general, embora tivesse alguma sagacidade (à custa de muito esforço, na verdade), nos casos difíceis, limitava-se a dizer: “Hum!”, e no final das contas depositava todas as esperanças em Lizavieta Prokófievna. Portanto, era sobre ela que recaía a responsabilidade. E a questão não era que a família, por exemplo, se distinguisse por alguma iniciativa própria ou descarrilhasse por causa de alguma propensão consciente para a originalidade, o que já seria um tanto indecente. Ah, não! Não existia nada disso, na realidade, ou seja, não havia nenhum objetivo traçado de forma consciente, mas, no final, a família Epantchin, embora muito respeitável, acabava não sendo, a despeito de tudo, como deviam ser, em geral, todas as famílias respeitáveis. Nos últimos tempos, Lizavieta Prokófievna passara a considerar que a culpa de tudo era só dela e de sua personalidade “infeliz” — e, com isso, seus sofrimentos aumentavam. Ela mesma, o tempo todo, acusava-se de “excêntrica, tola e indecorosa” e se atormentava com suas

cismas, constantemente se sentia perdida, não encontrava saída, em face do obstáculo mais rotineiro, e sempre exagerava seu infortúnio.

Ainda no início de nosso relato, mencionamos que os Epantchin gozavam de um respeito geral e autêntico. O próprio general Ivan Fiódorovitch, homem de origem obscura, era recebido em toda parte com indiscutível respeito. Merecia respeito, em primeiro lugar, como homem rico e “por não estar entre os últimos de sua categoria”; em segundo lugar, como homem inteiramente correto, ainda que limitado. Entretanto, certo embotamento intelectual parece ser uma característica quase indispensável, se não para todo homem de ação, ao menos para todo aquele que ganha muito dinheiro. Enfim, o general tinha boas maneiras, era discreto, sabia calar-se e, ao mesmo tempo, não deixava que pisassem em seu pé — não porque fosse general, mas por ser nobre e honrado. O principal, no entanto, era que contava com uma proteção poderosa. No que diz respeito a Lizavieta Prokófievna, como já explicamos acima, era de boa família, embora, entre nós, não se dê muita atenção à família, se nela faltam as relações indispensáveis. No entanto, verificou-se, ao final, que ela contava com algumas relações importantes; Lizavieta Prokófievna era respeitada e, por fim, foi admirada por pessoas tão relevantes que, depois disso, como é natural, todos se viram obrigados a respeitá-la e a recebê-la. Não há dúvida de que seus tormentos familiares eram infundados, tinham causas insignificantes e eram exagerados às raias do ridículo; contudo, se alguém tem uma verruga no nariz ou na testa, parece-lhe que todo mundo na face da terra não tem outra preocupação na vida senão olhar para a sua verruga, escarnecer disso e julgar essa pessoa pela verruga, mesmo que essa pessoa tenha descoberto a América. Não há dúvida de que, na sociedade, Lizavieta Prokófievna era tida, de fato, como “excêntrica”; ao mesmo tempo, era respeitada de forma indiscutível; no entanto, por fim, Lizavieta Prokófievna

deixou de acreditar que a respeitavam — e nisso residia todo seu infortúnio. Quando olhava para as filhas, torturava-se com a desconfiança de que alguma coisa, incessantemente, atrapalhava a carreira delas, de que seu caráter era ridículo, indecoroso e intolerável — e a culpa disso, é claro, ela punha nas filhas e em Ivan Fiódorovitch, ficava brigada com eles dias inteiros e, ao mesmo tempo, amava-os até a abnegação, quase até a paixão.

O que mais a atormentava era a suspeita de que as filhas estavam se tornando “excêntricas” como ela e de que, no mundo, não existiam mocinhas como as suas filhas, nem deviam existir. “Vão acabar virando niilistas, nem mais, nem menos!”, dizia para si mesma, a toda hora. No último ano, sobretudo em tempos mais recentes, aquela ideia triste ganhava cada vez mais força dentro dela. “Em primeiro lugar, por que não se casam?”, perguntava-se, a todo instante. “É para atormentar a mãe, este é o objetivo da vida delas e, claro, tudo isso é assim por causa das ideias novas, por causa dessa maldita questão feminina! Por acaso eu esqueci que, faz meio ano, a Aglaia cismou de cortar seus cabelos maravilhosos? (Meu Deus, no meu tempo, nem eu tinha os cabelos assim!) E ela já estava até com a tesoura nas mãos, eu tive de me ajoelhar para que ela desistisse da ideia!... Muito bem, vamos admitir que ela fez aquilo por maldade, só para fazer a mãe sofrer, porque é uma menina malvada, voluntariosa, mimada e, acima de tudo, má, má, má! Mas, aí, não é que aconteceu que a gorducha da Aleksandra cismou de imitar a irmã e também quis cortar suas mechas e, dessa vez, não mais por maldade nem por capricho, mas com sinceridade, como uma tola, convencida por Aglaia de que iria dormir melhor sem os cabelos e de que, assim, não teria mais dor de cabeça? E quantos, quantos, quantos noivos elas já tiveram (lá se vão, já, cinco anos)? E, na verdade, eram homens bons, apareceram alguns até excelentes! O que elas estão

esperando, por que não se casam? É só para dar desgosto à mãe, não existe nenhum outro motivo! Nenhum! Nenhum!”

Mas, enfim, o sol estava nascendo também para o seu coração maternal; pelo menos uma filha, pelo menos a Adelaida, iria, finalmente, ajeitar a vida. “Pelo menos uma eu vou tirar das minhas costas”, dizia Lizavieta Prokófievna, quando se via obrigada a expressar-se em voz alta (quando falava para si mesma, exprimia-se de modo incomparavelmente mais afetuoso). E como tudo se desenrolou bem, com muito decoro, e na sociedade até começavam a falar do assunto com respeito! Um homem famoso, um príncipe, dono de uma fortuna, uma pessoa boa e que, ainda por cima, havia conquistado o coração de Lizavieta Prokófievna — o que se poderia querer de melhor? No entanto, desde o início, ela temia menos por Adelaida do que pelas outras filhas, embora suas inclinações artísticas, muitas vezes, confundissem o coração da mãe, sempre assediado por dúvidas. “Em compensação, ela tem um caráter alegre, além de muito bom senso... portanto, a menina não vai ficar perdida”, assim se consolava, por fim, a mãe. Era por Aglaia que ela mais temia. Aliás, a respeito de Aleksandra, a mais velha, a própria Lizavieta Prokófievna não sabia o que pensar: devia temer por ela ou não? Às vezes, tinha a impressão de que a filha já era, por completo, um “caso perdido”: vinte e cinco anos; portanto, ficaria solteira. “E com tamanha beleza!...” Lizavieta Prokófievna chegava a chorar por ela, de madrugada, enquanto a própria Aleksandra Ivánovna, na mesma madrugada, repousava no sono mais sossegado do mundo. “Mas o que ela é, afinal? Niilista ou apenas tola?” Entretanto, ela nada tinha de tola e disso não havia a menor dúvida, nem para a própria Lizavieta Prokófievna, que respeitava extremamente o bom senso de Aleksandra Ivánovna e adorava lhe pedir conselhos. Mas, que era uma “galinha-morta”, disso não havia nenhuma dúvida. “É tão calma que nem sacudindo adianta!

Aliás, as ‘galinhas-mortas’ também não são calmas... Droga! Elas me deixam completamente doida!” Lizavieta Prokófievna tinha uma espécie de inexplicável simpatia compassiva por Aleksandra Ivánovna, mais até do que por Aglaia, que era seu ídolo. Mas os ataques de irritação (nos quais, acima de tudo, transpareciam sua preocupação e sua simpatia maternal), as lágrimas e os apelidos como “galinha-morta” apenas faziam Aleksandra rir. Às vezes, a situação chegava ao ponto de mesmo as coisas mais vãs irritarem tremendamente Lizavieta Prokófievna e a deixarem fora de si. Aleksandra Ivánovna, por exemplo, adorava dormir por muito tempo e costumava sonhar muito; porém seus sonhos, muitas vezes, destacavam-se pelo caráter pueril e por uma inocência fora do comum — sonhos dignos de uma criança de sete anos; pois bem, por alguma razão, até essa inocência dos sonhos passou a irritar a mãe. Certa vez, Aleksandra Ivánovna sonhou com nove galinhas e, por causa disso, ocorreu uma desavença formal entre ela e a mãe. Qual o motivo? Era difícil até de explicar. Uma vez, e só uma vez, ocorreu de sonhar algo que pareceu original — sonhou que havia um monge, sozinho, num quarto escuro, no qual, o tempo todo, ela sentia medo de entrar. O sonho foi prontamente, e em tom triunfal, relatado a Lizavieta Prokófievna pelas outras duas irmãs, que riam às gargalhadas; mas a mãe se irritou novamente e chamou as três de tolas. “Hum! Ela é calma como uma tola, uma perfeita ‘galinha-morta’, nem sacudir adianta, mas é triste, muitas vezes parece até triste demais! Por que está triste, qual o motivo?” De vez em quando, fazia essa pergunta para Ivan Fiódorovitch, como de costume, em tom histérico, ameaçador, no desejo de obter uma resposta imediata. Ivan Fiódorovitch dizia “Hum!”, franzia as sobrancelhas, encolhia os ombros e, por fim, concluía, abrindo os braços:

— Precisa de um marido!

— Mas que Deus não dê a ela um marido como o senhor, Ivan Fiódoritch¹³⁶ — explodia Lizavieta Prokófievna, enfim, como uma bomba. — Queira Deus que não seja um marido com ideias e veredictos como os seus, Ivan Fiódoritch; que não seja um grosseirão tosco que nem o senhor, Ivan Fiódoritch...

Ivan Fiódorovitch tratava logo de escapulir, enquanto Lizavieta Prokófievna, após sua *explosão*, acalmava-se. Claro, no mesmo dia, à noitinha, ela logo se mostrava extremamente solícita, silenciosa, carinhosa e respeitosa com Ivan Fiódorovitch, com o seu “grosseirão tosco”, com o seu bondoso, gentil e adorado Ivan Fiódorovitch, porque a vida inteira ela o amou, estava até apaixonada pelo seu Ivan Fiódorovitch, como sabia muito bem o próprio Ivan Fiódorovitch, que, por isso, respeitava infinitamente sua Lizavieta Prokófievna.

No entanto, o tormento maior e constante da mãe era Aglaia.

“Igualzinha, igualzinha a mim, é o meu retrato, em todos os aspectos”, dizia Lizavieta Prokófievna a si mesma, “um diabinho volúvel e pérfido! Niilista, excêntrica, insensata, má, má, má! Ah, meu Deus, como ela vai ser infeliz!”

Porém, como já dissemos, o sol que despontava parecia iluminar e suavizar tudo, por um momento. Na vida de Lizavieta Prokófievna, fazia quase um mês que ela descansava totalmente de todas as preocupações. Em sociedade, falavam do iminente casamento de Adelaida, e também sobre Aglaia, e, quanto a isso, Aglaia se portava de forma esplêndida, com muito equilíbrio e inteligência, com um sentimento de triunfo e também com um pouco de orgulho; e como tudo isso ficava bem, nela! Durante um mês inteiro, foi tão carinhosa e tão solícita com a mãe! (“Na verdade, ainda é preciso examinar muito bem esse Evguiêni Pávlovitch, é preciso destrinchá-lo, e a Aglaia, pelo visto, não o aprecia mais do que apreciava os outros!”)

Apesar de tudo, de uma hora para outra, Aglaia se tornara uma menina maravilhosa — e como era bela, meu Deus, como era bonita, e ficava mais bonita a cada dia! E então...

E então, apareceu do nada esse príncipezinho nojento, esse reles idiotazinho e, mais uma vez, tudo se embrulhou, tudo na casa virou de pernas para o ar!

No entanto, o que aconteceu?

Para os outros, com certeza, não teria ocorrido nada. Porém era isso mesmo que caracterizava Lizavieta Prokófievna, o fato de que, na mistura e na confusão das coisas mais rotineiras, e em meio à inquietude sempre presente em seu espírito, ela conseguia sempre enxergar algo que a assustava, a ponto de deixá-la, às vezes, doente, tomada pelo temor mais torturante, mais inexplicável e, por isso, mais opressivo. E como ela devia ter se sentido, agora, de repente, em meio a toda aquela barafunda de preocupações ridículas e infundadas, quando começou a ver, de fato, alguma coisa que parecia realmente importante, que parecia, de fato, digna de dúvida, de suspeita e de inquietação?

“E como foi que tiveram a coragem, como foi que se atreveram a me escrever aquela maldita carta anônima sobre aquela *criatura*, dizendo que ela e Aglaia andam ligadas?”, pensava Lizavieta Prokófievna, ao longo de todo o caminho, enquanto arrastava o príncipe atrás de si, e também em casa, quando o pôs sentado diante da mesa redonda, em torno da qual estava congregada toda a família. “Como foi que se atreveram sequer a pensar nisso? Sim, eu morreria de vergonha se acreditasse num só pingaço do que está escrito ali, ou se eu mostrasse a carta para Aglaia! Que escárnio para nós, para os Epantchin! E tudo, tudo nas barbas do Ivan Fiódorovitch, tudo nas suas barbas, Ivan Fiódorovitch! Ah, por que não nos mudamos para Eláguin?¹³⁷ Eu bem que dizia que era melhor ir para Eláguin! Quem sabe

não foi a Varka que escreveu essa carta? Eu sei, ou, talvez... Tudo, tudo é culpa do Ivan Fiódorovitch! Foi com ele que aquela *criatura* aprontou aquela brincadeira, em memória das antigas relações, a fim de fazê-lo de bobo, exatamente como, antes, ria dele às gargalhadas, como se ri de um imbecil, e o conduzia seguro pela ponta do nariz, na época em que ele ainda levava pérolas de presente para ela... No final das contas, apesar de tudo, nós estamos envolvidos, as suas filhas, Ivan Fiódorovitch, estão envolvidas, mocinhas, senhoritas, jovens damas da melhor sociedade, noivas; elas se encontravam ali, estavam ali, elas escutaram tudo, sim, e também estão envolvidas na história com aqueles garotos, alegre-se, porque elas também estavam ali e ouviram! Mas eu não vou perdoar, não vou perdoar o príncipezinho por isso, eu nunca vou perdoá-lo! E por que Aglaia passou três dias com um ataque histérico, por que por muito pouco ela não brigou com as irmãs, sim, até com a Aleksandra, cuja mão ela sempre beijou, de tanto que a respeitava, como se fosse a sua mãe? Por que propôs enigmas a todo mundo, durante três dias? E o que o Gavrila Ívolguin, o que tem a ver com isso? Por que, ontem e hoje, ela deu para fazer elogios ao Gavrila Ívolguin e desatou a chorar? Por que aquela carta anônima mencionava o maldito ‘pobre cavaleiro’, se ela não mostrou a carta do príncipe nem para as irmãs? E por quê... para quê, para que eu fui agora correndo para a casa dele, que nem um gato desvairado, e agora estou, eu mesma, arrastando o príncipe de volta? Meu Deus, eu fiquei maluca, o que foi que eu fiz, agora? Falar com um jovem sobre os segredos da filha, e ainda por cima... ainda por cima, segredos desse tipo, que nem de longe dizem respeito a ele! Meu Deus, ainda bem que ele é um idiota e... e... um amigo da casa! Mas será possível que a Aglaia se enamorou dessa bizarrice? Meu Deus, o que é que eu estou inventando? Droga! Nós somos uns excêntricos... É preciso exhibir todos nós numa vitrine, e eu antes de todos, e cobrar dez copeques a

entrada. Eu não vou perdoar o senhor por isso, Ivan Fiódorovitch, nunca vou perdoar! E por que, agora, ela não está desancando o rapaz? Ela prometeu que ia desancar, mas, na hora, não fez isso! Ela só sabe ficar olhando para ele, boquiaberta, calada, parada, sem ir embora, e foi logo ela quem ordenou que ele não viesse à nossa casa... Ele fica quieto, muito pálido. E aquele maldito tagarela desgraçado do Evguiêni Pávlich, que logo dominou sozinho toda a conversa! Olhe só como ele fala sem parar, não deixa ninguém dizer nada. Eu descobriria tudo agora mesmo, se eu tomasse as rédeas da conversa...

O príncipe, de fato, estava sentado à mesa redonda, um pouco pálido e parecia, ao mesmo tempo, dominado por um temor extraordinário e, em certos momentos, por uma espécie de êxtase, incompreensível para ele mesmo, que arrebatava sua alma. Ah, que medo tinha de olhar para aquele lado, aquele canto, de onde dois olhos negros, bem conhecidos dele, miravam os seus fixamente e, ao mesmo tempo, como desfalecia de felicidade por estar, de novo, sentado ali, entre eles, e poder ouvir a voz conhecida — depois do que ela havia escrito para ele. “Meu Deus, ela vai falar alguma coisa, agora!” Ele mesmo ainda não tinha dito nenhuma palavra e, tenso, escutava Evguiêni Pávlovitch, que “falava pelos cotovelos” e que raras vezes era visto num estado de ânimo tão satisfeito e animado como naquela noite. O príncipe o escutava e, por muito tempo, não conseguiu entender nenhuma palavra. A não ser por Ivan Fiódorovitch, que ainda não retornara de Petersburgo, todos estavam na reunião. O príncipe Sch. também estava ali. Parecia que tinham a intenção de esperar mais um pouco, até o chá, para irem ouvir música.¹³⁸ A conversa em curso naquele momento, pelo visto, começara antes da chegada do príncipe. Mas logo, surgindo não se sabia de onde, Kólia se esgueirou varanda adentro. “Portanto, ele é recebido aqui, como antes”, pensou o príncipe.

A datcha dos Epantchin era luxuosa, à maneira de um chalé suíço, decorada com elegância, com flores e folhas por todo lado. Pequeno, mas belo, um jardim florido rodeava a datcha. Todos estavam sentados na varanda, como antes ficaram na casa do príncipe; só que a varanda era bem mais espaçosa e enfeitada com mais requinte.

O tema da conversa em andamento parecia não ser do agrado de muitos presentes; até onde era possível adivinhar, a conversa havia começado por conta de uma discussão impertinente e, claro, todos gostariam de mudar de assunto, mas Evguiêni Pávlovitch parecia insistir naquela direção, sem levar em conta a impressão geral; a chegada do príncipe atiçou mais ainda o seu ânimo. Lizavieta Prokófievna fazia cara feia, embora não entendesse tudo. Aglaia, sentada ao lado, quase na ponta da mesa, não se afastou, escutava e se mantinha tenazmente calada.

— Perdoem — retrucou Evguiêni Pávlovitch, com fervor —, eu não estou dizendo nada contra o liberalismo. O liberalismo não é um pecado; é uma parte constituinte e necessária do todo, que, sem ela, se desagregaria ou se extinguiria; o liberalismo tem o mesmo direito de existir que o mais sóbrio conservadorismo; só que eu combato o liberalismo russo e, mais uma vez, repito que eu o combato, no fundo, porque o liberal russo não é um liberal *russo*, mas sim um liberal *não russo*. Coloquem na minha frente um liberal russo e, na mesma hora, na frente dos senhores, eu darei um beijo nele.

— Supondo que ele queira beijar o senhor — disse Aleksandra Ivánovna, que estava numa agitação fora do comum. Até as bochechas se ruborizaram mais do que o costume.

“Vejam só”, pensou Lizavieta Prokófievna, “essa aí só sabe comer e dormir, nem adianta sacudi-la, mas de repente, uma vez por ano, se levanta

e desanda a falar de um modo que não nos resta outra coisa senão abrir os braços de espanto.”

O príncipe notou, de relance, que Aleksandra Ivánovna parecia não estar gostando muito do fato de Evguiêni Pávlovitch falar com demasiada alegria, tratar de um tema sério com entusiasmo, ao que parecia, mas, ao mesmo tempo, também dar a impressão de estar apenas brincando.

— Agora mesmo, antes da sua chegada, príncipe — prosseguiu Evguiêni Pávlovitch —, eu estava aqui afirmando que, entre nós, até hoje, só existiram liberais de dois estratos sociais: dos antigos senhores de terra (já extintos) e dos seminaristas. Como essas duas classes acabaram se convertendo em verdadeiras castas, totalmente isoladas da nação e, quanto mais o tempo passa, mais isso aumenta, de geração para geração, desse modo, tudo que eles fizeram ou fazem nada tem, absolutamente, de nacional...

— Como? Quer dizer que tudo o que foi feito, tudo, não é russo? — objetou o príncipe Sch.

— Não é nacional; embora esteja em língua russa, não é nacional; os nossos liberais não são russos, os conservadores não são russos, tudo... E pode ter certeza de que a nação não reconhece nada do que foi feito pelos senhores de terras e pelos seminaristas, nem agora nem depois...

— Ora, essa é boa! Se estiver falando sério, como o senhor pode afirmar tamanho paradoxo? Eu não posso admitir tamanho disparate a respeito dos senhores de terras russos; o senhor mesmo é um senhor de terras russo — objetou o príncipe Sch., com ardor.

— Mas eu não estou falando do senhor de terras russo no sentido que o senhor entendeu. É uma classe respeitável, nem que fosse pela simples razão de eu pertencer a ela; e ainda mais agora, quando ela deixou de existir...

— Mas será que nem mesmo na literatura não houve nada de nacional?
— interveio Aleksandra Ivánovna.

— Em matéria de literatura, não sou nenhum mestre, mas, a meu ver, a literatura russa, no seu todo, não é russa, exceto Lomonóssov, Púchkin e Gógol.

— Em primeiro lugar, isso não é pouco e, em segundo lugar, um era do povo e os outros dois eram senhores de terras — Aleksandra pôs-se a rir.

— Exatamente, mas não cante vitória. Pois, até hoje, dentre todos os escritores russos, só esses três conseguiram dizer, para todos, algo realmente *seu*, próprio, algo que não tomaram emprestado de ninguém e, por isso mesmo, de imediato, os três se tornaram nacionais. Qualquer russo que diga, escreva ou faça algo seu, *seu* próprio, inalienável, sem empréstimo, se tornará inevitavelmente nacional, mesmo que fale mal o russo. Para mim, isso é um axioma. Mas não foi sobre literatura que nós começamos a conversar, começamos a conversar sobre os socialistas e, a partir deles, a conversa avançou; pois bem, eu afirmo que não existe, entre nós, nenhum socialista russo; não há nem houve, porque todos os nossos socialistas também são oriundos dos senhores de terras ou dos seminaristas. Todos os nossos socialistas, inveterados e alardeados aos quatro ventos, aqui como no exterior, não passam de liberais provenientes dos senhores de terras do tempo da servidão. Do que estão rindo? Mostrem-me os livros deles, mostrem-me suas doutrinas, suas memórias, e eu, que não sou crítico literário, serei capaz de escrever, para os senhores, uma crítica literária convincente, na qual vou mostrar, tão claro como o dia, que cada página de seus livros, brochuras e memórias foi escrita, antes de tudo, por um antigo senhor de terras russo. Sua raiva, sua indignação e seu humor são de um senhor de terras (anterior até a Fámussov!);¹³⁹ seu entusiasmo, suas lágrimas talvez sejam verdadeiros, podem ser lágrimas sinceras, mas ainda

são as lágrimas de um senhor de terras! De um senhor de terras ou de um seminarista... Os senhores estão rindo, de novo, e o senhor também está rindo, príncipe? Também não concorda?

De fato, todos riram, e também o príncipe sorriu.

— Eu ainda não posso dizer, de forma tão direta, se concordo ou não — disse o príncipe, que, de repente, parou de rir e se sobressaltou, com o ar de um aluno apanhado de surpresa. — Mas garanto que eu estou ouvindo o senhor com bastante satisfação...

Ao falar isso, quase perdeu o fôlego e um suor frio chegou a brotar em sua testa. Eram as primeiras palavras que pronunciava desde que havia sentado à mesa. Fez menção de correr os olhos em redor, mas não teve coragem; Evguiêni Pávlovitch percebeu seu gesto e sorriu.

— Senhores, eu vou lhes contar um fato — prosseguiu no mesmo tom de antes, ou seja, aparentava animação e fervor fora do comum, mas, ao mesmo tempo, parecia, talvez, à beira de zombar das próprias palavras. — Um fato cuja observação e até cuja descoberta eu tenho a honra de atribuir a mim mesmo, e só a mim e a mais ninguém; pelo menos, sobre isso, nada ainda foi dito ou escrito, em parte alguma. Em tal fato, se exprime toda a essência daquele tipo de liberalismo russo de que estou falando. Em primeiro lugar, o que é o liberalismo, em termos gerais, senão um ataque (se razoável ou equivocado, já é outra questão) contra a ordem atual das coisas? Não é assim? Pois bem, o meu argumento consiste em que o liberalismo russo não é um ataque contra a ordem atual das coisas, mas um ataque contra a própria essência das nossas coisas, contra as próprias coisas, e não apenas contra a ordem, não apenas contra a ordem russa, mas contra a própria Rússia. O meu liberal chegou ao ponto de negar a própria Rússia, ou seja, odeia e espanca a própria mãe. Todo acontecimento russo infeliz e malsucedido desperta nele o riso e quase um êxtase. Ele detesta os costumes

nacionais, a história russa, tudo. Se existe uma justificativa para ele, pode estar na circunstância de não compreender o que ele mesmo faz e, por isso, toma seu ódio pela Rússia como o mais fecundo liberalismo (ah, os senhores já encontraram, muitas vezes, entre nós, algum liberal muito aplaudido pelos demais e que, no fundo, é o conservador mais desatinado, mais obtuso e perigoso, sem que ele mesmo saiba disso!). Ainda não faz muito tempo certos liberais nossos tomavam esse ódio pela Rússia quase como o verdadeiro amor pela pátria e se vangloriavam de enxergar melhor do que os outros aquilo em que deve consistir tal amor; mas agora já se tornaram mais sinceros e até as palavras “amor à pátria” se transformaram numa vergonha, para eles, chegaram a banir e eliminar esse conceito, como algo nocivo e irrelevante. Esse fato é verdadeiro, eu garanto, e... Um dia, será preciso dizer toda a verdade, de forma simples e franca; mas nunca se viu um fato como esse, em lugar nenhum, desde tempos imemoriais, não houve e não existiu nada semelhante em nenhum povo, portanto, esse fato é um acidente e pode passar, eu concordo. Não é possível que exista em nenhum lugar um liberal que odeie sua própria pátria. E como explicar isso, em nosso país? Pelo motivo que apresentei antes: o liberal russo, por enquanto, ainda é um liberal não russo; e mais nada, a meu ver.

— Eu tomo tudo que o senhor disse como uma brincadeira, Evguiêni Pávlovitch — retrucou o príncipe Sch., em tom sério.

— Eu não vi todos os liberais e não me arvore a julgar todos eles — disse Aleksandra Ivánovna. — Mas ouvi com indignação a sua ideia: o senhor tomou um caso particular e dele extraiu uma regra geral e, portanto, fez uma calúnia.

— Um caso particular? A-ah! Foi dita a palavra-chave — emendou Evguiêni Pávlovitch. — Príncipe, o que o senhor acha, é um caso particular ou não?

— Eu também devo dizer que pouco vi e pouco estive... com liberais — respondeu o príncipe. — Mas me parece que o senhor talvez tenha certa razão, e que o liberalismo russo de que o senhor estava falando, de fato, tem a tendência de odiar a própria Rússia, e não apenas a ordem das coisas na Rússia. Claro, isso é só em parte... claro, isso não pode ser justo para todos...

Ele titubeou e não concluiu. A despeito de toda a sua perturbação, ele estava extremamente interessado na conversa. O príncipe tinha uma característica peculiar, que consistia na extraordinária ingenuidade da atenção com que sempre escutava algo que o interessava, bem como na ingenuidade das respostas que dava quando lhe faziam perguntas a respeito de tais assuntos. Em seu rosto, e até na posição de seu tronco, expressava-se, de certa forma, aquela ingenuidade, uma fé que não desconfiava nem de zombaria nem de humor. Porém, embora Evguiêni Pávlovitch, desde havia muito tempo, se dirigisse a ele apenas com um toque particular de zombaria, dessa vez, ao ouvir sua resposta, fitou o príncipe de modo um tanto sério, como se não esperasse, em absoluto, aquela resposta

— O senhor é assim, no entanto... é estranho — disse ele. — Será que o senhor me respondeu a sério, príncipe?

— Por quê? O senhor não me fez a pergunta a sério? — retrucou o príncipe, surpreso.

Todos riram.

— Vá acreditando nele — disse Adelaida. — O Evguiêni Pávlich sempre faz todo mundo de bobo! Se o senhor soubesse as coisas que, às vezes, ele conta com a maior seriedade!

— Para mim, essa conversa é muito pesada e nem devia ter começado — objetou Aleksandra, em tom ríspido. — Nós queríamos ir passear...

— Então vamos, a noite está encantadora! — exclamou Evguiêni Pávlovitch. — Mas, para mostrar aos senhores que, dessa vez, eu estava falando com toda a seriedade e, acima de tudo, para provar isso ao príncipe (o senhor, príncipe, me interessou extremamente e juro ao senhor que eu ainda não sou uma pessoa tão vazia como devo aparentar, sem dúvida alguma, embora eu seja, de fato, uma pessoa vazia!), e... se me permitem, senhores, farei ao príncipe uma última pergunta, movido por uma curiosidade particular, e com ela terminaremos. Essa pergunta me veio à cabeça, como se fosse de encomenda, duas horas atrás (veja, príncipe, às vezes, eu também penso em coisas sérias); eu já resolvi a questão, mas vamos ver o que dirá o príncipe. Há pouco, falaram em “caso particular”. Essa expressão anda muito disseminada entre nós, é algo que ouvimos muitas vezes. Não faz muito tempo, todos falavam e escreviam sobre aquele terrível assassinato de seis pessoas, cometido por aquele... jovem e sobre as estranhas palavras do advogado de defesa, nas quais dizia que, em face da condição de pobreza do criminoso, a ideia de matar aquelas seis pessoas devia *naturalmente* vir à sua cabeça. Não foi isso, ao pé da letra, mas o sentido parecia ser esse, ou algo próximo disso. No entanto, na minha opinião pessoal, o advogado de defesa, ao apresentar uma ideia tão estranha, estava plenamente convencido de que dizia a coisa mais liberal, mais progressista e humana do mundo, como só em nosso tempo é possível dizer. Muito bem, na opinião do senhor, essa deturpação de conceitos e de convicções, essa possibilidade de uma visão tão distorcida e extraordinária daquilo que aconteceu, constitui um caso particular ou geral?

Todos se puseram a gargalhar.

— Particular, é claro, particular — riram Aleksandra e Adelaida.

— Permita-me lembrar, mais uma vez, Evguiêni Pávlovitch — acrescentou o príncipe Sch. —, que os seus gracejos já estão muito

desgastados.

— O que o senhor pensa, príncipe? — Evguiêni não deu ouvidos, sentindo sobre si o olhar curioso e sério do príncipe Liev Nikoláievitch. — O que lhe parece: é um caso particular ou geral? Confesso que elaborei essa pergunta especialmente para o senhor.

— Não, não é particular — declarou o príncipe em voz baixa, mas firme.

— Queira perdoar, Liev Nikoláievitch — exclamou o príncipe Sch., com um toque de irritação. — Será que não está vendo que ele jogou uma isca para o senhor? É óbvio que ele está zombando e pretende apanhar o senhor numa armadilha.

— Eu achei que o Evguiêni Pávlich estava falando sério — o príncipe ruborizou-se e baixou os olhos.

— Meu querido príncipe — prosseguiu o príncipe Sch. —, lembre-se do que conversamos, certa vez, há uns três meses; nós falamos exatamente que, em nossos novos tribunais recém-inaugurados, já é possível registrar a presença de muitos advogados de defesa talentosos e notáveis! E quantos veredictos notáveis, de nível elevadíssimo, foram formulados pelos jurados! E como o senhor mesmo se alegrou, e como eu me alegrei, na ocasião, com a alegria do senhor... dissemos que podíamos nos orgulhar... Mas essa defesa canhestra, esse argumento estranho, claro, é um acidente, um caso único entre milhares.

O príncipe Liev Nikoláievitch refletiu um pouco, porém, com o ar mais convicto do mundo, respondeu em voz baixa e com aparente timidez:

— Eu só queria dizer que a deturpação das ideias e dos conceitos (como se exprimiu o Evguiêni Pávlovitch) é algo visto com muita frequência, algo imensamente mais comum do que um caso particular, para nosso infortúnio. A tal ponto que, se tal deturpação não fosse um caso tão comum, talvez não existissem crimes inconcebíveis como esses...

— Crimes inconcebíveis? Mas eu garanto ao senhor que crimes exatamente assim, e talvez até mais horríveis, ocorreram também antes, e sempre existiram, não apenas entre nós, mas em toda parte e, a meu ver, ainda vão se repetir por muito tempo. A diferença consiste em que, entre nós, antes, havia menos divulgação, enquanto hoje passaram a falar em voz alta e até a escrever sobre eles, e é por isso que parece que tais criminosos só surgiram em nosso tempo. É nisso que consiste o erro do senhor, um erro imensamente ingênuo, príncipe, garanto ao senhor — sorriu o príncipe Sch., com ar jocoso.

— Eu mesmo sei que, antes, os crimes eram muito numerosos, e igualmente horrendos; não faz muito tempo, eu estive em prisões e tive ocasião de travar contato com alguns criminosos e réus. Há criminosos até piores do que esse, criminosos que mataram dezenas de pessoas, e sem nenhum remorso. Mas vejam o que observei, naquela ocasião: mesmo o assassino mais inveterado e mais impenitente, apesar de tudo, sabe que é um criminoso, ou seja, em sua consciência, considera que agiu mal, embora não sinta arrependimento. E qualquer um deles é assim; no entanto, aqueles de que o Evguiêni Pávlich falou não querem nem se considerar criminosos e pensam que têm esse direito e que até... agiram bem, ou antes, é quase assim. Pois bem, a meu ver, é isso que faz uma diferença terrível. E notem que todos eles são jovens, ou seja, exatamente daquela idade mais vulnerável, em que as pessoas podem ser afetadas, com mais facilidade, pela deturpação das ideias.

O príncipe Sch. não estava mais rindo e escutava o príncipe com ar perplexo. Aleksandra Ivánovna, que já fazia tempo desejava comentar alguma coisa, manteve-se calada, como se um pensamento especial a tivesse detido. Já Evguiêni Pávlovitch olhava para o príncipe com franca surpresa e, dessa vez, já sem nenhum traço de zombaria.

— Mas por que ficou tão espantado com ele, meu senhor — interveio Lizavieta Prokófievna, de forma inesperada. — Achava que ele é mais tolo do que o senhor, que é incapaz de raciocinar à sua maneira?

— Não, senhora, não é isso — respondeu Evguiêni Pávlovitch. — Mas, então, príncipe, como é que o senhor (perdoe a pergunta), se já via e notava tudo isso, como é que o senhor (perdoe-me novamente), naquele caso estranho... ocorrido há poucos dias... do Burdóvski, eu creio... como é que o senhor não notou essa deturpação das ideias e das convicções morais? Afinal, a questão é idêntica! Na hora, me pareceu que o senhor não havia percebido nada!

— Pois veja só uma coisa, meu caro — exaltou-se Lizavieta Prokófievna. — Todos nós percebemos isso, e nos julgamos superiores a ele, mas hoje foi ele que recebeu uma carta de um daqueles garotos, do mais importante, o espinhento, lembra, Aleksandra? Na carta, ele perde perdão, se bem que à sua maneira, e informa que largou aquele seu camarada, o tal que o ficou atizando, naquela vez, lembra, Aleksandra? E diz, também, que agora é no príncipe que ele mais acredita. Pois bem, e nós ainda não recebemos nenhuma carta desse tipo, embora saibamos muito bem ficar de nariz empinado para o príncipe.

— E, agora há pouco, o Ippolit também se mudou para a nossa datcha! — gritou Kólia.

— O quê? Ele já está aqui? — o príncipe tomou um choque.

— Assim que o senhor saiu com a Lizavieta Prokófievna, ele apareceu: fui eu que trouxe!

— Muito bem, pois eu aposto — de repente, Lizavieta Prokófievna se exaltou, completamente esquecida de que acabara de elogiar o príncipe —, pois eu aposto que o príncipe foi até lá, ontem, lá no sótão onde ele mora, e pediu perdão para ele de joelhos, para que aquele pestinha malévolo se

dignasse mudar para cá. Você não foi lá ontem? Ele mesmo confessou, agora há pouco. Sim ou não? Ficou de joelhos ou não?

— Ele não ficou de joelhos, nada disso — gritou Kólia. — Muito pelo contrário: ontem, o Ippolit agarrou a mão do príncipe e beijou duas vezes, eu mesmo vi, e com isso acabaram-se as explicações, só que o príncipe ainda falou, pura e simplesmente, que era melhor para ele ficar na datcha e, na mesma hora, ele concordou em se mudar, assim que ficasse melhor.

— Kólia, você não devia... — balbuciou o príncipe, enquanto se levantava e apanhava o chapéu. — Por que está contando isso, eu...

— Para onde vai? — Lizavieta Prokófievna o deteve.

— Não se preocupe, príncipe — prosseguiu Kólia, inflamado. — Não vá, não o perturbe, ele adormeceu com o cansaço da mudança; ele está muito contente; e fique sabendo, príncipe, que, a meu ver, vai ser muito melhor se o senhor não se encontrar com ele hoje, adie até amanhã, senão ele vai ficar confuso, outra vez. Mais cedo, de manhã, ele disse que já fazia meio ano que não se sentia tão bem e tão forte; está tossindo até três vezes menos.

O príncipe notou que Aglaia, de repente, saiu de onde estava e chegou perto da mesa. Ele não se atrevia a olhar para ela, mas sentia, com todo seu ser, que nos olhos negros dela, sem dúvida, havia indignação e que seu rosto estava “em chamas”.

— Pois já eu, Nikolai Ardaliónovitch, acho que você não devia tê-lo trazido para cá, se é aquele mesmo garoto tuberculoso que desatou a chorar e que convidou os outros para o seu enterro — objetou Evguiêni Pávlovitch. — Ele falou com tanta eloquência sobre o muro da casa vizinha que, sem dúvida nenhuma, vai acabar sentindo saudades daquele muro, pode ter certeza.

— Disse a verdade: vai se desentender, vai brigar com você e irá embora, e ponto-final!

E Lizavieta Prokófievna, com dignidade, puxou para si sua cesta de costura, esquecendo que todos estavam se levantando para passear.

— Eu quero lembrar que ele fez muito alarde sobre aquele muro — insistiu Evguiêni Pávlovitch, mais uma vez. — Sem aquele muro, ele não poderá morrer de forma eloquente, e ele deseja muito morrer de forma eloquente.

— E o que tem isso? — murmurou o príncipe. — Se o senhor não quiser perdoar, ele pode morrer sem o seu perdão... Agora, ele se mudou para cá por causa das árvores.

— Ah, da minha parte, eu perdoo tudo a ele; pode lhe dizer isso.

— Não é assim que se deve compreender a situação — retrucou o príncipe, em voz baixa e como que a contragosto, enquanto continuava a olhar para um ponto no chão, sem erguer os olhos. — É preciso que o senhor também aceite o perdão dele.

— Eu? Mas perdão de quê? Do que sou culpado, em relação a ele?

— Se o senhor não entende, então... mas o senhor compreende; naquela hora, ele queria... abençoar todos os senhores e também receber a bênção dos senhores, só isso...

— Prezado príncipe — emendou logo o príncipe Sch., com cautela, depois de trocar olhares com alguns dos presentes. — Não é fácil alcançar o paraíso na terra; e, apesar de tudo, em certa medida, o senhor está contando alcançar esse paraíso; príncipe, o paraíso é difícil, imensamente mais difícil do que parece ao seu belo coração. É melhor pararmos, senão vamos todos acabar confusos, mais uma vez, quem sabe, e aí...

— Vamos ouvir música — exclamou Lizavieta Prokófievna, em tom brusco, enquanto se erguia da cadeira com irritação. Atrás dela, todos se levantaram.

De repente, o príncipe se aproximou de Evguiêni Pávlovitch.

— Evguiêni Pávlovitch — disse ele, com um fervor estranho, segurando seu braço. — Tenha certeza de que eu considero o senhor a melhor pessoa, a mais nobre; apesar de tudo, tenha certeza disso...

Evguiêni Pávlovitch chegou a recuar um passo, de tanta surpresa. Por um instante, conteve um irresistível ataque de riso; porém, ao olhar mais de perto, percebeu que o príncipe parecia um tanto fora de si, ou pelo menos num estado incomum.

— Eu aposto, príncipe — gritou ele —, que o senhor não queria, absolutamente, dizer isso, e talvez não fosse tampouco para mim que desejava dizer... Mas o que há com o senhor? Está passando mal?

— Pode ser, é mesmo muito provável, e o senhor percebeu com muita agudeza que não era para o senhor que eu desejava dizer isso!

Em seguida, sorriu de modo um tanto estranho, e até ridículo, mas, de repente, pareceu se exaltar e exclamou:

— Não me faça lembrar o meu gesto de três dias atrás! Senti muita vergonha, nesses três dias... Eu sei que agi mal!

— Mas... mas o que foi que o senhor fez de tão horrível?

— Estou vendo que talvez o senhor sinta mais vergonha de mim do que todos os outros, Evguiêni Pávlovitch; o senhor ficou vermelho, isso é sinal

de bom coração. Eu já vou embora, tenha certeza disso.

— O que é que ele tem? Será que está começando um daqueles seus ataques? — assustada, Lizavieta Prokófievna se dirigiu a Kólia.

— Não ligue, Lizavieta Prokófievna, eu não vou ter um ataque; agora, estou indo embora. Eu sei que... fui prejudicado pela natureza. Vivi doente vinte e quatro anos, desde que nasci até os vinte e quatro anos de idade. Receba isso como algo dito por alguém que, também agora, continua doente. Eu vou embora em breve, tenha certeza. Eu não estou ruborizado, porque seria estranho ficar ruborizado por causa disso, não é verdade? Mas eu sou supérfluo, na sociedade... Não estou dizendo isso por vaidade... Andei pensando muito, nestes três últimos dias, e decidi que eu devia avisar a todos, com nobreza e sinceridade, na primeira chance. Existem certas ideias, existem ideias elevadas sobre as quais eu não devo falar, pois sem dúvida farei todos rirem; o príncipe Sch. me alertou sobre isso, agora mesmo... A minha conduta não é adequada, eu não tenho senso de medida; minhas palavras saem diferentes do que penso e as ideias não casam com as palavras, e isso é humilhante para aquelas ideias. Por isso, não tenho o direito... além do mais, eu sou muito cismado, eu... eu estou convencido de que, nesta casa, são incapazes de me fazer mal e me amam mais do que mereço, mas sei (e sei com certeza) que, depois de vinte anos de doença, há de restar algum vestígio, forçosamente, por isso é impossível não rirem de mim... às vezes... não é mesmo?

Ele pareceu ficar à espera de uma resposta e de uma decisão, enquanto corria os olhos à sua volta. Todos ficaram parados, em profunda perplexidade, diante daquele disparate inesperado, doentio e gratuito, ao que parecia, pelo menos. No entanto, tal disparate deu motivo a um episódio estranho.

— Para que o senhor está dizendo isso? — exclamou Aglaia, de repente.
— Para que o senhor está dizendo isso *para eles*? Para eles! Para eles!

Ela parecia estar no último grau de indignação: seus olhos disparavam faíscas. Parado à sua frente, o príncipe se mantinha mudo, sem voz e, de repente, empalideceu.

— Aqui, não há ninguém que mereça essas palavras! — explodiu Aglaia.
— Todos aqui, todos, não valem o seu dedo mindinho nem a sua inteligência nem o seu coração! O senhor é o mais honesto de todos, o mais nobre de todos, o melhor de todos, o mais bondoso de todos, o mais inteligente de todos! Aqui, há pessoas indignas de se abaixar e pegar o lenço que o senhor deixou cair, agora... Para que o senhor se humilha e se coloca abaixo de todos? Para que o senhor desfigurou tudo em si mesmo, por que não há orgulho no senhor?

— Meu Deus, quem poderia imaginar? — Lizavieta Prokófievna ergueu as mãos.

— O pobre cavaleiro! Hurra! — gritou Kólia, extasiado.

— Calem-se!... Como eles se atrevem a me ofender aqui na casa da senhora? — Aglaia, de repente, se atirou contra Lizavieta Prokófievna, já num estado de histeria, em que a pessoa não enxerga nenhum limite e ultrapassa todas as barreiras. — Para que todos me torturam, todos, sem exceção? Para que, príncipe, durante três dias inteiros, eles ficaram me importunando por causa do senhor? Eu não vou me casar com o senhor, em nenhuma hipótese! Fiquem sabendo: nunca, por nada neste mundo! Saibam disso! Por acaso é possível casar com alguém tão ridículo como o senhor? Olhe para si mesmo no espelho, veja como o senhor está agora!... Para quê, para que eles ficam me instigando a me casar com o senhor? O senhor deve estar sabendo disso! O senhor faz parte da conspiração!

— Ninguém jamais instigou você! — balbuciou Adelaida, assustada.

— Isso nunca passou pela cabeça de ninguém, nunca foi dita nenhuma palavra sobre isso! — gritou Aleksandra Ivánovna.

— Quem foi que a instigou? Quando a instigaram? Quem foi capaz de dizer isso para ela? Ou será que ela está delirando? — Lizavieta Prokófievna se dirigiu a todos, trêmula de raiva.

— Todos falaram, todos, sem exceção nenhuma, durante três dias seguidos! Eu nunca, nunca vou me casar com ele!

Depois de gritar aquilo, Aglaia se afogou em lágrimas amargas, cobriu o rosto com um lenço e desabou numa cadeira.

— Mas ele ainda não pediu você...

— Eu não pedi a senhora em casamento, Aglaia Ivánovna — o príncipe deixou escapar, de repente.

— O quê-ê? — exclamou Lizavieta Prokófievna, de repente, com surpresa, indignação e horror.

Ela nem conseguia acreditar nos próprios ouvidos.

— Eu queria dizer... eu queria dizer — o príncipe começou a tremer —, eu queria explicar para Aglaia Ivánovna... queria ter a honra de explicar que eu não tinha a mínima intenção... de ter a honra de pedir sua mão em casamento... mesmo em outra situação... Eu não tenho culpa de nada, juro, não tenho culpa, Aglaia Ivánovna! Eu jamais quis, nunca passou pela minha cabeça, nunca pensei nisso, a senhora mesma vai ver: tenha certeza disso! Alguma pessoa maldosa me caluniou para a senhora! Fique tranquila!

Enquanto falava, ele foi se aproximando de Aglaia. Ela baixou o lenço que cobria seu rosto, dirigiu os olhos para ele, para a figura do príncipe, muito assustado, deu-se conta do sentido das palavras dele e, de repente, cara a cara, soltou uma gargalhada sem disfarces — uma gargalhada tão alegre e irresistível, uma gargalhada tão divertida e zombeteira que Adelaida foi a primeira a não conseguir se conter, ainda mais depois de

olhar também para o príncipe, e se atirou na direção da irmã, abraçou-a e desatou a gargalhar, com a mesma risada juvenil e irreprimível de Aglaia. O príncipe, olhando para as duas, de súbito, começou a sorrir e, com expressão alegre e feliz, pôs-se a repetir:

— Puxa, graças a Deus, graças a Deus!

Nesse ponto, Aleksandra também não se conteve mais e soltou a gargalhada mais franca. Parecia que o riso das três não teria mais fim.

— Ora essa, que loucura! — balbuciou Lizavieta Prokófievna. — Uma hora assustam a gente e depois...

Mas já estavam rindo, também, o príncipe Sch. e Evguiêni Pávlovitch. Kólia gargalhava sem parar, bem como o príncipe, enquanto olhava para todos.

— Vamos passear, vamos passear! — gritou Adelaida. — Vamos todos juntos, e o príncipe tem de ir conosco, não pode deixar de ir; o senhor não tem nada que ir embora, o senhor é um encanto de pessoa! Como ele é encantador, Aglaia! Não é verdade, mamãe? Aliás, eu tenho, a todo custo, tenho de abraçá-lo e beijá-lo... pelo que ele disse, agora, para a Aglaia. *Maman*, querida, permita que eu lhe dê um beijo? Aglaia! Deixe-me beijar o *seu* príncipe! — gritou a mocinha travessa e, de fato, saltou para junto do príncipe e o beijou na testa. O príncipe agarrou seu braço, apertou com força — a tal ponto que Adelaida por pouco não deu um grito —, olhou para ela com infinita alegria e, de súbito, bem ligeiro, ergueu a mão de Adelaida até os lábios e a beijou três vezes.

— Vamos logo! — chamou Aglaia. — Príncipe, o senhor vai junto comigo. Pode ser, *maman*? Alguém que se negou a ser o meu noivo? Afinal, o senhor me rejeitou para sempre, não foi, príncipe? Não, assim não, me dê o braço, será que não sabe como se deve dar o braço a uma dama?

Olhe, é assim, vamos, nós dois vamos à frente de todos; o senhor não quer ir à frente de todos, tête-à-tête?

Ela falava sem parar, entre constantes explosões de riso.

— Graças a Deus! Graças a Deus! — insistia Lizavieta Prokófievna, sem saber, ela mesma, por que estava tão alegre.

“É uma gente bastante estranha!”, pensou o príncipe Sch., talvez já pela centésima vez, desde que se encontrara com eles, mas... gostava daquela gente estranha. No que dizia respeito ao príncipe, talvez não lhe agradasse tanto assim. O príncipe Sch. parecia um pouco aborrecido, como se estivesse preocupado, quando todos saíram para dar o passeio.

Evguiêni Pávlovitch parecia encontrar-se no estado de ânimo mais alegre possível e, por todo o caminho até o parque, divertiu Aleksandra e Adelaida, que riam de seus gracejos com uma presteza exagerada e peculiar, a tal ponto que logo ele passou a desconfiar de que elas talvez nem estivessem escutando suas palavras. Por efeito dessa ideia, sem explicar o motivo, de repente, por fim, ele soltou uma gargalhada extraordinária e absolutamente sincera (era assim sua personalidade!). De resto, as irmãs, que se encontravam num estado de ânimo bastante festivo, toda hora lançavam olhares para Aglaia e para o príncipe, que caminhavam à frente; era óbvio que a irmã caçula representava, para elas, um grande enigma. O príncipe Sch. tentava, o tempo todo, entabular conversa com Lizavieta Prokófievna sobre coisas irrelevantes, talvez para distraí-la, e deixou-a horrivelmente enfastiada. Ela parecia ter os pensamentos bastante desconexos, dava respostas despropositadas e, às vezes, não respondia nada. Mas os enigmas de Aglaia Ivánovna, naquela noite, ainda não haviam terminado. O último coube apenas ao príncipe. A uns cem passos da datcha, Aglaia, quase num sussurro, e falando rápido, disse ao seu cavaleiro, obstinadamente calado:

— Olhe só à direita.

O príncipe olhou.

— Observe com atenção. Está vendo aquele banco, no parque, lá onde estão aquelas três árvores grandes... o banco verde?

O príncipe respondeu que estava vendo.

— Gosta daquele lugar? Às vezes, bem cedo, mais ou menos às sete da manhã, quando todos ainda estão dormindo, eu fico ali sentada, sozinha.

O príncipe murmurou que o lugar era lindo.

— Mas agora se afaste de mim, não quero mais andar de braço dado. Ou melhor, ande de braço dado comigo, mas não me diga nada. Eu quero ficar só pensando...

Em todo caso, a advertência era inútil: mesmo sem o aviso, o príncipe, com certeza, durante todo o caminho, não diria mesmo nenhuma palavra. Seu coração batia terrivelmente na hora em que ouviu Aglaia falar do banco. Um minuto depois, ele caiu em si e, com vergonha, repeliu seus pensamentos absurdos.

No parque de Pávlovsk, nos dias úteis, como se sabe, ou pelo menos como todos afirmam, reúne-se um público “mais seleta” que aos domingos e feriados, quando “quaisquer pessoas” vão da cidade para lá. As roupas não são de gala, mas são elegantes. É agradável reunir-se ali para ouvir música. A orquestra talvez seja a melhor entre as que tocam em jardins públicos e, além do mais, executa peças novas. A distinção e o decoro são extraordinários, a despeito de certo aspecto geral de familiaridade e até de intimidade. Os conhecidos, todos veranistas, vão até o jardim para se encontrar. Para muitos, é um motivo de satisfação e a única razão de estarem ali; mas outros vêm apenas pela música.

Os escândalos são extremamente raros; se bem que ocorrem, na verdade, até nos dias úteis. Entretanto, sem isso, não há como viver.

Naquela ocasião, fazia uma noite linda e havia bastante público. Todos os assentos em torno da orquestra estavam ocupados. Nosso grupo se encontrava nas cadeiras situadas um pouco na lateral, perto da saída à esquerda do parque. A multidão e a música animaram um pouco Lizavieta Prokófievna e distraíram as jovens damas; elas tiveram tempo de trocar olhares com alguns conhecidos e, de longe, fazer cumprimentos amáveis com a cabeça, para outros; tiveram a chance de observar os trajes, notar certas extravagâncias, trocar comentários sobre isso e sorrir com ar jocoso. Evguiêni Pávlovitch, a todo instante, também fazia saudações. Aglaia e o príncipe, que continuavam juntos, já haviam despertado as atenções de várias pessoas. Alguns rapazes conhecidos logo se aproximaram da mãe e das jovens damas; dois ou três ficaram mais tempo para conversar; eram amigos de Evguiêni Pávlovitch. Entre eles, havia um jovem oficial muito bonito, muito alegre, muito falante; tratou logo de dirigir a palavra a Aglaia e tentou, com todas as forças, atrair sua atenção. Aglaia se mostrou muito benevolente com ele, e também risonha ao extremo. Evguiêni Pávlovitch pediu ao príncipe permissão para apresentá-lo àquele seu amigo; o príncipe mal conseguiu entender o que queriam dele, mas a apresentação foi feita, os dois se cumprimentaram com uma inclinação de cabeça e apertaram-se as mãos. O amigo de Evguiêni Pávlovitch fez uma pergunta, mas o príncipe, pelo visto, não respondeu, ou balbuciou algo para si mesmo, e de modo tão estranho que o oficial cravou o olhar no príncipe, em seguida olhou de relance para Evguiêni Pávlovitch e logo compreendeu para que seu amigo quis fazer aquela apresentação, quase sorriu e, mais uma vez, voltou-se para Aglaia. Só Evguiêni Pávlovitch percebeu que, naquele momento, de repente, Aglaia ficou ruborizada.

O príncipe nem chegava a notar, tampouco, que outros homens conversavam com Aglaia e lhe diziam galanteios; por instantes, o príncipe

até esquecia que estava sentado a seu lado. Às vezes, tinha vontade de ir embora para qualquer lugar, desaparecer dali por completo, e gostaria até de achar um local escuro, ermo, só para ficar sozinho com seus pensamentos, e para que ninguém soubesse onde estava. Ou gostaria, pelo menos, de estar em sua casa, na varanda, mas de modo que ninguém mais estivesse ali, nem Liébediev nem os filhos; estirar-se em seu sofá, afundar o rosto na almofada e ficar deitado, dessa forma, um dia, uma noite e mais um dia. Em certos momentos, sonhava com as montanhas, em especial com um ponto nas montanhas que ele conhecia bem, que ele sempre gostava de recordar e aonde adorava ir, quando morava lá, e, daquele ponto, ele olhava para o povoado lá embaixo, para o fio branco da cascata, que mal se distinguia, ao fundo, olhava para as nuvens brancas e para o velho castelo abandonado. Ah, como ele desejava estar lá, agora, e só pensar numa coisa — ah, e só nisso, a vida inteira —, e bastaria isso para ele viver mil anos! E não importava, não importava que todos ali se esquecessem dele. Ah, era até necessário, e até seria melhor se não o conhecessem em absoluto e se todas aquelas imagens não fossem mais do que um sonho. Porém tampouco fazia diferença se era sonho ou vigília! De vez em quando, de súbito, ele se punha a observar Aglaia e, durante cinco minutos, não desprendia o olhar de seu rosto; no entanto, seu olhar era estranho demais: olhava para ela como se fosse um objeto situado a duas verstas de distância, ou como se olhasse para um retrato de Aglaia, e não para ela mesma.

— Por que fica olhando tanto para mim, príncipe? — perguntou ela, de repente, interrompendo a conversa alegre e o riso que a rodeava. — Estou com medo do senhor; o tempo todo, tenho a impressão de que o senhor quer levantar a mão e tocar meu rosto com o dedo para apalpá-lo. Não é verdade que ele fica me olhando assim, Evguiêni Pávlovitch?

O príncipe escutou, pareceu surpreso de alguém lhe dirigir a palavra, talvez tenha compreendido, se bem que não de todo, e não deu resposta; porém, ao ver que ela e todos davam risadas, de súbito, abriu os lábios e começou, ele mesmo, a rir também. O riso ao redor aumentou; o oficial devia ser um homem de riso fácil e caiu na gargalhada. Aglaia, de repente, sussurrou para si mesma, com raiva:

— Idiota!

— Meu Deus! Será possível que ela escolheu esse... será que ela ficou totalmente louca?! — exclamou Lizavieta Prokófievna, consigo mesma.

— É uma brincadeira. É a mesma brincadeira de antes, a do “pobre cavaleiro” — sussurrou Aleksandra no seu ouvido, com firmeza. — Mais nada! À sua maneira, ela o apanhou de novo em seu anzol. Só que, dessa vez, a brincadeira foi longe demais. É preciso pôr um fim nisso, *maman!* Há pouco, ela se transfigurou em uma atriz, ela nos deixou assustadas só por diversão...

— Ainda bem que ela tomou por vítima esse idiota — sussurrou de volta Lizavieta Prokófievna. No entanto, o comentário da filha deixou a mãe aliviada.

O príncipe, contudo, ouviu que alguém o estava chamando de idiota, e estremeceu, mas não porque o chamavam de idiota. O “idiota”, ele logo esqueceu. Porém, na multidão, não distante do lugar onde ele estava sentado, um pouco na diagonal — ele não saberia apontar exatamente a direção nem o local —, um rosto surgiu de relance, um rosto pálido, de cabelos escuros e cacheados, com um sorriso e um olhar conhecidos, bem conhecidos, surgiu de relance e desapareceu. Podia muito bem ser só sua imaginação; de toda aquela aparição, restou apenas, em suas impressões, um sorriso crispado, uns olhos e uma gravata verde-clara e elegante, no pescoço de um cavalheiro que ele entreviu num lampejo. Se o cavalheiro

desapareceu na multidão ou esgueirou-se para o parque, o príncipe também não saberia dizer.

Porém, de súbito, um minuto depois, rápido e inquieto, ele se pôs a espreitar em redor: a primeira aparição podia ser o prenúncio e a antecessora de uma segunda. Havia de ser assim, com certeza. Como ele foi capaz de esquecer a possibilidade daquele encontro quando se dirigiu ao parque? Na verdade, enquanto caminhava rumo ao parque, parecia não ter a menor ideia de que ia para lá — tal era seu estado naquele momento. Se soubesse ou pudesse ser mais atento, um quarto de hora antes, o príncipe poderia ter notado que Aglaia, de vez em quando, também lançava olhares inquietos, fugazes, à sua volta, também parecia procurar algo. Agora, quando a inquietação do príncipe se fazia notar com veemência, aumentavam também a inquietação e a ansiedade de Aglaia, e bastava que ele olhasse para trás para ela, quase de imediato, olhar na mesma direção. Mas tais aflições logo chegaram a seu desenlace.

Da mesma saída lateral do parque, perto da qual se encontravam o príncipe e todo o grupo que acompanhava os Epantchin, de repente irrompeu uma verdadeira turba, pelo menos dez pessoas. À frente do bando, vinham três mulheres; duas eram incrivelmente bonitas e nada havia de estranho no fato de tantos admiradores se moverem atrás delas. Contudo, tanto as mulheres quanto os admiradores tinham todos algo de especial, completamente distinto do resto do público ali reunido para ouvir música. Foram logo notados por quase todos, porém a maioria tentava fingir que não tinha visto aquelas pessoas e apenas alguns jovens, se tanto, sorriram para elas, enquanto trocavam algum comentário, entre si, à meia-voz. Não ver aquelas pessoas era de todo impossível; claramente, elas mesmas faziam alarde de sua presença, falavam e riam alto. Era possível supor que muitos daquele bando estivessem embriagados, embora alguns usassem roupas

vistasas e elegantes; contudo, havia também pessoas de aspecto bastante estranho, com roupas estranhas, e rostos estranhamente afogueados; entre elas, havia alguns militares, havia os que já não eram jovens, havia alguns que se vestiam de modo confortável, em roupas folgadas e de corte elegante, com anéis e abotoaduras, com cabeleiras e suíças magníficas, pretas como azeviche, com rostos de fisionomia particularmente nobre, embora com certo ar de enfado, e eram desses tipos, aliás, que a sociedade se afastava como se foge da peste. Em nossa vida social dos subúrbios, é claro, também existem aqueles indivíduos que se distinguem pelo extraordinário decoro e que gozam de reputação bastante favorável; porém mesmo a pessoa mais cautelosa não está a salvo de ser atingida, em algum momento, por um tijolo que caia do prédio vizinho. Agora, esse tijolo estava prestes a cair, também, sobre o respeitável público ali reunido para ouvir música.

A fim de passar do parque para a área onde a orquestra se apresentava, era preciso descer três degraus. Junto àqueles degraus, a turba se deteve; aquelas pessoas não se decidiam a descer, mas uma das mulheres se adiantou aos demais; só dois de seu séquito se atreveram a segui-la. Um deles era um homem de meia-idade e aspecto bastante modesto, vestido de forma correta em todos os aspectos, mas que aparentava ser um inveterado solteirão das zonas rurais, ou seja, uma pessoa que não conhece ninguém e que ninguém conhece, tampouco. O outro, que não desgrudava de sua dama, era um completo maltrapilho, de aparência mais que duvidosa. Ninguém mais seguiu a dama excêntrica; no entanto, ao chegar ao pé da escada, ela nem olhou para trás, como se fosse de todo indiferente, para ela, se a estavam seguindo ou não. Ela ria bastante, e bem alto, como antes; vestia-se com requinte e bom gosto extraordinários, se bem que de modo um pouco mais ostensivo do que convinha. Passou ao lado da orquestra,

rumo ao lado oposto daquela praça, lá onde a carruagem de algum desconhecido aguardava alguém, parada na rua.

Fazia mais de três meses que o príncipe não a via. Desde sua chegada a Petersburgo, não se passou um dia sem que o príncipe pensasse em ir à casa dela; porém, quem sabe, um pressentimento misterioso o detinha. O príncipe, de fato, não conseguia sequer conceber a impressão que teria quando se visse diante dela e, assustado, às vezes, continuava tentando imaginar como seria. Só uma coisa estava clara: o encontro seria penoso. Ao longo daqueles seis meses, o príncipe várias vezes recordou a primeira sensação que o rosto daquela mulher produzira nele, ainda quando visto apenas num retrato; porém, e disso ele se lembrava, mesmo na impressão causada pelo retrato, já havia algo muito doloroso. Aquele mês vivido na província, em que quase não passou um dia sem vê-la, produzira nele um efeito horrível, a ponto de o príncipe, às vezes, repelir qualquer mera lembrança daqueles tempos, ainda recentes. Até no rosto daquela mulher havia sempre algo de aflitivo, para ele; numa conversa com Rogójin, o príncipe descreveu aquele sentimento como uma piedade infinita, e aquilo era verdade: mesmo num retrato, aquele rosto despertava, no coração do príncipe, todo o sofrimento da compaixão; tal impressão de compaixão, e até de sofrimento, por aquela criatura jamais abandonava seu coração. E não o abandonou, também, naquele momento. Ah, não, estava até mais forte. Entretanto, o príncipe ficou satisfeito com o que dissera para Rogójin; e só agora, no momento da repentina aparição dela, o príncipe compreendeu, talvez por efeito de uma sensação imediata, o que havia faltado em suas palavras para Rogójin. Faltaram palavras capazes de expressar o horror; sim, o horror! Agora, naquele minuto, ele estava sentindo o horror em sua plenitude; estava convicto, plenamente convicto, por motivos próprios, só seus, de que aquela mulher estava louca. Imagine

amar uma mulher mais que tudo no mundo, ou pressentir a possibilidade de tal amor e, de repente, ver essa mulher acorrentada, atrás de grades de ferro, sob a ameaça do porrete de um guarda — tal impressão seria um pouco parecida com a que o príncipe, agora, experimentava.

— O que há com o senhor? — sussurrou Aglaia, ligeiro, voltando o olhar para ele e puxando sua mão, com inocência.

O príncipe virou a cabeça para Aglaia, olhou para ela, fitou seus olhos negros, que, naquele instante, rebrilhavam de forma incompreensível para ele, tentou sorrir, mas, de súbito, como que momentaneamente esquecido da presença de Aglaia, voltou os olhos de novo para a direita e, mais uma vez, se pôs a acompanhar sua visão extraordinária. Naquele instante, Nastássia Filíppovna estava passando bem ao lado das cadeiras das jovens damas. Evguiêni Pávlovitch continuava a relatar alguma coisa, na certa, muito divertida e interessante para Aleksandra Ivánovna, falava rápido e animado. O príncipe percebeu que Aglaia, quase num sussurro, falou: “Que mulher mais...”.

Uma palavra vaga e inacabada; num instante, Aglaia se conteve e nada mais disse, porém aquilo já foi o bastante. Nastássia Filíppovna, que seguia em frente como se não notasse a presença de ninguém em particular, voltou-se, de repente, para o lado deles e deu a impressão de só então perceber a figura de Evguiêni Pávlovitch.

— Pu-u-uxa! Então aí está ele! — exclamou, e parou, de súbito. — Primeiro, nenhum mensageiro consegue encontrá-lo e, depois, como se fosse de propósito, ele aparece onde ninguém podia imaginar... E eu que achava que você estava lá... na casa do seu tio!

Evguiêni Pávlovitch ficou vermelho, olhou furioso para Nastássia Filíppovna, mas logo deu as costas para ela, outra vez.

— Como? Será que você não sabe? Ele ainda não sabe, imaginem só! O homem se matou com um tiro! Mais cedo, esta manhã, o seu tio se suicidou! Contaram-me há pouco, às duas horas; mas metade da cidade já está sabendo, agora; trezentos e cinquenta mil rublos do erário sumiram, é o que andam dizendo, mas outros falam em quinhentos. E eu que contava, o tempo todo, que ele ia deixar uma herança para você; torrou tudo. Era um velhote muito libertino... Bem, adeus, *bonne chance!*¹⁴⁰ Mas, então, não vai viajar até lá? Pois é, você pediu exoneração na hora certa, espertinho! Mas que tolice, você sabia, sabia de antemão: talvez já soubesse desde ontem...

Contudo, na provocação insolente, naquela proximidade e familiaridade, a rigor, inexistentes, encerrava-se um firme propósito, e disso, agora, já não podia haver a menor dúvida — entretanto, a primeira coisa em que Evguiêni Pávlovitch pensou foi numa forma de se desembaraçar e, para isso, fez de tudo para ignorar a mulher que o ofendia. Só que as palavras de Nastássia Filíppovna o atingiram com a força de um raio; ao saber da morte do tio, ficou pálido como um lenço e voltou-se para a portadora da notícia. Naquele instante, Lizavieta Prokófievna ergueu-se rapidamente, fez um gesto para que seu grupo se levantasse, junto com ela, e estava disposta a fugir dali correndo. Só que o príncipe Liev Nikoláievitch permaneceu mais um segundo em seu lugar, como que indeciso, e Evguiêni Pávlovitch continuou parado, de pé, ainda um pouco fora de si. Porém os Epantchin nem tiveram tempo de se afastar vinte passos, quando irrompeu um escândalo tremendo.

O oficial, grande amigo de Evguiêni Pávlovitch, que havia conversado com Aglaia, mostrou-se indignado, no mais alto grau.

— O necessário, aqui, é um bom chicote e mais nada, não há outro jeito de lidar com esse animal! — falou, quase aos gritos. (Parece que, havia já

algum tempo, ele era confidente de Evguiêni Pávlovitch.)

Nastássia Filíppovna virou-se para ele, como um relâmpago. Seus olhos chamejaram; ela se lançou na direção de um jovem, totalmente desconhecido para ela e que, a dois passos de distância, trazia na mão uma fina chibata de junco trançado, tomou-a dele e, com toda a força, na diagonal, fustigou em cheio o rosto de seu agressor. Tudo aquilo se passou num segundo... O oficial, sem dar por si, atirou-se contra ela; perto de Nastássia Filíppovna, já não se encontrava o seu séquito: o decente cavalheiro de meia-idade já conseguira evaporar-se por completo e o cavalheiro um pouco ébrio se mantinha à parte e ria até não poder mais. Um minuto depois, é claro, chegaria a polícia, porém, naquele instante, Nastássia Filíppovna passaria maus bocados se não tivesse recebido uma ajuda inesperada: o príncipe, que também se achava a dois passos dela, conseguiu segurar os braços do oficial, pelas costas. Após desvencilhar um braço, o oficial golpeou com força o peito do príncipe, que voou um passo ou dois para trás e tombou numa cadeira. Entretanto, outros dois defensores já haviam ocorrido para ajudar Nastássia Filíppovna. De pé, na frente do oficial agressor, estava o lutador de boxe, autor do artigo que o leitor já conhece e membro efetivo do antigo bando de Rogójin.

— Keller! Tenente da reserva — apresentou-se, cheio de si. — Se estiver disposto a lutar de mãos limpas, capitão, estou às suas ordens, em lugar de um membro do sexo frágil; eu sou treinado no boxe. Não me empurre, capitão; eu me solidarizo com a ofensa *de sangue*, só que não posso admitir a aplicação do direito do mais forte contra uma mulher, ainda mais diante dos olhos do público. Se, como convém a alguém no-o-obre, o senhor preferir outra maneira de agir, então... o senhor, é claro, deve estar me entendendo, capitão...

Mas o capitão já havia recuperado a razão e nem mais ouvia o que ele estava dizendo. Naquele momento, Rogójin irrompeu da multidão e, ligeiro, segurou o braço de Nastássia Filíppovna e a levou consigo. Rogójin parecia, também, muito perturbado, estava pálido e tremia. Enquanto conduzia Nastássia Filíppovna para longe dali, Rogójin, entretanto, ainda teve tempo de dar uma risada malévola na cara do oficial e exclamar, como um feirante que venceu uma disputa:

— Xô! O que conseguiu? Só sangue nas fuças! Xô!

Já de volta à razão e compreendendo com quem estava tratando, o oficial, delicadamente (aliás, ele cobriu o rosto com um lenço), voltou-se para o príncipe, que já se levantara da cadeira:

— É o príncipe Míchkin, ao qual tive o prazer de ser apresentado, há pouco?

— Ela está louca! Insana! Garanto ao senhor! — retrucou o príncipe, com voz tremida, enquanto, por algum motivo, estendia para ele as mãos trêmulas.

— Claro, eu não posso ter a pretensão de ter tais informações, porém eu preciso saber o nome do senhor.

Fez um cumprimento com a cabeça e se afastou. A polícia acudiu exatamente cinco segundos depois que o último personagem da cena havia desaparecido. De resto, o escândalo não durou mais que dois minutos. Algumas pessoas da plateia se ergueram de suas cadeiras e foram embora, outras apenas mudaram de lugar; outras, ainda, ficaram muito contentes com o escândalo; e outras, por fim, ficaram bastante interessadas e se puseram a conversar. Em suma, a questão terminou como de costume. A orquestra recomeçou a tocar. O príncipe foi atrás dos Epantchin. Se ele tivesse adivinhado, ou se tivesse tido tempo de lançar um olhar para a esquerda, quando tombara na cadeira depois de levar um safanão, teria visto

que Aglaia, a mais ou menos vinte passos dele, havia se detido para assistir à cena escandalosa, sem ouvir os apelos da mãe e das irmãs, que já seguiam mais adiante. O príncipe Sch., que acudira em seu encalço, acabou convencendo-a a ir embora, depressa. Lizavieta Prokófievna se deu conta de que Aglaia voltara para junto delas tomada por tamanha comoção que dificilmente poderia ouvir seus apelos. Entretanto, dois minutos depois, quando entraram no parque, Aglaia falou, com sua voz indiferente e volúvel de costume:

— Eu queria ver como a comédia ia terminar.

O incidente na praça da orquestra causou, na mãe e nas filhas, uma impressão que beirava o horror. Aflita e abalada, Lizavieta Prokófievna quase corria, junto com as filhas, ao longo de todo o percurso, do parque até sua casa. Em sua maneira de ver e entender, alguma coisa grave havia acontecido e se manifestado naquele incidente e, assim, em sua mente, apesar da desordem e do susto, já estavam germinando algumas ideias bem definidas. Entretanto, todos também compreendiam que ocorrera algo especial e que, talvez por um lance de sorte, algum mistério extraordinário começava a se revelar. Apesar das afirmações e explicações anteriores do príncipe Sch., agora, Evguiêni Pávlovitch tinha sido “posto a nu”, desmascarado, descoberto, e estavam “formalmente reveladas suas relações com aquela criatura”. Assim pensava Lizavieta Prokófievna, bem como as duas filhas mais velhas. Porém o fruto de tal conclusão era o acúmulo de mais enigmas. Embora, em parte, indignadas com o temor exagerado da mãe e com sua fuga tão ostensiva, as filhas, nos primeiros momentos de confusão, não quiseram perturbá-la com perguntas. Além do mais, por algum motivo, parecia a elas que a irmã caçula, Aglaia Ivánovna, talvez soubesse mais do que elas próprias e a mãe a respeito daquele caso. O príncipe Sch. também se mostrava sombrio como a noite e muito pensativo. Lizavieta Prokófievna não trocou nenhuma palavra com ele durante todo o

caminho, mas o príncipe Sch. parecia nem se dar conta daquilo. Adelaida experimentou perguntar a ele: “Que tio era esse de que falaram há pouco e o que foi que aconteceu em Petersburgo?”. No entanto, em resposta, com a fisionomia mais azeda, ele apenas murmurou algo muito vago sobre certas certidões, e que tudo aquilo, claro, não passava de um absurdo. “Disso não há dúvida!”, respondeu Adelaida, e já não perguntou mais nada. Por sua vez, Aglaia se encontrava extraordinariamente tranquila e apenas comentou, no caminho, que eles estavam correndo demais. A certa altura, ela se virou e viu o príncipe, que tentava alcançá-los. Ao perceber seu esforço para alcançá-los, Aglaia sorriu, zombeteira, e não olhou mais para ele.

Enfim, Ivan Fiódorovitch, que acabara de regressar de Petersburgo, veio ao encontro delas quando já se aproximavam da datcha. Logo às primeiras palavras, pediu notícias sobre Evguiêni Pávlovitch. Entretanto, a esposa passou direto por ele, sem responder e sem mesmo olhar para o marido. Pelos olhos das filhas e do príncipe Sch., o general logo deduziu que, em casa, havia tempestade. Porém, mesmo antes disso, seu rosto, por si só, refletia uma espécie de inquietação fora do comum. Sem demora, tomou o príncipe Sch. pelo braço, parou na entrada da casa e, quase num sussurro, trocou algumas palavras com ele. Pelo aspecto alarmado de ambos, quando passaram para a varanda e seguiram na direção de Lizavieta Prokófievna, parecia que os dois tinham recebido alguma notícia chocante. Pouco a pouco, todos acabaram se reunindo nos aposentos de Lizavieta Prokófievna, no primeiro andar, enquanto, na varanda, restou apenas o príncipe. Estava sentado num canto, como que à espera de alguma coisa, embora ele mesmo não soubesse o quê. Ao ver o tumulto na casa, nem passou por sua cabeça ir embora; parecia ter esquecido o universo todo, parecia disposto a permanecer quieto, parado, mesmo por dois anos inteiros, a despeito de onde o pusessem. De cima, às vezes, chegavam a seus ouvidos os ecos de

uma conversa conturbada. Ele mesmo não sabia dizer quanto tempo ficara ali. As horas foram passando, ficou tarde, totalmente escuro. Na varanda, de repente, apareceu Aglaia; tinha o semblante calmo, embora um pouco pálido. Ao topar com o príncipe, a quem ela “obviamente não esperava” encontrar ali, numa cadeira, num canto, Aglaia sorriu, como se estivesse perplexa.

— O que o senhor está fazendo aqui? — aproximou-se dele.

O príncipe murmurou algo, sentiu-se confuso e saltou da cadeira; mas Aglaia logo sentou a seu lado e ele fez o mesmo. Ela olhou para o príncipe, mas com atenção, em seguida olhou para a janela, como se não estivesse pensando em nada, depois, mais uma vez, olhou para ele. “Talvez ela esteja com vontade de rir”, pensou o príncipe. “Mas, não, senão já estaria rindo.”

— Quem sabe o senhor quer chá? Eu posso pedir — disse Aglaia, após um breve silêncio.

— N-não... Eu não sei...

— Ora, como pode não saber? Ah, sim, escute: se alguém desafiasse o senhor para um duelo, o que o senhor faria? Eu estava querendo perguntar isso, mais cedo.

— Mas... quem... ninguém vai me desafiar para um duelo.

— Sei, mas e se desafiassem? Ficaria muito assustado?

— Acho que eu teria muito... muito medo.

— Sério? Então o senhor é covarde?

— N-não, acho que não. Covarde é quem tem medo e foge; mas quem tem medo e não foge ainda não é covarde — sorriu o príncipe, depois de refletir um pouco.

— Mas o senhor não fugiria?

— Talvez eu não fugisse — e, por fim, desatou a rir, com as perguntas de Aglaia.

— Apesar de ser mulher, eu não fugiria, por nada neste mundo — declarou, com uma ponta de despeito. — Entretanto, o senhor precisa mesmo rir de mim e fazer suas caretas de costume a fim de parecer que é mais interessante; diga: em geral, atiram a doze passos de distância? Alguns atiram a dez passos? Portanto, nesse caso, é certo que um dos dois acaba morto ou ferido, não é?

— Nos duelos, é raro alguém ser alvejado.

— Raro, como? Não mataram o Púchkin?

— Pode ter sido um acidente.

— Não foi acidente nenhum; houve um duelo de morte e ele foi morto.

— A bala atingiu um ponto tão baixo que, com certeza, D’Anthès¹⁴¹ apontou mais acima, no peito ou na cabeça; ninguém mira no ponto onde a bala acertou, portanto, a bala atingiu Púchkin por mero acaso, foi uma bala perdida. Pessoas entendidas do assunto me disseram isso.

— Pois um soldado com quem conversei certo dia me contou que, quando os soldados formam a linha de tiro, segundo o regulamento, eles têm ordem de mirar na metade do homem; é assim que eles falam: “metade do homem”. Portanto, não é no peito nem na cabeça, mas a ordem é mesmo atirar na metade do homem. Depois eu perguntei para um oficial e ele disse que é verdade, é isso mesmo.

— É verdade, sim, por causa da grande distância.

— E o senhor sabe atirar?

— Eu nunca dei um tiro.

— Mas não sabe nem carregar uma pistola?

— Não sei. Ou melhor, eu tenho uma ideia de como se faz, mas eu mesmo jamais carreguei uma pistola.

— Pois então quer dizer que não sabe, porque, no caso, é preciso ter prática! Escute bem e aprenda: primeiro, compre uma boa pólvora de

pistola. Não pode estar molhada (dizem que tem de estar bem seca, molhada não pode), do tipo fininha, sabe, é essa que o senhor vai pedir, e não a pólvora que usam nos canhões. Quanto à bala, dizem que a própria pessoa pode fundir. O senhor não tem pistolas?

— Não, e nem preciso — riu o príncipe, de repente.

— Ah, mas que absurdo! Compre já, sem falta, uma pistola boa, francesa ou inglesa, dizem que são as melhores. Depois, pegue um dedal de pólvora, podem ser dois, e despeje no cano da pistola. É melhor pôr um pouco mais. Soque bem com feltro (dizem que tem de ser feltro, sei lá por quê), o senhor pode tirar um pedaço de feltro de qualquer lugar, de algum colchão ou de alguma porta, às vezes as portas são forradas com feltro. Depois que bater bem com o feltro, introduza a bala... preste bem atenção, a bala depois, a pólvora primeiro, senão a pistola não vai disparar. Do que está rindo? E eu quero que o senhor atire várias vezes, todos os dias, e aprenda a acertar o alvo, sem errar nunca. Vai fazer isso?

O príncipe deu uma risada; Aglaia, aborrecida, bateu com o pé no chão. Suas feições sérias, naquela conversa, deixaram o príncipe um pouco surpreso. Em parte, sentia que ele tinha de descobrir algo, perguntar alguma coisa — pelo menos, indagar a respeito de algo um pouco mais sério do que como carregar uma pistola. Porém tudo se evaporou de sua cabeça, exceto o fato de que ela estava na sua frente; o príncipe olhava para Aglaia, e o que quer que ela falasse ou deixasse de falar, naquele momento, seria, para ele, de todo indiferente.

Por fim, o próprio Ivan Fiódorovitch desceu à varanda; ia sair, sabe-se lá para onde, e o rosto tinha uma expressão carregada, aflita e resoluta.

— Ah, Liev Nikoláitch, é você... Para onde está indo? — perguntou, embora Liev Nikoláievitch nem de longe pensasse em sair de onde estava.
— Vamos juntos, eu tenho duas ou três coisas para lhe dizer.

— Até logo — disse Aglaia, e estendeu a mão para o príncipe.

Na varanda, já estava bastante escuro e, naquele momento, o príncipe não distinguia com clareza o rosto de Aglaia. Um minuto depois, quando ele e o general já estavam saindo da datcha, o príncipe, de súbito, ficou muito vermelho e cerrou com força o punho direito.

Aconteceu que Ivan Fiódorovitch tinha de tomar o mesmo caminho que o príncipe; apesar de já ser tarde, Ivan Fiódorovitch tinha pressa de se encontrar com alguém para tratar de algum assunto. Porém, no caminho, pôs-se a conversar com o príncipe, falava ligeiro, com agitação, de modo bastante desconexo, mencionando muitas vezes Lizavieta Prokófievna. Se, naquele momento, o príncipe fosse capaz de prestar mais atenção, talvez percebesse que Ivan Fiódorovitch desejava, discretamente, descobrir alguma coisa por intermédio dele, ou, melhor dizendo, perguntar-lhe algo de forma direta e franca, porém não conseguia chegar ao ponto principal. Para sua vergonha, o príncipe estava a tal ponto distraído que, já desde o início, não escutava coisa alguma e, quando o general se deteve à sua frente e fez qualquer indagação premente, o príncipe se viu obrigado a confessar que não estava prestando atenção.

O general encolheu os ombros.

— Todos vocês se tornaram pessoas muito estranhas, em todos os aspectos — comentou, quando voltou a falar. — Eu estou lhe dizendo que não entendo, absolutamente, as ideias e a perturbação da Lizavieta Prokófievna. Ela anda histérica, chora e fala que nos cobriram de vergonha e de infâmia. Quem? Como? Para quem? Quando e por quê? Admito que eu tenho culpa (isso eu reconheço), muita culpa, mas as impertinências daquela... mulher inquieta (e que, ainda por cima, se comporta mal) podem ser contidas pela polícia, afinal de contas, e eu tenho mesmo a intenção de encontrar e prevenir, daqui a pouco, certa pessoa a respeito disso. Tudo

pode ser feito de modo discreto, de mansinho e até carinhosamente, com a ajuda de certos conhecimentos, e tudo sem o menor escândalo. Admito, também, que o futuro é repleto de acontecimentos e de muita coisa inexplicável; e, no caso, também há uma intriga em curso; porém, se uma pessoa, aqui, não sabe de nada, outra, lá, nada saberá explicar, tampouco; se eu nada ouvi falar, o outro também não, e uma quinta pessoa tampouco nada soube, e assim eu lhe pergunto, afinal de contas, quem é que sabe? Como explicar isso, no seu modo de ver, senão afirmando que se trata de uma espécie de miragem, de algo que não existe, semelhante, por exemplo, à luz da lua... ou de outras fantasias?

— *Ela* está louca — murmurou o príncipe, depois de lembrar, de súbito e dolorosamente, tudo o que ocorrera mais cedo.

— Sim, se você quiser definir numa palavra, e se você estiver se referindo àquela mulher. A mesma ideia também me ocorreu, em parte, e assim eu consegui dormir sossegado. Mas agora eu vejo que a opinião dos outros é mais correta e não creio na loucura. A mulher é uma desatinada, eu posso admitir, mas, mesmo assim, longe de ser insana, ela se mostra até bem arguta. A extravagância de hoje, com o Kapiton Alekséitch, comprova isso de sobra. Da parte dela, foi uma trapaça, ou seja, uma ação quase jesuítica, e para seus próprios fins.

— Que Kapiton Alekséitch?

— Ah, meu Deus, Liev Nikoláitch, você não escutou nada? Eu comecei falando com você a respeito do Kapiton Alekséitch; fiquei tão chocado que até agora as minhas pernas e os meus braços chegam a tremer. Foi por isso que, hoje, fiquei até tarde lá na cidade. O Kapiton Alekséitch Radómski é o tio do Evguiêni Pávlitch...

— Puxa! — exclamou o príncipe.

— Matou-se com um tiro de manhã, ao nascer do sol, às sete horas. Um velhote respeitável, setenta anos, epicurista... e ocorreu exatamente o que ela disse: um desfalque no erário, uma quantia considerável!

— E de onde ela...

—... obteve a informação? Ha-ha! Acontece que, assim que ela apareceu, já se formou à sua volta um verdadeiro estado-maior. Você sabe quais são as pessoas que a visitam agora, e procuram ter “a honra de conhecê-la”. Naturalmente, mais cedo, ela pode ter recebido a notícia de pessoas que chegaram de Petersburgo, porque, agora, a cidade inteira já está sabendo, bem como meia Pávlovsk, ou até Pávlovsk inteira. Mas que observação mais arguta ela fez, a respeito do tal uniforme, pelo que me contaram, ou seja, sobre o fato de Evguiêni Pávlovitch ter pedido baixa num momento bem oportuno! Que insinuação infernal! Não, uma louca não diria tal coisa. Claro, eu me recuso a crer que Evguiêni Pávlovitch pudesse saber de antemão acerca da catástrofe, ou seja, que em tal dia, às sete horas da manhã etc. Porém ele podia prever tudo isso. E eu e você e o príncipe Sch., todos nós, achávamos que ele ia receber também essa herança! Que horror! Que horror! Entretanto, entenda, eu não estou acusando o Evguiêni Pávlvitch de nada e me apresso a explicar logo isso para você, mas, mesmo assim, apesar de tudo, tem algo suspeito. O príncipe Sch. ficou extremamente impressionado. Tudo isso sobreveio de forma um tanto estranha.

— Mas o que há de suspeito no comportamento do Evguiêni Pávlvitch?

— Nada! Ele se portou da maneira mais nobre. Eu não estava insinuando nada. Ele tem, de pleno direito, a posse de sua fortuna pessoal, eu creio. A Lizavieta Prokófievna, é claro, não quer nem ouvir falar dele... Mas o principal é que todas essas catástrofes de família ou, melhor dizendo, todas essas desavenças, e a gente nem sabe mais como chamar isso... Você, Liev

Nikoláievitch, a rigor, é um amigo da família, pois então imagine só se agora, de repente, for revelado, mesmo que não seja exato, que o Evguiêni Pávlicht, mais de um mês atrás, pediu a mão de Aglaia e recebeu dela uma negação formal.

— Não pode ser! — exclamou o príncipe, com veemência.

— Será que você não sabe de alguma coisa? Veja, está tremendo — o general ficou espantado, alvoroçado, e parou de repente, como se seus pés tivessem fincado no chão. — Pode ser que eu tenha falado com você de forma leviana e inadequada, mas isso é porque você... você... como posso dizer... é uma pessoa diferente. Será que você sabe de alguma coisa importante?

— Eu não sei de nada... sobre o Evguiêni Pávlicht — murmurou o príncipe.

— Eu também não sei! Para mim, meu caro... é claro, querem cavar um buraco na terra e me sepultar de uma vez, e também não querem saber como isso é doloroso para uma pessoa e muito menos que eu não vou suportar tal coisa. Agora há pouco, houve uma cena que foi um horror! Eu estou falando para o senhor como se fosse o meu filho. O principal é que Aglaia parece estar zombando da própria mãe. A questão é que, ao que parece, ela rejeitou o Evguiêni Pávlicht um mês atrás e que houve, entre os dois, uma conversa bastante formal, foi o que as irmãs nos deram a entender, em forma de conjectura... aliás, uma conjectura bem plausível. Só que se trata de uma invenção tão arbitrária e fantástica que nem dá para explicar! Todas as virtudes, todas as brilhantes qualidades do coração e da mente, tudo isso ela tem, eu admito, mas também tem caprichos, sarcasmos... numa palavra, um caráter diabólico e infestado de fantasias. Agora, ela zomba na cara da própria mãe, das irmãs, do príncipe Sch.; de mim, então, nem se fala, é bem raro o dia em que ela não zomba de mim,

mas o que sou eu, afinal? Sabe, eu amo a minha filha, gosto até que ela zombe de mim... e parece que aquela capetinha gosta de mim justamente por causa disso, quer dizer, gosta de mim mais que dos outros, ao que parece. Eu aposto que ela também já zombou de você, por alguma razão qualquer. Eu encontrei vocês dois conversando, agora há pouco, logo depois da tempestade, no primeiro andar. Ela estava ali com você como se não tivesse acontecido nada.

O príncipe ficou horrivelmente vermelho e cerrou o punho direito, mas ainda se manteve calado.

— Meu bom e caro Liev Nikoláitch! — disse o general, de repente, com veemência. — Eu... e também a própria Lizavieta Prokófievna (que, aliás, voltou a falar cobras e lagartos de você, e de mim também, e por sua causa, mas nem eu sei o motivo), nós dois, apesar de tudo, gostamos de você, e gostamos sinceramente, e o respeitamos, e isso apesar de todas as aparências em contrário. Mas você mesmo há de convir, meu caro amigo, que saber de um mistério como esse, e saber de um tal desgosto, tão de repente, bem na hora em que aquela capetinha de sangue-frio (pois ela ficou parada na frente da mãe, com o ar do mais profundo desprezo por todas as nossas perguntas e, sobretudo, por mim, porque eu, que o diabo me carregue, eu fiz uma estupidez, inventei de mostrar severidade, uma vez que sou o chefe da família... pois bem, eu fiz uma tolice), aquela capetinha de sangue-frio, de repente, declarou, com ar de ironia, que aquela “louca” (foi assim que ela se expressou, e eu achei estranho ter usado a mesma palavra que você: “Será possível que, até agora, vocês não conseguiram perceber?”), que aquela louca “meteu na cabeça a ideia de me casar, a todo custo, com o príncipe Liev Nikoláitch e, para isso, está tentando dar um jeito de afastar o Evguiêni Pávlovitch da nossa casa...”. E foi só o que ela disse, não deu mais nenhuma explicação, soltou umas gargalhadas,

enquanto nós ficamos ali de boca aberta e ela foi embora, batendo a porta com força. Depois, me contaram o ocorrido pouco antes, com ela e com você... e... e... Escute, meu caro príncipe, você não é uma pessoa que se ofenda à toa, é muito sensato, eu já notei isso em você, mas... não se irrite: juro, ela está zombando de você. Como faz uma criança. Portanto, não fique zangado com ela, mas é exatamente assim. Não pense mal dela... está apenas fazendo você de bobo, e a todos nós também, por pura falta do que fazer. Bem, adeus! Você conhece os nossos sentimentos? Os nossos sentimentos sinceros por você? Eles são inabaláveis, nunca e por nada... mas... agora eu tenho de seguir para este lado, até logo! Poucas vezes na vida me senti tão perdido, tão fora do meu prato¹⁴² (não é assim que dizem?), como eu me sinto agora... Ai, que férias na datcha!

Ao se ver sozinho na esquina, o príncipe olhou em redor, atravessou a rua depressa, chegou perto da janela iluminada de uma datcha, desenrolou o papelzinho que, durante todo o tempo da conversa com Ivan Fiódorovitch, trazia bem apertado na mão direita e, aproveitando um fraco raio de luz, leu:

Amanhã, às sete da manhã, eu estarei no banco verde, no parque, e vou esperar o senhor. Decidi conversar com o senhor sobre um assunto extremamente importante, que diz respeito diretamente ao senhor.

P.S. Espero que não mostre este bilhete para ninguém. Embora eu me envergonhe de escrever tal advertência para o senhor, ponderei que o senhor merece, e escrevi... ruborizada de vergonha, por causa do seu caráter ridículo.

PP. SS. É aquele mesmo banco verde que mostrei para o senhor, mais cedo. O senhor devia se envergonhar! Por eu ser obrigada a escrever isto, também!

O bilhete fora escrito às pressas e dobrado de qualquer jeito, muito provavelmente um minuto antes de Aglaia entrar na varanda. Numa comoção indescritível, semelhante a um susto, o príncipe apertou o papelzinho na mão, outra vez, e afastou-se logo da janela e da luz, como um

ladrão que foge apavorado; mas então, naquele movimento afoito, esbarrou em cheio em um cavalheiro que apareceu, de repente, bem às suas costas.

— Eu estou seguindo o senhor, príncipe — disse o cavalheiro.

— Keller, é o senhor? — exclamou o príncipe, espantado.

— Estou procurando o senhor, príncipe. Estava à sua espera na datcha dos Epantchin... Claro, eu não podia entrar. Eu vim atrás do senhor, enquanto o senhor caminhava com o general. Estou às suas ordens, príncipe, disponha de Keller. Estou pronto a me sacrificar e até a morrer, se necessário.

— Mas... por quê?

— Bem, com certeza, virá o desafio para um duelo. Aquele tenente Molovtsov, eu o conheço, quer dizer, não pessoalmente... ele não vai engolir essa afronta. Gente como nós, quer dizer, eu e o Rogójin, claro, ele tende a tomar como ralé, e talvez seja até merecido... e, dessa forma, é o senhor sozinho que vai ter de responder por isso. Alguém tem de pagar a conta, príncipe. Ele pediu informações sobre o senhor, eu soube, e com certeza amanhã mesmo um amigo dele vai visitar o senhor, talvez até já esteja lá, à sua espera. Se me der a honra de me escolher como seu padrinho, estarei às ordens, estou disposto até a usar o gorro vermelho;¹⁴³ por isso eu vim atrás do senhor, príncipe.

— Então o senhor também veio me falar de um duelo! — De repente, o príncipe deu uma risada, para enorme surpresa de Keller. E o príncipe riu às gargalhadas. Keller, que, de fato, até então, parecia estar pisando em ovos, enquanto não visse satisfeita sua intenção de ser o padrinho do príncipe no duelo, sentiu-se quase ultrajado diante das divertidas gargalhadas do príncipe.

— Afinal, príncipe, o senhor o segurou pelos braços. Para uma pessoa nobre, e ainda mais em público, isso é difícil de tolerar.

— Mas ele me deu um murro no peito! — gritou o príncipe, rindo. — Não há motivo nenhum para brigarmos! Eu vou pedir desculpas para ele, e pronto. Mas, se for para duelar, que se faça o duelo! Deixe que ele atire; eu até desejo mesmo isso. Ha-ha! Agora eu já sei carregar uma pistola! Sabia que, há pouco, me ensinaram como se carrega uma pistola? Keller, o senhor sabe carregar uma pistola? Primeiro, é preciso comprar pólvora de pistola, não pode estar molhada nem ser grossa, como a que se usa nos canhões; depois, coloque a pólvora no cano; primeiro, pegue um pedaço de feltro em algum lugar, tire do forro de uma porta, por exemplo, e depois introduza a bala, mas primeiro coloque a pólvora, senão a arma não vai disparar. Escutou bem, Keller? Senão a arma não vai disparar. Ha-ha! Não é uma razão maravilhosa, meu amigo Keller? Ah, Keller, sabe, eu agora vou beijar e abraçar o senhor. Ha-ha-ha! Como foi que o senhor apareceu daquele jeito, de uma hora para outra, na frente dele? Venha me visitar o quanto antes, para tomarmos champanhe. Vamos nos embriagar! Sabia que eu tenho doze garrafas de champanhe na casa do Liébediev, na adega? O Liébediev me vendeu “a preço de ocasião”, anteontem, um dia depois de eu chegar à casa dele, e eu comprei todas as garrafas! Eu vou reunir todo mundo lá! O senhor vai dormir esta noite?

— Ora, como em qualquer noite, príncipe.

— Certo, então tenha bons sonhos! Ha-ha!

O príncipe atravessou a rua e desapareceu no parque, deixando Keller um tanto desconcertado e imerso em pensamentos. Nunca tinha visto o príncipe num estado de ânimo tão estranho e, até então, não podia imaginar nada parecido.

“Deve estar com febre, pois é um homem de nervos fracos e tudo isso abala qualquer pessoa, mas, claro, ele não vai se acovardar. São pessoas assim que não se acovardam, é verdade!”, pensou Keller. “Hum, e o

champanhe? Mas que notícia interessante. Doze garrafas, uma dúzia; nada mau, uma guarnição de peso. E eu aposto que o Liébediev recebeu esse champanhe como penhor em troca de um empréstimo. Hum... mas esse príncipe é mesmo bastante gentil; sério, eu adoro gente assim; mas não há tempo a perder... e, se há champanhe, a hora é essa...”

Que o príncipe parecia febril, isso, claro, era correto.

O príncipe ficou vagando pelo parque muito tempo e, por fim, “deu por si” perambulando por uma alameda. Em sua consciência, restava a lembrança de que já havia percorrido aquela alameda trinta ou quarenta vezes, indo e voltando, desde o banco até uma árvore velha, alta e imponente, a apenas cem passos de distância. Mesmo se quisesse, não seria capaz de lembrar o que pensou ali no parque, onde já estava havia pelo menos uma hora. Contudo, topou com uma ideia que o fez rir de repente. Embora não houvesse do que rir, mesmo assim, o príncipe teve vontade de rir. Imaginou que a conjectura do duelo podia ter nascido não apenas da cabeça de Keller e que, portanto, a história de como carregar uma pistola talvez não fosse acidental... “Ora!”, ele se deteve, de repente, assaltado por outra ideia: “Agora há pouco, ela desceu à varanda quando eu estava num canto, sentado, e ficou muito surpresa de me ver ali e... riu muito... começou a falar do chá; e, naquela hora, ela já trazia este papelzinho na mão, portanto, ela já sabia, com certeza, que eu estava na varanda, mas então por que se mostrou surpresa? Ha-ha-ha!”

Tirou o bilhete do bolso e o beijou, mas logo se deteve e começou a refletir.

“Como é estranho! Como é estranho!”, exclamou, um minuto depois, até com certa tristeza: nos intensos momentos de sensação de alegria, ele sempre ficava triste, e nem mesmo sabia por quê. Olhou em redor, com toda a atenção, e se admirou de estar naquele lugar. Sentia-se muito cansado, foi

até o banco e sentou-se. Em volta, havia um silêncio extraordinário. Na área de concertos, a música já havia terminado. No parque, talvez não houvesse mais ninguém; claro, já passava de onze e meia. Fazia uma noite serena, quente, clara — uma noite típica de Petersburgo no início de junho, mas o parque tinha vegetação densa, com muitas sombras e, na alameda onde ele se encontrava, estava quase completamente escuro.

Naquele momento, se alguém lhe dissesse que estava apaixonado, tomado por uma paixão amorosa, o príncipe, com espanto, repudiaria tal ideia, talvez até com indignação. Se alguém, além disso, acrescentasse que o bilhete de Aglaia era um bilhete de amor, escrito para marcar um encontro amoroso, ele ficaria vermelho de constrangimento, não teria a menor sombra de dúvida nem admitiria nenhum pensamento “dúbio” sobre a simples possibilidade de qualquer amor por ele, da parte daquela moça, ou mesmo de algum amor da parte dele por aquela moça. A possibilidade de algum amor por ele, por “alguma pessoa como ele”, o príncipe tomaria como algo monstruoso. Tinha impressão de que se tratava de mera travessura da parte dela, se é que havia mesmo algo de real, no caso. Porém, de certo modo, ele se sentia, no fundo, indiferente demais com tal travessura, a qual, aliás, em sua opinião, encaixava-se à perfeição na ordem natural das coisas; ele mesmo estava preocupado, e apreensivo, com algo bem diferente. Acreditava plenamente nas palavras que o general, comovido, deixara escapar pouco antes, quando dissera que Aglaia estava zombando de todos, sobretudo do pai e do príncipe. A respeito daquilo, o príncipe não percebia o menor traço de ofensa; na sua opinião, assim devia ser. Para o príncipe, o mais importante era que, no dia seguinte, ele a veria de novo, de manhã cedo, sentaria a seu lado no banco verde, escutaria a explicação de como carregar uma pistola, e olharia para ela. O príncipe não precisava de mais nada. A questão do que seria aquilo que Aglaia tinha a

intenção de lhe contar, de que assunto tão importante poderia ter ela para discutir e de como aquilo lhe diria respeito só passou pela cabeça do príncipe uma ou duas vezes, e, mesmo assim, de modo fugaz. De outro lado, o príncipe não duvidava nem por um minuto da existência daquele “assunto importante”, motivo do encontro, só que agora ele quase não pensava naquele assunto importante nem sentia mesmo a mínima vontade de pensar naquilo.

Um som de passos leves na areia da alameda obrigou o príncipe a erguer a cabeça. Uma pessoa, cujo rosto era difícil distinguir, no escuro, aproximou-se do banco e sentou-se a seu lado. O príncipe, rapidamente, chegou bem perto, quase encostou na pessoa, e identificou o rosto pálido de Rogójin.

— Eu bem sabia que você estava perambulando por aqui, nem tive de procurar muito tempo — murmurou Rogójin, entre os dentes.

Era a primeira vez que os dois se viam desde o encontro no corredor da taberna. Impressionado com a aparição repentina de Rogójin, o príncipe não conseguiu, por algum tempo, ordenar os pensamentos, e uma sensação dolorosa renasceu em seu coração. Rogójin, obviamente, entendia a impressão que havia despertado; no entanto, embora tivesse ficado confuso, no início, falou com um desembaraço que, à primeira vista, pareceu um tanto artificial, mas o príncipe logo concluiu que não havia nele nada de artificial nem qualquer traço de constrangimento: se existia algum embaraço em seus gestos e em sua fala, era apenas aparente; no fundo, aquele homem não podia ser diferente do que era.

— Como você... me encontrou aqui? — perguntou o príncipe, para dizer alguma coisa.

— O Keller me contou (eu passei na sua casa): “ele foi ao parque”. Eu pensei: bom, então é isso.

— “É isso” o quê? — alarmado, o príncipe retomou as palavras que Rogójin deixara escapar.

Rogójin sorriu, mas não deu nenhuma explicação.

— Eu recebi a sua carta, Liev Nikoláitch; está fazendo tudo isso à toa... trabalho jogado fora!... Mas agora eu vim da parte *dela* para falar com você: ela me mandou chamar você, a todo custo; tem uma coisa que precisa muito lhe dizer. E ela pediu que você fosse lá hoje mesmo.

— Vou amanhã. Agora, eu vou para casa; você... vem comigo?

— Para quê? Eu já disse tudo; adeus.

— Então, não vai à minha casa? — perguntou o príncipe, em voz baixa.

— Você é uma pessoa esquisita, Liev Nikoláitch, não há como a gente não se admirar com você.

Rogójin sorriu, mordaz.

— Por quê? De onde veio toda essa sua raiva de mim agora? — retrucou o príncipe, em tom triste e com fervor. — Afinal, agora, você mesmo sabe que tudo o que você pensava é falso. E, no entanto, eu achava, de fato, que a sua raiva de mim não havia passado até hoje, e sabe por quê? Porque você já tentou me agredir e é por isso que a sua raiva não vai passar. Eu estou dizendo a você que me lembro daquele Parfion Rogójin de quem me tornei irmão, naquele dia, quando trocamos nossas cruces; eu escrevi sobre isso, para você, na carta de ontem, disse para você tirar da cabeça todo esse delírio e não começar a falar comigo sobre esse assunto. Por que você está me evitando? Por que está escondendo a mão de mim? Eu estou lhe dizendo que, para mim, tudo o que aconteceu, daquela vez, não passa de um delírio; agora, eu sei tudo o que aconteceu com você naquela ocasião, tudo, ponto por ponto, como se tivesse ocorrido comigo mesmo. O que você imaginou não existia e não podia existir. Para que deve haver essa raiva entre nós?

— Mas quando é que você vai ter alguma raiva!? — Rogójin deu mais uma risada, em resposta às repentinas e calorosas palavras do príncipe. Na verdade, agora, ele estava a uns dois passos de distância do príncipe, com a mão escondida nas costas. — Agora, eu não posso mais, de jeito nenhum, ir à sua casa, Liev Nikoláitch — acrescentou lentamente, em tom categórico, para concluir.

— Será que você me odeia a esse ponto?

— Eu não gosto de você, Liev Nikoláitch. Então, para que ir à sua casa? Ah, príncipe, você é igual a uma criança pequena que quer um brinquedo... quer que tragam já, mas não entende a situação. Tudo o que está dizendo, agora, é exatamente como você descreveu na carta. Acha que eu não acredito em você? Eu acredito em cada uma de suas palavras e sei que você jamais me enganaria nem vai me enganar, no futuro; mesmo assim, eu não gosto de você. Olhe, você diz na carta que esqueceu tudo e que só se lembra do Rogójin que é seu irmão de cruz, e não do Rogójin que levantou a faca contra você, naquele dia. Mas por que você acha que conhece os meus sentimentos? — E Rogójin riu de novo. — Talvez, depois daquilo, eu não tenha me arrependido nem uma vez, mas você, mesmo assim, vai logo me mandando o seu perdão fraterno. Talvez, naquela noite, eu estivesse pensando numa coisa muito diferente, mas sobre isso...

— Você até se esqueceu! — emendou o príncipe. — E não admira! Eu até aposto que você foi direto pegar o trem e, aqui, em Pávlovsk, foi direto para onde a orquestra se apresenta, você a seguia às escondidas e ficava espiando no meio da multidão, como fez hoje. Não me causou nenhuma surpresa! Se, naquele dia, você não estivesse numa situação em que só era capaz de pensar numa coisa e em mais nada, então talvez não tivesse erguido a faca contra mim. Eu tive um pressentimento já de manhã, naquele dia, quando olhei para você; será que você sabe como estava, naquela hora?

Essa ideia começou a se mover dentro de mim, talvez, na hora mesmo em que nós trocamos nossas cruces. Para que você me levou, naquela hora, à casa da sua velha mãe? Achou que assim ia poder frear sua mão? Mas não pode ser, não pode ter pensado isso, você teve só um pressentimento, como eu também... Naquela hora, nós dois sentimos a mesma coisa, ao mesmo tempo. Se você não tivesse erguido a mão contra mim (e foi Deus que a desviou), como eu estaria agora, à sua frente? Afinal, eu suspeitava disso, e você também, o nosso pecado é o mesmo, e foi tudo ao mesmo tempo! (Não franza a testa! Ora, do que está rindo?) Você diz: “Eu não me arrependi”! Mas, mesmo se quisesse, não seria capaz de se arrepender, talvez, porque, além do mais, você não gosta de mim. E mesmo que eu fosse inocente como um anjo, em relação a você, ainda assim, você não conseguiria me suportar, enquanto pensasse que ela ama a mim e não a você. Veja, são ciúmes, portanto. Veja só no que eu pensei, esta semana mesmo, vou contar a você: sabia que, agora, ela pode estar amando você mais do que todo mundo, quem sabe, e até mesmo, quanto mais o atormenta, mais ela ama você. Ela não vai lhe contar isso, mas é preciso saber enxergar. Afinal de contas, por que ela vai se casar com você? Um dia, ela mesma vai lhe contar. Algumas mulheres querem ser amadas desse jeito, e a personalidade dela é exatamente assim! Mas a sua personalidade, Parfion, e o seu amor tinham de causar, sobre ela, toda essa impressão! Você sabia que uma mulher é capaz de atormentar um homem com crueldades e zombarias, sem jamais sentir quaisquer remorsos, porque, quando olha para o homem, ela vai sempre pensar a respeito de si mesma: “Agora, vou torturá-lo até a morte, mas, em compensação, depois, eu o farei renascer com o meu amor...”.

Rogójin deu uma gargalhada, depois de ouvir o príncipe.

— E será que, um dia, príncipe, você já não caiu nas garras de uma mulher dessas? Eu já ouvi falar até alguma coisa parecida sobre você. Será verdade?

— O que você pode ter ouvido? — O príncipe sobressaltou-se, de repente, e ficou imóvel, numa extraordinária perturbação.

Rogójin continuou a rir. Ele escutava o príncipe não sem curiosidade e, talvez, não sem algum prazer; o interesse do príncipe, alegre e exultante, deixou Rogójin muito impressionado e estimulado.

— E não é só de ouvir falar, eu mesmo estou vendo, agora, que é verdade — acrescentou Rogójin. — Pois quando foi que você já falou como fez agora? Afinal, essas palavras nem parecem vir de você. Se eu já não tivesse ouvido falar de você o que ouvi, não teria vindo para cá, ainda mais no meio de um parque, à meia-noite.

— Não estou entendendo você, Parfion Semiónitch, nem um pouco.

— Foi ela que me explicou, já faz muito tempo, como você é; no entanto, agora, mais cedo, eu mesmo observei como você estava com aquela outra mulher, ouvindo a orquestra. Para mim, ontem e hoje, ela jurou por Deus que você está apaixonado por Aglaia como um gatinho de estimação. Para mim, príncipe, isso não faz a menor diferença, eu não tenho nada a ver com o assunto: se você não tem mais amor por ela, em troca, ela ainda não deixou de amar você. Afinal, você sabe que ela quer, a todo custo, casá-lo com aquela moça, já me deu até sua palavra, ha-ha! Ela me disse: “Sem isso, eu não vou casar com você, eles dois vão para a igreja e aí nós também vamos”. O que há por trás dessa história, eu não consigo entender e nunca entendi: ou ela o ama ao infinito ou... se ama, então como quer casar você com outra? Ela diz: “Quero vê-lo feliz”. Então, portanto, ela ama.

— Eu escrevi para você explicando que ela... não está no domínio da razão — disse o príncipe, depois de ouvir Rogójin, com aflição.

— Só Deus sabe! Talvez você também esteja enganado... Entretanto, hoje, quando eu a trazia na carruagem para ouvir a orquestra, ela me contou que já marcou o dia do casamento: daqui a três semanas, e pode ser antes, até, com certeza, e ela disse: “Nós vamos casar”. Jurou, pegou um ícone, beijou. Portanto, príncipe, a questão agora é com você, he-he!

— Tudo isso é um delírio! Isso que você está me dizendo, nunca, nunca vai acontecer! Amanhã, eu irei à sua casa...

— Como é que ela pode estar maluca? — ponderou Rogójin. — Como ela pode estar mentalmente sã para os outros e só para você parecer insana? Como, então, ela escreve aquelas cartas? Se estivesse louca, as pessoas logo notariam, pelas cartas.

— Que cartas? — perguntou o príncipe, num susto.

— As cartas que manda para lá, para *aquela mulher*, e ela lê. Será que você não sabia? Puxa, pois então fique sabendo; com certeza, ela mesma vai mostrar para você.

— Não posso acreditar! — gritou o príncipe.

— Eh! Mas você, Liev Nolkoláitch, pelo que vejo, ainda não foi muito longe nesse caminho, está só começando. Espere um pouco: você ainda vai contratar a sua própria polícia, você mesmo vai ficar de vigia, dia e noite, e saber de cada passo que ela dá, basta apenas...

— Pare, nunca me diga isso! — gritou o príncipe. — Escute, Parfion, eu estava andando aqui antes de você chegar e, sem mais nem menos, comecei a rir... do quê, eu não sei, mas acabei de lembrar que amanhã, como se fosse de propósito, é o dia do meu aniversário. Agora, é quase meia-noite. Vamos comemorar a data! Eu tenho bebida lá em casa, vamos beber, deseje por mim aquilo que eu mesmo não sei desejar, agora, é bom que exatamente você deseje isso, e vou fazer votos pela sua total felicidade. Senão, devolva

a minha cruz! Afinal, você não me mandou a cruz de volta no dia seguinte!
Ela está com você? Está com você agora?

— Está aqui comigo — exclamou Rogójin.

— Então, vamos. Sem você, eu não quero começar a minha vida nova, porque a minha vida nova começou! Você não sabe, Parfion, que a minha vida nova começou hoje?

— Agora, eu mesmo estou vendo e eu mesmo sei que começou; vou avisar para *ela*. Você está completamente fora de si, Liev Nikoláitch!

Ao se aproximar de sua datcha, em companhia de Rogójin, o príncipe notou, com extraordinária surpresa, que na sua varanda, muito iluminada, havia um grupo numeroso e agitado. O alegre grupo ria às gargalhadas, falava aos berros; pareciam até discutir aos gritos; à primeira vista, podia-se supor que se tratava da brincadeira mais divertida do mundo. De fato, ao subir à varanda, ele viu que todos estavam bebendo, e bebendo champanhe, e, pelo visto, já vinham fazendo aquilo havia um bom tempo, pois muitos convivas já haviam conseguido se animar de forma muito prazerosa. Todos os convidados eram conhecidos do príncipe, mas o estranho era o fato de estarem todos reunidos, como se tivessem recebido um convite, embora o príncipe não tivesse convidado ninguém, pois só por acaso ele se lembrara do dia do próprio aniversário.

— Quer dizer que você deve ter avisado alguém que ia servir o champanhe e aí eles vieram correndo — murmurou Rogójin, enquanto entrava na varanda, atrás do príncipe. — Esse ponto nós já sabemos; é só assoviar que eles vêm... — acrescentou quase com raiva, lembrando, é claro, seu passado recente.

Todos receberam o príncipe com gritos e saudações, e logo o rodearam. Alguns se mostravam muito ruidosos, outros imensamente mais serenos, mas todos se apressaram em lhe dar os parabéns, cientes de que era o seu

aniversário, e cada um esperava sua vez. O interesse do príncipe foi despertado pela presença de certas pessoas, como, por exemplo, Burdóvski. Porém o mais surpreendente era que, no meio daquelas pessoas, de súbito, apareceu Evguiêni Pávlovitch; o príncipe mal conseguiu acreditar e, ao vê-lo, por pouco não levou um susto.

Entretanto, muito vermelho e quase em êxtase, Liébediev acudiu às pressas, cheio de explicações; estava bastante *alto*. Do seu palavreiro confuso, ficou claro que todos haviam se reunido de maneira absolutamente natural, e até por acaso. Antes de todos, ainda ao anoitecer, chegara Ippolit e, como se sentia muito melhor, resolvera aguardar o príncipe na varanda. Ele se acomodara no sofá; depois, Liébediev se uniu a ele, e, em seguida, toda sua família, ou seja, suas filhas e o general Ívolguin. Burdóvski chegara com Ippolit, pois o acompanhava. Gânia e Ptútsin passaram ali por acaso, pouco antes, pelo visto (a aparição deles coincidiu com o incidente no parque); em seguida apareceu Keller, que avisou que era o aniversário do príncipe, e exigiu champanhe. Evguiêni Pávlovitch chegara meia hora antes. Kólia havia insistido, com todo o empenho, em promover a festa e trazer o champanhe. Com presteza, Liébediev serviu a bebida.

— Mas é do meu, é do meu champanhe! — balbuciou para o príncipe. — Com meus próprios recursos, para homenagear e parabenizar, e dos meus recursos sairão também as comidas, é a minha filha que vai cuidar disso. Mas, príncipe, se o senhor soubesse o tema da nossa conversa, aqui. Lembra-se do Hamlet: “Ser ou não ser?”. Um tema atual, muito atual! Perguntas e respostas... E o sr. Tieriéntiev, no grau mais elevado... não quer dormir! Do champanhe, ele só tomou um golezinho, um golezinho de nada, não faz mal nenhum... Venha para cá, príncipe, e dê solução! Todos estavam esperando o senhor, estavam apenas esperando a sua prodigiosa inteligência...

O príncipe percebeu o olhar gentil e afetuoso de Vera Liébedieva, que também se apressara em chegar até ele, abrindo caminho na multidão. Desviando-se de todos, foi a ela que o príncipe primeiro estendeu a mão; a jovem se ruborizou de contentamento e lhe desejou uma “vida feliz, *a partir deste dia*”. Em seguida, abalou-se depressa para a cozinha; lá, preparou as comidas; porém, antes mesmo da chegada do príncipe — ela conseguira se desembaraçar do trabalho só por um minuto —, tinha vindo à varanda e escutara, com toda a atenção, aqueles fervorosos debates sobre os assuntos mais abstratos e estranhos para ela, discussões que não davam trégua, entre os convivas já embriagados. Sua irmã caçula, a que ficava sempre de boca aberta, pegara no sono no cômodo vizinho, estendida em cima de uma arca, mas o menino, o filho de Liébediev, estava de pé ao lado de Kólia e de Ippolit e apenas a feição de seu rosto animado demonstrava que ouvia tudo aquilo com fascínio, disposto a permanecer ali plantado até por dez horas seguidas.

— Eu estava mesmo esperando o senhor e fico satisfeitíssimo de ver que o senhor está tão feliz — disse Ippolit, quando o príncipe veio apertar sua mão, depois de cumprimentar Vera.

— E por que o senhor sabe que eu estou “tão feliz”?

— Dá para ver, pelo rosto. Vá receber os cumprimentos dos senhores e venha logo sentar-se aqui conosco. Eu estava mesmo esperando o senhor — acrescentou, enfatizando, de modo significativo, o fato de estar à espera. Ao comentário do príncipe, que perguntou se não era prejudicial para ele ficar acordado até tarde, Ippolit respondeu que ele próprio estava surpreso ao lembrar que, três dias antes, desejava morrer, e disse que nunca havia se sentido melhor do que naquela noite.

Burdóvski se ergueu com ímpeto e balbuciou que tinha ido ali “por acaso...”, que estava “acompanhando” Ippolit, mas que se sentia contente;

disse que, na carta, havia “escrito disparates”, mas agora estava “só contente...”. Sem terminar a frase, apertou com força a mão do príncipe e sentou-se numa cadeira.

Depois de falar com todos, o príncipe foi ao encontro de Evguiêni Pávlovitch. Este logo o tomou pelo braço.

— Preciso trocar só duas palavrinhas com o senhor — sussurrou, à meia-voz. — É sobre uma questão de extrema relevância. Vamos nos afastar dos outros, um momento.

— Duas palavrinhas — sussurrou outra voz, no outro ouvido do príncipe, e outra mão o tomou pelo outro braço. Com surpresa, o príncipe notou uma figura muito vermelha, risonha, de cabelos terrivelmente desgrenhados e que piscava os olhos sem parar, na qual, de imediato, reconheceu Ferdíschenko, que surgira só Deus sabe de onde.

— Sou o Ferdíschenko, lembra? — perguntou.

— De onde o senhor saiu? — exclamou o príncipe.

— Ele está arrependido! — gritou Keller, que viera correndo até eles. — Ele se escondeu, não queria vir à sua casa, ficou escondido lá num canto, está arrependido, príncipe, ele se sente culpado.

— Mas culpado de quê, ora essa, de quê?

— Fui eu que o encontrei, príncipe, acabei de encontrá-lo e o trouxe para cá. É um de meus raros amigos, mas está arrependido — disse Keller.

— Isso me deixa muito feliz, senhores. Agora, sentem-se ali, com os outros, me deixem um momento, eu já irei para lá. — Por fim, o príncipe se desvencilhou deles, ansioso para conversar com Evguiêni Pávlovitch.

— Aqui, na sua casa, está muito animado — comentou Evguiêni Pávlovitch. — Foi com prazer que passei meia hora esperando o senhor. Meu prezado Liev Nikoláievitch, a questão é que eu já resolvi tudo com o Kurmíchev e passei aqui para tranquilizar o senhor; não precisa se

preocupar, ele encarou a questão de maneira muito, muito sensata, ainda mais porque, a meu ver, a culpa era sobretudo dele mesmo.

— Que Kurmíchev?

— Ora, aquele que o senhor segurou pelos braços, mais cedo... Ele ficou tão enfurecido que já queria cobrar explicações do senhor, amanhã mesmo.

— Mas, francamente, que absurdo!

— Claro, é um absurdo, e com certeza terminaria também de forma absurda; mas, entre nós, há pessoas que...

— Mas o senhor não terá vindo aqui, também, por outro motivo, Evguiêni Pávlovitch?

— Ah, claro, há outro motivo, sim — e desatou uma risada. — Meu prezado príncipe, amanhã bem cedo, eu vou partir para tratar daquele assunto infeliz (sabe, a questão do meu tio), em Petersburgo; pois imagine só: tudo isso é fato e todo mundo já sabe, exceto eu. Tudo isso me impressionou de tal modo que eu nem tive ocasião de passar *lá* (na casa dos Epantchin); e amanhã também não irei, porque vou estar em Petersburgo, entende? Talvez eu fique fora por uns três dias... Em suma, meus negócios começaram a claudicar. Mesmo que a questão não seja de relevância infinita, refleti que preciso explicar uma coisa para o senhor, da maneira mais sincera possível e sem perda de tempo, ou seja, antes de eu partir. Agora, se o senhor quiser, eu posso ficar e esperar que a festa se disperse; aliás, eu não tenho mesmo nada que fazer: estou tão agitado que não vou conseguir dormir. Por fim, embora seja inadequado e indecoroso assediar alguém de forma tão direta, eu direi ao senhor, sem rodeios: vim aqui pedir a sua amizade, meu querido príncipe; o senhor é uma pessoa absolutamente incomparável, ou seja, não fica mentindo o tempo todo, talvez não minta nunca, e eu tenho uma questão para a qual preciso de um amigo e conselheiro, porque, agora, eu faço parte das pessoas desafortunadas...

E riu, outra vez.

— O problema é o seguinte — o príncipe se pôs a refletir, por um minuto. — O senhor está disposto a esperar que eles se dispersem, muito bem, mas só Deus sabe quando isso vai ocorrer. Não seria melhor irmos agora ao parque? Com certeza, eles vão nos esperar; eu pedirei desculpas a eles.

— Não, não, eu tenho os meus motivos para que não desconfiem de que estamos conversando sobre algo urgente e com um propósito determinado; há pessoas, aqui, muito interessadas nas nossas relações... O senhor não sabe disso, príncipe? Será muito melhor se virem que nossas relações são as mais amistosas, sem qualquer motivação urgente, entende? Daqui a duas horas, mais ou menos, eles vão se dispersar; eu vou tomar do senhor apenas uns vinte minutos... bem, meia hora...

— Então está bem, com todo o prazer; eu fico muito contente, e nem era necessária nenhuma explicação; e sou muito agradecido por suas palavras gentis acerca das relações amistosas. Perdoe-me, hoje eu estou muito distraído; sabe, neste momento, eu não consigo, de jeito nenhum, me manter atento.

— Estou vendo, estou vendo — murmurou Evguiêni Pávlovitch, com um ligeiro sorriso. Estava muito risonho, naquela noite.

— Está vendo o quê? — alarmou-se o príncipe.

— Será que o senhor não desconfia, querido príncipe — continuou a rir Evguiêni Pávlovitch, sem responder de forma direta —, será que o senhor não desconfia que eu vim aqui só para enganá-lo e, de passagem, ainda arrancar um segredo do senhor, hein?

— Que veio para arrancar um segredo, disso eu não tenho dúvida — e o príncipe riu também, afinal. — E talvez até o senhor tenha decidido me enganar um pouco também. Mas, e daí? Eu não tenho medo do senhor; de

resto, para mim, agora, tanto faz, o senhor não acredita? E... E... E... como eu estou, antes de tudo, convencido de que o senhor, apesar de tudo, é uma pessoa excelente, assim, talvez nós terminemos, de fato, estabelecendo relações de amizade. Eu gostei muito do senhor, Evguiêni Pávlich, o senhor... é muito, muito correto, a meu ver!

— Bem, em todo caso, é maravilhoso ter um assunto para conversar com o senhor, seja ele qual for — concluiu Evguiêni Pávlovitch. — Vamos lá, vou erguer um brinde à sua saúde, me sinto muito satisfeito de estar ao seu lado. Ah! — Ele parou, de súbito. — O sr. Ippolit veio morar com o senhor?

— Sim.

— Ele não vai morrer já, vai?

— Por quê?

— Ora, por nada. Eu passei meia hora com ele, aqui...

Durante todo aquele tempo, Ippolit estava à espera do príncipe e olhava, a todo momento, para ele e para Evguiêni Pávlovitch, enquanto conversavam à parte. Ippolit se mostrou numa animação febril quando os dois chegaram à mesa. Estava inquieto e agitado; o suor brotava da testa. Os olhos faiscantes exprimiam, além de uma espécie de perturbação vaga e constante, alguma ansiedade indefinida. Seu olhar se movia de um ponto para outro, de um rosto para outro, sem alvo determinado. Embora, até então, tivesse participado bastante da ruidosa conversa geral, sua animação, porém, era puramente febril; no fundo, estava alheio à conversa; sua argumentação era desconexa, irônica e descuidadamente paradoxal; não chegava ao fim das ideias, abandonava, a meio caminho, aquilo que, um minuto antes, começara a defender com fervor. Com surpresa e lástima, o príncipe soube que tinham deixado Ippolit beber livremente, naquela noite, duas taças cheias de champanhe, e que a taça, pela metade, à sua frente já

era a terceira. No entanto, o príncipe só veio a saber disso mais tarde; naquele momento, ele não estava muito observador.

— Mas sabe que eu estou muito feliz por ser exatamente hoje o dia do seu aniversário? — exclamou Ippolit.

— Por quê?

— O senhor vai ver, sente-se aqui. Em primeiro lugar, porque aqui se reuniu toda essa sua... gente. Eu calculei que haveria muita gente; pela primeira vez na vida, meus cálculos estavam corretos! E é uma pena que eu não soubesse do seu aniversário, senão teria me mudado para cá já com um presente... Ha-ha! É, talvez, eu me mudasse já trazendo um presente! Será que falta muito para o dia nascer?

— Faltam menos de duas horas — observou Ptítsin, depois de olhar para o relógio.

— E para que serve o nascer do dia, se, mesmo sem ele, dá para ler ao ar livre? — ponderou alguém.

— É porque eu preciso ver uma beiradinha do sol. Podemos beber à saúde do sol, príncipe, o que acha?

Ippolit fez a pergunta de forma brusca, dirigindo-se a todos, sem a menor cerimônia, como se desse uma ordem, mas parecia nem ter se dado conta.

— Podemos fazer isso, sim, pode ser; mas, Ippolit, o senhor deve se acalmar um pouco, não acha?

— O senhor sempre fala que eu tenho de dormir; o senhor, príncipe, é a minha babá! Assim que o sol aparecer e “ressoar” no céu (quem foi que escreveu esse verso: “O sol ressoou no céu”?¹⁴⁴ Não tem sentido, mas é bonito!), aí nós vamos dormir. Liébediev! O sol não é a fonte da vida? Qual o sentido da expressão “fontes da vida”, no Apocalipse? O senhor já ouviu falar da “estrela Absinto”, príncipe?

— Eu soube que o Liébediev considera que essa “estrela Absinto” representa a rede de ferrovias que se espalhou pela Europa.

— Não, senhor, por favor, assim não é possível, senhor! — gritou Liébediev, aos saltos e abanando os braços, como se quisesse deter o riso geral que estava começando a se espalhar. — Faça-me o favor! Com esses cavalheiros... todos esses cavalheiros... — Virou-se, de repente, para o príncipe. — ... em certos aspectos, tem de ser assim, meu senhor... — E, sem cerimônia, bateu com a mão na mesa duas vezes, o que só serviu para que rissem ainda mais.

Liébediev, embora estivesse em sua habitual condição “festiva”, naquela altura já se encontrava agitado e exasperado em demasia, por causa da longa discussão “científica” que precedera a chegada do príncipe e, em tais casos, ele tratava seus oponentes com um desprezo infinito e absolutamente explícito.

— Não é assim, meu senhor! Meia hora atrás, príncipe, nós fizemos um acordo para não interromper, para não rir, enquanto alguém estivesse falando; para que a pessoa pudesse exprimir tudo com liberdade e, depois, então, se quisessem, os ateístas poderiam replicar; nós nomeamos o general como presidente, e aqui está ele! Senão, o que vai acontecer? Daquele jeito, é possível deixar qualquer um confuso, por mais elevada que seja a sua ideia, por mais profunda que seja a sua ideia, meu senhor...

— Mas fale, fale, ninguém vai confundir o senhor! — vozes irromperam.

— Fale, mas não fique aí divagando.

— O que é essa tal de “estrela Absinto”? — alguém quis saber.

— Eu não tenho ideia! — respondeu o general Ívolguin, com ar imponente, e tomou seu posto anterior de presidente.

— Eu adoro ao extremo todas essas discussões, príncipe, quando são intelectuais, é claro — murmurou Keller, virando-se sobre sua cadeira, num

entusiasmo e numa ansiedade sem disfarces. — Discussões intelectuais e políticas — disse, enquanto se virava, de repente, sem que ninguém esperasse, para Evguiêni Pávlovitch, sentado quase a seu lado. — Sabe, eu adoro imensamente ler nos jornais as notícias sobre o parlamento inglês, ou seja, não porque me interesse o que eles estejam discutindo (sabe, eu não sou político), mas porque, quando dão explicações uns para os outros, eles se comportam como políticos, por assim dizer: “O nobre visconde sentado à minha frente”, “o nobre conde que compartilhava as minhas ideias”, “o meu nobre oponente, que espantou a Europa com a sua proposta”, ou seja, todas essas expressões, todo esse parlamentarismo de um povo livre, eis o que é atraente para os nossos irmãos, aqui! Eu fico fascinado, príncipe. Eu sempre fui um artista, no fundo da alma, juro ao senhor, Evguiêni Pávlovitch.

— Portanto, na sua opinião — exaltou-se Gânia, do outro lado —, daí se conclui que as ferrovias são amaldiçoadas, que elas representam a aniquilação da humanidade, que são uma chaga aberta na terra para turvar as “fontes da vida”?

Gavrila Ardaliónovitch se encontrava num estado de ânimo particularmente excitado naquela noite, além de muito alegre, quase exultante, como parecia ao príncipe. Estava gracejando com Liébediev, é claro, queria provocá-lo, mas logo ele mesmo se exaltou.

— Não são as ferrovias, não senhor! — retrucou Liébediev, fora de si e, ao mesmo tempo, com um prazer desmedido. — Só as ferrovias, propriamente, não vão turvar as fontes da vida, mas tudo isso, no conjunto, é que é maldito, todo esse espírito dos nossos últimos tempos, em seu todo científico e prático, em geral, pode ser, de fato, maldito, meu senhor.

— É maldito com certeza ou apenas pode ser? Afinal, no caso, a diferença é importante — quis saber com exatidão Evguiêni Pávlovitch.

— É maldito, maldito, com toda a certeza, é maldito! — replicou Liébediev, com fervor.

— Não se apresse, Liébediev: pela manhã, o senhor é sempre muito mais bondoso — ponderou Ptítsin, sorrindo.

— Em compensação, à noite, eu sou mais sincero! À noite, eu sou sempre mais emotivo e mais sincero! — voltou-se Liébediev, para ele, com ardor. — Sou mais espontâneo e mais determinado, mais honesto e mais respeitável, e mesmo que assim eu esteja pondo a nu, para os senhores, uma face da minha pessoa, não ligo a mínima; agora, eu desafio todos os senhores, todos os ateus: como vão salvar o mundo e como vão encontrar o caminho normal para o mundo, os senhores, gente da ciência, da indústria, da associação, do salário e tudo isso? Como? Com o crédito? O que é o crédito? Aonde o crédito vai levar os senhores?

— Puxa, o senhor é mesmo curioso! — observou Evguiêni Pávlovitch.

— Pois, na minha opinião, quem não se interessa por tais questões é um parasita da alta sociedade, meus senhores!

— Ora, pelo menos, isso vai levar à solidariedade universal e ao equilíbrio de interesses — ponderou Ptítsin.

— E só, e só! Sem admitir nenhum fundamento moral que não a satisfação do egoísmo pessoal e a necessidade material? A paz universal, a felicidade universal decorre da necessidade! É isso, não é? Se me permite perguntar, eu estou compreendendo corretamente, não estou, meu prezado senhor?

— Mas, afinal, a necessidade universal de viver, beber e comer, e, por fim, a mais plena convicção científica de que não se vai satisfazer tal necessidade sem a associação universal e a solidariedade de interesses é, me parece, uma ideia bastante sólida para servir de ponto de apoio e de “fonte

de vida” para os séculos futuros da humanidade — argumentou Gânia, em tom sério e já exaltado.

— A necessidade de comer e beber, ou seja, o mero sentimento de autopreservação...

— Mas será que o sentimento de autopreservação é pouco? Afinal, o sentimento de autopreservação é a lei normal da humanidade...

— E quem foi que disse isso para você? — gritou Evguiêni Pávlovitch, de repente. — É uma lei, é verdade, mas é apenas tão normal quanto a lei da destruição, e talvez, também, da autodestruição. Por acaso só a autopreservação constitui toda a lei normal da humanidade?

— Aha! — exclamou Ippolit, virando-se ligeiro para Evguiêni Pávlovitch, e olhou para ele com uma curiosidade feroz; porém, ao ver que ele ria, riu também, deu um leve empurrão em Kólia, a seu lado, e lhe perguntou, de novo, que horas eram, chegou mesmo a puxar para si o relógio de prata de Kólia e, com sofreguidão, olhou para os ponteiros. Em seguida, como se tivesse esquecido tudo aquilo, estendeu-se no sofá, cruzou as mãos embaixo da cabeça e se pôs a mirar o teto; passado meio minuto, sentou-se de novo à mesa, com a cabeça ereta, atento ao palavrório de Liébediev, já exaltado no mais alto grau.

— Uma ideia pérfida e maliciosa, uma ideia sedutora! — Liébediev, com exasperação, rebateu o paradoxo de Evguiêni Pávlovitch. — Uma ideia formulada com o intuito de atizar a briga entre os adversários. Mas a ideia é verdadeira! Porque o senhor, um galhofeiro, um membro da cavalaria (se bem que não destituído de capacidade!), o senhor mesmo ignora a que ponto sua ideia é profunda e verdadeira! Sim, meu senhor. A lei da autodestruição e a lei da autopreservação são igualmente fortes, na humanidade! O demônio governará igualmente a humanidade até o fim dos tempos, que ainda ignoramos quando virá. Os senhores estão achando

graça? Não acreditam no diabo? A descrença no diabo é uma ideia francesa, é uma ideia frívola. Por acaso sabem quem é o diabo? Sabem qual é o nome dele? E, sem saber sequer o nome dele, ficam rindo da sua forma, a exemplo de Voltaire, que ria dos cascos, do rabo e dos chifres do diabo, que os senhores mesmos inventaram; pois o espírito impuro é um espírito poderoso e aterrador, mas não tem os cascos e os chifres que os senhores inventaram. No entanto, não é nada disso que interessa, agora!...

— E como o senhor sabe que não é isso que interessa, agora? — gritou Ippolit, de repente, e gargalhou como se estivesse com um ataque de riso.

— É uma ideia astuta e insinuante! — Liébediev fez um elogio. — Mas, de novo, a questão não é essa, a questão, para nós, é se as “fontes da vida” não se enfraqueceram com o aumento...

— Das ferrovias? — gritou Kólia.

— Não, propriamente, das comunicações ferroviárias, meu jovem mas temerário adolescente, e sim de toda uma orientação, da qual as ferrovias podem servir de retrato, por assim dizer, de expressão artística. Correr, retumbar, sacudir e avançar a toda pressa, como dizem, rumo à felicidade da humanidade! “Na humanidade, passou a haver barulho e indústria demais, e pouca paz de espírito”, assim se queixa um pensador recluso. “Muito bem, mas o barulho dos vagões que transportam pão para a humanidade faminta, quero crer, é melhor do que a paz de espírito”, retruca, em tom de triunfo, outro pensador, muito viajado, e se afasta dele com arrogância. Pois eu, o infame Liébediev, não acredito nos vagões que transportam pão para a humanidade! Pois os vagões que transportam pão para toda a humanidade, sem um fundamento moral para a ação, podem, com todo sangue-frio, excluir uma parte significativa da humanidade do desfrute de sua carga, e isso já aconteceu...

— E são os vagões que podem excluir, com sangue-frio? — emendou alguém.

— Isso já aconteceu — confirmou Liébediev, sem prestar atenção à pergunta. — Já houve o Malthus,¹⁴⁵ o amigo da humanidade. Mas um amigo da humanidade com fundamentos morais vacilantes é um canibal da humanidade, para não falar da sua vaidade; pois, se ferirmos o orgulho de algum desses incontáveis amigos da humanidade, logo ele estará pronto para atear fogo nos quatro cantos do mundo, por causa de uma vingança mesquinha... de resto, como faria qualquer um de nós, também, para falar a verdade, e como eu também, o mais infame de todos, pois eu talvez seja o primeiro a trazer lenha, para logo depois fugir do fogo. Mas, de novo, a questão não é essa!

— Então, qual é a questão, afinal?

— Já estou farto!

— A questão está na seguinte anedota dos tempos passados, pois eu sinto a necessidade de contar uma anedota dos tempos passados. Em nosso tempo, em nossa pátria, que, assim espero, os senhores amam tanto quanto eu, senhores, pois eu, da minha parte, estou pronto até a derramar todo o meu sangue...

— Vá em frente! Vá em frente!

— Em nossa pátria, tal como na Europa, fomes generalizadas, aterradoras, que se espalham por toda parte, acometem a humanidade, até onde consigo lembrar e é possível calcular, não mais do que uma vez a cada quarto de século, ou seja, uma vez a cada vinte e cinco anos. Não vou discutir o número exato, mas, comparativamente, de modo muito raro.

— Comparativamente com o quê?

— Com o século xii e os dois séculos vizinhos a ele, antes e depois. Porque, na época, como afirmam e registram os escritores, as fomes

generalizadas frequentavam a humanidade de dois em dois anos ou, pelo menos, de três em três anos e, assim, em face de tal situação, o ser humano recorria até à antropofagia, embora em segredo. Um daqueles parasitas, ao se aproximar da velhice, declarou de modo espontâneo, sem nenhuma coerção, que, durante sua vida longa e maçante, havia matado e comido, no mais profundo segredo, sessenta monges e alguns bebês laicos, uns seis, não mais do que isso, ou seja, extraordinariamente poucos, em comparação com a quantidade de membros do clero que havia devorado. Constatou-se que nunca havia tocado os dedos, com tal propósito, num adulto laico.

— Não é possível! — gritou o próprio presidente dos debates, o general, com voz quase ofendida. — Senhores, eu converso e discuto com ele muitas vezes e sempre a respeito de ideias semelhantes; porém, cada vez mais, ele vem proclamando tamanhos absurdos, tão carentes de verossimilhança, que as minhas orelhas chegam a murchar!

— General! Recorde o cerco da cidade de Kars e os senhores vão descobrir que a minha anedota é a mais pura verdade. Da minha parte, eu observo que praticamente qualquer realidade, embora tenha suas leis imutáveis, quase sempre é incrível e inverossímil. E até, às vezes, quanto mais real, tanto menos verossímil.

— Mas será possível alguém comer sessenta monges? — Em volta, ressoaram risadas.

— Ele pode não ter comido todos de uma vez, o que é óbvio, mas, digamos, ao longo de quinze ou vinte anos, o que já se mostra perfeitamente compreensível e natural...

— Natural?

— Natural! — rebateu Liébediev, com obstinação pedante. — E, além disso, por sua natureza, um monge católico é dócil e curioso e é fácil demais atraí-lo para uma floresta ou para algum lugar ermo e, lá, agir contra

ele da maneira que mencionamos. Mas, apesar de tudo, eu não discuto que a quantidade de pessoas devoradas se revelou extraordinária, beirando até a intemperança!

— Talvez isso seja mesmo verdade, senhores — comentou o príncipe, de repente.

Até então, ele vinha escutando em silêncio as opiniões em disputa, sem intervir na conversa; muitas vezes, ria bastante, acompanhando as explosões do riso geral. Era visível que o príncipe se sentia muito feliz com o clima de alegria e agitação, e até por estarem bebendo tanto. Poderia mesmo passar a noite inteira sem dizer nenhuma palavra, mas, de repente, não se sabe como, cismou de falar. E começou a falar com extrema seriedade, de tal modo que todos se voltaram para ele com curiosidade.

— Senhores, eu quero falar, justamente, sobre a frequência da fome no passado. Eu também ouvi falar algo a respeito, embora eu seja muito pouco versado em história. Porém parece que isso devia mesmo acontecer. Quando eu estava nas montanhas suíças, me surpreendi muito com as ruínas dos antigos castelos dos tempos da cavalaria, construídos nas encostas das montanhas, em penhascos escarpados, a pelo menos meia versta de altura, a prumo (o que significa que é preciso subir trilhas sinuosas de várias verstas). Nós sabemos o que é um castelo: é uma verdadeira montanha de pedras. Um trabalho terrível, inconcebível! Claro, realizado por todas aquelas pessoas pobres, os vassalos. Além do mais, eles tinham de pagar toda sorte de tributos e sustentar o clero. Como podiam, ainda por cima, se alimentar e cultivar a terra? Na época, eles já deviam ser poucos, talvez, morriam de fome terrivelmente e, com certeza, não devia mesmo haver nada para comer. Às vezes, eu chegava a pensar: como foi que aquela gente não cessou de existir, na época, como não aconteceu algo com eles, como conseguiram suportar e resistir? Que eram canibais, bem, pode ser, é bem

possível, sem dúvida, como disse o Liébediev, de fato; eu só não sei uma coisa: por que ele mencionou justamente os monges e o que ele quer dizer com isso?

— Com certeza, quer dizer que, no século xii, só era possível comer monges, porque só os monges eram gordos — fez ver Gavrilá Ardaliónovitch.

— Uma ideia esplendorosa e verídica ao extremo! — gritou Liébediev. — Pois, nos laicos, ele nem chegou a tocar. Entre aqueles sessenta, todos eram do clero, nem um laico, e essa é uma ideia terrível, uma ideia histórica, uma ideia estatística, enfim, e é com tais fatos que os entendidos reconstituem a história; pois, a partir da exatidão numérica, concluiu-se que os membros do clero viviam pelo menos sessenta vezes mais felizes e mais livres do que todo o restante da humanidade da época. E eram, talvez, pelo menos sessenta vezes mais gordos que todo o restante da humanidade...

— É exagero, é exagero, Liébediev! — gargalhavam, em redor.

— Eu concordo que seja uma ideia histórica, mas a que os senhores nos estão levando? — continuou a indagar o príncipe. (Ele falava com tamanha seriedade e com tamanha ausência de qualquer ironia e deboche em relação a Liébediev, do qual todos estavam rindo, que seu tom de voz, em meio ao tom geral do grupo inteiro, acabou se tornando involuntariamente cômico; mais um pouco e terminariam rindo e zombando, também, do próprio príncipe, mas ele nem se dava conta daquilo.)

— Será que o senhor não percebe, príncipe, que ele está louco? — Evguiêni Pávlovitch inclinou-se para ele. — Há pouco, me contaram, aqui, que ele enlouqueceu com sua mania de bancar o advogado e de fazer discursos de advogado e, agora, está querendo até prestar exame. Eu já espero uma paródia magnífica.

— Eu fui levado a uma conclusão colossal — retumbou, então, a voz de Liébediev. — Mas, antes, analisemos toda a condição psicológica e jurídica do criminoso. Vemos que o criminoso, ou, por assim dizer, o meu cliente, apesar de toda a possibilidade de encontrar outros bens comestíveis, várias vezes, ao longo de sua curiosa carreira, manifesta o desejo de se arrepender e se afasta do clero. Vemos isso com a clareza dos fatos: foi mencionado que ele, apesar de tudo, comeu cinco ou seis bebês, número comparativamente insignificante, mas, em compensação, um número considerável, em outros aspectos. É evidente que, atormentado por terríveis remorsos (pois o meu cliente é uma pessoa religiosa e conscienciosa, como eu vou demonstrar) e a fim de mitigar seu pecado, na medida do possível, ele, a título de experiência, substituiu seis vezes o alimento monástico pelo alimento laico. Que se tratou de uma experiência, não há, de novo, a menor dúvida; pois, mesmo que constituísse apenas uma variação gastronômica, o número seis ainda seria demasiado insignificante: por que só seis, e não trinta? (No caso, eu estou propondo meio a meio.) Mas, se fosse apenas uma experiência, fruto do mero desespero em face do temor do sacrilégio e da afronta à Igreja, o número seis se tornaria bastante compreensível; pois seis experiências, a fim de satisfazer os remorsos da consciência, são mais do que suficientes, uma vez que tais experiências não poderiam dar bons resultados. E, em primeiro lugar, na minha opinião, um bebê é pequeno demais, ou seja, não é volumoso, portanto, por um tempo determinado, seria necessário um número de bebês laicos três ou cinco vezes maior que o de clérigos e, desse modo, se o pecado diminuiria de um lado, no fim das contas, aumentaria de outro, não em quantidade, mas em qualidade. Ao raciocinar assim, senhores, eu, está claro, desço ao âmago do coração do criminoso do século xii. No que diz respeito a mim, um homem do século xix, talvez eu raciocinasse de outra forma, circunstância que trato logo de

comunicar aos senhores, portanto não há nenhum motivo para rirem de mim com os dentes à mostra, o que, para o senhor, general, chega a ser uma grande indecência. Em segundo lugar, um bebê, na minha opinião pessoal, não é nutritivo, além de ser doce e meloso demais, talvez, e por isso, como não satisfaz às necessidades, deixa apenas remorsos. Agora, a conclusão, o final, senhores, o final, no qual se encerra a solução de uma das principais questões do passado e do presente! O criminoso acaba confessando seu crime para o clero e se entrega às autoridades. Cabe indagar: que tormentos o aguardavam naquele tempo, que rodas, fogueiras e chamas? Quem o forçou a confessar? Por que não podia, apenas, parar no número sessenta e depois manter o segredo até seu último suspiro? Por que não podia, apenas, deixar os monges e ir viver seu arrependimento como um eremita? Por que, enfim, não podia se tornar monge, ele mesmo? Aqui está a solução! É porque já havia algo mais forte do que as fogueiras e as chamas, e até mais forte do que os hábitos de vinte anos! É porque já existia uma ideia mais forte do que todos os infortúnios, as más colheitas, os suplícios, mais forte do que a peste, a lepra e do que todo esse inferno que a humanidade não conseguiria suportar sem uma ideia que dá rumo e coerência ao coração e fertiliza as fontes da vida! Mostrem-me algo semelhante a tal força, em nosso tempo de vícios e ferrovias... ou seja, seria preciso dizer: em nosso tempo de navios a vapor e ferrovias, mas eu digo: em nosso tempo de vícios e ferrovias, porque eu posso ser um bêbado, mas eu sou justo! Mostrem-me uma ideia que unifique a humanidade atual com pelo menos a metade da força que havia naquele tempo. E ousem dizer, enfim, que as fontes da vida não enfraqueceram, não se turvaram, sob essa “estrela”, sob essa rede que envolveu as pessoas. E não venham me assustar com seus confortos, suas riquezas, com a raridade da fome e a rapidez das vias de comunicação! A riqueza é maior, mas a força é menor; não restam mais ideias unificadoras;

tudo murchou, tudo mofou, todos, todos, todos nós mofamos!... Mas, basta, e agora, também, a questão não é essa, mas sim se não está na hora de mandarmos servir as comidinhas preparadas para os convidados, não é isso, honorabilíssimo príncipe?

Liébediev, que por pouco não levava alguns ouvintes às raias de uma verdadeira indignação (é preciso notar que, durante todo o tempo, garrafas eram desenvolhadas uma após a outra), com sua conclusão relativa às comidinhas da festa, imediatamente levou todos os seus adversários a se reconciliarem com ele. O próprio Liébediev chamou tal conclusão de “habilidosa reversão do processo da boa advocacia”. Os risos alegres se ergueram, de novo, os convidados se animaram; todos se levantaram da mesa a fim de esticar as pernas e andar pela varanda. Só Keller ficou descontente com o discurso de Liébediev e se mostrava extremamente agitado.

— Ele ataca o Iluminismo, exalta o fanatismo do século xii, faz palhaçadas, e tudo sem a menor inocência no coração: como é que ele está pagando o aluguel desta casa, posso perguntar? — exclamava Keller, detendo os convidados, um após outro.

— Eu vi um verdadeiro intérprete do Apocalipse — disse o general em outro canto e a outros ouvintes, entre eles, Ptítsin, que o general havia agarrado por um botão do paletó. — Era o falecido Grigóri Semiónovitch Burmístrov: aquele que, por assim dizer, incendiava os corações. Em primeiro lugar, punha os óculos, abria um livro grosso e velho, encadernado em couro preto e, a propósito, tinha barba grisalha e usava duas medalhas, recebidas por obras de caridade. Ele começava a falar em tom seco e severo, generais se curvavam à sua frente, mulheres caíam desmaiadas e... este aqui encerra sua pregação com as comidinhas da festa! Eu nunca vi nada parecido!

Ptítsin, tendo escutado as palavras do general, sorriu e fez menção de ir pegar seu chapéu, porém pareceu hesitar ou, no mesmo instante, esqueceu sua intenção. Gânia, já no momento em que todos se levantaram da mesa, de repente parou de beber e afastou de si a taça; algo sombrio passou pelo seu rosto. Quando todos se ergueram da mesa, Gânia se aproximou de Rogójin e sentou-se a seu lado. Alguém poderia pensar que os dois tinham relações muito amistosas. Rogójin, que no início, e por várias vezes, também fizera menção de se retirar discretamente, agora estava sentado, imóvel, de cabeça baixa, como se também tivesse esquecido que desejava ir embora. Não tomara nem uma gota de bebida durante toda a noite e estava muito pensativo; limitava-se a erguer os olhos de vez em quando, e observava, uma a uma, todas as pessoas em volta. Naquele momento, alguém poderia pensar que ele estava aguardando alguma coisa, ali, algo de extrema importância para ele, e resolvera não ir embora, até a hora certa.

O príncipe bebera duas ou três taças, apenas, e estava só alegre. Depois de erguer-se da mesa, deparou com o olhar de Evguiêni Pávlovitch, lembrou-se da conversa ocorrida entre ambos e sorriu afável. Evguiêni Pávlovitch inclinou a cabeça para ele e, de repente, apontou para Ippolit, a quem observava com atenção naquele momento. Ippolit dormia, estendido no sofá.

— Diga, por que esse menino se intrometeu aqui na sua casa, príncipe? — perguntou, de repente, com uma irritação tão ostensiva e tão rancorosa que o príncipe se espantou. — Eu aposto que ele tem algo ruim em mente!

— Eu notei — disse o príncipe —, pelo menos, me pareceu, que o senhor está muito interessado nele, hoje, Evguiêni Pávlovitch. Não é verdade?

— E acrescente, também, que, nas minhas circunstâncias pessoais, eu já tenho bastante em que pensar e, então, eu mesmo me admiro de não conseguir, a noite toda, me desvencilhar dessa fisionomia repugnante!

— O rosto dele é bonito...

— Veja, veja, olhe bem! — gritou Evguiêni Pávlovitch, depois de segurar o príncipe pelo braço. — Veja!...

Mais uma vez, com surpresa, o príncipe olhou para Evguiêni Pávlovitch.

V

Ippolit, que, ao fim do discurso de Liébediev, adormecera no sofá, agora, de súbito, despertou, como se alguém tivesse empurrado suas costelas, estremeceu, ergueu-se um pouco, olhou à sua volta e ficou pálido; assustado, correu os olhos em redor; entretanto, algo que beirava o horror se estampou em seu rosto quando se lembrou e se deu conta de tudo.

— Por que eles estão se dispersando? Acabou? Acabou tudo? O sol nasceu? — perguntou, alarmado, e segurou o braço do príncipe. — Que horas são? Pelo amor de Deus, que horas? Eu peguei no sono. Eu dormi muito tempo? — acrescentou com ar quase desesperado, como se, enquanto dormia, tivesse perdido algo de que, no mínimo, todo seu destino dependia.

— O senhor dormiu sete ou oito minutos — respondeu Evguiêni Pávlovitch.

Ippolit olhou para ele com ar ansioso e, alguns instantes depois, compreendeu.

— Ah... só? Portanto, eu...

Respirou fundo, e com avidez, como se tivesse se livrado de um peso extraordinário. Por fim, percebeu que nada havia “acabado”, que ainda não amanhecera, que os convidados tinham levantado da mesa só para comer e que o palavrório de Liébediev havia terminado. Ippolit sorriu e o rubor da tuberculose palpitou em suas faces, na forma de duas manchas luzidias.

— Então o senhor contou os minutos, enquanto eu dormia, Evguiêni Pávlovitch — observou em tom irônico. — O senhor não desgrudou os olhos de mim a noite inteira, eu vi... Ah! O Rogójin! Eu estava sonhando com ele, agora — sussurrou para o príncipe, franzindo as sobrancelhas e apontando com a cabeça para Rogójin, sentado à mesa. — Ah, sim. — E se ergueu, de novo, um pouco mais, num movimento brusco. — Onde está o orador, onde está o Liébediev? Quer dizer que o Liébediev acabou? O que foi que ele disse? É verdade, príncipe, que o senhor disse, certa vez, que a “beleza” salvará o mundo? Senhores — e começou a gritar, para todos. — O príncipe afirma que a beleza salvará o mundo! Mas eu afirmo que ele tem ideias tão engraçadas, porque agora está apaixonado. Senhores, o príncipe está apaixonado; mais cedo, quando ele chegou, eu me convenci disso. Não fique vermelho, príncipe, eu vou ter pena do senhor. Qual é a beleza que vai salvar o mundo? Foi o Kólia que me contou isso... O senhor é um cristão fervoroso? O Kólia contou que o senhor se diz cristão.

O príncipe olhou para ele com atenção e não respondeu.

— O senhor não vai me responder? Será que o senhor está pensando que eu gosto muito do senhor? — acrescentou Ippolit, de súbito, como se aquilo tivesse escapado, sem querer.

— Não, eu não penso assim. Eu sei que o senhor não gosta de mim.

— O quê? Mesmo depois do que houve ontem? Ontem, eu não fui sincero com o senhor?

— Ontem, também, eu já sabia que o senhor não gostava de mim.

— Então, por que invejo tanto o senhor? É isso que o senhor pensa, agora e sempre, mas... mas por que eu estou falando dessas coisas com o senhor? Eu quero beber mais champanhe; sirva para mim, Keller.

— O senhor não pode beber mais, Ippolit, eu não vou deixar...

E o príncipe tomou dele a taça.

— Está certo... — concordou logo, como se pensasse melhor. — E talvez ainda digam... Para o diabo, o que eles digam ou deixem de dizer! Não é verdade, não é verdade? Deixe que falem à vontade, depois, não é, príncipe? E o que nos importa, a todos nós, o que vai acontecer *depois*?... Aliás, eu ainda estou meio que dormindo. E que sonho horrível eu tive, acabei de lembrar... Não desejo tais sonhos ao senhor, príncipe, apesar de eu não gostar, de fato, do senhor. Entretanto, se não gostamos de uma pessoa, para que desejar o mal para ela, não é verdade? Por que eu fico sempre perguntando, sempre perguntando alguma coisa? Dê aqui a sua mão, vou apertar com força, assim, olhe... E o senhor, ainda assim, estendeu a mão para mim? Quer dizer que o senhor sabe que eu aperto sua mão com um sentimento sincero?... Pode ser que eu não beba mais. Que horas são? Mas não precisa, eu sei que horas são. Chegou a hora! É agora. Por que estão servindo a comida naquele canto? Quer dizer que esta mesa está livre? Excelente! Senhores, eu... mas todos esses senhores não estão escutando... eu quero ler um artigo, príncipe; a comida é mais interessante, é claro, porém...

De súbito, de modo totalmente inesperado, ele tirou de seu casaco um envelope grande, de formato oficial, lacrado por um grande selo vermelho. Colocou-o sobre a mesa, à sua frente.

Aquele movimento repentino produziu seu efeito no grupo, despreparado para aquilo, ou, melhor dizendo, já bem *preparado*,¹⁴⁶ mas não para aquilo. Evguiêni Pávlovitch chegou a saltar em sua cadeira; Gânia moveu-se depressa em direção à mesa; Rogójin também, mas com uma espécie de irritação rabugenta, como se já compreendesse do que se tratava. Liébediev, que calhou de estar perto de Ippolit, aproximou-se com olhos curiosos e observou bem o envelope, tentando adivinhar do que se tratava.

— O que o senhor tem aí? — perguntou o príncipe, preocupado.

— Ao primeiro raio de sol, eu vou me deitar, príncipe, como eu já disse; palavra de honra: o senhor vai ver! — gritou Ippolit. — Mas... mas... será que os senhores acham que eu não estou em condições de romper o lacre deste envelope? — acrescentou, com ar de desafio, enquanto seu olhar parecia dirigir-se a todo mundo, sem distinção. O príncipe percebeu que Ippolit tremia da cabeça aos pés.

— Nenhum de nós está pensando assim — respondeu o príncipe, por todos. — E por que o senhor acha que alguém tem tal ideia e que... que ideia estranha é essa de ler algo para nós? O que o senhor tem aí, Ippolit?

— O que está acontecendo aqui? O que houve com ele, agora? — perguntavam, em redor. Todos se aproximaram, alguns ainda comendo; o envelope com o lacre vermelho, como um ímã, atraía a atenção de todos.

— Isto aqui fui eu mesmo que escrevi, ainda ontem, logo depois de dar minha palavra de honra de que viria morar com o senhor, príncipe. Escrevi isto ontem, o dia inteiro e, depois, madrugada adentro, e só terminei hoje de manhã; quando estava começando a amanhecer, eu tive um sonho...

— Não seria melhor deixar isso para amanhã? — interrompeu o príncipe, com timidez.

— Amanhã, “já não haverá mais tempo”! — E Ippolit riu, histericamente. — De resto, não precisa se preocupar, eu vou ler tudo em quarenta minutos, bem... uma hora... E veja como todos estão interessados; todos se aproximaram; todos vieram ver o meu lacre, pois, se eu não tivesse posto o artigo dentro de um envelope lacrado, não produziria nenhum efeito! Ha-ha! Isso é que é o mistério! Devo romper o lacre ou não, senhores? — gritou e deu sua risada estranha, com os olhos cintilantes. — O segredo! O segredo! Lembra, príncipe, quem foi que proclamou que “já não haverá mais tempo”? Quem proclama isso é um anjo enorme e poderoso, no Apocalipse.

— É melhor não ler! — exclamou, de repente, Evguiêni Pávlovitch, mas com um ar de aflição tão inesperado que, para muitos, pareceu estranho.

— Não leia! — gritou o príncipe, também, e colocou a mão sobre o envelope.

— Vai ler como? Está na hora de comer — protestou alguém.

— É um artigo? Será para alguma revista? — quis saber outro.

— Não será algo maçante? — acrescentou um terceiro.

— O que tem aí? — quiseram saber os demais. Porém o assustado gesto do príncipe pareceu assustar o próprio Ippolit.

— Então... não devo ler? — sussurrou para ele, como que temeroso, com um sorriso crispado nos lábios ligeiramente azuis. — Não devo ler? — balbuciou, correndo o olhar em redor, por toda a plateia, por todos os rostos e olhos, como se quisesse agarrar-se de novo em todos, atirar-se sobre todos, com o mesmo ímpeto anterior. — Está... com medo? — Virou-se, de novo, para o príncipe.

— De quê? — perguntou o príncipe, cada vez mais alterado.

— Alguém aí tem uma moeda de vinte copeques? — De súbito, Ippolit se levantou, como se alguém o tivesse puxado. — Qualquer moedinha serve.

— Tome! — Liébediev logo ofereceu uma; passou por ele a ideia de que o enfermo Ippolit estava delirando.

— Vera Lukiánovna! — Ippolit chamou, ansioso. — Por favor, jogue a moeda na mesa: cara ou coroa. Se der cara... então, vou ler!

Vera olhou assustada para a moeda, para Ippolit, depois, para o pai, voltou a cabeça para o alto, como se estivesse convicta de que não devia olhar para a moeda e, de maneira um tanto desajeitada, jogou-a sobre a mesa. Deu cara.

— Vou ler! — exclamou Ippolit, como que esmagado pela decisão do destino; não teria ficado mais pálido se tivessem proclamado sua sentença de morte. — No entanto, o que é isso? — De repente, após meio minuto de silêncio, teve um sobressalto. — Será que acabei de deixar a sorte decidir por mim? — E olhou para todos, em redor, com a mesma franqueza questionadora. — Ora, isso constitui um traço psicológico surpreendente! — exclamou, de súbito, virando-se para o príncipe, com espanto sincero. — É... é um traço inconcebível, príncipe! — afirmou, animando-se, como se voltasse a si. — Escreva isto, príncipe, anote, pois parece que o senhor está coletando dados sobre a pena de morte... Foi o que me contaram. Ha-ha! Ah, meu Deus, que disparate absurdo! — Sentou-se no sofá, apoiou os cotovelos na mesa e segurou a cabeça com as mãos. — Isto dá até vergonha!... Mas dane-se a vergonha! — Ergueu a cabeça quase imediatamente. — Senhores! Senhores, eu vou romper o lacre do envelope — anunciou com uma determinação um tanto abrupta. — Eu... eu, de resto, não estou obrigando ninguém a escutar!...

Com mãos trêmulas de emoção, removeu o lacre do envelope, retirou de dentro algumas folhinhas de papel de carta, cobertas de letras miúdas, colocou-as à sua frente e se pôs a ajeitá-las.

— Mas o que é isso? O que está acontecendo aqui? Vão ler o quê? — murmuravam alguns, em tom sombrio; outros mantinham silêncio. Mas todos se sentaram e ficaram olhando com curiosidade. Talvez esperassem, de fato, algo extraordinário. Vera segurou-se na cadeira do pai e, de tanto medo, quase chorava; Kólia sentia, também, um medo quase igual. Liébediev, já sentado, levantou-se, de repente, apanhou as velas e as levou até Ippolit, para que pudesse ler com mais luz.

— Senhores, isso... os senhores já vão ver do que se trata — acrescentou Ippolit, por alguma razão e, de repente, começou a leitura: — “Explicação

necessária”! Epígrafe: “*Après mois le déluge*”...¹⁴⁷ Ora, que o diabo me carregue! — exclamou, como se tivesse se queimado. — Como é que eu pude, em sã consciência, escolher uma epígrafe tão cretina?... Escutem, senhores!... Garanto aos senhores que tudo isso, no final das contas, não passa, talvez, de uma horrível bobagem! Aqui estão apenas algumas ideias minhas... Se os senhores acham que aqui... há algo de misterioso ou... proibido... numa palavra...

— Leia logo, sem preâmbulos — cortou Gânia.

— Está querendo despistar! — acrescentou alguém.

— É muita conversa — interveio Rogójin, que se mantivera calado o tempo todo.

Ippolit, de repente, olhou para ele e, quando os olhos dos dois se encontraram, Rogójin deu um sorriso amargo e acerbo e pronunciou palavras estranhas:

— Não é assim que se deve tratar essa questão, rapaz, não é assim...

Claro que ninguém compreendeu o que Rogójin queria dizer, mas suas palavras produziram, em todos, uma impressão bastante estranha: uma espécie de ideia comum resvalou pelo pensamento de cada um deles. Em Ippolit, aquelas palavras produziram uma impressão horrorosa: ele começou a tremer de tal maneira que o príncipe chegou a estender a mão a fim de segurá-lo e, com certeza, teria dado um grito, se sua voz não tivesse sumido, de repente. Durante um minuto inteiro, não conseguiu pronunciar nenhuma palavra e, ofegante, olhava o tempo todo para Rogójin. Por fim, respirando com dificuldade e com um esforço extraordinário, falou:

— Então foi o senhor... o senhor que esteve... o senhor?

— Estive onde? Eu fiz o quê? — retrucou Rogójin, perplexo, mas Ippolit, inflamado e com uma fúria que já o havia quase dominado, gritou, forte e brutal:

— *O senhor* esteve na minha casa, semana passada, de madrugada, às duas horas, naquele dia em que fui à sua casa de manhã, *o senhor!!* Admita!

— Semana passada, de madrugada? Meu rapaz, será que você, de fato, perdeu a razão?

O “rapaz”, de novo, seguiu em silêncio por um minuto, com o dedo indicador encostado na testa, como se refletisse; mas, em seu sorriso pálido e cada vez mais crispado de medo, de repente perpassou algo de astuto e até de triunfante.

— Então foi o senhor! — repetiu, enfim, quase num sussurro, mas com uma convicção fora do comum. — *O senhor* foi à minha casa e ficou sentado, em silêncio, na cadeira junto à janela, durante uma hora inteira; ou mais; na primeira e na segunda hora da madrugada; mais tarde, passadas as duas horas, levantou-se e foi embora... Foi o senhor, o senhor! Por que o senhor me assustou, por que foi me atormentar... eu não entendo, mas foi o senhor!

Em seu olhar, de repente, perpassou um ódio infinito, apesar de todo o tremor de medo, que, nele, ainda não havia cessado.

— Agora, os senhores vão ficar sabendo de tudo. Eu... eu... escutem bem...

Mais uma vez, com afobação tremenda, agarrou suas folhinhas de papel; elas se espalharam, embaralhando-se, e ele se esforçou para arrumar tudo; as folhas tremiam em suas mãos também trêmulas; ele demorou muito para conseguir se organizar.

Por fim, a leitura começou. De início, durante uns cinco minutos, o autor do inesperado “artigo” continuou a ofegar e leu de modo descontínuo e irregular; porém, depois, sua voz ganhou firmeza e passou a exprimir, por inteiro, o sentido do que lia. Às vezes, apenas, a tosse muito forte o interrompia; na metade do artigo, ficou bastante rouco; o entusiasmo

extraordinário que o dominava cada vez mais, à medida que a leitura avançava, alcançou, no final, o grau máximo, bem como a impressão doentia produzida nos ouvintes. Aqui está seu “artigo” na íntegra:

minha explicação necessária

Aprés moi, le déluge!

Ontem de manhã, o príncipe me fez uma visita; de passagem, me persuadiu a mudar para sua datcha. Eu bem sabia que ele iria, a todo custo, insistir nisso, e eu estava convencido de que me explicaria, sem rodeios, que, para mim, seria “mais fácil morrer na datcha, entre pessoas e árvores”, em suas palavras. Mas, hoje, ele não falou *morrer*, e sim que “será mais fácil continuar vivendo”, o que, no entanto, para mim, na minha condição, dá quase na mesma. Perguntei a ele o que queria dizer com aquelas incessantes “árvores” e por que ele tanto me assediava com essas “árvores” — e, com surpresa, descobri, pela sua resposta, que eu mesmo, ao que parece, numa noite anterior, dissera que tinha vindo a Pávlovsk, uma última vez, a fim de ver as árvores. Quando fiz a observação de que, no final, tanto fazia morrer sob as árvores ou olhando para os meus tijolos, através da janela, e também de que não havia motivo para tanta cerimônia por causa de duas semanas, ele prontamente concordou; mas, na sua opinião, a vegetação e o ar puro produzirão em mim, sem dúvida, alguma alteração física, minhas emoções e *meus sonhos* também irão mudar e, talvez, ficar mais leves. De novo, rindo, eu fiz ver a ele que estava falando como um materialista. Com seu sorriso, o príncipe respondeu que sempre foi materialista. Como ele nunca mente, tais palavras devem ter algum significado. O sorriso dele é bonito; na hora, eu observei com mais atenção. Agora, não sei se eu gosto ou não gosto dele; agora, não tenho tempo para

desperdiçar com isso. Meu ódio de cinco meses por ele, cumpre notar, começou a se aplacar por completo no último mês. Quem sabe, talvez eu tenha vindo a Pávlovsk, sobretudo, para encontrar o príncipe. Mas... por que deixei o meu quarto para trás? Um condenado à morte não deve abandonar o seu canto; e se, agora, eu não tivesse tomado uma decisão definitiva, resolveria, ao contrário, esperar até a última hora e, assim, é claro, não deixaria o meu quarto em nenhuma hipótese e não aceitaria o convite de mudar-me para a casa dele e “morrer” em Pávlovsk.

Preciso me apressar e terminar toda essa “explicação” até amanhã, no máximo. Portanto, não vou ter tempo de reler e corrigir o texto; voltarei a ele amanhã, quando o ler para o príncipe e para mais duas ou três testemunhas que estou contando encontrar em sua casa. Por isso, não haverá aqui nenhuma palavra de mentira, tudo é a pura verdade, a verdade suprema e solene, então eu sinto uma curiosidade de saber, antecipadamente, que impressão essa verdade vai produzir em mim mesmo, na hora e no minuto em que eu começar a reler este texto. No entanto, escrevi de propósito as palavras “verdade suprema e solene”; em todo caso, não vale a pena mentir por causa de duas semanas e, por isso, eu só vou escrever a verdade. (nb: Não esquecer este pensamento: não estarei eu louco, por acaso, neste minuto, ou melhor, nestes minutos? Afirmaram-me, de forma segura, que a tuberculose, em sua fase final, às vezes produz loucura temporária. Conferir isto amanhã, durante a leitura, pela impressão nos ouvintes. Resolver esta questão, a todo custo e com toda a exatidão; do contrário, não é possível fazer nada.)

Parece-me que acabei de escrever uma tremenda tolice; mas não tenho tempo para corrigir, eu já disse; além do mais, dei a mim mesmo a palavra de honra de que não ia corrigir nem uma linha deste manuscrito, mesmo que eu perceba que entro em contradição comigo mesmo a cada cinco

linhas. Quero justamente avaliar amanhã, durante a leitura, se o fluxo lógico do meu pensamento é correto; se vou notar meus erros e, portanto, se é verdade tudo o que refleti neste quarto e nestes seis meses, ou se não passa de um delírio.

Se, apenas dois meses atrás, eu tivesse de deixar meu quarto, como agora, e despedir-me do muro da casa do Meyer, tenho certeza de que ficaria triste. Mas agora eu não sinto nada e, mesmo assim, amanhã, vou abandonar o quarto e o muro *para sempre!* Portanto, a minha convicção de que, por causa de duas semanas, não vale a pena lastimar-se ou render-se a quaisquer sensações dominou a minha natureza e agora já pode tomar o comando de todos os meus sentimentos. Mas será que isso é verdade? Será verdade que a minha natureza, agora, está completamente subjugada? Se agora comessem a me torturar, eu me poria a berrar, com certeza, e nem por isso diria que não vale a pena gritar e sentir dor, porque só restam duas semanas de vida.

Mas será verdade que só me restam duas semanas de vida, e não mais? Acontece que, naquele dia, em Pávlovsk, eu menti: B. não me disse nada e, na verdade, ele nunca me viu; mas, uma semana atrás, levaram o estudante Kisloródov¹⁴⁸ para me examinar; por suas convicções, ele é materialista, ateu e niilista, e foi por isso mesmo que o chamei: eu precisava de uma pessoa que me dissesse, afinal, a verdade nua e crua, sem cerimônias e sem melindres. E assim fez, e não só com presteza e sem cerimônias como também com visível satisfação (o que, a meu ver, já foi supérfluo). Ele disparou sem rodeios que me restava cerca de um mês; talvez um pouco mais, se as circunstâncias fossem favoráveis; mas eu podia morrer, também, muito antes disso. Na opinião dele, eu podia morrer de maneira repentina, por exemplo, até mesmo no dia seguinte: fatos assim acontecem e, apenas dois dias antes, uma jovem dama tuberculosa, numa condição semelhante à

minha, em Kolomna,¹⁴⁹ preparava-se para ir ao mercado a fim de comprar mantimentos, mas, de repente, sentiu-se mal, deitou-se no sofá, deu um suspiro e morreu. Kisloródov me comunicou tudo isso até com certa ostentação de indiferença e descuido e como se estivesse me dando uma honra, ou seja, como se mostrasse, desse modo, que me tomava também por um ser superior, que nega tudo, a exemplo dele mesmo, para quem morrer, é claro, não significa nada. No final das contas, resta um fato incontestável: um mês, no máximo! Estou absolutamente convicto de que, nisso, ele não se enganou.

Fiquei muito admirado quando o príncipe, há pouco tempo, adivinhou que eu tenho “sonhos ruins”; ele disse, literalmente, que em Pávlovsk os meus “sonhos e emoções” vão mudar. E por que os sonhos? Ou ele é médico ou, de fato, possui uma inteligência fora do comum e é capaz de adivinhar muitas coisas. (Mas que, no final das contas, é um “idiota”, disso não há a menor dúvida.) Como se fosse de propósito, pouco antes da chegada dele, eu tive um sonho curioso (aliás, de um tipo que, agora, eu ando tendo às centenas). Adormeci — creio uma hora antes da chegada dele — e sonhei que estava num quarto (mas não era o meu). Era um quarto maior e mais alto do que o meu, mais bem mobiliado e claro; tinha armário, cômoda, sofá e a minha cama, grande e larga, coberta por uma colcha verde, estofada, costurada com pespontos. Porém, naquele quarto, eu percebi que havia um animal horrendo, uma espécie de monstro. Era um tipo de escorpião, mas não era um escorpião, era mais asqueroso e imensamente mais aterrador, e parece que, exatamente por não existirem animais assim na natureza, e também por ele ter aparecido *de propósito* no meu quarto, eu tive a impressão de que nele se encerrava uma espécie de mistério. Eu o examinei com muita atenção: era marrom e cascudo, um réptil rastejante com uns quatro *verchok* de comprimento, a cabeça tinha

dois dedos de espessura, o corpo afinava gradualmente no sentido da cauda e, assim, a pontinha do rabo não tinha mais do que um décimo de *verchok* de espessura. Do meio do tronco, a um *verchok* da cabeça, saíam duas patas, uma para cada lado, num ângulo de quarenta e cinco graus, com uns dois *verchok* de comprimento e, desse modo, olhando de cima, o animal, em seu conjunto, apresentava o formato de um tridente. Não examinei bem a cabeça, mas vi duas antenas, não eram compridas, tinham o aspecto de duas agulhas grossas, também marrons. Na ponta da cauda, havia duas antenas iguais àquelas, e também na ponta de cada uma das patas, e assim, portanto, ele tinha oito antenas. O animal corria muito depressa pelo quarto, apoiando-se nas patas e na cauda e, quando corria, o tronco e as patas se moviam sinuosamente, como uma serpente, e com uma rapidez incrível, apesar do seu casco, e, nessa hora, dava muito nojo de olhar. Eu temia que ele me picasse; disseram-me que era venenoso, porém o que mais me atormentava era pensar quem teria enviado aquela criatura ao meu quarto, o que queriam fazer comigo e que segredo havia ali. O animal se escondia embaixo da cômoda, embaixo do armário, rastejava para os cantos. Sentei-me na cadeira, com as pernas erguidas e encolhidas sob meu corpo. Com a maior rapidez, o bicho atravessou o quarto inteiro, correndo na diagonal, e desapareceu em algum ponto perto da minha cadeira. Apavorado, olhei em redor, porém, como estava com as pernas erguidas e encolhidas, torcia para que ele não subisse pela cadeira, rastejando. De súbito, ouvi atrás de mim, quase junto à minha cabeça, uma espécie de rumor crepitante; virei-me e vi que o réptil estava rastejando pela parede, já na altura da minha cabeça, chegando mesmo a tocar meus cabelos com a cauda, que girava e ondulava numa velocidade extraordinária. Ergui-me de um salto e o animal também desapareceu. Eu temia deitar-me na cama, receoso de que ele tivesse rastejado para debaixo do travesseiro. No quarto, entraram minha mãe e

alguma conhecida sua. Puseram-se a caçar o réptil, só que estavam mais calmas do que eu, nem sequer tinham medo. Porém não entendiam nada. De repente, o réptil se pôs a rastejar de novo; dessa vez, rastejava muito sereno, como se tivesse alguma intenção especial, serpenteava lentamente, o que o tornava ainda mais repugnante, e atravessou o quarto, de novo, na diagonal, rumo à porta. Nesse momento, minha mãe abriu a porta e chamou Norma, o nosso cachorro — um enorme terra-nova, preto e peludo; faz cinco anos que morreu. O cão entrou no quarto correndo, mas logo parou, em face do réptil, como se tivesse cravado as patas no chão. O réptil também parou, mas continuava sempre a ondular e a estalar no chão as pontas das patas e da cauda. Os animais, se não me engano, não são capazes de sentir um temor místico; porém, naquele instante, me pareceu que, no temor de Norma, havia algo muito fora do comum, algo que parecia, também, quase místico, e tive a impressão de que o cachorro, portanto, também pressentia, como eu, que naquela fera se encerrava algo de fatídico e uma espécie de mistério. Lentamente, o cão foi recuando, em face do réptil, que rastejava na direção dele, com cautela e devagar; dava a impressão de que pretendia atirar-se, de repente, sobre o cão e dar uma picada. No entanto, apesar de todo o temor e a despeito de seu corpo inteiro tremer, Norma olhava para o animal com uma raiva tremenda. De súbito, lentamente, o cão arreganhou os dentes medonhos, abriu sua enorme boca vermelha, tomou posição, preparou o impulso, decidiu-se e, de repente, apanhou o réptil entre os dentes. O animal deve ter se debatido com furor para escapar, pois Norma agarrou-o mais uma vez, quando já estava fugindo, e por duas vezes quis sugá-lo inteiro, enquanto ele fugia, como se quisesse engoli-lo de uma vez só. O casco do réptil estalava entre seus dentes; a cauda e as patas do animal, que se projetavam para fora da boca do cão, sacudiam-se numa velocidade espantosa. De súbito, Norma ganiu dolorosamente: apesar de

tudo, o réptil conseguira picar sua língua. Com um ganido e um uivo, o cão abriu a boca de dor e eu vi que o réptil, partido a dentadas, continuava a se remexer, na diagonal, dentro da boca do cão, enquanto, de seu tronco semiesmagado, derramava, sobre a língua do cão, grande quantidade de um suco branco, semelhante ao que sai de uma barata preta esmagada... Nesse ponto, eu acordei, e o príncipe chegou.

— Senhores — disse Ippolit, interrompendo a leitura, de repente, e até quase envergonhado. — Eu não reli o texto, mas parece que escrevi muita coisa supérflua. Esse sonho...

— Isso acontece — interveio Gânia, depressa.

— Aqui, há coisas pessoais em excesso, eu admito, ou seja, a respeito de mim mesmo...

Ao dizer aquilo, Ippolit tinha um ar cansado, muito combalido e, com um lenço, enxugava o suor da testa.

— Sim, o senhor se interessa demais por si mesmo — falou Liébediev, sibilante.

— Senhores, mais uma vez, eu não estou obrigando ninguém a ouvir; quem não quiser pode ir embora.

— Ele põe os outros para fora de uma casa... que não é dele — rosnou Rogójin, quase inaudível.

— E que tal se todos nós levantarmos, de repente, e formos embora? — exclamou Ferdíschenko, inesperadamente, o qual, até então, aliás, não se atrevera a dizer nem uma palavra.

Ippolit, de súbito, baixou os olhos e aferrou-se ao manuscrito; mas, no mesmo instante, ergueu de novo a cabeça e, com olhos faiscantes e duas manchas vermelhas nas faces, exclamou, enquanto olhava com tenacidade para Ferdíschenko:

— O senhor não gosta de mim nem um pouco!

Estalou uma risada; no entanto, a maioria não estava rindo. Ippolit ruborizou-se horrivelmente.

— Ippolit — disse o príncipe. — Dobre o seu manuscrito, dê para mim e vá deitar-se para dormir ali, no meu quarto. Nós vamos conversar antes de dormir, e amanhã também; mas na condição de que você nunca mais abra essas folhas. Certo?

— E você acha que isso é possível? — Ippolit olhou para ele, com genuína surpresa. — Senhores! — gritou, de novo, ganhando um ânimo febril. — Foi um episódio tolo, no qual eu não soube me comportar. Não vou mais interromper a leitura. Quem quiser ouvir que ouça...

Com afobação, sorveu água de um copo, apoiou os cotovelos sobre a mesa, a fim de se ocultar dos olhares e, obstinadamente, deu sequência à leitura. De resto, a vergonha passou logo... e ele continuou a ler:

A ideia de que não vale a pena viver algumas semanas passou a me dominar, de maneira real, eu creio, no mês passado, quando ainda me restavam quatro semanas de vida, mas só se apoderou de mim por completo três dias atrás, quando retornei daquela festa em Pávlovsk. O primeiro momento em que essa ideia me penetrou por inteiro, e sem disfarces, foi na varanda da casa do príncipe, exatamente no instante em que inventei de submeter a vida a uma última prova, eu quis ver pessoas e árvores (vá lá que eu mesmo tenha dito isso), eu me exaltei, insisti em defender o direito de Burdóvski, “meu próximo”, e me pus a sonhar que, de repente, todos abririam os braços para mim, me receberiam em seus abraços e me pediriam perdão por alguma coisa, e eu também pediria perdão a eles; em suma, acabei como um imbecil imprestável. E foi naquela ocasião que se inflamou, em mim, a “convicção suprema”. Agora, eu me admiro ao pensar como fui capaz de viver seis meses inteiros sem essa “convicção”! Eu sabia, de forma positiva, que tenho tuberculose e que é uma doença incurável; eu

não enganava a mim mesmo e compreendia a questão com clareza. Porém, quanto mais claramente eu compreendia, mais ansioso eu ficava para viver; eu me aferrava à vida e queria viver a todo custo. Concordo que, na ocasião, eu podia me enfurecer contra o destino surdo e sombrio que, sem saber por quê, é claro, decidira me esmagar como a uma mosca; mas por que eu não acabei ficando com raiva? Por que eu, de fato, *comecei* a viver, se eu sabia que já era impossível começar? Por que eu quis provar a vida, se sabia que já não podia provar nada? Entretanto, nem os livros eu consigo ler até o fim e até já desisti de ler: para que ler, para que aprender, só para seis meses? Essa ideia me obrigou, várias vezes, a largar o livro que eu estava lendo.

Sim, aquele muro do Meyer pode revelar muita coisa! Eu escrevi muito a respeito dele. Não havia uma única mancha naquele muro imundo que eu não tivesse estudado até gravar na memória. Muro maldito! No entanto, ele é mais precioso, para mim, do que todas as árvores de Pávlovsk, ou seja, deveria ser mais precioso do que todas elas, se para mim, agora, nada mais importasse.

Agora, eu recorro o interesse ávido com que passei, então, a acompanhar a vida *deles*; antes, tal interesse não existia. Às vezes, quando eu mesmo me achava tão doente que nem conseguia sair do quarto, eu aguardava o Kólia com impaciência e rogando pragas. Esmiuçava todos os ínfimos detalhes a tal ponto, e eu me interessava tanto por quaisquer boatos, que parecia ter me tornado um bisbilhoteiro. Eu não entendia, por exemplo, como aquelas pessoas, que tinham tanta vida, não eram capazes de se tornar ricas (aliás, agora também não entendo). Eu conheci um pobre que, como soube depois, acabou morrendo de fome, e lembro que isso me deixou louco: se fosse possível trazer aquele pobre de volta à vida, creio que eu mesmo o condenaria à morte. Às vezes, eu me sentia melhor durante semanas inteiras e conseguia sair à rua; mas, no fim, a rua passou a produzir em mim

tamanha exasperação que, de caso pensado, eu passava dias inteiros trancado dentro de casa, embora pudesse sair, como qualquer pessoa. Eu não conseguia suportar aquela gente sempre afobada, ansiosa, eternamente preocupada, triste e alarmada, que andava depressa ao meu lado, para lá e para cá, pela calçada. De que adianta sua eterna tristeza, sua eterna aflição e inquietude, sua eterna raiva tristonha (porque eles são maus, maus, maus)? De quem é a culpa, se são infelizes e não sabem viver, quando têm pela frente sessenta anos de vida? Para que o Zarnítsin se deixou morrer de fome, se tinha sessenta anos pela frente? E cada um exhibe seus andrajos, suas mãos de operário, se enfurece e berra: “Nós trabalhamos como bois, labutamos, vivemos famintos como cães, e pobres! Outros não trabalham, não labutam, mas são ricos!” (O eterno refrão!) Ao lado deles, da manhã à noite, corre e se agita um sujeitinho “de origem nobre”, Ivan Fomitch Súrikov — mora em nosso edifício, no andar em cima do nosso —, eternamente com os cotovelos puídos, com os botões descosturados, executa tarefas para várias pessoas, a serviço não se sabe de quem, e da manhã à noite. Converse só com ele: “Pobre, indigente e desgraçado, a esposa morreu, não tinha como comprar remédio, o bebê morreu de frio, no inverno; a filha mais velha foi ser concubina...” — choraminga eternamente, se lamuria eternamente! Ah, não havia em mim nenhuma, nenhuma piedade desses imbecis, nem agora nem antes — e eu digo isso com orgulho! Por que ele não é um Rothschild? De quem é a culpa, se ele não possui milhões como o Rothschild, se não possui montanhas de ouro, de imperiais e *napoléons d’or*,¹⁵⁰ e montanhas tão altas como as construídas na *máslenitsa*,¹⁵¹ perto das barracas da feira. Se ele está vivendo, então tudo está em seu poder! Se ele não entende isso, de quem é a culpa?

Ah, agora, para mim, nada mais importa, agora, eu não tenho mais tempo para me enfurecer, mas na época, na época, repito, eu ficava roendo de

verdade o meu travesseiro, à noite, e rasgava o meu cobertor de tanta raiva. Ah, na época, como eu sonhava, como eu desejava, como eu desejava, em sã consciência, que me enxotassem para a rua, de repente, aos dezoito anos, quase sem roupa, quase desnudo, e me deixassem completamente sozinho, sem abrigo, sem trabalho, sem uma migalha de pão, sem parentes, sem nenhum conhecido na cidade imensa, com fome, espancado (tanto melhor!), porém saudável, e aí então eu ia mostrar...

Mostrar o quê?

Ah, será que os senhores supõem que eu ignoro como eu já me rebaixei só com esta minha “explicação”? Ora, quem não há de me tomar por um sujeitinho que nada sabe da vida, esquecendo que eu já não tenho mais dezoito anos, esquecendo que viver como eu vivi, nesses seis meses, equivale a viver o bastante para os cabelos ficarem grisalhos? Mas deixe que eles riam e que falem que tudo isso são contos de fadas. Na verdade, eu tenho contado histórias fantasiosas para mim mesmo. Com elas, eu preenchi minhas noites inteiras, de ponta a ponta; e, agora, eu me lembro de todas elas.

Mas será que tenho mesmo de recontar essas histórias, agora, quando, também para mim, já passou o tempo dos contos de fadas? E, ainda por cima, para quem! Pois eu me deleitava com aquelas histórias na época em que eu via, com clareza, que até o estudo da gramática grega estava proibido para mim, como, certa vez, imaginei estudar: “Vou morrer antes de chegar à sintaxe”, pensei logo à primeira página, e joguei o livro embaixo da mesa. Ele continua lá, caído; proibi a Matriona de pegá-lo.

Não me importo que as pessoas em cujas mãos cair esta minha “Explicação”, e que, por acaso, tiverem paciência de ler até o fim, me considerem louco ou até um ginasiano, ou ainda, o que é o mais correto, um condenado à morte que, naturalmente, começou a achar que todo mundo,

exceto ele, dá muito pouco valor à vida, que todos se acostumaram a esbanjá-la com excessivo despreço, que aproveitam a vida com preguiça demais, com demasiada falta de consciência e que, portanto, todos eles, do primeiro ao último, não são dignos da vida! E daí? Eu afirmo que o meu leitor está enganado e que a minha convicção é de todo independente da minha sentença de morte. Pergunte, apenas pergunte a eles o que todos eles, do primeiro ao último, entendem por felicidade. Ah, pode ter certeza de que Colombo foi feliz não quando descobriu a América, mas quando estava tentando descobri-la; pode ter certeza de que o momento mais elevado de sua felicidade foi, talvez, exatamente três dias antes da descoberta do Novo Mundo, quando a tripulação amotinada, em seu desespero, quase fez a caravela dar meia-volta e retornar à Europa! A questão, no caso, não é o Novo Mundo, o Novo Mundo pode até deixar de existir. Colombo morreu quase sem vê-lo e, no fundo, ignorava o que havia descoberto. A questão está na vida, só na vida — no ininterrupto e eterno descobrimento da vida, e não no fato de ela ter sido descoberta! Mas para que ficar falando? Desconfio que tudo que estou dizendo, agora, é tão semelhante às frases mais comuns que, com certeza, irão me tomar por um estudante da série mais inferior que apresenta sua redação sobre “o nascer do sol”, ou dirão que eu, talvez, até queria apresentar alguma coisa, porém, apesar de todo o meu desejo, não fui capaz de... “me desenvolver”. Todavia, acrescento, no entanto, que em qualquer ideia nova ou genial da humanidade, ou até, simplesmente, em qualquer ideia humana séria, nascida na cabeça de alguém, sempre restará alguma coisa impossível de transmitir para os outros, mesmo que você escreva volumes inteiros a respeito e fique explicando sua ideia durante trinta e cinco anos; sempre restará algo que não vai querer, de jeito nenhum, sair de dentro do seu crânio e permanecerá dentro de você para sempre; desse modo, você vai morrer sem transmitir

para ninguém, talvez, o ponto mais importante de sua ideia. Porém, se eu, agora, também fui incapaz de transmitir tudo o que me atormentou nesses seis meses, pelo menos não de compreender que, tendo alcançado minha “convicção suprema” atual, eu, quem sabe, paguei caro demais por ela; é isso que julguei necessário, para meus fins particulares, trazer à luz na minha “Explicação”.

Porém, ainda assim, vou continuar.

Eu não quero mentir: nesses seis meses, a realidade fisgou também a mim em seu anzol e, às vezes, ela me atraía a tal ponto que eu esquecia minha sentença de morte, ou, melhor ainda, não queria pensar no assunto e até tocava a vida normalmente. Aliás, falemos a respeito das minhas condições, na época. Oito meses atrás, quando eu já estava bem doente, cortei todas as relações e abandonei todos os meus camaradas de então. Como sempre fui uma pessoa bastante melancólica, foi fácil, para meus camaradas, me esquecer; claro, eles me esqueceriam mesmo, de um jeito ou de outro. Minha situação em casa, ou seja, “em família”, também era de solidão. Cinco meses atrás, eu me tranquei no meu quarto e me isolei por completo dos demais cômodos da família. Toda hora, vinham escutar através da porta, mas ninguém se atrevia a entrar, exceto num horário determinado, para arrumar o quarto e me trazer comida. Minha mãe tremia diante das minhas ordens e não se atrevia nem a chorar na minha frente, nas raras vezes em que eu permitia que entrasse. Toda hora, por minha causa, ela dava surras nas crianças para que não fizessem barulho e não me perturbassem; de fato, muitas vezes, eu reclamava dos gritos das crianças; e agora, vejam só, elas devem até gostar de mim! “O fiel Kólia”, como eu o chamava: creio que a ele, também, eu atormentei bastante. Ultimamente, ele também me atormentou: tudo isso é natural, as pessoas são feitas para atormentarem-se

umas às outras. Mas eu observei que ele suporta a minha exasperação como se tivesse, de antemão, dado sua palavra de honra de que iria poupar um doente. Claro, isso me deixava irritado; mas parece que o Kólia cismou de imitar o príncipe na sua “humildade cristã”, o que já era um pouco ridículo. É um menino novo, cheio de entusiasmo e, claro, imita tudo; mas às vezes me parecia que já estava na hora de ele viver e pensar com a própria cabeça. Eu gosto muito do Kólia. Eu também atormentei o Súrikov, que morava no andar acima do nosso e que corria para todo lado, da manhã à noite, cumprindo tarefas para não sei quem; eu sempre mostrava para o Súrikov que a culpa da sua pobreza era dele próprio e, por isso, ele passou a ter medo de mim e parou de me visitar. É uma pessoa muito humilde, a mais humilde das criaturas (nb: Dizem que a humildade é uma força terrível; preciso me inteirar sobre isso, com o príncipe: a expressão é dele mesmo.) Mas quando, no mês de março, eu subi ao apartamento do Súrikov para ver como a criança “tinha morrido de frio”, nas palavras dele mesmo, e, sem querer, eu ri diante do cadáver do seu bebê, porque comecei, mais uma vez, a explicar a Súrikov que “a culpa era dele mesmo”, então os dentes daquele coitado, de repente, começaram a tremer, ele agarrou meu ombro com a mão, apontou-me a porta com a outra mão e, em voz baixa, ou seja, quase num sussurro, me disse: “Vá embora, meu senhor!”. Eu saí, e aquilo me agradou muito, e me agradou na mesma hora, no exato minuto em que ele me pôs para fora da sua casa; mas as palavras dele, depois, e por muito tempo, produziram em mim, quando eu as recordava, a opressiva impressão de uma estranha e desdenhosa piedade daquele homem, uma piedade que eu não queria, de forma nenhuma, sentir. Mesmo no instante de tamanha ofensa (pois eu sinto que o ofendi, embora não tivesse tal intenção), mesmo naquele instante, o homem não conseguiu se enfurecer! Seus dentes começaram a tiritar, não de raiva, absolutamente, eu juro: ele me segurou

com a mão e proferiu seu magnífico “Vá embora, meu senhor”, de forma resoluto, sem irritar-se. Havia dignidade nele, e até muita dignidade, embora aquilo não combinasse com seu rosto (o que, na verdade, tinha muito de cômico), mas raiva não havia. Quem sabe sentiu apenas um desprezo repentino por mim. Desde então, nas duas ou três vezes em que o encontrei na escada, ele apenas tirou o chapéu para mim, algo que nunca tinha feito, porém não se deteve, como fazia antes, e passou por mim correndo, com ar confuso. Se ele me desprezava, ainda assim o fazia à sua maneira: “desprezava *com humildade*”. Quem sabe ele tirou o chapéu só por medo, por eu ser o filho da sua credora, pois ele vivia endividado com a minha mãe e não tinha a menor condição de livrar-se das dívidas. É até o mais provável... Eu quero me desculpar com ele e sei, com certeza, que Súrikov, depois de dez minutos, logo me pediria perdão; mas ponderei que era melhor deixá-lo em paz.

Naquela mesma ocasião, ou seja, na época em que o filho de Súrikov “morreu de frio”, por volta de meados de março, de repente, não sei por que razão, comecei a me sentir muito melhor, e assim continuei por cerca de duas semanas. Passei a sair de casa, em geral ao entardecer. Eu gostava do entardecer no mês de março, na hora em que cai a friagem e acendem a iluminação a gás; às vezes, eu caminhava até bem longe. Certo dia, na rua Chestilávotchnaia,¹⁵² um homem “de origem nobre” me ultrapassou, mas eu nem olhei direito para ele; o homem levava algo embrulhado em papel e vestia um tipo de casaquinho curto e muito malfeito, leve demais para aquela época do ano. Quando ele alcançou o poste de luz, uns dez passos à minha frente, notei que alguma coisa caiu do seu bolso. Fui depressa pegar, e bem a tempo, pois alguém de cafetã comprido já havia saltado na mesma direção, porém, ao ver o objeto em minhas mãos, nem discutiu, lançou um rápido olhar para as minhas mãos e se esgueirou para longe. Tratava-se de

uma carteira volumosa, feita em marroquim, de feitio antigo e abarrotada; no entanto, por alguma razão, logo ao primeiro olhar, adivinhei que, nela, podia haver qualquer coisa, menos dinheiro. O passante que havia perdido a carteira já caminhava a mais ou menos quarenta passos à minha frente e logo o perdi de vista, no meio da multidão. Corri e comecei a gritar para ele; porém, como eu nada tinha para gritar, senão “Ei!”, o homem não se virou para trás. De repente, ele se esgueirou para a esquerda e sumiu no portão de um edifício. Quando cheguei correndo ao portão, um lugar muito escuro, já não havia ninguém. O edifício era de enormes dimensões, um daqueles colossos construídos por especuladores para abrigar apartamentos minúsculos; em alguns desses edifícios, por vezes, existem até cem moradias. Quando atravessei correndo o portão, embora eu mal conseguisse enxergar, no escuro, tive a impressão de que um homem passara caminhando para a direita, rumo ao canto do pátio imenso. Corri até lá e vi a passagem para uma escada; era uma escada estreita, extremamente suja e sem nenhuma iluminação; porém dava para ouvir que, lá no alto, o homem continuava a subir correndo pelos degraus e me lancei escada acima, calculando que o alcançaria antes que alguma porta se abrisse para ele. E assim foi. Os lances de escada eram muito curtos, seu número era infinito e, com isso, eu fiquei sem fôlego; no quinto andar, abriram e fecharam uma porta, foi o que deduzi ainda três andares abaixo. Enquanto eu galgava os degraus, enquanto recobrava o fôlego no patamar e procurava a campainha da porta, passaram-se alguns minutos. Por fim, abriram a porta: era uma mulher, que estava acendendo um samovar numa cozinha minúscula; ela escutou, em silêncio, as minhas perguntas, nada compreendeu, é claro, e, também sem nada dizer, abriu para mim uma porta que dava para o cômodo seguinte, também pequeno, horrivelmente baixo, com a mobília deplorável, apenas o indispensável, e uma cama larga, enorme, rodeada por um

cortinado, sobre a qual estava estirado “Tieriéntitch” (assim gritou a mulher), que me pareceu embriagado. Sobre a mesa, ardia um toco de vela, já no fim, espetado numa lamparina de ferro, e havia também uma garrafa de meio *chtof*¹⁵³ quase vazia. Deitado, Tieriéntitch rosnou algo para mim e apontou para a porta seguinte; a mulher tinha ido embora, de modo que não me restou opção senão abrir aquela porta. Assim fiz e entrei no cômodo seguinte.

Era ainda mais estreito e mais exíguo do que o anterior, a tal ponto que eu nem sabia para onde me virar; num canto, a estreita cama de solteiro ocupava um espaço grande demais; a mobília restante se resumia a três cadeiras, atulhadas com toda sorte de andrajos, e uma mesa de cozinha do tipo mais ordinário, feita de madeira, na frente de um sofá velho, coberto por um encerado, de tal modo que era quase impossível passar entre a mesa e o sofá. Sobre a mesa, estava acesa uma lamparina de ferro com uma vela de sebo, como no cômodo anterior, porém, sobre a cama, choramingava um bebezinho miúdo, talvez só de três de semanas, a julgar pelos gritos; quem “mudava” a criança, ou seja, trocava suas fraldas, era uma mulher pálida e doente, de aparência jovem, em roupas domésticas bem relaxadas, e que talvez estivesse apenas começando a se levantar, depois do parto; mas o bebê não se aquietava e dava gritos, à espera do peito descarnado. Sobre o sofá, dormia outra criança, uma menina de três anos, que parecia coberta com um paletó. De pé, junto à mesa, estava um cavalheiro de casaco muito surrado (ele já havia tirado o sobretudo, que estava sobre a cama), abrindo um embrulho de papel azul, no qual havia umas duas libras de pão de trigo e dois chouriços pequenos. Além disso, sobre a mesa, estava um bule com chá e pedacinhos de pão preto espalhados. Por baixo da cama, via-se a ponta de uma mala aberta e sobressaíam, também, duas trouxas com alguns trapos.

Em resumo, a desordem era tremenda. Ao primeiro olhar, me pareceu que ambos — o cavalheiro e a dama — eram gente direita que a pobreza arrastara para aquela situação humilhante, na qual a desordem terminava por derrotar qualquer tentativa de lutar contra ela e que chegava ao ponto de levar as pessoas à amarga necessidade de encontrar naquela mesma desordem, maior a cada dia, uma espécie de sentimento de satisfação, amargo e como que vingativo.

Na hora em que entrei, aquele cavalheiro, que também acabara de chegar, antes de mim, e que estava desembrulhando seus víveres, conversava com a esposa, falando rápido e nervosamente; a moça, antes mesmo de terminar de trocar a fralda, começara a chorar; pelo visto, as notícias eram péssimas, como de costume. O rosto do cavalheiro, queimado de sol e ressecado, que aparentava uns vinte e oito anos, emoldurado por costeletas negras, com o queixo barbeado até a pele reluzir, pareceu-me bastante respeitável e mesmo simpático; era um rosto melancólico, de olhar melancólico, mas com um toque mórbido de orgulho que facilmente se exasperava. Quando entrei, se passava uma cena estranha.

Há pessoas que encontram enorme prazer em sua própria suscetibilidade irritada, sobretudo quando esse sentimento alcança o ponto máximo (o que sempre ocorre muito depressa); nesses momentos, tais pessoas têm a impressão de que é mais agradável receberem uma ofensa do que não serem ofendidas. Essas pessoas irritadas, depois, sempre se atormentam com remorsos, se forem inteligentes, é claro, e se tiverem condições de compreender que se exaltaram dez vezes mais do que convinha. Aquele cavalheiro ficou olhando para mim por algum tempo, com perplexidade, e a esposa, com temor, como se fosse um acontecimento terrível o fato de alguém poder entrar em sua casa; de súbito, ele se atirou contra mim quase num acesso de fúria; mal tive tempo de balbuciar duas palavras, quando ele,

reparando, em especial, que eu estava razoavelmente bem-vestido, deve ter se considerado muito ofendido por eu me atrever a entrar, sem nenhuma cerimônia, em seu reduto e ver toda sua horrível condição, da qual ele mesmo tanto se envergonhava. Claro, ele estava alegre com a chance de descarregar sobre alguém sua raiva por conta de todos os seus fracassos. Por um minuto, cheguei a pensar que ele ia me bater; no entanto, ele empalideceu, como num ataque de histeria feminina, e deixou a esposa terrivelmente assustada.

— Como o senhor se atreve a entrar desse jeito? Fora daqui! — gritou, trêmulo, mal conseguindo articular as palavras. Mas, de repente, viu nas minhas mãos a sua carteira.

— Parece que o senhor deixou cair isso — falei da maneira mais calma e seca possível. (De resto, era o que convinha fazer.)

Ele ficou parado na minha frente, num pasmo absoluto e, por algum tempo, pareceu incapaz de compreender coisa alguma; depois, bruscamente, pôs a mão no bolso lateral, escancarou a boca de horror e bateu a mão espalmada na testa.

— Meu Deus! Onde o senhor achou? Como?

Expliquei com as palavras mais breves e, também, mais secas, na medida do possível, como eu pegara a carteira na rua, como havia corrido e chamado por ele e, por fim, como, por dedução e quase às cegas, eu subira a escada correndo, no seu encalço.

— Ah, meu Deus! — exclamou, voltando-se para a esposa. — Aqui estão todos os nossos documentos, os meus últimos recursos, tudo... Ah, meu caro senhor, sabe o que o senhor fez por mim? Eu estaria perdido!

Nesse meio-tempo, segurei a maçaneta da porta a fim de ir embora sem nada responder; no entanto, eu mesmo fiquei sem fôlego e, de súbito, a emoção rebentou num ataque de tosse tão forte que mal consegui me

manter de pé. Vi como o cavalheiro se precipitava para todos os lados, a fim de encontrar, para mim, uma cadeira desocupada, até que, por fim, apanhou os trapos que estavam em cima de uma cadeira, jogou-os no chão, muito afoito, me ofereceu a cadeira e sentou-me ali com cuidado. Porém minha tosse prosseguiu, e não se acalmou por mais três minutos. Quando eu me refiz, ele já estava sentado em outra cadeira, a meu lado, certamente depois de ter jogado outros trapos no chão, e me fitava com toda a atenção.

— O senhor parece que... está sofrendo — falou no tom de voz que os médicos adotam, em geral, quando se dirigem a um paciente. — Eu mesmo... sou médico (não usou a palavra “doutor”). — E, tendo dito isso, por algum motivo, apontou com a mão para o quarto, como se protestasse contra sua presente situação. — Vejo que o senhor...

— Estou com tuberculose — expliquei da maneira mais sucinta possível, e me levantei.

Ele também se pôs logo de pé.

— Talvez o senhor esteja exagerando e... se tomar os remédios...

Ele estava muito abalado e parecia não ter, ainda, conseguido se recuperar; a carteira sobressaía na sua mão esquerda.

— Ah, não precisa se preocupar — interrompi, enquanto segurava a maçaneta da porta. — B. me examinou na semana passada — mais uma vez, introduzi o B. na conversa — e o meu caso está resolvido. Desculpe...

Mais uma vez, fiz menção de abrir a porta e deixar em paz o meu médico embaraçado, agradecido e esmagado pela vergonha, porém, naquele instante, a maldita tosse se apoderou de mim outra vez. Então, o médico fez questão de que eu me sentasse, de novo, para descansar; virou-se para a esposa e ela, sem sair de onde estava, me disse algumas palavras de gratidão e de afeto. Com isso, ela se mostrou muito embaraçada, a ponto de um rubor transparecer em suas faces secas e amareladas. Fiquei sentado,

mas com o ar de quem quer deixar claro que, a cada segundo, teme demais causar constrangimento (era o que convinha fazer). O remorso do meu médico, por fim, começou a atormentá-lo, eu via bem aquilo.

— Se eu... — ele começou, com a fala muito entrecortada e saltando as palavras. — Eu sou tão agradecido ao senhor, me sinto tão culpado perante o senhor... eu... o senhor está vendo... — De novo, apontou para o quarto. — No momento presente, eu me encontro em tal situação...

— Ah — falei. — Nem é preciso ver nada. É um caso comum. O senhor deve ter perdido seu emprego e veio aqui para se justificar e procurar um novo emprego, não é?

— Como... soube? — perguntou, espantado.

— Dá para perceber logo ao primeiro olhar — respondi, sem querer, com ar irônico. — Muita gente vem da província para a capital cheia de esperança, batem em todas as portas e assim vão vivendo.

De repente, o médico passou a falar com veemência e com lábios trêmulos; começou a se queixar, pôs-se a contar seu caso e, eu confesso, ele me comoveu; fiquei ali por quase uma hora. Contou-me sua história, que, de resto, era bastante corriqueira. Ele era médico na província, tinha um emprego público, mas começaram a fazer algumas intrigas, nas quais incluíram até sua esposa. Ele mostrou seu orgulho ferido, exasperou-se; ocorreu uma alteração no governo da província que favoreceu seus inimigos; apresentaram queixas contra ele, sabotaram seu trabalho; ele perdeu o posto e, como último recurso, viajou para Petersburgo a fim de justificar-se; em Petersburgo, como era de esperar, por muito tempo, nem quiseram ouvi-lo, depois lhe deram atenção, depois indeferiram seu pedido, depois acenaram com promessas, depois responderam com rigor, depois mandaram que redigisse uma explicação, depois se recusaram a aceitar o que ele tinha escrito, mandaram apresentar uma petição — em suma, já

fazia cinco meses que ele andava para lá e para cá e já gastara tudo que tinha; os últimos andrajos da esposa foram penhorados e, nisso, nasceu um bebê e... e... “hoje veio o indeferimento definitivo à solicitação apresentada, e eu quase não tenho o que comer, não tenho nada, minha esposa deu à luz. Eu... eu...”.

Ergueu-se bruscamente da cadeira e me deu as costas. A esposa chorava no canto, o bebê começou a chorar, de novo. Peguei meu caderninho de anotações e me pus a escrever. Quando terminei e me levantei, o cavalheiro estava de pé ao meu lado e me olhava com curiosidade tímida.

— Eu anotei o seu nome — eu lhe disse. — E também todo o resto: o seu posto no serviço público, o nome do governador, os dias, os meses. Eu tenho um camarada, do tempo da escola, o Bakhmútov, o tio dele é o Piotr Matviéievitch Bakhmútov, conselheiro de Estado efetivo,¹⁵⁴ que tem o cargo de diretor...

— Piotr Matviéievitch Bakhmútov! — exclamou o meu médico, e quase começou a tremer. — Mas é dele mesmo que depende quase tudo!

De fato, na história do meu médico, e em seu desfecho, para o qual, por acaso, eu contribuí, tudo se concatenou e se encaminhou para uma solução favorável, como se tivesse sido preparado para isso de antemão, tal como num romance. Eu disse àquela pobre gente que não tentasse depositar esperanças em mim, que eu mesmo não passo de um pobre colegial (de propósito, exagerei minha inferioridade: faz tempo que concluí o curso e não sou mais um colegial) e que eles nem precisavam saber o meu nome, mas disse que eu iria, naquele mesmo instante, à ilha Vassílievski, à casa do meu camarada Bakhmútov, e como eu sabia com certeza que o tio dele, o conselheiro de Estado efetivo, homem solteiro e sem filhos, tinha verdadeira veneração pelo sobrinho e o amava às raias da paixão, vendo

nele o último rebento da família, “talvez o meu camarada possa fazer algo pelo senhor, e por mim, também, é claro, por intermédio do tio...”.

— Se me permitissem ao menos me explicar diante de sua excelência! Se me facultassem, ao menos, a chance de ter a honra de me explicar com as minhas palavras! — exclamou, trêmulo, como se estivesse febril e com olhos faiscantes. Foi exatamente esta expressão que usou: “*me facultassem*”.

Depois de repetir, mais uma vez, que certamente meu esforço não daria certo e que tudo seria em vão, acrescentei que, se no dia seguinte, pela manhã, eu não fosse à sua casa, significaria que o assunto estava encerrado e que não deveriam esperar mais nada. Eles se despediram de mim com muitas reverências, foram quase à loucura. Nunca vou esquecer a expressão daqueles rostos. Peguei um coche de praça e me dirigi logo à ilha Vassílievski.

No tempo do colégio, durante alguns anos, eu vivia em constante atrito com o tal Bakhmútov. Entre nós, ele era visto como um aristocrata, pelo menos era assim que eu o chamava; vestia-se muito bem, andava na sua carruagem particular, não se gabava de nada, era sempre um colega excelente, sempre extraordinariamente bem-humorado e às vezes, até, muito espirituoso, se bem que não mostrasse grande inteligência, e ainda assim era sempre o melhor aluno da turma; já eu, por mais que me esforçasse, nunca era o primeiro colocado. Todos os colegas o adoravam, exceto eu. Algumas vezes, ao longo daqueles anos, ele se aproximou de mim; mas eu sempre o repeli, com mau humor e irritação. Agora, já fazia um ano que não o via; ele estava cursando a universidade. Quando entrei em sua casa, por volta das nove horas (tratado com grandes cerimônias: um criado até me anunciou), ele me recebeu, primeiro, com surpresa, até de

modo bem frio, mas logo se alegrou e, olhando bem para mim, de repente, deu uma gargalhada.

— Mas que ideia foi essa que deu no senhor de vir à minha casa, Tieriéntiev? — exclamou, com seu eterno desembaraço cordial, às vezes irreverente, mas nunca ofensivo, traço que eu tanto apreciava nele, e pelo qual tanto o odiava. — Mas o que houve? — gritou, com um susto. — O senhor está doente!

Minha tosse me assaltara; de novo, tombei numa cadeira e mal conseguia respirar.

— Não se preocupe, eu tenho tuberculose — respondi. — Eu vim aqui pedir uma coisa ao senhor.

Ele se sentou, com espanto, e eu logo relatei toda a história do médico, explicando que, como ele mesmo tinha grande influência sobre o tio, talvez pudesse fazer algo.

— Farei, sim, a todo custo, e amanhã mesmo vou procurar meu tio; fico até contente de ver como o senhor me contou tudo isso muito bem... Mas o que levou o senhor a ter a ideia de me procurar, apesar de tudo, Tieriéntiev?

— Nesse caso, muita coisa depende do seu tio e, além do mais, Bakhmútov, nós sempre fomos inimigos, porém, como o senhor é uma pessoa nobre, achei que não negaria um favor a um inimigo — acrescentei, com ironia.

— Como Napoleão, quando pediu ajuda à Inglaterra!¹⁵⁵ — gritou, e deu uma risada. — Farei isso, farei isso! Aliás, eu vou lá agora mesmo, se possível! — acrescentou, afobado, vendo que eu me erguia da cadeira com ar grave e severo.

E, de fato, da maneira mais inesperada, o caso se desenrolou da melhor forma possível para nós. Após um mês e meio, o nosso médico recebeu, de novo, um posto em outra província, ganhou ajuda de custo para a viagem e

até um subsídio. Desconfio que Bakhmútov, que adquiriu o costume de ir com frequência à casa dele (numa ocasião em que eu, de propósito, já deixara de ir lá e recebia o médico quase com frieza, quando ele passava pela minha casa) — desconfio que Bakhmútov até persuadiu o médico a aceitar um empréstimo seu. Naquelas seis semanas, eu só estive com Bakhmútov duas vezes, e nos encontramos ainda uma terceira vez, na despedida do médico. Bakhmútov organizou a despedida em sua casa, na forma de um jantar com champanhe, ao qual a esposa do médico também compareceu; entretanto, ela saiu bem cedo, para cuidar do bebê. Foi no início de maio, era uma noite clara, o enorme círculo do sol se punha no golfo.¹⁵⁶ Bakhmútov me levou até minha casa; passamos pela ponte Nikoláievski; estávamos levemente embriagados. Bakhmútov falava de sua grande satisfação por tudo haver terminado tão bem. Agradeceu-me não sei por quê, explicou que estava experimentando uma sensação muito agradável, por ter praticado uma boa ação, garantiu que todo mérito pertencia a mim e que, hoje em dia, muita gente ensina e prega, sem razão, que uma boa ação isolada não significa nada. Eu também senti uma vontade tremenda de falar.

— Quem atenta contra a “caridade” isolada — comecei — também atenta contra a natureza humana e despreza a dignidade pessoal do homem. Mas a organização da “caridade social” e a questão da liberdade pessoal são duas questões distintas e não são mutuamente excludentes. A boa ação isolada sempre existirá, porque é uma necessidade de cada pessoa, a necessidade viva da influência direta de uma pessoa sobre outra. Em Moscou, havia um velho, um “general”, quer dizer, um conselheiro de Estado efetivo,¹⁵⁷ de nome alemão; passou a vida inteira visitando prisões e criminosos; todo grupo de condenados de partida para a Sibéria já sabia, de antemão, que, na Colina dos Pardais,¹⁵⁸ receberia a visita do “velhote

general”. Ele cumpria seu papel no nível mais elevado de seriedade e devoção religiosa; aparecia, passava pelas fileiras de deportados, que o rodeavam, detinha-se diante de cada um deles, indagava de cada um quais eram as suas necessidades, quase nunca fazia sermões a quem quer que fosse, chamava todos eles de “queridos”. Dava dinheiro, enviava coisas indispensáveis — panos para enrolar os pés, perneiras, pedaços de lona, às vezes levava livros devotos para distribuir a todos que fossem alfabetizados, com a plena convicção de que os condenados iriam ler, no caminho, e que os alfabetizados leriam para os analfabetos. Sobre seus crimes, ele raramente perguntava, no máximo se dispunha a ouvir, caso o próprio criminoso tomasse a iniciativa de contar sua história. Tratava os criminosos de igual para igual, não existia diferença. Falava com eles como irmãos, ao passo que eles, no final, passaram a considerá-lo como um pai. Se percebesse, entre os condenados, alguma mulher com um bebê nos braços, ele se aproximava, fazia carinho na criança, estalava os dedos para que ela risse. Assim fez durante muitos anos, até sua morte; chegou ao ponto de ser conhecido em toda a Rússia e em toda a Sibéria, ou seja, por todos os criminosos. Um homem que esteve na Sibéria me contou ter visto com os próprios olhos como mesmo os criminosos mais renitentes se lembravam do general e, no entanto, quando visitava os grupos de deportados de partida para a Sibéria, raramente o general podia dar mais de vinte copeques por pessoa. Na verdade, lembravam-se dele não com muita afeição nem com grande seriedade. Por exemplo, um daqueles “infelizes”, alguém que assassinara, quem sabe, umas boas vinte almas e espancara até a morte umas seis crianças só para sua satisfação pessoal (havia pessoas assim, é o que dizem), de repente, sem mais nem menos, um belo dia, uma vez a cada vinte anos, quem sabe, de repente, vai dar um suspiro e dizer: “Mas e o velhote general, será que ele ainda está vivo?”. Talvez até desse um sorriso,

ao falar assim — e pronto, mais nada. Mas como vamos saber que semente foi lançada, para sempre, em sua alma, por aquele “velhote general”, que o criminoso não esquece, mesmo depois de vinte anos? Como o senhor vai saber, Bakhmútov, que importância terá essa comunhão de uma pessoa com outra, nos destinos da segunda pessoa?... Aqui, afinal, se trata de uma vida inteira e de uma infinidade de desdobramentos, ocultos para nós. O melhor enxadrista, o mais sagaz de todos, pode calcular apenas alguns lances à frente de sua posição; a respeito de um enxadrista francês, capaz de calcular dez lances à frente, diziam ser um prodígio. Pois, no caso, quantos lances existem e quantos nós desconhecemos? Ao lançar nossa semente, ao lançar nossa “esmola”, ao lançar nossa boa ação, sob qualquer forma, doamos uma parte de nossa pessoa e aceitamos, em nós, uma parte da outra pessoa; há comunhão entre duas pessoas; um pouco mais de atenção e seremos recompensados com o conhecimento, com as descobertas mais inesperadas. Passaremos, enfim, forçosamente, a encarar nossa boa ação como uma ciência; ela vai se apoderar de toda nossa vida e pode até preencher toda uma vida. De outro lado, todos os nossos pensamentos, todas as nossas sementes lançadas, talvez até já esquecidas por nós, vão criar raízes e crescer; quem recebeu de nós irá transmitir a outro. Por que haveríamos de saber que parte teremos na futura solução dos destinos da humanidade? Se o conhecimento e uma vida inteira desse trabalho nos elevarem, por fim, à condição de poder lançar uma semente enorme, de legar para o mundo, como herança, um pensamento enorme, então... — Etc., eu falei muita coisa, naquela hora.

— E pensar que a vida foi negada ao senhor! — exclamou Bakhmútov, em tom de veemente recriminação dirigida a alguém.

Naquele momento, estávamos na ponte, os braços apoiados no parapeito, e olhávamos para o rio Nievá.

— Quer saber qual foi a ideia que me passou pela cabeça? — perguntei, me recostando mais ainda no parapeito.

— Será que foi se atirar na água? — gritou Bakhmútov, beirando o pavor. Talvez tenha lido meus pensamentos no meu rosto.

— Não, por enquanto, é só um raciocínio: agora, me restam dois ou três meses de vida, talvez quatro; mas, por exemplo, quando restarem só dois meses, se me vier uma vontade ferrenha de fazer uma boa ação que exija trabalho, presteza e muitas diligências, algo semelhante ao caso do nosso médico, eu deveria recusar essa tarefa, por me restar tempo insuficiente, e deveria procurar outra “boa ação”, mais fácil e de acordo com os meus *recursos* (se o ímpeto de fazer boas ações me levar a tanto). Admita que é uma ideia divertida!

O pobre Bakhmútov estava muito preocupado comigo; acompanhou-me até minha casa e se mostrou tão gentil que nem uma vez tentou me consolar e permaneceu calado quase todo o tempo. Ao se despedir, apertou-me a mão com fervor e pediu permissão para me visitar. Respondi que, se viesse como “consolador” (pois, mesmo que ficasse calado, ainda assim ele viria na condição de consolador, eu expliquei isso a ele), ele iria, necessariamente, me fazer lembrar a morte ainda mais. Bakhmútov deu de ombros, mas concordou; nos despedimos de modo bastante cortês, o que eu nem esperava.

No entanto, naquela noite e naquela madrugada, foi lançada a primeira semente da minha “convicção suprema”. Com avidez, aferrei-me àquela *nova* ideia, com avidez, examinei-a em todos os seus meandros, em todos os seus aspectos (passei a noite em claro) e, quanto mais eu me aprofundava na ideia, mais impregnado por ela eu ficava, e também mais assustado. Por fim, um temor tremendo recaiu sobre mim e não me deixou, também, nos dias seguintes. Às vezes, só de pensar naquele temor constante, eu me

sentia gelar com um novo pavor: enfim, por aquele temor, eu pude concluir que a minha “convicção suprema” havia se arraigado em mim de maneira muito séria e, fatalmente, terminaria chegando a seu desenlace. Contudo, para o desenlace, me faltava determinação. Três semanas depois, tudo estava terminado e a determinação apareceu, se bem que por força de uma circunstância de todo estranha.

Nesta minha explicação, estou registrando todos esses números e datas. Claro, para mim, não vai fazer diferença, mas, *agora* (e, talvez, só neste instante), eu desejo que aqueles que vão julgar meu ato possam ver com clareza de que cadeia lógica de conclusões nasceu a minha “convicção suprema”. Acima, anotei que a determinação definitiva que me faltava para cumprir a minha “convicção suprema” parecia ter surgido, em mim, não por força de uma conclusão lógica, absolutamente, mas como fruto de um choque um tanto estranho, de uma circunstância estranha e, talvez, sem nenhuma relação com o curso dos acontecimentos. Há mais ou menos dez dias, apareceu em minha casa o Rogójin para tratar de um assunto particular dele, sobre o qual não vale a pena me estender aqui. Eu nunca tinha visto Rogójin, mas já ouvira falar dele, e bastante. Dei a ele todas as informações de que precisava e ele logo foi embora; como tinha vindo só pelas informações, a relação entre nós deveria ter terminado ali. Entretanto, ele despertou muito o meu interesse e, durante todo aquele dia, me vi sob a influência de ideias estranhas, por isso resolvi ir à casa dele já no dia seguinte e lhe fazer uma visita. Rogójin, obviamente, não ficou nada feliz de me ver e até, de forma “delicada”, insinuou que não havia razão para prolongarmos nosso contato; mesmo assim, passei ali uma hora muito curiosa, assim como ele, provavelmente. Entre nós, havia um contraste tão grande que não poderia passar despercebido para ambos, em especial para mim: eu era uma pessoa com os dias contados, ao passo que ele

transbordava com a vida mais plena e espontânea, vivia o minuto presente sem nenhuma preocupação com as conclusões “derradeiras”, números ou o que quer que não tivesse relação com... com... bem, com aquilo que o deixava enlouquecido; perdoe-me essa expressão, sr. Rogójin, entenda isso, talvez, como o fruto do trabalho de um mau escritor, incapaz de exprimir o próprio pensamento. A despeito de toda sua falta de amabilidade, Rogójin pareceu-me um homem inteligente, capaz de compreender muita coisa, embora pouco se interesse pelo que não lhe diga respeito. Eu nada insinuei acerca da minha “convicção suprema”, porém, por algum motivo, me pareceu que ele, ao me escutar, adivinhou tudo. Muito calado, ele apenas balbuciava. Ao sair, dei a entender que, apesar de todas as diferenças entre nós e apesar de tudo que nos opunha — *les extrémités se touchent*¹⁵⁹ (expliquei isso para ele em russo) —, talvez ele mesmo não estivesse tão distante da minha “convicção suprema” como parecia. A isso, ele me respondeu com uma careta muito sombria e azeda, levantou-se, foi ele mesmo pegar o meu quepe, como se eu estivesse saindo por vontade própria e, pura e simplesmente, me pôs para fora da sua casa soturna, fingindo que me acompanhava até a porta por cortesia. Sua casa me impressionou; parece um cemitério e ele, pelo visto, gosta disso, o que, aliás, é compreensível: uma vida intensa e espontânea como a dele já é plena demais, em si mesma, para precisar de maiores confortos.

A visita a Rogójin me deixou muito fatigado. Além do mais, desde a manhã, eu estava indisposto; à tardinha, me senti muito debilitado e deitei na cama; porém, de vez em quando, sentia um calor forte e cheguei a delirar. Kólia ficou a meu lado até onze horas. Entretanto, me lembro de tudo que ele disse e que nós conversamos. Mas quando, por alguns instantes, meus olhos se fecharam, eu vi a imagem de Ivan Fomitch, e era como se ele tivesse ganhado milhões de rublos. Ele não sabia onde colocar

o dinheiro e quebrava a cabeça com essa questão, tremia de medo de ser roubado até que, por fim, resolveu enterrar seus milhões. Todavia, em vez de sepultar aquele monte de ouro à toa embaixo da terra, eu o aconselhei a fundir toda a pilha de ouro a fim de forjar um caixãozinho para o bebê que “morreu de frio” e que, depois disso, era preciso exumar o cadáver da criança. Súrikov recebeu esse meu sarcasmo com lágrimas de gratidão e, na mesma hora, tratou de pôr o plano em prática. Eu me desinteressei por tudo aquilo e fui embora. Quando despertei de todo, Kólia me garantiu que eu não havia dormido nem um minuto e passara todo o tempo conversando com ele a respeito de Súrikov. Por instantes, me senti extremamente aflito e perturbado, por isso Kólia foi embora inquieto. Quando me levantei para fechar a porta à chave, depois que ele saiu, de repente, me veio ao pensamento um quadro que eu tinha visto, pouco antes, na casa de Rogójin, pendurado acima da porta, numa das salas mais soturnas da sua residência. Ele mesmo me mostrou o quadro, de passagem; tenho a impressão de que fiquei uns cinco minutos parado diante da pintura.

Nela, nada havia de bonito, no sentido artístico; mas a pintura produziu em mim uma inquietação um tanto estranha.

A pintura representava Cristo, logo depois de ser baixado da cruz. Acho que os pintores, em geral, se habituaram a retratar Cristo, tanto pregado na cruz como já baixado da cruz, sempre ainda com um toque de beleza extraordinária no rosto; os pintores tentam conservar essa beleza mesmo nos suplícios mais terríveis. No quadro da casa de Rogójin, não havia nem sinal de beleza; era o cadáver de um homem, em sua feição completa, alguém que suportou suplícios infinitos ainda antes da cruz, feridas, torturas, pancadas dos guardas, pancadas do povo, quando carregava a cruz nas costas e tombava sob seu peso e, por fim, os tormentos da cruz ao longo de seis horas (pelo menos, nos meus cálculos). Na verdade, ali estava o

rosto de um homem que *acabaram de tirar da cruz*, ou seja, que ainda conserva bastante vida e calor; ainda não teve tempo de enrijecer, tanto assim que, no rosto do morto, se enxerga até o sofrimento, como se, naquele instante, ele continuasse a senti-lo (isso foi muito bem captado pelo artista); em compensação, o rosto não mereceu nenhuma clemência; ali, havia somente a natureza, mais nada, tal como, a rigor, deve ser o cadáver de um homem, quem quer que ele seja, depois de tantas torturas. Sei que a Igreja cristã estabeleceu, ainda em seus primórdios, que Cristo sofreu não de maneira figurada, mas na realidade, e que, portanto, seu corpo na cruz estava subordinado à lei da natureza de forma integral e taxativa. Na pintura, o rosto aparecia horrivelmente destroçado por golpes, inchado, com hematomas aterradores, intumescidos e ensanguentados, olhos abertos, pupilas enviesadas; o vasto branco dos olhos abertos tinha uma espécie de brilho morto e vítreo. Porém, o estranho é que, quando olhamos para o cadáver daquele homem extenuado, nos vem uma pergunta curiosa e peculiar: se era exatamente assim o cadáver (e só podia ser exatamente assim) que viram todos os seus discípulos, seus principais e futuros apóstolos, bem como as mulheres que seguiam seus passos e ficaram ao pé da cruz, enfim, todos que acreditavam nele e o adoravam, de que modo poderiam acreditar, ao ver tal cadáver, que aquele mártir iria ressuscitar? Nesse ponto, é inevitável pensar que, se a morte é tão horrível e tão fortes são as leis da natureza, como superá-las? Como superá-las se, agora, elas não foram vencidas nem por aquele que, em vida, derrotava até a natureza, subjugava até a natureza, aquele que gritou: “*Talithá kúmi*”,¹⁶⁰ e a menina se levantou, e gritou: “Lázaro, vem para fora”, e o morto foi?¹⁶¹ Quando contemplamos aquele quadro, a natureza toma, a nossos olhos, o aspecto de uma fera enorme, implacável e muda, ou melhor, para dizer de modo muito mais fiel, ainda que estranho, toma o aspecto de uma imensa máquina, de

fabricação novíssima, que, de forma absurda, obtusa e insensível, agarrou, triturou e engoliu um ser grandioso e inestimável — um ser que, sozinho, valia toda a natureza e todas as leis da natureza, toda a terra, a qual talvez tenha sido criada unicamente para que aquele ser surgisse! Por meio daquele quadro, parece que se exprime esse conceito de uma força obscura, nua e absurdamente eterna, à qual tudo está subordinado e que nos atinge, queiramos ou não. As pessoas que rodeavam o morto, das quais nenhuma aparecia na pintura, deviam estar sentindo um espanto e uma angústia tremenda naquela noite, que despedaçara de um só golpe todas as suas esperanças e quase, também, sua crença. Devem ter se dispersado debaixo do medo mais aterrador, embora cada uma levasse consigo uma ideia enorme, que nunca mais poderia ser arrancada de dentro delas. E se, na véspera da execução, aquele mestre pudesse ver a própria imagem pintada dessa forma, teria sido capaz de subir na cruz e morrer, tal como fez? Essa pergunta também acode ao pensamento, inevitavelmente, quando olhamos para o quadro.

Tudo aquilo me veio à cabeça em fragmentos, talvez em meio a um delírio, de fato, às vezes até em imagens avulsas, durante uma hora e meia, depois de Kólia ter saído. Será que aquilo que não tem imagem pode surgir no pensamento em forma de imagem? No entanto, de tempos em tempos, eu tinha a impressão de ver, sob uma forma estranha e impossível, aquela força infinita, aquele ser obscuro e surdo. Lembro que alguém, com uma vela nas mãos, parecia me levar pelo braço e me mostrava uma espécie de aranha, enorme e repugnante, e tentava me convencer de que aquilo era o próprio ser obscuro, surdo e todo-poderoso, e ria da minha indignação. No meu quarto, diante de um ícone, sempre deixam acesa uma lamparina votiva — é uma luz baça e insignificante que, no entanto, permite enxergar tudo; bem perto da lamparina, é possível até ler. Acho que já passava um

pouco da meia-noite; não dormi nada, fiquei deitado de olhos abertos; de súbito, a porta do meu quarto abriu e entrou Rogójin.

Ele entrou, fechou a porta, olhou para mim sem dizer nada e, devagar, seguiu para o canto, rumo à mesa, quase abaixo da lamparina votiva. Fiquei muito surpreso e olhava para ele, à espera. Rogójin apoiou os cotovelos sobre a mesa e se pôs a olhar para mim, em silêncio. Desse modo se passaram dois ou três minutos e eu lembro que seu silêncio me ofendeu muito e me aborreceu. Por que ele não queria falar? Com certeza, achei estranho ele vir tão tarde, mas lembro que não foi isso, exatamente, que me deixou tão espantado, e só Deus sabe como fiquei espantado. Ao contrário: embora, de manhã, eu não tivesse exprimido meu pensamento com clareza para ele, eu sabia que ele havia compreendido. E aquele pensamento era de tal teor que, por sua causa, era perfeitamente justificável que ele viesse para retomar a conversa, mesmo que já fosse muito tarde. Portanto, pensei que por isso ele tinha vindo. De manhã, nos despedimos com certa hostilidade, e eu até recordo que, uma ou duas vezes, ele olhou para mim de modo muito sarcástico. E era aquele sarcasmo que eu percebia, agora, em seu olhar, e que me deixava ofendido. Que na minha frente estava o Rogójin real, e não uma visão ou um delírio, era algo de que eu, de início, não tive a menor dúvida. Nem sequer pensei no assunto.

Entretanto, o tempo todo, ele continuava sentado e olhava para mim, o tempo todo, com o mesmo sorriso desdenhoso. Virei-me na cama com raiva, apoiei-me também nos cotovelos, sobre o travesseiro e, de caso pensado, resolvi manter-me calado também, e não me importava quanto tempo aquela situação se prolongasse. Por algum motivo, eu queria, a todo custo, que ele começasse a falar. Creio que, desse modo, se passaram uns vinte minutos. De súbito, me acudiu uma ideia: e se não fosse o Rogójin, de fato, mas apenas uma visão?

Eu jamais havia visto, durante a doença ou antes dela, nem sequer uma vez, um fantasma; porém sempre me pareceu, desde criança, e até agora, ou seja, até há bem pouco tempo, que se eu visse um fantasma, uma vez que fosse, eu morreria na mesma hora, e isso apesar de eu não acreditar em fantasmas, de jeito nenhum. Mas, quando me veio a ideia de que ali não estava o Rogójin real, mas só um fantasma, lembro que não fiquei nem um pouco assustado. Mais que isso, fiquei até furioso. É estranho, também, que o problema de saber se era um fantasma ou o Rogójin real, de certo modo, não me perturbava nem me interessava em absoluto, como seria normal, ao que parece; acho que eu estava pensando em outra coisa, naquele momento. Por exemplo, estava muito mais interessado em saber por que Rogójin, que mais cedo usava roupão e chinelos domésticos, agora vestia fraque, colete branco e gravata branca. Também me veio uma ideia: se aquilo era um fantasma e eu não tinha medo dele, por que eu não me levantava para me certificar? No entanto, talvez eu tivesse medo e não me atrevesse. Porém, quando eu mal havia pensado que tinha medo, de repente, um gelo pareceu percorrer todo o meu corpo; senti um frio na espinha, meus joelhos estremeceram. Naquele exato instante, como se ele tivesse se dado conta de que eu estava com medo, Rogójin recuou um braço em que se apoiava sobre a mesa, aprumou as costas e começou a esgarçar os lábios como se estivesse se preparando para rir; olhava para mim, fixamente. A fúria me dominou a tal ponto que eu quis, da maneira mais decidida, me lançar contra ele, só que, como eu havia jurado que não seria o primeiro a falar, permaneci na cama, ainda mais porque eu continuava sem saber, com segurança, se o que via era mesmo o Rogójin ou não.

Não recordo ao certo quanto tempo aquilo durou; tampouco recordo ao certo se, às vezes, eu perdia a consciência por alguns instantes ou não. Afinal, Rogójin apenas se levantou, olhou para mim, também, lentamente e

com muita atenção, como fizera antes, quando entrou, mas parou de sorrir e, devagar, quase na ponta dos pés, caminhou até a porta, abriu-a, encostou-a atrás de si e foi embora. Nem me ergui da cama; não recordo quanto tempo mais fiquei deitado, ainda de olhos abertos, o tempo todo pensando: só Deus sabe no que eu estava pensando; não lembro, também, como perdi os sentidos. Na manhã seguinte, despertei quando bateram na minha porta, já depois de nove horas. Em minha casa, está combinado que, se eu mesmo não abrir a porta até as nove horas nem chamar para que me tragam o chá, a Matriona deve vir bater na porta e me acordar. Quando eu abri a porta para ela, na mesma hora, me acudiu uma ideia: como Rogójin pôde entrar, se a porta estava trancada? Fiz algumas perguntas e me convenci de que o verdadeiro Rogójin não poderia entrar de jeito nenhum, porque todas as nossas portas ficavam trancadas durante a madrugada.

Foi esse caso específico, que descrevi com tantos pormenores, o motivo de eu ter me “decidido” por completo. Portanto, o que possibilitou essa decisão definitiva não foi a lógica, a convicção lógica, mas a repugnância. É impossível permanecer numa vida que assume formas tão estranhas, tão ultrajantes para mim. Aquele fantasma me humilhou. Eu não sou capaz de me submeter a uma força obscura que assume a aparência de uma tarântula. E só ao anoitecer, quando, afinal, senti em mim o momento definitivo da decisão plena, me veio um alívio. Aquele foi apenas o primeiro momento; para o momento seguinte, eu viajei a Pávlovsk, mas isso já está bastante explicado.

Eu tinha uma pequena pistola de bolso, eu a conseguira ainda quando criança, naquela idade ridícula em que, de repente, começamos a gostar de histórias de duelo, de assaltos de bandoleiros e de como, um dia, vão nos desafiar para um duelo e nós enfrentaremos, com nobreza, uma pistola apontada contra nós. Há um mês, examinei minha pistola e a deixei preparada. Na gaveta onde eu a guardava, apareceram duas balas e, no chifre de pólvora, encontrei pólvora bastante para três disparos. É uma pistola ordinária, atira enviesado e só acerta um alvo a quinze passos; mas, é claro, pode destroçar o lado do crânio, se a ponta do cano estiver encostada na têmpora.

Decidi morrer em Pávlovsk, ao nascer do sol, e no parque, a fim de não incomodar ninguém na datcha. A minha “Explicação” já esclarece toda a situação de maneira suficiente para a polícia. Os admiradores da psicologia, e aqueles que precisarem, podem extrair dela o que bem entenderem. No entanto, eu não gostaria que este manuscrito fosse divulgado. Peço ao príncipe que conserve um exemplar consigo e entregue outro para Aglaia Ivánovna Epantchina. Este é o meu desejo. Doarei meu esqueleto à Academia de Medicina para fins científicos.

Não reconheço o direito de nenhum tribunal me julgar e sei que, agora, me encontro fora do alcance de qualquer tribunal. Há pouco tempo, me

diverti com uma conjectura: se agora, de repente, eu inventasse de matar alguém, ou mesmo dez pessoas de uma vez, ou fazer algo ainda mais horroroso, um ato que seja considerado o mais horrível do mundo, imaginem em que apuro se veria o tribunal, ciente de que eu tenho apenas duas ou três semanas de vida, levando em conta que a tortura e os suplícios foram banidos? Eu morreria confortavelmente num hospital deles, num lugar aquecido e sob as atenções de um médico, talvez até com mais conforto e mais aquecido do que em minha própria casa. Não entendo por que as pessoas que se encontram numa situação igual à minha não pensam nisso, ainda que só por brincadeira. No entanto, talvez pensem; em nossa terra, como em toda parte, há brincalhões de sobra.

Porém, ainda que eu não reconheça o direito de nenhum tribunal de me julgar, mesmo assim, sei que vão me julgar, quando eu já for um réu surdo e mudo. Não quero partir sem deixar umas palavras em resposta — palavras de alguém livre, e não de uma pessoa coagida — não como justificação — ah, não! Eu não tenho de pedir perdão de nada a ninguém. Mas simplesmente porque eu assim o desejo.

Em primeiro lugar, cabe aqui uma estranha reflexão: para quem, em nome de que direito, em nome de que razão, inventariam, agora, de contestar o meu direito a estas duas ou três semanas de vida que me restam? O que qualquer tribunal tem a ver com isso? Quem é que precisa tanto que eu seja não só condenado mas também cumpra, com obediência, todo o tempo da pena? De fato, será que alguém precisa disso? É para o bem da moralidade? Eu até entendo que, se eu, na flor da minha saúde e no auge das minhas forças, atentasse contra a minha vida, a qual “poderia ser útil ao meu próximo” etc., a moralidade ainda poderia me acusar, por força de uma antiga rotina, pois eu teria me desfeito da minha vida sem pedir autorização, ou sabe lá o que mais poderiam inventar. Mas agora, agora, quando o prazo

da minha sentença já foi decretado? Que moralidade é essa que necessita não só da minha vida como também do último estertor com o qual entregarei o último átomo de vida, enquanto escuto os consolos do príncipe, que, sem falta, com seus argumentos cristãos, vai chegar ao feliz pensamento de que, no fundo, é até melhor que eu morra, mesmo? (Cristãos como ele sempre acabam chegando a essa ideia: é o seu cavalo de batalha.) E o que eles querem com as suas ridículas “árvores de Pávlovsk”? Suavizar as minhas últimas horas de vida? Será que eles não entendem que vão me deixar tanto mais infeliz quanto mais alheio eu estiver, quanto mais eu me render a esse último espectro de vida e de amor com o qual querem ocultar de mim o meu muro da casa de Meyer e tudo que está escrito nele, de forma franca e simples? De que me adianta a natureza de vocês, o seu parque de Pávlovsk, as suas alvoradas e os seus crepúsculos, o seu céu azul e os seus rostos tão satisfeitos consigo mesmos, quando todo este banquete, que não tem fim, já começou considerando que só eu era supérfluo? De que me serve toda essa beleza, quando eu devo saber, sou forçado a saber, agora, a cada minuto, a cada segundo, que mesmo esta mosquinha minúscula que está zumbindo, agora, à minha volta, sob um raio de sol, que mesmo ela participa de todo este banquete, deste coro, que mesmo ela sabe qual é seu lugar, ama seu lugar e está feliz, ao passo que só eu sou um excluído, e foi apenas por causa da minha covardia que eu não quis, até agora, admitir isso! Ah, afinal, eu bem sei como o príncipe e todos eles gostariam de me levar ao ponto em que eu, em vez de erguer estes discursos “pérfidos e rancorosos”, cantasse comportadamente, em nome do triunfo da moralidade, a famosa e clássica estrofe de Millevoye:

*Oh! puissent voir votre beauté sacrée
Tant d'amis, sourds à mes adieux!
Qu'ils meurent pleins de jours, que leur mort soit pleurée,
Qu'un ami leur ferme les yeux!*¹⁶²

Mas acreditem, acreditem, gente de alma simples, que também nessa estrofe bem-comportada, nessa bênção acadêmica dirigida ao mundo em versos franceses, se encerra tanto azedume disfarçado, tanto rancor implacável, adoçado em rimas, que até o próprio poeta, quem sabe, caiu no engodo, tomou esse rancor por lágrimas de ternura e morreu com essa ideia; que ele descanse em paz! Saibam que, na consciência da própria insignificância e da própria fraqueza, existe um limite de vergonha além do qual o ser humano não consegue ir e no qual ele começa a sentir um prazer enorme com a própria vergonha... Certo, é claro, a humildade é uma força imensa, nesse sentido, eu admito isso — se bem que não no mesmo sentido em que a religião entende a humildade como força.

A religião! A vida eterna, eu admito e, quem sabe, eu sempre admiti. Suponhamos que a consciência seja inflamada pela vontade de uma força suprema, suponhamos que a consciência contemple o mundo e diga: “Eu sou!” — e suponhamos também que, de repente, aquela força suprema determine aniquilar a consciência, sabe-se lá por que motivo — e até mesmo sem nenhuma explicação: tem de ser assim, e pronto. Tudo isso eu admito. Mas resta a eterna pergunta: nisso tudo, de que serve a minha humildade? Será que é impossível simplesmente me devorar, sem exigir de mim, também, elogios para aquele que me devorou? Será que alguém, de fato, vai ficar ofendido se eu não quiser esperar duas semanas? Eu não acredito nisso; é muito mais justo supor que a minha vida insignificante, a vida de um átomo, só era necessária para aprimorar certa harmonia universal, em seu todo, por meio de algo que estava faltando ou que estava sobrando, mediante algum contraste etc. etc., exatamente da mesma forma como é necessário o sacrifício cotidiano de uma multidão de criaturas, pois, sem sua morte, o resto do mundo não pode se manter de pé (embora seja preciso assinalar que este não é, em si mesmo, um pensamento muito

generoso). Mas vá lá que seja assim! Eu concordo que, de outro modo, ou seja, sem que as pessoas devorem umas às outras o tempo todo, seria completamente impossível organizar o mundo; eu até aceito admitir que eu não entendo nada, nessa organização. Todavia, o que sei com segurança é o seguinte: se, um dia, me dessem a conhecer que “eu sou”, que importância teria, para mim, o fato de que o mundo está organizado com base em fraudes e que, sem isso, ele não pode se manter de pé? Depois disso, quem ainda irá me julgar, e para quê? Não importa o que pensem, tudo isso é impossível e injusto.

Entretanto, apesar de todo meu desejo, eu jamais consegui conceber que a vida além da morte e a Providência não existam. O mais plausível é que tudo isso exista, só que nós não compreendemos nada da vida após a morte e de suas leis. No entanto, se compreender isso é tão difícil assim, ou até mesmo impossível, será que sou obrigado a responder por me faltar a capacidade de compreender o inconcebível? Na verdade, eles dizem, e, claro, também o príncipe, que, no caso, a obediência é indispensável, e que é preciso obedecer sem raciocinar, por pura submissão, e que eu serei recompensado, sem falta, no outro mundo, por minha docilidade. Quando atribuímos à Providência os nossos conceitos, nós a rebaixamos demais, e o fazemos levados pelo despeito, por sermos incapazes de compreendê-la. Porém, mais uma vez, se é impossível compreendê-la, repito, também é difícil responder por aquilo que não é dado ao ser humano compreender. E, se é assim, como irão me julgar pelo fato de eu não ter conseguido entender as leis e a verdadeira vontade da Providência? Não: é melhor deixar a religião de lado.

Porém já basta. Quando eu chegar a estas linhas, com certeza, o sol já estará “ressoando no céu” e uma força imensa, incalculável, estará jorrando sobre tudo que existe sob o sol. Assim seja! Eu vou morrer olhando de

frente para a fonte da força e da vida, só que eu não quero essa vida! Se eu tivesse o poder de não nascer, certamente não aceitaria uma existência em condições tão carregadas de escárnio. Mas eu ainda tenho o poder de morrer, embora eu esteja abrindo mão de algo que já tem os dias contados. Não é um poder muito grande, também não é uma grande rebeldia.

E uma última explicação: eu vou morrer não por me faltarem forças para suportar essas três semanas, absolutamente; ah, se ainda restassem forças, e se eu quisesse, eu já me sentiria bastante consolado com a mera consciência da ofensa lançada contra mim; mas não sou um poeta francês e não quero tais consolos. Por fim, há também uma tentação: a natureza, com a sua sentença de três semanas, restringiu a tal ponto o meu raio de ação que talvez o suicídio seja a única iniciativa que eu ainda tenho tempo de começar e terminar por vontade própria. Portanto, quem sabe eu esteja querendo usar minha última possibilidade de *agir*? Às vezes, o protesto não é uma coisa à toa...

A “Explicação” chegou ao fim; Ippolit, afinal, parou...

Em casos extremos, existe um grau de franqueza cínica suprema em que uma pessoa nervosa, exasperada e fora de controle não teme mais nada e está disposta a qualquer escândalo, e até se alegra com isso; atira-se contra as pessoas, tendo, ela mesma, o objetivo obscuro, porém firme, de se jogar do alto de um campanário, um minuto depois, e assim, de uma só vez, resolver todas as dúvidas, caso apareça alguma, na hora. O iminente esgotamento das forças físicas costuma ser um sintoma de tal condição. A tensão extraordinária, quase anormal, que Ippolit suportava até então, chegou a seu auge. O menino de dezoito anos, exaurido pela enfermidade, parecia debilitado como uma folhinha trêmula arrancada de sua árvore; no entanto, logo depois de olhar para seus ouvintes — o que fez pela primeira vez em uma hora —, estampou-se, de imediato, em seus olhos e em seu

sorriso, a repugnância mais arrogante, desdenhosa e ultrajante. Ele tinha pressa de lançar seu desafio. Os ouvintes, no entanto, sentiam a mais completa indignação. Com espalhafato e irritação, todos se levantaram da mesa. O cansaço, a bebida e a tensão aumentaram a desordem, bem como, digamos assim, a imundície das impressões, se é possível expressar-se dessa forma.

De repente, Ippolit ergueu-se da cadeira com um pulo, como se tivesse sido arrancado de seu lugar.

— O sol nasceu! — gritou, ao ver as copas das árvores radiantes, e apontou-as para o príncipe, como se fosse um milagre. — Nasceu!

— E o senhor, por acaso, achou que o sol não ia nascer? — observou Ferdíschenko.

— Mais uma vez, vai ser um calor escaldante o dia inteiro — resmungou Gânia, com irritação e descaso, já com o chapéu nas mãos, enquanto se espreguiçava e bocejava. — Bem, uma estiagem dessa deve durar um mês!... Vamos embora ou não vamos, Ptítsin?

Ippolit escutou aquilo com uma surpresa que beirava o pasmo; de súbito, empalideceu terrivelmente e começou a se sacudir.

— O senhor está afetando muito mal sua indiferença para me insultar — disse para Gânia e cravou nele os olhos. — O senhor é um canalha!

— Puxa, só o diabo vai saber o que é isso, perder a cabeça desse jeito! — berrou Ferdíschenko. — Mas que fraqueza fenomenal!

— Não passa de um tolo — disse Gânia.

Ippolit se controlou um pouco.

— Senhores — começou, tremendo como antes e perdendo a voz a cada palavra —, entendo que eu podia merecer a sua vingança pessoal e... lamento que eu tenha atormentado os senhores com este delírio — apontou para o manuscrito —, ou, pensando bem, lamento não ter atormentado os

senhores nem um pouco... — deu um sorriso tolo. — Atormentei, Evguiêni Pávlovitch? — De repente, precipitou-se na direção dele, com uma pergunta: — Atormentei ou não? Responda!

— Bem, é um pouco prolixo, no entanto...

— Diga tudo! Pelo menos uma vez na vida, não minta! — ordenou Ippolit, enquanto tremia.

— Ah, com franqueza, para mim, tanto faz! Faça-me um obséquio, eu peço ao senhor, deixe-me em paz. — E Evguiêni Pávlovitch deu as costas, com aversão.

— Boa noite, príncipe — Ptútsin se dirigiu ao príncipe.

— Mas, o que vocês estão fazendo? Ele agora vai se matar! Olhem só para ele! — gritou Vera e, apavorada, lançou-se na direção de Ippolit e chegou a segurar suas mãos. — Pois ele não disse que, ao nascer do sol, vai se matar com um tiro? O que há com vocês?

— Não vai se matar! — resmungaram algumas vozes, com desdém, entre elas a de Gánia.

— Senhores, cuidado! — gritou Kólia, que também foi segurar o braço de Ippolit. — Olhem só para ele! Príncipe, príncipe! Mas o que estão fazendo?

Em torno de Ippolit, aglomeraram-se Vera, Kólia, Keller e Burdóvski; os quatro o seguravam pelos braços.

— Ele tem o direito, o direito!... — balbuciava Burdóvski, que, entretanto, parecia também totalmente desnordeado.

— Com sua licença, príncipe, quais são as suas ordens? — bêbado, exasperado às raias da insolência, Liébediev foi falar com o príncipe.

— Ordens?

— Não, meu senhor; com sua licença, senhor; eu sou o anfitrião, mas não quero faltar com o respeito em relação ao senhor... Vamos admitir que o

senhor também seja o anfitrião, mas eu não quero uma coisa dessas na minha própria casa... É isso, meu senhor.

— Ele não vai se matar; o garoto está fazendo uma cena! — esbravejou de surpresa o general Ívolguin, com indignação e empáfia.

— Muito bem, general! — emendou Ferdíschenko.

— Eu sei que ele não vai se matar, general, respeitabilíssimo general, mas, mesmo assim... afinal, eu sou o anfitrião.

— Escute, sr. Tieriéntiev — disse Ptítsin, de repente, depois de se despedir do príncipe e já com a mão estendida para Ippolit. — Eu creio que, na sua caderneta, o senhor falou a respeito do seu esqueleto e disse que vai deixá-lo, em testamento, para a Academia, não foi isso? Mas trata-se do seu esqueleto, o seu próprio, ou seja, os seus ossos?

— Sim, os meus ossos...

— Sei, sei. É que pode haver algum mal-entendido. Dizem que já houve um caso assim.

— Por que está provocando o rapaz? — gritou o príncipe, de repente.

— Agora vocês o levaram às lágrimas — acrescentou Ferdíschenko.

Mas Ippolit não estava chorando, de maneira nenhuma. Tentou sair do lugar, mas as quatro pessoas à sua volta, de súbito, a uma só vez, seguraram-no pelos braços. Ressoaram risadas.

— Era isso que ele queria, que as pessoas segurassem os seus braços; por isso leu a sua caderneta — observou Rogójin. — Adeus, príncipe. Ai, fiquei tempo demais sentado, os ossos estão doendo.

— No seu lugar, sr. Tieriéntiev, supondo que o senhor quisesse, de fato, se matar — riu Evguiêni Pávlovitch —, depois de receber tantas cortesias, eu nem me mataria mais, e faria isso de propósito, só para deixar os outros irritados.

— Eles estão morrendo de vontade de ver o meu suicídio! — berrou Ippolit, para ele.

Falou como se quisesse se atirar contra Evguiêni Pávlovitch.

— Estão despeitados, porque não vão ver.

— Então o senhor também acha que não vão ver?

— Eu não estou instigando o senhor a fazer nada; ao contrário, eu acho bem possível que o senhor se mate. Acima de tudo, não se zangue... — Evguiêni Pávlovitch falou devagar, esticando as palavras, em tom protetor.

— Só agora eu estou vendo que cometi um erro terrível ao ler, para eles, este caderno! — exclamou Ippolit, olhando para Evguiêni Pávlovitch, de súbito, com um ar de tamanha confiança que parecia estar pedindo conselho a um amigo.

— É uma situação ridícula, mas... Juro, não sei que conselho lhe dar — respondeu Evguiêni Pávlovitch, sorrindo.

Ippolit fitou-o com firmeza e severidade, sem desviar os olhos, e se manteve calado. Alguém poderia pensar que, por instantes, ele havia perdido a consciência.

— Não, senhor, com sua licença, isso não são maneiras de se comportar — interveio Liébediev. — “Eu vou me suicidar no parque, para não incomodar ninguém”! Ora, ele acha que assim não vai incomodar ninguém, que é só descer pela escada, dar três passos e entrar no jardim?

— Senhores... — O príncipe tentou falar.

— Não, meu senhor, com sua licença, respeitabilíssimo príncipe — enfurecido, Liébediev fincou pé. — Como o senhor mesmo teve a bondade de perceber que isto aqui não é nenhuma brincadeira e como metade dos seus convidados, pelo menos, está convicta da opinião de que, agora, depois das palavras pronunciadas nesta sala, ele deve mesmo se matar por uma

questão de honra, então eu, o anfitrião, diante de testemunhas, declaro que convido o senhor a colaborar!

— E o que eu devo fazer, Liébediev? Estou pronto para colaborar!

— Pois aqui está, meu senhor: em primeiro lugar, que ele entregue já a sua pistola, da qual estava se vangloriando na nossa frente, bem como todos os seus acessórios. Se ele entregar tudo, eu concordo em permitir que ele passe a noite nesta casa, tendo em vista seu estado doentio, contanto, é claro, que fique sob a minha vigilância. Mas, amanhã, sem falta, que ele trate de ir para onde bem entender; perdoe-me, príncipe! Se ele não entregar já a sua arma, num piscar de olhos, vou segurá-lo por um braço, o general, pelo outro e, no mesmo instante, vou tratar de chamar a polícia e, aí, a questão já vai passar para a responsabilidade da polícia, meu caro. O senhor Ferdíschenko, por ter um conhecido lá, é quem vai chamar a polícia.

Formou-se um alvoroço; Liébediev se exaltou demais e já estava passando dos limites; Ferdíschenko se preparava para ir à polícia; Gânia insistia freneticamente que ninguém ia se matar; Evguiêni Pávlovitch se mantinha calado.

— Príncipe, alguma vez, o senhor já se jogou do alto de um campanário?
— sussurrou Ippolit, de repente.

— N-não... — respondeu o príncipe, ingenuamente.

— Será possível que o senhor acha que eu não havia previsto todo esse ódio? — sussurrou Ippolit, mais uma vez, com os olhos faiscantes, fitando o príncipe como se, de fato, esperasse dele uma resposta. — Basta! — gritou, de repente, para toda a plateia. — A culpa é minha... mais que de qualquer outro! Liébediev, tome aqui a chave — apanhou um porta-moedas e, dentro, pegou uma argola com três ou quatro chavezinhas. — É esta aqui, a penúltima... O Kólia vai mostrar ao senhor... Kólia! Onde está o Kólia? — gritou, olhando para Kólia, mas sem vê-lo. — Sim... pronto, ele vai mostrar

para o senhor; mais cedo, eu e ele arrumamos tudo numa bolsa. Leve-o até lá, Kólia; no escritório do príncipe, embaixo da mesa... a minha bolsa... com esta chavezinha, embaixo, dentro de um pequeno baú... a minha pistola e o chifre com a pólvora. Ele mesmo colocou lá, mais cedo, sr. Liébediev, ele vai mostrar ao senhor; contanto que, amanhã cedo, quando eu partir para Petersburgo, o senhor me devolva a pistola. Ouviu? Estou fazendo isso pelo príncipe; não pelo senhor.

— Pronto, assim é melhor! — Liébediev apanhou a chave e, com um sorriso mordaz, correu para o quarto vizinho.

Kólia se deteve, fez menção de falar algo, mas Liébediev puxou-o atrás de si.

Ippolit olhou para os convidados, que riam. O príncipe observou que seus dentes se entrechocavam, como num calafrio fortíssimo.

— Que canalhas! — sussurrou Ippolit para o príncipe, mais uma vez, num frenesi. Quando falava com o príncipe, ele sempre falava baixo, inclinado para ele.

— Deixe que façam o que quiserem, você está fraco demais...

— Daqui a pouco... daqui a pouco eu vou embora.

De repente, abraçou o príncipe.

— O senhor, quem sabe, acha que eu estou louco, não acha? — e olhou bem para o príncipe, rindo de um jeito estranho.

— Não, mas o senhor...

— Um instante, um instante, fique em silêncio; não fale nada; espere... eu quero ver bem os seus olhos... Fique assim, eu vou ficar olhando. Eu vou me despedir de um Ser Humano.

Parado, olhou para o príncipe, sem se mexer, sem falar, durante uns dez segundos, muito pálido, com as têmporas encharcadas de suor, enquanto

segurava a mão do príncipe de modo um tanto estranho, como se temesse deixá-lo escapar.

— Ippolit, Ippolit, o que há com o senhor? — gritou o príncipe.

— Um instante... já basta... eu vou me deitar. Vou beber um golinho à saúde do sol... Eu quero, eu quero, me deixem!

Num gesto rápido, apanhou uma taça na mesa, afastou-se de onde estava e, num piscar de olhos, alcançou a saída da varanda. O príncipe quis correr em seu encalço, mas aconteceu que, naquele exato momento, como se fosse de propósito, Evguiêni Pávlovitch lhe estendeu a mão para se despedir. Um segundo se passou e, de súbito, um grito generalizado irrompeu na varanda. Em seguida, houve um minuto de extraordinário tumulto.

Eis o que aconteceu:

Quando alcançou a saída da varanda, Ippolit parou e, enquanto segurava uma taça na mão esquerda, baixou a mão direita e enfiou no bolso direito do casaco. Mais tarde, Keller garantia que Ippolit, desde antes, mantinha, o tempo todo, sua mão no bolso direito do casaco, já no momento em que falara com o príncipe, segurando-o pelo ombro e pela gola do casaco, com a mão esquerda, e que foi aquela mão direita metida no bolso, garantiu Keller, o que despertou nele uma primeira desconfiança. De todo modo, alguma inquietação o forçou a correr atrás de Ippolit. Mas, apesar disso, não chegou a tempo. Viu apenas que, de súbito, algo reluziu na mão direita de Ippolit e, no mesmo instante, uma pequena pistola de bolso surgiu encostada em sua têmpora. Keller se lançou a fim de segurar seu braço, mas, naquele segundo, Ippolit puxou o gatilho. Soou o estalido curto e seco do disparador, mas não se seguiu nenhum tiro. Quando Keller agarrou Ippolit, o rapaz tombou em seus braços, como que desacordado, talvez, de fato, imaginando que havia levado um tiro. A pistola já estava nas mãos de Keller. Seguraram Ippolit, trouxeram uma cadeira, sentaram-no e todos se

aglomeraram a seu redor, todos gritavam, todos faziam perguntas. Todos ouviram o estalo do gatilho e viram o rapaz vivo, sem nenhum arranhão. O próprio Ippolit ficou sentado, sem atinar o que se passava, e correu o olhar por todos, em redor, com ar desnordeado. Liébediev e Kólia voltaram às pressas, naquele instante.

— A pistola falhou? — perguntavam, em volta.

— Será que não estava carregada? — especulavam alguns.

— Está carregada! — declarou Keller, mostrando a pistola. — Mas...

— Negou fogo, então?

— Não havia nenhuma cápsula — retrucou Keller.

É até difícil relatar a cena lamentável que se seguiu. O susto original, e generalizado, rapidamente começou a dar lugar ao riso; alguns até gargalharam, encontrando naquilo um prazer malévolos. Ippolit soluçava como num ataque de histeria, retorcia as mãos, precipitava-se na direção de todos, até de Ferdíschenko, segurou as mãos dele e jurou que havia esquecido de pôr a cápsula, “esqueci completamente, por acaso, não foi por querer, olhe, as cápsulas são estas aqui, estão no bolso do colete, tem umas dez” (e ele as mostrava para todos, em redor), jurou que não havia colocado a cápsula na arma antes por medo de algum disparo acidental, dentro do bolso, jurou que achou que daria tempo de pôr a cápsula no momento necessário, mas, de repente, acabou esquecendo. Apelava para o príncipe, para Evguiêni Pávlovitch, suplicava para Keller devolver-lhe a pistola, dizia que agora sim provaria para todos “minha honra, honra...”, que agora ele estava “desonrado para sempre!...”.

De fato, acabou tombando sem sentidos. Carregaram Ippolit para o escritório do príncipe e Liébediev, completamente curado da embriaguez, mandou chamarem um médico às pressas e ficou ele mesmo junto ao leito do enfermo, na companhia da filha, do filho, de Burdóvski e do general.

Quando deitaram Ippolit desacordado sobre a cama, Keller se pôs de pé no meio do cômodo e declarou, para que todos ouvissem, destacando e enfatizando cada palavra, num evidente arrebatamento:

— Senhores, se alguém aqui, mais uma vez, declarar na minha frente que desconfia de que o esquecimento da cápsula foi proposital e afirmar que o jovem infeliz apenas representou uma comédia, essa pessoa, seja ela qualquer um dos senhores, terá de me dar satisfações.

Só que ninguém lhe respondeu nada. Por fim, os convidados se dispersaram, em bando e às pressas. Ptítsin, Gânia e Rogójin saíram juntos.

O príncipe ficou muito surpreso ao ver que Evguiêni Pávlovitch mudara de ideia e estava indo embora sem conversar com ele.

— Mas o senhor não queria conversar comigo, depois que todos fossem embora? — perguntou o príncipe.

— De fato — respondeu Evguiêni Pávlovitch; sentou-se numa cadeira, de repente, e fez o príncipe sentar-se, também, a seu lado. — Mas, agora, por enquanto, eu mudei de ideia. Confesso ao senhor que estou um tanto confuso, como o senhor. Meus pensamentos perderam o rumo. Além do mais, aquilo sobre o que eu gostaria de conversar com o senhor é algo demasiado importante para mim, e para o senhor também. Veja, príncipe, pelo menos uma vez na vida, eu gostaria de fazer uma coisa totalmente honesta, ou seja, totalmente isenta de segundas intenções, só que eu acho que agora, neste momento, não sou nem um pouco capaz de algo totalmente honesto, e o senhor também não, talvez... então... e... bem, depois, nós vamos ter a nossa conversa. Quem sabe a questão acabe se esclarecendo, para mim e também para o senhor, se nós esperarmos uns três dias, tempo que vou passar, agora, em Petersburgo.

Nisso, ele se levantou, mais uma vez, o que foi estranho, pois por que motivo, então, havia se sentado? O príncipe também teve a impressão de

que Evguiêni Pávlovitch estava descontente, irritado, parecia olhar com hostilidade; seus olhos traziam algo muito diferente do que haviam demonstrado mais cedo.

— A propósito, o senhor vai ver agora o enfermo?

— Vou... eu estou com medo — disse o príncipe.

— Não tenha medo; com certeza, ele vai viver umas seis semanas, quem sabe até se cure, aqui. Mas o melhor mesmo é mandá-lo embora amanhã.

— Na verdade, talvez eu tenha forçado demais os nervos do Ippolit, porque... eu não disse nada; pode ser que ele ache que eu não acredito que fosse se suicidar, não lhe parece? O que acha, Evguiêni Pávlovitch?

— Não, não. O senhor é bondoso demais por sentir tanta preocupação. Eu já ouvi falar disso, mas nunca tinha visto, na realidade, como uma pessoa pode se suicidar só para que os outros a elogiem, ou pode se matar por despeito, porque os outros não a elogiam. Mas, acima de tudo, não se deve acreditar nessa sinceridade da fraqueza! E o senhor, apesar de tudo, trate de mandá-lo embora amanhã.

— O senhor acha que ele vai tentar se matar outra vez?

— Não, agora ele não vai mais se suicidar. Mas tome muito cuidado com esses nossos Lacenaire¹⁶³ feitos em casa! Eu repito para o senhor que o crime é um refúgio demasiado rotineiro para essas nulidades sem talento, sem paciência e cheias de ansiedade.

— Mas será que ele é um Lacenaire?

— A essência é a mesma, a caracterização do personagem é que difere, talvez. O senhor ainda vai ver se esse cavalheiro será ou não capaz de dar cabo de dez almas, só por “brincadeira”, exatamente como ele mesmo afirmou, há pouco, na sua “Explicação”. Agora, essas palavras que ele disse não vão me deixar dormir.

— Talvez seja o senhor que se preocupa em excesso.

— Príncipe, o senhor é mesmo surpreendente. Não acredita que ele seja capaz de matar *agora* dez pessoas?

— Tenho medo de responder; tudo isso é muito estranho, mas...

— Certo, como preferir, como preferir! — encerrou Evguiêni Pávlovitch, irritado. — Além do mais, o senhor é uma pessoa muito valente; mas cuide apenas para não acabar sendo um daqueles dez.

— O mais provável é que ele não mate ninguém — disse o príncipe, enquanto olhava para Evguiêni Pávlovitch, com ar pensativo.

Evguiêni Pávlovitch deu uma risada mordaz.

— Até logo, por enquanto! Mas o senhor notou que ele deixou em testamento, para Aglaia Ivánovna, uma cópia da sua confissão?

— Sim, eu notei e... estou pensando no assunto.

— Faça mesmo isso, tendo em vista, quem sabe, aquelas tais dez pessoas.
— Evguiêni Pávlovitch riu, outra vez, e saiu.

Uma hora depois, quando já passava das três da madrugada, o príncipe foi ao parque. Tentou dormir em casa, mas não conseguiu, por causa das batidas fortes do coração. De resto, em casa, tudo estava em ordem e, na medida do possível, calmo; o enfermo havia dormido e o médico, que fora até lá, explicou que ele não corria perigo. Liébediev, Kólia, Burdóvski se acomodaram no quarto do enfermo a fim de se revezarem, em turnos; não havia o que temer, portanto.

Porém, a inquietação do príncipe aumentava a cada minuto. Ele vagou pelo parque, olhou em redor, distraído, e parou com surpresa, quando chegou à área dos concertos e viu a fileira de bancos vazios e o palanque para a orquestra. Aquele local lhe causou forte impressão e, por algum motivo, pareceu-lhe assustadoramente feio. Voltou atrás, em linha reta, pelo mesmo caminho que, no dia anterior, havia seguido, na companhia dos Epantchin, rumo à área de concertos, chegou ao banco verde, indicado para

um encontro, sentou-se e, de súbito, riu bem alto, o que logo lhe causou uma enorme indignação. Sua angústia não cessava; sentia vontade de ir a algum lugar... mas não sabia aonde. Na árvore, acima dele, um passarinho cantava e, naquele instante, por alguma razão, lembrou-se da “mosquinha” debaixo de um “raio de sol”, sobre a qual Ippolit havia escrito, e recordou que ela “sabe qual é o seu lugar e participa do coro geral”, ao passo que só ele era um excluído. Aquela frase o impressionara desde antes e, agora, voltou à sua memória. Uma recordação esquecida, havia muito tempo, agitou-se dentro dele e, de repente, elucidou-se de um só golpe.

Aconteceu na Suíça, no primeiro ano de tratamento, nos primeiros meses, até. Na ocasião, ele ainda aparentava ser um completo idiota, nem conseguia falar direito e, às vezes, não conseguia entender o que queriam dele. Certa vez, num dia claro e ensolarado, ele subiu as montanhas e caminhou por muito tempo, com uma ideia torturante, que, no entanto, recusava-se a tomar uma forma definida. À sua frente, o céu radiante, abaixo, o lago, em volta, o horizonte claro e infinito, sem fronteira ou limite. Ficou olhando muito tempo, aflito. Lembrou-se, então, como havia estirado as mãos para aquela imensidão azul e interminável, e chorou. O que o atormentava era sentir-se absolutamente estranho a tudo aquilo. O que era aquele banquete, o que era aquela grandiosa festa eterna, que não tem fim e para a qual ele era arrastado, havia muito tempo, desde sempre, desde a infância, e com a qual ele não conseguia, de maneira alguma, se unir? Toda manhã, ergue-se o mesmo sol claro; toda manhã, forma-se um arco-íris na cascata; todo entardecer, a montanha mais alta, nevada, ao longe, na orla do céu, arde como uma chama púrpura; toda mosquinha minúscula que zumba em torno dele, sob um ardente raio de sol, “participa de todo aquele coro: ela sabe qual é o seu lugar, ama seu lugar e está feliz”; cada folhinha de grama cresce e é feliz! Tudo tem o seu caminho, tudo sabe qual é o seu

caminho, chega cantando e parte cantando; só ele nada sabe, nada compreende, nem as pessoas nem os sons, a tudo alheio e de tudo excluído. Ah, claro, naquele tempo, ele não conseguia falar com tais palavras e exprimir sua pergunta; ele se atormentava, mudo e surdo; agora, porém, parecia ao príncipe que, mesmo naquela ocasião, ele já falava tudo aquilo, com todas aquelas palavras, e que Ippolit havia tomado dele, de empréstimo, aquela “mosquinha”, capturada em suas palavras e em suas lágrimas daquele tempo. O príncipe estava convencido disso e, por algum motivo, a ideia fazia seu coração bater com força...

Sentado no banco, adormeceu, mas sua aflição prosseguiu também no sono. Enquanto dormia, lembrou que Ippolit ia matar dez pessoas e sorriu com o absurdo daquela hipótese. À sua volta, pairava um silêncio claro, bonito, rompido apenas pelo farfalhar das folhas, que parecia aumentar, mais ainda, a serenidade e a solidão em redor. Teve muitos sonhos, todos perturbadores, sonhos que o faziam estremecer a todo instante. Por fim, uma mulher veio ter com o príncipe; ele a conhecia, e a conhecia até as raiais do sofrimento; ele sempre fora capaz de dizer seu nome e de reconhecê-la, mas — coisa estranha —, agora, ela parecia ter um rosto completamente distinto daquele que o príncipe sempre havia conhecido e, de forma atormentada, ele não queria, agora, reconhecer nela a mulher de antes. Naquele rosto, havia tanto remorso e horror que parecia pertencer a alguma terrível criminosa que acabara de cometer um crime pavoroso. Uma lágrima tremia na face pálida da mulher; ela acenou com a mão, chamando por ele, e colocou um dedo sobre os lábios, como se o prevenisse para segui-la em silêncio. O coração do príncipe gelou; não queria, por nada neste mundo, ver naquela mulher uma criminosa; mas sentia que algo terrível estava prestes a ocorrer, e que duraria para sempre. Parecia que a mulher queria mostrar-lhe algo, perto dali, no parque. Ele se levantou para

seguí-la e, de repente, irrompeu a seu lado um riso claro e fresco; a mão de alguém apareceu, de súbito, sobre a sua; ele agarrou essa mão, apertou com força e acordou. À sua frente, de pé, rindo bem alto, estava Aglaia.

Ela ria, mas sem se mostrar indignada.

— Ele está dormindo! O senhor estava dormindo! — gritou, com surpresa e desdém.

— É a senhora! — murmurou o príncipe, que ainda não despertara por completo e que a reconheceu com espanto. — Ah, sim! É o nosso encontro... Eu peguei no sono aqui.

— Eu percebi.

— Ninguém mais me acordou, só a senhora? Não há ninguém aqui a não ser a senhora, não é? Eu achei que havia outra mulher...

— Outra mulher estava aqui?

Por fim, ele despertou de todo.

— Foi só um sonho — disse, pensativo. — É estranho ter um sonho assim, e logo agora... Sente-se.

Tomou-a pela mão e a fez sentar-se no banco; sentou-se ao lado de Aglaia e se pôs pensativo. Aglaia, em vez de dar início à conversa, limitou-se a fitar com atenção seu interlocutor. Ele também tinha os olhos voltados para ela, porém, às vezes, parecia que nem estava vendo Aglaia em sua frente. Ela começou a enrubescer.

— Ah, sim! — sobressaltou-se o príncipe. — O Ippolit deu um tiro na cabeça!

— Quando? Na sua casa? — perguntou ela, mas sem grande surpresa. — Puxa, ontem à noite, eu creio, ele ainda estava vivo, não estava? Como o senhor foi capaz de dormir aqui, depois de uma coisa dessas? — exclamou, subitamente agitada.

— Mas ele não morreu, sabe, a pistola não disparou.

Por insistência de Aglaia, o príncipe teve de contar, no mesmo instante e até com muitos pormenores, toda a história da noite anterior. Ansiosa, a todo momento, ela o instigava a ir em frente no relato, porém o interrompia com perguntas incessantes e, quase sempre, alheias ao caso. Entretanto, ela escutou com grande curiosidade as palavras que Evguiêni Pávlovitch dissera, na ocasião, e algumas vezes chegou a pedir que o príncipe as repetisse.

— Muito bem, já chega, temos de nos apressar — concluiu ela, após ouvir tudo. — Só podemos ficar aqui uma hora, até às oito, porque eu preciso, sem falta, estar em casa às oito horas para que ninguém saiba que estive aqui. No entanto, eu vim aqui por um motivo específico; preciso comunicar muitas coisas ao senhor. Só que, agora, o senhor me deixou completamente confusa. Quanto ao Ippolit, eu acho que a pistola dele só podia mesmo negar fogo, é o mais adequado, no caso dele. No entanto, o senhor está convencido de que ele queria, a todo custo, se matar e de que não houve, no caso, nenhuma fraude?

— Nenhuma fraude.

— É o mais provável. E ele deixou registrado por escrito que era para o senhor me entregar a confissão dele? Então por que o senhor não me entregou?

— Mas ele não morreu. Agora, eu vou perguntar para ele.

— Pois me entregue já, sem falta, e não pergunte nada. Com certeza, ele vai gostar muito, pois quem sabe não foi com esse propósito que ele

disparou a pistola contra si mesmo, ou seja, para que, depois, eu lesse a sua confissão? Por favor, peço ao senhor que não zombe das minhas palavras, Liev Nikoláitch, porque pode muito bem ser esse o caso.

— Eu não estou zombando, porque eu mesmo estou convencido de que, em parte, pode muito bem ser o caso.

— Está convencido? Será que o senhor também pensa da mesma forma?
— de súbito, Aglaia se mostrou tremendamente admirada.

Ela fazia suas perguntas às pressas, falava ligeiro, mas às vezes parecia perder o rumo e, não raro, deixava as frases incompletas; a todo instante se afobava, na tentativa de adivinhar alguma coisa; no geral, experimentava uma inquietação extraordinária e, embora olhasse para ele com muita coragem e com um toque desafiador, talvez, também, sentisse um pouco de medo. Trajava um vestido de uso diário, do tipo mais simples, que lhe caía muito bem. Sentada na beiradinha do banco, muitas vezes estremecia, ruborizava-se. Estava muito surpresa com o fato de o príncipe ter corroborado sua ideia de que Ippolit tentara se matar para que ela lesse sua confissão.

— Claro — explicou o príncipe —, ele queria que, não só a senhora, como todos nós o elogiássemos...

— Mas como assim, elogiar?

— Quer dizer... como vou explicar? É muito difícil exprimir. É só que ele, com toda a certeza, desejava que todos se aproximassem dele, dissessem que gostam muito dele, que o respeitam muito, e que todos pedissem, com insistência, que ele permanecesse entre os vivos. É bem possível que o Ippolit tivesse em vista a senhora, mais do que qualquer outra pessoa, porque, justamente naquele instante, foi a senhora que ele mencionou... se bem que talvez ele mesmo nem soubesse que tinha a senhora em vista.

— Pois isso, agora, eu não compreendo, absolutamente: ele tinha a mim em vista, mas não sabia o que tinha em vista? Pensando bem, creio que entendo: o senhor sabia que eu mesma, quando ainda era menina, aos treze anos, pensei umas trinta vezes em me envenenar, e pensava em contar tudo numa carta para meus pais, e também imaginava a minha figura, estirada no caixão, e como todos iam chorar por mim, como iam se sentir culpados por terem sido tão cruéis comigo... Por que o senhor está sorrindo, de novo? — acrescentou, depressa, e franziu as sobrancelhas. — Afinal, o que o senhor pensa a respeito de si mesmo, quando está sozinho, com seus devaneios? Talvez imagine que é um marechal de campo e que derrotou Napoleão.

— Pois, olhe, eu dou minha palavra de honra que é nisso mesmo que eu penso, sobretudo quando estou pegando no sono — riu o príncipe. — Só que não é Napoleão que eu derroto: são sempre os austríacos.

— Eu não tenho nenhuma intenção de ficar trocando gracejos com o senhor, Liev Nikoláitch. Eu mesma vou falar com o Ippolit; peço ao senhor que o avise. Quanto ao senhor, eu acho tudo isso muito ruim, pois é muito rude encarar e julgar a alma de uma pessoa da maneira como o senhor faz com o Ippolit. O senhor não tem ternura: só existe a verdade; portanto, é injusto.

O príncipe refletiu um pouco.

— Acho que a senhora não está sendo justa comigo — disse. — Afinal, eu nada vejo de ruim no fato de ele pensar dessa forma, pois todo mundo tende a pensar assim; além do mais, talvez ele nem pense assim, propriamente, mas apenas quisesse... ele queria estar próximo das pessoas, uma última vez, queria merecer o respeito e o amor delas; puxa, esses são sentimentos muito bons, só que, por alguma razão, não deu certo; foi a doença e mais alguma coisa, que não sei o que é! De resto, para algumas

peessoas, parece que tudo dá certo, ao passo que, para outras, parece que nada...

— Sem dúvida, o senhor agora está falando de si mesmo, não é?

— Ah, claro, é sobre mim — respondeu o príncipe, sem notar nenhuma maldade na pergunta.

— De todo modo, no seu lugar, eu jamais conseguiria pegar no sono desse jeito; veja, o senhor é capaz de dormir onde quer que encoste a cabeça. Isso é muito ruim, da sua parte.

— Mas se eu passei a noite inteira acordado e, depois, fiquei andando, andando, e eu ainda fui ouvir a música...

— Que música?

— Ontem, lá, onde tocaram, e depois vim aqui, sentei, pensei, pensei e, então, acabei dormindo.

— Ah, foi assim? Isso muda a situação a seu favor... E por que o senhor foi ouvir a música?

— Não sei, aconteceu...

— Certo, certo, depois falaremos disso; o senhor me interrompe a toda hora e, afinal, o que eu tenho a ver com o fato de o senhor ter ido ouvir música? Mas que mulher era essa que apareceu no seu sonho?

— Era... a... a senhora a viu...

— Entendo, entendo muito bem. Para o senhor, ela é muito... Como ela estava no seu sonho, que aspecto tinha? Pensando bem, eu não quero saber nada — cortou ela, de repente, com irritação. — Não me interrompa...

Aguardou um momento, como se tomasse fôlego ou tentasse dissipar a irritação.

— Eu chamei o senhor aqui pela seguinte razão: quero propor ao senhor que seja meu amigo. Por que o senhor, de repente, está me olhando desse jeito? — acrescentou, quase com raiva.

De fato, naquele momento, o príncipe tinha os olhos cravados em Aglaia, pois notara que ela havia, de novo, começado a ficar muito vermelha. Em tais situações, quanto mais vermelha ficava, mais parecia se irritar consigo mesma por causa disso, algo que se exprimia nitidamente em seus olhos cintilantes; em geral, passado um minuto, Aglaia transferia sua raiva à pessoa com quem estava conversando, tivesse culpa ou não, e começava a discutir com ela. Como tinha a percepção e a consciência da própria fúria e da própria vergonha, Aglaia costumava intervir muito pouco na conversa e se mostrava mais calada do que suas irmãs, às vezes, até calada demais. Em certas situações, em particular nos casos mais melindrosos, em que era imprescindível falar alguma coisa, Aglaia entrava na conversa com extraordinária arrogância e com uma espécie de tom desafiador. E sempre pressentia quando estava começando, ou querendo começar, a ruborizar-se.

— Talvez o senhor não tenha intenção de aceitar a minha proposta — disse ela, e olhou, com ar arrogante, para o príncipe.

— Ah, não, eu quero, sim. É só que não há nenhuma necessidade de... ou seja, eu não achava que fosse necessário fazer uma proposta formal... — O príncipe se atrapalhou, na resposta.

— Mas, então, o que é que o senhor estava pensando? Por que foi que eu chamei o senhor aqui? O que o senhor tem na cabeça? Aliás, talvez o senhor me considere uma bobinha, como todo mundo na minha casa, não é?

— Eu não sabia que consideravam a senhora uma tola, eu... eu não a considero assim.

— Não? Pois isso é muito inteligente da sua parte. Sobretudo, foi dito de modo muito inteligente.

— Para mim, a senhora é até muito inteligente, às vezes, talvez — prosseguiu o príncipe. — Agora há pouco, de repente, a senhora disse algumas palavras muito inteligentes. Sobre a minha dúvida a respeito do

Ippolit, a senhora disse: “Só existe a verdade; portanto, é injusto”. Eu vou me lembrar disso e vou pensar bem a respeito.

De súbito, Aglaia ficou radiante de satisfação. Todas aquelas mudanças se passavam nela de forma extremamente franca e com uma rapidez fora do comum. O príncipe também se alegrou e, olhando para ela, chegou a rir de contentamento.

— Escute — Aglaia recomeçou —, eu estava esperando o senhor já havia muito tempo, para poder lhe contar tudo isso, eu estava esperando desde quando o senhor me mandou aquela carta, lá de longe, e até antes disso... Ontem, o senhor já ouviu de mim metade do que eu tinha a dizer: eu considero que o senhor é a pessoa mais honesta e mais justa, mais do que todo mundo, e se dizem que o senhor tem a mente... ou seja, que às vezes o senhor manifesta uma doença na mente, isso está errado; eu cheguei a essa conclusão e já discuti sobre esse assunto, porque, embora o senhor, de fato, tenha alguma enfermidade na mente (claro, o senhor não vai ficar zangado por isso, eu estou falando num nível muito elevado), em compensação, a parte principal da inteligência do senhor é melhor que a de todos eles, e de uma forma que eles não conseguem nem sonhar, porque existem duas formas de inteligência: a principal e a secundária. Não é mesmo? Não é assim?

— Pode ser, talvez — o príncipe mal conseguiu falar, de tão forte que batia seu coração.

— Eu já sabia que o senhor entende — prosseguiu Aglaia, em tom grave. — O príncipe Sch. e o Evguiêni Pávlovitch nada compreendem dessas duas inteligências, a Aleksandra também não, mas, imagine só: a mamãe entendeu.

— A senhora é muito parecida com a Lizavieta Prokófievna.

— Como assim? Será possível? — Aglaia se mostrou surpresa.

— Eu juro, é sim.

— Eu agradeço ao senhor — disse ela, depois de refletir um pouco. — Estou muito contente de ser parecida com a *maman*. Quer dizer que o senhor tem muito respeito por ela? — acrescentou, quase sem se dar conta da ingenuidade da pergunta.

— Muito, muito, e fico feliz em saber que a senhora entendeu isso com tanta rapidez.

— E eu também fico feliz, porque notei que, às vezes, as pessoas... zombam dela. Mas o principal é o seguinte: eu refleti muito tempo e acabei por escolher o senhor. Não quero que os outros, lá em casa, zombem de mim, não quero que me considerem uma bobinha, não quero que fiquem me assediando... Eu compreendi tudo na mesma hora e recusei o Evguiêni Pávlovitch de forma taxativa, porque não quero que fiquem o tempo todo me oferecendo em casamento! Eu quero... eu quero... bem, eu quero fugir de casa, e escolhi o senhor para me auxiliar.

— Fugir de casa! — gritou o príncipe.

— Sim, sim, sim, fugir de casa! — gritou Aglaia, de repente, inflamada por uma ira repentina. — Eu não quero, não quero que eles vivam me forçando a ficar vermelha na frente deles nem na frente do príncipe Sch. nem na frente do Evguiêni Pávlovitch nem na frente de ninguém, e foi por isso que escolhi o senhor. Com o senhor, com o senhor, eu quero conversar sobre tudo, até sobre aquilo que é o mais importante, quando me der vontade; e o senhor, por seu lado, também não deve esconder nada de mim. Eu quero conversar pelo menos com uma pessoa a respeito de tudo, como se falasse comigo mesma. De uma hora para outra, eles começaram a dizer que eu estou esperando o senhor, que eu amo o senhor. Essa história começou antes mesmo da sua chegada, e olhe que eu nem mostrei para eles a sua carta; agora, todo mundo anda falando disso. Eu quero ser corajosa e

não ter medo de nada. Não quero ficar indo aos bailes deles, quero fazer algo útil. Já faz tempo que eu quero ir embora. Eu vivo trancafiada na casa deles há vinte anos e eles só querem saber de me casar. Já aos catorze anos, pensei em fugir de casa, mas eu era uma tola. Agora, já tenho tudo calculado e estava só esperando o senhor para lhe perguntar tudo a respeito da vida no exterior. Eu nunca vi nenhuma catedral gótica, quero conhecer Roma, quero visitar os escritórios de todos os grandes intelectuais, quero estudar em Paris; o ano passado inteiro, eu me preparei, eu estudei e li muitos livros; eu li todos os livros proibidos. A Aleksandra e a Adelaida leem todos os livros, elas podem ler, mas para mim não dão todos os livros, ficam me vigiando. Eu não quero discutir com minhas irmãs, mas já faz tempo que avisei à mamãe e ao papai que eu quero transformar completamente a minha condição social. Resolvi me dedicar à educação e pensei no senhor, pois o senhor disse que adora crianças. Quem sabe não podemos trabalhar juntos com educação, mesmo que não seja agora, mas no futuro? Vamos fazer alguma coisa útil, juntos; eu não quero ser, para sempre, a filha do general... Diga, o senhor é um homem muito culto?

— Ah, não, longe disso.

— Que pena, pois eu achava que... O que me levou a pensar assim? De todo modo, o senhor vai me orientar, porque eu escolhi o senhor.

— Mas isso é absurdo, Aglaia Ivánovna.

— Eu quero, eu quero fugir de casa! — gritou e, de novo, seus olhos faiscaram. — Se o senhor não concordar, vou me casar com o Gavrila Ardaliónovitch. Eu não quero que, em casa, me considerem uma mulher infame e fiquem me acusando sabe-se lá de quê.

— Será que a senhora perdeu a razão? — O príncipe chegou quase a pular do banco. — Do que acusam a senhora, quem está acusando?

— Em casa, todo mundo, mamãe, minhas irmãs, papai, o príncipe Sch., até o patife do seu Kólia! Se não chegam a dizer diretamente, pelo menos é o que eles pensam. E foi isso que eu falei na cara de todos eles, da mamãe e do papai. A *maman* passou o dia todo doente; no dia seguinte, a Aleksandra e o papai me disseram que eu mesma não me dou conta de que estou mentindo e que eu nem tenho noção das palavras que estou falando. Só que eu retruquei, na mesma hora, que eu já entendo tudo, sim, e perfeitamente, eu sei muito bem do que estou falando, eu disse que já não sou criança, que já faz dois anos que eu li dois romances de Paul de Kock¹⁶⁴ inteirinhos, para ficar sabendo de tudo. A *maman*, quando ouviu isso, quase caiu desmaiada.

De repente, uma ideia estranha passou pela cabeça do príncipe. Ele olhou bem para Aglaia e sorriu.

Ele nem conseguia acreditar que, na sua frente, estava sentada a mesma mocinha arrogante que, um dia, cheia de orgulho e petulância, leu para ele uma carta de Gavrila Ardaliónovitch. O príncipe não conseguia entender como, naquela beldade tão severa e insolente, podia revelar-se tamanha criança, uma criança que, *agora*, de fato, talvez não tivesse noção de *todas as palavras* que estava falando.

— A senhora sempre morou com a sua família, Aglaia Ivánovna? — perguntou ele. — Quero dizer, a senhora nunca frequentou algum lugar, uma escola, por exemplo, não estudou num instituto?

— Nunca, e nunca fui a lugar nenhum; sempre fiquei em casa, arrolhada como dentro de uma garrafa, e eu só vou sair dessa garrafa direto para me casar; do que o senhor está rindo, de novo? Eu noto que o senhor também parece que precisa rir de mim e apoiar o lado deles — acrescentou Aglaia, franzindo as sobrancelhas com ar ameaçador. — Não me irrite, eu sei perfeitamente cuidar de mim mesma... Estou convencida de que o senhor

veio aqui com a plena certeza de que estou apaixonada pelo senhor e convidei o senhor para um encontro — disparou, muito irritada.

— De fato, ontem, era isso que eu temia — deixou escapar o príncipe, ingenuamente; ele estava muito embaraçado. — Mas hoje eu estou convicto de que a senhora...

— O quê? — gritou Aglaia e, de repente, seu lábio inferior começou a tremer. — O senhor teve medo de que eu... o senhor teve a audácia de pensar que eu... Meu Deus! O senhor, na certa, desconfiou de que eu o chamei aqui para lançar a minha rede e que, depois, eles o pegariam em flagrante e o senhor se veria forçado a casar comigo...

— Aglaia Ivánovna! Como não se envergonha? Como uma ideia tão sórdida pode nascer no seu coração puro e inocente? Eu aposto que a senhora mesma não acredita em nenhuma de suas palavras e... que a senhora mesma não sabe o que está dizendo!

Aglaia se manteve quieta, sentada, de olhos baixos, obstinadamente, como que assustada com o que ela mesma acabara de falar.

— Eu não me envergonho de nada — murmurou. — Como o senhor sabe que eu tenho o coração inocente? Mas, então, como foi que o senhor teve a audácia de me enviar uma carta de amor?

— Carta de amor? A minha carta é de amor? É a carta mais respeitosa do mundo, aquela carta brotou do meu coração no momento mais difícil da minha vida! Na hora, eu me lembrei da senhora como se fosse uma espécie de luz... eu...

— Certo, está bem, está bem — ela o interrompeu, de repente, mas num tom de voz completamente distinto, de total arrependimento, quase com um susto, e chegou a curvar a cabeça diante do príncipe, tentando, o tempo todo, não olhar direto para ele, e fez menção de tocá-lo no ombro a fim de pedir, com ainda mais persuasão, que ele não se zangasse com ela. — Está

bem — acrescentou, terrivelmente envergonhada. — Percebo que usei uma expressão muito boba. Eu agi assim... para pôr o senhor à prova. Encare como se nada tivesse sido dito. Se eu ofendi o senhor, me perdoe. Por favor, não fique olhando direto para os meus olhos, vire-se. O senhor disse que é uma ideia muito sórdida; pois eu falei aquilo de propósito, só para provocar o senhor. Às vezes, eu tenho medo daquilo que eu mesma quero dizer e, então, de repente, eu acabo falando. O senhor disse que me escreveu aquela carta no momento mais difícil da sua vida... Eu sei que momento foi esse... — disse ela, em voz baixa, de novo olhando para o chão.

— Ah, se a senhora pudesse saber tudo!

— Eu sei tudo! — gritou, com renovada agitação. — Na época, o senhor ficou morando sozinho, um mês inteiro, com aquela mulher desprezível com quem o senhor fugiu...

Ao dizer aquilo, Aglaia já não estava ruborizada, mas sim pálida e, de súbito, levantou-se, pareceu perder a noção de onde estava, mas logo voltou à razão e sentou-se; seus lábios continuaram a tremer por bastante tempo. O silêncio se estendeu por um minuto. O príncipe estava tremendamente impressionado com aquele arroubo repentino e não sabia a que atribuí-lo.

— Eu não amo o senhor, de modo algum — disse, de repente, em tom cortante. O príncipe não respondeu; de novo, ficaram um minuto em silêncio.

— Eu amo o Gavrila Ardaliónovitch... — disse ela, falando depressa, em tom quase inaudível e com a cabeça ainda mais inclinada.

— Não é verdade — disse o príncipe, também quase num sussurro.

— Quer dizer que eu estou mentindo? Mas é a verdade; eu dei minha palavra a ele, anteontem, neste mesmo banco.

O príncipe ficou assustado e refletiu, por um momento.

— Não é verdade — repetiu, taxativo. — A senhora inventou tudo isso.

— Que coisa gentil de se dizer. Pois fique sabendo que ele corrigiu sua maneira de ser; ele me ama, e mais do que a própria vida. Na minha frente, ele queimou a própria mão, só para mostrar que me ama mais do que a própria vida.

— Queimou a mão?

— Sim, a própria mão. Acredite ou não, para mim, tanto faz.

O príncipe se manteve calado, mais uma vez. Nas palavras da Aglaia, não havia sinal de brincadeira; ela estava irritada.

— Então, se isso aconteceu mesmo, ele trouxe uma vela para cá? De outra maneira, eu não vejo como...

— Sim... uma vela. O que há de tão incrível, nisso?

— Uma vela inteira ou num castiçal?

— Bem, sim... não... metade de uma vela... um toco... uma vela inteira, tanto faz, pare com isso!... Se quer saber, ele também trouxe os fósforos. Acendeu a vela e manteve o dedo na chama da vela por meia hora; acha que não é possível?

— Eu estive com ele ontem; os dedos estavam bons.

De repente, Aglaia caiu numa gargalhada, como uma criança.

— Sabe para que eu menti, agora? — Ela se virou, de súbito, para o príncipe com o ar de credulidade mais infantil e ainda com o mesmo riso, que tremia em seus lábios. — É porque, quando estamos mentindo, se acrescentamos algo muito fora do comum, excêntrico, sabe, algo muito raro ou até que não existe, a mentira acaba se tornando muito mais convincente. Eu já notei isso. Só que desta vez não deu certo, porque eu não soube...

De repente, Aglaia franziu as sobrancelhas, de novo, como se tivesse se dado conta de alguma coisa.

— Se eu, naquele dia — ela se virou para o príncipe e olhou para ele com ar sério e até tristonho —, se eu, naquele dia, recitei para o senhor os versos

do “pobre cavaleiro”, foi porque eu queria... fazer um elogio ao senhor, por uma coisa, mas, ao mesmo tempo, queria condenar o senhor por seu comportamento e mostrar que eu sabia de tudo...

— A senhora é muito injusta comigo... e também com aquela desafortunada, sobre a qual a senhora se exprimiu, há pouco, de forma tão horrível, Aglaia.

— É porque eu sei de tudo, tudo, e foi por isso que me expressei assim! Eu sei que o senhor, há meio ano, na frente de todo mundo, ofereceu a ela sua mão em casamento. Não me interrompa, o senhor está vendo que eu exponho os fatos sem fazer comentários. Depois disso, ela fugiu com o Rogójin; passado um tempo, o senhor foi morar com ela, em algum lugar no campo ou na cidade, e ela fugiu do senhor para viver com outra pessoa. — Aglaia ficou muito vermelha. — Depois, ela voltou de novo para o Rogójin, que a ama como... como um louco. Depois, o senhor, uma pessoa também muito inteligente, assim que soube que ela estava de volta a Petersburgo, viajou às pressas para cá, atrás dela. Ontem à noite, o senhor se ergueu em defesa dessa mulher e, agora mesmo, estava sonhando com ela... Está vendo como eu sei de tudo? Afinal, não foi por causa dela, e só por causa dela, que o senhor veio para cá?

— Sim, foi por causa dela — respondeu o príncipe, em voz baixa, com ar triste e pensativo, a cabeça voltada para o chão, sem desconfiar, nem de longe, que Aglaia o mirava com um olhar chamejante. — Foi por causa dela, só para saber... Eu não acredito que ela seja feliz com o Rogójin, se bem que... em suma, eu não sei o que eu posso fazer por ela, aqui, não sei como posso ajudar, mas, mesmo assim, eu vim.

Ele estremeceu e olhou para Aglaia; ela o escutava, com ódio.

— Se veio sem saber para quê, isso quer dizer que a ama muito — falou Aglaia, por fim.

— Não — respondeu o príncipe. — Não, eu não a amo. Ah, se a senhora soubesse com que horror eu me lembro do tempo em que vivi com ela!

Ao dizer aquelas palavras, um calafrio chegou a percorrer seu corpo.

— Conte tudo — disse Aglaia.

— Não há nada, aqui, que a senhora não possa ouvir. Por que razão eu queria contar tudo isso justamente para a senhora, e só para a senhora, eu não sei. Talvez porque, de fato, eu ame muito a senhora. Aquela mulher desafortunada está profundamente convicta de ser a criatura mais decaída, mais depravada, do mundo. Ah, não lance infâmias contra ela, não jogue pedras. Ela já se tortura demais com a consciência da própria vergonha imerecida! E que culpa ela tem, meu Deus? Oh, a todo momento, num estupor, ela grita que não reconhece a sua culpa, que é uma vítima das pessoas, vítima de um homem depravado e infame; no entanto, a despeito do que ela lhe disser, fique sabendo que ela mesma é a primeira a não acreditar no que diz e que, ao contrário, com toda a consciência, acredita que ela mesma... é a culpada. Quando tentei dissipar essa ideia sombria, ela chegou a tal ponto de desespero que o meu coração nunca vai se curar, enquanto eu me lembrar daquele tempo horrível. É como se o meu coração tivesse sido ferido, para sempre. Sabe por que ela fugiu de mim? Justamente para me mostrar que ela é desprezível. Porém o mais horrível de tudo, no caso, é que ela mesma, quem sabe, ignorava que só queria me mostrar isso, e fugiu porque sentia uma vontade interior inapelável de fazer algo infame, a fim de dizer para si mesma o seguinte: “Pronto, você fez mais uma coisa infame, portanto, você é um animal desprezível!”. Ah, talvez você não compreenda, Aglaia! Sabia que nessa incessante consciência da vergonha, se encerra, talvez, um prazer horrível e aberrante, para ela, semelhante a uma vingança contra alguém? Às vezes, eu conseguia levá-la até um ponto em que ela parecia ver alguma luz à sua

volta. Mas logo ficava indignada outra vez, e chegava a me acusar, com furor, de me colocar muito acima dela (quando isso nem de longe passava pela minha cabeça) e, por fim, quando eu a pedi em casamento, ela declarou, na mesma hora, que não estava cobrando, de quem quer que fosse, nem compaixão arrogante nem ajuda e muito menos que a “elevassem à altura” de qualquer marido. A senhora a viu ontem; pois bem, a senhora acredita mesmo que ela se sente feliz com as pessoas que constituem a sua sociedade atual? A senhora não sabe como ela é inteligente e o que ela é capaz de entender! Às vezes, ela me deixa até espantado!

— O senhor também fazia, para ela, esses... sermões?

— Ah, não — prosseguiu o príncipe, com ar pensativo, sem perceber o tom da pergunta. — Quase sempre, eu me mantinha calado. Muitas vezes, eu queria falar, porém, juro, eu não sabia o que dizer. Sabe, em certos casos, é melhor não falar absolutamente nada. Ah, eu a amava; ah, eu amava muito... Mas depois... depois... depois, ela adivinhou tudo.

— Adivinhou o quê?

— Que eu só tinha pena dela e que eu... já não a amo.

— Mas como o senhor vai saber? Pode ser que ela tenha se apaixonado de verdade por aquele... comerciante com quem fugiu, não é?

— Não, eu sei de tudo; ela está só zombando dele.

— E do senhor, ela nunca zombou?

— N-não. Ela ria de raiva; ah, naquele tempo, ela me acusava, furiosa... e ela mesma sofria! Mas... depois... ah, não me faça lembrar, não me faça lembrar isso!

Ele cobriu o rosto com as mãos.

— O senhor sabia que ela escreve uma carta para mim quase todo dia?

— Mas então é verdade! — gritou o príncipe, transtornado. — Eu ouvi dizer, mas não queria acreditar.

— O que foi que o senhor ouviu dizer? — Aglaia sobressaltou-se.

— O Rogójin me contou, ontem, só que não falou com clareza.

— Ontem? Ontem de manhã? Ontem a que horas? Antes ou depois da música?

— Depois; à noite, depois das onze.

— A-ah, bem, se foi o Rogójin... Mas o senhor sabe o que ela me escreve nas cartas?

— Eu não me surpreendo com mais nada; ela está louca.

— Olhe só estas cartas — Aglaia tirou do bolso três cartas em três envelopes e jogou-as na frente do príncipe. — Faz uma semana inteira que ela não faz outra coisa senão implorar, insistir e me pressionar para que eu me case com o senhor. Ela... bem, está certo, é inteligente, apesar de maluca, e o senhor tem razão quando diz que ela é muito mais inteligente do que eu... ela diz que está apaixonada por mim, que todo dia procura uma chance de me ver, mesmo que seja só de longe. Ela escreve que o senhor me ama, que ela sabe disso, que ela percebeu faz tempo, e que o senhor sempre falava com ela a meu respeito. Ela quer ver o senhor feliz; está convencida de que só eu posso fazer a sua felicidade... Ela escreve de modo tão desenfreado... estranho... Nunca mostrei as cartas para ninguém, eu estava esperando o senhor; sabe o que isso quer dizer? Será que o senhor não adivinha?

— É a loucura; é a prova da sua loucura — declarou o príncipe, e seus lábios começaram a tremer.

— Será que o senhor está chorando?

— Não, Aglaia, eu não estou chorando. — O príncipe voltou os olhos para ela.

— E o que eu vou fazer? O que o senhor me aconselha? Eu não posso ficar recebendo estas cartas!

— Ah, deixe-a em paz, eu imploro! — exclamou o príncipe. — O que a senhora pode fazer, nessa situação obscura? Eu vou empenhar todos os meus esforços para que ela não escreva mais para a senhora.

— Sendo assim, o senhor é uma pessoa sem coração! — gritou Aglaia. — Será que o senhor não vê que não é por mim que ela está apaixonada, mas pelo senhor? Ela ama o senhor e só o senhor! Será que o senhor conseguiu compreender tanta coisa nela, mas não percebeu isso? Sabe o que é que está por trás destas cartas? É o ciúme; é até mais do que ciúme! Ela... o senhor acha que ela vai mesmo casar com o Rogójin, como escreve aqui nestas cartas? Pois ela vai é se matar no dia seguinte, logo depois do nosso casamento!

O príncipe estremeceu; seu coração congelou. Mas ficou olhando, espantado, para Aglaia: achou estranho ter de admitir que já fazia tempo que aquela criança se tornara mulher.

— Deus é testemunha, Aglaia, de que eu tenho dedicado a minha vida a devolver a tranquilidade àquela mulher e a fazê-la feliz, só que... eu já não sou capaz de amar, e ela sabe disso!

— Pois então sacrifique a si mesmo, isso combina muito bem com o senhor! Afinal, o senhor é um benfeitor tão grande! E não me trate por “Aglaia”... Há pouco, o senhor me chamou apenas de “Aglaia”... O senhor precisa, o senhor tem o dever de ressuscitar essa mulher, o senhor precisa partir junto com ela, outra vez, para aplacar e apaziguar seu coração. E, afinal, o senhor também a ama!

— Eu não sou capaz de me sacrificar dessa forma, embora eu tenha desejado, pelo menos uma vez... e talvez agora eu também deseje. Mas eu sei, com toda a segurança, que comigo ela vai acabar morrendo e é por isso

mesmo que eu a estou deixando. Eu deveria encontrá-la hoje, às sete horas; agora, talvez eu não vá mais. Em seu orgulho, ela nunca vai me perdoar por meu amor... e nós dois estamos liquidados! Não é natural, mas, nesse caso, nada é natural. A senhora diz que ela me ama, mas será que isso é amor? Será que pode existir um amor assim, depois do que eu já suportei? Não, isso é outra coisa, não é amor!

— Como o senhor está pálido! — de súbito, Aglaia assustou-se.

— Não é nada, eu dormi muito pouco, estou enfraquecido, eu... Na verdade, naquele tempo, eu e ela conversávamos mesmo sobre a senhora, Aglaia...

— Então é verdade? O senhor, de fato, *podia conversar com ela a meu respeito* e... e como o senhor pôde se apaixonar por mim, se tinha me visto só uma vez?

— Eu não sei. Nas trevas em que vivia, na ocasião, eu sonhava... talvez, em pensamento, eu vislumbrasse uma nova aurora. Eu não sei por que, antes de tudo, eu pensei na senhora. Eu contei a verdade, quando lhe escrevi dizendo que eu não sei como isso aconteceu. Tudo aquilo foi só um sonho, engendrado pelo horror daquele tempo... Depois, eu comecei a trabalhar; meu plano era vir aqui só depois de três anos...

— Portanto, veio por causa dela?

E algo tremeu na voz de Aglaia.

— Sim, por causa dela.

Passaram-se cerca de dois minutos de um silêncio sombrio, de ambas as partes. Aglaia levantou-se.

— Se o senhor está dizendo — começou, com voz vacilante —, se o senhor mesmo acredita que aquela... que a sua mulher está... louca, saiba que eu não tenho nada a ver com as suas fantasias malucas... Peço ao senhor, Liev Nikoláitch, que pegue estas três cartas e leve para longe de

mim! E se ela — de repente, Aglaia começou a gritar —, se ela se atrever a me enviar, mais uma vez, uma só linhazinha que for, diga a ela que eu vou dar queixa para o meu pai e que, aí, ela vai ficar presa na casa de correção...

Assustado, o príncipe se ergueu com um pulo e olhou para o repentino furor de Aglaia; de súbito, uma neblina pareceu baixar diante dele...

— Não é possível que a senhora se sinta assim... não é verdade! — balbuciou.

— É verdade! É verdade! — gritou Aglaia, quase fora de si.

— Qual é a verdade? O que é a verdade? — uma voz assustada irrompeu ao lado deles.

Na frente de ambos, estava Lizavieta Prokófievna.

— A verdade é que eu vou me casar com Gavrila Ardaliónovitch! Que eu amo Gavrila Ardaliónovitch e, amanhã, vou fugir de casa junto com ele! — disparou Aglaia para a mãe. — A senhora ouviu bem? Satisfez sua curiosidade? Está satisfeita com isso?

E foi correndo para casa.

— Não, meu caro, agora o senhor não vai embora — Lizavieta Prokófievna deteve o príncipe. — Faça o obséquo, tenha a bondade de me acompanhar até minha casa e me explicar tudo isso... Mais essa, agora, depois de tantos tormentos, e ainda por cima eu passei a noite inteira sem dormir...

O príncipe a seguiu.

Ao entrar em casa, Lizavieta Prokófievna se deteve no primeiro cômodo; completamente exaurida, não conseguiu ir além e sentou-se num canapé, sem mesmo lembrar-se de convidar o príncipe a sentar-se também. Era uma sala bem ampla, com a mesa redonda no meio, lareira, muitas flores em prateleiras junto às janelas e, na parede do fundo, outra porta, envidraçada, que dava para o jardim. Logo entraram Adelaida e Aleksandra, que olhavam para a mãe e para o príncipe com ar interrogador e atônito.

Na datcha, as mocinhas costumavam acordar por volta das nove horas; só que, nos últimos dois ou três dias, Aglaia cismara de se levantar um pouco mais cedo e passear no jardim, porém não às sete horas, e sim às oito ou até um pouco depois. Lizavieta Prokófievna, que, de fato, por conta de suas várias aflições, passara a noite em claro, saíra da cama por volta das oito horas com o propósito de encontrar Aglaia no jardim, supondo que a filha já estaria de pé; mas não a encontrou nem no jardim nem no quarto. Então, ficou bastante preocupada e despertou as outras filhas.

Pelas criadas, soube que Aglaia Ivánovna tinha ido para o parque ainda antes das sete horas. As mocinhas sorriram diante da nova fantasia da irmã fantasiosa e explicaram para a mãe que Aglaia talvez se zangasse se ela fosse procurá-la no parque e que, na certa, agora, ela estava com um livro nas mãos, sentada no mesmo banco verde sobre o qual, três dias antes,

havia conversado, e chegado à beira de brigar, com o príncipe Sch., porque ele não via nada de especial na localização daquele banco. Quando chegou ao local do encontro e ouviu as estranhas palavras de Aglaia, Lizavieta Prokófievna ficou assustadíssima, e por muitos motivos; porém, tendo trazido o príncipe consigo, ela mesma teve medo das consequências do que havia feito: “Por que Aglaia não poderia se encontrar com o príncipe e conversar com ele, no parque, mesmo se o encontro entre os dois tivesse sido combinado de antemão?”.

— Meu caro príncipe — enfim, ela conseguiu se dominar —, não pense que eu arrastei o senhor até aqui para fazer um interrogatório... Meu querido, depois da noite de ontem, eu talvez preferisse não ver o senhor por muito tempo...

Tinha a voz um pouco entrecortada.

— No entanto, a senhora gostaria muito de saber como foi que eu e a Aglaia Ivánovna nos encontramos hoje — concluiu o príncipe, perfeitamente tranquilo.

— Pois bem, eu gostaria mesmo! — disparou Lizavieta Prokófievna, exaltada. — Eu não tenho medo de falar sem rodeios o que eu quero. Porque não estou ofendendo ninguém e não quero ofender ninguém...

— Se me permite dizer, e sem ofensa, é natural que a senhora queira saber: a senhora é mãe. Eu e Aglaia Ivánovna nos encontramos às sete horas em ponto, no banco verde, porque, ontem, ela me convidou. Ontem à noite, por meio de um bilhete, ela me avisou que precisava conversar comigo sobre um assunto importante. Nós nos encontramos e conversamos durante uma hora, sobre assuntos que dizem respeito apenas a Aglaia Ivánovna. E foi só isso.

— Claro, foi só isso, meu caro, só isso, sem dúvida nenhuma — disse Lizavieta Prokófievna, com dignidade.

— Excelente, príncipe! — disse Aglaia, entrando no quarto, de repente. — Agradeço ao senhor, de todo o coração, por me julgar incapaz de me rebaixar ao ponto de mentir. É o bastante para a senhora, *maman*, ou ainda tem a intenção de me interrogar?

— Você sabe que, até hoje, eu não tive nenhuma razão para me envergonhar de você... embora isso talvez até a deixasse contente — respondeu Lizavieta Prokófievna, no tom de quem dá uma lição. — Adeus, príncipe, perdoe-me por ter ficado preocupada. Espero que o senhor conserve a certeza do meu inabalável respeito pelo senhor.

Prontamente, o príncipe se inclinou, numa reverência para ambos os lados, e saiu em silêncio. Aleksandra e Adelaida sorriram e sussurraram alguma coisa entre si. Lizavieta Prokófievna olhou para elas, com ar severo.

— Nós só achamos graça, *maman* — riu Adelaida —, porque o príncipe fez uma saudação tão pomposa: numa hora, ele parece um saco largado e, de repente, fica igual... igual ao Evguiêni Pávlich.

— Cortesia e dignidade, nós aprendemos com o próprio coração, e não com o professor de dança — concluiu Lizavieta Prokófievna, em tom sentencioso, e subiu para seus aposentos, sem sequer olhar para Aglaia.

Eram por volta de nove horas quando o príncipe chegou em casa e deparou com Vera Lukiánovna e uma criada, na varanda. Juntas, estavam varrendo e arrumando tudo, depois da desordem da véspera.

— Graças a Deus conseguimos terminar antes da sua chegada! — disse Vera, alegre.

— Bom dia. A minha cabeça está um pouco pesada; eu dormi mal e, agora, gostaria de descansar.

— Aqui na varanda, como ontem? Está bem. Vou pedir a todos que não o incomodem. O papai saiu, não sei aonde foi.

A criada se retirou; Vera fez menção de ir atrás, mas retornou e, com ar preocupado, aproximou-se do príncipe.

— Príncipe, tenha piedade daquele... infeliz. Não o ponha para fora de casa hoje.

— Não farei isso, de jeito nenhum; será como ele quiser.

— Ah, ele não vai fazer nada, agora, e... não seja severo com ele.

— Oh, não. Mas por que eu seria?

— E... não ria dele; isso é o mais importante.

— Ora, nem pensar!

— Que tola eu sou, de falar sobre isso com uma pessoa como o senhor — Vera ficou vermelha. — Apesar de estar cansado — e ela riu, enquanto dava meia-volta para sair —, o senhor, agora, está com os olhos maravilhosos... tão felizes.

— Felizes? Será possível? — perguntou o príncipe com vivacidade, e riu de modo alegre.

Mas Vera, de alma simples e sem cerimônia, como um menino, sentiu-se embaraçada, ficou ainda mais vermelha, de repente, e saiu às pressas, ainda rindo.

“Como é... maravilhosa...”, pensou o príncipe, e logo se esqueceu dela. Foi para o canto da varanda, onde havia um canapé diante de uma mesinha, sentou-se, cobriu o rosto com as mãos e permaneceu assim por uns dez minutos; de súbito, às pressas e alarmado, meteu a mão no bolso lateral e pegou as três cartas.

Mas, de novo, a porta abriu e Kólia entrou. O príncipe pareceu alegrar-se com a chance de colocar as cartas de volta no bolso e adiar um pouco a leitura.

— Puxa, que acontecimento! — disse Kólia, sentando-se no canapé e entrando direto no assunto, como fazem todas as pessoas semelhantes a ele.

— Como o senhor encara, agora, o Ippolit? Sem respeito?

— Mas por quê?... Kólia, eu estou cansado... Além do mais, é muito triste conversar de novo sobre isso... Mas como ele está?

— Está dormindo, e vai continuar a dormir mais duas horas. Eu entendo; o senhor não dormiu em casa, ficou andando pelo parque... claro, está agitado... também, pudera!

— Como sabe que eu fiquei andando pelo parque e não dormi em casa?

— A Vera acabou de me contar. Insistiu para que eu não viesse aqui; eu não aguentei, vim só por um minutinho. Passei duas horas junto ao leito do enfermo; agora, é a vez de o Kóstia Liébediev ficar de plantão. O Burdóvski foi embora. Portanto, pode deitar-se, príncipe; boa noite... ou melhor, bom dia! Mas fique sabendo que eu estou muito impressionado!

— Claro... tudo isso...

— Não, príncipe, não; eu estou impressionado com a confissão. O principal é o trecho em que ele fala da Providência e da vida após a morte. Existe ali uma ideia gi-gan-te!

O príncipe olhou com carinho para Kólia, que, obviamente, estava ansioso para conversar sobre a tal ideia gigante.

— O principal, o principal não está só na ideia, mas em toda a circunstância! Se tivesse sido escrito por Voltaire, Rousseau, Proudhon, eu leria até o fim, observaria bem, mas não ficaria impressionado a esse ponto. Porém uma pessoa que sabe, com segurança, que lhe restam dez minutos de vida e fala assim... puxa, isso é que é altivez! Isso sim é a suprema independência da dignidade pessoal, pois significa desafiar frontalmente... Não, isso é uma força de espírito gigante! E, depois disso, afirmar ainda que ele, de propósito, não colocou a cápsula na pistola, isso já uma baixeza, uma aberração! Sabe, ontem ele nos ludibriou, usou de esperteza: eu nunca arrumei bolsa nenhuma com ele nem vi nenhuma pistola; ele arrumou tudo

sozinho e, assim, de repente, me deixou desnorteado. A Vera diz que o senhor vai deixar que ele fique aqui; juro que não haverá nenhum risco, ainda mais porque todos nós vamos ficar de vigia o tempo todo.

— E qual de vocês passou a noite com ele?

— Eu, o Kóstia Liébediev, o Burdóvski; o Keller ficou um pouco, depois foi dormir no quarto do Liébediev, porque não havia onde deitar, no nosso quarto. O Ferdíschenko também dormiu com o Liébediev, foi embora às sete horas. O general está sempre lá, agora também foi embora... Talvez o Liébediev venha ver o senhor daqui a pouco; não sei por quê, mas ele anda à procura do senhor, já perguntou duas vezes. Já que o senhor vai dormir, eu deixo o Liébediev entrar ou não? Eu também vou dormir. Ah, sim, eu queria dizer uma coisa: o general me surpreendeu, há pouco. O Burdóvski me acordou depois das seis horas, para a troca de turno, junto ao leito do enfermo, ou melhor, eram seis horas; eu saí um minuto, encontrei o general, de repente, e ele estava tão embriagado que nem me reconheceu: ficou parado na minha frente como um poste; porém, assim que voltou a ter noção das coisas, praticamente se jogou sobre mim: “Mas quer dizer que ele está doente? Eu vim saber do nosso doente...”. Eu dei as informações, pois é... assim e assado. “Está tudo bem”, disse ele, “mas o que importa é que eu levantei e vim aqui prevenir você: eu tenho razões fundamentadas para supor que não se pode falar tudo em presença do sr. Ferdíschenko e... é preciso se guardar.” O senhor entende, príncipe?

— É mesmo? De resto... para nós, tanto faz.

— Sim, sem dúvida, tanto faz, nós não somos maçons! Tanto assim que eu mesmo me surpreendi ao ver que o general tinha vindo me acordar por causa disso.

— O senhor disse que o Ferdíschenko foi embora?

— Às sete horas; passou para falar comigo, rapidamente, eu estava de plantão, com o enfermo. Ele disse que ia passar a noite na casa do Vílkin... esse tal de Vílkin é um beberrão. Bem, estou indo! Mas aí está o Lukian Timofiéitch... O príncipe quer dormir, Lukian Timofiéitch; vá embora!

— É só um minuto, prezadíssimo príncipe, para tratar de uma questão importante, aos meus olhos — declarou Liébediev à meia-voz, em tom tenso e compenetrado, e fez uma reverência imponente ao entrar. Havia acabado de chegar, nem tivera tempo de ir ao seu quarto, tanto assim que ainda trazia o chapéu nas mãos. Tinha o rosto preocupado, com um toque peculiar e incomum de dignidade pessoal. O príncipe convidou-o para sentar-se.

— O senhor perguntou por mim duas vezes? Será que o senhor está preocupado com o que houve ontem...?

— Com aquele garoto de ontem, é o que senhor quer dizer, príncipe? Ah, não, senhor; ontem, os meus pensamentos estavam em desordem... mas hoje eu já nem imagino *contrecarírovat*, de forma alguma, as suas suposições.

— Contreca... como foi que o senhor disse?

— Eu disse *contrecarírovat*; é uma palavra francesa,¹⁶⁵ como tantas outras palavras que ingressaram no idioma russo; mas eu não faço questão dela, especialmente.

— Liébediev, o que há com o senhor hoje, que está tão solene e oficial, falando como se separasse as sílabas? — o príncipe sorriu.

— Nikolai Ardaliónovitch! — Liébediev dirigiu-se a Kólia, com voz quase de ternura. — Eu tenho de informar o príncipe acerca de um assunto que diz respeito pessoalmente...

Enquanto olhava para Kólia, que saía, Liébediev falou:

— Eu adoro essa criança pela sua capacidade de compreender. É um garoto despachado, embora impertinente. Ontem à noite, ou hoje ao raiar do dia, eu experimentei uma infelicidade fora do comum, prezadíssimo príncipe... Ainda hesito em apontar o momento exato.

— O que houve?

— O desaparecimento de quatrocentos rublos do meu bolso lateral, prezadíssimo príncipe; evaporaram! — acrescentou Liébediev, com um sorriso enviesado.

— O senhor perdeu quatrocentos rublos? Que pena.

— Ainda mais para uma pessoa pobre, que vive nobremente às custas do seu trabalho humano.

— Claro, claro; como foi?

— Por causa da bebida, meu senhor. E eu me dirijo ao senhor, prezadíssimo príncipe, como se apelasse à própria Providência. A quantia de quatrocentos rublos de prata, eu a recebi ontem, de um devedor, às cinco horas da tarde, e vim para cá, de trem. Eu trouxe a carteira no bolso. Quando troquei o uniforme pelo sobretudo,¹⁶⁶ passei o dinheiro para o bolso do sobretudo, a fim de mantê-lo à mão, levando em conta que, à noite, eu teria de dispor do dinheiro para atender um pedido... Eu estava à espera de um intermediário

— A propósito, Lukian Timofiéitch, é verdade que o senhor publicou um anúncio nos jornais dizendo que empresta dinheiro em troca de objetos de ouro e prata?

— Por meio de um intermediário; o meu nome não é mencionado abaixo do endereço. Como possuo um capital insignificante e em vista do crescimento da família, o senhor mesmo há de convir que, com uma percentagem honesta de juros...

— Muito bem, muito bem; eu só queria me inteirar da situação; perdoe-me por interromper.

— O intermediário não apareceu. Nesse meio-tempo, trouxeram o infeliz; eu estava com os ânimos acelerados pela bebida, depois de um bom jantar; chegaram visitas, beberam... chá, e... eu fiquei muito alegre, para minha desgraça. Já tarde, quando chegou aquele tal de Keller e anunciou que era a data festiva do senhor e que a ocasião demandava champanhe, eu, como amigo do prezadíssimo príncipe, já que tenho um coração (o que o senhor, com certeza, já percebeu, pois eu mereço), já que tenho um coração, não direi sensível, mas nobre, do qual muito me orgulho... eu, a fim de realçar o caráter solene da reunião em preparativo, e também na expectativa de lhe dar meus parabéns pessoalmente, pensei em ir trocar velhos andrajos pelo uniforme que eu havia tirado, ao regressar, e assim fiz, como o príncipe, decerto, bem percebeu, ao me ver de uniforme a noite inteira. Ao trocar de roupa, esqueci a carteira no sobretudo... Na realidade, quando Deus quer castigar, antes de tudo, perturba a nossa razão. E só hoje, já às sete e meia, ao acordar, pulei da cama como um louco e, antes de qualquer coisa, fui pegar o sobretudo... o bolso estava vazio! Nem sinal da carteira.

— Ah, que lástima!

— Uma lástima, de fato; com verdadeiro tato, o senhor encontrou, agora, a expressão mais condizente — acrescentou Liébediev, não sem astúcia.

— No entanto, como... — inquietou-se o príncipe, pensativo. — Isso é grave.

— Exatamente, grave... Mais uma expressão muito bem escolhida, príncipe, para designar o caso...

— Ah, chega, Lukian Timoféitch. O que há de bem escolhido, nisso? O importante não são as palavras... Mas não é o caso de supor que o senhor, em estado de embriaguez, deixou a carteira cair do bolso?

— Pode ser. Tudo é possível, em estado de embriaguez, como o senhor se exprimiu com franqueza, prezadíssimo príncipe! Mas eu peço que julgue, meu senhor: se eu deixei cair a carteira do bolso, ao trocar de roupa, o objeto caído deveria estar no chão. E então, meu senhor, onde está o objeto em questão?

— Será que o senhor não colocou numa gaveta ou na mesa?

— Procurei por toda parte, revirei tudo, ainda mais porque eu não a escondi em lugar nenhum nem abri nenhuma gaveta, do que eu me lembro com toda a clareza.

— O senhor olhou no armário pequeno?

— Foi a primeira coisa que fiz, meu senhor, e já fiz isso várias vezes, hoje... Mas, também, como eu poderia ter colocado no armário pequeno, venerabilíssimo príncipe?

— Confesso que isso me preocupa, Liébediev. Será que alguém achou a carteira no chão?

— Ou a subtraiu do meu bolso! Duas opções, meu senhor.

— Isso me deixa muito alarmado, porque, exatamente, quem... Eis a questão!

— Sem qualquer dúvida, nisso reside a gravíssima questão; o senhor encontrará, de forma surpreendente e precisa, as palavras e os pensamentos para definir a situação, ilustríssimo príncipe.

— Ah, Lukian Timofiéitch, deixe de brincadeiras, no caso...

— Brincadeiras! — exclamou Liébediev, e abriu os braços.

— Certo, certo, certo, está bem, eu não estou aborrecido. A questão aqui é muito diferente... Eu receio pelas pessoas. De quem o senhor desconfia?

— Uma pergunta difícil e... complicadíssima! Da criada, eu não posso suspeitar: ela estava na cozinha. Dos meus filhos, tampouco...

— Pudera.

— Portanto, foi algum dos convidados, meu senhor.

— Mas será possível?

— Impossível, de forma absoluta e no grau mais extremo. Porém deve ter sido isso, sem nenhuma dúvida. No entanto, eu aceito admitir, e até estou convencido disso, que, se houve um roubo, não foi praticado à noite, quando todos estavam reunidos, mas já de madrugada, ou mesmo de manhã, por alguém que pernitoou na casa.

— Ah, meu Deus!

— Naturalmente, eu excluo Burdóvski e Nikolai Ardaliónovitch; eles não foram aos meus aposentos, meu senhor.

— Pudera, e mesmo que tivessem ido! Quem passou a noite em seus aposentos?

— Pelas minhas contas, foram quatro pessoas, em dois cômodos contíguos: eu, o general, o Keller e o sr. Ferdíschenko. Portanto, foi um dos quatro, meu senhor!

— Um dos três, quer dizer; mas quem?

— Eu vim vê-lo em busca de justiça e de ordem; no entanto, príncipe, o senhor há de convir que eu não poderia furtar a mim mesmo, embora, no mundo, tenham ocorrido casos assim...

— Ah, Liébediev, como isso é cansativo! — exclamou o príncipe, sem paciência. — Entre logo no assunto. Para que esticar?...

— Por conseguinte, me restrinjo a três pessoas, meu senhor, e, em primeiro lugar, ao sr. Keller, homem inconstante, dado à bebida e, em certos aspectos, um liberal, ou seja, no que concerne ao bolso, meu senhor; no restante, porém, tem inclinações, por assim dizer, mais cavaleirescas e arcaicas do que liberais. Ele passou a noite aqui, de início, no quarto do enfermo e, já de madrugada, mudou-se para a nossa ala, sob o pretexto de que era penoso dormir no chão duro.

— O senhor desconfia dele?

— Suspeito, meu senhor. Após as sete da manhã, quando saltei da cama como um louco e bati com a mão espalmada na testa, despertei logo o general, que dormia o sono dos justos. Ao saber do estranho desaparecimento do Ferdíschenko, algo que, por si só, já despertara em nós alguma suspeita, nós dois logo resolvemos revistar o Keller, que dormia, estirado como... como... quase à semelhança de um prego, meu senhor. Revistamos com todo o rigor: nem um cêntimo nos bolsos, e aliás não encontramos um único bolso sem furo. Achamos um lenço azul de nariz, de algodão quadriculado, em estado deplorável, meu senhor. Havia até um bilhete de amor, de alguma criada, com ameaças e cobrança de dinheiro, além de retalhos de um artigo que o senhor bem conhece. O general decidiu que ele era inocente. Para obter um testemunho mais cabal, nós o sacudimos e, a muito custo, o despertamos; ele mal compreendeu do que se tratava; escancarou a boca, tinha um ar de embriaguez, uma expressão perplexa e inocente no rosto; até um ar de tolo... Não foi ele, meu senhor!

— Puxa, como isso me deixa contente! — exclamou o príncipe, com alegria. — Eu temia tanto por ele!

— Temia? Portanto, já tinha alguma base para desconfiança? — Liébediev estreitou as pálpebras.

— Oh, não, eu falei por falar — emendou-se o príncipe. — Eu falei uma grande tolice, quando disse que temia por ele. Queira perdoar, Liébediev, não conte isso para ninguém...

— Príncipe, príncipe! Suas palavras vão ficar no meu coração... no mais fundo do meu coração! E, lá, é um túmulo, meu senhor!... — declarou Liébediev, com veemência, enquanto pressionava o chapéu contra o peito.

— Está bem, está bem!... Portanto, foi o Ferdíschenko? Ou seja, quero dizer, o senhor suspeita do Ferdíschenko?

— Quem mais? — falou Liébediev, em voz baixa, olhando fixo para o príncipe.

— Certo, é claro... quem mais?... Ou seja, de novo, e quais são as provas?

— As provas existem, meu senhor. Em primeiro lugar, o seu desaparecimento às sete horas, ou mesmo antes das sete da manhã.

— Eu sei, o Kólia me disse que ele passou para falar com ele e avisou que ia pernoitar em... esqueci onde, na casa de um amigo.

— Do Vílkin, meu senhor. Portanto, o Nikolai Ardaliónovitch já falou com o senhor?

— Ele nada me contou sobre o furto.

— Ele também não sabe, pois estou mantendo o caso em segredo. Desse modo, o Ferdíschenko foi para a casa do Vílkin; não é mesmo de admirar que um bêbado procure outro bêbado, como ele, ainda que num horário tão precoce na manhã, e sem nenhum motivo, não é, meu senhor? Porém aqui se revela uma pista: ao sair, ele deixou o endereço do seu destino... Agora, príncipe, cabe uma pergunta: por que ele deixou um endereço?... Por que ele foi, de caso pensado, ao quarto do Nikolai Ardaliónovitch, fazendo um desvio, meu senhor, e comunicou a ele: “Eu vou passar a noite na casa do Vílkin”? A quem interessava para onde ele estava indo e, mais ainda, se estava indo para a casa do Vílkin, em particular? Para que dar essa informação? Não, aqui, existe argúcia, e uma argúcia de ladrão! Significa: “Pronto, de propósito, eu não vou esconder o meu rastro; depois disso, como poderão dizer que eu sou o ladrão? Será que um ladrão revela para onde vai?”. Uma preocupação excessiva em desviar as suspeitas e, por assim dizer, varrer suas pegadas na areia... O senhor entendeu, prezadíssimo príncipe?

— Entendi, eu entendi muito bem, mas, afinal, isso é muito pouco, não acha?

— Segunda prova: o rastro que ele deixou era enganoso e o endereço fornecido estava inexato. Uma hora depois, ou seja, às oito horas, eu já estava batendo na porta do Vílkin; ele mora ali na rua Cinco, meu senhor, somos até conhecidos, meu senhor. Não havia Ferdíschenko nenhum. Contudo, por meio de uma criada, completamente surda, meu senhor, eu obtive a informação de que, uma hora antes, de fato, alguém batera na porta, até com bastante força, a ponto de arrancar o cordão da campainha. Mas a criada não abriu, pois não queria perturbar o sr. Vílkin e ela mesma não queria, talvez, levantar-se da cama. Isso acontece, meu senhor.

— E as provas todas são essas? É muito pouco.

— Mas, príncipe, pense bem: de quem então vamos suspeitar? — concluiu Liébediev, em tom comovente e, em seu sorriso, transpareceu algo de ardiloso.

— O senhor não acha melhor procurar novamente nos quartos e nas gavetas? — falou o príncipe, em tom preocupado, depois de refletir um pouco.

— Eu já procurei, meu senhor! — suspirou Liébediev, em tom ainda mais comovente.

— Hum!... E por quê, por que o senhor tinha de trocar aquele sobretudo?! — exclamou o príncipe, e bateu na mesa, irritado.

— É uma pergunta saída de uma comédia antiga, meu senhor. Mas, benevolentíssimo príncipe! O senhor já está sofrendo demais com o meu infortúnio! Eu não valho tudo isso. Ou seja, eu sozinho não valho tudo isso; mas o senhor está sofrendo, também, pelo criminoso... pelo insignificante sr. Ferdíschenko?

— Bem, sim, sim, o senhor me deixou, de fato, preocupado — cortou o príncipe, descontente e irritado. — Pois bem, o que o senhor pretende fazer... se está mesmo tão convicto de que foi o Ferdíschenko?

— Príncipe, prezadíssimo príncipe, quem mais, meu senhor? — contorceu-se Liébediev, em tom cada vez mais comovente. — Afinal, a falta de qualquer outro em quem pensar e, por assim dizer, a completa impossibilidade de suspeitar de quem quer que seja, senão do sr. Ferdíschenko, só isso, afinal, já constitui uma prova a mais contra o sr. Ferdíschenko, é a terceira prova! Pois, afinal de contas, quem mais seria? Pois não devo suspeitar do sr. Burdóvski, não é mesmo? He-he-he!

— Era só o que faltava, que absurdo!

— Nem do general, enfim, he-he-he!

— Que disparate! — exclamou o príncipe, quase zangado, remexendo-se, impaciente.

— Um disparate, de fato! He-he-he! E o homem me fez dar boas risadas, ou seja, o general, meu senhor! Mais cedo, eu e ele seguimos as pegadas frescas até a casa do Vílkin, meu senhor... e o senhor deve ter em mente que o general ficou ainda mais impressionado do que eu, quando, logo depois do furto, antes de qualquer coisa, eu o despertei, a tal ponto que seu rosto se transfigurou, ficou vermelho, empalideceu e, por fim, de repente, o general entrou num estado de indignação tão nobre e tão encarniçado como nem eu poderia esperar, em tão alto grau, meu senhor. Que arquinobilíssima figura! Mente sem cessar, por fraqueza, mas é pessoa de elevadíssimos sentimentos, pessoa, aliás, de curto entendimento, meu senhor, que, por conta de sua inocência, inspira a mais completa confiança. Eu já disse ao senhor, prezadíssimo príncipe, que tenho por ele não só um fraco, mas até amor. De súbito, ele se deteve no meio da rua, desabotoou o sobretudo, descobriu o peito: “Reviste-me”, diz ele, “você revistou o Keller, por que

não me revista? A justiça o exige!”. Tem os braços e as pernas trêmulos, está completamente pálido, um aspecto terrível. Eu ri e disse: “Escute, general, se outra pessoa qualquer me falasse assim a seu respeito, eu arrancaria a minha cabeça com as próprias mãos, colocaria sobre um prato grande e a levaria, nesse prato, para todos que tivessem alguma dúvida, e diria: ‘Tomem, vejam esta cabeça, pois é com o penhor da minha própria cabeça que eu me responsabilizo por ele, e não só com a cabeça, eu até me atiro às chamas, se necessário’. Aí está a que ponto eu estou disposto a confiar em você!”. Nisso, ele se atirou sobre mim e me abraçou, tudo no meio da rua, meu senhor, desfez-se em lágrimas, trêmulo, e me apertou entre os braços com tanta força que eu mal conseguia sequer pigarrear: “Você é o único amigo”, disse ele, “que me restou agora, em meus infortúnios!”. Que homem sensível, meu senhor! Bem, é claro, no caminho, ele aproveitou a ocasião para recordar uma anedota, e me contou que certa vez, na juventude, também suspeitaram que ele tivesse furtado quinhentos mil rublos, mas, logo no dia seguinte, ele mesmo se atirou nas chamas do incêndio que consumia uma casa e resgatou do fogo o mesmo conde que desconfiara dele, bem como Nina Aleksándrovna, ainda solteira, na ocasião. O conde lhe deu um abraço e, depois disso, realizou-se o casamento dele com Nina Aleksándrovna e, no dia seguinte, entre as ruínas do incêndio, encontraram um cofre com o dinheiro perdido; era um equipamento inglês, de ferro, com um compartimento secreto e, de alguma forma, havia afundado até o subsolo e, assim, ninguém percebeu e foi apenas graças ao incêndio que pôde ser descoberto. Uma completa mentira, meu senhor. Porém, quando ele começou a falar de Nina Aleksándrovna, chegou até a choramingar. Que nobilíssima pessoa é a Nina Aleksándrovna, embora esteja zangada comigo.

— O senhor não tem contato com ela?

— Quase nenhum, meu senhor, mas eu gostaria muito, com toda a minha alma, nem que fosse apenas para me desculpar perante ela. Nina Aleksándrovna se queixa de mim, acha que, agora, estou pervertendo o seu marido com nossas bebedeiras. Porém, não só eu não estou pervertendo seu marido, como estou, isto sim, refreando seus impulsos; talvez eu esteja até afastando seu marido de companhias mais do que nefastas. De resto, ele é meu amigo, meu senhor, e eu confesso que, agora, já não posso mais deixá-lo, mesmo do jeito como está: aonde ele for, lá eu irei, também, porque, com ele, só se pode tratar com sentimentalidade. Agora, ele quase não frequenta mais a sua capitã, embora, em segredo, morra de vontade de visitá-la, às vezes chega a gemer por causa dela, em especial de manhã cedo, quando se levanta e calça as botas, e eu ignoro por que razão isso acontece exatamente nesse horário. Dinheiro, ele não tem, meu senhor, essa é a desgraça, pois é de todo impossível apresentar-se diante dela sem dinheiro. Será que ele não pediu dinheiro ao senhor, prezadíssimo príncipe?

— Não, não pediu.

— Sentiu vergonha. Bem que ele queria: chegou a confessar para mim que queria incomodar o senhor, mas sentiu vergonha, pois faz pouco tempo que o senhor já lhe fez um empréstimo e, além do mais, supõe que o senhor não vai emprestar. Ele, como amigo, deixou escapar isso, para mim.

— E o senhor não dá dinheiro para ele?

— Príncipe! Prezadíssimo príncipe! Não apenas dinheiro: para esse homem, eu, por assim dizer, dou até a vida... Não, pensando bem, eu não quero exagerar. Não a vida, mas, por assim dizer, estou disposto a suportar a febre, algum abscesso ou até a tosse, juro por Deus, em caso de extrema necessidade; pois eu o considero um grande homem, conquanto perdido! Aí está, meu senhor: não é só por dinheiro!

— Portanto, o senhor deu dinheiro para ele?

— N-não, senhor, dinheiro, eu não dei, e ele mesmo sabe que eu não vou dar, meu senhor, mas faço isso apenas com o fito de promover sua abstinência e sua regeneração. Agora, não larga do meu pé, pois quer ir para Petersburgo; afinal, eu vou para Petersburgo a fim de localizar o sr. Ferdíschenko, seguindo suas pegadas mais frescas, pois sei, com certeza, que ele está lá, meu senhor. O meu general também está em ebulição, meu senhor; mas desconfio que, em Petersburgo, ele vai se esquivar de mim, a fim de visitar a capitã. Confesso que vou deixar, de propósito, que se desvencilhe de mim, nos até já combinamos que vamos tomar rumos divergentes, assim que chegarmos lá, para que eu possa capturar o sr. Ferdíschenko de maneira mais cômoda. Portanto, eu vou me desvencilhar dele e, depois, de repente, como se a neve caísse na minha cabeça, irei surpreendê-lo na casa da capitã, sobretudo para deixá-lo envergonhado, como homem de família e como homem, propriamente dito.

— Só não faça escândalo, Liébediev, pelo amor de Deus, não faça escândalo — disse o príncipe, à meia-voz e com intensa inquietação.

— Oh, não senhor, especificamente para deixá-lo envergonhado e observar que fisionomia ele vai adotar, pois muito se pode concluir com base na fisionomia, prezadíssimo príncipe, sobretudo numa pessoa como ele! Ah, príncipe! Por maior que seja a minha desgraça, eu não consigo, nem mesmo agora, deixar de pensar nele e no aprimoramento da sua conduta ética. Tenho um pedido extraordinário para o senhor, prezadíssimo príncipe, até confesso que vim aqui para isso, meu senhor: o senhor é conhecido da família e até já residiu com eles, meu senhor; por conseguinte, se o senhor, benevolentíssimo príncipe, concedesse ajudar-me nesse caso, especificamente apenas para o general e para sua felicidade...

Liébediev chegou a unir as mãos, como numa prece.

— Como não? Como posso ajudar? Tenha a certeza de que eu desejo compreender o senhor por completo, Liébediev.

— Foi apenas com base em tal certeza que eu procurei o senhor! Por meio de Nina Aleksándrovna, seria possível exercer influência; observando e, por assim dizer, seguindo sua excelência de forma constante, nas entranhas da própria família. Infelizmente, não sou pessoa conhecida deles, meu senhor... além do mais, o Nikolai Ardaliónovitch, que adora o senhor, por assim dizer, com todas as entranhas da sua alma juvenil, quem sabe, poderia ajudar...

— N-não... Nina Aleksándrova, nessa questão... Deus me livre! E o Kólia também... No entanto, eu creio que ainda não estou entendendo o senhor, Liébediev.

— Mas aqui não há nada para entender! — Liébediev chegou a dar um pulo na cadeira. — Só, só sensibilidade e ternura: este é todo o remédio de que carece o nosso enfermo. O senhor, príncipe, me permite tratá-lo como enfermo?

— Isso até revela a sua consideração e a sua inteligência.

— Em benefício da clareza, vou explicar ao senhor por meio de um exemplo, extraído da prática. Veja que pessoa é o general: agora, ele tem um fraco por essa capitã, diante da qual não pode se apresentar sem dinheiro e em cuja companhia eu tenho a intenção de surpreendê-lo em flagrante, hoje mesmo, em nome da felicidade dele, meu senhor; porém vamos admitir que não se trate apenas da capitã, mas que ele cometa, de fato, algum verdadeiro crime, bem, veja, algum ato desonestíssimo (se bem que ele seja absolutamente incapaz disso). Pois bem, mesmo nesse caso, então, eu estava dizendo, só mediante a nobreza e, por assim dizer, a ternura, será possível chegar a ele, pois se trata de uma pessoa sensibilíssima, meu senhor! Creia, ele não vai resistir cinco dias, ele mesmo

vai prestar um depoimento, vai começar a chorar e confessar tudo... ainda mais se agirmos com sagacidade e nobreza, por meio da família e da sua vigilância sobre todos os vestígios e pegadas dele, por assim dizer... Oh, benevolentíssimo príncipe! — E Liébediev chegou a saltar da cadeira, numa espécie de exaltação. — De resto, eu não estou afirmando que ele, com certeza... Eu, por assim dizer, estou pronto a derramar todo o meu sangue por ele, neste minuto, a despeito, o senhor há de convir, da intemperança, da embriaguez, da capitã e do fato de que tudo isso tomado em conjunto pode levá-lo a fazer qualquer coisa.

— Para tal objetivo, é claro, eu estarei sempre disposto a ajudar — disse o príncipe, e se pôs de pé. — Apenas confesso ao senhor, Liébediev, que estou inquieto e alarmado; diga, afinal, o senhor ainda... em suma, o senhor mesmo está dizendo que desconfia do sr. Ferdíschenko, não é?

— Sim, de quem mais? De quem mais, sinceríssimo príncipe? — Mais uma vez, Liébediev juntou as mãos, em comoção, e sorriu de modo comovedor.

O príncipe contraiu as sobrancelhas e se pôs de pé.

— Veja, Lukian Timofiéitch, aqui há um equívoco, é um caso terrível. Esse Ferdíschenko... Eu não gostaria de falar mal dele... mas esse Ferdíschenko... quer dizer, quem sabe, pode ser ele, também!... Eu quero dizer que, de fato, talvez ele seja mais capaz de fazer isso do que... outra pessoa.

Liébediev aguçou bem os olhos e os ouvidos.

— Veja — o príncipe se complicava e, cada vez mais, franzia as sobrancelhas, enquanto vagava para um lado e para outro e evitava olhar para Liébediev. — Eu vim a saber... contaram-me, acerca do sr. Ferdíschenko, que, além de tudo, ele parece o tipo de pessoa diante da qual é preciso se controlar e não falar nada... que não seja estritamente

indispensável, entende? Quanto a isso, talvez, de fato, eu acho que ele é mais capaz do que o outro... eu não quero me enganar... e isso é o mais importante, o senhor entende?

— Mas quem lhe contou isso a respeito do sr. Ferdíschenko? — Liébediev também se pôs de pé, bruscamente.

— Foi um rumor que chegou aos meus ouvidos; de resto, eu mesmo não acredito... Estou muito aborrecido por me ver forçado a transmitir isso, garanto ao senhor. Eu mesmo não acredito... Não passa de um absurdo... Puxa, mas que bobagem eu acabei de fazer!

— Veja, príncipe — Liébediev chegou a tremer, dos pés à cabeça. — Isso é importante, é importante demais, agora, ou seja, não no tocante ao sr. Ferdíschenko, mas sim de que modo essa informação chegou aos seus ouvidos. — Enquanto falava, Liébediev corria atrás do príncipe, para um lado e para outro, tentando acompanhar seus passos. — Príncipe, veja bem o que vou lhe dizer, agora: mais cedo, o general, quando estávamos indo, eu e ele, à casa do tal Vílkin, e depois que ele me contou acerca do incêndio e, claro, fervendo de raiva, começou, de súbito, a me insinuar o mesmo a respeito do sr. Ferdíschenko, mas de maneira tão descosida e anormal que eu, a contragosto, fiz algumas perguntas e, em consequência, me persuadi por completo de que toda essa informação não passava, unicamente, de um arroubo da sua excelência, o general... Na realidade, por assim dizer, um fruto da sua benevolência. Pois ele mente apenas porque não consegue conter a comoção. Agora, tenha a bondade de observar, meu senhor: se ele mentiu, e disso eu estou convencido, então, de que forma o senhor também poderia ouvir tal informação? Entenda, príncipe, pois aqueles foram, para ele, momentos de entusiasmo... Mas, afinal, quem contou isso para o senhor? É importante saber, é... é muito importante, meu senhor... por assim dizer...

— Quem acabou de me dizer isso foi o Kólia e, antes, quem falou para ele foi o pai, com quem o Kólia se encontrou às sete horas, ou mais cedo, no vestíbulo, quando saiu, não sei por que razão.

E o príncipe relatou tudo, em minúcias.

— Muito bem, aí está meu senhor, é isso que podemos de chamar de um rastro, meu senhor — riu Liébediev, em silêncio, enquanto esfregava as mãos uma na outra. — Exatamente como eu pensava! Significa que sua excelência, o general, de caso pensado, interrompeu o seu sono dos justos, após as seis horas, a fim de acordar o filho predileto e comunicar a respeito do risco extraordinário que representava a proximidade do sr. Ferdíschenko! Depois disso, temos de reconhecer que homem perigoso é o sr. Ferdíschenko e como é grande a preocupação paterna de sua excelência, he-he-he!...

— Escute, Liébediev — o príncipe se atrapalhou, de uma vez por todas. — Escute! Aja com discrição! Não faça alarde! Eu imploro ao senhor, eu suplico, Liébediev... Nessa condição, eu juro que vou colaborar, mas contanto que ninguém saiba; contanto que ninguém saiba!

— Tenha certeza, benevolentíssimo, sinceríssimo e nobilíssimo príncipe — exclamou Liébediev, com resoluta comoção. — Tenha certeza de que tudo morrerá no fundo do meu nobilíssimo coração! Em passos silenciosos, meu senhor, e juntos! Em passos silenciosos, meu senhor, e juntos! Até ao preço do meu próprio sangue... Excelso príncipe, eu sou vil, de alma e de espírito, mas pergunte a qualquer pessoa, até a um canalha, não apenas um homem vil, com quem ele prefere se relacionar: com outros como ele, um canalha, ou com uma pessoa arquinobilíssima, como o senhor, sinceríssimo príncipe? Ele há de responder que prefere a pessoa arquinobilíssima, e nisso reside o triunfo da virtude! Até logo, prezadíssimo príncipe! Em passos silenciosos... em passos silenciosos e... juntos, meu senhor.

X

Finalmente, o príncipe compreendeu por que gelava toda vez que tocava naquelas três cartas e por que foi adiando, até a noite, o momento de sua leitura. Ainda de manhã, quando caíra num sono pesado, em seu canapé, sem tomar coragem de abrir nenhum dos três envelopes, mais uma vez teve um sonho penoso e, mais uma vez, diante dele, surgiu a mesma “criminosa”. Mais uma vez, ela olhava para o príncipe com os olhos faiscantes, de cílios compridos, mais uma vez, chamou-o para si e, mais uma vez, ele despertou, como pouco antes, recordando seu rosto com aflição. O príncipe gostaria de ir ao encontro *dela* imediatamente, mas não podia; enfim, quase em desespero, abriu as cartas e começou a ler.

As cartas também pareciam um sonho. Às vezes, acordem sonhos estranhos, impossíveis, anormais; ao despertar, lembramos tudo com clareza e nos admiramos com um fato estranho: antes de mais nada, compreendemos que, durante todo o sonho, a razão não nos abandonou; recordamos até que agimos de forma extraordinariamente sagaz e lógica durante todo aquele tempo longo, muito longo, em que assassinos nos cercavam, em que assassinos usavam de esperteza contra nós, ocultavam suas intenções, nos tratavam de modo amistoso, num momento em que já traziam sua arma pronta e carregada, apenas à espera de um sinal; recordamos como, no final, nós os ludibriamos de maneira astuta e nos

escondemos; depois, adivinhamos que eles tinham perfeita ciência de todos os nossos truques e estavam apenas fingindo que não sabiam onde estávamos escondidos; porém nós os iludimos e os ludibriamos, uma vez mais, tudo isso nós recordamos com clareza. Mas, então, por que, ao mesmo tempo, a razão foi capaz de admitir absurdos e impossibilidades tão flagrantes, que, não obstante, abundavam em nosso sonho? Um dos nossos assassinos se transformou em mulher, diante de nossos olhos e, de mulher, converteu-se num anão minúsculo, astuto e nojento... E como nós admitimos tudo isso, prontamente, como um fato real, quase sem a menor sombra de dúvida, e bem na hora em que, de outro lado, nossa razão trabalhava com máxima intensidade, manifestava força, astúcia, sagacidade e lógica extraordinárias? E por que, também, ao despertar do sonho e ingressar, por inteiro, na realidade, temos, quase sempre, e às vezes com uma força fora do comum, a impressão de que deixamos para trás, no sonho, algo que não foi decifrado? Nós sorrimos do absurdo de nosso sonho e, ao mesmo tempo, sentimos que, no entrelaçamento de tais absurdos, encerra-se uma espécie de ideia, porém uma ideia já real, algo que pertence à nossa vida verdadeira, que existe e sempre existiu em nosso coração; é como se nosso sonho estivesse nos dizendo algo novo, profético, já esperado por nós; a nossa impressão é forte, pode ser alegre ou torturante, mas, no que ela consiste e o que nos foi dito — tudo isso, nós não conseguimos nem compreender nem recordar.

Foi quase o mesmo que ocorreu depois daquelas cartas. Entretanto, mesmo antes de abrir os envelopes, o príncipe sentia que o simples fato da existência e da possibilidade das cartas já se assemelhava a um pesadelo. Como *ela* se atrevera a escrever *para ela*, perguntava o príncipe para si, enquanto vagava sozinho à noite (às vezes, sem atinar, ele mesmo, para onde estava indo). Como ela pôde escrever *sobre aquilo* e como tal sonho

louco pôde germinar em sua mente? Mas tal sonho já era uma realidade e, para ele, o mais surpreendente de tudo era que, enquanto lia as cartas, ele mesmo quase acreditava na possibilidade, e até na justiça, daquele sonho. Sim, claro, era um sonho, um pesadelo e uma loucura; mas era nisso mesmo que se encerrava algo de aflitivamente real e atormentadoramente justo, algo que justificava o sonho, o pesadelo e a loucura. Durante horas a fio, ele teve a sensação de que delirava com o que tinha lido, recordava trechos, a todo instante, detinha-se neles, refletia a respeito. Às vezes, tinha até vontade de dizer a si mesmo que pressentira tudo aquilo e já o previra, desde muito antes; tinha até a impressão de que já havia lido tudo aquilo, algum dia, havia muito tempo, e tudo que o angustiava, desde então, tudo o que o atormentava e que lhe dava medo — tudo aquilo se encerrava naquelas cartas já lidas por ele, havia muito tempo.

“Quando a senhora abrir esta carta”, assim começava a primeira delas, “antes de qualquer outra coisa, olhe para a assinatura. A assinatura vai lhe contar tudo, vai explicar tudo, de tal modo que não terei de me justificar diante da senhora, e nada terei de explicar. Se eu fosse alguém comparável à senhora, por pouco que fosse, a senhora ainda poderia se ofender com tamanha petulância; mas quem sou eu e quem é a senhora? Nós duas somos tão opostas, e eu me encontro tão distante do seu nível, que eu jamais conseguiria ofender a senhora, por mais que quisesse.”

Mais adiante, em outro trecho, ela escreveu:

“Não considere minhas palavras como um arroubo doentio de uma mente doentia, mas, para mim, a senhora é a perfeição! Eu a vi, eu a vejo todos os dias. Pois eu não julgo a senhora; não foi com a razão que eu cheguei à conclusão de que a senhora é a perfeição; simplesmente, eu passei a crer nisso. Porém, trago em mim, também, um pecado perante a senhora: eu a amo. E, afinal, não se pode amar a perfeição; a perfeição pode apenas ser

contemplada como perfeição, não é assim? Entretanto, eu me apaixonei pela senhora. Embora o amor iguale as pessoas, não se preocupe, eu não a igualei a mim, nem mesmo no reduto mais secreto do meu pensamento. Eu escrevi para a senhora: ‘não se preocupe’; e acaso a senhora pode se preocupar?... Se fosse possível, eu beijaria as pegadas deixadas pelos seus pés. Ah, eu não me igualo à senhora... Olhe para a assinatura, depressa, olhe para a assinatura!”

“No entanto, observo”, escrevia ela, em outra carta, “que eu estou unindo a senhora a ele, porém não perguntei, nem uma vez, se a senhora o ama. Ele se apaixonou por nós duas e nos viu só uma vez. Ele recordava a senhora como ‘uma luz’; são as palavras dele, eu mesma ouvi, quando ele as disse. Só que, mesmo sem palavra nenhuma, eu já havia entendido que a senhora, para ele, é a luz. Vivi ao lado dele um mês inteiro e compreendi que ele a ama; para mim, a senhora e ele são um só.”

“Por que foi que ontem”, escreveu ela, ainda, “quando passei pela senhora, me pareceu vê-la corar? Não pode ser, foi só impressão minha. Mesmo se a levarem ao covil mais sórdido e lhe mostrarem o vício posto a nu, a senhora não deve ruborizar-se; a senhora não pode, de maneira nenhuma, indignar-se por alguma ofensa. Pode odiar todos os canalhas e torpes, porém não por si mesma, mas sim pelos outros, por aqueles a quem eles ofendem. Já a senhora, ninguém é capaz de ofender. Sabe, parece-me que a senhora deve até me amar. Para mim, a senhora é o mesmo que é para ele: a luz do espírito; um anjo não pode odiar, não pode deixar de amar. Será possível amar todo mundo, todas as pessoas, todos os nossos semelhantes? Muitas vezes, eu me fiz essa pergunta. Claro que não, chega a ser anormal. No amor abstrato pela humanidade, ama-se, quase sempre, só a si mesmo. No entanto, se para nós isso é impossível, com a senhora, é diferente: como a senhora poderia não amar quem quer que fosse, quando a

senhora não pode ser comparada com ninguém e se situa acima de toda e qualquer ofensa, acima de qualquer indignação pessoal? Só a senhora é capaz de amar sem egoísmo, só a senhora é capaz de amar não para si mesma, e sim para quem a senhora ama. Oh, como seria amargo, para mim, descobrir que a senhora sente vergonha, ou raiva, por minha causa! Seria a sua perdição: a senhora iria se equiparar a mim...

“Ontem, depois de encontrar a senhora, vim para casa e imaginei um quadro. Os pintores sempre retratam Cristo segundo as escrituras evangélicas; eu pintaria de outra forma: eu o representaria sozinho — às vezes, seus discípulos o deixavam sozinho. Eu deixaria com ele só uma criança pequena. A criança estava brincando a seu lado; talvez estivesse contando alguma coisa para ele, em sua linguagem infantil. Cristo escutara e, agora, estava pensativo; sem querer, sua mão, alheia a tudo, pousou na cabeça clara da criança. Cristo está mirando à distância, para o horizonte; uma ideia, grande como o mundo, repousa no seu olhar; ele tem o rosto triste. A criança calou-se, tem os cotovelos apoiados no joelho de Cristo, a face escorada na mão, a cabeça erguida e, com ar pensativo, como as crianças às vezes se põem pensativas, olha fixamente para Cristo. O sol está se pondo... Pronto, este seria o meu quadro! A senhora é inocente e, em sua inocência, tudo é perfeitamente seu. Ah, lembre-se apenas disso! O que lhe importa a minha paixão pela senhora? Agora, a senhora já é minha, eu estarei sempre, a vida toda, junto à senhora... Em breve, eu vou morrer.”

Enfim, na última carta, estava escrito:

“Pelo amor de Deus, não pense nada de mim; não pense, tampouco, que eu me humilho, ao escrever para senhora nestes termos, ou que eu sou uma dessas criaturas que sentem volúpia ao se humilhar e que até fazem isso por orgulho. Não, eu tenho os meus consolos; mas, para mim, é difícil explicar para a senhora. Para mim, foi difícil até dizer isso com clareza para mim

mesma, por mais que eu me atormente por essa razão. No entanto, eu sei que não sou capaz de me humilhar nem mesmo num ataque de orgulho. E também não sou capaz de me humilhar por pureza de coração. Logo, eu não me humilho em nenhuma hipótese.

“Por que eu quero unir a senhora a ele: pela senhora ou por mim? Por mim, é claro, pois, desse modo, tudo aquilo que me diz respeito será resolvido; faz tempo que eu disse isso para mim mesma... Eu soube que a sua irmã, Adelaida, um dia, ao ver meu retrato, disse que, com tal beleza, é possível virar o mundo de pernas para o ar. Mas eu renunciei ao mundo; a senhora acha graça de ouvir de mim tais palavras, depois de me ver de colares e diamantes, em companhia de bêbados e canalhas, não é? Pois não repare nessas coisas, eu quase não existo mais e sei disso; Deus sabe o que é isso que vive dentro de mim, no meu lugar. Eu leio isso, todos os dias, em dois olhos terríveis, que me fitam o tempo todo, mesmo quando não se encontram na minha frente. Agora, esses olhos estão *mudos* (sempre mudos), mas eu conheço o seu segredo. A casa dele é sombria, melancólica e, nela, há um mistério. Estou convencida de que ele tem uma navalha escondida numa gaveta, embrulhada em seda, como aquela do assassino de Moscou; ele também morava com a mãe, no mesmo prédio, e também guardava uma navalha embrulhada em seda, a fim de cortar a garganta de alguém. O tempo todo que morei na casa deles, sempre tive a impressão de que, em algum lugar, debaixo das tábuas do assoalho, enrolado num pano encerado, ainda está um cadáver, talvez escondido ali pelo pai dele, como naquele caso de Moscou, rodeado por garrafas cheias do líquido de Jdánov,¹⁶⁷ eu poderia até mostrar para a senhora em que canto ele está. Ele está sempre calado; mas eu sei que ele me ama a tal ponto que já não consegue mais deixar de me odiar. O casamento da senhora e o meu casamento vão se dar ao mesmo tempo: foi o que eu e ele decidimos. Eu

não tenho segredos para ele. Eu o mataria, por medo... Só que ele vai me matar primeiro... Agora ele ri e diz que eu estou delirando; ele sabe que eu estou escrevendo para a senhora.”

E, naquelas cartas, havia muitos, muitos delírios como esse. Uma delas, a segunda, ocupava duas folhas de carta de formato grande, em letras miúdas.

Por fim, o príncipe deixou o parque escuro, no qual vagou muito tempo, a exemplo do dia anterior. A madrugada luminosa, translúcida, parecia a ele ainda mais clara do que o habitual: “Será tão cedo?”, pensou. (Ele se esquecera de levar o relógio.) Em algum lugar, ao longe, o príncipe tinha impressão de ouvir música; “Deve ser na área de concertos do parque”, pensou novamente, “claro, elas não foram lá, hoje.” Ao pensar aquilo, ele se deu conta de que estava diante da datcha delas. Sabia, de antemão, que devia, inevitavelmente, acabar indo até lá, e, com um aperto no coração, subiu os degraus da varanda. Ninguém veio a seu encontro, a varanda estava vazia. Aguardou um pouco e, depois, abriu a porta para a sala. “Nunca deixam esta porta fechada”, a ideia lhe veio à mente, porém a sala também estava vazia; ali, a escuridão era quase completa. Em dúvida, ficou parado no meio da sala. De súbito, a porta se abriu e Aleksandra Ivánovna entrou, com uma vela nas mãos. Ao ver o príncipe, surpreendeu-se e se deteve à sua frente, como se estivesse lhe fazendo uma pergunta. Era evidente que estava apenas de passagem pela sala, seguindo de uma porta para outra, e nem de longe imaginava que fosse encontrar alguém ali.

— Como o senhor apareceu aqui? — indagou, afinal.

— Eu... estava passando na rua...

— A *maman* não está nada bem de saúde, a Aglaia tampouco. Adelaida foi dormir e eu também estou indo para a cama. Hoje, passamos a noite toda em casa. Papai e o príncipe estão em Petersburgo.

— Eu vim... eu vim à casa das senhoras... agora...

— O senhor sabe que horas são?

— N-não...

— Meia-noite e meia. Nós sempre vamos dormir à uma hora.

— Ah, eu pensei que fossem... nove e meia.

— Não tem importância! — riu Aleksandra. — Mas por que não veio mais cedo? Acho que estavam esperando pelo senhor.

— Eu... achei... — ele balbuciou, enquanto se retirava.

— Até logo! Amanhã, eu farei todas rirem.

O príncipe seguiu pelo caminho que contornava o parque, rumo à sua datcha. O coração batia forte, os pensamentos se embaralhavam e tudo em volta parecia se passar num sonho. De repente, tal como ocorrera mais cedo, quando ele despertara duas vezes com a mesma visão, agora, de novo, aquela mesma visão se ergueu diante dele. A mesma mulher saiu do parque e ficou parada na sua frente, como se o aguardasse ali. O príncipe teve um sobressalto e parou; ela segurou sua mão e apertou-a com força. “Não, isto não é uma visão!”.

Enfim, lá estava ela, cara a cara com ele, pela primeira vez desde a separação; a mulher disse alguma coisa para o príncipe, que a mirava em silêncio; o coração dele se encheu de dor e começou a gemer. Depois, ele jamais conseguiu esquecer aquele encontro e sempre o recordaria com a mesma dor. A mulher se abaixou a seus joelhos, no meio da rua, como num frenesi; ele tentou se afastar, assustado, mas ela agarrou sua mão para beijá-la e, tal como em seu sonho, pouco antes, as lágrimas cintilaram nas pestanas compridas da mulher.

— Levante-se, levante-se! — disse ele, num sussurro assustado, enquanto a levantava. — Fique de pé, rápido!

— Você está feliz? Feliz? — perguntou ela. — Diga-me só uma palavra: está feliz, agora? Hoje, está feliz? Com ela? O que ela disse?

A mulher não se levantava, não lhe dava ouvidos; falava e perguntava, afoita, como se alguém estivesse em seu encalço.

— Eu vou partir amanhã, como você ordenou. Eu não vou ficar... Estou vendo você pela última vez, a última! Esta é a última vez!

— Acalme-se, levante-se! — exclamou ele, em desespero.

A mulher olhava para ele, sôfrega, segurando sua mão.

— Adeus! — disse ela, afinal, então levantou-se e afastou-se ligeiro, quase correu. O príncipe viu que, de repente, ao lado dela, surgiu Rogójin, que a agarrou pelo braço e a levou.

— Espere, príncipe — gritou Rogójin. — Daqui a cinco minutos eu vou retornar, só um momento.

Cinco minutos depois, de fato, ele veio; o príncipe o esperava no mesmo lugar.

— Eu a deixei na carruagem — disse ele. — Ali, na esquina, a carruagem já esperava desde as dez horas. Ela sabia que você ia passar a noite inteira acordado, com a outra. Agora há pouco, eu contei para ela, em detalhes, o que você me escreveu. Ela não vai mais mandar cartas para a outra; prometeu; e, conforme é o seu desejo, vai embora daqui amanhã. Ela queria ver você uma última vez, mesmo que você recusasse; ela ficou aqui, neste lugar, esperando que você voltasse, ali, olhe, naquele banco.

— Foi ela mesma que trouxe você?

— E por que não? — Rogójin sorriu. — O que eu vi aqui, eu já sabia. Você leu as cartas, não leu?

— Mas será que você leu mesmo, de verdade? — perguntou o príncipe, impressionado com tal ideia.

— Pudera; ela mesma fez questão de me mostrar todas as cartas. Você se lembra da história da navalha? He-he-he!

— Ela está louca! — gritou o príncipe, e apertou as mãos uma na outra.

— Quem vai saber? Pode ser que não — falou Rogójin em voz baixa, como que para si mesmo.

O príncipe não respondeu.

— Bem, adeus — disse Rogójin. — Eu também vou partir amanhã; não guarde rancor de mim! E então, meu irmão? — acrescentou, virando-se ligeiro. — Você não lhe deu nenhuma resposta, quando ela perguntou se você estava feliz ou não?

— Não, não, não! — gritou o príncipe, com mágoa infinita.

— Também, pudera. Como é que ia dizer “sim”? — riu Rogójin, com maldade, e foi embora sem olhar para trás.

quarta parte

Uma semana se passara desde o encontro dos dois personagens de nossa história, naquele banco verde. A manhã estava luminosa, por volta de dez e meia, e Varvara Ardaliónovna Ptítsina, depois de uma visita a conhecidos, voltou para casa, muito pensativa e melancólica.

Há pessoas sobre as quais é difícil dizer alguma coisa que as retrate em seu todo e de uma só vez, que as revele em seu traço mais típico e característico; são justamente aquelas que costumam chamar de pessoas “comuns”, “a maioria”, e que, de fato, constituem a imensa maioria de qualquer sociedade. Em seus romances e contos, os escritores tentam, em geral, tomar tipos da sociedade e representá-los artisticamente, por imagens — tipos que, em seu todo, muito raramente se encontram na realidade e que, entretanto, são quase mais reais do que a própria realidade. Podkoliéssin,¹⁶⁸ em seu aspecto típico, talvez seja até um exagero, porém nada tem de fantasioso. Quantas e quantas pessoas inteligentes, ao conhecerem o Podkoliéssin, de Gógol, logo passaram a encontrar dezenas e até centenas de bons amigos e conhecidos tremendamente semelhantes ao Podkoliéssin? Antes mesmo de Gógol, eles sabiam que tais amigos eram como Podkoliéssin, só não sabiam que nome dar a eles. Na realidade, é muito raro que noivos pulem pela janela antes do casamento, porque, para dizer o mínimo, é algo até inconveniente; entretanto, quantos noivos, antes

do casamento, mesmo quando pessoas dignas e inteligentes, viram-se prontos a admitir, lá no fundo da consciência, que não passavam de um Podkoliéssin? Também não é todo marido que grita, toda hora: “*Tu l’as voulu, George Dandin!*”.¹⁶⁹ Mas, meu Deus, quantos milhões e bilhões de vezes, no mundo inteiro, maridos repetiram esse grito fervoroso, logo depois da lua de mel e, quem sabe, talvez até no dia seguinte ao casamento.

Portanto, sem nos aprofundarmos em explicações mais sérias, diremos apenas que, na realidade, a tipicidade das pessoas como que se dissolve na água e todos esses George Dandin e Podkoliéssin existem de fato, vão e vêm e passam correndo à nossa frente todos os dias, mas como que num estado um pouco diluído. Tendo dito, afinal, em benefício da plenitude da verdade, que George Dandin, em seu todo, tal como Molière o criou, também pode ser encontrado na realidade, ainda que raramente, concluímos, desse modo, nosso raciocínio, que já começa a tornar-se parecido com uma crítica literária de revista. Entretanto, apesar dos pesares, diante de nós, resta a questão: o que o romancista deve fazer com pessoas rotineiras, bastante “comuns”, e como apresentá-las diante do leitor, a fim de torná-las um pouco mais interessantes? Evitá-las por completo, em um conto, é de todo impossível, porque as pessoas rotineiras, a todo instante e na maioria dos casos, constituem um elo indispensável na cadeia dos acontecimentos cotidianos. Portanto, ao evitá-las, transgredimos a verossimilhança. Encher os romances apenas com tipos, ou até, a fim de realçar o interesse, com pessoas estranhas e imaginárias, seria inverossímil e talvez, também, desinteressante. A nosso ver, o escritor deve se esforçar para encontrar matizes interessantes e instrutivos, mesmo em pessoas rotineiras. Por exemplo, quando a própria essência de certas pessoas rotineiras consiste, exatamente, em seu constante e imutável caráter rotineiro, ou, melhor ainda, quando, a despeito de todo o esforço

extraordinário de tais pessoas para escapar, a todo custo, da bitola da rotina e da praxe, elas terminam, apesar de tudo, caindo na mesma imutável e eterna rotina, é então que tais pessoas adquirem até um pouco de sua especificidade e de seu caráter típico — como um personagem rotineiro que não quer, por nada neste mundo, continuar sendo aquilo que é e deseja, a todo custo, ser original e independente, sem ter, no entanto, os mínimos recursos para alcançar tal independência.

A essa classe de pessoas “comuns” ou “rotineiras” pertencem, também, algumas personagens de nossa história, até agora (admito) pouco elucidadas para o leitor. Entre elas, justamente, estão Varvara Ardaliónovna Ptítsina, seu marido, o sr. Ptítsin, e Gavrila Ardaliónovitch, irmão dela.

De fato, não há nada mais sem graça do que ser alguém rico, por exemplo, de família respeitável, de boa aparência, de boa educação, inteligente, até bondoso e, ao mesmo tempo, não possuir nenhum talento, nenhuma peculiaridade, e mesmo nenhuma esquisitice, nenhuma ideia própria, ser completamente “igual a todo mundo”. Existe riqueza, mas não a de um Rothschild; a família é honrada, mas jamais se notabilizou por nada; a aparência é correta, porém muito pouco expressiva; a educação é boa, porém não se sabe como empregá-la; existe inteligência, mas sem *ideias próprias*; existe coração, mas sem magnanimidade etc. etc., e isso em todos os aspectos. No mundo, tais pessoas existem em quantidade extraordinária, até muito mais do que parece; a exemplo de todas as pessoas, elas se dividem em duas categorias principais: as limitadas e as “muito mais inteligentes”. As primeiras são mais felizes. Para a pessoa “comum” limitada, por exemplo, nada é mais fácil do que se imaginar alguém original e extraordinário e se deleitar com isso, sem a menor hesitação. Para algumas de nossas jovens de boa família, basta cortar o cabelo curto, usar óculos azuis e intitular-se a si próprias nihilistas para, na mesma hora,

acabarem convencidas de que, uma vez de óculos, passarão logo a possuir suas próprias “convicções”. Para outras pessoas, basta sentir no coração um pinguinho de algo oriundo de uma sensação humanitária e boa para logo se convencerem de que ninguém mais sente aquilo como elas e que elas se encontram na linha de frente do desenvolvimento universal. Para outras ainda, basta aceitar verbalmente alguma ideia ou ler uma paginazinha qualquer, sem pé nem cabeça, para acreditar que aquilo são suas “ideias próprias” e que nasceram do seu cérebro. Em tais casos, a petulância da ingenuidade, se é possível expressar-se assim, chega a ser espantosa; tudo isso é incrível, porém o encontramos a todo instante. Essa petulância da ingenuidade, essa ausência de dúvida em relação a si e a seu talento, algo típico dos tolos, foi magnificamente retratada por Gógol no tipo admirável do tenente Pirogóv.¹⁷⁰ Pirogóv não tem a menor dúvida de que é um gênio, superior mesmo a qualquer outro; e a tal ponto crê nisso que nem uma única vez se indaga a respeito; de resto, para ele, nem existem perguntas. O grande escritor, no final, para a satisfação do ofendido sentimento moral dos leitores, viu-se obrigado a fustigá-lo; porém, ao ver que o grande homem apenas se divertiu com o castigo e, para revigorar-se após o corretivo, tratou de devorar um pastel folheado, o escritor abriu os braços com espanto e deixou de lado seus leitores. Eu sempre lamentei que Gógol tenha avaliado o grande Pirogóv com uma patente tão baixa, pois Pirogóv é tão cheio de si que, à medida que os anos passam e as dragonas vão aumentando e se sucedendo “em fila”, nada mais fácil para ele do que se imaginar, por exemplo, como um comandante militar excepcional; e até não se trata de imaginar — ele simplesmente não teria a menor dúvida disso: se o promoveram a general, como ele não haveria de ser um grande comandante? E quantos homens como ele não experimentaram, depois, tremendos fiascos no campo de batalha? E quantos Pirogóv não houve entre

nossos escritores, intelectuais, propagandistas? Digo “houve”, mas, é claro, eles existem também agora...

O personagem da nossa história, Gavrila Ardaliónovitch Ívolguin, pertencia a outra categoria; pertencia à categoria das pessoas “muito mais inteligentes”, se bem que, todo ele, dos pés à cabeça, estivesse contaminado pelo desejo de originalidade. No entanto, como já apontamos acima, essa categoria é muito mais infeliz do que a outra, a primeira. A questão é que a pessoa “comum” inteligente, mesmo quando se imagina momentaneamente (e talvez, até, por toda a vida) uma pessoa genial e originalíssima, todavia conserva no coração o vermezinho da dúvida, que a leva tão longe que, às vezes, termina num completo desespero; se essa pessoa se submete, é porque está completamente envenenada pela vaidade, entranhada a fundo. Não obstante, apesar de tudo, nós estamos tomando um caso extremo: para a imensa maioria dos indivíduos dessa categoria de pessoas *inteligentes*, a situação nem de longe se passa de forma tão trágica; ao fim da vida, o fígado se deteriora e isso é, mais ou menos, todo seu infortúnio. Porém, apesar dos pesares, antes de se reconciliar e se submeter, tais pessoas, às vezes, aprontam das suas durante um bom tempo, desde a mocidade até a idade madura, e tudo pelo desejo de originalidade. Ocorrem até casos estranhos: por causa do desejo de originalidade, um homem honesto está disposto a se aventurar numa ação vil; ocorre até de alguns desses infelizes, não apenas honestos como também bondosos, provedores de sua família e que, com seu trabalho, sustentam e alimentam até pessoas estranhas à família, com tudo isso, e durante toda a vida, não conseguem ter paz! Para tais pessoas, nada tem de tranquilizadora nem de consoladora a ideia de que elas cumpriram seu dever humano de forma tão exemplar; ao contrário, isso também as exaspera: “Pronto, foi para isso que desperdicei toda a minha vida, foi isso que tolheu minhas mãos e meus pés, foi isso que me impediu

de descobrir a pólvora! Não fosse isso, quem sabe, eu acabaria descobrindo a pólvora ou a América... na verdade, eu ainda não sei o que seria, mas alguma coisa eu ia descobrir, é inevitável!”. O mais característico de tudo, nesses senhores, é que eles, na realidade, e por toda a vida, não conseguem saber ao certo o que, exatamente, precisam descobrir e o que, exatamente, por toda a vida, eles estão prestes a descobrir: a pólvora ou a América? Contudo, seus sofrimentos, suas angústias de descoberta, na verdade, bastariam até de sobra para um Colombo ou um Galileu.

Gavrila Ardaliónovitch estava começando, justamente, a seguir esse caminho; porém estava só no início. Ainda tinha muito tempo pela frente para fazer das suas. A profunda e contínua consciência da própria falta de talento e, ao mesmo tempo, o vago desejo de convencer-se de que era uma pessoa independentíssima feriam seu coração com força, quase desde a adolescência. Era um jovem com desejos invejosos e veementes e parecia, mesmo, ter nascido com os nervos exasperados. A veemência de seus desejos, ele a interpretava como a força dos desejos. Com seu desejo apaixonado de distinguir-se, às vezes ele se via disposto a cometer os arroubos mais insensatos; porém, tão logo se aproximava o momento do arroubo insensato, nosso herói sempre se revelava inteligente demais para se aventurar a tanto. E aquilo o aniquilava. Ele até se atreveria, talvez, se surgisse a ocasião, mesmo num caso bastante sórdido, se fosse para obter algo que sonhava alcançar; no entanto, como se fosse de propósito, assim que chegava a hora, Gavrila sempre se revelava honesto demais para praticar alguma ação sórdida ao extremo. (Em se tratando de ações apenas ligeiramente sórdidas, no entanto, ele estava sempre pronto a fazer concessões.) Era com repulsa e ódio que encarava a pobreza e a decadência da própria família. Até a mãe, Gavrila a tratava com arrogância e desdém, embora ele mesmo compreendesse muito bem que a reputação e o caráter

da mãe representavam, por ora, o principal ponto de apoio de sua carreira. Uma vez admitido a serviço de Epanchin, ele logo disse para si mesmo: “Se é para praticar baixezas, que eu leve as baixezas até o fim, contanto que eu obtenha alguma vantagem” — só que ele quase nunca ia até o fim com suas baixezas. Mas por que imaginou que era necessário, a todo custo, praticar baixezas? De Aglaia, ele tinha verdadeiro pavor, na ocasião, mas não abandonou a questão com ela, prolongou-a, por via das dúvidas, embora jamais tivesse acreditado, a sério, que Aglaia fosse rebaixar-se ao nível dele. Depois, na época de sua história com Nastássia Filíppovna, de súbito, Gavrila imaginou que o *dinheiro* era a chave para alcançar tudo. “Se é para praticar baixezas, que eu pratique baixezas”, repetia, todos os dias, satisfeito consigo mesmo, mas também com algum temor: “se é para praticar baixezas, então que se chegue logo ao topo”, animava-se, a todo instante; “nesses casos, a rotina intimida, mas eu não vou me intimidar!”. Depois de perder Aglaia, e esmagado pelas circunstâncias, Gavrila caiu em completo abatimento e, na realidade, levou para o príncipe o dinheiro que a louca havia jogado para ele, na ocasião, o mesmo dinheiro que ela havia recebido de um homem também louco. Mais tarde, Gavrila se arrependeu mil vezes de ter devolvido o dinheiro, embora se vangloriasse disso o tempo todo. De fato, passou três dias chorando, enquanto o príncipe estava em Petersburgo; no entanto, naqueles três dias, teve tempo de alimentar seu ódio contra o príncipe, por ele ter encarado Gavrila com demasiada compaixão, quando o fato de haver devolvido tamanho volume de dinheiro “era algo que pouca gente tinha coragem de fazer”. Porém o nobre reconhecimento de que toda aquela angústia não passava de uma vaidade continuamente espezinhada o atormentava demais. Só depois de muito tempo ele observou melhor e se convenceu de que um caso com uma criatura tão inocente e estranha como Aglaia poderia trazer sérias

consequências. O remorso o roía por dentro; Gavrila abandonou o trabalho e se afundou na angústia e no desalento. Morava na casa de Ptítsin, às custas dele, junto com o pai e a mãe, e desprezava Ptítsin abertamente, embora, ao mesmo tempo, seguisse seus conselhos e fosse sensato o bastante para, quase sempre, pedir conselhos a Ptítsin. Por exemplo, Gavrila Ardaliónovitch se irritava porque Ptítsin não almejava ser um Rothschild e não perseguia tal objetivo. “Se é para ser usurário, então é melhor levar isso até o fim, esprema as pessoas, arranque o dinheiro delas, seja implacável, seja o rei dos judeus!” Ptítsin era modesto e discreto, limitava-se a sorrir; porém, certa vez, julgou necessário se explicar para Gânia, a sério, e cumpriu aquilo até com certa dignidade. Fez ver a Gânia que nada havia de desonesto em seu trabalho e que era um despropósito chamá-lo de judeu; se o dinheiro tinha aquele preço, a culpa não era sua; ele agia de maneira justa e honesta e, na verdade, não passava de um intermediário para “aqueles” negócios e, por fim, explicou que, graças a seu cuidado nos negócios, ele já era conhecido e apreciado entre pessoas muito distintas e seus negócios estavam se ampliando. “Eu não vou ser nenhum Rothschild, e nem vejo razão para isso”, acrescentou e riu, “mas vou ser dono de um prédio na rua Litiéinaia,¹⁷¹ quem sabe até de dois prédios, e terminarei por aí.” “Mas, quem sabe, serão três prédios?”, pensava, em segredo, porém jamais o dizia, e escondia seu sonho. A natureza ama e afaga pessoas assim: ela vai premiar Ptítsin não com três, mas sim com quatro prédios, na verdade, e justamente porque, desde a infância, ele já sabia que nunca seria um Rothschild. Mas a natureza não iria além dos quatro prédios, de forma alguma, e esse seria o ponto-final para Ptítsin.

De personalidade completamente distinta era a irmãzinha de Gavrila Ardaliónovitch. Ela também nutria desejos fortes, porém mais persistentes do que impetuosos. Nela, havia muita sensatez, quando uma questão

avançava rumo ao seu termo, só que a sensatez não a abandonava nem na hora do desfecho. Na verdade, ela também era uma dessas pessoas “comuns”, que sonham com a originalidade, ainda que, bem cedo, tenha se dado conta de que, nela, não havia nem um pingo de originalidade particular; contudo, nem se lamentou muito por isso — quem sabe, em razão de algum tipo peculiar de orgulho? Seu primeiro passo prático, ela o deu com extraordinária determinação, ao se casar com o sr. Ptítsin; porém, ao casar, ela nem de longe disse para si mesma: “Se é para praticar baixezas, que eu seja baixa de uma vez, contanto que alcance o meu objetivo”, como Gavrila Ardaliónovitch não teria deixado de dizer, em tal caso (e por pouco ele não o disse, de fato, para a irmã, quando, na condição de irmão mais velho, aprovou sua decisão de casar). Muito ao contrário: Varvara Ardaliónovna só se casou depois de se convencer, a fundo, de que o futuro marido era um homem modesto, simpático, quase culto e incapaz de praticar qualquer ação vil. Quanto às baixezas miúdas, Varvara Ardaliónovna não lhes dava atenção e as tomava como irrelevantes; neste mundo, onde não existem bobagens desse tipo? É impossível encontrar o ideal! Além do mais, ao se casar, ela sabia que ia obter, também, um abrigo para o pai, a mãe e os irmãos. Quando viu o irmão em apuros, Vária quis logo ajudar, a despeito de toda a confusão familiar anterior. Às vezes, Ptítsin instigava Gánia a conseguir um emprego. “Sei que você despreza os generais e o generalato”, dizia ele, às vezes, brincando, “mas veja como todos eles, quando chega sua vez, terminam alcançando o posto de general; a vida vai lhe mostrar que é assim.” “Mas de onde eles tiraram a ideia de que eu desprezo os generais e o generalato?”, pensava Gánia, sarcasticamente. A fim de ajudar o irmão, Varvara Ardaliónovna decidiu ampliar a esfera de sua atividade: com a ajuda de recordações da infância, insinuou-se entre os Epantchin; pois ela e o irmão, na infância, brincavam

com as filhas dos Epantchin. Observemos aqui que, se Varvara Ardaliónovna estava perseguindo algum sonho incomum ao visitar as Epantchina, talvez, desse modo, escapasse de imediato daquela categoria de pessoas na qual ela mesma se incluía; porém o que ela perseguia não era um sonho; no caso, tratava-se de um cálculo até bastante fundamentado, de sua parte: ela se baseava no caráter daquela família. Vária estudava, sem descanso, o caráter de Aglaia. Ela se atribuiu a missão de reaproximar o irmão e Aglaia. Talvez, de fato, tenha conseguido algum resultado; talvez tenha, também, cometido erros, por exemplo, ao contar demais com o irmão e esperar dele aquilo que nunca, e de forma nenhuma, ele poderia dar. Em todo caso, ela agiu com bastante habilidade entre os Epantchin: durante semanas, não mencionou o irmão, era sempre extremamente franca e sincera, portava-se com simplicidade, mas de forma digna. No que dizia respeito às camadas profundas de sua consciência, ela não temia olhar para dentro de si mesma e não via absolutamente nenhum motivo para se censurar. Era isso que lhe dava forças. Só uma coisa ela reparava em si mesma: que, de fato, também ela se enfurecia, que nela também havia muito amor-próprio e também, até, algo que beirava a vaidade espezinhada; percebia aquilo em determinados momentos, em particular, quase sempre quando saía da casa das Epantchina.

E agora Varvara Ardaliónovna acabava de voltar da casa delas e, como já dissemos, imersa em melancólica meditação. Nessa melancolia, transparecia amargor e sarcasmo. Em Pávlovsk, Ptítsin residia numa casa de madeira sem encantos, porém espaçosa, situada numa rua poeirenta e que, em breve, havia de passar para sua plena propriedade, tanto assim que ele, por sua vez, já estava começando a vendê-la a alguém. Ao subir à varanda, Varvara Ardaliónovna ouviu um alarido fora do comum, que vinha do primeiro andar e, naqueles gritos, distinguiu as vozes do irmão e do pai. Ao

entrar na sala e ver Gália, que andava depressa para um lado e para outro, branco de raiva, quase arrancando os próprios cabelos, ela franziu as sobrancelhas e, com ar cansado, deixou-se cair no sofá, sem nem mesmo tirar o chapéu. Entendendo muito bem que, se continuasse calada mais um minuto, sem perguntar ao irmão por que estava andando para lá e para cá, ele iria, com toda a certeza, irritar-se, Vária, enfim, tratou logo de dizer, em tom de pergunta:

— Sempre a mesma história?

— A mesma história! — gritou Gália. — A mesma história! Não, só o diabo sabe o que está acontecendo, agora, não é a mesma história! O velho está à beira de um ataque de fúria... a mamãe chora aos berros. Juro por Deus, Vária, faça o que quiser, mas eu vou expulsá-lo desta casa ou... ou eu mesmo vou deixar vocês — acrescentou, lembrando, com certeza, que era impossível expulsar alguém de uma casa que não era sua.

— É preciso ser tolerante — murmurou Vária.

— Tolerante com o quê? Com quem? — Gália se exaltou. — Com as safadezas dele? Não, faça como quiser, não pode ser! Não pode, não pode, não pode! E que maneiras: a culpa é dele mesmo e, ainda assim, se faz de importante. “Eu não quero sair pela porta, derrubem a muralha!...” Mas por que você está assim parada? Que cara é essa?

— Esta é a minha cara — retrucou Vária, de má vontade.

Gália olhou para a irmã com mais atenção.

— Foi lá? — perguntou ele, de repente.

— Fui.

— Espere, estão gritando de novo! Que vergonha! Ainda por cima, numa hora dessas!

— O que tem a hora? Não há nada de especial, na hora.

Gália olhou para a irmã com mais atenção ainda.

— Descobriu alguma coisa? — perguntou ele.

— Nada além do esperado, pelo menos. Descobri que é tudo verdade. Meu marido tinha mais razão do que nós dois; aconteceu aquilo que ele previu desde o início. Onde ele está?

— Não está em casa. O que aconteceu?

— O príncipe é o noivo oficial, a questão está decidida. As mais velhas me contaram. Aglaia aceitou; pararam até de esconder. (Afinal, até agora, tudo estava envolto em mistério.) Adiaram mais uma vez o casamento de Adelaida para que as duas casem ao mesmo tempo, no mesmo dia... que poético! Parece um poema. Veja, vá compor alguns versos em homenagem ao matrimônio, é melhor do que ficar andando para lá e para cá. Hoje à noite, Bielokónskaia vai à casa delas; aliás, já chegou; vão receber visitas. Vão apresentá-lo para Bielokónskaia, embora os dois já se conheçam, parece, é o rumor que corre. Temem apenas que ele derrube e quebre algum objeto, quando entrar na sala onde estarão as visitas, ou que ele mesmo leve um tombo na frente de todo mundo; é bem capaz de acontecer.

Gânia estava escutando com muita atenção, porém, para surpresa da irmã, aquela novidade, que deveria ser um choque para ele, pareceu não produzir nenhum impacto.

— Não admira, isso estava bem claro — disse ele, após refletir um pouco. — Quer dizer que é o fim! — acrescentou com um sorriso um tanto estranho, enquanto mirava, com ar astuto, o rosto da irmã e continuava a caminhar para um lado e para outro, só que agora bem mais devagar.

— Ainda bem que você recebeu a notícia como um filósofo; na verdade, eu estou contente — disse Vária.

— Sim, é um peso que se tira dos ombros; pelo menos, dos seus ombros.

— Eu servi a você com sinceridade, me parece, sem discutir nem importunar; eu não perguntei a você qual era a felicidade que você esperava

encontrar com a Aglaia.

— E por acaso eu procurava... alguma felicidade com a Aglaia?

— Ora, por favor, não me venha com filosofia! Claro que procurava. Claro, também, que é o fim, para nós: fomos feitos de bobos. Eu confesso a você que jamais consegui encarar essa questão a sério; só cuidei do caso “por via das dúvidas”, levando em conta o caráter ridículo da Aglaia e, sobretudo, para distrair você; tinha noventa por cento de chance de dar errado. Até agora, eu mesma ignoro o que você pretendia alcançar.

— E agora você e o seu marido vão me pressionar para eu arranjar um emprego; vão me fazer sermões sobre a persistência e a força de vontade: não menosprezar os empregos modestos etc., eu já sei tudo isso de cor — Gânia deu uma gargalhada.

“Ele tem alguma ideia nova na cabeça!”, pensou Vária.

— E agora, eles estão contentes, os pais dela? — perguntou Gânia, de repente.

— N-não, parece que não. Mas você mesmo pode tirar a sua conclusão; o Ivan Fiódorovitch está contente; a mãe está com medo; desde antes, já era com repugnância que ela o encarava como noivo; todo mundo sabia.

— Não é disso que estou falando; como noivo, ele é impensável, impossível, isso está claro. Estou perguntando sobre agora, como está a situação lá, agora? Ela aceitou formalmente o pedido?

— Até agora, não disse que não... e isso é tudo. Mas dela não se podia, mesmo, esperar outra coisa. Você sabe como, até hoje, ela foi encabulada e tímida, até as raias da insanidade; na infância, ela se esgueirava para dentro do armário e ficava lá por uma ou duas horas, ou até três horas, só para não aparecer na frente das visitas; com os anos, cresceu muito, mas por dentro é a mesma, até hoje. Sabe, por alguma razão, eu acho que existe nessa história algo de sério, até da parte dela. Dizem que ela ri do príncipe até não

poder mais, da manhã à noite, só para que ninguém perceba nada, mas, com certeza, ela consegue um jeito de lhe dizer algo ao pé do ouvido, todos os dias, porque o príncipe parece andar nas nuvens, radiante... Dizem que é de morrer de rir. Foram elas que me contaram. Eu também tive a impressão de que zombavam de mim abertamente, as mais velhas, quero dizer.

Por fim, Gália começou a se mostrar contrariado; talvez Vária tivesse se aprofundado de propósito naquele assunto a fim de penetrar nos verdadeiros pensamentos do irmão. No entanto, mais uma vez, irromperam gritos no andar de cima.

— Eu vou expulsá-lo daqui! — Gália chegou a urrar, como se estivesse contente por poder descarregar sua exasperação.

— E depois ele vai nos cobrir de vergonha em toda parte, como fez ontem.

— Como... fez ontem? Como assim? Como ontem? Mas será que... — De repente, Gália ficou muito assustado.

— Ah, meu Deus, quer dizer que você não sabe? — Vária se deu conta, de súbito.

— Como... então, é mesmo verdade que ele foi lá? — exclamou Gália, vermelho de vergonha e de fúria. — Meu Deus, e você está vindo de lá! Soube de alguma coisa? O velho esteve lá? Sim ou não?

E Gália se precipitou na direção da porta; Vária se lançou atrás dele e o agarrou pelos braços.

— O que deu em você? Para onde vai? — disse ela. — Se você o expulsar de casa agora, ele vai fazer algo ainda pior, vai espalhar para todo mundo!...

— O que foi que ele fez lá? O que ele disse?

— Bem, elas mesmas não souberam me dizer, elas nem mesmo entenderam; ele apenas deixou todas assustadas. Ele queria falar com o Ivan

Fiódorovitch, mas ele não estava; então, exigiu falar com Lizavieta Prokófievna. Primeiro, pediu a ela que lhe arrumasse um emprego, depois passou a se queixar de nós, de mim, do meu marido, de você, sobretudo... Falou uma porção de coisas.

— Você não conseguiu descobrir? — Gânia tremia, como num ataque histérico.

— Mas de que jeito? Na certa, nem ele mesmo entendia o que estava falando e talvez elas também não tenham me contado tudo.

Gânia apertou a cabeça entre as mãos e correu para a janela; Vária sentou-se junto à outra janela.

— A Aglaia é ridícula — comentou Vária, de repente. — Ela me deteve e disse: “Transmita aos seus pais, de minha parte, o meu grande respeito pessoal; com certeza, um dia desses, eu hei de encontrar ocasião para visitar o seu pai”. E falou isso tão séria! Muito estranho...

— Não foi de brincadeira? Não foi de brincadeira?

— A questão é que não foi de brincadeira; por isso é que é estranho.

— Ela sabe ou não sabe do velho, o que você acha?

— Que na casa delas não sabem de nada, para mim, não há dúvida; mas você me deu uma ideia: talvez a Aglaia saiba. E só ela, porque as irmãs também ficaram surpresas quando a Aglaia, com muita seriedade, mandou seus cumprimentos ao papai. Por que justamente para ele? E, se ela sabe, foi o príncipe quem lhe contou!

— Não é preciso muita esperteza para descobrir quem foi que contou! Um ladrão! Era só o que faltava. Um ladrão na nossa família, o “chefe de família”!

— Ora, que absurdo! — gritou Vária, completamente irritada. — É só uma história de bêbado, mais nada. E quem foi que inventou isso? O

Liébediev, o príncipe... que belas figuras; que poços de sabedoria. Pois eu não dou um pingão de importância para essa bobagem.

— O velho é um ladrão e um bêbado — prosseguiu Gânia, cheio de rancor. — Eu sou um indigente, o marido da minha irmã é um agiota... A Aglaia tem mesmo motivos para ficar encantada! Que beleza, nem dá para comentar!

— Pois esse marido da irmã, o agiota, é quem...

— É quem me dá de comer, é isso? Não faça cerimônia, por favor.

— Por que está com raiva? — Vária se controlou. — Você não entende nada, é como uma criança. Você acha que tudo isso podia prejudicar você aos olhos de Aglaia? Você não conhece o caráter dela; Aglaia é capaz de dar as costas para o noivo mais ilustre e fugir para passar fome com algum estudante qualquer, muita satisfeita, num sótão escuro... é este o sonho dela! Você jamais foi capaz de entender como você ganharia interesse, aos olhos da Aglaia, se fosse capaz de suportar os nossos apuros com firmeza e com orgulho. O príncipe a capturou na sua rede justamente porque, em primeiro lugar, ele não fez nada para capturá-la e, em segundo, porque, aos olhos de todos, ele é um idiota. O simples fato de deixar a própria família em alvoroço por causa do príncipe é exatamente o que ela está adorando, agora. A-ah, você não entende nada disso!

— Certo, pois ainda veremos se eu entendo ou não entendo — murmurou Gânia, em tom enigmático. — Só que, apesar de tudo, eu não queria que ela soubesse do velho. Eu achei que o príncipe ia se conter e não ia contar. Ele também soube conter o Liébediev: ele não quis contar tudo nem para mim, quando eu o pressionei...

— Portanto, agora, você mesmo está vendo que, mesmo sem ele contar, já se sabe de tudo. E o que será de você, agora? O que está esperando? Se

ainda restasse alguma esperança, só serviria para dar a você um ar de mártir, aos olhos de Aglaia.

— Pois sim: a despeito de todo o seu romantismo, o escândalo iria deixar a Aglaia com medo. Tudo tem um determinado limite e todo mundo tem um determinado limite; vocês são todos assim.

— Aglaia, com medo? — Vária se enfureceu, depois de lançar, para o irmão, um olhar de desprezo. — Mas que alminha rasteira, a sua! Vocês não valem nada. Não importa que ela seja ridícula e excêntrica; apesar disso, ela é mil vezes mais nobre do que todos nós.

— Certo, muito bem, muito bem, não se zangue — balbuciou Gânia, de novo, satisfeito consigo mesmo.

— Eu só tenho pena da mamãe — murmurou Vária. — Temo que essa história do papai chegue aos ouvidos dela, ah, como eu temo isso!

— Com certeza, já chegou — observou Gânia.

Vária fez menção de se levantar, a fim de subir ao quarto de Nina Aleksándrovna, mas se deteve e observou o irmão com atenção.

— Mas quem pode ter contado a ela?

— O Ippolit, na certa. Acho que, assim que ele se mudou para a nossa casa, seu primeiro prazer foi ter a honra de contar tudo para a mamãe.

— Mas por que ele sabe disso? Diga-me, por favor. O príncipe e o Liébediev não se atreveram a contar para ninguém. E o Kólia nem sequer sabe de nada.

— O Ippolit? Ele descobriu por conta própria. Você nem pode imaginar a que ponto esse animal é esperto; como é bisbilhoteiro, que nariz ele tem para farejar e descobrir tudo que é ruim, tudo que é escandaloso. Pois bem, acredite ou não, eu estou convencido de que ele conseguiu ter a Aglaia na palma da mão! E se não conseguiu, vai conseguir. O Rogójin também anda envolvido com ele. Como o príncipe não nota isso? E que vontade tem o

Ippolit, agora, de me pregar alguma peça! Ele me considera seu inimigo pessoal, eu já adivinhei isso faz tempo, só não consigo entender para que ele faz isso, se vai morrer em breve! Mas eu é que vou enganá-lo; você vai ver que não será ele quem vai me pregar uma peça, mas sim eu a ele.

— Então por que você o trouxe para morar aqui, se tem tanto ódio de Ippolit? Será que vale a pena pregar uma peça nele?

— Mas foi você que me aconselhou a trazê-lo para a nossa casa.

— Eu achei que ele fosse ser útil. Você sabe que, agora, ele mesmo se apaixonou por Aglaia e escreveu para ela? Já me perguntaram... e por pouco ele não escreveu também para a Lizavieta Prokófievna.

— Nesse aspecto, ele não representa nenhum perigo! — disse Gânia, e riu com malícia. — De resto, no caso, deve se tratar de algo diferente. Que ele esteja apaixonado, é bem possível, porque não passa de um menino! Mas... ele não vai escrever cartas anônimas para a velha. Seria uma mediocridade tão nefasta, tão rasteira, tão vaidosa!... Estou convencido, eu sei com certeza que, para ela, o Ippolit armou alguma intriga contra mim, e isso foi o começo. Eu admito que, no início, como um tolo, eu falei coisas demais para ele; eu achava que ele ia se aliar aos meus interesses apenas para se vingar do príncipe; ele é um animal tão astuto! Ah, só agora eu compreendo, por inteiro, como ele é. A respeito desse roubo, ele soube por intermédio da própria mãe, a capitã. Se o velho tomou coragem de fazer isso, foi para a capitã. De repente, sem mais nem menos, ele me avisou que o “general” tinha prometido quatrocentos rublos para a sua mãe, falou isso completamente do nada, sem a menor cerimônia. Aí, eu compreendi tudo. E ele fica me fitando nos olhos assim, com uma espécie de prazer; ele também contou para a mamãe, com certeza, e só pelo prazer de estraçalhar o coração dela. E por que é que ele não morre de uma vez, pode me dizer, por favor? Afinal, ele se comprometeu a morrer em três semanas, no

entanto, aqui em casa, ele ainda engordou! Está parando de tossir; ontem à noite, ele mesmo disse que já não tosse sangue há dois dias.

— Expulse-o de casa.

— Eu não sinto ódio dele, eu o desprezo — declarou Gânia, com orgulho. — Mas, sim, sim, eu admito, sim, eu tenho ódio dele! — gritou de repente, com um furor fora do comum. — E eu vou dizer isso na cara dele, quando ele estiver para morrer, no seu travesseiro! Se você lesse a confissão dele... Meu Deus, que inocência da petulância! É um tenente Pirogóf, é um Nozdriov¹⁷² de tragédia, mas, acima de tudo, é uma criança! Ah, com que prazer eu lhe daria uma chicotada, nessa hora, justamente para deixá-lo espantado. Agora, ele está se vingando de todo mundo, por não ter alcançado êxito naquela ocasião... Mas o que é isso? Mais gritaria? Afinal, o que é isso, agora? Enfim, eu não vou mais suportar. Ptítsin! — gritou para Ptítsin, que acabara de entrar. — O que é isso, a que ponto estão chegando as coisas aqui em casa, afinal? Isso é... é...

No entanto, o alarido rapidamente se aproximou, de repente a porta se escancarou e o velho Ívolguin, enfurecido, todo vermelho, fora de si, também se lançou na direção de Ptítsin. No encalço do velho, acudiram Nina Aleksándrovna, Kólia e, por último, Ippolit.

Já fazia cinco dias que Ippolit se mudara para a casa de Ptítsin. Aquilo havia ocorrido de forma bastante natural, sem palavras especiais e sem qualquer desavença entre ele e o príncipe; eles não só não discutiram como, na aparência, até se tornaram amigos. Gavrila Ardaliónovitch, tão hostil a Ippolit naquela noite, foi visitá-lo pessoalmente dois dias após tais acontecimentos, com certeza guiado por alguma ideia repentina. Rogójin também, não se sabe por que razão, passou a visitar o doente. No início, o príncipe teve a impressão de que até seria melhor, para o “pobre menino”, mudar-se de sua casa. Porém, já na ocasião da mudança, Ippolit dizia que estava indo para a casa de Ptítsin, “que fez a bondade de me oferecer um canto para ficar” e, como que de propósito, nem uma vez disse que estava se mudando para a casa de Gânia, embora tenha sido Gânia quem insistiu para que o recebessem na casa. Gânia percebeu na mesma hora e, ofendido, guardou aquilo bem trancado em seu coração.

Ele tinha razão, quando disse à irmã que o enfermo havia recuperado a saúde. De fato, Ippolit estava um pouco melhor do que antes, o que se percebia logo ao primeiro olhar. Ele entrou sem pressa, depois dos outros, com um sorriso maldoso e irônico. Nina Aleksándrovna estava muito assustada. (Ela mudara muito, naquele meio ano, emagrecera; depois que a filha se casou e veio morar com ela, Nina Aleksándrovna pouco interferia

nos assuntos externos dos filhos.) Kólia estava preocupado e parecia perplexo; muita coisa ele não compreendia na “loucura do general”, como ele mesmo dizia, e ignorava, é claro, as causas fundamentais daquele novo tumulto na família. Também o inquietava o fato de que o velho, nos últimos três dias, parara de beber. Kólia sabia que ele havia discutido, e até rompido relações, com Liébediev e com o príncipe. Kólia tinha acabado de voltar para casa com uma garrafa de vodca, que adquirira com o próprio dinheiro.

— Sério, mamãe — ele garantiu a Nina Aleksándrovna, ainda quando estavam no primeiro andar —, sério, é melhor que ele beba. Já faz três dias que não toca em bebida; quer dizer que está com alguma angústia. Sério, é melhor; eu levei bebida para ele até quando estava preso por dívida...

O general escancarou a porta até o fim, ficou parado na soleira e parecia tremer de indignação.

— Prezado senhor! — começou a gritar para Ptítsin, com voz de trovão. — Se o senhor, de fato, decidiu sacrificar, em favor de um fedelho ateu, este velho honrado, o seu pai, ou seja, pelo menos o pai da sua esposa, condecorado pelo soberano, então os meus pés, a partir deste minuto, deixarão de pisar o chão da sua casa. Faça sua escolha, senhor, faça sua escolha rapidamente: ou eu ou aquele... parafuso! Sim, parafuso! Eu falei a palavra por acaso, mas ele é mesmo um parafuso! Porque aperta minha alma como um parafuso, e sem o menor respeito... como um parafuso!

— Não seria um saca-rolha? — insinuou Ippolit.

— Não, não é um saca-rolha, pois, diante de você, eu sou um general e não uma garrafa. Eu tenho condecorações, e condecorações excelentes... enquanto você não tem nada de nada! Ou ele ou eu! Decida, senhor, e já, neste minuto! — gritou para Ptítsin, outra vez, num frenesi. Nisso, Kólia empurrou uma cadeira para perto do general, que desabou sobre ela, à beira da prostração.

— Puxa, seria melhor... o senhor dormir um pouco — murmurou Ptítsin, muito espantado.

— E ele ainda quer nos ameaçar! — disse Gánia para a irmã, à meia-voz.

— Dormir! — gritou o general. — Eu não estou bêbado, meu prezado senhor, e o senhor está me ofendendo. Eu vejo — prosseguiu, e levantou-se de novo —, eu vejo que tudo aqui está contra mim, tudo e todos! Basta! Eu irei embora... Mas fique sabendo, prezado senhor, fique sabendo que...

Sem deixar que concluísse a frase, fizeram o general sentar-se de novo; pediram que se acalmasse. Enfurecido, Gánia retraiu-se num canto. Nina Aleksándrovna tremia e chorava.

— Mas o que eu fiz a ele? Do que ele está se queixando? — gritou Ippolit, e arreganhou os dentes, num sorriso.

— Acha que não fez nada? — retrucou Nina Aleksándrovna, de repente. — O senhor tem mais razão ainda de se envergonhar... atormentar um velho dessa forma desumana... ainda mais na sua condição.

— Em primeiro lugar, o que tem de mais a minha condição, minha senhora? Eu respeito muito a senhora, acima de tudo a senhora, pessoalmente, mas...

— É um parafuso! — gritou o general. — Ele perfura a minha alma e o meu coração! Ele quer que eu acredite no ateísmo! Pois fique sabendo, seu fedelho, que você ainda nem era nascido e eu já estava coberto de honrarias; enquanto você não passa de um verme invejoso, partido em dois, tossindo... e morrendo, de tanta maldade e descrença... Para que foi que o Gavrila trouxe você para cá? Todos estão contra mim, desde estranhos até o meu próprio filho!

— Agora já chega, virou tragédia! — gritou Gánia. — Seria melhor não ter coberto todos nós de vergonha pela cidade inteira.

— O quê? Eu cobri você de vergonha, seu fedelho? Você? Eu só posso trazer honra para você e jamais desonrá-lo.

Levantou-se bruscamente e, agora, já era impossível contê-lo; mas, pelo visto, Gavriila Ardaliónovitch também explodiu.

— E ainda tem o descaramento de falar em honra! — gritou, com raiva.

— O que você disse? — trovejou o general, pálido, e avançou um passo para ele.

— Basta eu apenas abrir a boca para que... — vociferou Gânia, de repente, e não terminou a frase. Os dois estavam cara a cara, parados, numa comoção desmedida, sobretudo o filho.

— Gânia, o que há com você? — gritou Nina Aleksándrovna, e se precipitou para conter o filho.

— Quanto absurdo, de todos os lados! — interveio Vária, indignada. — Chega, mamãe! — E segurou a mãe.

— Só poupo o senhor por causa da mamãe — declarou Gânia, em tom trágico.

— Fale! — esbravejou o general, em completo frenesi. — Fale; está com medo de receber a maldição paterna... fale!

— Pois sim, estou muito assustado com a sua maldição! Mas de quem é a culpa se o senhor, há oito dias, anda por aí como um louco? Veja bem, oito dias, eu sei porque estou contando... Cuidado, não me faça chegar ao meu limite: eu vou contar tudo... Para que o senhor se esgueirou, ontem, até a casa das Epantchina? E ainda se diz um velho de cabelos brancos e pai de família! Muito bonito!

— Cale-se, Ganka! — gritou Kólia. — Cale-se, seu tolo!

— Mas o que foi que eu fiz, logo eu, para ofendê-lo? — insistiu Ippolit, mas sempre no mesmo tom de aparente zombaria. — Por que ele me chama de parafuso, vocês não ouviram? Ele mesmo me pressionou; me procurou

há pouco e começou a falar de certo capitão Eropiegov. Eu não quero, de jeito nenhum, a companhia do senhor, general; eu já o evitava antes, o senhor mesmo sabe disso. O que eu tenho a ver com o capitão Eropiegov? O senhor mesmo há de convir. Não foi por causa do capitão Eropiegov que eu me mudei para cá. Eu apenas expressei a ele minha opinião de que talvez esse capitão Eropiegov nunca tenha existido. Aí, foi ele que começou toda essa confusão.

— Sem dúvida, nunca existiu! — interveio Gânia.

Mas o general, de pé, parecia fora de si e se limitava a olhar em redor, com ar atônito. As palavras do filho o chocaram por sua extraordinária franqueza. No primeiro momento, ele nem conseguiu encontrar o que dizer. Por fim, só quando Ippolit deu uma gargalhada em resposta a Gânia e berrou: “Pronto, o senhor mesmo ouviu, o seu próprio filho também está dizendo que nunca existiu nenhum capitão Eropiegov”, o velho, totalmente desatinado, conseguiu balbuciar:

— É o Kapiton Eropiegov, mas ele não era capitão... Kapiton... era um tenente da reserva, o Eropiegov... seu nome era Kapiton.

— Pois também o Kapiton nunca existiu! — Gânia já estava tomado pelo furor.

— Por... por que nunca existiu? — balbuciou o general, e um rubor irrompeu em seu rosto.

— Agora chega! — Ptítsin e Vária tentaram apaziguar os ânimos.

— Cale-se, Ganka! — gritou Kólia, de novo.

Mas aquela intervenção pareceu trazer o general de volta à conversa.

— Como não existiu? Por que não existiu? — exclamou para o filho, em tom de ameaça.

— Não existiu porque não existiu. Nunca existiu e, além do mais, nem pode existir! E pronto. Deixe-me em paz, estou pedindo.

— E ele é o meu filho... o meu próprio filho, que eu... meu Deus! O Eropiegov, o Erochka Eropiegov, não existiu!

— Veja só, ora é Erochka ora é Kapitochka! — interveio Ippolit.

— Kapitochka, meu senhor, Kapitochka, e não Erochka! Kapiton, capitão Alekséievitch, ou seja, Kapiton... tenente-coronel reformado... casou-se com a Mária... Mária Petrovna Su... Su... era meu amigo e camarada... Sutugóvaia... inclusive desde os tempos da escola militar. Por ele, eu derramei... eu o protegi... morreu. Nunca houve um Kapitochka Eropiegov! Nunca existiu!

O general estava gritando, exaltado, mas de um modo que alguém poderia achar que seus gritos tratavam de um assunto diferente do problema em discussão. Na verdade, em outros tempos, é claro, ele suportaria algo muito mais ofensivo do que a notícia da completa inexistência de Kapiton Eropiegov, gritaria, sim, criaria um caso, ficaria nervoso, no entanto, apesar de tudo, no final das contas, se retiraria para seu quarto, no primeiro andar, para dormir. Agora, porém, por força da excepcional estranheza do coração humano, aconteceu que justamente uma ofensa como a dúvida da existência de Eropiegov se tornou a gota d'água que transbordou o copo. O velho enrubesceu muito, ergueu as mãos e vociferou:

— Basta! Minha maldição... Vou embora desta casa! Nikolai, traga a minha bolsa, eu vou... embora!

Saiu apressado e numa cólera fora do comum. No seu encalço, acudiram Nina Aleksándrovna, Kólia e Ptítsin.

— Pronto, o que foi que você fez, agora? — exclamou Vária para o irmão. — Agora, na certa, ele vai correndo para lá. Que vergonha, que vergonha!

— Então não roube! — gritou Gânia, quase sufocando de raiva; seu olhar, de repente, cruzou com o de Ippolit; Gânia quase começou a tremer.

— E ao senhor, meu prezado — gritou ele —, seria conveniente lembrar que, apesar de tudo, não se encontra na sua casa e... está desfrutando a hospitalidade, em vez de exasperar um velho que, obviamente, perdeu a razão...

Um tremor pareceu, também, sacudir Ippolit, que, no entanto, logo se controlou.

— Eu não concordo absolutamente com o senhor, quando diz que seu pai perdeu a razão — retrucou em tom sereno. — Parece-me, ao contrário, que sua razão até melhorou, nos últimos dias. Eu juro, não acredita? Ele anda tão cauteloso, desconfiado, verifica tudo, pesa cada palavra... Sobre o tal do Kapitochka, ele falou comigo com algum propósito; imagine, ele queria me induzir a...

— Ah, que o diabo me carregue, se eu quero saber a que foi que ele induziu você! Peço ao senhor que não tente usar de astúcia comigo, meu senhor! — esganiçou-se Gânia. — Se o senhor também conhece a verdadeira causa para esta situação do velho (pois o senhor me espionou tanto, nestes cinco dias, que conhece, com certeza), então o senhor jamais deveria ter exasperado... o infeliz nem deveria ter atormentado a minha mãe, exagerando a questão, porque toda essa história não passa de um absurdo, uma anedota de bêbado e mais nada, nem existe prova nenhuma, e eu não dou um pingão de importância para isso... Mas o senhor precisa espionar e fazer intrigas, porque o senhor... o senhor...

— Eu sou um parafuso — riu Ippolit.

— Porque o senhor é um canalha, atormentou as pessoas durante meia hora, sua intenção era meter medo em todo mundo, disse que ia se matar com a sua pistola descarregada e com ela o senhor fez aquela cena vergonhosa, o senhor é um suicida farsante, é uma esponja de bÍlis sobre...

duas pernas. Eu lhe ofereci minha hospitalidade e, aqui, o senhor engordou, parou de tossir, e o senhor me retribuiu com...

— Permita-me apenas duas palavras. Eu estou na casa de Varvara Ardaliónovna, e não da casa do senhor. O senhor não me ofereceu nenhuma hospitalidade e eu até acho que é o senhor mesmo que está tirando proveito da hospitalidade do sr. Ptítsin. Quatro dias atrás, eu pedi à minha mãe que procurasse um lugar em Pávlovsk para eu ficar, pois, de fato, aqui, eu estou me sentindo muito melhor, se bem que eu não engordei nada e ainda continuo a tossir. Ontem à noite, mamãe me avisou que já tem um apartamento pronto para mim e eu, da minha parte, me apresso em comunicar ao senhor que hoje mesmo, depois de agradecer à sua mãe e à sua irmã, eu vou me mudar, como eu já havia resolvido fazer, ontem à noite. Desculpe, eu o interrompi. Parece que o senhor ainda queria me dizer alguma coisa.

— Ah, se é assim... — Gânia começou a tremer.

— Se é assim, permita que eu me sente — acrescentou Ippolit, e sentou-se, com toda a calma, na cadeira que o general havia ocupado pouco antes. — Afinal de contas, eu estou doente. Muito bem, agora estou pronto para escutar o senhor, ainda mais porque se trata da nossa última conversa e, quem sabe, até, da última vez que vamos nos ver.

De repente, Gânia ficou envergonhado.

— Esteja seguro de que eu não vou me rebaixar a ponto de acertar contas com o senhor — disse. — E se o senhor...

— Não tem sentido o senhor se mostrar tão arrogante — cortou Ippolit. — Da minha parte, desde o primeiro dia da minha mudança para cá, eu jurei para mim mesmo que não ia me privar do prazer de dizer tudo para o senhor, sílaba por sílaba, da maneira mais franca do mundo, na hora em que

fôssemos nos despedir. Pois bem, eu tenho a intenção de cumprir minha promessa exatamente agora, depois do senhor, é claro.

— Eu peço que deixe esta sala.

— É melhor falar, pois vai se arrepender, mais tarde, se não disser tudo agora.

— Pare com isso, Ippolit. Tudo isso é uma enorme vergonha, faça o favor de parar! — disse Vária.

— Faço isso apenas em respeito a uma dama — riu Ippolit, e levantou-se. — Permita-me, Varvara Ardaliónovna, pela senhora, eu estou disposto a ser sucinto, mas apenas isso, porque alguma explicação entre mim e o seu irmão se tornou absolutamente indispensável e eu não poderei, de forma alguma, ir embora deixando para trás um mal-entendido.

— O senhor não passa de um bisbilhoteiro, e mais nada — gritou Gânia. — É por isso que não vai embora de uma vez, sem antes fazer alguma intriga.

— O senhor está vendo — respondeu Ippolit, com sangue-frio. — O senhor não soube se conter. Sério, vai se arrepender de não falar. Mais uma vez, eu cedo a palavra ao senhor. Eu vou esperar um pouco mais.

Gavrila Ardaliónovitch ficou em silêncio e olhava para ele com desprezo.

— O senhor não quer. Prefere insistir nessa posição: pois fique à vontade. Da minha parte, eu vou ser o mais breve possível. Duas ou três vezes, hoje, ouvi alguma recriminação a respeito da hospitalidade; isso é injusto. Ao me convidar para ficar na sua casa, foi o senhor que me apanhou na sua rede; o senhor calculou que eu queria me vingar do príncipe. Além disso, o senhor ouviu falar que a Aglaia Ivánovna manifestou simpatia por mim e que ela leu a minha confissão. Como achou, por algum motivo, que eu iria me consagrar totalmente aos seus interesses, o senhor, pelo visto, contava encontrar em mim algum ponto de apoio. Eu não vou explicar com mais

detalhes! Da sua parte, eu tampouco exijo reconhecimento nem confirmação; basta o fato de eu deixar o senhor com a sua consciência e que, agora, nós dois compreendemos um ao outro.

— O senhor está criando uma complicação enorme em um caso absolutamente banal! — exclamou Vária.

— Permita que eu continue, Varvara Ardaliónova. Claro, eu não posso amar nem respeitar o príncipe; mas ele é um homem decididamente bom, embora também seja... ridículo. Porém não tenho nenhum motivo para odiar o príncipe; eu não dei, para o seu irmão, nenhum sinal disso, mesmo quando ele mesmo me atçou contra o príncipe; eu contava, justamente, com o desfecho da história para dar umas boas risadas. Eu sabia que o seu irmão ia falar comigo mais do que devia e acabaria cometendo um erro grave. Foi o que aconteceu... Agora, eu estou disposto a poupá-lo, mas apenas por respeito à senhora, Varvara Ardaliónovna. Porém, como já expliquei à senhora que não é tão fácil me fazer morder uma isca, vou explicar também por que eu tinha tanta vontade de levar seu irmão a fazer papel de bobo. Sabe, eu fiz isso de puro ódio, eu confesso com franqueza. Como estou morrendo (pois, apesar de tudo, eu vou morrer, por mais que tenha engordado, como os senhores acreditam), como estou morrendo, eu achei que partiria para o paraíso com muito mais paz de espírito se conseguisse fazer de bobo pelo menos um representante dessa inumerável categoria de pessoas que me perseguiram durante toda a vida, pessoas que eu odiei durante toda a minha vida e das quais o seu respeitável irmão serve como uma imagem perfeita. Eu odeio o senhor, Gavril Ardaliónovitch, unicamente porque, e isso talvez lhe pareça surpreendente, *unicamente porque* o senhor é o tipo, é a encarnação, é a personificação e o cúmulo da mediocridade mais descarada, mais arrogante, mais vulgar e asquerosa! O senhor é a mediocridade pomposa, a mediocridade olímpicamente serena,

que nunca duvida de si mesma; o senhor é a rotina das rotinas! Nem um pingo de ideia ou opinião própria jamais vai brotar na sua mente nem no seu coração, nunca. Mas o senhor é invejoso ao infinito; está firmemente convencido de que é um gênio colossal, só que, apesar de tudo, às vezes, a dúvida o espreita nos momentos sombrios e o senhor, então, se enfurece e se enche de ódio. Ah, o senhor ainda tem pontos obscuros no horizonte; eles só vão desaparecer quando o senhor fizer papel de bobo, de forma irreversível, o que não vai demorar a acontecer; no entanto, o senhor tem pela frente um caminho longo e variado, não direi alegre, e isso me deixa contente. Em primeiro lugar, eu prevejo que o senhor não vai conseguir alcançar certa pessoa...

— Ora, mas isso é intolerável! — gritou Vária. — Termine logo com isso, seu rancoroso nojento!

Gânia empalideceu, tremia e se mantinha calado. Ippolit se deteve, olhava para ele fixamente, com deleite, moveu os olhos na direção de Vária, sorriu, curvou a cabeça numa reverência e se retirou, sem acrescentar mais nenhuma palavra.

Gavrila Ardaliónovitch podia, com razão, queixar-se do destino e do infortúnio. Por algum tempo, Vária não teve ânimo de falar com o irmão, nem sequer olhou para ele quando Gânia passou por ela em passadas largas; enfim, ele se aproximou da janela e parou de costas para a irmã. Vária estava pensando numa expressão popular russa: é um sarrafo de duas pontas,¹⁷³ quando, de novo, do primeiro andar, veio um alarido.

— Você vai lá? — Gânia virou-se para ela, de repente, ao perceber que a irmã estava se levantando da cadeira. — Espere um pouco; veja só isto aqui.

Chegou perto e largou diante dela, sobre a cadeira, um pedacinho de papel, dobrado na forma de um bilhetinho.

— Meu Deus! — gritou Vária e ergueu as mãos.

O bilhete continha exatamente sete linhas:

Gavriila Ardaliónovitch!

Convencida de suas boas intenções em relação à minha pessoa, decidi pedir seu conselho numa questão importante para mim. Eu gostaria de me encontrar com o senhor amanhã, às sete da manhã em ponto, no banco verde. Fica perto da nossa datcha. Varvara Adaliónovna, que deve, sem falta, acompanhar o senhor, conhece muito bem o lugar.

A. E.

— Quem vai ter consideração por ela, depois disso? — Varvara Ardaliónovna abriu os braços.

Por menos que desejasse cantar vitória naquele momento, Gânia não podia deixar de exprimir seu triunfo, ainda mais depois das previsões humilhantes de Ippolit. Um sorriso cheio de si resplandeceu, sem disfarces, em seu rosto, e a própria Vária se iluminou toda de alegria.

— E isso no mesmo dia em que, na casa delas, anunciaram o noivado! Quem vai ter consideração por ela, depois disso?

— O que você acha? Sobre o que ela quer conversar amanhã? — perguntou Gânia.

— Tanto faz. O que importa é que, pela primeira vez depois de seis meses, ela quer encontrar você. Escute aqui, Gânia: aconteça o que acontecer, seja qual for o resultado, tenha em mente que isso é *importante!* É importante demais! Não se faça de presunçoso, outra vez, não erre o alvo, outra vez, e também não seja covarde, tome cuidado! Será possível que ela não entendeu por que razão, durante meio ano, eu fui tantas vezes à casa delas? Imagine só: ela não me disse nenhuma palavra hoje, não deu o menor sinal. Eu passei por lá às escondidas, a velha nem soube que fui visitá-las, senão, na certa, teria me expulsado de lá. Eu corri um risco por sua causa, para descobrir a qualquer preço...

De novo, barulhos e gritos no primeiro andar. Algumas pessoas desceram pela escada.

— Não permita isto agora, de jeito nenhum! — gritou Vária, às pressas e assustada. — Não pode haver a menor sombra de um escândalo! Vá logo, peça perdão!

Mas o pai de família já estava na rua. Atrás dele, Kólia arrastava a bolsa. Nina Aleksándrovna ficou parada na varanda e chorava; queria correr atrás dele, mas Ptítsin a continha.

— A senhora só vai deixá-lo mais exaltado ainda — dizia para ela. — O homem não tem para onde ir, daqui a meia hora vai voltar, eu já falei para o Kólia; deixe que ele faça papel de bobo.

— Para que chamar a atenção de todos desse jeito, para onde o senhor está indo? — gritou Gânia pela janela. — O senhor não tem para onde ir!

— Volte, papai! — gritou Vária. — Os vizinhos estão ouvindo.

O general parou, virou-se, ergueu o braço e esbravejou:

— Que a minha maldição caia sobre essa casa!

— Não podia faltar o tom teatral! — resmungou Gânia, trancando a janela com uma pancada.

De fato, os vizinhos estavam escutando. Vária correu para fora.

Quando ela saiu, Gânia pegou o bilhete na mesa, beijou-o, estalou a língua e deu um *entrechat*.¹⁷⁴

Em qualquer outra circunstância, o tumulto com o general não daria em nada. Antes, já haviam ocorrido casos de explosões inesperadas daquele mesmo tipo, embora bastante raros, porque, no geral, era pessoa muito pacífica, com tendência à gentileza. Por cem vezes, talvez, nos últimos tempos, ele teve de lutar contra perturbações que o dominaram. De repente, recordava que era “pai de família”, fazia as pazes com a esposa, chorava com sinceridade. Respeitava Nina Aleksándrovna às raias da adoração, porque ela o perdoava e o amava, tantas vezes e em silêncio, apesar de sua aparência humilhante e ridícula. No entanto, a luta abnegada contra tais distúrbios costumava durar pouco; o general também era pessoa demasiado “explosiva”, embora à sua própria maneira; em geral, não suportava a vida de penitência e ócio que levava em sua família e acabava se rebelando; tinha acessos de fúria, pelos quais ele mesmo se censurava, quem sabe até no mesmo instante em que ocorriam, porém sem conseguir se conter: discutia, começava a falar de forma pomposa e grandiloquente, exigia para si um respeito ilimitado e impossível e, no final das contas, desaparecia de casa, às vezes até por muito tempo. Nos dois anos anteriores, ele só tinha conhecimento dos assuntos de sua família em linhas gerais, se tanto, ou apenas de ouvir falar; deixara de se inteirar dos detalhes, pois não sentia a menor vocação para aquilo.

Porém, daquela vez, no “tumulto do general”, veio à tona algo fora do comum: era como se todos soubessem de alguma coisa e temessem falar a respeito. “Formalmente”, o general havia surgido na família, ou seja, tinha voltado para junto de Nina Aleksándrovna, fazia apenas três dias; entretanto, de certo modo, não mostrava arrependimento nem disposição de fazer as pazes, como sempre ocorria nas “aparições” anteriores; ao contrário, dava mostras de uma exasperação exacerbada. Eloquente, inquieto, desandava a falar com veemência com todo mundo que encontrava, parecia se jogar sobre o interlocutor, mas sempre tratava de assuntos tão díspares e inusitados que era de todo impossível entender, no fundo, o que o preocupava no momento. Às vezes, estava alegre, mas muitas vezes se punha pensativo, sem que ele mesmo soubesse, exatamente, no que tanto pensava; de súbito, começava a falar de algum assunto — os Epantchin, o príncipe, Liébediev — e se interrompia de modo brusco, parava de falar e só respondia as perguntas seguintes com um sorriso obtuso e, de resto, nem se dava conta do que estavam perguntando, mas sorria assim mesmo. Passara a última noite se lamentando, gemendo, e deixou Nina Aleksándrovna esgotada, pois ela teve de preparar compressas quentes para o marido a noite inteira, sabe-se lá para quê; de manhã, o general adormeceu, de repente, dormiu quatro horas e despertou com um fortíssimo e desarvorado ataque de hipocondria, que redundou numa discussão com Ippolit e, depois, com a “maldição sobre essa casa”. Também notaram que, toda hora, naqueles três dias, ele sofria violentíssimos acessos de ambição e, por isso, mostrava-se suscetível ao extremo. Kólia tentava convencer a mãe de que toda aquela angústia tinha origem na bebida e, talvez, também em Liébediev, com quem o general, de uma hora para outra, havia estreitado amizade, em tempos recentes. No entanto, três dias antes, de súbito, o general brigara com Liébediev e rompera relações com ele, num

furor tremendo; mesmo com o príncipe, houve alguma desavença. Kólia pediu uma explicação ao príncipe e, por fim, acabou desconfiado de que também ele tinha algo que não queria lhe dizer. Se, como Gânia supunha, de modo perfeitamente plausível, havia ocorrido alguma conversa importante entre Ippolit e Nina Aleksándrovna, era estranho que aquele senhor rancoroso, a quem Gânia, com tanta franqueza, chamava de bisbilhoteiro, não aproveitasse para ter a satisfação de contar tudo também para Kólia. É muito provável que ele não fosse um “menino” malvado daquela maneira como Gânia o retratou, na conversa com a irmã, e sim um tipo diferente de malvado; e era difícil acreditar que ele tivesse comunicado a Nina Aleksándrovna qualquer observação sua unicamente para “estraçalhar o coração” dela. Não esqueçamos que os motivos das ações humanas, em geral, são incalculavelmente mais complexos e variados que as explicações que, depois, tentamos dar a eles, e raramente chegam a se definir. Às vezes, para o narrador, é melhor limitar-se à mera exposição dos acontecimentos. Assim faremos, na explanação a seguir, a respeito da catástrofe que, agora, atingiu o general; pois, a despeito de todo nosso esforço, vemo-nos na inelutável necessidade de dedicar a essa personagem secundária de nossa história um pouco mais de atenção e espaço do que, até agora, pretendíamos.

São estes os eventos que se sucederam, um após outro e nesta ordem:

Depois de sua viagem a Petersburgo em busca de Ferdíschenko, Liébediev voltou no mesmo dia com o general e não revelou nada de particular para o príncipe. Se, na ocasião, o príncipe não andasse tão ocupado e distraído com outras impressões, importantes para ele, poderia ter notado logo que, nos dois dias seguintes, Liébediev não só não lhe forneceu nenhum esclarecimento como, ao contrário, por algum motivo, parecia até evitar qualquer encontro com ele. Quando, afinal, atentou para

aquilo, o príncipe ficou surpreso ao lembrar que, naqueles dois dias, nas ocasiões em que calhou de encontrá-lo, Liébediev se achava no estado de ânimo mais radiante, e quase sempre em companhia do general. Os dois já não se separavam nem um minuto. Às vezes, o príncipe escutava as conversas animadas, em altas vozes, e as discussões alegres, entre risos, que chegavam até ele, vindas do primeiro andar da casa; uma vez, já bem tarde da noite, até, de forma inesperada e abrupta, chegaram a ele sons que ecoavam certa canção militar libertina, e ele logo reconheceu a voz rouca, de baixo, do general. Mas a canção vibrante não tomou impulso e logo silenciou. Depois, por cerca de uma hora, ainda prosseguiu uma conversa muito animada e, ao que tudo indicava, um tanto ébria. Era possível deduzir que, lá em cima, os amigos alegres trocavam abraços, até que, enfim, alguém desatou a chorar. Em seguida, de repente, seguiu-se uma forte discussão, que também logo silenciou. Todo esse tempo, Kólia se encontrava num estado de ânimo particularmente preocupado. Na maior parte do tempo, o príncipe não ficava em casa e, às vezes, só voltava muito tarde; sempre lhe avisavam que Kólia havia procurado por ele o dia todo. No entanto, quando os dois se encontravam, Kólia não conseguia lhe dizer nada de especial, exceto que estava completamente “insatisfeito” com o general e com seu comportamento: “Eles vivem andando juntos por aí, se embriagam perto da taberna, se abraçam e se xingam no meio da rua, provocam um ao outro e não conseguem desgrudar um do outro”. Quando o príncipe comentava que aquilo já vinha acontecendo antes, e quase todo dia, Kólia não tinha a menor ideia do que responder nem de como explicar em que consistia sua preocupação atual.

De manhã, depois da canção libertina e da discussão, quando o príncipe saiu de casa, por volta das onze horas, de súbito, o general apareceu na sua frente, muito perturbado com alguma coisa, quase transtornado.

— Faz tempo que eu buscava a oportunidade e a honra de encontrar-me com o senhor, prezadíssimo Liev Nikoláievitch, muito tempo, muito mesmo — balbuciou, enquanto apertava a mão do príncipe com uma força extraordinária, quase até doer. — Muito, muito tempo.

O príncipe pediu que ele se sentasse.

— Não, eu não vou sentar, aliás eu estou atrasando o senhor, eu... vou deixar para outra ocasião. A propósito, creio que eu posso felicitá-lo pela... realização... dos desejos de seu coração.

— Que desejos do coração?

O príncipe se viu embaraçado. A exemplo de muitos outros em sua situação, ele tinha a impressão de que absolutamente ninguém estava percebendo, deduzindo ou compreendendo coisa alguma do que se passava com ele.

— Fique tranquilo, fique tranquilo! Eu não vou perturbar os seus sentimentos mais delicados. Eu mesmo já tive essa experiência e sei como é quando... por assim dizer... um nariz alheio... como diz o provérbio... se mete onde não é chamado. Toda manhã, eu tenho essa experiência. Eu vim aqui por outro motivo, mais importante. Trata-se de um motivo muito mais importante, príncipe.

O príncipe, mais uma vez, pediu que ele se sentasse, e sentou-se também.

— Talvez um segundo, no máximo... Eu vim pedir seu conselho. Claro, eu vivo sem fins práticos, porém, como respeito a mim mesmo, bem como respeito... o espírito prático, de que tanto carece o homem russo, em termos gerais... eu desejo colocar a mim mesmo, a minha esposa e os meus filhos numa posição... em suma, príncipe, eu quero um conselho.

O príncipe elogiou sua intenção com toda a veemência.

— Certo, mas tudo isso é bobagem — cortou o general, de repente. — O principal, para mim, não é isso, mas outra coisa. Justamente, eu tomei a

decisão de explicar para o senhor, Liev Nikoláievitch, por se tratar de uma pessoa em cujas sinceridade e nobreza de sentimentos eu tenho toda a confiança, como... como... O senhor não está surpreso com as minhas palavras, príncipe?

O príncipe seguia as palavras de sua visita, se não com particular surpresa, pelo menos com atenção fora do comum. O velho estava um pouco pálido, às vezes os lábios tremiam de leve, as mãos pareciam incapazes de encontrar um ponto de repouso. O general só conseguia se manter sentado alguns minutos e, por duas vezes, já se levantara bruscamente da cadeira, para, de súbito, sentar-se de novo, sem dar a mínima atenção às suas maneiras. Havia livros sobre a mesa; enquanto falava, o general pegou um livro, olhou para a página aberta, logo fechou o volume outra vez e colocou-o sobre a mesa, apanhou outro livro, que desta vez não abriu, mas manteve o tempo todo na mão direita e, sem parar, sacudia-o no ar.

— Chega! — gritou de repente. — Estou vendo que já importunei demais o senhor.

— Mas nem um pouco, por favor, faça-me essa gentileza; ao contrário, eu estou escutando o senhor com interesse e quero compreender...

— Príncipe! Eu desejo me colocar numa posição respeitável... eu desejo respeitar a mim mesmo e... os meus direitos.

— Uma pessoa com tal desejo já é, só por isso, digna de todo o respeito.

O príncipe pronunciou aquele clichê com a firme convicção de que produziria um belo efeito. De algum modo instintivo, ele deduziu que tal tipo de frase oca e grandiloquente, mas agradável aos ouvidos, dita na hora certa, poderia, de repente, subjugar e apaziguar a alma de uma pessoa daquela espécie, sobretudo na situação do general. Em todo caso, era

necessário deixar que aquela visita fosse embora com o coração aliviado, e a tarefa do príncipe consistia exatamente nisso.

A frase lisonjeou, comoveu e agradou muito: de repente, o general sensibilizou-se, num piscar de olhos, mudou de tom e enveredou por explicações longas e veementes. No entanto, por mais que o príncipe se esforçasse, por mais que escutasse com atenção, não conseguia entender rigorosamente nada. O general falou por mais ou menos dez minutos, com ardor, depressa, como se não estivesse conseguindo exprimir suas ideias, amontoadas em atropelo. Lágrimas chegaram a brilhar no canto de seus olhos, entretanto, não passavam de frases sem começo nem final, palavras inesperadas, pensamentos inesperados, que irrompiam ligeiros e inesperados, e avançavam aos saltos, uns por cima dos outros.

— Chega! O senhor me compreendeu e eu estou tranquilo — concluiu subitamente, e levantou-se. — Um coração como o seu não pode deixar de entender alguém que sofre. Príncipe, o senhor é nobre, como um ideal! Diante do senhor, o que são os outros? Mas o senhor é jovem e eu o abençoo. No final das contas, eu vim aqui para pedir ao senhor que marque comigo um horário para uma conversa muito séria e é nisso que reside a minha principal esperança. Eu estou em busca de uma amizade e de um coração, príncipe; eu jamais consegui aplacar as exigências do meu coração.

— Mas por que não pode ser agora? Eu estou à sua disposição para conversar...

— Não, príncipe, não! — retrucou o general, com fervor. — Agora, não! Agora é um sonho! É importante demais, demais! É demasiado importante! A hora dessa conversa há de ser a hora do meu destino final. Será a *minha* hora e eu não quero que, nesse momento sagrado, nós sejamos interrompidos por qualquer um que chegue, pelo primeiro insolente que

apareça, e, não raro, esse insolente — o general curvou-se para o príncipe, de repente, num sussurro estranho, quase assustado, de quem conta um segredo —, esse insolente não vale o salto da bota que o senhor calça, adorado príncipe! Ah, eu não estou falando da bota que eu calço! Em particular, queira observar que eu não mencionei a minha bota; pois eu respeito demais a mim mesmo para declarar tal coisa sem rodeios; porém apenas o senhor é capaz de compreender que, ao relegar, no caso, o salto da minha bota, eu manifesto, talvez, um extraordinário orgulho da dignidade. Exceto o senhor, ninguém mais entenderá, e *ele* menos que todos. *Ele* não entende nada, príncipe; é absolutamente, absolutamente incapaz de compreender! É preciso ter coração para compreender!

No fim, o príncipe estava quase assustado e marcou um encontro com o general no dia seguinte, naquele mesmo horário. O general foi embora cheio de ânimo, profundamente consolado e quase sereno. À noitinha, antes das sete horas, o príncipe mandou chamar Liébediev para falar com ele, um minutinho.

Liébediev apareceu com presteza fora do comum, “em apreço a tamanha honra”, como começou a dizer, assim que entrou; parecia não haver o menor sinal de que ele tinha se esquivado durante três dias e, visivelmente, evitava encontrar-se com o príncipe. Liébediev sentou-se na beiradinha da cadeira, entre caretas, sorrisinhos, olhares risonhos e perscrutadores, esfregando as mãos com o ar inocente de quem espera ouvir algo semelhante a um anúncio gravíssimo, aguardado há muito tempo e já previsto por todos. O príncipe, mais uma vez, retraiu-se; estava claro, para ele, que todos, de repente, passaram a esperar algo de sua parte, todos olhavam para ele como se desejassem parabenizá-lo por alguma coisa a que se referiam por meio de insinuações, sorrisos e também piscando os olhos. Keller já estivera com ele rapidamente em três ocasiões, também com o

evidente desejo de parabenizá-lo: sempre começava de modo entusiasmado e obscuro, sem dizer nada de conclusivo e, bem depressa, desaparecia. (Nos últimos dias, ele andava bebendo muito, não se sabia onde, e tinha causado grande alarido em algum salão de bilhar.) Mesmo Kólia, apesar de seu desgosto, também, por duas ou três vezes, pusera-se a falar com o príncipe de modo obscuro, sobre algo muito vago.

De maneira franca e um pouco irritada, o príncipe perguntou a Liébediev o que ele pensava da situação do general e se sabia por que motivo o velho andava tão agitado. Em poucas palavras, relatou para ele a cena de pouco antes.

— Todo mundo tem as suas preocupações, príncipe, e... sobretudo em nossa época estranha e agitada, meu senhor; assim são as coisas, meu senhor — respondeu Liébediev com certa secura, e calou-se um pouco ressentido, com ar de uma pessoa rudemente frustrada em suas expectativas.

— Mas que filosofia! — sorriu o príncipe.

— Uma filosofia indispensável em nossa época, meu senhor, mais do que necessária, meu senhor, para ser aplicada na prática e, no entanto, ela é tratada com desdém, meu senhor, esta é a verdade. Da minha parte, prezadíssimo príncipe, embora eu tenha sido honrado com a sua confiança, no que concerne a certa questão que o senhor bem sabe qual é, mas uma confiança que só vai até determinado ponto e que, em nenhuma circunstância, ultrapassa aquilo que diga respeito especificamente a essa questão... Eu compreendo isso muito bem e não me queixo nem um pouco.

— Liébediev, o senhor parece estar aborrecido com alguma coisa, não está?

— Nem um pouco, nem de longe, prezadíssimo e admirabilíssimo príncipe, nem um pouco! — gritou Liébediev, exaltado, levando a mão ao

coração. — Ao contrário, eu me dei conta, exatamente e de forma instantânea, de que nem pela posição social nem pelo aprimoramento da mente e do coração nem pelo acúmulo de riqueza nem por minhas ações anteriores nem por meus conhecimentos, enfim, por nada, eu posso merecer a sua honrada confiança, que se alça tão acima das minhas pobres esperanças; e se eu posso servir o senhor apenas como escravo ou empregado doméstico e não de outro modo... eu não me aborreço, mas fico triste, meu senhor.

— Lukian Timoféitch, por favor!

— E não de outro modo! Assim como é agora, neste caso presente! Ao encontrar o senhor e segui-lo com o coração e o pensamento, eu dizia para mim mesmo: eu não sou digno de declarações de amizade, porém, na condição de senhorio da residência, talvez eu possa receber, na hora devida, no prazo esperado, uma prescrição, por assim dizer, ou uma notificação, o que já é muito, tendo em vista determinadas mudanças iminentes e já esperadas...

Enquanto declarava aquilo, Liébediev espetava os olhinhos penetrantes no príncipe, que olhava para ele com assombro; Liébediev continuava esperançoso de satisfazer sua curiosidade.

— Francamente, eu não estou entendendo nada — exclamou o príncipe, quase com raiva. — E... o senhor é um tremendo intrigante! — De repente, o príncipe deu a mais sincera risada.

Num piscar de olhos, Liébediev também riu e seu olhar radiante também dava a entender que suas esperanças tinham renascido e até duplicado.

— Sabe o que eu vou lhe dizer, Lukian Timoféitch? Por favor, não fique aborrecido comigo, mas eu até me admiro com a sua ingenuidade, que aliás não é só sua! Com a sua ingenuidade, o senhor está esperando algo de mim, e justamente agora, neste momento, o que me deixa até encabulado e

envergonhado diante do senhor, por eu não ter nada que possa satisfazê-lo; mas eu juro ao senhor que, de fato, não há nada. O senhor pode imaginar isso?

Mais uma vez, o príncipe deu uma risada.

Liébediev tomou ares de ofendido. É verdade que, às vezes, ele se mostrava ingênuo demais, e até impertinente, em sua curiosidade; contudo, ao mesmo tempo, era uma pessoa bastante esperta e tortuosa, se bem que, em certos casos, chegava a ser demasiadamente astucioso e calado; com suas contínuas recusas, o príncipe quase fez dele um inimigo. Mas o príncipe não o repelia por desprezá-lo e sim porque o objeto da curiosidade de Liébediev era um ponto delicado. Alguns dias antes, o príncipe ainda encarava alguns de seus sonhos como um crime, mas Lukian Timoféitch recebia as negativas e a falta de confiança do príncipe como uma rejeição pessoal contra ele, ia embora com o coração magoado e tinha ciúmes não só de Kólia e de Keller como também da própria filha, Vera Lukiánovna. Até aquele exato momento, talvez, Liébediev poderia estar sinceramente disposto a comunicar ao príncipe uma notícia do mais alto grau de interesse para o próprio príncipe, porém se calou, com ar sombrio, e nada contou.

— Especificamente em que eu poderei ser útil ao senhor, prezadíssimo príncipe, pois, apesar de tudo, o senhor, agora... me chamou com urgência, não foi? — disse, por fim, depois de um momento de silêncio.

— Sim, veja, era justamente sobre o general — o príncipe se animou, também após um minuto de reflexão. — E... a respeito daquele furto do senhor, do qual o senhor me falou...

— A respeito do que mesmo, meu senhor?

— Ora essa, como se o senhor não estivesse compreendendo! Ah, meu Deus, puxa, Lukian Timoféitch, o senhor está sempre representando um papel! O dinheiro, o dinheiro, os quatrocentos rublos que o senhor perdeu,

numa carteira, sobre os quais o senhor veio me falar num dia, de manhã, quando estava de partida para Petersburgo... está lembrado, agora?

— Ah, então o senhor está falando daqueles quatrocentos rublos! — disse Liébediev, arrastando as palavras, como se só agora tivesse entendido. — Agradeço ao senhor, príncipe, por seu interesse sincero; para mim, é bastante lisonjeiro, mas... eu encontrei o dinheiro, e já faz tempo.

— Achou? Ah, graças a Deus!

— A exclamação da sua parte é um gesto nobilíssimo, pois quatrocentos rublos é uma soma bastante considerável para uma pessoa pobre, que ganha a vida com o trabalho pesado e que tem uma numerosa família de órfãos...

— Mas a questão não é essa! Claro que eu fiquei contente por o senhor já ter encontrado o dinheiro — emendou-se o príncipe, prontamente —, mas... como foi que achou?

— De uma forma muito simples. Achei embaixo da cadeira em que o sobretudo estava pendurado, portanto, é claro, a carteira escorregou do bolso para o chão.

— Embaixo da cadeira? Não pode ser, afinal, o senhor mesmo me contou que procurou por todos os cantos. Como é possível que o senhor não tenha olhado logo nesse lugar, justamente o mais importante?

— Acontece que eu olhei, sim, senhor! Lembro muito bem, muito bem mesmo, que eu olhei ali! Rastejei de gatinhas, apalpei com as mãos aquele lugar, depois de afastar a cadeira, olhei com os próprios olhos, sem acreditar em mim mesmo: e eu vi que o dinheiro não estava ali, o chão estava liso e vazio, olhe, que nem a palma da minha mão, meu senhor, mesmo assim eu continuei apalpando. Lapsos desse tipo sempre se repetem, quando uma pessoa deseja demais encontrar algo... cuja perda é importante e causa dor, meu senhor: a pessoa vê que não há nada, que o lugar está vazio, no entanto vai lá olhar quinze vezes.

— Certo, vamos admitir que seja assim; só que, como é possível, afinal?... Eu não entendo — balbuciou o príncipe, desnortado. — Primeiro, o senhor disse que não estava ali, disse que tinha procurado, mas de repente a carteira apareceu ali mesmo!

— E de repente a carteira apareceu ali mesmo, meu senhor.

O príncipe olhou para Liébediev com ar estranho.

— E o general? — perguntou, de súbito.

— Mas o que é que tem o general, meu senhor? — Liébediev, mais uma vez, não entendeu.

— Ah, meu Deus! Eu estou perguntando o que foi que o general disse, quando o senhor achou a carteira embaixo da cadeira. Afinal, vocês dois juntos já haviam procurado ali, antes.

— Sim, antes procuramos juntos, meu senhor. Mas dessa vez, eu confesso, fiquei calado, meu senhor, e preferi não avisar a ele que a carteira tinha sido encontrada por mim, sozinho.

— Por... por quê? O dinheiro estava todo lá?

— Eu abri a carteira; o dinheiro todo estava lá, até o último rublo, meu senhor.

— O senhor bem que poderia ter me contado antes — ponderou o príncipe, pensativo.

— Pessoalmente, eu temia perturbar o senhor e as suas, digamos assim, impressões pessoais e, talvez, inabituais; além disso, eu mesmo fingi não ter encontrado nada. Abri a carteira, examinei por dentro, depois fechei e coloquei, de novo, embaixo da cadeira.

— Mas para que fez isso?

— Por nada, meu senhor; fui movido por uma nova curiosidade — Liébediev deu uma risadinha, de repente, enquanto esfregava as mãos.

— Quer dizer que a carteira está lá, agora, desde anteontem?

— Ah, não, só ficou lá um dia. Veja, em parte, eu queria que o general também encontrasse a carteira, meu senhor. Porque, se eu acabei achando, por que o general também não haveria de notar o objeto, ali, por assim dizer, jogado diante dos seus olhos, bem saliente, embaixo da cadeira? Por várias vezes, levantei aquela cadeira e mudei de lugar, de modo que a carteira ficasse ainda mais visível, mas o general não percebia nada, e assim a situação continuou igual, durante um dia e uma noite. Parece que ele anda muito distraído, agora, não sei como entender o motivo; ele fala, conta histórias, ri, dá gargalhadas e, de uma hora para outra, fica tremendamente aborrecido comigo, e eu não consigo saber por quê, meu senhor. Enfim, decidimos sair do quarto, eu deixei a porta aberta, de propósito; mas ele hesitou, quis falar alguma coisa, na certa estava assustado por causa da carteira e do tal dinheiro, mas, de repente, se mostrou irritadíssimo e não falou nada, meu senhor; antes de darmos dois passos pela rua, ele me largou no caminho e seguiu para o outro lado. Só à noite nos encontramos na taberna.

— Mas, enfim, o senhor pegou a carteira que estava embaixo da cadeira?

— Não, senhor; na mesma noite, ela desapareceu, e não estava mais embaixo da cadeira.

— Então, onde é que ela está, agora?

— Ora, aqui mesmo, meu senhor — Liébediev deu uma risada repentina, enquanto se levantava da cadeira, com o corpo bem ereto, e olhava para o príncipe com ar simpático. — De repente, a carteira apareceu aqui, dentro da aba do meu sobretudo. Olhe, tenha a bondade de ver, o senhor mesmo, apalpe.

De fato, na aba esquerda do sobretudo, bem na frente, bem à vista, formava-se uma espécie de bolsa e, pelo tato, logo se podia adivinhar que

ali dentro estava uma carteira de couro, que deslizara para ali através de um bolso furado.

— Eu já tirei e já olhei, está tudo lá, meu senhor. Coloquei no lugar de novo e assim estou andando, desde ontem de manhã, com a carteira enfiada na aba, mesmo que fique batendo na minha perna.

— E o senhor faz que nem repara?

— Eu nem reparo, meu senhor, he-he! Observe, prezadíssimo príncipe, por menos que o tema seja digno da atenção especial do senhor, eu tenho os bolsos sempre bem perfeitos, e então, de repente, de madrugada, aparece um buraco desses! Tratei de examinar com mais curiosidade... Parece que alguém cortou com um canivetezinho; quase inacreditável, não é, meu senhor?

— E... o general?

— Ficou o dia inteiro irritado, ontem e hoje também; tremendamente insatisfeito, meu senhor; ora alegre e festivo às raias da lisonja, ora sensível ao ponto de derramar lágrimas, mas de repente se enfurece, chega a me dar medo, meu senhor, juro por Deus; apesar de tudo, príncipe, eu não sou um homem de guerra. Ontem, estávamos na taberna e, como que por acaso, a aba do meu sobretudo se pôs à mostra, um bolo bem protuberante; ele espiou de lado, se irritou. Agora, já faz tempo que ele não me fita direto nos olhos, meu senhor, menos ainda quando está muito embriagado ou sentimental demais; só que ontem, por duas vezes, ele me olhou de um jeito que me deu a sensação de que um gelo corria pela minha espinha. No entanto, minha intenção é encontrar essa carteira amanhã, mas até amanhã, à tardinha, eu ainda vou me divertir com ele.

— Por que o senhor tortura o homem dessa forma? — gritou o príncipe.

— Eu não o torturo, príncipe, eu não torturo, não — retrucou Liébediev, com veemência. — Eu amo o general com toda a sinceridade, meu senhor,

e... eu o respeito; e agora, acredite ou não, ele se tornou até mais precioso para mim, meu senhor; eu passei a ter mais apreço ainda por ele!

Liébediev falou tudo aquilo num tom de tamanha seriedade e franqueza que o príncipe se viu à beira da indignação.

— O senhor ama o general e o tortura dessa forma! Francamente, e tudo pelo simples fato de ele ter colocado bem à vista aquilo que o senhor perdeu, ou seja, embaixo da cadeira e também dentro do sobretudo; só com isso, ele está mostrando para o senhor, com toda a clareza, que ele não quer usar de astúcia e, de forma ingênua, está pedindo perdão ao senhor. Escute bem: ele está pedindo perdão! Portanto, ele confia na delicadeza dos sentimentos do senhor; portanto, acredita na amizade do senhor. Em troca, o senhor leva a tamanha humilhação essa pessoa... honestíssima!

— Honestíssima, príncipe, honestíssima! — confirmou Liébediev, com os olhos cintilantes. — E justamente apenas o senhor, nobilíssimo príncipe, estava em condições de proferir esta palavra tão justa! É por isso que eu sou devotado ao senhor até a adoração, embora eu já esteja podre, por efeito dos mais diversos vícios! Então, está decidido! Vou revelar o paradeiro da carteira agora mesmo, já, e não amanhã; olhe, vou retirá-la diante dos seus olhos, meu senhor; aqui está a carteira; aqui está todo o dinheiro, em cédulas; tome, pegue, nobilíssimo príncipe, pegue e guarde até amanhã. Amanhã ou depois de amanhã, eu vou pegá-lo, meu senhor; e fique sabendo, príncipe, é evidente que o objeto perdido passou aquela primeira noite em algum lugar no jardim, embaixo de alguma pedra; o que a senhor acha disso?

— Veja bem, não conte para ele de forma direta, sem rodeios, que o senhor achou a carteira. Pura e simplesmente, deixe que ele veja que não há mais nada no chão, e ele vai entender.

— Será mesmo, senhor? Não seria melhor contar logo que eu achei e fingir que, até agora, eu não deduzi nada?

— N-não — o príncipe refletiu um pouco. — N-não, agora já é tarde; é mais perigoso, falando sério, é melhor não contar! Seja afetuoso com ele, mas... não demais, finja, e... e... saiba que...

— Eu sei, príncipe, eu sei, ou seja, sei que eu talvez não faça isso; pois, no caso, é preciso ter um coração como o seu. Além do mais, ele mesmo anda muito irritadiço e suscetível, agora às vezes me trata de forma demasiado arrogante; ora choraminga e me abraça, ora, de repente, começa e a zombar e escarnecer de mim com desprezo; pois bem, num momento assim, de propósito, eu vou deixar a aba do sobretudo bem à mostra, he-he! Até logo, príncipe, pois é evidente que eu o estou retendo e, por assim dizer, atrapalhando sentimentos interessantes...

— Mas, pelo amor de Deus, mantenha tudo isso em segredo!

— Em passos silenciosos, em passos silenciosos, meu senhor!

Porém, embora a questão estivesse encerrada, o príncipe continuou preocupado, e até um pouco mais do que antes. Com impaciência, esperava o encontro com o general, no dia seguinte.

O encontro foi marcado para o meio-dia, mas, de modo inesperado, o príncipe se atrasou. Ao voltar para casa, lá encontrou o general, que o aguardava. Desde o primeiro olhar, percebeu que o general estava contrariado, talvez pelo fato mesmo de ter sido obrigado a esperar. Após se desculpar, o príncipe tratou logo de se sentar; no entanto, mostrou-se estranhamente intimidado, como se a visita fosse feita de porcelana e, a todo instante, o príncipe temesse quebrá-la. Antes disso, ele jamais se sentira intimidado em presença do general e nunca lhe passava pela cabeça tal ideia. Assim que o príncipe observou melhor, percebeu que ali estava uma pessoa completamente distinta daquela do dia anterior: em lugar de confusão e alheamento, transparecia uma espécie de comedimento fora do comum; era possível concluir que aquela pessoa havia tomado alguma decisão definitiva. Entretanto, a calma era antes aparente do que real. Em todo caso, o visitante mostrava até uma nobre desenvoltura, embora com uma dignidade contida; no início, até parecia tratar o príncipe com certa condescendência — exatamente da maneira como, às vezes, certas pessoas orgulhosas, mas que se julgam ofendidas sem motivo, ostentam uma nobre desenvoltura. Falava de modo afetuoso, se bem que não sem certa mágoa na voz.

— Aqui está a revista que eu peguei emprestada, no outro dia — e apontou, com ar importante, para o volume que trouxera e que estava sobre a mesa. — Obrigado.

— Ah, sim; e o senhor leu aquele artigo, general? Gostou? Não é curioso? — O príncipe alegrou-se com a possibilidade de começar a conversa com um assunto totalmente alheio à questão.

— É curioso, talvez, mas mal escrito e, sem dúvida nenhuma, absurdo. Talvez contenha, também, uma mentira a cada linha.

O general falava cheio de pose e até esticava um pouco as palavras.

— Ah, é um conto muito singelo; a história de um velho soldado que testemunhou a ocupação francesa em Moscou;¹⁷⁵ há algumas coisas encantadoras. Além do mais, todas as memórias de testemunhas são preciosas, a despeito de quem seja essa testemunha. Não é verdade? No lugar do editor, eu não publicaria; no que toca às memórias das testemunhas, em geral, as pessoas preferem acreditar num mentiroso grosseiro, mas divertido, a crer numa pessoa digna e meritória. Eu conheço certas memórias do ano de 1812 que... Príncipe, eu tomei uma decisão, eu vou deixar esta casa, a casa do sr. Liébediev.

E o general olhou para o príncipe com ar grave.

— O senhor tem a sua casa em Pávlovsk, a casa... a casa da sua filha... — disse o príncipe, sem saber o que dizer. Lembrou que, afinal, o general tinha vindo para pedir um conselho relativo a um assunto muito importante, do qual dependia o destino dele.

— A casa da minha esposa; em outras palavras, a minha casa e a casa da minha filha.

— Perdoe, eu...

— Eu vou deixar a casa de Liébediev porque, doce príncipe, eu rompi com esse homem; rompi ontem à noite, arrependido de não ter feito isso

antes. Eu exijo respeito, príncipe, e desejo receber respeito até das pessoas a quem dou meu coração, por assim dizer. Príncipe, dou meu coração muitas vezes e, quase sempre, eu me decepção. Aquele homem foi indigno da minha dádiva.

— Há muita confusão, nele — ponderou o príncipe, com reserva. — E certas características... Mas, em meio a tudo isso, percebe-se um coração e também uma inteligência astuta e, às vezes, divertida.

A exatidão das expressões e o tom respeitoso visivelmente lisonjaram o general, embora ele ainda olhasse, às vezes, com uma incredulidade repentina. No entanto, o tom de voz do príncipe era tão natural e sincero que era impossível duvidar.

— Que nele há também qualidades, eu fui o primeiro a afirmar — confirmou o general —, e estive até à beira de dar minha amizade a esse indivíduo. Afinal, eu não preciso nem da casa nem da hospitalidade dele, pois tenho a minha própria família. Eu não vou justificar os meus vícios; eu sou um desregrado; eu bebi com ele e, agora, quem sabe, lamento ter feito isso. Mas, afinal de contas, não foi só por causa da bebida (perdoe, príncipe, a rudeza sincera de um homem exasperado), não foi só por causa da bebida que eu me liguei a ele? Encantaram-me exatamente as suas qualidades, como o senhor diz. Mas tudo tem seu limite, mesmo as qualidades; e se ele, de repente, frente a frente comigo, tem a audácia de assegurar que no ano de 1812, ainda criança pequena, na infância, ele perdeu a perna esquerda e enterrou-a no cemitério de Vagánkovo, em Moscou, isso já ultrapassa todos os limites, manifesta um desrespeito, demonstra desfaçatez...

— Talvez fosse só uma brincadeira, pretexto para uma alegre risada.

— Eu entendo, meu senhor. Uma mentira inocente para uma alegre risada; mesmo quando grosseira, nem por isso chega a ofender o coração humano. Se o senhor quer assim, há aqueles que mentem só por amizade,

para proporcionar prazer a seu interlocutor; porém, quando transparece o desrespeito, quando exatamente, talvez, com semelhante desrespeito, querem mostrar que estão fartos de nós, então, ao homem honrado, só resta dar as costas e romper a ligação, depois de mostrar para o autor da ofensa qual é o seu verdadeiro lugar.

O general chegou a enrubescer, enquanto falava.

— Sim, Liébediev não poderia estar em Moscou em 1812; ele é jovem demais para isso; é até ridículo.

— Em primeiro lugar, é isso; mas vamos admitir que ele pudesse já ter nascido, naquela altura; no entanto, como é possível acreditar que um soldado francês, dos caçadores, apontou o canhão para ele e arrancou sua perna por mera diversão; que ele, depois, pegou a perna, levou-a para casa e enterrou-a no cemitério de Vagánkovo e mandou erguer em cima dela um monumento fúnebre, com a inscrição, de um lado, “Aqui está sepultada a perna do secretário colegiado Liébediev”, e do outro: “Repousem em paz, cinzas queridas, até a manhã radiante”, e que, por fim, ele manda rezar, todo ano, uma missa fúnebre por aquela perna (o que já é um sacrilégio) e que, com esse fim, viaja todo ano até Moscou? Chegou a me convidar para ir com ele a Moscou a fim de me mostrar o túmulo e até aquele mesmo canhão francês, que está no Kremlin, entre as armas tomadas do invasor; ele garante que é o décimo primeiro canhão, depois do portão, um *falconet*¹⁷⁶ francês, de modelo antigo.

— E ainda por cima, afinal de contas, ele tem as duas pernas inteiras, bem visíveis! — riu o príncipe. — Garanto ao senhor que se trata de uma brincadeira inocente; não se irrite.

— Mas permita que eu também entenda a questão à minha maneira, meu senhor; quanto à perna que está bem visível, nesse ponto, também, podemos

admitir que a história dele não é de todo implausível: ele garante que é uma perna de Tchernosvítov...¹⁷⁷

— Ah, sim, dizem que é até possível dançar com uma perna de Tchernosvítov.

— Eu sei perfeitamente, meu senhor; o Tchernosvítov, assim que inventou a sua perna, a primeira coisa que fez foi me mostrar. Só que a perna de Tchernosvítov foi inventada muito tempo depois... E, além do mais, o Liébediev garante que nem mesmo a sua falecida esposa, ao longo de todo o tempo de seu matrimônio, nunca soube que o marido usava uma perna mecânica. Quando eu apontei a ele todo o absurdo da história, ele disse: “Se você, em 1812, foi o pajem de câmara de Napoleão, permita que eu enterre minha perna no cemitério de Vagánkovo”.

— Mas será possível que o senhor... — começou a dizer o príncipe, e se encabulou.

O general olhou para o príncipe com ar francamente superior, quase zombeteiro.

— Termine o que começou a dizer, príncipe — falou devagar, em tom bem suave. — Termine. Eu sou tolerante, conclua a sua frase: confesse que acha ridícula a simples ideia de estar vendo, na sua frente, uma pessoa em sua humilhação e... em sua inutilidade e, ao mesmo tempo, ouvir que essa pessoa foi testemunha pessoal... de acontecimentos grandiosos. *Ele* ainda não teve oportunidade de... contar mexericos para o senhor?

— Não. O Liébediev não me contou nada... se o senhor está se referindo a Liébediev.

— Hum, eu supunha o contrário. Por falar nisso, aquela nossa conversa de ontem girou em torno daquele... artigo estranho na revista *Arquivo*. Eu apontei seu absurdo e disse que, como eu mesmo fui testemunha pessoal... O senhor está sorrindo, príncipe, está examinando o meu rosto?

— N-não, eu...

— Eu sou jovem na aparência — o general esticava muito as palavras —, mas, na realidade, sou bem mais velho do que pareço. Em 1812, eu tinha dez anos de idade, ou onze. Eu mesmo não sei dizer minha idade exata. Na certidão, a idade foi reduzida; eu tive a fraqueza de diminuir a minha idade no decorrer da vida.

— Eu garanto ao senhor, general, que eu não acho nem um pouco estranho que, em 1812, o senhor estivesse em Moscou e... claro, o senhor pode ter histórias para contar... como todos que estiveram lá. Um de nossos autobiógrafos começa o seu livro dizendo, exatamente, que em 1812, em Moscou, ele era um bebê e que os soldados franceses lhe deram pão para comer.¹⁷⁸

— Está vendo? — ratificou o general, em tom indulgente. — O meu caso, claro, escapa ao trivial, mas não encerra, em si, nada de extraordinário. É muito frequente que a verdade pareça algo impossível. Pajem de câmara! É estranho de ouvir, claro. Mas a aventura de uma criança de dez anos talvez se explique justamente pela sua idade. Aos quinze anos, aquilo já não aconteceria, e com certeza é exatamente esse o caso, pois aos quinze eu não fugiria da nossa casa de madeira, em Stáraia Básmanaia, no dia em que Napoleão entrou em Moscou, eu não deixaria a minha mãe, que demorou demais para sair de Moscou e tremia de medo. Aos quinze, eu também teria medo, mas aos dez, nada me assustava e eu abri caminho no meio da multidão até a porta do palácio, quando Napoleão desmontou do cavalo.

— Sem dúvida, o senhor observou muito bem que exatamente aos dez anos é que é possível não ter medo... — aprovou o príncipe, tímido e aflito com o pensamento de que tinha ficado vermelho.

— Sem dúvida, e tudo se passou de forma tão simples e natural como só é possível ocorrer na realidade; se um romancista tratar desse assunto, vai logo derramar muitas coisas irrealis e implausíveis.

— Ah, é isso mesmo! — gritou o príncipe. — Essa ideia também a mim impressionou, inclusive faz bem pouco tempo. Eu sei de um caso verídico de assassinato cometido por causa de um relógio, está agora nos jornais. Se isso fosse invenção de alguém imaginativo, as pessoas que conhecem a vida do povo e os críticos teriam logo feito alarde, diriam que é inverossímil; mas, quando lemos tal fato nos jornais, sentimos que são justamente a partir de fatos assim que se compreende a realidade russa. O senhor observou muito bem, general! — concluiu o príncipe, com veemência, muito contente de poder, assim, dissimular o evidente rubor em seu rosto.

— Não é verdade, não é verdade? — exclamou o general, e seus olhos chegaram a brilhar de contentamento. — Um menino, uma criança, não compreende o perigo, abre caminho no meio da multidão para ver o esplendor, os uniformes, a comitiva, a figura importante, sobre a qual tanto alarde fizeram, diante dele. Pois naquele tempo, durante anos a fio, todos só falavam dele. Aquele nome enchia o mundo; eu, por assim dizer, o absorvi junto com o leite materno. Napoleão, quando passou, a dois passos de mim, reparou, por acaso, no meu olhar; eu estava em roupas de criança da nobreza, sempre me vestiam muito bem. Sozinho e vestido assim no meio daquela multidão, o senhor há de convir...

— Sem dúvida, isso deve ter causado forte impressão e mostrado para ele que nem todos tinham ido embora da cidade e que ainda restavam alguns nobres e seus filhos.

— Exatamente, exatamente! Ele queria atrair os boiardos!¹⁷⁹ Quando Napoleão atirou sobre mim seu olhar de águia, meus olhos devem ter brilhado, em resposta a ele. “*Voilà un garçon bien éveillé! Qui est ton*

père?”.¹⁸⁰ E eu logo respondi, quase sem fôlego de tanta emoção: “Um general que morreu lutando por sua pátria”. “*Le fils d’un boyard et d’un brave par-dessus le marché! J’aime les boyards. M’aimes-tu, petit?*”¹⁸¹ Àquela rápida pergunta, eu dei também uma resposta rápida: “O coração russo é capaz de reconhecer um grande homem mesmo num inimigo de sua pátria!”. Ou melhor, a rigor, eu não lembro se me exprimi literalmente assim... Eu era uma criança... mas o significado por certo foi esse! Napoleão ficou impressionado, refletiu um pouco e disse para a sua comitiva: “Eu adoro o orgulho dessa criança! Mas, se todos os russos pensam como esse menino, então...”. Não concluiu a frase e entrou no palácio. Eu logo me misturei com a comitiva e corri atrás dele. Na comitiva, já abriam passagem para mim e me encaravam como um favorito. Porém tudo aquilo se passou muito rápido... Lembro apenas que, ao entrar no primeiro salão, o imperador se deteve, de repente, diante do retrato da imperatriz Catarina, olhou demoradamente, com ar pensativo e, enfim, declarou: “Foi uma grande mulher!”. E seguiu adiante. Dois dias depois, todos no palácio e no Kremlin já me conheciam e me chamavam de “*le petit boyard*”. Eu só saía de lá para ir dormir em casa. Na minha casa, as pessoas quase ficaram loucas. Passaram-se mais dois dias e morreu o pajem de câmara de Napoleão, o barão Bazancour, que não suportou os rigores da campanha. Napoleão lembrou-se de mim; foram me chamar, me levaram sem explicar do que se tratava, vestiram-me com o uniforme do falecido, um menino de uns doze anos e, quando me conduziram, já uniformizado, à presença do imperador e ele acenou com a cabeça para mim, me anunciaram que eu obtivera a honra de ser nomeado pajem de câmara de sua majestade. Fiquei contente, de fato, eu sentia por ele, e já havia certo tempo, uma ardente simpatia... Pois é, além disso, o senhor há de convir que, para uma criança, um uniforme radiante significa muito mais... Eu

estava num fraque verde-escuro, com abas compridas e estreitas; botões dourados, debruns vermelhos nas mangas, com bordados em ouro, gola alta, rígida, aberta e bordada em ouro, e com bordados nas abas; calças brancas bem justas, colete branco de seda, meias de seda, sapatos com fivelas... e, na hora do passeio do imperador a cavalo, caso eu fizesse parte da comitiva, eu usava botas de montaria, de cano alto. Embora a situação não fosse muito boa e já se pressentissem desgraças enormes, observava-se a etiqueta, na medida do possível e até de modo tanto mais rigoroso quanto mais forte o pressentimento daquelas desgraças.

— Sim, é claro... — murmurou o príncipe, com ar quase desconcertado. — Se o senhor escrevesse suas memórias, elas seriam... extremamente interessantes.

O general, é claro, estava repetindo o que Liébediev havia lhe contado na véspera, e repetia, portanto, de modo fluente; porém, mais uma vez, olhou de esguelha para o príncipe, com desconfiança.

— As minhas memórias? — pronunciou com orgulho redobrado. — Escrever as minhas memórias? Tal ideia não me seduziu, príncipe! Se o senhor quiser, as minhas memórias já estão escritas, mas... repousam sobre a minha mesa de trabalho. Pois bem, quando cobrirem meus olhos de terra, que as minhas memórias, então, venham à tona; e, sem dúvida, serão traduzidas em outras línguas, não por seus méritos literários, não, mas pela relevância dos fatos grandiosos dos quais eu fui testemunha ocular, embora na condição de criança; porém, assim foi ainda melhor: como criança, eu penetrei nos aposentos mais íntimos, por assim dizer, de um “grande homem”! À noite, eu ouvi os gemidos daquele “grande e infeliz”, ele não podia envergonhar-se de gemer e chorar diante de um menino, embora eu já compreendesse que a causa do seu sofrimento era o silêncio do imperador Alexandre.

— Sim, afinal, ele redigiu cartas... com propostas de paz... — concordou o príncipe, timidamente.

— Nós desconhecemos, propriamente, em que termos exatos ele redigiu suas propostas, mas escrevia todos os dias, todas as horas, carta atrás de carta! Ficou tremendamente abalado. Certa noite, sozinho, eu me atirei sobre ele, coberto em lágrimas (ah, eu o amava!): “Peça perdão, peça perdão ao imperador Alexandre!”, gritei para ele. Ou seja, eu deveria ter me expressado assim: “Faça as pazes com o imperador Alexandre”, mas, como criança, eu exprimia meu pensamento sempre de forma ingênua. “Ah, minha criança”, respondeu ele, enquanto andava para um lado e para outro, no quarto, “ah, minha criança!”. Naquele momento, ele parecia não notar que eu tinha dez anos de idade e até gostava de conversar comigo. “Ah, minha criança, eu estou disposto a beijar os pés do imperador Alexandre, mas, por outro lado, ao rei da Prússia, ao imperador da Áustria, ah, a esses, o meu ódio eterno e... enfim... você nada entende de política!” De repente, ele pareceu recordar com quem estava falando, e calou-se, mas seus olhos, ainda, por muito tempo, soltaram faíscas. Muito bem, se eu narrar todos esses fatos, afinal eu fui testemunha e são fatos grandiosos, se eu os publicar agora, logo todos esses críticos, todas essas vaidades literárias, todas essas invejas, esses partidos e... Não, senhor, agradeço humildemente!

— Quanto aos partidos, claro, o senhor tem razão, e eu concordo com o senhor — respondeu o príncipe, em voz baixa, depois de um pingo de silêncio. — Sabe, também há muito tempo, eu li um livro de Charras¹⁸² sobre a campanha de Waterloo. É um livro sério, obviamente, e os especialistas garantem que foi escrito com extraordinário conhecimento de causa. Mas, em cada página, transparece a alegria com a humilhação de Napoleão e, se fosse possível negar todo sinal de talento em Napoleão

também em outras campanhas, parece que Charras ficaria muito contente; e isso já não fica bem, numa obra tão séria, porque isso é o espírito de partido. O senhor esteve muito atarefado, na ocasião, a serviço do... imperador?

O general ficou entusiasmado. O comentário do príncipe, com sua seriedade e singeleza, dissipou os últimos vestígios da desconfiança do general.

— Charras! Ah, eu mesmo me senti indignado! Na ocasião, cheguei a escrever para ele, mas... eu, na verdade, agora não me lembro... O senhor perguntou se eu fiquei muito atarefado nas minhas funções? Ah, não! Chamavam-me de pajem de câmara, mas, já naquela altura, eu não levava aquilo a sério. De resto, bem cedo, Napoleão perdeu toda esperança de aproximar-se dos russos e, está claro, se esqueceria também de mim, de quem ele se aproximou por razões políticas, se... se ele não me amasse de modo pessoal, eu me atrevo a dizer isso, agora. O coração me atraía para ele. Minhas funções não exigiam muito de mim: era preciso se apresentar no palácio, de vez em quando, e... acompanhar, a cavalo, o imperador em seus passeios, e mais nada. Eu sabia andar bem a cavalo. Ele saía antes do almoço, no cortejo costumavam estar Davout,¹⁸³ eu, o mameluco Roustan...¹⁸⁴

— Constant — interveio o príncipe, de súbito, por algum motivo.

— N-não, o Constant, na época, não estava lá; tinha partido com uma carta... para a imperatriz Joséphine; mas seu lugar era ocupado por dois ordenanças, alguns ulanos poloneses... Pois bem, lá estava toda a comitiva, além dos generais, claro, e os marechais, que Napoleão levava consigo a fim de examinar o terreno, a disposição das tropas, ouvir conselhos... Na maioria das vezes, Davout ia com ele, agora eu me lembro: enorme, corpulento, de muito sangue-frio, de óculos, um olhar estranho. O

imperador costumava trocar ideias com ele. Apreciava suas ideias. Recordo que fazia vários dias que os dois se reuniam; Davout vinha de manhã e à tardinha, muitas vezes chegavam a discutir; no final, Napoleão parecia concordar. Os dois ficavam sozinhos no gabinete, eu era o terceiro, ali, quase não era percebido por deles. De súbito, por acaso, o olhar de Napoleão bate em mim e uma ideia estranha reluz nos seus olhos. “Garoto!”, me diz, de repente. “O que você acha: se eu adotar a religião ortodoxa e libertar os servos, os russos vão me seguir, ou não?” “Nunca!”, gritei, com indignação. Napoleão ficou chocado. “Nos olhos dessa criança, que brilham de patriotismo”, disse ele, “eu vi a opinião de todo o povo russo. Basta, Davout! Tudo isso é fantasia! Exponha seu outro projeto.”

— Sim, mas esse projeto era uma ideia poderosa! — disse o príncipe, visivelmente interessado. — Quer dizer que o senhor atribuiu esse projeto a Davout?

— Pelo menos eles discutiram o assunto juntos. Claro, era uma ideia de Napoleão, uma ideia de águia, mas o outro projeto também era uma ideia... Era o famoso “*conseil du lion*”,¹⁸⁵ como o próprio Napoleão denominou a recomendação de Davout. Consistia em trancar-se no Kremlin junto com todas as tropas, erguer alojamentos, entrincheirar-se em fortificações, posicionar canhões, matar o maior número possível de cavalos e salgar a carne; saquear a maior quantidade possível de pão e se alimentar com isso durante todo o inverno, até a primavera; e então, na primavera, abrir caminho entre os russos. Esse projeto atraía muito Napoleão. Todos os dias, andávamos a cavalo em torno das muralhas do Kremlin, ele apontava onde derrubar, onde construir, onde erguer uma *lunette*, onde erguer um *ravelin*, onde pôr uma fila de *blockhaus*¹⁸⁶ — o olhar, a rapidez, o golpe! Enfim, tudo já estava traçado; Davout insistia que ele desse a ordem definitiva. De novo, estavam só os dois, e eu era o terceiro. De novo, Napoleão caminhava

pelo aposento, de braços cruzados. Eu não conseguia desviar meus olhos dele, meu coração batia com força. “Eu estou indo”, disse Davout. “Aonde?”, perguntou Napoleão. “Salgar os cavalos”, disse Davout. Napoleão teve um sobressalto, o destino estava sendo decidido naquela hora. “Garoto!”, disse para mim. “O que você acha dos nossos planos?” Claro, ele me perguntou como, às vezes, uma pessoa de inteligência colossal, no último instante, decide tirar a sorte, no cara ou coroa. Em vez de olhar para Napoleão, eu me virei para Davout e falei, como num lance de inspiração: “Vá embora daqui voando, general, vá para a sua casa!”. O projeto estava arruinado, Davout deu de ombros e, ao sair, falou num sussurro: “*Bah! Il devient superstitieux!*”.¹⁸⁷ No dia seguinte, foi ordenada a retirada geral.

— Tudo isso é extremamente interessante — declarou o príncipe, muito baixinho —, se é que tudo aconteceu mesmo assim... ou seja, eu quero dizer... — o príncipe tratou logo de se corrigir.

— Ah, príncipe! — exclamou o general, arrebatado com o próprio relato, a tal ponto que talvez já não conseguisse deter-se nem diante da mais clamorosa imprudência. — O senhor disse: “se é que tudo aconteceu mesmo assim!”. Porém aconteceu bem mais, garanto ao senhor que aconteceu muito mais do que isso! Tudo isso são fatos rasteiros, meramente políticos. Mas eu repito ao senhor que fui testemunha das noites de lágrimas e de gemidos daquele grande homem; só que isso ninguém mais viu, senão eu! No final, na verdade, ele já não chorava, não havia lágrimas, apenas gemia, às vezes; mas seu rosto se retraía, como que por trás de trevas. Como se a eternidade, com sua asa escura, já lançasse sua sombra sobre ele. Às vezes, à noite, passávamos longas horas sozinhos, em silêncio. O mameluco Roustan roncava no quarto vizinho; aquele homem tinha um sono pesadíssimo. “Em compensação, ele é fiel a mim e à minha dinastia”,

dizia Napoleão. Certa vez, eu estava sofrendo muito; de repente, ele notou lágrimas nos meus olhos e olhou para mim com ternura: “Você me enche de pena!”, exclamou. “Você, criança, talvez me dê mais pena do que outra criança, o meu filho, *le roi de Rome*;¹⁸⁸ todos os demais, todos me odeiam, meus irmãos serão os primeiros a me vender, na hora da desgraça!” Comecei a chorar e me lancei sobre ele; nesse ponto, ele também não se conteve; nos abraçamos e nossas lágrimas se misturaram. “Escreva, escreva uma carta para a imperatriz Joséphine!”, eu lhe disse, entre soluços. Napoleão estremeceu, refletiu um pouco e me disse: “Você me trouxe à memória o terceiro coração que me ama; obrigado, meu amigo!” Sentou-se e começou a escrever aquela carta para Joséphine, com a qual, no dia seguinte, Constant partiu.

— O senhor agiu muito bem — disse o príncipe. — Em meio a pensamentos ruins, o senhor o conduziu para um bom sentimento.

— Exatamente, príncipe, e como o senhor explica isso de forma bonita, bem de acordo com o seu próprio coração! — gritou o general, comovido, e, estranhamente, lágrimas de verdade brilharam em seus olhos. — Sim, príncipe, sim, foi um tremendo espetáculo! Sabe, por pouco eu não fui com ele para Paris; e, claro, eu teria dividido com ele a “abrasadora ilha do exílio”,¹⁸⁹ mas, que pena! Nossos destinos se dividiram! Tomamos direções diferentes: ele foi para a ilha abrasadora, onde, quem sabe pelo menos uma vez, num momento de mágoa profunda, recordou as lágrimas do pobre menino que o abraçou e que o perdoou, em Moscou; eu fui encaminhado para a escola de cadetes, onde encontrei apenas a disciplina severa, a rudeza dos camaradas e... Ai de mim! Tudo virou pó! “Eu não quero tirá-lo da sua mãe, não vou levá-lo comigo!”, disse-me ele, no dia da retirada. “Mas eu gostaria de fazer algo por você.” Ele já estava montado no cavalo. “Escreva algo no meu álbum para a minha irmã, como recordação”, eu pedi, tímido,

porque ele estava muito abalado e sombrio. Ele virou-se, pediu uma pena, pegou o álbum. “Quantos anos tem a sua irmã?”, perguntou, já com a pena na mão. “Três anos”, respondi. “*Petite fille alors*”.¹⁹⁰ E escreveu no álbum: “*Ne mentez jamais! Napoléon, votre ami sincère*”.¹⁹¹ Um conselho assim, numa hora como aquela, puxa, o senhor há de convir, príncipe!

— Sim, é mesmo digno de nota.

— A minha irmã manteve, a vida toda, aquela folha de papel pendurada na parede da sala, numa moldura dourada, por trás de um vidro, num lugar bem visível, até a sua morte... Morreu no parto; onde o papel está, não sei... mas... ah, meu Deus! Já são duas horas! Como eu retive o senhor, príncipe! É imperdoável.

O general se levantou da cadeira.

— Ah, ao contrário! — balbuciou o príncipe. — O senhor me deixou tão interessado e... enfim... é tudo muito interessante; eu sou muito grato ao senhor!

— Príncipe! — disse o general, mais uma vez, apertando sua mão até doer e fitando o príncipe fixamente, com olhos radiantes, como se, de súbito, ele tivesse recordado algo, pasmo sob o efeito de uma ideia um tanto repentina. — Príncipe! O senhor é tão bondoso, é tão inocente que, às vezes, eu chego a ter pena do senhor. Eu olho para o senhor com ternura; ah, que Deus o abençoe! Que a sua vida comece e floresça... no amor. A minha já está encerrada! Ah, perdoe, perdoe!

Foi embora depressa, o rosto coberto pelas mãos. O príncipe não conseguia duvidar da sinceridade daquela emoção. Entendeu também que o velho foi embora arrebatado com o próprio sucesso; mas pressentia, apesar de tudo, que ele pertencia àquela classe de mentirosos que, embora mintam até a volúpia, até a abnegação, no auge do arrebatamento, no entanto, desconfiam de si mesmos, creem que os ouvintes não estão acreditando

neles, que nem mesmo podem acreditar. Na condição em que se encontrava, o velho ainda era capaz de se dar conta do que se passava, de sentir-se envergonhado além de todas as medidas, de desconfiar que o príncipe tivesse, por ele, uma compaixão exagerada e, por isso, sentir-se insultado. “Será que eu não piorei as coisas, ao levá-lo a tal estado de exaltação?”, perturbou-se o príncipe e, de repente, não se conteve e desatou a rir tremendamente, durante uns dez minutos. Pensou em censurar a si mesmo, por causa daquele riso; mas, então, compreendeu que não havia o que censurar, porque sentia uma pena infinita do general.

Seus pressentimentos se tornaram realidade. À noite, recebeu um bilhete estranho, breve, mas firme. O general informava que estava se despedindo também dele, para sempre; dizia que o respeitava e lhe agradecia, mas que nem dele aceitaria “os sinais de compaixão que rebaixam a dignidade, sem a qual a vida já é bastante infeliz”. Quando o príncipe soube que o velho se isolara na casa de Nina Aleksándrovna, quase se tranquilizou. Porém nós já vimos que o general havia promovido algumas desgraças também na casa de Lizavieta Prokófievna. Não podemos, aqui, dar informações mais detalhadas, mas observemos, de forma sucinta, que a essência do encontro consistiu em que o general deixou Lizavieta Prokófievna assustada e, com insinuações amargas contra Gânia, levou-a à indignação. Foi expulso da casa de forma desonrosa. Eis o motivo por que ele passou a noite e a manhã naquele estado, descontrolou-se de uma vez por todas e saiu correndo para a rua, à beira da loucura.

Kólia continuava sem compreender a questão em seu todo e até nutria a esperança de recorrer à severidade com relação a seu pai.

— Muito bem, e agora, onde é que nós vamos nos meter, general? — disse ele. — O senhor não quer encontrar o príncipe, brigou com Liébediev,

o senhor não tem dinheiro, e eu também nunca tenho mesmo: pronto, aqui estamos nós, ao deus-dará, no meio da rua.

— Melhor ao deus-dará do que nas garras do diabo — murmurou o general. — Com esse jogo de palavras... eu fiz grande sucesso... entre os oficiais... em quarenta e quatro... no ano de mil... oitocentos... e quarenta e quatro, sim!... Não lembro... Ah, não me faça lembrar, não me faça lembrar! “Onde está a minha mocidade, onde está o meu frescor!” Como gritava... Quem gritava isso, Kólia?

— Está num livro do Gógol, *Almas mortas*, papai — respondeu Kólia e, com medo, olhou para o pai com o canto dos olhos.

— Almas mortas! Ah, sim, mortas! Quando me enterrarem, escrevam na sepultura: “Aqui jaz uma alma morta!”... A infâmia me persegue!... Quem foi que disse isso, Kólia?

— Não sei, papai.

— Eropiegov não existiu! O Erochka Eropiegov!... — gritou espantado, parando no meio da rua. — E isso foi dito pelo meu filho, meu próprio filho! Eropiegov, o homem que, durante onze meses, serviu de irmão para mim, pelo qual, num duelo, eu... O príncipe Vigoriétski, o nosso capitão, disse para ele, diante de uma garrafa: “Gricha, onde foi que você ganhou a sua Anna,¹⁹² me diga!” “Nos campos de batalha da minha pátria, foi lá que eu ganhei!” Eu gritei: “Bravo, Gricha!”. Pois bem, e isso acabou num duelo, e depois ele casou com... Mária Petrovna Su... Sutúguina, e foi morto no campo de batalha... A bala ricocheteou na cruz que eu levava no peito e voou direto na testa dele. “Nunca vou esquecer!”, ele gritou, e tombou ali mesmo. Eu... eu servi com lealdade, Kólia; eu servi com nobreza, mas a infâmia... “a infâmia me persegue!”. Você e a Nina irão ao meu túmulo... “Pobre Nina!” Era assim que eu a chamava, antigamente, Kólia, muito tempo atrás, ainda nos primeiros anos, e ela gostava tanto...

Nina, Nina! O que foi que eu fiz com a sua felicidade? Como você pode me amar, alma resignada? A sua mãe tem a alma de um anjo, Kólia. Está ouvindo? De um anjo!

— Isso eu sei, papai. Mas, papai, querido, vamos voltar para casa, para a mamãe! Ela anda à nossa procura! Puxa, por que o senhor parou aqui? Parece que não está compreendendo... Ora essa, por que está chorando?

O próprio Kólia chorava, também, e beijava as mãos do pai.

— Você está beijando as minhas mãos, as minhas mãos!

— Sim, as suas, as suas! O que isso tem de mais? Por que fica gemendo alto desse jeito, no meio da rua? E ainda quer ser chamado de general, de militar, ora, vamos, vamos!

— Que Deus abençoe você, doce menino, por ter sido tão respeitoso com uma criatura infame... Sim! Um velho infame, o seu pai... Tomara que você tenha um filho semelhante a você... *le roi de Rome*... Ah. “Maldição, maldição sobre essa casa!”

— Mas, na verdade, afinal, o que é que está acontecendo, aqui? — Kólia explodiu, de repente. — O que foi que aconteceu? Por que o senhor não quer voltar para casa agora? Por que o senhor ficou enlouquecido desse jeito?

— Eu vou explicar, vou explicar para você... eu vou contar tudo; não grite, escute... *le roi de Rome*... Ah, que desgosto, que tristeza! “Babá, onde está o teu túmulo?”¹⁹³ Quem foi que gritou isso, Kólia?

— Não sei, não sei quem foi! Agora, vamos para casa, já! Eu vou dar uma surra no Ganka, se for preciso... Para onde é que o senhor está indo, agora?

Mas o general o arrastou para a entrada de uma casa próxima.

— Aonde está indo? É uma casa alheia!

O general sentou-se na varanda e não parava de puxar Kólia para si, pelo braço.

— Abaixе, aqui, abaixе! — murmurou. — Eu vou lhe contar tudo... a infâmia... abaixе... no pé do ouvido, no pé do ouvido; eu vou cantar bem baixinho...

— O que é que o senhor tem? — Kólia ficou apavorado, mas, ainda assim, inclinou o ouvido para ele.

— *Le roi de Rome*... — sussurrou o general, que também parecia tremer todo.

— O que foi?... O que o senhor tem a ver com *le roi de Rome*?... O quê?

— Eu... eu... — começou a sussurrar o general, novamente, enquanto segurava, cada vez com mais força, o ombro do “meu menino”. — Eu... quero... para você... tudo, Mária, Mária... Petrovna Su-Su-Su...

Kólia desvencilhou-se, agarrou o general pelos ombros e olhou para ele como se olha para um louco. O velho estava muito vermelho, seus lábios se tornaram azuis, pequenos espasmos percorriam seu rosto. De repente, ele se curvou e começou a bater de leve na mão de Kólia.

— É um ataque! — gritou Kólia para a rua inteira, dando-se conta, enfim, do que se tratava.

V

Para dizer a verdade, em sua conversa com o irmão, Varvara Ardaliónovna exagerou um pouco nos detalhes de suas informações acerca do noivado do príncipe com Aglaia Epantchina. Como era mulher perspicaz, pode ser que ela previsse o que havia de ocorrer no futuro próximo; talvez, amargurada de ver seus sonhos desfeitos em fumaça (sonhos em que, para dizer a verdade, ela mesma não acreditava), ela, como ser humano, não podia se furtar ao prazer de exagerar as desgraças e derramar ainda mais veneno no coração do irmão, o qual, de resto, ela amava com sinceridade e compaixão. Em todo caso, porém, Varvara Ardaliónovna não poderia receber das amigas Epantchina informações tão precisas; havia apenas alusões, expressões incompletas, reticências e enigmas. Talvez as irmãs de Aglaia deixassem escapar certas coisas justamente com a intenção de descobrir algo por intermédio de Varvara Ardaliónovna; e também, por fim, talvez elas não quisessem negar a si mesmas o prazer feminino de provocar um pouco a amiga, ainda que fosse uma amiga de infância: as irmãs não podiam deixar de perceber, depois de tanto tempo, pelo menos uma pontinha das intenções de Vária.

De outro lado, o príncipe, embora tivesse toda razão ao garantir a Liébediev que não podia lhe comunicar nada e que nada de particular havia ocorrido com ele próprio, talvez também estivesse enganado. De fato, com

todos, parecia se passar algo muito estranho: nada havia acontecido e, ao mesmo tempo, parecia ter ocorrido muita coisa. Foi o que Varvara Ardalióvna adivinhou, com seu infalível instinto feminino.

Entretanto, como foi que calhou de todas as Epantchina, de repente e a um só tempo, abraçarem a ideia de que algo capital havia ocorrido com Aglaia e de que seu destino estava prestes a se decidir, é algo muito difícil de expor, pela ordem. Porém, tão logo aquela ideia se acendeu em todas a um só tempo, bem depressa todas elas, também a um só tempo, passaram a crer que haviam percebido aquilo desde muito tempo e que tinham previsto tudo com clareza; convenceram-se de que tudo já estava bem claro desde o tempo do “pobre cavaleiro”, e mesmo antes, só que, na ocasião, elas não quiseram acreditar em tamanho absurdo. Pelo menos, era o que as irmãs afirmavam; claro, Lizavieta Prokófievna, também, antes de todos, já havia descoberto e previsto tudo e, fazia muito tempo, seu “coração já doía”; entretanto — fosse algo antigo ou recente —, agora, de súbito, a mera lembrança do príncipe se tornara demasiado antipática para ela, particularmente porque a deixava desconcertada. Nesse ponto, apresentava-se uma questão que precisava ser resolvida sem demora: só que era impossível resolvê-la e a pobre Lizavieta Prokófievna, por mais que tentasse, não conseguia formular a questão para si mesma com toda a clareza. Era um problema difícil: “O príncipe era bom ou não? Tudo aquilo era bom ou ruim? Se era ruim (e disso não havia dúvida), o que exatamente havia de ruim? E se era bom (o que também era possível), quem sabe, então, de novo, o que exatamente havia de bom?”. O próprio pai da família, Ivan Fiódorovitch, é claro, antes de tudo, ficou admirado, porém depois, de repente, fez a confissão de que, afinal, “eu juro, todo esse tempo, eu também vislumbrava algo desse tipo, parecia que não estava vendo, mas, de repente, também percebia!”. E então ele se calou, ao sentir sobre si o olhar

severo da esposa, mas calou-se de manhã, pois à noite, a sós com a esposa, ele foi obrigado, de novo, a falar, de modo repentino, e, com uma espécie de audácia especial, exprimiu algumas ideias inesperadas: “Pois, no fundo, o que é...?”. (Silêncio.) “Claro, tudo isso é muito estranho, se for mesmo verdade, e isso ele não discute, mas...” (Silêncio, de novo.) “Por outro lado, se encararmos as coisas com firmeza, o príncipe, afinal, eu juro, é um sujeito maravilhosíssimo, e... e... Bem, enfim, o nome, o nome da nossa família, tudo isso terá a aparência, por assim dizer, de querer levantar o nome da família, que se encontra rebaixado, aos olhos da sociedade, ou seja, encarando desse ponto de vista, ou seja, porque... claro, há a sociedade; a sociedade é a sociedade; mas, apesar de tudo, o príncipe não é uma pessoa sem posses, ainda que sejam só algumas coisas. Ele tem... e... e... e...” (Um silêncio prolongado e uma lacuna inequívoca.) Depois de ouvir o discurso do marido, Lizavieta Prokófievna não se conteve mais.

Na sua opinião, tudo o que havia ocorrido era “um absurdo imperdoável e até criminoso, uma cena fantasiosa, tola, disparatada!”. Em primeiro lugar, “esse príncipezinho é um grande idiota; em segundo lugar, é um bobo que não conhece a sociedade e que não tem lugar na sociedade. A quem pode ser apresentado, aonde pode ser levado? Um inadmissível democrata qualquer, não tem um títulozinho sequer, e... e... o que dirá a Bielokónskaia? Era um marido assim, desse tipo, que nós imaginávamos e almejávamos para Aglaia?”. Este último argumento era o principal, sem dúvida. Diante de tal ideia, o coração da mãe tremia, derramava sangue e lágrimas; no entanto, ao mesmo tempo, dentro do seu coração, algo se agitou e, de súbito, falou para ela: “Mas o que há nesse príncipe que não convém à senhora?”. Pois bem, eram aquelas objeções do próprio coração que mais perturbavam Lizavieta Prokófievna.

Por algum motivo, a ideia do casamento do príncipe agradava às irmãs de Aglaia; e aquilo nem parecia muito estranho; em suma, de repente, elas podiam até se pôr inteiramente do lado dele. Mas ambas decidiram manter silêncio. Na família, já haviam observado muitas vezes que, quanto mais obstinadas e insistentes eram as recusas e as objeções de Lizavieta Prokófievna acerca de alguma opinião polêmica num assunto de interesse geral da família, tanto mais claramente aquilo assinalava, para todos, que ela já podia estar até de acordo com aquela opinião. Entretanto, para Aleksandra Ivánovna, era impossível manter-se de todo calada. Como já fazia tempo que a mãe a havia tomado como sua conselheira, Lizavieta Prokófievna, agora, a todo instante a chamava para cobrar sua opinião e, acima de tudo, suas memórias; ou seja: “Mas como foi que isso aconteceu? Por que foi que ninguém viu isso? Por que não falaram, nada, na hora? O que significava, então, aquele abominável ‘pobre cavaleiro’? Por que só eu, Lizavieta Prokófievna, estou condenada a me preocupar com todos os outros, a sempre observar e tentar prever as conseqüências, enquanto todos os outros ficam à toa, com a cabeça nas nuvens?” Etc. etc. Aleksandra Ivánovna, de início, mostrou-se cautelosa e apenas comentou que achava bastante pertinente a ideia do pai, de que, aos olhos da sociedade, a escolha do príncipe Míchkin como marido de uma das jovens Epantchina podia parecer muito satisfatória. Entusiasmando-se pouco a pouco, ela chegou a acrescentar que o príncipe nada tinha de “bobinho” e que nunca fora tal coisa e, quanto à sua importância, enfim, só Deus podia saber em que haveria de consistir, dali a alguns anos, a importância de um homem distinto, na Rússia: residiria nos antigos êxitos de praxe no serviço público ou em alguma outra coisa? A respeito de tudo aquilo, a mãe, sem demora, sentenciou que Aleksandra era “uma livre pensadora e que tudo aquilo estava ligado à maldita questão feminina”. Meia hora depois, foram à

cidade e, de lá, à ilha Kámenni¹⁹⁴ a fim de fazer uma visita à Bielokónskaia, que, como se fosse de propósito, encontrava-se em Petersburgo naquela ocasião, mas que logo, também, iria embora. Bielokónskaia era a madrinha de Aglaia.

A “velha” Bielokónskaia escutou com atenção todas as confissões febris e desesperadas de Lizavieta Prokófievna e não se comoveu nem um pouco com as lágrimas daquela mãe desnorteada, chegou mesmo a olhar para ela com ar zombeteiro. Tratava-se de uma déspota terrível; numa amizade, mesmo a mais antiga, ela não conseguia tolerar a igualdade e encarava Lizavieta Prokófievna, abertamente, como sua protegida, tal como já fazia trinta anos antes, e não conseguia, de forma nenhuma, conformar-se com a independência e com o ímpeto do seu caráter. De passagem, ela observou que, “ao que parece, todos eles, como é seu eterno costume, se lançaram a exageros e transformaram uma mosca num elefante” e, quanto mais ela escutava, menos se persuadia de que algo de fato grave havia ocorrido; pensava que era melhor esperar um pouco mais e ver no que aquilo ia dar, e pensava que o príncipe, na sua opinião, era um jovem distinto, embora doente, estranho e sem nenhuma importância na sociedade. “O pior de tudo é que ele mantém, publicamente, relações com uma amante.” Lizavieta Prokófievna compreendeu com clareza que Bielokónskaia estava um pouco aborrecida com o insucesso de Evguiêni Pávlovitch, o qual ela havia recomendado. Lizavieta Prokófievna voltou para Pávlovsk ainda mais irritada do que antes e logo descarregou sua raiva em todos, sobretudo porque “vocês ficaram malucos”, porque na casa de absolutamente ninguém as coisas eram tratadas daquela forma, só na deles. “Por que tanta afobação? O que foi que aconteceu? Por mais que eu examine o caso, não consigo, de jeito nenhum, concluir que alguma coisa tenha de fato acontecido! Esperem um pouco mais, até algo acontecer mesmo! Pouco

importa o que se passa na cabeça do Ivan Fiódorovitch; não é por isso que vão transformar uma mosca num elefante, não é?” Etc. etc.

Portanto, ocorreu que era preciso se acalmar, encarar a situação com sangue-frio e esperar. Mas, infelizmente, a tranquilidade não durou nem dez minutos. O primeiro golpe contra o sangue-frio veio das notícias sobre o que se passara durante a ausência da mãe, na ilha Kámenni. (A viagem de Lizavieta Prokófievna se deu na manhã seguinte à visita do príncipe, quando ele chegou após a meia-noite, imaginando que eram só dez horas.) As irmãs responderam de forma bem minuciosa às aflitas indagações da mãe e, em primeiro lugar, disseram que “nada aconteceu durante a sua ausência”, que o príncipe tinha vindo, que Aglaia demorou muito para recebê-lo, só veio depois de meia hora e, assim que surgiu, propôs ao príncipe jogarem xadrez; que o príncipe mal sabia como jogar xadrez e Aglaia logo o derrotou; que ela ficou muito contente e deixou o príncipe envergonhado com a própria incapacidade, zombando dele terrivelmente, a tal ponto que dava pena só de olhar para o príncipe. Depois, Aglaia propôs jogarem cartas, uma partida de burro. Mas, aí, tudo saiu ao contrário: nesse jogo, o príncipe demonstrou a força de um... mestre; jogava com maestria; já Aglaia trapaceava, trocava as cartas, roubava diante dos olhos do príncipe e, mesmo assim, toda vez, ele acabava levando a melhor; cinco vezes seguidas. Aglaia ficou transtornada de fúria, chegou a perder a compostura; disparou contra o príncipe palavras tão mordazes e insolentes que ele até parou de rir e empalideceu muito, quando ela lhe disse, por fim, que “meus pés não vão mais tocar no chão desta sala quando o senhor estiver aqui, e chega a ser uma falta de pudor, da parte do senhor, ter vindo nos visitar tão tarde, quando já passava de meia-noite, *depois de tudo que aconteceu*”. Em seguida, foi embora e bateu a porta com força. O príncipe partiu como se saísse de um velório, apesar de todo o consolo que recebeu das duas irmãs.

De repente, quinze minutos depois, Aglaia desceu correndo para a varanda e com tanta pressa que nem enxugou as lágrimas; descera correndo porque Kólia chegara, trazendo um ouriço. Todas se puseram a observar o ouriço; em face das perguntas das moças, Kólia explicou que o ouriço não era dele, que ele estava em companhia de um colega, outro aluno do colégio, Kóstia Liébediev, que tinha ficado na rua, pois estava com vergonha de entrar com um machado na mão; que eles tinham comprado o machado e o ouriço pouco antes, de um mujique que encontraram no caminho. O mujique estava vendendo o ouriço por cinquenta copeques, mas o machado, foram eles que o persuadiram a vender, porque, afinal, era mesmo um machado muito bom. Nisso, Aglaia começou a insistir ferrenhamente que Kólia lhe vendesse o ouriço, ela chegou a ficar transtornada e até o chamou de “meu querido”. Kólia resistiu por muito tempo, mas acabou cedendo e chamou Kóstia Liébediev, que, de fato, muito constrangido, entrou com um machado. Entretanto, de repente, ficou claro que o ouriço não era deles, absolutamente: pertencia a um terceiro garoto, Petrov, que dera aos dois o dinheiro para comprar, para ele, a *História*, de Schlosser,¹⁹⁵ só que os dois não aguentaram e acabaram comprando o ouriço, e assim, portanto, o ouriço e o machado pertenciam àquele terceiro garoto, para o qual eles, agora, estavam levando aquilo tudo, em lugar da *História*, de Schlosser. Porém Aglaia insistiu tanto que acabaram resolvendo vender o ouriço para ela. Assim que Aglaia recebeu o ouriço, colocou-o num cesto de palha, com a ajuda de Kólia, cobriu-o com um guardanapo e se pôs a pedir a Kólia que partisse já, imediatamente, sem parar em nenhum lugar, a fim de levar o ouriço para o príncipe, como um presente da parte dela, com o pedido de que o aceitasse “em sinal do mais profundo respeito”. Com alegria, Kólia aceitou e deu sua palavra de honra de que ia entregá-lo, mas logo exigiu, a todo custo, uma explicação: “O que significa o ouriço e um presente como

este?”. Aglaia respondeu que não era da conta dele. Kólia retrucou que estava convencido de que aquilo continha alguma alegoria. Aglaia irritou-se, mandou que se calasse, disse que ele não passava de uma criança, e mais nada. Kólia logo objetou que, se ele não respeitasse a mulher que ela era e, acima de tudo, não respeitasse as próprias convicções, rapidamente mostraria para ela que sabia muito bem como responder àqueles insultos. Entretanto, no final das contas, e apesar de tudo, muito animado, Kólia foi levar o ouriço e, com ele, seguiu também Kóstia Liébediev; Aglaia não se conteve e, ao ver que Kólia estava balançando demais o cesto, gritou para ele, da varanda: “Por favor, Kólia, não o deixe cair, meu querido!” — como se não tivesse acabado de brigar com ele. Kólia se deteve e, também como se não tivesse acabado de brigar, gritou em resposta, com enorme presteza: “Não, eu não vou deixar cair, Aglaia Ivánovna. Pode ficar absolutamente tranquila!”. E saiu de novo em desabalada carreira. Depois disso, Aglaia deu uma tremenda gargalhada e foi correndo para seu quarto, muito contente e, depois, o dia inteiro, mostrou-se muito alegre.

Tal notícia deixou Lizavieta Prokófievna perplexa. Parecia não haver motivo. Porém estava claro que era esse seu estado de espírito. Sua inquietação foi despertada com força extraordinária, principalmente pelo ouriço; o que significava o ouriço? Haveria naquilo algum sinal convencional? Algum tipo de subentendido? Que tipo de aviso era aquele? Que forma de telegrama? Além do mais, o pobre Ivan Fiódorovitch, que calhou de estar presente ao interrogatório das filhas, acabou estragando tudo com sua resposta. Na opinião dele, não havia naquilo nenhuma forma de telegrama, o ouriço era “apenas um ouriço e mais nada, a não ser que signifique, além disso, amizade, perdão das ofensas e reconciliação, em suma, tudo não passa de uma travessura, mas, em todo caso, inocente e perdoável”.

Observemos, entre parênteses, que ele deduziu com acerto. O príncipe, ao voltar para casa, ridicularizado e enxotado por Aglaia, ficou sentado meia hora, no mais sombrio desespero, e foi então que Kólia apareceu com o ouriço. Imediatamente, o céu clareou; o príncipe pareceu renascer dos mortos; interrogou Kólia, aferrou-se a cada palavra dele, repetiu as perguntas dez vezes, riu como uma criança e, a todo instante, apertava as mãos dos dois garotos, que riam também e olhavam para ele, radiantes. Concluiu-se, portanto, que Aglaia estava dando seu perdão e que o príncipe podia, mais uma vez, ir à sua casa naquela mesma noite e, para ele, aquilo era não só o principal como era mesmo tudo.

— Como somos ainda crianças, Kólia! E... e... como é bom que sejamos crianças! — exclamou ele, afinal, extasiado.

— Pura e simplesmente, ela está apaixonada pelo senhor, príncipe, é isso e mais nada! — respondeu Kólia, com autoridade e em tom compenetrado.

O príncipe se inflamou, mas, dessa vez, não disse nada. Kólia apenas ria e batia palmas; passado um minuto, também o príncipe desatou a rir e, depois, até a noite, de cinco em cinco minutos, olhava para o relógio para ver se havia passado muito tempo e se ainda faltava muito para o anoitecer.

Mas, no final, o estado de espírito de Lizavieta Prokófievna levou a melhor: ela acabou não aguentando e rendeu-se a um momento de histeria. Apesar de todas as objeções do marido e das filhas, Lizavieta Prokófievna logo mandou chamar Aglaia, a fim de lhe fazer a derradeira pergunta e receber dela uma resposta clara e definitiva. “Para que toda esta história termine de uma vez por todas e eu tire dos ombros este fardo, para eu não ter de pensar mais no assunto! Do contrário”, acrescentou, “eu não vou conseguir sobreviver até a noite!” E foi só então que todos se deram conta da trapalhada em que tinham se metido. Nada conseguiram arrancar de Aglaia, exceto uma fingida surpresa, indignação, risos e zombarias dirigidas

ao príncipe e a todos que lhe faziam perguntas. Lizavieta Prokófievna adoeceu, ficou de cama, de onde só saiu para tomar chá, na hora em que aguardavam a chegada do príncipe. Ela o esperava com ansiedade e, quando ele apareceu, quase teve um ataque histérico.

Mas o próprio príncipe entrou muito tímido, quase tateante, sorria de modo estranho, fitava todo mundo nos olhos, como se a todos estivesse perguntando por que Aglaia, de novo, não estava presente, o que logo o deixou intimidado. Naquela noite, não havia ninguém de fora, só os membros da família. O príncipe Sch. estava em Petersburgo, por causa do problema do tio de Evguiêni Pávlovitch. “Pena que ele não esteja aqui, ele teria algo a dizer”, lamentava Lizavieta Prokófievna, em pensamento. Ivan Fiódorovitch se mantinha sentado, quieto, com ar de grande preocupação; as irmãs estavam sérias e, como que de propósito, mantinham-se caladas. Lizavieta Prokófievna não sabia como dar início à conversa. Por fim, de súbito, começou a dizer improperios contra a estrada de ferro e olhou para o príncipe, com ar de franco desafio.

Infelizmente, Aglaia não aparecia e o príncipe ia sucumbindo. Quase balbuciante e desnortado, tentou expressar a ideia de que seria muito proveitoso fazer reparos na estrada de ferro, mas Adelaida, de repente, desatou a rir e o príncipe, de novo, sentiu-se arrasado. Nesse instante, chegou Aglaia, tranquila, imponente, cumprimentou o príncipe com uma reverência cerimoniosa e, com ar solene, ocupou o lugar mais visível na mesa redonda. Olhou para o príncipe com expressão interrogativa. Todos compreenderam que a solução de todas as dúvidas estava próxima.

— O senhor recebeu o meu ouriço? — perguntou ela com firmeza, quase zangada.

— Recebi — respondeu o príncipe, enrubescendo e gelando por dentro.

— Então explique logo o que o senhor acha disso. É indispensável, para acalmar a mamãe e toda a nossa família.

— Escute, Aglaia... — de repente, o general se inquietou.

— Isto, isto já passou de todos os limites! — de repente, Lizavieta Prokófievna se assustou com alguma coisa.

— Não existe, aqui, nenhum problema de limites, mamãe — retrucou de pronto a filha, com severidade. — Hoje, eu mandei um ouriço para o príncipe e quero saber a opinião dele. E então, príncipe?

— Minha opinião sobre o quê, Aglaia Ivánovna?

— Sobre o ouriço.

— Bem... eu acho, Aglaia Ivánovna, que a senhora quer descobrir como eu recebi... o ouriço... ou, melhor dizendo, como eu encarei... essa remessa... quer dizer, o ouriço... nesse caso, suponho que... em resumo...

Ele engasgou e calou-se.

— Puxa, não falou grande coisa — disse Aglaia, depois de esperar uns cinco segundos. — Está bem, eu aceito deixar o ouriço de lado. Mas ficarei muito contente de poder, afinal, pôr um fim a todos esses mal-entendidos que se acumularam. Afinal, o senhor pode fazer a bondade de me esclarecer, pessoalmente, com sua própria voz, se o senhor quer me pedir em casamento ou não?

— Ah, meu Deus! — exclamou Lizavieta Prokófievna.

O príncipe estremeceu e se retraiu; Ivan Fiódorovitch ficou estupefato; as irmãs franziram o rosto.

— Não minta, príncipe, diga a verdade. Por causa do senhor, estão me assediando com perguntas estranhas; essas perguntas têm algum fundamento? E então?

— Eu não pedi a senhora em casamento, Aglaia Ivánovna — falou o príncipe, animando-se, de repente. — Mas... a senhora mesma sabe como

eu a amo e como acredito na senhora... mesmo agora...

— Eu lhe fiz uma pergunta: o senhor está pedindo a minha mão ou não?

— Estou — respondeu o príncipe, gelando.

Seguiu-se uma intensa agitação geral.

— Isso não se faz deste jeito, meu caro — interveio Ivan Fiódorovitch, muito abalado. — É... é quase impossível, dessa maneira, Glacha...¹⁹⁶ Perdoe, príncipe, perdoe, meu caro!... Lizavieta Prokófievna! — Voltou-se para a esposa, em busca de ajuda. — Seria necessário... examinar melhor...

— Eu recuso, eu recuso! — Lizavieta Prokófievna abanou as mãos no ar.

— *Maman*, permita que eu também fale. Afinal, nesse assunto, eu também tenho alguma importância: um ponto crucial do meu destino vai se resolver. — Aglaia expressou-se exatamente dessa forma. — E eu mesma quero saber, e além do mais estou contente que seja na presença de todos... Permita-me perguntar, príncipe: se o senhor “alimenta tais intenções”, então como, exatamente, pretende garantir a minha felicidade?

— Eu não sei, juro, Aglaia Ivánovna, eu não sei como responder à senhora; no caso... no caso, como vou responder? E... será preciso?

— Parece que o senhor está embaraçado e com falta de ar. Descanse um pouco e renove suas energias. Beba um copo de água; aliás, agora mesmo, vão lhe servir o chá.

— Eu amo a senhora, Aglaia Ivánovna, eu amo muito a senhora; eu amo apenas a senhora e... não brinque, por favor, eu amo a senhora muito.

— Mas, entretanto, isto é o mais importante; nós já não somos crianças e é preciso encarar de forma prática... Agora, faça o favor de nos explicar em que consiste o seu patrimônio.

— Ora, ora, ora, Aglaia. O que há com você? Não é assim, não é assim... — balbuciou Ivan Fiódorovitch, assustado.

— Que vergonha! — rugiu alto Lizavieta Prokófievna.

— Ficou louca! — também rugiu alto Aleksandra.

— O patrimônio... Quer dizer, o dinheiro? — espantou-se o príncipe.

— Exatamente.

— Eu tenho... eu tenho, agora, cento e trinta e cinco mil — murmurou o príncipe, e ruborizou-se.

— Só isso? — admirou-se Aglaia, em voz alta e sem disfarces, à beira de ficar vermelha. — Mas não importa; sobretudo quando se vive de maneira econômica... Tem intenção de trabalhar?

— Eu queria prestar exame para professor particular...

— Muito apropriado; claro, isso vai reforçar os nossos recursos. Já pensou em ser camareiro da corte?

— Camareiro da corte? Eu nunca imaginei isso, mas...

Nesse ponto, as duas irmãs não resistiram mais e desataram a rir. Adelaida já tinha notado, fazia algum tempo, nas feições contraídas do rosto de Aglaia, os sinais de um riso rápido e contido, que ela reprimia com todas as forças. Aglaia tentou olhar para as irmãs com ar ameaçador, no entanto, em alguns segundos, ela mesma não se conteve e explodiu na gargalhada mais louca, beirando a histeria; acabou se levantando de um salto e fugiu da sala às pressas.

— Eu já sabia que era tudo uma brincadeira e mais nada! — gritou Adelaida. — Desde o início, desde o ouriço.

— Não, isto eu não vou admitir, não vou admitir! — exasperou-se Lizavieta Prokófievna, de repente, furiosa, e abalou ligeiro no encalço de Aglaia. Logo depois, as irmãs também correram atrás delas. Na sala, ficaram apenas o príncipe e o pai da família.

— É... é... Pode imaginar algo semelhante, Liev Nikoláitch? — exclamou o general, em tom ríspido, obviamente sem entender, ele mesmo, o que queria dizer. — Não, falando sério, falando sério.

— Eu vejo que Aglaia quer zombar de mim — respondeu o príncipe, com ar triste.

— Espere um pouco, meu caro; eu vou até lá, espere aqui... por que... Mas me explique uma coisa, Liev Nikoláitch, pelo menos você, me explique: como tudo isso aconteceu e o que tudo isso significa, no conjunto, em seu todo, por assim dizer? Você há de convir, meu caro, eu sou o pai, afinal de contas, e eu não estou entendendo nada; então, pelo menos me explique!

— Eu amo Aglaia Ivánovna; ela sabe disso e... faz tempo que sabe, parece.

O general encolheu os ombros.

— Que estranho, que estranho... E você a ama muito?

— Muito.

— Que estranho. Para mim, tudo isso é estranho. Ou seja, tamanha surpresa e tamanho choque... Veja, meu amigo, eu não levo em conta o seu patrimônio (se bem que eu contasse que fosse um pouco maior), mas... para a felicidade da minha filha... enfim... será que você é capaz de assegurar essa... felicidade? E... e... afinal, o que é isso? Da parte dela, é uma brincadeira ou é a sério? Não da sua parte, veja bem, mas da parte dela.

Por trás da porta, irrompeu a voz de Aleksandra Ivánovna: estavam chamando o pai.

— Espere um pouco, meu amigo, espere aqui! Pense bem, eu volto num instante... — disse às pressas, quase assustado, e correu para atender o chamado de Aleksandra.

Encontrou a esposa e a filha abraçadas, derramando lágrimas uma sobre a outra. Eram lágrimas de felicidade, ternura e reconciliação. Aglaia beijava as mãos da mãe, beijava o rosto, os lábios; as duas se estreitavam com fervor, uma nos braços da outra.

— Veja só, olhe só para ela, Ivan Fiódorovitch, agora sim, é a mesma Aglaia de antes! — disse Lizavieta Prokófievna.

Aglaia afastou o rostinho feliz e choroso do peito da mãe, olhou para o pai, riu bem alto, pulou na direção dele, abraçou-o com força e o beijou várias vezes. Depois, mais uma vez, lançou-se nos braços da mãe e, com o rosto já afundado em seu peito para que ninguém o visse, logo começou a chorar de novo. Lizavieta Prokófievna cobriu a cabeça da filha com a ponta do xale.

— Ora essa, puxa vida, o que você está fazendo conosco, depois de tudo isso? Que filha cruel, ora essa! — exclamou, mas já com alegria, como se, de repente, respirasse com mais facilidade.

— Cruel! Sim, eu sou cruel! — confirmou Aglaia, de repente. — Eu sou uma filha má! Mimada! Diga isso, mamãe. Ah, mas ele está aqui. Papai, você está aqui? Escute! — Ela ria, entre lágrimas.

— Minha amiga, minha adorada! — O general, radiante de felicidade, beijou as mãos de Aglaia. (Ela não retirou as mãos.) — Então, você, portanto, ama aquele... jovem?...

— Nã-nã-não! Eu não consigo suportar... o seu... jovem, eu não consigo suportar! — explodiu Aglaia, de repente, e ergueu a cabeça. — E se o senhor, papai, se atrever, mais uma vez... Eu estou falando sério com o senhor, escute bem, estou falando sério!

E, de fato, falava sério: chegou a ficar toda vermelha e os olhos brilharam. O pai teve um choque, assustou-se, mas Lizavieta Prokófievna lhe fez um sinal por trás de Aglaia e ele compreendeu: “Não faça perguntas”.

— Se é assim, meu anjo, então, será como você quiser, fique à vontade, ele está lá esperando, sozinho; não seria o caso de sugerir, sutilmente, que ele vá embora?

O general, por sua vez, piscou o olho para Lizavieta Prokófievna.

— Não, não, isso já não é preciso; ainda mais se for “sutilmente”; vá o senhor mesmo falar com ele; eu irei depois, num instante. Eu quero... pedir desculpas para esse... jovem, porque eu o ofendi.

— E ofendeu bastante — emendou Ivan Fiódorovitch, em tom sério.

— Pensando bem... é melhor que o senhor fique aqui. Eu vou sozinha, primeiro, e o senhor vai logo depois de mim, um segundo depois. Assim é melhor.

Aglaia já havia chegado à porta, mas virou-se, de repente.

— Eu vou rir! Eu vou morrer de rir! — disse ela, com ar triste.

Porém, no mesmo instante, deu meia-volta e correu ao encontro do príncipe.

— Ora, mas o que é isso? O que você acha? — exclamou Ivan Fiódorovitch, afobado.

— Tenho medo até de dizer — respondeu Lizavieta Prokófievna, também afobada. — Mas, para mim, está bem claro.

— Para mim também está claro. Claro como o dia. Ela o ama.

— Não só ama: está apaixonada! — retrucou Aleksandra Ivánovna. — A questão é: por quem?

— Que Deus a abençoe, se este é o seu destino! — Lizavieta Prokófievna fez o sinal da cruz, com devoção.

— Portanto, é o destino — confirmou o general. — E, do destino, ninguém escapa!

E todos seguiram para a sala e, lá, de novo, uma surpresa os aguardava.

Aglaia não apenas não estava dando nenhuma gargalhada, como era seu receio ao se dirigir ao príncipe, como ainda lhe falava quase com timidez:

— Perdoe esta tola, aqui, esta mocinha má e mimada — ela o segurava pela mão — e esteja seguro de que todos nós temos um respeito sem limites

pelo senhor. E se eu tive a audácia de tratar com zombaria a sua bela... a sua bondosa ingenuidade, perdoe-me, como se fosse a travessura de uma criança. Perdoe-me por insistir num absurdo que, é claro, não pode ter nenhuma consequência...

Estas últimas palavras, Aglaia falou com ênfase particular.

O pai, a mãe, as irmãs, todos tinham ido depressa para a sala, a fim de ver e ouvir tudo aquilo, e todos ficaram impressionados com a expressão “um absurdo que não pode ter nenhuma consequência”, e mais ainda com a atitude muito séria de Aglaia, ao falar do tal absurdo. Todos se entreolharam, com ar interrogativo; mas o príncipe parecia não compreender aquelas palavras e estava feliz, no mais alto grau.

— Por que a senhora está falando assim?... — murmurou ele. — Por que a senhora... está pedindo perdão?...

Ele queria até dizer que não era digno de que lhe pedissem perdão. Quem sabe talvez ele tenha percebido o significado das palavras “um absurdo que não pode ter nenhuma consequência”, mas, por ser uma pessoa estranha, pode ser que tenha até se alegrado com aquelas palavras. Sem dúvida, para ele, já constituía uma bênção suprema o simples fato de poder, novamente, frequentar a casa de Aglaia todos os dias, de lhe permitirem conversar com Aglaia, ficar em sua companhia, fazer passeios com ela; talvez, quem sabe, só com isso o príncipe já ficasse satisfeito por toda a vida! (E parece que, no íntimo, era essa mesma satisfação que Lizavieta Prokófievna temia; ela apenas intuía aquilo; temia, no íntimo, muita coisa que não era capaz de expressar.)

É difícil descrever a que ponto o príncipe ficou alegre e animado naquela noite. Estava tão alegre que, só de olhar para ele, os outros já ficavam alegres também — e assim se expressaram, depois, as irmãs de Aglaia. Ele se mostrava muito falante, o que não ocorria com ele desde aquela manhã,

meio ano antes, em que vira os Epantchin pela primeira vez; ao retornar de Petersburgo, era visível que ele se mantinha intencionalmente calado e, pouco tempo antes, na presença de todos, havia declarado ao príncipe Sch. que precisava conter-se e calar-se, pois não tinha o direito de aviltar um pensamento, manifestando-o com sua própria voz. Nessa noite, porém, quase só ele falava, e contou muita coisa; respondia às perguntas com alegria, de modo claro e com detalhes. Entretanto, suas palavras não deixavam transparecer nada semelhante a uma conversa amena. Tudo ali eram pensamentos muito sérios e até, às vezes, bem complexos. O príncipe chegou a expor alguns de seus pontos de vista, algumas de suas próprias observações secretas, a tal ponto que aquilo tudo seria até engraçado, se não fosse “tão bem exposto”, como todos os ouvintes admitiram, mais tarde. O general, embora adorasse conversas sobre assuntos sérios, concluiu, em seu íntimo, a exemplo de Lizavieta Prokófievna, que ali já havia sabedoria em excesso, tanto assim que, ao fim da noite, eles ficaram até um pouco tristes. Entretanto, ao final, o príncipe chegou a contar algumas anedotas engraçadíssimas, das quais ele mesmo era o primeiro a rir e, assim, no final, os outros riam mais do seu riso alegre do que das piadas, propriamente. Quanto a Aglaia, ela quase não falou nada, a noite inteira; em compensação, escutava Liev Nikoláitch sem parar, e pode-se até dizer que o observava mais do que o ouvia.

— Mas como ela ficou olhando! Não desgrudava os olhos; se aferrava a cada palavra; queria segurar uma por uma! — dizia, depois, Lizavieta Prokófievna para o marido. — Mas vá dizer a ela que está amando! Aí, é um deus nos acuda!

— O que fazer? É o destino! — deu de ombros o general e, por muito tempo, ficou repetindo aquelas palavrinhas, tão adoradas por ele. Acrescentemos que, como homem prático, muita coisa lhe desagradava

demais naquela situação toda, principalmente o aspecto obscuro da questão. Mas, por ora, ele resolveu manter-se calado e mirar... nos olhos de Lizavieta Prokófievna.

A alegria da família não durou muito. No dia seguinte, Aglaia discutiu com o príncipe outra vez, e tal situação prosseguiu, ininterrupta, ao longo de todos os dias seguintes. Durante horas a fio, ela fazia do príncipe o objeto do riso geral, transformava-o quase num palhaço. É verdade que, às vezes, os dois passavam uma ou duas horas na casinha de jardim, conversando, mas os outros notaram que, naqueles momentos, o príncipe passava quase todo o tempo lendo jornais, ou algum livro, para Aglaia.

— Sabe — disse-lhe Aglaia, certa vez, interrompendo a leitura de um jornal. — Eu notei que o senhor é muito pouco instruído, não sabe nada direito, quando alguém lhe pergunta um nome, uma data ou o que diz tal tratado. O senhor me dá muita pena.

— Eu disse à senhora que tenho pouco estudo — respondeu o príncipe.

— Sem isso, o que resta para o senhor? Como eu posso respeitar o senhor, sem isso? Continue lendo. Aliás, não precisa, pare de ler.

E de novo, naquela noite, para todos, transpareceu em Aglaia algo de enigmático. O príncipe Sch. regressou. Aglaia se mostrou muito afetuosa com ele, fez muitas perguntas sobre Evguiêni Pávlovitch. (O príncipe Liev Nikoláievitch ainda não havia chegado.) De repente, o príncipe Sch., a partir de certas palavras que escaparam de Lizavieta Prokófievna, permitiu-se insinuar, de certo modo, uma “iminente reviravolta na família”, e que talvez fosse necessário, mais uma vez, adiar o casamento de Adelaida, a fim de que os dois casamentos ocorressem ao mesmo tempo. É impossível descrever a exasperação de Aglaia com “todas essas tolas suposições”; de passagem, ela deixou escapar que “ainda não tinha a intenção de tomar o lugar da amante de ninguém”.

Tais palavras deixaram todos muito impressionados, principalmente seus pais. Lizavieta Prokófievna fez questão de ter uma conversa a sós com o marido, para que ele cobrasse do príncipe uma explicação definitiva acerca de Nastássia Filíppovna.

Ivan Fiódorovitch jurava que tudo aquilo não passava de um “desatino” e provinha dos “pudores” de Aglaia; que se o príncipe Sch. não tivesse falado a respeito do casamento, nada daquilo teria ocorrido, porque a própria Aglaia sabia, e sabia de modo inquestionável, que toda aquela história não passava de uma calúnia, urdida por pessoas ruins, e que Nastássia Filíppovna se casaria com Rogójin; que o príncipe nada tinha a ver com aquilo, muito menos tinha qualquer ligação com ela; e, para dizer toda a verdade, nunca tivera mesmo.

No entanto, o príncipe, apesar de tudo, não se mostrava nem um pouco embaraçado e continuava na maior felicidade. Ah, claro, às vezes ele também percebia algo de sombrio e impaciente nos olhares de Aglaia; porém acreditava mais em outras coisas e a sombra desaparecia por si só. Uma vez convencido, nada era capaz de abalar o príncipe. Talvez já estivesse tranquilo demais; pelo menos, assim parecia aos olhos de Ippolit, que um dia, por acaso, encontrou-o no parque.

— Pois então, não era mesmo verdade quando eu lhe disse, naquele dia, que o senhor estava apaixonado? — começou Ippolit, enquanto se aproximava do príncipe e o detinha. O príncipe estendeu-lhe a mão e cumprimentou-o pela “boa aparência”. O doente parecia, de fato, animado, o que é característico dos tuberculosos.

Ippolit se aproximara do príncipe com o intuito de lhe dizer algo mordaz a respeito de sua aparência feliz, mas logo mudou de ideia e começou a falar de si mesmo. Pôs-se a se queixar, queixou-se muito, por muito tempo e de modo bastante desconexo.

— O senhor não vai acreditar — concluiu — a que ponto eles todos, lá, são irritados, mesquinhos, egoístas, vaidosos, ordinários; o senhor acredita que eles só me aceitaram na condição de que eu morresse o quanto antes? E agora todos estão furiosos porque eu não estou morrendo, mas, ao contrário, estou melhor. Uma comédia! Eu aposto que o senhor não acredita em mim, não é?

O príncipe nem tinha vontade de negar.

— Às vezes, eu até penso em me mudar para a sua casa de novo — acrescentou Ippolit, em tom displicente. — Quer dizer, então, que o senhor não acha que eles sejam capazes de receber em sua casa uma pessoa na condição de que ela morra o mais depressa possível?

— Eu achava que eles tinham convidado o senhor com intenções diferentes.

— Ah-ha! Então o senhor não é tão simplório como eles supõem! Agora não é o momento, senão eu contaria para o senhor uma coisa a respeito do tal de Gánietchka e das esperanças dele. Estão preparando uma armadilha para o senhor, uma armadilha impiedosa, e... chega a dar pena que o senhor seja tão calmo. Mas, é lamentável, o senhor não pode mesmo ser diferente!

— Veja só do que o senhor tem pena! — riu o príncipe. — Pois então, na sua opinião, eu seria mais feliz se fosse mais preocupado?

— É melhor ser infeliz, mas *saber*, do que ser feliz e viver... fazendo papel de bobo. O senhor parece que não acredita nem um pouco que tem inimigos... do lado de lá.

— Suas palavras sobre inimigos são um pouco cínicas, Ippolit. Lamento, mas eu não tenho o direito de responder ao senhor. Quanto ao Gavrila Ardaliónovitch, se o senhor conhece o caso dele, pelo menos em parte, o senhor mesmo há de convir que ele não pode ficar tranquilo, depois de tudo que perdeu. Acho que é melhor encarar as coisas desse ponto de vista. Ele

ainda tem tempo de mudar; ele tem muito para viver, a vida é rica... de resto... de resto... — o príncipe, de repente, se perdeu. — Quanto à armadilha... eu nem mesmo sei do que o senhor está falando; é melhor deixar de lado esta conversa, Ippolit.

— Vamos deixar de lado, sim, por um tempo; além do mais, o senhor não consegue deixar de mostrar nobreza. Pois é, príncipe, para acreditar, o senhor precisa tocar com o dedo e, mesmo assim, acaba não acreditando, ha-ha-ha! E o senhor, agora, me despreza muito, não é?

— Por quê? Porque o senhor sofreu e sofre mais do que nós?

— Não. Porque isso é indigno do meu sofrimento.

— Quem foi capaz de sofrer mais do que os outros, também é digno do seu sofrimento. Quando a Aglaia Ivánovna leu a sua confissão, quis ver o senhor, mas...

— Ela está adiando... ela não pode, eu entendo, eu entendo... — cortou Ippolit, como se tentasse mudar de assunto, o quanto antes. — Aliás, dizem que o senhor mesmo leu para ela todo aquele disparate; foi concebido e escrito num autêntico delírio. Eu não entendo a que ponto alguém pode ser... não digo cruel (para mim, é humilhante), mas sim infantil, vaidoso e vingativo, para me censurar por causa daquela confissão e usá-la como arma contra mim! Não se preocupe, eu não estou falando do senhor...

— Mas eu lamento que o senhor renegue aquela caderneta, Ippolit, ela é sincera e, sabe, mesmo os seus pontos mais ridículos, e eles são muitos — Ippolit fez uma cara muito feia —, foram redimidos pelo sofrimento, porque fazer tais confissões também foi um sofrimento e... quem sabe, um grande ato de coragem. O pensamento que moveu o senhor, sem dúvida nenhuma, tinha um fundamento nobre, a despeito das aparências. Quanto mais o tempo passa, mais claro eu vejo isso, juro ao senhor. Eu não estou

julgando o senhor, estou falando para expressar minha opinião e lamento que, antes, eu tenha me calado...

Ippolit se inflamou. Pela sua cabeça, num lampejo, passou a ideia de que o príncipe estava fingindo e queria pregar-lhe uma peça; mas, depois de observar seu rosto, Ippolit não pôde deixar de crer em sua sinceridade; seu rosto se iluminou.

— E, quem diria, eu vou morrer! — exclamou, e por pouco não acrescentou: uma pessoa como eu! — Imagine como o seu Gánietchka está me irritando; a título de objeção, ele inventou que, talvez, entre as pessoas que ouviram a minha confissão, naquele dia, três ou quatro vão morrer antes de mim! Ora essa! Ele acha que isso é um consolo, ha-ha-ha! Em primeiro lugar, ainda não morreram; e mesmo que essas pessoas morram antes de mim, que consolo haveria nisso? O senhor mesmo há de concordar! Ele me julga tomando a si mesmo como parâmetro; entretanto, ele foi mais longe ainda, agora ele simplesmente me insulta, diz que uma pessoa decente, nesses casos, morre em silêncio e que, em tudo isso, da minha parte, só existe egoísmo! Ora essa! O egoísmo que existe é da parte dele! Que sutileza, ou, melhor dizendo, que brutalidade bovina se revela no egoísmo deles, egoísmo que, apesar de tudo, eles não conseguem enxergar em si mesmos!... Príncipe, o senhor leu alguma coisa sobre a morte de certo Stiepán Gliébov,¹⁹⁷ no século xviii? Ontem eu li, por acaso...

— Que Stiepán Gliébov?

— Foi empalado no reinado de Pedro.

— Ah, meu Deus, eu sei! Ficou quinze horas empalado, no frio gelado, num casaco de pele, e morreu com extraordinária dignidade; pois bem, você leu... e daí?

— Deus dá essas mortes para pessoas assim, mas não para nós! O senhor, quem sabe, acha que eu não sou capaz de morrer como o Gliébov, não é?

— Ah, não, absolutamente — o príncipe se viu embaraçado. — Eu só queria dizer que o senhor... ou seja, não é que o senhor não pode ser igual ao Gliébov, mas... o senhor... seria mais parecido, então...

— Deixe que eu adivinhe: mais parecido com o Ostermann,¹⁹⁸ e não com o Gliébov... Não é o que o senhor quer dizer?

— Que Ostermann? — espantou-se o príncipe.

— Ostermann, o diplomata Ostermann, do reinado de Pedro — balbuciou Ippolit, de repente um pouco desorientado. Seguiu-se certa perplexidade.

— Ah, n-n-não! Eu não quis dizer isso — falou devagar o príncipe, de repente, depois de um breve silêncio. — O senhor, me parece... jamais seria como o Ostermann...

Ippolit fechou a cara.

— No entanto, eis aqui o motivo por que eu estou dizendo isso — emendou o príncipe, de repente, no visível desejo de se corrigir. — É porque as pessoas daquela época (juro ao senhor, isso sempre me impressionou) eram completamente distintas das de hoje, como se fosse uma outra raça, diferente da de hoje em dia, falando sério, como se fosse uma outra espécie... Naquele tempo, as pessoas viviam em torno de uma ideia; agora são mais nervosas, mais cultas, mais sensíveis, de certo modo, vivem em torno de duas ou três ideias ao mesmo tempo... O ser humano de hoje em dia é mais amplo e, eu juro, é isso que o impede de ser tão integrado como era naqueles tempos... Eu... Foi só por isso que eu falei, e não...

— Eu entendo; agora o senhor trata de me consolar, por causa da ingenuidade com que discordou de mim, ha-ha-ha! O senhor é uma verdadeira criança, príncipe! No entanto, observo que o senhor sempre me trata como... como uma xícara de porcelana... Não tem importância, não tem importância, eu não estou aborrecido. Em todo caso, tivemos uma

conversa muito divertida; às vezes, o senhor é mesmo uma verdadeira criança, príncipe. Pois fique sabendo que eu gostaria, talvez, de ser algo diferente de um Ostermann; no caso do Ostermann, não valeria a pena ressuscitar dos mortos... De resto, eu estou vendo que preciso mesmo, o quanto antes, morrer, senão eu mesmo... Deixe-me. Até logo! Muito bem, certo, diga-me o senhor mesmo, então, na sua opinião: qual é o melhor jeito para eu morrer?... Para que tudo saia do modo... mais virtuoso, sabe? Pois bem, me diga!

— Vá embora sem se pôr no nosso caminho e nos perdoe por nossa sorte! — respondeu o príncipe, em voz baixa.

— Ha-ha-ha! Era o que eu também pensava! Eu estava mesmo contando com algo nessa linha! No entanto, o senhor... no entanto, o senhor... Certo, certo! Que gente eloquente! Até logo, até logo!

Varvara Ardaliónovna também informou o irmão, de modo absolutamente fiel, acerca da reunião, à noite, na datcha dos Epantchin, onde Bielokónskaia também era esperada. Iam receber as visitas naquela mesma noite, mas, apesar de tudo, ela falou sobre aquilo de maneira um pouco mais seca do que era de esperar. Na verdade, a reunião foi organizada muito às pressas, e até com certa ansiedade, de todo desnecessária, e justamente porque, naquela família, “faziam tudo diferente dos outros”. Tudo aquilo era atribuído à impaciência de Lizavieta Prokófievna, que “não queria mais ter dúvidas”, e também aos ardentes tremores no coração dos pais acerca da felicidade da filha adorada. Além disso, de fato, logo Bielokónskaia iria partir; e como a proteção dela, na realidade, tinha grande peso na sociedade, e como, também, contavam que ela fosse mostrar-se favorável ao príncipe, os pais consideravam que a “sociedade” receberia o noivo de Aglaia diretamente das mãos da “velha” todo-poderosa e que, portanto, se houvesse no caso algo de estranho, à sombra de tal proteção, aquilo pareceria muito menos estranho. E era nisto que consistia todo o problema, que os pais não eram capazes de resolver sozinhos: “Será que existe, mesmo, algo de estranho, no caso, e em que medida? Ou não há nada de estranho?”. A opinião amigável e sincera de pessoas abalizadas e competentes seria de grande serventia exatamente naquele momento,

quando, graças a Aglaia, nada tinha sido, ainda, resolvido de forma definitiva. Em todo caso, cedo ou tarde, seria preciso introduzir o príncipe à sociedade, da qual, na verdade, ele não tinha a menor noção. Em resumo, tinham o intuito de “apresentá-lo”. Porém queriam que aquela reunião fosse muito simples: esperavam apenas os “amigos da casa”, em número bem reduzido. Além de Bielokónskaia, só contavam com a presença de uma dama, esposa de um importante senhor de terras e alto funcionário. Dos jovens, esperavam, no máximo, Evguiêni Pávlovitch; cabia a ele acompanhar Bielokónskaia.

A respeito da visita de Bielokónskaia, o príncipe soubera, no máximo, três dias antes; sobre a festa solene, ele só soube na véspera. Claro, o príncipe percebeu muito bem o jeito atarefado dos membros da família e até, por algumas conversas insinuantes e preocupadas que travaram com ele, compreendeu que temiam pela impressão que ele poderia causar. Porém os Epantchin, todos eles, sem exceção, formaram a ideia de que o príncipe, por sua simplicidade, não tinha a menor condição de perceber, sozinho, que estavam preocupados a tal ponto com ele. Por isso, quando olhavam para o príncipe, todos se afligiam, no íntimo. De resto, ele não dava, de fato, quase nenhuma importância ao evento iminente; andava ocupado com algo muito distinto: Aglaia, a cada momento, tornava-se mais caprichosa e mais soturna — aquilo o estava matando. Quando o príncipe soube que era esperada, também, a presença de Evguiêni Pávlovitch, alegrou-se bastante e disse que fazia tempo que desejava vê-lo. Por algum motivo, ninguém gostou daquelas palavras; Aglaia retirou-se irritada e só bem mais tarde, depois das onze horas, quando o príncipe já estava indo embora, apareceu para despedir-se e aproveitou a chance para lhe dizer algumas palavras a sós.

— Eu gostaria que, amanhã, o senhor não viesse aqui durante o dia e só viesse à noite, quando já estiverem reunidos esses... convidados. O senhor sabe que vamos ter visitas?

Ela falava com impaciência e muita secura; era a primeira vez que dizia algo a respeito daquela “festa”. Para ela, também, a simples ideia de convidados era quase insuportável; tudo aquilo era bem visível. Talvez Aglaia tivesse uma enorme vontade de brigar com os pais por causa daquele assunto, mas o orgulho e o pudor a impediam. O príncipe logo entendeu que ela também temia por ele (e não queria admitir que temia por ele) e, de repente, ele mesmo ficou assustado.

— Sim, eu fui convidado — respondeu o príncipe.

Era evidente que aquele assunto deixava Aglaia constrangida.

— Será possível falar a sério com o senhor sobre alguma coisa? Pelo menos uma vez na vida! — irritou-se, muito e de repente, sem saber por quê, incapaz de se conter.

— É possível, sim, eu estou escutando a senhora; estou muito contente — balbuciou o príncipe.

Aglaia se manteve em silêncio, um minuto, mais uma vez, e recomeçou, com óbvia repugnância:

— Eu não queria brigar com eles por causa disso; em certos casos, não há como eles entenderem. Sempre detestei as regras que a *maman*, às vezes, adota. Do papai, eu não falo nada, não se pode esperar nada dele. A *maman*, claro, é uma mulher nobre; quem tiver a audácia de sugerir a ela alguma baixaza, vai ver só o que acontece. Mas, diante desse... lixo, ela baixa a cabeça! Não é só da Bielokónskaia que eu estou falando: ela é uma velhota sórdida, tem um caráter sórdido, mas é inteligente e sabe como ter todos eles na palma da mão, pelo menos nisso ela é boa. Ah, que baixaza! E é ridículo: nós sempre fomos de uma esfera mediana, a mais mediana que

pode existir; então, para que se enfiar nesse círculo da alta sociedade? Minhas irmãs já estão indo por esse caminho; foi o príncipe Sch. que virou a cabeça de todo mundo. Por que o senhor se alegra com a presença de Evguiêni Pávlovitch?

— Escute, Aglaia — disse o príncipe —, parece-me que a senhora está se preocupando demais comigo, tem receio de que, amanhã, eu leve pau no teste com... essa sociedade, não é?

— Receio? Pelo senhor? — Aglaia se enfureceu. — Por que eu teria receio pelo senhor, mesmo se... mesmo se o senhor passasse pelo maior vexame? O que eu tenho a ver com isso? E como pode, o senhor, usar tais palavras? O que significa “levar pau”? São palavras sujas, vulgares.

— É uma... gíria da escola.

— Ora essa, uma gíria da escola! Uma palavra feia! Parece, então, que o senhor pretende, amanhã, ficar usando palavras desse tipo, não é? Pois arranje, em casa, mais algumas palavras como essas no seu vocabulário: vai produzir um belo efeito! É pena, mas parece que o senhor até sabe se comportar direito; onde foi que aprendeu? O senhor vai saber como segurar a xícara e beber o chá com distinção, quando todos, de caso pensado, estiverem olhando para o senhor?

— Acho que sim.

— É pena; senão eu teria uma chance de rir. Pelo menos quebre o vaso chinês da sala! Custa caro; por favor, quebre; foi um presente, a mamãe vai ficar maluca e vai chorar nos braços de todo mundo... de tanto que o vaso é precioso para ela. Faça um gesto qualquer, como aqueles que o senhor sempre faz, esbarre no vaso e o quebre. Sente bem do lado dele.

— Ao contrário, vou fazer de tudo para me sentar o mais longe possível: obrigado por me prevenir.

— Portanto, antecipadamente, o senhor já tem medo de fazer grandes gestos. Eu aposto que o senhor vai começar a falar de algum grande “tema”, algo sério, intelectual, elevado, não é? Como isso vai ser... distinto!

— Acho que será uma tolice... se for um assunto despropositado.

— Escute, de uma vez por todas — enfim, Aglaia não se conteve mais. — Se o senhor começar a falar sobre algo como a pena de morte ou a situação econômica da Rússia ou que “a beleza vai salvar o mundo”, eu... claro, eu vou rir e me divertir bastante, mas... já vou prevenindo o senhor: não apareça nunca mais na minha frente depois disso! Escute bem: eu estou falando sério! Desta vez, eu estou falando sério!

De fato, ela fez sua ameaça *a sério*, tanto assim que algo fora do comum se fez ouvir em suas palavras e transpareceu em seu olhar, algo que, antes, o príncipe nunca havia notado e que, está claro, não parecia nenhuma brincadeira.

— Pois bem, a senhora se expressou de tal maneira que, agora, eu terei, a todo custo, de “falar desses assuntos” e até... quem sabe... vou acabar mesmo quebrando o vaso. Até pouco antes, eu não tinha receio de nada, mas agora estou com medo de tudo. Não tem jeito, eu vou levar pau na prova.

— Então fique calado. Sente e fique mudo.

— Vai ser impossível; estou convencido de que eu, de tanto medo, vou desandar a falar e vou quebrar o tal vaso. Talvez eu até escorregue no assoalho liso e caia de cara no chão, ou talvez aconteça alguma coisa do tipo, porque isso já me ocorreu; hoje, eu vou ficar sonhando com essas coisas a noite inteira; por que a senhora tinha de falar disso?

Aglaia olhou bem para ele, com ar sombrio.

— Sabe de uma coisa? É melhor que eu nem venha aqui amanhã! Vou notificar ausência por enfermidade e acabou-se! — decidiu o príncipe, e foi

o fim.

Aglaia bateu com o pé no chão e chegou a ficar pálida de raiva.

— Meu Deus! Onde é que já se viu? Ele não vai vir, quando é especialmente por causa dele que... ah, meu Deus! Que satisfação, ter de tratar com alguém tão... tão tonto quanto o senhor!

— Está bem, eu virei, eu virei! — cortou o príncipe, bem depressa. — E dou minha palavra de honra de que vou ficar sentado a noite toda, sem dizer nenhuma palavra. Pronto, é o que vou fazer.

— E fará muito bem. Agora mesmo, o senhor disse que ia “notificar ausência por enfermidade”; mas de onde é que o senhor tira essas expressões esquisitas? O que é que o senhor pretende, falando comigo com palavras assim? Está querendo me provocar, ou o quê?

— Desculpe; também é uma expressão da escola; não vou mais usar. Eu entendo perfeitamente que a senhora... tema por mim... Mas não fique irritada! E isso me deixa muito contente. A senhora nem acredita como, agora, eu tenho receio e... e como eu me alegro com as suas palavras. Mas esse medo todo, eu juro à senhora, tudo isso é irrelevante e absurdo. Juro por Deus, Aglaia! Mas a alegria vai perdurar. Eu gosto muito de que a senhora seja tão criança, uma criança tão bonita e bondosa! Ah, como a senhora pode ser linda, Aglaia!

Ela, é claro, ficaria irritada com isso, e já estava mesmo prestes a se irritar, mas, de repente, um sentimento estranho, para ela mesma, dominou sua alma, num piscar de olhos.

— E o senhor não vai me repreender, um dia, pelas palavras rudes que eu... acabei de falar? — perguntou, de repente.

— O que está dizendo, o que é isso? E por que está vermelha de novo? Veja, está com o rosto sombrio de novo! A senhora tem me olhado, às vezes, de um jeito muito sombrio, como nunca antes. E eu sei o motivo...

— Cale-se, cale-se...

— Não, é melhor falar. Faz tempo que eu quero falar; eu até já falei, mas... não adiantou, porque a senhora não acreditou em mim. Entre nós, apesar de tudo, existe uma pessoa...

— Cale-se, cale-se, cale-se, cale-se! — explodiu Aglaia, de repente, e segurou o príncipe pelo braço, enquanto olhava para ele à beira do pavor. Naquele instante, gritaram, chamando por ela; como se aquilo a tivesse deixado contente, largou o príncipe e foi embora correndo.

O príncipe passou a noite toda em estado febril. Era estranho, mas agora ele tinha febre, noite após noite. Daquela vez, à beira do delírio, lhe acudiu um pensamento: e se no dia seguinte, na frente de todo mundo, ele sofresse um ataque? Afinal, na realidade, ele sofria ataques, não era mesmo? Aquele pensamento fez o príncipe gelar; a noite inteira, ficou imaginando a si mesmo num meio social suntuoso, como nunca tinha visto, cercado de estranhos. O importante é que ele “começou a conversar”; ele sabia que não deveria fazer aquilo, mas ficava falando o tempo todo, queria convencer as pessoas de alguma coisa. Evguiêni Pávlovitch e Ippolit estavam entre os convidados e pareciam extremamente amigáveis.

O príncipe despertou depois das oito horas, com dor de cabeça, os pensamentos em desordem e impressões estranhas. Por alguma razão, sentia uma vontade tremenda de encontrar Rogójin; de encontrá-lo e conversar com ele demoradamente — sobre o quê, exatamente, o próprio príncipe ignorava; em seguida, sem saber a razão, resolveu ir ao encontro de Ippolit. Havia certa turbulência em seu coração, fruto dos incidentes ocorridos com ele naquela manhã, que produziram no príncipe uma impressão de força extraordinária, embora, ainda assim, algo tenha permanecido incompleto. Um daqueles incidentes foi uma visita de Liébediev.

Era bem cedo, pouco depois das oito horas, quando Liébediev apareceu, quase completamente embriagado. Embora, nos últimos dias, o príncipe não andasse muito observador, saltou a seus olhos o fato de que, desde que o general Ívolguin deixara sua casa, três dias antes, Liébediev vinha se portando muito mal. De uma hora para outra, passara a andar sujo, com roupas sebosas, a gravata torta, a gola do sobretudo puída. Em casa, chegava esbravejar de fúria, dava até para ouvir da rua. Certa vez, Vera chegou às lágrimas e falou a respeito, para o príncipe. Agora, diante do príncipe, o Liébediev começou a falar de maneira muito estranha, batia o punho contra o próprio peito, dizia-se culpado de alguma coisa...

— Recebi... recebi o castigo pela minha traição e pela minha baixeza... Levei uma bofetada! — concluiu, por fim, em tom trágico.

— Bofetada? De quem?... E tão cedo?

— Cedo? — Liébediev sorriu, sarcástico. — A hora nada tem a ver com o caso... mesmo em se tratando de um castigo corporal... Mas eu levei uma bofetada... moral, e não física!

De repente, sentou-se, sem nenhuma cerimônia, e começou a contar o que havia ocorrido. Sua história era bastante desconexa; o príncipe franziu o rosto e fez menção de ir embora, mas, de súbito, algumas palavras o impressionaram. Parou, pasmo de surpresa... O sr. Liébediev estava contando coisas bem estranhas.

A princípio, ao que parecia, a questão girava em torno de uma carta; foi mencionado o nome de Aglaia Ivánovna. Depois, de repente, com fervor, Liébediev passou a acusar o próprio príncipe; dava para entender que se sentia ofendido por ele. De início, pelo que dizia, o príncipe o havia honrado com sua confiança, no caso de uma conhecida personagem (Nastássia Filíppovna); mas, depois, rompera com ele de todo, mantivera-se afastado, de forma humilhante e a tal ponto insultuosa que, na última vez,

chegara a rechaçar, em tom grosseiro, “uma pergunta inocente a respeito de mudanças iminentes na família”. Com lágrimas de bêbado, Liébediev confessou que, “depois daquilo, eu não consegui mais suportar, ainda mais porque eu soube de muita coisa... muita coisa... por intermédio de Rogójin e também de Nastássia Filíppovna, por meio de uma amiga de Nastássia Filíppovna e também de Varvara Ardaliónovna... ela mesma... e também da própria... Aglaia Ivánovna, imagine só, o senhor, e também por meio da Vera, meu senhor, a minha filha, a minha adorada Vera, filha única... sim, senhor... Mas, na verdade, não é filha única, pois tenho mais três filhos. E sabe quem foi que, por meio de cartas, informou Lizavieta Prokófievna, e no mais absoluto sigilo, he-he-he? Sabe quem foi que escreveu para ela a respeito de todas as relações e... movimentos da personagem chamada Nastássia Filíppovna, he-he-he? Quem, quem é esse anônimo, permita-me perguntar?

— Não terá sido o senhor? — exclamou o príncipe.

— Exatamente — respondeu o bêbado, com dignidade. — Hoje mesmo, às oito e meia, há apenas meia hora... Não, meu senhor, já faz quarenta e cinco minutos, eu levei ao conhecimento dessa mãe nobilíssima que tenho informações para lhe dar acerca de um incidente... relevante. Comuniquei por meio de um bilhete, levado por uma criada, pela porta dos fundos. Ela recebeu.

— O senhor esteve agora com a Lizavieta Prokófievna? — perguntou o príncipe, quase sem acreditar nos próprios ouvidos.

— Estive com ela agora há pouco e recebi uma bofetada... moral. Ela devolveu a carta, quase jogou na minha cara, sem abrir o envelope... e me pôs para fora, aos safanões... na verdade, apenas moralmente falando; não em termos físicos... Se bem que foi quase físico, faltou muito pouco!

— Que carta foi essa que ela jogou na sua cara, sem abrir o envelope?

— Mas será que... he-he-he! Então, eu ainda não contei para o senhor! E eu pensei que já havia contado... É uma cartinha que eu recebi, para ser passada adiante, meu senhor...

— Uma carta de quem? Para quem?

Porém algumas “explicações” de Liébediev eram extremamente difíceis de discernir, embora fosse possível compreender uma coisa ou outra. O príncipe, no entanto, na medida do que era capaz, deduziu que a carta tinha sido entregue de manhã cedo, por intermédio de uma criada, para Vera Liébedieva, a fim de ser encaminhada a um endereço... “como antes... como antes, para a nossa conhecida personagem, e da parte da mesma pessoa, meu senhor... (pois uma eu a denomino de ‘pessoa’ e a outra, apenas de ‘personagem’, a fim de diferenciar e rebaixar; pois existe uma enorme diferença entre a inocente e nobilíssima filha do general e... uma Camélia, meu senhor), portanto a carta vinha da ‘pessoa’, meu senhor, cujo nome começa pela letra A...”

— Não é possível! Para a Nastássia Filíppovna? Que absurdo! — exclamou o príncipe.

— Foi sim, foi sim, meu senhor, ou, se não foi enviada a ela, foi para o Rogójin, meu senhor, para o Rogójin, o que dá na mesma... e até para o sr. Tieriéntiev havia uma carta, da mesma pessoa da letra A... — E Liébediev sorriu e piscou o olho.

Como ele muitas vezes pulava de um assunto para outro e se esquecia do que tinha começado a falar, o príncipe se manteve calado, para deixar que ele contasse tudo, até o fim. Porém, era extremamente confuso: as tais cartas foram enviadas, propriamente, por ele ou por Vera? Se ele mesmo garantia que “enviar para Rogójin ou para Nastássia Filíppovna dá na mesma”, quer dizer que o mais provável era que o intermediário não tinha sido ele, se é que houve mesmo alguma carta. Por que circunstância aquela

carta tinha ido parar na mão de Liébediev, agora, permanecia sem explicação; o mais provável era que ele, de alguma forma, tivesse furtado a carta de Vera... roubado-a sorrateiramente e a levado, com alguma determinada intenção, para Lizavieta Prokófievna. Foi o que o príncipe, afinal, chegou a deduzir e compreender.

— Mas o senhor ficou louco! — exclamou o príncipe, numa perturbação tremenda.

— Nem de longe, respeitabilíssimo príncipe — retrucou Liébediev, sem rancor. — Na verdade, eu queria entregar ao senhor, sim, ao senhor, em suas mãos, para servi-lo... Mas refleti e julguei melhor servir àquela casa e comunicar tudo à mãe nobilíssima... tal como, numa oportunidade anterior, eu a havia informado, por meio de uma carta anônima; e, há pouco, quando escrevi um bilhetinho pedindo um encontro às oito horas e vinte minutos, também assinei: “seu correspondente secreto”; fui logo recebido, sem demora, até com muita pressa, pela entrada dos fundos... para falar com a mãe nobilíssima.

— E então?...

— O senhor já sabe o resto, ela quase bateu em mim; ou seja, chegou bem perto, meu senhor, tanto que se pode mesmo dizer que quase me bateu, de fato, meu senhor. E jogou a carta na minha cara. Na verdade, ela queria ficar com a carta, eu vi, eu notei, mas pensou melhor e a jogou na minha cara: “Se confiaram isto ao senhor, uma pessoa como o senhor, para que passasse adiante, então vá e passe adiante...”. Ela chegou a ficar ofendida de verdade. Se não teve vergonha de falar assim para mim é porque se sentiu mesmo ofendida. Uma personalidade explosiva!

— E onde está a carta, agora?

— Está comigo, o tempo todo, olhe aqui, meu senhor.

E entregou ao príncipe um bilhete de Aglaia para Gavrila Ardaliónovitch, que este, com entusiasmo, naquela manhã, duas horas antes, havia mostrado para a irmã.

— Essa carta não pode permanecer com o senhor.

— É para o senhor, para o senhor! Estou entregando ao senhor — retrucou Liébediev, com ardor. — Agora, eu sou o seu servo, de novo, todo seu, da cabeça ao coração, depois de uma traição temporária, meu senhor! Execute o coração, mas preserve a barba, como disse Thomas Morus...¹⁹⁹ na Inglaterra e na Grã-Bretanha. *Mea culpa, mea culpa*, como diz a papa de Roma... ou seja, ele é o papa de Roma, mas eu o chamo de “a papa de Roma”.

— Esta carta deve ser enviada já. — O príncipe estava ansioso. — Eu vou enviá-la.

— Mas não seria melhor, ilustradíssimo príncipe, não seria melhor... iiisstto, asssiiim, meu senhor!

E Liébediev exibiu uma careta estranha, de bajulação; de repente, começou a fazer uns trejeitos horríveis, como se alguém o espetasse com uma agulha e, enquanto piscava os olhos com ar de astúcia, gesticulava e mostrava alguma coisa com as mãos.

— O que é? — perguntou o príncipe, em tom de ameaça.

— Seria preferível abrir a carta, meu senhor! — sussurrou Liébediev, em tom bajulador, como se fosse algo confidencial.

O príncipe se ergueu de um salto com tamanha fúria que Liébediev quase fugiu correndo; porém, ao chegar à porta, deteve-se, na esperança de, talvez, receber o perdão.

— Ah, Liébediev! Como é possível, como é possível chegar ao desregramento e à baixeza em que você caiu? — exclamou o príncipe, em tom amargo. As feições de Liébediev se iluminaram.

— Eu não presto, eu não presto! — E logo se aproximou, com lágrimas nos olhos, batendo com a mão no peito.

— Isso é uma indecência!

— Indecência, exatamente, essa é a palavra certa!

— E o que foi que deu no senhor para... agir de modo tão estranho? O senhor é um verdadeiro... espião! Por que escreveu cartas anônimas e perturbou... uma mulher tão nobre e bondosa? Por que, afinal, Aglaia Ivánovna não tem o direito de escrever para quem ela bem entender? Foi para reclamar que o senhor foi lá, hoje? E o que o senhor esperava receber? O que levou o senhor a fazer essa denúncia?

— Unicamente por uma agradável curiosidade e... pela disposição de servir uma alma nobre, sim, meu senhor! — murmurou Liébediev. — Agora, eu sou todo seu, de novo! Se quiser me enforcar, enforque!

— O senhor se apresentou a Lizavieta Prokófievna tal como está agora? — quis saber o príncipe, com repulsa.

— Não, senhor... fui lá mais bem-disposto, meu senhor... até mais decente; só depois de ser humilhado... é que fiquei assim, meu senhor.

— Certo, está bem, agora me deixe.

Entretanto, foi preciso repetir aquele pedido várias vezes, antes que o visitante resolvesse, por fim, ir embora. Já com a porta aberta, ele se virou, de novo, veio até o meio do quarto, na ponta dos pés, e começou, mais uma vez, a fazer sinais com as mãos, como se estivesse abrindo um envelope; mas não se atreveu a enunciar, em voz alta, seu conselho; depois, retirou-se, em silêncio, sorrindo com afeição.

Tudo aquilo foi muito difícil de ouvir. Um fato importante e extraordinário, no entanto, ficou bem claro: Aglaia Ivánovna estava muito abalada, muito indecisa, muito atormentada, por algum motivo (“é por ciúmes”, o príncipe sussurrou para si mesmo). Além disso, é claro, pessoas

mal-intencionadas a deixavam confusa, e era até bem estranho que Aglaia confiasse tanto em tais pessoas; claro, naquela cabecinha inexperiente, mas impetuosa e cheia de orgulho, amadureceram certos planos especiais, talvez até nefastos e... diferentes de tudo. O príncipe estava extremamente assustado e, em sua perplexidade, ignorava o que devia fazer. Sem dúvida, havia algo de que era preciso se precaver, ele tinha tal sensação. Olhou mais uma vez para o destinatário da carta: ah, no caso, para ele, não havia dúvidas nem inquietações, porque ele confiava nela; era outra coisa que o preocupava, naquela carta: o príncipe não confiava em Gavrila Ardaliónovitch.

No entanto, o príncipe chegou a decidir que entregaria a carta a ele, pessoalmente, e para tanto já havia saído de casa; porém, no caminho, mudou de ideia. Quase em frente à casa de Ptítsin, como que de propósito, apareceu Kólia, e o príncipe o incumbiu de entregar a carta, em mãos, para o irmão, como se tivesse vindo diretamente de Aglaia Ivánovna. Kólia não fez perguntas e entregou-a, de modo que Gânia nem desconfiava que a carta tinha passado por tantas instâncias. Ao voltar para casa, o príncipe chamou Vera Lukiánovna, contou para ela o que era preciso e a tranquilizou, porque, até aquele momento, ela estava à procura da carta e chorava. Ficou apavorada quando soube que o pai tinha pegado a carta. (Depois, por meio dela, o príncipe soube que ela havia prestado serviços em segredo, várias vezes, a Rogójin e a Aglaia Ivánovna; nem passava pela cabeça de Vera que, naquilo, pudesse haver algo de prejudicial para o príncipe...)

Mas o príncipe, afinal, estava tão transtornado que, mais ou menos duas horas depois, quando chegou um mensageiro da parte de Kólia com a notícia da doença do pai, no primeiro instante, quase não conseguiu entender do que se tratava. No entanto, aquele mesmo fato o reanimou, porque desviou muito sua atenção. Foi à casa de Nina Aleksándrovna (para

onde, é claro, levaram o doente) e lá ficou quase até o anoitecer. O príncipe não foi quase de nenhuma serventia, porém há pessoas que, por alguma razão, aqueles que passam por apuros gostam de ter a seu lado. Kólia estava tremendamente abalado, chorava, histérico; entretanto, ficou o tempo todo para lá e para cá, sem parar, corria para chamar um médico e trazia três médicos, corria para a farmácia, para a barbearia.²⁰⁰ Tentaram reanimar o general, mas não conseguiram trazê-lo de volta à consciência; os médicos deixaram claro que “pelo sim, pelo não, o paciente está em perigo”. Vária e Nina Aleksándrovna não se afastavam do enfermo; Gânia, atônito e comovido, não queria subir e tinha até medo de ver o enfermo; retorcia as mãos, uma na outra e, numa conversa desconexa com o príncipe, conseguiu dizer que “parece até de propósito, uma desgraça assim, logo numa hora dessas!”. O príncipe achava que sabia exatamente de que hora ele estava falando. Mas o príncipe já não conseguiu encontrar Ippolit na casa de Ptítsin. À noite, Liébediev acudiu às pressas; depois da “explicação” naquela manhã, ele tinha dormido profundamente, até aquele momento. Agora, estava quase sóbrio e chorava lágrimas de verdade por causa do enfermo, como se fosse um irmão. Confessava-se culpado, em voz alta, sem explicar, no entanto, qual era sua culpa, e importunava Nina Aleksándrovna, garantindo, a toda hora, que “sou eu, eu mesmo a causa, eu e mais ninguém... e tudo por mera curiosidade divertida...”, e que o “falecido” (por alguma razão, ele teimava em chamar assim o general, ainda vivo) era até “um homem de gênio!”. Frisava, com seriedade particular, aquela genialidade, como se aquilo pudesse trazer, naquele momento, algum proveito fora do comum. Percebendo a sinceridade de suas lágrimas, Nina Aleksándrovna lhe disse, por fim, sem nenhuma repreensão e até quase com carinho: “Está bem, fique com Deus, mas não chore, Deus vai perdoar o senhor!”. Liébediev ficou tão impressionado com aquelas

palavras, e com seu tom, que não quis mais se afastar de Nina Aleksándrovna durante toda a noite (bem como durante todo o dia seguinte e, até a morte do general, permaneceu o tempo todo na casa deles, da manhã até a madrugada). No decorrer do dia, por duas vezes, chegou um mensageiro de Lizavieta Prokófievna para ter notícias sobre a saúde do enfermo. Quando, à noite, às nove horas, o príncipe apareceu na sala de visitas dos Epantchin, já repleta de visitas, Lizavieta Prokófievna começou logo a indagar acerca do enfermo, com interesse e em detalhes, e, com ar grave, respondeu à pergunta de Bielokónskaia: “Mas quem é esse doente e quem é essa tal de Nina Aleksándrovna?”. O príncipe gostou muito da sua resposta. Ele mesmo, ao conversar com Lizavieta Prokófievna, falou “magnificamente”. Como, depois, expressaram-se também as irmãs de Aglaia: “modesto, discreto, sem palavras excessivas, sem gestos, com dignidade; portou-se magnificamente; estava muito bem-vestido”. E não só não “escorregou e caiu no chão liso”, como ele temia na véspera, mas também produziu em todos, de forma evidente, uma impressão muito simpática.

Por seu lado, depois que se acomodou numa cadeira e se pôs a observar, o príncipe logo percebeu que toda aquela reunião não tinha semelhança com as fantasmagorias da véspera, com as quais Aglaia o deixara tão assustado, nem com os pesadelos que ele tivera, de noite. Pela primeira vez na vida, o príncipe via um pedacinho do que chamam de “sociedade”. Por causa de certas intenções, concepções e inclinações particulares suas, já fazia tempo que ele se sentia ávido por penetrar naquele círculo encantado e por isso estava fortemente interessado em sua primeira impressão. E a primeira impressão foi até sedutora. De súbito, e de pronto, pareceu-lhe que todas aquelas pessoas agiam como se tivessem nascido para ficarem juntas; que, na casa dos Epantchin, naquela noite, não havia nem “festa” nem

convidados, que eram todos “gente de casa”, que ele mesmo já era, e fazia muito tempo, um amigo devotado e um correligionário que, agora, estava de volta, depois de uma separação recente. O encanto das maneiras estudadas, da simplicidade, da franqueza aparente, beirava o mágico. Era impossível não vir ao pensamento do príncipe a ideia de que toda aquela sinceridade e nobreza, toda aquela perspicácia e elevada dignidade pessoal não passavam de uma magnífica encenação artística. A maior parte das pessoas, apesar da aparência imponente, era bastante vazia; aliás, em sua satisfação consigo mesmas, tais pessoas ignoravam que muitas de suas qualidades não passavam de artifícios, dos quais, a propósito, elas não eram culpadas, pois se tratava de algo recebido por herança, de forma inconsciente. Mas o príncipe, sob efeito do feitiço de sua primeira impressão, não queria nem sequer desconfiar daquilo. Via, por exemplo, que aquele velho, aquele alto funcionário tão importante, que, pela idade, poderia muito bem ser seu avô, interrompia sua conversa para escutá-lo, uma pessoa tão jovem e inexperiente, e não só para escutá-lo, pois obviamente tinha apreço por suas opiniões, era afetuoso com ele, sinceramente cordial, embora os dois fossem estranhos e estivessem se vendo, ali, pela primeira vez. Talvez a ardente receptividade do príncipe fosse influenciada, no mais alto grau, pela finura daquela cortesia. Talvez, desde antes, ele já estivesse predisposto demais àquilo, seduzido por sua boa impressão.

Entretanto, todas aquelas pessoas — embora, é claro, fossem “amigas da casa” e amigas umas das outras — estavam muito longe de ser tão amigas assim, tanto da casa quanto umas das outras, como o príncipe pensou que fossem quando foi apresentado a elas e as conheceu. Havia ali pessoas que jamais, por nada, reconheceriam os Epantchin como iguais a elas, por pouco que fosse. Havia até pessoas que se odiavam, e muito; a velha

Bielokónskaia, a vida toda, “desprezara” a esposa “do velhote alto funcionário”, e esta, por seu turno, estava muito longe de gostar de Lizavieta Prokófievna. O tal “alto funcionário”, marido dela, por algum motivo, protetor dos Epantchin desde sua juventude, era quem presidia a festa e, aos olhos de Ivan Petróvitch, era uma personalidade tão colossal que este não podia sentir, em sua presença, outra coisa que não veneração e temor, e chegaria a desprezar a si mesmo, com toda a sinceridade, se por um só minuto se considerasse uma pessoa de mesmo nível que ele e não o visse como um Júpiter no Olimpo. Havia ali pessoas que não se viam fazia anos e nada sentiam, reciprocamente, senão indiferença, ou mesmo repugnância, mas que, ao se reencontrarem agora, davam a impressão de terem se visto no dia anterior e desfrutado uma companhia amigável e simpática. Aliás, a reunião era pouco numerosa. Além de Bielokónskaia e do “velhote alto funcionário”, de fato a figura mais importante, ao lado de sua esposa, estavam presentes, em primeiro lugar, um general militar²⁰¹ muito imponente, um barão ou conde, de nome alemão, homem extremamente calado, com reputação de ter um incrível conhecimento das questões do governo e de ser muito parecido com um sábio — um desses administradores olímpicos, que conhecem tudo, “exceto, talvez, a própria Rússia”, um homem que, de cinco em cinco anos, profere um pensamento “extraordinário, por sua profundidade”, e que, de resto, acaba por se tornar proverbial, conhecido mesmo nos círculos mais ilustres; um desses funcionários com cargo de chefia que, em geral, após uma carreira extraordinariamente longa (o que chega a causar estranheza), morrem com altas patentes, em cargos elevados e com muito dinheiro, embora sem grandes realizações e até com certa hostilidade a grandes realizações. Aquele general era o superior imediato de Ivan Petróvitch na hierarquia do serviço, a quem este, pelo ardor de seu coração nobre e até por uma vaidade

especial, também considerava seu benfeitor, mas que não se considerava, nem de longe, um benfeitor para Ivan Petróvitch; tratava-o com absoluta tranquilidade, embora tirasse proveito, com prazer, de seus incontáveis serviços; e o substituiria sem hesitar por outro funcionário se, para tanto, não fossem necessárias certas razões, na verdade até não muito graves. Ali estava, também, um senhor importante e de certa idade, tido até como aparentado a Lizavieta Prokófievna, embora aquilo fosse totalmente incorreto; homem de cargo e título importantes, rico e de família tradicional, corpulento e saudável, muito falante e com reputação, até, de pessoa insatisfeita (se bem que, de resto, no sentido mais lícito da palavra), homem até bilioso (mas aquilo lhe caía bem), com maneiras de aristocrata inglês e gostos ingleses (a respeito, por exemplo, de rosbifes sangrentos, arreios de cavalo, lacaios etc.). Era grande amigo do “alto funcionário”, distraía-o e, além disso, por alguma razão, Lizavieta Prokófievna nutria a estranha ideia de que aquele senhor de certa idade (homem um pouco leviano e particular amante do sexo feminino), de repente, podia cismar de brindar Aleksandra com uma proposta de casamento. Abaixo dessa camada de convidados, mais imponentes e importantes, seguia-se outra, de convidados mais jovens, embora brilhantes, também, por suas virtudes de suprema distinção. Além do príncipe Sch. e de Evguiêni Pávlovitch, pertencia a essa camada o conhecido e fascinante príncipe N., antigo sedutor e conquistador de corações femininos em toda a Europa, agora já em seus quarenta e cinco anos, de aparência ainda bela, capaz de se expressar lindamente, homem de condições financeiras um pouco debilitadas, na verdade, e que, por costume, vivia a maior parte do tempo no exterior. Ali estavam, por fim, pessoas que pareciam constituir uma terceira camada à parte e que não pertenciam ao “círculo reservado” da sociedade, mas que, a exemplo dos Epantchin, por alguma razão, às vezes podiam

encontrar-se naquele “círculo reservado”. Em razão de uma espécie de tato, que eles adotaram como regra, os Epantchin gostavam de mesclar, nas raras ocasiões em que promoviam reuniões sociais, a alta sociedade com pessoas de uma camada inferior, e também com representantes escolhidos “de pessoas de tipo mediano”. Os Epantchin eram até elogiados por aquilo, diziam que eles sabiam qual era seu lugar, que eram pessoas de tato, e os Epantchin se orgulhavam de haver tal opinião a seu respeito. Um dos representantes da camada intermediária, naquela noite, era um coronel e engenheiro sério, amigo íntimo do príncipe Sch., que o apresentara aos Epantchin, pessoa, de resto, muito calada, quando em sociedade, que portava no dedo indicador da mão direita um anel grande e vistoso, muito provavelmente algum tipo de prêmio honorífico. Por fim, ali estava certo poeta e literato, de origem alemã, mas poeta russo e, além disso, de uma integridade absoluta, tanto assim que era possível, sem risco, introduzi-lo na boa sociedade. Tinha aparência correta, embora, por algum motivo, um pouco repulsiva, cerca de trinta e oito anos, vestia-se de maneira impecável, pertencia a uma família burguesa, no mais alto grau, porém respeitável, no mais alto grau; sabia tirar proveito de diversas ocasiões, abrir caminho para obter o patrocínio de pessoas importantes e conservar-se em suas boas graças. Certa vez, traduziu do alemão alguma obra importante, de algum poeta alemão eminente, conseguiu escrever uma dedicatória em versos para sua tradução, sabia vangloriar-se de sua amizade com um famoso poeta russo já falecido (existe toda uma classe de escritores que adoram atribuir-se, em textos impressos, alguma amizade com grandes escritores mortos) e tinha sido introduzido aos Epantchin, havia bem pouco tempo, pela esposa do “velhote alto funcionário”. Aquela senhora era tida como patrona de literatos e sábios e, de fato, obtivera até uma pensão para um ou dois escritores, por meio de pessoas do alto escalão, para as quais tal senhora

tinha sua importância. E importância, à sua maneira, ela, de fato, tinha. Era uma dama de seus quarenta e cinco anos (portanto, uma esposa bastante jovem para a idade de um velhote, como o seu marido), beldade em outros tempos e que ainda agora, segundo a mania peculiar a muitas damas de quarenta e cinco anos, gostava de vestir-se de modo excessivamente suntuoso; de inteligência reduzida, seu conhecimento literário era mais do que duvidoso. Porém o patronato literário era, para ela, uma espécie de mania, a exemplo das roupas suntuosas. A ela eram dedicadas muitas obras e traduções; dois ou três escritores, com sua autorização, publicaram cartas escritas para ela sobre assuntos de extrema relevância... Pois foi aquela sociedade, em seu todo, que o príncipe tomou como a mais verdadeira, como o ouro mais puro e sem misturas. Aliás, todas aquelas pessoas, como que de propósito, encontravam-se, naquela noite, no mais feliz estado de ânimo, absolutamente satisfeitas consigo mesmas. Todas, sem exceção, sabiam que, com sua presença ali, prestavam uma enorme honra para os Epantchin. No entanto, infelizmente, o príncipe nem suspeitava de tais pormenores. Não desconfiava, por exemplo, que os Epantchin, como tinham em mente um passo tão importante como era a decisão do destino de sua filha, não se atreveriam a não apresentar o príncipe Liev Nikoláievitch ao velhote alto funcionário, conhecido protetor da família. O alto funcionário, que, no entanto, por sua vez, receberia com perfeita tranquilidade até mesmo a notícia de que ocorrera uma desgraça horrível com os Epantchin, ficaria certamente ofendido se os Epantchin concedessem a mão da filha sem ouvir seu conselho e, por assim dizer, sem sua aprovação. O príncipe N., homem gentil, indiscutivelmente perspicaz e de tão elevada franqueza, estava convencido, no mais alto grau, de que era uma espécie de sol que, naquela noite, havia se erguido acima da sala de visitas dos Epantchin. Ele os considerava infinitamente inferiores e era

justamente aquela ideia nobre e ingênua que engendrava nele seu admirável e gentil desembaraço e seu espírito benevolente com relação àqueles mesmos Epantchin. Ele sabia muito bem que, naquela noite, devia, a todo custo, contar algo para o encantamento da sociedade e havia se preparado para aquilo até com certa dose de inspiração. O príncipe Liev Nikoláievitch, depois de escutar aquele relato, admitiu que nunca ouvira nada comparável àquele humor brilhante, de alegria e inocência tão surpreendentes e quase tocantes, ainda mais nos lábios de um dom-juan, como era o caso do príncipe N. Entretanto, se ele apenas soubesse como aquela história era antiga e surrada, como já era sabida de cor e salteado e como todos os convidados já estavam cansados e fartos daquilo e que só na casa dos inocentes Epantchin a história podia aparecer, de novo, como uma novidade, como uma recordação súbita, sincera e formidável de um homem brilhante e belo! Por fim, até mesmo o tal poetinha alemão, embora se mantivesse extraordinariamente amável e discreto, quase considerava, mesmo ele, estar prestando uma honra àquela casa, com sua presença. Mas o príncipe não se dava conta do lado contrário, não percebia naquilo nenhum avesso. Aglaia tampouco previa aquela desgraça. Estava espantosamente bonita, naquela noite. As três jovens estavam muito bem-vestidas, se bem que não com muito luxo, e até usavam penteados especiais. Aglaia se sentava ao lado de Evguiêni Pávlovitch, conversava e brincava com ele de forma muito amistosa. Evguiêni Pávlovitch se mantinha um tanto mais solene do que em outras ocasiões, talvez, também, por respeito à importância das figuras presentes. De resto, ele já era conhecido havia muito naquela sociedade; já era pessoa familiar àquele meio, conquanto ainda jovem. Naquela festa, apareceu na casa dos Epantchin com uma fita crepe no chapéu e Bielokónskaia elogiou-o por aquilo: em circunstâncias semelhantes, outro sobrinho mundano talvez não usasse uma fita crepe no

chapéu em homenagem a um tio como o seu. Lizavieta Prokófievna também ficou satisfeita com aquilo, mas, no geral, de certo modo, parecia preocupada demais. O príncipe notou que, por duas ou três vezes, Aglaia olhou para ele com atenção e pareceu estar satisfeita com ele. Aos poucos, o príncipe foi ficando tremendamente feliz. As ideias “fantasmagóricas” e os perigos imaginados mais cedo (depois da conversa com Liébediev) lhe apareciam, agora, em recordações bruscas, mas frequentes, uma espécie de sonho quimérico, impossível e até ridículo! (E desde antes, e durante todo aquele dia, embora de forma inconsciente, seu principal desejo e inclinação era fazer o possível para não acreditar naquele sonho!) Ele falava pouco, limitava-se a responder as perguntas e, por fim, manteve-se totalmente calado, escutava tudo, sentado, mas, visivelmente, estava se afogando em prazer. Pouco a pouco, dentro dele mesmo, formava-se uma espécie de inspiração, prestes a vir à tona, se necessário... Ele começou a falar por acaso, também em resposta a uma pergunta e, pelo visto, sem nenhuma intenção específica...

Enquanto o príncipe estava olhando, com prazer, para Aglaia, que conversava alegremente com o príncipe N. e Evguiêni Pávlovitch, de súbito, o senhor anglomaníaco de certa idade, que entretinha o “alto funcionário” na outra ponta do salão e relatava algo para ele, com animação, pronunciou o nome de Nikolai Andréievitch Pavlíschev. O príncipe virou-se depressa para eles e se pôs a escutar.

A questão tinha a ver com os regulamentos atuais e com certas irregularidades nas propriedades dos senhores de terra na província de... As histórias do anglomaníaco deviam conter, também, alguma coisa divertida, pois o velhote se pôs a rir, afinal, diante do entusiasmo ferino do narrador. Ele explicava, em tom brando e, de certo modo, rabugento, esticando as palavras, com ênfases sutis nas vogais, por que motivo se via obrigado a vender, pela metade do valor, uma enorme propriedade que possuía naquela província, por força justamente dos regulamentos atuais, embora não precisasse do dinheiro, em particular, ao mesmo tempo que era forçado a manter uma propriedade arruinada, que dava prejuízo, contra a qual corria um processo na justiça, e pela qual até precisava pagar. “A fim de evitar mais um processo por conta da sucessão de Pavlíschev, resolvi fugir. Mais uma ou duas heranças como essa e eu vou à ruína. No entanto, no caso, couberam a mim três mil dessiatinas²⁰² de terras excelentes!”

— Veja, olhe aqui... O Ivan Petróvitch é um parente do falecido Nikolai Andréievitch Pavlíschev... Você não andava procurando os parentes dele? — disse para o príncipe, à meia-voz, Ivan Fiódorovitch, que surgira, de súbito, a seu lado, depois de perceber a atenção enorme do príncipe àquela conversa. Até então, ele havia cuidado de seu general-diretor, porém já havia algum tempo que notara o excepcional isolamento de Liev Nikoláievitch e começara a se preocupar; tinha vontade de introduzi-lo, até certo ponto, na conversa e, dessa forma, pela segunda vez, apresentá-lo e recomendá-lo às “pessoas superiores”.

— Liev Nikoláitch, depois da morte dos pais, foi aluno de Nikolai Andréievitch Pavlíschev — explicou, depois de perceber o olhar de Ivan Petróvitch.

— Mu-uito praze-er — comentou. — Eu até me lembro muito bem. Há pouco, quando Ivan Fiódorovitch nos apresentou, eu logo reconheci o senhor, até o seu rosto. Na verdade, o senhor mudou pouco, embora eu tenha visto o senhor apenas quando criança, com dez ou onze anos. Algo em suas feições me fez lembrar...

— O senhor me viu quando criança? — perguntou o príncipe, com uma surpresa fora do comum.

— Ah, mas já faz muito tempo — prosseguiu Ivan Petróvitch. — Em Zlatoviérkhovo, onde o senhor vivia, na época, na casa de meus primos. Antigamente, eu ia muitas vezes a Zlatoviérkhovo. O senhor não se lembra de mim? É muito provável que não... Na época, o senhor era... sofria uma espécie de doença, por isso, certa vez, eu até me impressionei com o senhor...

— Não me lembro de nada! — afirmou o príncipe, com ênfase.

Após mais algumas palavras de explicação, tranquilas ao extremo, da parte de Ivan Petróvitch, e espantosamente nervosas, da parte do príncipe,

ficou claro que os dois senhores e as moças crescidas, parentes do falecido Pavlíschev que moravam em sua propriedade em Zlatoviérkhovo e aos quais o príncipe fora confiado para ser educado, eram, por sua vez, primos de Ivan Petróvitch. A exemplo de todos, Ivan Petróvitch não era capaz de explicar quase nada a respeito dos motivos por que Pavlíschev se preocupara tanto com o pequenino príncipe, seu pupilo. “Na época, eu não me interessei em saber”, disse; no entanto, ficou claro que ele tinha uma excelente memória, pois até recordou como a prima mais velha, Marfa Nikítichna, era rigorosa com seu pequeno aluno. “Tanto assim que eu cheguei a discutir com ela, certa vez, por causa do senhor, a respeito do sistema de ensino, pois eram vergastadas e mais vergastadas em cima do pobre menino... Afinal, isso... o senhor mesmo há de convir...” E lembrava como a prima caçula, Natália Nikítichna, ao contrário, era carinhosa com o pobre garoto... “As duas, agora”, esclareceu ele, adiante, “moram na província de... (e, veja só, eu nem sei se ainda estão vivas!), onde o Pavlíschev deixou de herança, para elas, uma pequena propriedade muito, muito confortável. A Marfa Nikítichna, ao que parece, queria ir para um convento; mas isso eu não asseguro; talvez eu tenha ouvido isso a respeito de outra pessoa... Sim, foi o que me contaram sobre a esposa de um médico, faz alguns dias...”

O príncipe ouvia tudo aquilo com lágrimas nos olhos, que brilhavam de emoção e ternura. Com uma veemência fora do comum, ele informou, por seu turno, que nunca iria se perdoar por não ter aproveitado alguma ocasião, durante os seis meses de sua viagem pelas províncias, para localizar e visitar suas antigas educadoras.

— Todo dia, eu queria ir, mas sempre as circunstâncias acabavam me desviando... Mas agora eu juro para mim mesmo que... sem falta... Mesmo que seja na província de... Então o senhor conhece Natália

Nikítichna? Que alma linda e santa! Mas a Marfa Nikítichna também... me perdoe, mas o senhor, eu creio, está enganado, a respeito de Marfa Nikítichna! Ela era rigorosa, mas... afinal, era impossível não perder a paciência... com um idiota como eu era, na época (hi-hi-hi!). Pois na época eu era um completo idiota, o senhor nem acredita (he-he-he!). Aliás... aliás, na época, o senhor me viu e... Como é que eu não me lembro do senhor? Diga, por favor. Então, o senhor... Ah, meu Deus, será possível que o senhor seja, de fato, parente de Nikolai Andreitch²⁰³ Pavlíschev?

— Eu ga-ran-to ao senhor — sorriu Ivan Petróvitch, olhando bem para o príncipe.

— Oh, mas eu não estou dizendo isto por ter... alguma dúvida... e, enfim, é possível, por acaso, duvidar disso (he-he!)... por pouco que seja? Quer dizer, por muito pouco que seja!! (He-he!) Eu quero dizer é que o falecido Nikolai Andreitch Pavlíschev era um homem maravilhoso! Uma pessoa generosíssima, eu juro, garanto ao senhor!

Não que o príncipe estivesse sem fôlego, mas, por assim dizer, “estava afogado pela bondade em seu coração”, como Adelaida havia se expressado dias antes, numa conversa com o príncipe Sch., seu noivo.

— Ah, meu Deus! — riu Ivan Petróvitch. — Por que eu não poderia ser parente de um homem de tanta generosidade?

— Ah, meu Deus! — exclamou o príncipe, confuso, afobando-se e cada vez mais exaltado. — Eu... de novo, falei uma bobagem, mas... tem de ser mesmo assim, pois eu... eu... eu, aliás, de novo, não era isso que eu queria dizer! Mas então, agora, me diga, por favor, que importância eu tenho, diante de tamanhos interesses... de interesses tão colossais? E, em comparação com um homem tão generoso... pois, afinal de contas, pelo amor de Deus, ele era uma pessoa generosa, não é verdade? Não é mesmo verdade?

O príncipe chegava a estar trêmulo, dos pés à cabeça. Por que, de repente, ele havia se perturbado tanto, por que chegara a tamanha comoção, absolutamente despropositada e, pelo visto, em total desproporção com o tema da conversa, era algo difícil de responder. Seu estado de ânimo era tal que, naquele minuto, ele estava à beira de sentir por alguém e por algo a gratidão mais fervorosa e comovida do mundo — até mesmo, quem sabe, por Ivan Petróvitch, e até por todos os convidados, em conjunto. Ele estava “transbordante de felicidade”. Ivan Petróvitch se pôs a observá-lo com um olhar muito penetrante; também o alto funcionário o observava do mesmo jeito. Bielokónskaia cravava no príncipe um olhar ferino e contraía os lábios. O príncipe N., Evguiêni Pávlovitch, o príncipe Sch., as moças — todos interromperam suas conversas e escutavam atentos. Aglaia parecia assustada; já Lizavieta Prokófievna estava simplesmente apavorada. Elas também estavam estranhas, as filhas e a mãe: elas já haviam imaginado e concluído que teria sido melhor se o príncipe ficasse calado a noite toda; porém, assim que o viram num canto, num completo isolamento, absolutamente satisfeito na sua felicidade, começaram a se sentir alarmadas. Aleksandra quis logo ir a seu encontro e, com cuidado, atravessando a sala inteira, integrou-se ao grupo deles, ou seja, o grupo do príncipe N., junto a Bielokónskaia. E então, assim que o príncipe começou a falar, elas ficaram ainda mais alarmadas.

— Que era um homem excelente, nisso o senhor tem razão — declarou Ivan Petróvitch, compenetrado, já sem sorrir. — Sim... sim... Era uma pessoa maravilhosa! Um homem excelente e muito digno — acrescentou, após um breve silêncio. — Digno até, pode-se dizer, de todo o respeito — acrescentou, ainda mais compenetrado, após uma terceira pausa. — E... e é até muito simpático que o senhor, da sua parte...

— Mas não foi com esse Pavlíshev que houve um caso... estranho... com um abade... o abade... esqueci o nome do abade, mas, na época, todo mundo só falava disso — comentou o “alto funcionário”, como se alguma coisa lhe viesse à memória.

— O abade Gouraud, um jesuíta — lembrou Ivan Petróvitch. — Sim, senhor, aí está o que é a nossa gente mais digna e mais maravilhosa! Porque, apesar de tudo, ele era uma pessoa de boa família, dono de um bom patrimônio, um camareiro da corte, e se... tivesse continuado a servir... Mas, de repente, abandonou o serviço público, e tudo só para se converter ao catolicismo e tornar-se jesuíta, e isso quase num gesto público, com uma espécie de entusiasmo. Na verdade, ele já morreu... sim; diziam, na época.

O príncipe ficou transtornado.

— Pavlíshev... Pavlíshev se converteu ao catolicismo? Não é possível! — gritou, à beira do horror.

— Ora essa, “não é possível”! — resmungou Ivan Petróvitch, em tom superior. — Isto já se pode dizer que é demais, o senhor mesmo há de convir, meu caro príncipe... Aliás, o senhor tem o falecido em conta muito alta... De fato, era um bom homem, e isso eu atribuo, em linhas gerais, ao êxito daquele espertalhão do Gouraud. Mas o senhor nem me pergunte quanto aborrecimento e quanta confusão eu tive de enfrentar, depois, por causa dessa história... e justamente com esse tal de Gouraud! Imagine — e voltou-se de repente, para o velhote —, eles queriam até fazer reivindicações relativas ao testamento e, na ocasião, eu tive de recorrer, inclusive, a medidas enérgicas ao extremo, pode-se dizer... a fim de persuadir... porque eles são uns mestres no assunto! Im-pres-sio-nantes! Mas, graças a Deus, aquilo se passou em Moscou, eu logo procurei o conde e nós os... persuadimos...

— O senhor nem pode imaginar como isso me deixa pasmo e amargurado! — exclamou o príncipe, de novo.

— Lamento; mas, no fundo, tudo aquilo, propriamente falando, eram bobagens e ninharias e terminariam como sempre terminam, nesses casos; eu estou convencido. No verão passado — virou-se, de novo, para o velhote —, a condessa K., dizem, também foi para não sei que convento católico, no exterior; por algum motivo, a nossa gente não resiste, quando aparecem esses... vigaristas... sobretudo quando estão no exterior.

— Creio que é tudo devido ao nosso... cansaço — balbuciou o velhote, em tom de autoridade. — Mas, também, a maneira como eles pregam... elegante, peculiar... e eles sabem como meter medo. No ano de 1832, em Viena, eles também me assustaram, juro ao senhor; só que eu não cedi e fugi deles correndo, ha-ha-ha!

— Eu ouvi falar que você, na época, meu caro, fugiu de Viena para Paris com a bela condessa Lievítskaia. Você abandonou o seu posto, mas não foi para fugir de um jesuíta — intrometeu-se Bielokónskaia, de repente.

— Bem, no final, foi mesmo do jesuíta, apesar de tudo, foi do jesuíta que eu fugi! — emendou o velhote, rindo, com a recordação agradável. — O senhor, pelo visto, é muito religioso, algo raro de se ver, hoje em dia, na juventude — disse gentilmente para o príncipe Liev Nikoláievitch, que escutava de boca aberta, ainda muito espantado; era evidente que o velhote queria conhecer o príncipe em mais detalhes: por algum motivo, começou a se interessar muito por ele.

— Pavlíshev era uma mente esclarecida e um cristão, um verdadeiro cristão — afirmou o príncipe, de repente. — Como ele pôde se sujeitar a uma fé... que não é cristã?... O catolicismo é a mesma coisa que uma fé não cristã! — acrescentou, de súbito, com faíscas nos olhos, mirando para a

frente e correndo os olhos à sua volta, como se reunisse todos num só relance.

— Ora, mas isso já é demais — murmurou o velhote e olhou para Ivan Petróvitch com ar de surpresa.

— Como assim? O catolicismo não é uma fé cristã? — Ivan Petróvitch virou-se, em sua cadeira. — Então, o que é?

— Antes de tudo, é uma fé não cristã! — retrucou o príncipe, numa comoção extraordinária e com uma rispidez desmedida. — Isso em primeiro lugar. Em segundo lugar, o catolicismo romano é até pior do que o ateísmo, essa é a minha opinião! Sim! É a minha opinião! O ateísmo se limita a pregar o nada, mas o catolicismo vai além: prega um Cristo deturpado, caluniado e insultado por ele, um Cristo ao contrário! Ele prega o anticristo, juro aos senhores, garanto aos senhores! Essa é a minha convicção pessoal, há muito tempo, e isso até a mim atormentou... O catolicismo romano acredita que, sem o poder de Estado universal, a Igreja não se sustenta de pé sobre a terra, e grita: “*Non possumus!*”.²⁰⁴ Para mim, o catolicismo romano nem chega a ser uma fé; é rigorosamente uma continuação do Império Romano Ocidental e, nele, tudo está subordinado a essa ideia, a começar pela fé. O papa se apoderou da terra, do trono terreno, e empunhou a espada; daí em diante, tudo seguiu assim, só que, à espada, acrescentaram a mentira, a trapaça, o engodo, o fanatismo, a superstição, a crueldade. Manipularam os sentimentos mais sagrados, autênticos, ingênuos, ardorosos do povo, tudo, tudo traíram por dinheiro, pelo vil poder terreno. Por acaso, esse não é o ensinamento do anticristo?! Como daí não haveria de nascer o ateísmo? O ateísmo saiu deles, do próprio catolicismo romano! Antes de tudo, foi com eles que começou o ateísmo: seriam eles capazes de crer em si mesmos? O ateísmo ganhou força com a repugnância que eles causavam; é fruto da mentira deles e de sua impotência espiritual!

Ateísmo! Na Rússia, só não acreditam, ainda, as classes excepcionais, como se exprimiu esplendidamente o Evguiêni Pávlovitch, um dia desses; mas lá, na Europa, massas tremendas do próprio povo já começam a não acreditar... primeiro, por obscurantismo e mentira, mas agora já por fanatismo, ódio à Igreja e ao cristianismo!

O príncipe se deteve para tomar fôlego. Falava rápido demais. Estava pálido e ofegante. Todos se entreolhavam; mas, por fim, o velhote riu abertamente. O príncipe N. ergueu seu lornhão e examinou o príncipe, sem desviar os olhos. O alemãozinho poeta rastejou para fora de seu canto e chegou mais perto da mesa, com um sorriso sinistro.

— O senhor está e-xa-ge-ran-do demais — Ivan Petróvitch arrastou as sílabas com certo tédio, até com uma espécie de vergonha. — Na Igreja de lá, também existem representantes dignos de todo o respeito, e eles são virtu-o-sos...

— Eu nunca falei de determinados representantes da Igreja. Eu falei do catolicismo romano em sua essência, estou falando de Roma. Por acaso a Igreja pode desaparecer por completo? Eu nunca disse isso!

— De acordo, porém tudo isso é sabido e até... desnecessário e... pertence à teologia...

— Ah, não, ah, não! Não só à teologia, eu garanto ao senhor que não! Isso nos toca muito mais de perto do que o senhor imagina. Nisso reside todo o nosso engano, um engano que nós não podemos ainda ver, o de que essa questão não é exclusivamente teológica! Afinal, o socialismo é fruto do catolicismo e da essência católica! Assim como seu irmão, o ateísmo, ele nasceu do desespero, da oposição ao catolicismo, no sentido moral, a fim de substituir o perdido poder moral da religião, para saciar a sede espiritual da humanidade sedenta e salvá-la não com Cristo, mas também com a violência! É também a liberdade por meio da violência, é também a

unificação por meio da espada e do sangue! “Não se atreva a acreditar em Deus, não se atreva a ter uma propriedade, não se atreva a ter uma individualidade, *fraternité ou la mort*,²⁰⁵ dois milhões de cabeças!” Pelas suas ações, vocês os reconhecerão... isso está escrito! E não pensem que tudo isso, para nós, foi tão inocente e tão destemido; oh, precisamos de uma reação, e depressa, depressa! É preciso que o nosso Cristo brilhe para reagir ao Ocidente, o Cristo que nós conservamos e que eles não conhecem! Em vez de morder servilmente a isca dos jesuítas, temos de levar para eles a nossa civilização russa, nós devemos, agora, nos levantar diante deles, e que não digam mais, aqui, que a pregação deles é elegante, como há pouco foi dito por alguém...

— Mas, com licença, com licença — Ivan Petróvitch se mostrou bastante inquieto, olhando em redor e até começando a ter medo. — Todos os seus pensamentos, é claro, são louváveis e cheios de patriotismo, mas tudo isso é um exagero, no mais alto grau e... é até melhor deixar isso de lado...

— Não, não é exagero, é antes uma diminuição; é exatamente uma diminuição, porque eu não tenho forças para me exprimir, porém...

— Com li-cen-ça!

O príncipe se calou. Sentado, aprumou-se na cadeira e, imóvel, com o olhar inflamado, mirou Ivan Petróvitch.

— Parece-me que o senhor foi afetado em demasia pelo incidente com o seu benfeitor — ponderou o velhote, em tom carinhoso e sem perder a calma. — O senhor se inflamou... talvez, por efeito da solidão. Se o senhor conviver mais com as pessoas, em sociedade, assim eu espero, as pessoas vão apreciar o senhor, como um jovem notável e, assim, é claro, o senhor vai apaziguar seu entusiasmo e vai ver que tudo isso é muito mais simples... além do mais, esses casos raros... acontecem, a meu ver, em parte por causa da nossa saciedade e, em parte... por causa do tédio...

— Exatamente, exatamente, é isso — gritou o príncipe. — Pensamento formidável! Exatamente, “por causa do tédio, do nosso tédio”, e não por causa da saciedade, mas ao contrário, por causa da sede... Não por causa da saciedade, nesse ponto o senhor está enganado! E não é só por causa da sede, é até por causa do fervor, da sede ardente! E... e não pense que isso tenha uma dimensão tão diminuta que podemos nos limitar a rir. Perdoe-me, é preciso saber pressentir! Os russos, quando chegam ao limite, quando se convencem de que é o limite, ficam tão contentes que logo vão à loucura; por quê? Veja, o senhor fica espantado com o Pavlíschev, o senhor atribui tudo à sua loucura ou à sua bondade, mas não é isso! E não somos só nós: a Europa inteira, em tais casos, se admira com a nossa estranheza russa: se um de nós se converte ao catolicismo, sem dúvida vai se tornar um jesuíta, e um daqueles que atuam mais clandestinamente; se ele se torna um ateu, sem dúvida vai exigir a erradicação à força da fé em Deus, ou seja, portanto, com a ajuda da espada! E por que é assim, por que esse furor repentino? Será que o senhor não sabe? É porque ele encontrou a pátria que, aqui, ele tinha perdido de vista, e se alegrou; ele encontrou a terra, o limite, e se precipitou ao chão para beijá-la! Não é só da vaidade, não é apenas dos sórdidos sentimentos de vaidade que provêm os ateus e os jesuítas russos, mas sim da dor espiritual, da sede espiritual, da ânsia de uma missão elevada, da ânsia de um solo firme, da pátria na qual deixaram de acreditar, porque nunca a conheceram! Para o russo, é bem fácil tornar-se ateu, é mais fácil do que para qualquer outro, no mundo inteiro! E os nossos, os russos, não apenas se tornam ateus, eles necessariamente *acreditam* no ateísmo como numa nova fé, sem perceber, nem de longe, que puseram sua confiança no nada. Tão grande é a nossa sede! “Quem não tem a terra debaixo dos pés tampouco terá Deus.” Não é uma frase minha. É a frase de um comerciante dos Velhos Crentes que conheci numa viagem. Na verdade,

ele não se exprimiu exatamente assim. Ele disse: “Quem renegou a terra natal também renega Deus.” Quem poderia pensar que algumas das pessoas mais instruídas, entre nós, entraram até na *khlistóvschina*?...²⁰⁶ E, de resto, no caso, o que tem a *khlistóvschina* de pior do que o niilismo, o jesuitismo, o ateísmo? Talvez seja até mais profunda! Mas vejam só a que ponto pode chegar a angústia!... Revelem o Novo Mundo para os sedentos e fervorosos companheiros de Colombo, revelem o mundo russo para o homem russo, deixem que ele descubra esse ouro, esse tesouro oculto sob a terra! Mostrem para ele, no futuro, a renovação de toda a humanidade e seu renascimento, ou talvez só o pensamento russo, o Deus russo e o Cristo, e vejam que gigante poderoso e justo, sábio e dócil nascerá diante do mundo assombrado, assombrado e assustado, porque eles esperam de nós apenas a espada, a espada e a violência, porque eles, nos julgando por si mesmos, não são capazes de nos conceber sem a barbárie. É assim até agora e, quanto mais o tempo passa, mais será desse modo! E...

Porém, de repente, algo aconteceu, a fala do orador se interrompeu do modo mais inesperado.

Todo aquele fervoroso discurso de improviso, toda aquela profusão de palavras apaixonadas e inquietas e de ideias exaltadas, que pareciam se atropelar em tumulto e saltar umas sobre as outras, tudo aquilo prenunciava algo perigoso, fora do comum, no ânimo do jovem, que se exaltara tão subitamente e, pelo visto, sem nenhum motivo. Todos na sala que tinham conhecimento da doença do príncipe se espantaram (alguns até com vergonha) com a sua extravagância, em tamanho desacordo com seu constante, e até tímido, comedimento, com sua rara e peculiar delicadeza, em determinadas situações, e com seu senso instintivo do mais alto decoro. Não conseguiam entender de onde vinha tudo aquilo: as notícias sobre Pavlíshev não podiam ser o motivo. De seu canto, as damas olhavam para

ele como alguém que tivesse enlouquecido e, mais tarde, Bielokónskaia admitiu que “mais um minuto e eu já ia querer fugir correndo, para me salvar”. O “velhote” estava quase desnordeado desde o primeiro choque de espanto; o general-diretor, em sua cadeira, olhava descontente e com ar severo. O coronel-engenheiro se mantinha absolutamente imóvel, também em sua cadeira. O alemãozinho chegou a empalidecer, mas ainda sorria, com seu sorrisinho falso, enquanto olhava para os outros para ver como reagiam. Na verdade, tudo aquilo, “todo o escândalo”, poderia se resolver da maneira mais trivial e natural, quem sabe, em apenas mais um minuto; surpreso ao extremo, mas tendo se dado conta, antes de todos, do que se passava, Ivan Fiódorovitch já tentara várias vezes conter o príncipe; como não obtivera sucesso, ele, agora, avançou na direção do príncipe com propósitos firmes e decididos. Mais um minuto e ele, se necessário, tomaria a liberdade de levar o príncipe para fora, de modo amigável, sob o pretexto da sua doença, o que talvez fosse verdade, de fato; algo de que, aliás, Ivan Fiódorovitch estava profundamente convencido... No entanto, a situação se desenrolou de outra forma.

Desde o início, assim que o príncipe entrou na sala, ele tratou de se manter o mais longe possível do vaso chinês, sobre o qual Aglaia tanto o havia prevenido e assustado, no dia anterior. Quem poderia acreditar que, depois das palavras de Aglaia, na véspera, havia se estabelecido no príncipe uma espécie de convicção indelével e um pressentimento espantoso e absurdo de que ele estava fadado a despedaçar aquele vaso, por mais que se mantivesse distante, por mais que tentasse evitar a desgraça? Mas foi o que aconteceu, de fato. No decorrer da festa, outras impressões fortes, mas luminosas, foram se depositando em sua alma; já comentamos a respeito. O príncipe esqueceu aquele pressentimento. Quando ouviu falar de Pavlíshev, e Ivan Fiódorovitch se aproximou e o apresentou, de novo, a

Ivan Petróvitch, o príncipe foi até a mesa e tombou direto na poltrona bem ao lado do enorme e lindo vaso chinês, colocado sobre um pedestal, quase na altura do seu cotovelo, na verdade, bem rente a ele.

Ao proferir as últimas palavras, o príncipe, de súbito, se pôs de pé, moveu o braço sem cuidado, com certo impulso do ombro, e... irrompeu um grito geral! O vaso balançou, primeiro numa espécie de indecisão: não sabia se ia tombar sobre a cabeça de algum dos velhotes. Mas, de repente, inclinou-se para o lado oposto, o lado de onde o alemãozinho acabara de fugir, com um salto apavorado, e se espatifou no chão. Um estrondo, gritos, estilhaços de valor inestimável espalhados pelo tapete, susto, perplexidade — ah, era difícil, mas também era quase desnecessário imaginar o que acontecera com o príncipe! No entanto, não podemos deixar de mencionar uma sensação estranha que experimentou exatamente naquele instante e que, de súbito, destacou-se da confusa multidão das outras sensações: não foi a vergonha nem o escândalo nem o temor nem o inesperado que o impressionou mais do que tudo, e sim a profecia que se cumpriu! O que, exatamente, havia de tão arrebatador naquele pensamento nem ele saberia explicar para si mesmo; apenas sentia que estava abalado até o coração e provava um temor quase místico. Um instante depois, pareceu que tudo à sua frente se ampliou: em lugar do medo, veio a luz, a alegria, o entusiasmo; começou a perder o fôlego e... mas o instante passou. Graças a Deus, não era aquilo! Ele recobrou o fôlego e olhou em redor.

Por muito tempo, pareceu não compreender o tumulto que fervia à sua volta, ou seja, entendia perfeitamente e via tudo, mas se mantinha como se fosse uma pessoa especial, que não tinha parte nenhuma em nada daquilo e que, como um ser invisível num conto de fadas, esgueirava-se pela sala e observava pessoas alheias a ele, mas pelas quais tinha muito interesse. Via que estavam catando os caquinhos, ouvia as conversas ligeiras, via Aglaia

pálida, olhando para ele com ar estranho, muito estranho: nos olhos dela, não havia nem sombra de ódio, nem um pingo de raiva; mirava o príncipe com um olhar assustado, porém simpático e, para os outros, com um olhar chamejante... De repente, o coração do príncipe começou a doer de modo delicioso. Por fim, com estranha perplexidade, ele viu que todos se sentaram e até riam, como se nada tivesse acontecido! Um minuto depois, o riso ganhou força: agora, estavam rindo dele, olhando para ele, riam de sua estupefação muda, mas riam amistosamente, com alegria; muitos se puseram a falar com ele, e falavam de forma muito afetuosa e, mais do que todos, Lizavieta Profóvievna: rindo, ela disse algo muito, muito bondoso. De repente, o príncipe sentiu que Ivan Fiódorovitch o sacudia, amistosamente, pelo ombro; Ivan Petróvitch também estava rindo; mas o melhor, o mais simpático e o mais cativante era o velhote; ele tomou o príncipe pela mão e, apertando-a de leve, batendo nela de leve com a palma da outra mão, persuadia o príncipe a voltar à razão, como se fosse um menino muito assustado, algo que agradou ao príncipe tremendamente, e, por fim, fez com que se sentasse bem a seu lado. O príncipe fitava seu rosto com prazer e, por algum motivo, sentia cada vez menos forças para falar, sentia falta de ar; estava gostando muito do rosto do velho.

— O quê? — conseguiu, afinal, perguntar. — O senhor está mesmo me perdoando? E... a senhora também, Lizavieta Prokófievna?

O riso ganhou mais força ainda, vieram lágrimas aos olhos do príncipe; ele não acreditava nos próprios olhos e estava fascinado.

— Claro, era um vaso lindo. Eu me lembro dele aqui há quinze anos, sim... quinze... — disse Ivan Petróvitch.

— Puxa, isto não é o fim do mundo! O ser humano também chega ao seu fim e, nesse caso, foi só um vaso de barro! — disse Lizavieta Prokófievna, em voz bem alta. — O senhor ficou muito assustado, Liev Nikoláitch? —

acrescentou, quase temerosa. — Chega, meu caro, chega; você chegou até a me deixar assustada, na verdade.

— E a senhora me perdoa por *tudo*? Por *tudo*, além do vaso? — O príncipe se levantou, de repente, mas o velhote logo tratou de puxá-lo pelo braço. Não queria soltar o príncipe.

— *C'est très curieux et c'est très sérieux!*²⁰⁷ — sussurrou para Ivan Petróvitch, no outro lado da mesa, mas em voz bem alta; o príncipe talvez tenha ouvido.

— Então, eu não ofendi nenhum dos senhores? Os senhores nem acreditam como estou feliz com essa ideia; mas deve ser assim mesmo! Por acaso, eu poderia ofender alguém, aqui? Eu estaria ofendendo o senhor, de novo, se eu pensasse assim.

— Acalme-se, meu amigo, isso é um exagero. E o senhor não tem motivo nenhum para agradecer dessa forma; é um belo sentimento, mas exagerado.

— Eu não estou agradecendo, eu só... estou maravilhado com o senhor, estou feliz de olhar para o senhor; talvez eu esteja falando bobagens, mas... eu preciso falar, preciso explicar... nem que seja só por respeito a mim mesmo.

Tudo nele era impetuoso, turbulento e febril; é bem possível que as palavras que dizia não fossem, muitas vezes, aquelas que queria pronunciar. Ele parecia indagar com os olhos: “Será que eu posso dirigir a palavra ao senhor?”. Seu olhar tombou em Bielokónskaia.

— Não foi nada, meu caro, continue, continue, mas é preciso tomar fôlego — observou ela. — Há pouco, você começou a falar quando estava sem ar e veja só no que deu; mas não tenha receio de falar: estes senhores já viram outros mais esquisitos que você, eles não vão ficar surpresos, mas só Deus sabe como você é complicado: só porque quebrou um vaso, ficou tomado de pavor.

O príncipe escutava sorrindo.

— Então foi o senhor — de repente, o príncipe virou-se para o velhote —, foi o senhor que salvou da deportação o estudante Podkúmov e o funcionário Chvábrin, três meses atrás?

O velhote chegou a ruborizar-se um pouco, balbuciando que era preciso acalmar-se.

— E do senhor, eu ouvi falar — virou-se para Ivan Petróvitch — que, na província de...., o senhor deu madeira para os seus mujiques construírem casas novas, depois que perderam tudo num incêndio, e eram mujiques já libertos da servidão e que já haviam feito coisas desagradáveis para o senhor, não foi isso?

— Bem, isso é um e-xa-ge-ro — murmurou Ivan Petróvitch, embora visivelmente satisfeito; mas daquela vez ele estava absolutamente certo, ao dizer que era um “exagero”: tratava-se de um mero boato sem fundamento, que chegara aos ouvidos do príncipe.

— E a senhora, princesa — virou-se, de repente, para Bielokónskaia, com um sorriso radiante. — Não foi a senhora que, meio ano atrás, me recebeu em Moscou, como se fosse seu filho, em atenção a uma carta de Lizavieta Prokófievna e, como a um filho, de fato, me deu um conselho que eu nunca mais vou esquecer? Está lembrada?

— Por que está tão alvoroçado? — disse Bielokónskaia, aborrecida. — Você é um bom homem, mas é ridículo: lhe dão duas moedinhas e você agradece como se tivessem salvado a sua vida. Você acha que está fazendo um elogio, mas na verdade está sendo muito desagradável.

Ela já estava à beira da irritação, mas de repente deu uma risada e, dessa vez, foi um riso bondoso. Também o rosto de Lizavieta Prokófievna se iluminou; o mesmo se deu com Ivan Fiódorovitch.

— Eu disse que o Liev Nikoláitch é uma pessoa... uma pessoa... em suma, o importante é que ele não perca o fôlego, como disse a princesa... — balbuciou o general, com alegre entusiasmo, repetindo as palavras de Bielokónskaia, que o haviam impressionado.

Só Aglaia parecia um tanto triste; mas seu rosto inteiro ardia em brasa, talvez também com indignação.

— Claro, ele é muito gentil — murmurou o velhote, de novo, para Ivan Petróvitch.

— Eu cheguei aqui com um peso no coração — prosseguiu o príncipe, sempre com uma espécie de ansiedade, cada vez maior, falando cada vez mais depressa, de modo cada vez mais estranho e animado. — Eu... eu temia por vocês e temia por mim mesmo. Sobretudo, por mim mesmo. Quando voltei para cá, para Petersburgo, prometi a mim mesmo que ia conhecer, sem falta, as pessoas mais importantes, as mais velhas e tradicionais, o grupo de pessoas de que eu mesmo faço parte e, dentre as quais, eu sou um dos primeiros, por nascimento. Pois agora estou com príncipes, como eu mesmo, não é assim? Eu queria conhecer os senhores, isso era necessário: muito, muito necessário!... Eu sempre ouvi falar muito mal dos senhores, certamente mais mal do que bem, sobre a mesquinha e a exclusividade dos seus interesses, sobre o atraso, os limites da sua educação, sobre hábitos ridículos... Ora, são tantas coisas que escrevem e dizem sobre os senhores! Hoje, eu vim para cá com uma curiosidade, com uma ansiedade: eu precisava ver com os próprios olhos e me convencer pessoalmente de que, de fato, a camada superior da gente russa já não serve para nada, de que o seu tempo já passou, já esgotou sua vida tradicional e, agora, só é capaz de morrer e, mesmo assim, travando uma luta mesquinha e invejosa com as pessoas... do futuro, atrapalhando, sem notar que já estão morrendo. Seria verdade? Desde antes, eu já não acreditava nessa opinião,

porque nós nunca tivemos essa tal camada superior, talvez entre cortesãos, ou de uniforme ou... por algum acaso, mas agora já desapareceu de todo. Não é isso? Não é assim?

— Ora, não é assim, absolutamente — riu Ivan Petróvitch, mordaz.

— Pronto, lá vai ele de novo! — exclamou Bielokónskaia, sem se conter.

— *Laissez le dire*,²⁰⁸ ele chega a estar tremendo — advertiu o velhote, de novo, à meia-voz.

O príncipe estava decididamente fora de si.

— Mas o que aconteceu? Eu vi pessoas elegantes, simples, inteligentes; eu vi um velho que escuta com atenção e afeto um menino, como eu; vejo pessoas capazes de entender e perdoar, pessoas russas e boas, quase tão boas e cordiais como as que encontrei lá fora, quase em nada piores. Imaginem como eu fiquei alegre e surpreso! Ah, permitam-me falar sobre isso! Eu ouvi falar muito e eu mesmo acreditei bastante que, na sociedade, tudo era afetação, tudo era formalismo caduco, e que a essência tinha se esgotado; mas agora, afinal, eu mesmo estou vendo que, entre nós, não pode haver isso; só se for em outro lugar, porque aqui, conosco, não existe. Como seria possível que todos os senhores, agora, fossem jesuítas e farsantes? Eu ouvi como o príncipe N. falou há pouco: mas não será isso ingenuidade, humor inspirado, não será verdadeira simplicidade de espírito? Será possível que tais palavras saiam dos lábios de uma pessoa... morta, com o coração e o talento definhados? Poderiam os mortos me tratar tão bem como os senhores fizeram? Não será isso um material... para o futuro, para a esperança? Será possível que tais pessoas possam não compreender e ficar para trás?

— Mais uma vez, eu lhe peço, acalme-se, meu caro, vamos conversar sobre tudo isso em outra ocasião, eu também adoraria... — disse o alto funcionário, e riu.

Ivan Petróvitch gritou e virou-se, em sua poltrona; Ivan Fiódorovitch se remexeu todo; o general-diretor começou a falar com a esposa do alto funcionário, já sem prestar a menor atenção ao príncipe; mas a esposa do alto funcionário, a toda hora, entreouvava a conversa e virava os olhos para lá.

— Não, sabe, para mim, é melhor falar! — prosseguiu o príncipe, num novo rompante febril, exaltado de uma forma um tanto peculiar, voltando-se para o velhote até de modo confidencial. — Ontem, a Aglaia Ivánovna me proibiu de falar e chegou a indicar os temas dos quais eu não podia tratar; ela sabe que eu fico ridículo quando falo disso! Eu tenho vinte e sete anos, mas sei que sou igual a uma criança. Eu não tenho o direito de expressar o meu pensamento, eu já disse isso há muito tempo; só em Moscou, para o Rogójin, eu falei com sinceridade... Lemos Púchkin, eu e ele, lemos tudo; ele não conhecia nada, nem o nome de Púchkin... Eu sempre receio que o meu aspecto ridículo acabe por comprometer o pensamento e a *ideia principal*. Eu não sei gesticular. Os meus gestos sempre são contraditórios e isso provoca risos e destrói a ideia. Também não tenho senso de medida, e isso é importante; é até o principal... Eu sei que, para mim, é melhor ficar sentado e mudo. Quando eu persisto e me mantenho calado, pareço até uma pessoa muito sensata, e ainda por cima eu consigo refletir. Mas agora, para mim, é melhor falar. Eu comecei a falar porque o senhor olhou para mim de um modo muito bonito; o senhor tem um rosto lindo! Ontem, eu dei minha palavra de honra para a Aglaia Ivánovna de que ia ficar calado a festa inteira.

— *Vraiment?*²⁰⁹ — o velhote sorriu.

— Mas, em certos momentos, eu acho que não tenho razão para pensar assim: a sinceridade não vale um gesto, não é? Não é?

— Às vezes.

— Eu quero explicar tudo, tudo, tudo! Ah, sim! O senhor acha que eu sou um utopista? Um ideólogo? Ah, não, juro por Deus, todos os meus pensamentos são simples... Não acredita? Está sorrindo? Pois saiba que, às vezes, eu sou infame, porque perco a fé; há pouco, quando estava vindo para cá, eu pensei: “Muito bem, como vou falar com eles? Com que palavra devo começar para que eles entendam pelo menos alguma coisa?”. Como eu temia, mas eu temia mais pelos senhores, muito, muito mais! Entretanto, será que eu podia temer, não seria uma vergonha temer? Por que é que, numa pessoa avançada, há tamanha profusão de coisas atrasadas e ruins? E esta é a minha alegria, o fato de que, agora, eu estou convencido de que não existe, absolutamente, uma profusão tão grande e que há sempre um material vivo! Não há por que ficar embaraçado só por sermos ridículos, não é verdade? Afinal, é de fato assim, somos ridículos, levianos, com maus hábitos, causamos enjoo, não sabemos olhar, não sabemos compreender, afinal, somos todos iguais, eu, o senhor e eles! Pois o senhor não fica ofendido quando eu lhe digo, sem rodeios, que o senhor é ridículo, não é? Se é assim, como é que o senhor não representa esse material? Sabe, para mim, às vezes, é até bom ser ridículo, e é até melhor: podemos perdoar uns aos outros mais depressa, fazer as pazes mais depressa; não é preciso entender tudo de uma só vez nem começar logo num estágio de perfeição! Para alcançar a perfeição, é preciso, antes, não compreender muita coisa! Se entendermos rápido demais, na certa, não vamos entender direito. Eu digo isso para o senhor, que já conseguiu entender muita coisa e... não entender. Agora eu não receio mais pelo senhor; mas o senhor não vai ficar zangado por um menino como eu lhe dizer tudo isso, vai? O senhor está rindo, Ivan Petróvitch. O senhor está pensando: eu temia por *eles*, era advogado *deles*, democrata, orador da igualdade? — o príncipe começou a rir de modo histérico (a intervalos, dava risadas curtas e convulsivas). — Eu temo pelo

senhor, pelos senhores todos e por todos nós juntos. Pois eu mesmo sou um príncipe de antiga linhagem e continuo a ser príncipe. Para salvar todos nós, quero dizer, para que a nossa classe não desapareça em vão, nas trevas, sem nenhuma serventia, praguejando contra tudo e perdendo tudo. Para que desaparecer e mudar-se para outro local, quando é possível continuarmos a ser os mais velhos e avançados? Seremos avançados, e seremos também os mais velhos. Vamos ser bons servidores para ser os mais velhos.

Ele tentava se levantar da cadeira, mas o velhote o segurava o tempo todo, se bem que com crescente inquietação.

— Escute! Eu sei que não é bom falar: é melhor simplesmente dar o exemplo, é melhor simplesmente começar... eu já comecei... e... e afinal, de fato, é possível ser infeliz? Oh, o que é a minha amargura e a minha desgraça, se eu tiver forças para ser feliz? Sabe, eu não entendo como é possível passar diante de uma árvore e não ser feliz de ver a árvore. Falar com um ser humano e não ser feliz por amar essa pessoa! Ah, eu apenas não sei como exprimir... a cada passo, existem coisas tão bonitas que mesmo uma pessoa perdida acha que são lindas. Veja uma criança, veja a alvorada divina, veja a grama, como ela cresce, veja os olhos que nos olham e nos amam...

Ele já estava de pé havia um bom tempo, e falava. O velhote olhava para ele com ar assustado. Lizavieta Prokófievna gritou: “Ah, meu Deus!”, antes que todos se dessem conta, e ergueu as mãos. Rápido, Aglaia correu para perto dele, conseguiu segurá-lo em seus braços e, com horror, com o rosto desfigurado pela dor, ouviu o grito selvagem “do espírito combalido e tombado” do infeliz. O doente jazia estirado no tapete. Alguém conseguiu, a tempo, enfiar um travesseiro embaixo de sua cabeça.

Ninguém esperava aquilo. Um quarto de hora depois, o príncipe N., Evguiêni Pávlovitch e o velhote tentaram animar a noite, outra vez, porém,

depois de meia hora, todos foram embora. Foram pronunciadas muitas palavras sentidas, muitos lamentos, algumas opiniões. Ivan Petróvitch comentou, de passagem, que o jovem era “um es-la-vó-fi-lo, ou algo do gênero, porém não oferece perigo”. O velhote não disse nada. Na verdade, depois, no dia seguinte, e ainda no segundo dia, todos ficaram um pouco irritados; Ivan Petróvitch chegou a se ofender, mas não muito. O general-diretor manifestou, por algum tempo, certa frieza em relação a Ivan Petróvitch. O “protetor” da família, o alto funcionário, por seu turno, também murmurou ao pai de família algo de caráter edificante, além de afirmar, de modo lisonjeiro, que tinha muito, muito interesse pelo destino de Aglaia. Era, de fato, um homem um tanto bondoso; mas, entre os motivos de sua curiosidade em relação ao príncipe, durante a festa, figurava a antiga deste com Nastássia Filíppovna; ele ouvira algo a respeito daquela história e ficou muito interessado, queria mesmo fazer uma série de perguntas.

Bielokónskaia, ao sair da festa, disse para Lizavieta Prokófievna:

— Pois bem, ele é bom e é ruim; mas, se quer saber minha opinião, é mais ruim do que bom. Você mesma viu como o homem está doente!

Lizavieta Prokófievna resolveu, em definitivo, em seu íntimo, que ele era um noivo “impossível” e, à noite, jurou para si mesma que, “enquanto eu estiver viva, o príncipe não será o marido de Aglaia”. Foi nesse estado que saiu da cama, pela manhã. No entanto, logo na primeira hora, durante o desjejum, caiu numa chocante contradição consigo mesma.

A uma pergunta, aliás extremamente cautelosa, das irmãs, Aglaia, de súbito, respondeu friamente, mas em tom arrogante, como se quisesse cortar aquele assunto:

— Eu nunca dei a ele a minha palavra, nunca na minha vida eu considerei que ele fosse o meu noivo. Eu sou tão indiferente a ele como a

qualquer outro homem.

De repente, Lizavieta Prokófievna deu um suspiro.

— Eu não esperava isso de você — disse ela, em tom amargo. — Para noivo, ele não serve, eu sei, e graças a Deus que esse caso tenha terminado. Mas eu não esperava tais palavras de você! Achei que ouviria outra coisa de você. Eu poria para fora todos os convidados de ontem e só manteria o príncipe aqui. Esse é o tipo de pessoa que ele é!...

Então, de súbito, ela se deteve, assustada com o que ela mesmo havia falado. Mas como poderia saber que, naquele minuto, estava sendo injusta com a filha? Na cabeça de Aglaia, tudo já estava decidido; ela também esperava sua hora, que devia solucionar tudo, e qualquer alusão, qualquer toque descuidado abria uma ferida profunda em seu coração.

Também para o príncipe aquela manhã começara sob a influência de pressentimentos pesados; era possível explicá-los por seu estado doentio, porém ele estava com uma vaga tristeza e, para ele, aquilo era o mais torturante. Na verdade, diante dele estavam fatos bem claros, opressivos, virulentos, mas sua tristeza ia além de tudo que ele recordava e compreendia; ele se deu conta de que, sozinho, não conseguiria se acalmar. Aos poucos, no príncipe, cresceu a expectativa de que, naquele dia, aconteceria com ele algo especial e definitivo. O ataque sofrido na véspera tinha sido leve; exceto pela hipocondria, por certo peso na cabeça e pela dor nos braços e nas pernas, ele não sentia nenhum outro incômodo. A cabeça operava com bastante nitidez, embora ele tivesse a alma doente. Levantou-se bem tarde e logo recordou, com clareza, a noite anterior; embora sem grande nitidez, lembrou também que, meia hora após o ataque, levaram-no para casa. Soube que os Epantchin já haviam mandado alguém para saber notícias de sua saúde. Às onze e meia, veio outro mensageiro com o mesmo fim; o príncipe gostou daquilo. Vera Liébedieva foi uma das primeiras a visitá-lo, e cuidou dele. No momento em que o viu, começou a chorar, mas, depois que o príncipe a tranquilizou, ela riu. De súbito, o príncipe sentiu uma forte compaixão por aquela jovem; segurou sua mão e a beijou. Vera ficou vermelha.

— Ah, o que o senhor está fazendo! — exclamou, assustada, depois de retirar a mão rapidamente.

Foi embora logo em seguida, num estranho constrangimento. De passagem, ela ainda teve a chance de dizer que o pai, naquele dia, ao amanhecer, foi correndo à casa do “falecido”, como ele chamava o general, para saber se havia morrido durante a madrugada e soube que, pelo que diziam, com certeza, morreria logo. Ao meio-dia, o próprio Liébediev apareceu na casa do príncipe, mas, na verdade, “só por um minuto, a fim de saber da sua preciosa saúde” etc., bem como para fazer uma visita rápida ao “armário pequeno”. Mais nada fez, além de gemer e suspirar, e o príncipe, rapidamente, despediu-se dele. Mesmo assim, Liébediev tentou fazer perguntas acerca do ataque sofrido na véspera, embora fosse evidente que já sabia do caso em detalhes. Depois dele, acudiu Kólia, também só por um minuto; de fato, estava apressado, com uma inquietação forte e sombria. Logo de saída, pediu ao príncipe, com insistência, o esclarecimento de tudo que estavam escondendo dele, omitindo, porém, que já sabia de quase tudo, desde a noite anterior. Sua comoção era forte e profunda.

Com toda a possível simpatia de que era capaz, o príncipe relatou o episódio em sua totalidade, reconstituindo os fatos com todos os pormenores, e aquilo impressionou o pobre menino como se fosse um trovão. Kólia não conseguiu pronunciar nenhuma palavra e começou a chorar, em silêncio. O príncipe sentiu que aquilo era uma dessas impressões que permanecem para sempre e representariam uma guinada definitiva na vida do jovem. Tratou logo de apresentar sua visão acerca do caso, depois de acrescentar que, na sua opinião, talvez, a morte do velho seria causada sobretudo pelo horror que ficara gravado em seu coração, depois do ato que praticara, e que nem todos eram capazes de agir assim. Os olhos de Kólia cintilaram, quando ouviu o príncipe:

— Como são imprestáveis o Ganka, a Vária e o Ptítsin! Nem vou discutir com eles, mas, a partir de agora, nossos caminhos se separam! Ah, príncipe, desde ontem, eu senti muita coisa nova; esta é a minha lição! Agora, eu também considero que a mamãe está sob a minha responsabilidade; embora esteja bem provida na casa de Vária, mas isso não é tudo...

Ergueu-se de um salto, ao lembrar que o estavam esperando, perguntou, às pressas sobre a saúde do príncipe e, após ouvir a resposta, de repente, acrescentou, afobado:

— Mas não há outra coisa? Ontem, me contaram... Aliás, eu não tenho o direito... Mas se, algum dia, para qualquer coisa, o senhor precisar de um criado fiel, eu estou às suas ordens. Parece que nós dois não somos de todo felizes, não é? Mas... eu não vou ficar fazendo perguntas, não vou...

Foi embora, porém o príncipe se pôs ainda mais pensativo: todos vaticinavam infelicidade, todos já haviam tirado conclusões, todos pareciam estar cientes de alguma coisa, mas do que se tratava, ele não fazia ideia; Liébediev fez perguntas, Kólia fez alusões, Vera chorou. Por fim, irritado, ele encolheu os ombros: “Maldita cisma doentia”, pensou. Seu rosto se iluminou quando, antes das duas horas, viu as Epantchina, que vieram visitá-lo “só por um minutinho”. De fato, elas ficaram só um minuto. Lizavieta Prokófievna, logo depois do almoço, havia comunicado que iam passear todos juntos, naquele instante. O aviso foi dado em forma de ordem, de modo brusco e seco, sem explicações. Todos saíram, ou seja, a mãe, as filhas e o príncipe Sch. Lizavieta Prokófievna tomou a direção exatamente oposta à que seguiam todos os dias. Todos entenderam do que se tratava e todos se mantiveram em silêncio, com receio de irritar a mãe, e ela, como se buscasse abrigo contra censuras e objeções, caminhava à frente de todos, sem olhar para trás. Por fim, Adelaida notou que, num passeio, não havia

motivo para correr daquela forma e, também, que não daria mesmo tempo de alcançar a mãe.

— Escutem aqui — de repente, Lizavieta Prokófievna se virou para trás. — Estamos, agora, passando na frente da casa dele. A despeito do que a Aglaia pense e do que possa acontecer depois, ele não é uma pessoa estranha para nós, e agora, ainda por cima, está infeliz e doente; eu, pelo menos, vou fazer uma visita ligeira. Quem quiser vir comigo, que venha; quem não quiser, siga em frente; o caminho está livre.

Todos entraram, é claro. O príncipe, como convinha, tratou logo de pedir desculpas pelo vaso quebrado na véspera e também... pelo escândalo.

— Ora, não foi nada — respondeu Lizavieta Prokófievna. — Não é o vaso que me dá pena, mas sim o senhor. Portanto, agora, você mesmo está reparando que houve um escândalo: é isso que significa a expressão “Na manhã seguinte, somos mais sensatos...”. Mas também não foi nada de mais, pois qualquer um pode ver, agora, que não há nada para cobrar de você. Muito bem, até logo; se tiver forças para isso, vá passear um pouco e durma de novo, é o meu conselho. Mas, se lhe der vontade, venha nos fazer uma visita, como antes; esteja certo, de uma vez por todas, de que, não importa o que aconteça, não importa o resultado, você continuará a ser amigo da nossa família; pelo menos, meu amigo. Pelo menos, por mim eu posso responder...

Todos fizeram eco às suas palavras e confirmaram os sentimentos da mãe. E foram embora. Porém, naquela afobação ingênua de dizer algo afetuoso e animador, escondia-se uma boa dose de crueldade, da qual Lizavieta Prokófievna nem se deu conta. No convite para visitá-las “como antes” e nas palavras “para mim, pelo menos”, de novo, soava algo de profético. O príncipe se pôs a pensar em Aglaia; de fato, ela sorriu para ele de forma surpreendente, quando entrou, bem como na despedida, mas não

disse nenhuma palavra, mesmo na hora em que todos ratificaram sua amizade, embora, por duas ou três vezes, ela tenha olhado fixamente para o príncipe. O rosto de Aglaia estava mais pálido que de costume, como se tivesse dormido mal. O príncipe resolveu ir, sem falta, à casa delas, à noite, “como antes”, e olhou para o relógio de maneira febril. Exatamente três minutos depois da saída das Epantchina, chegou Vera.

— Agora mesmo, a Aglaia, discretamente, me transmitiu um recado para dar ao senhor.

O príncipe como que estremeceu.

— Um bilhete?

— Não, oralmente; e ela mal teve tempo de concluir. Pede que o senhor, durante todo o dia de hoje, nem por um minuto, deixe sua casa, até as sete horas da noite, ou mesmo até as nove, eu não escutei com exatidão.

— Mas... para que isso? O que quer dizer?

— Eu não sei de nada; ela só me mandou dar o recado, a todo custo.

— Ela falou assim: “a todo custo”?

— Não, senhor, não falou propriamente isso: ela mal teve tempo de se virar para falar comigo, eu mesma é que cheguei perto dela. Mas, pelo seu rosto, estava bem claro que era como se desse uma ordem, com as palavras “a todo custo” ou não. Ela olhou para mim de um jeito que fez meu coração gelar...

Depois de mais algumas perguntas, o príncipe, embora não tivesse descoberto mais nada, ficou ainda mais inquieto. Sozinho, deitou-se no sofá e começou, de novo, a pensar. “Talvez alguém esteja presente na casa deles até as nove horas e Aglaia, de novo, receie por mim, temendo que eu arrume alguma confusão diante das visitas”, refletiu, por fim, e começou de novo a esperar o anoitecer, com impaciência, olhando muito para o relógio. Mas o desenlace ocorreu muito antes do anoitecer e também na forma de

uma nova visita, um desenlace em novo formato, ou seja, na forma de um enigma torturante. Exatamente meia hora depois da saída das Epantchina, chegou Ippolit, mas tão cansado e exaurido que, ao entrar, sem dizer nenhuma palavra, como se tivesse perdido a memória, desabou literalmente na poltrona e, no mesmo instante, afundou numa tosse insuportável. Tossiu até cuspir sangue. Os olhos cintilavam, manchas rubras avermelharam as faces. O príncipe murmurou alguma coisa para ele, mas Ippolit não respondeu e, por muito tempo ainda, sem responder, apenas abanava a mão para que não o perturbassem, por enquanto. Enfim, se refez.

— Eu vou embora! — proferiu, enfim, com esforço e voz rouca.

— Se quiser, eu acompanho o senhor — disse o príncipe e levantou-se, mas logo vacilou, lembrando-se da recente proibição de sair de casa.

Ippolit riu.

— Eu não vou embora da sua casa — prosseguiu, sempre ofegante e com uma aspereza na voz. — Ao contrário, eu achei necessário vir à sua casa, e tenho um motivo sério... sem o qual eu não teria me dado esse trabalho. Eu vou embora *para o lado de lá*, e desta vez, parece, é sério. *Kaputt!*²¹⁰ Eu não digo isso para receber compaixão, acredite... Hoje, eu deitei às dez horas para não me levantar mais, até *aquela* hora, mas aí mudei de ideia e me levantei de novo para vir aqui, à sua casa... portanto, é necessário.

— Dá pena de olhar o senhor; era melhor ter me chamado, em vez de se dar todo esse trabalho.

— Bem, já chega. O senhor teve pena, portanto atendeu às exigências da cordialidade mundana... Ah, sim, eu esqueci: como anda a sua saúde?

— Estou bem. Ontem, eu não estava... muito...

— Eu soube, eu soube. O vaso chinês levou a pior. Pena que eu não estava lá! Andei ocupado. Em primeiro lugar, hoje, tive o prazer de ver Gavrila Ardaliónovitch quando eu estava num encontro com Aglaia

Ivánovna, no banco verde. Fiquei admirado de ver a que ponto um homem pode parecer estúpido. Comentei isso para a própria Aglaia Ivánovna, quando Gavrila Ardaliónovna foi embora... O senhor parece que não está nem um pouco surpreso, príncipe — acrescentou, olhando com ar incrédulo para o rosto sereno do príncipe. — Não se espantar com nada, pelo que dizem, é sinal de grande inteligência; para mim, na mesma medida, também pode ser sinal de grande estupidez... Aliás, eu não estou me referindo ao senhor, perdoe... Hoje, eu estou muito infeliz nas minhas expressões...

— Ontem mesmo eu soube que o Gavrila Ardaliónovitch... — O príncipe vacilou, visivelmente embaraçado, embora Ippolit estivesse irritado porque o príncipe não se espantava.

— O senhor já sabia! Isso é uma novidade! Mas, por favor, não me conte nada... E o senhor não estava lá no encontro de hoje?

— O senhor viu que eu não estava, se o senhor foi mesmo lá.

— Bem, o senhor podia estar escondido, agachado atrás de um arbusto. Entretanto, em todo caso, eu fico feliz pelo senhor, é claro, pois eu já estava pensando que o Gavrila Ardaliónovitch era o preferido!

— Peço ao senhor que não fale comigo sobre esse assunto, Ippolit, e ainda mais com expressões desse tipo.

— E ainda mais porque já está sabendo de tudo.

— O senhor se engana. Eu não sei de quase nada e a Aglaia sabe, com certeza, que eu não sei de nada. Mesmo sobre esse encontro, eu não sabia rigorosamente nada... O senhor está dizendo que houve um encontro? Certo, muito bem, vamos deixar isso de lado...

— Mas como pode: uma hora diz que sabe e depois, que não sabe? O senhor diz: muito bem, vamos deixar isso de lado? Ora, essa não, não seja assim tão confiante! Sobretudo se não sabe de nada. O senhor se sente confiante, também, porque não sabe. Por acaso o senhor sabe dos cálculos

dessas duas pessoas, o irmão e a irmã? Quem sabe o senhor desconfie de algo?... Está certo, está certo, eu vou deixar o assunto de lado... — acrescentou, ao notar um gesto de impaciência do príncipe. — Mas eu vim aqui para tratar de um assunto particular e sobre isso eu quero... me explicar. Que diabo, eu não posso morrer sem dar uma explicação; é horrível quantas explicações eu tenho de dar. O senhor quer escutar?

— Fale, estou ouvindo.

— No entanto, mais uma vez, eu mudo de opinião: vou começar pelo Gánietchka. Imagine o senhor que eu também tinha marcado, hoje, de ir ao banco verde. Ou melhor, não quero mentir: eu mesmo insisti no encontro, pedi muito, prometi revelar um segredo. Não sei se eu cheguei cedo demais (parece que cheguei cedo, mesmo), mas, assim que tomei meu lugar ao lado de Aglaia Ivánovna, quando vi, apareceu o Gavrila Ardaliónovitch, e também a Varvara Ardaliónovna, os dois de braço dado, como se estivessem passeando. Os dois pareceram muito impressionados de me encontrar ali, não esperavam, ficaram até sem graça. Aglaia Ivánovna ficou vermelha e, acredite ou não, ela chegou a perder um pouco o controle de si mesma, ou por eu estar ali, ou apenas por ver o Gavrila Ardaliónovitch, pois ele estava mesmo muito bonito, mas foi só ela ficar toda ruborizada para a questão se encerrar na mesma hora, em um segundo, e de maneira muito ridícula. A Aglaia se levantou um pouco, respondeu ao cumprimento de cabeça de Gavrila Ardaliónovitch, ao sorriso bajulador de Varvara Ardaliónovna e, de repente, disparou: “Eu vim aqui só para expressar aos senhores, pessoalmente, a minha satisfação com os seus sentimentos sinceros e amigáveis, e dizer que, se um dia eu precisar deles, acreditem que...”. Curvou-se numa reverência e os dois foram embora. Não sei se estavam se sentindo tolos ou vitoriosos. O Gánietchka, claro, se sentiu um tolo; ele não estava entendendo nada e ficou vermelho feito um camarão (a

expressão do seu rosto, às vezes, é espantosa!), mas a Varvara Ardaliónovna parece que entendeu que era preciso ir embora o quanto antes e que aquilo já era mais do que se podia esperar de Aglaia Ivánovna, e arrastou o irmão para longe. Ela é mais inteligente do que ele e tenho certeza de que, agora, ela se sente vitoriosa. Quanto a mim, eu fui lá conversar com a Aglaia Ivánovna para combinar um encontro com a Nastássia Filíppovna!

— Com a Nastássia Filíppovna! — gritou o príncipe.

— Ahá! Parece que o seu sangue-frio acabou e que o senhor está começando a ficar espantado, não é? Muito me alegra que o senhor esteja disposto a se parecer com uma pessoa de verdade. Em retribuição, vou divertir o senhor, um pouco. É isso o que se ganha quando se quer prestar um serviço a damas jovens de alma elevada: hoje, eu ganhei dela um tapa na cara!

— No sentido mo-mo-moral? — perguntou o príncipe, sem pensar.

— Sim, não foi físico. Parece-me que ninguém vai levantar a mão contra uma pessoa como eu, agora, nem uma mulher batera em mim, nem o Gánietchka! Se bem que ontem, a certa altura, eu até pensei que ele fosse me agredir... Eu aposto que sei direitinho o que é que o senhor está pensando agora. Está pensando assim: “Vamos admitir que não seja possível bater nele; em compensação, é possível sufocá-lo com um travesseiro ou com um pano molhado, enquanto estiver dormindo... é mesmo o que deve ser feito...”. No rosto do senhor, está escrito que está pensando isso, neste exato segundo.

— Eu jamais pensei tal coisa! — exclamou o príncipe, com repugnância.

— Não sei, hoje eu sonhei que tinham me sufocado com um trapo molhado... um homem... Pois bem, eu vou lhe dizer quem foi. Imagine só: o Rogójin! Como o senhor acha que se pode sufocar uma pessoa com um trapo molhado?

— Não sei.

— Eu ouvi dizer que é possível. Muito bem, vamos deixar isso de lado. Vejamos, então, por que é que eu sou um bisbilhoteiro? Por que, hoje, ela me xingou de bisbilhoteiro? E repare que ela fez isso só depois de me escutar até a última palavra e de ter até feito perguntas... As mulheres são assim! Foi por ela que passei a ter contato com o Rogójin, uma pessoa interessante; foi pelo interesse dela que organizei um encontro pessoal com a Nastássia Filíppovna. Quem sabe eu feri o seu amor-próprio, quando insinuei que ela se contentava com os “restos do almoço” da Nastássia Filíppovna? E foi pelos interesses dela que eu fiquei explicando tudo para ela muitas vezes, eu não nego, e por ela eu escrevi duas cartas desse gênero, e hoje uma terceira, sobre o encontro... Mais cedo, eu comecei a explicar para ela que era humilhante, da parte dela... Além do mais, a expressão “restos do almoço”, em particular, não é criação minha, mas de outra pessoa; pelo menos, é o que todos falavam, na casa do Gánietchka; ela mesma confirmou isso. Muito bem, então por que, para ela, eu sou um bisbilhoteiro? Sei, sei. O senhor está muito ridículo, agora, aos meus olhos, e eu aposto que o senhor quer aplicar a mim estes versos tolos: “E talvez no meu ocaso triste/ Brilhe o amor com um sorriso de adeus”.²¹¹ Ha-ha-ha! — De repente, ele desatou uma gargalhada histérica e começou a tossir. — Observe o senhor mesmo — disse com voz rouca, no meio da tosse — que tipo de pessoa é o Gánietchka. Ele fala dos “restos do almoço” e, agora, veja só como ele mesmo deseja tirar proveito disso!

O príncipe permaneceu muito tempo em silêncio; ele estava horrorizado.

— O senhor falou sobre um encontro com Nastássia Filíppovna? — balbuciou, enfim.

— Foi sim, mas será que o senhor, na verdade, não sabe que hoje vai haver um encontro entre Aglaia Ivánovna e Nastássia Filíppovna, e que

Nastássia Filíppovna foi chamada de Petersburgo com esse fim, por intermédio de Rogójin, atendendo a um convite de Aglaia Ivánovna e graças aos meus esforços, e que ela, agora, se encontra junto de Rogójin, num local bem próximo daqui, na mesma casa de antes, daquela senhora, Dária Alekséievna... uma senhora muito ambígua, sua amiga, e hoje, para lá, para aquela casa ambígua, seguirá também a Aglaia Ivánovna, para ter uma conversa amigável com a Nastássia Filíppovna e para resolver diversos problemas. Querem estudar aritmética. O senhor não sabia? Palavra de honra?

— É inacreditável!

— Certo, que seja inacreditável; entretanto, como é que o senhor sabe? Se bem que, aqui, se uma poeira voa, logo todo mundo fica sabendo: que lugarzinho! No entanto, eu preveni o senhor, e o senhor pode ser grato a mim. Pois bem, até a vista... ainda neste mundo, provavelmente. E mais uma coisa: se eu agi mal em relação ao senhor, foi porque... mas para que eu vou perder meu tempo, podia me dizer, por gentileza? Para beneficiar o senhor, será? Afinal, eu dediquei a ela a minha confissão (o senhor não sabia?). E ela bem que aceitou! He-he! Mas, com ela, eu não agi mal, com relação a ela, eu não tenho culpa de nada; foi ela que me cobriu de vergonha e me deixou numa situação ruim... Mas, mesmo com relação ao senhor, eu também não tenho culpa de nada; se, antes, eu fiz alusão aos “restos do almoço” e tudo o mais que tenha esse sentido, agora eu estou comunicando ao senhor o dia, a hora e o local do encontro, e dou por encerrada toda essa brincadeira... por despeito, é claro, e não por generosidade. Adeus, eu sou um tagarela, como um gago ou como um tuberculoso; veja só, tome as providências, e depressa, se o senhor merece ser chamado de ser humano. O encontro é hoje à noitinha, isso é certo.

Ippolit se dirigiu à porta, mas o príncipe gritou para ele, que se deteve no limiar.

— Portanto, na sua opinião, a Aglaia Ivánovna irá pessoalmente ao encontro com a Nastássia Filíppovna? — perguntou o príncipe. Manchas vermelhas surgiram em suas faces e na testa.

— Os detalhes, eu ignoro, mas provavelmente será assim — respondeu Ippolit, olhando de lado, por cima do ombro. — No entanto, não pode ser diferente. A Nastássia Filíppovna não pode ir à casa dela, não é? Nem à casa de Gánietchka; lá está alguém que é quase um defunto. Que general é aquele, hein?

— Isso é impossível por esta simples razão! — confirmou o príncipe. — Como ela vai sair, mesmo que ela queira? O senhor não conhece... os costumes daquela família: ela não pode sair sozinha para ir à casa de Nastássia Filíppovna; isso é absurdo!

— Veja bem, príncipe: ninguém vai pular por uma janela, mas, em caso de incêndio, talvez o gentleman mais rigoroso e a mais intransigente dama da alta sociedade vão pular pela janela. Se for necessário, se não houver opção, a nossa fina senhorita também irá ao encontro de Nastássia Filíppovna. Mas será mesmo que, na casa delas, das suas damas finas, não deixam as jovens irem a lugar nenhum?

— Não, não é isso que eu...

— Ah, não é isso. Então, para ela, basta sair pela porta da frente e seguir adiante, e depois, quem sabe, ela não vai mais voltar para casa. Há situações em que a pessoa pode queimar seu próprio barco e, talvez, não voltar mais para casa: a vida não é feita só de almoços, jantares e príncipes Sch. Parece-me que o senhor toma a Aglaia Ivánovna por uma jovem nobre ou por uma aluna de colégio interno da nobreza; eu até falei com ela sobre isso; parece que ela concorda. Espere até sete ou oito horas... No seu lugar, eu mandaria

alguém para vigiar, a fim de saber com exatidão a hora em que ela vai sair pela porta da frente. Ora, quem sabe o Kólia pode fazer isso? Ele vai espionar com prazer, pode acreditar, quero dizer, para o senhor... pois, afinal tudo é relativo... Ha-ha!

Ippolit foi embora. O príncipe não tinha a menor vontade de mandar alguém espionar, mesmo se fosse capaz disso. A ordem de Aglaia para ele ficar em casa, agora, estava quase explicada: talvez quisesse levá-lo junto com ela. Na verdade, quem sabe, ela não queria, justamente, que ele fosse lá e, por isso, mandou o príncipe ficar em casa... Podia ser também. Sua cabeça rodava; o quarto inteiro girava à sua volta. O príncipe deitou-se no sofá e fechou os olhos.

De um jeito ou de outro, a questão era decisiva, definitiva. Não, o príncipe não tomava Aglaia por uma dama da nobreza nem por uma aluna de colégio interno; agora, ele sentia que tinha medo, e desde muito tempo, de algo daquele tipo; mas para que ela queria ver Nastássia Filíppovna? Um calafrio percorreu seu corpo; de novo, ele estava febril.

Não, ele não a considerava uma criança! Ultimamente, certos olhares, certas palavras de Aglaia o deixavam apavorado. Certa ocasião, pareceu-lhe que ela se mostrava insistente demais, tensa demais, e o príncipe recordou que aquilo o deixara assustado. Na verdade, durante todos aqueles dias, ele fazia força para não pensar naquilo, repelia pensamentos opressivos, mas o que se ocultava naquela alma? Essa era a pergunta que o atormentava, já havia algum tempo, embora ele confiasse naquela alma. Pois bem, tudo aquilo, agora, havia de se resolver e se revelar, naquele dia: uma ideia horrível! E, de novo, “aquela mulher”! Por que será que ele sempre tivera a impressão de que aquela mulher apareceria exatamente no último instante e faria em pedaços todo o destino dele, como se fosse uma linha podre? Tal pergunta, ele não se fizera nem uma vez, naquele dia; nesse aspecto, ele

tinha o coração puro: o príncipe sabia a quem amava... Não era tanto o encontro entre as duas que o príncipe temia, não era a estranheza, não era a causa daquele encontro, desconhecida para ele, não era seu desenlace, qualquer que fosse — ele temia a própria Nastássia Filíppovna. Já depois de alguns dias, ele viria a recordar que, naquelas horas febris, quase todo o tempo, o olhar dela, os olhos dela surgiam em sua mente, ele ouvia a voz dela, suas palavras — eram palavras estranhas, se bem que, depois, passadas aquelas horas febris e angustiantes, pouca coisa restou em sua memória. Mal conseguia lembrar, por exemplo, que Vera trouxera seu almoço nem que ele havia almoçado, não lembrava se tinha dormido depois do almoço ou não. Só sabia que começara a distinguir tudo com muita clareza, naquela noite, apenas a partir do minuto em que Aglaia, de repente, veio ao seu encontro, pela varanda, e ele se ergueu do sofá, com um pulo, e foi para o meio da sala para recebê-la: eram sete e quinze. Aglaia estava completamente sozinha, vestida com simplicidade e, como se fosse às pressas, com uma capinha leve. Tinha o rosto pálido, como mais cedo, e os olhos brilhavam com força, numa luz seca; o príncipe nunca vira tal expressão em seus olhos. Ela olhou para o príncipe com muita atenção.

— O senhor já está pronto — notou ela, em voz baixa, como se estivesse tranquila. — Já vestido e com o chapéu na mão. Portanto, já preveniram o senhor, e eu sei quem foi: o Ippolit, não foi?

— Sim, ele me contou... — murmurou o príncipe, quase morto.

— Então vamos: o senhor sabe que deve, a todo custo, me acompanhar. Afinal, eu creio que o senhor está em condições de vir comigo, não está?

— Estou em condições, mas... será mesmo possível?

Ele se interrompeu por um instante, porém já não conseguiu falar mais nada. Foi sua única tentativa de deter aquela insana. Em seguida, ele mesmo foi atrás dela, como um cativo. Por mais confusos que estivessem seus

pensamentos, ainda assim, ele compreendia que Aglaia iria para *lá* mesmo sem ele e, portanto, de um jeito ou de outro, ele tinha de ir com ela. O príncipe adivinhava a força da decisão de Aglaia; ele não tinha como deter aquele impulso feroz. Os dois caminhavam em silêncio, não disseram quase nenhuma palavra durante todo o percurso. Ele apenas reparou que Aglaia conhecia bem o caminho e, quando ele quis entrar numa travessa mais distante, por ser menos movimentada, e sugeriu isso a ela, Aglaia escutou com atenção, como se ponderasse, e respondeu com *secura*: “Dá na mesma!”. Quando estavam quase chegando à casa de Dária Alekséievna (uma casa velha, de madeira), uma senhora em roupas suntuosas desceu da varanda, junto com uma jovem; as duas sentaram num coche de luxo, que as aguardava logo em frente. Elas riam e conversavam em voz alta e nem uma vez voltaram o olhar para os recém-chegados, como se nem percebessem que estavam ali. Assim que o coche partiu, a porta da casa abriu outra vez e Rogójin, que os aguardava, deixou o príncipe e Aglaia entrarem e fechou a porta atrás deles.

— Agora, não há mais ninguém na casa, exceto nós quatro — disse ele, e olhou para o príncipe de maneira estranha.

No primeiro cômodo, Nastássia Filíppovna também os aguardava, vestida também de forma bem simples, toda de preto; ergueu-se e foi ao encontro deles, mas não sorriu nem estendeu a mão para o príncipe.

Inquieto e impaciente, o olhar dela cravou-se em Aglaia. As duas sentaram-se um pouco afastadas: Aglaia, no sofá, no canto da sala; Nastássia Filíppovna, junto à janela. O príncipe e Rogójin não se sentaram nem foram convidados a sentar. Perplexo, como se sentisse uma dor, o príncipe olhou de novo para Rogójin, mas este sorria, sempre com o mesmo sorriso de antes. O silêncio se prolongou por mais algum tempo.

Enfim, uma sensação sinistra atravessou o rosto de Nastássia Filíppovna; seu olhar tornou-se firme, obstinado, quase cheio de ódio, e nem por um minuto se despreendeu da visitante. Aglaia estava visivelmente abalada, mas não se intimidava. Ao entrar, mal olhou para sua rival e, até aquele momento, mantinha-se de olhos baixos, como se estivesse imersa em reflexões. Por duas ou três vezes, como que por acaso, seu olhar rodou pela sala; a repugnância, bem visível, estampou-se em seu rosto, como se ali ela temesse se sujar. De maneira mecânica, ajeitava as roupas e até mudou de lugar, uma vez, um tanto intranquila, passando para a ponta do sofá. Era pouco provável que ela mesma tivesse consciência de todos os seus movimentos; porém a inconsciência reforçava mais ainda a afronta desses movimentos. Por fim, olhou direto e firme nos olhos de Nastássia Filíppovna e, no mesmo instante, enxergou com clareza tudo o que se espelhava no olhar exasperado da rival. A mulher entendeu a mulher; Aglaia estremeceu.

— Naturalmente, a senhora sabe por que eu vim aqui — disse ela, afinal, mas muito baixo, e chegou até a interromper duas ou três vezes aquela frase curta.

— Não, eu não sei de nada — respondeu Nastássia Filíppovna, em voz seca e entrecortada.

Aglaia ruborizou-se. Talvez, de repente, tenha lhe parecido muito estranho e até inacreditável que estivesse ali, sentada diante “daquela mulher”, na casa “daquela mulher”, e tivesse de lhe dar uma resposta. Aos primeiros sons da voz de Nastássia Filíppovna, uma espécie de tremor percorreu seu corpo. Claro, “aquela mulher” percebeu aquilo muito bem.

— A senhora está entendendo tudo... mas, de caso pensado, finge que não está entendendo — Aglaia quase sussurrou, olhando para o chão, obstinadamente.

— Para que eu faria isso? — Nastássia Filíppovna quase sorriu.

— A senhora quer tirar proveito da minha situação... por eu estar na sua casa — prosseguiu Aglaia, sem jeito e até de modo ridículo.

— A culpada desta situação é a senhora mesma, e não eu! — inflamou-se, de repente, Nastássia Filíppovna. — A senhora não foi convidada por mim, mas sim eu, pela senhora, e até agora ignoro por quê.

Com ar soberbo, Aglaia ergueu a cabeça:

— Contenha sua língua; eu não vim aqui lutar contra a senhora com as suas armas...

— Ah! Portanto, no final das contas, a senhora veio para “lutar”? Ora essa, eu que achava que a senhora fosse mais... espirituosa...

As duas olharam uma para a outra, já sem esconder o rancor. Uma delas era a mulher que, bem pouco tempo antes, escrevera aquelas cartas para a outra. E agora tudo se dissipou, logo ao primeiro contato e às primeiras palavras. Mas como? Parecia que, naquele momento, nenhuma das quatro pessoas presentes no quarto achava aquilo estranho. O príncipe, que, ainda na véspera, não acreditaria sequer na possibilidade de ver tal fato, nem em sonho, agora aguardava parado, olhava e escutava, como se já pressentisse tudo aquilo havia muito tempo. O sonho mais fantástico tornou-se, de repente, a mais radiosa, incisiva e evidente realidade. Uma daquelas mulheres, naquele instante, já desprezava a outra a tal ponto, e a tal ponto desejava dizê-lo para a outra (quem sabe tinha vindo só para isso, como sugeriu Rogójin no dia seguinte), que, por mais fantasiosa que fosse essa outra mulher, com sua razão abalada e sua alma enferma, nenhuma ideia preconcebida parecia capaz de resistir à força do puro e virulento desprezo feminino de sua rival. O príncipe estava convencido de que Nastássia Filíppovna, por iniciativa própria, não falaria sobre as cartas. Por seus olhares faiscantes, o príncipe deduziu o quanto deviam ter lhe custado

aquelas cartas; porém ele daria metade de sua vida para que Aglaia, agora, também não tocasse na questão das cartas.

No entanto, de repente, Aglaia pareceu recuperar as forças e, de uma só vez, retomou o domínio sobre si mesma.

— A senhora não entendeu — disse ela. — Eu não vim aqui para... brigar com a senhora, embora eu não goste da senhora. Eu... eu vim à sua casa... para conversar de forma humana. Quando convidei a senhora, decidi o que eu ia falar, e não me afastei da minha decisão, apesar de a senhora não ter me compreendido corretamente. Mas tanto pior para a senhora, não para mim. Eu queria lhe dar uma resposta sobre aquilo que a senhora me escreveu, e queria responder pessoalmente, porque isso me parecia mais adequado. Então, escute bem a minha resposta para todas as suas cartas: eu tive pena do príncipe Liev Nikoláievitch desde aquele primeiro dia, quando ele apareceu em nossa casa, e também depois, quando vim a saber de tudo o que se passou naquela festa na casa da senhora. Eu tive pena dele por ser uma pessoa tão inocente e por ter acreditado, em sua simplicidade, que podia ser feliz... com uma mulher... de tal caráter. E o que eu temia, no caso dele, acabou se concretizando: a senhora não foi capaz de amá-lo, atormentou-o e, em seguida, o pôs de lado. E a senhora não podia amá-lo por ser orgulhosa demais... não, orgulhosa, não, eu me expressei mal, mas sim por ser vaidosa... mas também não é isso: a senhora ama a si mesma até... a loucura, e disso dão testemunho as cartas que a senhora me escreveu. A senhora não foi capaz de amar um homem tão simples e até, quem sabe, no íntimo, o desprezou e zombou dele, a senhora só podia amar a sua própria desonra e o constante pensamento de que a senhora é uma pessoa desonrada e que ofenderam a senhora. Se a senhora tivesse menos desonra, ou desonra nenhuma, seria mais infeliz... — Aglaia falou com demasiado prazer aquelas palavras, pronunciadas depressa, mas já

planejadas e prontas havia muito tempo, ainda que só na imaginação, quando nem em sonho imaginava que ocorreria aquele encontro; com olhar venenoso, observou o efeito de suas palavras no rosto de Nastássia Filíppovna, desfigurado de emoção. — A senhora lembra — prosseguiu ela — quando ele me escreveu uma carta? Ele disse que a senhora sabia da carta e que tinha até lido, não foi? Por aquela carta, eu compreendi tudo, e compreendi muito bem; ele mesmo me confirmou isto, ou seja, tudo que estou dizendo para a senhora, até palavra por palavra. Depois da carta, eu esperei. Adivinhei que a senhora viria para cá, porque a senhora não pode viver sem Petersburgo: a senhora ainda é jovem e bonita demais para morar na província... No entanto, estas também não são palavras minhas — acrescentou, muito ruborizada e, a partir de então, o rubor não abandonou mais seu rosto, até o fim de sua fala. — Quando eu vi o príncipe outra vez, me senti tremendamente aflita por ele, e até ultrajada. Não ria. Se a senhora rir, é porque não é digna de compreender isso...

— A senhora bem vê que eu não estou rindo — respondeu Nastássia Filíppovna, triste e severa.

— Mas, para mim, tanto faz. Pode rir o quanto quiser. Quando eu mesma perguntei para o príncipe, ele me disse que já fazia muito tempo que não amava a senhora, que a mera recordação da senhora lhe causava dor, mas disse que sentia pena da senhora e que, quando se lembrava da senhora, seu coração parecia “perfurado para sempre”. Eu devo lhe dizer, também, que eu nunca vi, na vida, ninguém parecido com ele, na nobreza, na inocência e em sua ilimitada credulidade. Depois entendi o sentido das palavras dele, quando disse que qualquer pessoa que quisesse poderia enganá-lo e que, não importa quem o engane, ele sempre irá perdoar, e então foi por isso que me apaixonei por ele...

Aglaia se deteve por um momento, como que chocada, como se ela mesma não acreditasse que tinha sido capaz de proferir tais palavras; mas, ao mesmo tempo, um orgulho quase ilimitado rebrilhou em seu olhar; agora, parecia a ela que nada mais importava, mesmo se “aquela mulher” risse da confissão que ela havia deixado escapar.

— Eu lhe contei tudo e, claro, agora a senhora entendeu o que eu quero da senhora, não é?

— Pode ser que eu tenha entendido; mas me diga, a senhora mesma — respondeu Nastássia Filíppovna, em voz baixa.

A raiva incendiou o rosto de Aglaia.

— Eu queria que a senhora me explicasse — falou com voz firme e pausada — com que direito se intromete nos sentimentos dele em relação a mim. Com que direito a senhora se atreveu a me escrever as cartas? Com que direito a senhora declara, a todo instante, para ele e para mim, que o ama, depois que a senhora mesma o abandonou e fugiu dele de modo tão... ultrajante e desonroso?

— Eu não disse nem a ele nem à senhora que o amo — disse Nastássia Filíppovna, com esforço. — E... a senhora tem razão, eu fugi dele, mas... — acrescentou, já em voz quase inaudível.

— Como não disse nem a ele nem a mim? — exclamou Aglaia. — E as suas cartas? Quem foi que pediu à senhora que nos aproximasse e tentasse me convencer a casar com ele? Isso não é o bastante? Por que a senhora nos assediou? No início, eu achava que a senhora, ao contrário, queria me inocular uma repulsa em relação a ele, ao se intrometer em nossa vida, e queria que eu o rejeitasse, e só depois fui me dar conta do que se tratava, de fato: a senhora simplesmente imaginou que estava praticando uma ação muito elevada, com todas essas dissimulações... Mas será que a senhora poderia amar o príncipe, se ama tanto a própria vaidade? Por que a senhora,

simplesmente, não foi embora daqui, em vez de me escrever aquelas cartas ridículas? Por que a senhora não casa, agora, com um homem nobre que ama a senhora tanto e que lhe deu a honra de pedir sua mão em casamento? O motivo está muito claro: se casar com o Rogójin, que ultraje ainda restará, para a senhora? Seria até honra demais, para a senhora! Evguiêni Pávlich disse que a senhora leu poemas em excesso e que é “instruída em excesso para a sua... condição”; que a senhora é uma mulher muito lida, mas é ociosa; a isso acrescenta a sua vaidade e aí estão todos os seus motivos...

— E a senhora por acaso não é ociosa?

Foi com rapidez excessiva, com franqueza excessiva, que a conversa chegou àquele ponto inesperado, porque Nastássia Filíppovna, enquanto se dirigia para Pávlovsk, ainda alimentava alguns sonhos, embora, é claro, supusesse antes algo ruim do que bom; já Aglaia foi, definitivamente, arrastada por um ímpeto momentâneo e era como se tivesse caído de uma montanha e não fosse capaz de conter-se diante do horrível prazer da vingança. Nastássia Filíppovna achou até estranho ver Aglaia daquela maneira; olhava para ela e era como se não acreditasse nos próprios olhos e, no primeiro momento, sentiu-se desnorreada. Fosse ela uma mulher que leu poemas demais, como sugeriu Evguiêni Pávlovitch, ou tivesse simplesmente enlouquecido, como o príncipe estava convicto, de um modo ou de outro, essa mulher — às vezes, com expedientes bem cínicos e atrevidos — era, de fato, muito mais tímida, meiga e digna de confiança do que se poderia supor, a seu respeito. Na verdade, havia nela muito de livresco, sonhador, reservado e fantasioso, mas, em compensação, também havia muito de forte e profundo... O príncipe entendia aquilo; o sofrimento se exprimia no rosto dele. Aglaia percebeu aquilo e começou a tremer de ódio.

— Como a senhora se atreve a se dirigir a mim desse modo? — exclamou Aglaia, com arrogância inexprimível, em resposta ao comentário de Nastássia Filíppovna.

— Com certeza, a senhora ouviu mal — espantou-se Nastássia Filíppovna. — Como foi que eu me dirigi à senhora?

— Se queria ser uma mulher honesta, por que não abandonou simplesmente, naquela ocasião, o seu sedutor, o Tótski... sem encenações teatrais? — disse Aglaia, de súbito, sem mais nem menos.

— O que é que a senhora sabe a respeito da minha situação, para se atrever a me julgar? — Nastássia Filíppovna estremeceu, terrivelmente pálida.

— Eu sei que a senhora não foi embora para trabalhar, mas fugiu, isto sim, com o ricoço Rogójin, para fazer o papel de um anjo caído. Não me admira que o Tótski tenha chegado à beira de se matar com um tiro, por causa do anjo caído!

— Pare! — exclamou Nastássia Filíppovna com repugnância e como que tolhida pela dor. — A senhora me compreendeu tanto quanto... a criada de Dária Alekséievna, que, um dia desses, foi processada no juiz de paz junto com seu noivo. Ela até compreenderia melhor do que a senhora...

— Na certa é uma jovem honesta que ganha a vida com seu trabalho. Por que a senhora se refere à criada com tanto desprezo?

— Eu não trato o trabalho com desprezo, eu sinto desprezo pela senhora, quando fala de trabalho.

— Se quisesse ser honesta, deveria ser lavadeira.

As duas se levantaram e, pálidas, olharam uma para a outra.

— Aglaia, pare com isso! Não é justo — gritou o príncipe, como se estivesse fora de si. Já Rogójin não sorria, mas escutava com os lábios contraídos e de braços cruzados.

— Vejam só, olhem para ela — disse Nastássia Filíppovna, trêmula de exasperação. — Olhem só para essa dama da sociedade! E eu que achei que era um anjo! A senhora veio à minha casa sem a sua governanta, Aglaia Ivánovna?... Quer... quer que eu lhe diga, agora, sem rodeios, sem gracinhas, por que é que a senhora veio me visitar? Foi porque teve medo, por isso veio aqui.

— Medo da senhora? — perguntou Aglaia, fora de si, em sua perplexidade ingênua e temerária, ao ver que a outra se atrevera a lhe falar daquela maneira.

— Claro, de mim! Se a senhora resolveu vir aqui, é porque tem medo de mim. Não desprezamos as pessoas de quem temos medo. E pensar que eu a respeitava, até há poucos minutos! Sabe por que a senhora tem medo de mim e qual é, agora, o seu principal objetivo? A senhora queria certificar-se pessoalmente, verificar se ele ama a mim mais do que ama a senhora, porque a senhora sente terríveis ciúmes...

— Ele já me contou que odeia a senhora... — Aglaia mal conseguiu balbuciar.

— Pode ser. Pode ser, eu não o mereço, só que... só que a senhora mentiu, eu creio! Ele não pode me odiar e também não poderia falar assim! Mas estou disposta a perdoar a senhora... em consideração à sua posição... só que eu tinha uma opinião melhor a respeito da senhora; achei que era mais inteligente, e até mais bonita, eu juro!... Muito bem, leve o seu tesouro... Veja só como ele está olhando para a senhora, ele não está conseguindo entender, leve-o consigo, mas sob uma condição: saia daqui já! Neste minuto!...

Tombou na poltrona e se afogou em lágrimas. Mas, de repente, algo novo brilhou em seus olhos; fitou Aglaia fixamente, com obstinação, e se pôs de pé:

— Ou, se preferir, eu agora... eu vou or-de-nar, está ouvindo? Basta que eu or-de-ne, para que ele, na mesma hora, largue você e fique do meu lado, e para sempre, e case comigo, e aí você voltará sozinha para casa. Que tal? Quer isso, quer? — gritou como louca, talvez quase sem acreditar, ela mesma, que era capaz de dizer tais palavras.

Com o choque, Aglaia fez menção de correr para a porta, mas se deteve, como que cravada no chão, e escutou:

— Quer que eu enxote daqui o Rogójin? Você achou que eu ia casar com o Rogójin para a sua satisfação? Pois, olhe, eu vou gritar, na sua frente: “Vá embora daqui, Rogójin!”. E, para o príncipe, eu vou dizer: “Lembra o que você prometeu?”. Meu Deus! Para que eu me rebaixei tanto diante deles? Não foi você, príncipe, que garantiu que ficaria a meu lado, a despeito do que pudesse me acontecer, e que nunca iria me deixar? E que você me ama e que ia largar tudo por mim e que me res... resp... Sim, você também disse isso! E eu fugi de você só para lhe dar liberdade, mas agora eu não quero mais! Por que ela me tratou como uma depravada? Se quer saber se eu sou depravada, pergunte ao Rogójin, ele lhe dirá! Agora, que ela me cobriu de vergonha, e ainda mais na frente dos seus olhos, você vai dar as costas para mim e vai embora, de braços dados com ela? Vá embora, Rogójin, eu não quero você! — gritou, quase ensandecida, arrancando as palavras do peito com esforço, o rosto desfigurado, os lábios crispados, obviamente sem acreditar nem um pouco na própria bravata, mas, ao mesmo tempo, desejando prolongar aquele momento, por pouco que fosse, e enganar a si mesma. O arrebatamento era tão forte que talvez ela morresse ali mesmo, pelo menos foi essa a impressão do príncipe. — Olhe só para ele, olhe! — gritou ela, afinal, para Aglaia, apontando para o príncipe com a mão. — Se ele, agora, não vier para junto de mim, não me tomar e não largar você, pode levá-lo consigo, eu desisto, eu não preciso dele!...

Ela e Aglaia ficaram paradas, como que aguardando; as duas olharam para o príncipe, como desvairadas. Mas ele parecia não entender toda a força daquele desafio, pode-se até dizer que não entendia nada, de fato. À sua frente, via apenas um rosto desesperado, louco, o rosto que, como dissera ele, certa vez, para Aglaia, havia “perfurado meu coração para sempre”. Ele não conseguiu mais suportar e, em tom de apelo e censura, voltou-se para Aglaia, enquanto apontava para Nastássia Filíppovna:

— Como isto é possível? Afinal ela é... tão infeliz!

No entanto, mal pronunciou aquilo, emudeceu diante do olhar atarrador de Aglaia. Naquele olhar, exprimia-se, a tal ponto, sofrimento e, ao mesmo tempo, um ódio tão infinito, que ele abriu os braços, deu um grito e se atirou sobre Aglaia, porém já era tarde! Ela não suportou nem um minuto de sua hesitação, cobriu o rosto com as mãos, gritou “Ah, meu Deus!”, e precipitou-se para fora dali; atrás dela correu Rogójin, para abrir o ferrolho da porta que dava para a rua.

O príncipe também correu, porém, no caminho, braços o seguraram. O rosto desfigurado de Nastássia Filíppovna olhava para ele, cara a cara, e os lábios azulados se moveram, para perguntar:

— Vai atrás dela? Atrás dela?

E ela tombou desacordada nos braços do príncipe. Ele a ergueu, carregou-a para a sala, colocou-a sobre a poltrona e ficou parado, à sua frente, atônito, à espera. Sobre a mesa, havia um copo com água; ao voltar, Rogójin apanhou o copo e borrifou água no rosto de Nastássia Filíppovna. Ela abriu os olhos e, por um minuto, nada compreendeu; mas, de repente, olhou em redor, teve um sobressalto, deu um grito e se jogou nos braços do príncipe.

— É meu! É meu! — gritava. — A aristocratazinha orgulhosa foi embora? Ha-ha-ha! — riu, histérica. — Ha-ha-ha! Eu o tomei daquela

aristocratazinha! Mas por quê? Para quê? Estou louca! Louca!... Vá para longe, Rogójin! Ha-ha-ha!

Rogójin olhou fixo para os dois, sem dizer nenhuma palavra, pegou o chapéu e saiu. Dez minutos depois, o príncipe, sentado ao lado de Nastássia Filíppovna, olhava para ela sem desviar os olhos, e afagava sua cabeça e seu rosto com as duas mãos, como se fosse uma criança pequena. Ele ria do riso dela e estava pronto a chorar das suas lágrimas. Nada dizia, porém escutava com atenção seu balbucio entrecortado, comovido e desconexo; era difícil entender o que quer que fosse, porém ele sorria, tranquilo, e bastava ter a mais leve impressão de que ela ia começar, de novo, a se angustiar e a chorar, a acusar ou a queixar-se, para ele, mais uma vez, pôr-se a afagar sua cabeça e passar as mãos, afetuosamente, em suas faces, enquanto a consolava e a persuadia, como uma criança.

Duas semanas depois dos acontecimentos descritos no capítulo anterior, a situação dos personagens de nossa história mudara a tal ponto que é extremamente difícil, para nós, dar sequência, sem algumas explicações especiais. E, no entanto, sentimos que devemos nos limitar à simples exposição dos fatos, na medida do possível, sem explicações específicas, e isso por um motivo muito simples: nós mesmos, em muitos casos, temos dificuldade para explicar o que aconteceu. Tal advertência de nossa parte deve parecer muito estranha e obscura para o leitor: como se pode contar algo sobre o que não se tem um entendimento claro nem uma opinião pessoal? Para não nos colocarmos numa posição ainda mais falsa, é melhor fazer um esforço para explicar com um exemplo, e talvez o leitor benevolente perceba exatamente em que reside a nossa dificuldade, ainda mais porque esse exemplo não será um desvio, mas, ao contrário, uma continuação direta e natural da história.

Duas semanas depois, ou seja, já no início de julho, e na sequência daquelas duas semanas, a história de nosso herói, sobretudo o último incidente dessa história, converteu-se numa anedota estranha, muito divertida, quase inacreditável e, ao mesmo tempo, quase incontestável, que se espalhou, pouco a pouco, por todas as ruas vizinhas às datchas de Liébediev, Ptítsin, Dária Alekséievna, Epantchin, em suma, por quase por

toda a cidade e até por seus arredores. Quase toda a sociedade — os nativos, os veranistas, os que iam lá para ouvir os concertos —, todos passaram a contar exatamente a mesma história, mas com mil formas variantes, a história de um príncipe que provocou um escândalo numa casa honrada e famosa e que se recusou a se casar com uma jovem daquela família, que já era sua noiva; seduzido por uma conhecida cortesã, ele rompeu todas as antigas relações e, a despeito de tudo, apesar das ameaças, apesar da indignação geral, tem o intuito de unir-se em matrimônio, dentro de pouco dias, com uma mulher difamada, e a fazer isso aqui mesmo, em Pávlovsk, numa cerimônia pública, aberta, de cabeça erguida e mirando nos olhos de todos. A anedota foi a tal ponto enfeitada com escândalos, envolveram nela um número tão grande de pessoas conhecidas e importantes, atribuíram-lhe matizes tão fantasiosos e enigmáticos e, por outro lado, a anedota se apresentava na forma de fatos tão irrefutáveis e evidentes que a curiosidade e a bisbilhotice geral eram, é claro, muito perdoáveis. A interpretação mais aguda, sagaz e, ao mesmo tempo, mais verossímil cabia a alguns bisbilhoteiros sérios, oriundos daquela camada de pessoas sensatas que sempre, em todas as sociedades, logo se apressam, antes de tudo, em esclarecer os acontecimentos para os demais, atividade em que encontram sua vocação e também, não raro, algum consolo. Segundo sua interpretação, o jovem príncipe, de boa família, quase rico, era um bobinho, mas também um democrata, ensandecido pelo niilismo contemporâneo, revelado pelo sr. Turguêniev, uma pessoa que quase não sabia falar russo, que apaixonou-se pela filha do general Epantchin e conseguiu ser aceito naquela casa como noivo. Porém, à semelhança daquele seminarista francês, sobre quem acabou de ser publicada uma anedota, na qual, de propósito, ele admitiu ser ordenado sacerdote, cumpriu todos os rituais, todas as genuflexões, todos os beijos, todos os votos etc.,

para, no dia seguinte, comunicar publicamente, numa carta a seu bispo, que não acreditava em Deus, considerava uma desonestidade enganar o povo e comer de graça às custas do povo e, por isso, renunciava à ordenação que recebera na véspera, e fez publicar sua carta em jornais liberais — à semelhança daquele ateu, portanto, o príncipe, à sua maneira, praticara uma espécie de fraude. Diziam que ele havia esperado, de propósito, uma festa solene na casa dos pais da noiva, na qual ele foi apresentado a muitas pessoas importantes, para, em voz alta e diante de todos, comunicar sua forma de pensar, insultar a dignidade de altos funcionários, recusar sua noiva, de modo público e ultrajante, e que, por fim, enquanto resistia aos criados que o punham para fora da casa, ainda despedaçou, no caminho, um lindo vaso chinês. A isso acrescentavam, à guisa de característica dos costumes contemporâneos, que o jovem insensato amava, de fato, sua noiva, a filha do general, mas rejeitou-a unicamente por niilismo, em troca de um escândalo iminente, e a fim de não negar a si mesmo o prazer de casar-se, diante de toda a sociedade, com uma mulher perdida e, com isso, mostrar que, segundo sua convicção, não existem mulheres perdidas nem virtuosas, só existe a mulher livre; mostrar que ele não acredita na antiga diferenciação mundana, mas sim na “questão da mulher”. E que, enfim, a mulher perdida, aos olhos dele, está até um pouco acima da mulher que não se perdeu. Tal explicação parecia absolutamente verossímil e soava simpática para a maioria dos veranistas, ainda mais porque era confirmada pelos fatos cotidianos. Na verdade, a maioria das coisas continuara sem explicação: contava-se que a pobre mocinha amava a tal ponto seu noivo — segundo alguns, um “sedutor” — que foi correndo procurá-lo, um dia depois de ser abandonada, num momento em que ele se encontrava na casa da amante; outros, ao contrário, garantiam que ele mesmo a havia atraído, de propósito, à casa da amante, unicamente por niilismo, ou seja, para

ultrajar e difamar. De um modo ou de outro, o interesse por aquele acontecimento crescia diariamente, ainda mais porque não restava a menor dúvida de que o casamento escandaloso iria, de fato, ocorrer.

Pois bem: se nos pedissem explicações, não acerca dos matizes niilistas do acontecimento, mas apenas do grau de satisfação real que o casamento marcado traria para os desejos do príncipe, e em que consistiam tais desejos, exatamente, naquele momento, e também qual seria, exatamente, o estado de espírito do nosso herói naquele momento etc. etc., nesse caso, temos de admitir que seria muito difícil dar uma resposta. Só sabemos uma coisa: o casamento estava marcado, de fato, e o próprio príncipe encarregara Liébediev, Keller e um conhecido de Liébediev, apresentado ao príncipe para aquela finalidade, de tomar as providências necessárias para o matrimônio, tanto religiosas quanto econômicas; o príncipe ordenou que não poupassem dinheiro, pois Nastássia Filíppovna insistia no casamento e tinha pressa; como padrinho do príncipe, o escolhido foi Keller, por força de um fervoroso pedido do próprio Keller e, como padrinho de Nastássia Filíppovna, o escolhido foi Burdóvski, que aceitou o convite com entusiasmo; a data do casamento foi marcada para o início de julho. Mas, além dessas circunstâncias muito precisas, soubemos também de mais alguns fatos que, decididamente, nos deixaram a todos desnorteados, porque estão em contradição com os anteriores. Desconfiamos que, por exemplo, depois de encarregar Liébediev e os demais de tomarem as providências necessárias, o príncipe quase esqueceu, naquele mesmo dia, que tinha um mestre de cerimônias, um padrinho e mesmo um casamento e, se ele se apressou em incumbir outras pessoas daquelas providências, foi unicamente para ele mesmo não ter de pensar mais no assunto e, talvez, para esquecer aquilo o quanto antes. Nesse caso, em que ele pensava, o que desejava lembrar e o que tanto almejava? Também não há dúvida de que, no

caso, não havia, sobre ele, nenhuma coerção (da parte de Nastássia Filíppovna, por exemplo), e tampouco há dúvida de que, de fato, Nastássia Filíppovna desejava o casamento o quanto antes e a qualquer preço, pois ela, de fato, pensava no casamento, embora o príncipe não se importasse, nem de longe, com isso; no entanto, o príncipe concordou livremente; até de forma um tanto distraída, como se tivessem lhe pedido algo bastante corriqueiro. Fatos estranhos como esse ocorrem diante de nós com muita frequência, mas eles não só não explicam o problema como, a nosso ver, obscurecem ainda mais sua interpretação, por mais exemplos que possamos mencionar; mesmo assim, vamos dar mais um.

Sabemos muito bem que, no decorrer daquelas duas semanas, o príncipe passou noites e dias inteiros em companhia de Nastássia Filíppovna; que ela o levava consigo para passear e para ouvir concertos; que ele circulava com ela, de coche, todos os dias; que ele começava a se preocupar com ela, caso ficasse sem vê-la uma só hora que fosse (portanto, ao que tudo indicava, ele a amava sinceramente); que ele escutava suas palavras com um sorriso sereno e dócil, não importava o que ela dissesse, durante horas a fio, sem dizer, ele mesmo, quase nada. Todavia, soubemos também que, naqueles mesmos dias, o príncipe, algumas vezes, e até muitas vezes, de repente, dirigia-se à casa dos Epantchin, sem esconder aquilo de Nastássia Filíppovna, o que a levava à beira do desespero. Sabemos que os Epantchin, enquanto ficaram em Pávlovsk, não o receberam e não permitiram que se encontrasse com Aglaia; que ele ia embora sem dizer nada, mas, no dia seguinte, voltava outra vez, como se tivesse esquecido, por completo, a recusa da véspera e, é claro, recebia mais uma recusa. Soubemos também que, uma hora depois de Aglaia deixar, às pressas, a casa de Nastássia Filíppovna, talvez até antes de uma hora, o príncipe já estava na casa dos Epantchin, naturalmente convicto de que, lá, encontraria Aglaia, e

soubemos que sua chegada naquela casa produziu enorme constrangimento e temor, porque Aglaia ainda não voltara e era a primeira vez que seus familiares sabiam de sua visita a Nastássia Filíppovna. Contavam que Lizavieta Prokófievna, as filhas e até o príncipe Sch. trataram o príncipe, na ocasião, de forma bastante ríspida, hostil, e deixaram claro, em termos veementes, que negavam a ele qualquer relação de amizade ou de mera proximidade, sobretudo quando Varvara Ardaliónovna apareceu, de repente, e comunicou a Lizavieta Prokófievna que Aglaia Ivánovna já estava na casa dela fazia uma hora, num estado deplorável, e parecia não querer voltar para a casa da mãe. Aquela última notícia chocou Lizavieta Prokófievna mais do que tudo, o que era perfeitamente justo: ao deixar a casa de Nastássia Filíppovna, Aglaia, de fato, preferia morrer de uma vez a ter de se apresentar diante dos olhos de seus familiares e, por isso, foi para a casa de Nina Aleksándrovna. Por seu lado, Varvara Ardaliónovna julgou logo indispensável comunicar tudo aquilo, sem mais demora, a Lizavieta Prokófievna. No mesmo instante, a mãe e as filhas se precipitaram rumo à casa de Nina Aleksándrovna e atrás delas seguiu o próprio pai de família, Ivan Fiódorovitch, assim que apareceu em casa; junto com elas, foi também o príncipe Liev Nikoláievitch, apesar das palavras ásperas que ouviu e de sua expulsão; no entanto, por determinação de Varvara Ardaliónovna, não permitiram que ele entrasse para ver Aglaia. De resto, o caso chegou ao fim quando Aglaia viu que a mãe e as irmãs choravam por causa dela e não a censuravam de nenhuma forma, e então Aglaia se lançou nos braços delas, abraçou-as e, sem mais demora, retornou para casa junto com a família. Embora os rumores não fossem rigorosamente exatos, contavam que Gavrila Ardaliónovitch, também naquele caso, teve uma tremenda má sorte; pois, aproveitando o momento em que Varvara Ardaliónovna foi correndo à casa de Lizavieta Prokófievna, ele, ao ver-se a sós com Aglaia, houve por

bem expressar seu amor; Aglaia, ao ouvi-lo, apesar de toda sua angústia e de suas lágrimas, de repente, deu uma gargalhada e lhe dirigiu uma pergunta estranha: como prova do seu amor, ele seria capaz de queimar o dedo na chama de uma vela? Gavrila Ardaliónovitch, dizem, ficou pasmo com a proposta, e sua perplexidade chegou a tal ponto, e o espanto se estampou em seu rosto a tal ponto, que Aglaia gargalhou, como que num ataque de histeria, e fugiu correndo para o andar de cima, no qual ficava o quarto de Nina Aleksándrovna, onde, àquela altura, já se encontravam seus pais. Essa anedota chegou aos ouvidos do príncipe por meio de Ippolit, no dia seguinte. Como Ippolit já não se levantava da cama, tinha mandado chamar o príncipe expressamente para transmitir aquela notícia. Não sabemos quando aquele boato chegou a Ippolit, mas, quando o príncipe também soube da vela e do dedo, riu tanto que Ippolit até ficou surpreso; depois, de repente, começou a tremer e desatou a chorar... No geral, naqueles dias, ele esteve bastante inquieto, em sua perturbação habitual, vaga e torturante. Ippolit afirmou, sem rodeios, que, a seu ver, o príncipe não estava no pleno domínio da razão; mas era impossível afirmar tal coisa de modo taxativo.

Ao apresentar todos esses fatos e nos recursarmos a lhes dar explicação, não temos o menor intuito de justificar o nosso herói, aos olhos do leitor. Além disso, estamos inteiramente dispostos a compartilhar a mesma indignação que ele despertou, contra si, até entre os amigos. Mesmo Vera Liébedieva ficou indignada com ele, por algum tempo; até Kólia se indignou; Keller também ficou indignado, mas só até o dia em que foi escolhido para ser o padrinho de casamento, e isso sem falar do próprio Liébediev, que até já havia começado a fazer intrigas contra o príncipe, também por indignação, e até de forma absolutamente sincera. Mas sobre isso falaremos depois.

No geral, nós simpatizamos, no mais alto grau, com certas palavras de Evguiêni Pávlovitch, palavras bastante fortes e até profundas, em sua psicologia, ditas por ele para o príncipe, de modo direto e sem cerimônias, numa conversa amigável, seis ou sete dias após os eventos na casa de Nastássia Filíppovna. Observemos, a propósito, que não só os próprios Epantchin como todas as pessoas ligadas, direta ou indiretamente, à casa dos Epantchin julgaram indispensável romper, por completo, qualquer relação com o príncipe. Por exemplo, o príncipe Sch. chegou a dar as costas para o príncipe, ao encontrá-lo, e nem o cumprimentou. Porém Evguiêni Pávlovitch não teve medo de se comprometer, visitando o príncipe, apesar de estar frequentando, de novo, todos os dias, a casa dos Epantchin e ser recebido, ali, com uma cordialidade visivelmente maior. Ele foi ao encontro do príncipe exatamente um dia após a partida dos Epantchin de Pávlovsk. Ao entrar, já sabia de todos os rumores disseminados entre o público e talvez ele mesmo, em parte, tenha contribuído para aquilo. O príncipe se mostrou muito alegre ao vê-lo e, de imediato, passou a falar sobre as Epantchina; tal franqueza e docilidade, logo de início, deixaram Evguiêni Pávlovitch descontraído, tanto assim que, sem qualquer preâmbulo, entrou de uma vez no assunto.

O príncipe ainda não sabia que os Epantchin haviam partido; ficou chocado, empalideceu, porém, um minuto depois, balançou a cabeça, embaraçado e pensativo, e confessou que “assim deve ser”; depois, rapidamente, quis saber “para onde foram”.

Entretanto, Evguiêni Pávlovitch observava o príncipe com toda a atenção e tudo aquilo, ou seja, a rapidez das perguntas, sua simplicidade, o embaraço e, ao mesmo tempo, aquela franqueza um tanto estranha, sua inquietação e sua perturbação — tudo aquilo o surpreendeu bastante. Mas ele comunicou tudo ao príncipe de modo amável e minucioso: o príncipe

ainda ignorava muita coisa e aquelas eram as primeiras notícias que recebia sobre o caso. Evguiêni Pávlovitch confirmou que Aglaia, de fato, estava doente e ficara três noites e três dias seguidos com febre, sem conseguir dormir; agora estava melhor, livre de todo perigo, porém num mau estado nervoso, com histeria... “O bom, também, é que em casa está tudo absolutamente em paz! Cuidam de não mencionar o passado, nem entre eles mesmos, e não apenas em presença de Aglaia. Os pais já combinaram, entre si, uma viagem ao exterior, no outono, logo depois do casamento de Adelaida; Aglaia recebeu em silêncio as primeiras conversas sobre o assunto.” Ele, Evguiêni Pávlovitch, também viajaria, talvez, para o exterior. Até o príncipe Sch. tinha intenção de viajar, talvez por um ou dois meses, com Adelaida, se os negócios permitissem. Mas o general não ia viajar. Agora, todos se mudaram para Kólmino, a propriedade rural deles, mais ou menos a vinte verstas de Petersburgo, onde há uma espaçosa casa senhorial. Bielokónskaia ainda não partiu para Moscou e parece até que fez isso de propósito. Lizavieta Prokófievna insistiu muito em que não era possível permanecer em Pávlovsk, depois de tudo o que ocorrera; Evguiêni Pávlovitch relatava para ela, todos os dias, os rumores que corriam pela cidade. Nem na ilha Eláguin conseguiram encontrar uma datcha disponível.

— Pois é, de fato — acrescentou Evguiêni Pávlovitch —, o senhor mesmo há de convir. Como seria possível suportar... Ainda mais sabendo de tudo o que se passa com o senhor, aqui, na sua casa, a cada hora, príncipe, e depois de suas visitas diárias *lá*, apesar da recusa...

— Sim, sim, sim, o senhor tem razão, eu queria falar com Aglaia Ivánovna... — e o príncipe, de novo, balançou a cabeça.

— Ah, meu caro príncipe — exclamou, de súbito, Evguiêni Pávlovitch, com tristeza e animação. — Como o senhor foi capaz de permitir... tudo o que aconteceu? Claro, claro, tudo isso, para o senhor, foi muito

inesperado... Eu concordo que é normal que o senhor tenha ficado desorientado e... incapaz de deter a jovem tresloucada, isso estava além de suas possibilidades! Mas, afinal, o senhor deveria entender a que ponto era forte e séria a relação daquela moça... com o senhor. Ela não queria compartilhar o senhor com a outra e o senhor... foi capaz de abandonar e destruir tamanho tesouro!

— Sim, sim, sim, o senhor tem razão; eu sou culpado — voltou a falar o príncipe, numa angústia tremenda. — E, sabe de uma coisa? Só ela, só ela, apenas Aglaia encarou Nastássia Filíppovna dessa maneira... Ninguém mais a encarou assim.

— Mas o que há de revoltante nisso tudo é o fato de que, no caso, não houve nada de sério! — gritou Evguiêni Pávlovitch, decididamente exaltado. — Perdoe-me, príncipe, mas... eu... eu pensei a respeito disso, príncipe. Eu pensei muito. Eu sei tudo o que se passou antes, sei tudo o que ocorreu há um ano, tudo e... tudo aquilo não foi sério! Tudo não passou de um passatempo mental, uma fantasia, um quadro, uma fumaça, e só o ciúme assustado de uma jovem muito inexperiente poderia aceitar aquilo como algo sério!

Nesse ponto, Evguiêni Pávlovitch, já sem a menor cerimônia, deu vazão à sua indignação. De modo claro e sensato e, vamos repetir, com uma psicologia até fora do comum, ele descortinou diante do príncipe o quadro de todas as antigas relações particulares do príncipe com Nastássia Filíppovna. Evguiêni Pávlovitch sempre dominara o dom da palavra; agora, alcançara mesmo a eloquência. “Desde o início”, declarou, “a história do senhor começou por uma mentira; o que começa por uma mentira também deve terminar por uma mentira; é a lei da natureza. Eu não concordo, e até fico indignado, quando chamam o senhor... bem, quando uma pessoa qualquer o chama de idiota; o senhor é inteligente demais para ser chamado

assim; mas o senhor também é estranho o bastante para não ser como todo mundo, o senhor mesmo há de convir. Eu concluí que o fundamento de tudo o que aconteceu reside, em primeiro lugar, na sua, por assim dizer, inexperiência congênita (observe bem esta palavra, príncipe: “congênita”); e, depois, na sua ingenuidade excepcional, e também numa fenomenal ausência de senso de medida (o que o senhor mesmo já admitiu, algumas vezes), e, por fim, na imensa massa acumulada de convicções fantasiosas que o senhor, com a sua honestidade extraordinária, aceita até hoje como convicções autênticas, naturais e espontâneas! O senhor há de convir, príncipe, que nas suas relações com a Nastássia Filíppovna, desde o início, havia algo *convencionalmente democrático* (me expresso assim por uma questão de concisão), era, por assim dizer, o fascínio da “questão feminina” (para dizer de forma ainda mais concisa). Pois eu conheço, com exatidão, toda aquela cena estranha e escandalosa, ocorrida na casa de Nastássia Filíppovna, quando Rogójin levou o seu dinheiro. Se quiser, eu posso analisar o senhor, para o senhor mesmo, como se contasse os dedos da minha mão, posso mostrar o senhor para o senhor mesmo como se estivesse olhando num espelho, tamanha é a exatidão com que sei o que se passou e por que acabou dando no que deu! O senhor, um jovem, na Suíça, estava morrendo de saudade da terra natal, e partiu às pressas para a Rússia como se fosse para uma terra estranha, uma terra prometida; o senhor leu muitos livros sobre a Rússia, talvez livros excelentes, mas nocivos para o senhor; o senhor chegou aqui cheio de zelo, sequioso de agir e, por assim dizer, mergulhou de cabeça na ação! E aconteceu que, no mesmo dia, lhe contaram uma história triste, de cortar o coração, sobre uma mulher ultrajada, contaram para o senhor, ou seja, para um cavaleiro, um homem virginal, a respeito de uma mulher! E aconteceu que, naquele mesmo dia, o senhor viu aquela mulher; e ficou enfeitiçado por sua beleza, uma beleza do

outro mundo, demoníaca (enfim, eu concordo que ela é mesma linda). Acrescente a isso os nervos, o leve calor; acrescente todo aquele dia numa cidade desconhecida, para o senhor, e quase fantástica, um dia de encontros e de cenas, um dia em que fez contatos inesperados, o dia da atividade mais inesperada, o dia das três beldades dos Epantchin, entre elas, Aglaia; acrescente ainda o cansaço, a sensação de que a cabeça rodava; acrescente o salão de visitas de Nastássia Filíppovna e o ambiente daquele salão e... o que se poderia esperar do senhor, naquela situação, o que o senhor acha?

— Sim, sim, sim, sim — o príncipe balançou a cabeça e começou a se ruborizar. — Sim, foi mesmo quase assim; e, sabe, de fato, na véspera, eu passei praticamente a noite inteira sem dormir, no vagão do trem, e a noite anterior também, eu estava muito abalado...

— Claro, é natural, é a esse ponto que eu quero chegar, não é? — prosseguiu Evguiêni Pávlovitch, inflamando-se. — Está bem claro que o senhor, por assim dizer, ébrio de entusiasmo, se agarrou à oportunidade de expressar, em público, um pensamento generoso, qual seja, o de que o senhor, um príncipe de nascença e uma pessoa pura, não julgava desonrada uma mulher coberta de vergonha, não por culpa dela mesma, mas sim por culpa de um depravado repugnante, da alta sociedade. Ah, meu Deus, isso é muito fácil de compreender! Mas a questão não é essa, caro príncipe, a questão é saber se havia naquilo verdade, se havia algo verdadeiro no seu sentimento, se era mesmo algo natural ou apenas um entusiasmo mental. O que o senhor acha: uma mulher foi perdoada no templo,²¹² uma mulher do mesmo tipo, só que ninguém disse a ela que estava agindo bem, que ela era digna de todas as honras e todo o respeito, não foi? E, três meses depois, o bom senso sugeriu ao senhor do que se tratava de fato, não foi? Pois bem, que ela seja, agora, inocente, eu não vou insistir, porque não quero, mas será que todos os incidentes na vida dela podem justificar seu orgulho

intolerável e demoníaco, seu egoísmo desaforado e cobiçoso? Perdoe, príncipe, eu me deixei levar pelo entusiasmo, porém...

— Sim, tudo isso pode ser verdade, talvez o senhor tenha razão... — balbuciou o príncipe, de novo. — Ela, de fato, é muito irritadiça e o senhor tem razão, é claro..., mas...

— Ela é digna de compaixão? É o que o senhor quer dizer, meu bom príncipe? Mas, graças à compaixão e à satisfação dela, será possível desonrar uma outra jovem, elevada e pura, humilhá-la diante daqueles olhos desdenhosos, odiosos? Depois disso, até que ponto irá chegar a compaixão? Afinal, isso é um exagero inacreditável! Será possível, amando essa jovem, humilhá-la de tal maneira diante da sua rival, largá-la em troca da outra, e diante dos olhos dessa outra, e isso, ainda por cima, depois que o senhor mesmo tinha pedido, formalmente, a jovem em casamento... Afinal, o senhor a pediu em casamento, o senhor falou isso para ela, diante dos pais e das irmãs! Depois disso, o senhor é uma pessoa honesta, príncipe, permita-me perguntar?... E... e o senhor, por acaso, não enganou uma jovem divina, depois que a convenceu de que a amava?

— Sim, sim, o senhor tem razão, ah, eu sinto que sou culpado! — exclamou o príncipe, numa angústia insuportável.

— Mas será que isso é o bastante? — gritou Evguiêni Pávlovitch, indignado. — Será que basta apenas gritar: “Ah, eu sou culpado!”. É culpado, mas o senhor ainda assim persiste! E onde é que estava, naquela hora, o seu coração, o seu coração “cristão”? Afinal, o senhor viu o rosto dela, naquele instante: acaso ela sofria menos do que a *outra*, do que a *sua* outra, a rival? Como o senhor pôde ver e deixar que isso acontecesse? Como?

— Sim... mas eu não deixei... — balbuciou o príncipe infeliz.

— Como não deixou?

— Juro, eu não deixei nada. Até agora, eu não entendo como aconteceu tudo aquilo... Eu... eu corri atrás de Aglaia Ivánovna, mas a Nastássia Filíppovna tombou desmaiada. Depois, até hoje, não me deixam falar com a Aglaia Ivánovna.

— Tanto faz! O senhor devia ter corrido atrás da Aglaia, mesmo que a outra estivesse no chão, desmaiada!

— Sim... sim, eu devia... mas ela ia morrer! Ela ia se matar, o senhor não a conhece, e... não importa, depois, eu contaria tudo para a Aglaia Ivánovna e... Veja, Evguiêni Pávlovitch, eu percebo que o senhor, pelo visto, não está a par de tudo. Diga, por que não me deixam falar com a Aglaia Ivánovna? Eu explicaria tudo para ela. Veja: nem uma nem a outra, naquela hora, falaram o que deviam falar, nem de longe, e por isso aconteceu o que aconteceu... Eu não consigo, de jeito nenhum, explicar isso para o senhor, mas talvez eu possa explicar para a Aglaia... Ah, meu Deus, meu Deus! O senhor falou do rosto dela, naquele instante, e de como ela correu... Ah, meu Deus, eu me lembro!... Vamos, vamos! — De repente, ele puxou Evguiêni Pávlovitch pela manga e se levantou, afobado.

— Aonde?

— Vamos falar com a Aglaia Ivánovna, e vamos já!...

— Mas ela nem está em Pávlovsk, eu já disse. E para quê?

— Ela vai entender, vai entender! — balbuciou o príncipe, unindo as mãos em atitude de prece. — Ela vai entender que não é nada disso, que é completamente diferente!

— Diferente como? Afinal de contas, o senhor vai casar, não vai? Portanto, o senhor persiste... Vai casar ou não?

— Muito bem, sim... eu vou casar; vou casar!

— Então, como é diferente?

— Ah, não, é diferente, é diferente! Não tem nenhuma importância se eu vou casar ou não, isso que não é nada!

— Como não importa, como não é nada? Acha que isso não passa de uma bobagem? O senhor vai casar com a mulher amada para lhe dar a felicidade, enquanto a Aglaia Ivánovna vê tudo isso e sabe de tudo. Então, como é que não importa?

— Felicidade? Ah, não! Eu vou simplesmente casar; ela quer; e o que importa se eu vou casar: eu... Ora, não faz nenhuma diferença! Só que ela, sem dúvida nenhuma, morreria. Eu vejo, agora, que aquele casamento com o Rogójin era uma loucura! Agora, entendi tudo o que antes eu não entendia, e veja: quando as duas, naquela hora, ficaram se encarando, eu não consegui suportar o rosto de Nastássia Filíppovna... O senhor não sabe, Evguiêni Pávlovitch — e baixou a voz, em tom de segredo —, eu jamais contei isso a ninguém, nem para a Aglaia, mas não consigo suportar o rosto de Nastássia Filíppovna... O senhor, há pouco, disse a verdade acerca daquela festa na casa de Nastássia Filíppovna; mas havia, ali, mais uma coisa que o senhor não percebeu, porque não sabe: eu olhei para o rosto *dela*! Ainda pela manhã, eu tinha olhado o retrato e não consegui suportar... Veja, os olhos da Vera, da Liébedieva, são completamente diferentes; eu... eu... tenho medo do rosto dela! — acrescentou, com pavor tremendo.

— Tem medo?

— Sim. Ela é louca! — sussurrou, empalidecendo.

— O senhor tem certeza disso? — perguntou Evguiêni Pávlovitch, com enorme curiosidade.

— Sim, tenho certeza; agora, eu tenho certeza; nos últimos dias, eu adquiri uma certeza absoluta!

— O que o senhor está fazendo consigo mesmo? — exclamou Evguiêni Pávlovitch, assustado. — Quer dizer que o senhor vai casar com alguém por medo? É impossível compreender... E ainda mais, sem amar, talvez?

— Ah, não, eu a amo com toda a minha alma! Afinal, é... uma criança; sim, agora, ela é uma criança, uma perfeita criança! Ah, o senhor não sabe de nada!

— E, ao mesmo tempo, o senhor garantiu a Aglaia Ivánovna que ela tem o seu amor?

— Ah, sim, sim!

— Como assim? O senhor quer amar as duas?

— Ah, sim, sim!

— Por favor, príncipe, o que o senhor está dizendo? Ponha a cabeça no lugar!

— Eu, sem a Aglaia... Eu tenho de vê-la, a todo custo! Eu... eu logo vou morrer dormindo; eu achava que ia morrer dormindo esta noite. Ah, se a Aglaia soubesse, se ela soubesse tudo... ou seja, tudo, de ponta a ponta. Porque, no caso, é preciso saber tudo, essa é a primeira questão! Porque nós nunca podemos saber *tudo* sobre o outro, quando isso é necessário, quando esse outro é culpado!... Entretanto, eu não sei mais o que estou dizendo, eu me confundi; o senhor me deixou tremendamente abalado... Será possível que ela, agora, esteja com o mesmo rosto que tinha na hora em que fugiu? Ah, sim, eu sou culpado! O mais provável, no final das contas, é que eu seja o culpado de tudo! Eu ainda não sei de quê, exatamente, mas eu sou culpado... Aqui, há algo que eu não posso lhe explicar, Evguiêni Pávlovitch, e eu não tenho palavras, mas... A Aglaia Ivánovna vai compreender! Ah, eu sempre soube disso, ela vai compreender!

— Não, príncipe, ela não vai compreender! Aglaia Ivánovna amava o senhor como mulher, como um ser humano, e não como... um espírito

abstrato. Sabe de uma coisa, meu pobre príncipe? O mais certo, em tudo isso, é que o senhor nunca amou nem uma nem outra!

— Eu não sei... pode ser, pode ser; o senhor tem razão em muita coisa, Evguiêni Pávlovitch. O senhor é extraordinariamente inteligente, Evguiêni Pávlovitch; ah, a minha cabeça está começando a doer de novo, vamos logo falar com ela! Pelo amor de Deus, pelo amor de Deus!

— Mas eu estou dizendo ao senhor que ela não está em Pávlovsk, está em Kólmino.

— Vamos para Kólmino, e vamos já!

— É im-pos-sí-vel! — respondeu, pausadamente, Evguiêni Pávlovitch, erguendo-se da cadeira.

— Escute, eu vou escrever uma carta; leve uma carta!

— Não, príncipe, não! Poupe-me de tal incumbência, eu não posso!

E os dois se separaram. Evguiêni Pávlovitch foi embora, tomado por estranhas convicções e, em sua opinião, estava claro que o príncipe não detinha o pleno domínio da razão. E o que quer dizer aquele *rosto*, que ele teme e que ele tanto ama? E, ao mesmo tempo, de fato, ele pode morrer sem Aglaia e, assim, talvez Aglaia nunca saiba que ele a ama a tal ponto! Ha-ha! E como pode amar as duas? Com dois amores diferentes? É interessante... Pobre idiota! E o que será dele, agora?

X

O príncipe, no entanto, não morreu antes do casamento, nem na vigília nem “dormindo”, como previra para Evguiêni Pávlovitch. Talvez, de fato, andasse dormindo mal, tendo pesadelos; mas, de dia, com as pessoas, parecia bem, até satisfeito, às vezes só muito pensativo, mas isso apenas quando se encontrava sozinho. Estavam apressados para se casar; o casamento se deu, mais ou menos, uma semana depois da visita de Evguiêni Pávlovitch. Em meio a toda aquela afobação, mesmo os melhores amigos do príncipe, caso ele tivesse algum, iriam se frustrar em seus esforços para “salvar” o infeliz alucinado. Corriam rumores de que a visita de Evguiêni Pávlovitch fora, em parte, incentivada pelo general Ivan Fiódorovitch e por sua esposa, Lizavieta Prokófievna. Porém se ambos, pela imensa bondade de seu coração, pudessem desejar salvar o pobre louco da desgraça, teriam de se limitar, é claro, apenas àquela fraca tentativa; nem a posição deles nem, até, talvez, seus sentimentos (o que é natural) podiam respaldar esforços mais sérios. Nós já mencionamos que as pessoas mais próximas do príncipe, em parte, revoltaram-se contra ele. Vera Liébedieva, no entanto, limitou-se às lágrimas solitárias, a ficar mais tempo em casa e a ver o príncipe menos do que antes. Kólia, naquele intervalo, enterrou o pai; o velho morreu com um segundo ataque, cerca de oito dias depois do primeiro. O príncipe se solidarizou muito com a dor da família e, nos

primeiros dias, durante algumas horas, ficou na casa de Nina Aleksándrovna; esteve no enterro e na igreja. Muitos perceberam que o público presente na igreja não pôde deixar de fazer comentários, em sussurros, ao ver o príncipe ou cruzar com ele; isso aconteceu na rua ou no jardim: quando ele passava a pé ou no coche, soavam comentários, apontavam para ele, diziam seu nome, ouvia-se o nome de Nastássia Filíppovna. Ela foi procurada nos funerais, mas não compareceu. Tampouco esteve lá a viúva do capitão, que Liébediev conseguira alcançar e deter, a tempo. A missa cantada produziu no príncipe uma impressão forte e dolorosa; ele sussurrou para Liébediev, ainda na igreja, em resposta a alguma pergunta sua, que era a primeira vez que presenciava a missa fúnebre ortodoxa e só recordava de outra missa como aquela em sua infância, em alguma igreja do campo.

— Sim, meu senhor, nem parece que é o mesmo homem que está ali deitado no caixão, o homem que, há tão pouco tempo, escolhemos para presidir nossa reunião, lembra, meu senhor? — sussurrou Liébediev para o príncipe. — Mas quem é que o senhor está procurando?

— Não é nada, só que me pareceu...

— É o Rogójin?

— Será que ele está aqui?

— Está na igreja, sim, senhor.

— Pois é, eu tive a impressão de que meus olhos o viram de relance — murmurou o príncipe, embaraçado. — Mas como pode... Por que ele? Foi convidado?

— Nem pensaram nisso, meu senhor. Afinal, nem sequer é conhecido da família. Acontece que, aqui, há todo tipo de gente. Por que o senhor está espantado? Agora, eu o encontro com frequência; quatro vezes, já, na última semana, eu o encontrei aqui, em Pávlovsk.

— Eu ainda não o vi nem uma vez... desde aquele momento — balbuciou o príncipe.

Como Nastássia Filíppovna também não comunicara, nem uma vez, ao príncipe que, “desde então”, tinha encontrado Rogójin, o príncipe concluiu, agora, que Rogójin, por algum motivo, de propósito, não se deixaria ver. Durante todo aquele dia, o príncipe ficou imerso em pensamentos; porém Nastássia Filíppovna se mostrou extremamente alegre durante toda a tarde e a noite.

Kólia, que fizera as pazes com o príncipe ainda antes da morte do pai, propôs convidar Keller e Burdóvski para serem padrinhos (pois se tratava de uma questão vital e inadiável). Garantiu que Keller iria comportar-se de forma decente e talvez até se mostrasse “útil”; e quanto a Burdóvski, nada havia a dizer, era pessoa serena e modesta. Nina Aleksándrovna e Liébediev apontaram para o príncipe que, se o casamento já estava decidido, por que fazê-lo em Pávlovsk e, ainda por cima, na temporada de veraneio, na estação da moda e de forma tão pública? Não seria melhor em Petersburgo e até em casa, mesmo? Para o príncipe, estava muito claro para onde apontavam todos aqueles temores; mas ele respondeu, de forma sucinta e simples, que tal era o desejo imperioso de Nastássia Filíppovna.

No dia seguinte, Keller se apresentou ao príncipe, depois de ser informado de que seria o padrinho de casamento. Antes de entrar, ele se deteve na porta e, assim que viu o príncipe, ergueu a mão direita, com o dedo indicador em riste, e gritou com ar de juramento:

— Eu não estou bebendo!

Em seguida, aproximou-se do príncipe, apertou e sacudiu com força suas duas mãos e disse que, primeiro, é claro, quando soube da novidade, não gostou, disse que falou muito do assunto num salão de bilhar, e tudo pela simples razão de que previa algo maior para o príncipe e, todo dia, com a

impaciência de quem é amigo, desejava vê-lo casado com outro tipo de mulher, alguém como a princesa De Rohan;²¹³ mas agora ele mesmo percebia que o príncipe pensava de maneira pelo menos uma dúzia de vezes mais nobre do que todos eles “tomados juntos”! Pois ele não desejava nem o brilho nem a riqueza nem mesmo a honra, mas apenas a verdade! As simpatias das personalidades importantes são muito conhecidas, mas o príncipe é, por sua educação, elevado demais para não ser uma figura importante, falando em termos gerais! “Mas a canalha e toda sorte de vagabundos pensam de outro modo; na cidade, nas casas, nas reuniões, nas datchas, nos concertos, nos bares, nos bilhares só se fala e só se berra a respeito desse acontecimento iminente. Ouvi dizer que pretendem até arrumar uma grande confusão, embaixo das janelas, e isso, por assim dizer, já na primeira noite! Se o senhor, príncipe, precisar da pistola de um homem honrado, estou pronto a trocar meia dúzia de nobres disparos antes mesmo que o senhor se levante do leito da lua de mel, na manhã seguinte.” Recomendou também preparar uma mangueira contra incêndio, no pátio, para o caso de um bando de sequiosos atacar, na saída da igreja. Mas Liébediev se opôs: “Vão fazer a casa em pedaços, se usarem a mangueira contra incêndio”.

— Esse Liébediev faz intrigas contra o senhor, príncipe, eu juro! Eles querem pôr o senhor sob interdição judicial, imagine só, impedir que use o livre-arbítrio, que use o seu dinheiro, ou seja, as duas coisas que nos distinguem de um quadrúpede! Eu ouvi dizer, e ouvi muito bem! É a mais pura verdade!

O príncipe recordou que ele mesmo já ouvira falar algo parecido, mas, é claro, não prestara atenção. Também agora limitou-se a rir e, de novo, logo esqueceu do assunto. Liébediev, de fato, andava muito atarefado; os cálculos daquele homem sempre nasciam como que por força de uma

inspiração e, por efeito de um excesso de fervor, tornavam-se complexos, ramificavam-se e se afastavam do ponto original em todas as direções; eis o motivo de ele ter alcançado pouco êxito na vida. Quando ele chegou, depois, quase no dia do casamento, foi declarar ao príncipe seu arrependimento (tinha o hábito incorrigível de sempre se mostrar arrependido para as pessoas contra as quais fizera intrigas, sobretudo se não alcançava o sucesso esperado), explicou-lhe que havia nascido para ser um Talleyrand²¹⁴ e que não sabia o que tinha acontecido para ele permanecer um mero Liébediev. Em seguida, revelou ao príncipe todo seu jogo, o que deixou o príncipe extremamente interessado. Segundo suas palavras, começava procurando a proteção de figuras importantes, nas quais poderia se apoiar, em caso de necessidade, e foi falar com o general Ivan Fiódorovitch. O general Ivan Fiódorovitch ficou embaraçado, desejava muito o bem “do jovem”, mas explicou que, “a despeito de todo o seu desejo de salvá-lo, no caso, não ficaria bem, para ele, intervir”. Lizavieta Prokófievna não queria vê-lo nem ouvi-lo; Evguiêni Pávlovitch e o príncipe Sch. se limitaram a dar de ombros. Mas Liébediev não desanimou e foi pedir conselhos a um jurista arguto, um velho venerável, grande amigo seu, quase seu benfeitor; o velho concluiu que a questão era perfeitamente possível, bastaria haver testemunhas competentes da perturbação mental e da completa loucura do príncipe, sem falar do principal: a proteção de figuras importantes. Liébediev não se abateu nem com isso e, para ver o príncipe, chegou a trazer um médico, também um velhote venerável, um veranista, com a medalha de Santa Ana no pescoço, unicamente para examinar, por assim dizer, as circunstâncias, travar conhecimento com o príncipe e, por ora, não em caráter oficial, mas, por assim dizer, de forma amigável, comunicar sua conclusão. O príncipe recordava aquela visita do médico; lembrou que Liébediev, ainda na véspera, insistira em lhe dizer que

ele não estava bem de saúde e, quando o príncipe, com firmeza, rejeitou qualquer ajuda médica, de repente, apareceu com um médico, sob o pretexto de que os dois estavam vindo da casa do sr. Tieriéntiev, que estava muito mal, e que o médico tinha algo a comunicar ao príncipe acerca do paciente. O príncipe fez elogios a Liébediev e recebeu o médico com extraordinária alegria. Logo passaram a conversar sobre o caso de Ippolit; o médico pediu que lhe contassem, com mais detalhes, a cena do suicídio e o príncipe o deixou fascinado com seu relato e com sua explicação do acontecido. Passaram a conversar sobre o clima de Petersburgo, a doença do próprio príncipe, a Suíça e Schneider. A exposição do tratamento de Schneider e os relatos do príncipe deixaram o médico tão interessado que ele permaneceu ali por duas horas; nesse meio-tempo, fumou os excelentes charutos do príncipe e, da parte de Liébediev, foi servido um licor delicioso, trazido por Vera, ocasião em que o médico, homem casado e de família, deu-se a liberdade de cobrir Vera de amabilidades especiais, o que despertou nela profunda indignação. Despediu-se do príncipe em termos amistosos. Ao sair, o médico explicou a Liébediev que, se todos iguais ao príncipe fossem interditados judicialmente, quem poderia ser designado como tutor? À trágica réplica da parte de Liébediev, que disse que o fato era iminente, o médico balançou a cabeça, com ar sagaz e astuto, e notou, afinal, que, sem falar que “as pessoas se casam com quem quiserem”, “a figura sedutora, pelo que ouvi dizer, pelo menos, além de imensa beleza, o que por si só já pode atrair um homem de fortuna, ainda possui um bom capital, oriundo de Tótski e de Rogójin, joias e diamantes, xales e móveis, e portanto a escolha em questão não apenas não patenteia, da parte do querido príncipe, por assim dizer, alguma tolice especial, que salte aos olhos, como até dá testemunho de sua esperteza, de uma arguta mente mundana e de uma capacidade de cálculo e, portanto, fundamenta a conclusão contrária e,

para o príncipe, perfeitamente favorável...” Tal ideia causou profunda impressão em Liébediev; com isso, ele desistiu do caso e, então, acrescentou para o príncipe: “agora, em mim, o senhor não vai encontrar nada além de dedicação e de alguém disposto a derramar o próprio sangue pelo senhor; foi para isso que eu vim aqui”.

Naqueles últimos dias, o príncipe também se viu distraído por Ippolit, que o chamava com muita frequência. Moravam perto um do outro, Ippolit numa casa pequena; as crianças, ou seja, o irmão e a irmã de Ippolit, pelo menos estavam contentes com a datcha, porque, no jardim, podiam se ver livres do enfermo, mas a pobre viúva do capitão ficava à mercê dele e era sua vítima irremediável; o príncipe tinha de lidar com todos eles e pacificar suas brigas todos os dias; o enfermo continuava a chamá-lo de sua “babá”, entretanto não ria e não desprezava o príncipe por seu papel de pacificador. Tinha muitas queixas de Kólia, porque quase não o visitava, primeiro porque tinha de cuidar do pai moribundo e, depois, porque precisava consolar a mãe viúva. Por fim, definiu como alvo de suas insinuações o iminente casamento do príncipe com Nastássia Filíppovna e terminou insultando o príncipe e se descontrolando por completo; o príncipe parou de visitá-lo. Dois dias depois, de manhã, a viúva do capitão se arrastou com esforço e, chorando, pediu ao príncipe que o visitasse, do contrário ele a engoliria viva. Acrescentou que Ippolit desejava revelar um grande segredo. O príncipe foi até lá. Ippolit queria fazer as pazes, começou a chorar e, depois das lágrimas, é claro, exasperou-se mais ainda, porém teve medo de dar vazão à sua raiva. Estava muito mal e, ao que tudo indicava, morreria em pouco tempo. Quanto ao segredo, não havia nenhum, exceto alguns pedidos extraordinários e, por assim dizer, sufocados pela emoção (talvez artificial), para “tomar cuidado com o Rogójin”. “É um homem que não abre mão do que é seu; não é como eu ou o senhor, príncipe: é do tipo que,

se quer uma coisa, não desiste...” etc. etc. O príncipe passou a indagar por mais detalhes, queria se inteirar de certos fatos; só que não havia fato nenhum, apenas as impressões e sensações pessoais de Ippolit. Para sua imensa satisfação, Ippolit terminou deixando o príncipe terrivelmente assustado. No início, o príncipe não queria responder algumas perguntas específicas e se limitou a sorrir, diante do conselho de “fugir correndo, quem sabe, até para o exterior; em toda parte, há sacerdotes russos, lá também é possível casar”. Porém, afinal, Ippolit concluiu com o seguinte pensamento: “Eu só temo mesmo por Aglaia Ivánovna: o Rogójin sabe como o senhor a ama; amor por amor; o senhor tomou dele a Nastássia Filíppovna, então, ele pode matar a Aglaia Ivánovna; embora ela, agora, não seja do senhor, mas, mesmo assim, o senhor ia sofrer muito, não é verdade?”. Ippolit conseguiu o que queria: o príncipe foi embora transtornado.

Tais advertências sobre Rogójin vieram já na véspera do casamento. Naquela mesma noite, pela última vez antes da cerimônia, o príncipe se encontrou com Nastássia Filíppovna; mas ela não estava em condições de tranquilizá-lo e até, ao contrário, ultimamente, reforçava, mais e mais, sua perturbação. Antes, ou seja, alguns dias antes, em seus encontros com ele, Nastássia Filíppovna fazia todo o esforço para alegrá-lo, temia horripelmente seu aspecto tristonho: tentou até cantar para ele; contava-lhe, cada vez mais, tudo que pudesse parecer engraçado. O príncipe, quase sempre, fingia se divertir e, às vezes, de fato, ria com a mente brilhante e a lúcida sensibilidade que ela manifestava ao contar suas histórias, ocasião em que se tornava muito atraente, o que, aliás, não era raro. Vendo o riso do príncipe, vendo que produzia efeito sobre ele, Nastássia Filíppovna ficava extasiada e começava a se orgulhar. Porém, agora, a tristeza e a melancolia dela aumentavam quase a cada hora. As opiniões dele sobre Nastássia

Filíppovna eram firmes e bem estabelecidas, do contrário, claro, tudo nela pareceria, agora, enigmático e incompreensível. Mas ele acreditava sinceramente que ela podia, ainda, renascer. Com absoluta justiça, dissera para Evguiêni Pávlovitch que a amava sincera e plenamente, e que, em seu amor por ela, abrigava-se, de fato, uma espécie de atração por uma criança doente e digna de pena, a qual é difícil e até impossível deixar sozinha. O príncipe não explicava para ninguém os seus sentimentos em relação a ela e até não gostava de falar do assunto, nas ocasiões em que era impossível se esquivar; quando juntos, ele e Nastássia Filíppovna jamais refletiam sobre “sentimentos”, como se os dois tivessem prometido não falar disso. Na conversa rotineira, alegre e animada que os dois travavam, qualquer pessoa poderia participar. Mais tarde, Dária Alekséievna contou que, durante todo aquele tempo, quando olhava para os dois, ela apenas se alegrava e se encantava.

Porém o olhar do príncipe para o estado espiritual e mental de Nastássia Filíppovna o eximia, em parte, de muitas outras perplexidades. Agora, ela era outra mulher, completamente diversa da que ele conhecera uns três meses antes. Agora, por exemplo, ele nem se perguntava por que ela havia fugido, da outra vez, para não se casar com ele, chorando, rogando pragas e fazendo acusações, ao passo que, dessa vez, insistia em se casar o quanto antes. “Portanto, ela já não teme, como antes, que o casamento comigo vá me trazer infelicidade”, pensava o príncipe. Tal confiança recuperada em tão pouco tempo, na visão do príncipe, não podia ser natural, no caso de Nastássia Filíppovna. Tampouco poderia provir, todavia, apenas do ódio contra Aglaia. Nastássia Filíppovna era capaz de sentimentos bem mais profundos. Será que não viria do receio acerca do destino de Rogójin?

Em suma, todas essas causas podiam ter seu peso, nesse caso, além de outras, ainda; no entanto, para o príncipe, estava cada vez mais claro

exatamente aquilo de que ele desconfiava havia já um bom tempo, ou seja, que a pobre alma doente não iria suportar. Embora, à sua maneira, ele evitasse a perplexidade, tudo aquilo não podia lhe dar nem tranquilidade nem repouso, durante todo aquele tempo. Às vezes, tentava, mais ou menos, não pensar em nada; parecia encarar o casamento, de fato, como uma espécie de formalidade irrelevante; ele dava muito pouco valor ao seu destino particular. No que dizia respeito às objeções, às conversas como a que tivera com Evguiêni Pávlovitch, ele não podia responder rigorosamente nada e sentia-se incapaz e, por isso, afastava-se de qualquer conversa dessa espécie.

Entretanto, o príncipe notou que Nastássia Filíppovna sabia e entendia muito bem o que Aglaia significava para ele. Ela apenas nada dizia, porém o príncipe via seu “rosto”, naquela ocasião, quando, às vezes, no início, ela insistia para que eles se encontrassem com os Epantchin. Quando os Epantchin partiram, ela pareceu ficar radiante. Por menos observador e perspicaz que ele fosse, o príncipe começou a se inquietar com a ideia de que Nastássia Filíppovna terminaria por armar algum escândalo a fim de obrigar Aglaia a deixar Pávlovsk. Os rumores e o falatório, em todas as datchas, acerca do casamento eram, sem dúvida, em parte, alimentados por Nastássia Filíppovna, para irritar sua rival. Como era difícil encontrar os Epantchin, Nastássia Filíppovna, certa vez, saiu com o príncipe em sua carruagem e deu ordem para passar bem na frente das janelas da datcha deles. Para o príncipe, foi uma surpresa terrível; como de costume, ele só se deu conta quando já era impossível remediar o caso e quando a carruagem estava passando diante das janelas. Ele não disse nada, porém, depois disso, passou dois dias doente; Nastássia Filíppovna não repetiu mais aquela experiência. Nos últimos dias antes do casamento, ela se pôs profundamente pensativa; terminava sempre vencendo sua tristeza e, de

novo, tornava-se alegre, só que um pouco mais serena, sem tanto alarde, com uma alegria menos feliz do que antes, e num intervalo bem pequeno. O príncipe redobrou a atenção. Achava curioso que ela nunca falasse com ele a respeito de Rogójin. Só uma vez, mais ou menos cinco dias antes do casamento, de repente, vieram chamá-lo da casa de Dária Alekséievna, para que ele fosse depressa, pois Nastássia Filíppovna estava muito mal. O príncipe encontrou-a num estado semelhante à verdadeira loucura: gritava, tremia, esbravejava que Rogójin estava escondido no jardim, que já estava na casa deles, que ela acabara de vê-lo, que ele a mataria de noite... à faca! O dia inteiro, ela não conseguia se acalmar. Porém, naquela noite, quando o príncipe passou, por um momento, na casa de Ippolit, a viúva do capitão, que tinha acabado de voltar da cidade, aonde fora resolver alguma questão miúda, contou que, em sua casa, em Petersburgo, recebera a visita rápida de Rogójin, que indagou acerca de Pávlovsk. Quando o príncipe perguntou a que horas, exatamente, Rogójin havia passado por lá, a viúva do capitão indicou quase o mesmo horário em que Nastássia Filíppovna pensou tê-lo visto, no mesmo dia, em sua datcha. O caso se explicava como uma simples miragem; a própria Nastássia Filíppovna passou pela casa da viúva do capitão para saber mais detalhes e ficou bastante reconfortada.

Na véspera do casamento, o príncipe deixou Nastássia Filíppovna em grande animação: tinham chegado, da costureira de Petersburgo, as roupas do dia seguinte, o vestido de noiva, o adereço de cabeça etc. etc. O príncipe não contava que ela fosse ficar tão entusiasmada com as roupas; ele próprio elogiou tudo e, com seus elogios, ela ficou ainda mais feliz. Mas ela deixou escapar o que estava pensando: tinha ouvido falar que, na cidade, havia certa indignação e que, na verdade, alguns arruaceiros planejavam promover uma confusão, com músicas e, quem sabe, com poemas, compostos de propósito para a ocasião, e que tudo aquilo, no fundo, tinha a

aprovação do resto da sociedade. E por isso mesmo ela, agora, queria, ainda mais, enfrentá-los de cabeça erguida, ofuscar todos eles com o bom gosto e a riqueza de suas roupas. “Podem gritar, podem assoviar, se tiverem coragem!” Só de pensar naquilo, seus olhos cintilaram. Guardava, também, outro pensamento secreto, que não exprimia em voz alta: imaginava que Aglaia, ou pelo menos alguma pessoa enviada por ela, também estaria no meio do bando, incógnita, na igreja, para vê-la e examiná-la, e Nastássia Filíppovna, em seu íntimo, preparava-se para aquilo. Às onze da noite, ela se despediu do príncipe, totalmente ocupada com tais pensamentos; porém ainda não era meia-noite quando vieram da casa de Dária Alekséievna chamar o príncipe, pedindo que fosse depressa, que era algo muito ruim. O príncipe encontrou a noiva trancada no quarto, em lágrimas, em desespero, histérica; por muito tempo, ela não quis ouvir nada do que lhe diziam, por trás da porta trancada, mas, por fim, abriu a porta, deixou só o príncipe entrar, trancou a porta atrás dele e se pôs de joelhos diante dele. (Pelo menos, assim relatou, mais tarde, Dária Alekséievna, que conseguira entrever alguma coisa.)

— O que é que eu estou fazendo? O que é que eu estou fazendo? O que estou fazendo com você? — gritava ela, enquanto abraçava as pernas do príncipe, convulsivamente.

O príncipe passou uma hora inteira com ela; não sabemos do que falaram. Dária Alekséievna contou que, depois de uma hora, os dois se despediram em paz e contentes. O príncipe voltou ainda uma vez, naquela madrugada, para se informar, porém Nastássia Filíppovna já havia adormecido. De manhã, antes de ela acordar, vieram ainda mais dois mensageiros do príncipe à casa de Dária Alekséievna, e um terceiro também veio e levou ao príncipe a informação de que Nastássia Filíppovna estava “rodeada por um bando de costureiras e cabeleireiros de Petersburgo,

não havia o menor sinal do que ocorrera na véspera, ela estava atarefada com as roupas, como só uma beldade como ela pode ficar, pouco antes do casamento e, naquele exato momento, ocorria um incrível congresso para debater, justamente, quais diamantes ela devia usar e como”. O príncipe se tranquilizou por completo.

Toda a história subsequente do casamento foi contada, da seguinte maneira, por pessoas que a conheciam e, ao que tudo indica, é a verdadeira:

A cerimônia foi marcada para as oito horas da manhã; às sete, Nastássia Filíppovna estava pronta. Às seis, pouco a pouco, a multidão já começara a se reunir em volta da datcha de Liébediev, mas, sobretudo, na casa de Dária Alekséievna; às sete, a igreja começou a encher. Vera Liébedieva e Kólia estavam terrivelmente apreensivos pelo príncipe; no entanto, estiveram muito atarefados, em casa: organizaram a recepção e a refeição que seria servida nos aposentos do príncipe. Aliás, não estava previsto quase nenhum tipo de festa depois do casamento; além das pessoas indispensáveis, presentes também à cerimônia, foram convidados os Liébediev, os Ptítsin, Gânia, o médico que tinha a medalha de Santa Ana no pescoço e Dária Alekséievna. Quando o príncipe, por curiosidade, perguntou a Liébediev por que ele teve a ideia de convidar o médico, “que quase ninguém conhecia”, Liébediev respondeu, cheio de si: “É um homem respeitado, usa a medalha de Santa Ana no pescoço, cria um bom efeito, meu senhor”, e o príncipe achou graça. Keller e Burdóvski, de fraque e luvas, pareciam muito dignos; apenas Keller ainda deixou o príncipe um pouco embaraçado, bem como seus companheiros, por causa de certas atitudes francamente agressivas, de alguém pronto para o combate, e de sua maneira muito hostil de olhar para os vadios reunidos em torno da casa. Enfim, às oito e meia, o príncipe seguiu para a igreja, de carruagem. Observemos, de passagem, que ele mesmo não queria deixar de cumprir nenhum dos simpáticos costumes e

tradições; tudo era feito de forma aberta, pública, clara e “como deve ser”. Na igreja, ao passar como pôde em meio à multidão, cercado pelos incessantes murmúrios e exclamações do público, guiado por Keller, que disparava, para um lado e para outro, olhares ameaçadores, o príncipe se escondeu no altar por um tempo, enquanto Keller foi buscar a noiva, na casa de Dária Alekséievna, onde deparou com uma multidão não só duas ou três vezes maior que a da casa do príncipe, como até, talvez, três vezes mais atrevida. Enquanto subia à varanda, ele ouviu tamanhas exclamações que não conseguiu se conter e já estava prestes a investir contra o público, no intuito de fazer um discurso condizente com a situação, porém, por sorte, foi detido por Burdóvski e pela própria Dária Alekséievna, que acudira às pressas à varanda; eles o agarraram e o puxaram, à força, para dentro da casa. Keller estava abalado e afoito. Nastássia Filíppovna levantou-se, olhou mais uma vez para o espelho, comentou, com um sorriso “oblíquo”, como depois relatou Keller, que ela estava “pálida como um cadáver”, com devoção, fez uma reverência para um ícone e saiu para a varanda. Um estrondo de vozes saudou sua aparição. Na verdade, no primeiro instante, ouviu-se um riso, aplausos, uma pontinha de assovios; porém, depois de um instante, dispararam outras vozes:

— Que beldade! — gritaram na multidão.

— Não é a primeira nem é a última!

— O casamento apaga tudo, seus tolos!

— Não, ninguém vai encontrar outra beldade como essa, hurra! — gritaram os que estavam mais próximos.

— Princesa! Por uma princesa como essa, eu venderia a minha alma! — gritou uma espécie de secretário de repartição. — “Uma vida vale uma noite comigo!...”²¹⁵

Nastássia Filíppovna saiu, de fato, branca como um lençol; mas os grandes olhos negros brilhavam para a multidão, como carvões em brasa. A multidão não suportou aquele olhar. A indignação transformou-se em gritos de entusiasmo. As portas da carruagem já estavam abertas, Keller já oferecia o braço para a noiva, quando, de repente, ela deu um grito e se lançou da varanda direto para a multidão. Todos que a acompanhavam ficaram pasmos, num estupor, a multidão se abriu à frente dela e, a cinco, seis passos da varanda, de súbito, apareceu Rogójin. Nastássia Filíppovna também captara seu olhar, na multidão. Ela correu até ele, como louca, e o agarrou pelas mãos:

— Salve-me! Leve-me! Para onde quiser, já!

Rogójin quase a agarrou em seus braços e, praticamente, carregou-a até a carruagem. Em seguida, num piscar de olhos, tirou do porta-moedas uma nota de cem rublos e estendeu-a para o cocheiro.

— Para a estrada de ferro! Se chegar a tempo do próximo trem, vai ganhar mais cem rublos!

E, depois de Nastássia Filíppovna, pulou ele mesmo para dentro da carruagem e fechou a porta. O cocheiro não pestanejou nem um segundo e tratou de chicotear seus cavalos. Keller, depois, desabou no desespero: “Mais um segundo só, e eu a teria impedido, eu não a deixaria ir embora!” — explicava, quando contava o incidente. Ele e Burdóvski pensaram em pegar outro coche, que passou ali por acaso, e partir no encalço deles, porém, já no caminho, pensaram melhor: “Em todo caso, já é tarde! Ela não pode ser trazida de volta à força!”.

— E o príncipe não vai querer isso! — decidiu Burdóvski, abalado.

Rogójin e Nastássia Filíppovna chegaram à estação ferroviária a tempo. Depois que saiu da carruagem e já quase ao embarcar no trem, Rogójin

ainda conseguiu deter uma jovem que passava, com uma mantilha velha, escura, mas decente, e um lenço de seda, que cobria a cabeça.

— Tome cinquenta rublos pela sua mantilha! — Bruscamente, ele ofereceu o dinheiro para a moça. Enquanto ela ainda estava chocada, sem conseguir entender, ele enfiou os cinquenta rublos em sua mão, pegou a mantilha e o lenço de cabeça e os jogou sobre os ombros e a cabeça de Nastássia Filíppovna. A sua indumentária demasiado luxuosa saltava aos olhos, chamava muito a atenção, no vagão, e só depois a mocinha foi entender para que queriam comprar seus trapos velhos por um preço tão vantajoso para ela.

O rumor sobre o incidente chegou à igreja com uma rapidez extraordinária. Enquanto Keller se dirigia ao encontro do príncipe, muita gente, completamente desconhecida, precipitava-se sobre ele para lhe fazer perguntas. Havia um enorme falatório, cabeças balançavam, havia até risos; ninguém saiu da igreja, todos ficaram esperando para ver como o noivo receberia a notícia. O príncipe empalideceu, mas recebeu a notícia com tranquilidade, falou em voz quase inaudível: “Eu temia isso; mesmo assim, não esperava que fosse acontecer...”. E então, depois de um breve silêncio, acrescentou: “Entretanto... na situação dela... isso corresponde perfeitamente à ordem das coisas”. Tal opinião, mais tarde, o próprio Keller chamou de “filosofia incomparável”. O príncipe saiu da igreja com aspecto calmo e animado; pelo menos, foi o que muitos observaram e, depois, relataram. Parecia ter muita vontade de chegar logo à sua casa e ficar sozinho; mas não permitiram. Vários convidados entraram com o príncipe em seus aposentos, entre eles Ptútsin, Gavriila Ardaliónovitch e o médico, que também não se dispôs a ir embora. Além disso, a casa inteira ficou literalmente sitiada pelo público da festa. Ainda na varanda, o príncipe ouviu que Keller e Liébediev travaram uma violenta discussão com

algumas pessoas completamente desconhecidas, porém, na aparência, importantes, e que queriam, a todo custo, entrar na varanda. O príncipe se aproximou, perguntou do que se tratava e, depois de afastar Liébediev e Keller com delicadeza, dirigiu-se com polidez a um senhor de vastos cabelos grisalhos, que se encontrava de pé nos degraus da escadinha da varanda, à frente de outros que queriam entrar, e o convidou a lhe dar a honra de visitá-lo. O senhor ficou confuso, mas entrou; atrás dele, mais um e ainda um terceiro. De toda aquela multidão, apareceram mais uns sete ou oito indivíduos dispostos a visitar o príncipe e que tentaram fazer aquilo da maneira mais desembaraçada possível; no entanto, não se apresentaram outros voluntários e logo, na multidão, passaram a criticar aqueles intrometidos. Às pessoas que entraram, sentaram-se e deram início a uma conversa, foi servido o chá — tudo de modo extremamente decoroso, simples, para certa surpresa dos homens que entraram. Por fim, houve uma tentativa de animar a conversa e conduzi-la para o tema “devido”; algumas perguntas indiscretas foram formuladas, algumas observações “atrevidas” foram feitas. O príncipe respondia a tudo de forma tão simples e cordial e, ao mesmo tempo, com tamanha dignidade, com tal confiança na honestidade de seus convidados, que as perguntas indiscretas cessaram por si sós. Pouco a pouco, a conversa passou a se tornar quase séria. Certo senhor, que tomara a palavra, de repente, jurou, com extraordinária indignação, que não ia vender a propriedade, a despeito do que acontecesse; e que, ao contrário, iria esperar, e esperar até o fim, e que “as empresas são melhores do que o dinheiro”; “aí está, meu prezado senhor, em que consiste o meu sistema econômico, meu senhor, esteja ciente disso”. Assim que ele terminou de se dirigir ao príncipe, este, com fervor, elogiou-o, apesar de Liébediev sussurrar em seu ouvido que aquele cavalheiro não tinha onde cair morto e nunca fora dono de nenhuma propriedade. Passou-se quase

uma hora, tomaram chá e, depois do chá, os convidados começaram, afinal, a sentir vergonha de ficar mais tempo ali. O médico e o senhor grisalho despediram-se do príncipe, de modo comovente, e então todos se despediram com palavras sentidas e pronunciadas em voz bem alta. Fizeram votos e expressaram opiniões como: “não há motivo para desgosto, talvez tudo isso tenha sido para o bem” etc. Na verdade, houve tentativas de pedir champanhe, mas os convidados mais velhos impediram os mais jovens. Quando todos se dispersaram, Keller se inclinou para Liébediev e lhe disse: “Eu e você teríamos arrumado uma confusão tremenda, teríamos brigado, íamos nos cobrir de vergonha, a polícia teria vindo; mas ele ganhou novos amigos, e que amigos; eu os conheço!”. Liébediev, que já estava bastante alto, suspirou e disse: “Aquilo que foi escondido aos sábios e sensatos, foi revelado às crianças, eu já disse isso uma vez, a respeito dele, mas agora acrescento que a própria criança foi salva por Deus, foi salva do abismo, por Deus e por todos os seus santos!”.

Enfim, por volta das dez e meia, deixaram o príncipe sozinho; ele estava com dor de cabeça. O último a ir embora foi Kólia, que ajudara o príncipe a tirar os trajes do casamento e vestir uma roupa doméstica. Despediram-se com emoção. Kólia não ficou falando sobre os acontecimentos, mas prometeu voltar no dia seguinte, bem cedo. Depois, ele mesmo testemunhou que o príncipe, na despedida, não o prevenira de nada, escondendo, portanto, suas intenções até do próprio Kólia. Logo, em toda a casa, não restava quase mais ninguém: Burdóvski foi para a casa de Ippolit, enquanto Keller e Liébediev seguiram para local ignorado. Só Vera Liébedieva permaneceu ali por algum tempo, mudando a arrumação dos aposentos, passando da ordem festiva à arrumação normal do dia a dia. Quando foi embora, ela deu uma olhada no príncipe. Estava sentado diante da mesa, os cotovelos apoiados sobre ela, o rosto coberto pelas mãos. Em silêncio, Vera

aproximou-se do príncipe e tocou no seu ombro; perplexo, ele olhou para ela e, durante quase um minuto, pareceu não entender; porém voltou a si e, depois de pôr em ordem os pensamentos, de súbito, manifestou uma emoção extraordinária. Entretanto, tudo se resolveu com um apelo incomum e candente dirigido a Vera, para que, no dia seguinte, de manhã, no horário do primeiro trem, às sete horas, ela viesse bater à porta do seu quarto. Vera prometeu que o faria; o príncipe logo pediu a ela, com fervor, que não contasse a ninguém a respeito daquilo; ela prometeu não contar e, por fim, quando a porta já estava aberta para ela sair, o príncipe a deteve pela terceira vez, segurou suas mãos, beijou-as, depois a beijou na testa e, com ar um tanto “fora do comum”, disse para ela: “Até amanhã!”. Foi assim, pelo menos, que Vera contou, mais tarde. Ela saiu, temendo muito por ele. De manhã, animou-se um pouco, quando bateu à porta do quarto do príncipe, pouco depois das sete horas, e avisou que o trem para Petersburgo ia partir em quinze minutos; ela teve a impressão de que o príncipe, ao abrir a porta, tinha um ar muito animado e até sorria. Ele quase não trocou de roupa para dormir, entretanto, havia dormido. Na opinião dele, era possível que voltasse naquele mesmo dia. Portanto, aconteceu que foi só para ela que o príncipe achou possível e necessário comunicar, naquele instante, que estava indo para a cidade.

Uma hora mais tarde, o príncipe já estava em Petersburgo e, depois das nove, tocou a campainha da porta de Rogójin. Estava na entrada principal e demoraram muito a abrir. Por fim, abriram a porta que dava para o apartamento da velha Rogójina e apareceu uma criada velha e de muito bom aspecto.

— Parfion Semiónovitch não está — avisou ela, na porta. — Com quem o senhor quer falar?

— Com Parfion Semiónovitch.

— Não está em casa, meu senhor.

A criada observava o príncipe com uma curiosidade feroz.

— Pode me dizer, ao menos, se ele dormiu aqui hoje? E... se voltou sozinho, ontem?

A criada continuou a olhar para ele, mas não respondeu.

— Ontem, será que não estava com ele, à noite, aqui... à noite... a Nastássia Filíppovna?

— Permita-me perguntar, com sua licença: quem é o senhor?

— Príncipe Liev Nikoláievitch Míchkin, sou muito ligado a eles.

— Ele não está em casa, meu senhor.

A criada baixou os olhos.

— E a Nastássia Filíppovna?

— Sobre isso, eu nada sei.

— Espere, espere! Quando ele vai voltar?

— Sobre isso, também, eu nada sei, meu senhor.

A porta se fechou.

O príncipe decidiu voltar uma hora mais tarde. Depois de dar uma olhada no pátio, encontrou o zelador.

— O Parfion Semiónovitch está em casa?

— Está, sim, senhor.

— Então, como é que acabaram de me dizer que não está em casa?

— Foi na casa dele que disseram isso?

— Não, foi a criada, no apartamento da mãe, mas eu toquei a campainha do Parfion Semiónovitch e ninguém atendeu.

— Pode ter saído — concluiu o zelador. — Ele não é de avisar a ninguém. Às vezes, leva a chave e a casa fica fechada por três dias.

— O senhor sabe dizer com certeza se ele esteve em casa ontem?

— Esteve, sim. Às vezes, entra pela porta principal e a gente não vê.

— E a Nastássia Filíppovna estava com ele, ontem à noite?

— Isso eu não sei, meu senhor. Ela não aparece aqui com frequência; se tivesse vindo, acho que eu saberia.

O príncipe foi embora e ficou por algum tempo caminhando pela calçada, pensativo. As janelas dos aposentos dos Rogójin estavam todas fechadas; as janelas da ala onde residia a mãe estavam quase todas abertas; era uma tarde clara, quente; o príncipe atravessou a rua, foi para a calçada oposta e, lá, parou para olhar as janelas, mais uma vez: não só estavam fechadas como, em quase todas, os estores brancos estavam abaixados.

Ele ficou parado um minuto e, por estranho que pareça, de súbito, teve a impressão de que a beiradinha de um estore se levantou e o rosto de Rogójin surgiu de relance, para desaparecer logo em seguida. O príncipe

esperou um pouco mais e decidiu tocar a campainha de novo, porém mudou de ideia e achou melhor voltar dali a uma hora: “Quem sabe foi só uma impressão?...”.

O mais importante, agora, era ir depressa ao bairro do regimento Izmáilovski, ao apartamento que, até pouco tempo antes, fora a residência de Nastássia Filíppovna. O príncipe sabia que ela, a pedido dele, três semanas antes, havia se mudado de Pávlovsk para aquele bairro, para a casa de uma boa e velha amiga, viúva de um professor, dama respeitável e de família, que alugava um bom apartamento mobiliado, quase seu único meio de vida. O mais provável era que Nastássia Filíppovna, ao mudar novamente para Pávlovsk, tivesse mantido os aposentos disponíveis para si mesma; pelo menos era muito provável que ela tivesse pernoitado naquele apartamento, onde, sem dúvida, Rogójin a deixara, na noite anterior. O príncipe tomou um coche de praça. No caminho, veio-lhe à cabeça que era exatamente a partir dali que ele devia começar sua busca, pois era improvável que ela tivesse ido direto, tarde da noite, para a casa de Rogójin. Ali, recordou as palavras do zelador, segundo o qual Nastássia Filíppovna não visitava Rogójin com frequência. Se já não ia lá com frequência, por que, então, agora, teria ficado na casa de Rogójin? Animado com aquele consolo, o príncipe, afinal, chegou a Izmáilovski mais morto que vivo.

Foi grande o seu espanto: não apenas a viúva do professor não tivera notícias de Nastássia Filíppovna nem na véspera nem naquele dia como também as pessoas do prédio acudiram para vê-lo, como se ele fosse um prodígio. As pessoas da numerosa família da viúva do professor — todas meninas, numa sequência, com um ano de diferença, entre os sete e os quinze anos — vieram atrás da mãe e rodearam o príncipe, olhando para ele, boquiabertas. Em seguida, veio a tia, descarnada, de pele amarelada, lenço preto na cabeça e, por fim, apareceu a avó, uma velhinha de óculos. A

viúva do professor pediu muito que o príncipe entrasse e se sentasse, o que ele fez. Logo o príncipe se deu conta de que aquelas pessoas sabiam muito bem quem era ele e, também, que, na véspera, devia ter ocorrido seu casamento, e estavam morrendo de desejo de perguntar sobre o casamento e entender por que milagre ele estava ali, perguntando a elas sobre a mulher que deveria, agora, estar ao lado dele, em Pávlovsk; porém, por polidez, nada perguntavam. Em linhas gerais, ele satisfez a curiosidade delas em relação ao casamento. Começaram as exclamações de surpresa, os gritos, os gemidos, a tal ponto que ele se viu obrigado a contar quase tudo o mais, também em linhas gerais, está claro. Por fim, aquele conselho de damas muito sensatas e comovidas decidiu que, antes de tudo e a todo custo, era preciso encontrar Rogójin e saber, dele, tudo, de forma rigorosa. Se ele não estava em casa (e aquilo ainda precisava ser apurado), ou se não queria falar, então, era o caso de ir ao bairro do regimento Semiónovski, à casa de certa senhora alemã, conhecida de Nastássia Filíppovna, e que morava lá com a mãe. Quem sabe Nastássia Filíppovna, em sua comoção, e no intuito de se esconder, tinha ido dormir com elas. O príncipe levantou-se completamente arrasado; mais tarde, elas contaram que o príncipe parecia “terrivelmente pálido”; de fato, suas pernas claudicaram. Por fim, em meio a um terrível matraquear de vozes, ele conseguiu entender que elas estavam se propondo a agir em conjunto com ele, e perguntaram qual seu endereço na cidade. O príncipe não tinha nenhum endereço; elas recomendaram que ficasse em algum hotel. O príncipe pensou um pouco e deu o endereço de seu antigo hotel, o mesmo onde, mais ou menos cinco semanas antes, havia sofrido um ataque. Depois, partiu de novo rumo à casa de Rogójin.

Dessa vez, não só não abriram a porta da casa de Rogójin como não abriram, tampouco, a porta da residência da mãe. O príncipe foi em busca do zelador e, a muito custo, encontrou-o no pátio; o zelador estava ocupado

com alguma coisa e mal respondeu o príncipe, mal olhou para ele, até. Mesmo assim, informou de forma positiva que Parfion Semiónovitch tinha saído de manhã cedo, partira para Pávlovsk e não ia voltar naquele dia.

— Eu vou esperar; talvez ele apareça à noite, não é?

— Pode ser, também, que ele fique fora uma semana inteira. Quem sabe?

— Quer dizer, então, que ele passou a noite em casa?

— Passou a noite aqui, sim...

Tudo aquilo era suspeito e obscuro. O zelador, muito provavelmente, naquele meio-tempo, recebera novas instruções: mais cedo, estava falante, conversador, mas agora dava respostas secas. No entanto, o príncipe resolveu voltar de novo, uma ou duas horas mais tarde, e até mesmo ficar de vigia perto da casa, se necessário; agora, porém, depositava alguma esperança na alemã, e assim seguiu de coche rumo ao bairro do regimento Semiónovski.

Porém, na casa da alemã, elas nem o compreenderam. Por certas palavrinhas que escaparam, o príncipe pôde deduzir que a beldade alemã, mais ou menos duas semanas antes, havia discutido com Nastássia Filíppovna e, assim, durante todos aqueles dias, nada soubera a respeito dela e, agora, com toda a ênfase, queria deixar bem claro que não queria saber de nada e não tinha o menor interesse no assunto, “mesmo que ela tenha casado com todos os príncipes do mundo”. O príncipe tratou logo de ir embora. No caminho, passou por sua cabeça a ideia de que Nastássia Filíppovna, quem sabe, tinha ido embora, tal como fizera em Moscou, da outra vez, e Rogójin, é claro, fora atrás, talvez até junto com ela. “Se pelo menos eu conseguisse encontrar algum rastro deles!” Entretanto, o príncipe lembrou que precisava hospedar-se num hotel e correu para a rua Litiéinaia; lá, prontamente o encaminharam para o quarto. O atendente do corredor perguntou se ele não queria comer; o príncipe respondeu, distraído, que

queria, sim, e, quando se deu conta, ficou furioso consigo mesmo, pois a comida o manteria preso ali por meia hora, sem necessidade, e só depois entendeu que nada o obrigava a esperar a comida e que poderia deixá-la de lado. Naquele corredor abafado, escuro, ele experimentou uma sensação estranha, uma sensação que se esforçou, dolorosamente, para dar forma a uma espécie de pensamento; mas o príncipe não conseguia atinar o que seria aquele pensamento novo e opressivo. Enfim, saiu do hotel, do jeito como estava; a cabeça rodava; mas para onde mesmo devia ir? Precipitou-se rumo à casa de Rogójin.

Rogójin não tinha voltado; não atenderam ao toque da campainha; bateu na porta da mãe de Rogójin; abriram e informaram que Parfion Semiónovitch não estava em casa e que talvez ficasse três dias fora. O príncipe achou incômodo que, como antes, as pessoas olhassem para ele com uma curiosidade feroz. Dessa vez, não conseguiu achar o zelador. Como antes, foi para a calçada oposta, olhou para as janelas e ficou caminhando, debaixo do calor, por meia hora, talvez mais; dessa vez, nada se moveu; não abriram as janelas, os estores brancos se mantiveram imóveis. Por fim, veio-lhe à mente a conclusão de que, mais cedo, com certeza, ele havia imaginado coisas, que as janelas estavam até tão encardidas e, pelo visto, havia tanto tempo que não eram lavadas, que seria, de fato, difícil distinguir a imagem de alguém que estivesse olhando por trás do vidro. Alegre com tal pensamento, seguiu de novo para Izmáilovski, para a casa da viúva do professor.

Lá, já o aguardavam. A viúva do professor já tinha ido a três ou quatro lugares, chegara a passar pela casa de Rogójin: não descobriu nada. O príncipe escutou o relato em silêncio, entrou no quarto, sentou-se no sofá e se pôs a observar tudo, como se não entendesse o que estavam dizendo para ele. Era estranho: ora se mostrava observador ao extremo, ora se tornava

incrivelmente distraído. Mais tarde, toda a família contou que, naquele dia, ele parecia uma pessoa estranha, “um espanto”, e que “talvez, naquela altura, tudo já estivesse decidido”. Por fim, o príncipe levantou-se e pediu que lhe mostrassem o quarto de Nastássia Filíppovna. Eram dois ambientes amplos, claros, de teto alto, muito bem mobiliados e com decoração cara. Mais tarde, aquelas damas contaram que o príncipe observou todos os objetos dos aposentos, viu, na mesinha, um livro emprestado de uma biblioteca, o romance francês *Madame Bovary*, observou, abriu na página em que o livro estava marcado, pediu permissão para levá-lo consigo e, na mesma hora, sem dar ouvidos à objeção de que o livro era de uma biblioteca, enfiou-o no bolso. Sentou-se junto à janela e, ao ver uma mesa de jogo de cartas, com riscos de giz, perguntou quem estava jogando. Responderam que era Nastássia Filíppovna e que, toda noite, ela e Rogójin jogavam burro, *préférence*, uíste, moleiros, trunfo — todos os jogos, e que as cartas tinham aparecido só recentemente, quando eles se mudaram de Pávlovsk para Petersburgo, porque Nastássia Filíppovna se queixava muito de que estava entediada e que Rogójin passava a noite toda calado, não sabia conversar a respeito de nada, e ela, muitas vezes, chorava; e aí, de repente, na noite seguinte, Rogójin tirou um baralho do bolso; Nastássia Filíppovna deu uma risada e logo começaram a jogar. O príncipe perguntou onde estavam as cartas com que eles jogavam. Mas elas já não estavam ali; Rogójin sempre levava as cartas no bolso, todo dia trazia um baralho novo e, depois, o levava embora.

Aquelas damas recomendaram que o príncipe fosse mais uma vez à casa de Rogójin e que batesse de novo na porta, com mais força, mas não agora, e sim à noite. “Quem sabe se revele alguma coisa?” Entretanto, a própria viúva do professor se ofereceu para ir até Pávlovsk, antes do anoitecer, à casa de Dária Alekséievna: quem sabe eles tinham alguma notícia? Pediram

que o príncipe voltasse às dez da noite para, de todo modo, combinar o que fazer no dia seguinte. Apesar de todos os consolos e de todas as palavras tranquilizadoras, o mais cabal desespero tomou conta do espírito do príncipe. Seguiu a pé rumo ao seu hotel, com a angústia mais insuportável. A poeirenta e abafada Petersburgo no verão o esmagava, como se ele estivesse sob a pressão de um torno. Esbarrava em gente bêbada ou insensível, olhava para os rostos ao acaso, talvez tenha caminhado muito mais do que era devido; já era quase noite quando chegou a seu quarto. Decidiu descansar um pouco e, depois, ir de novo à casa de Rogójin, como lhe recomendaram; sentou-se no sofá, apoiou os cotovelos sobre a mesa e se pôs a pensar.

Deus sabe por quanto tempo e Deus sabe no que ele ficou pensando. Ele temia muita coisa e sentia, de modo doloroso e torturante, que tinha muito medo. Vera Liébedieva lhe veio à cabeça; depois, pensou que Liébediev talvez soubesse algo a respeito do assunto e, se não sabia, talvez fosse descobrir antes dele e com mais facilidade do que ele. Depois, pensou em Ippolit e no fato de que Rogójin fora à casa de Ippolit. Depois, pensou no próprio Rogójin: pouco antes, na missa fúnebre, depois no parque, depois... de repente, ali, no corredor, escondido num canto, à espera dela, com uma faca. Agora, o príncipe se lembrou dos olhos de Rogójin, os olhos que, naquela ocasião, observavam no escuro. O príncipe estremeceu: o pensamento que, antes, tanto pressionara de fora, agora, de repente, entrou com clareza em sua mente.

Tal ideia consistia, em parte, no fato de que, se Rogójin estava em Petersburgo, então, mesmo que ficasse escondido por um tempo, acabaria, sem dúvida, vindo ao encontro dele, do príncipe, com boa ou má intenção, talvez com a mesma intenção da outra vez. Pelo menos, se Rogójin, por algum motivo, julgasse necessário vir a seu encontro, ele não tinha outro

lugar para ir senão ali, de novo, para aquele mesmo corredor. Ele não sabe qual é o endereço; portanto, pode muito bem achar que o príncipe está hospedado no hotel anterior; pelo menos, ele ia procurar o príncipe ali... se fosse muito necessário. E quem sabe se não ia ser muito necessário, para ele?

Desse modo refletia o príncipe e, por algum motivo, tal ideia lhe parecia perfeitamente plausível. Ele não teria como explicar aquilo para si mesmo, caso se aprofundasse no pensamento. Por exemplo: por que, de repente, ele precisava tanto de Rogójin, e por que seria impossível que os dois se reencontrassem, no final?. Mas tal ideia era penosa: “Se ele está bem, ele não vai vir”, continuou a pensar o príncipe. “Ele vai vir logo se não estiver bem; e ele, certamente, não está bem...”

Claro, com tal convicção, era melhor esperar Rogójin em casa, no quarto do hotel; mas o príncipe parecia incapaz de suportar aquele novo pensamento, então ergueu-se de um pulo, apanhou o chapéu e correu para fora. No corredor, estava quase totalmente escuro: “E se ele sair, de repente, daquele canto e barrar meu caminho na escada?”, passou pela sua cabeça, quando se aproximou do lugar já conhecido. Mas ninguém saiu dali. Desceu até o portão, saiu para a calçada, espantou-se com a densa multidão que se espalhava pela rua, ao pôr do sol (como sempre acontece em Petersburgo, no verão), e tomou a direção da rua Gorókhovaia. A quinze passos do hotel, no primeiro cruzamento, no meio da turba, alguém, de repente, tocou em seu cotovelo e, à meia-voz, falou bem junto ao seu ouvido:

— Liev Nikoláievitch, venha comigo, meu caro, é preciso.

Era Rogójin.

Estranho: de repente, o príncipe, num balbucio, e com alegria, começou a lhe contar, de repente, e mal conseguindo concluir as palavras, como o havia aguardado no corredor do hotel, pouco antes.

— Eu estava lá — respondeu Rogójin, inesperadamente. — Vamos.

O príncipe se admirou com a resposta, mas se admirou já depois de pelo menos uns dois minutos, quando, enfim, compreendeu-a. Uma vez entendida a resposta, ele sentiu medo e se pôs a olhar bem para Rogójin. Este já caminhava quase meio passo à frente do príncipe, olhava reto para a frente, sem atentar para nenhuma das pessoas que passavam, enquanto, com um cuidado automático, desviava dos que vinham em sentido contrário para que pudessem passar.

— Mas por que você não me procurou no meu quarto... se você estava no hotel? — perguntou o príncipe, de repente.

Rogójin se deteve, olhou para ele, pensou um pouco e, como se não compreendesse absolutamente a pergunta, disse:

— Escute, Liév Nikoláievitch, daqui você vai seguir reto, direto até a minha casa, entende? E eu vou caminhar do outro lado da rua. E cuide para que nós caminhemos juntos...

Dito isso, Rogójin atravessou a rua, subiu na calçada oposta, olhou de volta para ver se o príncipe estava andando e, como viu que estava parado, olhando para ele de olhos arregalados, acenou com a mão na direção da rua Gorókhovaia e caminhou, olhando para o príncipe de vez em quando e acenando para que o seguisse. Ficou visivelmente animado ao ver que o príncipe compreendera e não atravessara a rua, ao seu encontro. Passou pela cabeça do príncipe que Rogójin estava precisando vigiar alguém e não perder essa pessoa de vista, no trajeto, e por isso tinha atravessado a rua, para a calçada oposta. “Mas, então, por que ele não me disse que tinha de vigiar alguém?” Assim, os dois percorreram uns quinhentos passos e, de repente, por alguma razão, o príncipe começou a tremer; Rogójin, embora menos que antes, continuava a olhar para ele, a intervalos; o príncipe não

estava suportando aquilo e o chamou com um aceno da mão. Rogójin prontamente atravessou a rua ao seu encontro.

— A Nastássia Filíppovna está na sua casa?

— Está, sim.

— E, mais cedo, foi você que me espiou por trás da cortina?

— Fui eu...

— Então, como você...

Mas o príncipe não sabia o que mais perguntar nem como terminar a pergunta; além disso, seu coração batia tão forte que era até difícil falar. Rogójin também ficou mudo e olhava para ele como antes, ou seja, como que mergulhado em reflexões.

— Muito bem, eu vou indo — disse ele, de repente, e se preparou para atravessar a rua, de novo. — E você vai sozinho. É melhor, para nós, andarmos separados pela rua... desse jeito é melhor... em lados opostos... você vai ver.

Quando, afinal, os dois, nas duas calçadas diferentes, fizeram a curva para a rua Gorókhovaia e começaram a se aproximar da casa de Rogójin, as pernas do príncipe passaram a fraquejar, por isso se tornou quase difícil caminhar. Já era por volta das dez da noite. As janelas na ala da velha mãe estavam abertas, como antes, e as de Rogójin, fechadas e, na penumbra, os estores brancos baixados pareciam ainda mais visíveis. O príncipe se aproximou da casa, vindo da calçada oposta; Rogójin passou direto de sua calçada para o alpendre e acenou para o príncipe. O príncipe atravessou a rua, ao seu encontro, no alpendre.

— O zelador não sabe que eu vinha para cá, agora. Eu disse a ele, mais cedo, que ia para Pávlovsk, e também disse isso para a minha mãe — sussurrou, com um sorriso astuto e quase satisfeito. — Nós vamos entrar e ninguém vai saber.

Já estava com a chave na mão. Ao subir a escada, ele se virou e alertou o príncipe para que andasse sem fazer barulho, abriu a porta de seus aposentos, sem fazer ruído, fez o príncipe entrar; entrou a seguir, com cuidado, trancou a porta e guardou a chave no bolso.

— Vamos — sussurrou.

Ainda na rua Litiéinaia, na calçada, ele já vinha falando aos sussurros. Apesar de toda a tranquilidade aparente, Rogójin se encontrava num profundo estado de comoção interior. Quando entraram no salão, bem em frente ao escritório, ele se aproximou da janela e, com ar de mistério, chamou o príncipe com a mão.

— Olhe, mais cedo, quando você tocou a campainha, eu estava bem aqui e adivinhei logo que era você; fui até a porta, na ponta dos pés, e fiquei ouvindo o que você e a Pafnútiévna conversaram, mas eu já havia ordenado, desde cedo, que ela não contasse nada: se você, ou alguém a seu pedido, ou qualquer outra pessoa, viesse me procurar e tocasse a campainha, mandei que ela não contasse nada, em nenhuma hipótese; sobretudo, se você mesmo viesse perguntar por mim, e eu disse o seu nome para ela. Depois, quando você foi embora, me veio à cabeça o seguinte: e se ele estiver lá fora, parado, agora, vigiando, ou espiando do outro lado da rua? Aí, eu vim para esta janela aqui, abri o estore um pouquinho, espiei, e lá estava você, parado, olhando direto para mim... Foi assim que aconteceu.

— E onde está... a Nastássia Filíppovna? — perguntou o príncipe, ofegante.

— Ela... está aqui — respondeu Rogójin, devagar, como se tivesse esperado um pouquinho para falar.

— Mas onde?

Rogójin ergueu os olhos para o príncipe e mirou fixamente o seu rosto:

— Vamos...

Falava sempre aos sussurros, sem pressa, devagar e, como antes, com ar estranhamente pensativo. Mesmo na hora em que falou sobre o estore, dava a impressão de que, com suas palavras, queria expressar outra coisa, apesar de toda a eloquência de seu relato.

Entraram no escritório. Havia se passado algum tempo, desde que o príncipe residira naquele cômodo: atravessando a sala inteira, estendia-se uma cortina verde, adamascada, de seda, com duas aberturas de ambos os lados, separando o escritório da alcova onde ficava a cama de Rogójin. A cortina pesada estava abaixada e as aberturas, fechadas. Mas o lugar era muito escuro. As noites brancas do verão de Petersburgo tinham começado a escurecer e, se não fosse noite de lua cheia, nos aposentos escuros de Rogójin, com os estores baixados, seria difícil enxergar qualquer coisa. Na verdade, ainda era possível distinguir um rosto, mesmo que muito vagamente. O rosto de Rogójin estava pálido, como de costume; os olhos miravam o príncipe fixamente, com um brilho intenso, mas não se moviam.

— Não é melhor acender uma vela? — perguntou o príncipe.

— Não, não é preciso — respondeu Rogójin e, depois de segurá-lo pelo braço, forçou-o a sentar; ele próprio sentou-se de frente para o príncipe e aproximou a cadeira de tal modo que seus joelhos quase encostavam nos do príncipe. Entre eles, um pouco para o lado, havia uma mesinha redonda. — Sente-se, vamos ficar sentados, um pouco! — disse, como se quisesse persuadi-lo a permanecer sentado. Ficaram em silêncio, por um momento. — Eu sabia que você estava naquele hotel — disse ele, como às vezes acontece quando alguém inicia uma conversa falando de pontos secundários, sem relação direta com a questão principal. — Assim que cheguei ao corredor, pensei: ora, quem sabe ele está, agora, à minha espera, como eu estou à espera dele, aqui, neste momento? Você foi falar com a viúva do professor?

— Fui — respondeu o príncipe, quase sem conseguir falar, por causa da força das batidas do coração.

— Eu também pensei nisso. Vai haver mais uma conversa, eu pensei... e depois, pensei também: Vou trazê-lo para passar a noite aqui, para ficarmos juntos, esta noite...

— Rogójin! Onde está a Nastássia Filíppovna? — sussurrou o príncipe, de súbito, e se pôs de pé, com os ombros trêmulos. Rogójin também se levantou.

— Lá — sussurrou e apontou com a cabeça na direção da cortina.

— Está dormindo? — sussurrou o príncipe.

De novo, Rogójin olhou para ele fixamente, como pouco antes.

— Está bem, vamos!... Só que você... Bem, vamos!

Levantou a divisória de cortina, parou e, mais uma vez, virou-se para o príncipe.

— Entre! — acenou com a cabeça, na direção da cortina, convidando o príncipe a atravessá-la. O príncipe foi em frente.

— Está escuro — disse.

— Dá para enxergar! — murmurou Rogójin.

— Mal consigo ver... a cama.

— Chegue mais perto — propôs Rogójin, em voz baixa.

O príncipe se aproximou mais um passo, e outro, e parou. Ficou parado, olhando, por um ou dois minutos; ambos, junto à cama, durante aquele intervalo, nada disseram; o coração do príncipe batia de tal modo que parecia possível ouvi-lo através do silêncio mortal do quarto. Entretanto, ele já se habituara ao escuro e conseguia enxergar a cama inteira; sobre ela, alguém estava dormindo, num sono absolutamente imóvel; não se escutava o menor rumor, a mais leve respiração. A pessoa adormecida estava coberta por um lençol branco da cabeça aos pés, mas não se distinguiam muito bem

os braços e as pernas; só pela forma protuberante se adivinhava que uma pessoa estava deitada ali. Em volta, havia muita desordem, sobre a cama, nos pés da cama, nas poltronas junto à cama e até no chão, havia roupas despidas e espalhadas, um luxuoso vestido de seda branca, flores, fitas. Sobre a mesinha, junto à cabeceira da cama, brilhavam diamantes, retirados do pescoço e também espalhados. Na extremidade da cama, havia uma espécie de renda embolada e, no meio daquelas rendas brancas, despontando por baixo do lençol, era possível distinguir a pontinha de um pé nu; parecia esculpido em mármore e estava horrivelmente imóvel. O príncipe olhou e sentiu que, quanto mais olhava, mais o quarto inteiro se tornava silencioso e morto. De súbito, zumbiu uma mosca que acabara de acordar, sobrevoou a cama e pousou junto à cabeceira. O príncipe estremeceu.

— Vamos sair — Rogójin tocou em seu braço.

Saíram e se sentaram de novo nas mesmas cadeiras, de frente um para o outro. O príncipe tremia inteiro, cada vez mais forte, e não desviava do rosto de Rogójin seu olhar interrogador.

— Veja, Liev Nikoláievitch, eu percebo que você está tremendo — disse, afinal, Rogójin. — Quase igual ao que aconteceu quando teve aquele seu transtorno. Lembra? Foi lá em Moscou. Ou foi pouco antes de você sofrer o ataque? E eu nem sei o que o eu vou fazer com você agora...

O príncipe escutava, fazendo todo esforço para compreender, e sempre com o olhar interrogativo.

— Foi você? — pronunciou, afinal, depois de acenar para a cortina, com a cabeça.

— Fui eu... — sussurrou Rogójin e baixou os olhos.

Permaneceram calados por uns cinco minutos.

— Porque — prosseguiu Rogójin, de repente, como se não tivesse interrompido sua fala — porque, se for mesmo a sua doença e se você tiver um ataque, e se houver gritos aqui, agora, talvez dê para ouvir da rua ou do pátio e, aí, vão adivinhar que há pessoas passando a noite aqui dentro; vão bater na porta, vão entrar... porque todo mundo está pensando que eu não estou em casa. Eu nem acendi velas para que ninguém veja, da rua ou do pátio. Porque, quando não estou em casa, eu levo as chaves comigo e, quando estou fora, ninguém entra aqui, por três ou quatro dias, essa é a minha ordem para todos eles. Então, para que eles não saibam que nós estamos aqui, de noite...

— Espere — disse o príncipe. — Mais cedo, eu perguntei para o zelador e para a velha se a Nastássia Filíppovna tinha dormido aqui. Portanto, eles já sabem.

— Eu sei que você perguntou. Eu disse para a Pafnútiévna que a Nastássia Filíppovna passou aqui ontem e voltou, ontem mesmo, para Pávlovsk, e que eu ia ficar só por uns dez minutos. Eles não sabem que ela ficou aqui durante a noite, ninguém sabe. Ontem, eu e ela entramos muito discretamente, como eu e você, hoje. No caminho, cheguei a pensar que ela não ia querer entrar às escondidas. Que nada! Ela andou na ponta dos pés, falava aos sussurros; na escada, virou para mim com o dedo estendido sobre os lábios, para eu não fazer barulho... e isso porque ela estava o tempo todo com medo de você. No trem, ela parecia completamente enlouquecida, sempre apavorada, ela mesma quis passar a noite aqui, na minha casa; no início, eu achei que ela ia querer ficar no apartamento da viúva do professor. Que nada! Ela disse: “Lá, ele vai me achar logo, assim que o dia nascer, mas você vai me esconder e, amanhã, bem cedinho, vai me levar para Moscou”. Depois, ela queria ir para não sei que lugar em Oriol. E se deitou, dizendo toda hora que iríamos para Oriol...

— Espere; o que você vai fazer agora, Parfion? O que você quer?

— Estou preocupado com você, que não para de tremer. Vamos passar a noite aqui, juntos. Além daquela cama, não há outra aqui, e eu pensei que, se tirarmos as almofadas dos dois sofás e montarmos uma cama aqui, olhe, junto à cortina, eu e você poderemos passar a noite aqui, juntos. Porque, se entrarem, vão logo observar, procurar, e logo vão vê-la e, aí, vão levá-la embora. Então, vamos deixar que ela fique aqui, deitada, perto de nós, perto de mim e de você...

— Sim, sim! — confirmou o príncipe, com entusiasmo.

— Portanto, trata-se de não confessar e não deixar que a levem embora.

— De jeito nenhum! — decidiu o príncipe. — Não, não, não!

— Foi o que eu decidi, também, meu caro: não entregá-la a ninguém, por nada! Vamos passar a noite aqui, em silêncio. Hoje, eu só fiquei fora de casa por uma hora, sozinho, de manhã; o resto do tempo, fiquei perto dela. Depois, de tardinha, fui procurar você. Mas eu também tenho medo do cheiro, pois está abafado. Você está sentindo cheiro ou não?

— Talvez sim, não sei. De manhã, com certeza, vai cheirar.

— Eu a cobri com um pano encerado, um encerado bonitinho, americano. Por cima dele, pus um lençol, e coloquei também quatro vidrinhos de líquido de Jdánov desenvolhados, que estão lá até agora.

— É como lá... em Moscou?

— Porque, meu caro, tem o cheiro. E ela está deitada de um jeito... De manhã, quando clarear, você vai ver. Mas o que foi, não consegue ficar de pé? — perguntou Rogójin, com surpresa e susto, ao ver que o príncipe tremia e não conseguia se pôr de pé.

— As pernas não se mexem — balbuciou o príncipe. — É de medo, eu sei... O medo vai passar e eu vou...

— Espere aí, eu vou arrumar a nossa cama e você logo vai poder deitar... eu e você... e vamos ficar ouvindo... porque eu, meu caro, ainda não sei... eu, meu caro, agora, ainda não sei de tudo, por isso eu lhe digo de antemão, para que você fique sabendo logo...

Enquanto balbuciava aquelas palavras obscuras, Rogójin começou a fazer as camas. Estava claro que havia pensado naquelas camas já desde a manhã, talvez. Na noite anterior, ele mesmo deitara no sofá. Mas era impossível duas pessoas ficarem deitadas no sofá e, agora, ele queria, a todo custo, fazer as camas lado a lado e, para isso, arrastou, com grande esforço, através do quarto inteiro, até a abertura na cortina, almofadas de vários tamanhos, retiradas de seus respectivos sofás. De um jeito ou de outro, a cama ficou pronta; ele se aproximou do príncipe, ofereceu-lhe o apoio do braço, com carinho e emoção, levantou-o e o conduziu para a cama; porém verificou que o príncipe era capaz de andar sozinho; quer dizer, “o medo havia passado”; no entanto, ele continuava a tremer.

— É porque, meu caro — de repente, Rogójin recomeçou a falar, depois de deitar o príncipe na cama de almofadas da esquerda, a melhor, e estender-se do lado direito, sem tirar a roupa e com as duas mãos cruzadas sob a cabeça —, agora está muito quente e, é claro, abafado... Tenho medo de abrir as janelas; e a minha mãe tem vasos com flores, muitas flores, e elas exalam um cheiro muito bom; eu pensei em trazer para cá, só que a Pafnútiévna ia querer saber o motivo, pois ela é curiosa.

— Ela é curiosa — confirmou o príncipe.

— E se comprarmos flores, vários buquês, e espalhar em volta? Mas eu acho que ela vai dar muita pena, meu amigo, coberta assim de flores!

— Escute... — pediu o príncipe, como se estivesse confuso, como se procurasse o que devia perguntar, mas, ao encontrar, na mesma hora

esquecesse —, escute, me diga: o que você usou contra ela? Uma faca? Aquela faca?

— Aquela faca.

— Espere, mais uma coisa! Eu, Parfion, ainda quero perguntar a você... Eu vou fazer muitas perguntas para você, a respeito de tudo... Mas é melhor você me contar, primeiro, antes de tudo, para que eu saiba: você queria matá-la antes do meu casamento, antes da coroação, no pórtico da igreja, com a faca? Queria ou não?

— Não sei se queria... — respondeu Rogójin, em tom seco, como se estivesse até um pouco espantado com a pergunta e não a compreendesse.

— Você nunca levou a faca para Pávlovsk?

— Nunca levei. Sobre essa faca, eu só posso lhe dizer o seguinte, Liev Nikoláievitch — acrescentou, depois de um silêncio. — Hoje de manhã, eu a tirei de uma gaveta trancada, porque tudo aconteceu de manhã cedo, antes das quatro horas. Eu deixava a faca dentro de um livro... E... e veja só o que eu também acho espantoso: a faca pareceu penetrar um *archin* e meio... até dois *archin*... bem debaixo do seio esquerdo... mas só saiu meia colher de sopa de sangue, na camisa; mais nada...

— Sim, sim, sim — o príncipe levantou-se, de súbito, com tremenda emoção. — Isso eu conheço, isso eu li... É o que se chama de hemorragia interna... Acontece até de não sair nem uma gota. Quando o golpe vai em cheio no coração...

— Espere. Está ouvindo? — Rogójin interrompeu, de repente, rápido, e sentou-se assustado numa esteira. — Está ouvindo?

— Não! — respondeu o príncipe, igualmente assustado e rápido, enquanto olhava para Rogójin.

— Tem alguém andando! Não está ouvindo? No salão...

Os dois se puseram a escutar.

— Estou ouvindo — sussurrou o príncipe, com firmeza.

— Não tem alguém andando?

— Tem.

— Vamos trancar a porta ou não?

— Vamos trancar...

Trancaram a porta e se deitaram novamente. Ficaram calados por muito tempo.

— Ah, sim! — sussurrou o príncipe, de repente, do mesmo jeito ansioso e emocionado de antes, como se tivesse, outra vez, recordado sua ideia e, com muito medo de perdê-la de novo, chegou a se erguer da cama, com um pulo. — Sim... eu queria... aquelas cartas! As cartas... Contaram-me que você e ela jogavam cartas, não é?

— É, sim — respondeu Rogójin, após um breve silêncio.

— E onde estão... as cartas?

— Estão aqui... — respondeu Rogójin, depois de mais uma pausa. — Olhe...

Tirou do bolso um baralho já usado, embrulhado em papel, e deu para o príncipe. Este pegou o baralho, mas como se não tivesse consciência daquilo. Um sentimento novo, triste e desolador esmagou seu coração; de repente, ele compreendeu que, naquele instante, e já desde muito tempo, ele não estava falando aquilo que, de fato, era necessário falar, não estava fazendo aquilo que, de fato, era necessário fazer, e que aquelas cartas que tinha em mãos e que o deixaram tão alegre, agora, não ajudavam mais em nada, em absolutamente nada. O príncipe levantou-se e ergueu as mãos espalmadas. Rogójin jazia imóvel e parecia não ver nem ouvir seus movimentos; mas os olhos brilhavam com força, no escuro, completamente abertos e imóveis. O príncipe sentou-se na cadeira e se pôs a olhar para ele, com temor. Passou-se meia hora; de repente, Rogójin desatou gritos e risos

entrecortados e muito altos, como se tivesse esquecido que era preciso falar baixo.

— E aquele oficial, e aquele oficial... Você lembra como ela deu uma chicotada naquele oficial, no concerto ao ar livre? Lembra? Ha-ha-ha! E o cadete... o cadete também... Chegou a dar um pulo...

O príncipe se levantou da cadeira, de supetão. Quando Rogójin se calou (e ele se calou de repente), o príncipe, devagar, curvou-se na direção dele, sentou-se a seu lado e, com o coração batendo muito forte e a respiração ofegante, se pôs a observá-lo. Rogójin não virava a cabeça para ele e parecia mesmo ter esquecido sua presença. O príncipe observava e esperava; o tempo passou, estava começando a clarear. De vez em quando, e de repente, Rogójin se punha a balbuciar, em voz alta, em tom brusco e de forma desconexa; punha-se a gritar e a rir; o príncipe, então, naqueles momentos, estendia para ele sua mão trêmula e, devagar, tocava e afagava sua cabeça, seu cabelo, afagava seu rosto... Ele não podia fazer mais nada, além disso! Mais uma vez, o príncipe começou a tremer e, de novo, suas pernas pareceram fraquejar. Uma sensação inteiramente nova afligiu seu coração, com uma angústia infinita. Entretanto, o dia clareou de todo; por fim, ele se deitou sobre as almofadas, como se já não tivesse mais forças, em desamparo, e encostou seu rosto ao pálido e imóvel rosto de Rogójin; lágrimas desceram de seus olhos sobre as faces de Rogójin, mas, talvez, naquela altura, ele já não estivesse sentindo as próprias lágrimas e não tivesse a menor noção delas...

Pelo menos, quando, já depois de muitas horas, a porta foi aberta e pessoas entraram, encontraram o assassino de todo inconsciente e febril. O príncipe estava sentado a seu lado, imóvel, sobre a esteira e, com calma, toda vez que o doente tinha um acesso de gritos ou delirava, tratava logo de correr a mão trêmula pelos cabelos e pelas faces de Rogójin, como se o

afagasse e o tranquilizasse. Porém o príncipe já não compreendia nada que lhe perguntavam nem reconhecia as pessoas que entraram e o rodeavam. E, se o próprio Schneider surgisse, agora, vindo direto da Suíça, para ver seu antigo aluno e paciente, recordaria o estado em que, às vezes, o príncipe recaía, ao longo do primeiro ano de tratamento, na Suíça, encolheria os ombros e diria, como naquele tempo: “Idiota!”.

A viúva do professor viajou depressa para Pávlovsk, foi direto ao encontro de Dária Alekséievna, que estava aflita desde o dia anterior, contou-lhe tudo o que sabia e a deixou assustadíssima. As duas senhoras logo resolveram entrar em contato com Liébediev, que também estava muito preocupado, na condição de amigo de seu inquilino e na condição de proprietário do apartamento. Vera Liébedieva contou tudo o que sabia. A conselho de Liébediev, decidiram partir os três para Petersburgo, a fim de dar o alerta sobre aquilo que “muito provavelmente podia acontecer”. Desse modo, aconteceu que, já na manhã seguinte, por volta das onze horas, o apartamento de Rogójin foi aberto pela polícia, na presença de Liébediev, das senhoras e do irmão de Rogójin, Semion Semiónovitch Rogójin, que residia num anexo. O êxito da operação foi viabilizado, mais ainda, pelo testemunho do zelador, que declarou ter visto, na véspera, à noite, Parfion Semiónovitch e um visitante entrarem pelo alpendre, disfarçadamente. Depois de tal declaração, já não hesitaram em arrombar a porta, uma vez que ninguém atendeu ao toque da campainha.

Rogójin suportou dois meses de febre cerebral e, quando se restabeleceu, encarou a investigação e o julgamento. A tudo respondeu com declarações precisas e plenamente satisfatórias, razão pela qual o príncipe, desde o

início, foi afastado do processo. Rogójin se manteve calado durante o julgamento. Não contradisse seu advogado habilidoso e eloquente, que demonstrou, com clareza e lógica, que a execução do crime fora consequência da febre cerebral, que começara muito tempo antes do crime, em função dos desgostos do réu. Porém Rogójin nada acrescentou de sua parte, a fim de ratificar aquela opinião e, como antes, de forma clara e precisa, recordou e confirmou todas as menores circunstâncias do fato. Consideradas as circunstâncias atenuantes, foi condenado a quinze anos de trabalhos forçados na Sibéria e cumpriu sua sentença com austeridade, em silêncio e com “ar pensativo”. Toda a sua imensa fortuna, com exceção de uma parte, muito pequena, para ser justo, desperdiçada na farra, no início daquela história, passou para as mãos do irmão, Semion Semiónovitch, para grande satisfação deste. A velha Rogójina continua viva e, às vezes, tem a impressão de se lembrar do adorado filho Parfion, mas muito vagamente: Deus proteja sua mente e seu coração, para que não tenha consciência do horror que se abateu sobre sua família infeliz.

Liébediev, Keller, Gânia, Ptítsin e muitos outros personagens de nossa história vivem como antes, pouco mudaram e quase nada temos a dizer sobre eles. Ippolit morreu numa horrível comoção, pouco antes do que esperava, mais ou menos duas semanas depois da morte de Nastássia Filíppovna. Kólia ficou profundamente impressionado com o ocorrido; tornou-se definitivamente mais ligado à mãe. Nina Aleksándrovna teme por ele, acha que é pensativo demais para sua idade; talvez daí saia uma boa pessoa. Aliás, em parte, foi em razão de seu esforço que o destino do príncipe foi encaminhado da maneira devida: entre as pessoas que conhecera nos últimos meses, já havia um bom tempo que Kólia destacava Evguiêni Pávlovitch Radómski; antes de mais nada, Kólia lhe transmitiu todos os pormenores do ocorrido, até onde sabia, bem como o estado de

saúde presente do príncipe. Ele não estava enganado: Evguiêni Pávlovitch se interessou, da maneira mais profunda, pela sorte do infeliz “idiota” e, graças a seu esforço e cuidado, o príncipe foi levado, de novo, para o exterior, para a instituição suíça de Schneider. O próprio Evguiêni Pávlovitch, que partira para o exterior com o intuito de morar muito tempo na Europa e que, com sinceridade, dizia-se “uma pessoa completamente supérflua, na Rússia”, com frequência, pelo menos uma vez a cada punhado de meses, visita seu amigo enfermo na instituição de Schneider; no entanto, Schneider, cada vez mais, franze as sobrancelhas e balança a cabeça; dá a entender que há uma completa degeneração de suas faculdades mentais; ainda não afirma, categoricamente, que é incurável, porém, de modo alusivo, permite-se fazer os prognósticos mais sombrios. Isso deixa o coração de Evguiêni Pávlovitch muito abalado, e ele tem um grande coração, o que já ficou demonstrado pelo fato de receber cartas de Kólia e até, às vezes, responder essas cartas. Além disso, no entanto, revelou-se também um traço estranho de seu caráter; e, como se trata de um traço bom, tratamos logo de destacá-lo, aqui: depois de cada visita à instituição de Schneider, Evguiêni Pávlovitch envia uma carta a certa pessoa (além de Kólia), em Petersburgo, com a mais minuciosa e simpática exposição do estado de saúde do príncipe, no momento de sua visita. Além das mais respeitadas expressões de apreço, nessas cartas, às vezes, começam a aparecer (e com frequência cada vez maior) certas expressões sinceras de pontos de vista, de opiniões, de emoções — em suma, começa a surgir algo semelhante aos sentimentos de amizade e de intimidade. A pessoa que mantém correspondência (embora bastante rara) com Evguiêni Pávlovitch e que merece, da parte dele, tamanha atenção e respeito, é Vera Liébedieva. Não conseguimos descobrir nada de preciso acerca da maneira como foi possível se desenvolverem tais relações; mas elas se desenvolveram, é

claro, em função de toda aquela história do príncipe, que deixou Vera Liébedieva tão abalada e amargurada a ponto de adoecer; mas ignoramos os pormenores em que se formaram tal relação e tal amizade. Mencionamos essas cartas, sobretudo, porque algumas delas contêm testemunhos sobre a família Epantchin e, principalmente, sobre Aglaia Ivánovna Epantchina. A respeito dela, Evguiêni Pávlovitch informou, numa carta bastante incoerente, enviada de Paris, que ela, depois de uma relação breve e incomum com um emigrante, um conde polonês, subitamente, casou-se com ele, contra a vontade dos pais, que, se depois deram seu consentimento, foi só porque o caso ameaçava se tornar um escândalo tremendo. Depois, passado quase meio ano de silêncio, Evguiêni Pávlovitch informou sua correspondente, de novo por meio de uma carta longa, semelhante à outra, que ele, durante sua mais recente visita ao professor Schneider, na Suíça, lá encontrou toda a família Epantchin (exceto Ivan Fiódorovitch, é claro, que estava em Petersburgo para cuidar de negócios) e o príncipe Sch. O encontro foi estranho; Evguiêni Pávlovitch foi recebido com certo entusiasmo; Adelaida e Aleksandra, por algum motivo, mostravam-se gratas a ele por sua “solicitude angelical com o pobre príncipe”. Lizavieta Prokófievna, ao ver o príncipe em seu estado de enfermidade e humilhação, começou a chorar com toda a emoção. Pelo visto, tudo já havia sido perdoado. O príncipe Sch. aproveitou a ocasião para dizer algumas verdades sensatas e felizes. Evguiêni Pávlovitch teve a impressão de que ele e Adelaida ainda não estavam inteiramente ligados; porém, no futuro, parecia de todo inevitável a rendição sincera e feliz da impetuosa Adelaida à inteligência e à experiência de vida do príncipe Sch. Além disso, as lições que a família recebera tiveram um efeito terrível sobre ela, sobretudo o último caso entre Aglaia e o tal conde emigrante. Tudo o que fizera a família tremer de medo, quando entregaram Aglaia ao conde,

tudo aquilo acabara se concretizando em meio ano, com o acréscimo de certas surpresas, das quais ninguém desconfiava. Constatou-se que o tal conde nem era conde e, embora emigrante, de fato, tinha, atrás de si, uma história obscura e dúbia. Cativara Aglaia com a extraordinária nobreza de sua alma, que suportara tormentos por sua pátria, e a cativara a tal ponto que ela, antes mesmo do casamento, tornara-se membro de certo comitê de emigrantes que lutava pela restauração da Polônia²¹⁶ e, além disso, foi parar no confessionário católico de um padre famoso, que dominou sua mente até o delírio. A fortuna colossal do conde, da qual ele apresentou provas quase irrefutáveis para Lizavieta Prokófievna e o príncipe Sch., acabou se revelando totalmente fantasiosa. Além disso, mais ou menos meio ano depois do casamento, o conde e o amigo, o confessor famoso, conseguiram criar um completo desentendimento entre Aglaia e sua família, tanto assim que fazia meses que não a viam... Em suma, havia muita coisa para contar, porém Lizavieta Prokófievna, suas filhas e até o príncipe Sch. estavam a tal ponto impressionados com todo aquele “terror” que temiam até mencionar certas coisas, em sua conversa com Evguiêni Pávlovitch, embora soubessem que ele, por outros meios, já estava ciente da história dos últimos arroubos de Aglaia Ivánovna. A pobre Lizavieta Prokófievna tinha muita vontade de voltar para a Rússia e, segundo o testemunho de Evguiêni Pávlovitch, criticava, de forma acerba e parcial, tudo que havia no estrangeiro: “Ninguém sabe assar um pão direito e, no inverno, a gente congela, como um rato no porão”, dizia ela. “Aqui, pelo menos, eu pude chorar um pouco, à maneira russa, por causa desse coitado”, acrescentou, apontando com emoção para o príncipe, que não tinha a menor noção de nada. “Chega de tantas paixões, é hora servir à razão. E tudo isso, toda essa sua terra estrangeira, toda essa sua Europa, tudo isso não passa de fantasia, e todos nós, no exterior, somos só uma fantasia... Guarde as minhas

palavras, o senhor mesmo vai ver!”, concluiu, quase com raiva, ao se despedir de Evguiêni Pávlovitch.

Notas

1. Atual Tchernichévskoie, na província russa de Kaliningrado.
2. A esposa de um general adotava o título do marido.
3. Apesar do nome, trata-se de uma moeda cunhada no Império Russo. *Aráptchik* significa “pretinha”.
4. Ou seja, em sua propriedade rural, habitavam 4 mil servos.
5. N. M. Karamzin (1766-1826) autor de *História do Estado russo*, em doze volumes (1803-26).
6. Em russo, *odnovórtsi*: donos de pequenas propriedades rurais, com o direito de possuírem servos. A palavra russa significa “os que possuem uma só propriedade”. Historicamente, tinham origens nobres, embora, com o tempo, tenham se misturado às massas rurais.
7. Título concedido em geral a comerciantes ricos, sem origens nobres, que assim passavam a ter certas prerrogativas.
8. Antigo compêndio de textos de natureza cotidiana e instrutiva, estabelecidos na ordem dos meses e dias de cada mês.
9. Hipocorístico de Semion.
10. Indivíduos tidos como loucos santos. Eram beatos de vida errante, indigentes, e de fala desencontrada. Gozavam de respeito do povo e da Igreja ortodoxa.
11. Hipocorístico de Aleksandr.
12. Não confundir com o teatro Bolchói de Moscou. Aqui, trata-se do teatro Bolchói de São Petersburgo, que não existe mais.
13. Uma versta equivale a 1,067 quilômetro.
14. No Império Russo, direito concedido a um particular de cobrar da população dívidas que as pessoas tivessem com o Estado.

15. Lema do brasão do conde A. A. Araktchéiev (1769-1834), ministro da Guerra dos tsares Paulo i e Alexandre i.
16. O ditado completo diz: “Em monastério alheio, as nossas regras não valem”.
17. Na década de 1860, houve uma grande reforma no sistema judiciário.
18. Forma completa do sobrenome antes abreviado como Ardaliónitch.
19. No caso, trata-se de Napoleão iii, imperador do Segundo Império Francês, entre 1852e 1870.
20. Hipocorístico de Gavrila.
21. Superior de convento.
22. Fundador de um eremitério às margens do rio Viga, na província de Kostromá, no século xiv.
23. Refere-se ao historiador M. P. Pogódin (1800-75), autor de coletâneas de tipos de letras manuscritas, do século ix ao século xviii.
24. Palavras que o imperador Nikolai i mandou estampar na medalha que conferiu, em 1838, ao conde P. A. Klainmichel (1793-1869), que dirigiu a reconstrução do Palácio de Inverno.
25. Hipocorístico de Elizavieta.
26. Chefe eleito da comuna camponesa russa tradicional. Exercia as funções de administrador ou mediador entre o proprietário de terra e os mujiques.
27. Hipocorístico de Nastássia.
28. Em russo, apazível.
29. Assim se chamava a organização militar e administrativa dos povos turcos e mongóis que ocuparam parte do território russo entre os séculos xiii e xvi. A expressão indica que Pafnúti apresentou alguma petição aos invasores.
30. Trata-se de *O asno de ouro*, do escritor Apuleio, do Império Romano (século ii d.C.).
31. Referência a um poema de Mikhail Liérmontov (1814-41), intitulado “O jornalista, o leitor e o escritor” (1840).
32. Antologia de textos clássicos reunidos para fins didáticos.
33. Trata-se da cruz católica. Logo, a cena se passa fora da Rússia. A cruz ortodoxa tem oito pontas, com três barras transversais.
34. Trata-se de pastor religioso. A cena não se passa na Rússia.
35. Francês: “Eu amo você, Marie”.

36. Francês: “Bom dia, nossa boa Marie”.
37. Francês: “Nós te amamos, Marie”.
38. Francês: “Léon vai embora, Léon vai embora para sempre”.
39. Trata-se do quadro *Madona com a família do burgomestre Jacob Meyer*, de Holbein, o Jovem (1497-1593), do qual Dostoiévski viu uma cópia numa galeria em Dresden.
40. Um decreto do tsar Nicolau I, de 1837, proibia que os servidores públicos usassem barba.
41. Francês: “Cara Babette” (diminutivo de Élisabeth).
42. Francês: “Aviso ao leitor”.
43. Francês: “Meu marido está enganado”.
44. “Que se cometeu um engano.”
45. Dito italiano: “Se não é verdadeiro... [é um bom achado]”.
46. Hipocorístico de Gânia.
47. Ou seja, os três mosqueteiros, personagens do romance homônimo do escritor francês Alexandre Dumas pai (1802-70). A seguir, explica-se que Porthos corresponde ao general Epantchin, Athos, ao general Ívolguin, e Aramis, ao pai do príncipe Míchkin.
48. Localidade na Turquia, palco de combates na Guerra da Crimeia (1853-6).
49. *Indépendance Belge*, jornal fundado em Bruxelas (1831).
50. Francês: “É uma novidade”.
51. Ou seja, tinha 1,97 metro de altura. (Dois *archin* — implícitos — e doze *verchok*. Cada *verchok* equivale a 4,4 centímetros. E cada *archin*, a 0,71 centímetro.)
52. Ilha situada em frente ao centro de São Petersburgo, do outro lado do rio Nievá.
53. Hipocorístico de Ivan.
54. Refere-se ao escritor russo Mikhail Liérmontov (1814-41). Na verdade, a peça foi escrita em 1835, quando Liérmontov tinha 21 anos.
55. Era tradição na Rússia os homens se beijarem três vezes, nos dois lados do rosto e nos lábios.
56. Aqui, significa vassalo, lacaios.
57. Francês: “Que ri por último, ri melhor”.
58. Não confundir com o teatro Bolchói, de Moscou. O teatro Bolchói de São Petersburgo foi construído em 1783 e demolido em 1886. Em seu lugar, foi erguido o Conservatório de São

Petersburgo.

59. É tradição comemorar o aniversário das pessoas no dia do santo que inspirou seu nome.

60. N. I. Pirogón (1810-81), médico russo que atendeu os feridos no cerco de Sebastópol, ocorrido entre 1854 e 1855, episódio da Guerra da Crimeia (1853-6).

61. Peça de vestuário feminino tradicional russo: casaquinho curto, forrado e, em geral, muito colorido.

62. Hipocorístico de Elena.

63. Francês: “para passar o tempo”.

64. Varka, assim como Vária, é hipocorístico de Varvara.

65. Ivan Krilóv (1769-1844), poeta russo, autor de fábulas famosas. O personagem, na verdade, refere-se à fábula “O leão envelhecido” (1825), citada a seguir de forma imprecisa.

66. Francês: “jogo de salão”.

67. Provérbio russo.

68. Francês: “dificuldade de escolha”.

69. Cargo da administração rural, escolhido entre nobres senhores de terras.

70. *A dama das camélias*.

71. Francês: “da cepa verdadeira”, “autêntico”.

72. Pseudônimo do escritor romântico decabrista Aleksandr Bestújev (1795-1887). Popular nas décadas de 1820 e 1830, em particular nos meios militares, foi criticado pelo crítico literário e ensaísta Vissarion Bielínski (1811-48) por sua artificialidade.

73. Assim se designava, em geral, a corrente intelectual que preconizava a transposição do modelo de desenvolvimento dos países europeus para a sociedade russa.

74. Trata-se de uma notícia que circulou nos jornais da época. O mesmo assunto será mencionado mais adiante.

75. Francês: “senhor das camélias”.

76. Bairro em São Petersburgo onde há um palácio e um parque de mesmo nome, construídos em homenagem à imperatriz Catarina I (1684-1727), esposa de Pedro, o Grande.

77. Forma reduzida de Ivánovitch.

78. Francês: “obrigado”.

79. Na cerimônia de casamento da Igreja ortodoxa, o noivo e a noiva são coroados. A expressão russa significa “fugiu ao pé do altar”, “na última hora”.
80. Partidários da dinastia dos Bourbon, destronada em 1830, que representava os interesses dos detentores de grandes propriedades fundiárias hereditárias.
81. Trata-se, na verdade, de um bairro de São Petersburgo, onde estava alojada a guarda imperial daquele regimento. Hoje, corresponde à região da avenida Izmailóvski e das ruas Krasnoarmiéiskaia.
82. Ou seja, a viúva de um capitão.
83. Assim se chamava, em São Petersburgo, a prisão para pessoas condenadas por dívidas. Ficava justamente no bairro do regimento Izmailóvski, citado acima.
84. Atual bairro Smólninskoie.
85. Trata-se do polêmico assassinato da família do comerciante I. S. Jemárin, ocorrido em março de 1868, na cidade de Tambóv, atribuído a um estudante polonês.
86. Ou seja, “paus”: jogo de cartas, também chamado de “três paus”.
87. Fresco feito de cereais fermentados.
88. A condessa Du Barry (1743-93) foi a última amante do rei Luís xv (1710-74), da França. Acabou guilhotinada durante a Revolução Francesa.
89. Francês: “minha prima”.
90. Francês: “despertar do rei”. Cerimônia em que cortesãos vestiam o rei, ao acordar.
91. Espécie de cão galgo, típico da Rússia.
92. Kólia é hipocorístico de Nikolai.
93. Referência a um trecho no início do capítulo 6 do Apocalipse de São João, assim como as linhas seguintes.
94. Vai do primeiro domingo após a Páscoa até o sábado seguinte. Refere-se ao apóstolo Tomé, que viu Cristo depois de morto.
95. Em russo, *skopiéts*. Membro da seita cristã russa dos *skoptsi*, autodomada “cordeiros de Deus”, fundada no século xviii, que preconizava a autocastração e sucessivas e incessantes reencarnações de Cristo na terra. Seus rituais tendiam a produzir transe.
96. Categoria social formalmente instituída pelo tsar Nicolau iem 1832, que abrangia comerciantes, sobretudo oriundos da classe camponesa.
97. S. M. Solovióv (1720-1879), autor de *História da Rússia desde os tempos antigos*, em 29 volumes.

98. Refere-se a uma importante dissidência, ou cisma (*raskol*, em russo), surgida na Igreja ortodoxa no século xvii, em reação às reformas do patriarca Níkon.

99. Trata-se de uma obra do poeta alemão Heinrich Heine (1797-1856), intitulada *Heinrich* (1832). Seu tema é um episódio histórico do século xi, que envolveu o papa Gregório vii e o imperador germânico Henrique iv.

100. Semiónovitch é a forma completa do nome Semiónitch.

101. Referência aos Velhos Crentes, mencionados acima. Pois não aceitavam o sinal da cruz feito com três dedos, imposto pelo patriarca Níkon.

102. À época, as folhas dos livros eram impressas e encadernadas dobradas e era preciso cortar essas dobras antes de abrir as páginas.

103. Ou seja, 1,77 metro de comprimento e 26,4 centímetros de altura.

104. Nikoláitch é a forma reduzida do patronímico Nikoláievitch.

105. Antiga tradição, na qual a troca de cruzes selava uma união espiritual fraterna.

106. Apocalipse 10,6.

107. Maomé (570-632) sofria de epilepsia. Segundo a tradição, Maomé esbarrou numa jarra durante um ataque e, na mesma hora, o arcanjo Gabriel o levou a Jerusalém e ao Sétimo Céu, onde Maomé conversou com anjos e com o próprio Alá, mas, ao voltar, ele ainda teve tempo de impedir que a água entornasse da jarra. A informação figura no livro *Mahomet and His Successors* (1849), de Washington Irving, cuja tradução para o russo (com o título de *A vida de Maomé*) circulava na época em que Dostoiévski escreveu *O idiota*.

108. Hoje, Petrográdski Raion, bairro de São Petersburgo situado nas ilhas ao norte e a noroeste do delta do rio Nievá.

109. Alusões às condições reais do assassinato de Jerámin, mencionado acima. No caso, o assassino fez o desenho detalhado da arma que pretendia usar e apresentou-o a um ferreiro.

110. Atual estação Moskóvskaia, da ferrovia que liga São Petersburgo a Moscou.

111. Secretário colegiado era o posto de décima classe no quadro da hierarquia do serviço público civil, composto de catorze classes, vigente no Império Russo desde Pedro, o Grande.

112. Dia 8 de setembro de 1862. Considera-se que o Estado Russo foi fundado em 862, em Nóvgorod, por Rurik, chefe dos varegues, um povo viking.

113. Em *Dom Quixote*, Cervantes se refere ao personagem como “pobre cavaleiro” ou “cavaleiro da triste figura”.

114. Latim: “Luz do céu, santa Rosa”.

115. Poema extraído de *Cenas dos tempos dos cavaleiros* (1835), de A. S. Púchkin. A. M. D. são as iniciais de *Ave Mater Dei* (Ave, Mãe de Deus).
116. Trata-se de expressão tradicional russa, originária da peça *O inspetor geral* (1836), de Nikolai Gógol, na qual um personagem diz para um professor: “Alexandre da Macedônia era um herói, mas para que quebrar cadeiras por causa disso?”.
117. Forma reduzida de Pávlovitch.
118. Pável Vassílievitch Ánnenkov (1813-87), importante crítico e historiador literário russo, que, entre 1855 e 1857, organizou uma edição das obras reunidas de Púchkin.
119. Jovens estudantes que cometeram assassinatos, em dois casos rumorosos, na época.
120. Latim: “das profundezas”.
121. Palavras da comédia *A desgraça de ter espírito*, do escritor russo Aleksandr Serguéievitch Griboiédov (1795-1829), que ganharam caráter proverbial.
122. Alemão: “para a Rússia”.
123. Ivan Krilóv (1769-1844), poeta e fabulista russo. *A nuvem* data de 1815.
124. Ou seja, adepto dos Velhos Crentes, dissidência (*raskol*) da Igreja ortodoxa russa, surgida no século xvii.
125. Os versos constituem uma paródia dos versos que o escritor Saltikóv-Schedrin publicou em 1863, numa revista humorística, como uma sátira contra Dostoiévski.
126. Francês: “Caro príncipe”.
127. Pierre-Joseph Proudhon (1809-65), filósofo francês, militante político e um dos fundadores do anarquismo.
128. Trata-se da Guerra Civil, nos Estados Unidos, ocorrida entre 1861 e 1865.
129. Referência à comédia *A desgraça de ter espírito*, do escritor russo Aleksandr Sergueiévitch Griboiédov (1795-1829), na qual um personagem diz: “Meu Deus, o que vai dizer a princesa Mária Alekséievna?”, expressão que se tornou proverbial, na Rússia.
130. Apocalipse 8;10-11.
131. Louis Bourdaloue (1632-1704), jesuíta francês, famoso por seus sermões. Nunca foi arcebispo. O trecho tem sido lido como um trocadilho com as palavras *bordeaux*, tipo de vinho francês, e *burda*, palavra russa que designa uma bebida intragável.
132. Francês: “ervas finas”.
133. Um *pud* equivale a 16,38 quilos.

134. No Império Russo, antes de surgirem os bancos, as casas de penhor também cumpriam as funções bancárias normais.

135. No caso, o posto de general diz respeito à carreira do serviço público civil, cuja estrutura hierárquica imitava a hierarquia militar.

136. Forma reduzida de Fiódorovitch.

137. Ilha em São Petersburgo, no delta do rio Nievá. Hoje, um grande parque público.

138. Em Pávlovsk, havia uma grande sala pública de concertos.

139. Senhor de terras, personagem da comédia *A desgraça de ter espírito*, do escritor russo A. S. Griboiédov (1795-1829).

140. Francês: “boa sorte”.

141. George-Charles d’Anthès (1812-95), militar francês, que matou Púchkin num duelo. O tiro atingiu os intestinos e Púchkin morreu dois dias depois.

142. O general traduz para o russo a expressão francesa “*être peu dans son assiette*”.

143. Ou seja, o rebaixamento para o posto de soldado raso. No Império Russo, os duelos estavam proibidos por uma lei de 1845.

144. Refere-se a uma passagem do “Prólogo no céu”, poema que abre o drama *Fausto*, do escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832).

145. Thomas Malthus (1766-1834), economista inglês, famoso por preconizar que a expansão demográfica era inevitável e seria controlada pela peste, pela guerra ou pela fome, decorrente da igualmente inevitável escassez de alimentos.

146. Gíria russa da época, que significava “embriagado”.

147. Francês: “Depois de mim, o dilúvio”. Frase atribuída a Luís xv.

148. Nome derivado da palavra *kislород*, que significa “oxigênio”.

149. Bairro situado no atual centro histórico de São Petersburgo. Na época, habitado por funcionários de baixo escalão, artesãos e nobres da província.

150. Um imperial era uma moeda russa de ouro de dez rublos. Um *napoléon d’or* (napoleão de ouro) era uma moeda francesa de vinte francos.

151. Festa tradicional do calendário religioso, equivalente ao Carnaval. Na ocasião, organizavam-se feiras com barraquinhas e altas rampas para deslizar de trenó.

152. Ou rua das Seis Lojas. Atual rua Maiakóvskovo.

153. Um *chtof* equivale a 1,229 litro.
154. Posto de quarta classe na hierarquia do serviço público civil.
155. Refere-se às negociações que levaram Napoleão a ser exilado na ilha de Santa Helena, após sua derrota em 1815.
156. Trata-se do golfo da Finlândia.
157. Correspondente, no serviço civil, ao posto de general, no serviço militar.
158. Vorobióv Góri, importante bairro em Moscou, à beira do rio Moskvá, onde hoje se encontra a Universidade Estatal de Moscou. Na época, ali se concentravam os condenados, antes de sua partida para a Sibéria.
159. Francês: “os extremos se tocam”.
160. Em aramaico, significa: “Menina, levanta-te” (Marcos 5,41).
161. João 11,43.
162. Os versos não são de Charles Millevoye (1782-1816), mas de outro poeta francês, Nicolas Gilbert (1750-80), extraídos da obra *Ode imitée de plusieurs psaumes* (Ode imitada de vários salmos). Os versos citados significam: “Oh! que possam ver sua sagrada beleza,/ Tantos amigos surdos às minhas despedidas!/ Que morram deixando os dias repletos, que sua morte seja lamentada,/ Que um amigo venha fechar seus olhos!”.
163. Pierre-François Lacenaire (1830-36) foi condenado por homicídio, em Paris, num caso que se tornou célebre pela crueldade e frieza do crime. Dostoiévski tratou do episódio, na época, em seus trabalhos jornalísticos.
164. Paul de Kock (1794-1871), romancista francês.
165. A palavra francesa é *contrecarrer* (contrariar).
166. Os funcionários públicos civis usavam uniforme.
167. Trata-se de um líquido usado para encobrir o mau cheiro, inventado por N. I. Jdánov, na década de 1840.
168. Personagem da comédia *O casamento* (1842), do escritor russo Nikolai Gógol. Antes do casamento, ele pula pela janela.
169. Francês: “Foi você que pediu, George Dandin!”. Citação da comédia *George Dandin, o marido enganado* (1668), de Molière (1622-73).
170. Personagem da novela *Avenida Niévski* (1835), de Nikolai Gógol.
171. Hoje, Litiéini Prospiekt.

172. Personagem humorístico do romance *Almas mortas* (1842), de Gógol.
173. Ou seja, uma faca de dois gumes.
174. Salto de balé, em que os pés se cruzam no ar, rapidamente.
175. Alusão à campanha de Napoleão, na Rússia.
176. Tipo de canhão leve, chamado *fauconneau*, em francês, e *falconetto*, em italiano.
177. Trata-se de R. A. Tchernosvítov (nascido em 1810), inventor e membro do círculo de Petrachévski. Na prisão, escreveu e publicou, em 1855, o livro *Instruções para montar uma perna mecânica*.
178. Refere-se ao livro *Bíloie i dúmi* (O vivido e os pensamentos), de Aleksandr Herzen (1812-70), tido como fundador do socialismo russo.
179. Denominação histórica da antiga classe dos senhores de terra eslavos, de traços feudais.
180. Francês: “Que garoto esperto. Quem é o seu pai?”.
181. Francês: “O filho de um boiardo e de um bravo, ainda por cima. Eu amo os boiardos. Você me ama, pequenino?”.
182. Jean-Baptiste-Adolphe Charras (1810-65), historiador francês.
183. Louis-Nicolas Davout (1770-1823), marechal francês.
184. Roustan Raza (1783-1845), guarda-costas de Napoleão.
185. Francês: “conselho de leão”.
186. *Lunette* (luneta, em português) era uma pequena fortificação em forma de meia-lua. *Ravelin* (revelim, em português) era uma posição fortificada auxiliar, de formato triangular. *Blockhaus* (blocausse, em português) era uma pequena casa fortificada, de madeira ou pedra, de função defensiva.
187. Francês: “Ele está ficando supersticioso”.
188. “O rei de Roma”, título que Napoleão conferiu ao próprio filho.
189. Citação do poema “Napoleão”, de Púchkin. Trata-se da ilha de Santa Helena, onde Napoleão ficou preso.
190. Francês: “Ainda é uma menininha”.
191. Francês: “Não minta. Napoleão, teu amigo sincero”.
192. Trata-se da condecoração da Ordem de Santa Anna, criada em 1735. Tinha duas classes civis e duas militares.

193. Verso do poema “Humor”, de N. P. Ogariov (1813-77).
194. Bairro histórico de São Petersburgo, vizinho ao atual Petrográdski Raion, no delta do rio Nievá.
195. Friedrich Christophe Schlosser (1776-1861), historiador alemão.
196. Hipocorístico de Aglaia.
197. Trata-se do amante da primeira esposa do tsar Pedro, o Grande, a princesa Evdókia Lopúkhina. Foi condenado em 1718, por participar de uma conspiração contra o tsar, organizada em torno da princesa Lopúkhina e de seu filho.
198. Andrei Ivánovitch Ostermann (1686-1747). De origem alemã, aos dezoito anos passou a viver na Rússia, onde foi incorporado ao serviço diplomático. Foi condenado ao exílio interno no decorrer do golpe de Estado de 1741, que levou ao trono Elizavieta Petrovna (Isabel I), filha de Pedro, o Grande.
199. Thomas More (Morus, em latim) (1478-1535), filósofo inglês, autor de *Utopia*. Condenado à decapitação pelo rei Henrique VIII, teria dito ao carrasco que poupasse, ao menos, sua barba. Sua cabeça ficou exposta na ponte de Londres durante um mês.
200. Na época, os barbeiros exerciam algumas funções médicas, como fazer sangrias.
201. No serviço público civil, cuja hierarquia imitava a militar, também havia o posto de general. No caso, portanto, trata-se de um general do Exército.
202. Dessiatina: antiga medida russa equivalente a 1,09 hectare.
203. Forma reduzida de Andréievitch.
204. Latim: “Não podemos”. Expressão usada pelo alto clero em várias ocasiões históricas em que pontos da doutrina ou da tradição da Igreja foram questionados por autoridades laicas.
205. Francês: “fraternidade ou a morte”.
206. Movimento religioso corporificado na seita dos *khísti*, também conhecida como flagelantes, surgida no século XVII. O nome decorre da fusão das palavras Cristo e *khlist* (chicote).
207. Francês: “É muito curioso e é muito sério”.
208. Francês: “Deixe-o falar”.
209. Francês: “É mesmo?”.
210. Alemão: “acabado”, “destruído”.
211. Do poema “Elegia” (1830), de Púchkin.
212. João 8,3-11. Na cena, Cristo perdoa a mulher adúltera.

213. Uma das famílias aristocráticas mais tradicionais da França.

214. Charles-Maurice Talleyrand (1754-1838), político e diplomata francês.

215. Citação do poema “Noites egípcias” (1835), de Púchkin. No poema, são palavras ditas por Cleópatra.

216. No período de 1772-1918, a Polônia esteve dividida entre os impérios da Rússia, da Prússia e da Áustria.

Copyright © 2022 by Penguin-Companhia das Letras
Copyright da apresentação © 2022 by Rubens Figueiredo

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (usa) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (usa) Inc.

título original

Идиот

preparação

Leny Cordeiro

revisão

Jane Pessoa

Paula Queiroz

versão digital

Rafael Alt

isbn 978-65-5782-422-1

Todos os direitos desta edição reservados à

editora schwarcz s.a.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

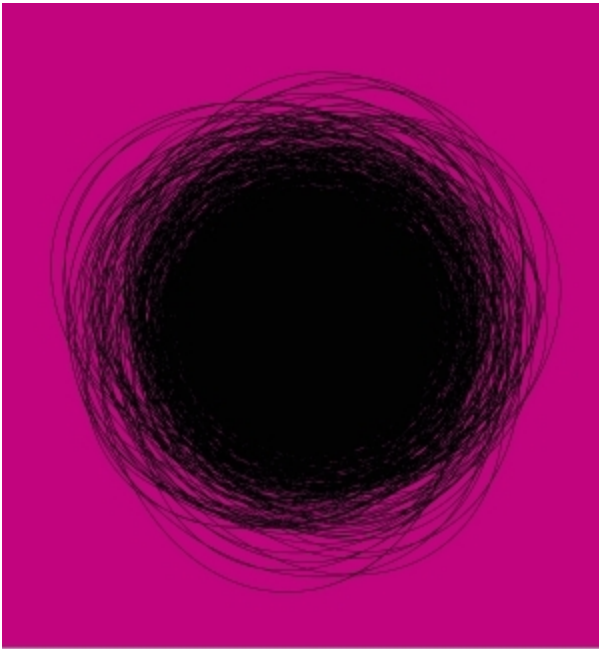
04532-002 — São Paulo — sp

Telefone: (11) 3707-3500

www.penguincompanhia.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br



PENGUIN  COMPANHIA

CLÁSSICOS

FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

Memórias do subsolo

Memórias do subsolo

Dostoiévski, Fiódor

9786557825280

184 páginas

[Compre agora e leia](#)

Novela que traz vários temas que aparecem em obras maduras de Dostoiévski, como *Crime e castigo* e *Os irmãos Karamázov*, *Memórias do subsolo* é considerado por muitos como o ponto de virada na carreira do autor.

Lançado originalmente em 1864, enquanto Dostoiévski morava em Moscou e sua esposa estava nas últimas semanas de vida, *Memórias do subsolo* é considerado por muitos o ponto inicial da segunda fase do autor — na qual publicaria suas mais aclamadas obras.

Alienado da sociedade e paralisado pelo peso da própria insignificância, o narrador deste livro conta a história de sua conturbada vida. Com fina ironia, ele relata sua recusa em se tornar mais um trabalhador e seu gradual exílio da sociedade que o cerca.

Escrita em poucas semanas, esta novela arrebatadora explora, com a maestria única de Dostoiévski, as profundezas do desespero humano.

Tradução do russo, apresentação e notas de Rubens Figueiredo.

[Compre agora e leia](#)

PENGUIN &
COMPANHIA
DAS LETRAS

FICÇÃO

Machado de Assis
Memorial de Aires

FICÇÃO



Memorial de Aires

Assis, Machado de

9786557823774

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

Publicado no ano de sua morte, este último romance escrito por Machado de Assis, organizado como uma série de entradas de diário, é um retrato fiel e emocionante tanto da história do Brasil quanto da solidão da velhice.

Último romance escrito por Machado de Assis, *Memorial de Aires* foi publicado em 1908, ano da morte do autor. Intimista e atento aos detalhes do cotidiano, conta múltiplas histórias de personagens diversos em idade e classe social, constituindo um caleidoscópio que se modifica a cada leitura. Composta em forma de diário, a obra abarca os anos de 1888 e 1889 — absolutamente centrais para a história do Brasil — da vida do diplomata aposentado José da Costa Marcondes Aires e de seu círculo de relações. Aqui, o conselheiro Aires, personagem que já aparecera em *Esaú e Jacó*, compartilha com o autor a condição de viuvez. Ao tratar da velhice e da solidão, Machado de Assis constrói um livro que, apesar de parecer discreto, tem fundo irremediavelmente complexo e ambíguo e dá testemunho da violência presente na realidade social brasileira.

Introdução, estabelecimento de texto e notas de Marta de Senna e Marcelo Diego.

[Compre agora e leia](#)

PENGUIN & COMPANHIA DAS LETRAS

SÊNECA

SOBRE
A BREVIDADE
DA VIDA



GRANDES IDEIAS

Sobre a brevidade da vida / Sobre a firmeza do sábio

Sêneca

9788543809724

80 páginas

[Compre agora e leia](#)

Na coleção Grandes Ideias, dois textos clássicos e incontornáveis de Sêneca sobre a arte de viver.

Os escritos do filósofo estoico Sêneca pertencem à categoria de obras que mudaram a humanidade e que, universais, resistem à passagem do tempo. Por meio de insights poderosos, eles transformam a maneira como nos vemos e já serviram de guia para inúmeras gerações por sua eloquência, lucidez e sabedoria.

Sobre a brevidade da vida e Sobre a firmeza do sábio foram concebidos em forma de cartas e apresentam reflexões essenciais quanto à arte de viver, à passagem do tempo e à importância da razão e da moralidade.

Traduzida do latim por José Eduardo S. Lohner, esta edição conta ainda com notas esclarecedoras do tradutor.

[Compre agora e leia](#)

PENGUIN &
COMPANHIA
DAS LETRAS

Lima Barreto
Triste fim
de Policarpo
Quaresma

FICÇÃO

FICÇÃO



Triste fim de Policarpo Quaresma

Barreto, Lima
9788563397799
368 páginas

[Compre agora e leia](#)

No fim do século XIX, um major nacionalista, defensor da língua tupi e seguidor de manuais de agricultura, engaja-se em três projetos para defender a sua pátria. Introdução e notas de Lilia Moritz Schwarcz. Prefácio de Oliveira Lima.

Com uma literatura engajada e realista, Lima Barreto (1881-1922) compôs um romance cuja história oscila do humor ao drama. Ambientado no final do século XIX, o livro conta a história do major Policarpo Quaresma, nacionalista extremado, cuja visão sublime do Brasil é motivo de desdém e ironia. Interessado em livros de viagem, defensor da língua tupi e seguidor de manuais de agricultura, Policarpo é, sobretudo, um "patriota", e quer defender sua nação a todo custo. O patriotismo aferrado leva o protagonista a se envolver em projetos, que constituem as três partes do livro.

Lançado pela primeira vez como folhetim no *Jornal do Commercio*, *Triste fim de Policarpo Quaresma*

completa, em 2011, cem anos de sua primeira publicação. Esta nova edição traz uma introdução da historiadora Lilia Moritz Schwarcz, que, recorrendo ao original manuscrito e às resenhas da edição do autor publicada em 1915, faz uma análise contundente do romance e de seus personagens, desvendando o contexto social e político em que foi escrito por Lima Barreto.

Complementando a fortuna crítica do livro, um texto de Oliveira Lima, publicado em 1916 no *Jornal do Commercio*, e também cerca de trezentas notas elaboradas por Lilia Moritz Schwarcz, Lúcia Garcia e Pedro Galdino que recuperam citações, textos, autores e personalidades históricas presentes no romance.

[Compre agora e leia](#)



PENGUIN  COMPANHIA

CLÁSSICOS

VICTOR HUGO

Os miseráveis

Os miseráveis

Hugo, Victor

9788543809977

1912 páginas

[Compre agora e leia](#)

O clássico de Victor Hugo que correu mundo em adaptações de cinema e teatro agora em edição especial.

Considerado a obra-prima de Victor Hugo, este romance se desdobra em muitos: é uma história de injustiça e heroísmo, mas também uma ode ao amor e também um panorama político e social da Paris do século XIX. Pela história de Jean Valjean, que ficou anos preso por roubar um pão para alimentar sua família e que sai da prisão determinado a deixar para trás seu passado criminoso, conhecemos a fundo a capital francesa e seu povo, o verdadeiro protagonista.

Na via crucis que é o romance sobre a vida de Valjean, são retrçadas as misérias cotidianas e os dias de glória do povo francês, que fez das ruas seu campo de batalha e das barricadas a única proteção possível contra a violência cometida pela lei.

Esta edição traz ainda uma esclarecedora apresentação de Renato Janine Ribeiro.

[Compre agora e leia](#)